REVISTA TRIMENSAL

1898
1899

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

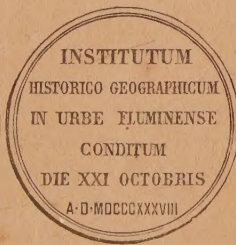
TOMO LXI

PARTE I

(1° E 2° TRIMESTRES)

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui

AUSPICE PETRO SECUNDO
PACIFICA SCIENTIÆ OCCUPATIO

INSTITUTUM HISTORICO GEOGRAPHICUM IN URBE FLUMINENSE CONDITUM DIE XXI OCTOBRIS A·D·MDCCCXXXVIII

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1898

3266-98

MEMORIA SOBRE AS MINAS DE OURO

Lida na Academia Real das Sciencias de Lisboa, publicada em 1804, por José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo de Pernambuco, eleito de Bragança e Miranda, de Elvas e de Beja.

DISCURSO *sobre o estado actual das Minas do Brazil, dividido em duas partes. Na primeira mostra-se, que as Minas de Ouro são prejudciaes a Portugal, não só pelo muito que já hoje o Estado perde nellas, mas tambem pelos muitos braços que ellas tirão á Agricultura. Na segunda apontão-se os meios de aproveitar a Agrigcultura do Continente das Minas, que aliás é já perdida para o Ouro.*

I

PARTE PRIMEIRA EM QUE SE MOSTRA QUE AS MINAS DE OURO SÃO PREJUDICIAES Á PORTUGAL

O homem póde viver sem ouro e até mesmo sem vestidos, taes são os Indios do Brazil; mas ninguem póde viver sem alimentos. Necessariamente a nação agricultora, e que mais abundar dos generos de primeira necessidade, será sempre relativamente a mais rica, e della serão todas dependentes.

O ouro é um metal que pela sua natureza se gasta, e se destróe pouco no seu uso; a maior parte dos generos que elle representa, o mesmo é usal-os que gastal-os, é por isso que o

ouro se destróe menos no uso particular, mais se augmenta na massa geral ; e quanto mais se augmenta na quantidade, tanto menos representa na estimação.

Os generos de primeira necessidade, por isso que se gastão todos os dias, todos os dias deixam as mesmas necessidades, e estas se augmentam mais e mais, á proporção do maior Commercio, pois que um dos seus objectos consiste em fazer das cousas superfluas uteis, e das uteis necessarias.

O ouro e a prata tomados como signal, por isso que não são de uma necessidade absoluta, e só sim de uma commodidade representativa do preço eminente de todas as cousas para uma maior facilidade do Commercio, vem a ter um valor precario dependente do arbitrio e da estimação dos homens ; mas, como a estimação dos homens cresce á proporção da raridade da cousa e diminue á proporção da abundancia della, assim tambem a prata e o ouro representa e vale tanto menos, quanto elle se faz mais abundante.

No tempo do Senhor Rei D. Manoel, um ou dois vintens valião e representavão um alqueire de trigo ; hoje porém que a massa geral do ouro que gira no Commercio, se tem augmentado muitas vezes mais, já um ou dois vintens não representão uma igual porção de trigo d'aquelle tempo ; então 400 reis representavão um ducado da Camara Romana ; hoje são necessarios 1$750 reis, isto é, mais de quatro vezes mais de 400 reis para representar aquelle mesmo ducado Romano.

Por este calculo se póde dizer que o numerario na Europa desde os principios do seculo 16, até o fim do seculo 18, tem já excedido o quadruplo ; mas, se se fizer o calculo pelo preço do trigo, do tempo do Sr. D. João 3º, isto é pelos annos de 1550, que então corria, a 50 reis o alqueire, e hoje a 500 reis pouco mais ou menos, se póde dizer que o numerario tem crescido na razão de um para dez.

Logo é evidente que a nação mineira, quanto mais augmenta o seu genero, tanto dá menos valor e menos representação a sua riqueza, e assim por esta progressão, quanto mais ouro ella cava, tanto mais cava a sua ruina, e se faz mais dependente do arbitrio das outras.

Filippe 2º, Senhor de todo o Potosi, fez uma bancarota vergonhosa ; o seu ouro e a sua prata sucumbirão aos arenques da Hollanda.

O ouro, a prata, as pedras preciosas não produzem uma grande navegação entre a Metropole e as suas Colonias, nem para com as outras Nações: uma igual somma em trigo, arroz, algodão, tabaco, assucar, caffé, linho, canhamo, carnes, peixes salgados sustentará uma multidão infinita de marinheiros, carpinteiros, calafates, e outros muitos, cuja ociosidade e pobreza os constitue os primeiros inimigos do Estado.

O agricultor, o fabricante, o artifice industrioso póde augmentar a sua riqueza a seu arbitrio, ou melhorando e apropriando o seu terreno, pará este ou aquelle genero de cultura, ou dando maior movimento ao seu braço, ou augmentando a sua força por meio de alguma machina. Não é assim a respeito do mineiro: a maior extracção do ouro não depende do seu braço, depende do acaso, e muitas vezes o que menos trabalha é o que descobre um thesouro mais rico.

De todas as minas metalicas, as Minas de Ouro são as mais desiguaes, e para assim o diser, as mais caprichosas. A mesma veia que é rica no principio, se fáz muitas vezes bem menos na sua continuação e seguimento, e, pelo contrario, uma veia muito mediocre no seu principio, augmenta depois em riqueza, outras vezes até se acha um monte de ouro como insulado por toda a parte sem continuação, nem seguimento, como se vê muitas vezes nas Minas do Cuiabá.

Esta riqueza tão casual, tão variavel e tão caprichosa, assim como faz que seja sempre inconstante e variavel a riqueza de cada mineiro de ouro ; assim tambem faz que a riqueza da nação mineira do ouro seja sempre inconstante e variavel. Nos tempos em que a Nação mineira do ouro descobrir as ricas veias do ouro, ella se verá cercada de amigos, amigos sim do seu ouro ; mas nos tempos da sua pobreza, ella seguirá a desgraçada condição humana, ella se verá pisada e abatida por aquelles mesmos, que com ella fizerão melhor jogo. Uma nação sensata não deve imitar os desvarios de um jogador, deve estabelecer-se sobre bases mais solidas e mais permanentes.

Sei que todas as nações civilisadas sem exceptuar nem ainda aquellas que melhor têm calculado os interesses do ouro, não só não têm despresado as minas deste metal, mas têm feito e fazem todas as diligencias por descobril-as nas suas terras (1). Sei que ellas até dizem que o ouro foi o que franqueou a communicação de todos os povos, que os civilisou, que criou e nutriu as sciencias e as artes; mas isto é um engano. Não foi o ouro o que fez estes prodigios, elle só foi a occasião; foi sim a ambição, este excessivo desejo que tem o homem de possuir todas as coisas de uma vez. Elle não se contenta de gozal-as separadas, quer tel-as todas Juntas, ao menos representadas, seja em ouro, em ferro, ou em qualquer outra cousa. A chimica, esta sublime arte de analysar, compor e decompor os corpos, deve as suas grandes descobertas não ao ouro, mas sim á ambição e ao enthusiasmo de o querer fabricar e compor.

Além disso, é necessario confessar que o ouro só é bom para aquelle que commerceia com elle, como signal representativo do valor das cousas, mas não para o mineiro ou para aquelle que o extrahe da terra (2), excepto no caso em que a sua mina é tão rica, que todos os annos lhe vai sempre produzindo mais (o que é raro), de sorte que, em tanto por uma parte elle fôr perdendo na estimação e representação do seu ouro, ou do seu genero pela abundancia que elle vai accumulando na massa geral do commercio, vá ganhando pela outra parte no augmento da quantidade do seu genero.

Mas, logo que a sua mina lhe produzir todos os annos a mesma quantidade, elle irá sempre perdendo por uma parte na representação e estimação do seu ouro, sem nada ganhar pela outra parte no augmento da quantidade; e, quando a sua mina lhe fôr produzindo menos (como hoje succede nas nossas minas do Brazil), elle irá sempre perdendo por uma e outra parte, até se achar de repente sem ter que comer, nem que vestir, nem cousa que o valha (3).

E' pois necessario antes que chegue este dia fatal, voltar para a agricultura.

As nossas minas do Brazil se vão de dia em dia acabando, como mostra a experiencia, muitas dellas já não dão nem para

as despezas : antigamente, e alguns annos depois da descoberta daquellas minas e quando a povoação era menor e por consequencia erão menos os braços que tiravão ouro, comtudo tirava-se tanto, que só a capitania das Minas Geraes pagava dos direitos dos Quintos cem arrobas de ouro todos os annos, e ficavão de sobejo dez e onze. Hoje porém que os braços são mais, visto que a povoação é maior, se extrahe tão pouco que, ha alguns annos a esta parte, faltão vinte e trinta arrobas annualmente para completar as cem dos Quintos.

Combinado um tempo com outro, acha-se hoje uma differença de quasi metade menos do que então ; se a este calculo se juntar a differença dos muitos braços de hoje, aos poucos braços daquelle tempo, assim como tambem a differença do muito, que então o ouro representava de estimação na massa geral do commercio, e do pouco que elle hoje representa, o resultado será sem duvida de uma perda immensa para as novas minas.

Suppondo porém que naquellas minas ainda haja muito ouro, já comtudo não é muito para ser tirado por mãos grosseiras e sem arte. Nas minas do Brazil ainda se ignora o methodo de extrahir o ouro pelo meio do antimonio, do azougue e do fogo; o ouro que se acha mineralisado com outros metaes é lançado fóra e perdido, apenas se aproveita muito grosseiramente aquelle que se acha em pó em folhetas, ou em alguma mina de pedra. Alli se ignora o uso da verruma de conhecer o interior e as diversas camadas de terras; as sciencias naturaes, a mineralogia, a metallurgia, a chimica, o conhecimento de mechanica, das leis do movimento e da gravidade dos corpos, tudo está ahi ainda muito na sua infancia ; das machinas hydraulicas apenas se conhece uma, ainda muito imperfeita, a que, pela sua figura e construcção, chamão « Rosario » ; o serviço de minerar em fim se faz ainda alli muito ás apalpadellas, sem arte, sem systema, sem methodo.

Um negro (4) ou um mineiro, que, á força de rasgar a terra pelo decurso de muitos annos, adquire alguma pratica de conhecer as terras de melhor formação que dão alguns indicios de ouro, indicios pela maior parte falliveis, por isso que não são ajudados da arte, é comtudo reputado alli por um dos primeiros mestres da mineralogia.

Esta falta de verdadeiros conhecimentos do mineiro é mais uma ruina e uma perda para as minas do Brazil ; a terra mais fertil e mais abundante, cavada pelas mão de um agricultor rude e ignorante, se faz pobre e esteril.

A isto accresce mais, que o ouro antigameute se achava em abundancia, muitas vezes à face da terra, para cuja extração só bastava ter maõs : hoje porém as despezas são excessivas, não se tira uma oitava de ouro sem gastar muito ferro, o qual é de uma carestia summa naquellas minas.

Um quintal de ferro, que n'este Reino custa 3.800 reis, nas Minas Geraes custa 19.200 reis, pouco mais ou menos, e nas Capitanias de Goyaz, Cuyabá e Matto Grosso, 28.800 reis, pouco mais ou menos, pois que além do seu preço e dos carretos, principalmente em bestas, desde os portos do Mar até ao interior das Minas, são desproporcionados os direitos que carregão sobre este genero tão necessario, e de primeira necessidade para a extracção do ouro.

Os sugeitos que naquelle tempo estabeleceram os direitos, poucos instruidos dos intereses do Rei e dos povos, e das correlações respectivas dos ramos das finanças, puserão os direitos naquellas Minas por arrobas, equilibrando os generos da primeira necessidade com os de mero luxo, de sorte que tanto se paga de direitos por uma arroba de seda, como por uma arroba de ferro.

Este mal seria menor, se o ferro fosse fabricado em Portugal ([5]); pois que, ainda que o mineiro do ouro não fizesse conveniencia, a faria o mineiro do ferro : mas, como este genero vem de Suecia e de Biscaia, o mineiro Portuguez não faz mais do que trabalhar para o Biscainho e para o Sueco.

Alguns arbitristas que, ou por terem a vista muito curta, ou por malicia, querendo, apesar dos factos mais notorios, fazer persuadir que naquellas minas ainda ha muito ouro, e que só por falta de braços é que se não tira, disem que o meio de fazer que daquellas minas se tire maior quantitade de ouro, é augmentar o numero dos tiradores d'elle ; porém que, sendo como são os negros naquellas minas muito caros, não só pelo seu custo principal, além dos riscos, e das despezas dos transportes, mas

tambem pelos muitos direitos que d'elles se pagão, seria necessario rebaixar-lhes os direitos, para que ficassem mais baratos, e por consequencia mais facil ao mineiro metter maior numero de braços na sua lavoura.

Não é necessario ser um grande calculista para saber que, augmentando maior numero de braços, se tiraria maior quantidade de ouro (não fallando, comtudo, dos casos extraordinarios); mas, emquanto se não rebaixassem os direitos que ali se pagão do ferro, ou emquanto se não dessem outras quaesquer providencias para que o ferro naquellas minas fosse o mais barato possivel, de pouco ou nada serviria para o mineiro que se rebaixassem os direitos dos escravos e aquelles lhes ficassem mais baratos; porque se por uma parte se augmentava o numero dos tiradores do ouro, pela outra se augmentava os numeros dos gastadores do ferro: os quintos do ouro, sim, se augmentarião por algum tempo, mas elles se acabarião logo totalmente pela rapida ruina e destruição do mineiro, por isso que esse maior augmento de ouro só seria para o ferro, e por consequencia para o estrangeiro e para os Quintos, e não para o mineiro, para o qual só ficaria a fome, a perda e a miseria.

Não é a carestia dos escravos a que mais carrega sobre a mão de obra, ou a que faz as maiores despezas do Mineiro, e sim a carestia do ferro, porque este se gasta e consome todos os dias e todos os instantes pelo continuo trabalho de rasgar as terras para a extracção do ouro; estes gastos são continuados pelo decurso do anno, fazem no fim uma somma muita avultada sobre as perdas do mineiro: os direitos de cada escravo, ainda que pareção grandes, são comtudo pequenos á vista dos direitos do ferro, por serem estes continuados e pagos como por todos os dias, e aquelles como por uma vez, e de annos a annos quando se compra um escravo; logo, seria melhor para o mineiro que ficassem em seu vigor os direitos que se pagão por cada escravo e que se extinguissem os que se pagão pelo ferro.

Isto seria tambem util e ainda mesmo um ganho para o Erario Regio, porque sendo como é tão caro o ferro nas minas e o ouro tão pouco, que os mineiros pela maior parte já o não podem extrahir, sem perder muito como bastantemente fica

mostrado, virão os escravos a ser superfluos ao mineiro para a extracção do ouro e se os Mineiros não comprarem escravos, não perceberá o Erario Regio direitos alguns d'elles, e por consequencia nem os Quintos do ouro que elles poderião tirar; logo, para que o Erario Regio perceba os direitos dos escravos e dos Quintos do ouro, é necessario que perca e faça extinguir os direitos do ferro.

O mineiro Portuguez, que já hoje não tira ouro, é mais prejudicial para o Estado do que o jogador mais perdido; pois que, se o Estado perde em um, ganha em outro: não assim a respeito do mineiro; a perda de um arrasta comsigo a de muitos, e em consequencia a ruina do Estado, por isso que elle estraga e sepulta no centro da terra o ferro e a fazenda que elle tomou fiado na esperança do ouro que nunca tira.

A total decadencia do Commercio, e do credito daquellas minas, em outro tempo tão florente, é mais uma prova do miseravel estado daquelle paiz: a esperança de descobrir de uma vez ricos thesouros é a que unicamente anima aquelles habitantes e que os faz como encarniçados em trabalhar sem cessar na sua ruina, qual outro jogador na esperança de um lance da fortuna, que nunca chega.

E pelo contrario os rapidos progressos que vae fazendo de dia em dia a agricultura no Brazil faz ver a todas as luzes que, á proporção que as Minas de ouro se vão acabando, ella se vae adiantando mais e mais, o que, logo que aquellas minas totalmente se extinguirem, ella, já livre e desembaraçada desta sanguesuga que tantos braços lhe chupa (6), chegará emfim ao seu maior augmento e perfeição.

As minas de ouro em que se trabalha com agua, além dos prejuizos que causão á nação que as trabalha, esterilisão as terras que, aliás, serião utilisissimas para a agricultura; por isso que é necessario revolvêl-as e rasgal-as muitas braças de profundidade: ali tudo se transtorna, no centro fica sepultada a superficie da terra, a mais fertil, impregnada dos melhores sáes ha muitos seculos, a superficie fica coberta de cascalho de pissarra e de outras terras que depois de lavadas para nada prestão.

Aquellas minas occupão e consomem os melhores braços para a agricultura (7) ; os negros minas, os mais fortes que se conhecem na Costa d'Africa, apenas podem resistir àquelle trabalho de ferro: um serviço continuo, e ás vezes dentro d'agua por muitas horas lhes abrevia a vida e os mata, se antes disso não ficão sepultados debaixo de uma cata ou de uma Mina que se abate.

Alguns, não podendo já negar a ruina dos nossos mineiros, disem comtudo que elles devem ser considerados como algumas plantas, as quaes é necessario que morrão, para outros se nutrirem. Isto poderia merecer alguma attenção, se Portugal não tivesse, como tem, tantos generos, principalmente no Brazil, com os quaes todos se podem nutrir e enriquecer, sem que seja preciso matar uns para dar vida aos outros, nem arruinar, e talvez destruir a todos juntamente: os mineiros, porque já pouco ou nenhum ouro tirão, e os agricultores, porque se lhes tirão os braços.

Outros ou por ignorancia, ou por teima, apesar dos factos mais notorios, querendo persuadir por argumentos mal fundados, que naquellas minas ainda ha muito ouro, disem que nas Costas do Brazil se faz um contrabando fortissimo, e, o que mais é, até affirmão que elle é authorisado pelos Ministros dos Almirantados aos Introductores do contrabando, rebaixando-lhes os direitos de taes carregamentos pelos riscos e despezas que elles fazem ; e que todo este contrabando é pago naquellas costas com ouro em pó.

Confesso que não sei de semelhante facto, e até me parece que posso affirmar que é falso na parte em que se diz ser feito com authoridade dos Magistrados, pois que me não posso persuadir de que homens sabios, dotados de justiça e probidade, concorrão para um facto, que além de ser contrario á boa fé devida ás Nações amigas, seria um grande erro de politica e muito prejudicial aos seus mesmos interesses ; por isso que davão lugar a Portugal a authorisar os seus Ministros para usarem tambem de represalias contra taes Nações.

Mas, supponde comtudo que com effeito se faça um grande contrabando nas Costas do Brazil, nego absolutamente que elle

seja todo pago com ouro em pó, ou ao menos em tanta quantidade, que daqui se possa concluir que aquellas minas são muito ricas e que ainda dão muito ouro. Porque é bem notorio que, além das derramas que se têm feito por todos aquelles mineiros para preencher as faltas annuaes das cem arrobas dos Quintos do ouro, o Erarïo regio é credor, naquellas minas, de muitos centos de arrobas de ouro das arrematações, que se lhe não têm pago, dos contractos das entradas dos dizimos, dos Officios Publicos &: e que, apesar das maiores diligencias dos Officiaes de El-Rey, se não tem podido jamais realizar o seu capital.

Os Officiaes d'El-Rey, sim, têm feito sequestro nos bens dos devedores do Rei, mas, como em praça publica não ha quem dê por elles dinheiro ou ouro á vista, se vêm mesmo na necessidade, de deixar ou que fiquem os bens em poder dos devedores, com a condição de irem pagando em modicas quantias, ou que os bens sequestrados mudem todos os dias de dominio, mas não de melhor sorte para o Erario Regio. O mesmo succede aos credores particulares, que pela maior parte se vêm obrigados a receber dos seus devedores uns papeis chamados «creditos» de devedores, tão fallidos, como aquelles que os dão em pagamentos, e assim se vão encadeando, e enganando uns aos outros, sem jamais poderem realizar suas dividas: ali quasi tudo é vendido a credito, até a mesma carne do açougue, na esperança do ouro que nunca apparece.

Além disso, é necessario advertir que o chamado mineiro não é o mesmo que extrahe o ouro da terra, são, sim, os seus escravos que trabalhão á vista de todos que os querem ali ir ver; os escravos e os visinhos, principalmente nos tempos em que se lava e se apura o ouro, sabem quantas oitavas lucrou o proprietario da lavra, ou da cata; esta é a materia vasta das suas conversações, e especulações. Ora, como se poderá tapar a bocca a tantos negros, e tantos visinhos, e curiosos? Como poderá um tal mineiro escapar á vigilancia dos seus credores, dos Officiaes do Rei, e, o que mais é, de todos aquelles que são interessados no augmento dos Quintos, para não carregar sobre elles o peso da derrama? Como se poderá facilmente occultar um genero que, apenas se lhe põe a mão, é logo conhecido,

ainda ás escuras, pelo seu extraordinario peso a respeito do seu volume, e isto sómente para se ganhar uma quinta parte com tanto risco de ser descoberto?

Mas emfim, concedendo que todo esse grande contrabando, seja pago em ouro em pó, por isso que elle já não serve para pagar a divida, e os direitos do Rei, nem para satisfação dos credores nacionaes, e só sim para nutrir um contrabando tão ruinoso ao Rei e aos seus vassallos, e ainda mesmo á aquelles colonos, em quanto lhes tira os braços necessarios para a sua preciosa agricultura, seria mais uma razão para que se mandasse logo prohibir, debaixo de penas gravissimas, a extracção de semelhante genero que por todos os lados se vae fazendo a ruina do Estado.

Tambem se não póde diser que o ouro é absolutamente necessario para sustentar o commercio de Portugal, porque, se assim fosse, a Inglaterra, a Hollanda, a França e outras Nações que não têm minas de ouro, não poderião sustentar o seu Commercio. O ouro por si só não é uma riqueza, é uma representação da riqueza: todo o Commercio das gentes consiste na permutação ou na troca de umas cousas pelas outros; as producções da natureza, o trabalho, a industria, e tudo aquillo que póde caber na fruição do homem, formam o objecto do commercio.

Todas as cousas commerciaveis, por isso que são de maior ou menor necessidade, utilidade e gosto para uns homens do que para outros, vem tambem a estimação de cada uma dessas cousas a ser maior ou menor, relativamente, e, como é da natureza da troca que os contrahentes fiquem iguaes nas suas estimações, e as cousas pela maior parte não se podem dividir sem destruir o todo e a sua estimação, nascem daqui a necessidade de se convencionar sobre uma e outra cousa certa e determinada, que se podesse dividir em pequenas partes, para preencher e equilibrar o excesso da estimação de umas cousas relativamente ás outras.

Isto, que ao principio foi convencionado para representar o excesso das cousas trocadas, passou logo a representar o total das mesmas cousas para facilitar a permutação de todas ellas: a

este representante se chamou dinheiro, o qual ainda que diverso, entre diversas Nações, comtudo a prata e o ouro tem sido geralmente adoptados como representantes entre as nações civilisadas do Orbe commerciante, não só pela sua maior raridade e duração, mas tambem por isso que se pode dividir, e subdividir em pequenas partes e tornar a unir, compor e reduzir ao seu primeiro estado de perfeição e estimação.

Isto assim entendido, supponha-se que todas as cousas commerciaveis que ha no mundo estão de uma parte, e que todo o ouro que representa a estimação ou o preço de todas as cousas, está da outra ; desse representante ou de todo esse monte de ouro, se tire metade e se anniquile ; a outra metade de todo esse monte de ouro representará, da mesma sorte, todo o outro monte das cousas commerciaveis: logo, pouco ou nada importa para o commercio e para a facilidade das trocas, que o monte ou a quantidade do representativo da estimação e do preço das cousas seja maior ou menor, só, sim, que haja algum representante, como ha já mais que bastante na massa geral do commercio.

Se o ouro não tivesse corrido tanto da America para a Europa e da Europa para a Asia, já hoje teria inundado a Europa, e se teria vilipendiado pela sua mesma abundancia : elle se teria feito menos necessario ao homem do que o ferro, e teria perdido até a mesma qualidade de representativo ; as mais ricas minas do Brazil e do Patozi, serião já umas pequenas fontes, em comparação de um grande e caudaloso rio que transborda e inunda por todas as partes; os mineiros emfim se terião já desenganado da sua teima e que já não tinhão forças para competir com tanto ouro.

Não digo, comtudo, que se despresem absolutamente as minas do ouro; digo, sim, que só se trabalhe naquellas que ainda produsem algum ouro e que ao menos sustente o mineiro; mas não naquellas que o arruinão e o fazem arruinar os outros, e em consequencia o Estado.

II

PARTE SEGUNDA EM QUE SE MOSTRA OS MEIOS DE SE APROVEITAR A AGRICULTURA DO CONTINENTE DAS MINAS, QUE ALIÁZ È JA PERDIDO PARA A EXTRACÇÃO DO OURO.

O clima das Minas Geraes e de S. Paulo é, sem duvida, um dos melhores, mais temperados, e mais saudaveis do Brazil; não é tão quente, como o das capitanias da beira-mar, desde o Rio de Janeiro até o Pará, nem tão frio, como o do Rio Grande de S. Pedro para o Sul.

O clima, porém, das minas de Goyaz, do Cuiabá, e de Matto Grosso, ainda é mais quente do que o da beira-mar.

O continente das minas é situado em uma grande altura, sobre montes mais ou menos elevados, entrecortados de serras, e quasi todo cercado pela natureza de muitas e continuadas serras altissimas, que lhes servem como de baluarte e de muralha, que o dividem de todas as outras capitanias da beira-mar, desde o Rio Grande de S. Pedro até o Pará (8).

E pelo centro, depois de ir-se abaixando, e estendendo por argas e dilatadas campinas, e até por muitos pantanos, se torna a levantar em altos montes e despenhadas serras, até emfim metter-se na celebre cordilheira ou grande serra dos Andes, a mais alta do mundo.

Este terreno fertilissimo e abundante de todos os viveres e dos melhores fructos da Europa e do Brazil, (principalmente da comarca do Rio das Mortes, onde os gráos de calor e do frio se equilibrão, e tocão de mais perto), é comtudo, no estado presente, contado, entre todo o continente do Brazil, pelo menos util a Portugal.

A riqueza daquellas minas principalmente das Geraes, e de S. Paulo acabou-se (9); assim como se acabou o dos Pireneus, e de toda a Hespanha, cujos ricos thesouros fizerão tão celebres os triumphos dos Grandes Generaes de Roma, Marco Porcio Catão, Tito Sempronio Graco e de outros conquistadores da Hespanha, tão cobertos de ouro como de gloria.

A agricultura daquellas minas é quasi como perdida para os portos do mar, pela falta de extracção; os transportes em bestas por caminhos tão intrataveis e quasi invenciveis por natureza, fazem as despezas enormes e excedem em muito ao custo do principal. Seria utilissimo e muito necessario que os transportes se fizessem por agua, se fosse possivel. Eu passo a dar uma breve ideia dos principaes rios que descem daquellas minas.

Pela altura de 15 até 16 gráos correm quasi leste a oeste as mais altas serras das capitanias de Matto Grosso e Cuiabá, d'estas traz a sua origem um dos maiores Rios do Mundo, quero dizer o Paraguay ou Rio da Prata. Todas as vertentes das sobreditas serras, do Norte para o Sul, formão ao pé daquellas montanhas, na altura de 17 gráos um mar de agua doce, principalmente nos tempos das cheias: este mar ou este grande pantanal é conhecido debaixo do nome da famosa lagôa dos Xaraes (10).

Nesta lagoa entrão dois rios notaveis, o de S. Lourenço, que leva comsigo o Rio Cuiabá, que deu o nome a aquella capitania, e o Paraguay que leva comsigo o Jaurú, que desce da parte de Matto Grosso. Estes dois rios entrão na dita lagôa, já navegaveis e muito caudalozos, e della sahem unidos na altura de 18 gráus, debaixo do nome de Paraguay, que corre do norte para o sul. Este mette tambem em si o rio Taguari, na altura de 19 gráos e meio, e passa pela grande serra de Maracajú, na altura de 20 gráos.

Depois, entra pelos Estados de Castella e vae costeando pela parte de oeste toda a provincia denominada Missões do Paraguay, em cujas margens da parte esquerda, descendo, estão as cidades de Assumpção na altura de 25 gráos e $^1/_3$, a de Corrientes em 27 gráos e $^3/_4$, no confluente dos dois Rios Paraguay e Paraná.

Passa depois pela outra cidade da Santa Fé, que está da parte direita, descendo em 31 gráos e meio, de onde formando uma curva, volta para leste e, na altura de 34 gráos, mette em si o Rio Uruguay, e vai finalmente sahir ao mar, na altura de 35 gráos, com o nome de Rio da Prata; todo este Rio é

navegavel em grandes barcos, sem alguma catarata ou cachoeira, desde a sua foz até o Cuiabá ; em 30 dias se desce por todo elle e em onze mezes se sobe.

O Rio das Mortes, celebre pelo mortifero e sanguinoso encontro succedido nas suas margens entre os Paulistas e Manoel Nunes Vianna e seus sequazes, nasce das mais altas serras desta comarca, que se estendem de leste ao oeste, na altura de 21 gráos e atravessa por uma parte a comarca a que elle deu o nome e pela outra o rio Sapucahy, ambos de leste para o oeste, depois se juntão no grande rio Paraná.

Este corre do norte para o sul, levando comsigo outros muitos rios notaveis das Capitanias de Goyaz e de S. Paulo; e, na altura de 20 gráos e meio, faz o grande salto do Urubussunga e logo abaixo em pouca distancia recebe em si o rio Verde, o Rio Pardo (11) e outros da parte de Goyaz; e da parte de S. Paulo os rios Tieté, Paranapanema e outros; depois desce até a altura de 24 gráos e meio onde se precipita da altissima serra do Paranapanema, por sete saltos de muitas braças de profundidade ; depois, atravessando pela Provincia das Missões, até a altura de 27 gráos, onde forma uma curva para oeste, se vae metter no grande rio Paraguay, de que já tratei.

Da alta Serra do Mar, ao sul de S. Paulo, na altura de 26 gráos, nasce o Rio Uruguay, que, atravessando para o Sul pelos sertões de Tibagi, se vae precipitar da grande Serra de Paranápiacaba, na altura de 27 gráos e um terço, depois atravessando pelas sobreditas Missões, se mette no dito Rio Paraguay ou da Prata, acima da Colonia do Sacramento, na altura de 34 gráos.

Da mesma Serra do Mar, junto á cidade de S. Paulo, na altura de 23 gráos e meio, nasce o celebre rio Tieté, que, correndo para o noroeste, se vae metter no grande Paraná, de que já fallei, pela altura de 20 gráos e meio.

O rio Tieté é muito notavel pelas grandes descobertas que por elle fizerão os Paulistas para Cuyabá e Matto Grosso. Descião por este Rio até o Paraná, dahi descião até a embocadura do rio Pardo, de que já fallei, e por estes subião até o seu nascimento, do qual atravessavão por terra duas leguas até a

Fazenda de Camapuan, onde se tornavão a embarcar no rio do mesmo nome, pelo qual descião ao Cuzim, e deste ao Taquari, de que tambem já fallei, pelo qual descião até metter-se no grande Paraguay, todo navegavel, como disse.

Depois se descobrio outro caminho mais breve pelo rio Verde, de que já fallei, pouco abaixo da embocadura do Tieté, pelo qual se sobe até a sua nascente, d'onde, pelo pequeno trajecto de tres quartos de legoa, se entra no rio Piquery, pelo qual descendo, se entra no rio de S. Lourenço, e destes no rio Cuyabá, os quaes todos desaguão no grande Paraguay.

Das vertentes das sobreditas terras de Cuyabá e Matto Grosso, do Sul para o Norte, nascem os rios Guaporé, que, passando por Villa Bella, capital de Matto Grosso, se vae juntar com outros que entrão no rio Madeira. Este, depois de ter atravessado por toda esta capitania e pelos dilatados sertões da Capitania do Pará, levando comsigo outros muitos rios notaveis, vae perder-se pela altura de 4 gráos ao sul, no primeiro rio do Mundo, o grande Amazonas, dando uma navegação desde Matto Grosso até o Pará.

Ainda que trabalho por ser breve e conciso, para não enfadar ao leitor com digressões, comtudo não posso dispensar-me de parar um pouco para reflectir e dar uma breve noticia do descobrimento do grande Amazonas, um dos theatros da gloria portugueza, que é e será mais e mais, muito interessante a Portugal.

O Amazonas, este rio tão nomeado, pela extensão de seo curso, este grande vassallo do mar, ao qual vae levar o tributo que tem recebido de tantos outros vassallos, tem o seu nascimento na multidão de torrentes que, descendo da parte oriental dos Andes, se vão reunindo para compor este immenso.

Os principaes nascentes são da parte do Sul, o Maranhão, que sahe da celebre lagôa de Sauricocha, junto da cidade de Guanuco, 30 leguas distante da cidade de Lima, o Chachapoya, e o Chinchipe, pelo qual desceu Condamim no anno de 1743, fazendo a sua viagem do Perú ao Pará, e da parte do Norte recebe o Amazonas, o rio Napo e o Aguarico, em cujo confluente se poz o primeiro marco de Portugal, em 26 de agosto de 1639 (12).

No encontro dos dois primeiros braços do Amazonas, tem de bocca o da parte do sul, quero dizer o Maranhão, 900 toezas, e o Napo, da parte do norte, 600, conforme as observações de Condamim.

No seu dilatado curso, recebe o Amazonas um numero prodigioso de rios, dos quaes muitos são de uma grande extensão, muito largos, e muito fundos. As suas aguas formão uma infinidade de ilhas; a mais notavel é a de Joannes ou Marajó, a qual, diz Condamim ter mais de 150 leguas de circumferencia; corre o Amazonas parallelamente á linha Equinocial até o Cabo do Norte, e desagua emfim no Oceano, debaixo do Equador, por uma bocca de 50 leguas de largo, depois de ter corrido, desde Jaen de Bracamoras, onde começa a ser navegavel, mais de 700 leguas, que pelas suas voltas são avaliadas em mais 1.100 leguas (13).

Os Hespanhoes tentárão por algumas vezes a descoberta e o exame deste grande rio; porém as guerras civis que desolavão o Perú e as suas tentativas mal combinadas e mal conduzidas, os fez totalmente apartar deste objecto importante. A honra de vencer as difficuldades que se oppunham a esta famosa empreza e ao conhecimento deste grande rio, estava reservada aos Portuguezes, sempre os primeiros, sempre os mais atrevidos para mostrar ao antigo mundo — um novo mundo, novas regiões, novos mares, e um novo diluvio de aguas.

Pedro Teixeira, em 28 de outubro de 1637, sahio do Pará com 16 canôas, em que iam 70 Portuguezes e mais de 900 Indios.

Navegou pelo Amazonas acima até a embocadura do rio Napo, e, entrando por este, subio até ao porto de Payamino, primeira povoação dos Castelhanos, onde desembarcou em 15 de agosto, de 1738; d'ali marchou por terra 80 leguas até a cidade de Quito, capital do Perù, fazendo caminho pela cidade de Baesa.

Depois, em 16 de fevereiro de 1639, partio da cidade de Quito para a cidade de Archidona, e d'ali até a margem do rio Napo, onde se embarcou, acompanhado de dois juizes hespanhoes, Christovão da Cunha e André de Artieda e, á vista destes e de todo o exercito, tomou posse, por parte da Corôa de Portugal, de

todas as terras descobertas e conquistadas por elle, rios, navegações e commercios (14), e chegou finalmente a 12 de dezembro do mesmo anno á cidade do Pará.

A relação destas duas viagens do dito Teixeira, igualmente exactas e felizes, foi remettida a Felippe 4º, de Castella, ao qual então era Portugal sujeito (15). Eu passo já a continuar a descripção dos rios mais notaveis que descem das minas do Brazil.

Das mais altas do Cuyabá e de Goyaz, se estendem do leste a oeste pela altura de 17 gráos, corre do sul para o norte o rio Araguay, ou o Grande, que serve como de divisa a estas duas Capitanias e vae recebendo em si muitos rios de uma e outra parte, principalmente do Cuyabá, os rios de S. João, e das Mortes; da parte de Goyaz, os rios Vermelho e Chrixaz; e como este, se vae metter no rio dos Tocantins, o qual, depois de ter atravessado pela Capitania de Goyaz (16), e pelos sertões do Pará, se vae metter no grande rio do Pará, na altura de 3 gráos, ao sul (17).

A navegação do dito rio Araguai, atè metter-se no dos Tocantins, é já presentemente conhecida sem empedimento, nem varadouros alguns (18) ; desde a sua foz até acima da fazenda do Zédas, onde se encontram as estradas que descem, uma de Goyaz. outra do Cuyabá ; a do dito rio da Madeira, posto que com muitas cachoeiras e cataratas, se póde comtudo aperfeiçoar, e talvez que só a abundancia dos generos do commercio, e da agricultura dos moradores de Matto Grosso e Cuyabá, fará um dia mais comoda e mais facil a navegação daquelle e de outros rios, que vão desembocar no Amazonas, principalmente o Tapajós, bem conhecido na sua foz, e já descripto por Condamim na sua carta Geographica, mas ainda desconhecido no seu curso, e que merece bem ser examinado. O rio de S. Francisco tem o seu nascimento nas serras mais altas da comarca do Rio das Mortes, da parte do norte atravessa quasi pelo meio de toda a capitania das Minas Geraes, passa por perto da comarca de Sabará do sul para o norte ; mette em si os rios Paraupeba, que nasce das mesmas serras, o rio das Velhas, que nasce das vertentes das serras do Sabará e do Serro do Frio, o

rio Paracatú, que nasce das serras mais altas do Arrayal, a que elle deu o nome e com todo estes e outros muitos, vae o rio de S. Francisco dividindo as duas comarcas do Sabará e do Serro do Frio, e finalmente as duas capitanias de Pernambuco e da Bahia, até lançar-se no mar pela altura de 10 gráos $^1/_4$.

Este rio ainda no seu principio é de muitas cachoeiras ou cataratas; ao depois se faz navegavel, atravessando por muitos campos fertilissimos, e abundantissimos de gado (19); mas, quando chega á Serra do Mar, se precipita de uma altura immensa, que totalmente impossibilita a navegação; depois desta queda é outra vez navegavel até ao mar pela distancia de 40 leguas. Aquella barreira da natureza talvez seria vencivel, abrindo-se uma grande valla ou certos tanques como em degráos, e com portas para se descer e subir de uns para outros, desde o alto da serra até abaixo, de sorte que as agoas corressem suavemente, dando uma navegação sem perigo, á imitação do celebre canal do Languedoc.

Mas, quando isso não podesse ainda ter lugar, se poderia fazer um caminho por terra, o mais tratavel possivel, desde a margem superior do Rio, no lugar em que as aguas começão a precipitar-se, até á margem inferior, onde já o rio corre socegado, e em cada uma destas margens um armazem real, para de um a outro se transportarem as mercadorias por conta de Sua Magestade ou daquelles que á sua custa se obrigassem a facilitar o dito caminho, pagando-se um tributo proporcionado.

Das mais altas serras da comarca de Villa Rica nasce o rio Doce, que, servindo de divisa ás duas comarcas de Villa Rica e do Serro do Frio, pela parte do sul, corre de oeste para leste pela altura de 20 gráos, atravessando pela Capitania do Espirito Santo até metter-se no mar, na altura de 19 gráos ao sul. Este Rio tem muitas cachoeiras, que comtudo não são invenciveis, e muita parte delle é já navegavel até o mar; mas as suas margens estão ainda muito cobertas de Indios barbaros e indomitos.

Das mais altas serras do Serro do Frio, que se estendem do norte ao Sul, nasce o rio Jequitinhonha, na altura de 17 gráos e $^1/_2$, e vai atravessando esta comarca quasi pelo meio de oeste

para Leste, depois de metter em si o rio Arasuay, que lhe corre ao sul quasi parallelo, e outros muitos; toma o nome de rio Grande, e vai dividindo a Capitania da Bahia, de Porto Seguro.

Este rio, além das suas muitas Cachoeiras, antes de chegar ao mar 40 leguas, mette-se debaixo da terra pela distancia de uma legoa (20) e depois, surgindo, vae entrar no mar pela altura de 16 gráos e 1/2.

Da mesma Serra do Mar, ao norte de S. Paulo, nasce o rio da Parahiba do Sul, que, correndo para o norte por entre a grande Serra dos Orgãos ou do Mar e a de Martiqueira, mette em si o rio Parahibuna, e vae dividindo as duas Capitanias do Rio de Janeiro e das Minas Geraes por entre algumas Cachoeiras, principalmente junto à Serra do Mar, depois da qual dá uma boa navegação de mais de 40 legoas, atravessando pela Provincia dos Campos de Goitacazes.

Este paiz é fertilissimo e o mais proprio para a agricultura, é todo communicavel por muitos rios e grandes lagôas, muito povoados de engenhos de assucar, e muito abundante de gados e cavalgaduras, de que se faz um grande Commercio para o Rio de Janeiro, por mar e por terra, por uma estrada de 50 legoas, quasi toda por planicies. Este grande rio desagua por uma barra de pouco fundo, em uma Costa espraiada, na altura de 21 gráos e 1/4 ao Sul.

Conheço que a navegação de alguns dos sobreditos rios é presentemente quasi impraticavel e será ainda muitos annos para o futuro, emquanto as suas margens não forem bem povoadas e o seu commercio bem frequentado; mas, como o continente das Minas está já muito povoado e se não deve perder aquelle terreno tão fertil, que aliás é já perdido para o ouro e a sua extracção ruinosa para o Estado, é necessario promover-se um genero de Agricultura que seja de pouco peso e de muito valor, de sorte que este possa bem compensar as grandes despezas dos transportes daquelles grandes sertões para os portos do mar.

Os generos que me lembrão são o café *(Coffea Arabica)* o Chá *(Thea Viridis)* (21), o cacáo) *(Theobroma)*, a congonha, a canella *(Laurus Cinnamomum)*, a pimenta chamada da India

(Piper nigrum), o cravo *(Myrtus Caryophyllata)* (22), a baunilha *(Epidendrum Vanilla)*, o gengibre *(Amonium Zingiber)*, o tocari ou a castanha do Maranhão *(Aesculus Hippocastaneum)* Tintas, assim como o anil, *Indigo feratinctoria et Anil*, a cochonilla, *Coccus Cacti*, a tinta chamada de Nankim (23), o Urucú, *Bixa Orelana*, que é uma tinta vermelha, de que abunda muito o Brazil, que serve como de assento e para metter em primeira côr as lãs brancas que se querem tingir em vermelho, azul, amarello, verde e outras cores (24). Os extractos das madeiras de tintas, como são o cerne de Tayuba para o amarello, assim como tambem o humor que lança o sipó chamado mucuná (25), *Doliches urens*.

Os mineraes de que se faz um grande commercio, ou seja para a Medicina, ou para as tinturarias, fabricas e manufacturas, assim como o mercurio, *Hydrargyum*, o antimonio, *Stibium*, o arsenico, *Arsenicum* (26). O salitre, *Nitrum Nativum* (27), o sal amoniaco, *nativum antiquarum* (28), o enchofre e pedraume, *Mumem* &.

Os vegetaes, assim como a Quina, *Cinchona Officinalis*, a Ipecacoanha, *Viola Ipecacoanha*, a purga de batata, *convolvulus mechoachana*, a cana fistula, *Cassia fistula* (39), o senne, *Cassia senna* (30), a puaia, o indaiassú, os tamarindos, *Tamarindus Indica*, a salsaparilha, *Smilax Salsaparilla*, o maririssó, a raiz do fedegoso, *Cassia hirbuta*, de cayapiá, de calunga, de angelim, *Epidendrum retusum*, de Mil homens, a batata do Paraguay contra as sesões, o Pixiri, cabacinhos amargosos cataia, ou herva do bixo, *Poligonum Hydropiper*, *Suguarandi*, *Abutua Cysam pelos pareira*; a casca de barba timão é um fortissimo adstringente e muito proprio para os cortumes, a Casca de Massaranduba, um dos primeiros contra venenos das serpentes e das viboras, a nóz ou fructa de cobra (31) e outras muitas de uma virtude extraordinaria bem conhecidas daquelles habitantes (32). Os extractos e os saes destes mesmos generos, que são de um grande uso na Medicina e no Commercio; da mesma sorte os acidos mineraes, vegetaes e animaes.

Os calculos ou os besuartes que se achão nos intestinos de alguns animaes, principalmente o que se cria na bexiga de uma

especie de lagarto, chamado *Senembû* (33), que se diz de uma virtude prodigiosa para liquidar o sangue (34).

Os balsamos de Caburuena e de outros páos aromaticos, de cupaiba, de ibicuiba ou noznoscada (35). Os oleos de cocos, de amendoas, de amendoma, de cupaiba, de linhaça, de mamono, de pinhão (36), de dendê, da casca da castanha do cajú, *Anacardium Occidens* (37), de unguraré, de andiroba (38); o oleo, ou manteiga de cacáo, o de piquira e de outros muitos peixes de que abundão os rios daquelles sertões, que é excellente para os cortumes por ser muito fino e delgado. As resinas de almessego, *Amyri s e climifera* e da chamada goma elastica, a copal (39) e uma especie de resina chamada breu do campo, muito similhante ao alcatrão, ainda que melhor nos seus effeitos.

Os vinhos e agoas-ardentes de Ananás, *Bromelia Ananás* de Cajú (40), de genipápo, de milho, de jabuticaba e de toda a qualidade de cocos &. As distillações das hervas cheirosas e das folhas e cascas dos páos aromaticos, como a canella, o pixiri, o cuxiri e outros (41). O suco ou caldo dos limões azedos, de que se faz um grande commercio na Europa, para as tinturarias (42). O caldo de laranja, de que se fazem conservas, que são excellentes contra as molestias do mar (43).

Outros muitos generos de commercio, como são as cinzas das madeiras de Guararema, de mangue *Blisiphora mangle* e de outras salitrosas proprias para a barrilha, a soda, a potassa, o salitre, a cera, o verniz (44), a seda em rama, o linho, o canhamo, *canabis sativa*, o tucum, o cravete, *Fillandsia serrata*, o guaxima, o imbé, o buruti (45) e outros muitos generos proprios para cordas, bem conhecidos no Brazil debaixo do nome generico de embiras.

O novo gosto de gabinetes de raridades que se tem diffundido por toda a Europa, é um novo ramo de commercio para todas as minas e sertões do Brazil. Aquellas pedras, que muitas vezes pela sua qualidade, são de muito pouco ou nenhum valor, se fazem preciosissimas pela sua figura e luxo particular com que as produzio a natureza; por exemplo, um cristal, que na sua congelação prendeu um insecto, um cabello, ou qualquer outro corpo extranho que se vê por todos os lados; todo o genero de

petrificados, ou seja de algum vegetal ou de algum animal, os stalactites, que na sua figura forem raros ou dignos de admiração.

As aptitudes ou as differentes posturas raras em que algumas vezes se achão os animaes, uns a respeito dos outros; por exemplo, uma cobra que, querendo comer um verme crustaceo, este, ao tempo em que ella fazia a preza, apertou a valvula, suffocou-a e morrerão ambos nesta acção; isto, que algumas vezes se encontra naquelles sertões entre uma pequena cobra e um caramujo, assim como tambem outras semelhantes aptitudes, por isso que são raras, tem um preço inestimavel para os gabinetes, elles se podem conservar em espirito de vinho, ou embalsamados ou por qualquer outro modo que os livre de corrupção.

As Pyrites de que abundão muito aquellas Minas, a pedra iman, o amiantho, a pedra elastica &, todo o genero de cristaes quando são extraordinarios ou pela sua grandeza ou por estarem juntos nas suas matrizes, ou pela sua figura rara; o talco, ou malacaxeta, de que se tirão laminas tão grandes, que até servem para vidraças, arêas finissimas de diversas cores e algumas brilhantissimas, o esmeril e outros semelhantes, de que fazem um grande uso os artifices da prata e do ferro polido.

Dos gados de que abundão muito aquelles sertões se podem aproveitar tambem os queijos e manteiga, cebo, graxa, os couros cortidos dos bezerros, das cabras, dos carneiros, dos veados, das antas, e de outros muitos animaes que ali ha, a colla feita dos mesmos couros &.

Nos sertões das minas, assim como nos de Angola, se domesticão os bois, até para o uso da sella, particularmente onde são raras as bestas, ou os caminhos são por montes despenhados e escorregadiços, nos quaes melhor se firma a unha forcada e fendida do boi, do que a inteira e redonda do cavallo, particularmente não sendo ferrado. Muitos destes bois, que já domesticados dos sertões se vierem vender á borda dos grandes rios ou do mar, poderão tambem carregar muitos dos sobreditos generos em surrões dos mesmos couros em cabello e serem juntamente vendidos com as mesmas cargas.

Finalmente é necessario advertir aos habitantes daquelle continente que todas as boas descobertas se fazem hoje publicas com muita facilidade pelo meio da Imprensa da nossa sabia Academia. O objecto deste respeitavel corpo é promover e facilitar por todos os meios possiveis os conhecimentos uteis á Nação, e ao bem geral dos homens. Este só beneficio fará eterna a memoria do amavel principe que a proteje, e do incansavel Presidente que a anima por toda a parte.

NOTAS Á MEMORIA SOBRE AS MINAS

(1)

Herer. *Nov. Orbis. Descript. Ind. Occident.* part. 13ª, Sect. 2ª *de Virginie*, Cap. in fin.

(2)

Interêts des Nations de l'Europe, tom. 1. cap. 4, du Portugal pag. 56. — c'est une maxime incontestable que l'or et l'argent sont les signes des denrées, et que ces signes appartiennent au proprietaire des denrées.

(3)

Montesquieu, *Esprit des Lois*, livr. 21., Chap. 18.

(4)

Os Negros Minas naturaes do Reino de Tombuco e Bambuc são pela maior parte os melhores mineiros das minas de ouro do Brazil, e talvez que elles fossem os que ensinaram aos Portugezes daquellas minas o methodo grosseiro de tirar o ouro, de que alli se usa; como parece pela similhança de um e outro methodo. Veja-se *Histoir. Gener. des Voyag.*, liv. 6 chap. 13 pag. 465, sobre as minas de Bambuc.

(5)

Em Sorocaba, na Capitania de S. Paulo, ha minas de ferro muito ricas.

(6)

Veja-se *Pitta, Hist. da America Port.*, livr. 8., N. 111 e seguintes.

(7)

No discurso que fiz a respeito de se não impor taxa no assucar, mostrei a decadencia da nossa agricultura por causa do descobrimento das minas de Ouro.

(8)

Vasconcellos, *Vida do Padre Anchieta*, livr. 1., cap. e N. 3 de Vasconcellos, *chronica do Estado do Brazil*, liv. 1 § 150.

(9)

Fallo das minas de ouro até agora descobertas e, conforme o estado presente dellas, trabalhadas sem methodo nem arte; mas a respeito dos outros metaes e de todo o genero de mineraes, são aquellas montanhas ainda muito ricas, ainda que pouco conhecidas pelos seus habitantes, por se achar alli a chimica e a mineralogia ainda muito na sua infancia. Veja-se Vasconcellos, liv. 1 das *Noticias curiosas do Brazil*, n. 72. Pitta. *Hist. da America Portugueza.*, liv. 6., n. 86, e seguintes.

(10)

Assim o descreve José Custodio, Brigadeiro que foi no serviço de Portugal, na sua derrota pelo Rio Paraguai, na occasião em que pôz o marco entre Portugal e Castella no confluente dos Rios Jaurucú e Paraguay.

(11)

O rio Pardo toma o nome da côr de suas agoas; porque nelle entra um pequeno rio chamado Vermelho, cujas agoas são com effeito tão vermelhas que parecem sangue e de uma côr tão

fixa que tingem e fazem nodoa em qualquer panno branco ; parece que aquellas agoas passão por algumas terras e arêas vermelhas impregnadas de algum acido mineral ou vegetal. Ellas são bem dignas do exame de um chimico habil.

(12)

Berredo, *Annaes Historic. do Estado do Maranhão*, liv. 10, n. 709.

(13)

Veja-se Condamine, *Voyag. de la Rivière des Amazones*, e a Carta Geographica do mesmo rio, inserta na sua obra.

(14)

Ainda que o Padre Samuel Fritz, Missionario Alemão ao serviço da Corôa de Hespanha, no seu Diario de 1687, quase 50 annos depois das noticias do padre Christovão da Cunha, pretendeo pôr em duvida o sitio no lugar, em que o Capitão-Mor Pedro Teixeira tomou posse da conquista do Amazonas junto á foz do Rio Cuchivará, muito abaixo da verdadeira situação do lugar em que tomou a dita posse, para assim restringir a conquista de Portugal ; contudo, como se não duvida da verdade do facto daquella conquista, e das terras e rios descobertos pelo dito Teixeira, nem da authencidade daquelle auto de posse, pelo qual elle declarou publicamente, que não só tomava posse do sitio e lugar em que se lavrava o dito auto, mas tambem de todas as terras, rios, navegações e commercios daquella conquista, como consta do mesmo auto, que foi remettido e aceito em Madrid, e se acha nos Archivos da cidade de Belem do Pará, onde diz Condamine tel-o visto, e donde Berredo tirou a copia que vem inserta nos seus *Annaes Historicos do Estado do Maranhão*, Liv. 10, n. 710, de pouco ou nada importa para os titulos de Portugal que aquelle auto de posse fosse feito e lavrado neste ou naquelle lugar ou ainda no meio das agoas do Amazonas.

(15)

A relação destas duas viagens fez nascer em Madrid um projecto bem extraordinario, e que talvez ainda hoje seria muito interessante para Portugal e Castella, principalmente se o Amazonas fosse a divisão destas duas nações. Desde longo tempo as colonias Hespanholas communicão difficultosamente entre si; corsarios inimigos que infestavão o mar do norte e do sul interrompião a sua navegação. Alguns mesmos dos seus navios que se tinhão reunido em Havana, não erão sem perigo os galiões erão muitas vezes atacados por algumas esquadras que os tomavão; e erão sempre seguidos por alguns armadores que raras vezes deixavão de tomar os navios desviados do comboyo, por alguma tempestade ou por serem máos de vela e ronceiros. O Amazonas pareceu remediar a este inconveniente, e creu-se possivel e até mesmo facil de fazer chegar ao Amazonas por alguns rios navegaveis ou com poucas despezas por terra os thesouros da Nova Granada de Popayam, de Quito, do Perú e mesmo do Chili, e, descendo até ao Pará, acharem ahi os galiões promptos para os receber.

A frota do Brazil viria juntar-se á Hespanhola para a reforçar, e partir com toda a segurança d'aquelles portos, pouco conhecidos e pouco frequentados, e chegar finalmente á Europa com um apparato capaz de impor, vi com vicios de vencer os obstaculos que se tivessem achado.

A feliz Restauração de Portugal e a restituição do Senhor Rei D. João 4º ao Throno de seus Avós, fez desvanecer todos estes grandes projectos de Castella. Cada uma das duas nações não cuidou mais do que em se apropriar a parte do rio que convinha á sua situação.

(16)

Na Capitania de Goyaz ha varias agoas thermaes: as principaes são as de S. Felix, Santa Cruz, e Agoa quente: ellas merecem bem o trabalho de serem analysadas por observadores habeis, para se conhecerem os saes que ellas contém e para remedio de que molestias serão proprias.

(17)

Veja-se o mappa de Condamini na sua viagem do rio Amazonas.

(18)

Varadouros se chamão aquelles lugares por onde se arrastão as canôas, ou embarcações quando estas não podem passar pelos rios por causa das cachoeiras precipitadas, ou das grandes cataratas.

(19)

Junto das margens do rio de S. Francisco, naquellas grandes campinas, são as terras tão impregnadas de sal, que as agoas estagnadas, evaporando-se tão somente pela força do sal, deixão a superficie da terra toda coberta de sal: este sal, que por falta de arte, se acha muito cheio de terra, de nitro, e de outros saes diversos, seria bem facil de se aperfeiçoar, se no lugar dos lagos salgados se abrissem poços preservados das enxurradas e das chuvas, para as agoas se conservarem salgadas e limpas; e depois, á força de fogo, fazel-as ferver, purificar, e extrahir o sal chamado branco ou refinado, como se faz em Franche-Comté, na Lerena, no Tyrol e em outras partes onde ha fontes e poços salgados: o mesmo se poderia praticar com as agoas dos rios chamados o Sangrador, Frechas grandes, e Piraputanga, cujas agoas são muito salgadas, as quaes ficão na estrada de Matto-Grosso entre os dois rios Cuyabá e Paraguay; e se é verdadeira a opinião daquelles que dizem que as fontes e poços d'agua salgada, principalmente as que estão muito longe do mar, têm a sua origem nas minas de sal gema, ou fossil, é bem de suppor que nas minas do Brazil hajão tambem minas de sal gema, tão ricas como as de Polonia, Hungria, e Catalunha.

(20)

Padre Vasconcellos, *Noticias* do Brazil, liv. 10. 49.

(21)

Labat. *Voyag. aux. Isles Franc de l'Amerique*, tom. 3o pag. 466, Al'egard du thé, il croit naturellement aux Isles &.

(22)

O páo cravo, de que abundão os sertões do Pará e Maranhão ainda que similhante á canella, tem comtudo o cheiro e gosto do Cravo da India. Veja-se Condamini, d., pag. 146.

(23)

Francisco Alves e seus filhos já fabricarão no Rio de Janeiro esta tinta, sem duvida melhor ao menos do que aquella que ordinariamente se vende debaixo do nome de tinta de Nankim.

(24)

Labat. d.º tom. 1. chap. 11. trata dos diversos methodos de preparar a tinta do Urucú, e do Annil; e no tom. 4., chap. 2. trata da cochenilha, e de outras tintas.

(25)

Este sipó parece ser o de que trata o d.º Labat. no tom. 4º, chap. 1 pag. 28, debaixo do nome de *Lianne á sang* —.

(26)

O arsenico, por isso que é um veneno fortissimo e que conserva sempre a sua qualidade maligna, se mistura com alcatrão para se alcatroarem as embarcações nas partes que ficão abaixo d'agua, para as preservar do guzano, e de todos os bichos que as roem, e que, até muitas vezes pegadas a ellas, embaração a sua carreira; o arsenico é tão procurado para as fabricas dos espelhos, dos vidros das tinturarias de algodão,

O *caput motuum* da mina arsenical, que fica no vaso em que se sublima o arsenico, serve de fundente para refinar as escorias do cobre, e da prata, e dellas extrahir o ouro, a prata, e o chumbo. Na Saxonia, e na Silezia se fez um grande commercio do arsenico. Veja-se Macquer, *Diction. de Chym.*, na palavra *Arsenico*.

(27)

O salitre, que desgraçadamente se tem feito da primeira necessidade para as machinas destruidoras da especie humana, se acha em muita abundancia nas minas do Brazil, principalmente nas Geraes, na comarca de Sabará, na fazenda chamada do Riacho Fundo, junto á serra da Lapa. Veja-se o modo de refinar o salitre no *Diction. de Savary*, tom. 3., *rafinage du Sal pètre.*

(28)

O salamoniaco ou se forma naturalmente da ourina dos animaes cristalisada, e reduzida em massa branca pelo ardor do Sol nos grandes areaes, ou de uma especie de terra ou de escuma salgada, que se trabalha e purifica como o salitre, ou se extrahe artificialmente, por meio de vasos sublimatorios, de todas as qualidades de ourinas de homens, e de animaes, e se lhe mistura sal commum e ferrugem da chaminé, ou greda; deste sal se faz grande consummo para a medicina e para o commercio.

(29)

Vasconcel.; *Not. do Braz?* liv 1. n. 46.

(30)

Labat. do tom 3, pag 481.

(31)

Labat. d. tom 3., chap. 1., pag. 31 traz descripta esta noz em uma estampa, e trata dos effeitos della por experiencia propria.

(32)

Como sobre este objecto fallo nos habitantes do Brazil e d'aquelles sertões, onde mais abundão estes generos, é necessario explicar-me pelos nomes ali conhecidos, muitos dos quaes forão ensinados pelos Indios. Eu deixo aos sabios das sciencias naturaes o cuidado de arranjar em classes, ordens, generos, e especies

aquelles a que eu aqui não assigno os nomes de Lineu; mas contudo a nomenclatura deve ser sempre a dada pelos Indios, e conhecida no paiz do seu nascimento, para se contar a confusão, que já não é pequena, na Botanica, pela multiplicidade dos nomes sobre a mesma cousa.

(33)

O Sinembú, *Lacerta Ignea*, parece ser uma especie media entre o lagarto e o jacaré; é mais aquatico do que terreste. Sabat do, tom., 1. chap. 12., traz a sua estampa e faz a sua descripção debaixo do nome *Gros Leald.* No Museu do convento de Jesus, acha-se um destes lagartos, conservado em espirito de vinho.

(34)

Eu espero que os meus compatriotas, cheios daquelle fogo que lhes é natural, se apressarão a estudar a naturéza, e indagar os thesouros que a Providencia lhes metteo debaixo dos pés. E' necessario examinar com critica por experiencias repetidas se as virtudes attribuidas a algumas raizes, folhas, frutas resinas, oleos, &, são verdadeiras, ou para se lhes dar o valor que merecem, ou se desenganar o vulga e livral-o de beber muitas vezes a morte.

Os Indios, nossos primeiros mestres sobre o conhecimento destas virtudes, poderão descubrir novas, e assim fazer-se sobre este objecto uma collecção preciosissima, até agora desprezada.

Eu sei pela experiencia propria que os Indios são mysteriosos em descubrir os seus segredos, mas tambem sei que delles consegue tudo aquelle que os sabe levar com geito.

(35)

Vasconcel., *Chron. da Comp. de Jes. do Brazil.* liv. 1°, n. 96. e liv. 1. das *noticias curios. do Braz.*, n. 72 Labat., tom 2, chap. 17., pag. 315, e tom. 3°, pag. 476.

(36)

O pinhão, *Iatropha curcas*, de que se trata, é um arbusto que lança muito leite por qualquer incisão e do seu fructo se extrahe um oleo que é purgativo e serve para luzes, assim como o de mamono.

(37)

Este oleo se extrahe, dividindo-se a casca da castanha em duas partes como duas cuias, e, depois de tirada a amendoa, se põem estas cuias sobre brazas, e com pouco calor principia logo a sahir o oleo, que se vai ensopando em algodão, e este se lança em agoa quente, para delle se extrahir : este oleo é caustico, e se diz de uma grande virtude para curar as chagas velhas, extinguir os cancros até a sua raiz, principalmente quando ainda são novos, e tirar nodoas, ou sardas do rosto.

(38)

Condamin d., *Voyag. de la. Riviér. des Amazons*, pag. 77.

(39)

A copal é uma rezina de Jutahi, ou Jutaba muito clara como cristal, de que se faz um excellente verniz com aguardente de canna depurada.

(40)

Vasconcellos., do, liv. 2: das *Noticias curiozas do Brasil*, n. 81 e seguintes. Labat. do, tom 1º, chap. 17, pag 400.

(41)

Condamin do., pag. 146.

(42)

Tratado da conservação da saude dos Povos, cap. 28, pag. 299. Depois de esprimidos estes sumos, devião ser coados e postos em cima do fogo, onde fervessem até mingoar quasi uma terça parte, para ficarem tão espessos como xarope, ou calda de arrobe encorpada.

(43)

Labat d., tom. e chap. 3°, pag. 101. Sobre o methodo de se pingar com caldo de laranja e sal.

(44)

João Manso, natural das minas de Goyaz, já faz no Rio de Janeiro um verniz que imita ao melhor charão da India. O Ex^mo Luiz de Vasconcellos e Souza trouxe daquella cidade duas bancas acharoadas, que tem admirado os que conhecem a perfeição deste genero.

(45)

O Buruti é uma especie de palmeira, cujos rámos são filamentos e servem para todo o genero de cordas e amarras: o amago ou a medulla destes ramos, é uma especie de cortiça muito fina, e muito forte, da qual se fazem rolhas e boias, muito melhores do que as que ordinariamente se fazem de cortiça. que pela maior parte são quebradiças. Labat, d., tom. e chap. 2, pag. 47, faz admiração desta arvore debaixo do nome *Latanier*.

Extrahido do livro n. 436 de documentos, e pertencente a collecção de manuscriptos da Academia de Sciencias de Lisboa, mandados organisar e offerecidos ao Instituto Historico por S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro 2°.

1º RIGIMENTO QUE LEVOU TOME DE SOUZA GOVERNADOR DO BRAZIL

(Extrahido do tomo 3º da Collecção de Manuscriptos relativos a Historia do Brazil, cujos originaes pertencentes aos Registros do Conselho Ultramarino se acham na Bibliotheca de Evora, de onde foram copiados por ordem de S. M. O Imperador D. Pedro II e por Elle offerecidos em 1856 ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro).

Eu el-rei faço saber a vós Tome de Souza ffidalgo de minha casa que vendo eu quanto serviço de Deos e meu he concervar e nobrecer as capitanias e povoações das terras do brazill e dar ordem e maneira com que milhor e mais seguramente se posão ir povoando para eixalçamento da nossa santa fée e proveito de meus reinos e senhorios e dos naturais deles ordenei ora de mandar nas ditas terras fazer hua fortaleza e povoação grande e forte em hũ luguar conveniente pera dahy se dar favor e ajuda as outras povoações e se menistrar justiça e prover nas cousas que comprirem a meus serviços e aos neguocios de minha fezenda e a bem das partes; e por ser emformado que a bahia de todolos Santos he o lugar mais conveniente da costa do brazill pera se poder fazer a dita povoação e asento asy pola desposição do porto e rios que nela entrão como pola bondade abastança e saude da terra e por outros respeitos, ey por meu serviço que na dita bahia se faça a dita povoação e asento e para iso váa hua armada com jente artelharia armas e monições e todo mais que for

necessario. E pola muita comfiamça que tenho em vós quem caso de tal calidade e de tanta importancia me sabereis servir com aquela fieldade e deligencia que se pera iso requere ey por bem de vos enviar por governador á ditas terras do brazill no qual carguo e asy no fazer da dita fortaleza tereis a maneira seguinte da qual fortaleza e terra da bahia vos aveis de ser capitão.

2 Ireis por Capitão moor da dita armada e fareis voso caminho direitamente a dita bahia de todo-los Santos e na dita viagem tereis a maneira que levais por outro regimento.

3 Tanto que cheguardes á dita bahia tomareis posse da cerqua que nela está que fez Francisco Pereira Coutinho a qual sou enformado que está ora povoada de meus vasalos e que he favorecida de allgus jentios da terra e está de maneira que pacificamente e sem registencia podereis desembarcar e apousentar-vos nela cõ a jente que comvosquo vay e sendo caso que a não acheis asy e que está povoada de jente da terra trabalhareis pola tomar o mais a voso salvo e sem periguo da jente que poder ser, fazendo guerra a quem quer que vos registir e o tomardes pose da dita cerqua será cheguando ou depois em qualquer tempo que vos parecer mais meu serviço.

4 tanto que estiverdes em pose da dita cerqua mandareis repairar o que nela está feito e fazer outra cerqua junto dela de valos e madeira ou taipal como milhor parecer, em que a jente posa estar agasalhada e segura e como asy estiver aguasalhada dareis ordem como vos provejais de mantimentos da terra mandando-os prantar asy pola jente que levais como pola da terra e por qualquer outra maneira porque se milhor se poderem aver e porem se vos parecer que será mais meu serviço desembarcar no luguar onde se ouver de fazer a fortaleza faloeis asy.

5 ao tempo que cheguardes a dita bahia fareis saber por todallas vias que poderdes aos capitães das capitanias da dita costa do brazil de vossa cheguada e eu lhes tenho escripto que tanto que souberem vos enviem toda a ajuda que poderem de jente e mantimentos e as mais cousas que na terra tiverem das que vos podem ser necesarias e que notefiquem a todas as pessoas que estiverem nas ditas capitanias e tiverem terras na

dita bahia de todolos santos que asvão povoar e aproveitar nas primeiras em barquações que forem pera a dita bahia, com decraração que não indo nas ditas primeiras embarquações perderão o direito que nelas tiverem e se darão a outras pesoas que as aproveitem e que da dita noteficação fação autos e volos emviem.

6 eu são enformado que a jente que posue a dita terra da bahia he hũa pequena parte da linhagem dos topinambais e que poderá aver deles de cinco até seis mil homês de peleja os quaes occupão ao longuo da costa pera a parte do norte atée Totua / para que são seis leguoas e pelo sertão atée entrada do piraçuu que serão cinquo leguoas e que tem dentro da dita bahia a ilha de Taparica e outras tres pequenas mais povoadas da dita nação e que a dita terra e ilhas tem muito apparelho pera em pouco tempo com pouca jente bem ordenada se lhe poder tomar por ser escampada e de bom serviço e ter poucas serras e matos e asy sou enformado que no ano de quorenta e cinquo estando Francisco Pereira Coutinho por capitão da dita bahia allgua desta jente lhe fez guerra e o lançou da terra e estruyo as fazendas e fez outros muitos danos aos xpaõs de que outros tomarão eyxempro e fiserão o semilhante em outras capitanias e que allgũs outros jentios da dita bahia não consentirão nem forão no dito alevantamento antes estiverão sempre de paz e estão ora em companhia dos xpaõs e os ajudão e que asy estes que asy estão de paz como todas as outras nações da costa do brazill estão esperando pera ver o castiguo que se daa aos que primeiro fizerão os ditos danos / polo que cumpre muito a serviço de deos e meu os que se asy alevantarão e fizerão guerra serem castigaduos com muito rigor ; portanto vos mando que como cheguardes a dita bahia vos enformeis de quaes são os jentios que sostiverão a paz e os favoreçais de maneira que sendo-vos necessario sua ajuda a tenhais certa.

E tanto que a dita cerqua for repairada e estiverdes provido do necessario e o tempo vos parecer desposto pera iso, praticareis com pessoas que o bem entendão a maneira que tereis pera poder castiguar os culpados o mais á voso salvo e com menos risquo da jente que poder ser, e como asy tiverdes praticado; o

poreis em ordem destruindo-lhe suas aldeias e povoações e matando e cativando aquella parte deles que vos parecer que abasta pera o seu castiguo e eyxemplo de todos e dahy em diante pedindo-vos paz lha concedereis dando-lhe perdão e isso será porem com eles ficarem reconhecendo sogeição e vasalagem e com encarguo de darem em cada hũ ano allgũs mantimentos pera a jente da povoação e no tempo que vos pedirem paz trabalhareis por haver a vosso poder allgũs dos principaes que forão no dito alevantamento e estes mandareis por justiça enforcar nas aldeias donde erão principaes.

7 porque são *principaes* enformado do que a lynhagem dos topeniquis dostas capitanias ção imiguos dos da bahia e desejão de serem presentes ao tempo que ouverdes de fazer guerra pera ajudarem nella e povoarem allgũa parte da terra da dita bahia e que pera iso estão prestes escrevo tãobem aos ditos capitães que vos enviem allgũa jente da dita linhagem e asy mesmo lhes escrevereis e lhe mandareis dizer quevos fação saber de como a terra está e da jente armas e monições que tem e se estão em paz ou em guerra e se tem necessidade de allgũa ajuda vossa e aos xpaãs e jentios que das ditas capitanias vierem ffareis bem aguasalhar e os favorecereis de maneira que folguem de vos ajudar emquanto tiverdes deles necessidade. E porem os jentios se aguasalharão em parte onde não posão fazer o que não devem, porque não he rezão que vos fieis deles tanto que se posa diso seguir allgũ mau recado e tanto que os poderdes escusar os dispedireis e se allgũs dos ditos jentios quiserem ficar na terra da dita bahia darlheis terras pera a sua vivenda de que sejão contentes onde vos bem parecer.

8 e asy sou enformado que o loguar em que ora está a dita cerqua não he conveniente pera se ahy fazer e asentar a fortaleza e povoação que ora ordeno que se faça e que será necessario ffaser-se em outra parte mais pera dentro da dita bahia e portanto vos emcomendo e mando que como tiverdes pacifica a terra vejais com pessoas que o bem entendão o luguar que será mais aparelhado pera se ffazer a dita fortaleza forte e que se posa bem defender e que tenha a desposição e calidade pera ahy por o tempo em diante se hir fazendo hũa povoação grande

e tal qual convem que seja pera della se proverem as outras capitanias como com ajuda de noso Senhor espero que esta seja e deve de ser em sitio sadio e de bons ares e que tenha abastança de auguoas e porto em que bem posão amarar os navios e vararem-se quando comprir porque todas estas calidades ou as mais delas que poderem ser compre que tenha a dita fortaleza e povoação por asy ter asentado que dela se favoreção e provejão todallas terras do brazill e no sitio que vos melhor parecer ordenareis que se faça hũa ffortaleza da grandura e feição que a requerer o luguar em que a fizerdes conformando-vos com as traças e amostras que levais praticando co'os oficiaes que pera iso lá mando e co' quaes quer outras pesoas que o bem entendão e pera esta obra vão em vosa companhia allgũs oficiaes asy pedreiros e carpinteiros como outros que poderão servir de fazer cal telha tijolo e pera se poder começar a dita fortaleza vão nos navios desta armada allguas acheguas e não achando na terra aparelho pera se a dita fortaleza ffazer de pedra e cal farse-ha de pedra e barro ou taipais ou madeiras como melhor poder ser de maneira que seja forte, e como na dita fortaleza for feita tanta obra que vos pareça que seguramente vos podereis nela recolher e aguasalhar com a jente que levais vos pasareis a ela deixando porem na dita cerqua que está feita allgũa jente que abaste pera a povoar e defender.

9 porque minha tenção he que a dita povoação seja tal como atraz fica decrarado ey por bem que ela tenha de termo e limite seis leguoas pera cada parte e sendo caso que pera allgũa parte não haja as ditas seis leguoas por não aver tanta terra cheguará o dito termo atee onde cheguarem as terras da dita capitania o qual termo mandareis damaquar de maneira que em todo tempo posa saber por onde parte.

10 tanto que tiverdes asentada a terra pera seguramente se poder aproveitar dareis de sesmaria as terras que estiverem dentro no dito termo aas pesoas que volas pedirem / não sendo já dadas a outras pesoas que as queirão ir povoar e aproveitar no tempo que lhe pera iso aade ser noteficado / as quaes terras dareis livremente sem foro allgum, / soomente paguarão o dizimo aa ordem de noso senhor jesu xpo e com as condições e obri-

guações do fforal dado aas ditas terras, /e de minha ordenação no quoarto livro titulo das sesmarias, / c'o condição que resida na povoação da dita bahia ou das terras que lhe asy forem dadas tres annos dentro do qual tempo as não poderaa vender nem enlhear, / e não dareis a cada pesoa mais terra que aquela que boamente e segundo sua posybilidade vos parecer que poderaa aproveitar, e se as pesoas que já tiverem terras dentro no dito termo asy aquelas que se acharem prezentes na dita bahia como as que depois forem a ela dentro no tempo que lhes aade ser noteficado quizerem aproveitar as ditas terras que já tinhão vos lhas tornareis a dar de novo pera as aproveitarem com a obriguação acima dita e não indo allgũs dos auzentes dentro no dito tempo que lhe asy aade ser noteficado aproveitar as terras que dantes tinhão vós as dareis pela dita maneira a quem as aproveite e este capitolo se treladará nas cartas das ditas sesmarias.

11 as aguoas das ribeiras que estiverem dentro no dito termo em que ouver desposição pera se poderem fazer engenhos daçuquares ou doutras quaesquer cousas dareis de sesmaria livremente sem foro allgũ e as que derdes pera engenhos daçuquares será a pesoas que tenhão posibilidade pera os poderem fazer dentro no tempo que lhe limitardes, / que seraa o que vos bem parecer, / e para serviço e maneyo dos ditos engenhos daçuquares lhe dareis aquela terra que pera iso for necessaria e as ditas pesoas se obriguarão a fazer cada huu em sua terra hũa torre ou caza forte da feição e grandura que lhe decrarardes nas cartas / e seraa a que vos parecer segundo o luguar em que estiverem que abastarão pera segurança do dito engenho e povoadores do seu limite, / e asy se obriguarão de povoarem e aproveitarem as ditas terras e aguoas sem as poderem vender nem trespassar a outras pesoas por tempo de tres annos, / e nas dytas cartas de sesmarias que lhe asy pasardes se treladará este capitolo.

12 aalem da terra que a cada engenho aveis de dar pera serviço e maneyo dele lhe limitareis a terra que vos bem parecer / e o senhorio dela seraá obriguado de no dito engenho lavrar aos lavradores as canas que no dito limite ouverem de

suas novidades /ao menos seis mezes do anno / que o tal engenho lavrar. E por lhas lavrar levarão os senhorios dos ditos engenhos aquela parte que pola enformação que lá tomareis vos parecer bem de maneira que fique o partido favoravel aos lavradores pera eles com melhor vontade folguarem de aproveitar as terras e com esta obriguação e decraração do partido a que amde lavrar as ditas canas se lhes pasarão suas cartas de sesmarias,

13. Se as pesoas a que forão dadas allgũas aguoas no dito termo antes de se despovoar a dita bahia asy presentes como auzentes quizerem fazer obriguação de as tomar com as condições e da maneira que acima he decrarado lhas dareis requerendovolo dentro no dito tempo que lhe for limitado e não vollo requerendo no dito tempo as dareis com as ditas condições a pesoas que tenhão posibilidade pera fazer os ditos engenhos pola maneira e condições sobreditas.

14 quoanto as terras e aguoas da dita capitania que estão fóra do termo que hora ordeno a dita povoação atee ao rio de Sam Francisco por onde parte com a capitania de Duarte Coelho vos enformareis que terras são e que rios e aguoas aa nelas e quantas que disposição tem pera se poderem fazer engenhos daçuquares e outras bemfeitorias e se volas pedem allgũas pesoas e quoanta parte cada hua pede e que bemfeitorias, se quer obrigar a fazer nelas, / e escrever-meis tudo muito decraradamente com voso parecer da maneira que seraa mais meu serviço darem-se as ditas terras pera se milhor poderem povoar e aproveitar e quoanta parte se deve de dar a cada pesoa e com que obriguação e jurdição pera vos eu niso mandar o que ouver por bem que façais.

15 ey por bem que por tempo de cimquo annos se não posa dar novamente na dita capitania da bahia terras nem aguoas de sesmarias a pesoa allgũa das que ora são moradores nas outras capitanias, / nem as taes pesoas se possão dentro no dito tempo vir delas povoar a dita capitania da bahia salvo as pesoas que nela tiverem já terras tomadas de sesmarias porque esas poderão vir das outras capitanias onde estiverem aproveitar as ditas terras.

16 porque seraa meu serviço aver na dita bahia allgũs navios de reino pera serviço da terra e defenção do maar, / ey por bem e vos mando que com a mais brevidade e deligencia que poderdes ordeneis com que se faça os que vos parecerem necesarios da grandura e feição que virdes que convem e pera á obra deles levais officiais e dos meus almazens as monições necessarias, / e como os ditos navios forem feitos os mandareis armar e aparelhar pera servir onde comprir e procurareis de busquar luguar conviniente em que estêm varados o tempo que não ouverem dandar no mar.

17 Eu sõm enformado que os jentios que abitão ao longuo da costa da capitania de Jorge de Figueiredo da vila de São Jorge atee a dita bahia de todo los santos são da linhajem dos topinanbais e se alevantarão já por vezes contra os xpaõs e lhes fizerão muitos danos e que ora estão ainda alevantados e fazem guerra e que seraa muito serviço de Deos e meu serem lançados fóra desa terra pera se poder provar asy dos xpaõs como dos jentios da linhajem dos topiniquis que dizem que he jente pacifica e que se ofrecem aos ajudar a lançar fóra e a po-voar e a defender a terra / pelo que vos mando que escrevaes aa pesoa que estiver por capitão na dita capitania de Jorge de Figueiredo e a Afonço Allvres provedor de minha fazenda em ela ea allgũas outras pesoas que vos bem parecer que venhão aa dita bahia / e nela forem praticaveis com ele e com quaesquer outras que nisso bem entendão a maneira que se teraa para os ditos jentios serem lançados na dita terra / e o que sobre iso asentardes poreis em obra tanto que voso tempo der luguar pera o poderdes fazer.

18 Com os jentios das terras peraacuy e de totuapara e com quoaesquer outras nações de jentios que ouver na dita capitania da bahia asentareis paz e trabalhareis porque se conserve e se sostente pera que nas terras que abitão posão seguramente estar xpaõs e aproveitalas e quoando sobceder algũ alevantamento acudireis a iso e trabalhareis por apacificar tudo o melhor que poderdes castiguando os culpados.

19 tanto que os neguocios que na dita bahia aveis de ffazer estiverem pera os poderdes deixar, / ireis visytar as outras

capitanias e deixareis na dita bahia em voso luguar por capitão hũa pesoa de tal calidade e recado que vos pareça conveniente pera iso ao qual dareis per regimento o que deve fazer em vosa ausencia / E vos com os navios e jente que vos bem parecer ireis visitar as outras capitanias / E porque a do Espirito Sancto que he a de Vasco Fernandez Coutinho esta alevantada ireis a ela co'a mais brevidade que puderdes e tomareis a enformação por o dito Vasco Fernandez Coutinho e por quaesquer outras pesoas que vos diso saibão dar rezão da maneira que estão com os ditos jentios e o que cumpre fazerse pera se a dita capitania tornar a reformar e povoar e o que asentardes poreis em obra trabalhando todo o que for em vos porque a terra se segure e fique pacifica e de maneira que ao diante se não alevantem mais os ditos jentios e na dita capitania do Espirito Santo estareis o tempo que vos parecer necesario pera fazerdes o que dito he.

20 em cada hũa das ditas capitanias praticaveis juntamente com o capitão dela e com o provedor moor de minha fazenda que com Vasco aade correr as ditas capitanias e asy com o ouvidor da tal capitania e officiaes da minha fazenda que nela houver e allgũs homẽs principaes da terra sobre a maneira que se teraa na guovernança e segurança della e ordenareis que as povoações das ditas capitanias que não forem cercadas se cerquem e as cercadas se repairem e provejão de todo o necessario pera sua fortaleza e defensão. E asy ordenareis e asentareis com os ditos officiaes que as pesoas a que forão dadas e daquy em diante se derem aguas e terras de sesmaria pera se fazerem enjenhos / os fação no tempo que lhes limitar o capitão que lhas der e que nos asentos das povoações dos ditos enjenhos se fação torres ou casas fortes e se lhe de limite de terra como atraz fica declarado que se faça nas terras da bahia. E que as pesoas a que se derem terras pera as aproveitar as não posão vender nem trespasar dentro de 3 annos e as aproveitem no tempo em que manda a ordenação / e mando aos capitães que quando derem as taes aguoas e terras seja com as ditas obriguações e o decrarem asy nas cartas de sesmaria que lhes passarem e aos que as já tiverem se notefique este capitolo o qual fareis treladar no livro das Camaras das ditas capitanias

pera se asy comprir / e porque se segue muito prejuizo de as fazendas e enjenhos e povoações deles se fazerem longe das vilas de que amde ser favorecidos e ajudados quando diso ouver necesidade, ordenareis que daquy em diante se fação ho mais perto das ditas vilas que poder ser e aos que vos parecer que estam longe ordenareis que se fortifiquem de maneira que se posão bem defender quoando comprir.

21 e asy ordenareis que nas ditas vilas e povoações se faça em hu dia de cada somana ou mais se vos parecers necessario feira a que os jentios os posão vir vender o que tiverem e quizerem e comprar o que ouverem mester; e asy ordenareis que os xpõas não vão as alldèas dos jentios a tratar com eles salvo os senhorios e jente dos enjenhos porque estes poderão em todo o tempo tratar co'os jentios das alldèas que estiverem nas terras e limitesdos ditos enjenhos, / e forem parecendo-vos que fará inconviniente poderem todos os de cada enjenho ter liberdade pera tratar co'os ditos jentios segundo forma deste capitolo e que será melhor ordenar-se que hũa só pesoa em cada enjenho o faça asy se fará.

22 e tendo allgũs xpaõs necesidade de em allgũs dos outros dias que não forem de feira comprar allgũas couzas dos ditos jentios o dirão ao capitão e dara licença pera as irem comprar quoando e onde bem lhe parecer.

23 pela terra firme adentro não poderá hir tratar pesoa allgũa sem licença vosa ou do provedor moor de minha fazenda não sendo vos presente ou dos capitães, / e a dita licença senão dará senão a pesoas que parecer que irão a bom recado e que de sua ida e trato senão seguirá prejuijo allgũ nem iso mesmo irão de huas capitanias pera outras por terra sem licença dos ditos capitães ou dos provedores posto que seja por terra que estèm de paz por evitar allgũs inconvenientes que diso seguem sob pena de ser açoutado sendo pião e sendo de moor calidade paguará vinte cruzados ametade pera os cativos e a outra metade pera quem o acuzar. / E os ditos provedores não darão a dita licença senão em auzencia do capitão.

24 porque a principal cousa que me moveo a mandar povoar as ditas terras do Brazil foy pera que a jente delas se con-

vertese a nosa santa fee catolica vos encomendo muito que pratiqueis co'os ditos capitães e officiaes a milhor maneira que pera iso se pode ter e de minha parte lhes direis que lhes aguardecerey muyto terem especiall cuidado de os provocar a serem xpaõs e pera eles mais folgarem de ho ser tratem bem todos os que forem de paz e os favoreção sempre e não consintão que lhes seja feita opreção nem agravo allgũ e fazendo-se-lhe lho fação corregir e emendar de maneira que fiquem satisfeitos e as pesoas que lhos fizerem sejam castigados como for justiça.

25 ey por bem que com os ditos capitães e officiaes asenteis os preços que vos parecer que onestamente podem valer as mercadorias que na terra ouver e asy as que vão do reino e de quaes quer outras partes pera terem seus preços certos e onestos conforme a calidade de cada terra e por eles se venderem trocarem e escaybarem.

26 quando asy fordes correr as ditas capitanias irá comvosco Antonio Cordozo de Barros que envio por provedor moor de minha fazenda ás ditas terras do brazill e em cada hũa das ditas capitanias vos enformareis se ha nelas officiaes de minha fazenda e porque provizões servem e não os avendo vereis se são necessarios e sendoo os provereis com parecer do dito provedor moor de minha fazenda pera que sirvão atee eu deles prover.

27 e asy vos enformareis das rendas e direitos que em cada capitania tenho e me pertencem e como se arrecadarão e despenderão atee agora o que fareis com o dito provedor moor conformandovos em tudo com o seu regimento em que isto mais largamente vay decrarado.

28 eu são enformado que nas ditas terras e povoações do brazill aa allgũas pesoas que tem navios e caravelões e andão neles de huas capitanias pera outras e que por todallas vias e maneiras que podem salteão e roubão os jentios que estão de paz e enguanozamente os metem nos ditos navios e os levão a vender a seus imiguos e a outras partes e que por iso os ditos jentios se alevantão e fazem guerra aos xpaõs e que esta foy a principal cauza dos danos que atee aguora são ffeitos e porque cumpre muito a serviço de Deos e meu prover nisto de maneira que se evite, ey por bem que daquy em diante pesoa

allgũa de qualquer calidade e condição que seja não vaa saltear nem ffazer guerra aos jentios por terra nem por maar em seus navios nem em outros allgũs sem vosa licença ou do capitão da capitania de cuja juridição for posto / que os taes jentios estem alevantados e de guerra o qual capitão não dará a dita licença senão nos tempos que lhe parecerem convenientes e a pessoa de que confie que farão o que devem e o que lhe ele ordenar e mandar / e indo allgũas das ditas pesoas sem a dita licença ou eycedendo o modo que lhe o dito capitão ordenar quando lhe der a dita licença encorrerão em pena de morte naturall e perdimento de toda a sua fazenda ametade pera redenção dos captivos e a outra metade pera quem o acuzar e este capitolo fareis noteficar e apregoar em todas as ditas capitanias e treladar nos livros das camaras delas com decraração de como se asy apregoou.

29 os que forem a tratar e a neguociar suas fazendas por maar de hũas capitanias para outras em navios seus ou doutras pesoas ao tempo que se cameçarem a correguar e asy antes de saire do porto e farão saber ao provedor de minha fazenda que estiver na capitania onde o tal navio se aperceber para fazes as deligencias que lhe em seu regimento mando acerqua das mercadorias que se nos ditos navios amde carreguar e no modo que amde ter em os descarreguar nos luguares pera onde as levarem.

30 ey por bem que daquy em diante pesoa allgũa não faça nas ditas terras do brazill navios nem caravelão allgũ, / sem licença, / a qual lhe vós dareis nos luguares onde fordes presente conforme ao regimento dos provedores das dytas terras capitanias, / porque lhes mando que deem a dita licença onde vós não estiverdes / E trabalhareis com as pesoas que vos pedirem licença pera fazerem os ditos navios que os fação de remo e sendo de quinze bancos ou dahy pera sima e que tenha de banco a banco tres palmos de guoa, / ey por bem que não paguem direitos nas minhas allfandeguas do reino de todallas monições e aparelhos que pera os ditos navios forem nesesarios, / e fazendo-os de dezoito bancos e dahy para cima ajão mais corenta cruzados de mercê aacusta de minha fazenda pera ajuda de os fazerem

como todo he conteudo no regimento dos ditos provedores, / os quaes corenta cruzados lhe amde ser paguos das minhas rendas das ditast erras do brazill na maneira que se contem no regimento do dito provedor moor.

31 parecendovos que em algũa das ditas capitanias se deve de fazer algũ navio de remo á custa de minha ffazenda, / o mandareis fazer e o dito provedor moor darão ordem como se faça. E asy lhe ordenareis artelharia necesaria com que posa andar bem armado coando comprire tudo se carreguará em receita sobre o meu allmoxarife como se contem no regimento do dito provedor moor.

32 — porquanto por direito e polas leis e ordenações destes reinos he mandado que se não dêm armas amouros nem a outros infieis porque de se lhes darem se segue muito de serviço de noso senhor e prejuizo aos xpaõs mando que pesoa allguã de qualquer calidade e condição que seja não dem aos jentios da dita terra do brazill artelharia arcabuzes espingardas polvara nem monições pera elas / beestas lanças espadas e punhaes nem manchis nem fouces de cabo de paau nem facas da Alemanha nem outras semelhantes nem allguãs outras armas de qualquer feição que forem asy ofensivas e defensivas / e qualquer pesoa que o contrario fizer mora por iso morte natural e perca todos seus beis a metade pera os captivos e a outra metade pera quem o acuzar, E mando aos juizes de cada povoação das capitanias da dita terra do brazill / que quando tirarem a devasa *feiral* geral que são obrigados a tirar em cadanno sobre os oficiaes / perguntem tambem por este cazo e achando algus culpados procederão contra elles pola dita penaa conforme a minhas ordenações / e isto se (não) entenderá em machadynhas, machados, *nem facas pequenas* de fouces de cabo redondo podões de mão cunhas nem facas pequenas de tachas e tizouras pequenas de duzias / porque estas couzas poderão dar aos jentios / e tratar com elas e correrão por moeda como até aguora correrão pollas taixas que lhes forão postas / e este capitolo fareis apregoar em cada hua das ditas capitanias e registar nos livros das camaras delas / co'decraração de como se asy apregoou / e posto que digua que esta defeza se não entenda em machados machadinhas fouces de cabo rodondo podões de mão

cunhas ou facas dequenas e tezouras de duzias ey por bem que em tudo se entenda a dita defeza atee eu vos mandar despensação do papa pera se poder fazer.

33 porque para defenção das fortalezas e povoações das ditas terras do brazill he necessario aver nelas artetharia e monições e armas ofensivas e defensivas pera sua segurança / ey por bem e mando que os capitães das capitanias da dita terra e senhorios dos enjenhos e moradores da terra tenhão artelharia e armas seguintes / a saber cada capitão em sua capitania será obrigado a ter ao menos dous falções e seis berços e seis meyos berços e vinte arcabuzes ou espingardas e polvara pera iso necesaria e vinte beestas e vinte lanças ou chuças e quarenta espadas e corenta corpos darmas dalgodão das que na dita terra do brazill se costumão / e os senhorios dos enjenhos e fazendas que por este regimento amde ter torras ou cazas fortes terão ao menos quatro berços e dez espingardas com a polvara necesaria e dez beestas e vinte espadas e dez lanças ou chuças e vinte corpos darmas dalgodão / e todo morador das ditas terras do brazill que nelas tiver cazas terras ou agoas ou navio terá ao menos beesta espingarda espada lança ou chuça / e este capitolo fareis noteficar e apregoar em cada huã das ditas capitanias com decraração que os que não tiverem a dita artelharia polvora e armas se provejão delas aa noteficação a hu anno e pasado o dito anno tempo e achando-se que as não tem pagarão em dobro a valia das armas que lhe falecerem das que são obrigados a ter / aa metade pera os cativos e a outra metade pera quem os acuzar.

34 odito provedor moor terá cuydado quando correr as ditas capitanias de saber se as pesoas acima decraradas tem as ditas armas e de eyxecutarem as penas sobreditas nos que nelas incorrerem e quando elle não for correr as ditas capitanias fará em cada hũa delas esta deligencia o provedor de mynha fazenda que estiver na dita capitania e do que o tal provedor achar faraa autos que enviaraa ao dito provedor moor pera proceder por eles segundo forma deste capitolo e querendo allgũas das ditas pesoas proverse laa das ditas couzas ou dalgũas delas ey por bem que se lhes dem dos meus almazeis avendo-as neles polos preços que acharem que me la custão postas e a dita deligencia

fará o dito provedor moor ou os ditos provedores na artelharia e armas que os capitães são obriguados a ter e com as outras pesoas farão os ditos capitães sómente ey por bem que o dito provedor moor ou os ditos provedores fasão a dita deligencia

35 porque por bem do forall dado as capytanias das ditas terras pertencem a my todo o paao do dito brazill e pesoa algũa não pode nele tratar sem minha licença e ora sou enformado que as pesoas a que por minhas provisões tenho concedido licença pera poderem trazer algua contidade do dito paao ou resguatão por muitos maiores preços do que soya e deve de valer e por o averem com mais brevidade encarecem o dito resguate de que se segue e pode seguir muitos inconvenientes ey por bem que em cada capitania com o dito provedor moor de minha fazenda capitão e oficiaes e outras pesoas que vos bem parecer pratiqueis a maneira que se deve de ter pera que as pesoas a que asy tenho dadas as ditas licenças posão aver o dito paao com o menos prejuizo da terra que poder ser e lhes limiteis os preços que por elle ouverem de dar nas mercadorias que correm na terra em luguar de dinheiro e o que sobre yso se asentar se escreverá no livro da camara pera dahy em diante se comprir.

36 eu são enformado que muitas pesoas das que estão nas ditas terras do brazill se pasão de hũa capitanias a outras sem licença dos capitães delas de que se seguem algus inconvenientes e querendo niso prover ey por bem que as pesoas que estiverem em qualquer das ditas capitanias e se quizerem ir pera outra algũa pesão pera isso licença ao capitão a qual lhe ele dará não tendo ao dito tempo tall necesidade de jente pera que lha deva deixar de dar a dita licença se enformará primeiro se a tall pesoa viveo ou esteve por solldada ou qualquer outro partido co' pesoa algũa outra pesoa e se comprio o tempo de sua obrigação e achando que o comprio e não he obriguado a pesoa algũa lhe dará a dita licença e lhe pasará pera iso sua certidão em que o asy decrare e levando a dita pesoa a dita certidão será recolhido em qualquer outra capitania pera honde ffor e não a levando o capitão dela o não recolherá e recolhendo-o ey por bem que encorra em pena de cincoenta cruzados a me-

tade pera os cativos e a outra pera quem o acuzar e isto não averá luguar nos degradados porque estes estarão sempre nas capitanias donde forem desembarcar quando destes reinos forem levados sem poderem pasar dahy pera outra capitania este capitolo se apregoará em cada hũa delas e se registará nos livros das camaras.

37 — porque hũa das principaes cousas que mais compre pera se as ditas terras do brazill melhor poderem povoar he dar ordem como os cosarios que a elas forem sejão castiguados de maneira que não se atrevão a ir laa, / vos encomendo muito que tenhaes especial cuidado de tanto que souberdes que ha cosarios em allgũa parte da dita costa irdes a elas c'o os navios e gente que vos parecer bem e trabalhareis polos tomár e tomando-os procedereis contra ele de maneira que se contem em hũa provizão minha que pera iso levaes, / e não podendo vcs ir em pesôa ou parecendo-vos por allgũas rezões mais meu serviço não irdes mandareis em voso loguar hũa pesoa de confiança que vos bem parecer ao qual dareis por rejimento o que deve faser.

38 e porque pera isto se poder bem fazer e pera melhor guarda e defensão do maar e da terra será necesario aver allgũs navios de remo nas capitanias onde os ditos cosarios mais acostumao de ir vos com o dito provedor moor de minha fazenda e com os capitães provedores e oficiaes das taes capitanias e com as mais pesoas que vos parecer que o bem entendem / praticareis a maneira que se terá pera se fazerem os ditos navios de remo e de que tamanho e em que capitanias se farão e a maneira de que se poderão soster prover e armar quando for necesario e quantos devem de ser e a cuja custa se devem de fazer e que capitanias recebem disto mais favor pera contribuirem nas despezas necesarias pera iso e do que asentardes, fareis auto que me enviareis pera com vosa enformação prover niso como ouver por meu serviço.

39 como ffordes na dita bahia escrevereis aos capitães das outras capitanias que tanto que souberem que na dita costa ha cosairos volo escrevão enformando-se primeiro das velas que são e de que tamanho e da gente que trazem e a paragem em que estão pera vos proverdes niso pola maneyra sobredita ou como

vos parecer maes meu serviço e que entretanto acudão a yso tendo aparelho pera o seguramente poderem fazer.

40 porque se haverei por muito meu serviço descobrir o maes que poder ser pelo sertam adentro da terra da babia vos encomendo que tanto que ouver tempo e despozição para se bem poder fazer ordeneis de mandar allgũs bargantis toldados e bem providos do necesario pelo rio do peracun de Sam Francisco com lingoas da terra e pesoas de confiança que vão por os ditos rios acima o maes que poderem aapartes do llo este e por honde forem ponhão padroens e marcos e de como os poserão fação asentos autenticos e asy dos caminhos que fizerem e de todo o que acharem e o que nisto fizerdes e o que soceder e mescrevereis meudamente.

41 e mando-vos que as couzas coutendas neste regimento cumpraes e façaes cumprir e aguardar como de vos confio que o fareis Geronimo Corrêa o ffez em allmeirim aos 17 de dezembro de 1548.

42 se allgũus degradados que forem pera as ditas partes do brazill me serviremlla em navios da armada ou na terra em qualquer outra couza de meu serviço per honde vos pareça que devem de ser abilitados pera poderem servir quaesquer oficios asy da justiça como de minha ffazenda ey porbem que vós os encarregueis dos ditos oficios coando ouver necesidade de proverdes de pesoas que os sirvão e ysto se não entendera nos que forem degradados por furtos ou falsidades.

43 as pesoas que nos ditos navios darmada ou na terra em qualquer outra couza de guerra servirem em maneira que nos pareça que merecem ser feytos cavaleiros ey por bem que os façaes e lhes paseis provizão de como os asy fizestes e da cauza porque o merecerão.

44 quando vos parecer bem e meu serviço mandardes paguar a allgũas pesoas do ordenado ou soldo que ouverem daver allgũa parte adiantada ou dardes allgũas dadivas a quasquer pesoas que sejão ey por bem que o posaes fazer e as dadivas não pasarão de cem cruzados por anno

45 posto que em allgũs capitolos deste regimento vos mande que façaes guerra aos gentios na maneira que nos ditos

capitolos se conthem e que trabalheis por castiguardes os que forem culpados nas cousas passadas / avendo respeito ao pouco entendimento que esa gente atteegora tem a qual cauza demenue muito em suas culpas e que pode ser que muitos estarão arrependidos do que fizerão avarei por meu serviço que conhecendo eles suas culpas e pedindo perdão delas se lhe conceda e ainda averei por bem que vós pola melhor maneira que poderdes os traguais a iso porque como o principal intento meu he que se convertão a nossa santa fée, loguo he rezão que se tenha com eles todos os modos que poderem ser pera que o façaes asy. E o principal ade ser escuzardes fazerde lhes guerra porque com ela se não pode ter a comunicação que convem que se com eles tenha pera o serem.

46 levareis o trelado da ordenação porque tenho mandado que em meus reinos e senhorios não possa pesoa algũa de qualquer caledade que seja trazer borcados nem sedas nem outras couzas contendas na dita ordenação e tanto que cheguardes a dita bahia o madareis loguo noteficar nela e enviareis o trelado da dita ordenação asinado porvós as outras capitanias pera que se pobrique nelas e se guarde inteiramente e da dita noteficação se fara auto em cada capitania o qual se tresladará com a dita ordenação no livro da camara pera do dia da noteficação em diante se eyxecutar as penas da dita ordenação nas pesoas que nelas encorrerem

47 porque parece que sera grande inconveniente os gentios que se tornarem xpaõs morarem na povoação dos outros e andarem mesturados co'eles e que será muito serviço de deus e meu apartaremnos de sua conversação vos encomendo e mando que trabalheis muito por dar ordem como os que forem xpaõs morem juntos perto das povoações das ditas capitanias pera que conversem com os xpaõs e não co' os gentios e posão ser doutrinados e ensinados nas couzas de nosa santa fée e os meninos porque neles imprimirá melhor a doutrina trabalhareis por dar ordem como se fação xpaõs e que sejão ensinados e tirados da conversação dos gentios e aos capitães das outras capitanias direis de minha parte que lhes guardecerei muito ter cada hũa cuidado de asy o fazer em sua capitania e os meninos estarão

na povoação dos portuguezes e em seu ensino folguarei de se ter a maneira que vos dixe

48 quando soberdes algũas couzas que não forem providas por este regimento vos parecer que compre a meu serviço porem-se em obra vos a praticareis com meus oficiaes e com quaesquer outras pesoas que virdes que nelas vos poderão dar enformação ou conselho e com seu parecer as fareis / e sendo caso que vos sejais emdiferente parecer do seu ey por bem que se faça o que vos ordenardes e das taes couzas se farão asento em que se decrarará as pesoas com as patricas e o parecer delas e o voso pera mo escreverdes com as primeiras cartas que azoz iso me emviardes.

CARTA REGIA DA CREAÇÃO DA CAPITANIA DO RIO NEGRO
3 DE MARÇO DE 1755

(COPIADA DO DOCUMENTO N. 127 PERTENCENTE AO ARCHIVO DO INSTITUTO)

Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Governador e Capitão General do Grão Pará e Maranhão. Amigo. Eu El Rey vos envio muito saudar. Tendo consideração do muito que convem ao serviço de Deos e Meu, e ao bem commum dos meus Vassallos moradores nesse Estado, que nelle se augmente o numero dos Fieis allumiados da Luz do Evangelho pelo proprio meio de multiplicação das Povoaçoens Civiz, e decorosas, para que atrahindo a si os racionaes que vivem nos vastos Sertoens do mesmo Estado, separados da nossa Santa Fé Catholica e athé dos dictames da mesma natureza calhando alguns delles na observancia das Leys Divinas e humano soccorro, descanso temporal e eterno sirvão de estimulo aos mais que ficarem nos Matos para que imitando tão saudaveis exemplos busquem os mesmos beneficios: Attendendo a que aquella necessaria observancia de Leys se não conseguira para produzir tão uteis effeitos. se a vastidão do mesmo Estado, que tanto difficulta o recurso as duas Capitanias do Grão Pará e de S. Luiz do Maranhão senão subdividisse em mais alguns governos, a que as Partes possão recorrer para conseguirem que se lhes administre justiça com mayor brevidade e sem a vexação de serem obrigados a fazer tão longas e penozas viagens como agora fazem. Tenho resoluto estabelecer hum terceiro Governo nos Confins Occidentaes desse Estado cujo chefe será denominado Governador da Capitania de S. José do Rio Negro.

O Territorio do sobredito Governo se extenderá pelas duas partes do Norte e do Occidente athé as duas Rayas Septentrional e Occidental dos Dominios de Hespanha e pelas outras duas partes

do Oriente e do meio dia lhe determinareis os limites que vos parecerem justos e competentes para os fins acima declarados.

Para a residencia do mesmo Governador.

Sou servido mandar erigir logo em Villa a Aldêa que mandei novamente estabelecer entre a bocca Oriental do Rio Javary e a Aldêa de S. Pedro que administrão os Religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo. E por favorecer aos meus Vassallos, que habitarem na referida Villa: Hey por bem que tenham e gozem de todos os prêvilegios e prerogativas que tem e de que gozam os officiaes da Camera da Cidade do Grão Pará Capital desse Estado para o que se lhes passará Carta em fórma.

Os officios de Justiça da mesma Villa não serão dados de propriedade nem de serventia a quem não for morador nella. Entre os seus habitantes os que forem cazados prefirão aos solteiros para as propriedades e serventias dos ditos officios. Porém os mesmos moradores solteiros serão preferidos a quaesquer outras pessoas de qualquer prerogativa e condição que sejam ou destes Reynos ou do Brazil, ou de qualquer outra parte, de sorte que só aos moradores da dita Villa se dem estes officios.

E por mais favorecer os outros moradores: Hey por bem que não paguem mayores Emulumentos aos officiaes de Justiça ou Fazenda do que aquelles que pagão, e pagarem os moradores da cidade do Pará assim pelo que toca a escripta dos Escrivaens, como pelo que pertence as mais diligencias que os ditos officiaes fizerem.

Por favorecer ainda mais aos sobreditos moradores da referida Villa e seu Districto, Hey por bem de os isentar a todos de pagarem fintas, talhas, pedidos e quaesquer outros tributos : E isto por tempo de doze Annos que terão principio no dia da fundação da dita Villa, em que se fizer a primeira eleição das Justiças que hão de servir nella : Exceptuando somente os Dizimos devidos a Deos, dos fructos da terra os quaes deverão pagar sempre como os mais moradores do Estado.

E pelo que desejo beneficiar este novo Estabelecimento, sou servido que as pessoas que morarem dentro na sobredita Villa não possão ser executadas pelas dividas que tiverem contrahido fora della e do seu Districto. O que porem se entenderá

somente nos primeiros tres Annos contados do dia em que os taes moradores se forem estabelecer na mesma Villa ou seja na sua fundação ou no tempo fucturo.

Bem visto que deste Privilegio não gozem os que se levantarem ou fugirem com fazenda alhêa a qual seus legitimos donos poderão haver sempre pelos meyos de Direito por serem indignos desta Graça os que tiverem tão escandaloso e prejudicial procedimento.

E para que a referida Villa se estabeleça com mayor facilidade e estas Mercês possão surtir o seu devido effeito. Sou servido ordenar-vos que approveitando a occasião de vos achares dessas partes; passando a referida Aldea depois de haveres publicado por Editaes o conteudo nesta, e de haveres feito relação dos moradores que se offerecerem para a Povoar como convoqueis todos para determinado dia no qual sendo presente o Povo determinareis o lugar mais proprio para servir de Praça fazendo levantar no meyo della o Pelourinho; assignando Area para se edificar huma Igreja capaz de receber hum competente numero de freguezes quando a Povoação se augmentar, como tambem as outras Areas competentes para as casas das Vereaçoens e Audiencias, Cadeas, e mais Officinas publicas; fazendo delinear as casas dos moradores por linha recta, de sorte que fiquem largas e direitas as ruas.

Aos Officiaes da Camara que sahirem eleitos e aos que lhe succederem ficará pertencendo darem gratuitamente os terrenos, que se lhes pedirem para casas e quintaes nos lugares que para isso se houverem delineado so com a obrigação de que as ditas cazas sejão sempre fabricadas na mesma figura uniforme pela parte exterior, ainda que na outra parte interior as faça cada um conforme lhes parecer para que desta sorte se conserve sempre a mesma formusura na Villa e nas ruas della a mesma largura que se lhes assignar na fundação.

Junto da mesma Villa ficará sempre um Districto que seja competente não só para nelle se poderem edificar novas cazas na sobredita forma, mas tambem para logradouros publicos.

Este Districto se não poderá em tempo algum dar de Sesmaria, nem de aforamento em todo ou em parte sem especial

ordem Minha que derogue esta, porque sou servido que sempre fique livre para os referidos effeitos.

Para Termo da referida Villa assignareis na sua fundação aquelle Territorio que parecer competente.

E nelle poderão os Governadores dar de Sesmaria toda a mais terra que ficar fóra do sobredito Districto dando-se porem com as clausulas e condiçoens, que tenho ordenado exceto no que pertence a extenção da terra que tenho permittido dar a cada morador; porque nos contornos da dita Villa e na distancia de seis legoas ao redor della não poderão dar de Sesmaria a cada morador mais do que meya legoa em quadro para que augmentando-se a mesma Villa possão ter as suas Datas de terras todos os moradores fucturos.

Permitto comtudo que dentro da sobredita distancia de seis legoas se conceda huma Data dé quatro legoas de terra em quadro para administrarem os Officiaes da Camera para do seu rendimento fazerem as despezas e Obras de Conselho aforando aquellas partes da mesma terra que lhes parecer conveniente, comtanto que observem o que a Ordenação do Reyno dispoem a respeito destes aforamentos.

Fora das ditas seis legoas darão os Governadores as Sesmarias na forma das Ordens que tenho estabelecido para o Estado do Brazil.

Depois de havores determinado os limites do novo Governo que mando estabelecer, encarregareis delle interinamente athe eu nomear Governador a pessoa que vos parecer que com mais authoridade, desinteresse, e zelo do Serviço de Deos e Meu e do bem commum daquelles Povos pode exercitar hum lugar de tantas consequencias e promover hum novo estabelecimento que é tão importante.

Similhantemente depois de haver determinado a fundação da Villa na referida forma impondo-lhe o nome de Villa Nova de S. José elegereis as pessoàs que hão de servir os Cargos della como se acha determinado pela ordenação.

O Hey por bem que na mesma Villa haja (por ora) dous Juizes Ordinarios, dous Vereadores, hum Procurador do Conselho, que sirva de Thezoureiro; hum Escrivão da Camera, que sirva

tambem do Almotacena ; e hum Escrivão do Publico Judicial e Notas, que sirva tambem das Execuçoens.

O que se entende emquanto a Póvoação não carecer de sorte, que sejão necessarios nella mais Officiaes de Justiça por que sendo-me prezente a necessidade que delles houver proverei os que forem precizos.

E chegando os moradores ao numero declarado na Ley da creação dos Juizes dos Orphãos se procederá na eleição delle conforme dispoem a mesma Ley. Os officiaes da Camera farão eleição dos Almotaceis, e se constituirá Alcaide na forma da Ordenação, tendo seu Escrivão da Vara.

As serventias dos Officiaes do provimento dos Governadores, provereis nas Pessoas mais capazes sem donativo, pelo tempo que podeis emquanto Eu não dispozer o contrario.

E para conhecer dos Aggravos e Appellaçoens, tenho nomeado Ouvidor da nova Capitania com Correcção e Alçada em todo o seu Territorio.

O que tudo me pareceo participar-vos para que assim o executeis, não obstantes quaesquer Ordens ou dispoziçoens contrarias, promovendo a fundação do dito Governo e Villa, Capital delle, com o cuidado e acerto que espero do zelo com que vos empregaes no meu Real Serviço.

Cumpra em Lisbôa a 3 de março de 1755. — Rey.

EXCURSÃO AO SALTO DA GUAYRA OU SETE QUEDAS PELO CAPITÃO NESTOR BORBA — NOTAS E CONSIDERAÇÕES GERAES PELO ENGENHEIRO ANDRÉ REBOUÇAS.

DESCRIPÇÃO DA VIAGEM ÁS SETE QUEDAS

Ha muito tempo que nutriamos desejos de visitar a catarata das Sete Quedas, ou Salto de Guayra, que conheciamos unicamente pelas descripções feitas, no seculo passado, por Azara e pelos commissarios portuguezes, demarcadores dos limites entre o Brazil e as possessões hespanholas ; mas que, por incompletas, não satisfaziam nossa curiosidade.

Resolvemos ir verificar o que havia de verdadeiro a esse respeito.

Communicando esse projecto ao Exm. Sr. Dr. Adolpho Lamenha Lins, presidente da provincia, e Dr.Tourinho, director da estrada de Matto-Grosso, ambos, que seja-nos licito confessar com prazer, tomam mais interesse pelo desenvolvimento e prosperidade desta provincia, do que a mór parte de seus filhos, animaram-nos a levar por diante essa tentativa, dando-lhe importancia, que nós não lhe ligavamos, pois que, diziam, tratava-se de verificar a possibilidade de construir uma ponte sobre aquelle Salto, uma das idéas capitaes da memoria do Dr. Tourinho sobre a via-ferrea para Matto-Grosso, prolongando-se através do Paraguay e Bolivia.

Animados por esses cavalheiros e por poucos outros, residentes nesta capital, em cujo numero limitado mencionamos os nomes dos Srs. José de Barros Fonseca, Luiz Perigot e o capitão

Previsto Columbia, emprehendêmos a viagem, que realizámos com o mais feliz exito.

Não descrevemos uma viagem poetica ; porque o fim desta excursão não era admirar a natureza, como simples tourista, mas sim colher exactos conhecimentos das regiões, que pretendiamos reconhecer, e rasgar, por assim dizer, esse véo mysterioso, que ha quasi um seculo, escondia com versões espantosas, uma das mais bellas maravilhas da natureza.

Partimos desta cidade no dia 4 de Dezembro de 1875, levando um pantometro para levantamento de plantas e uma camara escura para tirar vistas.

No dia 17 chegámos á colonia de Jatahy, gastando 11 dias de viagem.

Communicando o projecto ao nosso estimado irmão Telemaco Borba, abraçou-o com verdadeiro enthusiasmo, pondo á nossa disposição suas canôas e tudo, quanto pudesse mais prestar-nos.

Accordámos que partiriamos juntos ; encarregando-se elle da direcção da expedição e nós dos outros trabalhos.

Organisada a mesma expedição, que ficou composta de uma canôa grande, carregada de mantimentos, e de uma menor para caça, tripulada por dez camaradas, sendo dous brasileiros e oito individuos Cayguás e Guaranys e mais dous coroados para nos servirem de interpretes com os do Paqueré, resolvêmos nossa partida.

No dia 1º de Janeiro de 1876, desde as oito horas da manhã, affluia ao porto, onde estavam nossas canôas promptas, tremulando em uma dellas o pavilhão brasileiro, o povo de Jatahy e de S. Pedro de Alcantara, que lhe fica fronteiro, para, diziam elles, dar o ultimo adeus, aquella pobre gente (como nos chamavam) que não tinha esperança de tornar a ver ; por entre vivas enthusiastas de uns, acclamações de outros e lagrimas de muitos, partimos ás 10 horas da manhã, navegando o Tibagy.

No dia 3 entrámos no Paranapanema, e a 5 chegámos ao aldeiamento de Santo Ignacio, onde fomos recebidos e obsequiados pelo director — Sr. José Antonio Vieira de Araujo e sua Exma. familia, com tanta bondade, que muito nos captivou, pelo que lhes rendemos aqui sinceros agradecimentos.

No dia 6 continuamos a viagem pelo Paranapanema.

No dia 10, ás 41|2 da manhã, não era bem claro ainda, indo nós na tolda da canôa, ouvimos o proeiro dizer, com muito respeito — *Bom dia Paraná*. Entrámos nas aguas do magestoso rio.

O medo, que os camaradas tinham de navegal-o, manifestou-se claramente no cumprimento respeitoso que lhe dirigio o proeiro, naturalmente em nome de toda a tripolação.

Atravessámos o Paraná para a margem direita por ser nossa tenção descer por ella, reconhecendo sua costa e subir pela outra, não obstante ter sido ella explorada e estudada, até a bocca do Ivinheima por duas commissões scientificas, as quaes não fazem caso de pequenas, cousas, porque veem tudo por um oculo.

Passámos, nesse dia, a bocca de Samambaia, que se reconhece perfeitamente pela côr preta de suas aguas, que turvam as do Paraná pela costa até grande distancia.

No dia 11, em consequencia de grande tormenta de vento e chuva, que não nos deixava navegar, fomos obrigados a subir o Curupanã, uma das boccas do Invinheima, que, nesse lugar, passa a 300 metros do Paraná, e que tem 40 metros de largo e 5 de fundo, resolvêmos descer pelo Ivinheima, que nos offerecia mais commoda viagem.

No mappa, que levámos, organisado pela commissão Lloyd, marcava uma ilha formada pelo Ivinheima ; entretanto verificámos ser essa ilha formada pelo Naranhay, que desagua no Ivinheima, por duas boccas, e é navegavel até alguma distancia, tendo a uma legua, mais ou menos, de sua foz campos, onde residem algumas tribus Caygnás.

No dia 12, ás 2 horas da tarde, entrámos de novo nas aguas do Paraná e as navegámos.

No dia 13 chegámos á bocca do Samambaiagussú e não Amambahy Guassú, [1] como está no mappa ; mede este rio a

---

[1] Parece haver engano ; o Ivinheima ao confluir no Paraná fórma um delta, cortado por muitos canaes, e de muito difficil topographia : os rios Samambaya-mirim e Samambaya-guassú ahi confluem ; o rio Amambay-guassú é muito distincto, fica ao sul da serra dos Dourados.

largura de 40 metros e quatro de fundo ; suas margens são paludosas até grande distancia, sendo seu curso navegavel por canôas e nascendo em campos onde residem indios Guaranys, segundo nos informou um dos camaradas. Seguimos viagem ; passámos pela bocca do Maracahy de 15 metros de largura e dous e meio de fundo, tambem navegavel até alguma distancia, e fomos pousar nas costas do Itaquatia *(pedra pintada)*, que são bellissimas e formadas de paredões de grés vermelho com pintas brancas, de 20 metros de altura sobre o nivel do rio, cortados a pique ; em cima estende-se uma planicie immensa.

No dia 14 continuámos a navegar por essa costa, que tem enseadas lindissimas ; em uma dellas, onde desagua o Itaquaray, encontrámos umas ruinas de grande povoação. [2]

Transcreveremos para aqui o que a respeito escrêvemos na nossa carteira de apontamentos... « Logo que cheguei ao Itaquarahy, onde pretendia almoçar, entrei no matto levando espingarda para caçar motuns, que havia em abundancia ; a poucos passos encontrei as ruinas de uma povoação: conhecem-se estas pelos montes de terra, regularmente alinhados ; que com difficuldade se veem ; porque nos lugares onde foram povoações, a floresta é tão espessa como em outra qualquer parte ; em nenhuma das ruinas encontradas nas costas do Paraná e de seus affluentes, que faziam parte da provincia de Guayra, se viu ainda vestigio algum de construcção de pedra e cal ; seus edificios, ou eram de páo a pique barreado, ou de taipa.

« Tomei vereda pelo alinhamento de uma rua, passei para outra a ver se encontrava alguma cousa, e depois de muito fatigado, sentei-me em um grande monte de terra, onde certamente foi um edificio importante, e fiz commigo mesmo a seguinte

---

[2] Segundo um mappa argentino, que possuo, estas ruinas são de Ontiveros ; outros opinam que Ontiveros ficava na foz do rio Taquary, ou S. Francisco, confluente da margem esquerda do Paraná, abaixo do Salto das Sete Quedas.

(André Rebouças.)

reflexão:— Será possivel que lugares onde houve povoações importantes e que floresceram o commercio, a lavoura e a civilisação, que possuiam vias de communicação terrestre e fluviaes, sejam habitadas por selvagens e feras, e inteiramente desconhecidos ?.....»

Proseguimos na viagem.

No dia 15 fallàmos com indios Guaranys, que moravam no Iguatemy ; passámos a bocca deste rio, que tem 50 metros de largo e 4 de fundo ; margens paludosas até pouca distancia navegavel e que rega campos formosissimos, segundo nos disseram os indios.

No dia 16, ás 8 horas da manhã, chegámos as Sete Quédas.

Antes de proseguirmos devemos dizer que o Iguatemy dista do Salto pouco mais de uma legua, e que para se chegar a uma pequena ilha, que chamámos — do Abrigo — abaixo donde o rio começa a inclinar-se e tem uma corrente de arrecifes, que o atravessam, não tem perigo algum a navegação.

Depois de termos estabelecido regularmente nosso acampamento, seguimos por terra, abrindo picada, e tendo caminhado cerca de dous kilometros chegámos ao Grande Salto.

A primeira impressão que sente-se ao contemplal-o, é de espanto ! Um camarada, que nos acompanhava, homem rude e naturalmente insensivel de admirar a natureza, depois de haver por alguns instantes, de bocca aberta, contemplado o quadro que tinha diante de si, disse com um gesto, que lhe é familiar, e que exprime a maior admiração:

— « Eh ! pucha... diabo !...

O resto desse dia e dos dias 17, 18 e 19 passámos levantando a planta do Salto, e tirando suas vistas, não podendo tomar todas que desejavamos, pela difficuldade de collocar a machina em posição favoravel, [3] devido á formação do terreno.

---

[3] Convém ter em lembrança que o denodado capitão Nestor Borba só pôde contemplar o Salto do Guayra da margem direita, pertencente á Republica do Paraguay.

RESULTADO DO RECONHECIMENTO QUE FIZEMOS NO SALTO

A serra do Maracajú, que, nesse lugar, é mais que um espigão de pequena altura, elevando-se com 10 %, desenvolve-se de NNO. para SSE. pelo lado direito do Paraná ; outro espigão, ou serra, como lhe chamam, que acampanha o Paraná pela margem esquerda da [4] desde a foz do Paranapanema, e que é cortado pelo Ivahy no Pary dos Coroados ; pelo Piquiry na corredeira do Nha Barbara, estende-se da bocca do Piquiry para baixo, de NE.para SE. formando esta serra com a do Maracajú um angulo de 67 °—36 ; do vertice desse angulo o seguem ambos pararellos de N. para S.

Esta é a disposição do terreno ; póde qualquer curioso ao ler esta descripção ir riscando com o lapis sobre um papel, ou um cavaquinho na arêia, a serra de Maracajú e outra serra ; formar o angulo e deixar um canalzinho no vertice para ver como todo o rio se precipita por alli.

O rio corre do Piquiry para baixo de. NE para SE. formando uma enseada de quasi uma legua de largura pelo vertice do angulo formado pelas duas serras ; precipita-se por um canal que chamaremos grande, que corre de N. para S. de 40 metros de lar gura, no principio e que desce alargando-se irregularmente ; por um plano de inclinação de 25 ° sobre este canal despenham-se outros menores de ambos os lados, que variam de largura, entre 35 e 10 metros de comprimento, formando angulos com o canal grande : estes, em seu principio, são saltos aparados baixos ; os primeiros vão crescendo de altura, proporcionaes ao angulo de inclinação, que o canal grande fórma, por isso variam de altura entre 4 e 28 metros : por cima dos rochedos jorram numerosas torrentes, que cahem sobre os canaes.

---

[4] Houve evidentemente um engano na apreciação do systema orologico da margem esquerda do Paraná.

Consultem-se a esse respeito os trabalhos dos engenheiros Keller, Antonio Rebouças e da commissão, dirigida pelos engenheiros Christian Palm e Villiam Lloyd.

(*André Rebouças.*)

Findas as quédas e abaixo do vertice do angulo formado pelas serras o rio corre por um só canal, que tem 60 metros de largura, medida por nós por meio de um triangulo.

Os paredões de ambos os lados teem 34 metros de altura ; são cortados quasi a pique e formados de enormes pedras, que supponho ser grés, de uma côr preta e reluzente, singularidade esta, que não sabemos a que attribuir.

No caso de querer-se construir ahi uma ponte, não se tem de calcular despezas com cabeceiras; porque lá estão ellas promptas, offerecendo a solidez necessaria e uma fórma original.

Agora vamos ver se podemes descrever o que encerra de belleza aquelle salto.

O rio precipita suas aguas com furia indomavel pelo canal grande ; pelos outros menores despenham-se as torrentes com furia igual, ao chocarem-se formam rodomoinho ; enorme, produzindo um estrondo medonho; nessa luta horrivel elevam-se columnas d'agua a uma altura extraordinaria, desfazendo-se em aguaceiro de uma belleza fascinanie ; não só pelas côres do arco-iris, que teMgeralmente, como pelo effeito do sol, que, reflectindo sobre as aguas que se espalham no ar, faz de suas gottas uma chuva de brilhantes.

Estas columnas ora elevam-se no meio do canal, e outras vezes pelos paredões acima, à semelhança do mar batendo os rochedos de suas costas.

O arruido das aguas marulhosas que se batem, unido ao estrondo das quédas, produzem um rumor medonho, que parece pôr em oscillação a terra em derredor.

O homem encara, com respeito assombroso, aquelle prodigio da natureza.

Cada uma das quédas ou saltos é digua de particular admiração, pelo que comprenhende-se que as Sete Quédas não é sómente uma maravilha, porém um conjuncto tão extraordinario dellas, que põem o homem que as admira humilhado e respeitoso ante essa obra de esplendido capricho do Creador.

No dia 20 partimos das Setes Quédas, atravessando o Paraná tres kilometros acima daquelle salto, e ganhámos a margem esquerda. Entrámos no Piquiry, que tem 140 metros de largo,

pouco mais ou menos, e 5 de fundo e demora a legua e meia acima das Sete Quédas. As margens deste formosissimo rio são altas e de paredões de grés vermelho; os terrenos adjcentes salubres e mui proprios para agricultura entre-tropical, abundantissimas em caça, e extraordinariamente piscosas as suas aguas.

O Piquiry é talvez o mais bello rio de nossa provincia. A 21 continuámos nossa navegação rio acima.

Saltámos em terra para almoçar e ahi nos appareceram 22 indios-coroados, que os do Jatahy chamam *cho rens* (homens bravos), os quaes habitam em toda a região entre o Piquiry e o Iguassú, a que denominam *Paigueré*. Significaram-nos todo seu contentamento estes indios pela nossa presença naquelles lugares, instando comnosco [5] para que fossemos residir entre elles, fazendo estabelecimentos, como os do Jatahy, visto não quererem elles mais hostilisar-nos.

Fizemos alguns presentes e continuámos nossa viagem, levando em nossa companhia dous daquelles indios para irem avisar os que moravam em um toldo proximo á margem esquerda do Piquiry, afim de virem fallar comnosco, e na occasião de pol-os em terra accordámos que nos esperariam no outro dia, na proxima corredeira, que tinha ahi para cima. Dormimos essa noite na bocca do primeiro affluente importante da margem esquerda do Piquiry, ao qual denominámos — *S. Nestor*,— usando do direito que nos conferia a circumstancias de sermos os primeiros exploradores daquellas paragens.

No dia 22 continuámos a subir o Piquiry até a corredeira de *Nha Barbara*, nome que tambem démos áquelle lugar.

Ahi nos esperavam cento e tantos indios, dos quaes apenas tres tinham estado entre gente civilisada no Jatahy. Estes

---

[5] E' digno do mais sério estudo este facto.— Que vantagens não conseguiremos do aborigenes de tão boa indole, quando os conduzirmos ao gremio da civilisação.

(*André Rebouças.*)

selvagens andam inteiramente nús, e só as mulheres cobrem a cintura com um panno, que chamam chiripá.

De tudo se admira esta pobre gente; tudo querem ver com uma curiosidade quasi infantil.

Manifestaram grande contentamento em nos ver, e, como lhes promettessemos ir habitar entre elles, instaram comnosco para ficarmos desde logo, mandando gente buscar o necessario para se construirem casas, affirmando-nos, que tinham muito peixe e caça para nos dar a comer. Demos-lhes os brindes que levavamos com esse destino.

Resolvêmos deixar ahi com esses indios os dous coroados, que trouxeramos para servir-nos de interpretes afim de servirem de guia aos que desejassem ir ao Jatahy, reconhecendo ao mesmo tempo todo o terreno entre esses dous pontos, colhendo-se assim duas grandes vantagens: — o adquirir-se conhecimento daquella grande zona de terrenos fertilissimos, e attrahir aquelles selvagens á catechese.

Aproveitando as disposições pacificas dos indios, tratámos de indagar, com toda a minuciosidade, da existencia dos tão procurados campos do Pay-Queré, que são o constante cogitar de muitos de nossos conterraneos. Informaram-nos que, entre o Piquiry e o Iguassú e além destes, não ha outros campos sinão os de Guarapuava e Palmas, que foram outr'ora occupados por seus ascendentes.

Cremos que os indios fallavam com sinceridade.

Para nós não resta a menor duvida de que taes campos não existem; com o que não levantamos barreiras aos que esperam vel-os descoberdos e povoados do mesmo modo porque esperam os sebastianistas de Portugal a volta do grande Rei, montado em cavallo brando em dia nebuloso.

Sendo nossa tenção navegar no Piquiry até onde fosse francamente navegavel, e, tendo diante de nós o primeiro obstaculo, resolvêmos retroceder nesse mesmo dia.

A 23, depois de havermos deixado o Piquiry, começámos a subir o Paraná, e, a pequena distancia daquelle, avistámos um campo de tres leguas de comprimento e uma em sua maior largura na costa da pequena serra que margêa o Paraná.

E' este, sem duvida, o campo que foi visto pela nossa commissão de limites com o Paraguay [6] e que deu causa a conjecturar-se ser o Pay-Queré.

Notámos, em toda a margem esquerda do Paraná, lugares bellissimos e apropriados para estabelecimento de povoações.

Continuámos nossa viagem de regresso sem episodio algum notavel, além das quotidianas caçadas que nos offereciam, com a pesca, alimentação fresca e saborosa.

No dia 14 de fevereiro de 1876, desembarcámos no Jatahy, sendo recebidos por aquelle bello povo com as maiores demonstrações de regozijo ; tendo gasto 45 dias de ida e volta, sem termos de lamentar perda de companheiro algum.

Concluindo não podemos deixar de lembrar o poderoso auxilio que nos proporcionaram a pratica e a coragem do nosso irmão Telemaco Borba.

Curityba, 14 de março de 1876. — O capitão *Nestor Borba.*

Notas e considerações geraes pelo engenheiro André Rebouças

EXCURSÃO AO SALTO DO GUAYRA

A leitura da interessante descripção da bella viagem, que ao Salto do Guayra acaba de fazer o bravo capitão Nestor Borba, despertou-nos idéas, que, de ha muito, esperavam melhores dias para verem a luz.

---

[6] Ha engano. — A commissão de limites só alcançou o Paraná abaixo do Salto das Sete Quédas; não podia ver, portanto, esses campos, situados ao norte do Piquiry.

(André Rebouças.)

Sob a pressão da penuria de nossos recursos actuaes foi, muito a custo e fazendo grande violencia á imaginação, que conseguimos esboçar, mui toscamente, idéas, que se referem ao Brazil no apogeu da riqueza e da prosperidade.

Não é, por certo, o momento de realizar os grandiosos commettimentos, de que vamos tratar.

No entanto, por isso mesmo que é muito grande nosso desanimo, ha uma certa opportunidade em enumerar os thesouros, que o Creador concedeu á nação brazileira, para nos dar conforto e robustecer a fé em um futuro melhor.

E' talvez sómente, collocando-se neste ponto de vista, que poderão ter alguma razão de ser, na actualidade, as linhas que vamos escrever.

I

Em 1870 descobriu-se no interior dos Estados-Unidos, nas cabeceiras do rio Yellow-Stone, junto ás Rocky Mountains, uma região, contendo belezas naturaes indescriptiveis: o Congresso teve e realizou a nobre e patriotica idéa de reservar uma maravilha natural para um — *Parque Nacional* — gigantesco, tendo uma superficie de cerca de 3,035 milhas quadradas.

No perimetro desse parque, digno da nação-prodigio, admiram-se as nascentes do rio Yellow-Stone, a bacia *Fire-Hole*; os grandes Geysers com esguichos de agua quente como os da Islandia; o bellissimo lago Yellow-Stone; as cascatas inferiores e superiores do rio Yellow-Stone; o Grand-Canyon com seus medonhos boqueirões e desfiladeiros; e innumeras nascentes vulcanicas e de aguas quentes.

Bem se vê que é um prodigio a fazer concurrencia ao proprio Niagara!

O segundo caminho de ferro inter-oceanico, o Northern-Pacific-Raylroad, dará um ramal para conduzir os *touristas* a gozar das maravilhas do parque nacional.

Hoje é de rigor, na alta sociedade dos Estados-Unidos, passar o dia da independencia, o 4 de julho, contemplando o Niagara; quando estiver terminado o segundo caminho de ferro inter-

oceanico, os patriotas irão celebrar o grande dia nacional entre as maravilhas naturaes de Yellow-Stone!

Mr. Potts, governador de Montana, descreveu assim o futuro Parque Nacional:

« A região dos Geysers do Upper-Yellow-Stone, que o congresso teve a sabedoria de consagrar ao povo, como um *Parque-Nacional*, é inquestionavel a mais assombrosa combinação de maravilhas naturaes e de panoramas grandiosos e bellos, que ha no mundo.

« Quando esse parque fôr facilmente accessivel por estradas de ferro, isto é, daqui ha dous annos, asseguro que será a grande estação de prazer e de saudade durante o verão em todo o continente.

« Para os amantes de panoramas naturaes, maravilhosos e pittorescos, o — *Parque Nacional* — terá mais atractivos do que o Niagara, o Yosemite e as White Mountains, ainda que estivessem todos juntos.

« Por outro lado, é muito de suppôr que as myriades de nascentes de aguas quentes e mineraes, da região de Yellow-Stone possuem importantes propriedades medicinaes.

« Durante o verão, o clima dessa região é deliciosamente fresco, tonico e saudavel.

« Para chegar até o *Parque Nacional*, vindo-se pela estrada de ferro *Northern Pacific*, será necessario tomar um ramal, cuja construcção vae ser encetada logo que a linha principal attingir o ponto conveniente para bifurcação.

« A concurrencia de viajantes, sobre este caminho de ferro, com destino a essa terra de maravilhas, hade ser, sem duvida alguma, extraordinaria durante os mezes de verão.»

O Dr. F. V. Hayden, geologo ao serviço do Governo dos Estados-Unidos, em seu relatorio official, dirigido em 1871 ao ministro do interior, descreveu assim alguns dos Geysers do Parque Nacional:

« Acampamos na tarde de 5 de agosto, no meio da bacia dos Geysers superiores, exactamente na área, occupada por alguns dos mais grandiosos geysers do mundo! Pouco depois de termos chegado ao acampamento, ouvimos um tremendo

estrondo, acompanhado de uma vibração do solo em todas as direcções ; vimos, em seguida, elevar-se uma columna de vapor de agua de uma cratéra, situada perto da rebanceira da margem oriental do rio Yellow-Stone.

« Acompanhando a columna do vapor, foi-se elevando, por impulsos successivos, uma columna de agua, com cerca de 7 pés de diametro, até attingir a altura de 200 pés ; ao mesmo tempo que a columna de vapor crescia sobre a da agua até mais de mil pés ! !

« E' impossivel descrever a profunda emoção, que nos causou tão maravilhoso espcetaculo.

« Parece-nos que, se pudessemos ter permanecido neste valle, durante muitos dias, até ficar acostumados com os phenomenos preliminares á erupção, perderia nossa emoção toda a parte dolorosa do assombro ; então poderiamos apreciar, com todo a calma, a maravilhosa elegancia e belleza, com que esta enorme collumna de agua quente elevou-se a tão grande altura e permaneceu em pé durante vinte minutos ! !...

« Depois que cessa a erupição a agua baixa na bacia de muitas pellegadas ; a temperatura desce tambem lentamente até 150° Fahrenheit.

« Denominámos a essé — o Grande Geyser — porque sua potencia parece-nos maior do que a de qualquer outro do valle.

« Durou essa erupção perto de vinte minutos ; nunca vimos mais assombroso espectaculo !

Collocámo-nos perto do — Grande Geyser — e do lado do sol ; seus dourados raios illuminavam a scintilante columna de agua e a decoravam com myriadas de arcos-iris, sempre em movimento ; subindo e descendo aqui e alli ; desaparecendo para dar immediatamente lugar a novas iradiações. No meio via-se sempre a magestosa columna de crystal, cercada das gottas de agua que cahiam do vertice dos esguichos, qual chuva de diamantes ; sombreada de distancia em distancia pelas nuvens de vapor de agua assaz espessa para impedir a passagem dos raios do sol, e aureolada, embaixo de cada, annel sombrio, por um circulo luminoso, radiante com todas as esplendidas côres do arco-iris ! !

« Tudo o que até então haviamos visto, ficou offuscado pela perfeita magnificencia e belleza desse espectaculo maravilhoso.

« Durante as 24 horas, que estacionámos neste valle, tiveram lugar duas dessas magnificas erupções.

« O *Geyser-Gigante* tem a cratéra em fórma de cornucopia. Emquanto minha turma de exploração demorou nesta bacia, esteve em acção, durante uma hora e um quarto, esguichando agua a 140 pés de altura ! »

O tenente Doane, da marinha dos Estados Unidos, descreveu o Grande-Geyser com estas palavras:

« Quando está para ter lugar uma erupção, a bacia vai-se enchendo, pouco a pouco, de agua fervendo até poucos pés abaixo de suas bordas ; de repente sente-se forte aballo ; immensas nuvens de vapor elevam-se á altura de 500 pés ; toda a massa de agua, com uma base de 20 pés sobre 25, sóbe em fórma de magestosa columna, á altura de 80 pés ; do vertice dessa columna, surgem cinco enormes esguichos, que divergem uns dos outros até alcançarem á extraordinaria altura de 250 pés. O sólo treme ao receber o choque das aguas, que cahem dessa gigantesca fonte ; ouvem-se um sem numero de sons, mais ou menos sibilantes ; vêem-se immensos arcos-iris circular o vertice dos esguichos, como se fossem brilhantes halos, ou scintiliantes corôas de glorias !

« A agua, que cahe, ataca as camadas conchyliferas do sólo, e fórma uma corrente, que vae arrastando todos esses detrictos até o rio Yellow-Stone.

« E' com certeza essa a maior, a mais magestosa e a mais terrivel fonte do mundo !

« Comtemplar as oscillações dessa fonte gigantesca, illuminada por sol brilhante, é gozar de um espectaculo maravilhoso, que penna alguma poderá jámais descrever.

« Toda a minha comitiva ficou louca de enthusiasmo !

« Muitos sustentaram que as aguas se tinham elevado a 300 pés de altura ; mas julguei prudente conservar o algarismo a 250 pés, acima citado, para conservar-me nos limites da certeza absoluta. »

Quanto ao prodigioso boqueirão do desfiladeiro, denominado — *Grand Canion* — do rio Yellow-Stone, diz o mesmo Dr. Haydon, geologo ao serviço do governo dos Estados Unidos:

« Não ha palavras para exprimir justamente a magestade e belleza desta maravilha natural, que não tem rival no mundo. Sómente a inspecção occular póde dar uma idéa precisa desse prodigioso e bello conjuncto de scenas maravilhosas, ora terriveis, ora seductoras, por vezes tão extraordinarias que não parecem deste mundo. Mesmo contemplando-o nossa intelligencia é insufficiente para comprehender espectaculo tão novo, tão prodigioso e tão incrivel! »

Descrevendo a catarata inferior do rio Yellow-Stone, disse Mr. N. P. Langfordo, no jornal — *Scribner's Monthy*:

« Jámais foi dado a mortal algum ter diante dos olhos um espectaculo mais grandioso, do que a cataracta inferior do rio Yellow-Stone.

« O rochedo, sobre o qual o rio se deslisa, antes de precipitar-se, é tão bem nivelado e polido, que parece uma obra de arte.

« A altura da quéda, medida directamente, é de algumas pollegadas acima de 350 pés!

« A massa de agua ao cahir fórma uma abodada crystalina, compacta, solida, terminando verticalmente sem lhe faltar um só elemento de magestosa e pittoresca belleza.

« O *canon*, [1], ou grande desfiladeiro, que começa na cascata superior, tem uma milha de extensão e 1.000 pés de profundida. »

A commissão de terras publicas da camara dos deputados dos Estados Unidos, no seu relatorio, recommendando que o parlamento mandasse reservar a região dos Geyses do Yellswtone para uso, publico, disso :

« Em poucos annos esta região será uma localidade procurada por todas as classes de pessoas de todos os paizes do

---

[1] E' de opinião o illustrado geologo, o professor Charles Frederick Hartt, que devemos adoptar a palavra *canon*, ou *canion* para exprimir uma garganta, um boqueirão, ou desfiladeiro profundo, cavado por uma corrente deagua, que se precipita. Essa palavra foi tomada pelos *yankees* aos mexicanos para exprimir esse accidente geologico, muito commum nas montanhas da California.

mundo. Os Geysers da Islandia, que até hoje teem attrahido a attenção dos geologos e dos viajantes, tornam-se insignificantes quando comparados com os Geysers de Yellowstone e de Fire Hole Basins. Como lugar de refugio para doentes e invalidos, esta região não póde ser preferida por nenhuma outra do mundo. »

A lei (Act), pela qual o parlamento da grande Republica constituio essa assombrosa região *Parque Nacional*. diz textualmente:

« O territorio de Yellowstone, com cerca de 3025 milhas quadradas de superficie, ficará sob a exclusiva direcção do ministro do interior, que deverá logo que fôr opportuno, fazer e publicar os necessarios regulamentos e instrucções, que fôrem precisos para a conservação e para o custeio deste proprio nacional.

« Esses regulamentos deverão providenciar para que essa região fique ao abrigo de qualquer violencia, ou esbulho em suas florestas, em seus depositos mineraes, nas curiosidades naturaes e nas maravilhas, situadas no territorio do *Parque Nacional*.

« O ministro do interior fica autorisado a conceder pequenos lotes de terra, para servirem á edificação, por prazos não excedentes a 10 annos, nas localidades do *Parque Nacional*, que necessitarem de edificios para accommodação dos visitantes.

« Todas as sommas, que obtiverem desses arrendamentos, serão empregadas, sob sua direcção, no custeio do *Parque Nacional* e na construcção de estradas e pontes para uso dos visitantes a pé, a cavallo, ou de carro. »

II

Poderiamos multiplicar ao infinito essas citações ; parece-nos porém, que as já feitas são sufficientes para demonstrar que não é de puro idealismo o assumpto, que ora nos occupa.

A nação positiva, por excellencia, a grande Republica, norte-americana, considerou que fazia essa excellente obra

nacional, reservando para uso publico uma das maravilhas, que o Creador concedeu á essa região prodigiosa, certamente predestinada a ser a séde de uma raça gigantesca.

Sob o ponto de vista da emigração espontanea, que é, com toda a razão, o grande *desideratum* das nações americanas, é evidentemente necessario para que um paiz attraia immigrantes, que elle seja *bom e bello*.

Não é o momento de tratar das condições sociaes, politicas e economicas, que deve offerecer um paiz para ser considerado *bom*; agora tratamos sómente de apresental-o *bello* ao immigrante.

Ora para isso é evidentemente necessario pôr em relevo; cercar das maiores commodidades possiveis, todos os prodigios naturaes, que elle encerra; quer elles se chamem Niagara, quer salto de Guayrá!

Na velha Europa ha tambem o mesmo afan. Lá não se trata de attrahir immigrantes; mas sim viajantes ricos.

Todos sabem que a Suissa e a Italia tiram grandes lucros das visitas, que annualmente lhes fazem os opulentos de todas as partes do mundo.

D'ahi os esforços, que empregam incessantemente estes paizes para serem agradaveis aos *touristas*; d'ahi essa infinidade de *guias para os viajantes;* nos quaes se detalham minuciosamente as viagens, indicando os hoteis, as horas de partida dos caminhos de ferro e dos vapores; tudo, emfim, quanto é necessario para poupar aos viajantes dissabores e fadigas inuteis; ao mesmo tempo que se descreve, com as mais brilhantes cores, as bellezas naturaes e artisticas do paiz.

Além dos guias para cada paiz, ha guias para cada cidade, onde veem minuciosamente descriptos seus monumentos, suas galerias de quadros e de estatuas, as bellezas naturaes dos arredores, emfim tudo quanto póde ser agradavel ao viajante.

E' admiravel essa emulação, principalmente entre as cidades, que são procuradas como estações de inverno, ou por suas aguas medicinaes.

Além do esforço da propaganda ha o trabalho real de melhorar as localidades com estradas, pontes, passeios, jardins, etc.

E' preciso visitar as denominadas *Stations d'hiver* do Mediterraneo: Hyéres, Cannes, Nice, Monaco, L. Remo e Pegli, para poder comprehender como suas municipalidades se constituem grandes emprezas de alojar aos estrangeiros abastados.

Para affirmar as idéas apresentaremos alguns algarismos.

Não póde ser computada em numero menor de 20.000 a multidão de estrangeiros, que dos Estados Unidos e de todos os paizes da Europa, principalmente da Inglaterra e da Russia, vem passar o inverno na Italia.

São 20.000 pessoas ricas, que passam tres a quatro mezes percorrendo a Italia de norte a sul e de éste a oeste: vendo Turim, Milão, Veneza, Genova, Piza, Bologna, Florença, Roma e Napoles; alguns vão até á Sicilia, a Palermo, a Catania e a Girgénti.

Toda essa gente passa o dia nas galerias, *Estudios*, comprando cópias de Raphael e antiguidades; a noite nos theatros.

A despeza diaria de cada um desses viajantes não póde ser computada em menos de 20$ da nossa moeda; em tres mezes despendem nunca menos de 2:000$, o que significa que os 20.000 *touristas* deixam, pelo menos, 40:000$ todos os annos na Italia!!

E' á vista desses algarismos que se comprehende porque as municipalidades da Italia fazem os maiores sacrificios com melhoramentos urbanos, porque dão festas publicas para agradar aos estrangeiros.

Os Estados Unidos, depois de terem empregado as bellezas naturaes do seu paiz para servirem de attractivo aos immigrantes, já se utilisam hoje dellas como o meio de chamar *touristas* ou, pelo menos, de impedir que, todos os annos, os *yankees* mais abastados sáiam da Republica para, no Mediterraneo, procurar mais agradaveis climas.

Publicámos ha pouco um riquissimo livro de propaganda nesse sentido, o *Picturesque America*, o qual descreve, no mais bello estylo, e representa, em finissimas gravuras, todas as maravilhas naturaes dos Estados Unidos; desde o classico Niagara até os Geysers do Parque Nacional de Yellow Stone; desde os gigantescos hymnospermos, Sequoia e Washingtonia, do valle de Yosemite até a flora e a fauna tropicaes da Florida meridional.

Evidentemente só nos é por hora permittido utilisar as bellezas naturaes, que o Omnipotente concedeu ao Brazil, para attrahir immigrantes, e, quando muito, alguns ousados naturalistas, enthusiastas de florestas virgens e de cataractas assombrosas.

Quando os valles de Tibagy — Paranapanema, do Ivahy e do Iguassú possuirem vapores e locomotivas, então poderemos convidar os *touristas* para virem admirar uma região que possue rios que não temem a confrontação com o Mississipi, cascatas que rivalisam com o Niagara; e, o que não ha nas bellezas naturaes dos Estados Unidos, a flora mais linda, mais variada e mais opulenta do mundo; a flora *da terra da promissão dos naturalistas*, na eloquente phrase do botanico Richard.

Não consta que, em parte alguma, o Sublime Artista grupasse tantas e tão grandiosas.

Só no Guayra — 7 — formando uma prodigiosa escala de menor á maior e de maior á menor, o *maximum* de belleza e de magestade pertencendo á quinta cataracta!

Todas entremeiadas por vertiginosos rapidos, em angulo de 45° a 50°, por onde se escôa, com estrepito assombroso, entre negras rochas de basalto, distante 60 a 70 e altas de 28 metros, um dos maiores rios do mundo!

Será difficil que o *Canon* de Yelowstone seja mais pittoresco do que o do Guayra, opulentamente adornado de palmeiras, de fetos arborescentes e das mais bellas arvores da flora brazileira; quando lá a rocha é nua e queimada pelas emanações volcanicas, deixando apenas ver, de longe em longe, um melancolico grupo de tristes coniferas.

Logo abaixo do Guayra [1] vem os redomoinhos da foz do Piratini, Piratimy, ou Iguarey dos antigos demarcadores que ainda se lança no Paraná entre os negros paredões do magestoso *Canon* do Salto das Sete Quedas. Contemplar essa maravilha natural deve produzir uma emoção ainda mais profunda do que a produzida pelo celebre Whiripool do Niagara.

III

Não é possivel estudar os documentos que precederam e motivaram a decretação do *Parque* pelo parlamento dos Estados Unidos; não é possivel ler as enthusiasticas descripções da *Picturesque America*; não é possivel, principalmente, contemplar as finissimas gravuras que representam as maravilhas naturaes de Vollowstone, sem esquecer, por momentos as difficuldades financeiras e a penuria dos tristes dias que ora atravessamos, e perguntar: « Não terá tambem um dia o Brazil o seu *Parque Nacional?!* »

E então, involuntariamente, abre-se o mappa do Brazil, e percorre-se de norte a sul, de léste a oeste, a magnifica região que nos foi concedida pelo Creador.

Ao norte, bem no centro do territorio do Brazil, ha uma ilha que todos os viajantes dizem ser inexcedivelmente pittoresca; é a ilha que, subdividindo-se em dous grandes braços, forma o magestoso Araguaya.

No interior da ilha de Santa'Anna, do Bananal, ou de Caruonaré ha um bellissimo lago — A Lagôa Grande — de onde corre um lindo regato, como si a natureza já o tivesse preparado para um magnifico parque em estylo moderno.

Imaginae o Tocantins e o Araguaya navegados por magnificos vapores, como os de Mississipi; suas cachoeiras vencidas

---

[1] Vide o relatorio geral da demarcação de limites entre o Brazil e o Paraguay pelo Barão do Maracajú entre os annexos do relatorio de ministerio dos estrangeiros em 1875.

por vias ferreas lateraes: e comprehendereis então como será pittoresca uma excursão a essa ilha, onde se poderá grupar toda a flora e toda a fauna dos valles do Amazonas, do Parnahyba e do S. Francisco.

No sul da Republica região alguma póde competir com a do Guayra em bellezas naturaes.

Desde a foz do Ivahy até á do Iguassú, o rio Paraná reune todas as gradações possiveis do bello ao sublime e do pittoresco ao assombroso!

E' a região das cascatas e das cataractas por excellencia.

No rio Garey, Igurey, ou Pelotas dos antigos demarcadores ha dous bellissimos Saltos: um de 35 metros de altura, adornado de um esplendido Iris, e situado a menos de 2 kilometros da confluencia do Garey no grandioso Paraná.

Em frente á fóz do Garey um regato, que se lança no Paraná, forma a cascata Oliveira.

Afinal termina essa prodigiosa serie de bellezas naturaes o magnifico Salto do Iguassú, alto de 50 metros, a 12 kilometros de sua fóz no Paraná, e que muitos querem que seja mais bello, do que o proprio Guayra.

Quando finda o *Canon* do Salto das Sete Quedas, começam a apparecer, nas margens do Paraná, bellissimas praias. E' preciso ter passado uma noite de luar em uma dessas extensas praias do Alto-Paraná para poder comprehender quanta melancolia ha nessas indescriptiveis paisagens, illuminadas pelo sympathico astro da noite.

Entre o Guayra e a fóz do Iguassú ha cinco grandes corredeiras no Paraná.

A descida, a vapor, de uma corredeira produz uma das emoções mais gratas aos *touristas*.

Nos Estados Unidos é um momento de festa a bordo do vapor, quando elle vertiginosamente se lança por entre os alvejantes cachôpos de um rapido do Ohio, ou do Mississipi.

Conhecemos perfeitamente esta emoção, descendo no vapor *Onze de Julho* o Salto Grande do Uruguay, em 1865, depois da rendição de Uruguayana. Temos ainda lembrança mais fresca

dessa mesma emoção na pittoresca viagem, que, em um batelzinho, fizemos, em 1872, pelos rapidos do Tejo desde Villa Velha do Rodão até Abrantes.

Lancemos os olhos agora para um grande futuro; repitamos a viagem do intrepido capitão Nestor Borba, não a cavallo, mas sim em confortavel carro palacio, como hoje se vae ao Niagara; não em canôa, mas em um desses bellos vapores, adornados com a riqueza e magnificencia de salões de baile, como ora se viaja pelo Hudson e por England-Island-Sound!

Partamos de Curityba, a 900 metros acima do nivel do mar; percorramos essas florestas de *Araucarias* e de *Ilex*; atravessemos esses campos geraes, tão poeticamente descriptos por Saint Hilaire; tomemos um vapor bello do Tibagy; desçamos o Paranapanema; repitamos, ao alvorecer, a singela saudação: — *Bom dia, Paraná!* — Visitemos o delta do Ivinheima, e vejamos, no Sul, uma repetição dos igarapés do valle do Amazonas; visitemos essas bellas pedras do Itaquatiá; meditemos, um pouco, sobre as ruinas de Ontiveros e de Ciudad Real: sobre a ephemera republica theocratica de Guayra; entremos no Piquiry, o mais bello rio da provincia do Paraná, na opinião do ousado capitão Nestor Borba, e repousemos, emfim, na cidade do Guayra; para nos prepararmos á contemplação do assombroso Salto das Sete Quedas.

Ahi encontraremos, como em Niagara-Fallas, pontes suspensas, elevadores, planos inclinados, emfim a arte do engenheiro tentando elevar-se á altura do *Fiat* de Deus!

Depois passemos, dias e dias, a admirar todas as maravilhas naturaes, grupadas no *Parque Nacional* do Guayra, e por todo o Paraná, até o Iguassú; terminemos nossa excursão no Salto de Santa Maria; e voltemos á Curityba pelo caminho de ferro de Guarapuava, certos de haver realizado a mais bella viagem circular, que se póde fazer neste mundo!

. . . .

O que é bem certo; o que fica acima de toda a discussão é que a geração actual não póde fazer melhor doação ás gerações vindouras, do que reservar intactas, livres do ferro e do fogo, as duas mais bellas ilhas do Araguaya e do Paraná.

Daqui a centenas de annos poderão nossos descendentes ir vêr dous especimens do Brazil, tal qual Deus o creou; encontrar reunidos, no Norte e no Sul, os mais bellos especimens de uma fauna variadissima, e principalmente, de uma flora, que não tem rival no mundo!

Tal é a nossa aspiração, escrevendo estas linhas.

Rio de Janeiro, em 2 de abril de 1876.

ANDRÉ REBOUÇAS.

ASPECTO

DA

ARTE BRAZILEIRA COLONIAL

ESTUDOS SOBRE ARTES

PELO

DR. ANTONIO DA CUNHA BARBOSA

(Este trabalho é precedido do respectivo parecer da commissão de Historia do Instituto, approvado em sessão de 10 de junho de 1898.)

Parecer da Commissão de Historia

A' Commissão de trabalhos historicos foi presente, para sobre elleinterpôr parecer, o trabalho ainda inedito do Sr. Dr. Antonio da Cunha Barboza, intitulado — *Aspecto da Arte Brazileira Colonial.*

Para avaliarmos com segurança do merito desta obra precisamos antes de tudo apurar os elementos existentes para a composição de uma obra deste genero no Brazil, methodo este que seguiu o grande critico H. Taine em sua notavel obra sobre a Historia Romana de Tito Livio.

Um estudo attento dos monumentos de nosso passado demonstra que existem valiosos subsidios e material sufficiente para reconstruirmos em toda a sua inteireza a phase inicial, mas já amplamente productiva, da arte brazileira no periodo colonial.

E' honroso para o Instituto Historico que a mais larga cópia desses subsidios se acha accumulada em sua *Revista*. Abriu a serie o nosso illustrado consocio, já fallecido, desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes, em sua erudita memoria inserta na *Revista*, tomo 4°, pag. 65. *Onde aprenderam, e quem*

foram os artistas que fizeram levantar os templos dos Jesuitas em missões, e fabricaram as estatuas que ali se achavam collocadas ?

O eminente poeta e artista brazileiro Barão de Santo Angelo, nosso 1° secretario, de saudosa memoria, honrou as paginas de nossa *Revista* com o resultado de suas preciosas investigações sobre os trabalhos e merito dos nossos principaes artistas. Outros escriptos seus do mesmo genero estão insertos no *Ostensor Brazileiro* e no *Guanabara*.

O eminente orador deste Instituto Dr. Joaquim Manoel de Macedo exarou em sua preciosa obra « Um passeio no Rio de Janeiro » uma valiosissima cópia de dados e informações preciosissimas sobre a arte brazileira. Ainda o nosso distincto consocio Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, quer na nossa *Revista*, quer na sua notavel obra — *O Rio de Janeiro*, accrescentou largamente o material que possuiamos sobre este ramo com o resultado de suas pesquizas, tão pacientes e laboriosas, quanto escrupulosas.

O nosso digno 2° secretario Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro deu-nos sobre a monumental igreja da Candelaria um estudo completo, em que encontramos as mais preciosas notas sobre as obras artisticas que fazem desse grande templo um precioso archivo da arte nacional.

Os nossos illustrados compatriotas Dr. L. Gonzaga Duque Estrada, Felix Ferreira, Rangel S. Paio e Dr. Eduardo Prado têm um lugar de honra entre os escriptores que se occuparam da arte nacional. Seus estudos são lidos e consultados com proveito por quantos se occupam destes assumptos. Não está esgotada a lista dos brazileiros distinctos que têm honrado a arte brazileira em seus escriptos. E' um dever nosso citar aqui os nomes respeitaveis do Exm. Sr. Bispo de Marianna D. Silverio Gomes Pimenta, que em sua notavel obra — *Vida do Bispo D. Antonio Ferreira Viçoso* — nos deu as notas mais completas sobre o legendario esculptor Mineiro o *Aleijadinho*, e do nosso digno consocio o Rev. Sr. Padre Joaquim Silverio de Souza em sua obra *Sitios e Personagens*, em que se encontram preciosas informações sobre a arte religiosa em Minas.

Ha ainda um grande nome que não podemos proferir sem um sentimento de profundo respeito, e que representa como uma culminancia nesta ordem de estudos.

E' nosso consocio o sabio Augusto de Saint Hilaire, tão amigo dos brazileiros, e que julgou de nossas cousas com tanta indulgencia e sympathia e de cujas obras exhala-se um como eterno perfume de virtude.

Do Rio de Janeiro á fronteira de Goyaz e dahi até á fronteira do Rio Grande, em um percurso total de dezesete mil kilometros pelo territorio brazileiro, o eminente botanico, ao par da larga contribuição para a sciencia de mais de sete mil especies novas por elle descriptas da flora brazileira, e de cento e vinte e nove da fauna, não se esqueceu de observar e descrever tudo quanto encontrou relativo á arte colonial nos edificios publicos, nos templos e nas habitações particulares. Nos nove volumes que encerram a descripção de suas viagens pelo Brazil encontram-se preciosos promenores sobre as pinturas, imagens e decorações que formam o fundo quasi exclusivo da arte colonial brazileira.

Todo este immenso material que de longa data se tem accumulado, mas que tem estado disseminado em obras diversas, umas raras e outras pouco conhecidas, o Dr. Antonio da Cunha Barboza tomou-o em mão, confrontou e coordenou, apresentando um quadro systematico em que a arte colonial apparece claramente exposta em suas differentes phases.

O seu trabalho, haurido todo em fontes authenticas e nas proprias tradições dos preclaros ascendentes de sua familia, representa um serviço real prestado á causa da historia patria.

O autor não se limita ao simples papel de historiographo, considerando tambem o assumpto como critico de arte ; e bem o indica o titulo de sua obra — *Aspecto da Arte Brazileira Colonial.*

Neste ponto a commissão não póde deixar de fazer reservas quanto á apreciação sempre admirativa do illustrado escriptor pelos trabalhos artisticos da época a que se referiu.

Sem duvida o genio brazileiro revelou desde então as suas aptidões para os variados ramos da arte. Faltava-lhe porém o meio e o preparo artistico indispensavel para produzir obras perfeitas irreprehensiveis sob o ponto de vista esthetico.

A commissão nota no trabalho do autor alguns enganos que podem ser facilmente rectificados antes da impressão. Assim, por exemplo, menciona-se á pag. 65 que a igreja de Caethé, um dos mais magestosos templos do Brazil, foi começada em 1818, quando este monumento da arte foi terminado e solemnemente inaugurado em 1757, como se lê na respectiva inscripção lapidaria, que o relator da Commissão alli copiou em 19 de março de 1896.

A commissão é de parecer que o trabalho do Dr. Antonio da Cunha Barboza é merecedor do maior apreço por parte deste Instituto, constituindo o mais valioso titulo para sua admissão no gremio desta Associação.

Sala das Sessões do Instituto Historico, 10 de junho de 1898.

Homem de Mello, Relator,

Evaristo Nunes Pires.

ASPECTO DA ARTE BRAZILEIRA COLONIAL

I

Ao mesmo tempo que prohibia a metropole a abertura de typographias, a creação de associações litterarias e scientificas, o estabelecimento de livrarias, obstava tambem todo o progresso nas artes e nas industrias. Tinha ciumes e receiava que, com esse desenvolvimento, o Brazil estivesse se preparando para a sua emancipação politica. E, na verdade, tinha razão. A poesia e a arte começaram a quebrar o jugo colonial, inspiradas pelo patriotismo lançaram no espirito publico os germens da nossa futura regeneração.

A inspiração artistica andou mais apressada que o plano dos politicos, sonhavam talvez os filhos da arte com a independencia do ninho patrio, antes dos acontecimentos politicos haverem demonstrado a resolução desse importante problema.[1]

As sublimes melodias de Mozart, de Bellini e de Beethoven são tão ouvidas como admirados os celebres quadros de Rubens, a transfiguração de Raphael, as Madonas de Córregio e o Cenaculo de Leonardo de Vinci. Deleita tanto ler-se o poema de Camões, como contemplar-se a Adultera de Bernardelli ou a Venus de Milo. A poesia, a musica, a pintura e a estatuaria

---

[1] Dr. Moreira de Azevedo. Valentim da Fonseca e Silva. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, 1869, pag. 205, 2ª parte.

estão intimamente ligadas; ao lado da historia e acompanhando os seculos, fallam ás gerações que se succedem a linguagem da rima, do som, da côr e da linha, que sobre o ponto de transmissão de pensamentos faz da humanidade uma só familia.

Si durante os tres seculos de que nos occupamos, o Brazil dispoz de homens notaveis, nas lettras e no pulpito, como os mais eminentes da culta Europa, tambem os teve nas artes com igual merecimento.

Ne sutor ultra crepidam. Medico e não artista, certamente não vimos fazer a critica das artes da nossa querida patria. Simples narrador, exporemos apenas o que houve nesse sentido nos tempos coloniaes do Brazil, fazendo, outrosim, apenas ligeiras apreciações.

Quem estudar o movimento artistico colonial do Brazil, terá forçosamente necessidade de visitar os monumentos dos Jesuitas e das ordens religiosas; porque, como na instrucção publica e na litteratura, foram esses padres quasi que os unicos que cultivaram e ensinaram.

Os Jesuitas que exerceram, cultivaram e professaram as artes liberaes ou mechanicas com grande proficiencia, aproveitando-se da grande aptidão e talento verdadeiramente artistico dos indios, diz C. Charleroix —, na sua *Historia do Paraguay*, — lhes ensinaram as artes de dourador, pintor, esculptor, ourives, relojoeiro, serralheiro, carpinteiro, marceneiro, tecelão e fundidor, tão habilissimos se revelaram que edificaram as suas igrejas, á vista de riscos e plantas que se lhes apresentavam, não sendo ellas inferiores aos mais formosos templos da Hespanha e do Perú, pela belleza e bom gosto na construcção e riqueza das pratas e ornatos.

Tão habeis se mostravam para as artes os indios, diz o padre João Daniel no seu *Thesouro do Pará*, que bastava dar-lhes a materia prima de que esses objectos eram feitos e um simples modelo, para que elles fizessem outros de tal modo semelhante, que difficil seria distinguir a sua obra do modelo que lhes fôra apresentado.

Guiados pelos Jesuitas, foram os indios os constructores dos bellissimos templos das Missões do Paraguay e das magnificas estatuas encerradas nesses templos.

Segundo o Sr. Monglave, estes artistas eram negros, escravos dos Jesuitas, que os mandavam instruir na Italia; entretanto, o Sr. desembargador R. de S. da Silva Pontes em seu programma desenvolvido na sessão de 17 de março de 1842 do Instituto Historico e Geographico Brazileiro considera terem sido artistas os proprios indios. — *Onde aprenderam e quem foram os artistas que fizeram levantar os templos dos Jesuitas em Missões e fabricaram as estatuas que alli se achavam collocadas?* « *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro* », Tomo 4º, 1842, pag. 65.

Cultivaram sempre os indios as artes com muito gosto. Nesse sentido refere o Sr. Dr. Oliveira Lima: « No terreno da arte legou-nos este segundo factor do producto nacional as variegadas ornamentações de plumas e alguns interessantes exemplares ceramicos: como vasos e pratos da ilha de Marajó, cujos caracteres figurativos e symbolos impressos accusam, segundo foi observado, notavel parecença com os hieroglyphos egypcios, mexicanos, chinezes e indianos, e que para alguns póde por ventura, e para outros seguramente explicar-se pela base commum de civilisação amarella, que, si não como traço principal, pelo menos como feição subsidiaria encontra-se, ou pretende-se encontrar, naquelles differentes centros de cultura. Os objectos ceramicos americanos são singularmente analogos aos dos povos orientaes, pela capacidade e modelo, além dos ornatos. Distinguem-se, sobretudo, pelo bem copiado da figura humana, chegando alguns dos seus desenhos a constituir verdadeiros retratos de uma extraordinaria semelhança. Dá-se o mesmo com as estatuas egypcias, que, não trahindo a belleza ideal das esculpturas gregas, salientam-se pelo realismo da sua execução. Para alguns archeologos, entre outros, o distincto escriptor francez M. de Nadaillac, a presença de capacidade, modelo e ornatos entre os vasos americanos e os do antigo continente não basta para sobre ella assentar-se com verosimilhança a communicação entre os habitantes do velho e novo mundo. Si aquelles trabalhos ceramicos apresentam analogias, será sobretudo porque, sendo os antigos habitantes dos dous hemispherios identicos pela estructura ossea e pela intelligencia, deviam consequentemente elaborar os mesmos desejos, e

iguaes pensamentos e analogas concepções; conhecer as mesmas necessidades da vida e empregar os mesmos meios de satisfazel-as. »[1]

Os exemplares ceramicos de Marajó, continúa a considerar o autor do — Pernambuco e seu desenvolvimento historico —, são semelhantes pela composição e factura aos encontrados nos *mounds* da America do Norte, e pela sua decoração distinguem-se da grega e da romana por não usarem os artistas de figuras lascivas. Approximam-se da oriental pela fiel representação da realidade physica, especialmente do rosto humano, notando-se, ainda que a maneira e expressão das estatuas egypcias e hindús, em suas exhibições budhicas, além de promenores de vestuario e outros, encontram-se em documentos não só antigos como dos mais modernos do novo mundo, como os de Talemque no Chiapo.

O sabio Augusto de Saint Hilaire, referindo-se á habilidade dos indios para as artes diz: « Les églises des villages, construites et peintes par eux, montrent ce dont ils peuvent devenir capables et j'ai encore une preuve de leur habilité, j'ai vu dans la chapelle de S. João le *Gloria* et le *Credo*, écrits avec tant de perfection que ce n'est qu'en regardant de très près que je me suis convaincu qu'ils n'étaient pas imprimés. C'est l'ouvrage d'un vieil indien qui remplit dans le village les fonctions d'écrivain (l'un des titres des anciens cabildes) et qui paraît très bien seconder l'administration. » Continúa o eminente naturalista: «On voit encore dans la même chapelle quelques images de saints sculptés par ce cordonnier du village qui ne se sert d'autre outil que d'un couteau, ce ne sont pas des chefs d'œuvre sans doute, mais il faut songer qui cet homme n'a rien appris et qu'il n'a vu que quelques modèles imparfaits.»[2]

Cultivavam os indios uma arte especial, a arte da ornamentação de pennas. Era de tal modo numerosa a variedade de passaros de plumagens, que os indios achavam uma immensa

---

[1] Dr. Oliveira Lima — *Aspecto da Litteratura Colonial Brazileira*, pag. 406.

[2] Auguste de Saint Hilaire—*Voyage à Rio Grande do Sul*, pag. 406.

quantidade para fazer ornamentos de todas as qualidades. Ainda hoje são apreciados os bellissimos trabalhos de pennas de vestuarios e de instrumentos de guerra e de musica, e utensilios domesticos preparados pelos aborigenes do Brazil. [1]

Os primeiros colonos portuguezes, á imitação dos selvagens, construiram as suas habitações, de caracter quasi militar, verdadeiras trincheiras cercadas de fossos destinados a se abrigarem dos ataques dos indios. Com o augmento da povoação as construcções foram se transformando, tornando-se mais commodas e elegantes.

A habilidade dos selvagens casa bem com a sua imprevidencia, elles não sabem tirar partido para seus interesses; é uma especie de instincto que os excita, como o da formiga e da abelha.

Damos a palavra ao saudoso e illustre alagoano, o Sr. Dr. A. J. de Mello Moraes, para que o encanto do seu estylo venha amenizar a aridez da nossa linguagem.

O Sr. Dr. Mello Moraes, apreciando as artes nos tempos coloniaes do Brazil, diz: « Nos tempos coloniaes tinhamos artistas, que abasteciam e satisfaziam com os seus trabalhos ás necessidades publicas ; e hoje as proprias ruas, que conservam os nomes dos que nellas trabalhavam, para revelar à posteridade o progresso della entre nós, apagaram-se para se perpetuar a memoria de individuos, que pouco ou nada fizeram em proveito do paiz. » [2] E, continuando o erudito autor do Brazil Historico, refere: « Na Bahia, em Pernambuco, no Rio de Janeiro e em Minas Geraes, os artistas ourives primavam em artefactos de ouro e prata e na fabricação de caixas para rapé, e ainda hoje em Pernambuco as fabricas de cascas de tartaruga são procuradas por brazileiros e mesmo por estrangeiros, com preferencia ás que nos mandam da Europa. As pedras preciosas, desde o diamante até o grisolito e mesmo o granito estão lapidadas e traba-

---

[1] Dr. Eduardo da Silva Prado—*L'Art-Le Brèsil en 1889*, pag. 519.

[2] Dr. A. J. de Mello Moraes — *O Brazil Social e Politico*, pag. 54.

lhadas pelos nossos artistas, e ainda vi na Bahia em 1839 uma pedra sobre a qual o artista estendia o ouro e a prata para o reduzir a laminas conhecidas por pão de ouro e de prata, com que se douravam os templos e os objectos de luxo; hoje vem de fóra e falsificado! » [1]

Tivemos tão abalisados mestres em musica, diz o illustrado escriptor do Brazil Reino, que o celebre Marcos Antonio Portugal, ficou surprehendido em presença dos nossos insignes padres José Mauricio Nunes Garcia e do baixo profundo João dos Reis. Tinhamos os não menos celebres Manoel Rodrigues da Silva, Salvador José, José do Carmo, Manoel Joaquim e Francisco Manso.

Em quasi todo o Brazil a musica era estudada com gosto e proficiencia, sendo a das modinhas de um caracter puramente brazileiro. Na Bahia foram celebres Damião Barboza e Mussururige. Nas Alagôas José e Prudente de Bomfim e Antonio de Souza.

Todos os escriptores do seculo XVI referem a predilecção dos selvagens pela musica, e especialmente pelo canto. Eram em geral os aborigenes grandes musicos e amigos de bailar, principalmente os Tamoyos do Rio de Janeiro, que eram grandes compositores de cantigas de improviso. Igual predilecção demonstravam tambem os Tupinambás, que bailavam todos num rythmo uniforme, monotono, durante 24 horas consecutivas, por occasião de embriagarem-se com os vinhos que fabricavam, onde immolavam, a meio de crueis ceremonias, os prisioneiros feitos na guerra. [2]

Gabriel Soares, no seu *Roteiro do Brazil*, declara tambem que: « os tupinambás se prezam de grandes musicos; e ao seu modo cantam com soffrivel tom, os quaes têm boas vozes, mas todos cantam por um tom, e os musicos fazem motes de improviso, e suas voltas que acabam no consoante do mote, os quaes cantam e bailam juntamente em uma roda, em a qual um tange

---

[1] Dr. A. J. de Mello Moraes — Loco cito.

[2] Dr. Oliveira Lima — *Aspecto da Litteratura Colonial Brazileira.*

um tamboril em que não dobra as pancadas, outros trazem um maracá na mão, que é um cabaço com umas pedrinhas dentro, com um cabo por onde pegam ; e nos seus bailes não fazem mais mudanças, nem mais continencias que batem no chão com um só pé ao som do tamboril, e assim andam todos juntos á roda e entram pelas casas uns dos outros ». [1]

Fernão Cardim, confirmando o que expõe Gabriel Soares:

« Eram entre os selvagens tão estimados os cantores de ambos os sexos que se por acaso tomavam nas ciladas um contrario « bom cantor e inventor de trovas », segundo appellida o autor, as cantigas de ausencia, repentes em que celebravam-se tanto os trabalhos padecidos no caminho pelo hospede chegado, como as saudades experimentadas pelos que tinham ficado, poupavam-lhe a vida, calando o seu imperioso appetite de antropophagos. » [2]

II

A primeira escola de pintura do Rio de Janeiro teve o seu berço em 1695 no convento de S. Bento. O benedictino allemão Fr. Ricardo do Pilar, qual outro Fra Giovani da Fiesoli, decorador da capella de Oviedo, como este foi o fundador da pintura no Rio de Janeiro e o decorador do convento de S. Bento naquella cidade. Pintou diversos paineis existentes em differentes templos do Rio de Janeiro, especialmente os quadros do tecto e as paredes lateraes da capella-mór da igreja de S. Bento, representando os principaes factos da vida desse santo. Dotado de um temperamento verdadeiramente artistico, esses quadros são pintados com muita expressão e naturalidade. De desenhos firmes e correctos, de muita felicidade no colorido, esses quadros apresentam ainda um tom harmonioso e bello, de agradavel impressão. Não menos notavel é a imagem do Salvador, collocada no altar da sacristia daquelle convento. Segundo o eminente ar-

---

[1] Gabriel Soares — *Roteiro do Brazil.*

[2] Fernão Cardim — *Narrativa epistolar de uma viagem ao Brazil.*

tista brazileiro o Sr. Porto Alegre, «aquella imagem produz em nossa alma a mais bella inspiração religiosa, ha nella uma magia incomprehensivel de expressão e de harmonia ».[1] Nessa imagem ha primor de sentimento, expressão na figura e severo respeito de perspectiva linear e aerea.

Foi seu discipulo José de Oliveira, que foi o verdadeiro chefe da antiga Escola Fluminense de Pintura.[2] Delle se admira a decoração da casa d'armas da fortaleza da Conceição ; a pintura da sala da audiencia deste, o tecto da capella-mór da igreja dos Carmelitas representando a Virgem do Monte Carmelo, que infelizmente está completamente estragada, não existindo mais vestigios do pincel deste celebre artista. E' digna tambem de nota a pintura do tecto do palacio do conde de Bobadella, representando o genio da America.

Finalmente, são obras deste engenhoso artista a pintura do tecto da igreja de S. Francisco da Penitencia e a abobada da capella imperial, hoje cathedral, restaurada pelo artista Raymundo Costa. Ha nos seus trabalhos uma certa correcção irreprehensivel de desenhos, sinceridade e vigor no colorido, e uma conclusão admiravel dos detalhes, sem ter cahido no amaneirado e pretencioso. As suas pinturas attrahem logo a attenção pela bem combinada harmonia e de unidade de effeito e de luz.

João Florencio Muggi, de origem italiana, foi um scenographista notavel, pintou as scenographias do theatro Manoel Luiz.

João de Souza, o quarto representante da Escola Fluminense de Pintura, foi o fundador da classe dos coloristas. No claustro dos Carmelitas pintou grande numero de quadros. Tambem delle se admira o retrato a oleo do general Silva Paes, existente na igreja da Candelaria.

E' bem difficil se tirar um retrato a oleo, e a principal difficuldade consiste no espectador não confundir o retrato com

---

[1] Dr. Oliveira Lima — *Aspecto da Litteratura Colonial Brazileira.*

[2] M. de Araujo Porto Alegre — *Memoria* sobre a antiga Escola de Pintura Fluminense. *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 1841, pag. 33.

um outro. O retrato do general Silva Paes parece ser original e de uma graça especial.

Seu discipulo, o quinto representante da referida Escola, Manoel da Cunha, escravo de meus antepassados, depois de liberto partiu para Lisboa, onde foi se aperfeiçoar na sua arte. Dotado de um robusto talento, de uma avidez de tudo saber e de uma actividade invejavel, conseguiu com o seu genio trabalhador tornar-se um distincto artista, e legar á sua patria um nome honroso. Voltando de Lisboa foi aperfeiçoar-se com João de Souza, com quem pintou todos os paineis das paredes da igreja dos Carmelitas. Activo e laborioso, deixou muitos trabalhos notaveis: o retrato do conde de Bobadella, pertencente á Prefeitura Municipal da Capital Federal. E' a melhor de suas obras.

Collocado o conde no meio da tela em pé, trajado á sua época, tem o olhar dominante, a cabelleira forte e abundante, descendo em anneis sobre as espaduas. Estende o braço direito segurando um rôlo de papeis, como num gesto mandatario ; no fundo do quadro, aberto em dous planos, percebe-se um canto da bahia do Rio de Janeiro, com as náos que, de içadas velas, vão se demandando no largo. E' no momento em que elle executa as ordens de Pombal, expulsando os Jesuitas em 1759. [1]

O painel do tecto da Capellinha do Senhor dos Passos, da antiga Capella Imperial, representando o descimento da Cruz do Salvador, é outro primoroso trabalho daquelle afamado pintor ; o santo André Avelino da igreja de S. Sebastião do Castello, alguns quadros do mosteiro de S. Bento, diversos retratos de bemfeitores e differentes paineis commemorativos da Paixão pertencentes á Santa Casa da Misericordia, são outras tantas preciosidades suas. [2]

Mencionaremos ainda o dourado da capella do noviciado de S. Francisco de Paula, consagrado á Senhora da Victoria daquella

---

[1] J. Gonzaga Duque Estrada — *A Arte Brazileira*. Pintura e esculptura, pag. 38.

[2] Dr. Moreira de Azevedo — *Biographia de Manoel da Cunha. Revista* do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 1870, pag. 206, 2ª parte.

Ordem Terceira, e os paineis dessa Capella, representando o seu orago e os milagres de S. Francisco. Foi tambem esculptor da imagem de Nossa Senhora do Amparo, de um dos altares da igreja de S. José; trabalho este ainda hoje muito apreciado *Aliquando fas est insanire.*

Este eximio artista, gloria de minha respeitavel familia, estabeleceu uma escola de pintura, frequentada a principio por doze alumnos, e depois por seis, que, como seu mestre, muito se distinguiram.

Não se revelou sómente Manoel da Cunha um artista de talento, mas sim tambem um pintor attrahente e encantador. Dotado de uma grande actividade, tanto se celebrisou no sagrado como no profano ; todas as suas composições são pintadas com arte, tendo evitado sempre a exageração e a banalidade. De uma execução fina e delicada, nas suas pinturas não se observam nem o emprego de empastamento nem a monotonia do amaneirado applicando tintas vivas e agradaveis, distribue a luz de modo a prender a attenção no ponto principal da tela.

Leandro Joaquim, pardo, de estatura baixa e gordo, contemporaneo e companheiro de trabalho de Manoel da Cunha, foi pintor e architecto afamado, apresentou um projecto para a edificação do recolhimento do Parto, e pintou dous paineis que commemoram o incendio e a reconstrucção daquelle recolhimento ; pintou ainda um bello retrato do vice-rei Luiz de Vasconcellos, existente na capella daquella igreja. Este retrato é muito expressivo, combina exactamente com o seu caracter resistente constante e epigrammatico.[1] Com a farda vermelha e ouro, pescoço curto, labios finos e direitos, cabello puxado á nuca, olhos azues espertos, tal foi a physionomia daquelle magnanimo vice-rei, perfeitamente reproduzida no estylo simples e correcto, despido do amaneirado, e desenhado com harmonia e expressão.

Raymundo da Costa e Silva, pardo, de estatura elevada e corpulenta, foi tambem um pintor e esculptor notavel da sua época. Depois de ter aprendido com seu pai a esculptura, estreou

---

[1] L. Gonzaga Duque Estrada — Loco cito.

nos dous presepes do Livramento e Santa Thereza. Executou uma cabeça de S. João Baptista e decorou uma vidraça da Capella do Sacramento, onde tambem armava presepes.

Como pintor pintou o S. Sebastião da igreja do Castello, a Ceia da Capella Imperial, a Conceição da igreja do Hospicio, o baptismo de Christo da igreja do Sacramento, além de retratos particulares.

A Ceia da Capella Imperial é uma brilhante execução artistica. A physionomia expressiva das figuras e a anatomia das fórmas torna esplendido este trabalho.

Distinguiu-se Raymundo da Costa como insigne colorista, tendo sido um dos fundadores desta escola no Brazil.

De par com a pintura e a esculptura, tambem cultivou a arte de entalhador, de que foi famoso. O S. Sebastião da igreja do Castello, a Ceia do altar-mór da Sé, a Conceição da igreja do Hospicio e muitos retratos, são composições que muito o recommendam. Bello colorista, dedicou-se ás duas escolas: sagrada e profana, revelando-se nellas profundo pensador e pintor religioso admiravel.

Todas as cousas têm a sua manhã — *Il n'y a que le matin en toutes choses* — Todos os artistas têm a sua época. Raymundo da Costa, porém, ainda hoje é tão apreciado como em seu tempo.

Foram uns dos ultimos representantes da antiga Escola de Pintura Fluminense: Antonio Alves, que esboçou o retrato de El-Rei D. João VI, pertencente á Academia das Bellas Artes, e Francisco Pedro do Amaral, discipulo de Manoel da Cunha e do artista francez Debret. Decorou o tecto da sala principal da Bibliotheca Nacional, o palacete da Marqueza de Santos, algumas salas da Quinta da Boa Vista e o tecto do Paço da Cidade.

José Leandro foi o pintor historico mais notavel desta época. Activo e dotado de um dom particular em seus retratos, nos legou uma immensidade de trabalhos. A decoração do tecto da varanda da acclamação de El Rei D. João VI. O tecto do altar mór da Capella Imperial, representando a familia imperial, etc., são trabalhos muito apreciados desse conspicuo artista. Mas, dentre as suas primorosas composições, é digno especialmente de nota o magnifico painel — *Virgem do Monte Carmello* — repre-

sentando a familia do principe regente em adoração aos pés da Virgem, medindo 32 palmos de comprimento e 16 de largura, na parte inferior figuram os retratos, em corpo inteiro, da rainha D. Maria I, conduzindo pela mão o principe D. Pedro, e os de D. João VI e da rainha D. Carlota. A parte superior representa a Senhora do Carmo, cercada de anjos, um dos quaes segura uma palma e outro um escudo com a legenda: *Sub tuum presidium confugimus*. Outros anjos guardam a familia real, um delles sustenta uma esphera com a inscripção: *Nostras deprecationes ne despicias*.

A odienta politica veio profanar uma das bellas reliquias da antiga Escola de Pintura Fluminense. Desappareceram as pinturas de D. Maria I, do principe D. Pedro e D. Carlota, sob as camadas de tintas sacrilegas e informes. Este attentado artistico, porém, foi reparado em 1850. O distincto scenographo Sr. João Caetano Ribeiro, por meio de agentes chimicos, conseguiu fazer desapparecer as camadas de betume e surgir as figuras da familia real. Esta tela pertence à antiga Capella Imperial.

Conhecedor das artes, José Leandro soube-se aproveitar de todas as suas qualidades estheticas.

A correcta disposição em que com habilidade colloca os elementos que figuram no seu precioso quadro; a execução cuidadosamente acabada, não *à la minute*, e a imaginação de um gosto aprimorado, denotam ter sido este artista um homem de genio e de grandes conhecimentos artisticos. O assumpto de todas as suas composições revela grande erudição nas historias sagrada e profana. Cuidadoso até as ultimas minudencias, não pertence á escola do *fa presto*, trabalhar depressa. Os seus acabamentos são muito seguros e correctos, manifestando uma harmonia e uniformidade de plano admiraveis. Qual outro Corregio, bem poderia exclamar: *Anch' io sono pittore*.

Manoel Dias de Oliveira Braziliense, denominado o *Romano*, por ter estudado em Roma, escravo como em geral foram escravos todos aquelles que naquella época se dedicavam ás artes, foi o fundador da aula de desenho, tendo sido o primeiro professor publico daquella arte, e o primeiro que estabeleceu a escola do nú no Brazil.

Tendo estudado pintura na Casa Pia de Lisboa, matriculou-se depois na Academia de Castella, e mais tarde foi completar seus estudos artisticos em Roma, tendo por mestre Pompeo Maltoni da Academia de S. Lucas. Voltando ao Rio de Janeiro foi nomeado pintor regio de pintura, abrindo aulas de pintura e desenho em uma casa em frente da igreja do Hospicio. [1]

Excellente pintor de genero, os seus fructos e flores foram muito apreciados, do mesmo modo que os seus trabalhos decorativos, de que fôra muito habil. Na Casa da Moeda se admiram uma Senhora Sant'Anna, restaurada ha vinte annos, e na Academia de Bellas Artes uma Senhora da Candelaria, ambas producções suas. Na decoração exhibiu-se nos trabalhos decorativos para a recepção do principe D. João.

Zauxis, o celebre rival de Parrhasius, pintou um cacho de uvas tão perfeito, que os passaros vieram debical-o, illudidos pela frescura, côr e fórma dos preciosos bagos.

Dir-se-ha, que assim poderia acontecer, com os fructos pintados por Manoel Dias de Oliveira Braziliense. Segundo o Sr. L. Gonzaga Duque Estrada, o seu desenho, si bem que não tenha grande elegancia e correcção, em compensação é muito feliz no colorido, que é vibrante e claro.

Velho e cançado, foi fallecer na cidade de Campos, como professor de primeiras lettras em 1831.

Francisco Solano, da ordem de Santo Antonio, foi um monge de grande habilidade, que no seu convento executou espaldares e quadros de santos, ainda hoje admirados. [2] Illustrou ainda os trabalhos botanicos do sabio naturalista Conceição Vellozo, e foi autor de um primoroso painel: S. Carlos offerecendo o seu poema á Virgem d'Assumpção, e de outros não menos bellos: Santa Ismeria e o Senhor da Paciencia.

Dedicou-se á pintura decorativa, tornando-se afamadas as suas imitações de tecidos, de bordaduras e de porcellanas. Decorou

---

[1] L. Gonzaga Duque Estrada — Loco cito.

[2] Dr. Joaquim Manoel de Macedo — *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro.*

o Convento da cidade de S. Paulo e o tecto da sacristia do Convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro, uma das suas melhores producções. De um colorido vigoroso, a luz é bem distribuida, illuminando serenamente a scena, e dando relevos de uma classica imponencia a certos grupos. Em um dos cantos destacam-se duas cabeças escuras de anjos, pintados com a graça dos grandes mestres da Renascença, um grupo de nuvens de anjos acompanham as linhas circulares da decoração, produzindo um effeito encantador.

« No conjuncto dos artistas da Escola de Pintura Fluminense, durante o periodo Colonial do Brazil », diz o Sr. L. Gonzaga Duque Estrada, «transparece uma nota caracteristica —espontaneidade. — Seus trabalhos inspirados pela maior parte na Religião Christã, são feitos com unidade de vista, singular semelhança no desenho e sentimento de côr. »

Com o fallecimento de José Leandro desappareceu o ultimo representante da antiga Escola Fluminense de Pintura e começou a figurar a Colonia dos artistas francezes, que chegou ao Rio de Janeiro em 1816, para fundar a Academia das Bellas Artes em 1826. Antes porém da abertura d'aquella Academia, João Baptista Debret, discipulo do celebre Luiz David, pintor historico e vulto eminente d'aquella colonia, já tinha começado a leccionar pequeno numero de alumnos em um predio particular.

D'entre as suas composições deveremos mencionar: a Sagração do Imperador D. Pedro, o desembarque da Imperatriz D. Leopoldina e o retrato de D. João VI.

A Sagração do Imperador é um dos melhores trabalhos. De uma côr harmonica admiravel, de um effeito feliz no claro-escuro, o seu aspecto geral é bastante agradavel. O desembarque da Imperatriz D. Leopoldina é melhor do que o da Sagração.

A scena passa-se no Arsenal de Marinha. A Imperatriz acaba de desembarcar, D. Pedro vai recebel-a. E de costas para a frente do quadro traja um vestido de seda branca, manto lilaz e ouro, diadema com plumas brancas. O perfil do rosto é emmoldurado por um grande brinco de pingentes. O principe de perfil, fardado, de calções e sapatos razos, toma-lhe a mão e parece dizer-lhe algumas palavras. A rainha D. Carlota Joaquina, em

frente de ambos, no segundo plano, vestida de encarnado e ouro, diademas de plumas vermelhas e manto azul debruçado no braço direito, cuja mão está apoiada à cintura. Ao fundo D. João vai entrar no coche, porém uma turba de aulicos vem bejar-lhe a mão, e elle, já aborrecido, volve a cabeça, olhando para o meio do quadro. Uma ala de cortezãos, á direita ás damas de honra, à esquerda os altos dignatarios fórmam cortejo. Ao fundo estão os coches reaes e o morro de S. Bento, onde um formigueiro de chapéos de sol encarnados parece agitar-se.

Predomina nesse quadro a côr encarnada. A luz é distribuida com tal habilidade, que a côr predominante harmonisa-se perfeitamente com as suas proprias graduações. E' admiravel a perfeição das pequenas figuras, bem como de grande expressão a attitude de D. João VI, a pose de D. Carlota Joaquina, as posições de tres marinheiros da galeota, e sobretudo a naturalidade de um sargento-mór, que á direita agarra-se á columna da galeria.

Muito bem acabado e executado é este primoroso trabalho; pouco se preoccupando o eminente artista das ligeirezas, para attender sómente ao bello acabamento, certamente que não é nenhum pintor *à la minute.* As suas lindas e apropriadas cores, necessariamente na moderna escola, não deverão ser denominadas *crúas* — o retrato de D. João VI, si bem que fosse executado magistralmente por Debret, comtudo é inferior ao de Leandro Joaquim. O trabalho deste artista, apezar de alguns senões, tem mais naturalidade. Soube reproduzir em tela a propria physionomia, o seu verdadeiro typo. D. João está de pé no meio do quadro, sobre o estrado do throno. O manto encarnado com as armas do reino bordadas a ouro, forrado de seda branca, cahe de seus hombros n'uma opulencia de curvas e debruça no chão garbosamente. Tem o braço esquerdo curvado, a mão descançada nos copos do espadim; o direito estendido segurando o pequeno sceptro, em cuja extremidade está o globo ôco. Este, posto assentado sobre a mesa da côroa toda forrada de velludo vermelho escuro, franjado de ouro. [1]

---

[1] L. Gonzaga Duque Est — Loco cito.

Durante a fundação da Academia das Bellas-Artes em 1816, figurou como distincto esculptor Augusto Taunay, autor das estatuas em gesso e baixo relevo que ornavam o frontespicio da referida Academia.

O sympathico e popular Valentim da Fonseca e Silva, conhecido por *mestre Valentim*, foi um dos esculptores de grande facilidade, o segundo esculptor brazileiro, segundo o Sr. M. de Araujo Porto Alegre. Dotado de grande vivacidade e intelligencia não vulgar, foi levado por seu pai para Portugal para educal-o e voltou logo para o Brazil ainda em tenra idade. Pobre, dedicou-se á arte toreutica, e tantos progressos fez que era procurado por todos os artistas do Rio de Janeiro, mórmente os ourives e lavrantes, que corriam a elle para obterem desenhos e moldes de banquetas, ciriaes, lampadas, custodias, frontaes, salvas, reliquias e tudo que demandasse luxo e bom gosto. Talvez fosse Valentim uma das causas mais poderosas que nos motivaram aquella barbara carta régia de 30 de agosto de 1766, que mandou fechar todas as lojas de ourives, sequestrar todos os instrumentos de arte, recrutar todos os officiaes solteiros, prohibir o officio no Rio de Janeiro, e castigar com as penas de moedeiros falsos, porquanto é sabido e foi sempre constante que semelhante carta régia fôra lançada em favor de alguns ourives de Portugal, a quem os nossos tiravam o ganho, o que é claro á vista da perfeição das obras de prata e ouro daquelle tempo e das lampadas e mais objectos que se vêm em S. Bento, Carmo, Santa Rita, modelados e inventados por Valentim. [1]

Fôra elle quem primeiro no Brazil empregou o esmalte ao metal, empregando pela primeira vez em um dos modelos dos apparelhos de porcellana feitos com o caolim da ilha do Governador, a pedido de João Manso, denominado o *chimico*. [2]

O sempre lembrado vice-rei D. Luiz de Vasconcellos deu-lhe constantes provas de amizade e apreço; por esse magnanimo vice-rei foi convidado para apresentar desenhos para ornamen-

---

[1] M. de Araujo Porto Alegre — Loco cito.

[2] L. Gonzaga Duque Estrada — Loco cito.

tação do Passeio Publico, que no seu vice-reinado fôra creado. Aceitando o honroso encargo, com o celebre Xavier das Conchas, apresentou os bellos riscos de toda a obra architectonica daquelle Passeio.

As estatuas de Apollo e Mercurio, os dous pavilhões do antigo terraço, o grupo dos jacarés, que ainda hoje são admirados, o lindo coqueiro de ferro pintado ao natural, da sua cascata, os diversos passaros pousados sobre pedras a despejarem agua pelos bicos ; e, sobretudo, o celebre menino que vôa sustentando um kagado e que vomita agua em um barril de granito, tendo a divisa: *Sou util ainda brincando ;* são trabalhos desse eminente artista, que tanto abrilhantou o governo do referido vice-rei. [1]

Infelizmente não existem mais naquelle terraço os seus bellos trabalhos de conchas, pennas e escamas. Ainda são producções suas: O chafariz da rua das Marrecas, com as estatuas de Echo e Narciso, infelizmente demolido, victima, como o menino do Passeio Publico, da barbara picareta.

Sobre este bello Passeio Publico, o Sr. Dr. Eduardo Prado, distincto paulista, em seu apreciado trabalho *l'Art*, inserto no já referido *Le Brèsil en 1889*, transcreve uma bonita descripção feita em 1772 pelo viajante inglez Barrow. Esse illustre viajante, depois de ter dito que aquelle Passeio era formado de pequenos bosques, canteiros com verduras, alamedas, etc., descreve o seu magnifico terraço na parte baixa do jardim, que domina o porto, offerecendo uma vista encantadora de suas margens. Nas duas extremidades deste terraço acha-se um pavilhão bellamente edificado, cujas paredes internas são revestidas de pinturas. Os quadros de um desses pavilhões representam vistas destacadas de alguns lugares do porto ; o tecto é ornado de *croisées* executadas com conchas e no contorno a cornija representa peixes particulares destas costas, feitos do mesmo modo de pequenas conchas. Os lambrequins do outro pavilhão são decorados tambem com *croisées*, mas executadas com pennas. Em toda a cornija

---

[1] Dr. Moreira de Azevedo — Valentim da Fonseca e Silva, *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 1869, pag. 235, 2ª parte.

acha-se representada grande parte de passaros do paiz com as suas proprias pennas. Nas paredes deste ultimo terraço vêm-se oito pinturas descriptivas dos oito objectos considerados de maior importancia para o Brazil, representando: 1°, uma vista das minas de ouro e diamante ; 2°, uma vista de uma plantação de assucar e de um moinho que moia ; 3°, uma vista da cultura e das preparações do trigo ; 4°, uma vista de plantação de cactus puncti ; 5°, uma vista de plantação de café ; 6°, uma vista de uma plantação de canhamo, e da manufactura das cordoarias.[1]

O chafariz do largo do Paço, que era encimado por uma bella corôa, hoje substituida por uma desgraciosa esphera, quando era mais apropriada a cruz de Christo ou as flechas de S. Sebastião, é obra tambem de mestre Valentim.

Deveriamos mencionar ainda o seu bello trabalho de entalhamento das primeiras obras da Ordem Terceira do Carmo, que foram terminadas pelo artista Padua. A obra de talha da igreja da Cruz dos Militares, o tecto da mesma igreja, considerado ainda hoje como um primor de arte. O altar-mór da igreja do Hospicio e todos os ornamentos da capella-mór da egreja de S. Francisco de Paula. Causam grande admiração as suas bellas lampadas de prata da igreja de S. Bento, Carmo e Santa Rita. Deleita contemplar-se um oratorio original que servia de mesa, quando fechado, e aberto tornava-se taboa de mesa em docel, apparecendo as imagens nos seus nichos. [2]

Fôra um mestre de grande talento e operoso. Suas obras são tão importantes, que, pelos proprios artistas modernos são consideradas producto de um mestre de primeira ordem no estylo barrominico. Delle refere o Sr. Barão de Santo Angelo: « Valentim foi um grande artista, foi um homem extraordinario para o Brazil daquelle tempo e para o de hoje, e o seu nome deve ser

---

[1] Le voyage à la Cochinchine par les iles de Madère, de Tenériffe et du Cap du Nord, le Brésil et l'île de Java par John Barrow. Paris, 1807.

[2] M. de Araujo Porto Alegre — Loco cito.

venerado.» Falleceu em 1 de março de 1813, deixando por discipulos: José Carlos Pinto, Simeão José de Nazareth e Francisco de Paula Borges. Laureado de um nome immortal, como o poeta latino poderiamos exclamar: *Sublimi vertice sidera feriam.*

Sahiram daquella escola ainda: M. J. Francisco de Carvalho, o miniaturista M. J. Gentil e F. F. do Amaral.

Si nos tempos coloniaes do Brazil, a pintura foi bem representada por artistas notaveis que illustraram a antiga Escola de Pintura Fluminense, a esculptura tambem teve representantes, que igualmente honraram as artes.

Foram notaveis esculptores : João Vermelho, autor da imagem de Nossa Senhora do Amparo collocada em um dos altares da igreja de S. José. Este trabalho, executado com todas as regras esculpturaes, muito recommenda o artista.

Domingos da Conceição, Simão da Cunha e Gaspar Ribeiro, auctores das esculpturas da igreja de S. Bento, e Martinho de Brito, que pintou uma Paixão da igreja da Cruz dos Militares, decorou o altar mór da igreja de S. Francisco de Paula e compoz o desenho das lampadas de prata massiça da referida igreja de S. Bento e Santa Rita.

Francisco Pedro do Amaral foi o ultimo representante dos artistas brazileiros, antes da vinda para o Rio de Janeiro da colonia artistica franceza. Successor do grande Valentim e Leandro Joaquim, foi o mais celebre retratista do seu tempo. Com José Leandro começou a aprender Francisco Pedro o desenho, depois continuou com Manoel Dias de Oliveira Brasiliense, e terminou com os grandes mestres francezes, pertencentes á colonia artistica franceza, que viera para o Rio de Janeiro para fundar a Academia das Bellas-Artes.

Estreou Francisco Pedro com uma miscellanea no Museu Nacional, offerecida ao ministro Thomaz Antonio, com o fim de ser nomeado substituto da cadeira de desenho. Intelligente, laborioso e honesto, ao mesmo tempo era pobre, e para ter meios de subsistencia foi trabalhar no mesmo theatro com o pintor e architecto italiano Aiergenzio. Foi ainda trabalhar com José Leandro e com Francisco Ignacio. Perseverante em seus estudos, chegou a copiar os arabescos de Raphael e as composições de

Percier. Foi auctor de muitos paineis. Além de pintor, foi tambem dourador, architecto, estucador, scenographo e paisagista. [1]

De par com estes afamados pintores e escriptores, appareceram alguns gravadores de talho doce: Roberto Eloy de Almeida, que copiou o retrato de Pope gravado por Holloway, cópia feita em 1810 e impressa na obra *Ensaio sobre a critica de Alexandre Pope, traduzido em portuguez pelo conde de Aguiar. Rio de Janeiro, 1810.* [2]

Com a pintura, esculptura e demais artes progrediu tambem no Rio de Janeiro a architectura. As ermidas de pão a pique foram pouco a pouco sendo substituidas por bellas igrejas, como a Cruz dos Militares, que se distingue pela linha exterior da mais bella architectura, e de S. Bento, em que se admiram interiormente verdadeiros primores artisticos de estylo barrôco.

Em 1735 começou a ser erigida a soberba igreja da Cruz dos Militares com granito do Rio de Janeiro, sob os planos do general Sá e Faria, autor da fachada da Cathedral de Buenos Ayres.

Em 1751 o governador, depois vice-rei, Gomes Freire de Andrade, mandou construir o magnifico aqueducto, que liga as montanhas de Santa Thereza e Santo Antonio, soberbo aquario de estylo romano, infelizmente profanado por desgraciosa linha de bonds electricos e por uma serie de casinholas bizarras que vieram destruir as suas duplas arcadas.

A igreja da Candelaria do Rio de Janeiro, que já é um primor artistico, no qual são admirados os bellissimos paineis do talentoso artista Zeferino Costa; os prophetas, de tamanho natural, pintados com um tom fresco especial, de um colorido tão expressivo, que parecem ter sido copiados do original. David só falta dedilhar a lyra, só falta arrancar sons, para serem apreciadas as suas bellissimas melodias. Os paineis do tecto do corpo da igreja, dos retabulos lateraes e tantas outras composições que enaltecem devéras esse magestoso templo.

---

[1] M.el de Araujo Porto Alegre, Francisco Pedro do Amaral — *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 1856, pag. 375.

[2] M. de Freycinet — *Voyage au tour du monde sur les corvettes « l'Uranie » et la « Physicienne »*, Paris, 1825. Vol. I, pag. 215.

Si da pintura passarmos a estudar a sua rica esculptura, é merecedor dos maiores encomios o operoso e distincto engenheiro Dr. A. de Paula Freitas. Todos os altares revestidos de marmore de variegadas côres, de um estylo elegante e mixto, correspondem certamente ás actuaes bellissimas pinturas e esculpturas, á riqueza e gosto da sua antiga architectura exterior. O conjuncto desses primores artisticos contribue para tornar esse sumptuoso templo o primeiro e mais imponente da America do Sul. Essa igreja começou a ser edificada em 1775, segundo os planos do general Roscio.

Como diz o Sr. Dr. Eduardo da Silva Prado, a arte dos jardins em um clima quente e rico de vegetação, devia ser mais do que nunca o complemento da architectura. Entretanto sacrificou-se pouco a sombra aos effeitos da perspectiva, que são encantadores.

III

Não foi só no Rio de Janeiro que as artes tiveram um tal ou qual desenvolvimento, na Bahia foram tambem ellas representadas com certo brilhantismo. Sobresahiram o pintor José Joaquim da Rocha, que pintou as cupolas das igrejas da Conceição da Praia, de Nossa Senhora da Palma, e outros. Seus discipulos Antonio Pinto, Antonio Dias, Lopes Marques, Ramos da Motta, Souza Coutinho, José Theophilo de Jesus e Antonio Joaquim Franco Vellasco deixaram preciosos trabalhos, que muito os têm recommendado.

A historica e florescente cidade da Bahia, a antiga capital da rica colonia brazileira, tambem encerra em todos os seus diversos ramos, as maiores preciosidades artisticas.

A Bahia teve tambem a sua antiga Escola de Pintura, fundada em meiados do seculo passado pelo celebre litterato e pintor mineiro José Joaquim da Rocha. Della sahiram famosos discipulos, autores de preciosos trabalhos. A cupola das igrejas da Conceição da Praia, a dos extinctos Agostinhos, a de Nossa Senhora da Palma, etc., além de primorosos paineis. A cupola

de S. Pedro Velho, a do Rosario da Baixa dos Sapateiros e seus paineis, a da ordem terceira de S. Domingos e paineis da sacristia.

Não menos notaveis foram, como dissemos, Antonio Pinto e Antonio Dias. cujos primorosos tectos das igrejas do SS. Sacramento da rua dos Passos, da de Nossa Senhora da Ajuda, da de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão, da de Nossa Senhora da Saude e Gloria.

Foram illustres discipulos de José Joaquim da Rocha Lopes Marques, Nunes da Motta, Verissimo, Souza Coutinho, José e Theophilo de Jesus e Antonio Joaquim Franco Vellasco, já por nós referidos.

Verissimo, o decano desses pintores, pintou o tecto da igreja dos religiosos da Lapa. Foi seu discipulo Lourenço Machado, que pintou o tecto da igreja de Nossa Senhora do Rosario de João Pereira.

Souza Moutinho nos legou o panno de bocca do theatro de S. João, representando a figura da America brazileira.

Theophilo de Jesus, um dos mais eminentes d'esses artistas, pintou a excellente figura de Mercurio, em que se lia a inscripção : *Ridendo castigat mores*. Este bello trabalho desappareceu completamente.

Theophilo de Jesus e Franco Vellasco foram os dous discipulos mais illustres de José Joaquim da Rocha. O primeiro, depois de se ter aperfeiçoado em Lisboa, no seu regresso á Bahia pintou as cupolas das igrejas dos terceiros do Carmo, do Recolhimento do Senhor dos Perdões e Boa Sentença, da igreja do mosteiro de S. Bento, da igreja da Barroquinha, da igreja de S. Joaquim, com tres notaveis paineis, a igreja matriz da cidade de Itaparica, a egreja de Nossa Senhora do Pilar, quadros e paineis dos quatro evangelistas. Pintou tambem a igreja do Senhor do Bomfim e toda a galeria da vida do Redemptor, e da ordem terceira de S. Francisco. Foi um pintor operoso e notavel, a ponto de ter despertado a attenção do primeiro imperador. Falleceu a 19 de julho de 1847. [1]

---

[1] Dr. A. J. de Mello Moraes — Loco cito.

Francisco Vellasco fôra o primeiro professor nacional da cadeira publica de desenho na Bahia.

Foram tambem dignos de nota : Bento José Rufino e Joaquim Tourinho, este autor de uma bella miniatura de Napoleão III e o insigne miniaturista Olympio Freire da Motta, que retratou seu mestre.

A esculptura tambem foi representada pelo celebre Chagas, conhecido por *Cabra*. Foi um esculptor de grande representação. Os seus trabalhos na igreja dos terceiros do Carmo, em que se nota o bello grupo das Dôres, S. João e Magdalena, a imagem da Santissima Virgem, de uma expressão de dôr profunda e admiralvel e sobre tudo a imagem do Menino Deus, da Senhora do Carmo foram executados com muita arte e primor.

As suas imagens são tão perfeitas, que parecem tiradas do natural, principalmente as do Menino Jesus de S. Benedicto da igreja de Sant'Anna e da do Sacramento. Segundo o Sr. Dr. Mello Moraes constitue essa imagem uma maravilha de arte. A imagem do Bom Jesus da Redempção é um outro trabalho precioso. Foi celebre artista e chefe de uma escola de esculptura.

Foram tambem celebres esculptores: João de Abreu de Sant'Anna, Felix Pereira e seu discipulo Manoel Ignacio da Costa, autores da magnifica imagem de S. Pedro de Alcantara do convento de S. Francisco, Bento Sabino dos Reis, que compoz a imagem de S. Gonçalo, de uma expressão admiravel, e Feliciano de Aguiar.

Dispondo de tantas riquezas, é lamentavel que este berço de homens tão eminentes nas lettras, artes, sciencias e politica, não encontrasse um só filho, que nos legasse com os seus escriptos descripção d'essas bellezas.

Nos seus conventos, no seu sumptuoso collegio dos Jesuitas, e até mesmo em alguns edificios, com prazer estudar-se-ha a pintura e esculptura, a architectura e a decoração.

A riquissima Cathedral, antigo collegio dos Jesuitas, com a sua bella architectura, encerra na magnificencia do seu interior bellissimos trabalhos de um primor admiravel, a sua linda sacristia, que tanto tem que admirar-se, a sua igreja, que obriga

horas inteiras de contemplação, para apreciar-se a riqueza e o bom gosto dos seus trabalhos.

A pintura encantadora de seu tecto, os bellos paineis dos altares lateraes, e sobretudo os pequenos quadros dos dous primeiros altares lateraes, de fórma abobadada representando os martyres do christianismo, pintados talvez por quem devia possuir profundos conhecimentos da arte e da religião, são certamente composições que muito honram a bella patria de Paraguassú.

Tratando d'esse magestoso templo, o Sr. Dr. Eduardo da Silva Prado, em seu artigo *L'Art* no *Le Brésil en 1889*, pag. 519, diz: « A igreja do collegio dos Jesuitas na Bahia era de esplendor admiravel, a sua sacristia era uma das mais magnificas do mundo, com tres altares, dous nas duas extremidades, um no meio da face contigua á igreja, no qual viam-se todas as manhãs mais de vinte calices de ouro vermelho e prata. Em ambos os lados desse ultimo altar existiam duas grandes mesas, entre espaços de duas portas, que davam entrada para a igreja. Estas mesas, magnificamente trabalhadas em bellissima madeira, eram guarnecidas de marfim e de uma grande quantidade de miniaturas, vindas de Roma. O quarto lado da sacristia era revestido de alto a baixo de diversos *croisées*, e o tecto coberto de bellissimas pinturas.

Um viajante francez, Frezier, tendo estado na Bahia em 1714 fez desse magnifico templo uma lindissima discripção: « o convento dos Jesuitas, cuja igreja é edificada de um marmore trazido da Europa, a sua sacristia é bellissima, tanto pela correcta execução dos seus bufetes, pelas suas curiosas madeiras, pelos seus trabalhos de marfim, como especialmente pela ornamentação de seus quadros. [1]

Assim ainda se exprime esse illustre viajante em relação a esse imponente templo: « La cathédrale qu'ils appellent Cez (sic) est dans la haute ville. Elle est grande, élevée, toute

---

[1] Frezier — *Relation du voyage á l'Amérique du Sud*, etc. Amsterdam, 1717. Vol. II, pag. 535.

bâtie de pierres de taille et l'une des plus belles églises que j'aie vues. La maison des Jésuites est superbe et magnifique que je n'en sache point en France qui puisse lui être comparée. Mais on admire surtout leur sacristie. Les murs sont lambrissés de bois de jacarandá, je suis fort trompé si ce n'est le même que celui qu'on appelle en France bois de violettes, tant il lui ressemble. Depuis le parquet, qui en est aussi, jusqu'au plafond, toute la peinture est exquise. Du côté où les prêtres s'habillent, il y a un grand nombre de tableaux qu'ils m'ont dit être des meilleurs mâitres d'Italie. De l'autre, entre les croisées, ce sont quantités de belles armoires de même bois que les lambris et bien travaillées. Toute belle et toute grande que soit cette sacristie, elle a un air de simplicité et de propreté qui m'a plu plus que tout le reste. »[1]

Uma outra descripção não menos attrahente desse lindo sanctuario é a feita por *Le Barbinnais le Gentil* em 1817, quando, tratando da cidade da Bahia, aprecia esse convento. Ouçamol-o: « Il y a plusieurs monastères, celui des Jésuites est situé dans el lieu le plus agréable de la ville et c'est sans doute le plus beau, le plus vaste et le plus riche édifice, on y a admiré surtout la sacristie dont le lambrie est d'écaille, de tortue mise en sonore, d'une manière fort délicate. »[2]

Quem como nós, que tem visitado a legendaria e hospitaleira cidade da Bahia, nas nossas differentes viagens aos Estados do Brazil, que tem procurado estudar as artes modernas e antigas daquelle florescente Estado, poderá bem julgar as bellissimas descripções feitas por esses abalisados escriptores, e avaliar a exacta pintura feita de tão sumptuoso templo. Deveras extasiámo-nos ao contemplarmos estas soberbas maravilhas da arte, e sentimos não serem ellas sufficientemente conhecidas,

---

[1] *Journal d'un voyage sur les côtes d'Afrique, etc.* Amsterdam 1723, pags. 238-240.

[2] *Nouveau voyage au tour du monde.* Amsterdam, 1747. Vol. III, pag. 131.

para demonstrar o gráo de desenvolvimento artistico desta época.

Si da Cathedral formos a Sé, aos conventos de S. Bento, do Carmo e de S. Francisco, encontraremos igualmente preciosidades artisticas de um valor inestimavel.

A igreja do convento de S. Francisco, situado á praça 15 de Novembro, antiga Ferreiros, é um dos mais magestosos templos da Bahia. A sua bella e elegante architectura externa previne logo ao espectador o gosto e o luxo das suas riquissimas pinturas e trabalhos esculpturaes internos.

Logo ao entrar admira-se o bellissimo painel do tecto da portaria, tão fresco e alegre, que parece ter sido executado recentemente. Em seguida entra-se na sacristia, onde o visitante precisa demorar-se algum tempo, para melhor estudar os primorosos trabalhos de entalhamentos, feitos em madeira de jacarandá envernizada. Os bellissimos armarios em que se guardam os paramentos religiosos, e os dous bonitos moveis embutidos nas paredes para os atoalhados, são de bom effeito. Mas, o que prende mais a attenção de quem entra neste sagrado recinto, é um elegante altar de entalhamento dourado, com as suas columnas corynthias, de postes dourados, guarnecidos de anjos e flores tão perfeitos como originaes, repousando em pilastras adornadas de festões dourados, terminando em uma cupola abobadada, encerrando a sagrada imagem do Senhor, é um bonito e luxuoso trabalho esculptural. E' rodeado esse altar de dous magnificos paineis, pintados com muito capricho e correcção. A pintura do seu tecto completa a elegancia e riqueza de tão bella sacristia; entrando-se na egreja, fica-se deveras extasiado. Ajoelhado no fervor de nossas orações, pedimos á Deus que nos inspirasse, que nos mandasse Miguel Angelo, Raphael, Leonardo de Vinci e Benevenuto Cellini, que nos désse meças para descrevermos os admiraveis trabalhos de pintura, de esculptura e de decoração tão bem executados por esses grandes mestres da arte, e como que reproduzidos nesse santo e encantador templo.

O seu riquissimo altar-mór de magnificas columnas corynthias sobre pilastras quadrangulares, e adornadas de festões

dourados com os seus capitéis e volutas do mesmo modo douradas, terminados por uma cupola abobadada encerrando a imagem do seu padroeiro, são realmente trabalhos dignos de serem descriptos por uma penna mais competente que a nossa.

O arco do cruzeiro, os dous magnificos pulpitos, em que nos lindissimos entalhamentos sobresahem anjos suportando o seu peso. O soberbo tecto do corpo da egreja, todo contornado de cornijas, formando quadros pintados de assumptos biblicos, paineis de um colorido fresco e suave, de tons tão alegres, de expressivas imagens e de felicidade na escolha do assumpto, constituem composições realmente encantadoras.

Terminamos esta tosca descripção, fallando nos dous excellentes altares, o do Santissimo Sacramento e o de Nossa Senhora. De um elegante pedestal quadrangular, parte uma explendida columna corynthia encimada por um capitél com volutas, sustentando um anjo em adoração. Remata a columna uma cupola pyramidal, tendo no seu vertice uma pequena imagem. Trabalhados em madeira de jacarandá com entalhamentos e decoradas de dourados e folhagens de parreira e cachos de uvas com pellicanos á espicaçal-os, são de um bello e agradavel aspecto.

O convento da Graça, no Rio Vermelho, contém muitos primores artisticos, devendo-se notar, principalmente, o retrato do famoso padre Antonio Vieira, tão perfeito e tão bem executado que dir-se-hia ter sahido do pincel de Van Dyck.

A imagem de S. Francisco na igreja do convento desse santo, é um primor estatuario. Tão natural, tão expressivo, tão perfeitamente executado, que o celebre viajante Hoister, não duvidou declarar que só elle valia o templo todo.

O tecto da igreja do antigo collegio dos Jesuitas na Bahia, esse é embutido de tartaruga de côres diversas, formando um bellissimo painel de um effeito deslumbrante.

Nos tempos coloniaes, e mesmo em principios do Brazil Imperio, era costume na Bahia, aproveitarem-se os senhores da vocação artistica dos seus escravos, para obrigal-os a preparar imagens de santos, muito apreciados e procurados. Eram elles por esse motivo denominados — *Santeiros*.

IV

O rico e hospitaleiro Estado de Minas Geraes, tambem foi o berço de artistas notaveis. O illustre José Joaquim Viegas de Menezes, além de ter sido um profundo conhecedor da arte typographica, e de ser o glorioso fundador da imprensa mineira, foi tambem gravador e pintor de grande merecimento. O quadro de S. João Baptista, os retratos do bispo de Marianna D. José do Santissima Trindade, do bispo de S. Paulo D. Matheus, de Fr. José Marianno da Concição Vellozo, do governador Manoel de Portugal e Castro e de outros, são composições que attestam o bom gosto, fiel execução e conhecimento perfeito dos principios os mais rudimentares da arte de Vellasques.

Entretanto, a arte mineira não correspondeu ao valor das obras estimaveis das suas lettras, apesar das ricas igrejas construidas pelos Jesuitas, magnificamente douradas e decoradas com estatuas polychromas.

Os viajantes que percorreram o Brazil em investigações scientificas, durante a residencia de D. João VI na sua colonia, fazem ligeiras referencias artisticas. O sabio Augusto de Saint Hilaire, conta, que o palacio do governador em Villa Rica, era decorado de pinturas nas cornijas e de tectos apainelados. As vivendas dos ricos proprietarios, apezar de pouco guarnecidas de moveis, concentravam, comtudo, o conforto nas camas de cortinas e colchas adamascadas, e nos macios lençóes bordados de renda. O gosto artistico era revelado nas grandes figuras e arabescos pintados nos tectos, que condiziam com as portas de humbreiras imitando marmore. [1]

Entretanto, esse florescente Estado, foi o berço de pintores e escriptores notaveis. O estatuario Antonio José da Silva, alcunhado o *Aleijadinho*, o pintor José Joaquim da Rocha, que deixára a sua terra natal, retirando-se para a Bahia, onde

---

[1] Dr. Oliveira Lima — *Aspecto da Litteratura Colonial Brazileira.*

celebrisou-se e fundou uma Escola Artistica, da qual sahiram famosos artistas; e Valentim da Fonseca, o insigne escriptor e cinzelador, que tantos e tão preciosos trabalhos executára no Rio de Janeiro.

Refere o sabio naturalista francez Auguste de Saint Hilaire que a igreja de Caeté, em Minas Geraes, era um monumento notavel pela sua antiguidade e opulencia. Dedicada á Nossa Senhora do Bomsuccesso, foi começada em 1818, tendo-se despendido até essa época 112.000 cruzados. *

Construida de pedra, é bastante elevada, sua nave é muito larga, conta 47 palmos do altar mór á porta da entrada, os seus altares lateraes teem uma direcção obliqua, abalaustrada, que cerca a nave e separa do sanctuario é de jacarandá preto, e imitação de ebano. Sobre a porta da entrada ha uma tribuna vasta. A sacristia tambem espaçosa, é muito aceiada. Toda a igreja é bem illuminada por doze janellas e decorada de bom gosto, de dourados diversos.

As pinturas da abobada e as estatuas dos cantos dos altares são as melhores que se póde imaginar. [1]

Refere ainda o mesmo illustre sabio, que a igreja da villa de Nossa Senhora da Conceição da Barra, S. João d'El Rey, em Minas Geraes, não é sómente decorada de dourados, mas, tambem, de pinturas superiores, as que se viam nessa época (1821) nas igrejas de Campo, em França. [2]

Apreciando Saint Hilaire uma procissão naquella cidade, diz: os vestuarios convinham aos personagens, que estavam revestidos, as suas cores eram frescas, as suas figuras bem esculpidas, e tanto mais admiraveis quanto os seus artistas não se serviram de bons modelos. [3]

---

[1] Auguste de Saint Hilaire — *Voyage dans le district des diamants*. Vol. I, pag. 134.

[2] Auguste de Saint Hilaire — *Voyage aux sources du rio S. Francisco*. Vol. I, pag. 134.

[3] Auguste de Saint Hilaire — Loco cito.

* Vide parecer da Commissão.

Em uma viagem scientifica pelo Estado de Minas Geraes, aquelle eminente botanico, dotado de um atilado espirito observador e descriptivo, não se descuida da parte artistica. De todos os naturalistas estrangeiros que viajaram o Brazil, Saint Hilaire é o unico, que intercurrentemente em suas obras, refere-se as artes com certa minudencia.

Em Sabará, visitou elle, a igreja de Nossa Senhora da Conceição, considerada a mais antiga de todas as igrejas daquella cidade. Decorada de dourados em profusão e gosto, os lados inferiores são guarnecidos de cupolas, e as arcadas que as separam do côro, são ornadas de esculpturas gothicas douradas. Cada lado do côro é decorado de tres quadros, representando assumptos da vida de Jesus Christo, pinturas magistralmente executadas, e talvez attribuidas ao artista que pintou a igreja de Ouro Preto, em Villa Rica. [1]

V

Em Goyaz, o sabio naturalista Saint Hilaire apreciou a igreja de Jaraguá, que era de muito gosto. No mesmo Estado em Santa Luzia e Meia Ponte, elle viu moveis e prata lavrados, muito bem trabalhados. Teve occasião ainda de admirar quadros de florestas, perfeitos, que não deveriam ser desprezados pelos bons desenhadores francezes de historia natural ; esses quadros que ornavam as paredes da sala do cura da Meia Ponte, eram devidos á um homem que nunca tinha sahido de Villa Boa.[2]

Na casa do commandante da Villa do Bom Fim, no mesmo Estado, Saint Hilaire ouvio musicos que deveriam representar na opera desse dia, e teve mais uma occasião de verificar o gosto natural dos brazileiros pela musica.

Para o autor do « Goyaz e Rio Grande do Sul » a capella do Viamão, no Estado do Rio Grande do Sul, foi a melhor por elle

---

[1] Augusto de Saint Hilaire — *Voyage dans le district des diamants.* Vol. II, pag. 161.

[2] Auguste de Saint Hilaire.—Loco cito, pag. 199.

observada desde S. Paulo até essa localidade. Em belleza e perfeição não vio melhor. A regular-se por esse tempo, pode-se declarar que o sentimento das artes é mais natural nos brazileiros do que entre os francezes, e que se elles os cultivassem, custaria menor trabalho e esforço. [1]

Assim pensa esse illustre naturalista, contemplando esse imponente templo.

A igreja de Nossa Senhora, do Bom Jesus de Mattosinhos, em Congonhas, Minas Geraes, é, como observou Luccock— a *Nossa Senhora de Loreto, da Italia.* Construida no alto de um morro, no meio de um terreno cercado de um muro, no qual existem estatuas, que denotam terem sido feitas por artista de talento natural e excepcional. Preparados com steatite, segundo Luccock, representam os prophetas, e segundo Pizarro, scenas da Paixão. Tambem, rica e muito aceiada, aquella igreja é bem docorada de muitos quadros feitos em Villa Rica, dos quaes se destaca principalmente o do altar-mór, representando Jesus Christo morto. Sobre esse altar existem pequenas banquetas armadas de anjos empunhando archotes. A sua sacristia é espaçosa e bonita.

Um pouco abaixo dessa igreja, na rampa do morro, foram edificadas tres capellas, das quaes em 1818, só uma estava acabada. Nella viam-se estatuas de madeira, pintadas de tamanho natural. [2]

O sabio Auguste de Saint Hilaire que tambem percorreu o Estado de S. Paulo, diz que a igreja de Nossa Senhora da Candelaria, em Itú, é decorada com gosto e conservada com apurada limpeza. Com uma extensão de 57 passos de comprimento, tendo de cada lado da nave dous altares, além de outros collocados obliquamente, na entrada da capella-mór, com columnas magnificamente torneadas e douradas. O seu tecto é pintado de bellas pinturas por um artista, que, apezar de não ter tido es-

---

[1] Augusto de Saint Hilaire — *Voyage a Rio Grande do Sul*, pag. 21.

[2] Auguste de Saint Hilaire— *Voyage dans le district des diamants.* Vol. I, pag. 204.

cola nem bons modelos, demonstra, comtudo, qualidades admiraveis.

Em Itú existem outras igrejas recommendaveis, como a do Carmo e a de Nossa Senhora do Patrocinio. Esta, a mais bonita de todas, é muito bem decorada e preparada com gosto. Muito limpa e fresca, a sua nave é inteiramente plana, sem balaustradas lateraes. A capella-mór tem suas ordens de assentos dobradiços, e é encimada por uma pyramide alta, dourada, composta de duas ordens de pequenas banquetas, terminada por uma figura dourada representando o cordeiro paschoal.

Nessas banquetas existem candelabros dourados, muito proximo uns dos outros, e de um effeito admiravel. [1]

VI

A pintura começou a apparecer no Brazil durante o dominio hollandez nos seus Estados do norte. Nessa epoca o famoso batavo Franz Past de Harlem, que accompanhára ao Brazil o conde Mauricio de Nassau, conjunctamente com o seu patrício A. Van der Echmont, pintaram paizagens tropicaes, de assumpto puramente americano, executadas pela primeira vez no Brazil. [2]

Nos tempos coloniaes, porém, a arte foi exclusivamente cultivada pelas ordens religiosas, que enriqueceram o interior das suas igrejas com bellissimas ornamentações douradas.

Em Pernambuco, não tratando do canto e da poesia, tão habituaes aos indios, e que por elles foram cultivadas com tanta admiração, as demais artes tiveram, do mesmo modo, um certo desenvolvimento nos tempos coloniaes do Brazil.

---

[1] Auguste de Saint Hilaire — *Voyage dans les provinces de Saint Paul et Sainte Catherine*. Vol. I, pag. 344.

[2] Dr. Eduardo da Silva Prado — *L'Art — Le Brésil en 1889*. Pag. 519.

O collegio dos Jesuitas, os conventos do Carmo, de S. Bento e de S. Francisco em Olinda; as igrejas da Misericordia e da matriz do Salvador, hoje cathedral, são magnificos monumentos que attestam o progresso das artes mechanicas e officios daquella época.[1]

As construcções particulares e obras publicas tambem progrediam. Havia em 1585 um cargo especial denominado *Mestre das Obras do Rei*, que foi exercido por Manoel Fernandes.

No começo do seculo XVIII, refere o Sr. Dr. Oliveira Lima era notavel o luxo das igrejas, tendo a ostentação, sobretudo, ganho a casa dos Jesuitas, o maior e melhor edificio da cidade, cujo templo fôra levantado com o marmore europeu, e cuja sacristia merecia unanime admiração, já pelo custoso tecto de jacarandá e soberbos armarios de preciosas madeiras embutidas de marfim e tartaruga, já pela delicada obra de tartaruga que revestia as paredes, e télas de alto merecimento que aformoseavam o lugar.[2]

As igrejas da Sé e os mosteiros dos Carmelitas, Benedictinos, Capuchinhos e as de outros religiosos, se não puderam rivalisar no esplendor e gosto com as dos Jesuitas, comtudo, eram notaveis pelos seus lindos trabalhos de talha dourada.

As artes de ornato, a de decoração, a pintura, a talha, os dourados e a alta marcenaria, que só foram executadas nas igrejas, só começaram a apparecer durante o dominio hollandez.

O principe Mauricio de Nassau, amigo das sciencias e das artes, trouxe comsigo, da Hollanda sabios e artistas, seguindo-se à estes outros, que vieram fundar em 1639, a bella cidade da Mauricea, hoje cidade do Recife, uma das mais lindas e florescentes do Brazil. A residencia de Friburgo, o vistoso palacio da Boa Vista, com torreões angulares, além de outros sumptuosos monumentos, foram construidos rapidamente.[3]

---

[1] Dr. F. A. Pereira da Costa — *Bellas Artes em Pernambuco.*

[2] Dr. Oliveira Lima — *Aspecto da Litteratura Colonial Brazileira*, pag. 96.

[3] Dr. F. A. Pereira da Costa — Loco cito.

Não menos incremento tiveram as artes liberaes e officios. A musica foi tambem cultivada; executada á principio pelos regimentos hollandezes, mais tarde desenvolveu-se o gosto pelos pernambucanos, que começaram a celebrar festas e actos religiosos com *boa orchestra*.

O theatro tambem não foi descuidado, deixou-se de representar no adro das egrejas ou na sombra das florestas para funccionar em estabelecimentos particulares.

Podia se estudar, refere o Sr. F. A. Pereira da Costa, em sua excellente memoria sobre as *Bellas artes em Pernambuco*, as bellas artes no elegante e sumptuoso palacio de Friburgo. Os seus vastos salões e aposentos, continúa o illustrado autor da referida memoria, eram guarnecidos de moveis riquissimos de apurado bom gosto, preparados com madeiras do paiz. As suas paredes ornadas de lindissimas paizagens pernambucanas, de indigenas de tamanho natural, de animaes e plantas, pintadas por artistas intelligentes, davam á esta luxuosa residencia um aspecto deslumbrante.

O conde Mauricio de Nassau tinha uma affeição particular pelas artes. As tradicções da sua terra natal haviam-no educado neste culto respeitoso, diz o Sr. Dr. Oliveira Lima, elle proprio era dotado de uma intelligencia brilhante. Adorava os edificios, os quadros, as esculpturas. Fez este distincto governador geral da Ilha de Santo Antonio Vaz, hoje de Santo Antonio, o centro da cidade, ligando-a, como é, por meio de pontes aos elegantes bairros da Boa Vista e Recife, na ilha mandou construir os seus dous palacios, de uma architectura elegante. Afastando-se do estylo gothico, procurou conciliar a esthetica com a boa accommodação, que occupando-se principalmente com o conforto e a independencia. Com duas altas torres, que se erguiam entre palmeiras, era esta imponente casa rodeada de um sitio com centenares de coqueiros, laranjeiras, bananeiras, castanheiros, videiras, romangueiras e outras arvores de fructo, horta, pombal, collecções zoologicas e viveiros de saborosos peixes.

Refere Fr. Manoel Calado: « No meio daquelle areial esteril e infructuoso plantou um jardim e todas as castas de arvores e fructos, que se dão no Brazil, e ainda muitas que lhe

vinham de differentes partes, etc. Tambem haviam todas as castas de aves e animaes que podia achar, etc. » [1] Em um jardim de tão preciosas collecções, encontravam os sabios e artistas material para seus estudos e pinturas.

Além de fino epicurista, diz o Sr. Dr. Oliveira Lima, Mauricio de Nassau sentia-se bem no Brazil, porque ficou enamorado da terra. Fascinava-lhe a natureza tropical. O palacio de Friburgo não destoava do excellente jardim; em vez de tapeçarias flamengas, viam-se grandes telas de Tost que apresentavam em tamanho natural os homens e os mais notaveis individuos da fauna e da flora do Brazil. Em lugar dos moveis delicadamente entalhados, cinzelados com preciosidades de ourivesaria, dos bahús de couro e misanga, dos cofres de cobre com encrustação de madreperola, viam-se cadeiras, mesas e consolos feitos de marfim da Costa d'Africa e de madeiras do Brazil » [2]

Que bellos tempos, como diz Barlaeus: *Tul diris aedibus templisque conspicua.*

E' pena que todo esse desenvolvimento artistico fosse tão destoado pelo procedimento da perseguição que fizeram os hollandezes á nossa santa religião, e á seus respectivos ministros, pelas maldades e deshumanas crueldades que executaram durante a sua dominação em Pernambuco, e obrigando os portuguezes á trabalhos e perseguições vergonhosos. Todo esse triste quadro é magistralmente pintado pelo habil pincel do monge benedictino Fr. Raphael de Jesus, em seu *Castrioto Lusitano*, livro V, pag. 15.

Todos os escriptores que trataram do Brazil no seculo XVI, são concordes em declarar, que nessa época Pernambuco era a mais adiantada das capitanias, não só no cultivo e producção das suas terras, como na polidez dos costumes e conforto da vida.

Assim refere Gabriel Soares de Souza, no seu — *Tratado descriptivo do Brazil*, escripto em 1587; e o padre Fernão Car-

---

[1] Fr. Manoel Calado, *Valeroso Lucideno.*

[2] Dr. José Hygino Duarte Pereira — *Relatorio da viagem feita á Hollanda*, apresentado ao Instituto Archeologico de Pernambuco.

dim, diz tambem que, em Olinda, as casas eram numerosas, tendo já perdido a miseravel apparencia das primitivas palhoças, defendidas por paliçadas e fossos [1]

O seu luxo consistia nos vestuarios de bellos tecidos de seda, simples, adamascado ou avelludado, nos cavallos de preços, ricamente ajaezados, palanquins e liteiras, etc. Não desprezava comtudo o adorno das habitações, agasalhavam os hospedes, não em redes indigenas, como refere o padre Fernão Cardim, mas em leitos de damasco carmezin, franjados de ouro e ricas colchas da India. [2]

Infelizmente, não podemos apreciar thesouros tão bellos. O principe Mauricio de Nassau, retirando-se para Hollanda levou-os comsigo, appartando uns, vendendo outros e conservando para si alguns.

Desembaraçado dos hollandezes, começou Pernambuco a restaurar as ruinas occasionadas durante tão encarniçada luta.

Ainda hoje são admirados os lindissimos trabalhos de esculptura e pintura executados na Capella-mór das igrejas de S. Bento, do Carmo e da Misericordia e a igreja de Santa Thereza. São tambem dignas de nota a cathedral, cuja igreja é dividida em tres naves por arcarias, sobre columnas de um bellissimo aspecto. [3]

Não menos interessantes são os trabalhos de talha em jacarandá dos moveis e ornamentações das sacristias das igrejas de S. Francisco e de S. Bento.

Que effeito agradavel produz a elegante igreja da Madre de Deus, na freguezia do Recife. De um gosto artistico primoroso, o seu bello altar-mór é de um effeito encantador. A decoração dourada do seu tecto, as suas lindas columnas coryntbias guarnecidas de festões dourados e de anjos. A graciosa cupola do altar-mór, tudo contribue para dar-lhe um aspecto encantador.

---

[1] Fernão Cardim — *Narrativa* epistolar.

[2] Dr. M. de Oliveira Lima — Loco cito.

[3] Dr. F. A. Pereira de Castro — Loco cito.

Não menos importante é a sua sacristia. Nella se admiram os quatro contadores lateraes de jacarandá embutidos na parede e guarnecidos de bellos entalhamentos em arabescos. A sua preciosa commoda da mesma madeira e estylo que os contadores, destinada a guardar as alfaias e os aparamentos religiosos, é tambem de um delicado gosto. Si da marcenaria passarmos á esculptura, admiraremos o seu formoso tecto e sobretudo o seu interessante lavatorio, magnifico trabalho de talha, que prende logo a attenção do espectador.

A igreja do Carmo, com uma fachada de pedra e torre de uma elevação elegante, com as suas bellas capellas lateraes, é um dos mais importantes templos do Recife.

São igualmente primores de architectura as igrejas de São Pedro, de nave octogonal, lindissimas talhas e elegante fachada de pedra, e a da Conceição dos Militares, admiravel pela sua esculptura ornamental de madeira, pelos seus lindos altares, capella-mór e tribunas, e pelo entalhamento que contorna a nave, em forma de varanda, com figuras e ornamentações admiraveis. [1]

Nos reinados de D. João IV e de D. João V, o gosto pela musica em Pernambuco chegou ao apogêo. O Sr. Dr. Pereira da Costa, no seu referido trabalho, nos conta, que nesse tempo faziam-se ceremonias religiosas tão deslumbrantes em Lisboa como em Roma. E, que toda essa animação vinha reflectir no Brazil.

Com a creação da igreja da cathedral de Olinda, foi estabelecida uma capella de musica, percebendo o seu mestre 60$000 annuaes em virtude da provisão de 10 de abril de 1697. [2]

O seu progressivo desenvolvimento subia de tal modo de ponto que, tendo sido fundada no Recife em 1788, a irmandade de Santa Cecilia, determinou em seu compromisso, que ninguem poderia exercer a arte da musica, sem ter entrado para esta

---

[1] Dr. F. A. Pereira da Costa— Loco cito.

[2] Dr. F. A. Pereira da Costa— Loco cito.

irmandade, prestando de antemão exame, em virtude do alvará de 15 de novembro de 1760, que ordenava, que a arte da musica não podia ser exercitada, sem ser irmão e professor de Santa Cecilia, aquelle que nella se dedicasse. [1]

Para provar o progresso e explendor a que attingiu a musica, o talentoso autor das—*Bellas Artes em Pernambuco*, refere-nos que em 1813, *um grande musico* e *compositor de Pernambuco* foi ao Rio de Janeiro, na época em que ahi se achava o famigerado Marcos Portugal. Tornando-se seu antagonista, tratou de mostrar em todos os lugares em que este compositor copiava de outros autores, publicando-os como originaes. Este facto é baseado em uma carta dirigida do Rio de Janeiro para Lisboa, mencionada por Joaquim de Vasconcellos na sua obra — *Os musicos portuguezes*.

Com a musica religiosa progredio a musica marcial. Por decreto de 20 de agosto de 1802, foi determinado que em cada regimento de infanteria houvesse uma banda de musica instrumental paga pelo erario real. E, por carta regia de 26 de setembro de 1811, foi ordenado ao governador Caetano Pinto, que a banda de musica que existia no regimento de infanteria do Recife mantida pela officialidade do mesmo regimento, fosse dahi por diante mantida pelos cofres publicos, conforme o decreto de 27 de março de 1810, percebendo o mestre o honorario de 48$000.

Segundo o Sr. Dr. F. A. Pereira da Costa, desde meiado do seculo XVI, já o orgão era conhecido nos conventos de Olinda. No seculo passado vulgarisou-se com o estabelecimento de uma officina, e com elle appareceu o piano, que em 1810 já era conhecido no Recife e em Olinda.

No seculo XVII, distinguiu-se na musica o pernambucano Francisco Rodrigues Penteado. No seculo XVIII foram celebres os padres Francisco Leitão, Ignacio Ribeiro Noya, Antonio da Silva Alencar, Felippe Nery da Trindade, Manoel de Almeida

---

[1] Dr. F. A. Pereira da Costa— Loco cito.

Botelho, João de Lima, o sargento-mór Luiz Alves Pinto e Maximo Pereira Soares. [1]

Depois de nos termos occupado com a musica, continuemos a tratar da pintura — *Ingeus interhabimus sequor* —, e como naquella que nos venha auxiliar o douto e operoso escriptor Sr. Dr. F. A. Pereira da Costa.

Os factos mais notaveis nessa historia, declara o illustrado pernambucano, os nossos feitos guerreiros, os retratos dos nossos heroes foram assumpto de inspiração artistica para decoração dos templos e edificios publicos.

No senado da camara de Olinda admiram-se tres quadros a oleo sobre madeira, representando as batalhas de tabocas e as duas de Guararapes.

No forro da igreja da Conceição dos Militares, no Recife, foi pintado em 1781, por ordem do governador José Cezar de Menezes, um lindo painel representando a batalha dos Guararapes. Desconhecido o seu autor, entretanto, revela um excellente pintor.

Sobre o mesmo assumpto são apreciados dous bellissimos quadros a oleo existentes na igreja dos Prazeres, edificada nas colinas de Guararapes, no mesmo logar em que se feriram as batalhas.

Em 1800 foi creada uma aula de dezenho no Seminario Episcopal de Olinda, e nomeado para dirigil-o o padre João Ribeiro Pessoa, que executara todo o trabalho graphico da botanica de Arruda Camara.

Foram notaveis pernambucanos nesta epoca: José Tinhão de Mattos, D. Rita Joanna de Souza, Antonio Splanger Aranha, Arsenio Fortunato da Silva, Sebastião Canuto da Silva Tavares e Joaquim José de Siqueira Varejão. [2]

Foi tambem cultivada em Pernambuco a gravura. Segundo Loreto do Couto, o grande historiador Jaboatão, além de ter sido dextro gravador, fôra tambem insigne em formar caracteres

---

[1] Dr. F. A. Pereira da Costa—Loco cito.

[2] Dr. F. A. Pereira da Costa— Loco cito.

para os livros do côro, debuchando com a penna como se fosse pincel, as lettras iniciaes, e illuminando-as com ouro e diversas côres.

Em 1817 havia em Pernambuco uma officina de estamparia e gravura, propriedade do cartographo José Fernandes Portugal. Teve pouca duração, por ter sido sequestrada pelo governo.

Em 1819 foi creada no Trem Militar, pelo governador Luiz do Rego, uma officina de gravura em metal, dirigida por João Pedro Adour, que tambem leccionava neste estabelecimento a cadeira de desenho. Nella em 1822, inprimio-se uma planta hydrographica da repreza do rio Beberibe, do engenheiro Conrado J. de Niemeyer, gravada por Adour.

A lithographia só em 1848 foi estabelecida em Pernambuco.

A ourivesaria foi severamente prohibida pela metropole, só depois do alvará de 11 de agosto de 1815, é que ella começou a ser livremente cultivada.

Trabalhos primorosos foram executados por artistas de grande merecimento. Antonio Rodrigues Machado, Angelo Bezouro, além de outros foram ourives habilissimos.

A architectura começou a desenvolver-se no dominio hollandez, os elegantes palacios de Friburgo e Boa Vista, se bem que não primassem pela sua esthetica, comtudo foram dous predios que se recommendaram pelo gosto batavo. Com a expulsão dos hollandezes progrediram as construcções, mas não foram apurados o gosto e a elegancia.

A marcenaria antiga foi uma das artes mais adiantadas dos tempos coloniaes, ainda hoje existem bellos moveis de jacarandá, bem trabalhados e pertencentes á diversas igrejas.

A marcenaria mais moderna, teve no francez Francisco Manoel Mesanger, um habilissimo artista, que em 1820, estabeleceu na rua da Floresta, uma officina muito bem montada, de onde sahiram bellos e elegantes moveis, ainda hoje apreciados pela perfeição do seu trabalho.

As esculpturas, ao contrario, pouco desenvolvimento tiveram. Apenas, algumas imagens, além de outros trabalhos de pouca importancia.

Em nosso agradavel passeio á — Civita vecchia — a Olindense, em companhia do nosso distincto e muito illustrado amigo, Sr. Dr. F. A. Pereira da Costa, tivemos occasião de apreciar as bellezas artisticas dos seus antigos conventos. Regressámos devéras contristados, por vermos abandonados tão preciosas reliquias.

Os conventos da antiga capital da Veneza brazileira, constituem uma verdadeira escola para o estudo da arte antiga. Nellas se pódem aprender a pintura, a esculptura, a architectura, a marcenaria, e sobretudo os trabalhos de talha. Dir-se-hia que os talentosos autores de tão primorosos trabalhos, estudaram com Miguel Angelo ou Raphael, ou inspiraram-se com Leonardo de Vinci ou Benevenuto Cellini.

Louvores, mil vezes louvores á tão illustres artistas!

No convento de S. Francisco admiramos o lindissimo arco romano, logo á entrada, supportando o côro; a sua magnifica pintura representando uma paisagem de um colorido tão bello e fresco, como que inspirado pelo grande mestre Ticiano. No fundo se destaca um elegante arco, ou antes uma serie de arcos, tão methodicamente dispostos, que parecem diminuir progressivamente, á proporção que a vista se affasta. Decorados de ramalhetes e festões, sobresahem anjos aleados, symetricamente esparsos e cavalgando uma bellissima balaustrada, empunhando uma corôa de flores. Executado com bellos tons, com frescos coloridos, expressões de imagens, deixam ver claramente o ar côar pelos seus abobadados arcos, o seu effeito é deslumbrante e admiravel.

Miguel Angelo apreciando as famosas portas de bronze do baptisterio da igreja de Santa Maria del Fiore, de Florença, obras dos immortaes Tizano e Guiberti, dissera: Serem dignas de fechar o Paraiso. Apreciando nós, igualmente este famoso arco romano, poderemos do mesmo modo dizer — ser digno de pertencer ao Paraiso — o autor dessas bellas pinturas certamente foi inspirado por Ticiano no difficil segredo do colorido.

As pinturas do tecto deste convento representam: o encontro de Santa Izabel e Nossa Senhora; o apparecimento do anjo á Nossa Senhora, quando orava annunciando-lhe a sua concepção;

os esponsaes de Nossa Senhora; a fuga para o Egypto, e outros paineis, magistralmente executados, que revelam o bom gosto e profundo conhecimento artistico do seu autor. São do mesmo modo admiraveis os bonitos trabalhos de talha do altar-mór, do arco do cruzeiro, pulpitos e tribunas. Todos esses entalhamentos são ornados de florões e dourados.

Na cathedral apreciámos no altar-mór, a bellissima tela representando a *Transfiguração*, a respeitavel figura de Nosso Senhor subindo ao Céo entre nuvens, no monte Thabor, ladeado de Santo Elias e Santo Elyseo, tendo no plano inferior Moysés, as duas Marias, etc., são devéras encantadoras as expressões das figuras, o seu movimento, a felicidade na combinação dos tons, e suaves frescos e bem applicados, a correcção da perspectiva aerea e linear, e o bem apropriado claro escuro, dão ao painel uma impressão agradavel; nas paredes lateraes da capella-mór, são ornadas de seis quadros representando os conegos da egreja.

Na capella de Santo Christo, situada ao lado direito da capella-mór, se divisam os lindos quadros da — *Flagellação, Adoração do Horto*, e *as Quedas do Senhor*.

Na *Adoração do Horto* é muito expressiva a physionomia do Senhor, ao apparecer-lhe o anjo entre nuvens.

Nas capellas lateraes, entre outros paineis, apreciámos muito o anjo S. Gabriel.

Na Cathedral, mereceram-nos ainda attenção, as lindissimas cadeiras choraes do altar-mór, de jacarandá com espaldares de talha e dourados.

Na antiga Misericordia, são especialmente notaveis os bellissimos pulpitos formados de elegantes entalhamentos de jacarandá, guarnecido de pequenas columnas ornadas de festões e arabescos, e tornando-se nelles salientes lindissimos anjos, verdadeiras caryatides, cujas expressivas physionomias indicam supportar ás costas o peso dos pulpitos. E' tambem de bonito effeito a cupola que o arremata que é encimada por uma pequena imagem, trabalho de entalhamento de grande perfeição.

O altar-mór, o arco do cruzeiro e as tribunas são muito estimados pelos seus entalhamentos de florões, dourados e anjos.

A ornamentação das portas, emolduradas de verdadeiros arabescos em fórma de franja, e as suas lindas guarnições e sanefas, executadas com tanta perfeição, que parecem ser naturaes, são de um primoroso e delicado gosto.

Mas, sobretudo, o que mais attrahiu a nossa attenção, foram dous magnificos moveis de jacarandá, da sacristia, onde se guardam as alfaias e os paramentos religiosos. Trabalhados de bellissimos entalhamentos, com florões e relevos, emmoldurados de arabescos rendilhados e columnas lateraes, um delles em fórma de commoda, e outro de armario embutido na parede, emcimado de um ramalhete de tulipas, tão perfeitas, que só falta o odor para serem naturaes.

Tal nos parece ter sido o desenvolvimento das artes, durante os tempos coloniaes do Brazil em Pernambuco.

Ao terminarmos este nosso artigo, cumpre-nos o grato dever de agradecer, ao nosso e muito illustrado amigo, o talentoso pernambucano Dr. F. A. Pereira da Costa, o poderoso auxilio que nos prestou para execução desta parte do nosso trabalho, confiando-nos os seus importantissimos artigos extrahidos de sua composição — As artes em Pernambuco.

VII

O Rio Grande do Sul apresentando em diversas cidades bonitos templos de elegantes trabalhos architectural e esculptural tambem cultivou a arte dos bordados e do crivo. Os Jesuitas a apreciavam muito, e ensinavam aos indios convertidos do Paraguay e do sul do Brazil, esses bordados e crivo, com que ornavam os atoalhados de suas igrejas. Foram tão peritos nessa arte que, no seculo passado, quando os portuguezes apoderaram-se das suas possessões, o general Gomes Freire de Andrade, admirando as riquezas de uma igreja indiana, custou a acreditar, que esses bellissimos bordados fossem feitos em uma fabrica de bordados não concluida. [1]

---

[1] Dr. Eduardo da Silva Prado — Loco cito.

Mas, estes artefactos foram e são especialmente peculiares dos Estados do norte, como o Ceará, Pará, Parahyba, Pernambuco e Alagôas. Temos tido occasião de admirar, lindissimos lenços de crochet e crivo, explendidas rendas para guarnição de camisas, vestidos e saias, e tantos outros objectos vendidos por infimo preço.

O Rio Grande do Sul distinguia-se pelos excellentes sellins, estribos, arreios de montaria, chicotes, cabos e bainhas de facas de caça e muitos outros utensilios admiravelmente trabalhados em prata e ornamentados de couro envernizado; nesse genero ninguem o excedeu no bom gosto, riqueza e feliz execução.

As interessantes cuias do Rio Grande do Sul, de Santa Catharina e sobretudo do Amazonas, envernizadas e pintadas de figuras e arabescos graciosos, de um colorido primoroso e aspecto encantador, são productos dos indios e sertanejos dessas regiões.

Deveremos tambem mencionar as lindissimas flôres, as ornamentações dos vestuarios e utensilios de pennas e escamas preparados pelos aborigenes e pelos habilidosos Catharinenses e Parahybanos do norte, para completarmos a relação das artes de ornamentação executadas no Brazil.

Na ceramica, os indios tambem foram insignes artistas. Os seus vasos são da mais bella proporção, e revelam todos, diz o illustre patriota paulista Dr. Eduardo Prado, uma preoccupação da belleza da parte do artista, que procurou dar as convenientes fórmas á decoração gravada e pintada. São bellos especimens dessa arte, as descobertas feitas na ilha de Marajó, perfeitamente relatadas nos *Archivos do Museu Nacional*, excellente revista então redigida pelo saudoso conselheiro Dr. Nicolau Netto.

Actualmente, porém, não tem feito progresso a ceramica no Brazil.

Com o kaolim, J. Manso Pereira preparara no Rio de Janeiro, no seculo passado, alguns objectos intressantes.

Com a argilla abundante em todo o Brazil, faziam-se excellentes trabalhos: moringas e potes para agua. Ainda hoje são muito procurados os procedentes do Amazonas, Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santa Catharina. Preparados com argilla negra ou vermelha cosida a fogo dão uma excellente agua.

VIII

No governo do famigerado ministro portuguez Marquez de Pombal, houve a idéa de mudar-se a capital do reino de Lisboa para o Pará, e para esse fim realizaram-se naquella capitania alguns melhoramentos materiaes, como a construcção do actual palacio do governador.

Em 1761 enviou para aquella cidade, o referido ministro, o architecto A. L. Laude, para edificar o dito palacio e a magnifica cathedral, ha pouco restaurada pelo saudoso bispo do Pará, depois arcebispo da Bahia D. Antonio de Macedo Costa, e posteriormente pelo bispo e depois arcebispo da Bahia D. Thomé.

E' a mais bella cathedral do Brazil; para aprecial-a ha necessidade de dispôr-se de algumas horas para estudar-se a sua lindissima esculptura classica, e admirar-se os seus riquissimos trabalhos de entalhamento, os seus elegantes pulpitos, a linda pintura dos paineis do seu tecto, e sobretudo, as magnificas columnas de marmore offerecido para esse fim pelo saudoso e respeitavel Papa S. Santidade Pio IX.

Quando vou ao Pará, corro pressuroso a essa imponente igreja, para depois de fazer as minhas orações, admirar o bom gosto artistico desse sumptuoso templo.

O palacio do governador, si bem que não tivesse sido executado com estylo classico recommendavel, comtudo, é um palacio vistoso e elegante, um dos melhores do Brazil.

Além da cathedral já fallada, deveremos tambem mencionar as igrejas do Carmo, das Mercês, de Santo Antonio, a pittoresca e legendaria igreja de Nazareth, etc.

A igreja do Carmo, si bem que não apresente a magnificencia e a rica decoração dos magnificos templos de Pernambuco e Bahia, comtudo, apresenta uma bella architectura externa, terminada por duas bonitas torres, e um nicho central, de bonito aspecto. A sua capella-mór muito bem decorada de entalhamentos dourados apresenta bellas columnas corynthias, de frestas douradas, revestidas de folhagens e cachos de uvas espicaçados

por pellicanos, em cujos capiteis repousam anjos dourados, em attitude alada, empunhando fachos na mão direita. Duas outras bellissimas columnas lateraes e maiores, do mesmo estylo, arrematadas por dous lindos capiteis encimados por dous anjos dourados, são como aquelles outros cavalgados por expressivas caryatides, que bem parecem supportar o seu peso. O tecto desse altar é de entalhamento em fórma de *croisées*. Nesse templo são muito apreciados os seus dous elegantes pulpitos de entalhamento e arabescos dourados, terminados por uma graciosa e elegante cupola. Nelles sobresahem esparsos lindos anjos.

A igreja das Mercês, si bem que quasi completamente em ruinas, comtudo, ainda tem vestigios da sua antiga magnificencia. São dignos especialmente nella os bonitos quadros de retabulo das capellas lateraes, representando imagens de santos diversos. Executados com côres frescas, tons alegres, claros escuros apropriados, indicam terem sido pintados, talvez, por habeis artistas, filiados á alguma escola antiga italiana.

As igrejas do Carmo do Maranhão, da matriz e do Menino Deus do Ceará, e sobretudo o convento de S. Francisco na Parahyba do Norte, são monumentos que tambem honraram as artes nos tempos coloniaes do Brazil.

IX

Elevado o Brazil, em 16 de dezembro de 1815, á cathegoria de reino, negociantes do Rio de Janeiro, em homenagem a tão importante acontecimento, tiveram a idéa de tirar uma subscripção popular, com o fim de erigir um monumento artistico, que perpetuasse a memoria de tão feliz successo. Arrecadada a quantia subscripta foi destinada á applicação do ensino publico.

Levando ao conhecimento do principe regente essa generosa resolução por aviso de 5 de março de 1816, assignado pelo Marquez de Aguiar, determinou S. A. R. que o dinheiro recebido fosse recolhido ao Banco do Brazil, e que se estabelecesse no Rio de Janeiro as escolas de instrucção que se creassem, afim de que os descendentes dos generosos subscriptores viessem

a gozar do seu beneficio. O mesmo aviso determinava que as cadeiras de sciencias já creadas, fossem reunidas áquellas que tivessem de ser instituidas com a fundação das escolas. Desse modo visava o governo fundar um Instituto Academico, onde se leccionassem não só as sciencias como as bellas-artes applicadas ás industrias.

Desde a installação da familia real portugueza no antiga palacio do Conde de Bobadella, raiou para o Brazil uma época de progresso e liberdade. Entre os diversos estabelecimentos creados, um dos mais notaveis foi a Academia das Bellas-Artes.

Em 1815, o Conde da Barca, ministro da marinha e interino da guerra e dos estrangeiros, concebendo a idéa de contractar alguns artistas francezes, para se crear a Academia das Bellas-Artes, incumbiu ao Marquez de Marialva, delegado de Sua Magestade Fidelissima junto ao governo de França, de fazer o referido contracto com uma colonia artistica franceza. Foram contractados e partiram em 16 de janeiro de 1816 do Havre, tendo chegado a 26 de março do mesmo anno, os seguiutes artistas: Joaquim Lebreton, chefe da colonia artistica; João Baptista Debret, pintor historico; Nicolau Antonio Taunay, pintor de batalhas e paisagens; Augusto Taunay, esculptor; Augusto Henrique Victorio Grandjean de Montigny, architecto; Simão Pradier, gravador e abridor; Francisco Ovide, professor de mecanica; Carlos Henrique Levasseur, Luiz Meunier, Francisco Bonrepos e Pedro Dillon. Mais tarde vieram unir-se á estes, os dous irmãos Ferraz. [1]

Por decreto de 12 de agosto de 1816, foram creadas algumas aulas de bellas-artes e premiados alguns professores.

Percebia o director da colonia artistica 800$000, Levasseur e Meunier 320$000.

O Conde da Barca, autor da idéa, tornou-se o protector desses artistas, residindo mesmo alguns delles na sua propria casa. Tendo verdadeiro gosto pelas artes, era um seguudo pai de

---

[1] Dr. Moreira de Azevedo — *Pequeno Panorama*, 4º tomo.

todos elles, dispensando-lhes todas as suas boas graças. Infelizmente, porém, a sua morte, em 21 de junho de 1817, veio deixar na orphandade esses esperançosos homens. A sua morte causou grande abalo aos artistas francezes, seus protegidos. Em 1818 ausentou-se do Brazil Simão Pradier, e Lebreton retirou-se para a praia do Flamengo, onde dedicou-se á trabalhos litterarios, fallecendo em 1819. Cedo, porém, encontraram elles um novo protector na pessoa do Barão de S. Lourenço.

Por decreto de 12 de outubro de 1820 foi estabelecido definitivamente uma Academia denominada — *Academia de Desenho, Pintura, Esculptura e Architectura Civil*. Desejando aproveitar ainda os artistas que recebiam pensões, em 22 de novembro de 1820, foi publicado um outro decreto determinando que, com o nome de *Academia das Artes*, principiassem a funccionar as aulas de pintura, desenho, esculptura, gravura, architectura e mecanica, sendo nomeados para regerem as cadeiras: Henrique José da Silva, lente de desenho; Nicoláu Antonio Thomaz, lente de pintura e de paisagem; João Baptista Debret, lente de pintura historica; Augusto Taunay, lente de esculptura; Augusto Henrique Victorio Grandjean de Montigny, lente de architectura; Francisco Ovide, lente de mecanica; Simplicio Rodrigues de Sá, José de Christo Moreira e Francisco Pedro do Amaral foram nomeados substitutos das cadeiras de pintura e desenho; Zeferino Ferraz, foi nomeado pensionista de gravura; Henrique José da Silva, foi escolhido director das aulas, e o padre Luiz Raphael Joyce, secretario. [1]

Sob a direcção de Henrique José da Silva, esta Academia pouco prosperou.

Em 1821 retirando-se D. João VI para Lisboa, e com elle o Visconde de S. Lourenço, com esta retirada perderam os artistas aquelle seu segundo protector. Mal dirigidas pelo seu director, as artes não prosperavam e os lentes não apresentavam trabalhos. O governo desejava abrir a Academia á mocidade,

---

[1] Dr. Moreira de Azevedo — Loco cito.

mas, o director impedia. Assim conservou-se até depois da independencia, começando a florescer no ministerio do Visconde de S. Leopoldo. Esse sabio ministro para aproveitar convenientemente os artistas da Academia, em 1826, determinou que fosse aberto o estabelecimento e franqueado á mocidade brazileira. [1]

X

O atraso da instrucção publica foi compensado pela animação das artes, da oratoria sagrada, da pintura e da esculptura, representadas por vultos eminentes, que honraram a patria brazileira. Si a architectura, infelizmente, não foi brilhantemente representada em nosso paiz, a musica ao contrario teve compositores iguaes aos mais afamados da Europa.

Os indios sempre tiveram vocação para a poesia e musica. Os distinctos folhetinistas brazileiros Drs. Sylvio Romero e Sant'Anna Nery, em seus magnificos trabalhos descrevem as lindissimas canções que aquelles aborigenes, com tanta graça e expressão entoavam.

Os colonos portuguezes e os mestiços, cantavam os lundús (Bahia), e as modinhas (Minas Geraes), acompanhados de flautas e trompas, guitarra e viola ou o cavaquinho.

Segundo o viajante francez Francisco Pysard, na Bahia, em 1610, havia um francez musico tocador de instrumentos, que ensinava a musica a vinte ou trinta escravos, e que com elles fazia uma combinação harmonica de vozes e de instrumentos.[2]

Em 1717, Le Barbinais Le Gentil, que esteve na Bahia durante algum tempo, em sua descripção de viagem relativamente á esta cidade, pinta o estado desfavoravel da musica que elle ouviu. Ironicamente refere-se : Eu não ouvi durante a noite sinão os tristes accordes de uma guitarra.[3]

---

[1] Dr. Moreira de Azevedo — Loco cito.

[2] Dr. Eduardo da Silva Prado — Loco cito.

[3] *Nouveau voyage au tour du monde*, par U. Le Barbinais Le Gentil. Vol. III, pag. 148. Amsterdam, 1747.

Em que peze esta injustiça de Le Barbinais, porquanto Spix e Martius declarando o pouco progresso das artes no Brazil, no começo deste seculo, exceptua a musica, e assim se exprime : A musica é cultivada no Brazil, de prefencia á todas as artes, particularmente no Rio de Janeiro, e foi nessa arte que os brazileiros attingiram á um certo gráo de perfeição.

O brazileiro, como o portuguez, tem um ouvido delicado e sensivel ás modulações agradaveis e á toda a melodia regular. A guitarra (viola), no Brazil, como no sul da Europa, é o instrumento favorito. Um piano forte, ao contrario, é uma peça mobiliar cara, e que só se encontra nas casas ricas. As canções nacionaes são cantadas com acompanhamento de guitarra e são em parte de origem portugueza e em parte compostas no paiz. Pelo canto e pelo som dos seus instrumentos, o brazileiro é levado á dansa, que consiste na sociedade polida, nos graciosos cotillons; e nas pessoas de posição baixa, em movimentos de pantomima e attitude semelhante ás dansas dos negros, etc.[1]

Transportada a musica italiana, no fim do seculo passado, de Portugal para o Brazil, e cultivada com brilho por Peres e Giomelli, dominou logo o gosto popular, e exerceu influencia sobre as melodias populares.

Os Jesuitas crearam em um arrabalde do Rio de Janeiro, Santa Cruz, uma especie de conservatorio de musica, destinado a preparar os negros para a musica. Tal desenvolvimento teve, que ao chegar em 1808 a familia real ao Brazil, o principe regente D. João admirou-se da perfeição, com que executavam os negros a musica vocal e instrumental. Aproveitando-se desse progresso, estabeleceu escolas de primeiras lettras, de composição, de canto, e de diversos instrumentos em sua casa de recreio, e desse modo conseguiu habeis instrumentistas e cantores, tornando-se mesmo alguns admiraveis. Nesse numero distinguiram-se principalmente os dous irmãos Marcos e Simão Portugal. Formavam o côro da capella real e compunham a sua orchestra.

---

[1] Spix e Martius— *Reise in Brasilie.*

Não se extasiava o principe de apreciar tão bellas e sumptuosas ceremonias religiosas effectuadas naquella capella.

Em 1816 chegou ao Rio de Janeiro, recommendado por Talleyrand ao Conde da Barca, o celebre musico Segismundo Neukom, de Salzbourg, discipulo de Meissonier e Haydn, acompanhando a embaixada do representante de Luiz XVIII, o Duque de Luxembourg.

Bem recebido Neukom pelo principe regente D. João, foi nomeado professor de musica de D. Pedro, que tornou-se um excellente musicista e compositor. Ainda hoje é ouvido, com muito prazer, o hymno da independencia, composição sua, e talvez o primeiro hymno do mundo.

Apezar do desenvolvimento musical do Rio de Janeiro, comtudo ainda não eram bem conhecidos os compositores classicos, de tal modo que os illustres viajantes Spix e Martius declararam, que os habitantes do Rio de Janeiro não estavam na altura das musicas de Neukom, escriptas conforme o estylo dos mais celebres compositores allemães. [1]

Não teem razão Spix e Martius, em apreciar desse modo, porquanto como já referimos, elles mesmos declararam achar-se o Brazil em atrazo nas artes, excepto na musica. Além disso, quando Neukom chegou ao Brazil, já o padre José Mauricio Nunes Garcia era conhecido grande musicista, não só não desconhecia as musicas classicas allemãs, como até se correspondia com os seus autores, como adiante demonstraremos.

Attribue-se a Neukom ainda ter contribuido para o gosto musical no Rio de Janeiro. E' possivel que viesse animar esse gosto, mas elle já estava despertado pelo referido padre. Neukom apresentou celebres discipulos, como o principe D. Pedro e o grande compositor brazileiro Francisco Manoel da Silva, cujas composições foram tão estimadas, que o elevaram ao cargo de director do Conservatorio Imperial de Musica.

Caldelaugh descrevendo o estudo da musica no Brazil nessa epoca, assim refere: L'on disait généralement que la

---

[1] Spix e Martius— Loco cito. vol. III, pag. 160.

chapelle royale était organisée de façon à satisfaire pleinement les amateurs de musique. Elle était constituée comme l'ancienne chapelle royale à Lisbonne et on n'avait pas regardé à la dépense. Quatorze ou quinze sopranos mêlaient leurs voix caractéristiques á la musique de Portogallo, et des meilleurs compositeurs religieux, et formaient dans l'emsemble un courant de mélodie très admirée spécialement par les étrangers.

On peut dire qu'á l'exception des occasions où la cour se trouvait présente, l'auditoire était principalement composé d'étrangers et des classes les plus basses de la société.» [1]

Um outro illustre viajante francez Freycinet, tambem falla das disposições musicaes dos brazileiros nessa época.

« De tous les arts d'agrément cultivés par les brésiliens et les portuguais, la musique est celui qui a pour eux le plus d'attraits et dans lequel aussi ils réussissent le mieux.

Nous avons entendu souvent avec admiration la musique de la chapelle royale, dont presque tous les artistes étaient négres et dont l'éxécution ne laissait rien à désirer.

Un célèbre compositeur, Marcos Portugal venu de Lisbonne avec le roi, était le sur-intendent de cette institution musicale qui lui doit, ainsi qu'à un allemand M. Neukom, aujourd'hui à Paris, les ouvrages les plus distingués de son répertoire. On citait encore quelques compositeurs de moindre force, entre autres un mulâtre, l'abbé José Mauricio (protestamos, foi superior a Marcos Portugal e a Neukom, como adeante demonstraremos), qui a du mérite.

Mais pour l'éxécution, rien ne m'a paru plus étonnant que le rare talent sur la guitarre d'un autre mulâtre de Rio de Janeiro, nommé Joachim Manoel (talento musical superior que muito honrou o Brazil). Sous ses doigts cet instrument avait un charme inexprimable, que je n'ai jamais retrouvé chez nos guitaristes européens. Le même musicien est aussi l'auteur

---

[1] Alexandre Caldelaugh. Travels in South America during the years 1819, 1820, 1821 etc. Amsterdam, 1824. Vol. II, pag 62.

de plusieurs *modinhas*, espèces de romans fort agréables, dont M. Neukom a publié un recueil à Paris. » [1]

Balbi tambem refere ter havido no Rio de Janeiro uma celebre familia Leal, dotada de um talento musical admiravel, hereditaria desde quatro gerações. [2]

Os grandes Pergoleso e Palestrina estão quasi no olvido. Para gloria, porém, do eminente compositor brazileiro, o celebre padre José Mauricio Nunes Garcia, os seus bellissimos trabalhos, e principalmente a sua celebre missa *Requiem*, são ouvidos com o maior encanto e deleite. Teem sido muito recebidos pelos seus posteros — *Sine ira ac studio.*

Ex digito gigas. Gigante musical, foi tambem profundo conhecedor da lingua latina, os seus conhecimentos se manifestam na expressão apropriada que soube dar ás suas composições sacras. Admirador de Haydn, como este celebre symphonista, pertenceu a escola, na qual a influencia ecclesiastica era naturalmente favoravel á producção da musica sacra.

Nesse genero, soube o padre José Mauricio imprimir aquella melancolia, aquelle sentimento de compuncção e de adoração naturaes ás composições sacras.

Em todos os seus trabalhos conseguio elevar-se sempre do bello ao sublime, subindo de ponto o seu genio no seu admiravel *Requiem*. « A exposição da obra até o final do *Kyrie* é um completo exito artistico, e creio que Pergoleso, de quem o padre José Mauricio parece seguir o estylo, não desdenharia de firmar esta pagina. »

Assim se exprime o distincto organista-mór da Cathedral de Montevidéo. [3]

Continuando a analysar a composição do grande maestro brazileiro, o Sr. Carmelo Calvo, nota no correr da partitura: clareza pasmosa no conceito da phrase, elegancia no córte

---

[1] M. de Freycinet, Loco cito.

[2] Balbi—*Essai statistique du Portugal.* Vol. III, pag. CCXVII.

[3] *Theatros e Musica.* Padre José Mauricio — *Jornal do Commercio* de 15 de outubro de 1897.

melodico, e sobretudo uma precisão acima de todo o elogio. E entre os trechos que mais sobresahem pela elegancia, como modelo de melodia acha-se o *Ingemisco*, uma preciosidade, que em qualquer parte do mundo onde fôr ouvida ha de fazer impressão indelevel nos ouvintes. O *Benedictus*, é sem duvida alguma, uma das mais formosas paginas da partitura.[1]

O Sr. Visconde de Taunay que se tem incumbido da gloriosa missão de tornar conhecidas as composições do padre José Mauricio, na secção *Theatros e Musica* do *Jornal do Commercio* de 16 de outubro de 1897, mostra-se enthusiasmado com a apreciação feita pelo illustre organista uruguayo. « Que bella glorificação de José Mauricio, vel-o comparado, logo de subito, no peristylo da sua grande obra, ao eximio Pergoleso, o incomparavel autor de tanta musica religiosa. » « Com effeito, assim continúa o illustre autor das *Chopinianas*, todo o começo do *Requiem* até ao *Kyrie*, desde os dous primeiros compassos que encerram uma phrase cheia e deliciosa, é sem exageração sublime. Quão bello e solemne o *Gradual*, recomeçando em *sol* menor a melodia inicial em *ré* menor. Logo depois *Dies irae*, em allegro vivo, andamento appressado, vibrante e cheio de tetricos gritos angustiosos, soluços, a fallar-nos de estupefacção da morte, *mors estupebit*, e do juizo definitivo e irrevogavel do rei de tremenda magestade. *Rex tremendae majestatis* —. Que accento tão plangentes, tão doces e persuasivos achou José Mauricio para o seu *Ingemisco !* Appella o réo para a clemencia divina, ella que perdoou a Maria Magdalena — *Qui Mariam absolvisti* —, e inclinou o ouvido á prece do ladrão — *Et latronem exaudisti* — ». E, depois de outras apreciações, termina o eminente patriota e musicista: « Não ha duvida que a simplicidade de feitura e a despretenção caracterisam a grande obra de José Mauricio. Que adoravel singeleza do *Agnus Dei !* E todo o *Requiem* termina em um *diminuendo molto*, ultimas notas de supplica a se apagarem nas trevas dominadoras da morte, em que só póde pairar

---

[1] *Theatros e Musica* — Padre José Mauricio, Loco cito.

uma ou outra restea de luz emanada do pharol da fé! *Et lux perpetua luceat eis quia finis es!* » [1]

Como é bello ainda este outro conceito do illustre Visconde de Taunay: « Collocado ao lado de outros *requiems* universalmente applaudidos, como os de Mozart, Haydn, Cherubini, é superior a de Verdi, que, encerrando indiscutiveis bellezas pecca pela feição demasiado dramatica e rebuscada. Imbuido de ensinamentos de pura escola germanica, José Mauricio não incorre nesse reparo. De principio a fim sustenta com muita magestade o caracter religioso, repassado de melancolia e humildade, que deve caracterisar essa composição sacra, cujas lettras são tão expressivas e pungentes. [2]

Corrente curso. Insensivelmente foi me levando a penna á repetir esta serie de bellas apreciações sobre este notavel musicista. Mas, se são tão necessarios e se ha tanta correlação.

Graças ao Sr. Visconde de Taunay, a missa de *Requiem*, do padre José Mauricio, tem sido actualmente ouvida e apreciada. Não foi preciso, qual outro Luiz e Palestrina, supplicar a cardeaes e prelados para que a *Messa di papa Marcello*, fosse pela ultima vez ouvida.

A missa de *Requiem* ainda é hoje uma bella composição, digna de ser ouvida — *Aliquando fas est insanire.*

O padre José Mauricio deixou 110 spartitos, além de outras composições. Os concertantes inteiramente originaes, são de uma riqueza e colorido extraordinarios. Alguns delles constituem mimosos trabalhos para piano, de bello effeito, e aprimorado gosto.

Distinguiu-se tambem o padre José Mauricio no genero dramatico. Por ordem de D. João VI escreveu para ser representada no theatro real de S. João, a opera *Le due Gemelle.* Escreveu

---

[1] *Theatros e Musica* — Padre José Mauricio — Visconde de Taunay, *Jornal do Commercio* de 16 de outubro de 1897.

[2] Visconde de Taunay — Padre José Mauricio — *Jornal do Commercio* de 16 de setembro de 1897.

tambem para ser tocada pela banda de musica dos marinheiros, por occasião da chegada do vaso de guerra austriaco, que trouxe ao Rio de Janeiro a princeza D. Leopoldina, os *Doze divertimentos*. A grande missa de *Santa Cecilia* é outra composição sua, bem como a *Missa da degolação de S. João Baptista*. Tresentos e nove foram as suas bellissimas composições, tresentos e nove foram os seus triumphos.

Quando em 1808 chegou ao Brazil o principe regente D. João com a familia real portugueza, estava o padre José Mauricio no apogeo musical. Companheiro de Fr. Antonio de Santo Elias, *o rei dos organistas*, como lhe appellidava o seu emulo o padre José Mauricio foi uma das maiores celebridades do seu tempo. Mestre da capella da Sé, desde 1798, foi um dos discipulos mais notaveis do Conservatorio dos Negros, creado pelos Jesuitas na fazenda de Santa Cruz. Improvisador no orgão, no piano, no cravo e na viola, foi sublime em todos estes instrumentos. Tão bom improvisador fôra que, o celebre musico Neukom, quando viera para o Brazil com a colonia artistica franceza, dissera ser o primeiro improvisador do mundo. Modesto e humilde, era, entretanto, dotado de um talento extraordinario e de uma actividade invejavel. Sacerdote illustrado, era versado em quasi todas as linguas, conhecedor profundo da litteratura e das escripturas sagradas, era ao mesmo tempo um prégador de grande nomeada. Apreciado pelo bispo D. José Caetano da Silva Coutinho, tinha a honra de assistir em seu palacio episcopal ás palestras litterarias que nelle tinham logar.

Não tendo sahido do Brazil, conhecia e correspondia-se com Mozart, Haydn e Beethoven, e executava as suas composições, como se a tivesse ouvido tocar pessoalmente.

Do bispo e do governo do principe regente rejeitou diversos empregos, para não distrahir das suas occupações musicaes, em que era verdadeiro genio.

O principe regente D. João que sempre protegeu os artistas de merecimento, tendo noticias deste celebre musico, manifestou desejos de ouvil-o, e tão enthusiasmado ficou que dispensou-lhe logo a sua valiosa protecção, nomeando-o inspector de musica da real capella, por decreto de 26 de novembro de 1808.

Na fazenda de Santa Cruz executavam-se magnificas composições, inspiradas pelos seus mestres da capella. Nesta occasião escreveu o padre José Mauricio a sua afamada *Missa da degolação de S. João Baptista.* [1]

Dedicando-se com amor ao ensino da musica, conseguiu com os seus discipulos introduzir no Rio de Janeiro o gosto por esta arte; já começada a ser despertada, como dissemos, por Neukom. O côro da Cathedral nas ceremonias religiosas, era attrahido por uma numerosa concurrencia, que enchia a egreja para apreciar as suas melodiosas composições.

Até 1813 era o modesto padre o musico mais notavel no Rio de Janeiro; nesta época chegou da Europa o celebre e orgulhoso maestro Marcos Antonio Portugal, afamado e de grande reputação nas principaes côrtes do velho mundo, acompanhado de um certo numero de cantores e de instrumentistas. Desejosa a princeza D. Carlota de ver o encontro dos dous celebres artistas, convidou o padre José Mauricio que apparecesse no paço de São Christovão em uma tarde determinada.[2] Encontraram-se os dous rivaes; soberbo, enfatuado Marcos Portugal desafiou o humilde padre. Obtida a venia da familia real, convidou o maestro portuguez a José Mauricio, tocar uma das mais difficeis sonatas de Haydn. Acceitou o padre o convite, declarando que não só conhecia a composição como o seu illustre autor. Começou a executar vacillante e timido, pouco e pouco amimando-se tornou-se senhor do piano e do escolhido auditorio. De tal modo terminou, que despertou grande enthusiasmo, até mesmo do seu proprio emulo que, levantando-se bradou:— Bellissimo, bellissimo! E's meu irmão na arte, com certeza serás para mim um amigo.

---

[1] Dr. Sylvio Romero — *Historia da litteratura brazileira* — Sylvio Dinarte, Escragnolle Taunay, Estudos Criticos, tomo II, pag. 138 — Padre José Mauricio Nunes Garcia.

[2] Manoel de Araujo Porto Alegre — *Apontamentos* para a vida e obras do padre José Mauricio Nunes Garcia. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, tomo XIX.

Desse modo correspondeu brilhantemente o repto de seu adversario.

E' de lamentar que estivessem em olvido por tanto tempo as suas excellentes composições. Graças, porém, á tenaz e sábia propaganda do Sr. Visconde de Taunay, já está impresso o seu magnifico *Requiem*.

Bem haja tão eminente e patriotico brazileiro.

Segundo o Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre, Barão de Santo Angelo, o padre José Mauricio Nunes Garcia foi uma organização especial, que ultrapassou a época em que viveu, dominou por longos annos o campo que invadiu com o poderio do seu engenho, com a sua fecundidade, e com a revolução que causou nos animos que conquistara. [1]

Em seu tumulo, à sombra dos cyprestes, está elle gozando a grande fama merecida. Depois de ter tanto figurado não se retirou á penumbra, qual outro Pompeu tratado por Lucano, mas, morreu deixando um nome immortal — *Stat magni nominis umbra*.

Nem sempre teve um claro firmamento, brancas nuvens. Teve que entreter renhidas lutas com o seu adversario Marcos Portugal, e dellas sahiu-se gloriosamente vencedor. Por isso é-lhe bem applicavel a seguinte poesia do saudoso senador Francisco Octaviano:

> Quem passou pela vida em brancas nuvens
> E em placido repouso adormeceu ;
> Quem não sentiu o frio da desgraça,
> Quem passou pela vida e não soffreu,
> Foi espectro de homem, não foi homem
> Só passou pela vida, não viveu.

Honorate l'altissimo maestro.

Antes do padre José Mauricio houvera um outro musico, o padre Manoel da Silva Rosa, autor da celebre *Paixão de Jesus Christo*.

---

[1] M. de Araujo Porto Alegre— Loco cito.

Em fins do seculo passado e no começo do actual, foram tambem musicos notaveis: Pedro Teixeira e o immortal Francisco Manoel, verdadeiro genio musical.

Como cantores sobresahiram: João dos Reis, Candido Ignacio da Silva e Gabriel. [1]

Muito deve o Brazil ao principe regente D. João o desenvolvimento que deu ás artes, e especialmente á musica. Amante da musica sacra, admirador da eloquencia do pulpito, nunca o Brazil teve solemnidades de igreja tão magestosas, como na sua época. Nunca as artes estiveram tão florescentes no Rio de Janeiro.

O primeiro theatro que existiu no Rio de Janeiro, foi fundado pelo padre Ventura, no largo do Capim, em 1767, e foi incendiado em 1769. Era denominado — *Casa da Opera.* No governo do Marquez do Lavradio, um certo Manoel Luiz edificou novo theatro na rua que ficava á esquerda do Paço, denominado *Theatro Manoel Luiz*, tendo sido scenographo Leandro Joaquim.

Com a musica protegeu D. João VI o theatro ; em 1813 foi inaugurado pois, sob a sua protecção, o *Theatro Real de São João*.

Muito se esmerou o bondoso rei pela prosperidade e progresso do seu novo reino. Creou os mais uteis estabelecimentos, realizou as mais urgentes reformas, e procurou tornar a cidade de sua nova residencia, igual ás mais civilisadas e adiantadas da Europa. Laborioso e infatigavel, no seu sabio governo revelou espirito culto e progressista.

O seu sabio neto, Sua Magestade Imperial, o Sr. D. Pedro II, seguiu as suas pégadas. Caminhou para o exilio resignado, depois de ter reinado na sua amada patria, cincoenta annos, com sabedoria e justiça, tendo instituido no Brazil um verdadeiro seculo de Pericles.

Reverente prestamos homenagem á sua saudosa e respeitavel memoria.

---

[1] Dr. Sylvio Romero — Loco cito.

Que esteja gozando na eternidade o premio dos beneficios prestados neste mundo.

Eis o que nos parece expôr relativamente á arte brazileira colonial; outros mais bem preparados e competentes, que venham supprir as nossas faltas.

Pagando pareas, ao nosso eminente amigo, o Sr. F. A. Pereira da Costa, do muito que lhe devemos, rendemos-lhe homenagem, verdadeiro preito de subido apreço e admiração.

Fiz o que pude. *Faciant meliora potentes.*

CARTAS AUTOGRAPHAS DO PRINCIPE REAL

O SR. D. PEDRO D'ALCANTARA

(ANNO DE 1822)

CARTA XIX

Rio de Janeiro, 12 de Fevereiro de 1822.

Meu pai e meu senhor. Cansado de aturar desaforos à *divisão auxiliadora*, e faltas de palavra, assim como a de no dia 5 deste mez prometteram ficar embarcados no dia 8; fui no dia 9 a bordo da *União*, e mandei um official dizer da minha parte a divisão, que eu determinava, que no dia 10, ao romper do sol, ella começaria a embarcar, e que assim o não fazendo, eu lhe não dava quartel, e os reputava inimigos: a resposta foi virem todos os commandantes abordo representar inconvenientes e representarem com bastante soberba: respondi-lhes: Já ordenei; e se não executarem, amanhã começo-lhes a fazer fogo. Elles partirão; e com effeito fazendo nelles maior effeito o medo que a honra, que elles dizem ter, começarão a embarcar no dia que lhes determinei e hontem ás 3 ½ da tarde já estavão abordo dos navios, mansos como uns cordeiros, e ordenei, que no dia 14 ou 15 sahissem barra fóra acompanhados das duas corvetas, *Liberal* e *Maria da Gloria*, que os hão de acompanhar sómente até o cabo de Santo Agostinho, ou pouco mais adiante.

Deos guarde etc.

CARTA XX

Rio de Janeiro, 14 de Fevereiro de 1822.

Meu pai e meu senhor. Tomo a penna para dar a V. M. a mais triste noticia do successo que tem delacerado o meu coração. O Principe D. João Carlos, meu filho muito amado, já não existe. Uma violenta constipação cortou o fio de seus dias. Este infortunio é o fructo da insubordinação e dos crimes da divisão auxiliadora. O Principe já estava incommodado quando esta soldadesca rebelde tomou as armas contra os cidadãos pacificos desta cidade: a prudencia exigiu que eu fizesse partir immediatamente a princeza e as crianças para a fazenda de Santa Cruz, afim de as pôr ao abrigo dos successos funestos de que esta capital podia vir a ser o theatro.

Esta viagem violenta, sem as commodidades necessarias; o tempo que era mui humido depois de grande calor do dia: tudo emfim se reunio para alterar a saude de meu caro filho, e seguir-se-lhe a morte. *A divisão auxiliadora* pois *foi a que assassinou o meu filho, o neto de V. M.*

Em consequencia é contra ella que levanto a minha voz.

Ella é responsavel na presença de Deos, e ante V. M., deste successo que tanto me tem afflicto, e que igualmente affligirá o coração de V. M. Os habitantes desta cidade me tem dado as provas as mais decisivas de afêrro a minha pessôa. Elles me tem testemunhado a dor mais profunda pela morte do principe. Cresceu o seu odio contra a *divisão auxiliadora*, e jamais soffrerão a entrada de alguma outra tropa portugueza.

O espirito publico purifica de dia em dia, se desenvolve com maior energia e prudencia. — O povo inteiro é verdadeiramente constitucional; o que aprecio mais do que posso expressar; porque *não quereria governar um povo que não amasse sinceramente a Constituição.*

Creio que uma constituição faz a felicidade do povo; mas creio ainda mais, que ella faz a fortuna do rei, e do governo. Se o povo é infeliz onde não ha constituição, o rei e o governo ainda são mais infelizes.

Sò velhacos achão sem proveito um governo sem constituição. Supplico a V. M. que dê ordem para que esta carta seja apresentada ás côrtes, afim de que saibão ainda melhor quaes são os serviços da *divisão auxiliadora.*

Deos guarde, etc.

CARTA XXI

Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1822.

Meu pai e meu senhor. Tenho a honra de remetter a V. M. a falla a mim hoje feita pela deputação de Minas Geraes *para eu ficar*; exigindo a mesma forma de governo que S. Paulo; e igualmente participo a V. M., que soube pela mesma deputação, que Minas não manda os seus deputados às côrtes, sem saber a decisão de tudo: e que seja qual for a decisão sobre a minha retirada, ella sempre se opporá a que eu regresse a Portugal, custe o que lhe custar.

Estimarei que V. M. faça constar isso tudo ao soberano congresso, para que elle, assim como ia por uma precipitada deliberação acabando a monarchia, tome em consideração as representações justissimamente feitas, e *agradeça a salvação da nação aos briosos Paulistas, Fluminenses e Mineiros. — Escrevo assim porque em mim sò verdade se encontra*; e como a todos é permittido expor os seus sentimentos, ou vocal ou por escripto, rasão porque o faço, esperando que V. M. os faça constar taes quaes ao soberano congresso. *Sou constitucional, e ninguem mais do que eu,* mas não sou louco, nem faccioso.

Deus guarde, etc.

CARTA XXII.

Rio de Janeiro, 16 de Fevereiro de 1822.

Meu pai e meu senhor. Dou parte a V. M. que tendo annuido, como era a minha obrigação, ás respeitosas representações do Brazil; e, sendo nellas exigida a creação de um conselho de estado, convenci-me que assim como attendi-as quanto á minha

ficada, tambem devia annuir quanto á creação do dito conselho, visto ser em utilidade publica; determinei-me a crea-la, attentas as razões fortissimas dadas pelas tres provincias: e eu entender que era para felicidade geral da nação, em que estou prompto a trabalhar até á morte. Desejo que V. M. faça apresentar esta ás côrtes, assim como o decreto que remetto incluso para que *ellas conheção o interesse que tomo pela monarchia luso-brazileira; e o quanto sou despido de toda a ambição*; e muito mais daquella que poderia provir-me da autoridade de regente do vasto reino do Brazil, e de lugar-tenente de V. M. Deus guarde, etc.

PROCLAMAÇÃO.

« Habitantes e tropas desta capital e provincias! —

« Desobediencias criminosas, e insubordinação inesperada « em guerreiros, que por seu valor experimentado em beneficio « da nação e do estado se fizerão credores da estima de compa- « triotas e estrangeiros, alterarão a vossa feliz tranquillidade; « semeárão desconfianças, e amarrarão por fim vossos braços para « defender direitos ameaçados, e fazer respeitar a minha legi- « tima autoridade. Abandonando pelo bem publico os vossos « particulares interesses, e desprendendo-vos dos laços, que « mais estreitamente ligão o coração do homem, largastes alegres « e prontos familias e domicilios, para affrontar a morte se pre- « ciso fosse, na luta que parecia innevitavel, pelo obstinado or- « gulho de alguns facciosos, ingratos ao paiz, que generoso os « hospedara, e surdos á voz da razão e do dever. Sem esta ra- « pida decisão de vontade e denodada presença de animo (quando « talvez elles contavão só com perplexidades e temores); eu « teria visto, com viva mágoa, frustrados todos os meus votos a « favor da humanidade, acesa a guerra civil, e victimas dos seus « horrores presos innocentes, que anhelão viver livres e tran- « quillos debaixo do imperio das leis. Não é só com as armas « tintas de sangue, e em campos juncados de cadaveres, que se « alcança hourada fama: com a vossa judiciosa moderação, e se- « gura confiança em meus paternaes cuidados, e ordens do go- « verno, foi mais bello e honroso o vosso triumpho do que se o « conseguisseis em combates, ainda com assignalada derrota dos

« inimigos. Se estes recusárão, algum tempo, por destemperadas
« idéas, e estolida rebeldia, respeitar meus mandados, a vossa
« heroica resolução de morrer pela causa da justiça os fez arre-
« pendidos voltar aos seus deveres: e o bem precioso da paz
« recuperou-se com a ventura de não se empregar o horrivel
« recurso de sanguinolentas pelejas entre concidadãos, de que
« resultaria a deploravel desgraça de ver propriedades ar-
« ruinadas, campos talados e infelizes espozas e filhos chorando
« indigentes, em misera viuvez e orphandade, a perda de seus
« maridos e pais. Restituidos agora ás vossas habitações, e re-
« spectivos destinos, repassai na memoria, para vossa propria
« lição, este triste, bem que passageiro exemplo das fataes con-
« sequencias da insubordinação, que levando o cidadão de erro
« em erro, o chegão em breve ao ultimo periodo da iniquidade,
« e a olhar com indifferença para as desgraças do estado, e até
« a regozijar-se com ellas. Conservai desvellados os generosos
« sentimentos, com que acabais de ganhar o honroso titulo de
« *benemeritos da patria*: praticai as virtudes sociaes, que requer
« o systema constitucional ; e confiai que assim como me vistes
« incansavel e constante no proposito de afastar para longe o
« germen da discordia civil, sem o sacrificio das vossas vidas, a
« que o meu coração não podia accommodar-se, sempre tereis
« em mim o guarda vigilante de vossos sagrados direitos, e o
« protector zeloso de vossas justas representações, e interesses,
« promovendo incessante, e solicito, a prosperidade do Brazil,
« de que depende essencialmente a ventura geral do reino unido.
« Rio de Janeiro, 17 de Fevereiro de 1822. — Principe Regente. »

CARTA XXIII

Rio de Janeiro, 14 de Março de 1822.

Meu pai e meu senhor. Desde que a *divizão auxiliadora* sahiu, tudo ficou tranquillo, seguro e perfeitamente adherente a Portugal ; mas sempre conservando em si um grande rancor a essas côrtes, que tanto têm, segundo parece, buscado aterrar o Brasil, arrasar Portugal, e entregar a nação a Providencia.... Os Brasileiros e eu somos constitucionáes mas constitucionáes que buscamos honrar o soberano por obrigação de subditos, e para

nos honrarmos a nós; portanto a raiva é só a essas *facciosas côrtes*, e não ao systhema de côrtes deliberativas, que *esse systhema nasce com o homem que não tem alma de servil, e que aborrece o despotismo.* — Dou parte a V. M. que Montevidéo se quiz voluntariamente unir ao Brasil, de quem já se conta parte componente deste vasto reino, segundo diz, e affirma o Dr. D. Lucas José Obes, que é deputado da provincia.

Este D. Lucas era mandado ás Côrtes, levando estas instrucções: — « Vá representar nas Côrtes a provincia de Montevi-« déo, e saiba o que querem lá dispor della; mas em primeiro « lugar vá ao Rio de Janeiro, e *faça tudo o que o principe regente « do reino do Brasil*, de quem *esta provincia é parte componente, « lhe mandar*; se o mandar ficar, fique, se continuar execute. » Eu mandei-o ficar no conselho, por elle me dizer, que antes queria os remedios do Rio, do que de duas mil leguas, que era, a razão de se terem separado de Hespanha: deu-me a entender que *Entre-Rios* tambem se queria unir, e Buenos-Ayres confederar, por conhecer que nós somos os alliados que lhe fomos dados pela Providencia assim como elles para nós. O *barão da Laguna tem feito grandes serviços á nação, e mui em particular á parte mais interessante da monarchia.* No dia 9 do corrente appareceu a esquadra; mandei-a fundear fora da barra, por o povo estar muito desconfiado de tropa, que não seja brasileira, e tem razão; porque uma vez que os chefes hão-de obedecer ás côrtes actuaes, temem a sua ruina total. Naquella mesma noite vierão os commandantes á terra, e se portárão bem; escreverão um protesto, que remetto incluso, impresso: no outro dia entrarão para o pé da fortaleza de Santa Cruz para se municiarem de viveres, e voltarem o mais tarde até 26 deste. Se desembarcasse a tropa, immediatamente o Brasil se desunia de Portugal, e a independencia se faria apparecer, bem contra a minha vontade, por ver a separação; mas, sem embargo disso, contente por salvar aquella parte da nação a mim confiada, e que está com todas as mais forças trabalhando em utilidade da nação, *honra e gloria de quem a libertou* pela *elevação do Brasil a reino, d'onde nunca descerá.* A obediencia dos commandantes fez com que os laços, que união o Brasil

a Portugal, que erão de fio de retros podre, se reforçassem com amor cordial á *mãi patria, que tão ingrata tem sido a um filho, de quem ella tem tirado as riquezas que possuio*. Peço a V. M. mande apresentar esta ás cortes, para que saibão que *o Brasil tem honra e é generoso com quem lhe busca o mal*. Sempre direi nesta o seguinte; porque conto que o original será apresentado ao soberano congresso; que — *honrem as côrtes ao rei se quizerem ser honrados*, e *estimados pela nação*, que lhes deu o poder legislativo somente.

Deos guarde, etc.

CARTA XXIV

Rio de Janeiro, 19 de Março de 1822.

Meu pai e meu senhor. Dou parte a V. M., como é do meu dever, que uma grande parte da soldadesca do *regimento provisorio* passou por muito sua livre vontade para os corpos do exercito deste reino; e igualmente participo, que eu não quiz que official algum passasse; afim de não corromperem os soldados, e *poder manter a união do* Brasil com Portugal. Achei que estas passagens erão uteis por dous principios: o primeiro, porque fazia um bem ao Brasil recrutando soldados feitos que depois acabão lavradores, e o segundo, porque mostrava que o *odio não é aos Portuguezes*, mas a todos e quaesquer corpos arregimentados que não sejão brasileiros, afim de nos colonisarem. *Com este expediente se conseguio reforçar os laços que nos união á nossa mãi patria*, a quem dizemos, que *tem direito de nos admoestar*, *mas nunca de nos maltratar*, sob pena de repente de mãi a quem amamos á maior e mais infernal inimiga. Estes os sentimentos de todo o Luso-Brasilico e de todo o homem que tiver intenções puramente constitucionaes, como nós Brasileiros. Sobremaneira ficaria agradecido a V. M., se mandar apresentar esta ao Soberano congresso; para que elle conheça que *no Brasil ha quem saiba o que é Constituição*, como já o hão de ter conhecido pelos deputados brasileiros, especialmente por Antonio Carlos Ribeiro Machado de Andrada, digno deputado de uma provincia tão briosa.

Deos guarde, etc.

CARTA XXV

Rio de Janeiro, 26 de Abril de 1822.

Meu pai e senhor. Dou parte a V. M. que tendo o governo de Minas Geraes querido mostrar-se superior a mim, e ás Côrtes, fui lá, e mandei convocar os eleitores para elegerem outro. Ao chegar, fiz esta seguinte falla :

« Briosos Mineiros. — Os ferros do despotismo começados a « quebrar no dia 24 de Agosto no Porto rebentárão hoje nesta « provincia. Sois livres, sois constitucionaes.

« Uni-vos comigo e marchareis constitucionalmente.

« Confio tudo em vós, confiai todos em mim. Não vos deixeis « illudir por essas cabeças, que só buscão a ruina da vossa « provincia, e da nação em geral. Viva el-rei constitucional ; « Viva a religião ; Viva a constitução ; Vivão todos os que forem « honrados ; Vivão os Mineiros em geral. »

Antes de lá chegar, as villas differentes da estrada me fizeram as representações, que remetto pelo Secretario do reino.

Hontem cheguei em quatro dias e meio. Por cá vai tudo mui bem, se lá formos considerados como irmãos, tanto para um, como para outro hemispherio ; mas se o não formos, ir-nos-ha melhor a *nós Brazileiros*, que aos *Europêos malvados, que dizem uma cousa e tem outra no coração*. Não respondo a V. M. da carta por *Manoel Pedro*, porque, quando hontem vinha do rio Inhomerim, a recebi, e com a pressa me cahio no rio ; peço a V. M. me faça a graça de a repetir, para eu fazer o que devo a bem da nação, a quem sirvo com honra, amor e zelo.

Deos guarde, etc.

P. S. Tenho a honra de remetter a proclamação, que fiz à minha sahida da provincia de Minas Geraes.

PROCLAMAÇÃO

« Mineiros — ! As convulsões politicas, que ameaçavão esta provincia, fizerão uma impressão tal em meu coração. que ama verdadeiramente o Brasil, que me obrigárão a vir entre vós fazer-vos conhecer qual era a liberdade de que ereis senhores,

e quem erão aquelles que a proclamávão a seu modo, para estorquirem de vós riquezas e vidas; não lembrados que vós não serieis por muito tempo soffredores de semelhantes despotismo. —

Raiou emfim a liberdade; conservai-a: *razões politicas me chamão á Côrte*. Eu vos agradeço o bom modo, com que me recebestes, e muito mais o terdes seguido o trilho que vos mostrei. Conhecei os máus, fugi delles. Si entre vós alguns quizerem (o que eu não espero) *emprehender novas cousas, que sejão contra o systhema da união brasilica*, reputai-os immediatamente terriveis inimigos, amaldiçoai-os e accusai-os perante a Justiça, que será prompta a descarregar tremendo golpe sobre monstros que horrorisão aos mesmos monstros. Vós sois constitucionáes e amigos do Brasil. Eu não menos. Vós amais a liberdade, eu adoro-a. Fazei por conservar o socego na vossa provincia, de quem me aparto saudoso. Uni-vos comigo, e desta união vireis a conhecer os bens que resultam ao Brasil, e ouvireis a Europa dizer: — o Brasil é que é grande, rico; e *os Brasileiros souberão conhecer os seus* verdadeiros *direitos e interesses*. Quem assim vos falla deseja a vossa fortuna: e os que isto contradisserem, amão só o vil interesse pessoal, sacrificando-lhe o bem geral. Se me acreditardes, seremos felises; quando não grandes males nos ameação. « *Sirva-nos de exemplo a Bahia.* »

— Principe Regente».

CARTA XXVI

Rio de Janeiro, 28 de Abril de 1822.

Meu Pai e meu Senhor. Peço a V. M. que mande apresentar esta ás côrtes geraes, para que ellas saibão que a *opinião brasilheira, e a de todo homem sensato, que deseja a segurança e integridade da monarchia*, é que hajão aqui côrtes geraes do Brasil e particulares relativamente ao Reino Unido, para fazerem as nossas leis municipaes.

V. M. quando se ausentou deste rico e fertil paiz, *recommendou-me no seu real decreto* de 22 de Abril do anno proximo passado — *que tratasse os Brasileiros como filhos* —: eu não só os trato como taes, mas tambem como amigos; tratando-os

como amigos, sou outro ; assim qualquer destas duas razões me obriga a fazer-lhes as vontades razoaveis : esta (de quererem côrtes, como acima fica dito) não só é razoavel, mas util a ambos os hemispherios ; e assim, ou as geraes nos concedem de bom grado as nossas particulares, ou então eu as convoco afim de me portar não só como V. M. me recommendou, mas tambem como tenho buscado, e alcançado ser que é *defensor dos direitos natos de povos* tão livres como os outros, que os querem escravisar. Se ha igualdade de direitos e somos irmãos, como proclamarão, concedão (que *não fazem favor antes* nós *de lh'o pedirmos)* : quando não, nós o buscaremos (não nos sendo difficil encontra-la; porque não é justo, que uns sejão reputados como filhos, e outros como enteados, sendo nós todos irmãos, e subditos do mesmo grande monarcha, que nos rege.

Deos guarde, etc.

CARTA XXVII

Rio de Janeiro, 21 de Maio de 1822 (*).

Meu pai e meu senhor. Vou felicitar a V. M. por occasião do anniversario do feliz dia de seu nascimento.

Nós Brasileiros sabemos apreciar e festejar a renovação dos annos da vida do nosso monarcha.

O dia 13 deste mez é, e será para sempre, um dia de jubilo a todo o Brasil. Este é o dia, que os habitantes desta cidade escolhêrão para assignalar simultaneamente duas épocas memoraveis, o nascimento de V. M. e a minha elevação ao titulo de *defensor perpetuo do Brasil* : depois do beijamão, o senado da camara requereu-me uma audiencia, que immediatamente lhe concedi ; e esta corporação, pelo orgão de seu presidente, dirigio-me um discurso, mui energico, no qual me supplicava que aceitasse o titulo de *protector e defensor perpetuo do Brazil*, por ser essa a vontade de toda a provincia, e de todo o *Brasil*. Eu respondi-lhe :

(*) Esta carta é traduzida da collecção de Mr. de Monglave, por não ter á vista o original.

Honro-me, e prezo-me do titulo que me confere este povo leal e generoso; mas não posso aceitar tal e qual me offerta. O Brasil não tem necessidade da protecção de pessoa alguma, elle protege a si mesmo. Mas aceito o titulo de *defensor perpetuo, e juro mostrar-me digno delle, emquanto uma gotta de sangue correr nas minhas veias.*

O acto do meu aceite foi immediatamente lavrado, e eu o assignei com o Senado da Camara; e igualmente assignou outro acto, pelo qual todas as corporações reconhecêrão-me por defensor perpetuo do Brazil: a cujo acto immediatamente assignárão tambem os cidadãos mais conspicuos, que se achavam presentes, e igualmente os commandantes e officiaes de todos os corpos da primeira e segunda linha. Depois recebi numerosas felicitações de muitas comarcas desta provincia, e brevemente receberei as das outras. *Eu defenderei o Brasil que tanto me tem honrado*, assim como a V. M.; pois que tal é o meu dever como Brasileiro, e como principe. O *principe sempre deve ser o primeiro a morrer pela patria*, e deve trabalhar mais que outra pessôa, para sua felicidade; porque os principes são os que devem esforçar-se mais por merecer as riquezas, que consomem, e as homenagens, que recebem dos outros cidadãos. V. M. saiba que em todo o tempo, e em todo o lugar, eu devo defender de toda a especie de inimigos, não só como subdito e como filho, mas tambem como defensor perpetuo do Brazil; pois quem defende o rei, defende a nação, sendo o rei e a nação sempre unidos, e jamais separados.

Tenho ja dito a V. M., que eu tratava aos Brasileiros, não só como filhos, assim como V. M. me recommendou, mas tambem como amigos; porque tratando-os como filhos não sou senão seu pai; mas *tratando-os como amigos sou o melhor de seus amigos*. Direi agora mais a V. M.: *eu os trato como filhos queridos, e como amigos intimos, porque são perfeitamente dignos deste meu amor.*

E' necessario que o Brasil tenha côrtes; esta opinião se generalisa cada dia mais. O povo desta Capital prepara uma petição, que deve apresentar-me para supplicar-me que as convoque; e eu não posso recusar-me a isso; porque o povo tem razão, é

constitucional e me honra muito, assim como a V. M., e elle merece toda a especie de contemplação, e de felicidade. Sem Côrtes, o Brasil não pode ser feliz. *As leis feitas tão longe de nós por homens que não são Brasileiros, e que não conhecem as necessidades do Brasil*, não podem ser boas. O Brasil é um adolescente, que desenvolve cada dia as suas forças. O que lhe é bem hoje, não o é amanhãn ou ao menos, vem-lhe a ser inutil, e nova necessidade se faz sentir : isto prova que o Brasil deve ter em si mesmo tudo o que lhe é necessario ; e que é absurdo retê-lo mais na dependencia do velho hemispherio. Tenho já dito a V. M. : *elle deve ter cortes* : não posso recusar do Brasil este requerimento ; porque é justo ; *porque é fundado sobre os direitos dos homens* ; porque é conforme aos sentimentos constitucionaes ; porque emfim offerece um meio de mais para manter a união, que, do contrario, bem depressa cessaria inteiramente. *Sem igualdade de direito, em tudo, e por tudo, não tem União.* Nenhuma pessoa se une em sociedade para vir a peiorar a sua condicção, e aquella que é a mais forte deve saber melhor sustentar seus direitos. Eis a razão por que o Brasil não perderá jamais os seus direitos, que eu sustentarei á custa do meu sangue, este puro sangue brasileiro, que não corre senão para honra, para a nação, e para V. M. Peço a V. M. que esta carta seja apresentada ás côrtes, afim de que ellas cada vez mais honrem o Brasil e o firme caracter de seu defensor perpetuo. Espero que V. M. approve em mim este titulo offerecido pelo *Brasil agradecido.*

Deus guarde, etc.

CARTA XXVIII

Rio de janeiro, 19 de Junho de 1822.

Meu pai e meu senhor. Tive a honra, e o prazer de receber de V. M. duas cartas, uma pelo *Costa Coito*, e outro pela *Chamberlain*, em as quaes V. M. me communicava o seu estado de saúde physica, a qual eu estimo mais que ninguem, e em que me dizia — *Guia-te pelas circumstancias, com prudencia e cautela.* — Esta recommendação é digna de todo o homem, e muito mais

de um pai a seu filho, e de um rei a seu subdito, que o ama e respeita sobremaneira.

Circumstancias politicas do Brasil fizerão que eu tomasse as medidas, que já participei a V. M. ; outras mais urgentes forçarão-me por amor á nação, a V. M. e ao Brasil, a tomar as que V. M. verá dos papeis officiaes, que sómente a V. M. remetto. Por elles verá V. M. o amor que os Brasileiros honrados consagrão á sua sagrada e inviolavel pessoa, e ao *Brasil, que a Providencia Divina lhes deu em sorte livre, e que não quer ser escravo de Lusos-Hespanhões, quaes os infames despotas (constitucionaes in nomine) dessas facciosas, horrorosas, e pestiferas côrtes.*

O Brasil, Senhor, ama a V. M., reconhece-o, e sempre reconheceu como seu rei; foi sectario das maldictas côrtes, por desgraça, ou felicidade (problema difficil de decidir-se) ; *hoje não só abomina, e detesta essas, mas não lhe obedece, nem lhe obedecerá mais*; *nem eu consentirei tal*, o que não é preciso; porque de todo não quer senão as leis de sua assembléa geral constituinte e legislativa, creada por sua livre vontade para lhe fazer uma constituição, que o felicite *in æternum* se fôr possivel. Eu ainda me lembro, e lembrarei sempre, do que V. M. me disse, antes de partir dous dias, no seu quarto: — *Pedro, se o Brasil se separar, antes seja para ti, que me has de respeitar, do que para algum desses aventureiros.*— Foi chegado o momento de quasi separação ; e estribado eu nas eloquentes, e singelas palavras expressadas por V. M., *tinha marchado adiante do Brasil, que tanto me tem honrado.*

Pernambuco proclamou-me principe regente, sem restricção alguma no poder executivo ; aqui consta-me que querem acclamar a V. M. imperador do reino unido, e a mim rei do Brasil. Se isto acontecer, receberei as acclamações ; porque me *não hei de oppôr á vontade do povo a ponto de retrogradar ;* mas sempre, se me deixarem, hei de pedir licença a V. M. para aceitar ; porque eu sou bom filho, e fiel subdito. Ainda que isto aconteça (o que espero que não) conte V. M., que eu serei rei do Brasil, mas tambem gosarei da honra de ser de V. M. subdito, ainda que em particular seja, para mostrar a V. M. a minha consideração, gratidão amor filial, tributado livremente.

V. M., que é rei ha tantos annos, conhecerá mui bem as differentes situações, e circunstancias de cada paiz : por isso V. M. igualmente conhecerá, que os estados independentes (digo os que de nada carecem, como o Brasil) nunca são que se unem aos necessitados, e dependentes.

A união dos dous hemispherios, digo Portugal, é hoje em dia um estado de quarta ordem, e necessitado; por consequencia dependente; o Brasil é da primeira, e independente *até aqui;* que a união sempre é procurada pelas necessitadas, e dependentes. A união dos dous hemispherios deve ser (para poder durar) de Portugal com o Brasil, e não deste com aquelle, que é necessitado e dependente. Uma vez que o Brasil está persuadido desta verdade eterna, a separação do Brasil é inevitavel, a Portugal vão buscar todos os meios de se conciliar com elle, por todas as fórmas. *Peço a V. M. que deixe vir o mano Miguel para cá*, seja como for; porque elle é aqui muito estimado, e os Brasileiros o querem ao pé de mim, para me ajudar a servir no Brasil *e a seu tempo casar com a minha linda filha Maria.* Espero que V. M. lhe dê licença, e lhe não queira cortar a sua fortuna futura, quando V. M. como pai deve por obrigação christãa, contribuir com todas as suas forças para a felicidade de seus filhos. V. M. conhece a razão; ha-de conceder-lhe a licença, que eu e o Brasil tão encarecidamente pedimos pelo que ha de mais sagrado. Como filho respeitoso e subdito constitucional, cumpre-me dizer sempre a meu rei, e meu pai, aquella *verdade que de mim é inseparavel: se abusei peço perdão; mas creio que fallar verdade nunca é abuso, antes obrigação, e virtude*, ainda quando ella proclamada é contra o proprio sujeito ou pessoa de alto cothurno. As minhas cartas anteriores a esta, como *havião de apparecer a quem tem atacado a Deos e a V. M.*, e tendião a felicitar a nação toda, havião mister serem mui fortes; mas V. M., conhecedor da verdade, e amante della, saberia desculpar o meu atrevimento de me servir de cartas de V. M. para *atacar atacantes; perdão peço*, e de certo alcanço. Dou parte a V. M. que as minhas filhas estão boas (da Maria remetto um retrato tal qual ella), e a princeza está tambem boa...

Remetto no meio dos papeis um figurino a cavallo da guarda de honra, formada voluntariamente pelos Paulistas mais distinctos da provincia, e um que tem entrado tambem desta provincia: os de S. Paulo têm na canina da canheinha S. P. e os do Rio de Janeiro R. J.

Tenho a honra de protestar novamente a V. M. os meus sentimentos de amor, respeito e submissão, de filho para um pai carinhoso e de subdito para um rei justo.

Deos guarde, etc.

CARTA XXIX

Rio de Janeiro, 22 de Junho de 1822.

Meu pai e meu senhor. Agradeço a V. M. o mandar-me escrever pela mana Maria Thereza no 1º de Maio proximo passado ; e sinto que V. M. não tivesse sido entregue hoje pelo conde de Belmonte dos officios, que tive a honra de escrever, dando-lhe parte de todo o acontecimento. *O Madeira* na Bahia tem feito tyrannias ; mas eu vou já pô-lo fóra ou por bem ou á força de miseria, fome e mortes, feitas de todo o modo possivel, para salvar a innocente Bahia etc.

Deus guarde, etc.

CARTA XXX

Rio de Janeiro, 26 de Julho de 1822.

Meu pai e meu senhor. Parabens á patria, á V. M., ao Brasil e ao mundo inteiro ; a causa nacional, que era dependente da juncção e declaração da maioria das provincias do Brasil á sua felicidade, vai como todos os que amarem a V. M. como rei constitucional de *facto*, e não só de direito, como V. M. estava sendo, desejão. Digo não de direito ; porque só o direito não o constituia tal, *porque não tinha acção.* Hoje recebi uma deputação de Pernambuco, que veio para me reconhecer regente sem restricção alguma no poder executivo, por assim ser a vontade geral do povo e tropa da provincia. V. M. perdoará o não ter mandado parte de tudo ; mas assim convém, *para que os fac-*

ciosos das Cortes caião, por não saberem ás quantas andão; e demais porque, como as circumstancias me obrigarão á convocação da Assembléa geral constituinte e legislativa, era só mero formulario, porque eu unicamente hei de *fazer executar com todo o gosto os seus decretos, e de lá mais nem um*. Eu, senhor, vejo as causas de tal modo (fallando claro) que ter relações com V. M. só familiares; porque assim é o espirito publico no Brasil; não para deixarmos de ser subditos de V. M. que sempre reconhecemos; e reconheceremos como nosso rei; mas porque *salus populi suprema lex est*, quero dizer é um *impossivel physico e moral Portugal governar o Brasil ou o Brasil ser governado de Portugal*.

Não sou rebelde, como hão de dizer a V. M. os inimigos de V. M.; são as circumstancias.

Eu, as duas meninas, a princeza pejada de tres mezes, estamos de perfeita saúde.

Deos guarde, etc.

CARTA XXXI

Rio de Janeiro, 4 de Agosto de 1822.

Meu pai e meu senhor. Tenho a honra de remetter inclusos a V. M., os dous decretos; um de 1º de agosto, e outro de 3 do mesmo, para que V. M. esteja ao facto da *marcha politica deste reino que o está defendendo desses traidores*. Eu, a princeza e a Januaria estamos bons; a Maria tem tido febre ha vinte dias, mas hoje está quasi bôa.

Deus guarde, etc.

CARTA XXXII

Rio de Janeiro, 6 de Agosto de 1822.

Meu pai e meu senhor. Inclusa tenho a honra de remetter a V. M. o meu *manifesto aos povos do Brasil*, para que V. M. de tudo esteja ao facto, como é conveniente: brevemente terei a honra de remetter outro feito ás nações amigas do Brasil.

Deus guarde, etc.

CARTA DE EL-REI

« Meu filho. Não tenho respondido ás tuas cartas por se terem « demorado as ordens das côrtes ; agora *receberás os seus decretos* « *e te recommendo a sua observancia, e obediencia ás ordens, que* « *recebes, porque assim ganharás a estimação dos Portuguezes,* « que um dia has de governar, e *é necessario que lhes dês deci-* « *didas provas de amôr pela nação.*

« Quando escreveres, lembra-te, que és um principe, e que « os teus escriptos são vistos por todo o mundo ; e deves ter cau- « tela, não só no que dizes, mas tambem no modo de te expli- « cares.

« Toda a familia real estamos bons ; resta-me abençoar-te « como pai, que muito te ama.

« — João — Paço de Queluz, em 3 de Agosto de 1822.»

CARTA XXXIII

Rio de Janeiro, 22 de Setembro de 1822.

Meu pai e meu senhor. Tive a honra de receber de V. M. uma carta datada de 3 de agosto, na qual V. M. me reprehende pelo meu modo de escrever e fallar da *facção luso-hespanhola*. Se V. M. me permitte, *eu e meus irmãos Brasileiros*, lamentamos muito, e muito, o *estado de coacção em que V. M. jaz sepultado*. Eu não tenho outro modo de escrever ; e como o verso era para ser medido pelos *infames deputados europêos e brasileiros do partido dessas despoticas côrtes executivas, legislativas e judiciarias, cumpria ser assim :* e como *eu agora mais bem informado sei que V. M. está positivamente preso, escrevo esta ultima carta* (sobre questões já dicididas pelos Brasileiros) do mesmo modo ; porque *com perfeito conhecimento de causa estou capacitado, que o estado de coacção, á que V. M. se acha reduzido*, é que o faz obrar bem contrariamente ao seu liberal genio. Deos nos livrasse se outra cousa pensassemos.

Embora se decrete a minha desherdação ; embora se commettão todos os attentados, que em *clubs carbonarios* fôrem

forjados ; a causa santa não retrogradará ; e eu antes de morrer direi aos meus caros Brasileiros — *Vêde o fim de quem se expôz pela patria — imitasme.*

V. M. manda-me (que digo!!!) mandão as côrtes por V. M. que eu faça executar, e execute seus decretos ; *para eu os fazer executar era necessario, que nós Brasileiros livres obedecessemos á facção*: respondemos em duas palavras — *Não queremos.*

Se o povo de Portugal teve direito de se constituir *revolucionariamente*, está claro que o povo do Brasil tem dobrado ; porque se vai constituindo, respeitando a mim, e ás autoridades estabelecidas.

Firmes nestes inabalaveis principios, digo (tomando a Deos por testemunha, e ao mundo inteiro), a essa *cafila sanguinaria*, que eu, como principe regente do reino do Brasil, e seu defensor perpetuo, hei por bem declarar todos os decretos preteritos dessas *facciosas, horrorosas machiavelicas, desorganisadoras, hediondas e pestiferas côrtes* que ainda não mandei executar, e todos os mais que fizerem para o Brasil, nullos, irritos e inexequiveis e, como taes com *veto absoluto*, que é sustentado pelos Brasileiros todos, que unidos a mim, me ajudão a dizer — *de Portugal nada, nada ; não queremos nada.*

Se esta declaração tão franca irritar mais os animos desses *lusos-hespanhóes*, que mandem tropa aguerrida, e ensaiada na guerra civil, que lhe faremos ver qual é o valor Brasileiro. Se por descôco se atreverem a contrariar nossa *santa causa*, em breve verão o mar coalhado de corsarios, e a miseria, a fome, e tudo quanto lhes pudermos dar em troco de tantos beneficios, será praticado contra estes coryphêos. Mas que ! *quando os desgraçadas Portuguezes os conhecerem bem, elles lhes darão o justo premio.*

Jazemos por muito tempo nas trévas ; hoje já vemos a luz. Se V. M. cá estivesse, seria respeitado e amado ; e então veria que o *povo brasileiro*, sabendo presar sua liberdade, e independencia, se empenha em respeitar a autoridade real ; pois *não é um bando de vis carbonarios, e assassinos como os que tem a V. M. no mais ignominioso captiveiro.*

Triumpha, e triumphará, a independencia brasilica, ou a morte nos ha de custar. O Brasil será escravisado; mas os Brasileiros não; porque em quanto houver sangue em nossas veias, ha de correr; primeiramente hão de conhecer melhor o *rapazinho*, e até que ponto chega sua capacidade, *apezar de não ter viajado pelas côrtes estrangeiras*.

Peço a V. M. que mande apresentar esta ás côrtes! ás côrtes que nunca forão geraes, e que são hoje em dia só de Lisboa; para que tenhão com que se divirtão, e gastem ainda um par de moedas a esse tisico thesouro.

Deos guarde, etc.

INDICE

DAS

Materias contidas no Tomo LXI da «Revista Trimensal»

PARTE PRIMEIRA

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

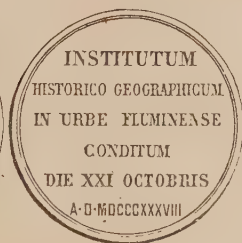
TOMO LXI

PARTE II

(3º E 4º TRIMESTRES)

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui

AUSPICE PETRO SECUNDO
PACIFICA SCIENTIÆ OCCUPATIO

INSTITUTUM
HISTORICO GEOGRAPHICUM
IN URBE FLUMINENSE
CONDITUM
DIE XXI OCTOBRIS
A·D·MDCCCXXXVIII

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1899

107-99

APONTAMENTOS

ACERCA

DE

PESSOAS E COUSAS DO BRASIL

ADVERTENCIA

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tendo-se reunido a 7 de dezembro de 1891 para tratar de resolver sobre o modo de manifestar sentimentos de profunda magoa pelo infausto passamento de seu Augusto Protector, deliberou observar diversas disposições, sendo uma do theor seguinte: « Os Secretarios da mesa ficam encarregados de fazer em um livro especial a compilação de todos os artigos que houverem sido publicados com relação à Pessoa de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II desde o dia 5 do corrente.»

Em obediencia a esta deliberação, o Primeiro Secretario, autor da lembrança, chamou a si a tarefa de compôr o livro, que apresentou no fim de outubro de 1894, o qual, limitado por decisão da mesa ás publicações da cidade do Rio de Janeiro, formou um volume in-4º de 946 paginas, sendo 143 de introducção e 803 de compilação.

Na sessão magna anniversaria do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, realizada a 15 de dezembro de 1894, o illustrado Presidente, Sr. Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, na sua allocução de abertura disse:

« Com relação ás nossas ultimas publicações, é justo aqui salientar a que acaba de ser feita, por deliberação do Instituto sob

immediata e attenta direcção do nosso activo Secretario, o Sr. Henri Raffard.

« Intitula-se: *Homenagem do Instituto Historico e Geographico Brasileiro á memoria de S. M. o Sr. D. Pedro II.*

« E' precedida de minuciosa e interessante noticia sobre a existencia d'esta sociedade, desde o seu começo até hoje, e com fidelidade relata o que é o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o que foi para elle o seu Augusto Protector, e o que ficou sendo a memoria do egregio Brasileiro nas tradições gloriosas que com respeitoso affecto aqui guardamos.

« Foi este um preito ainda de admiração e reconhecimento, que o Instituto julgou dever prestar ao seu grande bemfeitor, cuja falta vê que de dia em dia se lhe vai tornando mais sensivel e lamentavel, e cuja memoria será, para todos quantos scinceramente o amavam, sempre cara, saudosa e veneranda.»

Apresentando agora boa còpia de dados, muitos dos quaes são relativos ao pranteado Augusto Protector Immediato do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, lembra o Primeiro Secretario que está cumprindo por partes o que prometteu nos topicos finaes da explicação que poz como fecho no supracitado livro nos termos seguintes:

« Não nos furtamos, entretanto, á obrigação de additar em tempo um novo trabalho que complete as deficiencias que somos os primeiros a reconhecer e lamentar.

« Com a collaboração dos estudiosos e amantes da verdade esperamos augmentar cada vez mais este repositorio, de modo que o *Instituto Historico e Geographico Brasileiro* possa dar desempenho da missão que lhe cabe, fiel á sua divisa:

«*Auspice Petro Secundo Pacifica Scientiæ Occupatio.*»

INTRODUCÇÃO

A Nação brasileira data de 1822, pois a Portugal pertencem os seis annos do Brasil-Reino (1816-1822) e os 316 sob o dominio colonial (1500-1816).

Tem assim apenas quinze lustres de existencia e, no emtanto, mal se conhece a historia dos seus primeiros tempos, já não diremos na época de D. Pedro I (1822-1831); mas no periodo da menoridade de D. Pedro II (1831-1840), anterior ao nosso de 58 para 67 annos.

Nos differentes trabalhos de que temos conhecimento, diversos aliás escriptos com proficiencia, certas minuciosidades foram desprezadas, sem duvida por terem sido consideradas de somenos importancia — e outras foram omittidas naturalmente por terem sido ignoradas. Tudo nos parecendo, entretanto, merecedor de nota, cuidadosamente recolhemos o que nos foi possivel reunir na collecção de dados que colligimos para poder-se um dia tentar esboçar a interessante biographia de S. M. o Sr. D. Pedro II.

Resolvemos, porém, divulgar primeiro as notas sobre a Condessa de Belmonte e seus descendentes, juntamente com os apontamentos colhidos ácerca de varios personagens do Brasil, principalmente SS. MM. os Srs. D. João VI e D. Pedro I nos feitos interessando directamente o Brasil e S. M. o Sr. D. Pedro II

durante a menoridade, além dos referentes a circumstancias locaes — o que constitue um estudo preparatorio para o alludido esboço biographico.

Fizemos pesquizas nos trabalhos de que temós podido lançar mão e que mencionamos sempre que reproduzimos algum trecho, são: periodiocos antigos ou modernos, manuscriptos ou impressos conservados no Instituto Historico e Geographico Brasileiro ; registros, documentos e papeis que pertenceram ao Sr. Dr. Pedro II, os quaes (em pequeno numero) hoje se acham sob a guarda de nosso consocio do Instituto, que mui bondosamente nos permittio manuseal-os, o Commendador José Antunes Rodrigues de Oliveira Catramby, um dos procuradores dos Augustos Herdeiros de Sua Magestade o Imperador do Brasil, o Sr. D. Pedro II.

Ainda não nos tem sido possivel aproveitar-nos das ricas collecções da Bibliotheca Nacional, utilisando as boas disposições do Sr. Director — nosso consocio do Instituto Dr. José Alexandre Teixeira de Mello e do distincto chefe da respectiva secção de manuscriptos, etc., o Sr. Bacharel Antonio Jansen do Paço ; assim como tambem as preciosidades do Archivo Publico, para onde o Governo Provisorio entendeu poder mandar a maior parte dos registros, documentos e papeis particulares do Sr. D. Pedro II (Archivos da Mordomia da Casa Imperial), tudo, porém, posto á nossa disposição pelo Sr. Director — nosso consocio Dr. Joaquim Pires Machado Portellá.

São poucas as pessoas vivas que de 1831 a 1840 tiveram certa liberdade e alguma intimidade nos Paços Imperiaes do Brasil e, por motivos diversos, nem todas são sempre seguras nas suas informações. Temos, porém, procurado as de que nos podiamos acercar e com maior ou menor exito avivámos suas remotas reminiscencias.

Recorremos mais a cavalheiros estudiosos, como o nosso consocio Barão Homem de Mello, o Dr. Joaquim de Toledo Piza e Almeida e principalmente ao Bibliothecario do Instituto o Dr. José Vieira Fazenda, por quem fomos sobremodo coadjuvado.

Infelizmente, por causa de seus incommodos de saude, não nos pôde prestar o seu valioso concurso o nosso prezado amigo

Sr. Visconde de Taunay, a quem muito contaram o finado pai — o distincto Barão de Taunay — e a illustrada madrinha, já fallecida — D. Maria Antonia de Verna Magalhães Fonseca, filha da Condessa de Belmonte.

Esta senhora tambem narrou muito á sua filha a Sra. D. Francisca Carolina de Verna Magalhães Fonseca Monteiro de Barros, que nos penhorou com a sua extrema gentileza em nos auxiliar, permittindo-nos reunir dados assaz completos sobre os membros de sua familia.

Com relação á Augusta Pessoa de S. M. o Sr. D. Pedro II, insensivelmente ou para maior clareza, temos por vezes ultrapassado o periodo da menoridade, a que nos propunhamos ficar restrictos; mas d'ahi nenhum inconveniente resultou — antes pelo contrario. Quanto aos periodos dos governos de SS. MM. D. João VI e D. Pedro I, não podião ficar esquecidos.

A confrontação das versões mais ou menos differentes, as varias repetições e os detalhes esmerilhados (mesmo quando quasi superfluos) facilitão o melhor conhecimento do assumpto.

Comprehendendo tambem simples summarios como guias uteis, o presente estudo não é uniforme e resente-se, quanto ao estylo, da diversidade das fontes inspiradoras.

Temos collectado notas em numero maior ou menor, segundo foi possivel obtel-as a respeito dos personagens de que nos occupamos: não damos portanto a biographia de nenhum d'elles, sem excepção da Condessa de Belmonte e seus descendentes, e tão sómente apontamentos para auxiliar quem chamar a si a tarefa de produzir melhores estudos.

Estes apontamentos em geral não passam de meras transcripções cuja reunião poupa o trabalho da busca de informações difficeis de serem achadas.

Não podiamos transcrever *in totum*, ou mesmo parcialmente, todos os trechos adequados — mórmente quando faceis de serem encontrados nos respectivos impressos que possuem as nossas diversas bibliothecas e livrarias — recommendamos, portanto, a leitura das obras dos autores que citamos.

***

Do que se vai ler resulta o conhecimento dos primeiros annos do Sr. D. Pedro II e si, como querem os criticos modernos, não se póde prescindir em uma qualquer biographia do estudo da época em que viveu o biographado, das pessoas com quem lidou, sobretudo aquellas que dirigirão a sua educação, é licito suppor que maternalmente criado por uma Senhora tão virtuosa como a Condessa de Belmonte, esta devia influir sobre o espirito de seu filho adoptivo inoculando-lhe os germens de todas as virtudes.

Se o finado Imperador havia perdido sua Mãi, a Providencia collocou junto ao seu berço uma Senhora illustre.

Já por ahi os futuros historiadores, ao envez do que disse alguem, acharão elementos para provar a brandura de caracter, o patriotismo, a tolerancia, o amor á familia, de que tantas provas deu em vida o finado Sr. D. Pedro II, cuja biographia só mais tarde poderá ser com imparcialidade escripta.

* * *

Satisfaz-nos a esperança de que algum dia haverá quem se utilise do nosso trabalho, o qual, ousamos acredital-o, será recebido com benevolencia, em consideração das boas intenções de quem não se tem poupado esforços para reunir o material que ora apresenta, agradecendo desde já toda communicação que for feita para completar, justificar ou rectificar qualquer dos pontos tratados com o desejo sincero de não faltar á verdade.

Henri Raffard.

Rio, 1898.

APONTAMENTOS

ACERCA

DE

PESSOAS E COUSAS DO BRASIL

PARTE I

Nasceu em Lisboa, no Real Paço de Queluz, a 12 de outubro de 1798, o Principe D. Pedro de Alcantara Bragança e Bourbon, terceiro fructo do consorcio do Principe D. João de Portugal com a Infanta D. Carlota Joaquina de Bourbon.

Em 1799 o Senhor D. João assumiu as redeas do governo de Portugal, por causa da profunda melancolia em que cahira sua Mãi, a respeitabilissima Senhora D. Maria I, depois da perda do seu augusto esposo o Senhor D. Pedro III, e por morte, succedida a 11 de junho de 1801, do Senhor D. Antonio, que nascera em 21 de março de 1795 (portanto apoz a Princeza D. Maria Thereza, que viera ao mundo em 1793) ficou D. Pedro com o titulo de Principe da Beira, o qual competia aos herdeiros do throno.

Diz Bazilio José Chaves, veterano da liberdade de Portugal e artista typographico, no seu « Esboço Historico da Vida

de D. Pedro IV, Rei de Portugal », publicado em Lisboa e distribuido em 29 de abril de 1870:

« Logo que teve uso de razão, trataram seus pais da sua educação, entregando-o aos cuidados de José Monteiro da Rocha, uma das grandes notabilidades de Coimbra n'aquella época, que, com differentes mestres, que o coadjuvaram, fez comprehender ao seu discipulo differentes linguas, humanidades, direito publico, natural e das gentes, etc. , habil preceptor que pela sua morte legou ao seu alumno a sua bella e preciosa livraria. »

D. Pedro de Alcantara foi feito Condestavel do Brasil pela Carta Regia de 1807 ; mas esta nomeação ficou inutilisada seguindo S. A. no mesmo anno para o Brasil, com seus Augustos Pais, a Rainha sua avó, os Irmãos, e numeroso sequito.

Partindo de Lisboa a 28 de novembro a esquadra real foi dispersa por um temporal e em 26 de janeiro de 1808 arribou na Bahia a náo levando o Principe Regente D. João, que ahi decretou, em 18 de fevereiro, a abertura de todos os portos brasileiros ao commercio estrangeiro.

Raiara para o Brasil a aurora da sua emancipação. O Brasil até então ficara fechado aos estrangeiros, salvo accidentalmente nos periodos: de 1555 a 1567 — emquanto Nicolas Durand de Villegagnon e seus companheiros se puderão conservar na bahia do Rio de Janeiro e suas immediações com a idéa mallograda da fundação de uma França Antarctica ; de 1594 a 1615 — emquanto Jacques Riffaut, Charles de Veaux, Auguste de la Rivardière, Emile Rasilly, Charles Harley, de Pizieu e mais francezes permaneceram em S. Luiz do Maranhão ; de 1624 a 1654 — emquanto os hollandezes foram pouco a pouco dominando desde o Maranhão até a Bahia, ficando celebre o governo do Principe João Mauricio, Conde de Nassau, que residiu em Olinda de 1637 a 1644. Foram todos rechassados das terras brazileiras pelos portuguezes, apoz sangrentos combates e feitos brilhantes. Accrescentaremos o periodo de 1580 a 1640 durante o qual os Reis de Hespanha se mantiverão no Throno de Portugal.

* * *

Em seguida á descoberta official do Brasil por Pedro Alvares Cabral em 1500, de quando em vez appareceram nas costas do Brasil navios francezes que negociavam com os indigenas, não sendo impossivel que com elles mantivessem relações mais antigas, cessaram porém suas visitas depois do inicio em 1532 do systema de colonisação posto em pratica por ordem d'El-Rei pelo Capitão General Martim Affonso de Souza, que logo fundou a cidade de S. Vicente, séde até 1681 da Capitania de S. Vicente, o actual territorio paulista.

Santos, fundado em 1543, não tardou a ter habitantes estrangeiros: lembramo-nos de certo José Adorno genovez e do allemão Heliodoro Eobanos (filho de um poeta) que deu em 1547 agasalho a outro allemão Hans Stade, o qual em seguida a um naufragio cahira em poder dos indigenas e deixou em 1558 interessante relação (com edições posteriores) do que lhe havia occorrido, assim como fez em 1567 o allemão Ulrich Schmiedel que pelo mesmo tempo tambem se achou entre os indios Brazis. S. Vicente foi atacado por piratas inglezes: Edward Fenton em 1585 e Thomas Cavendish que saqueou a cidade em 1591. O inglez Roberto Withrington atacou a Bahia em 1586 e em 1595 Pernambuco foi saqueado por Jacques Lancaster e John Wenner.

Dos successos relativos a Villegagnon e os seus foi chronista o francez Jean de Léry que tornou publicas em 1584 suas diversas annotações já vertidas para o portuguez, como o trabalho de Hans Stade pelo nosso consocio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o Conselheiro Tristão de Alencar Araripe. [1]

Os padres francezes André Thevet em 1558 e Ive d'Evreux em 1615 fizeram imprimir o que presenciaram no Brasil.

Os hollandezes Gaspar Barleus e Wilhelm Pison, trazidos pelo Conde Mauricio de Nassau, são autores de livros importantes que sahirão do prélo em 1647 e 1648.

Lemos algures que o francez Metreta esteve no Brasil em 1645 e o allemão P. Samuel Fritz de 1708 a 1710.

---

[1] A proposito de Villegagnon leia-se o recente trabalho de Arthur Heulhard « Villegagnon Roi d'Amérique — Un homme de mer au XVI siècle — (1510 — 1572) — Paris — Ernest Leroux, Editeur — 1897 ».

Em 1710 o capitão francez Du-Clerc, que tentara saquear o Rio de Janeiro, alli ficou preso e falleceu no anno 1711, sendo elle e seus commandados promptamente vingados no dito anno de 1711 pelo seu compatriota Duguay Troin, que impoz ás suas condições á cidade vencida.

Consta-nos ainda ter estado no Brasil certo Nicolau Hortsmann em 1741.

Interessantes são tambem os livros deixados pelo inglez William Bourke, que andou no Brazil em 1792, como de 1801 a 1803 seu patricio Thomas Lindley, que alli esteve preso em 1801.

Pouco antes da chegada da Familia Real, Alexandre von Humboldt mal tinha penetrado no nosso valle do Rio Negro quando passou para terras dos vizinhos, por ter sido informado que não tardaria a ser preso, sendo terminantes as ordens da metropole, receiosa dos espiões, e comquanto lhe fosse mandada a permissão necessaria jámais quiz voltar ao Brasil.

* * *

O Principe Regente, deixando a Bahia, apezar das supplicas de todos os habitantes, a 26 de fevereiro seguio para o Rio de Janeiro, onde desembarcou a 7 de março e não tardou a dar provas das suas excellentes intenções.

Muito embora não pretendamos tratar aqui particularmente do Principe depois Rei D. João VI, não podemos deixar de alludir aos factos cujo conhecimento esclarece posteriores occurrencias do Brasil.

Os acontecimentos, diz B. Mossé (Dom Pedro II, Empereur du Brésil — Paris — Librairie de Firmin-Didot & Comp. — 1889) obrigaram o Principe Regente a realizar o projecto que tinham concebido o Rei D. João IV (o fundador da dynastia bragantina) desde o seculo XVII, o Ministro D. Luiz da Cunha em 1736, e o Marquez de Pombal em 1761 de transportar para a America a séde da monarchia portugueza.

Mal se haviam accommodado os membros da Familia Real e as 15.000 pessoas do seu sequito, o Principe Regente publicou um alvará em 11 de abril de 1808 abolindo o de pro-

hibição de qualquer manufactura, excepto a de um tecido grosseiro.

No anno 1810 foi firmado um Tratado de Convenção e Navegação com a Inglaterra, excepcionalmente favorecida; isentou-se de direitos aduaneiros as mercadorias da China vindas por Macau em navios portuguezes; foram chamados uns espingardeiros allemães que se achavam em Lisboa, os quaes depois de algum tempo no Rio de Janeiro seguiram para S. Paulo; por este tempo chegaram os mineiros sueccos contractados para a fabrica de S. João de Ypanema e foram recebidos os chins que plantaram e fabricaram chá no Jardim Botanico e em Santa Cruz.

Ouçamos André P. L. Werneck (Jornal o *Paiz* de 2 de abril de 1895)... « com a chegada de D. João o Brasil entrou em um caminho de prosperidade politica, industrial e moral.

« Assim, pois, de 1808 em diante as aspirações dos patriotas mais exaltados estavam modificadas pelas circumstancias do momento historico. O desejo de todo o bom brazileiro era não crear embaraços á marcha do governo, auxilial-o, toleral-o, crente de que os passos mais caracteristicos da independencia estavam sendo dados pelo generoso e patriotico governo de D. João que ia esquecendo o velho Portugal, enfraquecendo-o. E com a elevação do Brasil a Reino-Unido e consequentemente o pé de igualdade politica com Portugal, ficava restabelecida a base de futuras reacções contra as investidas da mãi patria.»

Data de 16 de dezembro de 1815 (coll. Nabuco, pag. 16, Tom. II) o Decreto elevando á dignidade de Reino — o Brasil, onde talvez acreditava ter de acabar seus dias o Principe que no anno de 1816, succedendo á sua Augusta Mãi, então fallecida, ficou sendo o Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves — o Sr. D. João VI.

Foi em março de 1816 que chegou no Rio de Janeiro a pleiade de sabios francezes contractados pelo Marquez de Marialva, embaixador de Portugal na França, de accordo com o Ministro dos Negocios Estrangeiros Conde da Barca, afim de ser fundada a Academia de Bellas Artes, sob a direcção de Lebreton, membro do Instituto de França, que acompanhavam N. Taunay tambem membro do Instituto de França, o estatuario Augusto Taunay

irmão do precedente, o pintor de historia Debret, o architecto Grandjean de Montigny, o gravador Simon Pradier, o professor de mecanica François Ovide e François Bonrepos ajudante de Taunay. Mais tarde vieram os irmãos Ferrez.

Infelizmente falleceu logo o Conde da Barca (1817) e pouco depois Lebreton, cujo successor na direcção da joven Academia, Henrique José da Silva, reformando a organisação primitiva, desanimou os distinctos collaboradores estrangeiros que se retiraram, voltando para a França o Sr. A. Taunay.

* * *

As republicas do Prata ardiam desde 1810 nas guerras de partido e o governo do Rio de Janeiro mantinha na fronteira do Rio Grande do Sul um exercito de observação; mas chegando de Portugal em 1817 uma divisão de voluntarios mandada vir pelo Rei foi ella enviada com mais contingentes brasileiros para o Sul, onde subdividiram-se, indo parte da força defender as Missões e outra parte marchou sobre Montevidéo, que lhe abriu suas portas.

* * *

A 6 de março de 1817, em Pernambuco, algumas palavras proferidas por um portuguez contra os brasileiros lhe valeram pancadas; então outro portuguez deu denuncia de uma conspiração contra o Rei. O governador reuniu o conselho dos officiaes generaes, que mandou prender diversas pessoas, entre as quaes Antonio Carlos Ribeiro de Andrada.

A imprudencia de um brigadeiro de artilharia provocou a sua morte, de que foi autor um official subalterno, cujos camaradas puzeram-se logo em armas. O governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, tendo enviado para reprimir a rebellião um tenente-coronel, seu ajudante de ordens, que foi morto, elle refugiou-se na fortaleza do Brum. Os milicianos renderam-se á tropa e nomearam um governo provisorio de cinco membros — capitulou o Sr. Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que partiu para o Rio de Janeiro.

Em poucos dias a Parahyba do Norte e as Alagôas adheriram ao movimento de Pernambuco.

O padre José Martiniano de Alencar, enviado como emissario para o Ceará chegando á villa do Crato foi preso com as pessoas que lhe eram dedicadas e na Bahia foi preso e fuzilado a 29 de março de 1817 o emissario Dr. padre Abreu Lima, vulgo padre Roma.

O Conde dos Arcos não tardou em dar signal de si, preparou alguns navios que foram bloquear e Recife emquanto uma columna marchava por terra em direcção ás Alagôas, depois outra esquadra seguia tambem e o bloqueio estendeu-se do Rio S. Francisco até o Rio Grande do Norte.

Violenta reacção operou-se em Pernambuco á vista das forças de terra e de mar ; o governo provisorio ficou abandonado e a revolução teve como resultado mortes, prisões, deportações e sequestros.

* * *

« Na presença dos factos que deixamos apontados, disse Antonio Pereira Pinto (« A Confederação do Equador noticia historica sobre a Revolução Pernambucana de 1824 » Vide *Rev. do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.* Tomo XXIX) e em face dos testemunhos authenticos que ahi ficam consignados, parece não ser temeridade o affirmar que as idéas republicanas não estavão na consciencia dos motores ostensivos do movimento de 1817, nem no espirito do povo pernambucano. Não estavam na consciencia dos primeiros, porque por sua curta intelligencia não alcançavam a extensão e desenvolvimento das theorias democraticas, tentando plantal-as em seu paiz ou por velleidade infantil, ou como um refugio que os amparassem da colera ou da justiça do governo legislativo. Não estavam no espirito do povo porque recebeu-as em perfeito estado de coacção, e sob a pressão do exaltamento revolucionario ».

* * *

Alberto Pimentel ministra interessantes dados no seu Estudo Historico « A Côrte de D. Pedro IV, no Brazil nos 'Açores,

no Porto e Lisboa.» (V. *Jornal do Commercio* de janeiro a março de 1896). « D. Pedro, filho de Portuguez e de Hespanhola, era um destes temperamentos meridionaes, especialmente peninsulares, impressionaveis e arrebatadores, expansivos e voluveis, que contrastam essencialmente com a fleugma, a contracção, a actividade fria, methodica, das raças do norte.

« Custão a comprehender esses temperamentos, umas vezes egoistas até a intransigencia, outras vezes generosos até ao sacrificio, umas vezes violentos até a colera, outras vezes affaveis até a bonhomia, umas vezes pertinazes, outras vezes submissos, mas quasi sempre inclinados a aceitar e a defender um ideal, embora mal comprehendido de justiça, de liberdade e de progresso, porque a bondade ingenita é como que o fundo das organisações meridionaes, aliás tão caprichosas e contradictorias.

« Custão a comprehender, sobretudo, quando quem tem de julgal-o está eivado do mesmo defeito de raça e tem de dominar-se a si proprio para revestir a imperturbabilidade de animo, a serenidade de espirito, que é habitual nos povos septentrionaes.

« Gastão-se depressa esses temperamentos combustiveis, inflammaveis. O fogo que os vitalisa devora-os em um incendio dia a dia ateado.

« Os homens do sul sabem *à priori* do que hão de morrer, ordinariamente morrem pelo coração, que se hypertrophia, ou pelo figado, que se oppila. As commoções frequentes e profundas, as contrariedades da vida, quasi sempre exageradas pela imaginação pessimista, rapidamente os extenuão, prematuramente os fulminão.

« D. Pedro IV é bem um desses temperamentos, accrescendo nelle a circumstancia de que todos os movimentos impulsivos da natureza meridional não poderão ser moderados pela força repressiva que nasce da educação, da instrucção e do exemplo domestico.

« Criado á lei da natureza, pouco illustrado, abandonado a si mesmo pela falta de uma prudente tutela paterna, D. Pedro IV faz lembrar as plantas silvestres que nascem sem cultura, que vivem sem resguardos, e que morrem crestadas pelo sol violento ou pelas geadas intensas.

« E, comtudo, havia no caracter desse principe o quer que fosse de bondade innata, que não raras vezes se deixava desvairar e que outras vezes se submettia, como uma criança, á menor resistencia que lhe oppunhão.

« Nascendo e vivendo no meio de uma côrte que não conheceu nunca as grandes idéas do espirito humano, em uma còrte onde a luz do progresso intellectual e moral das sociedades modernas jámais deixou coar os seus primeiros diluculos, não repugnárão comtudo a D. Pedro os novos moldes onde a reacção politica do seculo XVIII fundiu em bronze o codigo das liberdades contemporaneas.

« Nascendo e vivendo em uma côrte onde a illustração era um luxo desconhecido e onde o gosto pela educação artistica não chegou nunca a lançar raizes, D. Pedro possuia, por um dom da natureza, a impressionabilidade vibratil, que, se tivesse sido devidadamente desenvolvida e disciplinada, poderia ter feito delle um artista, um poeta, um homem intellectualmento distincto.

« Mas, entregue a si mesmo, depois da morte do erudito João Rademacker, que lhe guiou os primeiros passos, o herdeiro de D. João VI não passou nunca de um curioso, de um amador incorrecto, que amava a musica e a poesia, e que com um máo feitio revelava, em lances difficeis, agudeza de espirito e facilidade de percepção.

« Esse máo feitio » era, em muitas situações da sua vida, o bom humor immoderado, que chegava até ao sarcasmo ; era a expansão inconveniente, que chegava até a indiscrição irritante ; era o azedume desregrado, que não escolhia palavras, nem poupava pessoas; era a pertinacia obsessa, que o intrincheirava em uma falsa apprehensão ou em um falso conceito ; era a desconfiança, o receio da perfidia, a duvida constante que tinha aprendido com seu pai.

« De resto, não havia pessoa de habitos mais simples, Principe menos ostentoso, na sua maneira de viver.

« D. Pedro passou sempre como um burguez trabalhador, que se levanta com o sol e que se deita ás 10 horas da noite, tendo uma mesa frugal, uma guarda-roupa escassa e uma approximação facilmente accessivel. Predominava nelle a alegria

expansiva, mas não era raro vel-o descahir de repente na irritabilidade agreste ou no obumbramento taciturno.

« Com a gente moça, especialmente com as crianças, mostrava-se ordinariamente affectuoso, mesmo jovial.

« Quando na côrte brazileira de D. João VI havia recepção de grande gala, D. Pedro, disfarçadamente, dava um pequeno piparote no queixo dos rapazes da sua idade, filhos dos cortezãos, no momento que lhe beijavam a mão.

« Divertia-o isso, essa graça de collegial que lhe amenisava a tortura da etiqueta seccante, sem comtudo perder apparentemente o ar altivo que lhe era natural.

« Aborreciam-lhe as baixezas do pretendente servil, do aulico mesureiro e hypocrita ; mas recebia de boa sombra os pedidos que lhe eram dirigidos em uma linguagem franca e sincera.

« Activo, incansavel, apezar de parecer mais forte do que era, porque desde muito novo soffria do figado e dos rins, gostava, como seu irmão D. Miguel, de todos os exercicios de dextreza e força. Contava elle proprio que havia dado trinta e seis quédas. De uma vez fracturára duas costellas, e de outra vez, em 1829, sete.

« Era elegante, de estatura mais que regular. Tinha uma bella testa, uns olhos dominadores, um olhar sobranceiro. Nas faces pallidas divisavão-se-lhe avelados.

« A expressão da physionomia era por vezes dura, dava-lhe a apparencia de um homem bravio, *of a savage looking man*, como diz Napier, que tão de perto o conheceu e tratou, se bem que não era esse o seu caracter, não era essa a sua indole, aberta e franca, ás vezes de mais.

« Mas um clarão de alegria, de jovialidade até, amansava outras vezes essa dureza de expressão physionomica, tornando-lhe o semblante communicativo e sympathico.

« Não conhecia perigos nem difficuldades quando chegava a aquecer, a enthusiasmar por uma idéa.

« A principio hesitava, pesavão no seu espirito mais os contras do que os prós de uma empreza ; mas, se lhe acordavão a razão, ou se lhe fallavão com energia, como algumas vezes acon-

teceu, aceitava o bom conselho, seguia-o, passava corajosamente por cima dos primeiros e ultimos obstaculos.

« D. José Manoel da Camara mandara dizer do Rio de Janeiro á Marqueza de Alorna que o principe D. Pedro gostava de poesia.

« Esta noticia achou no espirito artistico da Marqueza um acolhimento de impulsiva sympathia e enthusiastica confraternidade, como era de esperar.

« A illustre autora das « Recreações botanicas » vinha de um tempo em que na ultima côrte galante de Portugal lampejárão os derradeiros vestigios de brilho litterario. Na epóca de D. Maria I. a Poesia fôra ainda uma deusa, que tivera por templos os salões aristocraticos e por sacerdotisas as grandes damas *vieille roche*.

« A' noticia, que para Portugal lhe mandara D. José Manoel da Camara, respondia D. Leonor:

Pois deixe o Parnaso e creio
Que as camenas avisadas
No Brazil com mais aceio
Fixarão suas moradas;
E que adornão com recreio.
Frontes que hão de ser c'roadas.

« E ao proprio principe D. Pedro dirigia ella pessoalmente uma epistola de incitamento em 1815.

Se te deleita o plectro harmonioso,
Se as Musas amas, Principe sublime,
Dellas afasta a catadura horrivel
Com que a etiqueta, qual feroz medusa,
Os genios petrifica; e não te peje.
Seguir nos valles Phebo, quando humilde
Apascenta do antigo Admeto os gados.

« Mas faltárão ao principe D. Pedro a cultura, a educação litteraria, a leitura copiosa e escolhida que desenvolvem e aperfeiçoam a inspiração poetica.

« Corrêra abandonada a educação dos filhos de D. João VI, facto que tinha uma dupla explicação nas pessimas condições internas do *ménage* e nas revoltas circumstancias politicas da época.

« Era tambem, como seu irmão D. Miguel, muito affeiçoado ao officio de torneiro; vocação atavica que herdára do rei D. José!

« Ainda como seu irmão D. Miguel gostava da equitação, da caça, do bilhar, da esgrima, principalmente do florete.

« Pelos assumptos militares mostrava predilecção; era-lhe agradavel conversar com officiaes do exercito, especialmente sobre as façanhas da guerra peninsular.

« Mas D. João VI procurava evitar estas praticas do principe, receioso de que elle viesse a ser aquillo que o pobre Rei jamais pudera ter sido: um general. »

A proposito da educacão do Sr. D. Pedro, disse na sua oração funebre D. Marcos, arcebispo eleito de Lacedemonia.

« O Principe teve aquella educação, que era costume dar-se em Portugal aos filhos dos Reis e póde dizer-se, sem receio de faltar á verdade, que o Principe quanto adquiriu de conhecimentos, de experiencia, de philantropia, de cultura no seu espirito foi devido á sua bella indole, aos seus ardentes desejos de instruir-se e ao amor que tinha aos seus semelhantes, que havia de governar um dia.

« Passando ao Brazil no fim do anno de 1807 com seus Augustos Pais procurava ahi com summo desvelo a sciencia, que a politica afastava delle com ardil. Quanto o Principe via, observava ou ouvia na côrte achava quasi sempre uma decidida reprovação em seu nobre coração, em sua alma franca, em seu genio incapaz de doblez. O Principe suspirava por instruir-se nos usos, costumes, habitos e privações dos povos que deviam algum dia ser subditos seus. Quantos esforços, tantas vezes repetidos quantos baldados, fez o Principe para vir a Portugal aprender a arte de Guerra nessa lucta porfiosa da qual póde dizer-se, abalou todas as Dynastias e Thronos da Terra, armou uns contra os outros todos os Povos e no fim da qual o homem maior que vira o mundo, victima de seus proprios erros e das traições daquelles

a quem beneficiára, foi acabar sua existencia sobre um rochedo no meio dos mares, chorado dos poucos amigos, temido e respeitado de todos? O Principe foi reduzido, para instruir-se, a seus proprios recursos.

«Eu não pretendo culpar o venerando Monarcha o Sr. D. João VI. Nós sabemos que só aos homens extraordinarios é dado exorbitar-se fóra do circulo dos erros e abusos em que foram creados, estes erros, estas prevenções acham-se no palacio e na choupana, em todas as classes. O Rei fez educar seu filho como elle mesmo fôra educado. O Grande Pedro estudava como a furto as sciencias naturaes, recatando da côrte os livros e instrucções que os amigos lhe davam. Os exercicios militares faziam o objecto mais caro ao seu coração; tambem esta classe era sobre todas a sua predilecta. Estranho aos negocios, e á politica, que recatava e escondia do Principe os segredos do gabinete, posto que nada escapava á sua penetração.»

* * *

Havendo El-Rei D. João VI resolvido enlaçar o herdeiro da sua Real Coroa com uma Arquiduqueza, filha do muito alto e poderoso Principe Francisco I, Imperador d'Austria, Rei da Hungria e da Bohemia, depois de feitas as primeiras diligencias segundo a etiqueta das Côrtes, e havido o consentimento de Sua Magestade Apostolica e da Preclara Princeza D. Maria Leopoldina Josepha Carolina, ordenou El-Rei que o Marquez de Marialva, D. Pedro José Joaquim Vito de Menezes Coutinho, que se achava em Paris como Embaixador de Sua Magestade Fidelissima junto de Sua Magestade Christianissima, passasse a Vienna d'Austria com o caracter de Embaixador Extraordinario para pedir em publico a Augusta Mão da Serenissima Arquiduqueza a seu Pai para Sua Alteza D. Pedro de Alcantara, Principe Real do Reino Unido de Portugal, do Brazil e dos Algarves.

Disse o Padre Luiz Gonçalves dos Santos (Memorias para servir á Historia do Reino do Brazil, etc.— Lisboa — Na Impressão Regia, anno 1825 — Tomo II). « No dia 17 de fevereiro (1817) fez o Excellentissimo Marquez Embaixador de Sua Ma-

gestade Fidelissima a sua entrada publica na capital do Imperio Austriaco com uma pompa e esplendor que encheu de admimiração os habitantes das margens do Danubio, que altamente confessaram não terem visto ha mais de hum seculo hum espectaculo tão brilhante, depois que o Conde da Villa Maior, Embaixador de Portugal, conduzio a virtuosissima senhora D. Marianna d'Austria para esposa do Senhor Rei D. João V, no anno de 1708.»

Segue-se a descripção do brilhante prestito, que novamente se formou no dia 18; tendo ido ao Palacio Imperial o Embaixador Marquez de Marialva, foi apresentado ao Soberano, que o esperava com toda a sua Côrte e feito o pedido em publico com as formalidades do costume, a Augusta Mão da Imperial e Real Senhora foi concedida para o Serenissimo Principe D. Pedro de Alcantara.

A repentina noticia motivou alegres demonstrações de contentamento no Rio de Janeiro, logo que ahi chegou em maio de 1817.

No dia 14 de julho de 1817 entrou no porto do Rio de Janeiro a fragata *Imperador d'Austria* trazendo com o Barão de Neveu Encarregado de Negocios, Barão de Hugel Secretario de Legação e os Addidos Condes de Schutel e Palffi, mais tres professores naturalistas para novas descobertas nas provincias do Brasil

Em agosto, dia 18, chegou, no paquete inglez, o Conde de Wrbua (?) Mordomo-Mór de Sua Magestade I. e R. Francisco I enviado como mensageiro da noticia de se terem celebrado na Côrte de Vienna d'Austria, a 13 de maio, os desponsorios do Principe D. Pedro de Alcantara com a Senhora Arquiduqueza D. Maria Leopoldina Josepha Carolina. No dia 21 houve na Capella Real, que se achava ornada com magnificencia, grande missa com *Te-Deum* em Acção de graças por tão venturosa união, mantendo-se a cidade em festa nos dias 22 e 23.

Nas Memorias já mencionadas do Padre Luiz Gonçalves dos Santos encontram-se interessantes detalhes sobre as ceremonias e festas realizadas em Vienna e Florença, bem como o embarque em Liorne e partida a 14 de agosto da Augusta Princeza na Náo Portugueza *D. João VI*. Na Náo *S. Sebastião* embarcou o Conde

de Eltzi Embaixador Extraordinario da Austria com a sua comitiva. Acompanharam Sua Alteza o Marquez de Castello Melhor, os Condes de Lousã e de Penafiel, as Sras austriacas Condessas de Huemburg, de Barenthcin e de Lodron.

Desde a aurora do dia 5 de novembro avistou-se ás Náos e a fragata austriaca *Augusta* que a ellas se unira no estreito de Gibraltar. A's 5 horas da tarde a esquadra começou a entrar pela Barra e pelas 7 horas deu fundo entre a Ilha das Cobras e o Monte de S. Bento e n'esta occasião El-Rei, a Rainha, o Principe Real, as Princezas e grande numero de pessoas nobres dirigirão-se para a Náo *D. João VI.*

« Immediatamente que a Galeota chegou á Náo, desceu a Serenissima Senhora Princeza Real pelo braço do Excellentissimo Marquez de Castello-Melhor e entrando na Real Galeota se lançou aos pés de Suas Magestades que a receberão nos Braços com toda a ternura e amor como a Filha sua ; depois d'isto comprimentou o seu Augusto Espozo por quem foi acolhida com os mais vivos sentimentos de consorte; finalmente passou a abraçar as mais Pessoas Reaes, que como a Irmã receberão sua Alteza com a mais affectuosa alegria e havendo conversado com Suas Magestades e Altezas por largo tempo, dentro da Real Galeota, se despedio a Serenissima Senhora Princeza Real d'El-Rei Nosso Senhor e acompanhada da Rainha Nossa Senhora, do seu Augusto Esposo e dos Serenissimos Infantes e Infantas, subio a Náo e com tão Augusta Companhia se recolheo á Camara onde se entreteve com sua Magestade e Altezas ficando, entretanto, El-Rei Nosso Senhor por não estar em estado de subir pelo encommodo já mencionado (da sua perna). Depois de alguma demora desceo a Rainha Nossa Senhora com os seus Augustos Filhos para a Galeota de sua Magestade e d'ali se despedirão de sua Alteza Real desejando todos que se abreviasse o intervallo, que os separava de tão egregia Princeza. »

Apenas anoiteceu, toda a cidade se illuminou n'esse dia e os tres seguintes. Os moradores da rua Direita, desde a ladeira de S. Bento até o Largo do Paço, cobriram a rua de arêa com hervas odoriferas e flores por cima, tendo ornado as portas e janellas das casas com magnificencia. Arcos tinhão sido con-

struidos, um com a frente para o Arsenal de Marinha, outro na altura da rua do Sabão e o terceiro defronte da Igreja da Cruz. A Capella dos Terceiros do Carmo, a Capella Real e o Real Paço estavam ornamentados. Além de guardas de honra em diversos pontos, toda a Tropa formou alas no dia 6 para desembarque, recepção e entrada publica da Serenissima Senhora Princeza Real que desembarcou apoz as duas horas da tarde da Galeota pela mão de seu Augusto Esposo, sendo recebida no Arsenal de Marinha pelo Rei, a Rainha e Altezas. O Padre Luiz Gonçalves dos Santos descreveu minunciosamente o numeroso e brilhante acompanahmento que desfilou pala rua Direita entre os vivas do povo n'ella agglomerado e das numerosas pessoas geralmente femininas que aformoseavam as janellas das casas, atirando flores e fazendo ondear seus lenços ao som das musicas dos regimentos, repiques dos sinos e troar dos canhões.

Serião tres horas da tarde quando Suas Magestades, Altezas e comitiva penetraram na Real Capella, em cuja porta foram recebidas pela sua Excellencia Reverendissima o Bispo Capellão Mór, os Bispos de Angola, Pernambuco, Goyaz, S. Thomé e Moçambique, o Cabido e o Senado da Camara.

Suas Magestades e Altezas se demorárão em fazer oração ao Sanctissimo Sacramento e chegárão á Capella Mór, então o Bispo Capellão Mór, subia ao seu Solio e o Illustrissimo Cabido tomou lugar na quadratura. « Feito um breve repouso, o Mestre de ceremonias deo o signal e havendo-se levantado todos, o Serenissimo Senhor Infante tomando pela mão o Serenissimo Sr. Principe Real e a Rainha Nossa Senhora, pegando na mão da Serenissima Sra Princeza Real forão apresentar os Augustos Desposados a sua Excellencia Reverendissima para lhes lançar as Bençãos Nupciaes; pozerão-se então Suas Altezas Reaes de joelhos sobre almofadas diante do Altar e sua Excellencia deo as Bençãos em canto festivo. Concluida esta ceremonia e havendo voltado Sua Magestade e Altezas para o salão, o Excellentissimo Bispo, Capellão Mór entoou o *Te Deum Laudamus* que foi todo cantado pelos Musicos da Real Capella e regido pelo seu famoso compositor Marcos Portugal. Finalisado o Hymno sua Excellencia cantou as orações competentes; logo huma salva

geral das Fortalezas e da Esquadra applaudio o feliz Consorcio dos nossos Serenissimos Principes Reaes, erão então quatro horas e meia da tarde. »

Suas Magestades e Altezas recolheram-se em seguida para o Paço da cidade de onde presenciaram a grande parada e desfilar das tropas e depois jantaram na Mesa de Estado com todo o apparato da Côrte, assistidos dos grandes Officiaes e Criados da Casa Real.

A' noite houve illuminação geral em terra e no mar.

« Tinha sido o primeiro projecto d'El-Rei Nosso Senhor conduzir com o mesmo grande acompanhamento a Serenissima Senhora Princeza Real para a Quinta da Boa-Vista immediatamente depois das Bençãos Nupciaes na Real Capella e para esse fim foram avisados pela Policia os moradores da rua do Ouvidor, largo do Rocio, Caminho Novo, largo da Sentinella, Catumby, Matta Porcos e de mais estrada até a Real Quinta ; e todos com grande prazer se apressaram a ornar as frentes das suas casas, e juncar de folhas e hervas as ruas e estradas, não poupando despeza e trabalho para o esplendor da passagem de Sua Alteza Real. Mas pela razão de acabar tão tarde a solemnidade da Igreja e tambem por El-Rei Nosso Senhor não estar em estado de soffrer no coche hum movimento tão longo e aturado, resolveo Sua Magestade ir por mar para a Real Quinta, embarcando-se no Arsenal de Marinha com a Real Familia. »

Sahindo do Paço pelas nove horas e meia da noite na ordem observada no ceremonial da vinda, ás onze horas chegaram em São Christovão deixando a Real Galeota e escaleres em que se haviam accommodado no Arsenal para fazerem nos coches que os esperavão o trajecto até á Real Quinta de Boa Vista, brilhantemente preparada e de onde se avistava a cidade que parecia estar ardendo em vivas chammas de fogo.

Conta J. B. Debret (Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou séjour d'un artiste français au Brésil 1816 — 1831 — 3 volumes — Paris — 1834—1839).

«Un trait de la sollicitude paternelle de D. João VI fera juger de la bonté de son âme. Lorsque les deux nouveaux époux arrivèrent au palais de Saint Christophe, le roi dit à la princesse, en

la conduisant voir ses appartements : *je pense que cette pièce quoique meublée encore simplement* (le bel ameublement commandé chez M. Jacob à Paris arriva un peu plus tard le « Dauphin » ayant éprouvé des contrariétés durant la traversée de quatre mois) *vous sera agréable*. En effet, la première chose qu'elle y remarqua fut le buste de l'empereur d'Autriche son père, que le roi avait eu le soin de faire venir de Vienne. La princesse en le voyant laissa échapper des larmes de joie, alors le roi lui prenant la main, lui dit: *Comme vous êtes très instruite, je ne puis pas prétendre vous offrir quelque chose d'inconnu ; mais je suis persuadé que vous trouverez du plaisir à parcourir ce volume que je vous prie d'accepter*. La princesse, encore toute émue de posséder le buste de son père, ouvrit le livre qui n'était autre chose qu'une superbe collection de tous les portraits de sa famille, commandée à Vienne comme le buste. La princesse, cédant à la reconnaissance, se précipita sur la main du roi...»

No dia immediato beija-mão pela manhã e concerto à noite; no seguinte illuminação publica e espectaculo de gala no theatro.

A Côrte não sahiu mais do palacio de São Christovão, onde appareciam constantemente os Embaixadores, as estradas eram frequentemente transitadas, e a passagem de soberbos animaes e carruagens elegantes derão ao Rio de Janeiro uns ares europeus.

* * *

H. M. Brackenridge esteve no Rio de Janeiro em 1817 e das annotações que publicou (Voyage to South America — London — printed for T. and I. Alleman — 1820) reproduzimos o que segue:

« Era inteiramente desagradavel o nosso passeio em ruas estreitas e sujas, sem calçadas. As casas em geral tem uma certa apparencia, com galerias assentadas no segundo andar as quaes se achão tão proximas que duas pessoas quasi podem se dar a mão atravez da rua, é provavelmente o antigo gosto mourisco. Por causa do grande numero de *cabriolets* puchados por mulas lançadas impetuosamente sem prestar muita attenção a ninguem, constantemente corriamos o perigo de ser derribados.

Bom numero de pessoas transitam tambem montados em cavallos de pequeno tamanho cuja cauda vara o chão ; mas um grande numero de individuos de ambos os sexos deixam-se levar em *cadeirinhas* de uma fabricação estranha e geralmente cheias de ornamentos.

« O Rio de Janeiro tinha então 90.000 habitantes — Bahia 90.000 — Pernambuco 40.000 — Cuyaba 90.000 — São Paulo 20.000 — Villa Rica 20.000 — Maranhão 20.000 — Pará 15.000 — Goyaz 5.000 — Porto Alegre 3.000. »

Quanto á cidade de São Paulo no dizer de Spix e Martius sua população foi de 30.000 almas em 1815.

* * *

A 28 de julho de 1817 foram creadas as Commissões mixtas inglezas e portuguezas no Brasil e em Londres. Data de 28 de agosto de 1817 o Tratado com a França restituindo-lhe a Guyana e fixando os limites respectivos. Foi tambem no dito anno de 1817 que chegaram no Rio de Janeiro 2000 napolitanos — não se sabendo ao certo si emigraram livremente ou não e para onde seguiram.

A 7 de julho de 1818 foram estabelecidas no Rio de Janeiro a Alfandega e Mesa do Consulado. N'este anno de 1818 foram feitas varias concessões de terrenos a uns allemães e suissos que no immediato já se achavam estabelecidos na provincia da Bahia e crearam assim a « Colonia Leopoldina » proximo a Caravellas.

Ainda no dito anno, reconhecendo que o desenvolvimento do paiz dependia principalmente da vinda dos estrangeiros: a 15 de maio, com Sébastien Nicolas Gachet foi ajustado o agenciamento de familias da Suissa pelos homens do governo d'El-Rei D. João VI a *quem os Brasileiros devem muito*, como lembrou a 1 de março de 1855, na abertura da Assembléa Legislativa da Bahia, o Presidente da provincia Dr. João Mauricio Wanderley, depois Barão de Cotegipe.

A 24 de junho de 1820, dia de São João, foi fundada a colonia de Nova Friburgo, na provincia do Rio de Janeiro, districto de Cantagallo, com 261 familias na maior parte do cantão suisso de Friburgo, comprehendendo 1682 pessoas, recebendo a colonia

em 1824 mais 342 allemães recrutados pelo Major G. A. von Schæffer para as colonias da provincia da Bahia, ignorando-se ainda o motivo da mudança do respectivo destino.

« D. João VI, escreveu André P. L. Werneck no *O Paiz* em 2 de abril de 1895, tinha ganho a gratidão do povo brazileiro, que lhe attribuia toda a sua rapida e segura prosperidade. Por outro lado o velho rei, havia mesmo expontaneamente abraçado a *causa do Brazil*, declarando que « viera fundar um novo imperio ». Assim, resistia sempre aos chamados de Portugal e aos constantes desejos que a Inglaterra manifestava para que isso se realisasse.»

* * *

Vamos lançar mão de novos topicos do Estudo Historico já citado de Alberto Pimentel, publicado no *Jornal do Commercio* de janeiro a março de 1896 no Rio de Janeiro.

« A Côrte do Brazil era uma Côrte de emigração, com um pessoal limitado sem requintes de palacianismo maneiroso, sem os estimulos aristocraticos que se encontrão principalmente em um fino trato social, na convivencia suggestiva das salas e das festas galantes, taes como o pincel de Watteau, Lancret, Pater et Boucher no-las reproduzio. »

« A atmosphera politica era espessa, pesada em torno da Côrte. Primeiro, a invasão franceza, tres vezes repetida, asphyxiava de longe, ameaçadora, suffocante. Depois e sempre, os manejos politicos da irrequieta D. Carlota Joaquina agitavão a vida domestica com uma borrasca permanente. A intriga palaciana encontrava este ponto de apoio, este exemplo quotidiano e medrava. Havia dentro do Paço tres partidos: o de D. João VI, o de D. Carlota Joaquina e o do Principe Real. Os cortezãos faziam jogo entre estes tres personagens, atiçavam a discordia. D. João VI desconfiava da mulher, desconfiava do filho, acabou por desconfiar de toda a gente, e trouxe para Portugal este habito que se invetorára no Brazil.»

Eis, entretanto, como J. D. da Cruz Lima descreve o primeiro serviço prestado ao Brasil pelo Principe Real D. Pedro

(Refutação do Livro O Primeiro Reinado — Rio de Janeiro — Typ. Univ. de E. e H. Laemmert — 1877).

« Crescendo com tão generosos sentimentos, e quiçá por elles afastado dos conselhos da Corôa, onde por vezes foi a El Rei, o Sr. D. João VI, aconselhada a sua presença por Frei Antonio d'Arrabida, depois Bispo de Anemuria, seu mestre, principalmente depois de casado o Principe, em 1818, para o familiarisar com a administração do paiz, o Sr. D. Pedro de Alcantara aguardava o momento favoravel para provar o seu brasileirismo.»

Lembrou Alberto Pimentel no seu estudo já mencionado:

« Palmella no Rio de Janeiro, bem aconselhava a D. João VI que se antepozesse ao movimento constitucional de Portugal e que mandasse Dom Pedro para a Europa.

« Dando este conselho, Palmella esmiudava explicações, ensinava quaes os processos e fins que se devia ter em vista. Era preciso attrahir os animos, desmoronar o que illegalmente estivesse construido, tratar, de accordo com as Côrtes legitimamente convocadas, de melhorar, aperfeiçoar a Constituição, as leis liberaes. Importava, a seu juizo, anniquillar os partidos independente e hespanhol, que em Portugal erão um fermento constante de anarchia; pôr um termo, por meio de concessões prudentemente reguladas e de um governo firme, aos progressos da revolução. A presença de uma pessoa da Familia Real não devia contribuir pouco para lançar no espirito dos portuguezes, que se julgavam desamparados e esquecidos, o alento e a confiança.

« Tal era a opinião de Palmella.

« Em face do movimento revolucionario de Portugal, que vinha agora agitar mais dolorosamente a existencia de D. João VI, a hesitação, a incerteza, crescerão no animo do Rei. D. Pedro não veio, nem elle, nem uma Constituição, como Palmella aconselhava. D. João VI receiava, sempre desconfiado, dividir com o filho o poder real na metropole. Palmella, desgostoso, demittiu-se do cargo de Ministro e pediu licença para recolher-se ao reino.»

Ouçamos D. Marcos, arcebispo eleito de Lacedemonia, fallando em Lisboa:

« Aos males que necessariamente resultam de uma guerra tão prolongada como a peninsular, e aos que resultaram da ausencia da Côrte, accumularam-se sobre nós os que nos fez um governo fraco, tyranno, ignorante e feroz como o da Regencia, que só pretendia conservar-se pelo medo e terror.

« Todas as ordens do Estado, todas as classes da nação gemiam oppressas debaixo deste jugo insupportavel. Os gritos e gemidos do Povo eram despresados dos que regiam nossos destinos, e o Venerando Monarcha quasi a duas mil legoas de distancia, não só ignorava os nossos padecimentos, mas illudido e enganado nos acreditava felizes. Nosso numerario tinha desapparecido da circulação, nosso bravo e valoroso Exercito que se cobrira de gloria quando aggressor e aggredido, arrastava no pó e na miseria os horrores de uma vida ignobil. A Inquisição e a Policia espreitando, interpretanto passos, gestos, palavras e os mesmos pensamentos eram os sustentaculos da Regencia. As fogueiras do Campo de Santa Anna tinham levado a desesperação e o horror aos peitos Portuguezes, e nós que n'outrora espantaramos a terra com feitos nobres e valorosos, eramos uma Colonia do Brazil, um povo de escravos, mandados ao cadafalso ao aceno do estrangeiro! Extincto o commercio, moribunda a agricultura, nossas artes em desprezo, nossas fabricas ou queimadas ou inutilisadas, nossas manufacturas em descredito, a gloria nacional eclypsada, nosso nome tornado obscuro, o Rei ausente... O' Ceos, que horrivel situação a nossa!

« Foi então em 1820 que a Heroica cidade do Porto levantou o grito da liberdade a par e simultaneamente com o de seu Rei a quem toda a Nação fazia justiça de acreditar extranho a todos os seus padecimentos. Este grito foi repetido em todo o Portugal, e seja dito e confessado, que se houve Portuguezes que não approvassem a maneira por que as cousas se fizeram, um só Portuguez não houve que não julgasse necessaria uma fortissima medida, que mudasse plenamente o penoso e cruel estado de nossa opprobriada Nação. Este grito de Rei e liberdade retumbou além do Atlantico, repetiu-se no Brazil, na Côrte do

Rio de Janeiro, e foi então e só então que o Venerando Monarcha, o Sr. D. João VI, teve noticia de nossos soffrimentos. Todo o Brazil reuniu suas vozes ás de Portugal e repetiu com ardor e enthusiasmo o grito de Rei e liberdade. O Principe Real ouve com prazer e satisfação proclamar seus principios, sua alma pura, franca, incapaz de disfarce, não lhe permittiu moderar seus transportes. Subdito fiel, filho obediente, amigo leal, disse com franqueza a El-Rei, que elle vivia enganado, pediu-lhe que tornasse feliz o povo e segurasse o seu Throno identificando-o com os interesses da Nação e seus proprios interesses. O homem que preza a honra, que se ama, que respeita e ama o seu semelhante é aquelle que eu chamo para responder-me se algum Principe das antigas idades ou de presente se portou com tanta sabedoria e dignidade como o Principe D. Pedro ? Nenhum até hoje.»

* * *

Recorramos novamente a J. D. da Cruz Lima:

« Chega no Rio de Janeiro em outubro de 1820 a noticia da revolução liberal na cidade do Porto em Portugal (24 de agosto 1820)

« Um grupo de distinctos brazileiros — Ledo, Macamboa, Azeredo Coutinho, Rocha, Nobrega e outros formão o Club Liberal monarchico representativo, em uma casa á rua que hoje tem o nome do dia da nossa Independencia — 7 de Setembro !

« O Club, com assentimento de todos os brazileiros consultados, reconhece a necessidade de um nome prestigioso que autorisasse, mesmo que ligasse as suas idéas, para afastar todo e qualquer pensamento de revolução, ou de constrangimento, e resolve para aquelle fim, communicar ao joven Principe essas idéas e pedir-lhe o seu apoio.

« Consultado, o Principe Sr. D. Pedro de Alcantara, não só acceita, como promette que seu Augusto Pai Sr. D. João VI jurará o novo systema.

« Accordada e effectuada a reunião, elle apresenta-se á cavallo, a hora ajustada a syndical-a.

« Toma a palavra Ledo, e pede ao Principe que convença a qeu Augusto Pai, o Sr D. João VI das vantagens e necessidade

da mudança de systema de governo, jurando uma Constituição que provisoriamente será a de Cadix tambem jurada em Portugal.

« Animado o Principe Sr. D. Pedro d'Alcantara, pelo ensejo que lhe proporcionavão seus designios, ouve attento ao digno patriota Joaquim Gonçalves Ledo, e promette tudo fazer para complemento dos desejos dos Brasileiros.

« Voar ao paço de S. Christovão, onde residia El-Rei; convencel-o das vantagens do novo systema, em acto continuado, obter a sua vinda á cidade, para satisfazer os desejos do povo que o esperava, foi obra de momento!

« Apenas avistada á entrada da rua dos Ciganos, hoje da Constituição, pelo lado do Campo, a carruagem em que vinha El-Rei e o Principe a cavallo a seu lado, o povo, a multidão precipita-se com indizivel enthusiasmo ao encontro d'El-Rei, tira os cavallos da carruagem, e a traz ao theatro de S. João, no Rocio, hoje de S. Pedro, onde o esperava o Bispo diocesano D. José Caetano, para aquelle fim convidado, e na varanda ou terraço do mesmo theatro por encanto preparado, jurarão El-Rei e o Principe o novo systema constitucional, monarchico, representativo, e para elle a Constituição de Cadix, a exemplo do que havia se praticado em Portugal; regressando depois El-Rei e o Principe para S. Christovão, em meio de ovações estrepitosas que a multidão prodigalisava sem distincção ao Rei e ao Principe.

« A satisfação do Principe, que ultimamente acabava de contribuir para libertar o Brasil do despotismo, era bem retribuida pelos Brasileiros, que o levarão em triumpho, podendo apenas repetir por vezes : « E' livre o Brasil » !

« Foi sem duvida um espectaculo maravilhoso ver um Prinscipe na flor da idade convencer-se das vantagens da mudança do ystema governativo, libertando o Brazil do despotismo, por seus esforços e para dar-lhe uma Constituição, embora ainda ignoradas as suas bases. »

Lê-se no « *Resumo da Historia do Brasil* » de D. Herculana Firmina Vieira de Sousa :

« Em outubro d'este anno (1820) chegou ao Brasil a noticia da revolução de Portugal com o fim de obter uma carta constitucional.

« No dia 1 de janeiro de 1821 sublevarão-se os habitantes do Pará, onde primeiro chegou a noticia, apearam as autoridades e proclamaram as bases da futura Constituição. Na Bahia deu-se o mesmo movimento, installando-se ahi uma junta provisoria e o Conde da Palma, governador da provincia, viu-se obrigado a largar o governo. A junta installou-se no dia 10 de fevereiro, sendo presidente Luis Moura Cabral e vice presidente Paulo José de Mello Azevedo e Brito, Chegando a Pernanbuco estas noticias, produziram iguaes effeitos nas principaes cidades d'essa provincia e o general Luis do Rego, mau grado seu, teve de entregar o governo da provincia á junta provisoria que alli se creou.

« No Rio de Janeiro foi mais lenta a manifestação que só rompeu no dia 26 de fevereiro apresentando-se a tropa portugueza no largo do Rocio exigindo que fosse desde logo jurada a Constituição portugueza.

« Os naturaes do Rio de Janeiro, reunindo-se na sala do theatro, redigiram uma representação concebida nos mesmos termos, a qual foi apresentada ao Principe D. Pedro.

« No Maranhão é a 6 d'abril proclamada no campo d'Ourique a Constituição.

« O Principe convocou a Camara, e vindo para a varanda do theatro, leu ao povo reunido na praça um decreto do Rei seu pae que annuia e promettia fazer observar plenamente a constituição que as *Côrtes* organisasem. Em seguida os dous Principes D. Pedro e D. Miguel juraram a mesma Constituição, em seu nome e no do Rei seu Pai. O povo manifestou-se com expressiva alegria e um immenso concurso dirigiu-se á quinta da Bôa Vista, onde se achava D. João VI e porfiou em puchar até a cidade o coche do Rei, o qual, logo que alli chegou, ratificou o juramento já prestado pelos Principes e assim o imitaram todos os empregados e mais pessoas notaveis do Rio de Janeiro seguindo o exemplo da Familia Real ! »

***

« Vejamos os acontecimentos mais importantes que se seguiram, diz D. Herculana Firmina Vieira de Sousa no seu Resumo já citado.

« Procedeu-se à eleição parochial, que se concluiu á satisfação de todos; quando por ordem do governo o Ouvidor da Camara convidou os eleitores a reunirem-se, para significar-lhes um decreto, no qual o Rei, declarando sua partida para Portugal, encarregara o Principe D. Pedro do governo provisorio, que tencionava deixar constituido.

« Os eleitores reuniram-se na sala da Praça do Commercio, na tarde do dia 21 de abril d'este anno de 1821 e lido o decreto, seguiu-se uma discussão tumultuaria e depois de renhidos debates concordaram que se adoptasse provisoriamente a Constituição hespanhola, e que se mandasse ao Rei uma deputação, para exigir que elle a acceitasse immediatamente.

« O Rei recebeu com agrado a deputação, sanccionou por um decreto a adopção provisoria da Constituição. Pouco depois os eleitores tiveram noticia que as tropas se reuniram no largo do Rocio e resolveram mandar chamar o governador das armas, para dar a razão d'isto. Elle asseverou que as intenções da tropa eram boas, e protestou o seu respeito ao collegio eleitoral. Confiados n'esta segurança, continuaram as deliberações, quando pelas tres horas da madrugada apresentou-se na Praça do Commercio uma companhia da divisão auxiliadora, e sem a menor advertencia fez fogo contra os eleitores e os circumstantes ; investindo depois a sala á baioneta calada ! Felizmente quasi todos se tinham posto a salvo ao ouvir a descarga de mosquetaria, de fórma que só houve tres mortos, sendo mais de vinte os feridos . »

Na opinião de João Armitage (Historia do Brazil de 1808 — 1831):

« Foi muito agradavel a D. Pedro a proposição de ser nomeado Regente. Havia sahido de Portugal muito na infancia, com mui pouca saudade de seu paiz natal, e o Conde dos Arcos inflammou a sua joven imaginação com a magnificencia e recursos do Brazil. Impaciente portanto de obter a esperada dignidade e temendo que fosse inopportunamente prevenida a retirada de D. João pela obstinação dos eleitores, dizem que adoptou a medida arbitraria de dissolver a assemblea da Praça do Commercio com a força armada. Cumpre comtudo notar-se que esta

hyppothese, he, ainda hoje, unicamente baseada sobre conjecturas.»

Aproveitando-se da consternação que se apoderou em geral dos habitantes do Rio de Janeiro, o Rei promulgou dous decretos, um annullando o que na vespera se tinha feito e outro conferindo a D. Pedro a dignidade e attribuições de seu Lugar-Tenente no Brasil. Formou-se novo ministerio e no dia immediato (23) publicaram-se duas proclamações recommendando fidelidade ao Principe Regente. Finalmente a 24 embarcou na náo *D. João VI* El-Rei com os membros da sua Familia e uma parte dos fidalgos que o havião acompanhado de Portugal, formando uma comitiva superior a 3.000 pessoas.

Foi, porém, no dia 26 de abril de 1821, pela manhã, que a esquadra real deixou o porto do Rio de Janeiro. E segundo João Armitage: « quando se suspendia o ferro, quando a náo começava a navegar, no momento em que pela vez derradeira o velho Rei apertava seu filho nos braços, exclamou: Pedro, o Brazil brevemente se separará de Portugal ; se assim fôr, põe a corôa sobre tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão d'ella.»

D. Marcos, arcebispo eleito de Lacedemonia (oração funebre, etc., 1835) confirma esta recommendação paterna em termos sem duvida mais authenticos por multiplas razões — « O Senhor D. João VI, despedindo-se de seu filho lhe disse as seguintes palavras, que todos os Portuguezes devem conservar de memoria, para defender o Heroe Libertador da imputação mais virulenta e injuriosa que se lhe podia fazer — Principe, quanto te fôr possivel sustenta o Brazil unido a Portugal na obediencia a teu Rei e a teu Pai ; mas, se isto não poder fazer-se, porque os acontecimentos o estorvem, não consintas que este Reino passe a outras mãos. Fica tu com o Brazil, porque és meu filho e successor — »

Damos novamente a palavra ao Sr. André P. L. Werneck.

« Com a revolução de 24 de agosto em Portugal e consequente reunião das côrtes portuguezas que chamavão D. João, o Brazil sentio-se abalado e quiz evitar a sahida do Rei. Muitas representações foram feitas n'esse sentido, algumas propunham

que fosse D. Pedro e ficasse D. João. El-Rei chegou mesmo a ceder, porém resolvendo o contrario a 26 de abril de 1821, seguio para Portugal deixando D. Pedro como regente do Reino do Brazil. »

Vem a proposito esta nota de D. Marcos, arcebispo eleito de Lacedemonia:

« O Conselho decidiu que o Principe viria a Portugal extinguir a revolução, e para se assegurarem de que assim o faria devia ficar como em refens a Princeza Real e seus filhos; o Principe não quiz sujeitar-se á tal, porque não queria outro governo sinão o Constitucional Monarchico emanado dos Thronos. Tanto éisto verdade que resolvendo o mesmo Conselho que se pedisse ao estrangeiro uma esquadra e 15 mil homens para extinguir a revolução, o Principe disse a El-Rei, que se fazia semelhante cousa a que seus conselheiros o levavam, elle fugia do Brazil e vinha a Portugal por-se á testa dos homens livres. Ainda hoje (1835) na sala dos Passos na Côrte do Rio de Janeiro, ha um alçapão, que o Principe mandou fazer, para evadir-se por elle com sua Augusta Esposa, os Principes seus filhos e dous amigos, um dos quaes hoje vive em Lisboa. »

Tornemos, porém, ao interessante escripto do Sr. André P. L. Werneck.

« Embarcado que foi D. João, o principe começou a desenvolver uma actividade pouco commum e energia correlativa. Aboliu o imposto do sal, determinou que ninguem fosse preso sem culpa formada e ordem por escripto do juiz, salvo em flagrante delicto, aboliu o uso das correntes, algemas e outros instru- mentos de tortura e impoz penas severas aos infractores. »

« Partindo El-Rei para Portugal a 26 de abril de 1821, disse J. D. da Cruz Lima, tomou o Sr. D. Pedro de Alcantara o governo do paiz, como seu Lugar-Tenente, tendo de prover a tudo que necessitava o Brazil, e com a nova ordem de cousas, manifestando, a par de grande intelligencia, actividade e energia não vulgar. »

***

« O Rio de Janeiro apresentava então (em meado do anno de 1821) uma physionomia anormal bem triste, escreveu A. M. V. de Drummond.

« O theatro era o lugar onde se commettião todas as noites as mais inauditas scenas de anarchia social em presença do Rei e depois do Principe Regente. A representação era continuadamente interrompida por miseraveis poetas que repetião maus e grosseiros versos, muitas vezes insultantes á Magestade, que se achava presente. A platéa exercia uma tyrannia de que não ha exemplo e que lhe fora importada de Lisboa. Nem as senhoras estavão á abrigo d'essa tyrannia. Se qualquer da platéa gritasse: « Cantem as senhoras Fulanas e Fulanas, » as pobres indigitadas não tinhão remedio senão cantar, aliás ficarião expostas aos mais grosseiros insultos de uma platéa composta de militares ebrios e caixeiros malcriados — enthusiasmados pelas glorias da mãi-patria. As familias honestas deixavão de frequentar o theatro e só comparecião ali aquellas cujos chefes ou parentes pertencião á sucia dos dominadores do dia, ou procuravão tirar partido da situação. O Rio de Janeiro podia dizer-se uma cidade conquistada. O Principe Regente estava completamente unido aos conquistadores. Erão elles os corpos da divisão auxiliadora e os chatins das ruas da Quitanda e do Rosario. O Principe Regente affeiçoou-se á mulher do General d'essa tropa, Jorge d'Avilez, que ao depois foi feito Conde do mesmo nome pelo Rei D. Pedro IV de Portugal. As orgias do Principe com taes officiaes erão quasi diarias para os differentes Pontos dos lindos arrabaldes do Rio de Janeiro e Praia Grande

« Semelhante situação justifica o isolamento a que se votára a maxima parte dos fluminenses n'aquella desgraçada época. »

Ha grande exagero quanto ás orgias acima referidas. Não seria difficil mostrar que o Principe D. Pedro não apreciou Jorge d'Avilez no Brasil e se D. Pedro IV de Portugal o agraciou com o titulo de Conde foi sem duvida por motivo politico, admittindo mesmo a referida affeição.

A proposito do General Jorge de Avilez Zurarte de Souza Tavares, lembramos que na Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro Tomo LXI — 1898 — acham-se estampadas

diversas cartas autographas do Sr. D. Pedro de Alcantara escriptas em 1821 — 1822 a seu Augusto Pae nas quaes o Principe queixa-se do procedimento d'esse official. Nas suas memorias admira-se Drumond fosse mais tarde Avilez muito favorecido por D. Pedro que lhe deu um titulo de nobreza. Isso explica-se, o antigo Commandante das armas do Rio de Janeiro seguiu sempre as ideias liberaes — foi perseguido por D. Miguel e esposou francamente a causa de D. Maria II.

* * *

Continuemos, ainda, à lançar mão do escripto do Sr. André P. L. Werneck «D. Pedro I e a Independencia» trabalho já citado, que foi inserido no jornal *O Paiz* de 2 de abril de 1895.

« A força armada era, porém, geralmente contraria à *causa do Brazil* e no dia 5 de junho de 1821, simulando uma representação do povo, requereu que D. Pedro jurasse as bases da constituição que as côrtes portuguezas tinham decretado, e conseguintemente nomeasse outro ministerio, do qual não queriam que fizesse parte o Conde de Arcos, amigo que suppunham do Brasil.

« Em carta que D. Pedro escreveu a D. João VI com data de 8 de junho de 1821, e relatando os acontecimentos do dia 5 diz o seguinte:

« Peço incessantemente a V. M. que em côrtes mostre ou mande mostrar esta carta para bem geral, e accuse da minha parte esta divisão auxiliadora de insubordinada por querer alterar a forma de governo legalmente eleito por V. M. (com o pretexto de eu ter legislado, quando o que tenho feito é o *haver adiantado os bens constitucionaes, aviventando* leis adormecidas, e cousas que a constituição *tão cedo* não podia obviar, e que eram de grande necessidade e utilidade para a sustentação dos povos, assim como o perdão dos direitos do sal, etc.) e ao mesmo tempo fazel-a render quanto antes, porque ella arrogou a si poder que só a força lhe dá e não direito algum. Depois de eu saber que os votos do povo era aquelle, não por medo, mas por convicção propria, jurei as bases, etc.

« Em virtude desse juramento, D. Pedro, na mesma data, reorganizou o seu ministerio, de que fizeram parte: os desembargadores Pedro Alvares Diniz, como ministro e secretario de Estado dos negocios do reino e estrangeiros; conde de Louzã, como ministro da fazenda, com a presidencia do erario régio; o marechal de campo Carlos Frederico de Caula, como ministro da guerra; e o chefe de esquadra Manuel Antonio Farinha, como ministro da marinha.

« E por decreto da mesma data creou a junta provisional e approvou as indicações do povo e tropa, recahiram nos seguintes nomes: Mariano J. Pereira da Fonseca, 38 votos; bispo capellão-mór, 34; José de Oliveira Barbosa, 33; José C. Ferreira de Aguiar, 23; Joaquim J. Pereira de Faro, 20; Sebastião Luiz Tinoco, 18; Francisco J. Fernandes Barbosa, 17; e Manoel Pedro Gomes, 15.

« O numero de votos e os nomes dos eleitos indicam os elementos com que contava D. Pedro, á testa de uma empreza tão importante e que elle voluntariamente tomara. O ministerio só soffreu a mudança do conde d'Arcos para o desembargador Diniz.

« Não sabemos quem foi o director mental de D. Pedro, nessa crise tão importante por que passava o Brazil, porém o que é fóra de duvida é que mostrava-se um moço cheio de resolução, de coragem e de vontade; superior á camarilha que o rodeava, e que ora mostrava-se partidaria de Portugal (como J. Clemente) e *ora da causa do* Brazil, como se usava em linguagem daquelle tempo.

« Assim, no meio de uma luta que poderemos mal divisar, as coisas caminharam até o dia 9 de Dezembro, em que chegaram os decretos de Portugal, que intimavam D. Pedro a retirar-se para lá, annullavam o acto de D. João nomeando-o regente do reino do Brazil, mandavam entregar o governo a uma regencia e tomavam outras providencias. Esses papeis traziam a data de 29 de setembro e foram publicados no *Diario do Governo*. Os patriotas incommodaram-se com essa inesperada resolução das côrtes.

« E então o capitão-mór José Joaquim da Rocha e seu irmão Joaquim José de Almeida tomaram parte activa para reagirem

contra as pretenções de Portugal, e trataram de mandar pedir aos governos provisorios de S. Paulo e Minas que representassem ao principe sobre a conveniencia de sua permanencia no Brazil. Antonio de Drummond e outros encarregaram-se de obter assignaturas, para a que havia de ser dirigida em nome do povo do Rio de Janeiro. Em casa de Rocha reuniram-se os partidarios dessa idéa e resolveram encarregar ao Marquez de Jacarepaguá (que para isso offereceu-se) para sondar D. Pedro, que sendo consultado respondeu: «Fico, se for essa a unanime vontade dos povos do Rio, Minas e S. Paulo, e em tal caso estou prompto a receber a deputação.»

«Em virtude dessa resposta ficou resolvido fazer o manifesto em nome do Rio de Janeiro (cidade e provincia), que foi redigido por Frei Sampaio e traz a data de 29 de dezembro de 1821, e mandar emissarios a S. Paulo e Minas. A resposta desta provincia demorou porque houve desconfiança na seriedade da proposta, e a de S. Paulo chegou a 1 de janeiro muito agradando ao principe pela maneira energica em que foi escripta, e tem a data de 24 de dezembro [1]

« Tudo isso, porém, fazia-se com a maior reserva, porque os ministros ainda eram portuguezes e a tropa portugueza comprimia tambem o paiz. Esse segredo mais incommodava a tropa, porque estava habituada á intervenção nos negocios publicos. Jorge de Avilez de posse delles levou uma representação por si assignada, bem assim pelos commandantes e officiaes dos corpos da divisão auxiliadora, exigindo a prisão e remessa para Portugual das pessoas declaradas na mesma representação e que elles chamavam *perturbadores da ordem publica*.

«O principe regente desattendeu á pretenção da força armada, dizendo que o direito de petição estava garantido pelas bases da constituição jurada e que não podia privar os habitantes do Rio de Janeiro desse direito.

---

[1] A representação de S. Paulo só foi entregue officialmente a 26 de janeiro, portanto, posteriormente ao Fico.

« Os patriotas, entretanto, continuavam nos seus trabalhos de propaganda, e nos de acção, para o que julgavam não haver tempo a perder. Para esse fim procuraram, José Clemente, então presidente do senado e camara para que no dia determinado fosse o portador dessa representação, no que julgaram que a fortaleceriam, mas José Clemente negou-se a isso, dizendo que « os decretos das côrtes haviam de se cumprir e que depois as circumstancias diriam o resto » ; porem, observande que a opinião publica era favoravel á idéa, resolveu-se a procurar D. Pedro. Consultando o principe a respeito do assumpto obteve a seguinte energica resposta: « que tomaria em consideração as representações que lhes fizessem ». A' noite do dia 8 foi que José Clemente participou que presidiria no dia seguinte a sessão do senado da camara.

« O discurso que J. Clemente leu foi discutido em reunião dos patriotas e muito modificado no seu original primitivo, não satisfazendo a boa parte das pessoas presentes, foi assim mesmo approvado. Ao passo que a representação era energica e terminante, o discurso de J. Clemente era dubio.

« No dia 9 de janeiro de 1822, de ante-mão marcado para esse fim, o principe regente recebeu ao meio dia, na sala do throno do paço da cidade, a deputação do povo da provincia e da cidade do Rio. O presidente da camara, depois de fazer o cumprimento de estylo, leu o discurso anteriormente redigido. O principe, do alto do throno, dirigindo a palavra ao presidente do senado da camara, disse: « Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, estou prompto ; diga ao povo que fico .»[2]

« A tropa portugueza assistiu a esse acto sem dar signal de si, porém, como estava determinado que succedessem tres dias de festas, guardaram a sua acção para o ultimo dia. Planejaram

---

[2] José Clemente depois da sessão da camara não appareceu mais, disse-se que elle estivera aquartellado com Alves, abandonando-o quando viu D. Pedro triumphar.

no dia 11 surprehender D. Pedro no theatro ou em S. Christovão, prendel-o, bem assim a princeza e leval-os para a fortaleza de Santa Cruz, donde embarcariam depois a bordo da fragata *União*, que já se achava preparada com todo o necessario para seguir viagem.

«D. Pedro, avisado, tomou todas as providencias e ordenou a Avilez que se retirasse immediatamente para a Praia Grande. Porém nesse mesmo dia (11) circularam proclamações, aconselhando ao povo que defendesse a sua propriedade, porque contava-se que a tropa portugueza esperava que amanhecesse o dia para saquear a cidade. Essas proclamações ensinavam o modo de cada um acautelar a sua casa. A noite foi passada nesses preparativos, principalmente nas ruas onde havia mais que roubar. O campo de Sant'Anna amanheceu no dia 12 occupado pelas forças brazileiras, sob o commando do marechal de campo Joaquim de Oliveira Alves.

«A essas tropas ajuntaram-se os milicianos, quasi todo o regimento dos pardos, alguns dos pretos, alguns dos brancos e muitas pessoas de todas as classes, que se armaram como puderam. O principe mostrou-se a principio indifferente, porém á tarde mandou um official ao campo de Sant'Anna e outro ao acampamento dos portuguezes, afim de indagar a significação daquelles ajuntamentos. Os brazileiros responderam que se achavam para defender o principe e a cidade, e J. Avilez declarou que ali estava para defender as hostilidades que os brazileiros manifestavam contra si e seus soldados.

«Em vista dessas respostas, D. Pedro intimou aos dois generaes, que se entendessem, porque não podia mais consentir nesse estado de coisas, e então accordaram e D. Pedro aceitou e ordenou: 1º, que as tropas portuguezas passariam naquella mesma tarde, com armas, para a outra banda da bahia e que ali seria convenientemente aquartellada (para o que tomou immediatamente todas as providencias) ; 2º, que se lhe pagaria rsgularmente o seu soldo e etapa até se apresentarem os navios a transportal-as á Portugal. Como nisso consistia um novo plano de Avilez, nessa mesma tarde as forças passaram-se para a Praia Grande.

« Da Praia Grande Avilez fez um manifesto *aos cidadãos do Rio de Janeiro*, com data de 14 de Janeiro de 1822, e do qual destacamos os seguintes trechos: « O general, os chefes da divisão de Portugal não teem querido nem querem outra cousa do que manter e *conservar a unidade e indivisibilidade da monarchia*, conservando-se inalteraveis no juramento que prestaram ás bases da constituição ; se essa constancia se reputa como um crime, elles confessam desde logo que não acham outro meio de conservar a sua honra do que a inviolabilidade do seu juramento ! »...

« E, referindo-se ao dia 12, diz: « Na madrugada viu-se o campo de Sant'Anna transformado em um arraial de guerra, frades armados, clerigos, cidadãos, povo corriam a reunir-se, proferindo dicterios e toda a qualidade de expressões insultantes à tropa de Portugal.» Continuando com essas confissões de fraqueza, refere-se a uma ordem de embarque immediato para Portugal que D. Pedro lhes mandara, e diz: « de modo algum poderiam annuir por ser uma medida *contraria á deliberação das côrtes*.»

« Jorge de Avilez continuou na Praia Grande a embaraçar a governo, e já com ordem de retirar-se foi protelando, á espera que de Portugal lhe viessem forças, com que contava. Assim foi a ordem de embarque do dia 5 de Fevereiro adiada para 8, d'ahi para 10. Já queriam novo adiamento, quando na tarde do dia 9 o Principe apresentou-se corajosamente á frente da fragata *União*, e deu ordem para embarque no dia seguinte. Os chefes portuguezes quizeram amedrontar D. Pedro, ao que este lhes respondeu que, « se não fossem cumpridas as suas ordens, na manhã do dia seguinte principiariam as hostilidades ». Avilez chamou a conselho os officiaes e disse-lhes: « O principe e regente está à frente da força inimiga, e sendo elle corajoso e atrevido como o é, nós deveremos fazer-lhe fogo ? » O conselho opinou que não e Avilez deu ordens para embarcar-se a divisão. D. Pedro em uma carta conta esse facto a D. João e diz: que *nelles fazia mais effeito o medo que a honra*.

« Embarcada a divisão, só sahiu, porém, no dia 15, e no officio com que o ministro da guerra fez acompanhal-a e que tem a data de 3 de Fevereiro, destaca-se o seguinte:

« Foram, pois, seus planos ou pelo menos tiveram todo o cuidado de espalhar, o de se apoderarem das fortalezas de Santa Cruz e Pico, que defendem a entrada da barra, para fazerem ali fortes e esperar a chegada da expedição, afim de que convocando-a a seu partido, pudessem insistir na sua premeditada empreza, e sendo isto prevenido por meio de um respeitavel reforço, com que foram guarnecidas aquellas fortalezas, conceberam outro projecto: de se entranharem pelo interior do paiz, e para esse effeito fizeram explorar por seus officiaes todas as estradas e sitios do interior, procurando as posições que lhes eram mais favoraveis para os seus intentos.

« Pelo que fica anteriormente narrado, vê-se que o Fico (9 de Janeiro) foi devido á resolução energica de D. Pedro, que tornou-se o verdadeiro director politico da época. A essa solução foi alheio o proprio J. Bonifacio, que, tendo chegado ao Brasil em fins de 1819, se retirara para S. Paulo, não se envolvendo em politica geral, e só chegando ao Rio de Janeiro a 17 de Janeiro de 1822, depois de estar dado o passo mais importante para a independencia definitiva do Brazil.

« Em todos os papeis que se publicaram ou se escreveram nessa época, nota-se que a idéa de separação não era fundamental, e sim a de federação com Portugal. Todos queriam que o Brazil ficasse em pé de igualdade com Portugal, tendo camaras independentes e um agente executivo. Porém o que todos previam, e isso D. Pedro havia tambem de sentir, é que essa luta, tendo tomado uma feição caracteristica, com a desobediencia formal ás côrtes iria até ás suas consequencias, que os patriotas brasileiros diziam querer evitar, e que era á separação. Assim pensou J. Bonifacio até o ultimo momento.

« Desde o dia 9 D. Pedro nomeou o novo ministerio, de que fizeram parte (que aliás só começou a trabalhar no dia 17): J.

Bonifacio, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, Joaquim de Oliveira Alves e Manoel Antonio Farinha. [3]

« Vindo de S. Paulo e parando em Santa Cruz, José Bonifacio soube pela princeza de sua nomeação para ministro e declarou não acceitar, porém a pedido dessa senhora resolveu o contrario. D. Pedro sabia da alta popularidade de José Bonifacio, e se bem que elle e sua familia até essa data não tivessem tomado parte activa no movimento, poderiam muito auxiliar. Como de facto, José Bonifacio, achando já as cousas bem encaminhadas por D. Pedro, soube desenvolver muita actividade e energia, e concorrer para os convenientes desfechos dos acontecimentos, que iam se succedendo rapidamente.

« A 13 de maio de 1822 D. Pedro foi acclamado, no Rio de Janeiro, *defensor perpetuo do Brazil*, e a 29 de junho do mesmo anno em diversos pontos do paiz, o que prova que isso obedecia a um plano politico.

« A luta continuava, e mostrando outra feição diante da agitação e mesmo anarchia em que estavam algumas provincias.

« De 25 de março a 25 de abril D. Pedro percorre Minas, chamando-a á sua adhesão. Depois a 13 de agosto vai com o mesmo fim a S. Paulo, onde chegou a 25 do mesmo mez, e nessa cidade permanece tomando acertadas providencias em bem da ordem e tranquillidade da provincia.

« A 5 de setembro resolveu ir a Santos e na volta teve noticia da chegada do correio do Rio de Janeiro, e, partindo para o Ypiranga no dia 7 de setembro, encontrou um proprio, de cujas mãos recebeu os officios e cartas que lhe eram enviadas por J. Bonifacio e a princeza. Consta que a carta que a princeza se offereceu espontaneamente para escrever sobre o assumpto politico, aconselhava D. Pedro a proclamar a independencia. J. Bonifacio tambem insistia no mesmo sentido. D. Pedro,

---

[3] Em carta de 23 de janeiro de 1822 D. Pedro, dando conta dos acontecimentos do dia 9, diz: « Dou parte a V. M. que mudei tres ministros:— o conde de Louzã, por me haver pedido; o Vieira e o Caula por serem medrosos e não convir ao serviço da nação nas actuaes circumstancias e para os seus logares nomeei José Bonifacio, etc. »

lendo estes documentos e sciente das intenções das côrtes portuguezas, e communicando-as aos que o rodeavam, depois de um momento de reflexão — bradou: « E' tempo! Independencia ou morte! . . . Estamos separados de Portugal! »

« Em acto continuo arrancando o laço portuguez que trazia no chapéo, arrojou-o para longe e, desembainhando a espada, elle e os mais presentes prestaram o juramento de honra, que para sempre os ligava á realisação da idéa de liberdade.

« Estava feita a Independencia; estava creada a nova Patria.»

* * *

J. D. da Cruz Lima fez as seguintes ponderações:

« Se o *fico* foi obra exclusiva do Rio de Janeiro, como fluminense, disso nos ufanamos, porém, com acanhamento o declaramos, a provincia de S. Paulo, quanto á nós, foi a primeira a manifestal-o, embora procurasse sustentar o contrario o Conselheiro José Clemente Pereira, na Camara dos Deputados, porque o seu amor proprio parecia offendido, tirando-lhe a primazia, a que suppunha-se com direito. Esta nossa opinião é sustentada pelo Conselheiro Senador Silva Lisboa, depois Visconde de Cayrú.

« A 24 de dezembro de 1821, a Junta do Governo da Provincia de S. Paulo dirigiu ao Principe a sua representação naquelle sentido, convidando na mesma data a provincia de Minas para que a segundasse; e a 31 do mesmo mez a Camara Municipal da capital da provincia reforçou a representação, mandando ao Rio de Janeiro a respeitosa commissão composta do Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, Coronel Antonio Leite da Gama Lobo e o Marechal José Arouche de Toledo Rendon.

« Grande numero de Brazileiros, naturaes da provincia de Pernambuco, dirigirão tambem ao Principe uma representação abundando nos mesmos sentimentos; e as mais provincias apressaram-se igualmente a dirigir ao Principe as suas representações no mesmo sentido.

« Em conclusão, todo o Brazileiro queria que o Principe ficasse, porque viu n'elle o seu anjo tutelar !

« O dia 9 de janeiro de 1822, pois, é o primeiro dia do Brazil ! »

* * *

Conta A. M. V. de Drummond: « O luto que eu trazia por meu pai, luto no vestido e no coração, desculpava para com todos a minha ausencia. Assim não compareci ao baile dado em 24 de agosto, 1º anniversario da revolução do Porto, pelos officiaes da divisão auxiliadora sob a protecção do Principe Regente, para o qual tinha sido convidado. O baile foi dado na sala do theatro de S. João e hoje de S. Pedro, tendo-se corrido o tablado por cima da platéa até o camarote real. Foi sumptuoso ; mas segundo o que então se disse, scenas escandalosas se passaram ali, sobretudo depois da meia noite, quando a embriaguez era já mais decidida dos autores della. Felizmente soube no dia seguinte que as familias brazileiras mais respeitaveis, não obstante o empenho do Principe Regente e o receio da vingança, não havião tambem comparecido. O baile e tudo quanto se passou nelle foi completamente portuguez. »

« E de notar, pondera Drummond, que no Rio de Janeiro, quando se procedeu ás eleições de 1821, ninguem queria ser eleito deputado para as côrtes de Lisboa. Decidiu-se então que se elegesse brazileiros já residentes em Portugal. Do Rio de Janeiro só forão dous —o Dr. Luiz Nicoláo Fagundes Vareila, porque assim quiz o commercio e um bom homem da roça, cujo nome escapou da memoria delle Drummond. »

« Todos sabem, dizia D. Marcos, arcebispo eleito de Lecedemonia, que o Principe Real fez todos esforços para conservar o Brasil unido á Portugal e na obediencia a El-Rei seu pai ; todos sabem tambem que uma serie de acontecimentos, que se multiplicavam e nasciam uns dos outros tornavam impossivel isso que El-Rei queria, que o Principe muito desejava, e que já era difficil no tempo em que El-Rei sahiu do Brasil. A desapparição dos Deputados do Brasil das Côrtes de Lisboa ; pretendidas accusações contra os Portuguezes ; figurados projectos contra o

Brasil; os receios dos Brasileiros de soffrerem os mesmos males, ausente o Governo, que tinham levado os Portuguezes a proclamar o Rei com uma constituição; e finalmente a guerra e as perseguições que se faziam na Europa aos principios liberaes e aos que os professavam, reunida esta guerra á dos partidos, e a uma rebellião atroz e perfida que se manifestou então contra El-Rei, tudo isto conduzio, Senhora, o Augustissimo Pai de V. M. F. a emancipar o Brasil, visto que era impossivel, sem a subversão da ordem publica, e a perda total, conserval-o unido a Portugal.»

Fallando do Principe D. Pedro, observa Alberto Pimentel:

«Emquanto se conservou no Brasil, os cuidados da agitação interna, a necessidade de vigiar os acontecimentos para aproveital-os, roubavão-lhe os ocios de que poderia dispôr para enriquecer o espirito, para illustrar-se.

«A côrte do Rio de Janeiro, durante a sua regencia, depois que D. João VI regressou á metropole, não era, nem podia ser brilhante. Faziam-se economias. D. Pedro passou a viver na Quinta da Boa Vista em S. Christovão, um pouco á lavradora.

«A sua lista civil era de 1:600$ por mez, igual á da Princeza. Houve ordem para que na ucharia se poupassem 400:000$ por anno. Na cavallariça, foi substituido o milho pelo capim da Quinta. E os 1290 solipedes, que no tempo de D. João VI comiam a manjedoura do Paço, forão reduzidos a 156.

«A roupa dos Principes e de sua comitiva era lavada em casa, pelas escravas.

«D. Pedro queria fazer o programma de uma monarchia barata, que se conformasse com as descuradas circumstancias do paiz, e lisongeasse a democracia dos patriotas brasileiros.»

«Durante o periodo que medeia entre a sahida de D. João VI para Portugal e a acclamação de D. Pedro como Imperador Constitucional do Brasil (disse Alberto Pimentel), o genio violento de D. Pedro accentua-se nos documentos officiaes assignados com o seu nome e nos actos praticados por sua ordem.

«Tinha certamente razão o Principe para se queixar do desamor, do abandono a que a metropole votara o Brasil e para se revoltar contra as declamações e decisões utopicas das Con-

stituintes de Lisboa, que de longe legislavam empyricamente para o reino ultramarino.

« Nunca as Constituintes trataram de demorar a separação do Brasil, nunca a este respeito se inspiraram nos sabios conceitos que lhes haviam deixado D. Pedro da Cunha, o Padre Antonio Vieira, D. Luiz da Cunha e o Marquez de Pombal, que anteviram a conveniencia de aproveitar para um fim politico a mais promettedora das nossas colonias. Evitar a separação seria impossivel, porque, como disse Turgot, as colonias são fructos que se despejão da arvore logo que amadurecem ; demorar a separação por intermedio de precedentes medidas de administração colonial, teria sido um acto de bom governo, que as Constituintes esqueceram. Era que, na questão brasileira, os deputados de Lisboa não viam mais claro do que D. Pedro.

« Mas nas expressões de D. Pedro contra Portugal ha por vezes, quasi sempre, o travo do fel, o azedume do rancor.

« Deixando expandir o seu animo sempre ardente, D. Pedro usa de igual violencia tanto nas cartas particulares como nos documentos publicos.

« Os actos do Imperador foram violentes como as suas palavras. O Imperador puzera-se à frente da corrente separatista ; elle, um Portuguez, dava o exemplo da perseguição aos Portuguezes.

« D. Pedro não tinha porém comprehendido o Brasil ; julgava, por isso, lisgonjeal-o, exagerando um odio terrivel contra Portugal.

« D. Pedro enganou-se imaginando que assim como o Rio de Janeiro fôra temporariamente um desdobramente da côrte de Lisboa, o Brasil podia ser eternamente a succursal politica de uma dynastia européa.

« O povo brazileiro havia recebido generosa e compassivamente a côrte ambulante, fugitiva, errabunda desse infeliz rei que se chamou D. João VI.

« Mas isso não podia significar que se resignasse ao ponto de sacrificar-lhe a sua autonomia e liberdade, indefinidamente. D. João VI regressou á metropole, D. Pedro, ficando no Brasil, julgou que, assoprando violentas paixões contra a metropole, lisonjearia o espirito brasileiro, não se lembrando de que elle

proprio, no momento em que o Brazil tratasse de consolidar a sua emancipação, havia de ser considerado como uma recordação viva, um facto politico em acção da antiga administração portugueza. »

* * *

Longe nos levaria reproduzir o que escreveu J. D. da Cruz Lima sobre estes diversos pontos : a revolta a 11 de janeiro de 1822 da tropa portugueza sob as ordens do general Avilez e energica coragem que manifestou o Principe no dia immediato — a prudente resposta que a 8 de fevereiro deu sua Alteza ao Senado da Camara que no dia 4 representára sobre a conveniencia e mesmo a necessidade que havia de coarctar a liberdade absoluta da imprensa — o Decreto de 16 de fevereiro creando um Conselho de Notaveis Procuradores das Provincias que pessoalmente presidiria — a marcha triumphal do Sr. D. Pedro de Alcantara na provincia de Minas — sua recusa do titulo de Protector do Brasil, porque o Brasil protegia-se a si mesmo ; mas resolvido a executar sempre o sagrado dever de defender este Estado contra seus inimigos acceitou a 13 de maio o titulo de Defensor Perpetuo do Brasil. — o Decreto de 3 de junho convocando a Assembléa Constituinte que se reunio em 17 de abril de 1823 — a entrega da regencia dos negocios á Princeza Lepoldina a 13 de agosto de 1822, seguindo o Sr. D. Pedro de Alcantara para S. Paulo, onde tinham havido algumas desintelligencias entre o presidente da Junta Oeyenhausen com a familia dos Andradas, como ponderou D. Herculana Firmina Vieira de Souza no seu « Resumo de Historia do Brasil (S. Luiz do Maranhão, 1868) » e finalmente o brado do Ypiranga *Independencia ou Morte*, proferido a 7 de setembro de 1822 pelo Sr. D. Pedro de Alcantara aos 23 annos de idade.

A este respeito nas nossas notas que publicou em 1890 o *Diario do Commercio* do Rio de Janeiro e reproduziu a *Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro* sob a epigraphe *Alguns dias na Paulicéa* (Tomo LV, Parte II, anno 1892 publicado em 1893) dissemos-tratando do monumento do Ypiranga :

« Na parte superior d'este corpo central está o grande salão de honra que tem de ser illustrado com o quadro historico da

Independencia do Brasil, executado pelo distincto pintor Dr. Pedro Americo de Figueiredo, em Florença, onde foi visto por numerosas personagens e artistas de nota, que se dignaram elogial-o.

« Esta importante tela, que aguarda n'uma sala da Faculdade de Direito a sua remoção para o monumento, tornou-se muito conhecida, tendo sido reproduzida em photographias, já bem espalhadas e presta-se a certas duvidas historicas de muito somenas importancia e que não prejudicam o pincel do talentoso autor.

« Além de haver quem diga que Sr. D. Pedro não se achava montado em cavallo, mas sim em bucephalo de orelhas mais desenvolvidas e geralmente utilisado para a travessia da serra do Cubatão, custa a crer que se encontrassem então, na terra, cavallos magnificos como os que passam a ter figurado no alto do Ypiranga a 7 de setembro de 1822, assim como me fazem especie os uniformes de grande gala que, isentos de toda idéa de solemnidade qualquer, trajavam os companheiros de viagem do Principe Regente, o qual tambem, dizem, não estava montado quando proferio o grito de *Independencia ou Morte*.

« Estudioso e habilitado como é, o Dr. Pedro Americo de Figueiredo terá, sem duvida, colligido dados justificativos que deve divulgar para esclarecer este ponto da nossa historia patria. Na importante obra « Histoire du Consulat et de l'Empire » lê se a proposito de *Napoléon Bonaparte* : Les arts l'ont dépeint franchissant les neiges des Alpes sur un cheval fougueux ; voici la simple vérité.— Il gravit le Saint Bernard sur un mulet, revêtu de cette enveloppe grise qu'il a toujours portée » ...

« Consta que a 7 de setembro de 1822 o Principe Regente D. Pedro se achou no Ypiranga tendo como animal de sella uma besta gateada. »

* * *

Na cidade de S. Paulo Sua Alteza fez a seguinte proclamação:

PROCLAMAÇÃO

« Honrados Paulistanos: O amor, que Eu consagro ao Brasil em geral, e á vossa Provincia em particular, por ser aquella, que

perante Mim, e o Mundo inteiro fez conhecer primeiro, que todo o systema machiavelico, desorganisador, e faccioso das Côrtes de Lisboa, Me obrigou a vir entre vós fazer consolidar a fraternal união, e tranquillidade, que vacillava, e era ameaçada por desorganisadores, que em breve conhecereis, fechada que seja a Devassa, a que Mandei proceder. Quando Eu mais que contente estava junto de vós, chegão noticias, que de Lisboa os traidores da Nação, os infames Deputados pretendem fazer atacar ao Brasil, e tirar-lhe do seu seio seu Defensor: Cumpre-Me como tal tomar todas as medidas, que Minha Imaginação Me suggerir ; e para que estas sejão tomadas com aquella madureza, que em taes crises se requer, Sou obrigado para servir ao Meu Idolo, o Brasil, a separar-Me de vós (o que muito Sinto), indo para o Rio ouvir Meus Conselheiros, e Providenciar sobre Negocios de tão alta monta. Eu vos Asseguro que cousa nenhuma Me poderia ser mais sensivel, do que o golpe, que Minha Alma soffre, separando-me de Meus Amigos Paulistanos, a quem o Brasil, e Eu, Devemos os bens, que gozamos, e Esperamos gozar de uma Constituição liberal e judiciosa. Agora, Paulistanos, só vos resta conservardes união entre vós, não só por ser esse o dever de todos os bons Brasileiros, mas tambem porque a nossa Patria está ameaçada de soffrer huma guerra, que não só nos ha de ser feita pelas Tropas, que de Portugal forem mandadas, mas igualmente pelos seus servis partidistas, e vis emissarios, que entre Nós existem, atraiçoando-Nos. Quando as Authoridades vos não administrarem aquella Justiça imparcial que dellas deve ser inseparavel, representai-Me, que Eu Providenciarei: A Divisa do Brasil deve ser — INDEPENDENCIA OU MORTE — Sabei que, quando Trato da Causa Publica, não tenho amigos, e validos em occasião alguma.

« Existi tranquillos: acautelai-vos dos facciosos sectarios das Côrtes de Lisboa ; e contai em toda a occasião com o Vosso Defensor Perpetuo. Paço, em oito de setembro de mil oitocentos e vinte dous.

PRINCIPE REGENTE. »

* * *

A 7 de setembro de 1898 o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro exprimiu-se n'estes termos:

« A Nação Brazileira celebra hoje o 76º anniversario da sua independencia politica, a éra das instituições livres que abraçou e que mais tarde completou tão incruentamente como aquelle glorioso facto.

« Mais de tres quartos de seculo são passados depois que o grito de revolta do Principe Real de Portugal e Regente do Brazil unio a sua dynastia á causa popular brazileira. Os patriotas daquelles tempos de ardente civismo, de abnegada dedicação pela causa publica, acceitão-no como penhor seguro da victoria e fórma de evolução que tenderia ao aperfeiçoamento da obra por elles levantada, sem os perigos das transições bruscas que trazem a anarchia precursora das maiores desgraças que um povo póde receiar para as suas liberdades e para a sua propria existencia.

« Os Brazileiros da Independencia sentião e agião por amor da Patria e a esta mãi pulchrissima tudo sacrificavão: o seu conforto, a sua vida e os seus ideaes mais arrojados. Fizerão a Independencia do Brazil com o Imperio, porque outra não podia ser a revolução de 1822, que foi fecunda porque sahio da vontade popular; tornou-se grande e sempre memoravel, porque fez-se pelo povo e para o povo; porque, em vez de affrontar, respeitou a ordem e os interesses legitimos creados, as tradições e até os preconceitos que nem a força material, se elles tivessem tanto egoismo que a empregassem contra os seus, poderia destruir. Foi nesse patriotismo apurado pelo talento e pelo bom senso, que a revolução da Independencia se fez mais no Brazil, menos cruenta e mais prompta em resultados, mais harmonica do que em outros paizes da America do Sul, cujo movimento separatista principiára muito antes do nosso. Devemos aos proceres de 1822 os longos annos de união, de unidade e de paz, de ordem e de civilisação que fruimos emquanto os outros Americanos do Sul debatião-se no despotismo o mais barbaro ou nos *pronunciamentos* os mais anarchisadores e retrogrados.

« Foi a grande idéa politica desses grandes Brazileiros, cujos nomes duas gerações têm repetido com amor e veneração,

— a paz pela ordem e pela liberdade. Realizarão a revolução pela evolução, proclamando a Independencia do Brazil com a continuação da monarchia bragantina. O Principe D. Pedro, tornado Imperador, foi o seu alliado para a manutenção da ordem, o seu instrumento na conservação da paz e a unidade nacional. Quebrarão-no logo que ameaçou perigos para as liberdades publicas.

« Esses acontecimentos são hoje a historia patria e raros, rarissimos os Brazileiros que os virão ou nelles collaborarão.

« A's paixões das lutas, ás ardencias das controversias politicas sempre vivazes e muitas vezes injustas em tempos taes, succedeu o exame calmo e frio do postero commentador.

« Podemos tirar a verdade dos factos como ella foi, e não como as polemicas revelarão aos contemporaneos, que não a queriam ver ou não a podiam ver.

« Os fumaréos dos combates cegão os combatentes, não deixando que os adversarios, trucidando-se, se vejão e se conheção.

« Muito devemos á forte geração de 1822, que nos fez nação e paiz livre.

« A critica da historia mais os exalta nos nossos corações, revelando as suas masculas virtudes e mostrando-nos o que erão aquelles cidadãos brazileiros, quasi sem defeitos, espiritos purissimos, que só o bem da patria inspirava.

« Neste dia, que elles fizerão a primeira data festiva do Brazil, é a elles, a elles exclusivamente, que dirigimos as nossas oblações. E' o preito que lhes devemos, o ensinamento que delles recebêmos e a lição da benemerencia para a Patria, a que deve aspirar todo o Brazileiro no amor dos seus e do seu paiz.»

O *Reverbero*, escripto pelos patriotas Joaquim Gonçalves Ledo e Januario da Cunha Barboza, revelou o heróe em abril de 1822, dizendo: « Principe, não desprezeis, Senhor, a gloria de ser o fundador de um novo Imperio.»

Nas « annotações de A. M. V. de Drummond a sua biographia » (Extrahidas do Vol. XIII dos Annaes da Bibliotheca Nacional) lê-se:

« O Principe Regente achava-se então em S. Paulo, para onde tinha partido em 14 de agosto, afim de pôr cobro aos dis-

turbios que alli estava causando José daCosta Carvalho á causa da Independencia. José Bonifacio havia tambem naquelle dia ou na vespera recebido novas de Lisboa; e, juntas estas com aquellas que eu trazia (da Bahia), julgava conveniente acabar com os palliativos e proclamar a Independencia. Fosse esta a causa isolada ou comulativa com os seus desejos de ser a Independencia proclamada na sua provincia, o caso é que elle desde logo entendeu que se não devia adiar para mais tarde esse acto. O Principe já estava em S. Paulo, e se a occasião não fosse aproveitada, quem sabe se outra se poderia proporcionar tão cedo. Despediu-me e ordenou que eu me achasse ás 11 horas da manhã no Paço de S. Christovão, mas que lhe entregasse antes todos os papeis que eu trazia, e para o que me esperava até ás 9 horas.

« A's 8 já eu estava com elle, entreguei os papeis. . .

. . . .

« A's 11 horas me achei no Paço de S. Christovão. José Bonifacio já lá estava. Havia conselho. Beijei a mão á Princeza. No conselho decidio-se de se proclamar a Independencia. Emquanto o conselho trabalhava, já Paulo Bregaro estava na varanda prompto a partir em toda a diligencia para levar os despachos ao Principe Regente. José Bonifacio ao sahir lhe disse: « Se não arrebentar uma duzia de cavallos no caminho, nunca mais será correio; veja o que faz. » Não sei se Bregaro arrebentou muitos cavallos, o que sei é que elle deu boa conta de sua commissão, e que fez a viagem em menos tempo do que até então se fazia muito á pressa.

« A Princeza mandou-me esperar e era para que eu visse a carta particular que S. A. escrevia ao Principe. Eu alli tive occasião de admirar o espirito e sagacidade da Princeza. Retirei-me eraõ quasi tres horas da tarde...

Vamos ainda reproduzir alguns topicos das citadas annotações de Antonio Menezes de Vasconcellos Drummond :

« O Principe Regente regressou de sua viagem a S. Paulo em 15 de Setembro. Eu estava bastante incommodado de saude. As fadigas de sete mezes, durante os quaes poucas foraõ as noites em que me deitei, juntas a uma constipação que apanhei

logo á minha chegada ao Rio de Janeiro, me impossibilitavaõ de sahir. O dia estava frio, chuvoso e ventava muito e apezar do mau tempo e do incommodo de saude fui a S. Christovão beijar a mão do Principe. S. Alteza me recebeu com a maior consideração. Depois que lhe beijei a mão, em presença das pessoas que alli se achavaõ, passou o braço sobre os meus hombros e assim me levou para o seu quarto. Dignou-se fallar comigo por espaço de uma hora, e eu fui a primeira pessoa que lhe dei o tratamento de Magestade. O Principe fez nisso reparo e dizendo-me que pedisse o que quizesse, eu lhe respondi que só queria servil-o. A Imperatriz tratou-me com aquella alta benevolencia com que ella sabia agraciar os seus subditos que de alguma forma se distinguiaõ, e deu-me um laço de seda verde, que seu Augusto esposo havia adoptado como signal da Independencia, dizendo-me que era das fitas do seu travesseiro, porque já tinha desmanchado em laços para dar todas as outras fitas verdes que tinha. De todos os objectos preciosos que perdi no incendio de Agosto, é talvez este o que mais lamento. Marcava uma época tão gloriosa para o meu paiz como satisfactoria para mim. Era o dom de uma Princeza que não nascèra no Brazil, mas que eu amava como se nelle nascida fosse.

« Fui testemunha ocular e posso asseverar aos contemporaneos que a Princeza Leopoldina cooperou vivamente dentro e fóra de paiz para a Independencia do Brazil. Debaixo deste ponto de vista o Brazil deve à sua memoria gratidão eterna.

« Do regresso da sua viagem de S. Paulo ao dia da acclamação só mediaraõ 27 dias. A época era da actividade e do desinteresse. Era a alma de José Bonifacio que se imprimia em todos os actos da publica administração. O Principe foi acclamado no dia 12 de Outubro de 1822 Imperador Constitucional do Brazil. Completava nesse dia 24 annos de idade. Publicou um só despacho e esse foi em meu favor (Drummond é quem falla). Fui o primeiro que lhe dei o tratamento de Magestade e a primeira vez que o Principe assignou como Imperador foi essa assignatura em meu favor! Ao publicar o despacho em seguida ao acto da acclamação no Palacete do Campo de Sant'Anna, dirigindo-se a mim fez esta observação. Nomeou-me Moço da sua Imperial

Camara. No dia 1 de Dezembro seguinte é que fez as outras nomeações e organisou a Casa Imperial.

« Os uniformes da Casa Real eraõ de côr escarlate para a grande gala, e azul ferrete com gola escarlate para pequena. O Imperador, por um Decreto, mudou para côr verde, conservando os mesmos bordados para a grande e pequena gala. José Bonifacio e eu fomos os primeiros que nos apresentamos na Côrte, 7 dias depois, com uniforme verde. A'cerca do matiz houve uma desintelligencia entre o Imperador e José Bonifacio. S. M. entendia que o verde do Decreto era escuro, ou como vulgarmente se chama, garrafa, côr da casa de Bragança, e o ministro, que era verde claro, symbolo da primavera eterna do Brazil. Prevaleceu a opinião do Imperador e eu a segui ; mas José Bonifacio permaneceu na sua, a farda que trazia era de panno de côr verde claro.

« A idéa de se conferir ao Principe o titulo de Imperador e não de Rei nasceu exclusivamente de José Bonifacio, e foi adoptada pelo Principe, com exclusão de outro qualquer. Nos conselhos alguma opposição houve quem fizesse a esta idéa, não por a considerar prejudicial, mas sómente pelo temor de que viesse occasionar algum embaraço para o reconhecimento das outras nações. Os que assim pensavam opinavam pelo titulo de Rei, que não acharia os mesmos embaraços, sobretudo da parte das grandes potencias da Europa. José Bonifacio refutou todos esses argumentos, que lhe pareciam infundados. « O Brazil, dizia elle, quer viver em paz e amizade com todas as outras nações, ha de tratar igualmente bem a todos os estrangeiros, mas jámais consentirá que lhe intervenham nos negocios internos do paiz. Si houver uma só nação que não queira sujeitar-se a esta condição, sentiremos muito, mas nem por isso nos havemos humilhar nem submetter á sua vontade.» Estas e outras palavras de igual peso e consideração, elle as disse, em minha presença, a M. Chamberlan, Encarregado de Negocios da Inglaterra.

« Contarei tambem uma anecdota curiosa a esse respeito. A vivacidade natural de José Bonifacio fazia com que na discussão dos negocios mais importantes introduzisse muitas vezes algumas facecias. Nesta, para se assentar ao titulo com o qual o Principe

devera ser acclamado, no meio de argumentos de ordem superior, disse que o titulo não podia deixar de ser o de Imperador, porque o nosso povo já estava acostumado com o de Imperador do Espirito-Santo e que um titulo pomposo se accommodava mais com um nobre orgulho dos brazileiros do que outro qualquer. Mas, quando o Principe partiu para S. Paulo, já esta resolução estava tomada no animo de José Bonifacio. Quando eu cheguei, em fins de Agosto, de volta de Pernambuco e Bahia ao Rio de Janeiro, ainda no Governo se fallava disse como cousa assentada e decidida. Não foi, pois, um improviso de um individuo, que nenhuma influencia tinha no governo, como já houve quem pretendesse inculcar pela imprensa.

« Vou agora contar duas anecdotas, que são já desconhecidas ou sabidas de mui poucos, as quaes se referem à coroação. José Bonifacio tinha pensado em crear uma ordem militar para perpetuar a memoria da Independencia e premiar o merito. Tinha feito o desenho das insignias e assentado na côr da fita e no titulo da ordem, mas não julgava ainda azada a occasião de a decretar e publicar. O seu intento era de o fazer quando a Independencia se achasse bem consolidada e os portuguezes expulsos da Bahia, porque era então que elle entendia se devia avaliar e pesar o merito de cada um, para ser contemplado nos diversos graus da ordem.

« Mas o caracter impaciente do Imperador não permittio que isso se fizesse com a demora pausada e reflectida que exigia a sua gravidade. Quasi nas vesperas da coroação quiz e exigio que a ordem fosse decretada no dia della. José Bonifacio cedeu, como cedia sempre, á vontade do Imperador quando não era opposta ou não compromettia os interesses vitaes do Brazil. O Imperador quiz ao mesmo tempo ser coroado trazendo já a ordem do Cruzeiro, que este era o seu tempo. Concluio-se a toda pressa o modelo que se estava fazendo e com elle foi o Imperador coroado.

« Nas vesperas tratou-se de escolher as pessoas que devião ser contempladas. José Bonifacio queria que todas as provincias, tanto quanto fosse possivel, fossem contempladas na escolha. Fui eu encarregado de apresentar os nomes dos benemeritos das

provincias do Norte. O Imperador decidio que José Bonifacio e Martim Francisco fossem contemplados com a Gram Cruz. Ambos elles resistiraõ e declararaõ decididamente que não acceitavão a mercê. O Imperador affligiu-se com a recusa. Lembrou-se então de Antonio Cárlos, que já estava na lista com alguns outros deputados do Brazil, que bem se haviaõ conduzido nas côrtes de Portugal, para dignitarios, e quiz que fosse este nomeado Gram Cruz.« Quero, repetio o Imperador, que fique esta distincção em um membro da familia de José Bonifacio.» Este annuio e agradeceu. Todavia o Imperador não podia occultar a sua pena de José Bonifacio não acceitar a Gram Cruz do Cruzeiro. Consultou a Antonio Telles da Silva, seu camarista, depois Marquez de Rezende, e este foi de parecer que S. M., depois de coroado, tirasse a sua Gram Cruz e a puzesse alli mesmo na igreja e por suas mãos em José Bonifacio, porque deste modo não poderia elle deixar de acceitar. O Imperador achou excellente o parecer e decidio seguil-o; mas, receiando que o mesmo não parecesse a José Bonifacio, procurou sondal-o, e na vespera, á noite, communicou-lhe o seu projecto. José Bonifacio atinou logo que fôra Antonio Telles o conselheiro, e quasi fóra de si disse ao Imperador que não fizesse tal, porque si o fizesse elle pertubaria o acto da coroação e declararia a S. M. fóra de seu juizo.« E' um paulista que lhe falla, faça agora o que quizer e verá o resultado.» O Imperador nada fez; mas, por conselho tambem de Antonio Telles, nomeou a José Bonifacio, sem o consultar, seu mordomo-mór. Isto pelo modo que vou contar.

«O prazer de José Bonifacio por occasião da coroação do Imperador não podia ser maior. Estava como um homem que tinha alcançado aquillo para o que toda a sua vida havia trabalhado. A exaltação, o enthusiasmo de José Bonifacio erão patentes. Jantava-se no Paço. O Imperador compareceu no meio do jantar á mesa de Estado e disse que ia fazer uma saude, que era a saude do Sr. José Bonifacio, que no excesso da alegria em que se achava, poz a mão direita no hombro do Imperador e disse: «Peça V. M. o que quizer, hoje não lhe recuso nada, faço a sua vontade em tudo e por tudo.» Então o Imperador bebeu á saude do Sr. José Bonifacio, seu mordomo-mór. Esta

saude foi vivamente applaudida por todos os assistentes e José Bonifacio respondeu a ella com estas unicas palavras: «Sim Sr., sou mordomo-mór; sou tudo que V. M. quizer que eu seja.»

«A' noute fomos para o theatro; José Bonifacio nem disso mais se lembrou, mas no dia seguinte achou que o Imperador fizera mal de o surprehender em um momento de alegria para lhe extorquir um sim, que aliás jamais lhe daria.

«Houve entre elle e o Imperador uma scena a este respeito, que esteve a ponto de terminar pela sahida de José Bonifacio, do ministerio. Concluiu-se porem amigavelmente, recahindo as culpas em Antonio Telles, que havia sido o conselheiro. Este, redigindo a Carta Imperial, introduziu uma phrase que, posto que lisongeira a José Bonifacio, não se accommodava com os principios, nem com a fidelidade do venerando ancião. A phrase era «que acceitára não sem grande repugnancia». José Bonifacio quiz que se riscasse esta phrase como deshonrosa ao Imperador; mas o tempo passou, tudo se accommodou, nunca se fez outra Carta Imperial e aquella permaneceu com a phrase indecorosa como estava!

«O decreto pelo qual o Imperador creou a ordem do Cruzeiro resentiu-se da precipitação com que foi feito. José Bonifacio havia meditado tudo, menos o regulamento da ordem, a respeito do qual nem as bases estavaõ ainda assentadas, faltava o tempo para fazer tudo isto, estava na vespera da coroação e o Imperador queria que no dia della fosse publicada a creação da ordem e os despachos. Nestes apuros José Bonifacio entendeu que sahiria delles publicando o decreto da creação, com declaração de que o regulamento se faria por outro decreto. Si estas não são as textuaes palavras do decreto, como é de presumir não sejam, explicam pelo menos o sentido dellas.

«Na redacção do decreto serviu-se José Bonifacio de uma phrase que acarretou sobre si as mais severas censuras dos politicos improvisados. Disse que o Imperador, «a exemplo de seus gloriosos antepassados», etc. E a saltar sobre elle todo esse enxame de vadios que pretendiam ver no *exemplo dos glo-*

riosos antepassados o despotismo atrozmente encarnado! O Imperador não tem antepassados, diziaõ, escreviaõ e publicavaõ pela imprensa os coripheus do liberalismo.

« A maxima parte dos erros de José Bonifacio que a opposição combatia eraõ desta força! Parece hoje impossivel que tal se fizesse e todavia foi por ahi que a opposição conseguiu levantar alguma suspeita sobre as intenções de José Bonifacio.

« José Bonifacio encarregou-me de fazer a lista das pessoas das provincias do norte que haviam trabalhado para a Independencia, afim de serem contempladas com a nova ordem, que era o premio do merito. Fiz a lista com todo o escrupulo e a apresentei ao ministro, não dentro de 24 horas como elle exigia, mas depois de tres dias de reflexão.

« Ao lel-a José Bonifacio apertou-me tres vezes a mão em prova de satisfação de não me achar contemplado nella. Tinha intenção, disse-me então, de o distinguir não o contemplando no despacho. Era o mais que lhe podia fazer, porque o igualava a mim; mas se o seu nome viesse nesta lista não teria remedio senão mudar de proposito, e isto muito me custaria. Agradeci a José Bonifacio esta grande prova de amizade que me dava. Mas qual não foi minha admiração quando no dia da coroação, lendo no palacio da cidade a lista dos despachos, deparei com o meu nome no numero dos cavalleiros! Contrariava o que José Bonifacio me havia dito e tanto me havia lisongeado, e era uma mercê que pelo menos me desigualava dos meus amigos e companheiros contemplados em grau superior na mesma ordem.

« Confesso que me fez grande impressão aquelle momento. Quiz logo fallar a José Bonifacio para lhe pedir uma explicação, mas não foi possivel senão á noute no theatro. As occupações do dia nos trouxeram quasi sempre separados. José Bonifacio ignorava que o meu nome estivesse na lista e nem podia comprehender como fora ahi introduzido. E esta declaração tranquillisou o meu espirito e no dia seguinte tratamos ambos de examinar o negocio: Moitinho, que havia feito a lista, é quem podia decifrar o enigma, e elle o fez apresentando um quarto de papel que havia recebido do Imperador, na vespera, á noute do dia da coroação e pelo qual S. M. determinou do seu proprio

punho o dito despacho de cavalleiro do Cruzeiro. Em presença de tal papel escripto da mão do Imperador, que mostrava ser o despacho expontaneo da vontade de S. M., fiquei por extremo satisfeito e nenhum outro despacho, por maior que fosse, conferido de outro modo, podia ser, como este, tão lisongeiro á minha vaidade, nem tão conforme com os meus sentimentos. O bilhete do Imperador assim escripto em um pedaço de papel, Moitinho o collou em uma folha para ficar na respectiva secretaria de estado, onde se deve encontrar nos papeis daquelle tempo.»

Continuemos a transcrever uns topicos das annotações de Drumond: «O Imperador no seu regresso de São Paulo, em 15 de Setembro de 1822, uma das primeiras cousas em que me fallou foi da maçonaria. Fallou-me nisto com um contentamente tal que eu não pude então bem decifrar. Pareceu-me que havia ali mais inexperiencia das cousas deste mundo do que verdadeiro enthusiasmo, e tudo quanto lhe ouvi naquella occasião puz em conta da volubilidade do seu caracter. Disse-me que eu devia entrar para aquella corporação e que elle mesmo queria encarregar-se de fazer a proposta. Respondi que agradecia muito o Sua Magestade, mas que não podia acceitar o seu favor; que não tinha a menor repugnancia pela maçonaria, mas que havia promettido a mim mesmo de jamais ser maçon, e isto por occasião de haver soffrido pelo que eu não era, como já em outro lugar se acha referido. Que se eu cumpria a palavra dada a outrem, como não cumpriria a que dava a mim mesmo? Se a maçonaria, como dizia Sua Magestade, só tinha por fim reunir os homens afim de trabalharem pela causa da Independencia, que se me permitisse que eu continuasse a trabalhar fóra dessa reunião, porque nesto caso me acharia com mais companheiros do que dentro della: que o Brazil todo queria ser independente e não precisava senão de quem o dirigisse para conseguir o seu intento, e finalmente a direcção pertencia ao Governo e ao esforço a todos.

«Foi com taes razões que declinei a proposta e resisti ás instancias do Principe. Foi talvez um capricho o querer eu sustentar uma promessa que havia feito a mim mesmo em occasião

de uma afflicção, em occasião em que eu era perseguido por uma cousa que eu não era. Declaro portanto que não tinha outro motivo senão este, que é muito alheio a cousa em si mesma. Mas os meus argumentos tornarão-se depois contra mim, porque o Principe veio fallar-me para entrar no apostolado, e eu, sem ser incoherente, não podia escusar-me. Acceitei. Foi esta a unica sociedade secreta a que tenho pertencido. Confesso que não me causou o menor enthusiasmo, e que, fóra da noute da entrada, bem poucas forão as outras em que eu ali comparcci até a sua dissolução. O juramento que prestei foi pura e simplesmente de defender a Independencia, a Monarchia Constitucional e a dynastia do Imperador o Sr. D. Pedro I. Prestei-o com satisfação, porque não se exigia de mim senão aquillo que eu queria ardentemente, e pelo que daria a minha vida, se fosse necessario. »

J. D. da Cruz Lima, na « Refutação do Livro O Primeiro Reinado » pondera: « Parece que o autor do novo livro quiz repartir com todos, até com a maçonaria, as glorias do primeiro reinado, menos com o protogonista, quando os defensores da maçonaria esforção-se em a santificar certificando que ella nada mais é do que uma instituição de philantropia e de caridade »...

Seja-nos permittido observar que deixando de parte os fins que podem ter tido em vista os organisadores das corporações maçonicas ou de pedreiros-livres como as associações dos artistas operarios da construcção do templo de Salomão, dos sacerdotes egypcios e de outros, certo é que a philantropia e a caridade não podem ser indifferentes á maçonaria, tendo ella como objectivo sublime a perfectibilidade dos seres humanos com a pratica de todas as virtudes pelos co-associados ou irmãos, que esquecem se entretanto da sua nobre missão, quando se occupão de questões politicas ou religiosas. E' portanto inexacto que a maçonaria *nada mais é que uma instituição de philanthropia e de caridade!!...*

Mas continuemos a ver o que escreveu J. D. da Cruz Lima:

«... vem o novo historiador contar que segundo o Cirurgião-Mór Menezes, á maçonaria deve o Brazil os quatro grandes factos de sua historia:

O *Fico* de 9 de janeiro.

O titulo de *Defensor Perpetuo* (de 13 de maio).

O 7 de setembro (o grito *Independencia ou Morte* no Ypiranga).

E a proclamação do Imperador Sr D. Pedro I.

« Já provamos, e com documento, como a idéa do *fico* partiu da cidade de S. Paulo, se foi maçonaria foi de lá.

« Quanto ao titulo de Defensor, tambem já noticiamos como a cousa passou-se.

« Conhecemos bastante o *vòvô-maçon* e jámais lhe ouvimos semelhante noticia, tanto mais que não era elle escrupuloso em taes revelações.

« Que a politica maçonica contasse com a Independencia, não duvidamos, pois que estava na mente de todos, porém que a decretasse foi descoberta nova.

« Os verdadeiros principios promotores da Independencia, não duvidamos, tinha-os o paiz em si mesmo, só lhe faltava quem lhes desse o impulso, a acção, e esse foi o merito do Sr. D. Pedro I, foi sua gloria. Em viagem, longe dos politicos, sem conselho de quem quer que fosse, *longe da Maçonaria*, espontaneamente brada — Independencia ou Morte.

« O Principe reconheceu que o paiz, que havia chegado á sua virilidade, não podia supportar qualquer tutela, principalmente a que lhe decretavão as Côrtes de Portugal, segundo a correspondencia que acabava de receber, e então sem nenhum conselho, proclamou a Independencia.

« E o povo que o acompanhava, enthusiasmado bradou tambem — Viva o Imperador do Brazil !

« Parece que a maçonaria não estava presente...

« Chegando á Corte, á noite, depois de felicitar a Augusta Consorte pelo bom exito de sua viagem e felizes successos dados em S. Paulo, dirige-se ao theatro de S. João, hoje de S. Pedro, onde havia representação, e, affluindo a multidão, certificou ao povo, do alto da tribuna, a tranquilidade em que havia deixado a provincia de S. Paulo, e lhe noticiou que proclamára, nos Campos do Ypiranga, a Independencia do Brazil, mostrando ao povo o braço esquerdo, onde trazia a legenda *Independencia ou Morte*, por elle adoptada.

« O applauso parecia loucura !

« O povo não cessava de victoriar — ora o Principe, ora o Imperador do Brazil.

« Dias depois, a 12 de outubro, anniversario natalicio do Principe, foi officialmente acclamado Imperador do Brazil o Sr. D. Pedro de Alcantara, por espontanea vontade do povo, manifestada pelo Conselho Geral dos Procuradores das Provincias e do Senado da Camara.

« E no dia 1 de dezembro seguinte foi coroado com as formalidades devidas.

« Não devemos esquecer que nesse dia quiz o novo Imperador distinguir os tres irmãos Andradas com a Grã-Cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro, que acabava de crear, e que os dous irmãos, José Bonifacio e Martim Francisco, a recusarão por julgarem-se bastante galardoados por pertencerem ao Ministerio da Independencia, só acceitando Antonio Carlos, que a usava.

« Uma intriga maçonica havia indisposto o Conselheiro José Bonifacio contra aquelles seus collegas politicos que, se aqui haviaõ trabalhado para a Independencia do paiz, como já mencionamos, tambem elle na sua provincia de S. Paulo havia, com outros, tomado toda a parte em trabalhos identicos aos dos da Côrte, não sendo nomeado Presidente do Governo Provisorio da Provincia, por deferencia a João Carlos Augusto Oeyenhausen, que era Capitão General da Provincia, e que foi nomeado Presidente do Governo Provisorio.

« Assim, pois, entendemos que a perseguição votada áquelles seus collegas não significava reprovação ás suas idéas da Independencia, como parece attribuir o nobre Marquez, porque então tambem a elle pertenceria essa reprovação, mas sim a tal intriga maçonica e que portanto os serviços do conselheiro José Bonifacio não se limitaõ a ter sido Ministro no acto da proclamação da Independencia.

« *Guatimosim* (o Sr. D. Pedro) mostrou desejos de ver o que passava-se no Grande Oriente, e joven como era desculpa-se-lhe a curiosidade, tanto mais que já lhe tinham dado idéa da *Confraria*.

« Foi, pois, admittido, e continuou a frequentar.

« Em uma noite, porém, que anticipou a sua chegada á do Grão Mesre, Conselheiro José Bonifacio, poz em collisão o *con-*

clave, composto dos nomes que tem-se mencionado, e depois de alguma consulta, entregaraõ o *malhete* a *Guatimosim*, que assim ficou de facto Grão Mestre.

« Momentos depois chega o *Proprietario*, que não dissimulou a *ousadia* dos *magnatas*, jurando desde logo completa vingança.

« Quem conhecia o orgulho do illustrado Paulista achará no facto explicação para a perseguição que soffreraõ os irmãos, talvez exagerada, e para as palavras sublinhadas que notaõ-se no artigo Sapucahy.

« Tambem dissemos ao nosso amigo, quando escrevia o artigo de que tratamos, o que hoje repetimos, que não concordavamos com a conclusão do seu artigo.»

A. M. V. de Drumond refere-se á maçonaria do modo seguinte :

« O Principe Regente, desde que José Bonifacio reorganisou no Rio de Janeiro a maçonaria e creou um Oriente Brazileiro do qual foi eleito Grão-Mestre, começou a manifestar o desejo de fazer parte dessa sociedade. José Bonifacio se oppunha com razão á satisfação desse desejo.

« Antes de passar adiante cumpre dizer qual era até então o estado da Maçonaria no Rio de Janeiro e no Brazil todo. Todas as lojas que tinhaõ existido eraõ dependentes do Oriente Lusitano, que residia em Lisboa. Os tristes acontecimentos de Pernambuco em 1817 chamaraõ sobre essas lojas a attenção do governo. Este, em conformidade das leis que prohibiaõ as sociedades secretas, as perseguiu e augmentou as penas por um alvará de que me não lembra a data. Deu-se tanta importancia a este alvará que se mandou transitar pela chancellaria-mór, solemnidade esta que, com rarissimas excepções, tinha cahido em desuso.

« Da perseguição seguiu-se a dissolução das Lojas. No Rio de Janeiro creou-se um juizo da Inconfidencia. Foi nomeado para este lugar o desembargador José Albano Fragoso. José Anselmo Corrêa foi o espião escolhido pelo Paço e pelo governo. Este denunciou a todo o mundo, até mesmo a quem não era maçon, de o ser. Incutiu terrores, apoderou-se do animo timido do rei e se fez o flagello dos habitantes do Rio de Janeiro. Aquelle, mais moderado, servia-se do seu emprego para abrir um caminho que por

fás ou por nefas o levasse ao Ministerio. Alguns maçons, antes que os denunciassem, denunciaraõ-se a si mesmos. O infeliz Luiz Prates de Almeida Albuquerque, depois de jazer por algum tempo nas prisões da fortaleza da Lage e responder aos interrogatorios do juiz da Inconfidencia, foi mandado sem sentença para Gôa. O terror era tal que para proceder-se á prisão deste individuo, que foi feita á noite, ficaraõ as tropas em armas nos quarteis, e grandes patrulhas foraõ postas de vigia nos cantos das ruas que se dirigiaõ á de S. Pedro, onde Prates morava só, em uma miseravel casa terrea, quasi ao chegar ao campo de Sant'Anna. O official encarregado desta prisão foi o coronel Gordilho.

« Entre os maçons que se denunciaraõ a si mesmos, refiro os nomes de dous pelas scenas bufas que essas denuncias occasionaraõ. Foraõ o marquez de Angeja e o conde de P..... O rei cahiu estupefacto das nuvens e ainda lhe parecia impossivel que dous camaristas seus, ambos estimados e um valido, fossem maçons! o marquez de Angeja ajuntou aos protestos do seu arrependimento a offerta, que foi acccita, de toda a sua prata para as urgencias do Estado. Foi logo expedido em commissão para Portugal, afim de tomar o commando e conduzir ao Rio de Janeiro a divisão auxiliadora que se mandava vir, extrahida do exercito de Portugal.

« Quanto ao conde de P..... o negocio era mais serio. O rei era muito affeiçoado a este conde, que foi no Rio de Janeiro seu primeiro valido. Morava no Paço. Nem os protestos de arrependimento, nem a offerta de sua prata, que a não tinha, porque se servia da que era da Casa Real, podião inspirar inteira confiança a respeito de quem, em razão do seu officio e das relações de amizade, devia continuar no serviço e no valimento de S. Magestade. Em tão apuradas circumstancias o rei sahiu pela tangente de um expediente assaz curioso. Disse ao conde que para lhe não ficar nada do passado de que se arrependia, era necessario que tomasse o habito de irmão da Ordem 3ª de São Francisco da Penitencia.

« Foi um dia de festa no Paço aquelle em que o conde prestou juramento e foi recebido irmão da Ordem Terceira. O contentamento do rei não podia ser maior. O conde de P....., para

fazer a vontade a S. M., andou no Paço todo aquelle dia com o habito da ordem destinado a laval-o de seus erros.

«Estes dous fidalgos portuguezes pertencião á Loja de S. João de Bragança, e é talvez por isso que houve quem dissesse e publicasse que essa Loja existira com sciencia do rei D. João VI, o que é um erro que nem sequer merece ser refutado.»

* * *

Na sua Historia do Brazil-Reino e Brazil-Imperio sob a epigraphe « A Maçonaria no Rio de Janeiro se reorganisa para tomar parte nos negocios do Brazil, » conta o Dr. Alexandre José de Mello Moraes « que a loja *Commercio e Artes*, que se havia installado na rua Pedreira da Gloria em casa do Dr. Vahia, em 1815, foi amortecida pelas perseguições da policia depois da partida do Rei para Portugal. Em 24 de junho de 1821 foi de novo installada em casa do capitão de mar e guerra José Domingues de Athayde Moncorvo, sita á rua do Fogo esquina da das Violas, em consequencia dos acontecimentos dos dias 26 de Fevereiro, de 20 e 21 de Abril ; e em 5 de Junho ou Julho reergueu as suas columnas abatidas.

« A esta sociedade secreta se reunião todos os homens de importancia da Côrte e provincia do Rio de Janeiro e o seu numero já era tão grande no começo do anno de 1822, que forçoso era dividil-a em outras, o que effectivamente aconteceu, creando-se mais duas lojas politicas intituladas *União e Tranquillidade* e *Esperança* (esta em Nitheroy) e com estas tres Lojas organisou-se o Grande Oriente do Brazil.»

Seguem-se os nomes dos nove dignitarios e officiaes e mais membros de cada uma das Lojas e vimos na *Commercio e Artes* como 2º vigilante o Dr. Domingos Ribeiro dos Guimaraes Peixoto— como orador o Padre Mestre Frei Francisco de Santa Thereza Sampaio e 23 membros sem cargos ; na *União e Tranquillidade* como veneravel Albino dos Santos Pereira, — como orador José Clemente Pereira e 23 simples membros ; na *Esperança* como 1º vigilante Ruy Germack Possolo, — como orador Dr. João José Vahia e os simples membros em numero de 22.

Em assembléa geral realizada em 28 de maio de1822 sob a presidencia de João Mendes Vianna (da Loja Commercio e Artes) forão eleitos os grandes Dignitarios e Grandes Officiaes do Grande Oriente do Brazil, a saber:

Grão Mestre da Ordem o Conselheiro José Bonifacio de Andrade e Silva (da Esperança).

Grão-Mestre-adjunto o Marechal Joaquim de Oliveira Alves (da Esperança).

1.º Grande Vigilante Joaquim Gonçalves Ledo (da União e Tranquillidade).

2.º Grande Vigilante o Capitão João Mendes Vianna (da Commercio e Artes).

Grande Orador o Padre Mestre Januario da Cunha Barboza (da Commercio e Artes).

Grande Secretario o Capitão Manoel José de Oliveira (da Commercio e Artes)

E outros que forão empossados a 24 de junho de 1822 n'uma casa do porto do Meyer em Nictheroy, ao depois alugou se na capital ; á rua do Conde, hoje Frei Caneca, o sobrado de n. 4, onde trabalharão as tres Lojas e o Grande Oriente.

«José Bonifacio, quando eleito Grão-Mestre, occupava o cargo de primeiro ministro do Reino do Brazil, a elle forão apresentados os planos para a Independencia do Brazil, para o que já trabalhava a loja *Commercio e Artes* e José Bonifacio os adoptou de accordo com seu irmão Martim Francisco e poz-se com outros cidadãos prestimosos á frente do movimento já principiado, sendo então filiadas e iniciadas muitas pessoas proeminentes na politica e de reconhecida instrucção.»

Na sessão de 2 de agosto o Grão-Mestre propoz e foi unanimemente acceito o Principe Regente D. Pedro de Alcantara que, sendo logo recebido e iniciado, adoptou o peseudonymo de «Guatemosim» e no dia seguinte foi proposto por Joaquim Gonçalves Ledo para Grão-Mestre.

Ouçamos, porém, novamente A. M. V. de Drummond:

« José Bonifacio resistiu quanto poude á vontade do Principe de entrar para a Maçonaria, mas nem os rogos, nem a razão puderão demover este moço impetuoso do seu projecto. José

Bonifacio cedeu e elle mesmo o conduziu para aquillo que a sua razão e a sua experiencia não permittião de consentir.

« Estes desejos do Principe lhe erão nutridos por certas pessoas que procuravão por todos os meios ampararem-se delle para o dominar.

« Lá tinhão visto malogradas outras tentativas e presumião serem mais felizes n'esta, que se envolvia em um mysterio do qual o Principe não poderia sahir livremente. Sua Alteza exultou com a sua entrada na Maçonaria, que foi para elle uma grande novidade. Antes de partir para S. Paulo, em Agosto de 1822, os mesmos individuos que procuravão amparar-se da sua pessoa, fosse por que meio fossse, prevalecendo-se da ausencia de José Bonifacio, que se achava incommodado de saude, por meio de uma cabala revestirão o Principe de todos os graus maçonicos e o elegerão Grão Mestre. Entenderão que, lisongeando assim a vaidade do Principe, o conquistavão para sempre. Parece que, por um accommodamento, conservarão José Bonifacio como Grão Mestre Adjunto. Este não dava inportancia a essas cousas, servia-se da Maçonaria como um meio de reunir os homens para um fim, e não para crear um Estado no Estado, como querião outros.

« Os homens que se reunirão para combater e substituir a José Bonifacio na privança do Principe e na opinião do publico forão os mesmos que tomarão parte e influirão nos acontecimentos desastrosos da Praça do Commercio. Veja-se o processo, a que, por taes acontecimentos, se mandou preceder e do qual foi Juiz especial o desembargador do Paço Lucas Antonio Monteiro de Barros. Ahi se achavão compromettidos os mesmos individuos que 18 mezes depois, reunidos na Maçonaria, fazião do Principe um Grão-Mestre, e exigião por meios astuciosos que elle prestaess o juramento prévio de obedecer á Constituição tal qual a fizesse a Assembléa Constituinte. O Principe obedecendo ao seu caracter amigo de novidade e desejoso de gloria, que não sabia ainda distinguir a verdadeira da falsa, enthusiasmou-se por tal forma com o titulo de Grão-Mestre que, se não fora a influencia de José Bonifacio, teria cahido em laços dos quaes não poderia mais sahir sem arriscar a integridade do Imperio e a sorte da Monarchia. A influencia de José Bonifacio no animo do Principe era tão grande

que resistio a todas as suggestões de seus adversarios e, se uma vez succumbio, foi por effeito de uma desgraçada paixão amorosa que submetteu o coração do Principe e gerou os acontecimentos que affigirão o Brazil. »

Daremos agora a versão do Dr. A. J. Alexandre de Mello Moraes:... « foi em uma Assembléa do povo maçonico o Sr. Dom Pedro proclamado Grão-Mestre da Ordem, cujo malhete recebeu. José Bonifacio, que não assistiu áquella sessão, ou antes gente que o cercava, não gostou deste acontecimento, porque via enfraquecer a sua influencia politica e preponderancia.

« Foi desde o momento em que o Sr. D. Pedro recebeu o malhete de Grão-Mestre da maçonaria, que as intrigas, ameaças; ciumes e ambições principiarão, e os dous partidos se extremarão, sendo um capitaneado por Joaquim Gonçalves Ledo, uma das personagens principaes da Independencia do Brazil, homem de muito talento, bom orador e de muita habilidade, ainda que de caracter voluvel e ambicioso ; e outro capitaneado por José Bonifacio de Andrada e Silva, que gozando ainda de prestigio, triumphou na privança do Imperador.

« No emtanto ambos queriam a mesma cousa: a Independencia do Brazil.

« Taes são os homens de todos os tempos ! Sempre antepoem ao bem da patria a ambição e mesquinhas rivalidades !

«... tentava o partido de José Bonifacio aniquillar a influencia maçonica, ou antes a dos chefes que nella preponderavão...

« Para guerrearem, pois, a influencia maçonica, combinarão nos meios e installarão uma sociedade secreta com o titulo de — Apostolado — sendo dos primeiros influentes della José Bonifacio, Martim Francisco, o capitão-mór José Joaquim da Rocha, José Mariano de Azeredo Coutinho, Fernando Carneiro Leão (depois Conde da Villa Nova de S. José) e outros. Esta sociedade tinha estatutos e signaes como se usa na lithurgia maçonica, mas differentes na forma e era dividida em palestras e decurias (cada uma se compunha de 12 apostolos e um presidente).

« José Bonifacio para arredar o Imperador do Grande Oriente o collocou á frente do Apostolado com o titulo de grão-mestre ou Archonte-rei...

« Foi eleito chefe do Apostolado o Imperador D. Pedro I com a denominação de Archonte-rei e José Bonifacio seu lugar-tenente.

« O Apostolado começou a trabalhar no edificio da Guarda Velha, onde é hoje Secretaria do Estado dos Negocios do Imperio (escreveu Mello Moraes em 9 de janeiro de 1871) e então quartel general do commando das armas.

«... os membros do Apostolado se denominavão columnas do throno, porque o fim dogmatico era sustentar a monarchia constitucional e guerrear com todas as forças as idéas republicanas.

« Uma das palestras estabeleceu-se no Cattete, em casa de Antonio Rodrigues da Silva ou na do Padre José Cupertino, depois official maior da Secretaria da Marinha; as decurias trabalhavão em outros lugares, como na rua da Assembléa (antigamente da Cadêa) em casa do coronel Antonio Pereira Pinto e na rua de S. José onde perante o Sr. D. Pedro e José Bonifacio forão admittidas e juramentadas muitas pessoas de consideração.

« As sessões que se fazião erão alternadas e em dias determinados se reunião no centro social denominado — Apostolado. — As palestras do Apostolado enjoavão aos homens de bem e de bons sentimentos que a ellas constantemente assistião, pelos abusos que vião praticados e por verem lançar-se mão de meios torpes para a perseguição dos contrarios, como a espionagem, as denuncias, as intrigas, não só contra os membros do Grande Oriente, como contra alguns portuguezes indistinctamente.

« Destas mesmas palestras sahirão os males de que ainda hoje se resente o Brazil, sendo campeão de tudo isso o celebre Porto Seguro, muitissimo protegido de José Bonifacio e que acabou miseravelmente no sitio dos Buzios, em Cabo Frio e do não menos celebrado Marciano, por alcunha Maquelma, pardo marceneiro, cantador de modinhas e muito valido do Imperador D. Pedro I.

« E' de razão observar, tambem, que um dos membros mais influentes do grande oriente, Joaquim Gonçalves Ledo, aspirava a privança do Principe, para dar a queda nos Andradas e entrar para o Ministerio. Tinha-se constituido emulo ou adversario de José Bonifacio e por isto, aproveitando a ausencia deste, fez proclamar o Principe grão-mestre da ma-

çonaria, ficando José Bonifacio seu adjunto, cujo acto, comquanto não fosse impugnado, não recebeu a acquiescencia de muitos membros do grande oriente, que entendião que devia ter sido delle previamente instruido o grão-mestre José Bonifacio que, sem duvida, não se opporia ao grão-mestrado do Imperio.

« Este, despeitado por isso, julgou que todos os membros do grande oriente, estavão em opposição á elle, e procurou vingar-se ; suas disposições forão aproveitadas pelo Apostolado, e assim fizerão persuadir ao Sr. D. Pedro, que ja tinha sido acclamado em uma assembléa do povo maçonico e depois pelo povo em 12 de outubro de 1822, que os maçons pretendião estabelecer um governo democratico.

« Na ultima sessão de outubro (no grande oriente) o Imperador, assentado no throno, e ja muito indisposto contra Ledo, a quem dias antes tratava em carta particular — de meu Ledo — o accusou vehementemente, dizendo estar atraiçoado, e esse, procurando defender-se, não o pôde fazer, porque o Sr. D. Pedro I, como grão-mestre do grande oriente, e por um decreto, o suspendeu e encerrou, mandando recolher os metaes das officinas ao cofre da policia, da qual era intendente geral o dezembargador Aragão e o archivo para a quinta do Cajú.

« Forão tão inauditas as intrigas, que apparecerão nesse mez de outubro de 1822 entre os membros do grande oriente, suspenso, e os membros do Apostolado, que o Imperador julgou conveniente demittir o ministerio Andrada.»

*
* *

« O jubilo publico, escreve o Visconde de Cayrú como testemunha presencial, foi interrompido por uma extraordinaria occurrencia.

« Depois da acclamação do Imperador, excitarão-se emulações e contendas da ambição entre os membros do ministerio e pessoas de notoria influencia no governo, e perigosa popularidade no vulgo, porfiando todos em adquirir o favor imperial afim de se engrandecerem pela nova ordem do Estado,

« O espirito de partido se descobriu. Uns cidadãos se esconjuravão contra suspeito despotismo, outros contra presumido democratismo. Temeu-se do funesto choque de animosidades e interesses.

« Inopinadamente em 30 de outubro divulgou-se que o Imperador demittira o ministerio; os reaes motivos ficarão no segredo do gabinete. Não sem fundamento se conjecturou que se representaria ao chefe da nação os perigos dos conselhos dos Secretarios de Estado dos Negocios do Imperio e da Fazenda, aspirantes á supremacia no governo.

« Mas no mesmo dia sentiu-se alvoroço na côrte entre a turba de clientes e devotos, especialmente dos ministros irmãos, José Bonifacio de Andrada e Silva e Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

« Por arteiros agentes, solicitou-se e conseguiu-se (segundo se disse) nunca visto numero de milhares de assignaturas de pessoas de todas as ordens e classes. Fez-se uma representação ao Imperador para a reintegração dos dous Andradas no ministerio.

« Por parte da tropa da côrte se offereceu ao Imperador outra semelhante representação mais concisa e comedida.

« Os procuradores geraes da provincia (menos Joaquim Gonçalves Ledo) dirigirão ao Imperador igual representação com hyperbolico elogio dos irmãos Andradas...

« No mesmo dia, á noite, no theatro, se espalhou uma proclamação anonyma em que eram appellidados os Andradas — *Franklins brazileiros*...

« Tão estranha idolatria demagogica, e concurrencia de gente ao theatro, foi sem exemplo, foi equivalente á força publica.

« Ainda que os ministros Andradas, naturaes de S. Paulo, fossem egregios patriotas e activos administradores, comtudo era notorio que pela natural liga da irmandade havião adquirido ascendencia no conselho e incorrido em odio de muitas pessoas por algumas medidas de suas repartições.

« Além de que ostentavão timbre sem igual de rancor aos lusitanos, bem que por justos resentimentos dos males causados pelos sectarios das côrtes de Portugal.

« O Imperador no mesmo dia 30 julgou prudente condescender, pelas instancias dos representantes das provincias colligadas ; mas por decreto reclamou a prerogativa constitucional de sua livre nomeação e demissão dos commissarios do poder executivo, e por uma proclamação aos fluminenses recommendou-lhes união e tranquillidade, vigilancia e constancia. »

Em nota, o Dr. A. J. de Mello Moraes faz as observações seguintes :

« Foi uma comedia ridicula o que se passou no dia 30 de outubro de 1822. Dizem alguns que José Bonifacio e seu irmão Martim Francisco, em consequencia das intrigas e exaltação dos partidos, pedirão no dia 29 a sua demissão ; e outros dizem que o Imperador, a ver se applacava a exaltação dos partidos, que ameaçavão a ruina do nascente Imperio, demittia os Andradas. Fosse lá o que fosse, o decreto appareceu, e no dia 30 de outubro o Imperador se viu forçado a reintegrar nas mesmas pastas os ministros demittidos.

« O Imperador, á tarde, veio com a Imperatriz para a casa de José Bonifacio e o não encontrando deixou alli a Imperatriz e partiu para o Botafogo, e perto do caes da Gloria, avistando-se e apeando-se ambos, abraçarão-se e chorarão e juntos vierão para casa do Rocio.

« José Bonifacio, depois que entrou em casa, chegou a uma das janellas e deu vivas ao Imperador D. Pedro I... correspondido pela multidão. Não obstante o ridiculo de tudo isto, foi o Imperador a pé, com a Imperatriz e José Bonifacio, ao theatro, que estava pompcsamente decorado e onde depois o padre Freitas (filho da capitania do Espirito Santo) recitou muitas poesias de improviso.

« Nessa mesma noite principiou a devassa contra Ledo, Januario, José Clemente e outros. »

Cabem aqui alguns topicos das annotações de A. M. V. de Drumond :

« José Bonifacio andava bem informado dos passos que davão os anarchistas da Praça do Commercio á sombra da maçonaria, nada ignorava ; porque, seja dito, havia traidores que revelavão tudo, até aquillo mesmo em que apparentemente

tomavão parte. José Bonifacio tinha, pois, em sua mão o fio dos segredos dos seus adversarios. Veio a saber que o Principe no seu enthusiasmo pela maçonaria, acceitará a condição de assignar tres folhas de papel em branco para ser eleito Grão Mestre. O Principe assignou com effeito as tres folhas de papel em branco e as entregou a Ledo, José Clemente e Nobrega. Guardou disso segredo como de tudo o mais que era concernente á sua eleição clandestina de Grão Mestre. Ja se vê que o Principe estava naquella occasião subjugado pelos homens que lhe extorquiram tres assignaturas em branco e pelo ridiculo enthusiasmo de ser o Grão Mestre da Maçonaria Brazileira.

« José Bonifacio, sciente de tudo isto, teve com o Imperador uma explicação franca no dia 26 de outubro e concluiu pedindo a sua demissão. Martim Francisco fez outro tanto. O Imperador hesitou primeiro e acabou por confessar que havia dado tres assignaturas em branco ás pessoas acima indicadas. Reconheceu que erão judiciosas as reflexões de José Bonifacio, que havia errado, commettido grande falta, mas entrava em duvida acerca dos meios de rehaver as tres assignaturas em branco, que tão inconsideradamente havia prestado. « Não ha senão um meio, respondeu José Bonifacio:« Mande V. Magestade chamar á sua presença estes tres individuos e ordene-lhes que entreguem logo as tres assignaturas em branco nas mãos de V. M. Se elles não obedecerem, mande-os recolher á fortaleza da Lage, e manifeste ao paiz as causas deste seu procedimento. Desembaraçado de tão affrontosa tutela, poderá então governar livremente e nomear ministros que bem possam servir ao paiz e á V. M., porque, quanto a mim e a meu irmão, tendo sido encetada a confiança reciproca que existia, já nada podemos fazer. Nós nos retiramos, mas salve V. M. a sua dignidade, a sua dynastia e a integridade do Brazil, compromettidas com taes manejos. »

« José Bonifacio deixou o Principe sob a dolorosa impressão destas palavras, que, se não são as mesmas que o venerando ancião proferiu, dão pelo menos o sentido dellas, e retirou-se declarando que já não era ministro. E para que a sua presença não servisse de motivo para perturbar a ordem publica, visto que a cidade, desde logo que soube que José Bonifacio havia dado

a sua demissão, se mostrara alvoroçada, largou a sua casa do Rocio e foi immediatamente habitar uma pequena casa no caminho velho de Botafogo.

« O Imperador sahiu do lethargo em que jazia e passou de repente para aquelle estado de actividade, que tantas vezes o distinguiu em crises perigosas. No dia seguinte 27, mandou chamar a S. Christovão a José Clemente, Ledo e Nobrega, os quaes correram apressurados ao chamado, julgando que era para formarem o novo ministerio. A illusão durou pouco tempo. O Imperador lhes fallou duramente e ordenou a restituição das assignaturas em branco, em falta do que iriam dalli mesmo para a fortaleza da Lage e a nação seria informada das causas da prisão. Os homens obedecerão e o Imperador os deixou livres para irem elles mesmos buscar as assignaturas em questão. Segundo minha lembrança foi nesse mesmo dia 27, e em seguida a este acto, que o Imperador, como Grão Mestre, mandou cessar os trabalhos e fechar as lojas maçonicas.

« José Bonifacio não se encontrou mais com o Imperador. Desejava que S. Magestade sahisse honrosamente do embaraço em que se achava, mas não queria voltar ao ministerio. De 26 á noite até 30, ao meio dia, fui eu o intermidiario da correspondencia verbal que houve entre o Imperador e José Bonifacio; posso, portanto, affirmar (escreve Drumond) que a vontade de José Bonifacio era que o Imperador sahisse dignamente do embaraço em que se achava, nomeasse um ministerio de bons brazileiros, e não se deixasse mais illudir fosse por quem fosse. O Imperador, porém, insistia em que José Bonifacio e seu irmão voltassem ao ministerio. O Imperador conhecia bem o caracter firme de José Bonifacio, mas sabia ao mesmo tempo que o venerando ancião era por extremo sensivel ás demonstrações de affecto popular. Preparou elle mesmo essa demonstração e não lhe custou muito, porque essa era a vontade quasi unanime dos habitantes do Rio de Janeiro. »

O Senado da Camara Municipal, o Conselho de Procuradores de Provincias, o clero e outros corpos do Estado fizeram representação para a reintegração dos dous irmãos. O povo e o Imperador se puzerão em marcha ao encontro de José Bonifacio,

que do salão de sua casa no largo do Rocio fallou terminando com vivas ao Soberano. « O povo, diz Drumond, nunca soube das assignaturas em branco que motivarão a demissão dos dous Andradas, só estiverão então na confidencia A. M. V. de Drumond, José Mariano e Rocha? José Clemente, Nobrega e o Padre Januario da Cunha Barboza forão presos e enviados para a França. »

Fez-se uma devassa e algumas prisões de pouca importancia.

Voltemos, porém, ao que escreveu o Dr. A. J. Alex. de Mello Moraes:

« Os desejos de vingança pela sêde do mando, erão extraordinarios e como Ledo, era o maior inimigo e emulo de José Bonifacio, almejava este captural-o para novamente processal-o; e Ledo não ignorando as diligencias que se fazião para o prender, occultou-se em diversas partes, até que em uma noite com o rosto, peito e braços pintados de preto, vestido de mulher e com um balaio á cabeça, acompanhado por alguns amigos que o seguião dispersos, embarcou em uma falúa para uma fazenda de S. Gonçalo em Nictheroy, onde esteve em casa de um seu amigo Belarmino (depois Barão de S. Gonçalo) e que muita parte tomou em favor da Independencia de sua patria. Alli esteve Ledo occulto, e dahi, por intermedio e protecção de Lorenço Westin, Consul da Suecia, embarcou em um navio dessa nação, que se dirigia a Buenos Ayres, onde esteve, até que a influencia dos Andradas se desvaneceu pela dissolução da Constituinte em 12 de novembro de 1823, sendo elles deportados no mesmo mez por accordão do Conselho do Estado. »

Conta Drummond que o serviço do Paço era feito por Portuguezes, sendo Francisco Gomes da Silva (Chalaça,) João Carlota e Placido os mais intimos do Sr. D. Pedro I. Os Brasileiros admittidos no serviço do Paço nenhuma influencia tinhão e alli estavão como estranhos. José Bonifacio olhava com receio para tal estado de cousas, mas nunca lhe peude dar remedio — S. M. a isto se opunha pela razão de que era negocio seu particular o governar a sua casa como entendesse.

« Em fins de Março ou 1 de Abril de 1823, disse ainda Drumond, se queixava José Bonifacio da tibieza do Imperador que queria expulsar os soldados portuguezes da Bahia e de todo o Brazil,

mas não queria mais do que isto, emquanto que José Bonifacio estendia as suas vistas a tirar a Portugal todos os meios de poder hostilisar ao Brazil. Neste ponto a discussão entre D. Pedro I e José Bonifacio foi violenta e acabou por ceder o Imperador á vontade do Ministro. »

* * *

A Assemblea Geral Constituinte e Legislativa do Imperio do Brasil realizou aos 17 de Abril de 1823 a sua 1ª sessão preparatoria e a 2 de Maio seguinte a 5.ª e ultima, na qual o Sr. José Bonifacio de Andrada e Silva pedio que fosse lida a pequena falla que dirigira á Sua Magestade o Imperador na qualidade de Orador da deputação que acabava de ir annunciar ao Sr. D. Pedro I que a Assembléa Geral Constituinte e Legislativa do Imperio do Brasil destinava o dia 9 de Maio seguinte para installar-se solemnemente. D'esta falla destacamos o trecho seguinte :

« Senhor ! Estava reservado a Vossa Magestade Imperial reunir debaixo de um centro de unidade e de força o desmembrado e restante reino do Brazil. Estava reservado á sabedoria e ao heroismo de Vossa Magestade destruir as intrigas e perfidias dos nossos encarniçados inimigos, tanto internos como externos; e crear com a palavra — Eu Fico — um novo Imperio ; tirar as luzes das trevas, a ordem do cahos, e a força e a energia da irresolução e do egoismo individual ! »

Não falta quem diga que José Bonifacio conservou-se muito tempo contrario á independencia do Brasil, cuja idéa abraçou á ultima hora, quando certo que se faria forçosamente, e depois tornou-se extremado inimigo dos menos exaltados.

Maria Graham (Journal of a voyage to Brasil, etc.—London 1824) descreve o sequito imperial indo para o Senado e abertura da Assembléa a 3 de Maio de 1823.

Na sessão de 6 de Maio orou José Bonifacio, dizendo entre outras cousas :

« O povo do Brazil, Sr. Presidente, quer uma constituição, mas não quer demagogia e anarchia ; assim o tem declarado expressamente, é uma verdade de que hoje não póde duvidar-se ...

« Estou certo que todos nós temos em vista um só objecto: uma constituição digna do Brasil, do Imperador e digna de nós. (apoiados). »

O Sr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, na sessão de 24 de maio fallou, n'estes termos: « Sr. Presidente: Levanto-me para observar, que se de facto fôr este *Diario* aos jurados, talvez elles ouvirão o que nunca lhes viesse nem se quer á imaginação. Conheço que é prohibido tornar, pela imprensa, suspeitos os deputados nacionaes. Horrorisa-me a dictadura, o poder illimitado attribuido gratuitamente a S. M. I., que não pretende tal, e que mesmo nunca o adoptou, ainda antes da creação desta assembléa, com quem por necessidade se dividem as delegações soberanas. »

« Os Andradas, diz João Armitage, gozavão então de toda a preponderancia e, aproveitando-se do predominio que exercião no *Apostolado* do qual D. Pedro era presidente, alli discutião todas as materias que tinhão de ser submettidas á Assembléa; e até se asseverou que elles mesmos lembrarão o plano de a dissolver, no caso de ella pretender subtrahir-se a este systema de dictadura. Os liberaes se havião separado; e os realistas, apezar de haverem sustentado a administração, tinhão concebido suspeitas ácerca della. Huma circumstancia casual contribuiu a preparar a crise. No dia 20 de junho de 1823, Moniz Tavares apresentou um projecto de lei para a expulsão de todos os adoptivos portuguezes que fossem considerados hostis à causa do Imperio, e Antonio Carlos fallou a favor desta medida. Os realistas, suspeitando que este golpe lhes era dirigido, formarão uma liga com os liberaes, tendo em vista expulsar do ministerio os Andradas e foi com facilidade ganha a acquiescencia do Imperador. Huma quéda do cavallo, pela qual perigou a sua vida, impossibilitou-o de tratar dos negocios publicos por algumas semanas; porém assim que se achou em estado de convalescença, forão os Andradas demettidos em 17 de julho. »

Na sessão de 5 de julho, José Bonifacio propoz que uma deputação fosse testemunhar a S. M. quanto lhe foi dolorosa a noticia do infausto accidente que puzera em perigo sua augusta pessoa; approvada a indicação officiou-se ao Ministro José Bonifacio

pedindo para saber o dia e a hora em que S. M. determinava receber a respectiva commissão. Respondeu S. E. com data de 7 de julho que o Imperador, agradecendo o interesse tomado pela assembléa no seu imcommodo, receberia a deputação no dia 8, ao meio dia.

A deputação desempenhou a sua missão proferindo o Sr. Antonio Carlos, como orador d'ella, na presença de S. M. o discurso seguinte:

« Senhor: a assembléa geral, assim que teve noticia do infausto accidente, que tinha posto em perigo a preciosa vida de V. M. I. encheu-se de ternura e susto, e estes sentimentos é que vimos testemunhar como orgãos seus a V. M. I. A' imaginação aterrada da assembléa se apresentou em todo o negrume o horrivel quadro da sua possivel orphandade, o descorçoador prospecto de uma menoridade sempre fraca e perigosa, e muito mais perigosa e fraca nestes tempos de scisma e convulsões. Ah! Senhor, digne-se V. M. I. por si, pela nação braziliense, que o adora, arredar para sempre até da nossa concepção a possivel volta de semelhantes accidentes prenhes de horror para a assembléa, prenhes de desgraças para a nação inteira. Não é, porém, senhor, da mente nossa, não é intenção da assembléa que vedou essa ingerencia, prescrever a V. M. I. regras de prudencia, o que poderia parecer taxa-la indirectamente; é tão sómente lembrar aquillo a que V. M. tem sem duvida attendido sem precisão de munitores. O amor tem direitos, que a ninguem mais competem, soffre-se com zelo o que desagradaria como importuno intromettimento.

«Se V. M. I. tivesse chegado ao cabo do curriculo de gloria a que a Providencia o destina, e que a quadra actual patentêa, á coragem e á virtude; se então dissesse, como o ambicioso romano, que tinha vivido de sobejo, nós com o orador patriota lhe repetiriamos que não tinha vivido assaz para a patria que V. M. I. adoptou, para a nação com quem se identificou, a qual nesta hora de prova ergue as mãos supplicantes para aquelle de quem principalmente espera o remedio dos males que ameação. Sevandijas despreziveis, é certo, mas peçonhentas, derramão sem susto, ainda na presença do astro do dia, a sua impura saliva, e

contagião os simples; que não farião, pois, se ao consternado Brazil faltasse V. M. I.! Ai de nós, ai do Estado, navio sem piloto, vagaria sem leme e norte à discrição das vagas irritadas. Corramos o véo, porém, sobre um quadro que sómente suspeitado entibia a mais intrepita coragem.

« A assembléa espera que não occorrão semelhantes successos; nas cousas das dividas da humanidade ninguem é extreme, como Vossa Magestade Imperial póde mui bem soffrer enfermidades, e estas não podem deixar de interesssar a assemblea. ella espera, Senhor, que Vossa Magestade Imperial se digne communicar-lhe diariamente o estado progressivo ou decrescente da indisposição, que o afflige; este conhecimento consolador em caso de melhora, ainda no de agravecimento é mister, para pôr a assemblea em guarda, e tomar as medidas que lhe dictarem as circumstancias, e a ameaçada perda do chefe hereditario da nação. A assembléa esperando que reine neste imperio a melhor harmonia entre os poderes politicos, o que lhe seguram os patrioticos sentimentos de Vossa Magestade Imperial, fica certa que Vossa Magestade Imperial annuirá ao seu pedido, cujo cumprimento bem que lhe possa ser doloroso em algum caso, ella crê ser do seu dever e para utilidade da nação rogar com todo o fervor.»

Examinando os «Annaes do Parlamento Brazileiro» verificamos que acerca do incommodo de saude de Sua Magestade o Imperador, proveniente do accidente occorrido a 30 de Junho de 1823, os respectivos boletins forão lidos nos dias 8—9 — 11 — 12 — 16 — 18 — 19 — 21 — 22 — 23 — 28 — 31 de Julho e 1 de Agosto de 1823.

Vamos reproduzir *ipsis verbis*, pois nos parece o mais interessante, o do dia 8 de Julho.

« Vindo Sua Magestade Imperial da sua chacara, denominada « Macaco » no dia segunda feira ultimo de Junho, quasi pelas 6 horas da tarde, aconteceu que ao chegar á ladeira perto do paço de S. Christovão, como corresse o sellim tanto para a garupa do cavallo em que vinha, pela razão de estarem as silhas trazeiras mui largas, que estas ficaram nas virilhas do animal, que se corcovava e desabridamente corria, Sua Magestade Im-

perial, receiando resvalar juntamente com o sellim e ser, em consequencia, maltratado pelos muitos e violentos couces, sobretudo faltando-lhe o apoio da clina, por se ter esta arrebentado e á qual lançara a mão, tomou a resolução de deitar-se abaixo, o que fez para o lado esquerdo.

«Depois de uma quéda tão considerada, batendo com as costas em cheio sobre barro duro, não obstante levar de encontro o braço esquerdo, Sua Magestade Imperial esforçou-se por se levantar, mas não conseguio senão á terceira vez ,que foi quando tambem pôde gritar pelos soldados do telegrapho, que logo o acudirão e segurarão até que chegou Sua Magestade a Imperatriz, acompanhada de seu criado, que ajudarão a Sua Magestade Imperial a recolher-se ao paço até o pateo do jardim, onde descansou por algum tempo. Sua Magestade Imperial subio a escada correspondente ao pateo, seguro tão somente a uma bengala, como observei, quando o vi com surpreza na occasião em que eu ia á descer a mesma escada, ignorando absolutamente tal acontecimento: acompanhamos Sua Magestade Imperial ao Torreão, onde fiz, com o medico de semana o Dr. Antonio Ferreira França, as neccessarias indagações, e achamos o seguinte:

« 1.º Fractura directa na setima costella ternal ou verdadeira do lado direito, no ponto de reunião do seu terço medio com o posterior;

«2.º Fractura indirecta ou por contra-pancada na terceira costella sternal do lado esquerdo, comprehendendo o seu terço anterior;

« 3.º Diastase incompleta na extremidade sternal da clavicula esquerda;

«4.º Emfim, grande contusão no quadril, com forte tensão nos musculos que cercão a articulação femoro-iliaca e com dôr gravativa, principalmente no nervo schiatico que, ao depois, ganhou intensidade notavel com explição de dôres agudissimas e de caracter convulsivo.

« As fracturas eram simplices; a porção do tegumento, correspondente á segunda fractura, apenas estava entumecida por effeito de irritação local. Nenhuma lesão houve nas entranhas existentes nas tres cavidades, cabeça, peito e ventre, menos

a do violento choque, que de certo devião soffrer, se assim indicassem evidentemente a offensa de tal ou tal entranha.

« Appliquei o apparelho apropriado, mas pela intensidade da dôr, e por conseguinte impossibilidade de mover a perna, não me foi possivel manter Sua Magestade Imperial na posição que lhe era conveniente. Convocou-se immediatamente uma conferencia, para a qual forão chamados os conselheiros Drs. Francisco Manoel de Paula e Vicente Navarro de Andrada, medicos da Imperial Camara, e os cirurgiões da Imperial Camara Jeronymo Alvares de Moura e Florencio Antonio Barreto. Reunimo-nos todos quasi á meia noite e unanimemente se assentou que, quanto antes, Sua Magestade Imperial devia ser sangrado, o que abonava e urgia a presença de febre, dôr aguda e mais symptomas irritativos levados a excesso.

« Fiz uma sangria larga, de que logo se seguiu melhoramento decisivo a tal ponto que Sua Magestade Imperial poude deitar-se e adormeceu. A's 2 horas da madrugada applicarão-se no quadril 19 sanguesugas, que copiosamente sangrarão e forão tambem seguidas de grande allivio. Sua Magestade Imperial passou até de manhã sem mais novidade e dormiria duas horas pouco mais ou menos. Nessa manhã ventilou-se a sangria e prescreveu-se por dieta poucos caldos de gallinha. Pelo decurso do dia pouca febre e nenhuma circumstancia mais houve digna de notar-se, porém á noite Sua Magestade Imperial esteve bastantemente afflicto de dôr que comprehendia não só o ponto fracturado da setima costella como quasi toda a extensão do dorso, em correspondencia ao peito. Appliquei, em consequencia, 12 sanguesugas, para o que foi-me preciso, sem desfazer todo o apparelho, praticar uma larga abertura sobre as voltas posteriores da atadura. Sua Magestade Imperial durante a applicação das sanguesugas adormeceu. Passou a noite soffrivelmente e dormio quasi seis horas.

« Dia quarta feira, segundo de molestia, continuação de febre, diminuição da dôr das costas, facilidade da articulação do quadril em executar alguns movimentos. Renovou-se o apparelho e achamos a parte bem figurada e quasi extincta a intumescencia da porção do tegumento em frente da segunda

fractura. Continuou-se a mesma dieta, com addição porém de algumas fatias de pão uma só vez no dia. Passou todo o dia tranquillamente e e á noite dormio nove horas.

« Dias quinta, sexta, sabbado, domingo e segunda feira: Sua Magestade Imperial sentio progressivamente melhoras decididas. Pouca febre na quinta e sexta feira, nenhuma nos outros dias seguintes; bom appetite. Dieta solida, somno tranquillo e poucas vezes interrompido; movimentos quasi livres da perna; nenhuma dôr nas costas, menos no ponto fracturado, e isto algumas vezes; nenhum sentimento doloroso no logar da segunda fractura.

« Renovou-se o apparelho no sabbado.

« Hoje terça-feira, oitavo dia incompleto de molestia: Sua Magestade Imperial continúa a passar bem; levou a noite quasi de um somno; o maior incommado que sente, é o da posição em que vê-se obrigado a estar. Sente-se ainda algum estalo e Sua Magestade Imperial accusa alguma dôr nos pontos fracturados, o que denota estado imflammatorio nos extremos osseos para o trabalho da união. Esperamos que Sua Magestade Imperial se restabeleça em tempo opportuno, segundo a natureza de sua molestia.

« Rio de Janeiro, 8 de Julho de 1823.— O cirurgião da Imperial Camara e assistente á Sua Megestade o Imperador.— Domingos Ribeiro dos Gnimaraes Peixoto.»

Em 7 de Agosto de 1823 publicou o Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto o ultimo boletim no qual daclarou haver tirado n'esse dia pela ultima vez o apparelho de ligadura e S. M. achar-se perfeitamente bem.

A 11 de Agosto, orando o Sr. França em nome da deputação que foi felicitar o Imperador pelo seu restabelecimento, disse S. Ex.. « Tal é, e será sempre a feliz sorte dos Principes humanos, que correndo, como Vossa Magestade Imperial, o nobre estadio das virtude sociaes, se identificarem com os interesses dos seus povos, unico caminho de avançarem seu nome á immortalidade.»

***

« Depois da suspensão do Grande Oriente, as intrigas continuarão; e segundo dizem os documentos que possuo (Mello Moraes é quem falla) planos tenebrosos se urdião n'elle; e dizem que o mais horroso era o de uma conjuração contra a pessoa do Imperador, que deveria ter lugar na capital do Imperio, tendo-se para isso aproveitado o não comparecimento do Sr. D. Pedro nas sessões do Apostolado, por se achar de cama no palacio da Boa Vista em S. Christovão, desde o dia 30 de Junho de 1823, em consequencia de *uma quèda* que soffreu andando a passeio, de que lhe resultou a fractura de uma costella.

« O Imperador soube da conjuração por uma carta anonyma que lhe dirigirão, escripta em allemão, e que foi lida em segredo por Sua Magestade a Imperatriz, a qual continha uma denuncia contra o Apostolado, dizendo-se que n'elle se tramava uma conspiração que devia effectuar-se na noite do dia 16 de Julho se Sua Magestade fosse á sessão do Apostolado. Esta carta foi entregue por um desconhecido dentro de outra, dirigida a Placido Antonio Pereira de Abreu em que se lhe dizia, que sua existencia corria risco iminente se não entregasse a que ia dentro a Sua Magestade o Imperador, em mão propria, n'aquelle mesmo dia.

« Placido Antonio Pereira de Abreu, receioso da ameaça, fielmente entregou a Sua Magestade o Imperador a carta, e como não sabia a quem se dirigir, para dar conta do que lhe fôra ordenado, fez pelo *Diario do Rio de Janeiro* de quarta-feira 16 de Julho de 1823. n. 14 do 2º semestre e 197 do anno, a seguinte declaração: « Placido Antonio Pereira de Abreu faz saber que entregou a Sua Magestade o Imperador a carta que recebeu para lhe ser entregue no dia 15 de Julho de 1823.— Placido Antonio Pereira de Abreu. »

« O Imperador, no mesmo dia em que recebeu a carta, mandou chamar, por volta das 6 horas da tarde, o seu ministro José Bonifacio para conversar; e sem fazer-lhe revelação, lhe determinou que não sahisse, e que por elle alli esperasse em companhia da Imperatriz, pois que se ia curar. Levantou-se e assim como se achava, ligado por ataduras, vestiu-se e embrulhou-se em um capote, e bem agasalhado, porque a noite estava chuvosa, sahiu montado em um cavallo desferrado e dirigiu-se ao quartel

de artilharia monta la, em S. Christovão, e d'ahi pelas oito horas da noite, pouco mais ou menos, acompanhado do commandante Pardal, e de officiaes de confiança, e de uns cincoenta soldados, todos encapotados e bem armados, e montados todos em cavallos desferrados partirão para a cidade, e chegarão á rua da Guarda Vella, onde apearão-se todos.

« Sua Magestade bateu á porta do edificio com a senha da ordem, sendo-lhe aberta a porta ; mas o porteiro duvidando franquear-lhe a entrada, não obstante conhecel-o, foi logo seguro por dous homens, e o mesmo aconteceu ao segundo porteiro. Vencidos esses dous embaraços, não achou difficuldade no terceiro, que era o da reunião.

« Logo que ahi chegava mais um membro do Apostolado, era costume como signal de ordem, levantarem-se todos, e pucharem o punhal, o que sendo presenciado pelos guarda-costas, que erão os officiaes, ao entrar Sua Magestade pucharão pelas espadas ; mas o Imperador, sustendo-os, determinou que os officiaes o esperassem no vestibulo, e caminhou em direitura ao throno, onde Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, presidia ; e querendo este, no acto de lhe o offerecer a cadeira, ajuntar e guardar os papeis concernentes aos trabalhos da sessão, que erão o plano da conjuração e propostas *ad hoc*, em um cofresinho vermelho, que estava ao lado, e que era proprio d'elles, não poude conseguir, porque o Imperador lh'o obstou fazendo-o elle proprio ; e logo em seguida dirigindo-se á assembléa disse: — « Podem retirar-se ficando scientes que não haverá mais reuniões do Apostolado sem minha ordem. »

« A este tempo achavão-se já approximados, fazendo alas os soldados encapotados e armados, e por entre os quaes forão passando os apostolos julgando que dalli irião para as prisões ; porém nada lhes aconteceu, porque nada respirou.

« O Imperador voltou para o palacio, e o que se passou entre elle e José Bonifacio não o pudemos saber ; o que é certo, é que no dia 17 de Julho de 1823 foi José Bonifacio demittido de ministro de Estado, sendo substituido por José Joaquim Carneiro de Campos. Os apostolos bem que nada fizessem claramente, porque o Imperador tinha no cofresinho vermelho o corpo de delicto,

continuarão com as intrigas e perseguições, levantando-se na camara temporaria a mais sanhuda opposição, até que o Imperador a dissolveu...

« Assim, tendo sido a Independencia obra de todos, não póde caber a José Bonifacio o titulo exclusivo de patriarcha da Independencia do Brazil, porque, como elle, muitos concorrerão com o mesmo fervor e enthusiasmo, e se a alguem, com justiça, cabe a gloria de ter sido o patriarcha da Independencia do Brazil, é ao Sr. D. Pedro I de veneranda memoria.»

***

Houve tambem quem attribuisse a instigações particulares da Sra. Domitila a demissão do Ministerio dos Andradas aos 17 de Julho de 1823 para que cessasse a pressão que havia em S. Paulo contra os amigos e sequases de Oeyenhausen.

A Sra. D. Domitila, de uma familia importante de S. Paulo, já vivia separada do marido quando o Imperador a conheceu em 1822 e veio para o Rio de Janeiro em 1823, não se sabe, porém, se antes ou depois de pronunciado no dito anno o seu divorcio por sentença dos Tribunaes.

O Sr. D. Pedro I, apaixonado por ella, muito a attendia, enfurecendo com isto José Bonifacio, que era adversario politico dos paulistas amigos de D. Domitila.

O Imperador, no dizer de A. M. V. de Drummond, tendo fallado a José Bonifacio para conceder amnistia aos réos politicos de S. Paulo e Rio de Janeiro, respondeu o ministro que já sabia do empenho da Sra. D. Domitila, que ella recebera uma somma de dinheiro; o monarcha desviou esta accusação fazendo ver que os homens erão innocentes e encolerisou-se, sendo-lhe negado o que pedia. José Bonifacio, que talvez procurava um pretexto, pedio ali mesmo a sua demissão a 15 de Julho, sendo imitado a 16 por Martim Francisco e D. Maria Flora, camareira-mór, irmã dos Andradas. A 17 os novos ministros amnistiarão os réos.

***

Possue o Instituto Historico e Geographico Brazileiro um cofre de madeira que fazia parte da Bibliotheca Particular de S. M. o Imperador D. Pedro II e de onde foi removido em virtude da generosa doação que fez á dita associação seu bondoso Protector — cerca de 8 mezes antes de seu fallecimento.

Contém o dito cofre, além do cathecismo maçonico, o livro das quatro sessões da loja Esperança, o da cópia da correspondencia recebida pela mesma officina e outros pertencentes as tres Palestras do Apostolado, dos quaes extrahimos os dados seguintes:

O Apostolado comprehendia 3 grupos chamados Palestras e correspondendo ás officinas ou lojas maçonicas:

A Primeira «Independencia ou Morte» só reunio seus membros nos dias 7 e 9 de Fevereiro 1, 8, e 12 de Março; erão elles:

D. Nuno Eugenio de Locio e Seiblitz	cognominado	Zaniolxis
José Luiz de Freitas	»	Serrano
Francisco de Paula Souza e Mello.	»	Aureniby
José de Souza e Mello.	»	Epaminondas 2º
José Antonio de Caldas	»	Cod.º 2º
Manoel Marcondes de Oliveira Mello	»	Tigre
Antonio da Rocha Franco . . .	»	Guimel
João Pedro Carvalho de Moraes. .	»	Constante
Antonio Pinto da Fontoura . . .	»	Reinaldo
Bento Antonio Vahia	»	Arariboia 2º
Domingos de Sza Oliveira Bota-fogo	»	Agronomico
Antonio José Barboza Pereira Jardim	»	Philopatrico
Francisco de Assis e Lorena . . .	»	Piranga
José Antonio Lisboa	»	Confucio

A segunda Palestra, cuja denominação desconhecemos, realizou sessões nos dias 13, 19 e 20 de Fevereiro, 6, 12 e 20 de Março, 12, 19 e 24 de Abril 12 e 17 de Maio 12 e 19 de Junho. Constituio-se com os seguintes membros:

DIGNATARIOS

Coudel — Antonio Telles da Silva	Caramurú
Secretario — José Joaquim da Rocha . . .	Bresto

Inspector — Fran. M. Gord Velozo de Barbuda.	Annibal
Thesoureiro — José Alex. Carneiro Leão. .	Antonino
Syndico — José Antonio dos Santos Xavier . .	Tocano

CAMARADAS

Barão de São João Marcos.	(?)
Frei Antonio de Arrabida.	Diogenes
Antonio Gomes de Brito	Asdrubal
Padre Boaré (Padre Renato Boiret) . . .	Socrates
Clemente Ferreira França	Modestino
Estanisláo Vieira Cardozo	Epaminoudas
D. Francisco da Costa Ferreira de Macedo . .	Leonidas
Francisco Luiz Motta.	Pompeo
Francisco Manuel da Cunha	Gracco
José Almeida d'Azeredo Coutinho	Zephiro
Izidoro de Almada e Castro	Boreas
Joaquim José de Magalhães Coutinho . . .	Adamastor
José Caetano de Andrade Pinto	Firmeza
Luiz J. Duque Estrada Furtado de Mendouça	Nestor
Manoel Ferreira d'Avila Guimarães . . .	Espelho
Ovidio Saraiva de Corrêa e Silva	Patriota
Roque da Silva Moreira	Goyanno
Thomaz Joaquim Pereira Valente. . . .	Acchily
Belarmino (?) de Siqueira	Pelady

Posteriormente foram admittidos nesta 2ª Palestra:

Luiz da Cunha Moreira	(?)
Antonio Marques de S. Payo	Nicteroy
Joaquim José Pereira de Faro	Tinguá
Dom José Teixeira	Papagaio
Antonio Ferreira França.	Esculapio
Ant. de Menezes Vasconcellos de Drumond.	Tasso
Paulo Prudencio Duque Estrada	Acelilly
Raphael Fortunato da Silva Brandão . . .	Ouro Preto
Manoel Ignacio Cavalcante de Lacerda . .	Sempronio
Ernesto Fred. de Verna Magalhães Coutinho	Caramurú

João Gomes da Silveira Mendonça . . .	Aristides
José Saturnino da Costa Pereira	Urangotango
Francisco Carlos de Muray	Taquarassú
André Alvares Pereira Ribeiro Cirne . .	Dragão
Manoel Antonio Alves d'Andrade	Heitor
Padre Narciso da Silva Nepomuceno . . .	Johó
Ricardo Joaquim dos Santos	Ulisses
Padre Francisco Vieira Goulart	Cicinnatus
Padre Manoel Rodrigues da Costa. . . .	Simplicio
Visconde do Rio Secco	Archimedes
Frei Leandro do Sacramento	Pompeo
Antonio Rodrigues Vellozo d'Oliveira. . .	Numa Pompilio
J. Bernardino de Senna Ribeiro da Costa .	Attilio Regulo
Candido José d'Avila Vianna	Itaeslumim
Frei Pedro de Santa Marianna.	Saturno
Manoel José de Oliveira	Vauban
Francisco Pereira Barreto	Milton

Da terceira Palestra « Firmeza e Lealdade » não temos encontrado o livro das actas, o que nos impossibilita de dizer quantas sessões realizou.

Forão membros d'ella:

Ignacio Alvares Pinto d'Almeida	Cezar
Luiz Barros Pereira	Epaminondas
Ezequiel de Aquino Cezar de Azevedo . .	Jaboticaba
Joaquim Octaviano Cezar	Guerreiro
Guilherme Paulo Tilbury	Confucio
Luiz Antonio de Oliveira Bulhões	Silla
Francisco Carneiro de Campos	Plutarco
José da Costa de Araujo Barros.	Gamboa
José Custodio Ribeiro de Magalhães . . .	Fabio
João José Guimarães Silva	Solano
Ignacio Accioli de	Homero
Augusto... de Carvalho	Cezar
João Paulo dos Santos Barreto	Achates
Antonio Manoel...	Ulisses
João Antonio Rodrigues de Carvalho . . .	Ajacio

João Alvares do Amaral. . . . . . . Gall
Braz Ribeiro de Magalhães Doria. . . . Peleo

Não temos encontrado outros nomes, mas podemos, entretanto, asseverar que as Palestras tinhão mais proselytos que os já mencionados, bastando lembrar José Bonifacio e o Sr. D. Pedro I não mencionados nos livros encontrados.

Parece singular que o mesmo appellido servisse a mais de um individuo, assim Cezar — Confucio — Caramurú — etc.

Os iniciados em qualquer das *Palestras* prestavão o juramento correspondente ao grau de recruta nos termos seguintes:

« Juro aos Santos Evangelhos guardar escrupulosamente o segredo de meu grau, não communicando a pessoa alguma Paisana qualquer cousa que na qualidade de Recruta me for confiado, nem tão pouco instruir a alguem do signal da O∴ dos C∴ da S∴ C∴, toque, senha e contrasenha correspondente. Juro obediencia aos meus Superiores na Ordem. Juro finalmente promover com todas as minhas forças e a custo da minha vida e fazenda — a Integridade, Independencia e Felicidade do Brazil, como Imperio Constitucional, oppondo-me tanto ao despotismo que o altera, como á anarchia que o dissolve — Assim Deos ajude. »

* * *

João Armitage depois de haver contado a demissão dos Andradas observa o seguinte:

« A nomeação dos novos ministros foi, como de ordinario acontece, seguida de huma immediata mudança na politica do Governo. Cessarão todas as perseguições instituidas pelos Andradas contra os indigitados como hostis á Independencia; e apezar de que o Brazil e Portugal estivessem em estado de guerra aberta, expedio-se huma ordem ao Governo Provisorio da Bahia, para que alistasse e remettesse para o Rio de Janeiro todos os portuguezes prisioneiros de guerra, que voluntariamente se quizessem engajar no serviço do Brasil. Os Andradas acrimoniosamente censurarão a impolitica d'este passo. Demittidos do ministerio publicarão o periodico *o Tamoyo*, nome de huma tribu de Indios, notaveis pela inimizade que professavão contra os Por-

tuguezes, no qual atacavão a administração existente, acobertados com o nome de hum editor ostensivo. Esta publicação era bem escripta, e testemunhava a extensão e variedades dos conhecimentos litterarios dos Andradas, mas os principios livres ou, para melhor dizer, democraticos, que advogavão, contrastavão singularmente com aquelles que seguião durante o tempo de seu ministerio: quando a sua anterior politica era censurada por outros periodicos, retorquião com demasiada acrimonia; e ao mesmo tempo que com excesso louvavão os actos de sua administração vituperavão os erros dos seus successores, attribuindo-lhes peiores motivos. O engajamento dos Portuguezes prisioneiros de guerra naturalmente suscitou a desconfiança dos patriotas, de que se pretendia restabelecer as antigas relações entre os dois paizes; suspeita abertamente fomentada pelos escriptos dos Andradras, que assim animavão os seus partidistas. Na Camara dos Deputados, sua conducta seguia esta mesma vereda, desde o dia em que José Bonifacio e Martim Francisco forão demittidos do ministerio, acharão-se nas fileiras da opposição, em que sempre excercerão sua influencia em prejuizo da administração.

« Nesta occasião, em 7 de setembro, chegou hum brigue portuguez...... »

Vejamos, porém, como Alberto Pimentel descreve o caso :

« Feita em Portugal a *Villa Francada*, restabelecido o poder absoluto, D. João VI recorre mais uma vez aos seus processos de aguas mornas, manda ao Brazil uma commissão encarregada de entabolar negociações com D. Pedro para tentar ainda uma reconciliação, tomando o monarcha portuguez para si deprimente papel de propor que ao menos seja reconhecida a sua autoridade *pro-forma*.

« Conjuntamente com as instrucções que visavão a este triste alcance politico, envia pela commissão cartas cheias de doçura paternal a D. Pedro I e á Imperatriz Leopoldina.

« A recepção feita na bahia do Rio de Janeiro aos commissarios portuguezes, não desdiz do sentimento de aberta hostilidade manifestada pelas palavras e actos anteriores do Governo Imperial do Brasil.

« Como prefacio da recepção: ordem para ser arriada a bandeira portugueza,« a bandeira inimiga », na corveta *Voador*, que conduzia os commissarios.

« Não se fez esperar nova exigencia: que os commissarios não saltarão em terra sem primeiro prestar um formal reconhecimento em nome de D. João VI, da Independencia e Integridade do Imperio do Brasil.

« Vacillarão, com razão, os commissarios em satisfazer a esta exigencia. Portanto, forão intimados a abandonar o porto dentro de quarenta e oito horas, e a corveta foi retida pelo governo do Imperador, tendo os commissarios regios de regressar a Portugal a bordo de um paquete.

« Apezar do Imperador, por motivos de conveniencia, tratar os commissarios com tanta desattenção, e até esquivar a abrir as suas cartas familiares, pondera João Armitage, foi accusado, com apparencias de verdade, de ter entretido communicações secretas com o Conde do Rio Maior. Como quer que fosse, toda a correspondencia foi immediatamente remettida á Camara dos Deputados, em prova irrefragavel da boa fé de Sua Magestade na causa da Independencia.

« Havia por ultimo esta assembléa causado ao Imperador muita afflicção, visto que a conducta facciosa dos Andradas punha o gabinete em progressivos embaraços. »

Na assembléa geral Constituinte em sessão de 8 de agosto o Sr. Montesuma fez esta indicação: « Proponho que se lêa a proclamação de Sua Magestade o Imperador aos Brasileiros, entregue hoje aos Srs. Deputados e que no fim da leitura se dem *Vivas* a Sua Magestade o Imperador e ás suas intenções constitucionaes.»

O Deputado França oppoz-se á dita indicação: « O governo cumpriu com o que devia. Nada de singular e extraordinario nisso descobro que nos enthusiasme.»

« A leitura desta proclamação não me deu idéas novas; achei o que já sabia, o que Sua Magestade tem proclamado por muitas vezes—ponderou o Sr. Rodrigues de Carvalho—Eu nunca duvidei que Sua Magestade fosse constitucional e creio firmemente que a maior parte dos brasileiros, estão persuadidos disto mesmo sem ser necessario para isso que lessem esta proclamação.

« Quanto ao que disse um nobre deputado, que Sua Magestade não fez mais do que aquillo que a assembléa tinha resolvido, digo que não é assim, porque a assembléa não resolveu que o governo proclamasse aos povos, limitou-se á provincia de S. Pedro e nada mais. »

Na sessão de 17 de setembro de 1823 fallou o Sr. Silva Lisboa que terminou seu discurso com estas palavras: « Só concluirei com a observação, que no descobrimento da America, em que se acharão tribus solitarias ou confederadas, os povos erão selvagens e canibaes, vivendo em reciproca guerra de exterminio ; mas no Mexico e Perú se acharão dois grande Imperios em consideravel grau de população e civilisação, ainda que o governo fosse barbaro por falta de communicação com os povos cultos da Europa.

« O systema da monarchia foi o principio vivificante desses Estados; achou-se porém encravada no Mexico a republica Thascala, que por ciume e odio ao Imperador Montesuma, foi a traidora que se confederou com os hespanhóes invasores e mostrou a estrada da côrte, do que resultou por fim a sua propria ruina e dos ditos Imperios. »

Na sessão de 13 de outubro de 1823, o Sr. Secretario Manoel da Costa leu o discurso que a Sua Magestade Imperial dirigira o Sr. Ferreira de Araujo, como orador da deputação:

« Senhor — Os gloriosos fastos da heroica nação brazileira transmittirão com reverente applauso ás idades futuras a solemnidade deste grande dia.

« Depois que nas margens do Ypiranga trovejara o brado da independencia e ao seu poderoso echo estalarão os pesados ferros da escravidão colonial, os direitos do homem, até então sopeados, mas nunca destruidos, vingarão sobre aquelle afortunado terreno, que a natureza tão prodigamente mimoseara. Era tempo de substituir aos singelos ornatos, que á innocencia emprestavão as variadas aves, os artefactos preciosos, a que suas ricas montanhas offerecião invejadas materias. O argumento da sua força devia ser tambem a garantia da sua duração. Desta arte se erguia um novo imperio, fundado sobre os primeiros alicerces de justiça, na malfadada America, que tres seculos antes

vira com horror afogar-se um antigo imperio no sangue de seus pacificos cidadãos, sacrificados à mais nefanda ambição, mascarada em fanatismo.

« Um principe descendente de muitos monarchas, de uma dynastia respeitada pelos seculos, havia destramente meneado as redeas do governo franqueando-nos os doces fructos da bem entendida liberdade, ainda antes que esta lançasse profundas raizes.

« Centro da união e da força, sua augusta presença afugentara para longe do Brasil as sanguinolentas scenas, que enlutarão as outras partes da America Meridional, e com a velocidade do raio dissipara as negras nuvens da discordia e da intriga. Os bravos brazileiros reconhecerão neste joven heróe, apontado aquelle nome, que os fados lhes prometterão, e não sem difficuldade contiverão nos seus corações agradecidos a torrente da sua gratidão, aguardando impacientes o afortunado dia 12 de outubro. Então, no meio do mais puro enthusiasmo, entre inexplicaveis demonstrações do mais exaltado jubilo, V. M. I. foi elevado ao augusto solio que suas virtudes merecião não empenhando o ferreo sceptro do barbaro despotismo, só valido dos Tiberios e dos Neros, mas imitando os Marco Aurelios e Antoninos, tendo por pharol as luzes do seculo e por alvo a prosperidade do grande povo, de que se constituiu pai, e de que já era perpetuo defensor.

« Uma constituição liberal, já annunciada no salutar decreto de 3 de junho e que fixava as attenções das provincias para a escolha de seus dignos deputados, formou o mais precioso ornato da imperial corôa, e em laço indissoluvel se unirão a grandeza do monarcha e a segurança do imperio no sabio titulo de imperador constitucional. Ah ! senhor !

« E que brilhantes idéas opprimem minha acanhada imaginação. Os relevantes serviços que V. M. I. prestou à causa do Brasil, as incessantes fadigas para privar a sua independencia, viagens rapidas e opportunas, a qualquer parte, onde a hydra da anarchia alçava o altivo collo, a vigilante actividade, como que acodiu a repellir os inimigos externos deste imperio, o qual como Hercules, teve a sorte de afogar, ainda no berço, as venenosas ser-

pentes que contra elle arremassara a inveja de uma iniqua madrasta, tudo me mostra em V. M. I. verificado o que de Trajano disse o seu panegyrista:— Não foi a propria cobiça, mas a utilidade alheia quem o elevou ao sublime throno. »

Na sessão de 6 de novembro de 1823, o Secretario Calmon leu o requerimento pelo qual David Pamplona Corte Real pedia á augusta assembléa providencias a bem da segurança publica e da individual dos cidadãos expondo que na noite de 5 de novembro pelas 7 $^1/_2$ horas, estando na porta de sua botica, no largo da Carioca, fora espancado pelo major de artilharia montada José Joaquim Januario Lapa acompanhado do capitão Zeferino Pimentel Moreira Freire e por elles affrontado e insultado com palavras injuriosas e ameaçadoras na supposição de ser o autor da carta impressa no *Sentinella* no dia 5 (desapprovando a incorporação de officiaes portuguezes ao exercito do Brasil) com a assignatura de — *Brasileiro resoluto* — de que lhe resultarão duas contusões, uma no ante-braço esquerdo e outra sobre a orelha direita.

« Esta materia, disse o Sr. Antonio Carlos de Andrada Machado e Silva, deve ser decidida com urgencia. E' na verdade original que o ser brazileiro e ter sentimentos brasileiros, sirvão de motivo para ser este homem atacado por aquelles que estão ao serviço do Brasil. Eis aqui uma prova de que a nação está dividida em dous partidos, cumpre que estejamos alerta. »

« O que eu vejo nisto, pondera o Dr. Carneiro de Campos, são consequencias dos excessos da liberdade da imprensa, porque muito se tem abusado d'ella.

« Entendo pois que se deve tratar sem demora do projecto de lei sobre essa liberdade, que é uma das materias mais urgentes que temos entre mãos. E' na verdade vergonhoso qeu na occasião em que cuidamos da formação do nosso pacto social, appareção tão frequentemente escriptos que não são mais que libellos infamatorios, em que abundão as descomposturas e as indignidades, sem que appareça uma só producção de que se possa tirar algum proveito, pois tudo em taes obras se encaminha sómente a excitar desordens e rivalidades funestas entre os cidadãos. Tratamos portanto desse projecto de lei pois nada me parece mais necessario do que cohibir tão descafreada liberdade.

«Este mesmo facto eu não o considero senão como um resultado de tão escandalosos abusos.»

O requerimento foi remettido á commissão de justiça para dar o seu parecer com urgencia, o que fez na sessão do dia 8 de novembro, concluindo nestes termos: «A commissão é de parecer que o supplicante deve recorrer aos meios ordinarios e prescriptos nas leis.» — (Assignados) Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira.— José Antonio da Silva Maia.— João Antonio Rodrigues de Carvalho.— José Teixeira da Fonseca Vasconcellos.— Bernardo José da Gama.

A materia foi adiada a pedido do Sr. Deputado Montesuma, para poder combinar circumstancias e até trazer alguns documentos, que julgava precisos. Declararão ter de fallar contra o parecer os Srs. Andrada Machado e Ribeiro de Andrada. Levantou-se a sessão.

Havia o Sr. presidente dado para ordem do dia: 1º, o projecto de lei sobre liberdade de imprensa; e na hora dos pareceres o da commissão de justiça sobre o requerimento de David Pamplona.

Na sessão do dia 10, obtendo a palavra, disse o Sr. Alencar: « Uns cidadãos, que desejão ouvir as discussões, me pedirão agora que, visto não haver lugar ja nas galerias, requeresse eu á assembléa permissão de entrarem para dentro da sala, ficando por detraz das cadeiras dos deputados: eu o proponho, a assembléa decidirá. »

« Nisto não póde haver duvida, exclama o Sr. Andrada Machado, ninguem é mais interessado nos trabalhos e deliberações da assembléa do que o povo: isto tem-se feito em todas as assembléas. Entrem, oução e saibão como nós, ou bem ou mal, defendemos os seus direitos. »

Approvado o requerimento, fallou o Sr. Silva Lisboa n'estes termos; « — Sr. presidente, Sr. presidente!! Está alterada toda a ordem, não se discutio e já foi approvada a entrada tumultuaria do povo n'esta sala, contra o regimento! Eu requeiro que se mande discutir, porque foi decidido contra toda a ordem; está tudo inteiramente fóra da ordem, não está decidido com a regularidade do estylo. Senhores, não vamos levar a praça de assalto,

não queiramos renovar a scena horrorosa da Praça do Commercio em 21 de abril quando os eleitores forão encurralados, e obrarão sem liberdade e se precipitarão a desatinos. »

Observa o Sr. Andrada Machado : « O nobre deputado podia fallar antes de se ter decidido, mas depois não tem lugar. O que me admira é haver tanto medo do povo, e tão pouco da tropa : No meio do povo brasileiro nunca podemos estar mal. » (Apoiados tanto dos Srs. deputados, como das galerias.)

O Sr. Carneiro de Campos lembrou que o regimento prohibia expressamente signaes de approvação, ou desapprovação da parte do povo : « e aqui mesmo, disse S. Ex., por muito menos do que acabo de ouvir se lhe impoz silencio! Desde esse dia sempre o povo tem ouvido com louvavel moderação as nossas discussões, mas os apoiados, que se derão, convém que não continuem pois com elles não temos liberdade de dizer os nossos sentimentos e deverá levantar-se a sessão. »

Pronunciarão-se mais ou menos pró ou contra alguns Srs. deputados e sendo communicado ao povo que podia entrar encheu-se immediatamente a sala. Pouco depois foi lido o officio do ministro de estado dos negocios da marinha communicando que S. M. o Imperador acabava de aceitar a demissão que lhe pedirão quatro dos seus ministros e nomeara para substituil-os Francisco Villela Barboza, Clemente Ferreira França, Sebastião Luiz Tinoco da Silva e José de Oliveira Barboza. Em seguida entrou em discussão o parecer da commissão de justiça acerca do requerimento de David Pamplona Corte Real. Subirão a tribuna o Sr. Andrada Machado e Ribeiro de Andrada sendo este ultimo orador interrompido pelos *apoiados* de alguns deputados e do povo das galerias e sala. Lê-se nos annaes : « O Sr. presidente recommendou silencio, lembrando o regimento ; mas, crescendo o sussurro, e ajuntando-se as vozes do povo ás dos Srs. deputados, que chamavão á ordem, declarou levantada a sessão. »

Na sessão de 11 de novembro o Sr. Andrada Machado mandou a mesa a seguinte indicação :

« Proponho — 1º, que se declare sessão permanente emquanto durarem as inquietações da Capital ;

2°, que se depute a sua Magestade Imperial, rogando que o governo communique á assembléa o motivo dos estranhos movimentos militares que perturbão a tranquillidade desta capital;

3°, que se escolha uma commissão especial, que vigie sobre a seguridade da côroa e se communique com o governo e autoridades, afim de deliberar-se quaes as medidas extraordinarias que demandão as nossas delicadas circumstancias. »

O Sr. Montesuma segundou esta indicação, que pareceu ao Sr. Alencar — precipitação, energia demasiada.

« A precipitação é um defeito, mas a frouxidão tambem não deixa de o ser, » ponderou o Sr. Andrada Machado.

O Sr. Ribeiro de Andrada proferio algumas palavras e acabava de dizer, « sobre estes dous pontos, eu approvo a indicação, » quando o debate foi interrompido pela recepção de um officio do Ministro do Imperio dirigido ao Sr. Secretario Calmon, que o leu nestes termos:

« Illmo. e Exmo. Sr. — De ordem de Sua Magestade o Imperador levo ao conhecimento de V. Ex., para fazer presente á assembléa geral constituinte e legislativa d'este Imperio, que os officiaes da guarnição d'esta côrte vierão no dia de hontem representar submissamente a Sua Magestade Imperial os insultos que tem soffrido no que diz respeito á sua honra em particular, e mórmente sobre a falta do alto decôro que é devido á augusta pessoa do mesmo Senhor, sendo origem de tudo certos redactores de periodicos, e seu incendiario partido: Sua Magestade, tendo lhes respondido que a tropa é inteiramente passiva, e que não deve ter influencia alguma nos negocios politicos, querendo comtudo evitar qualquer desordem que pudesse acontecer, deliberou, e sahio com a mesma para fóra da cidade e se acha aquartelado no campo de São Christovão. Sua Magestade o Imperador certificando primeiramente á assembléa da subordinação da tropa, do respeito desta ás autoridades constituidas, e da sua firme adhesão ao systema constitucional, espera que a mesma assembléa haja de tomar em consideração este objecto, dando as providencias que tanto importão á tranquillidade publica. —

« Paço, 11 de novembro de 1823. — Francisco Villela Barboza. — Illmo. e Exmo. Sr. Miguel Calmon do Pin e Almeida. »

Elegeu-se uma commissão especial de cinco membros que se retiraram da sala para elaborarem quanto antes o seu parecer acerca do officio lido e da indicação do Sr. Andrada Machado, que obteve licença para retirar a 2ª parte da mesma indicação, prejudicada pelo conteúdo do officio.

Entrando em debate o parecer relativo ao requerimento de David Pamplona, exprimiu livremente suas idéas o Sr. Rodrigues de Carvalho, dizendo entre outras cousas:

« Quem não vê o esmero que ha em empenhar a nação no facto, figurando-se que o cidadão fôra offendido por ser brasileiro, e em sua pessoa a nação inteira, apezar de se declarar no requerimento que as pancadas erão para o cidadão autor das cartas assignadas pelo *Brazileiro resoluto?*

« A qualidade de brazileiro não é o que incitou o aggressor, forão as cartas; e para se conhecer quaes erão essas cartas dá-se a caracteristica da assignatura, que é *Brasileiro resoluto*, assim como podia ser o *Portuguez*, o *Francez*, ou o *Inglez resoluto*, — e o effeito seria o mesmo, porque a materia das cartas é a pedra do escandalo, e não a patria do autor.

« Eu, Sr. Presidente, não conheço o cidadão offendido, nem os aggressores; já ouvi dizer que Pamplona era filho de uma das ilhas dos Açores — não sei se é verdade; mas se o é, como corre fama, onde estará a nacionalidade offendida? Seja porém assim, ou não seja, o que a commissão viu é que a causa deste acontecimento foi um abuso da liberdade da imprensa; o que sabe a commissão é que a lei deve ser igual para todos, como diz o nosso projecto de constituição; o que sabe a commissão é que a lei não deve ser retroactiva, e que o legislador attende a razões geraes e não a casos particulares.

. . . .

« Fallemos claro; os indignos periodicos desta cidade e de outras do Brasil tem sido a causa das discordias. Eu não leio *Sentinellas*, *Tamoyos* e outros que taes, porque delles só tive afflicções e tormentos...»

A discussão ficou adiada quasi ás tres horas da tarde para se ler os pareceres da commissão especial, que declarando sentir muito os primeiros movimentos de tropa os quaes puzerão na

inquietação o povo da capital e se lisongeando do acerto das medidas tomadas pelo governo não podia porém conceituar cabalmente os motivos verdadeiros dos acontecimentos pela generalidade com que forão enunciadas entrando em maior duvida quando comparou os acontecimentos com a asserção do ministro sobre a subordinação da tropa e seu respeito ás autoridades constituidas e opina ser ao governo que compete empregar todos os meios que cabem em suas attribuições e lembrar a assembléa as medidas legislativas e extraordinarias que julgar necessarias, para o que a commissão tambem era de parecer que a assembléa se conservasse em sessão permanente até que chegassem as informações especiaes e as proposições do governo. Assignarão Nicolau Pereira de Campos Vergueiro — Felisberto Caldeira Brant — José Bonifacio de Andrada e Silva — Pedro de Araujo Lima — Barão de Santo Amaro e foi o parecer approvado.

Quanto à indicação do Sr. Andrada Machado, a commissão disse ser de opinião que a assembléa continuasse em sessão permanente, como era proposto no art. 1º e que acerca do art. 9º só se poderia dar parecer depois da resposta que se aguardava do governo e assim foi approvado.

Officiou-se ao Governo, cuja resposta chegou à 1 hora da noite ponderando:

« S. M. o Imperador manda responder que sente infinito que a assemblea geral constituinte e legislativa desconheça a presente crise, em que se acha esta capital, crise que até se manifestou nesse augusto recinto a ponto de suspender hontem a mesma assembléa os seus trabalhos extemporaneamente ; o que junto á representação dos officiaes de todos os corpos da guarnição desta corte, por meio de uma deputação que veio à augusta presença do mesmo senhor, deu motivo á prudente medida que S. M. Imperial tomou de fazer marchar as tropas para o Campo de São Christovão, onde se conservão em toda a paz.

« Desejando porém o mesmo senhor satisfazer em tudo à litteral requisição da mesma assembléa ; manda declarar que os periodicos, a que se refere a representação mencionada, são os denominados *Sentinella da Praia Grande* e o *Tamoyo*, attribuindo-se na mesma representação aos Exmos. deputados An-

drada Machado, Ribeiro de Andrada, e Andrada e Silva, a influencia d'aquelle e a redacção d'este; o que muito custa a crer a S. M. Imperial; sendo a consequencia de suas doutrinas produzir partidos incendiarios, de que o governo não póde calcular a força que tem, e poderão adquirir.

« Quanto a medidas legislativas, cuja proposição a assembléa commette ao juizo do governo, S. M. Imperial as julga mais acertadas provindo da sabedoria e luzes do corpo legislativo.»

Apoz a leitura fallarão Andrada Machado — Montesuma — Carneiro da Cunha — Alencar Rodrigues de Carvalho e Andrada e Silva, que observou primeiro: « No caso que se decida que vá a commissão, desde já requeiro que se nomeie outro membro para ella, visto que eu sou designado como pertencente ao partido incendiario » ; ao depois, referindo-se ao governo disse que o *Tamoio* é redigido por tres deputados, entre os quaes eu tenho a honra de ser nomeado e portanto reputado incendiario, mas declarando eu em 1.º lugar, que na pequena parte que me coube, só disse o que a minha consciencia me dictou.»

A commissão especial deu novo parecer e varias emendas forão mandadas para a mesa pelos Srs. Andrada Machado e Carneiro da Cunha, Ribeiro de Andrada e Montesuma, mas prevaleceu a opinião do Sr. Vergueiro, que requereu fosse chamado o ministro para informar circumstanciadamente sobre o objecto dos seus officios, o que foi feito, com a declaração de ficar a assembléa em sessão permanente á espera d'elle.

As 11 horas da manhã do dia 12 chegou o Ministro do Imperio que respondeu a duas perguntas dizendo á respeito da representação dos officiaes:

« Segundo ouvi a Sua Magestade, forão motivos da representação os insultos feitos aos officiaes em alguns periodicos, e especialmente á sua augusta pessoa, chegando até a ser ameaçada a sua existencia physica e politica no *Tamoio* e pediu-se que, sendo redactores deste os illustres deputados — os Srs. Andradas — fossem expulsos da assembléa, o que Sua Magestade declarou logo inadmissivel.»

Apoz a retirada do Ministro houve discussão, na qual o Sr. Montesuma fez uma proposta assim motivada: « O Ministro que

acabamos de ouvir é o Ministro do Imperio e quando lhe fizemos perguntas sobre a tropa respondeu que não sabia e que o Ministro da repartição da Guerra é que podia dar as explicações exigidas; ora, muitas cousas que declarou que não sabia, são importantes e portanto responda a ellas o Ministro da Guerra.»

A lembrança do Sr. Montesuma foi apoiada pelos Srs. Alencar, Andrada Machado, Accioli, Costa Aguiar e Costa Barros; contrariou-a porém o Sr. Silva Lisboa e o Sr. Andrada e Silva demonstrou a sua inutilidade.

A assembléa resolveu não chamar o Ministro da Guerra e mandar a commissão, para interpôr parecer, o ultimo officio recebido do governo com as perguntas feitas ao Ministro e suas respostas.

Pouco depois se annunciou que marchava tropa e que parecia dirigir-se á assembléa.

Vamos reproduzir alguns trechos dos *annaes* respectivos:

« O Sr. Andrada Machado: — Daqui iremos para onde a força armada nos mandar.

« O Sr. Montesuma: — Sr. presidente, se isto é certo, requeiro que se mande uma deputação a saber o que pretende de nós a força armada.

« O Sr. Alencar: — Eu acho que melhor será esperar o que Sua Magestade manda.

« O Sr. Ribeiro de Andrada: — Sr. presidente, o nosso logar é este.

« Se Sua Magestade quer alguma cousa de nós, mande aqui, e a assemblia deliberará.

« O Sr. Andrada Machado: — Se nos fôr permittido deliberar; porque talvez isso mesmo se nos não permitta.

« O Sr. Presidente: — O que me dá grande satisfação no meio de tudo é vêr a tranquillidade da assembléa.

« O Sr. Andrada Machado: — Creio que a illustre commissão póde dar o seu parecer, porque nós devemos continuar a sessão, apezar da approximação da força armada.

« O Sr. Lopes Gama: — E eu creio que não podemos deliberar estando cercados.

« O Sr. Presidente: — Emquanto estivermos cercados, seguramente não podemos deliberar. »

Annunciou-se que estava á porta da sala um official, que vinha da parte de Sua Magestade, e foram dous Srs. secretarios vêr o que elle queria.

« O Sr. Galvão: — Um official me entregou este officio, que é um decreto: e disse-me que trazia recommendação de Sua Magestade para ser lido, e voltar outra vez á sua mão. Pergunto se póde ler-se?

« Decidiu-se que se lesse; e era concebido nos seguintes termos:

DECRETO

« Havendo eu convocado, como tinha direito de convocar, a assembléa geral constituinte e legislativa, por decreto de tres de junho do anno proximo passado; afim de salvar o Brazil dos perigos que lhe estavam imminentes; e havendo esta assembléa perjurado ao tão solemne juramento, que prestou á nação, de defender a integridade do imperio, sua independencia, e a minha dynastia: Hei por bem, como imperador e defensor perpetuo do Brazil, dissolver a mesma assembléa, e convocar já uma outra na fórma das instrucções feitas para convocação desta, que agora acaba, a qual deverá trabalhar sobre o projecto de constituição que eu lhe hei de em breve apresentar, que será duplicadamente mais liberal do que a que a extincta assembléa acabou de fazer. Os meus ministros e secretarios de estado de todas as differentes repartições o tenham assim entendido, e fação executar a bem da salvação do imperio.

« Paço, 12 de novembro de 1823, segundo da independencia e do imperio: — Com a rubrica de Sua Magestade Imperial...

« Clemente Ferreira França. — José de Oliveira Barboza. »

« O Sr. Ribeiro de Andrada: — Creio que V. Ex. deve mandar tirar uma cópia do decreto para ficar aqui, e entregar-se o original ao official que o trouxe.

« O Sr. Secretario Calmon tirou cópia.

« O Sr. Galvão: — Sr. presidente, eu devo declarar que este official me disse que Sua Magestade Imperial mandara esta

tropa para defender a assembléa de qualquer insulto que se lhe pretendesse fazer.

« Muitos Srs. Deputados disseram que agradecião a Sua Magestade.

« O Sr. Andrada Machado: — E' preciso fechar a acta com a cópia do decreto de Sua Magestade, e declarar que, em consequencia delle, se dissolveu a assembléa. Estes papeis se entregarão aos do novo congresso.

« O Sr. Presidente : — Póde o Sr. official assegurar a Sua Magestade da parte da assembléa que ella se dissolve.

« O Sr. Andrada Machado : — Nós já não somos assembléa.

« O Sr. Silva Lisbôa : — Parece-me pouco decente esta maneira de responder nas actuaes circumstancias ; talvez deveriamos fazel-o dirigindo um officio ao ministro da repartição competente. Não digo isto por covardia, mas porque o objecto é de alta consideração.

« Alguns Srs. Deputados pedirão a palavra.

« O Sr. Alencar : — Não sei para que se pede a palavra : as nossas discussões estão acabadas.

« O Sr. Andrada Machado : — Nós já não temos que fazer aqui. O que resta cumprir é o que Sua Magestade ordena no decreto que se acabou de ler. »

Sahirão então da sala todos os Srs. deputados ; dissolvendo-se assim a assembléa pela uma hora da tarde do dia 12 de novembro de 1823.

Lancemos mão de uns topicos da « Historia do Brazil », etc., etc,. de João Armitage, a proposito da ultima sessão da Assembléa Constituinte : « Terminado este interrogatorio, retirou-se o Ministro, e seguio-se huma discussão acrimoniosa, propondo-se que se ordenasse a retirada das tropas para lugar distante da cidade, de maneira que a assembléa pudesse deliberar livremente. A' proporção que o perigo crescia, os cidadãos que havião concorrido, e com os quaes os Andradas muito contavão, começarão a dispersar-se, de sorte que poucos restavão no paço da camara, além dos deputados.

« Os realistas, e particularmente os que hostilisavão os Andradas, alegrarão-se com este incidente e não occultarão a sua

satisfação. José Bonifacio contra o qual erão principalmente dirigidos estes ataques, mostrava sempre a maior coragem. Exhausto pelas emoções que sentira, e por ter passado a precedente noite toda em vigilia, viu-se logo depois constrangido a retirar-se.

« Vendo o Imperador que os tres irmãos continuavão a predominar, montou a cavallo, e veio á cidade á frente de um corpo de cavallaria, e fazendo cercar o paço da Camara por uma força militar, com artilheria, mandou pelo Brigadeiro Moraes uma ordem para que se dissolvesse a assembléa immediatamente. Pretendeu o presidente formar uma acta, para fazer constar a conducta do Brigadeiro, mas nem isto se lhe permittiu e foi obrigado a retirar-se, sem demora, com os seus collegas. »

*
* *

« Transcrevemos aqui (diz o Sr. J. D. da Cruz Lima) o trecho respectivo de uma biographia, que cremos imparcialmente escripta por um coévo. — « No seio da constituinte manifestou-se um grupo, que, eivado de demogogia, parecia querer lutar com o poder. Essa luta era sem duvida funesta ao paiz : a existencia da Constituinte era, pois, um mal ! Ao Chefe do Estado foi indicado o correctivo ; porém, generoso como era, a ponto de ser tolerante, entendeu que o remedio era violento e então procurou na occasião opportuna, com palavras sinceras, como amigo fanatico do Brazil, que elle emancipara, neutralisar as idéas, que parecião exageradas, de um dos membros mais proeminentes desse grupo ; mas a decepção foi completa ! a resposta dessa capacidade foi audaz, chegou a parecer insultuosa ! E foi então que o Imperador D. Pedro I, sciente dessa opinião, recebendo aviso de um dos caracteres mais distinctos da assembléa constituinte em saber e moderação, de que, se o remedio fosse demorado, produziria o effeito contrario, resolveu dissolvel-a com o decreto de 12 de novembro de 1823.

« Esse grupo demagogico da constituinte, que parecia querer macaquear a constituinte franceza de 1789 e 1790, procurava segundo se disse, apoio na tropa e então convinha afastal-a da cidade, emquanto se esperava que esse grupo melhor avisado, não

perturbasse os trabalhos da assembléa; foi o que fez o Sr. D. Pedro I: chamou ao Campo de S. Christovão toda a tropa disponivel que havia na cidade, e ali se demorou 96 horas, até que foi resolvida a dissolução pelo decreto já citado, visto que os meios conciliatorios empregados pelo Imperador generosamente, não só tinhão sido improficuos, como até lhe tinhão valido um grande insulto dirigido pelo membro mais proeminente d'aquelle grupo! E então toda aquella tropa marchou para a cidade, trazendo á sua frente o Imperador, que formando-se no Campo de Sant'Anna, d'ali destacou o commandante da sua Imperial guarda, o Brigadeiro Manoel José de Moraes com o decreto da dissolução para o apresentar ao presidente da constituinte, que com o maior desejo o esperava, assim como a parte sensata da assembléa, como o unico meio de os tirar da collisão!! »

***

João Armitage fez as seguintes ponderações:

« Antonio Carlos e Martim Francisco de Andrada, os deputados Rocha e Montesuma forão presos ao sahir da Camara e com José Bonifacio, que tambem fora preso em sua casa, conduzidos para bordo de uma embarcação prompta a fazer-se de vela e transportados para a França. Assim terminou, ao menos por alguns annos, a carreira politica dos Andradas. Cumpre ao chronista ser imparcial: força é portanto confessar que, quando revestidos do poder, forão arbitrarios; e quando decahidos tornarão-se facciosos; mas as suas vistas erão extensas e sua probidade illibada.

« O desinteresse de José Bonifacio e de seu irmão Martim Francisco é altamente digno de elogio. Honras e riquezas estiverão a seu alcance; comtudo retirarão-se do poder sem titulos nem condecoração e em honrosa pobreza. Muitos dos seus actos são com effeito censuraveis; todavia considerando-se o estado critico do Brasil, naquella época, alguma desculpa se deve dar aos seus erros.

« Durante toda a sessão da Assemblea Constituinte, só passárão cinco projectos de leis, todos sobre objectos secundarios,

pequeno progresso fez a discussão dos diversos artigos constitucionaes. »

Já dissemos que José Bonifacio recusou a Grã Cruz da ordem do Cruzeiro; podemos accrescentar com o testemunho de A. M. V. de Drummond, que tambem recusou o titulo de Marquez, cuja lembrança apresentou o Imperador D. Pedro I ao Conselho de Ministros.

* * *

« Já fallei — disse A. M. V. de Drummond nas suas Annotações — da dissolução pelas bayonetas da Assembléa Constituinte e da prisão e deportação de alguns deputados, escriptores publicos e outras pessoas; convém agora revelar o que até hoje se conserva, pelo que me parece, em segredo concernente áquella dissolução e a esta prisão e deportação.

« O partido portuguez e o partido chamado republicano achavaõ-se para esse fim no mais perfeito accordo. Nem um nem outro podia ser forte, porque não eraõ nacionaes. O partido portuguez tirava a sua força da intelligencia em que estava com o palacio de S. Christovão. O Imperador vivia rodeado de portuguezes e estes occupavaõ no Paço, como no Estado, cargos importantes. O partido chamado republicano por si só era destituido de força e de prestigio, e esperança de triumpho. Ambos estes partidos rodearam a Domitilla, e esta mulher em semelhante conjunctura foi o centro das cabalas e intrigas que deraõ em resultado a dissolução da Constituinte, e a prisão e deportação de alguns dos seus mais terriveis adversarios. O partido portuguez via nesse acto a volta do governo absoluto, a reunião do Brazil a Portugal e a satisfação de uma vingança. O partido chamado republicano nutria, se é possivel, intenções ainda mais damnadas. Com a deportação de alguns dos seus mais terriveis adversarios satisfazia seu rancor vingativo; e com a dissolução da Constituinte esperava pôr em conflagração geral todo o Brasil, donde nascesse a Republica que desejava. O mesmo interesse, para fins diversos, uniu os dous partidos diametralmente oppostos em principios.

« Figurava à testa do chamado partido republicano um moço sem talento, mas activo e rancoroso. Era filho da provincia da Bahia e nascido de paes humildes e pobres. Exercendo um cargo subalterno da magistratura na provincia de S. Paulo, ahi se casou com uma viuva rica. A riqueza lhe augmentou a actividade, e não sei se a violencia do caracter tambem. Ligado com pessoas da familia de sua mulher, procurou influir e ser o arbitro da provincia. As suas idéas o levarão para o republicanismo, mas os seus interesses não permittiam que se separasse dos portuguezes. Era portanto até certo ponto republicano e portuguez ao mesmo tempo. »

« Tal era o homem (?) que por parte dos chamados republicanos mais activamente trabalhou para a dissolução da Constituinte e para a prisão e deportação de alguns dos seus adversarios.

« A Domitila foi quem mais lho servio nesta empreza. E' para mim caso averiguado que esta mulher, que tantos males causou ao Brasil, delle recebera doze contos de reis em premio do seu trabalho. E' para mim caso averiguado, porque vi, li com os meus olhos uma carta escripta por uma mão augusta em que isto assim se relatava. Era uma carta escripta pela excelsa e virtuosa Imperatriz Leopoldina a José Bonifacio de Andrada em novembro ou dezembro de 1827.»

« Revelarei agora — disse ainda Drummond — outro mysterio que me parece ainda achar-se encoberto. Refiro-me à prisão e deportação dos Andradas e alguns dos seus amigos.

« Forão presos ao dissolver pelas bayonetas a Constituinte, como já disse, no dia 12 de novembro de 1823 e postos em um subterraneo da fortaleza da Lage, donde dous ou tres dias depois foi José Bonifacio transferido para a fortaleza de Santa Cruz. O conventiculo de S. Christovão tinha decidido ostensivamente fossem deportados para a França, e conduzidos até o Havre em um navio do Estado. Para este fim foi designado o transporte *Luconia*, embarcação que se achava muito arruinada. Nomeou-se para commandante um official de marinha de nome Cruz, brazileiro de nascimento. Emquanto isto assim se tratava ostensivamente, os influentes do tempo em seu particular discutião se

era ou não conveniente mandar os presos para Portugal. Villela Barboza e Manoel Jacyntho Nogueira da Gama tiverão a iniciativa, e sustentarão a proposta, que foi unanimemente approvada. Confiavão na pericia do Infante D. Miguel, que se achava então influindo decididamente no governo portuguez, para dar cabo dos presos, fosse processando-os como réos de alta traição, fosse secretamente nos calabouços do Bogio. O coração magnanimo do bondoso rei D. João VI ficaria neste caso sem acção pela influencia do Infante D. Miguel.

« Isto assim decidido, era necessario achar pessoa capaz de dar boa conta da empreza para commandar a *Luconia*. O Cruz foi desembarcado e nomeado em seu lugar, com recommendação de Fernando Carneiro Leão, que muita parte teve nos acontecimentos do tempo, um official de marinha, portuguez de nascimento e muito conhecido pela sua má conducta, de nome.... Barboza. Nomearão para segundo commandante outro portuguez, de nome José Joaquim Raposo. A guarnição toda, excepto meia duzia de soldados, era portugueza.

« Faltava tão sómente o consentimento do Imperador, mas nenhum dos conselheiros ousava fazer a proposta, para tomar sobre si o odioso della. Nesta conjunctura decidirão que fosse o commandante Barbosa quem a fosse fazer. Este, aconselhado por Fernando Carneiro Leão, que depois foi conde, parece-me que de S. José, dirigiu-se ao Imperador a pretexto de agradecer a importante commissão de que o encarregava e entrando em conversa com Sua Magestade sobre o assumpto, lembrou a conveniencia de levar os presos para Lisboa e não para o Havre. « Se V. Magestade consentir nisso, eu prometto fazel-o de modo que salve a responsabilidade de todos.» O Imperador respondeu: « Não, não consinto, porque isso é uma perfidia.» O Imperador retirou-se.»

***

A *Luconia* seguio viagem com os presos e suas familias. Levou perto de tres mezes para chegar á altura de Lisboa, onde se conservou desfazendo á noite o caminho que havia feito durante o dia, pois o commandante esperava que algum navio

de guerra portuguez a viesse capturar. Os passageiros desconfiarão e tendo murmurado, o commandante procurou entrar no Tejo, mas não o poude fazer pela opposição do segundo commandante, que levou a *Luconia* pelo caminho do norte, faltarão porém os mantimentos e foi perciso dar fundo no porto de Vigo, onde logo em seguida entrou a corveta portugueza *Lealdade*. Um conflicto era inevitavel, mas interveio o Ministro da Inglaterra em Madrid, os passageiros desembarcarão em plena liberdade e seguirão com passaportes hespanhóes para Bordéos, onde chegarão a salvamento.

Nas suas « Annotações » A. M. V. de Drummond descreve a viagem da *Luconia* assás detalhadamente e quanto a si, eis como se exprime: « As diligencias do governo em se amparar da minha pessoa não cessarão, mas sempre em vão, porque, pelo que sei, não achou senão um homem que se prestasse a servil-o com zelo nesta empreza, e, por uma casualidade, não conseguio elle o seu intento. Fui, na noite de 29, para bordo de um navio inglez que devia largar, no dia seguinte em que se abria o porto, para a Bahia. Aconteceu que a *Luconia*, que levava os deputados, se demorasse mais tempo em os receber e não pudesse largar senão um pouco mais tarde, e como os outros navios, e eram muitos, não podiam sahir senão depois della, aconteceu igualmente que o meu entrasse no numero dos que pela demora da visita já não puderam sahir por falta de vento: tive portanto de ficar a bordo aquelle dia até o outro pela manhã.

« O capitão me disse que havia recebido a meu respeito a mais efficaz recommendação do consulado britanico.

« Depois da dissolução da Constituinte (escreveu tambem Drummond) um decreto datado do mesmo mez de novembro e referendado pelo ominoso futuro Marquez de Nazareth mandou proceder a uma devassa pelo crime de alta traição contra todo o mundo, e se ajuntou por prova ao corpo de delicto um ou dois numeros do *Tamoyo*.

« Nessa devassa, em que jurarão 81 testemunhas, d'ellas só 16 eram brasileiras, e estas referidas, as outras eram portuguezas. Foram pronunciados à prisão e livramento — Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Martim Francisco Ribeiro de Andrada e

Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond. Depois da pronuncia puzeram pedra em cima e não deram mais andamento ao processo. »

Pela delegação em Londres foram pagos aos presos casados uma pensão de 1:200$ e aos solteiros de 600$ annualmente.

Drummond, que não se deixara prender, não teve pensão. Elle havia seguido para a Bahia, de onde passou para a Inglaterra e depois foi permanecer na França, conservando-se em Paris até seu regresso ao Brasil.

* * *

Antonio Pereira Pinto disse no Instituto Historico e Geographico Brasileiro (Revista Trimensal, Tomo XXIX): « A' medida que a noticia da dissolução da Constituinte abordava as diversas provincias do Norte do Brasil, patente era a estupefácção dos povos, e exageradas as apprehensões pela estabilidade do systema constitucional. Ao chronista imparcial, porém, incumbe registrar a circumstancia assás caracteristica que, ao passo que aquelle lado do paiz menos soffrego, como se mostrou na causa da independencia, recebia o acto da dissolução na ponta das lanças, todas as provincias ao Sul do Imperio o applaudião e congratulavão-se com o Imperador por haver tomado o accordo de dissolver o parlamento.

« Foi nas provincias do Sul onde se estabeleceu o grande campo para as evoluções da independencia, seus homens politicos foram os batedores desse movimento sagrado, D. Pedro era pessoalmente conhecido pelo seu caracter leal, pela sua generosidade e pela dedicação com que havia abraçado a causa dos brasileiros ; seu comportamento, pois, relativamente á dissolução daquella assembléa foi encarado por um prisma todo favoravel ás suas rectas intenções e suas promessas de que promulgaria uma constituição vasada nos moldes do mais sensato liberalismo foram sem desconfianças e piamente cridas.

« Nas provincias do Norte porém existião ainda em fermentação as antigas sementes plantadas em 1817, e si não haviam ellas fecundado na grande extensão de seu territorio, cresciam todavia viçosas em algum recanto, cuidadas pela de-

voção de invisivel e fanatico partidista, e essas sementes espargidas pela mão de homens audazes deram em fructo as agitações a que temos alludido. Assim explica-se a todas as luzes a differença de procedimento que se nota entre o Norte e o Sul do Imperio, na questão da dissolução da Constituinte.

« Deste esboço historico póde concluir-se que melhor avisados andariam os fautores da independencia, e os conselheiros do primeiro reinado, se suggerissem ao principe a idéa de promulgar elle proprio a carta constitucional, sujeitando-a ao suffragio da nação por intermedio de suas municipalidades; tal alvitre conjuraria, nós o cremos, os cataclysmos que a dissolução da constituinte trouxe ao paiz e evitaria a collisão em que foi collocado o fundador do Imperio de a dissolver expondo-se á impopularidade, ou de a conservar, quando dominava em seu animo o pensamento de que essa assembléa ou a sua fracção mais exaltada tentava pôr entraves ás medidas politicas e administrativas, que se lhe antolhavão mais proficuas para a organisação do Imperio. Esses escrupulos, escrupulos aliás patrioticos, foram em nosso fraco pensar, os unicos e poderosos agentes que determinaram a execução daquelle acto, julgando firmemente o primeiro Imperador que justiça lhe seria feita desde que sem demora e sem subterfugios dotasse o paiz, como o dotou, com uma constituição notavel pela consagração dos sãos principios e da verdadeira doutrina liberal.

« Pouco tempo depois da dissolução, erão remettidos a todas as Camaras do Imperio os exemplares do projecto de constituição, e com tanto açodamento se houverão as populações em acceital-o que por decreto de 11 de março de 1824 marcava o Imperador o dia 25 seguinte para seu juramento na Côrte!! »

CARTA DE LEI DE 25 DE MARÇO DE 1824

« D. Pedro, etc.: Fazemos saber a todos os nossos subditos que, *tendo nos requerido os povos* deste Imperio, *juntos em Camaras*, que nós, *quanto antes*, jurassemos e fizessemos jurar o projecto de constituição que haviamos offerecido ás suas obser-

vações para serem depois presentes á nova assembléa constituinte, mostrando o grande desejo que tinhão de que elle se observasse já como constituição do Imperio, por lhes merecer a mais plena approvação, e delle esperem a sua individual e geral felicidade politica, nós juramos o subredito projecto para o observarmos e fazermos observar como Constituição, que d'ora em diante fica sendo deste Imperio, o qual é do teor seguinte... etc. »

***

A 12 de dezembro de 1823 chegando á Bahia o deputado Calmon, espalhou-se a noticia da dissolução da Constituinte e derão-se ali as primeiras agitações. Na manhã seguinte o povo requereu a convocação das Camaras, o que se realizou, e ao Governo Imperial foi communicado a magoa que causara a dissolução da Constituinte, aguardando a breve promulgação da Constituição promettida, intercedendo entretanto pela liberdade de acção dos deputados presos ou expulsos.

A's representações dos Bahianos respondeu o Imperador que vira-se na dura necessidade de dissolver a Constituinte, cujas discussões vertiginosas começavam a soprar a discordia entre os Brasileiros e quanto aos deputados presos que doloroso lhe era não poder arrancal-os á acção do poder judiciario, havendo incorrido em grande responsabilidade açulando as paixões do povo e machinado planos sobversivos da ordem publica. Acalmárão-se os espiritos, chegando na Bahia a 30 de janeiro de 1824 o Marechal Felisberto Caldeira Brant com exemplares do projecto da Constituição, que ali foi acceito e approvado por numeroso concurso de cidadãos com assistencia do presidente da provincia a 10 de fevereiro de 1824.

« Infelizmente, diz Antonio Pereira Pinto, a paixão politica é sempre surda á voz da razão e da justiça, os inimigos de D. Pedro respigárão com mão larga a seara da dissolução para tornal-o suspeito á confiança do paiz, e pois a lava revolucionaria, que apenas crestara a capital da Bahia, invadiu, medonha, a provincia de Pernambuco, alastrando seus estragos pelo Ceará, Parahyba e Rio Grande do Norte.»

Eis o que diz D. Herculana Firmina Vieira de Souza acerca da Constituição outorgada por D. Pedro: « Todas as provincias ao sul da de Pernambuco, e as do Pará e Maranhão a acceitaram e jurarão-na, porém aquella, que ardia em guerra civil, recusou-se. O presidente dessa provincia Manoel de Carvalho Paes de Andrade não quiz entregar o Governo a Francisco Paes Barreto, nomeado pelo governo Imperial para o substituir e depois de varios conflictos entre os dous partidos, Manoel de Carvalho proclamou o governo republicano em 24 de julho denunciando D. Pedro como trahidor, e convidando as provincias do norte a negarem obediencia ao governo Imperial e a formarem entre si uma republica que se chamaria *Confederação do Equador*. Muitos habitantes da Parahyba, Rio Grande do Norte e do Ceará declararam-se por esta causa, porém o enthusiasmo ficou bem longe de ser tão geral como Carvalho esperava, e os revoltosos de Pernambuco viram-se reduzidos aos seus proprios recursos.

« O que fez o governo Imperial ao saber destes acontecimentos?

« Mandou aprompțar uma expedição commandada por lord Cochrane, que partiu do Rio de Janeiro no dia 1 de agosto. Cochrane, chegando a Maceió, fez desembarcar a tropa de terra, cujo commandante era o brigadeiro Francisco de Lima e Silva, e seguiu á pôr cerco no porto do Recife, porém o almirante não proseguiu neste bloqueio com o seu costumado vigor, pois contentando-se em mandar á terra algumas proclamações, que não produziram nenhum resultado, retirou-se para a Bahia.

« Depois de varias escaramuças, sempre vantajosas ás armas Imperiaes, o brigadeiro Lima fez a sua entrada na capital no dia 12 de setembro. As tropas de Carvalho retiraram-se para o bairro do Recife, cortaram a ponte e fortificaram-se. A situação ameaçava prolongar-se, quando um feliz acaso concorreu para accelerar o desfecho. Manoel de Carvalho, que tinha ido encontrar-se com a força do major Ferreira, achou interceptado o caminho da capital pela vanguarda do brigadeiro Lima e não podendo voltar por terra, embarcou em uma jangada para ir acudir á defesa da cidade; porém já não pôde desembarcar, e foi obrigado a refugiar-se a bordo da corveta ingleza *Tweed*. Com

a fuga de Carvalho, os seus partidarios julgaram a causa perdida, e no dia 17 a cidade estava toda em poder das tropas Imperiaes. As tropas de Carvalho reunidas ás do coronel José de Barros Falcão atacaram a Boa Vista no dia 13 de setembro, porém depois de um combate mortifero de ambos os lados foram batidas completamente e retirando-se para o interior, viram-se por fim obrigadas a entregar-se á columna Imperial, que as perseguia. O Rio Grande do Norte, o Ceará e a Parahyba sujeitaram-se successivamente; e assim se aniquilou em poucos mezes a *Confederação do Equador*.»

Existem diversas narrações minuciosas das occurrencias relativas á *Confederação do Equador* chefiada por Manoel de Carvalho Paes de Andrade, tendo como secretarios, ao que consta, certo Dr. Saldanha e Frei Joaquim do Amor Divino Caneca; e auxiliares: o commandante das armas José de Barros Falcão de Lacerda, o major José Antonio Ferreira e outros officiaes, além de João Metrowich e Joaquim da Silva Loureiro commandantes de um brigue e uma escuna que conseguiram armar em guerra. Foi segundo commandante do brigue — João Guilherme Ratcliff, que conduzido á Côrte, processado e condemnado por accordão da relação de 12 de março de 1825, foi executado a 15 do mesmo mez no largo da Prainha

Frei Caneca e outros foram tambem executados, sendo certo que se procedeu com acceleração contra alguns dos revoltosos por causa das circumstancias particulares do paiz naquelle tempo.

Referindo-se aos insurgentes do Ceará ponderou Antonio Pereira Pinto o seguinte: «O illustrado historiador inglez Macaulay diz que a democracia não necessita do apoio da tradição para impor-se; é por isso que, ao desabrochar das revoluções, os mais ignorantes e os mais audazes occupam quasi sempre os altos cumes, emquanto que os espertos conservam-se á sombra espreitando attentos a hora dos despojos.»

*
* *

Lê-se na Historia do Brasil de João Armitage: «Considerou o Gabinete de Lisboa a dissolução violenta da Assembléa Con-

stituinte como prova irreparavel da ascendencia do partido portuguez no Brasil e concebeu algumas esperanças de que D. Pedro ainda se sujeitaria á Supremacia de seu pai, e restabeleceria a reunião com a mai-patria. Não lhe tardou o desengano de que taes idéas eram falsas e em março de 1824 recorreu por uma nota verbal, apresentada em Londres pelo intermedio do Conde de Villa-Real, á intervenção de Sua Magestade Britanica, para que se obtivesse a acceitação por parte do Brasil ás seguintes condições:

1º, a cessação da hostilidade da parte do Brasil contra os navios e subditos portuguezes;

2º, a restituição de todas as propriedades portuguezas injustamente confiscadas;

3º, não intentar-se ataque algum sobre as colonias que continuavão a ser fieis á Portugal;

4º, a demissão de todos os subditos inglezes empregados pelo governo do Brasil. »

Mr. Canning, que estava á testa da Repartição dos Negocios Estrangeiros, de bom grado acceitou o caracter de medianeiro, visto que perigavão os interesses da Inglaterra tanto em Portugal como no Brasil e Mr. Chamberlain, o encarregado de negocios no Rio de Janeiro, foi incumbido de propor ao ministerio brasileiro a acceitação das precitadas condições.

« Esta mediação pacifica não agradou ao Gabinete Portuguez: esperava elle conseguir mandados positivos, sustentados pela interferencia armada... ostentou determinar-se a reduzir o Brasil á obediencia por meio de uma expedição que se preparava no Tejo e emquanto proseguia debaixo destas vistas, Felisberto Caldeira Brant regressou á Inglaterra, acompanhado de outro Commissario, para propor a negociação da paz.

« Logo que o Gabinete Portuguez soube da chegada dos Plenipotenciarios Brasileiros á Inglaterra deu positivas seguranças que nenhuma expedição sahiria de Portugal, emquanto pendessem as negociações. Suspendêrão-se comtudo estas negociações em consequencia da tentativa feita por D. Miguel para derribar o Governo de Portugal

« Só depois de haverem ultimado os negocios internos de Portugal se pôde tratar dos do Brasil. Encetárão-se finalmente as negociações entre os Plenipotenciarios Brasileiros e o ministro Portuguez em 12 de Julho, sem que cousa alguma definitiva se concluisse ....

« Os commissarios brasileiros exigião independencia e os portuguezes pretendião impor soberania. »

Emquanto o Sr. Canning afastava o perigo da continuação das hostilidades e requisitava o reconhecimento da Independencia, os representantes da Austria, Russia e Prussia recommendavão antes a guerra do que a admissão de principios revolucionarios.

« O ministerio portuguez determinou-se a uma politica mixta e assim conseguiu desagradar a todos. »

Redigiu um projecto, que foi rejeitado. Enviou para o Rio de Janeiro um emissario de nome Leal, que foi repellido.

Canning mandou Sir Charles Stuart a Lisbôa afim de convencer S. M. F. e depois seguir para o Rio de Janeiro na qualidade de negociador, contando com o auxilio dos representantes da Austria, cujo Imperador era sogro do Sr. D. Pedro I.

O *Spartiate* partiu de Lisboa a 24 de maio e chegou ao Rio de Janeiro a 18 de julho, conseguindo Sir Charles Stuart em 29 de agosto de 1825 assignar por parte de El-Rei D. João VI com os plenipotenciarios do Imperador D. Pedro I o Tratado e a Convenção reconhecendo a Independencia do Brasil.

« Muito escandalisou ao novo historiador, diz, J. D. da Cruz Lima, a indemnisação por Portugal fixada em 1.400.000 e a do Sr. D. João VI pelas propriedades particulares que deixou no Brasil prata e alfaias da Capella Imperial, etc., na importancia de 600.000 fazendo um todo de 2.000.000 obrigando-se o Brasil a pagar aquella primeira quantia á Inglaterra, a quem Portugal devia, em vez de lhe pagar a elle Portugal essa importancia.

« A maneira do pagamento, pouco importa, foi um endosso a favor da Inglaterra.

« Quanto, porém, á sua importancia, seja com que titulo for, não seria o Brasil privilegiado, para livrar-se de uma indemnisação qualquer á Mãi Patria.

« Era porventura menos justo que a nossa Independencia a dos Estados Unidos? E que rios de sangue lhe custou, a par de sommas fabulosas?! »

Ouvimos o illustrado Dr. Antonio Zeferino Candido ponderar que a divida de 1.400.000 libras esterlinas havia sido contrahida em tempos idos para acudir á necessidades do Brasil onde foi empregada a respectiva importancia.

* * *

Acerca dos acontecimentos que occorrerão no Sul do Imperio no anno de 1825 disse D. Herculano Firmino Vieira de Souza:

« As Republicas do Rio da Prata conspirando-se para arrebatar Montevidéo ao Brasil, proclamaram-n'o estado livre e independente, dando-se alguns encontros insignificantes dos diversos bandos de gauchos que percorrião o territorio com as tropas brasileiras. Finalmente, no dia 12 de outubro Bento Manoel Ribeiro, ousando atacar D. João Antonio Lavalleja, que se achava no logar de Sarandy com forças muito superiores, foi batido completamente e teve de debandar, deixando nas mãos do inimigo duzentos prisioneiros. »

* * *

Recorrendo as « Cartas Andradinas, » reproduziremos alguns trechos:

Martim Francisco escreveu de Bordéos a 12 de setembro de 1824:

« Folguei muito com a noticia, que me dá, das novas medidas tomadas pelos Pernambucanos, e com a suspeitada futura adhesão dos Bahianos. Oxalá que semelhante febre revolucionaria lavre por todo o Brasil! Teremos de soffrer causticos e sangrias, mas é o unico meio de escaparmos com vida e de obtermos a liberdade e a independencia. »

Igualmente de Bordéos escreveu a 18 de setembro de 1824 Antonio Carlos a Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond :

« Meu amigo, cumpre abrir os olhos ao Brasil sobre a sua situação, sobre as ciladas que lhe arma o Imperador, sobre os seus traidores commissarios de Londres, sem poupar-lhes a vida e caracteres, emfim nada poupar para desacreditar a cafila de marotos; isto talvez se pudesse fazer por cartas nos jornaes inglezes, que se dissessem recebidos do Brasil; e como V. S. tem correspondente seguro, niguem descobriria a fonte. »

Ao mesmo Drummond escreveu Martim Francisco em 19 de setembro.

« Já Antonio hontem lhe communicou a noticia do Decreto para o nosso regresso; diga-me o que collige d'elle, que eu depois direi tambem a V. S. o meu parecer.

« A nomeação dos Senadores é uma prova irrefragavel da infamia e traição do I., e da fraqueza do povo do Rio; a escolha que o I. fizer não póde desagradar, porque os excluidos serão os Deputados, porque Manoel Jacintho e Ribeiro de Rezende serão Senadores pela Provincia de Minas, e Carneiro Leão contentar-se-ha em ver os cunhados empregados; d'esta forma arranja-se tudo e a desgraça do Brasil consumma-se. N'um tal estado de crise, todo o silencio é criminoso; é pois de necessidade que se inteire ao Brasil de tudo o que contra elle se trama, e d'esta fórma paga-se a divida de bom filho.

« Eu não creio nas noticias de Pernambuco por ora, porque vieram de envolta com as do Pará, que com elle não tem relações algumas.

« Não será antes natural que semelhantes noticias sejam forjadas para beneficiar e ultimar o emprestimo? Deus o permitta. »

A 20 de novembro Martim Francisco ponderava :

« Em geral não ha liberdade sem amor da patria, não ha este sem paixões desinteressadas; ora, no Brasil, patria é palavra vasia de sentido; commendas, pensões, empregos, quero dizer, dinheiro ou representação é tudo. »

A 14 de novembro de 1825 José Bonifacio escrevia de Talance (sitio perto de Bordéos) para seu amigo A. M. V. de Drummond:

« Emfim, poz o ovo a grã pata e veio a lume o decantado Tratado, que sahiu melhor do que esperava; — ao menos temos Independencia reconhecida, bem que a soberania nacional recebeu um coice na bocca do estomago, de que não sei se morrerá, ou si se restabelecerá com o tempo; tudo depende da conducta futura dos Tatambas. Que galanteria jocosa de conservar João Burro o titulo de Imperador, e ainda mais de convir nisso o P. Malasartes! Mas com esta farça o astuto Canning *escamoteou* o reconhecimento a Vienna e Pariz. Se for certa a amnistia de Pernambuco, creio que Stuart a ampliará com mais justiça a todos os fugitivos e deportados, que teem nem vislumbre de crime. — O peior é, segundo os infaustos vaticinios do meu Tibiriça, que talvez o Senhô Imperadô, para se lavar do crime de ingrato, não se lembre de mim para alguma cousa publica, o que já agora me assusta; pois o que só desejo é ir acabar os meus cansados dias de jaleco e bombachas de algodão nos meus Outeirinhos. »

A 4 de abril de 1826 ao mesmo amigo Drummond escrevia José Bonifacio:

« Apezar da falta de noticias officiaes do Brasil sobre os façanhosos acontecimentos de janeiro, eu creio que por lá anda tudo azul, e que apezar da politica machiavelica do mais machiavelico gabinete da Europa, Canning está mettido em entrosga diabolica. — Esperemos que venha á luz o parto, o que não póde durar muito, para rirmos ou chorarmos. A Imperial criança está com dysenteria de tenesmos, ou com febre maligna de tresvarios; — de qualquer modo vai mal, e irá de mal a peior com a morte do Pai e com a successão do Throno Portuguez, de que dizia não queria *nada, nada e nada*. »

*

Quizeramos poder aqui reproduzir a Memoria intitulada « A Independencia do Brasil » ensaio historico por Franklin Doria,

Barão de Loreto, mas muito longe nos levaria transcrevel-a e não é imprescindivel fazel-o estando ja inserida na *Revista Trimensal* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro (Tomo LIX parte II) « este trabalho valioso por mais de um titulo » como bem disse o General João Severiano da Fonseca, no parecer que lavrou em 25 de outubro de 1896 na qualidade de Relator da Commissão de Historia do Instituto.

Devem comtudo ser aqui trazidos ao menos os topicos seguintes:

« Divide-se (o acima referido ensaio historico do Illustrado Sr. Barão de Loreto) em tres capitulos, cada qual mais interessante ; o primeiro versa sobre as Côrtes Constituintes da nação portugueza e a independencia do Brasil ; occupa-se o segundo da guerra da independencia da Bahia e o terceiro do reconhecimento da independencia do Brasil pelas nações estrangeiras.

« O primeiro e o ultimo são incontestavelmente os mais meritorios ; encerrão alguma cousa de novo sobre a materia : o que poderiamos chamar a face portugueza e a face diplomatica do assumpto.

« E de facto : aquelles que se têm occupado com a historia da emancipação politica desta porção da America hão limitado suas investigações a explorações do que se fez entre nós ; do que se levou á effeito no Brasil, — sem se lançar as vistas para o outro lado do Atlantico, afim de apreciar a serie de factos com os quaes o governo portuguez procurava oppor-se á nossa independencia. O tom geral é de que as Côrtes de Lisboa, por medidas necessarias, visavam reduzir outra vez o Brasil á sua passada condição de colonia, nos moldes exactos do que existia antes da vinda da Côrte de D. João VI á estas plagas.

« Mas que medidas erão essas ? que ideas, que planos encerravão ?

« E' o que ninguem se lembrou de dizer-nos, deixando dessa arte sensivel lacuna na historia.

« O Sr. Barão de Loreto, compulsando especialmente o *Diario das Côrtes da Nação Portugueza e os Documentos para a Historia das Côrtes Geraes*, duas publicações de incontestavel valor para o assumpto, preencheu até certo ponto a referida

lacuna, e, por este lado, seu ensaio historico é de merecimento apreciado.

« Dizemos que *até certo ponto* preencheu a velha falha existente em nossos annaes, porque é evidente que o illustrado autor poderia ter levado muito mais longe suas pesquizas e esclarecer com maiores vantagens o motivo em questão. Seu escripto não tem o desenvolvimento que fôra para desejar, que era de esperar e que ninguem melhor que o proprio autor lhe poderia prescrever.

« Nota-se certa preoccupação em destacar o vulto do deputado Domingos Borges de Barros, futuro Visconde da Pedra Branca, ao passo que em completa sombra ficam homens da envergadura politica de Cypriano Barata e Muniz Tavares, cujos nomes nem apparecem siquer, dizendo quasi nada de Antonio Carlos, Fernandes Pinheiro, Diogo Feijó e muitos outros. Em todo o caso, porém, em seu bello ensaio o autor trilhou caminho até o presente inexplorado.

« O terceiro capitulo que, como adiantamos, trata do reconhecimento da nossa independencia pelas nações estrangeiras, é o mais curioso pelas revelações que nos traz. Esta parte da estimavel obra desvenda as difficuldades oppostas ao nosso reconhecimento entre as nações livres, já indicadas por Drummond nomeadamente pelas Côrtes de França e Austria; esta pelo aferro ao espirito autoritario posto em voga por Mettèrnich, aquella pelo ciume que nutria contra a Inglaterra. Alguma cousa tambem revela a respeito da Russia, da Hespanha e da Prussia.

« Tinha sido igualmente esta uma das faces geralmente descuradas pelos nossos historiadores. D'ahi seu valor intrinseco, por lacunosa que ainda seja.

« A parte referente á guerra da independencia na Bahia, comquanto esteja bem narrada, é a menos momentosa, por ser o assumpto já bastante conhecido, principalmente depois do que a respeito se deve á penna do nosso notavel chronista Ignacio Accioli. Fora bem possivel estender a narrativa a outras regiões onde houve resistencia e independencia, como Montevidéo, Maranhão, Piauhy e Pará.

« Fazendo votos para que algum dia o brilhante escriptor, já tão conhecido nas lettras patrias, amplie mais as suas investigações e dote nossa litteratura com uma historia completa da nossa emancipação politica, declaramol-o no caso de pertencer ao Instituto, que com desvanecimento o receberá em seu gremio.»

Realisou-se o intento do illustrado relator ; pois o Sr. Barão de Loreto foi admittido ao Gremio do Instituto e tomou posse proferindo brilhante allocução em 6 de dezembro de 1896.

PARTE II

Fazendo parte do acompanhamento da Rainha D. Maria I e de seu filho o Principe Regente, mais tarde El-rei D. João VI, vierão de Portugal para o Brasil, onde chegarão em 1808, Joaquim José de Magalhães Coutinho, sua esposa D. Marianna Carlota de Verna Magalhães Coutinho, um filho e uma filha — Ernesto e Maria Antonia de Verna Magalhães Coutinho.

Leopoldina Isabel, o ultimo fructo do casal Verna Magalhães Coutinho, nasceu em 1817, no Rio de Janeiro, n'uma casa do Campo de Sant'Anna, canto da rua Frei Caneca.

Joaquim José de Magalhães Coutinho, natural da freguezia de Santo Antão de Toyal no conselho e districto de Lisboa, era filho do legitimo consorcio de um distincto cavalheiro portuguez com uma descendente de fidalgos irlandezes. Existem retratos a oleo dos dous conjuges e uma miniatura de Joaquim José de Magalhães Coutinho.

D. Marianna Carlota de Verna Magalhães Coutinho, natural da freguezia de S. Salvador, na cidade de Elvas, era filha legitima do coronel Ernesto Frederico de Verna que morreu na guerra peninsular, servindo na legião portugueza do Roussillon.

D. Marianna Carlota de Verna Magalhães Coutinho deixára na metropole as irmãs D. Marianna Ernestina de Verna e D. Maria Frederica de Verna, bem como o irmão José Frederico de Verna, cujos filhos, annos depois, tambem vierão para o Brasil, a saber: D. Joaquina Adelaide de Verna e Bilstein que morreu solteira, D. Maria José de Verna e Bilstein que se casou com Richard Schelley e teve um filho de nome Diogo fallecido aos 14 annos de idade, João Reinaldo de Verna e Bilstein, Honorato Frederico de Verna e Bilstein e Ernesto Frederico de Verna e Bilstein que do seu consorcio com D. Maria do Carmo de Castro Canto e Mello deixou os filhos Miguel de Castro de Verna e Bilstein e José de Castro de Verna e Bilstein. Existem ainda uns bisnetos de Ernesto Frederico de Verna e Bilstein filhos de uma neta d'elle, já fallecida, e usando outros nomes.

* * *

Bilstein ou Bielstein é uma pedra saliente, penhasco ou penedo, nas montanhas do Grã-Ducado de Hesse.

Ha quem pense que se deve escrever Werna com W e que este nome como o de Bilstein tem origem allemã: não seria, porém, impossivel que Bilstein tivesse vindo da Allemanha e Verna da Italia, pois que no meiado do seculo XVIII vivia em Napoles um afamado doutor em medicina com o nome de Verna (Grand Dictionnaire de Pierre Larousse).

D. Marianna Carlota de Verna Magalhães, aliás como alguns de seus sobrinhos e sobrinhas, sempre escreveu o nome de sua familia com V e dos nomes da familia do marido dispensára o ultimo, isto é, Coutinho.

* * *

No mesmo anno de 1808, em que chegára ao Rio de Janeiro, Joaquim José de Magalhães Coutinho obteve por doação do Principe Regente um terreno no Engenho Novo onde formou a chacara ainda hoje pertencente aos seus decendentes e tendo o n. 32 na rua Barão de Bom Retiro.

Esta rua, que principia na rua Vinte e Quatro de Maio (Estação do Engenho Novo) no ponto não ha muito denominado das « Tres Vendas », finalisa hoje nos « tres chalets » ao lado do Jardim Zoologico, mas fazem poucos annos terminava na rua Barão de Mesquita ; outr'ora chamou-se estrada de Cabuçú e ligava o Engenho Velho com o Engenho Novo, bairro desde seu principio em communicação directa com o de S. Christovão.

Uns caminhos roceiros, ramaes da rua do Barão de Bom Retiro, ha perto de 15 annos passárão a ser chamados ruas D. Romana e General Bellegarde, em homenagem a proprietarios locaes ; sendo D. Romana esposa do Dr. Francisco Ignacio Ferreira e irmã do Barão, depois Visconde de Bom Retiro.

Sabe-se que de 1580 a 1583 os Padres Jesuitas levantarão um engenho que não tardou a ser rodeado de plantadores de cannas de assucar e que em 1700, prevendo que a cidade acabaria por estender-se até o local do dito engenho, os Reverendos construirão outro mais longe, ficando este denominado Engenho Novo e aquelle Engenho Velho, bem como as respectivas localidades.

Nas suas « Memorias Historicas do Rio de Janeiro, etc. » (Rio de Janeiro, na Imprensa Regia — 1820) José de Souza Azevedo Pizarro de Araujo, occupando-se da freguezia de S. Francisco Xavier do Engenho Velho, abrangendo Andarahy, que fazia parte do districto miliciano de Inhaúma, trata do sertão da Fazenda intitulada Engenho Novo, cujo territorio foi assás cultivado depois de 1808, e pondera que :

« Na sobredita Fazenda do Engenho Novo existia uma fabrica de assucar, que os Padres haviam estabelecido poucos annos antes do seu exterminio e os arrematantes da propriedade (1780), Manoel de Araujo Gomes e seu sobrinho Manoel Joaquim da Silva e Castro o reformaram ; mas o filho do primeiro, Manoel Theodoro, como possuidor actual da Fazenda (1819), persuadido da maior conveniencia pelo arrendamento das terras, em porções limitadas, demoliu o edificio.

« A maior parte do territorio he occupado por «Jacras,» onde se cultiva a mandioca, o aipim, arroz, café, cacáo, milho, feijão e outros legumes, assim como diversos arvoredos de fructos regulares, cujos effeitos se conduzem à cidade por caminho mais

prompto de terra que o do mar, havendo aliás dous portos de facil embarque e aptos para a voga de lanchas. Em muitas das mesmas «Jacras» têm seus proprietarios construido vistosos jardins e casas bellissimas de habitação, que pelo prospecto regular e grandeza podem-se dizer nobres.

« Distante a matriz poucas braças está a Real Quinta da Boa Vista; no Macaco, longe uma legua, a Quinta que fôra da senhora Princeza D. Maria Theresa e no espaço de menos de meia legua a da mitra, no Rio Comprido. »

A referida Quinta do Macaco foi do Sr. D. Pedro I que em 1831 avaliou-a em 280 contos de réis, sendo 150 pelo casco e 130 pela escravatura; pertenceu depois á Imperatriz viuva a Sra. D. Amelia e comprehendia os terrenos onde se achão actualmente o Boulevard 28 de Setembro com ruas transversaes e outras parallelas, bem como o Jardim Zoologico, formando o bairro Villa Izabel, devido á constancia do seu iniciador — o cidadão João Baptista Vianna Drummond, Barão de Drummond, que tem sido negociante e organisou varias emprezas, fallecendo na cidade do Rio de Janeiro a 7 de agosto de 1897.

* * *

Theodor von Leuthold (Meine Ausflucht nach Brasilien oder Reise von Berlin nach Rio de Janeiro — Berlin — 1820) informa, que já em 1819, n'uma distancia de 8 horas da capital, na cidade do Rio de Janeiro, todos os terrenos de que havia podido dispor o Governo tinhão sido dados principalmente a Inglezes e Francezes. Elle mesmo solicitou identica concessão pedindo conjunctamente o adiantamento da quantia de oito contos de réis, prefazendo então cerca de 12.000 thalers, afim de se dedicar ao cultivo do café, assim como outros muitos pedirão e obtiverão, mas, demorando a solução almejada, resolveu regressar para a Allemanha, onde publicou o seu livro assás interessante e que o seria mais ainda se não contivesse queixas injustas inspiradas, sem duvida, pelo despeito de não haver sido promptamente attendido.

Um antigo cultivador da ilha de S. Domingos (nas Antilhas) o Dr. Lecesne era então o veterano dos plantadores de café nos ar-

redores da cidade do Rio de Janeiro. Cada qual, sem o menor constrangimento, ia lhe pedir conselhos a respeito d'este arvoredo.

Foi um velho sempre em grande actividade na sua propriedade, onde se achava muito bem installado, a 4 horas distante da cidade. Tinha uma das filhas casada com o Sr. Külchen, Vice-Consul da Russia no Rio de Janeiro.

Spix e Martius confirmão o que acabamos de dizer ácerca do Dr. Lecesne, ponderando mais que dispondo de um terreno grande n'elle possuia 60.000 cafeeiros, geralmente de quatro a seis pés um do outro, incumbindo-se cada preto de 2000 d'essas arvores novas e só de 1000 quando chegadas a quatro annos de idade.

Um allemão, o Sr. Duffles, tinha n'aquella época uma plantação de café entre Santa Cruz e Itaguahy.

Theodor von Leuthold falla tambem do cafesal da Sra. Menezes, viuva de um antigo governador do Maranhão, cuja propriedade se achava a umas 4 horas da cidade, por trás de Catumby, apoz a Ponta do Cajú ; assim como falla do cafesal do general Hogendorp, sito a 2 horas da cidade e vendido a um inglez mediante uma renda vitalicia e respectivo usufructo até o dia da sua morte, não necessitando preoccupar-se com a sorte de seu filho tenente-coronel, ricamente casado na America do Norte. O estabelecimento de Hogendorp em 1829 tinha 20.000 pés de café.

Disserão Spix e Martius (Travels in Brazil in the years 1817 1820.— Printed for Longmann, Hurst, Rees. Orme, Brown and Green — London — 1824) que Hogendorp vivia feliz no seu retiro ao lado da plantação identica do Consul inglez Mr. Chamberlain. Recordava-se Leuthold de ter visto o dito general em Koenigsberg (Prussia) depois em Wilna, official commandante d'esta praça. Já em 1 de janeiro de 1822 Maria Graham visitou o Conde Hogendorp no seu *cottage* sobre a montanha ao lado do Corcovado.

Officier de fortune servira Frederico da Prussia, depois sua patria, a Hollanda, na qualidade de governador de uma parte da ilha de Java e posteriormente como representante d'ella perante uma das Côrtes da Allemanha. Achando-se a Hollanda annexada á França, passou-se para o serviço de Napoleão com as divisas

de coronel e promovido á general foi incumbido de missões importantes na Polonia e em Hamburgo ; depois, sendo exilado, veio acabar seus dias no Rio de Janeiro. Napoleão lhe deixou por testamento 5.000 libras esterlinas, mas o legatario falleceu sem o saber.

O Imperador D. Pedro I, que o tinha soccorrido e mandado tratar, encarregou-se do enterro na Gambôa, onde foi sepultado por ser protestante. Consta que ao vestil-o pela ultima vez viu-se que o corpo d'elle achava-se completamente *tatoué*, como o dos naturaes das *Eastern Island*.

James Henderson, que esteve no Brazil em 1819, (A History of the Brazil, etc,— London — Published by Longmann, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green — Paternoster Row — 1828) diz que a cultura do café era então quasi insignificante no Ceará, objecto de bastante attenção na provincia da Bahia, em Caramurú e perto dos Ilhéos ; que na provincia de S. Paulo achava-se iniciada em Ubatuba ; finalmente, na provincia do Rio, na zona estendendo-se desde Macahé até o Parahyba, tinham sido feitas algumas plantações nos arredores da bahia do Rio de Janeiro, em Itaborahy, Fragoso (na fazenda Mandioca do Sr. Langsdorff) e na Tijuca.

Segundo Maria Graham (Journal of a Voyage to Brazil — London — Printed for Longmann, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green 1824), na provincia do Rio de Janeiro produzia-se café tambem em Angra dos Reis, Paraty, e na Ilha Grande, até mesmo na Imperial fazenda de Santa Cruz.

No dizer do Dr. Johann Emmanoel Pohl (Reise im Innern von Brasilien, etc.— Wien — 1832.— ged. bei A. Strauss) cultivava-se café em 1817 no districto de Barbacena, Provincia de Minas Geraes.

Lembramo-nos ter lido que em 1821 havia uma plantação de café na chacara da Cabeça, ao pé do Corcovado.

J. Friedrich von Weech no livro que publicou em 1828 (Brasiliens Gegenwärtiger Zustand und Colonial System-Hamburg bei Hoffmann und Campe) ponderou que o finado Dr. Lecesne e Dr. Mook, assim como outros possuião na Tijuca, perto do Rio, plantações de café bastante grandes. Observa o autor que os

cafeeiros produzião durante 30 annos, que no decimo quinto anno elles erão cortados rentes ao chão apoz o que tornavão a crescer rapidamente para um segundo periodo de producção ; que nas terras boas o arvoredo começava a produzir aos tres annos cerca de $^1/_2$ libra de grãos, no 4º anno um pouco mais e no 5º dava uma libra cada pé, depois o rendimento não era mais igual : alguns cafeeiros fornecião até quatro e cinco libras cada um e outros às vezes menos de uma libra. A installação de uma fazenda de café com 30 escravos comprados, bem como todo o material e importancia das despezas durante cinco annos, sendo o terreno obtido graciosamente, demandava, apezar das pequenas receitas do 3º ao 5º anno, um capital em dinheiro de 10:784$200 fortes (160 réis valião um franco n'aquelles tempos), somma paga ao cabo de 11 annos, deixando livres as terras, os 30 escravos, uns 40,000 pés de café, diversas construcções, os engenhos e instrumentos de trabalho, emquanto que as fazendas de rendas de canna de assucar se pagavão em quatro annos.

Carl Seidler falla das arvores de café, altas e compactas, formando caminhos sombreados no jardim da Quinta Imperial da Boa Vista, em S. Christovão.

William Bourke, que esteve no Rio de Janeiro nos primeiros dias de dezembro de 1792 (Authentic account of an Ambassy from the King of Great Britain to the Emperor of China etc., etc., etc., by Sir Georg Staunton, Baronet — in two volumes — Dublin — 1798) observou que as plantações da Tijuca parecião exigir pouco trabalho. Não sendo raro ver tratar-se de anil, mandioca, café, cacáo, canna de assucar, laranjeiras e outras arvores, desenvolvendo-se promiscuamente e algumas espontaneamente n'um terreno de vinte jardas quadradas.

H. M. Brackenridge informa (Voyage to South America — Baltimore — 1819) que perto da cidade do Rio a principal cultura consistia antes de 1819 em um herbaceo que se cortava diariamente e levava á cidade para a alimentação de numerosos animaes domesticos (era sem duvida uma das variedades de capim ainda hoje plantado). Cultivava-se tambem milho, café, laranjas e o rei das fructas — o ananaz.

Temos lembrança de certa Memoria onde lemos que o Vice-

Rey Marquez do Lavradio distribuiu em 1772 sementes aos colonos e dispensava do serviço militar os que tinhão plantado certo numero de cafeeiros.

O café, entretanto, não se generalisou muito no Brasil até 1808, anno em que se produziu 960,000 libras, porém em 1820 chegou-se á producção de 7.360,000 libras.

* * *

Joaquim José de Magalhães Coutinho e seu filho Ernesto Frederico de Verna Magalhães Coutinho pertencêrão ao Apostolado e parece que pelo menos o pae tambem foi maçon.

Encontra-se o nome de Joaquim José de Magalhães Coutinho na relação das pessoas que subscreverão para a publicação do trabalho já mencionado de Monsenhor Pizarro e que foi impresso em 1820.

Acha-se tambem o nome de Joaquim José de Magalhães Coutinho no auto de juramento por muitos prestado aos 26 de fevereiro de 1821, entre os quaes o tenente-coronel Conde de Beaurepaire e Ernesto Frederico de Verna Magalhães Coutinho, que tinha cerca de 21 annos de idade e já era Moço da Real Camara, como seu pai.

O juramento foi prestado na cidade do Rio de Janeiro na casa do Theatro, sem excepção do Infante D. Miguel, apoz S. A. o Principe Real D. Pedro de Alcantara, que o prestou por si e como procurador de S. M. El-Rei seu pai e seu Senhor nos termos seguintes: «Juro em meu nome Veneração e Respeito á Nossa Santa Religião, Obediencia ao Rei, observar, guardar e manter perpetuamente a Constituição tal qual se fizer em Portugal pelas Côrtes.»

Joaquim José de Magalhães Coutinho foi no Brasil Secretario da Fazenda Real (creada no Rio de Janeiro com o Erario a 28 de junho de 1808), Guarda-Roupa do Sr. D. Pedro I por despacho de 1 de dezembro de 1822, dia da sagração e coroação de Sua Magestade, tendo servido de copeiro menor no respectivo ceremonial, cujos festejos se achão descriptos na «Historia do Brazil-Reino e Brazil-Imperio» do Dr. A. J. de Mello Moraes.

Merece menção especial a morte d'este personagem que adiantou o seu ultimo dia com a sua dedicação.

Apezar de bastante doente, Joaquim José de Magalhães Coutinho não quiz attender ás observações do seu Soberano, considerando não poder se eximir de assistir á missa em Acção de Graças, que se devia dizer para o fiel cumprimento da sincera e solemnissima promessa feita pelo Monarcha a 1 de julho do anno de 1823, receiando o Sr. D. Pedro jámais poder tornar a montar, achando-se com duas costellas fracturadas, em consequencia de uma infeliz quéda de cavallo succedida na vespera e á qual já temos alludido. (Muita gente foi procurar noticias de S. M. até o dia 11 de julho.)

Magalhães Coutinho, no seu fardão de grande gala, com toda a Côrte, apezar da chuva, seguio a cavallo para a igreja do outeiro de N. S. da Gloria, onde se conservou um quadro commemorando o facto que motivou a Imperial promessa. Ao ajoelhar-se na igreja, por occasião da elevação, Magalhães Coutinho cahiu fulminado por uma congestão cerebral, isto no dia 9 de agosto de 1823.

Immediatamente informado do lamentavel acontecimento, D. Pedro I escreveu uma carta ao filho de seu dedicado e malaventurado servidor afim de preparar sua mãi, D. Marianna Carlota de Verna Magalhães Coutinho, para receber tão rude golpe. Mandou vir uma rêde, na qual fez transportar o finado para a sua casa de residencia, na rua atraz do Hospicio, hoje do Hospicio, e, querendo evitar que a viuva encontrasse o cadaver em caminho, prohibiu o transito de todo vehiculo, mas na rua da Lapa ella apeou-se da sua sege para fazer a pé o trajecto, visto a prohibição, que tal não tinha previsto; comtudo, cedendo ás reiteradas instancias de varias pessoas suas conhecidas asseverando-lhe não ser a morte real e conveniente ir preparar confortavel leito para o doente, voltou na sua sege para a sua casa, onde não tardou a verificar a triste realidade.

Instantes depois D. Marianna recebia do Imperador a quantia de um conto de réis para as despezas do luto e uma carta communicando que S. M. se constituia procurador d'ella e dos seus, que olharia para todos em recordação do muito que lhe merecia o finado.

Effectivamente deu serviço no Paço em 1824 ás sobrinhas de D. Marianna, entrando como açafatas D. Joaquina Adelaide e D. Maria José de Verna e Bilstein, depois a propria filha de D. Marianna — D. Maria Antonia de Verna Magalhães, que aos 17 annos foi incumbida de tomar conta da Princeza D. Francisca Carolina desde o seu nascimento e ficou residindo no Paço feito Dama de Sua Alteza, que teve como ama de leite certa Maria Marques Teuler. O filho de D. Marianna — Ernesto Frederico de Verna Magalhães Coutinho obteve o cargo de Escrivão das Justificações, vencendo 160$, na Secretaria do Conselho de Fazenda, mas não sabemos se em 1824 ou 1825. Ainda em attenção á Sra. D. Marianna, que não tardou a ter mau pago, os sobrinhos d'ella, Ernesto Frederico e João Reinaldo de Verna e Bilstein forão feitos Moços Fidalgos da Imperial Camara. Vimos n'um parecer da Commissão de Fazenda apresentado em 1826 ao Poder Legislativo que figuravão no orçamento para pagamento os 72 Pensionistas do Real Bolsinho de S. M. F., entre os quaes D. Joaquina Adelaide e D. Maria José de Verna e Bilstein cada uma com 57$, a Viscondessa de Itaguahy 80$ e D. Marianna Carlota de Verna com 150$: quanto a esta senhora e suas sobrinhas quer nos parecer que as ditas pensões erão alheias ao Monte Pio de que trata o seguinte:

MANUSCRIPTO AUTHENTICO

« Por portaria da Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda, de 16 do corrente mez e anno, mandou V. M. I. remetter a este Conselho, para se consultar, o requerimento de D. Marianna Carlota de Verna, em que pede a continuação do pagamento dos soldos, que recebia pela Thesouraria Geral das Tropas desta Côrte, suspenso por portaria de 5 de fevereiro, e 2 de abril do corrente anno.

« Vinha este requerimento acompanhado de outros da mesma supplicante, e já instruidos pela repartição do Thesouro Publico com uma informação do Thesoureiro Geral das Tropas, e varias respostas do Fiscal e Procurador da Fazenda ao dito respeito,

cujos papeis sobem com esta, todos no seu original. Mandou o Conselho dar vista de tudo ao Desembargador Procurador da Fazenda, o qual respondeu pela maneira seguinte:

« O requerimento da supplicante D. Marianna Carlota de Verna parece sem duvida digno de attenção e deferimento, em vista do seu poderoso allegado e documentos com que o comprova; porquanto pelo decreto do Sr. D. João VI, de 20 de janeiro de 1794 mostra ter-lhe sido concedido o soldo por inteiro de seu pai o coronel Ernesto Frederico de Verna, fallecido na Campanha de Roussillon, o que assim foi communicado á Thesouraria Geral das Tropas, por aviso da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra de 2 de abril de 1808, que consolidou e corroborou aquella disposição, mandando pagar á mesma supplicante e seu irmão os soldos vencidos, e que assim continuasse a receber, emquanto se não mandasse o contrario.

« Mostra pelo documento junto attestado de pessoas fidedignas autorisadas e maiores de toda a excepção, que seu defunto pai contribuira sempre para o monte pio, não podendo por isso ser esbulhada desta graça e assim se ordenou em seu favor pelo aviso de 6 de junho de 1795, pelo qual se lhe concedeu mais, por graça especial, o meio soldo.

« Mostra que está nesta posse em Portugal e aqui ha mais de 20 annos, sem duvida para que de tal a privassem, gozando e desfructando estas mercês pacificamente, sendo sempre mandadas pagar pelos competentes Ministros e nas repartições, o que lhe constitue um bem fundado direito a seu favor; e como taes mercês, a titulo de serviço, se considerão, não tanto graciosas, como onerosas, em consequencia de serem feitas por serviços prestados, e taes são as de que se trata; portanto *fiat justitia*.

« O que tudo sendo visto, parece ao conselho o mesmo que ao Desembargador do Paço, Procurador da Fazenda em sua ultima resposta, com a qual se conforma, visto os legaes documentos que a supplicante juntou, devendo-se-lhe pagar pela Thesouraria Geral das Tropas o monte-pio e soldo por inteiro de que se achava de posse, em virtude dos decretos e avisos enunciados na resposta do Procurador da Fazenda. V. M. I. resolverá como houver por bem. Rio de Janeiro aos 25 de agosto de 1823, 2º da

Independencia e do Imperio.— Conde do Rio Pardo.— José Carlos Augusto Oeycnhausen.— Leonardo Pinheiro de Vasconcellos.—Luiz Barleo Allado de Menezes.— D. Luiz Thomaz Navarro de Campos.

« *Resolução*.— Como parece. Paço 28 de agosto de 1823.— Com a rubrica de S. M. I.— Manoel Jacintho Nogueira da Gama.»

Acha-se o original no Cartorio actual do Thesouro Nacional.

Joaquim José de Magalhães Coutinho não deixára herança nenhuma aos fructos do seu casal, porquanto devia mais do que possuia, isto é, mais de que o valor da chacara que tinha em terreno foreiro do Engenho Novo e alguns escravos; mas todos os credores annunirão á proposta da viuva, de os reembolsar pouco a pouco com as importancias que provirião do seu montepio paterno.

O Sr. D. Pedro I apparecia de quando em vez na chacara da Sra. D. Marianna, sita no Engenho Novo; S. M. vinha a cavallo, apenas acompanhado por seu camarista. Gostava de merendar perto do pequeno rio atravessando a propriedade, designado em diversos mappas como Rio Jacaré, mas que no tempo d'El Rei no Brasil, seu Augusto Pai, elle denominára Rio do Principe, assim como em attenção ao seu irmão D. Miguel dêra então o nome de Regato do Infante ao corrego ahi proximo, hoje reduzido a uma simples valla, bem como o Rio do Principe se acha reduzido a insignificante corrego, se tanto póde ser chamado. Conhecemos de visu este rio e o regato e tambem a mangueira que o Sr. D. Pedro I plantou na dita chacara em 1823 ou 1824.

* * *

No anno 1825, tendo o presentimento do proximo nascimento de um herdeiro varonil, sem duvida pelo muito desejo que nutria de o ter, o Sr. D. Pedro I convidou a Sra. D. Marianna Carlota de Verna Magalhães para tomar conta da Augusta Criança ao entrar no mundo, e assim continuou no Paço Imperial o grande prestigio que a distincta senhora tinha na Côrte do Sr. D. João VI.

D. Marianna esquivou-se o mais que poude, allegando a sua idade (46 annos); mas, insistindo o Imperador, ella ponderou ainda que tinha a seu cargo o pessoal da sua chacara e muitas

crias; respondeu o Soberano que tudo ficaria por sua conta, e de facto empregou toda a gente na Imperial Quinta da Boa Vista, em São Christovão, quando em meiado de novembro de 1825 — ahi se installou D. Marianna.

O tão desejado Principe nasceu a 2 de dezembro de 1825, no referido Palacio da Imperial Quinta da Boa Vista, em São Christovão, uma das freguezias da outr'ora heroica e leal cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, capital do Imperio Americano.

« Veio ao mundo em épocas difficeis para o Imperio, no meio das agitações dos primeiros annos do Estado Brasileiro, » como ponderou o *Diario do Commercio* do Rio a 6 de dezembro de 1891.

Havia apenas dous annos e tres mezes que seu Augusto Pai proclamára a Independencia em S. Paulo, no alto do Ypiranga, aos 7 de setembro de 1822.

Dezenove mezes tinhão decorrido depois de promulgada a Constituição Politica do novo Imperio aos 25 de março de 1824.

Estava firmada e reconhecida por Portugal desde 29 de agosto de 1825 a Independencia do Brasil.

Lê-se nas Memorias do Visconde de S. Leopoldo, compiladas e postas em ordem pelo Conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, depois Barão Homem de Mello (Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, tomo 37, anno 1874).

« Ratificado o Tratado de 29 de Agosto de 1825, pelo qual ficou de uma vez firmada e reconhecida por Portugal a Independencia do Imperio, teve-se por digno da magnitude d'este tão feliz acontecimento assignalar o facto com a creação de uma ordem nova; e assim se fez, instituindo-se a *ordem de Pedro I*, cujos estatutos organisei e expedi o respectivo decreto para a sua execução. »

« Felizmente, diz J. M. Pereira da Silva, ao findar o anno de 1825, e a 2 do mez de Dezembro, uma noticia prazenteira e presagiadora das maiores venturas para o paiz, e que se espalhou com a rapidez do raio pela cidade do Rio de Janeiro, alegrou, exaltou e enthusiasmou toda a sua população. A Imperatriz D. Leopoldina dera á luz um filho herdeiro presumptivo da corôa e do throno.

« Firmava-se e garantia-se assim no Imperio a dynastia de Bragança no seu ramo directo e varonil. Raiava no horisonte suave e formosissima esperança, de que com um Principe gerado e nascido na America, mais fundamente enraizaria no coração dos povos a instituição monarchica, e vindo elle ao mundo quando já reconhecida a independencia e soberania da nação, e instaurado o regi men representativo por uma Constituição liberal, tenderia o futuro soberano a ligar-se e abraçar-se estreita e cordialmente com o novo systema governativo, certo de que seu poder e autoridade dependião da existencia e solidez das instituições estabelecidas.

« Improvisarão-se incontinente festas populares, não só no Rio de Janeiro como em todas as localidades mais afastadas da capital do Imperio, á proporção que lhes foi chegando a agradavel noticia. Fogos de artificio dirigidos aos ares e acções de graças nas igrejas, como agradecimento á Divindade, musicas passeando pelas ruas como regosijo geral e illuminações em todas as casas durante sete noites seguidas, como prova de veneração pelos augmentos da familia augusta que reinava no Imperio. »

Observou A. D. de Pàscual no seu livro « Rasgos Memoraveis do Senhor D. Pedro I — Rio de Janeiro Typ. Universal Laemmert & Cia — 1862 » o seguinte :

« Reconhecida solemnemente a independencia do Brazil *ex jure et facto* estava terminada para D. Pedro I uma grande tarefa; mas Deus, nos seus impenetraveis arcanos, quiz provar aos homens, com o nascimento do Principe D. Pedro de Alcantara, que olhava com especialissima attenção os destinos deste povo e de seu Imperador. D. Pedro I, recebendo nos seus braços o Imperial Infante, exclamou no intimo do seu coração, como o pai de Alexandre o Magno « *Regis filius commodius, quam rex ipse potest animos demereri plebis.* »

Não podia, entretanto, ser mais tormentosa a época em que veio ao mundo o herdeiro da nascente monarchia, se bem que ligado ás mais illustres dynastias.

« Este menino, escreveu Auguste de Saint Hilaire, é o unico entre os Brazileiros que ligue o presente ao passado e perten-

cendo inteiramente á sua patria, poderá, comtudo, formar laço feliz entre ella e o velho mundo. »

O nascimento uniu-o ás mais illustres dynastias da Europa : aos Braganças de Portugal ; aos Bourbons da França, das Duas Sicilias, Parma, Hespanha ; e aos Hapsburgos da Austria.

« Não se senta, em throno algum do mundo, soberano mais illustre por continua linhagem de testas coroadas — ponderou Joaquim Pinto de Campos — não ha uma só casa reinante da Europa com quem esta (a Imperial do Brasil) se não entronque. Entre os ascendentes e parentes mais proximos da linha recta, não só se contão soberanos da Inglaterra, França, Aragão, Castella, Hespanha, Saboia, Austria, Prussia, Russia, etc., mas altas personagens historicas, conquistadores, papas, santos. »

* * *

O Filho de S. M. o Sr. D. Pedro I, o fundador do Imperio do Brasil, depois tambem rei de Portugal, IV do nome, era o unico varão sobrevivente das nupcias do seu Augusto Pai com a Senhora D. Maria Leopoldina Josepha Carolina, archiduqueza d'Austria, primeira Imperatriz do Brasil e irmã de S. M. Marie Louise, Imperatriz da França e segunda mulher de Napoleão I.

Vamos apontar aqui a nobre ascendencia de Sua Alteza por ambas as linhas.

Pelo lado paterno é neto do Sr. D. João VI, rei de Portugal, e da Sra. D. Carlota Joaquina, infanta da Hespanha, irmã do rei D. Fernando VII do mesmo paiz e da infanta D. Isabel, segunda mulher de Francisco I, rei de Napoles, irmã da rainha de Sardenha D. Christina, mulher do rei Carlos Felix e da rainha de França Maria Amelia, mulher do rei Luiz Felippe ; e pelo lado materno é neto do imperador Francisco II da Allemanha e I da Austria, rei da Hungria e Bohemia e irmão do grão-duque de Toscana Fernando.

E' segundo neto pelo lado paterno do Sr. D. Pedro III e da Sra. D. Maria I, rainha de Portugal e do Sr. D. Carlos IV, rei de Hespanha, e pelo lado materno, do imperador da Allemanha Leopoldo II, rei da Hungria e Bohemia, irmão do imperador e

rei D. José II, da rainha de Napoles Maria Carolina, mulher do rei Fernando I e da rainha de França, Marie Antoinette, mulher de Luiz XVI.

E' terceiro neto, pelo lado paterno, do Sr. D. José I, rei de Portugal, e de sua mulher a Sra. D. Maria, a princeza de Saxonia ; e pelo lado materno, da imperatriz Maria Thereza, rainha da Hungria e da Bohemia, chamada *mãi da patria*, mulher de Francisco Estevão de Lorena, grão-duque de Toscana, irmão da rainha de Sardenha, D. Isabel, mulher do rei Carlos Manoel III.

E' quarto neto, pelo lado paterno, do Sr. D. João V, rei de Portugal, e de sua mulher a archiduqueza d'Austria D. Marianna, irmã dos imperadores da Allemanha Carlos VI e José I; do Sr. Felippe V, rei de Hespanha, e de sua mulher D. Izabel Farneze; e pelo lado materno, do imperador de Allemanha Carlos VI, rei da Hungria e Bohemia, e de sua mulher D. Izabel Christina de Brunswick Blanckenburg.

E' quinto neto, pelo lado paterno, do Sr. D. Pedro II, rei de Portugal, e de sua mulher D. Maria Sophia Izabel, filha do eleitor palatino do Rheno; do delphim de França, chamado Monsenhor, avô do rei Luiz XV, casado com a princeza Lezinska, filha de Estanisláo, rei da Polonia ; e pelo lado materno, do imperador e rei Leopoldo I, irmão da rainha de Hespanha D. Marianna, mulher do rei Felippe IV e da rainha da Polonia, D. Leonor, mulher do rei Miguel Wiesnoweski.

E' sexto neto, pelo lado paterno, do Sr. D. João IV, rei de Portugal, duque de Bragança, elevado ao throno em 1640 pela revolução que acabou com o dominio hespanhol ; de Luiz XIV, rei de França, e de sua mulher a infanta de Hespanha D. Maria Thereza, irmã do rei Carlos II; e pelo lado materno, do imperador da Allemanha Fernando III, rei da Hungria e Bohemia, irmã da rainha da Polonia Cecilia René, mulher do rei Ladisláo IV.

São mais seus ascendentes :

Os reis de Hespanha, D. Felippe IV, D. Felippe III, D. Felippe II e seu pai o imperador Carlos V.

Os reis de Aragão : D. Fernando II e V de Castella, chamado o *Catholico;* D. João II, tambem rei de Navarra ; D. Fer-

nando I, chamado o *Justo*; D. Pedro IV; D. Affonso IV; D. Jacques II ; D. Pedro III; chamado o *Grande* ; D. Jaime I, o *Conquistador* D. Pedro II; D. Affonso II; e D. Ramiro II; D. Sancho Ramiro; e D. Ramiro I, filho do imperador D. Sancho III, chamado o *Grande*, o qual era neto de D. Sancho II, bisneto de D. Sancho I e descendente directo de Inigo Artieta, conde de Bigorra, fundador do reino de Navarra.

Os reis de Castella e Leão; D. João II, pai da rainha D. Izabel, mulher de D. Fernando o *Catholico*; D. Henrique III; D. João I; D. Henrique II D. Affonso XI; D. Fernando IV; D. Sancho IV ; chamado o *Bravo* ; D. Affonso X, chamado o *Sabio* e D. Fernando III, que por suas muitas virtudes foi canonisado em 1671.

Os reis de Leão, D. Affonso IX e D. Fernando II.

Os reis de Castella : D. Affonso o *Nobre* e D. Sancho III o *Desejado* descendentes do imperador de Hespanha, D. Affonso VIII, neto de D. Affonso VI, bisneto de D. Fernando I o *Grande*, rei de Castella e Leão, irmão de D. Garcia IV, rei de Navarra, de D. Gonzalo, rei de Sobrave, e Riparoge e de D. Ramiro I, rei de Aragão, todos filhos do imperdor D. Sancho III, o *Grande*, já acima nomeado.

Os reis de Portugal : D. Sebastião, D. João III, D. Manoel, D. João II, D. Affonso V, D. Duarte, D. João I, D. Pedro I D. Affonso IV, D. Diniz, D. Affonso III, D. Affonso II, D. Sancho I e D. Affonso Henriques, filho do conde D. Henrique de Borgonha, bisneto do rei Roberto, filho de Hugo Capeto.

Os reis de França: Luiz XIII, filho de Henrique IV, descendente, por seu pai, de Roberto, conde de Chermont, filho de Luiz IX. (S. Luiz); Luiz VIII, o *Leão* ; Felippe Augusto ; Luiz VII, o *Moço* ; Luiz VI, o *Gordo* ; Felippe I, Henrique I, Roberto I e Hugo Capeto, tronco da dynastia d'este nome, eleito e coroado rei no anno 987, neto de Roberto, o *Forte*, duque de França desde 861 e conde de Anjou, que uns fazem descender de Clovis, outros de Pepino Héristal, outros de Childebrand, irmão de Carlos Martel, outros do Saxonio Witkuid, outros de Carlos Magno e outros ainda dos duques de Baviera.

Os imperadores da Allemanha : Fernando II, Fernando I, Maximiano I, casado com Maria de Borgonha, filha de Carlos o *Temerario*, Frederico III, Alberto I, ultimo imperador, que se fez coroar em Roma e que primeiro adoptàra a celebre divisa A. E. I. O. U. — *Austria est imperare orbi universo* ... Rodolpho de Habsburgo, tronco da antiga casa da Austria, eleito imperador em 1273.

Continuando assim, se vae de sceptro em sceptro até São Estevão, rei da Hungria, sob o nome de Estevão I, que succedeu a seu irmão Goysa 4º duque da Hungria reinando de 997 a 1038.

Segundo a arte de verificar as datas, poder-se-hia ainda accrescentar os imperadores Verner II, Othon, Verner I, Kapoton, Kanselin, Gontran *o Rico*, Luitfrid V, Luitfrid IV, Luitfrid III, Hugo, Luitfrid II e Luitfrid I.

* * *

O brigadeiro Francisco de Lima e Silva (pai do Duque de Caxias), achando-se de semana no Paço, como Veador de S. M. a Imperatriz, foi a quem coube a honra, no dia 2 de dezembro de 1825, de apresentar à Côrte, em seus braços, o Principe recem-nascido.

No mesmo dia 2 de dezembro de 1825 a imprensa local tornava publico o seguinte Boletim do medico assistente em serviço:

Lê-se no *Diario Fluminense* de 2 de dezembro de 1825: « A's duas horas e meia da madrugada do dia 2 do corrente, S. M. a Imperatriz deu à luz hum Principe com a maior felicidade possivel, no meio de hum trabalho bem que de quasi 5 horas, todavia assaz incommodo, tanto pela posição pouco favoravel do tronco á entrada do estreito superior da bacia, que não deixava sem grande difficuldade descer a cabeça (primeira parte que se apresentou) aliás bem situada (posição occipio-cotyloide esquerda) como pela distancia dos hombros, cuja medida deu um numero de pollegadas abaixo indicado. Esta circumstancia unida á primeira, influiu grandemente para difficuldade do parto, para o bom estado, qual foi mister a intervenção de soccorros, que forão prudentemente ministrados. Medidas lineares — comprimento 23

pollegadas e 1/4 —; extensão de hum a outro hombro 6 pollegadas e $^{3}/_{4}$—Paço da Imperial Quinta aos 2 de Dezembro de 1825 — Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto. »

No seu « Diccionario Biographico » publicado no Recife em 1882, Francisco Augusto Pereira da Costa ponderou que foi o Dr. Ribeiro Guimarães Peixoto quem assistiu a Imperatriz D. Leopoldina a 11 de maio de 1821 no acto do nascimento da Princeza D. Januaria Maria, que na verdade nasceu a 11 de maio de 1822, a 2 de agosto de 1824 no acto do nascimento da Princeza D. Francisca Carolina; a 2 de dezembro de 1825 recebendo ao nascer o Principe D. Pedro, sendo n'esta occasião abraçado pelo Augusto Pai, o Sr. D. Pedro I, em presença de toda a Côrte, apoz o que S. M. com palavras repassadas de enthusiasmo convidou sua Augusta Consorte a exultar o sabio medico com igual e sympathica honra.

Consta que estando a Imperatriz com as dôres do parto o Imperador disse para o Dr. Guimarães Peixoto que se lhe trouxesse a noticia do nascimento de um filho varão poderia pedir o que quizesse e por isto, verificado o caso, obteve para seu filho, com 6 annos de idade, o habito da ordem de Christo.

O Imperial recem-nascido foi naturalmente desde logo confiado á Ex.ma Sra. D. Marianna Carlota de Verna Magalhães, que aguardava o seu nascimento para lhe dedicar os seus maiores cuidados.

A missão da Sra. D. Marianna nada tinha de estranhavel, pois o Rei dos Francezes Luiz Felippe I nos seus primeiros annos teve uma *gouvernante* Madame de Rochambau e uma *sous-gouvernante* Madame Dunois; o preceptor que lhe foi dado quando fez 5 annos de idade teve logo por substituto a Sra. Condessa de Genlis.

Lê-se no *Jornal do Commercio*, datado do Rio de Janeiro em 19 de setembro de 1898, a proposito d'El-Rei da Hespanha D. Affonso XIII que nasceu em 17 de maio de 1886: « Sua Magestade acorda ás 7 horas. A Sra. Tacon, sua aia, nomeada a pouco tempo Condessa de Peralta, e Raymunda, sua ama de leite outr'ora e hoje sua serva, occupão-se do que diz respeito á sua *toilette*. Mas antes disso, o Rei ajoelha-se e reza com devoção a sua prece quotidiana. »

Alludindo ao feliz acontecimento o *Diario Fluminense* (n. 129 de 2 de dezembro de 1825) ponderava: « Comtudo no meio dos nossos prazeres, digamos como Mr. Lautier: Permitta o céo que o Principe que acaba de nascer para subir ao Throno, seja demorado em subir e mais demorado ainda em descer! »

Do *Diario Fluminense* de 6 de dezembro de 1825 extrahimos esta noticia: « Os dias 2, 3 e 4 do corrente forão de grande gala na Côrte em consequencia de haver felizmente dado á luz S. M. a Imperatriz. No dia 2 S. M. o Imperador, acompanhado de suas Augustas Filhas, foi á igreja de Nossa Senhora da Gloria dar graças ao Todo Poderoso por tão fausto motivo; no dia 3, pelas 5 horas da tarde, assistio o mesmo Augusto Senhor, na Imperial Capella, um solemne Te Deum Laudamus; no dia 4, a 1 hora da tarde, se dignou S. M. I. receber no Paço da Cidade as felicitações do Corpo Diplomatico, e do numeroso concurso de pessoas das classes mais distinctas, que alli concorreu para ter essa honra.

« Em todos estes tres dias salvarão e se embandeirarão as fortalezas e embarcações de guerra e esteve illuminada a cidade. »

No referido numero do *Diario Fluminense* de 6 de dezembro de 1825 acha-se estampada a poesia intitulada: « Ode ao suspirado Nascimento do Principe Imperial, composta e offerecida a S. M. I. o Sr. D. Pedro I, Imperador do Brazil, por José Pedro Fernandes » (Jam nova progenies Cœlo demittur alto. — Virg. Ecl. IV).

* * *

Continuando a reccorrer ao *Diario Fluminense* reproduzimos outro seu artigo descriptivo do acto religioso celebrado a 9 de dezembro de 1825:

« Hontem, dia destinado por S. M. o Imperador para ser baptisado S. A o Principe Imperial, foi dia de grande gala na Côrte. Ao nascer do sol salvarão e se embandeirarão todas as Fortalezas e embarcações de guerra surtas neste porto; á 1 hora tornarão a salvar. As 5 horas da tarde chegou S. M. o Imperador acompanhado de seu Augusto Filho e Augustas Filhas no

Paço da Cidade, onde logo que chegou tirou o Principe do coche e em seus braços o conduziu para a competente sala. Posta em sua devida ordem toda a Corte, e mais acompanhamento, que se reuniu no Paço, para ter a honra de assistir á acção do Baptismo, mandou S. M. o Imperador seguir o acompanhamento para a Imperial Capella, pelo interior do Paço, por não dar lugar a muita chuva a que passasse pela têa, que estava prompta e ricamente ornada. Havendo cada um tomado o lugar que lhe competia se poz em marcha o acompanhamento, e apoz do qual se seguião as insignias maçàpão, vela, e candida, e depois o Pallio, sustentado pelos grandes do Imperio, debaixo do qual hia o Principe nos braços do Mordomo-Mor de S. M. a Imperatriz, o Exm° Visconde da Cunha. Seis girandolas derão signal ás Fortalezas de que S. M. I. seu Augusto Filho e Filhas se dirigião á Imperial Capella, e então todas salvarão ; outras girandolas annunciarão a chegada de S. M. I., seu Augusto Filho e Filhas á Imperial Capella, onde forão recebidos pelo Illm° Exm° e Revm° Bispo Capellão-Mor, que os esperava, paramentado com o seu Cabido. Logo que o Principe Imperial chegou à Capella foi posto no seu primeiro leito, que estava ricamente ornado.

« S. M. o Imperador e suas Augustas Filhas, acompanhados do Exm° e Revm° Bispo Capellão-Mor e Cabido se dirigiu á Capella do « Santissimo Sacramento » onde fez oração, e finda a qual foi tomar assento, assim como o Exm° Bispo nos Thronos que para isso estavão promptos no Corpo da Capella Imperial, onde se principiou o acto do Baptismo. Acabados os exhorcismos subiu S. M. o Imperador, seu Augusto Filho, Augustas Filhas, Capellão Mor e Cabido á Capella Mor e debaixo dos respectivos Thronos se continuou a acção do Baptismo.

« Então recebeu o Principe Imperial os nomes de *D. Pedro de Alcantara, João, Carlos, Leopoldo, Salvador, Bibiano, Francisco, Xavier de Paula, Leocadio, Miguel, Gabriel, Raphael Gonzaga* : sendo Madrinha S. A. a Princeza Imperial D. Maria da Gloria e seu Protector S. Pedro de Alcantara. Novas girandolas annunciarão ao Publico que o Principe havia recebido a agua do Jordão, em que foi baptisado, e então salvarão todas as fortalezas e embarcações de guerra, e repicarão todos os sinos, tendo nós a

satisfação de observar que S. M. o Imperador apenas foi seu Augusto Filho baptisado o recebeu em seos braços e lhe deu um beijo na face, mostrando assim o regosijo que sua alma sentia.

«Finalisado o Baptisado foi o Principe Imperial conduzido pelo Mordomo-Mor, o Exmº Visconde da Cunha, para o segundo leito, que se achava postado ao lado da Capella-Mor emquanto se concluia a acção. Immediatamente o Exmº Bispo Capellão Mor entoou o *Te Deum Laudamus* que foi executado pela grande musica que se achava no côro, sendo sua composição de S. M. o Imperador. Acabado o *Te Deum* desceu S. M. o Imperador com seu Augusto Filho e Filhas acompanhado do Exmº Bispo Capellão-Mor, Côrte e Cabido a Capella do *Santissimo Sacramento*, onde deu acção de graças ao Altissimo e d'ahi seguio para o Paço, indo todo o acompanhamento na mesma ordem em que tinha vindo; novas girandolas annunciarão a sahida de S. M. da Capella e sua chegada ao Paço, a cujo annuncio salvarão todas as fortalezas e embarcações de guerra.

«A riqueza com que se achava ornada a Imperial Capella, o effeito que n'ella produzio a numerosa illuminação, que a nosso ver não serião menos de seiscentas luzes, a Côrte, e mais acompanhamento, as tribunas guarnecidas pelas damas de S. M. a Imperatriz e Corpo Diplomatico, apresentava um espectaculo o mais brilhante que se póde imaginar. Cinco Credenciaes lindamente ornadas com riquissima baixella de ouro e prata e duas riquissimas pias se achavão postadas na Capella, o que augmentava a magnificencia e esplendor do Templo. Mostrando cada um dos circumstantes o jubilo que na alma sentia por ser recebido no gremio da Igreja aquelle, que um dia deverá succeder no Throno Imperial do Brazil ao Fundador d'elle e tornamos a repetir os versos de M. Lautier:

« Ce Prince que l'on va fêter,
« Au Thrône doit prétendre:
« Qu'il soit tardif pour y monter,
« Tardif pour en descendre...»

Ao Nascimento de hum Principe que vem encher a esperança do Brasil.

« SONETO

Orvalharão os Céos; purpurea rosa,
Abrindo o seio ao germen delicado,
Deu, n'hum riso de amor, ternura ao prado,
Deu-lhe Phebo expressão de côr mimosa.

Que harmonia suave e deleitosa
Exprime a idéa do Penhor Sagrado!
A Esposa vê no Filho o objecto amado,
Revê-se amor no Pai, beijando a Esposa.

Orvalharão-se os Céos; curvou-se adusta
Prole Indiana ao Throno (assim cotejão
A fiel predicção, que o berço ajusta)

Genios celestiaes em torno adejão,
O Brasil se revê na Prole Augusta,
Dando as mãos, a Justiça e Paz se beijão.

A 2 de dezembro de 1825 — Por José Eloi Ottoni.»

Encontrão-se outras poesias publicadas no *Diario Fluminense* em homenagem ao Principe recem-nascido, v. g. no n. 137 de 13 de dezembro — no n. 141 de 17 de dezembro — no n. 148 de 27 de dezembro, assim como tambem o fazião em homenagem a Suas Magestades o Imperador e a Imperatriz na occasião de quaesquer anniversarios.

O venturoso successo do nascimento do Principe Imperial D. Pedro de Alcantara foi um jubiloso acontecimento em todo o Imperio e o Augusto Pai recebeu numerosas congratulações; citaremos algumas relatadas no *Diario Fluminense* afim de não ficarmos completamente mudos a tal respeito:

« de *José da Silva Brandão* em seu nome e no de todos os briosos militares da Provincia de S. Paulo, que tinha a honra de governar;

de *José Henrique de Paiva*, encarregado pelo presidente da provincia do Espirito Santo;

do desembargador *José Antonio da Silva Maya*, pela Camara Fidelissima da villa do Sabará ;

de *Pedro Affonso Regueira*, pela Camara da cidade do Recife »

Os cavalheiros que vierão pessoalmente desempenhar a sua commissão forão admittidos a beijar a Augusta mão de S. M. o Imperador, outros porém dirigirão cartas, entre as quaes destacamos esta, que passamos a transcrever:

« Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.— Com a maior satisfacção possivel recebi a gostosa noticia de S. M. a Imperatriz haver dado á luz, com feliz successo hum Principe tão desejado para a felicidade deste Imperio.

« Esta graça, que o Céo acaba de conceder-nos, fiz publicar por Bando, em virtude do que salvarão por tres dias as fortalezas e embarcações de guerra surtas neste porto e a cidade se illuminou.

« Resta-me pois supplicar a V. Ex. a graça de beijar por mim a Augusta mão de S. M. I. por tão plausivel motivo, já que as minhas circumstancias me privão de o fazer pessoalmente.

« Deus guarde a V. Ex. — Montevidéo, 20 de dezembro de 1825. — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Barão de Lages. — Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho. »

Este signatario é, sem duvida, o então funccionario brasileiro na Provincia Cisplatina.

* * *

O Principe D. Pedro de Alcantara, além das irmãs já mencionadas, D. Januaria e D. Francisca, tinha outras duas: D. Maria da Gloria e D. Paula Marianna. As Princezas nascerão na ordem seguinte:

D. Maria da Gloria a 4 de abril de 1819.

D. Januaria Maria, a 11 de maio de 1822.

D. Paula Marianna, a 17 de fevereiro de 1823.

D. Francisca Carolina, a 2 de agosto de 1824.

O Principe D. João Carlos, filho de S.S. A.A. R.R. o Sr. D. Pedro de Alcantara e a Sra. D. Maria Leopoldina, Archiduqueza d'Austria (nascido em 6 de março de 1821), es-

tava constipado quando foi levado à fazenda de Santa Cruz, por occasião da revolta da divisão auxiliadora. A mudança de temperatura e a viagem feita à pressa pela alta noite, como ponderou o Dr. A. J. de Mello Moraes, lhe aggravou o mal causando-lhe a morte no dia 4 de fevereiro de 1822.[1]

O Sr. D. Pedro, sentindo immensamente a morte de seu filho, muitas vezes dizia que Jorge de Avilez era o assassino do Principe D. João.

A Gazeta do Rio, no seu n. 21 de 16 de fevereiro de 1822, descrevendo o que se passou e fez no enterramento do Serenissimo Sr. D. João Carlos, Principe da Beira, apresenta suas reflexões n'estes termos:

« Já observamos que depois de se recolher a esta côrte, a Augustissima Sra. Princeza Real, vindo da fazenda de Santa Cruz com toda a sua Real Familia, o que teve lugar em 19 de Janeiro, se conheceu a alteração que o movimento e mais accidentes da jornada causárão no estado valetudinario do Principe da Beira. E' desnecessario repetirmos a dilligencia, assiduidade e esmero com que fôra tratado na exaltação da sua enfermidade.

« Outro qualquer que não fora um Principe herdeiro presumptivo da alta dignidade do supremo chefe do poder executivo do vasto Imperio lusitano, mereceria a seus extremosos pais immensos cuidados, quanto mais aquelle cuja existencia estava de certo modo ligada com a fortuna dos povos, que amão com predilecção a Casa Real de Bragança, e que no meio das justificadas causas com que se abalançarão, a proclamar a sua regeneração politica, só se propuzerão conservar intactos e inabalaveis dous unicos principios fundamentaes de seu culto religioso e respeito politico: a religião catholica e apostolica romana e a augusta dynastia da casa reinante.

«S. A. o Principe Real fez quanto estava ao seu alcance, como pai e como regente, para conservar a si e aos povos que

---

[1] Lê-se no *Journal of a Voyage to Brasil* » by Maria Graham « January 14,[tk] 1822 — The Princess D. Leopoldina and children are gone to Santa Cruz, a country estate forteen leagues on the road toward S. Paulo (These journey was very disastrous, as it caused the death of the Infant Prince).

o idolatrão este precioso deposito confiado a seus desvelos ; mas nada foi bastante para o conseguir, e o Principe D. João teve de seguir a sorte dos Theodosios, Josés, Antonios e outros Principes, como se estivêra escripto no livro dos destinos que os primogenitos de Bragança não empunharião o sceptro lusitano!

« Logo que S. A. Real soube do fallecimento de seu caro filho, sobre o corpo do qual já moribundo pouco antes derramára immensas lagrimas, não podendo soffrer os golpes continuados de uma dôr que mais se exacerbava com a presença do objecto mallogrado da sua ternura, e com as disposições que se tomavão para o perder de vista para sempre, com prudentissimo acerto resolveu passar com a Real Familia para a sua Quinta da Ponta do Cajú, ordenando etc. »

* * *

Eis uma « Variedade historica » do Dr. A. J. de Mello Moraes (*Brazil Historico*) acerca da Casa de Bragança, seus primogenitos e São Francisco:

« E' tradição na ordem que indo um leigo franciscano pedir esmola a D. João IV, Rei de Portugal, ainda sendo 8º Duque de Bragança, em um dia em que se achava de máo humor, impacientado despedio o pobre leigo, dando-lhe um ponta-pé na canella, que o molestou, levantando-lhe a epiderme em forma de escama de peixe ; e resentido o frade da sem razão com que fôra molestado, lhe rogou a seguinte praga: —que a sua descendencia nunca passaria pelo primogenito, e os que lhe succedessem permittisse Deos que tivessem o mesmo signal na perna, que elle tão injustamente lhe tinha produzido — o que se realizou, sem excepção alguma.

« Com o arrependimento, que vem em vista de uma má acção, fez D. João IV, já sendo soberano de Portugal, um voto: — que todos os membros de sua familia e descendencia não só serião apresentados aos altares da ordem mendicante de São Francisco, como assistirião ás festas do patriarcha S. Francisco, accrescentarião no appellido — Francisco de Assis — e terião no convento d'esta ordem as suas sepulturas.

« El Rei o Sr. D. João VI e o 1º Imperador Sr. D. Pedro I procurarão sempre cumprir esse voto dos seus maiores, porque perdendo os seus primogenitos, virão realizados os prognosticos do leigo franciscano, e então accrescentarão sempre a esmola de 600$ para adjutorio da festa do patriarcha, vindo assistir a ella e jantar em commum no refeitorio com os frades.

« El Rei o Sr. D. João VI levava o rigor d'esse voto a tal ponto, que, embora viesse o seu jantar de estado prompto e na baixella do paço, não se utilisava d'elle, porque comia sem toalha na mesa de taboa do pobre refeitorio e com a classica colher de páo commum a todos os frades.

« Este facto durou annualmente até o anno de 1830. »

* * *

Lê-se n'uma carta escripta pelo Principe Regente a seu Augusto Pai em 5 de junho de 1821:

« Deus guarde a preciosa vida de Vossa Magestade como todos o hão mistér e igualmente este seu vassállo fiel e filho obedientissimo. — Pedro.

« P. S. Estimarei que esta ache a Vossa Magestade em tão perfeita saude como eu estou, a princeza e os dous filhos; a menina todos os dias falla no avô; já anda solta; o menino já sustém a cabeça e está maior e mais forte do que a menina era desta idade. »

Os dous filhos a que se refere Sua Alteza são a Princeza D. Maria da Gloria e o Principe D. João Carlos.

* * *

Como é notorio D. Pedro cultivava a arte musical; antes da Independencia compoz um hymno do qual deu noticia a seu Augusto Pai.

O Hymno Constitucional lembra o Hymno da Independencia do Brasil attribuido ao Sr. D. Pedro I fundador do Imperio, mas que, na opinião de Mello Moraes, foi quanto a musica composta pelo Sr. D. Pedro I e por Marco Portugal, modelado pelo

Hymno Portuguez que tocava a banda de musica do batalhão de voluntarios reaes portuguezes; as letras forão escriptas: a primeira por Joaquim Gonçalves Ledo, a segunda pelo Sr. D. Pedro e a terceira por Ledo.

Na Memoria de Luiz Francisco da Veiga acerca dos Hymnos patrioticos compostos por Evaristo Ferreira da Veiga por occasião da independencia do Brasil e publicada na *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro (Tomo XL parte 2ª pag. 39) diz-se porém que a letra do Hymno da Independencia tendo por estribilho *Brava gente brazileira* é de Evaristo Ferreira da Veiga existindo duas musicas para o mesmo dito Hymno sendo uma composta pelo Sr. D. Pedro I e a outra por Marco Antonio Portugal.

N'aquelle tempo vivia no Rio de Janeiro um maestro brasileiro, tão genial quão modesto, o Padre José Mauricio Nunes Garcia que em boa hora o nobre Visconde de Taunay se lembrou de tirar do esquecimento iniciando patriotica campanha para que se reconhecesse o merecimento d'este illustre compositor e aproveitasse suas bellissimas composições de musica sacra.

O Principe Regente D. João era grande apreciador da musica e quando partio de Portugal não esqueceu a sua orchestra sacra que o Rei D. João VI não levou completa no seu regresso para Lisboa. Ferdinand Denis, fallando da Capella Real do Rio de Janeiro, diz que « ali se ouvia uma musica religiosa preferivel á que se tem organisado na mór parte das residencias reaes da Europa.» [1]

Marco Portugal fôra chamado da Italia para dirigir a orchestra e o discipulo favorito de Haydn, o Neukomm tocava o orgão. « Neukomm, observou Theodor von Leuthold, era o *Maître*

---

[1] Abel du Petit Thouars que se achava no Rio de Janeiro em fevereiro de 1837 (Voyage autour du monde, etc.— Bruxellas chez H. Ode — Boulevard Waterloo n.º 44 — 1844) escreveu o seguinte:

«A musica que se executava na Capella do Imperador era feita por uma orchestra composta de musicos habeis e as vozes erão muito simplesmente bellas vezes de *Soprani* como outr'ora se fazião muitas em Napoles.»

de Chapelle da Princeza Leopoldina, excellente pianista e compositor distincto infelizmente fraco do peito.»

O Major G. A. von Schaeffer (Brasilien als unabhängiges Reich, etc. — Altona — bei J. E. Hammereich — 1824) ponderou que «a orchestra da Capella Real comprehendia cem pessoas de diversas nacionalidades e entre os cantores alguns *castrati*. Por motivos de saude o Director Cavalleiro Sigismundo von Neukomm, originario de Salzburg, voltou para a França em 1821.»

O Sr. D. Pedro I, autor de varias composições musicaes, tocava flauta, fagote, rabeca e cantava — prenda vulgar na familia de Bragança.

Sabe-se que S. M. considerava os artistas como o Padre José Mauricio e outros, não menos considerados pela Imperatriz D. Leopoldina, que era tambem excellente pianista.

A proposito de Principes artistas *Le Grand Almanack* de Paul Dupont pour 1895 (rue du Bouloi n. 4 à Paris) contém o seguinte:

« La Reine des Belges est une harpiste inspirée.

« La Reine Marguerite d'Italie a un vrai talent de chanteuse et de pianiste. En outre elle gratte de la mandoline.

« Presque toutes les Princesses anglaises jouent du piano.

« La Princesse Béatrix joue de l'harmonium avec une rare maestria.

« Le Czar de toutes les Russies joue volontiers des instruments de cuivre. Il gratte aussi du banjo.

« La Reine Victoria et sa fille Lucy font merveille sur l'orgue,

« Le Prince de Galles est d'une virtuosité peu commune sur le banjo; la Princesse sa femme est une pianiste distinguée.

« La flûte charme les loisirs du Duc de Connaught.

« Le violon est l'instrument préféré du Duc d'Edinbourg.

« Le Prince Henri de Prusse joue du piano et du violon; il compose même sur ces deux instruments.

« L'Impératrice du Japon est une virtuose sur le kolo, espèce de harpe qui est l'instrument national de ses sujets.

« La Reine Elisabeth de Roumanie joue habilement du piano et de la harpe.

« Le Roi Georges de Grêce s'applique aux expériences acoustiques, avec des verres et des cloches il obtient des effets extraordinaires, il joue aussi du *cymbalum* l'instrument des Tziganos de Howard. »

O Sr. D. Pedro I, além de suas aptidões para a musica e a poesia, affeiçoava o officio de torneiro, vocação atavica que herdára do Rei D. José.

***

« Erão brilhantes as festas que se fazião na Igreja de N. S. da Gloria do Outeiro na epoca em que este templo era frequentado por D. Pedro I e sua esposa, ponderou Carlos Seidler accrescentando que este monarcha ouvia a missa com regularidade e até acompanhava a procissão nos dias de maior festividade como escudeiro fiel e um dos sustentadores do Pallio do bispo. »

Lê-se no livro de Ferdinand Denis e M. C. Jamin intitulado «*Brésil, Colombie et Guyanes*» que nenhuma semana se passava sem que o Imperador D. Pedro I, de quem nada havia affrouxado a fé sincera, fosse ajoelhar-se ante o altar de N. S. da Gloria do Outeiro.

O Sr. D. Pedro I destinára o dia 2 de janeiro de 1826, pelas 8 horas da manhã, para apresentar a N. S. da Gloria Sua Alteza o Principe Imperial, sahindo fóra pela primeira vez, S. M. a Imperatriz ficára de ir com toda a sua Augusta Familia assistir a este acto.

No *Diario Fluminense* de 4 de janeiro de 1826 acha-se escripto o seguinte:

« Os habitantes d'esta Capital tem com prazer visto a constante devoção de SS. MM. II. para com N. S. da Gloria e se seus corações se tem sensibilisado, se com ella se tem aprazido, como não ficarião penetrados no dia 2 do corrente em que SS. MM. II. acompanhadas de suas Augustas Filhas se dirigirão a igreja de N. S. para appresentarem S. A. o Principe Imperial e implorar-lhe a graça de o tomar debaixo de sua protecção. Nada mais nobre e mais magestoso do que este acto. A's 7 horas da manhã se formou em alas na ladeira de N. S.

da Gloria hum dos batalhões de estrangeiros e outro se estacionou á porta da igreja para fazer a guarda de honra, logo depois principiarão a chegar os Conselheiros de Estado, Ministros de Estado, Grandes do Imperio, Titulares e grande numero de pessoas das classes mais distinctas, que apezar da muita chuva alli se dirigirão para terem a honra de assistir a este acto verdadeiramente religioso. As' 9 horas, 4 girandolas, lançadas ao ar, annunciarão a aproximação de SS. MM. II. e AA. II. e então a Côrte descendo a baixo para receber SS. MM. II. e AA. II. foi seguida da Irmandade de N. S. que debaixo de hum riquissimo Pallio recebeu tão Augustas Personagens. S. M. o Imperador recebendo do coche em seus braços com carinho paternal a seu Augusto Filho e depois de haver feito oração a N. S. o depositou sobre o Altar, onde então o Capellão mór dos Imperiaes Exercitos que celebrou a missa, lhe lançou as bençãos: finda esta ceremonia, principiou uma missa cantada, acompanhada de bella musica, de hum mui bom sermão e findo tudo se dirigirão SS. MM. II. ao consistorio, onde estava servido hum sumptuoso almoço, findo o qual regressarão SS. MM. II. e AA. II. ao Paço da Boa vista.

« A mesa da irmandade de Nossa Senhora da Gloria tem a lisongear-se de ser a primeira a quem coube a honra de receber no seio da sua igreja o Herdeiro do Throno Brasileiro, e he digna de louvores pelos esforços que fez para receber condignamente tão Augustas Pessoas; augmentando-se o brilho d'esta funcção pelos sentimentos de gratidão e demonstrações de amor que á porfia manifestarão os moradores das ruas, por onde passarão SS. MM. II. fazendo voluntariamente não só limpar, arear e alcatifar com flores e folhas o pavimento das ruas, mas fazendo guarnecer suas casas com ricos cortinados. Nós contemplamos os semblantes de SS. MM. II. e n'elles viamos pintados o prazer que lhes fazia a satisfação, que Sua Augusta Presença causava a seus Povos. »

Os dias 2, 3, e 4 forão de grande gala na Côrte. A 2 S. M. o Imperador acompanhado de suas Augustas Filhas foi á igreja de N. S. da Gloria dar graças ao Todo Poderoso pelo fausto

motivo; no dia 3 o mesmo Augusto Senhor assistio pelas 5 horas da tarde um solemne *Te Deum Laudamus*; no dia 4, á 1 hora da tarde, o Sr. D. Pedro I recebeu no Paço da Cidade as felicitações do Corpo Diplomatico e de innumeras pessoas das diversas classes sociaes.

Houve grande cortejo no Paço a 22 de janeiro, dia do anniversario natalicio de S. M. a Imperatriz — Não faltarão as salvas, embandeiramentos e a representação de gala no theatro, onde os Imperantes forão calorosamente acclamados.

* * *

A Ex.ma Sra. D. Marianna Carlota de Verna Magalhães, n'uma carta a seu filho, estudante em Paris, a 27 de janeiro de 1826 escreveu ...... « bem recompensada com o bom tratamento que tenho recebido do Imperador. Estou tratando o nosso Principe, o que dá para suavisar as minhas penas e todo o trabalho que tenho, a que me vou acostumando com perfeita saude, e tudo fica pago com a cara alegre e a approvação do Pai. A tudo que eu faço ainda não achou nenhuma recommendação a fazer, sempre me diz « Você entende d'isto melhor do que eu » é quanto se póde desejar, de sorte que todos á proporção seguem o mesmo...
....emquanto ao demais, esteja descançado, que estou muito bem.

« No quarto do Principe reina uma paz podre, desde nós até a moça do quarto. Todos os dias ouço só dizeres de felicidade em que se reputão por estarem comnosco. Eu sou advogado de todos e qualquer cousa que querem veem ter commigo, de sorte que me julgo como em minha casa. Isto dirás tu, he muita presumpção, mas tambem te conto para que saibas que não tens uma mãi tão má....

« A ama, que é uma Suissa muito sincera e de quem o I. e a I. gostavão muito quando criava a Princeza D. Paula, sempre me está dizendo: « Eu não posso crer que estou tão bem, parece me outro paço » e perguntando-lhe eu por que? disse: *C'est parce que je me plais beaucoup avec vous.*»

* * *

Nenhum escriptor falla na ama de leite do Principe que foi D. Pedro II.

Os descendentes da Sra. D. Marianna tiverão noticia da ama que se chamava Catharina e foi sempre amparada pelo seu Imperial filho de leite, recebendo uma pensão e tendo morada no Paço da cidade, onde se conservou até morrer.

N'uma relação dos pensionistas de Sua Magestade em 1831, encontra-se Catharina Equey sem nenhuma explicação e no livro das matriculas do Consulado Geral da Suissa no Brasil, com séde no Rio de Janeiro (Lettre 2 n.º 2) existe o seguinte lançamento de 1858 presumidamente: «Equey, veuve, originaire de Attalens, Fribourg, sans profession, arrivée au Brésil en 1819, domiciliée à Rio de Janeiro, rua da Assembléa.»

Foi justamente esta Catharina Equey quem teve a honra de amamentar o segundo Imperador do Brasil, como anteriormente a Princeza D. Paula Marianna. Apoz innumeros passos, durante perto de dous annos de pesquizas, chegamos a conhecer a viuva de José Joaquim Borges dos Reis, em solteira Amelia Equey filha de Claudio José Equey e Maria Catharina Equey nascida Seydoux, casal cujo enlace se realisou a 20 de novembro de 1818 na igreja de Vinsternens a respectiva certidão sendo passada no dia 6 de maio de 1819 como verificamos *de visu*. Deprehende-se de um documento expedido em 14 de fevereiro de 1832 pelo consul suisso no Rio de Janeiro, Sr. Augusto Tavel, que Maria Catharina, filha legitima de José Seydoux e Maria Josepha Grandjean, foi baptisada em maio de 1800 na parochia de Le Cret, cantão de Friburgo, na Suissa; José Equey pai de Claudio José Equey, era oriundo de Villariaz, no mesmo cantão de Friburgo.

O casal Equey veio para o Brazil em 1819, comprehendido no contingente de Suissos, agenciados por Sébastien Nicolas Gachet para formar a colonia de Nova Friburgo no territorio fluminense.

Tambem forão matriculados no Consulado Geral da Suissa no Rio de Janeiro: o dito Claudio José Equey de Villariaz e seus filhos Pedro, Paulo, Francisco, Januario e José.

Serralheiro habil, tendo sua mulher no Paço feita ama de leite da Princeza D. Paula, deixou Claudio José Equey a colonia

de Nova Friburgo e estabeleceu-se na cidade do Rio de Janeiro na rua Miguel de Frias existindo ainda a respectiva officina com o n. 28. Falleceu no sabbado 16 de agosto de 1851, na Travessa do Maruhi (hoje rua Alegria), em São Christovão, e foi sepultado no cemiterio de S. Francisco de Paula, tendo sua campa o n. 2745.

Pertenceu á «Société Philanthropique Suisse» do Rio de Janeiro a partir de 1839.

As irmãs de Maria Catharina Equey tendo todas o mesmo primeiro nome, a mais velha ficou sendo chamada Maria e as outras pelo segundo nome, eis o motivo por que foi a ama sempre chamada Catharina tão sómente.

Desde o principio de novembro de 1825 ella ficou installada no Paço, aguardando o nascimento da Imperial criança e o senhor D. Pedro I, que não queria ter de recorrer a outra ama, constantemente perguntava a Catharina Equey, então em estado de gravidez adiantadissima: « Se nada havia de novo? » E como demorava muito o almejado successo, resolveu-se o Imperador a mandar vir de Nova Friburgo certa Madame Prottet, ou de nome semelhante, que foi quem deu o primeiro leite ao Principe Brasileiro nascido a 2 de dezembro de 1825.

O filho da ama Catharina Equey veio ao mundo no dia 4 de dezembro.

Antes do baptisado do Principe e no mesmo dia, quiz S. M. o Sr. D. Pedro I que o filho de Catharina Equey recebesse na pia baptismal o nome de Leopoldo, que o bondoso monarcha escolheu, declarando ser o seu padrinho, como foi.

Catharina Equey assumio as suas funcções de ama de leite da augusta criança depois da ceremonia do baptisado, effectuado no dia 9 de dezembro de 1825, retirando-se do Paço Imperial no fim de 1827.

Ella teve outros filhos baptisados pela Familia Imperial sabemos de um pela Princeza D. Januaria, outra pela Princeza D. Francisca e sua filha Amelia (a Sra. Viuva Reis nossa bondosa informante), que nascêra por ultimo na rua Miguel de Frias, teve por padrinho em 1833 S. M. o Sr. D. Pedro II, então com 8 annos de idade.

Ignora-se quaes forão os emolumentos de Catharina Equey quer quando ama da Princeza D. Paula, quer quando ama do Principe herdeiro da corôa, e se teve pensão de 1827 a 1831.

Durante o periodo regencial recebia mensalmente 24$000 do governo, 12$000 do bolsinho do Imperador menor e 12$000 do bolsinho da Princeza D. Paula, mesmo apoz o fallecimento de Sua Alteza em 16 de janeiro de 1833.

Extremamente dedicada ao seu Imperial Filho de creação a D. Catharina Equey, presentindo o seu proximo fim, reunio um dia as lembranças que d'Elle possuia e lh'as foi entregar— entre outros objectos achava-se um rico medalhão com cabellos do Augusto Senhor, quando menino.

Pouco tempo depois, em 19 de julho de 1878, falleceu aos 80 annos, victima de peneumonia, a ama do Sr. D. Pedro II, no commodo que occupava no palacio da cidade e foi sepultada nó cemiterio de S. Francisco Xavier no Cajú, onde teve o numero 5859 sobre sua campa.

* * *

O Sr. D. Pedro I tendo promettido visitar os habitantes da cidade da Bahia logo que as circumstancias o permittissem, entendendo que chegára o momento asado para o desempenho de sua Imperial palavra fez a 31 de janeiro de 1826 uma proclamação aos Fluminenses annunciando a sua partida.

Ao romper da aurora do dia 9 de fevereiro seguio viagem sob o commando do Vice-Almirante Barão de Souzel, uma esquadra composta da náo *Pedro I* levando a bordo S. M. o Imperador, Sua Augusta Consorte e a Princeza D. Maria da Gloria — as fragatas *Piranga* e *Piraguassú* gentilmente escoltadas pela fragata franceza *Arèthuse* sob as ordens do commandante Gauthier.

Durante a ausencia dos augustos Pais, o Imperial menino ficou entregue a Sra. D. Marianna.

Além do pessoal effectivo dos tres navios nacionaes, achavão-se n'elles 213 pessoas formando a Imperial comitiva — comprehendido o medico da Imperial Camara Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto e sua mulher em estado de adiantada gravidez.

A bordo da náo *Pedro I*, surta no porto da Bahia, nasceu a 12 de março de 1826 Francisco Maria dos Guimarães Peixoto que tambem foi baptisado a bordo, tendo por padrinho S. M. o Imperador e madrinha S. A. D. Maria da Gloria.

No dia 1 de abril os Imperantes estavão na sua capital cheios de gratas recordações das homenagens recebidas, quer na ida, quer na volta, nas diversas localidades onde estiverão e no dia 5 do mesmo mez assistirão a um solemne *Te-Deum* que sob a direcção da Intendencia de Policia, o Corpo do Commercio da cidade do Rio de Janeiro fez celebrar na igreja de S. Francisco de Paula, ás 6 $^1/_2$ horas da tarde, em acção de graças pelo seu regresso.

* * *

Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, natural de Pernambuco, nasceu aos 14 de agosto de 1790 e tendo completado o cúrso de humanidades partiu em 1810 para o Rio de Janeiro, onde se formou. Cirurgião militar e medico da casa real em 1817, foi elevado á cirurgião da real camara em 1820.

Em 1821, foi-lhe conferido o habito da ordem de Christo, em 1824 o fôro de fidalgo cavalheiro, mezes depois o titulo de conselheiro, em 1825 a commenda da ordem de Christo.

« Obtendo licença do Imperador e a pensão de 50$ mensaes, diz o Sr. Francisco Augusto Pereira da Costa, aos 10 de setembro de 1827 seguiu o clinico de muita nomeada e lente da escola medico-cirurgica do Rio de Janeiro para sentar-se nas bancadas dos discipulos da Universidade de Paris onde, por motivo de economias, o governo do Brazil lhe suspendeu a sua pensão e tirou o lugar de cirurgião-mór do Imperio.

« Porém D. Pedro I por um destes rasgos de generosidade e justa indignação, abre o seu bolsinho e o conselheiro Guimarães Peixoto recebeu regularmente 800$ annuaes até completar os seus estudos.»

Tendo recebido o grau de doutor em medicina pela Universidade de Paris, Guimarães Peixoto correu em 1831 a apresentar-se ao Sr. D. Pedro I que acabava de chegar do Brasil, apoz a sua abdicação, e foi abraçado pelo seu augusto protector e amigo.

De volta ao Brasil foi nomeado em 31 de maio de 1833 Director da Escola de Medicina do Rio de Janeiro.

« Em 1833, diz Pereira da Costa, accommettido S. M. o Imperador de grave enfermidade, que ameaçava a sua vida, o Dr. Guimarães Peixoto teve a felicidade de salval-o. A regencia agradeceu ao illustre facultativo tão grandioso serviço, offereceu-lhe uma remuneração pecuniaria, mas elle recusou-a, acceitando porém o titulo de 1º medico do Imperador e da familia Imperial. Ainda em 1845, aos 23 de Fevereiro, Guimarães Peixoto — o mesmo que havia recebido em seus braços ao nascer S. M. o Sr. D. Pedro II recebeu tambem o seu augusto filho o Principe D. Affonso e então o titulo nobiliario de Barão de Iguarassu merecida distincção com que foi galardoado.»

Era então lente jubilado, membro correspondente da Academia de Medicina de Paris e outras sociedades scientificas — estrangeiras e nacionaes. Fallecendo em 29 de abril de 1846, foi sepultado na Capella da O. 3.ª do Monte do Carmo no Rio de Janeiro.

Os filhos do Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto — Luiz Ribeiro e Francisco Maria dos Guimarães Peixoto, por Decreto de 7 de maio de 1846, repartião com a viuva a pensão mensal de 83$333, que o Decreto de 2 de agosto de 1840 havia instituido em favor d'elle Dr. D. R. Guimarães Peixoto.

*
* *

Luiz Ribeiro dos Guimarães Peixoto nasceu a 19 de maio de 1819, foi nomeado fidalgo cavalleiro da Casa Imperial (Alvará de 8 de março de 1825), cavalleiro professo da ordem de Christo (Decreto de 2 de dezembro de 1825), commendador da mesma ordem (Decreto de 4 de abril de 1826). Estudou em Pariz onde se formou em bellas letras e depois voltou para o Brasil. N'aquella capital teve um dia a fantasia de passear com a sua commenda no peito da farda collegial, logo preso, vio-se obrigado a mandar avisar o Ministro do Brasil que o fez soltar e lhe recommendou, visto a sua pouca idade fazendo duvidar de seus direitos, de não mais sahir á rua com a sua venera afim de não tornar a

soffrer vexame. Cursou na Escola Militar da Côrte onde foi approvado plenamente nos 1º e 2º annos de mathematicas. Assentou praça a 20 de dezembro de 1840, foi reconhecido cadete e promovido a tenente a 20 de julho de 1844. E' para admirar que a fé de officio firmada em 29 de julho de 1896 não vá além de 1858 e traz no distico « Tenente » apezar de declarar que Luiz Ribeiro dos Guimarães Peixoto tem sido elevado a capitão em 31 de março de 1854.

Francisco Maria dos Guimarães Peixoto, segundo filho do Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, nascido em 1826, nomeado fidalgo cavalleiro por Decreto de 30 de janeiro de 1827, assentou praça em 1844 e reconhecido cadete foi feito alferes em 1847. E' um dos heróes da guerra da Triplice Alliança contra o Paraguay onde morreu a 24 de maio de 1866, na batalha de Estero Bellaco, com as divisas de major.

* * *

O dia 16 de abril de 1826 e os dous immediatos forão de grande gala com publicos testemunhos de apreço pelo feliz exito do Tratado de Paz e Alliança entre Portugal e Brasil, assignado no Rio em 30 de agosto de 1825 e em Lisboa a 15 de novembro seguinte. Houve cortejo no Paço e SS. MM. II. assistirão a um *Te-Deum* ás 6 horas da tarde do dia 16 indo á noite ao Imperial Theatro de São Pedro de Alcantara onde forão acclamados.

Não era sómente nos actos de representação official que os Imperantes se mostravão juntos e para comproval-o vamos agora transcrever uma interessante noticia estampada na imprensa local e alludir á uma vista panoramica do Rio de Janeiro.

* * *

Lê-se no *Diario Fluminense* de 5 de maio de 1826 sob a epigraphe — Correspondencia: « Sr. Redactor. O incluso documento que passo ás suas mãos, sendo hum justo tributo da gratidão de hum subdito de Meu Augusto Monarcha o Imperador de todas as Russias, he mais hum titulo que mostra o direito que S. M. o

Augusto Imperador do Brazil tem ao respeito, consideração e admiração dos homens — quer do novo, quer do velho mundo. Eu me considerarei em obrigação para com V. M., Sr. Redactor, pela publicação delle, pois que preenchendo assim os desejos de hum subdito Russo, tenho mais uma occasião de publicamente mostrar minha veneração pelo Augusto Fundador deste Imperio. Deus Guarde a V. M.— Consulado da Russia em 2 de Maio de 1826 — Pedro Alexandre Külchen.

«Na tarde de Domingo 23 do corrente mez de Abril, estando em terra tres officiaes inferiores da guarnição do navio *Helena* da Companhia Russo-Americana, e tendo alugado cavallos dirigirão-se em passeio para o lado de São Christovão, e na volta um delles teve a infelicidade de cahir do cavallo a baixo na estrada de Matta Porcos, batendo com a cabeça no chão com tanta força que perdeu os sentidos e o sangue lhe arrebentou dos ouvidos, ficando os seus companheiros na maior consternação, sem saber o que fazer por não conhecerem a lingua do paiz, nem tão pouco o lugar do desastre. Neste critico momento, passarão a cavallo SS. MM. II. sem quasi cortejo algum, rodeados unicamente do amor e da affeição dos seus subditos. S. M. o Imperador apenas avistou aquelle triste grupo, rapidamente desceu do cavallo, approximou-se do infeliz, que estava estendido em terra e com vivos cuidados empenhou-se em soccorrel-o, ao mesmo tempo que S. M. a Imperatriz, qual mais terna, com angelica humanidade, anciosamente esperava pelos effeitos dos cuidados prodigalisados por Seu Augusto Esposo, informando-se repetidas vezes do estado do doente; emquanto S. M. o Imperador Se dignou de alliviar de todo modo os soffrimentos deste, condescendendo até com as proprias mãos applicar espirito ao infeliz estrangeiro, que deu signaes de vida; então S. M. o mandou levar para o Hospital com ordem de se lhe prestarem todos os soccorros necessarios imaginaveis, ficando os outros dous companheiros todo o tempo admirados de tanta humanidade, sem porém conhecer a Alta Personagem que tão vivamente se interessou na sorte do doente. No dia seguinte passou-se este para bordo e tendo já melhoras, vive na doce esperança de poder levar para a sua patria, além dos mares, para

sempre no seu coração a sua eterna gratidão e os sentimentos da sua profundissima veneração para com as Augustas Pessoas de seus Altos Bemfeitores. Rio de Janeiro em 1 de Maio de 1826.— Matheus Muravief (assignou tambem Pedro Alexandre Külchen).»

Um dos illustrados irmãos Taunay (Felix, depois Barão de Taunay) enviou em 1825 para Paris, onde foi objecto de diversas reproducções ás quaes se refere o Catalogo da Exposição realisada em 2 de dezembro de 1881 na nossa Bibliotheca Nacional, uma linda vista panoramica da bahia e cidade do Rio de Janeiro que até parece haver inspirado o trabalho não ha muito ainda franqueado ao publico pelos autores Victor Meirelles (brasileiro) e Langerœck (belga). N'aquelle quadro vê-se, subindo o morro do Castello, com acompanhamento pequeno e todo a cavallo, D. Pedro I e D. Leopoldina.

* * *

A 24 de abril chegou ao Rio de Janeiro o brigue *A Providencia* trazendo noticia de haver sido El-Rei D. João VI atacado de apoplexia e epylepsia ao mesmo tempo, no dia 4 de março de 1826, expirando Sua Magestade ás 4 horas da manhã de 10 do mesmo mez no Real Palacio da Bemposta.

Veio no mesmo brigue *Providencia* o Acto de Acclamação proclamando Rei D. Pedro IV de Portugal: S. M. o Imperador D. Pedro I do Brasil.

Ouçamos D. Marcos arcebispo eleito de Lacedemonia:

« Consumido de dor e amargura, fatigado de perseguições e trabalhos, acurvado debaixo do peso enorme de mortaes desgostos, sempre em resguardo contra seus jurados inimigos, que erão os inimigos da honra e da fidelidade, o Senhor Rei D. João VI morreu a 10 de Março de 1826, deixando installado um Conselho de Regencia, presidido por S. A. R. a Serenissima Senhora Infanta D. Isabel Maria, por decreto de 6 do mesmo mez e anno. Emquanto n'este tempo os amigos fieis da augusta dynastia de Bragança, os portuguezes honrados e fieis esperavam

paz, ordem, liberdade das augustas Mãos do novo Rei, a facção cruel e sanguinaria esperava com impaciencia ver renovadas as scenas tragicas de Salvaterra e de 30 de Abril.

« Porém, Excelsa Senhora, El-Rei o Senhor D. Pedro IV soube a 26 de Abril de 1826 que seu lamentado e perseguido Pae succumbira ao peso enorme das perseguições e trabalhos, ralado de amargura e mortaes angustias, e seu coração terno e bom é ferido como de uma ponteaguda lança. S. M. deu ás lagrimas e á dor todo esse dia, e no dia seguinte o Sol illumina o Acto primeiro do seu Reinado Portuguez, o novo Rei dá a toda a Nação uma amnistia por opiniões politicas....

« Por este decreto de 27 de Abril o Sr. D. Pedro IV reune á roda do seu Throno toda a Familia Portugueza, o Manto Real do Rei Magnanimo cobre, para não serem punidos, opiniões, erros de entendimento, porventura crimes da seducção e da ignorancia....... tudo exulta, excepto o crime, o odio e a vingança. O nome excelso do Rei é repetido com amor e respeito em toda a Monarchia.»

Aos 29 de abril de 1826, a Carta Constitucional da Monarchia Portugueza foi decretada e dada pelo Rei de Portugal e Algarves D. Pedro, Imperador do Brazil.

A morte do seu Augusto Pai deixava o Imperador D. Pedro I em circumstancias melindrosas e excepcionaes.

Ouçamos o escriptor A. D. de Pascual transcrevendo algumas linhas dos seus « Rasgos Memoraveis do Senhor D. Pedro I... Rio de Janeiro — Typographia Universal de Laemmert & C.ia — 1868.

« Com effeito, era um compromisso mais accrescentado aos muitos que rodeavão o joven Principe.

« O Brazil precisava d'Elle então mais do que nunca; pois estava empenhado numa guerra de honra — embora impopular — contra as Provincias Unidas do Prata e a Banda Oriental.

« Duas corôas erão para elle um peso? Não. Mas resolverião os dous paizes ser governados como dependencia um do outro? A politica dos gabinetes europeus quereria privar a causa monarchica do grande apoio que recebia do caracter energico e firme de D. Pedro? Não teria sido mais prudente esperar do

tempo uma separação mais absoluta entre o imperio e o reino, para desse modo extirpar ciumes de pais e filhos? Brazileiros e Portuguezes fazião estes semelhantes ou peiores calculos; mas é porque não conhecião a alma generosa do cavalheiro-rei.

« D. Pedro era tão magnanimo quão pouco conhecido pelos seus cegos contemporaneos. »

No dia 2 de maio de 1826 foi publicado no Rio de Janeiro o *Acto de Abdicação* do Senhor D. Pedro de seus direitos á corôa de Portugal, Algarves, etc., etc., em favor de sua Augusta Filha a Sra. D. Maria da Gloria, Princeza do Grão Pará, sob condição, porém, de ter communicação official do juramento da Constituição e conclusão dos esponsaes d'esta Princeza com seu tio o Infante D. Miguel.

Ouçamos J. D. da Cruz Lima (Refutação do livro « O Primeiro Reinado — Rio de Janeiro — Typ. Univ. de E. e H. Laemmert — 1877) « ...... recebeu o Imperador a noticia do fallecimento do Sr. Dom João VI e do acto da sua acclamação de Rei de Portugal, pela regencia do Reino, que acceitou para abdicar em sua filha a Augusta Princeza D. Maria da Gloria, promulgando na mesma occasião a Carta Constitucional, com a qual ella governaria os Reinos de Portugal e Algarves.

« Se o Imperador, o Sr. D. Pedro I, fosse esse Principe estrangeiro que figura o autor do livro, pouco amigo do Brazil, com baldões que já então lhe emprestava a opposição exaltada, não era esta uma excellente occasião para deixar o Brazil, por quem já tudo havia feito, emancipado e constituido, e ir occupar o throno de seus antepassados; tanto mais que o partido demagogo já havia levantado seu collo desde a Constituinte, que pela sua dissolução ficára desapontado, mas que entretanto empregava todos os meios para desgostar o Imperador, todos os dias insultado pela imprensa exaltada ?!

« Não, o Sr. D. Pedro I era Brazileiro, havia-se identificado com o Brazil, que a Providencia destinára para um grande Imperio, indicando-o como seu guia.

« Abdicando, pois, a Corôa Portugueza em sua Augusta filha, provou ao Brazil a sua adhesão e preferencia por elle (que tão mal lhe retribuirão!); e não desconsiderou aquella

Corôa, collocando-a na cabeça de sua filha, essa verdadeira filha dos Cesares! com uma Carta Constitucional tão liberal, como a que havia outorgado ao Brazil!

« O facto foi tão importante que o applaudirão Gregos e Troyanos! »

* * *

Muito se poderia escrever para exaltar a memoria do Sr. D. João VI. Pondo-se de parte os trabalhos de José da Silva Lisboa, Padre Luiz Gonçalves dos Santos, Dr. Mello Moraes e a biographia escripta pelo Sr. Dr. José Ricardo Pires de Almeida, nos limitaremos a citar as palavras proferidas no seio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro na occasião da sua posse de socio, pelo Sr. André P. de L. Werneck:

« Sr. Presidente, meus senhores: — A generosidade com que este Instituto procedeu para commigo, distinguindo-me com a honra de entrar para o seu seio, onde as mais altas individualidades de nosso paiz teem fulgurado com seus talentos e luzes, me obriga a continuar a trabalhar, para que possa não desmerecer um titulo por todos vós tão justamente acatado.

« E' incontestavel que não ha meio mais positivo de fazer bons cidadãos do que pela contemplação dos typos que crearam a nossa nacionalidade, despertar o desejo do conhecimento da historia patria, cultivando a veneração pelos que souberam, — com uma clarividencia verdadeiramente admiravel, com abnegação dos seus interesses de momento, sem esperarem recompensas, e ainda muitas vezes tendo a ingratidão dos seus contemporaneos, incapazes de comprehender as condições dos verdadeiros servidores da Patria, e que popularisam de preferencia os demagogos e utopistas, — crear e preparar elementos que futuramente seriam a base da nossa prosperidade e grandeza.

« E', pois, condição preliminar para o julgamento dos grandes homens a observação do meio em que viveram, e, portanto, dos recursos com que contaram para servir á Nação, aproveitando as forças existentes, creando outras, e muitas vezes, com material desequilibrado e heterogeneo, fazer obra duradoura e util, fortalecendo os laços que nos prendem uns aos outros,

provocando a solidariedade dos habitantes do mesmo territorio, ainda que de nacionalidades differentes, solidariedade que deu origem ao amor da Patria.

« Nós brazileiros, temos um longo passado, que desapparecerá, si não procurarmos venerar, habituando toda a Nação a esse acto de aperfeiçoamento moral, aquelles que em tempos difficeis, em épocas para nós pouco conhecidas, porque não podemos nos compenetrar convenientemente das difficuldades com que tivemos de arcar ; aquelles que conseguiram glorificar seus nomes, em datas que todas as nações estavam conflagradas moral e materialmente, em que todos os paizes estavam no embryão de seus governos.

« A nossa Patria, portanto, deve procurar symbolisar os servidores a que deve a sua grandeza, os que souberam impôr a sua nacionalidade aos contemporaneos ambiciosos de dominios, os que, felizmente, usaram do poder para bem da liberdade e da industria, assim para a grandeza moral e material do paiz.

« Em um lance de olhos pelo nosso passado historico, vemos sobresahir os typos gloriosos de André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira, firmando de uma maneira immorredoura o caracteristico de uma nação: — territorio inconquistavel á força de armas, de dinheiro ou corrupção ; vemos Pombal garantindo a liberdade dos indios, — mais brazileiro que todos nós, — fazendo a liberdade de industria, cogitando da liberdade de escravos, pretendendo elevar o Brazil transportando para elle a capital portugueza, exterminando o elemento retrogrado que nos ameaçava de um dominio corruptor ; destacamos D. João VI, forçado pelas circumstancias de momento, aportando a estas plagas, porém tendo a boa estrella de querer elevar este paiz, legislando sabiamente, de uma maneira bem intencionada, brazileira, e persistindo com a mesma orientação até o ultimo momento, procurando bem servir ao Brazil com visivel prejuizo da mãi patria.

« Meus senhores:

« Só o passado póde julgar do valor dos grandes homens, porque só elle entra em acção com o animo desprevenido,

abandonando pequenos senões que são communs da natureza humana.

« Nós, neste momento, apreciando os feitos daquelles que nos precederam, daquelles que, durante o periodo colonial, puderam sobresahir pelas obras meritorias ao Brazil, fazemos a funcção de juizes e representamos a Historia, sempre prompta a perdoar os erros, e disposta a medir os serviços com imparcialidade e firmeza.

« Acerca dessas individualidades que aqui indiquei, sei que só póde haver divergencia entre os historiadores na apreciação dos serviços de D. João VI porque alguns collocam-se no ponto de vista estreito de julgar os actos desse grande benemerito de nossa patria como consequencia forçada das circumstancias que o rodearam.

« Esse modo de ver, porém, não é legitimo, porque para que o fosse seria preciso que a legislação desse tempo tivesse unicamente em vista os interesses de D. João, e que, terminada a invasão de Portugal, D. João abandonasse o nosso paiz, supprimindo essas regalias que teria concedido por seu interesse pessoal.

« Assim, porém, não succedeu. A legislação que comprehende o periodo do governo de D. João VI, trata, com grande e notavel profundeza, com desejos evidentes de acertar, com rara actividade governamental, de todos os problemas que se prendiam á prosperidade do Brazil: legislando sobre agricultura, industrias em geral, direito civil, colonisação, sciencias, lettras, artes e todos os mais assumptos de interesse real ao progresso de nosso paiz.

« Si nem todos os seus desejos foram satisfeitos, si nem todos os resultados foram proveitosos como deviam, não foi isso mais do que consequencia do momento historico.

« Todos nós vemos que apezar dos recursos que actualmente existem, nem sempre as boas intenções dos governos são realisadas, ficando muitas vezes os seus desejos completamente burlados, por causas inteiramente fóra do seu alcance, por mais previdentes que sejam os homens.

« E se hoje com os recursos de civilisação que possuimos assim succede, o que não poderemos tolerar nos governos daquelles

tempos, em que os meios de acção eram embaraçados pelas difficuldades de toda ordem?

« E porque, senhores, não devemos venerar a memoria de D. João VI, como o maior cooperador de nossa Independencia, quando a par da sua sabia legislação armou o paiz de elementos de progresso, agitando as actividades, abrindo fontes de riqueza, fazendo estudar o sertão do paiz, ainda em 1815 elevou o Brazil a Reino Unido, fazendo-o um estado federado e tornando-o quasi que um paiz livre?

« Dizem alguns historiadores que esse acto foi signal de leviandade de D. João VI, que sem perceber abriu o caminho de nossa Independencia. E' porém, certo que da legislação do periodo do seu governo, se conclue, que El-Rei tinha como auxiliares homens de elevado merito intellectual, que sabia de sua livre vontade escolher, e é incrivel que no meio de tantas provas de penetração deixadas pelos eminentes estadistas que o cercavam escapasse essa idéa e não a fizessem lembrar a El-Rei, caso della não tivesse cogitado.

« O que, pois, se deprehende como consequencia natural dos precedentes, é que El-Rei ao elevar o Brazil a Reino Unido, o fez com plena consciencia do seu acto. E se sempre procedeu com provas de dedicação ao nosso paiz, ainda mais o fez, quando ao retirar-se deixou D. Pedro como principe regente e com poderes quasi que illimitados, e que foram base de reclamações das côrtes portuguezas.

« Si mais precisassemos para demonstrar a consciencia que presidiu a todos os actos de D. João VI, bastaria lembrarmos as palavras com que despediu-se de D. Pedro, e que eram a previsão da sua obra calculadamente preparada e indicavam a seu filho o caminho a seguir. Si D. Pedro até essa occasião não pensasse em nossa Independencia, ficou nesse momento sciente do desejo e apoio de seu pai a esse acto, apparentemente de rebellião.

« E' tempo, senhores, de mostrarmos a nação um dos seus maiores servidores, si não o maior, para quem no dizer do illustre 1º Secretario deste Instituto, o Sr. H. Raffard, esta terra ainda não se tem mostrado devidamente agradecida.

« Eu, abusando da benevolencia com que fui aceito neste Instituto, venho lembrar a conveniencia de ser agitada a idéa de um monumento á gratidão dos que, no regimen colonial, symbolisaram o nosso preparo para nação livre, monumento que deverá ter as figuras de André Vidal, Fernandes Vieira, Pombal, presididas pelo typo calmo e generoso de D. João VI. »

***

A 6 de Maio de 1826, n'uma tribuna ao lado de outra reservada para o Corpo diplomatico, S. M. a Imperatriz e sua augusta Filha a Rainha de Portugal D. Maria II assistirão á ceremonia da abertura da Assembléa Legislativa na Camara dos Senadores.

***

A Imperatriz D. Leopoldina, comquanto vivesse assás retirada, entregue a seus varios estudos, estimava immensamente os filhos e muito os acariciava sempre que chegavão perto d'Ella. Sua Magestade tratava bem a todas as pessoas e no Paço era por todos justamente considerada e estimada. Descançava inteiramente nas Sras. D. Mariana e D. Maria Antonia para o bom tratamento da Princeza D. Francisca e do Principe.

***

D. Pedro, tinha apenas 9 mezes quando foi reconhecido Herdeiro Presumptivo da Corôa do Brasil, como consta do auto lavrado a 26 de agosto de 1826, nos termos seguintes:

« Saibão quantos este Instrumento virem, que no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e vinte seis, quinto da Independencia, do Imperio do Brazil, aos dois dias do mez de Agosto pelas dez horas da manhã, nesta muito Leal e Heroica cidade do Rio de Janeiro, no Paço do Senado, aonde se reunirão as duas Camaras de que se compoem a Assemblea Geral Legislativa do mesmo Imperio, estando presentes trinta e nove Senadores, sessenta e oito Deputados, sob a

Presidencia do Visconde de Santo Amaro para se fazer o Reconhecimento do Principe Imperial na conformidade da Constituição, Titulo quarto, Capitulo primeiro, Artigo quinze, Paragrapho Terceiro, se procedeu ao Acto Solemne do dito Reconhecimento, e o Senhor Dom Pedro de Alcantara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocadio Miguel Gabriel Raphael Gonzaga, Principe Imperial, Filho Legitimo e Primeiro Varão existente do Senhor Dom Pedro Primeiro Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil e da Senhora Dona Maria Leopoldina Jozefa Carolina Imperatriz, Sua Mulher, Archiduqueza da Austria, Nascido aos dois dias do mez de Dezembro de mil oitocentos e vinte cinco e Baptizado aos nove do dito mez e anno na Imperial Capella desta Corte pelo Excellentissimo e Reverendissimo Dom José Caetano da Silva Coitinho, Bispo Diocesano, Capellão Mor de Sua Magestade Imperial, pela Assemblea Geral Legislativa foi reconhecido por Successor de Seu Augusto Pai no Throno e Coroa do Imperio do Brazil, segundo a ordem da Successão estabelecida na Constituição, Titulo quinto, Capitulo quarto, Artigo cento e desasete, com todos os Direitos e Prerogativas que pela mesma Constituição competem ao Principe Imperial Successor do Throno. E para perpetua memoria se lavrou este Auto em duplicado na conformidade da Lei para os fins nella declarados o qual foi lido pelo Barão de Valença, Segundo Secretario do Senado em voz intelligivel perante a Assemblea Geral Legislativa, cujos Membros abaixo vão assignados. E eu João Antonio Rodrigues de Carvalho, Primeiro Secretario do Senado, o escrevi e subscrevo. João Antonio Rodrigues de Carvalho.

« Visconde de S. Amaro, Presidente.— Bento Barroso Per.ª — Visconde de Caravellas.— José Joaquim Nabuco de Araujo. — José Ignacio Borges.— Barão de Cayrú.— José Feliciano Fernandes Pinheiro.— Visconde da Praya Grande.— Bispo Capellão Mor.— Antonio Marques de Sam Paio.— Manoel José S. Albuquerque.— Marcos Antonio Bricio.— Pedro Antonio Pereira Pinto do Lago.— Luiz José d'Oliveira.— Bernardo José de Serpa Brandão.— Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti de Albuqº.— Dom.ºˢ Malaq.ᵃˢ d' Ag.ᵃᵐ Pires Ferr.ᵃ,

— Visconde de Maricá.— Visconde de Inhambupe.— Visconde de Paranaguá.— Marquez de S. João da Palma.— Visconde de Baependy.— Visconde de Aracaty.— Manoel José de Souza França. — Barão do Caethé.— José Carlos Mayrink da Silva Ferrão.— J.e Caetano Ferr.a de Aguiar.— Estevão José Carneiro da Cunha. — Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque.— Bernd.o Carnr.o Pt.o de Almda.— Monsenhor Pizarro.— Lourenço Rodrigues de Andrade.— Francisco de Assis Barbosa.— José Antonio da Silva Maya.— José Custodio Dias.— Ant.o Vieira da Soledade.— Romualdo Antonio de Seixas.— José de Souza e Mello.— Candido José de Araujo Vianna.— José Teixeira da Matta Bacellar. — D. Nuno Eugenio de Lossio e Seiblitz.— José Clemente Pereira. — Barão de Congonhas do Campo.— Antonio Augusto Monteiro de Barros.— José Correa Pacheco e Silva.— José Bernardino Baptista Pereira.— Visconde de Nazareth.— Jacintho Furtado de Mendonça.— Antonio Gonçalves Gomeda.— Barão d'Alcantara.— José Carlos Pereira de Alm.da Torres.— Visconde de Lorena.— Antonio da Roxa Franco.— João da Costa Silva. — José Bento Leite Ferr.a de Mello.— Fran.co da S.a S.sa e Mello.— José Cezario de Miranda Ribeiro.— Marcos Antonio Monteiro de Barros.— João Francisco Borja Pera.— Gabriel Getulio Monteiro de Mendonça.— Visconde de Queluz.— José Thomaz Nabuco de Araujo.— José Cardozo Pereira de Mello.— Placido Miz. Pra.— Francisco das Chagas Santos.— Nicolau Pereira dos Campos Vergueiro.— Luiz Pedr.a do Couto Ferraz. — José Ricardo da Costa Aguiar d'Andrada.— João José Lopes Mendes Ribeiro.— João Ricardo da Costa Drummond.— Ignacio Pinto d'Almeida e Castro.— Luiz Augusto May.— Luiz José da Barros Leite.— Marcos Antonio de Souza.— Antonio da Silve Telles.— Luiz Paulo de Araujo Basto.— João Evangelista de Faria Lobato.— José de Rezende Costa.— Joaquim Glz Ledo.— Francisco Gonçalves Martins.— José Joaquim de Carvalho. — Miguel José Reinau.— Raimundo José da Cunha Mattos.— Nicolau Herrera.— Luiz Per.a da Nobrega de Sz.a Couto.— Antonio Ferreira França.— Francisco Xavier Ferreira.— Bernardo Pereira de Vasconcellos.— Manoel Joaquim de Ornelly. — Manoel Oderico Mendes.— Januario da Cunha Barboza.—

Sebastião Luiz Tinoco da Sª.— Lucio Soares Teixr.ª de Gouvea. — João Braulio Muniz.— Manoel Telles da Silva Lobo.— José da Costa Carvalho.— João Joaquim da Silva Guimarães.— Diogo Duarte Silva.— José da Cruz Ferreira.— José Gervazio de Queiroz Carvº.— Antonio Augusto da Sª.— José Ribeiro Soares da Rocha. — José Lino Coutinho.— Barão de Valença.— Francisco Carneiro de Campos.— Visconde de Barbacena.— João Antonio Rodrigues de Carvalho.

« — Confere.— Archivo Publico Nacional, 11 de Julho de 1896 — No impedimento do Chefe da Secção, o Archivista, Manoel José de Lacerda. — O Director, *Joaquim Pires Machado Portella.* »

* * *

Do *Diario Fluminense* de 25 de novembro de 1826 extrahimos esta noticia:

« Havendo resolvido Sua Magestade o Imperador hir á provincia de S. Pedro, animar com Sua Augusta Presença os nossos guerreiros e pôr termo a uma luta já demorada de sobra, recebeu no dia 20 as despedidas dos seus fieis subditos que tiverão a honra de beijar-lhe a mão, e á 23 pelas 5 horas da tarde embarcou para bordo da Náo *Pedro I* onde o esperavão os Exᵐᵒ Visconde de S. Leopoldo, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, e Conde de Souzel, Vice-Almirante Commandante da Esquadra. Logo que S. M. o Imperador chegou a bordo da Náo içou esta o Pavilhão Imperial em o tope grande e salvarão os navios de guerra dos Estados-Unidos, e logo os inglezes, tendo tambem a Náo desta Nação no tope grande o Pavilhão Imperial, e todos a gente nas vergas, seguirão-se a fazer o mesmo comprimento os navios de guerra francezes.

« Todas as Fortalezas saudarão o romper do dia 24, da nossa saudade, e feito o signal competente, largarão fumo a Náo mencionada, a Fragata *Izabel*, a Escuna *1º de Dezembro* e a Corveta *Duqueza de Goyas*, dando o comboi aos transportes Nacionaes e Imperiaes *Argentino* e *Independencia Feliz* e aos Nacionaes *5 de Maio*, *Melindre*, *Annibal*, *Sociedade Feliz* e *Saudade do Sul*.

« Pela madrugada embarcarão no Arsenal da Marinha e forão para bordo da Náo os Ex^{ms} Marquezes de Paranaguá, Caravellas, Inhambupe, Nazareth e S. Amaro, Conde de Lages e Visconde de Gericinó, o Excellentissimo Almirante Intendente da Marinha, e outras muitas pessoas distinctas, havendo antes o Ex^{mo} Inspector hido ao mar visitar todos os navios e dar as providencias necessarias.

« Em falta de vento e maré favoravel, o Inspector da Barca de Vapor deu reboque á Náo, que entre salvas repetidas da Fortaleza sahio felizmente a barra, accompanhando-a os votos de todos os Brazileiros, e após desta os mais navios, excepto a Corveta, que ficou para dar comboi ao Transporte *Rebeca*, que não poude sahir pela deserção da maruja.

« Os Commandantes das Embarcações de Guerra são os seguintes: da Náo o chefe de divisão Diogo Jorge de Brito, da Fragata o capitão de fragata Theodoro de Beaurepaire, da Corveta o primeiro tenente Carlos Watson, e da Escuna o segundo tenente Joaquim Antonio Avelino. Os transportes conduzem o batalhão de Caçadores n. 27 e o corpo de Lanceiros.»

* * *

No *Diario Fluminense* de 19 de dezembro de 1826 encontramos estas linhas:

« Pela Barca de Vapor *Correio Brazileiro*, chegada de Santa Catharina a 17 do corrente, tivemos a mui grata noticia de haver S. M. o Imperador ancorado naquelle porto na tarde de 30 de novembro e sahido na seguinte madrugada sem incommodo algum de sua preciosa saude.»

* * *

A 22 de dezembro o *Diario Fluminense* fez publico que Francisco de Albuquerque e Mello a 4 do dito mez enviára da cidade

do Desterro para o marquez de Caravellas noticias do Senhor D. Pedro I em caminho para a provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Foi alli que o Imperador recebeu a noticia, que certamente não esperava, do rapido fallecimento de sua Augusta Esposa. «Sua Magestade, disse Carlos Seidler, ao ter esta noticia poz-se a tremer e no seu desespero arrancava os cabellos.»

Nas memorias do Visconde de S. Leopoldo, poz em nota o Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, depois Barão Homem de Mello (*Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo 38—1875):

« Sobre o estado do Imperador D. Pedro I, na cidade do Rio Grande, prestou-me o Sr. Visconde de Piratiny, na cidade de Pelotas, em o dia 19 de Janeiro de 1868, a seguinte informação testemunhal:

« Havendo-se embarcado em Porto Alegre com destino ao Rio Grande, o Imperador, por força de ventos contrarios, viu-se obrigado a desembarcar em S. Caetano, de onde seguiu por terra para a villa de S. José do Norte, transportando-se dahi para o Rio Grande. Nesta cidade, teve a noticia, trazida por um barco estrangeiro ahi chegado, do fallecimento da Imperatriz, sua esposa ; e tomado da maior dôr, embarcou-se immediatamente para S. José do Norte, de onde seguiu por terra para Santa Catharina e indo de carro até S. Caetano.

« Nas Torres recebeu a participação official, trazida pelo Marquez de Quixeramobim, confirmando aquella triste noticia, seguindo sem detença para a cidade do Desterro, sem mais voltar a Porto Alegre.

« O Sr. Visconde de Piratiny commandava então a força de guarnição destacada na cidade do Rio Grande, e nesse caracter estava de serviço junto ao Imperador.»

O Sr. D. Pedro I, no dia em que recebeu, na provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul, a noticia da morte da Santa Imperatriz D. Leopoldina, escreveu S. M. um soneto que foi estampado no *Guanabara*, tomo 2. ; não é uma producção litteraria de cunho superior, mas como um gemido augusto que se formula

d'esta maneira, para á posteridade demonstrar o quanto era respeitada d'aquelle Principe a piedosa e illustrada esposa.

Eil-o:

A SEMPRE PARA MIM SENTIDA MORTE

DA

MINHA ADORADA ESPOSA A IMPERATRIZ

Deus Eterno, porque me arrebataste
A minha muito amada Imperatriz ?
Tua divina vontade assim o quiz ?
Sabe que o meu coração dilaceraste.

Tu de certo contra mim te iraste,
Eu não sei o motivo, nem que fiz,
E co'aquelle direi, que sempre diz:
Tu m'a deste, Senhor, tu m'a tiraste !

Ella me amava c'o maior amor,
E eu n'ella admirava a honestidade:
Sinto o meu coração quebrar de dôr.

O mundo não verá mais n'outra idade
Modelo mais perfeito, nem melhor
D'honra e candura, amor e caridade.

* * *

J. M. Pereira da Silva na sua narrativa historica « Segundo Periodo do Reinado de D. Pedro I no Brasil » registrou o seguinte:

« Repetia-se de boca em boca que a Imperatriz declarára no seu leito de dôres, que o Imperador a estimára sempre e só o verdor dos annos e o impeto das paixões o haviam desencaminhado do lar domestico, e excitado a commetter acções que ella lhe perdoava, sentindo não vel-o ao

seu lado no momento tormentoso de deixar a vida. Mais serviam estas novas para ferir o coração do povo, e tornar-lhe mais fundo e respeitoso o sentimento de dôr que o assaltava, pela perda irreparavel de tão excellente e bondosa soberana »

« No dia 11 de Dezembro de 1826, não pôde mais a Imperatriz resistir a seus duros padecimentos e entregou sua alma ao Creador, depois de receber os sacramentos da Igreja Catholica, e de apertar em seus braços os tenros filhinhos, que deixava no mundo, entregues aos cuidados do pai, e ao amor do povo brasileiro, que não cessára de dar-lhe provas evidentes de affecto extremecido.

« Procedeu-se com pompa e faustoso ceremonial, ao enterramento da Imperatriz. Lagrimas sinceras saltaram dos olhos de quantos presenciaram passar seu cadaver no carro funebre, desde que sahira dos paços de S. Christovão até que foi depositado na Igreja de N. S. da Ajuda, onde lhe estava preparado o ultimo jazigo.

« Magoou-se em extremo o Imperador ao receber em Porto-Alegre communicação deste evento desgraçado. Resolveu-se a abandonar seu projecto de ir ao acampamento do exercito, e regressar quanto antes para o Rio de Janeiro.

« Nomeando general em chefe das forças, em operações de guerra, ao Marquez de Barbacena, que levára ao Rio Grande do Sul em sua companhia, e quartel mestre general ao marechal Gustavo Brown, deixou-lhes ordens para iniciarem a invasão da Cisplatina com toda a presteza e energia, e despediu-se dos habitantes da provincia e dos soldados, por meio de proclamações que mandou publicar e distribuir, recommendando-lhes que todos concorressem para se terminar a guerra, e reincorporar-se ao Imperio a Cisplatina.

« Embarcou-se, logo depois (na fragata *Izabel*) e seguiu viagem para o Rio de Janeiro, onde chegou a 15 de Janeiro de 1827.»

« Apezar das *prophecias* do partido exaltado o Sr. D. Pedro I foi recebido enthusiasticamente na provincia de

S. Pedro do Sul e maiores terião sido os fructos colhidos da viagem se a fatal noticia não precipitasse a volta do Imperador para o Rio de Janeiro» (J. D. da Cruz Lima).

Ainda no *Diario Fluminense* numero de 16 de janeiro de 1827 lemos: « Hontem, 15 do corrente, tivemos a satisfação de ver entrar neste porto a náo que transportava S. M. o Imperador, o qual querendo sómente testemunhar o seu profundo sentimento pela sempre lamentavel perda de S. M. a Imperatriz, se recolheu ao Paço da Imperial Quinta da Boa Vista, onde encerrando-se por 8 dias, deu pleno desafogo á sua justissima saudade.»

***

Temos que explicar como se déra o fatal successo.

A 29 de novembro de 1826 o conselheiro João Valentim de Faria Souza Lobato, Porteiro da Imperial Camara, pelo *Diario Fluminense* fez publico que em consequencia de continuar o incommodo de S. M. a Imperatriz não haveria beija-mão nos dias 1 e 2 do proximo mez de dezembro.

N'este dia, primeiro anniversario natalicio de S. A. o Principe Imperial e n'aquelle, quarto anniversario da coroação e sagração de S. M. o Imperador D. Pedro I, estiverão embandeiradas as Fortalezas e Embarcações de guerra, que derão as salvas do costume.

As noticias sobre o estado da enfermidade de S. M. a Imperatriz forão trazidas ao conhecimento do publico nas declarações officiaes do medico da Imperial Camara Vicente Navarro de Andrada, agraciado com o titulo de Barão de Inhomerim no dia 12 de outubro de 1826, anniversario do nascimento do Imperador D. Pedro I e de sua gloriosa acclamação.

O primeiro Boletim em partes escriptas nos dias 30 de novembro 1 e 2 de dezembro começou dizendo:

« S. M. a Imperatriz tem padecido varios incommodos que tiverão principio com a entrada do mez de novembro,

época em que fui convocado para ter a honra de assistir-lhe e desde então até hoje 30 do mesmo mez, não tem deixado de soffrer uma serie de padecimentos diversos que se succedem uns aos outros com differente apparencia, mas sendo na realidade effeitos de uma causa commum. O estado de gravidação, etc....»

O conselheiro Cirugião-mór do Imperio Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, em serviço effectivo desde o dia 19 de novembro, assistiu no dia 2 de dezembro ao parto prematuro de S. M, sendo o feto do sexo masculino.

Traz o 2º Boletim a data de 3 de dezembro e o 3º o de 4 de dezembro, dia em que S. M. confessou-se sem abalo e tomou o Santissimo Sacramento.

A 4 de dezembro de 1826 o *Diario Fluminense* publicava o seguinte:

« Os anciosos desvelos, os afflictivos cuidados, que com tanta justiça têm inquietado os honrados habitantes desta Leal Corte, acerca da preciosissima saude de Sª. M. a Imperatriz ; os fervorosos votos pela terminação de um incommodo desgraçadamente muito prolongado e que pelo seu caracter assustador faz estremecer os generosos corações de um povo, que adora as virtudes da Augusta paciente, se tem mostrado da maneira mais evidente pelo concurso innumeravel de pessoas, que se dirigem á Imperial Quinta da Boa Vista desejosas de ouvirem uma favoravel noticia ou ao menos uma lisongeira esperança.

« Os criados da Imperial Casa, que de mais perto têm a fortuna de admirar as sublimes qualidades de S. M., desde as classes mais elevadas até as mais inferiores, são inseparaveis daquelle Recinto, onde está retratada a dor e a afflicção. Os Exmºˢ. Snrˢ. Conselheiros d'Estado, Ministros e Secretarios d'Estado, empregão todos os momentos, que lhes deixão suas poderosissimas occupações, em mostrarem assiduamente sua solicitude, revesando a sua assistencia de maneira que sempre se ache presente ao menos um.

« Quasi não desamparão o Paço o Exmº Mordomo-mór, a Exmª Camareira-mór, o Exmº Bispo Coadjuctor do Capellão-mór, o Barão de Marechal, os Titulares e as pessoas mais distinctas e

qualificadas ; mostrando todos o mais vivo interesse pela saude de S. M. I. ardendo em ancias pelo seu restabelecimento, tão necessario á nossa felicidade.

« Não é só no Imperial Paço que se observão tão generosos sentimentos: nas praças e nas ruas desta Cidade, nas conversações domesticas, o primeiro, e póde dizer-se exclusivo objecto de todas as esperanças é que o Supremo Rei dos Reis attenda ás humildes e fervorosas supplicas que lhe dirige o Povo Brazileiro, acompanhando a Igreja nas preces publicas, que já se ordenarão e começarão nos sagrados Templos, concedendo-nos ainda por dilatados annos Aquella, que hoje absorve todos os nossos cuidados e é o augusto objecto dos nossos votos.»

O *Diario Fluminense* em seu numero de 5 de dezembro referiu-se ao boletim acima dizendo que « socegou de alguma sorte a inquietação que o precedente havia espalhado ; animarão-se as esperanças de vermos succeder mais tranquillas noticias ; e os votos que se continuão a dirigir ao Céo nas preces publicas e nas orações domesticas se não augmentarão de fervor ao menos tem sido acompanhados de mais lisongeiras sensações. Oxalá que em breve tenhamos a satisfação de congratular-nos com os nossos leitores, annunciando removido o perigo, que ameaça dias tão preciosos, e proximo o momento de se restabelecer a saude de Sua Magestade tão anciosamente appetecida.»

E n'esta mesma folha do dia 5 de dezembro se acha estampado um aviso n'estes termos:

Imperial Theatro de S. Pedro de Alcantara

« Emquanto durar o muito sentido estado de incommodo de S. M. a Imperatriz e continuarem as preces pela sua preciosa saude não haverá espectaculo.»

« Com o maior sentimento, dizia o *Diario Fluminense* de 6 de dezembro, não podemos ainda felicitar os nossos leitores pela suspirada melhora de S. M. a Imperatriz e os boletins acima mostrão a infeliz continuação dos seus dolorosos incommodos e enchem de amargura os nossos corações pela triste recordação de perigos, que o Céo afaste para longe de nós. Entretanto,

nota-se a mesma anciedade no publico, o mesmo concurso na Imperial Quinta, a repetição das orações da igreja e a maior impaciencia por mais gratas noticias.»

Eis agora o artigo do *Diario Fluminense* no dia 7 de dezembro:

« Ainda o Céo não attendeu aos nossos rogos, cada vez mais frequentes e mais fervorosos. Debalde se tem atulhado os Templos de humildes supplicantes e as preces, com que a Igreja implora a Divina Misericordia tem resoado ante os Altares, S. M. a Imperatriz ainda supporta as cruelissimas dores, ainda é preza da terrivel enfermidade, que nos consterna. O povo desta capital continua na sua anciedade a procurar todos os momentos conhecer o seu estado afflictivo, já pelos boletins, já pessoalmente dirigindo-se á Imperial Quinta, onde de mistura, grandes e pequenos, nacionaes e estrangeiros, ricos e pobres com as lagrimas nos olhos, o rosto abatido e o coração repsssado de amargura e inquietação fazem tremendo esta pergunta: — Como está a Imperatriz? E' escusado particularisar corporações ou individuos; ninguem tem faltado a demonstrações tão sinceras como espontaneas.

« Não contente a piedade do bom Povo desta Capital com as orações mencionadas, hontem á tarde, se dirigio em devotas Procissões, accompanhando as Sagradas Imagens das respectivas Igrejas para a Imperial Capella, com as preces em taes casos costumadas; e aquellas de que tivemos noticias, forão as seguintes: a da Imperial Casa da Santa Misericordia, com o Painel e Crucifixo; a da Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia, levando a imagem do Santo Patriarcha; as Irmandades do S. Sacramento e da Senhora das Dores da Freguezia da Candelaria com a imagem da Senhora; a Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, com a imagem da mesma Senhora; a de S. Francisco de Paula, com a imagem do Santo (que ficou na Capella Imperial); e a da Conceição e Boa Morte com o Crucifixo, cuja sagrada Imagem terminava igualmente todas as Procissões mencionadas. Depois destas, concorrerão as Freguezias da Sé (com a imagem de Nossa Senhora do Terço) da Candelaria, S. José e Santa Anna, indo encorporadas ás ditas as Irmandades

e Confrarias filiaes respectivas. Concorria immensa gente pelas ruas, por onde transitavão as ditas Procissões e todos juntavão suas supplicas cordiaes e ardentes ao Supremo Arbitro da Vida e da Morte, para que prolongasse os preciosissimos dias de S. M. a Imperatriz. »

N'esse dia 9 de dezembro o *Diario Fluminense* descreveu a opinião publica nos termos seguintes :

« As lisonjeiras esperanças, com que nos affagarão os Boletins 8º e 9º se converterão em cruel consternação ao lermos o 10º. Symptomas fataes, que infelizmente sobrevierão, despertarão o nosso sentimento, que poucos momentos parecião adormecidos ; e de pancada cahimos da mais doce consolação em acerbissima desesperação. A Religião, que em tão imminente calamidade he o nosso refugio de uma tão justa anciedade, repetio seus esforços, já recomeçando as preces, já continuando as procissões. Com effeito, quinta-feira pela manhã se dirigirão á Imperial Capella as ordens Terceiras de N. S. do Carmo e de S. Francisco, com as Imagens respectivas ; e á tarde a Freguezia da Candelaria com a Imagem da Senhora das Dores, a Irmandade da Imperial Casa da Santa Misericordia, e a de N. S. da Gloria conduzindo aquella veneravel Imagem, diante da qual tantas vezes vimos S. M. ajoelhada com exemplar piedade e humildade o que dobrava os motivos de nossa confiança. Grande numero de criados da Imperial Casa desde a classe mais distincta, muitos Officiaes do Exercito, compunhão aquelle accompanhamento, e apezar de grossos chuveiros, proseguirão até a Imperial Capella, onde depositarão a Sagrada Imagem.

« Na manhã de sexta-feira (8 de dezembro) compareceu no mesmo Templo a Ordem Terceira de N. S. da Conceição com a Imagem da Senhora ; e á tarde as freguezias de S. José, da Candelaria transportando a Imagem da Senhora das Dores, que alli ficou depositada e do Sacramento com a Senhora do Terço e a Imperial Casa da Santa Misericordia e as Ordens Terceiras do Carmo, S. Francisco, Mercês e S. Francisco de Paula levando as tres primeiras as Imagens de seus respectivos Oragos. Estes actos de piedade, pelos quaes a creatura fraca e miseravel recorre ao poder e á misericordia do seu Creador tem sido assis-

tidos pelo Exm. Bispo Capellão Mór que gemendo entre o vestibulo e o Altar, com lagrimas da conpuncção e de fervorosa elevação, junta suas orações ás dos seus queridos Diocesanos, para apresental-as ante o Throno do Altissimo, excepto quando seu dever e effeito o chamão para prestar a S. M. os auxilios que a Religião offerece, e as doces consolações que presta em momentos tão dolorosos.

« E o Céo será ainda surdo a tantas e tão sinceras deprecações! Cumpre-nos adorar seus impenetraveis segredos. Entretanto o Boletim 12º que tão soffregamente se esperava, dará talvez algum alento á nossa esperança. O coração assustado treme... mas não fallece a confiança na bondade do Creador, e nas virtudes excelsas de S. M. »

BOLETIM

30 de novembro

« S. M. a Imperatriz tem padecido varios incommodos que tiverão principio com a entrada do mez de novembro, época em que fui convocado para ter a honra de assistir-lhe, e desde então até hoje, 30 do mesmo mez, não tem deixado de soffrer uma serie de padecimentos diversos que se succedem uns aos outros com differente apparencia; mas sendo na realidade effeito de uma causa commum.

« O estado de gravidação, e em consequencia della a irritação do utero, e a congestão sanguinea, que nos primeiros mezes distende e comprime os ligamentos redondos, deu origem a varios symptomas nervosos, ora n'hum, ora n'outro systema da economia, sendo estes aggravados tanto pela sua constituição nimiamente sensivel, como por coincidirem com um fundo de saburra mucosa-biliosa, que mui gradualmente vai diminuindo.

« Começou a sua enfermidade por uma constipação, que durou poucos dias, e a cujo melhoramento se seguirão vigilias teimosas, e não cederão estas senão para se desenvolverem dôres consideraveis nos braços, de que alliviou em dous ou tres dias, ficando S. M. I. em principio de restabelecimento; longe, porém, de

progredir este desejado restabelecimento, manisfestou-se uma diarrhea biliosa e mui abundante, e com a sua terminação diminuirão consideravelmente todos os symptomas gastricos e nervosos, e com poucos dias de intervallo, quando S. M. se achava mui proxima da sua antiga saude, sobreveio uma dôr consideravel na direção do nervo cyatico a qual se mitigou para declarar-se outra dôr violentissima na parte interna da coixa esquerda, acompanhada de uma inchação volumosa, elastica, mas sem mudança da côr da pelle, excepto alguma vermelhidão parcial, subsequente e pouco intensa, a qual tratada convenientemente se acha quasi restituida ao estado natural.

« Em todo o decurso desta sorte de padecimento tem havido humas vezes movimento febril, outras vezes pulso natural. Desde o dia 19 de novembro apparecerão por vezes dores de cadeiras, e alguma evacuação mucosa sanguinea pela via anterior, o que fez desconfiar encaminhamento para máo successo, sem embargo de não haverem signaes de contracção do utero; esta evacuação tem se repetido moderadamente e com intervallo de hum até dous dias; e até ao presente, bem que de todo não tenhão cessado, não apparece ainda signal de perda, segundo a exploração feita pelo Conselheiro Cirurgião Mór do Imperio, continuando todavia o receio de que venha a veriticar-se.

« Em todo o decurso desta enfermidade empregarão-se, segundo a occurrencia, apipasticos, fricções, banhos, fomentações, sanguesugas, nauseantes, antipasmodicos e diversos outros medicamentos, que a occasião exigia, o que tem sido de tanto proveito, que todos os padecimentos estavão vencidos no dia 29 a 30 de novembro.

« Este dia porém offereceu novidades mui graves, a saber, somno inquieto e pouco, fastio, tosse, lingua mucosa, excitamento cerebral e spasmos violentos na região epigastrica, tremores, suores profusos, incendio nas faces e esmorecimento de espirito, com anciedade e frequencia de pulso, e este molle. Diluentes, sinapismos repetidos e sanguesugas no anus, produziram gradualmente diminuição em tudo quanto era nervoso e a mesma frequencia de pulso diminuiu. »

1 de dezembro

« Desappareceu quasi toda a anciedade, e dormiu horas, abateu o excitamento nervoso, e o esmorecimento de espirito foi substituido por um certo grau de confiança. Como se renovassem as evacuações pela via anterior, e tivesse o dia antecedente sido tormentoso, cumpria-me conferir com os meus collegas; o que teve logar esta manhã, sem que S. M. o presumisse, para que uma medida de prudencia não se lhe apresentasse como signal de perigo, attenta a sua disposição apprehensiva.

« Foi o resultado desta conferencia a confirmação do juizo que tinha feito da molestia, a approvação dos meios empregados, e a continuação dos que estavam em uso. »

2 de dezembro

« S. M. a Imperatriz passou com algum allivio, e desde hontem pelas 9 horas da noite socegou, e dormiu com tranquillidade até perto de 1 hora, continuando todavia a evacuação mucosa-sanguinea pela via anterior, e com augmento, e pela volta de 1 hora manifestaram-se signaes de contracção de utero, e começou o trabalho de um parto prematuro, rompendo-o as aguas com pouca demora e realisando-se pelas 2 horas o apparecimento de um feto do sexo masculino, que mostrava ter de dous e meio a tres mezes; pareceu pela inspecção que a cessação de sua vida era mui recente, preparada talvez por effeito do crescimento febril e desordem extraordinaria do systema nervoso havidos no dia 30 de novembro, segundo eu penso, e segundo pensa o Conselheiro Cirurgião mór do Imperio, que assistiu a este trabalho, para o qual se achava effectivo desde o dia 19 de novembro, época em que começaram os receios deste acontecimento. Huma hora depois do parto prematuro sahiram as secundinas, e em todo o trabalho houve a maior regularidade da parte da natureza.

« Depois deste successo S. M. I. descançou, e acha-se sem novidade. — Barão de Inhomerim. »

2º BOLETIM

3 de dezembro, pelo meio dia

« S. M. Imperatriz passou a tarde de hontem com pouco commodo; a febre conservou-se do mesmo modo que dantes, as evacuações biliosas, abundantes e numerosas, a tosse gutural teimosa, o somno pouco, interrompido e não reficiente; pelas 8 horas da noite houve um ligeiro spasmo de garganta com algum suor durante o mesmo spasmo. As dejecções perto da noite tornaram-se menos biliosas e como pela qualidade e copia eram menos conferentes e a tosse fosse um dos motivos que afastava e interrompia o somno, e tivesse havido não só o spasmo da garganta, mas algum tremor de mãos e meteorismo, administrou-se-lhe um carminativo com pequenas porções de xarope de diacodio, em consequencia do que diminuiu sensivelmente a tosse até hoje; diminuiram as evacuações, e dormiu pequenos somnos, e em occasião de accessos que teve de noite, notou-se alguma incoherencia no que dizia, por cujo motivo se lhe pozeram sinapismos.

« Hoje acha-se tudo no mesmo estado, e apenas se póde dizer que não está peior.

« Convocou-se conferencia, que teve logar pela 11 horas, e começou-se no uso de tonicos.— Barão de Inhomerim. »

3º BOLETIM

4 de dezembro, pelo meio dia

« Sua Magestade a Imperatriz passou hontem menos mal á tarde, houveram muitas evacuações biliosas e profusas, o pulso conservou-se todavia sem abatimento, a pelle mais fresca, e o estado de funcções intellectuaes em bom estado, dormiu pequenos somnos, e não houve exacerbação notavel. Durante a noite passou S. M. sem novidade, houve comtudo um assalto spasmodico com grande anciedade, em consequencia de um pesadêlo, do

qual os effeitos cessaram em poucos minutos. Desde as 10 horas da noite até hoje pelas 8 horas as dejecções foram só duas e biliosas, a febre diminuiu alguma cousa, refrescou a pelle e o estado cerebral regular.

« Tem continuado o mesmo tratamento e queixando-se S. M. de uma sensação de desfallecimento, que attribuia á bocca do estomago, sentiu-se alliviada pela applicação de um sinapismo no sobredito lugar.

« Hoje, pelas 11 horas, houve nova conferencia sobre o estado presente, em que se acha S. M., e pareceu a todos os conferentes que o estado de hoje não é tão mau como o de hontem.

« S. M. confessou-se sem abalo e tomou o Santissimo Sacramento pelas 8 horas.— Barão de Inhomerim. »

4º BOLETIM

5 de dezembro, pelo meio dia

« Sua Magestade a Imperatriz passou a tarde menos tranquilla do que a manhã do mesmo dia. A's 3 horas houve exacerbação até ás 6, durante a qual tornou-se o pulso muito frequente, pequeno e ás vezes linear, porém depois do paroxismo apresentou-se o pulso mais cheio e com pouca differença da frequencia notada antes do crescimento. Durante o accrescimo S. M. tomou sómente caldos. A remissão foi acompanhada de suor geral, quente, mas pouco abundante ; diminuição notavel de tosse, e bom estado de lingua.

« Conservou-se a remissão de noite, havendo todavia exacerbação pequena e de pouca duração, por cujo motivo se empregarão regularmente os remedios em occasião opportuna, além dos caldos nas horas competentes. Houverão desde hontem ao meio dia até hoje à mesma hora 13 evacuações biliosas com bastante copia e mau cheiro. Dormiu pequenos somnos e com algum socego e appareceu pelas seis horas da manhã a mesma sensação de desfallecimento, que hontem tivera sobre o estomago, que alliviou por effeito de hum sinapismo, que tolerou por oito minutos.

« Hontem á noite houve além da conferencia da manhã outra conferencia, por cuja deliberação se accrescentou os remedios que estavão em uso, a agua chamada da Inglaterra, que antes da conferencia se tinha já mandado vir.

« Cumpre advertir que nestas conferencias tem havido concorrencia de todos os medicos da Imperial Camara, com excepção dos que estavão com parte de doente, tendo concorrido á primeira o Cirurgião da Imperial Camara Jeronymo Alves de Moura e continuando na sua effectividade o Conselheiro Cirurgião-Mór do Imperio.

« Pelas onze horas do dia de hoje 5 de dezembro fez-se nova conferencia, a que igualmente concorrerão todos e o que entendem sobre o estado actual de S. M. he que não está peior nem melhor, subsistindo a gravidade no mesmo gráo agora, que se está completando o sexto dia da febre biliosa, que tanto e tão fortemente tem envolvido de cuidados a todos.

« Por unanime concordancia da conferencia, continúa S. M. no uso dos mesmos remedios.— Barão de Inhomerim. »

5º BOLETIM

5 de dezembro, pelas 6 horas da tarde

« Ao meio dia principiou uma exacerbação annunciada por inquietação e uma especie de impaciencia, não tendo podido conciliar somno desde as 10 horas, por cujo motivo se fez parar com os remedios interinamente, administrando-se-lhe sómente caldos. As evacuações desde o meio dia tem sido quatro, e uma com alguma materia excrementicia. Verteu agua duas vezes e sedimentosas. A's 4 horas houve um vomito com algumas porções de catarrho, das 5 para as 6 horas teve S. M. uma grande anciedade, com rubor de faces, que diminuio pela acção do sinapismo nas extremidades inferiores. A respiração soffrivel, lingua humida e mais limpa, e vai diminuindo sensivelmente a exacerbação.— Barão de Inhomerim. »

6º BOLETIM

6 de dezembro, pelas 9 horas da manhã

« Desde hontem pelas seis horas da tarde, data do antecedente Boletim, S. M. a Imperatriz tem passado sem novidade notavel, mas com o estado cerebral um pouco mais preoccupado e o somno pouco; emquanto ás circumstancias da febre não houve empeoramento e conserva-se nas mesmas condições em que hontem se achava e não peior.

« As evacuações alvinas mais numerosas, porque tem sido quatorze desde hontem pelas 6 horas até o presente, o caracter dellas he ainda bilioso e arrastão alguma porção de fezes bem manifestas em forma de farrapos.

« As urinas costumão a ser lactecentes e sedimentosas e ha presentemente como por outras occasiões tem havido alguns sobresaltos e tremor de dedos.

« Em consequencia da conferencia, que hontem teve logar pelas 8 horas da noite, conveio-se continuar os mesmos remedios com pequenas differenças e como se receasse alguma novidade nervosa houve a prevenção de se terem promptos os remedios de recurso, cujo emprego não foi por ora necessario.

« Esta tarde pelas 6 horas se dará conta ao Publico do que occorrer e do resultado da conferencia que ha de fazer-se pelas 11 horas.

« S. M. neste instante está socegada e com a esperança de passar bem a manhã. — Barão de Inhomerim. »

7º BOLETIM

6 de dezembro, pelas 6 hóras da tarde

« S. M. a Imperatriz não tem passado melhor; tem continuado todos os symptomas do mesmo modo que de manhã, e como o estado do cerebro e dos nervos, cujas funcções apparecerão hoje mais perturbadas, exigia uma attenção particular,

resolveu-se na conferencia, que se fez ás 11 horas, juntar ao uso dos remedios, em que se achava, canfora, ether, hum vesicatorio na nuca e sinapismos e substituio-se o vinho quinado á agua de Inglaterra.

« Esperamos pelos effeitos desta modificação no tratamento, para se decidir na conferencia, que ha de haver pelas 8 horas, se convém mais alguma alteração. — Barão de Inhomerim. »

8º BOLETIM

7 de dezembro, pelas 8 horas da manhã

« Na conferencia que hontem se fez pelas 8 horas da noite assentou-se unanimemente que se continuasse exactamente o tratamento com as mudanças que havião sido deliberadas na junta da manhã do mesmo dia, por subsistirem os mesmos motivos que as fizerão necessarias.

« S. M. dormio alguma cousa; os principaes symptomas que acompanhão a sua enfermidade não tem peorado, o pulso e a respiração parecem ter um principio de melhoras. — Barão de Inhomerim. »

9º BOLETIM

7 de dezembro, pelas 5 horas da tarde

« Ha pouco que accrescentar ao que se publicou esta manhã. S. M. tem dormido alguma cousa; o crescimento desta tarde tem sido menos forte que o de hontem. A conferencia das 11 horas nada alterou ao tratamento em que S. M. se achava. — Barão de Inhomerim. »

10º BOLETIM

8 de dezembro, pelas 10 horas da manhã

« S. M. a Imperatriz passou mal a noite. Logo que acabou a curta remissão do crescimento da tarde de hontem, começou outro pelas 9 horas e 10 minutos, que durou com pouca remissão

até as 4 horas e um quarto da madrugada de hoje. A esta mesma hora começou outro crescimento e entrou a diminuir (mas pouco) das 7 $^1/_2$ por diante.

« Não houverão symptomas novos, más crescerão infelizmente alguns dos que mais tem figurado, como delirio, sobresaltos, tremores, somnolencia e as forças diminuem.

« Fez-se ás 8 horas desta manhã a conferencia que havia de ter logar ás onze, reconheceu-se augmento de gravidade e por isso conveio-se sem discrepancia em fazer novas addicções ao uso dos remedios, em que S. M. se achava, para servirem diversamente combinados, conforme as occurrencias. — Barão de Inhomerim. »

11° BOLETIM

8 de dezembro, pelas 6 horas da tarde

« Até o presente conserva-se S. M. sem differença notavel, nem para melhor nem para peior. — Barão de Inhomerim. »

12° BOLETIM

9 de dezembro, pelas 9 horas da manhã

« Hontem pelas 8 horas da noite fez-se conferencia, á qual, como de costume, assistirão todos os medicos e o Cirurgião Mór; o estado de S. M. a Imperatriz nada tinha ganhado para melhor; convierão os conferentes na continuação dos mesmos remedios por subsistirem os mesmos motivos. Hoje repetiu-se a conferencia pelas 8 horas e como S. M. se achasse talvez mais perturbada do cerebro e nervos, resolveu-se que se addicionasse outros remedios aos que estavão em uso; e que agora vão ser administrados, accommodando-os pela sua qualidade e dose ás differenças que se observão e observarem. Os lochios, que tinhão parado no terceiro dia depois do parto, derão indicios hontem de apparecer e hojo por esta hora houve demonstração disso, porque com effeito se vão manifestando. — Barão de Inhomerim. »

13° BOLETIM

9 de dezembro, pelas 6 horas da tarde

« Sua Magestade acha-se da mesmo modo que se publicou esta manhã ; os movimentos convulsivos não são todavia tão fortes. — Barão de Inhomerim. »

14° BOLETIM

10 de dezembro, pelas 9 1/2 horas da manhã

« S. M. a Imperatriz passou mal a noite e o seu estado actual he o mesmo hontem annunciado. — Barão de Inhomerim. »

15° BOLETIM

10 de dezembro, pelas 6 horas da tarde

« S. M. continúa a passar mal e como tivesse pelas 11 horas desta manhã hum arrefecimento consideravel de extremidades, administrou-lhe o Escellentissimo e Reverendissimo Capellão Mór a Extrema Uncção ; presentemente cessou aquelle arrefecimento, e acha-se S. M. do mesmo modo e com a mesma gravidade de molestia que se publicou nos ultimos Boletins. — Barão de Inhomerim. »

16° BOLETIM

11 de dezembro, pelas 10 horas da manhã

« S. M. a Imperatriz tem passado peior ; as suas forças vão desapparecendo e tudo quanto faz parte da sua enfermidade tem peiorado.

« Tem-se posto em pratica tudo quanto se podia applicar interna e externamente e não ha recurso que não se tenha tentado,

por deliberação das conferencias feitas de manhã e de tarde. S. M. ainda vive e as diligencias ainda continuão, mas o seu estado he para desanimar. — Barão de Inhomerim. »

17º BOLETIM

11 de dezembro, pelas 10 horas e um quarto

« Pela maior das desgraças se faz publico que a enfermidade de S. M. a Imperatriz resistiu a todas as diligencias medicas, empregadas com todo o cuidado por todos os medicos da Imperial Camara. Foi Deos servido chamal-a a si pelas 10 horas e hum quarto, — Barão de Inhomerim. »

* * *

No dia 11 de dezembro o *Diario Fluminense* apparecia com a sua primeira pagina tarjada de preto e dizia:

« Os Boletins acima transcriptos de n. 13º a 17º, fazem esmorecer a mais affouta confiança e lugubres terrores que cedem a um tenue resto de consolação. Voltando portanto ao ceu todas as vistas e levantando continuamente mãos supplicantes o bom e leal Povo desta capital tem repetido as procissões dos dias precedentes; occorrendo sómente as seguintes alterações: sabbado pela primeira vez sahio a irmandade da Cruz ; a da Santa Casa da Misericordia conduzio a Imagem da Senhora do Bom Successo e a da freguezia de Santa Anna o da Senhora das Dores e a Confraria do Rosario levou a do seu Orago. No domingo sahio pela primeira vez a da freguezia de Santa Rita com a imagem da Santa ; a de São José com a do seu Orago: a da Cruz conduzio a da Senhora das Dores ; a da Sé levava além da imagem da Senhora do Terço como nos dias precedentes a de N. S. das Mercês e de S. Gonçalo.

« A estas preces publicas, se ajuntão as que se repetem nos templos e oratorios domesticos, e ainda mesmo orão por S. M. as esmolas que escondem nos corações dos pobres, segundo a frase da escriptura.

« Porem debalde reforçamos os brados.... O Boletim 16º entornou em nossas almas a amargura mais insupportavel e o 17º, que recebemos depois de formada esta Folha, fez o cumulo á nossa infelicidade. Abafado de pezar, opprimido de dor, nada mais podemos accrescentar neste momento e no seguinte numero daremos algum desafogo ao nosso coração angustiado.»

« Desde o dia 5 de Dezembro appareciam diariamente dous Boletins assignados pelo Barão de Inhomerim sendo o ultimo sob n. 17 de 11 de Dezembro pelas 10 horas e um quarto nos termos seguintes: « Pela maior das desgraças se faz publico que a enfermidade de S. M. a Imperatriz resistio a todas as diligencias medicas, empregadas com todo o cuidado por todos os medicos da Imperial Camara. Foi Deos servido chamal-a á si pelas dez horas e um quarto.»

Na vespera o Excellentissimo Bispo Capellão-mór havia administrado á Sua Magestade a Extrema Uncção.

Vamos reproduzir alguns topicos do *Diario Fluminense* de 12 de dezembro de 1826:

« Conhecendo que a modestia e o retiro, são os mais bellos ornatos do seu sexo os seus primeiros annos quasi não serião conhecidos, si não se admirassem os progressos que fazia nas sciencias, a que consagrava os momentos que lhe deixavão os assiduos exercicios de uma piedade não affectada.

« Porém suas preciosas qualidades não devião ficar escondidas no silencio, a que as confiava a Illustre Archiduqueza, antes elevadas sobre hum Throno devião fazer a gloria da Nação que tivesse a felicidade de possui-la. A Casa Real Portugueza já por felizes allianças unida á da Austria e pelos tormentosos acontecimentos deste seculo, então residente no Brazil, convidou para o seu seio a Dignissima Princeza, que faria a fortuna deste Imperio e a inveja de todos os outros. O dia 13 de Maio de 1817 foi testemunha dos solemnes votos com que S. M. I. jurou á face dos altares em Vienna d'Austria o amor mais puro e a mais constante lealdade ao senhor D. Pedro de Alcantara, votos que só a força insuperavel da morte poude, se não quebrar, tornar estereis....

« Permitta illudir a minha imaginação poucos instantes recordando o jubilo e o alvoroço com que no dia 5 de Novembro daquelle mesmo anno se vio ondear o Real Pavilhão no tope grande da naú *D. João VI*, que parecia ufanar-se com o precioso presente que trazia aos Brasileiros. Ah ! E por que fatalidade a mesma penna que com tanto enthusiasmo traçou então o quadro do mais exaltado prazer, he hoje condemnada ao triste empenho de lamentar a mais sensivel das perdas !

« A Providencia tinha destinado ao Brazil huma excelsa cathegoria e reservado para sua primeira Imperatriz a Princeza mais digna deste glorioso destino.

« Não rememorarei o vivissimo interesse que a nossa Imperatriz tomava pela tranquillidade e prosperidade dos Brazileiros. Seus desejos, Seus votos, Seus conselhos. A quem são desconhecidas suas fadigas, seus pezares nos desastrados dias em que teve de prantear a perda do tenro Principe que parecia sepultar comsigo nossas esperanças !.... Não he nossa tarefa descrever suas memoraveis acções ; não cumpre misturar mimosas flores com aspero e negro cipreste.

« Passemos de bom grado ao memoravel dia 12 de Outubro de 1822, em que o Heroico Povo Brazileiro acclamando em sinceros brados o Senhor D. Pedro de Alcantara por seu Imperador, misturava, com o maior enthusiasmo, o Nome da sua adorada Imperatriz. Bellas imagens se apresentão a minha phantasia, mas adornadas de brilhantes galas, ellas se eclipsão atravez de escuros véos. Nós a vimos em todas as occasiões com a maior efficacia tomar parte nos nossos jubilos, nos nossos pezares, nos nossos recreios, e em summa S. M. I. appareceu em toda a parte como a primeira Brazileira por dever, por habito e por affecto.

« Si descermos ás virtudes domesticas, S. M. se offerece em huma serie nunca interrompida de factos como Esposa fiel, terna e extremosa, inseparavel de seu Augusto Esposo, ainda apezar dos perigos e incommodos de huma viagem maritima ; como Mãi carinhosa de lindos innocentes Filhos, que tão queridos tinha e tão mimosos ; como Soberana affavel e generosa vencendo com a meiguice do seu coração a abundancia e promptidão de seus Dons ; edificando pela sua piedade, pela sua humildade em presença do

Altissimo, pelo respeito ás ceremonias da Religião; estendendo a mão liberal ao pobre agradecido; e mostrando constantemente a inesgotavel bondade do seu Coração aberto sempre ao desvalido e ao necessitado. Ah! E que provas mais evidentes posso eu dar da sua gratidão, de que os incessantes e ardentissimos votos que os habitantes desta Corte mandarão ao Céo no afflictivo periodo de sua cruel enfermidade!

« Opprimidos com o peso de tão funesta calamidade (ainda quando não faltassem os talentos e a eloquencia necessaria), não podemos tecer o bem digno louvor daquellas sublimes qualidades, que sempre admirámos e não poucas vezes elogiámos quanto cabia em nossa phrase humilde. Temos porém a satisfação de que são escusadas as nossas expressões, quando fallão tão altamente todas as acções da sua vida innocente e ainda mal tão breve: quando perpetuas provas do seu amor maternal nos restão nos inestimaveis penhores da sua ternura, nos adorados fructos de seu thalamo abençoado do Céo, que assegurando ao Brazil a feliz successão da Imperial Dynastia, dando a Portugal huma Rainha digna de imitar Suas Inclitas Avós, enriquecerão os outros Thronos das mais bellas Princezas que farão a felicidade de seus Povos, seguindo os passos gloriosos de sua Augusta Mãi, Augusto objecto da mais profunda saudade, que o tempo jámais poderá apagar. »

∴

Continuando a nos utilisar do *Diario Fluminense* copiamos do seu numero de 16 de dezembro 1826 o seguinte:

« Terminada a breve quanto virtuosa carreira de Sua Magestade a Imperatriz, forão promptamente expedidas as ordens relativas ao seu funeral, que se cumprirão exactamente, como vimos acerca das salvas e tiros das fortalezas e embarcações de guerra, dobres de sinos e todas as mais demonstrações de dôr e sentimento nunca mais justamente empregadas.

« Pelas 6 horas da tarde do fatal dia 11 os Cirurgiões da Imperial Camara, o Conselheiro Cirurgião-Mór do Imperio e Jeronimo Alvares de Moura, ligarão o Corpo de S. M. I. e o

prepararão com aromas, continuando a vigilia as Suas excellentissimas damas.

« Vestida de grande gala e com os ornatos competentes, foi reposta no seu leito sobre huma riquissima colcha da China cor de perola, encostada em duas almofadas de seda verde e ouro; e continuarão a velar as mesmas Excellentissimas Damas acompanhadas dos Excellentissimos Veadores, revezando-se humas e outros de duas em duas horas.

« Neste camarim, forrado de seda branca e verde, Deu S. M. I. no dia 12, pelo meio dia, o solemne Beija-mão, sendo o primeiro que cumpriu este doloroso dever S. A. o Principe Imperial conduzido pelo Excellentissimo Camarista João José de Andrade Pinto, e immediatamente S. M. F. a Senhora Rainha de Portugal conduzida pelo Excellentissimo José Alves Pereira Ribeiro Cirne; a Senhora Princeza D. Januaria pelc Exellentissimo Visconde da Cachoeira; a Senhora D. Paula pelo Excellentissimo Bento Barrozo Pereira, a Senhora D. Francisca pelo Excellentissimo Antonio Gomes Barrozo — todos veadores de S. M. a Imperatriz. Seguirão-se as Excellentissimas Camareira-Mór e Damas, Ex.mo Mordomo-mór, Grandes do Imperio, Corte e Criados da Imperial Casa.

« Se não temessemos tocar tão penetrante ferida, mencionariamos agora a dôr que mostrava a Senhora Rainha suffocada pelo seu vehementissimo soffirimento; e logo rompendo em soluços significativos da sua consternação precedendo a ternura de Sua Alma innocente e a idéa de sua perda irremediavel á sisuda reflexão da idade. Esta não abafava tambem as demonstrações da Suas Augustas Irmãs que parecião ainda duvidar da Sua desgraça de que as desenganava a ausencia daquelle meigo carinho com que erão agasalhadas pela mais extremosa das mãis.

« Naquelle leito persistio o Imperial Corpo e no dia 13 pelas 10 horas da noite tendo sido mettido em hum caixão de cedro, forrado de lhama branca e por fóra de velludo preto com galão de ouro e tampa do mesmo e composto pelas Excellentissimas Damas. Este caixão foi posto dentro de outro de chumbo e ambos em hum terceiro forrado de seda branca e coberto de velludo com largos

galões de ouro fino, tendo em cima huma cruz branca bordada de ouro, que tomava todo o caixão.

« Collocado assim o corpo, foi posto o caixão sobre a eça que estava na sala cercada de vinte e dous tocheiros de prata e coberto com hum rico panno de velludo todo bordado e agaloado de ouro, com huma cruz de damasco branco, guarnecida de galões e franjas de ouro fino. Aos pés do tumulo se pozerão, sobre duas almofadas de velludo preto com galões e borlas de ouro, a Corôa fechada e o Sceptro todo dourado. Esta sala, que he a do docel, estava forrada de seda verde e amarella com portadas de velludo verde e ouro e ornada com preciosas alcatifas ; no topo da mesma se ornou o espaldar e o docel de damasco rôxo de ouro e o altar, em que se collocou o Crucifixo, allumiado por seis velas em castiçaes de prata. Aos lados estava levantado o Solio de S. Ex. Revma. de damasco rôxo e a quadratura coberta da mesma côr com quatro tocheiros de prata. O Exmo Mordomo-Mór, o Estribeiro-Mór, Damas e Veadores de S. M. I. alli assistirão continuadamente com guardas ao seu Augusto Corpo.

« Neste dia 13 foi publicado hum edital pelo Exmo Senado da Camara em um Bando composto dos Membros do mesmo Senado com capas pretas, chapeus desabados, montados em cavallos acobertados de mantas pretas, precedidos de hum piquete de Cavallaria da Policia e seguidos de huma Companhia de mesmo Corpo em funeral — Eis o Edital:

« O Exmo Senado da Camara desta muito Heroica e Leal cidade do Rio de Janeiro faz saber que pela Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio lhe foi dirigido o Aviso do theor seguinte: — S. M. o Imperador. Foi servido Resolver que em demonstração de sentimento pela morte da S. M. a Imperatríz, a Senhora D. Maria Leopoldina Josepha Carolina, que Deos chamou á Sua Santa Gloria, se suspenda o Despacho dos Tribunaes por oito dias, que principião hoje e que se tome luto por tempo de seis mezes — tres rigorosos e tres alliviados — cobrindo-se tambem de luto as mesas dos Tribunaes, e ordena que se executem pelo Illmo Senado da Camara desta Cidade as demonstrações que se tem praticado em casos semelhantes e que se publique o bando do costume, o que V. Mercê fará pre-

sente ao Illmo Senado da Camara para sua intelligencia e execução. Deos Guarde a V. Mercê. Paço em 11 de Dezembro de 1826.— Marquez de Caravellas — Sr. Francisco José Alves Carneiro.

« E para que chegue á noticia de todos se mandou affixar o presente nos logares do costume. Rio de Janeiro, 12 de Dezembro de 1826.— E eu Francisco Pereira de Mattos o fiz escrever.— Francisco José Alves Carneiro, Diogo Gomes Barroso, Manoel Moreira Lirio, João Alves de Souza Guimarães.

Disse o *Diario Fluminense* ter satisfação « em observar que antes de affixar-se o Edital, todo o generoso Povo d'esta Côrte espontaneamente se havia vestido de luto, accrescentando mais esta demonstração do seu profundo sentimento aos muitos argumentos que havia dado do seu respeito o affecto, e da sua acerbissima dòr na perda sempre lamentavel e nunca assaz pranteada da augusta Imperatriz.

« Ao amanhecer do dia 14 começou o clero secular e regular a celebrar missas nos sete altares que se erigirão na varanda do Paço com doceis e espaldares pretos, recusando a esmola offerecida ; constando-nos que foi incluido neste numero o Excel.mo Bispo eleito do Maranhão. Neste dia e no precedente se mandarão igualmente dizer muitas missas de corpo presente de esmola de 960 reis nas Igrejas desta Corte.

« Pelas 10 horas entrou o Exmo. Revmo. Bispo Capellão mór paramentado e acompanhado do seu Cabido e, feitas as reverencias na Passagem do Tumulo, se dirigio ao solio e começou o Officio de Defuntos, sendo os Responsorios cantados pelos musicos da Imperial Capella.

« Acabadas as Matinas, depoz S. Ex. Revma. o pluvial e recebendo os paramentos missaes, e assistido do seu Cabido paramentado, se dirigio ao altar no qual celebrou em pontifical o incruento sacrificio de expiação, concluido o qual tornou para o seu solio e recebendo outra vez o pluvial, entrarão os quatro Monsenhores absolventes Illust. Cunha, Pizarro, Perdigão e Roque e feitas as venias e ceremonias do estilo, descendo S. Ex. para o seu paldestorio e sendo assistentes os Illust. Conegos Netto, Catão e Carneiro, começarão as absolvições

que terminarão pela huma hora da tarde. A estes actos religiosos esteve presente o Corpo Diplomatico em pezado luto e o Exmo. Duque de Lafões.

« Findo o Officio, o Exel. Marquez de Jacarépaguá, Reposteiro-mór, tirou o panno, e o Exmo. Mordomo mór abrio o caixão que presistio assim até que findas as absolvições, foi fechado e coberto o dito caixão.

« Das 3 horas até ás 7 da tarde concorrerão ao Paço as 7 Freguezias da cidade, as 3 Ordens Religiosas, e as Collegiadas da Misericordia e S. Pedro, para exercerem o triste dever de encommendar o Imperial corpo, concluindo estas orações com a encommendação da Imperial Capella.

« A's 8 horas da tarde o Exmo. Reposteiro-mór levantou o panno de velludo preto, que como dissemos cobria o Imperial corpo, e o entregou ao Guarda Tapeçarias, e pegando na Corôa e Sceptro, os deu ao Moço da Camara José Ignacio da Silva que devia conduzil-os ao coche.

« Precedia ao corpo de S. M. I. sua Dama a Exma. D. Maria Francisca de Faria Lobato, e era seguido pela Exma. Marqueza de Tagoahi servindo de Camareira Mór e outras Exmas. Damas que o acompanharão até entrar no coche e fizerão as venias da etiqueta. A Senhora Rainha D. Maria II acompanhou o mesmo Imperial corpo até o fim dos degrâos tendo a seu serviço o Exmo. Veador Barão de Macahé, e pela ultima vez se despedio de sua Augusta Mãe, que será perpetuamente o objecto do seu pranto.

« Neste momento pegarão no caixão oito Grandes do Imperio, a saber: os Exmos. Marquezes de Santo Amaro, de Inhambupe, de Baependy, de Nazareth, de Queluz, de Paranaguà, de Jundiahi e o Exmo. Conde de Lages.

« A's 8 1/2 se poz em marcha o funereo acompanhamento na seguinte ordem. Precedião 6 Porteiros da Camara, de cavallo com as insignias. Seguia-se o Tenente da Imperial Guarda o Illustrissimo Francisco Xavier Rapozo; logo o Corregedor do crime da corte e casa, apoz destes a Corte, formando os grandes a ala direita e os Camaristas, Veadores, e Officiaes Móres da casa á esquerda, todos com capas pretas compridas, montados

em cavallos com mantas pretas e allumiados pelos seus criados de libré, que levavão telizes com as suas respectivas armas. Succedia a estes o cabido em cavalcata, presidido pelo conego mais antigo o Illustrissimo Manoel Antonio Netto, com estola preta. Proximo ao grande coche, que conduzia o Imperial Corpo, vinha á direita como Mordomo Mór o Exmo. Francisco de Lima e Silva, e á esquerda como Reposteiro mór o Excellemtissimo Marquez de Jacarépaguá, e no meio hum pouco atraz o Estribeiro menor Gonçalo Germano de Araujo, seguindo-se logo o coche, forrado de preto por dentro, e por fóra e coberto com um grande panno de velludo tambem preto, e puchado por oito machos cobertos de mantas da mesma cor. Allumiavão ao Imperial corpo os Moços da Imperial camara ; e pela parte de fóra vinha a Imperial Guarda dos Tudescos, seguindo o coche o Exmo. Marquez de Aracati que servia de Capitão á mesma Guarda e á sua direita o Exmo. Fracisco Maria Telles como Estribeiro mór.

« Seguia-se o coche de Estado, tambem a oito e coberto como o precedente ; e atraz deste a Imperial Guarda de Honra, commandada pelo Illustrissimo Marechal José Manoel de Moraes.

« Precedião mais 2 coches a 6, dos quaes o primeiro levava a Imperial Corôa e o segundo conduzia o cura da Imperial Capella: para não interrompermos a ordem do luctuoso acompanhamento não fallámos ainda da tropa destinada ás alas e salvas, o que faremos neste logar.

« Dividio-se a tropa em 4 brigadas de Infantaria,. huma de Cavallaria, e outra de Artilharia. A primeira de Infantaria compunha-se do 2º e 5º batalhões de caçadores, e era commandada pelo brigadeiro Lazaro José Gonçalves, a 2ª compunha-se dos 1º, 2º e 3º corpos de Infantaria sob o commando do brigadeiro João da Costa Brites Sanches, a 3ª formada pelos batalhões 5º, 14º, 21º e 24º de caçadores, tinha por chefe o coronel Francisco das Chagas Cattete; e a quarta, que continha os batalhões 2º e 3º de granadeiros, obedecia ao coronel Luiz de l'Hosti. Da brigada de cavallaria era commandante o coronel João Agostinho Barbosa, e da de artilharia o coronel Francisco de Paula Vasconcellos.

« A primeira brigada de Infantaria postou-se junto ao portão da Imperial quinta da Boa-Vista com hum parque de artilharia montada e deu tres salvas de artilharia de 21 tiros cada huma, alternados com tres descargas de Infantaria á sahida do Corpo. As segunda e terceira formarão alas desde a Imperial Quinta até ao Passeio Publico e a 4ª tomou posição defronte da Igreja de N. S. de Ajuda. A brigada de Cavallaria formou igualmente alas entre a primeira e segunda de Infantaria.

« Precedia a estas seis Brigadas o Estado-Maior tendo á testa, por impedimento do Exm. Conde de S. João das Duas Barras, o marechal Miguel Simão de Moraes.

« Apoz o ultimo coche rompia a marcha das columnas hum piquete de Cavallaria e aquellas se mettiam em columnas immediatamente que passava a funebre pompa, e a seguião.

« Esta procissão, começando do Paço da Boa-Vista, dirigio-se por S. Christovão, Matta Porcos, Catumby, ruas do Conde, do Lavradio, de Matta Cavallos, das Mangueiras, e do Passeio Publico até a Igreja do Convento da Ajuda. Nas referidas ruas estavão em duas alas todos os Religiosos e os Parochos e Clerigos das Freguezias.

« Erão 11 horas quando o Imperial corpo chegou ao templo destinado para seu Jazigo. Esperava no Adro a Irmandade da Misericordia que para isso fôra avisada, e tirando os Grandes do Imperio o caixão do coche, o puzerão sobre o esquife. Estava a Igreja armada com a maior sumptuosidade, notavam-se 3 pouses preparados com riqueza, o 1º tinha um degráo e 6 tocheiros, o 2º com 2 degráos e 10 tocheiros e finalmente o 3º que excedia a todos em elegancia, com 3 degráos e 12 tocheiros; na Capella Mór estava preparado o espaldar e docel para sua Exm. Reverendissimo, e quadratura para o seu Illustrissimo Cabido. Havia outro pouso proximo ao Coro das Religiosas e a hum lado 2 bancas cobertas de velludo verde, sobre que estavão quatro castiçaes de prata e a escrivaninha do mesmo metal.

« Pegando pois a mencionada Irmandade da Misericordia no feretro o conduzio ao primeiro pouso, onde foi encommendado pela Collegiada da mesma Santa Casa. Devendo ser o corpo conduzido para o 2º pouso, e d'ahi ao 3º pelo dificil transporte, em

razão do enorme peso, se fez no mesmo lugar a segunda encommendação pelo Reverendo Capellão das Religiosas, e Clerigos adjuntos, e afinal a de sua Exm. Reverendissima, assistido pelo seu Illustrissimo Cabido, havendo o Excellentissimo Marquez de Jacarépaguá coberto o caixão com um rico panno. Cantarão o Responso (sem instrumental) os Musicos da Imperial Capella.

« Acabada esta ceremonia descobrio o Excellentissimo Marquez o caixão, dando o panno á Misericordia na forma do costume e dahi foi trasladado para o pcuso proximo á grade do côro, onde o Exm. Marquez de Caravellas Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça encarregado dos do Imperio lavrou dois termos de entrega do Imperial corpo, que forão assignados pelo mesmo Exm. Ministro, pelo Exm. Mordomo Mór, pelos Grandes que pegaram no caixão, e pela Abbadessa do Convento. A todos estes actos religiosos assistio o Corpo Diplomatico, e o Exm. Duque de Lafões, dando as mesmas demonstrações de profundo pezar, que acompanharão a sua enfermidade e seguiram o fatal acontecimento que deploravão.

« Acabada esta ceremonia civil, a Collegiada da Casa foi adeante da Côrte, e do Corpo Imperial e concluio seguindo aquelles actos religiosos com os Officios ordenados pela Igreja.

« Posto o Corpo no seu deposito, a 4ª Brigada, que como dissemos, estava defronte da igreja, deu as descargas de Infantaria alternando com as salvas do parque de Artilharia de posição que fazia parte da respectiva Brigada. A estas se seguirão as salvas das fortalezas, que terminarão o funeral.

« Tal he a succinta historia das exequias de S. M. a Imperatriz, que nos permittio a escassez do tempo: sacrificámos á brevidade mais circumstanciados detalhes, que sem embargo publicaremos logo que nos forem communicados. Mas o que não ousaremos jámais descrever é o sentimento profundo, que se desenhava em os rostos de todos, as sinceras lagrimas tributadas ao merecimento quando finda a dependencia, e quando a lisonja servil não abre a porta ao interesse. Este é o premio que resta na terra á virtude, emquanto na eternidade Sua Magestade goza tranquilla de paz inalteravel e de huma gloria perennal.

* * *

Ferdinand Denis e M. C. Famin publicarão importante livro sobre o Brasil, Colombia e Guyanas de cuja versão portugueza (impressa em 1844 na typ. L. C. da Cunha — Costa do Castello 15 em Lisboa) tiramos o seguinte:

« Porém, indubitavelmente, a ceremonia funebre mais pathetica, que no Rio de Janeiro se viu n'estes ultimos annos, foi a das exequias da jovem imperatriz. A súa vida havia sido uma serie de acções beneficas; profundas saudades excitou este ceremonial, que, no decimo nono seculo, á memoria trazia os extinctos ritos da idade media.

« Era na época da guerra contra as provincias do Sùl; a imperatriz estava gravida, e alterada havia sido a sua saude por pezares domesticos, que já não são mysterios no Brazil. Em pouco tempo o mal fez progressos; inuteis forão os soccorros da medicina; e logo que a sua insufficiencia foi conhecida, conforme os usos do paiz, ás praticas religiosas se recorreu. Todas as corporações, todas as ordens religiosas fizerão procissões; visitarão-se as imagens havidas como santas, e, no meio d'estas tristes ceremonias, diz um viajante a quem devemos parte d'estas particularidades, ha uma que involuntariamente excita um melancolico sorriso e que nas relações do tempo se acha referida.— A protectora da joven imperatriz, a quem esta não cessára durante a vida de fazer um tributo d'adoração, *Nossa Senhora da Gloria*, foi mais particularmente implorada para que a saude lhe fosse restituida, e o povo não viu sem piedosa commoção esta santa Imagem, que outr'ora não deixaria sahir da sua capella, levada em procissão, não obstante a chuva, para ir visitar a princeza que no tempo anterior não deixava passar uma segunda-feira sem que fosse prostrar-se ante o altar da Senhora.

« A 2 de dezembro dôres prematuras sobrevierão á imperatriz, que deu á luz, muito antes do tempo, um menino: e depois do parto, houve um momento a esperança de que os mais perigosos symptomas hião ceder; porém estes tornarão a apparecer com uma vehemencia, que fez logo esquecer toda a idéa consoladora: então a imperatriz manifestou desejo de receber os ultimos soccorros da Igreja: mandou chamar os criados da sua

casa, e, emquanto estes rodeiavão seu leito derramando lagrimas sinceras, ella perguntou se entre as pessoas presentes havia alguma que por acção ou palavra tivesse escandalisado; disse que não queria deixar o mundo com a lembrança de que um só individuo tivesse motivo de queixa da sua conducta a sem que fizesse quanto lhe fosse possivel para dar satisfação e quem d'ella se julgasse offendido: só lagrimas abundantes responderão a estas palavras.

« Dizem que, n'esta compustura, a pessoa que fôra causa de seus pezares domesticos, quiz penetrar nos quartos da imperatriz para alli cumprir a sua obrigação de camareira, resistindo ás mais energicas observações; e que foi indispensavel a resolução d'alguns assistentes para evitar que proseguisse no seu intuito.

« A 11 de dezembro de 1826, pelas dez horas da manhã, a joven imperatriz rendendo a Deus o espirito, cessou de soffrer, com apparencia de vigorosa saude; morreu tendo de idade vinte e um annos.

« Como desde mui antigo tempo se pratica, foi o seu corpo envolto nas vestimentas reaes e exposto n'uma capella illuminada. Uma ceremonia, que famosa se tornou na Europa por causa, certamente, das tragicas circumstancias de que foi acompanhada, mas que se executa no ensejo de fallecimento dos soberanos em Portugal, se celebrou no Palacio, ultimo resto da feudalidade, a mesma ceremonia não se restabelecerá; porém executou-se ainda esta vez. Descoberta ficou a mão da fallecida imperatriz, e todos os officiaes da casa, assim como os dignatarios do imperio, forão beijar-lha; porém o que teria sido outr'ora uma ceremonia odiosa, praticou se esta vez com circumstancias mais patheticas. As pessoas, que havião amado e respeitado esta joven senhora durante a sua vida, não hesitarão em fazer este derradeiro tributo d'affeição a seus restos mortaes. N'esta occasião, diz um viajante a quem todas estas circumstancias forão referidas pouco tempo depois do acontecimento, os filhos se approximarão para prestar os ultimos officios a sua mãi; cada um era conduzido por um camarista até junto da éça onde havião de beijar-lhe a mão; porem estavão em mui verdes annos para que pudessem sentir uma vehemente impressão á vista do espe-

ctaculo, que ante os olhos tinhão. Sómente a primogenita, a senhora D. Maria, Rainha de Portugal, deu provas d'uma sensibilidade extraordinaria na sua idade: chorava com amargura soluçando e dava todos os signaes de profunda dôr ante os restos de sua mãi.

« A procissão funebre desfilou durante a noite á claridade das tochas, como no Brazil se pratica a respeito de todas as pessoas distinctas. Sob a varanda do palacio se erigirão sete altares, em que outros tantos celebrantes disserão missa. Em todas as ruas por onde havia de passar o acompanhamento estavão alas de clerigos e frades das diversas communidades religiosas. Pelas onze horas chegou o corpo ao convento d'Ajuda, onde foi recebido pelas freiras, que o depositarão, não em mausoléo, mas sobre um canapé. Desta sorte collocado no cemiterio do convento, um viajante viu ultimamente o ataúde, que não poderia conter restos de mais pura e mais excellente senhora.»

* * *

Carlos Seidler não é escriptor imparcial, mas foi comtemporaneo dos factos que algumas vezes póde haver relatado segundo o que então ouviu dizer. São d'elle os trechos seguintes:

«Leopoldina da Austria, como já se disse, tinha fallecido subitamente. A nação soffreu com esta morte prejuizo incalculavel, repetido por milhares deboccas; levantarão-se mil suspeitas, cada uma sobrepujando a outra em exageração, loucura e despeito, mas entre todas algumas talvez tenham suas razões de ser. Assoverava-se que D. Pedro I, ao sahir do Rio de Janeiro deixou ordens para o envenenamento da Imperatriz durante sua ausencia, o que fez enorme sensação, todos os negocios paralysarão-se, uma revolução geral que primeiro sahiu da terra como um verme, foi successivamente levantando sua cabeça de hydra. Os inimigos do Imperador aproveitarão com avidez esta occasião para conseguirem seus fins particulares e tornar Sua Magestade sempre mais odioso ao povo; aventurarão-se até a nomear o medico que na qualidade de verdugo secreto teve parte nesta scena de assombro.—Infelizmente poucos dias depois o mesmo

homem foi nomeado Enviado Extraordinario perante a côrte de França e com isto a desconfiança geral obteve nova segurança. Um outro boato, talvez melhor fundado dizia, porém, que D. Pedro em um momento de colera havia maltratado a sua Esposa, que s achava gravida — calcando-a aos pés, e que isto foi a origem da morte d'ella. Seja, entretanto, como fôr, neste processo não pôde apparecer testemunha, nem nenhuma valeria.

« Nas ultimas horas da sua tão abençoada vida ella desprezou toda assistencia dos medicos brazileiros e deixou chamar o digno e geralmente estimado Dr. Rau, um allemão de nascimento, mas era tarde ; não havia mais salvação possivel.

« A cidade inteira esteve de luto, uma dôr desesperada, mas calada, se divisava em cada semblante: negros, mulatos, Portuguezes, Inglezes, Irlandezes, Allemães deploravão a morte de sua mai commum; pela primeira vez sentião-se irmãos. O odio nacional calou-se e cada desavença particular parecia acabada. Um movimento fóra do commum reinava em todas as ruas, havia agitação no porto, nas praças publicas um vai e vem com ondulações variaveis, tudo entretanto calado, fechado em si e cheio de segredo. »

Carlos Seidler ponderou que os inimigos do Imperador se reunirão armados no Passeio Publico e immediações do convento d'Ajuda, onde ia ficar depositado o corpo, contando que os soldados allemães se sublevarião para vingar o supposto assassinato da Imperatriz Leopoldina e assim arrebentaria uma revolução, de que se aproveitarião. « Não ha duvida, diz o tenente Seidler, que ao menor signal de alguns delles os allemães se terião sublevados ; mas, comprehendendo que servirião de instrumentos para satisfazerem os interesses particulares de terceiros que não gostavão delles e os sacrificarião depois, conservarão-se fieis ao Sr. D. Pedro I. »

Em 1825 Carlos Seidler, recem-chegado, solicitou do Imperador sua inclusão como official no batalhão dos Allemães, no que foi attendido, havendo então tido ensejo de conversar com a Senhora D. Leopoldina, de quem falla n'estes termos:

« Ainda nunca tinha visto a Imperatriz — essa delicada mulher, que ficou endeosada em todo o Brasil, pois que tantas

vezes interveio como medianeira entre o povo e o Regente. N'ella não se podia desconhecer uma Habsburgo: Cabello louro e annellado, olhos azues e melancolicos, testa alta e pensativa, nariz orgulhoso, suavemente curvado, a côr do rosto de um branco deslumbrante, que tambem este clima quente tinha marcado com uma suave e aformoseante efflorescencia de sombras, o rubor tenro que se manifestava no semblante, a benignidade que com magestade se deprehendia de cada um de seus movimentos e como um attestado de gloria ia em torno d'ella na sua peregrinação terrestre. »

* * *

Referindo-se a S. M. a Sra. D. Leopoldina escreveu A. M. V. de Drummond:

« Esta Augusta Senhora até fallecer correspondeu-se com o veneravel ancião no exilio. José Bonifacio tinha-me na confidencia dessa correspondencia, o que muito contribuio para augmentar a vigorar o respeito e a veneração que consagro á memoria da Augusta Imperatriz, não perdendo a occasião de pagar ás sublimes virtudes de que era armado este tributo da minha gratidão como bom brazileiro.»

* * *

Vimos no Archivo Publico do Rio de Janeiro a chave do caixão contendo os despojos mortaes da nossa primeira Imperatriz, que continúa a descançar no seu Mausoléo do Convento d'Ajuda, em o mesmo Sarcophago que durante cinco annos foi occupado pela Sra. D. Maria I.

Esta Rainha se acha sepultada no Mosteiro do Coração de Jesus na cidade de Lisboa e que ella mesma mandára edificar.

Grande foi a dôr que resentio o Principe Regente, quando falleceu (1816) sua Augusta Mãi e deixando o Brasil (1821), El-Rei D. João VI, que fôra sempre um modelo de affeição filial

e conservára á infeliz Senhora mui viva affeição na situação lastimavel em que se achou perdendo o uso das faculdades mentaes, fez trasladar para Lisboa os ossos da Augusta finada.

* * *

Não descabe reproduzir aqui o retrato que da egregia Princeza fez pessoa contemporanea e que a via diariamente:

« Era perfeita a educação de S. M. I. a Sra. D. Maria Leopoldina; seus talentos eram variados, suas virtudes sublimes. Religiosa sem superstição, humilde sem baixeza, amavel sem perder jámais o sentimento da propria dignidade, era o manto de todos os que a conheciam e a quem inspirava admiração, respeito, amor. Derramava beneficios sem ostentação; era sua Suprema ventura o fazer bem, nisto se ia a maior parte de sua dotação, que muitas vezes nem bastava, pois nada sabia reservar e por sua morte se achou em consideravel *deficit*, devido ás suas grandes esmolas. Decretou o corpo legislativo que a nação brasileira se honrava de pagar as nobres dividas da Imperatriz Leopoldina. Como Princeza Real, aprendeu sem detença o portuguez, profundando logo todas as delicadezas do idioma, fallando-o, escrevendo-o como o seu natal. Era-lhe igualmente familiar o italiano, e fazia versos allemães cheios de gosto e elegancia. Juntava a estes talentos a applicação aos mais elevados estudos; agradavam-lhe tanto a astronomia e mineralogia, que lhes consagrava a maior parte de seus lazeres; em astronomia principalmente póde-se dizer serem taes seus conhecimentos, que poucos rivaes lhe disputariam a palma.

« A Princeza era excellente Pianista, sabendo musica perfeitamente; montava a cavallo com graça e ligeireza; gostava da caça; comprazia-se em penetrar nas florestas para vencer obstaculos e com a mão que agilmente percoria as teclas de um piano apontava uma espingarda disparando certeiro tiro. »

« A Sra. D. Leopoldina, escreveu Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, adoravel Princeza, da mais vasta instrucção, dos mais extraordinarios talentos, da mais severa virtude, do mais delicado tracto, dos mais austeros principios, da mais generosa singeleza, nem conhecida pôde ser por seus filhos varões: o

Principe D. João morreu um anno depois de nascido; um anno depois de nascido o Principe D. Pedro perdêra sua mãi. Não foi dado ao triste orphãosinho aprender a sorrir no sorriso materno, nem a balbuciar palavras de amor, nem a inspirar-se nos grandes sentimentos, nem a receber o fermento das nobres acções na palavra e no exemplo vivo de sua veneranda progenitriz.»

« Na terra lhe ficára segunda mãi na pessoa de D. Marianna de Verna Magalhães. Não ha mãi, por mais extremecida, que tamanho affecto depositasse no fructo de seus amores.»

* * *

Virtuosa, meiga e intelligente, D. Marianna dispensou todos os carinhos e cuidados possiveis ao seu Imperial pupillo que de 17 de outubro de 1829 a 7 de abril de 1831 tambem foi objecto das ternuras da 2ª Imperatriz a Sra. D. Amelia, tendo sempre sido alvo de muito especial affecto do seu Augusto Pai, mesmo no periodo decorrido de 11 de dezembro de 1826 — data do fallecimento da 1ª Imperatriz até 17 de outubro de 1829 — dia da chegada no Rio da Veneranda 2ª Imperatriz, a despeito das muitas occupações do monarcha quer de ordem publica, quer de natureza particular.

Graças as virtudes da Imperatriz D. Leopoldina reinou nos Paços Imperiaes a mais rigorosa moralidade, a qual, segundo affirmão testemunhas insuspeitas, continuou no tempo da viuvez do Imperador e durante o estado no Brasil da Imperatriz D. Amelia. ([1])

* * *

D. Pedro I, Imperador do Brasil, que segundo ponderou ultimamente um de seus mais sinceros admiradores, como emulo perfeito só teve o Rei de França Henri IV (avó de Luiz XIV), possuia como signal caracteristico de grande mentalidade uma opulencia de robustez physica.

([1]) Sabe-se a austeridade de costumes que se verificou nos Paços no tempo da 3ª Imperatriz Augusta Esposa do Sr. D. Pedro II.

Sua Magestade teve de suas relações com a Sra. D. Domitila tres filhas e um filho — nascêra a primeira em 26 de maio de 1824 D. Izabel Maria Brazileira que legitimou a 4 de julho de 1826 e teve então o titulo de Duqueza de Goyaz, o qual perdeu quando desposou o Conde Fischer de Fleuberg, de quem teve prole; dos demais fallecerão em tenra idade o menino e uma irmã.

A 12 de outubro de 1826 a Sra. D. Domitila, já Viscondessa de Santos, foi elevada a Marqueza de Santos, bem como seu pai agraciado então com o titulo de Visconde de Castro, que dias depois, tendo fallecido o titular, obteve seu primogenito, irmão da Marqueza. O Visconde de Castro, originario da Ilha Terceira, era descendente por um lado dos Condes de Monsanto e Visconde da Villa Nova da Cerveira e por outro do Conde d'Arrayolos, irmão de D. Ignez de Castro Rainha de Portugal, de quem os Duques de Bragança são duplamente descendentes. O Visconde de Castro não prezava menos a nobreza de seus antecessores Canto que a dos Castro. Nascido em 1740, veio para S. Paulo, onde se casou com uma senhora de nobre estirpe e teve numerosa descendencia. Veio no posto de alferes e passou a tenente para o regimento dos voluntarios reaes, ao depois fez a campanha Cisplatina e por diversos actos de bravura ganhou todos os postos até o de brigadeiro. Gentilhomem da Casa Real, Monteiro-mor do Rei, depois Camarista de S. M. o Sr. D. Pedro I, Commendador da Ordem de Aviz passou em principio de 1823 a residir no Rio de Janeiro, onde falleceu com 86 annos de idade a 2 de novembro de 1826. A Marqueza de Santos nasceu em S. Paulo a 27 de dezembro de 1797. Casou-se moça e tinha uma filha nascida em 1815 e um filho que veio ao mundo em 1816 quando no correr de 1822 seu marido separou-se d'ella, indo viver em Minas Geraes. Divorciada por sentença dos Tribunaes em 1823, veio para o Rio de Janeiro junto com o pai e captivou o Soberano, que a fez Dama do Paço e Grã-Cruz da Ordem de Santa Izabel de Portugal. Certo é que era muito attendida pelo Imperador e que usou de sua influencia para o bem de muita gente, ao contrario do que se diz geralmente. Affirmão quantos conhecerão a Marqueza de Santos que era

pessoa formosa, de alta estatura, com ares de Magestade. Completamente separada do Sr. D. Pedro I, desde o meiado de 1829. contrahiu novo enlace matrimonial em 1843 e teve outros quatro filhos. Falleceu em S. Paulo a 3 de novembro de 1867. Acerca dos ascendentes da Marqueza de Santos possue o Instituto Historico e Geographico Brazileiro a arvore genealogica dos Cantos e dos Castros. (V. collecção Boulanger).

* * *

Encontramos no *Diario Fluminense* as duas publicações seguintes:

1° Boletim

Sobre o estado de saude de S. A. o Principe Imperial.

« S. A. o Principe Imperial, tendo padecido alguns incommodos, proprios da quadra, e aggravados pela época da dentição, foi atacado de convulsões pelas 6 horas da tarde do dia sexta feira 3 do corrente, as quaes se repetirão com bastante violencia pelas 11 horas da noite na mesma sexta-feira e na manhã do dia seguinte pelas 6 horas ; durante estes ataques houve febre ; applicados os auxilios competentes interna e externamente, temos a satisfação de annunciar que produzirão muito bons effeitos, tendo desapparecido a febre, e não tendo havido o mais pequeno ameaço até hoje 5 de agosto pelas 2 horas da tarde, e estamos lisongeados com a bem fundada esperança de que não occorra novidade desagradavel. Paço em 5 de Agosto de 1827. — O Conselheiro Francisco Manoel de Paula, Fisico-Mór ; Barão de Inhomerim ; Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, Conselheiro Cirurgião-Mór do Imperio.»

2° Boletim

Sobre o estado de saude de S. A. o Principe Imperial.

« S. A. o Principe Imperial tem passado muito bem, desde o terceiro ataque de convulsões já mencionado, e tem desappare-

cido todos os symptomas que podião assustar e por isso consideramos S. A. em principio de convalescença, o que nos apressamos em communicar ao publico, para que descance acerca do justissimo cuidado, que a todos devia merecer tão preciosa saude. Imperial Quinta da Boa Vista em 6 de Agosto, pelas 2 horas da tarde. — Barão de Inhomerim.»

* * *

Disse-nos o Sr. Visconde de Barbacena que recem-chegado da Europa, no fim de 1827, foi S. E. ao Paço afim de comprimentar o Imperador Sr. D. Pedro I, que logo lhe perguntou se já tinha visto o Principe Imperial e obtendo resposta negativa Sua Magestade foi pessoalmente buscar sua Alteza que trouxe nos seus proprios braços e era então magrinho e muito amarello.

* * *

No anno de 1827 o Brasil celebrou tratados de Commercio e Navegação em 16 de junho com a Austria — 9 de julho com a Russia — 10 de novembro com a Grã-Bretanha e a 18 de novembro com as Republicas Anseaticas.

A installação da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional teve lugar no Rio de Janeiro em 19 de outubro de 1827.

* * *

Devemos ainda trazer para aqui a seguinte

CARTA DE LEI

« D. Pedro I, pela Graça de Deus e Unanime Acclamação dos Povos, Imperador Constitucional o Defensor Perpetuo do Baazil: Fazemos saber a todos os nossos subditos que a Assembléa Geral decretou e Nós queremos a lei seguinte:

Art. 1.º A dotação de Sua Magestade o Imperador será, por esta primeira assignação até a definitiva conforme o artigo

cento e oito da Costituição, de mil contos de réis annuaes para todas as despezas de sua Imperial Casa, reparos dos Palacios e Quintas, serviço e decoro do Throno, á excepção sómente da Capella Imperial e Bibliotheca Publica, e das acquisições e construcções de Palacios, que a Nação julgar convenientes para a decencia e recreio do Imperador e sua Augusta Familia, conforme o artigo cento e quinze da Constituição.

Art. 2.º A dotação de Sua Magestade a Imperatriz, será, por esta primeira assignação, até a definitiva, na conformidade do mesmo artigo da Constituição de cem contos de reis annuaes. Ficão nella comprehendidas as despezas de sua Casa e Serviço.

Art. 3.º Os alimentos do Principe Imperial serão, emquanto Menor, de doze contos de réis, e de vinte e quatro contos de réis logo que tenha dezoito annos completos.

Art. 4.º Os alimentos do Principe do Grão Pará serão, emquanto Menor, de seis contos de reis annuaes; e de doze quando maior.

Art. 5.º Os de cada um dos Principes ou Princezas da Imperial Familia, serão de quatro contos e oitocentos mil réis annuaes emquanto menores e quando maiores nove contos e seiscentos mil réis annuaes.

Mandamos portanto a todas as Authoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumprão e fação cumprir, e guardar tão inteiramente como nella se contem. O Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palacio do Rio de Janeiro, aos onze dias do mez de agosto de mil oitocentos e vinte e sete, sexto da Independencia e do Imperio.— *Imperador* com guarda. — L. S.— Visconde de S. Leopoldo.»

***

Não póde deixar de interessar o trecho que ora transcrevemos de uma carta de D. Marianna a seu filho Ernesto, escripta da cidade do Rio de Janeiro a 4 de julho de 1828:

«S. M. o Imperador teve um destes dias uma grande dôr procedida d'uma constipação e ás 9 horas da noite mandou-me

chamar, pedio-me de ficar ao pé d'elle e o tratar, de fórma que lá fiquei até ás 6 horas da manhã dando-lhe os caldos e remedios e velando com o Camarista que ficou uma parte da noite, particular, etc, mas mulher sò eu e no dia seguinte que elle logo se levantou, porque passada a dôr ficou bom, mandei-lhe dizer por João da Rocha se queria alguma cousa do meu serviço, mandou-me dizer que para velar já não precisava mas se queria hir conversar hum bocado com elle lhe faria favor,.................. ..... fui e estive lá huma hora pouco mais ou menos com elle e algumas tres pessoas que tinham vindo saber d'elle, depois me retirei e já tudo está em caso ordinario, mas foi honra esta que assombrou os mesmos cortesans e no fim de tudo tu estàs preterido. Amanhã vamos ao bota-fòra da Rainha, o que me está custando bem porque n'estes ultimos tempos tem a Rainha mostrado huma amizade por nós pela Maria Antonia, immensa.....

***

Em 1828 deu-se o levante dos batalhões estrangeiros ou mais exactamente dos Irlandezes então assás recem-chegados aos quaes se juntaram dous batalhões allemães.

Devemos lembrar que o major G. A. von Schaeffer [1] agenciára na Allemanha muitos colonos para o Brasil, dos quaes em 1824 forão mandados alguns para nucleos do territorio bahiano, 342 para Nova-Friburgo na provincia do Rio de Janeiro e outros para S. Leopoldo no Rio Grande do Sul, sendo, porém, o maior numero desde logo incorporado nos batalhões estrangeiros, o 27º de caçadores e os lanceiros seguirão em novembro de 1826 para o Sul do Imperio, onde permanecerão até a conclusão do tratado de 28 de outubro de 1828, que reconheceu a indepen-

---

[1] Ja temos feito referencia ao major G. A. von Schaeffer nas nossas publicações seguintes (Vide o Dicc. Biog. do Dr. Sacramento Black.)

La Colonie Suisse de Nova Friburgo et la Société Philantropique Suisse do Rio de Janeiro — 1877.

Plano de Colonisação em Therezopolis, no Rio de Janeiro — 1887.

Alguns dias na Paulicéa — 1891.

Jubileu de Petropolis — 1895.

dencia da provincia Cisplatina, depois Republica Oriental do Uruguay.

Carlos Seidler, tenente no 27° de caçadores, no seu livro já por vezes citado, occupa-se d'esta campanha do Sul assim como trata da amotinação dos Irlandezes e dos Allemães.

J. M. Pereira da Silva (Segundo Periodo do Reinado de D. Pedro I no Brazil) pondera o seguinte:

« Desesperava-se D. Pedro com a marcha dos acontecimentos (em 1828) conhecendo o desprestigio e a impopularidade, em que seu governo cahia todos os dias. Lembrou-se de alliviar a população do sacrificio do recrutamento, augmentando os corpos de allemães que já serviam ao Imperio. Apezar de que na Camara dos Deputados se haviam erguido vozes autorisadas combatendo a introducção de estrangeiros no exercito, pensou D. Pedro que o povo estimaria de preferencia que a guerra continuasse com braços mercenarios á fazel-a com nacionaes, que se roubassem ás familias, ás industrias e á lavoura.

« Convencido sinceramente da utilidade desta providencia, chamou á sua presença o coronel inglez Coter e incumbio-o de partir para a Irlanda e a Allemanha, a contractar para o Imperio homens robustos e algumas familias que quizessem dedicar-se a trabalhos agricolas e de expedil-os no mais breve espaço de tempo. Preparava-se assim para quando chegassem os colonos ao Rio de Janeiro, fazel-os preferir o serviço militar por meio de premios elevados e promessas lisonjeiras, ancioso como estava de terminar uma guerra, que por mais justa na sua origem começava já, todavia, a cançar os espiritos de toda a população e demoralisar-se com as demoras e desastres de que fôra acompanhada ».

Diz ainda J. M. Pereira da Silva:

« O negociador infelizmente não só excedêra as suas instrucções e poderes, como effectuára uma escolha desacertada. Cerca de tres mil colonos partiram para o Imperio, a maior parte solteiros, muito poucas mulheres e crianças relativamente ao numero total. »

Ouçamos, porém, Ferdinand Denis recorrendo ao que escreveu no livro « L'Univers Pittoresque — Histoire et Descri-

ption de tous les peuples», publicado em 1839 por Firmin Didot Frères, de Paris.

« Soldats et colons à la fois, ces hommés qui devaient toujours se tenir prêts à agir comme soldats dans la province de Rio de Janeiro, ne devaient primitivement que cinq années de service militaire. Au bout de ce temps, dit-on, cinquante acres de terre devaient leur être accordées en toute propriété. Des conventions avaient été stipulées relativement à la paye et au régime intérieur; et il paraît que, dès l'origine, ces deux clauses importantes restèrent sans exécution. On prétendit même exiger d'eux un serment qui les constituait soldats pour un temps illimité. Des rixes violentes eurent lieu avec les noirs; elles pouvaient faire prévoir à l'autorité les scênes qui se préparaient. Les Allemands firent cause commune avec les Irlandais. Dès lors il suffisait de la circonstance la plus légère pour allumer l'incendie : le hasard l'amena. »

A um soldado allemão que deixára de fazer continencia a um official brasileiro havia sido infligido o castigo de certo numero de chibatadas ou chicotadas (divergem os autores) e no dia immediato, recusando-se elle a despir-se, foi dobrada a punição, que se achava em boa parte cumprida quando o paciente foi posto em liberdade pelos seus camaradas indignados com tanta severidade, não sendo a continencia obrigatoria depois das *Ave-Marias*.

Acudirão alguns irlandezes em auxilio dos allemães que se achavão em S. Christovão e os dous batalhões de allemães que acabavão de regressar de Pernambuco forão para o Campo de Sant'Anna fazer causa commum com os irlandezes que alli se achavão. O Conde do Rio Pardo, incumbido pelo Ministro da Guerra, tomou o commando das forças do governo, que cercarão os revoltosos, os quaes estando desarmados nem tentarão resistir.

Observou Ferdinand Denis : « mais le tumulte a duré trois jours, soixante hommes ont péri et une centaine sont blessés. »

A mando do governo, a maior parte dos referidos irlandezes, solteiros sem duvida, forão embarcados para a Inglaterra, voltarão para sua terra, diz Ferdinand Denis uns 1400 dos 2400 que havião emigrado para o Brasil e que na opinião de J. M. Pereira da Silva estavão em numero de 3000.

Contando com a protecção directa do Presidente da Provincia da Bahia o Visconde de Camamú, seguirão para a Comarca dos Ilhéos e formarão um nucleo colonial no sitio do Rio do Engenho 101 familias irlandezas com 222 individuos.

« Quant aux allemands, escreveu Ferdinand Denis, ils furent jugés selon toute la rigueur des lois militaires; l'un d'eux, condamné á mort, mourut avec le sang-froid le plus stoique. Le régiment dont il faisait partie fut envoyé dans le Sud, et la tranquillité se rétablit á Rio. »

* * *

No seu « Pequeno Panorama ou Descripção dos Principaes Edificios da Cidade do Rio de Janeiro (vol IV) publicado no Rio de Janeiro Typ. Paula Brito, em 1864, diz Moreira de Azevedo:

« Em 2 de Abril de 1829 foi convocada extraordinariamente a assembléa geral.

« A agitação dos debates, as longas discussões, deixando esquecidos os negocios de mais interesse para o Estado, desgostaram ao Imperador, que encerrou a assembléa, pronunciando sòmente estas palavras:

« Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação.

« Está fechada a sessão.

« Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil.»

« Tendo desabado o tecto de estuque do salão do paço do senado, o encerramento da assembléa geral foi celebrado nesse anno no paço da camara dos deputados. »

* * *

Escrevendo de Bordéos a 2 de abril de 1829, disse José Bonifacio ao seu amigo Drummond:

« Pobre Portugal, e pobre D. Pedro, que não teve ao lado quem lhe abrisse os olhos sobre a infernal politica da Europa, assim como não teve sobre a bestial guerra de Buenos-Ayres! — Para que não succeda o mesmo ao successor do throno, grite,

meu bom amigo, para que lhe dêm quanto antes um aio, homem de energia, probidade e saber. Sem educação, quem nos assegura que não saia um novo D. Miguel, para infelicidade sua e do Imperio? — Mas basta de politicas, que só servem de affligir os amigos do bem e da patria — Pobre patria, representada na Europa por Brants, Telles, Cunhas, Linhares, etc, etc, etc.! »

N'este mesmo mez de abril Drumond deixou a Europa, regressando para o Brasil, onde chegou em junho e só depois chegou de volta do exilio José Bonifacio.

* * *

Em principios de 1828 o Imperador havia incumbido o Marquez de Barbacena de partir para a Europa com duas commissões particulares e como lembrou o Conselheiro J. M. Pereira da Silva: « a principal, que devia considerar-se secreta, era procurar-lhe em algumas das principaes casas reinantes do velho mundo uma consorte; a commissão ostensiva e publica referia-se a examinar os negocios politicos de Portugal e saber a seu respeito a opinião dos gabinetes e côrtes estrangeiras, afim de D. Pedro poder mais reflectidamente dirigir-se nas resoluções que tivesse de tomar em relação áquelle reino. »

Regressou o Marquez e de novo teve ordem de voltar para a Europa afim de tratar dos esponsaes de S. M. o Imperador com D. Amelia de Leuchtenberg e ao mesmo tempo acompanhar como tutor a joven Rainha D. Maria II, que devia ser confiada a seu avô materno Francisco I. Não se demorarão os aprestos da viagem da Rainha, que deixou o Rio de Janeiro a 5 de julho de 1828.

« A mesma politica doble e traidora, que tantos males nos causára, diz D. Marcos Bispo eleito de Lacedemonia, aconselhou a vinda de V. M. F. do Brasil para a Côrte de Vienna d'Austria, e esta medida, que se se verificasse consummaria a nossa desgraça e a de V. M. F., foi impedida por um illustre Portuguez (o orador allude ao Duque de Palmella; é, porém, certo que o Visconde de Itabayana e o Marquez de Rezende tiverão parte n'esta

medida), que tomou sobre si essa enorme responsabilidade, á qual só sabe dar todo o peso quem teve a honra de conhecer de perto a decisão do Senhor Rei D. Pedro IV, o Augusto Pai de V. M. F., ignorando quanto se passava em Portugal e na Europa, tinha declarado verificadas e completas as condições da abdicação da Corôa, desceu do Throno, reservando só para si os sagrados titulos de Tutor e Defensor de V. M. F., que a natureza lhe concedêra como Pai.»

« Barbacena, disse Carlos Seidler, era um homem que onde se apresentava impunha-se despoticamente, que conhecia a grande arte d'inocular á gente seu proprio eu, que por meio de seu bello exterior irresistivelmente chamava a si cada homem e justamente só a estes privilegios talvez tinha de agradecer o tel-o D. Pedro nomeado general, ministro e factotum do Imperial Estado do Brasil.

« Em tempos anteriores o affeiçoado preferido do seu amo, na qualidade de recrutador de noiva tinha recebido delle o pesado encargo de viajar nos diversos paizes da Europa, afim de remover para aqui uma Dama de sangue principesco, devendo occupar no Rio de Janeiro o logar deixado vazio pela immortal Leopoldina d'Austria.

« Em todas as Côrtes christãs do velho mundo bateu e indagou, mas apenas encontrou uma moça sem importancia, muito menos que uma Princeza, que quizesse acceitar o laço matrimonial com a Imperial Magestade Brasileira. Na Italia certamente não faltavão pessoas femininas que tendo o direito de usar o nome de alguma grandeza real e conseguintemente por causa de seus titulos parecessem destinadas a serem collocadas no nivel de um monarcha.»

Carlos Seidler mostra não ter tido conhecimento das recommendações que fizéra o Soberano ao Marquez de Barbacena de procurar uma Princeza que, por seu nascimento, formosura, virtudes e instrucção fizesse a felicidade do noivo e do Imperio; e quando não fosse possivel reunir as quatro condições, poderia permittir excepção da primeira e quarta, comtanto que a segunda e terceira fossem reconhecidas (Vide Segundo Periodo do Reinado de D. Pedro I — Narrativa Historica por J. M. Pereira

da Silva); ora, não ha duvida que o Marquez de Barbacena (Felisberto Caldeira Brant Pontes) teve a immensa fortuna de achar reunidos os referidos predicados na muito augusta Pessoa da Senhora D. Amelia Augusta Eugenia Napoleona, filha da Princeza Amelia, irmã do Rei da Baviera e de Eugenio de Beauharnais, cuja mãi, Josephina Beauharnais Napoleão, foi Imperatriz dos Francezes.

A segunda Imperatriz do Brasil nasceu em Milão a 31 de julho de 1812, era então Vice-Rei da Italia seu augusto Pai, que se retirou após a abdicação de Napoleão e tendo passado para a Baviera alli viveu com os titulos de Duque de Leuchtenberg e Principe de Eichstadt.

« Feliz nas negociações entaboladas, diz Pereira da Silva referindo-se ao Marquez de Barbacena (Segundo periodo do Reinado de D. Pedro I no Brasil) procedêra, no dia 6 de agosto, ao tratado nupcial e na capella do palacio de Leuchtenberg á ceremonia dos esponsaes respectivos de D. Pedro e da Princeza D. Amelia.

« Elogiavam-se geralmente com muito primor tanto os dotes moraes como as qualidades physicas da Princeza. Logo que teve logar o casamento por procuração (o que na opinião de outro escriptor se realizou a 2 de agosto em Munich) seguio D. Amelia para Ostende e dahi para Plymouth, em virtude das ordens terminantes de D. Pedro. Encontrou no porto duas fragatas brasileiras, em uma dellas embarcou-se no dia 30 de agosto com a Rainha de Portugal e o joven Principe de Leuchtenberg, seu irmão; e na outra toda a sua comitiva e o Marquez de Barbacena, dirigindo se para o Rio de Janeiro, onde D. Pedro esperava sua futura consorte com toda a anciedade e estremecimento »

« Segundo as antigas Côrtes de Lamego, a Sra. D. Maria II não podia mais ser Rainha de Portugal — « innocente criança aos dez annos, despojada do throno dos seus antepassados por um tio, pelo irmão do pai della, pelo promettido companheiro do thalamo conjugal. »

Vejamos, porém, novamente o que observou Carlos Seidler:

« Barbacena, d'este modo, tinha prestado inestimavel serviço ao seu caprichoso Soberano; triumphante trouxe para as

mattas virgens do Brasil a sublime caça alcançada. O Imperio todo aguardava cheio de esperança a chegada da substituta da Leopoldina, roupa de gala foi preparada, aos alfaiates do Rio queimava a agulha na mão.

«Finalmente chegou Ella, a divina mulher, por tanto tempo esperada; o troar dos canhões de todas as fortalezas da bahia annunciava a chegada da Soberana do Brasil; vinha em seu pleno esplendor, com todas as superioridades que a posição, juventude, innocencia e belleza têm o poder de outorgar ao sexo feminino.

« Todo o Rio enchêra-se de jubilo, levantarão-se arcos de triumpho, que custarão milhares e milhares de piastras hespanholas e tambem quem podia ter receio de despender dinheiro para tão gostoso successo.

« De todos os estrangeiros estabelecidos no Rio de Janeiro se destacarão os Francezes com um monumento de muito gosto que mandarão levantar para solemnisação do feliz acontecimento, sem mesquinhez nem pequena segunda intenção. Na verdade não causarão admiração alguma estando elles precisamente muito empenhados em tornar a recepção de D. Amelia a mais brilhante possivel, pois consideravão a gentil filha do seu Eugenio como cara compatriota, embora não procedesse da França alegre e sim da seria Baviera. A soberana apresentou-se pela primeira vez aos seus jubilosos subditos vestida com as cores da innocencia e do amor, era de uma pompa triumphal com a qual ganhou todos os corações, disse Carlos Seidler.

« Chegada no dia 16 de outubro de 1829, no dia immediato dessembarcou debaixo de copiosa chuva e casou-se em pessoa a Sra. Princeza D. Amelia com S. M. o Imperador do Brasil D. Pedro I. Arcos, illuminações e outros festejos não faltarão.

«O Povo brasileiro amava o Sr. D. Pedro, ponderou A. D. de Pascual, accrescentando: A Imperatriz foi festejada, acolhida com delirante enthusiasmo, celebrada com sincera admiração; a Imperatriz era bella, era amavel, era interessante, sabia que o Imperador era cavalheiro e Elle mostrou-se para com Ella como quem era. Consagrou o seu amor e fidelidade instituindo a ordem da Rosa para celebrar a época do seu casamento com a Sra. D. Amelia.»

Ouçamos Pereira da Silva: « Quiz D. Pedro, por sua parte, demonstrar o seu jubilo. Publicou a creação de uma nova ordem honorifica do Brazil com o titulo da Rosa, que symbolisava o acto venturoso do seu segundo consorcio. Concedeu a numerosissimas pessoas os graus e insignias da ordem, elevou varios Condes e Viscondes ás honras de Marquezes, e espalhou titulos abundantes pelos individuos, que lhe tinham attrahido os affectos.»

Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond annotando a sua biographia (*Annaes* da Biblioteca Nacional, Vol. XIII) escreveu:

« José Bonifacio não compareceu no paço senão depois de passados os festejos. O Imperador o apresentou á Imperatriz como sendo o seu melhor amigo.

« José Bonifacio dirigiu a Imperatriz um discurso em lingua franceza, dizendo que o fazia nesta lingua para que o Imperador pudesse comprehender as suas palavras. Expoz o estado do paiz com cores vivas e concluiu pedindo á Imperatriz que fosse Ella o anjo que conciliasse o Imperador com a nação e a nação com o Imperador. Nesta parte do discurso foi por mais de uma vez interrompido pelo Imperador, mas José Bonifacio não mudou de linguagem, continuou sempre no mesmo estylo. De uma das vezes, voltando-se para o Imperador disse: « Deixe-me dizer a verdade, porque é isso do interesse de V. M., de seus Flhos e de nós todos. » A Imperatriz mostrou-se commovida e com as lagrimas nos olhos pediu a José Bonifacio que não desamparasse o seu marido nem a Ella.

« José Bonifacio frequentava pouco o paço, mas o Principe Augusto, irmão da Imperatriz, moço de intelligencia superior e que era acompanhado de seu mestre o conde Nejand, muitas vezes o procurava e com elle conversava largamente. O conde Nejand era um homem de Estado. O Dr. Casanova, que acompanhava o Principe, tambem frequentava José Bonifacio e com muita franqueza expunha as suas observações acerca do paiz, de seus homens de Estado e principalmente do Imperador. Casanova era um observador atilado. Não sei se como medico que era tinha o mesmo merecimento. Um dia no abandono da con-

fidencia assim se exprimiu: « O Imperador é louco ; se me vierem dizer que Elle anda a atirar pedradas pelas ruas, não me causará isso sorpreza. »

« José Bonifacio quiz modificar esta expressão do doutor, dando por cunho do caracter do Imperador a volubilidade, e aos maus conselhos e á má companhia o resultado de suas acções ; mas o doutor replicava que seria assim, mas que o estado actual de Sua Magestade resentia-se de uma alienação mental muito pronunciada. »

Continuemos a lançar mão das annotações de Drummond:

« O Marquez de Barbacena desde a sua chegada procurava seduzir a José Bonifacio para que este se encarregasse de formar um novo ministerio, no qual entrasse Calmon e elle Marquez. Barbacena guerreava o ministerio, mas estava de perfeito accordo com Calmon, que fazia parte do mesmo ministerio o queria que passasse para o novo. Não sei com que sacrificio se fazia essa mudança ; o que sei é que o que refiro é um facto que não póde ser contestado.

« José Bonifacio, approvando muito a organisação do novo ministerio, porque o actual já não podia fazer senão mal, declarava ao mesmo tempo que jámais seria elle ministro. Foi em uma dessas occasiões, que José Bonifacio protestava que nunca mais seria ministro, que Barbacena lhe disse que sem elle não se poderia decidir o Imperador a mudar de ministerio. V. Ex., continuou Barbacena, não conhece a influençia que tem no animo do Imperador. Os seus inimigos podem abalar a essa influençia na ausencia de V. Ex., mas logo que V. Ex. se apresentar ao Imperador este não resiste mais, entrega-se nas suas mãos. Finalmente seria de desejar para o bem publico uma de duas, ou que eu tivesse os seus talentos ou V. Ex. as minhas manhas. — Cousa impossivel, respondeu José Bonifacio, porque V. Ex. não teria as suas manhas se tivesse os meus talentos.

« No emtanto (é sempre Drummond quem falla) a opposição que eu fazia pela imprensa e ao governo e ao valido Chalaça redobrava de força e era geralmente applaudida. José Bonifacio resolveu-se então a mostrar ao Imperador que era conveniente, para evitar uma crise assustadora, que elle mudasse o seu mi-

nisterio. Não hesitou em indicar Barbacena, Calmon e Caravellas como proprios para fazer parte do novo ministerio. A esta demonstração cedeu logo, pondo porém por condição que José Bonifacio fizesse parte do novo ministerio. Condição impossivel de realizar-se. De outro lado a Imperatriz não cessava de manifestar os seus receios pela conservação do socego publico, se o actual ministerio não fosse substituido por outro da confiança nacional. A Imperatriz manifestava tudo isto com tanta delicadeza e com tanta ternura, que o Imperador não pôde mais resistir, e a mudança do ministerio se operou nos primeiros dias do mez de dezembro.

« Esta mudança não estava ainda completa quando por este mesmo tempo o Imperador em uma quéda da carruagem na rua do Lavradio quebrou duas costellas. O Principe Augusto, seu cunhado, quebrou um braço, a Rainha de Portugal e uma dama da Imperatriz ficarão maltratadas no rosto. O Imperador conduzia os cavallos do alto da almofada e de todas as pessoas que ião na carruagem só a Imperatriz ficou sã e salva. O Imperador foi recolhido para casa do Marquez de Cantagallo, á porta do qual tinha acontecido o sinistro. A cura não foi longa, ou antes não foi tão longa como o funesto acontecimento fazia entrever. O procedimento da Imperatriz durante a molestia do Imperador foi exemplar. A Imperatriz foi a enfermeira mais assidua e mais intelligente que teve o doente. Durante a molestia nunca lhe deixou a cabeceira. O affago e a ternura desta angelica Princeza adoçavão a situação do Imperador em tão dolorosa conjunctura.

« O novo ministerio ousou então propôr a S. M. como medida de conveniencia que o Chalaça e João da Rocha Pinto deixassem o Brazil e fossem para a Europa. Erão os instrumentos da intriga de José Clemente Pereira e este era o chefe do partido portuguez. O partido portuguez, já que não podia ligar de novo o Brazil a Portugal, queria que o Brazil fosse governado absolutamente por portuguezes.

« A esta proposta do ministerio o Imperador não hesitou em a rejeitar com indignação, mas as cousas estavão preparadas para que elle a ouvisse e annuisse mais cedo ou mais tarde. O Imperador argumentou que a Constituição não lhe dava poder

para expatriar a nenhum de seus subditos.— Ambos são seus criados, replicou Barbacena, e como taes V. M. póde mandar com um recado para onde bem quizer.— E se elles não quizerem ir? replicou o Imperador.— Neste caso ponha-os fóra do paço, retire a ambos a sua protecção e nós nos haveremos com elles, accrescentou Barbacena.— A duvida da parte do Imperador em se desfazer de seus dous validos subsistio por alguns dias, mas emfim S. M. cedeu por meio de uma capitulação. Conveio-se em que Chalaça e João da Rocha fossem nomeados encarregados de negocios, o primeiro para Napoles e o segundo para a Suecia. Partirão, com effeito, com uma pensão annual do bolsinho do Imperador por todo o tempo que ficassem ausentes da Côrte, sendo de 25.000 francos a do Chalaça e a de 20.000 a de João da Rocha Pinto.

A partir de dezembro de 1829 só se fallava francez no Paço e principalmente estando-se perto da Imperatriz. S. M. o Imperador dava o exemplo. A novidade era penosa para os cortezãos, mas a indulgente affabilidade da Imperatriz D. Amelia e seus rapidos progressos na lingua portugueza offerecerão logo um poderoso paliativo a aquelle momentaneo embaraço segundo conta J. B. Debret:

« O Rio de Janeiro era então uma feia larva de cidade no esplendido envolucro de suas mattas. (Um Estadista do Imperio Nabuco de Araujo, etc., por seu filho Joaquim Nabuco — 1898.)

« A differença entre a vida da capital e a da provincia era relativamente maior do que hoje. O Rio era a residencia do Imperador e nesse tempo, em que havia ainda uma selecção, a côrte era o centro de toda a vida social. E' natural que as grandes festas em que tomava parte o Imperador assumissem aos olhos de um espectador enthusiastico de deseseis annos (o biographado) proporções de uma deslumbrante maravilha. As idéas liberaes adiantadas que tinham penetrado no seu espirito encontravam o antagonismo dessa impressão irresistivel da realeza; diante della elle se sentira invadir e dominar pelo susurro da adoração popular, arrebatar pela onda da multidão. A impressão que leva comsigo fará com que durante toda a mais bella parte da vida, dos dezeseis annos até os trinta, em que póde

voltar ao Rio, elle se sinta sempre na estreiteza da vida de provincia, um exilado da côrte. Era um sentimento esse de orgulho e superioridade para elle no meio de companheiros que nunca tinham visto o Rio de Janeiro e que o sonhavam como um verdadeiro Paraizo.

« Em dezembro de 1829, acabada a legislatura, o deputado do Pará tornava á sua provincia levando toda a familia » (o deputado José Thomaz Nabuco de Araujo pai, sua esposa e filhos entre os quaes o biographado de nomes identicos).

« Em 1829, pondera Joaquim Nabuco acerca dos Andradas, elles estavam todos os tres no Brazil. O prestigio da grande trindade da Independencia e da Constituição tinha conquistado inteiramente os jovens de imaginação exaltada como Nabuco; mais tarde o effeito dessa admiração far-se-ha sentir sobre elle nas luctas da Regencia. « O nome dos Andradas era um nome fascinador para toda a mocidade do meu tempo » diz o mais eloquente de seus interpretes, Manoel de Araujo Porto-Alegre.»

* * *

São de um pequeno trabalho nosso publicado na *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brazileiro sob a epigraphe « Jubileu de Petropolis » as linhas seguintes :

« Em março de 1825 o Imperador Pedro I, de viagem para Minas-Geraes, passou no Corrego Secco, onde providenciou afim de serem feitos trabalhos de melhoramentos na estrada, desde o porto da Estrellá até a dita fazenda do Corrego Secco.

« Sua Magestade tinha pernoitado na Cordoaria, onde gostava de caçar de quando em vez assim como na Mandioca. Estas fazendas talvez por indicação do Imperador, foram adquiridas em 1826 pelo Governo, que obteve aquella por meio de expropriação, depositando no Thesouro a quantia arbitrada de 18:000$, que o proprietario, coronel João Antonio da Silveira Albernaz, nunca quiz receber e só foi levantada pelos seus herdeiros 16 annos depois.

« Nos communicou o Sr. Dr. A. da Cunha Barbosa saber de fonte segura, que o Sr. D. Pedro I, tendo pessoa de sua fa-

milia doente, aconselhado pelo fisico-mór do Imperio para tomar ares em serra acima e informado que havia uma fazenda chamada Corrêa, pertencente ao padre Antonio Thomaz de Aquino Corrêa, mandou-lhe pedir permissão para passar n'ella algum tempo; obtida ella, partio com sua familia para esse logar. Depois de ter passado alguns mezes alli, regressou para a Côrte. No anno seguinte, acommettida a Princeza D. Paula de certa enfermidade febril, novamente pediu permissão para voltar á referida fazenda, que então pertencia á Sra. D. Archangela Joaquina da Silva, casada com o capitão José da Cunha Barbosa, irmão do fallecido padre Corrêa. Encantado pelos bons ares e por n'ella gozarem boa saude as pessoas de sua familia, o Sr. D. Pedro I propoz á Sra. Archangela a compra d'essa fazenda.

« Respondeu essa veneranda senhora que, nutrindo bons desejos de annuir á sua vontade, comtudo, se bem que a fazenda não estivesse vinculada, havia um compromisso de familia de não a passar a mãos estranhas. Pedio então o Imperador que lhe indicasse alguma outra na localidade, e soube que talvez o dono do Corrego Secco pudesse satisfazer os seus intentos. »

Recorramos de novo á *Gazeta de Petropolis*:

« Na sua ida para a residencia do padre Corrêa, a 4 de dezembro de 1829, ao chegar ao alto da serra da Estrella, mui cançado, após penosa subida por pessimo caminho e tendo com a maior satisfação apreciado o magnifico panorama que d'ahi se descortina, manifestou D. Pedro desejo de construir um palacio n'esse logar, e para isso comprou um terreno a Antonio Corrêa Maia, por 2:400$000. »

« No dizer de outro informante, o Sr. D. Pedro I tornou a ver o Corrego Secco em 29 de dezembro de 1829, quando levava para a fazenda dos Corrêas, uns 13 kilometros mais para o interior, a Familia Imperial, por ter sido ordenada uma mudança de ares á Princeza D. Paula.

« Qualquer equivoco nas datas não altera o facto da Familia Imperial ter sido visitada pelo Imperador na fazenda do padre Corrêa, onde fôra procurar allivio em 1829 aos padecimentos da Senhora D. Paula.

« O Rev. Sr. R. Walsh conta que por occasião de sua passagem pela dita fazenda ahi esperava-se o Imperador, que vinha ver sua filha, que estava soffrendo de uma inflammação chronica do figado.

« Havendo a Imperatriz D. Amelia ficado encantada pelo Corrego Secco, de regresso ao Rio de Janeiro o Imperador comprou essa propriedade, pagando 50.000 cruzados, ou 20:000$ ao sargento-mór José Vieira Affonso e á sua mulher D. Rita Maria de Jesus, como consta da respectiva escriptura, lavrada em 6 de fevereiro de 1830, no cartorio de Manoel Marques Perdigão.»

***

A Familia Imperial foi por diversas vezes passar algum tempo na fazenda dos Corrêas, de conformidade com as prescripções dos medicos, que esforçando-se para minorar os soffrimentos de S. A. a Sra. Princeza D. Paula Marianna lhe ordenavão mudança de ares. Conjunctamente seguião para esta benefica região do territorio fluminense as Sras. D. Marianna e sua filha D. Maria Antonia, que assim tambem forão para a fazenda de Santa Cruz, de onde se seguia para Sepetiba e outros lugares proximos, o que se deu antes e depois das viagens para os Corrêas.

***

Embora D. Marianna não morasse na sua chacara, estando occupada no Paço, o Sr. D. Pedro I alli se apresentava algumas vezes com seu cunhado e futuro genro o Principe Augusto de Eichstadt Duque de Leuchtenberg, que S. M. agraciára com o titulo de Duque de Santa Cruz, por Carta Imperial de 5 de novembro de 1829.

***

Em 1830 continuava o Principe Imperial sob os cuidados da Sra. D. Marianna, a qual para uso de seu illustre educando escreveu uma obrinha de religião, (hoje desconhecida) de que vamos dar noticia.

« Introducção do Pequeno Cathecismo Historico offerecido a Sua Alteza Imperial D. Pedro de Alcantara por D[a]. M. C. de V.— Rio de Janeiro — Typ. Imp. de Emile Seignot Plancher — rua d'Ouvidor n. 95, 1° andar — 1830.

« Senhor

« Offereço a Vossa Alteza Imperial este pequeno Cathecismo Historico, na esperança que possa ser de alguma utilidade a Vossa Alteza Imperial, pois que em sessenta e huma lições ensina em resumo todos os Dogmas da Santa Religião Christã, e os fundamentos de nossa fé, principiando na creação do mundo até a Igeja actual. Vossa Alteza Imperial fará depois (quando a idade lh'o permittir) hum estudo mais extenso sobre a Religião ; estudo tão necessario, bem que desgraçadamente hoje tão abandonado, e por isso ha tantos incredulos, que achão mais commodo duvidar, que estudar para adquirir o conhecimento da verdade, e os costumes tanto soffrem desta indesculpavel negligencia.

« A Religião Christã, mesmo temporalmente fallando, fará sempre a felicidade da sociedade. Se della se tem feito abusos, nada alterão a sua perfeição e pureza, elles só vem da perversidade dos homens, que de tudo abusão, e invocando o nome da Religião cometterem crimes que ella tão expressamente prohibe.

« Hum Soberano verdadeiramente christão ha de infallivelmenente fazer a felicidade dos povos que forem sujeitos, sendo os bens do Throno as virtudes principaes da Religião, a Justiça e a Caridade, Vossa Alteza Imperial que em tão tenros annos principia a desenvolver tanto os principios de virtude e firmeza de caracter, espero que com o andar do tempo fará gloria ao Brazil, a quem Vossa Alteza Imperial se dará por bem pago dos sacrificios que fizer merecer a sua admiração ; estes são os ardentes votos e bem esperançado, desta De Vossa Alteza Imperal Fiel Criada.

D[a]. M. C. de V.»

PARTE III

Ouçamos Monsenhor Joaquim Pinto de Campos:

« O Brasil, que durante treze annos, tivêra em seu seio a Côrte portugueza, entendia que já estava maduro para uma vida de independencia; e á alta intelligencia, inexcedivel dedicação e posição prestigiosa do Sr. D. Pedro I, de accordo com a disposição dos animos, foi devida a obra da nossa elevação á cathegoria de nação independente e soberana.

« Haviam cahido em pedaços todas as possessões americanas da grande nação hespanhola; cada zona, cada palmo d'esse territorio, se foi progressivamente destacando, como corpo moribundo, invadido pela gangrena, e que vai successivamente pagando o seu tributo á dissolução e a morte. Todos esses destroços da nobre Hespanha se foram attenuando e nullificando; a fórma republicana implantou n'elle o germen da anarchia; e a caudilhagem, e a desordem e o retrocesso campearam impunes nas plagas outr'ora regidas pelo leão da Iberia.

« Por um contrasto esplendido, o Brasil estabelecendo um cordão sanitario, unico da America contra as idéas e instituições demagogicas, lançou á terra, desde o dia da sua separação, a semente desta grandeza e prosperidade, que tornará nossos vindouros felizes e poderosos.

« Tal resultado se deveu a varias causas, entre as quaes dominavam: — a indole suave, amiga e monarchica dos nossos conterraneos — a antiga brandura de nossos habitos — o instincto

civilisador do nosso povo — o termos sido capitaneados pelo Sr. D. Pedro I nos dias criticos — o ter este liberalisado o pacto fundamental mais famoso, mais digno, mais sabio de quantos ha sobre a terra.

« Eis ahi por que se observa um phenomeno, para nós consolador: ambas as Americas (escrevia Monsenhor em 1862) se tem constantemente visto a braços com ambições infrenes, aspirações desorganisadoras, revoltas ensanguentadas; o Brasil, á sombra de sua constituição, vive, floresce e prospera, e quasi não ha uma voz em todo o Imperio que a não tome por arca santa, em que por tacito consenso ninguem ousa pôr mão sacrilega. »

Os disturbios a reprimir não havião faltado, como era natural em uma nação tão recentemente constituida e continuarão depois de reconhecida a sua independencia por Portugal em 1825, complicados com a guerra no exterior e mais circumstancias de ordens especiaes.

Lê-se ainda no interessante trabalho de Joaquim Pinto de Campos:

« E o Sr. D. Pedro estava envolto ainda nas fachas infantis quando novos successos estrondosos vinham influir radicalmente na sua sorte, creando-lhe inesperados destinos. Acabava o real menino de completar um lustro apenas, quando prematuramente lhe pousaram corôa de ferro sobre a cabeça de infante.

« Demos que no Brazil, em 1831, muitos agitadores (ponhamos todos) eram embalados por extremos impulsos do amor da patria, embora desvairado. Assàs largo quinhão alli fica para santificação de intenções: baixemos aos successos.

« Com os acontecimentos, então recentes, duas ordens de questões surgiram:— a fundação de uma nacionalidade — sua constituição organica. Que nem sempre estes dous problemas são isochromos, o está hoje presenciando o mundo, em guerra de gigantes.

« Na America Septentrional é o brado: *Viva a liberdade, com a separação dos outr'ora unidos*. Na Italia é o brado: *Viva a liberdade, com a união dos outr'ora separados*. Póde pois haver em uma de taes questões um terreno neutro para todas as opiniões e summa divergencia na outra.

« Isto succedeu no Brazil.

« Taes alvitres acharam maior ou menor numero de partidarios : o absolutismo, a monarchia representativa — a republica. Do primeiro e ultimo eram raros os adeptos.

« Da segunda bandeira era alferes o grande homem a quem devemos imperecedouros serviços ; essa é a cohorte em torno da qual se foi arregimentando, unida, compacta e unanime, a sociedade brazileira. Tal era no dia da justiça a popularidade e gratidão dos povos, que essa divida (hoje finalmente paga) quizeram satisfazel-a com uma apotheose em vida, com a erecção de uma estatua de bronze, que ao principe, assim exaltado, fosse dado contemplar com seus olhos.

« Porém n'esses dias criticos a luta ardente das idéas transformava-se inevitavelmente em factos. O fundador da monarchia entendeu que para consolidação da sua obra lhe cumpria modificar o pessoal dos que chamára para artifices do monumento. Demittiu o primeiro ministerio, dissolveu a Constituinte e com o assenso dos povos outorgou a mais liberal constituição.

« Ha quem se aterre (por convicção ou calculo pondera Joaquim Pinto de Campos) com as dissoluções da Camara dos Deputados. Dar-se-ha caso que se não queira um remedio ainda para os dias em que uma camara se pretenda arvorar em convenção nacional? Nas situações anormaes e quando duas opiniões politicas se balançam approximadamente em numero, não póde o Imperante applicar melhor remedio á situação do que consultando o paiz real, unico que soffre com semelhantes phantasmagorias do paiz parlamentar.

« Mas a lei fundamental tinha para muitos, duas maculas : estabelecia a continuação de uma religião do Estado e a fórma de uma monarchia, com a respectiva designação dynastica.

« Para os demagogos cumpria *delir essa Carthago* ; e como o heróe era o principal penhor da ordem declarar-lhe uma guerra pessoal violenta, atroz, incessante, sem treguas. Uns por estes motivos, outros arrastados, lá foram engrossando fileiras, até que este triste estado chegou á mais precaria das situações.

« Não o desconhecia o Imperador. O partido democratico, adoptando como symbolo, a palavra *Federação*, não occultava já

as suas idéas. Por isto é que o Sr. D. Pedro I, em sua posição depressiva, exclamava aos povos na proclamação que de Ouro Preto lhes dirigia : « *Ajudai-me a sustentar a Constituição, tal qual existe, e nós jurámos.* »

« Era tarde, como hoje se escreve em phrase revolucionaria ; os diques estavam transpostos ; a inundação irrompeu. Annibal batia ás portas de Roma... (Vide o Relatorio do Ministro da Justiça de então apresentado á Assembléa geral ! !)

« Si foi Annibal, desprezou aproveitar as lições de temporisação (que tão uteis lhe seriam) dos antagonistas Fabios Maximos. Si foi Annibal, foi tambem o Scipião Africano de si mesmo. »

* * *

Recorramos á *Revista* Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro Tomo LX p. I.

« Damos hoje na *Revista* a descripção completa e respectivo itinerario da viagem do Imperador D. Pedro I e da Imperatriz Amelia, transcripta do *Diario Fluminense* de 30 de dezembro de 1830, a 12 de março de 1831, pag. 228.

« E' um documento precioso para ajuizar com justeza a situação real das cousas nos derradeiros dias do 1º reinado.

« Referindo-se a este acontecimento, diz o grave historiador João Armitage em sua Historia do Brazil, pag. 288:

« Na provincia de Minas-Geraes, uma das mais importantes e populosas do Imperio, o descontentamento tinha-se augmentado ainda mais do que no Rio de Janeiro,

« O imperador determinou-se a visitar aquella provincia, afim de reprimir com a sua presença o desenvolvimento do grito de federação, e de obter a reeleição do deputado Maia, que elle havia nomeado ministro do Imperio.

. . . .

« O Imperador esperava, que o enthusiasmo, que a sua presença n'esta provincia havia de causar, e a cooperação dos seus habitantes, lhe dariam meios para ainda subjugar o partido liberal ; mas, a este respeito, laborava em erro.

« Nas cidades e villas, onde todos os joelhos se haviam curvado, quando passára em 1822, e onde seu nome, poucos annos antes, só era pronunciado com reverencia, celebravam-se exequias funebres em honra do assassinado Badaró, mesmo debaixo das vistas da imperial comitiva. Em diversas occasiões as autoridades municipaes lhe dirigiram discursos congratulatorios; mas eram demasiadamente pomposos e elaborados na sua phraseologia, para serem tidos por sinceros : e ainda mesmo que o Imperador por um momento os julgasse como taes, o resultado das eleições o deveria logo desenganar — visto que foram baldados todos os esforços feitos para a reeleição de Maia.»

« Reprovando a politica imperial, a provincia de Minas deixou de reeleger o Ministro do Imperio, o eminente jurisconsulto José Antonio da Silva Maia ; mas sempre austera em seus costumes politicos, salvou a deferencia devida ao Chefe do Estado e sua familia, a quem recebeu como hospede e como hospede tratou.

« A narrativa do escriptor cortezão do tempo tem inestimavel valor pela cor local e pela fizionomia dos tempos, que de tão distanciados de nós parecem pertencer a uma outra época. São particularmente interessantes as noticias, que nesse itinerario encontramos sobre as pessoas do tempo e sobre as localidades, cidades e villas visitadas pelo Imperador.

« O estylo do chronista official do tempo é o mesmo de todo documento d'esta especie, apreciando-se ahi a impagavel candura do reporter imperial.

« Como modelo no genero póde citar-se o seguinte trecho da narrativa:

« Suas Magestades Imperiaes passaram bem o dia de hontem, e estão de saude: parece, que a divina Providencia se acha particularmente occupada de vigiar sobre Suas Augustas Pessoas. »

« O escriptor aliás resgata esta innocente ingenuidade com as descripções tão pittorescas, que nos dá das scenas do tempo.

Rio, 24 de março de 1897. — Barão Homem de Mello.»

« DIARIO FLUMINENSE » DE 30 DE DEZEMBRO DE 1830

« Hontem, 29 do corrente, Suas Magestades Imperiaes embarcaram no caes de S. Christovão, pelas 8 horas da manhã, para o porto da Estrella, sendo acompanhados desde o paço da Bôa-Vista até o lugar do embarqne por muitas pessoas, que se havião ajuntado pára lhes beijarem as mãos n'esta despedida. Os Exmos. ministros e algumas pessoas mais os seguiram ainda no mar no escaler do ministro da marinha até que Sua Magestade o Imperador houve por bem de os dispensar, mandando que se retirassem.

« Lista das pessoas que embarcaram para a viagem a Minas-Geraes:

« Sua Magestade o Imperador, Sua Magestade a Imperatriz, Baroneza de Stuomfeder, camarista Luiz Pinto Guedes, veador Lazaro José Gonçalves, particular de Sua Magestade a Imperatriz, Francisco Dietz, Maria Stab, Tremisson, Nani, José Maria Lobo, reposteiro; Dr. Tavares, capellão conego Camello, e mais cinco criados particulares, uxaria e mantearia.

« Tambem acompanhou a Suas Magestades Imperiaes o Exm. Sr. ministro do Imperio. »

« DIARIO FLUMINENSE » DE 31 DE DEZEMBRO DE 1830

« Suas Magestades Imperiaes e toda sua comitiva chegaram bem à fabrica da polvora pelas 3 horas e 20 minutos da tarde do dia 29, em que embarcaram para a viagem de Minas. »

Longe seria a transcripção integral da descripção que vamos resumir.

Seguirão pelas 6 horas da manhã do dia 30 para a fazenda do Corrêa, onde chegarão ás 11 horas e 20 minutos; o máo estado dos caminhos tendo tornado a jornada trabalhosa, conti-

nuarão a viagem partindo no dia 1 de Janeiro às 7 da manhã e no dia 4 transpondo o Rio Parahyba penetravão nas terras mineiras, onde forão espontaneamente acclamados pela grande maioria de cidadãos de todas as classes, mórmente nas villas de Barbacena, S. José, S. João d'El-Rei, Santa Maria de Baependy, Sabará, Caetté, Pitangui, Queluz, nas cidades de Marianna e Ouro Preto, não se fallando dos arraiaes e mais lugares.

Recolhendo-se os Imperiaes viajantes no seu Paço da Boa Vista pelas 3 horas da madrugada do dia 11 de março, os malevolos qualificarão mysteriosa a digressão dos monarchas, que os mineiros entretanto consideravão ser um beneficio publico.

Avisado dos esforços feitos na capital para o desprestigiar, o Imperador dirigio uma proclamação aos mineiros regressando dias depois para o Rio de Janeiro ; mas, contrariamente ao que alguem disse, sem grande precipitação, pois gastou 17 dias para vir de Ouro Preto.

* * *

A proposito de *Federação* distincto cavalheiro nos lembrou o seguinte :

A Federação foi inventada nos tempos biblicos e desde tão remota época foi desprezada por imprestavel. Foi esse systema que reduzio a Judéa, terra da promissão, assim considerada pela fertilidade de seu sólo e abundancia de riquezas naturaes, á mais desgraçada das posições a que póde chegar um povo forte e conquistador.

As tribus ou estados federativos de Israel, depois de lutas intestinas, forão pouco a pouco absorvidas pelos povos vizinhos e depois de grandes periodos de escravidão, interrompidos por victorias ephemeras, que logo desaparecião pela intriga e interesses internos, cahirão em poder dos Juizes, que erão os poderosos d'aquelles tempos, verdadeiros dictadores que traficavão com os inimigos estrangeiros, aviltando a soberania nacional e pedindo a intervenção para reprimir e castigar os proprios Judeus, que por fim pagavão com a fazenda e a vida qualquer velleidade de independencia.

Os tyrannos que tanto aviltarão a Judéa sob o pretexto de reconquistar para o povo a posição proeminente creada por Moysés e seu successor, encontrarão por fim o seu castigo na desesperança do povo, que resolveu a unidade politica creando a realeza.

Graças a este regimen, a Judéa attingio em breve tempo ao apogeo da sua grandeza, estendendo a sua influencia sobre o mundo civilisado de então com a gloria de possuir um Salomão.

* * *

Daremos agora a versão de Silverio Candido Faria de facção contraria a S. M. o Sr. D. Pedro I:

« Sobre as desgraças, que pesavão no Brasil, via-se a maior desconfiança de recolonisação e despotismo. Os espiritos vivião inquietos ; cada um vacillava não só do estado dos negocios da Patria, como de sua propria segurança individual. A existencia do gabinete secreto, a conservação do Marquez de Paranaguá, do Conde do Rio Pardo e de José Antonio da Silva Maia no ministerio, altamente reprovada pela Opinião Publica, fazia recordar os dias clementinos de 1829, em que o despotismo altivo tanto ameaçou os Brasileiros com os preparos de sua propagação.

« A energia que os Brasileiros tinhão cobrado com os successos felizes da França, parecia esfriar ; os periodicos chamados do governo propagavão as mais descaradas doutrinas de absolutismo ; e tudo ameaçava um golpe de Estado sobre as instituições e pessoas livres ! n'este estado de cousas resolveu o Imperador ir á Provincia de Minas-Geraes. Os escriptores liberaes, sempre solicitos no bem da Patria, na prosperidade do Imperio, e seguindo a Opinião Publica, esfalfarão-se em demonstrar a impolitica, a extemporaneidade, e os males que poderião provir d'essa jornada ; varios forão os juizos que se fizerão a seu respeito ; a muitas e differentes causas ella foi attribuida ; assaz rogou-se por meio dos periodicos ao Imperador que se deixasse d'ella; apresentou-se-lhe até o juiz publico: uns dizião que o Imperador ia a Minas obstar a emissão de idéas de Federação ; outros que ia para ajustar contas com a sociedade do

Congo Soco, de que era membro ; outros, finalmente, que ia para as Minas proclamar o absolutismo, o que seria então imitado n'esta Côrte e em algumas outras provincias, para onde o Gabinete secreto tinha mandado emissarios.

« Nenhuma d'estas considerações valeu; todas forão desprezadas, sem duvida por serem apresentadas por Escriptores livres, e por Brasileiros verdadeiramente amigos do Throno Constitucional ; e como por uma especie de acinte, o Imperador partio para Minas com sua Esposa e na sua comitiva acompanha o Ministro Maia, accusado e indigitado como inimigo do Brasil. Sua digressão pelas estradas assaz foi descripta ; o susto precedia sempre em todos os logares, por onde passava, receios de uma nova ordem de cousas amedrontava todos os Mineiros, os Fazendeiros mesmos se virão sem arreiadores, e sem tropeiros, que conduzissem ás cidades os generos de suas lavouras, porque todos se escondião ; a Côrte e a Bahia sentirão a falta de viveres d'aquella provincia ; tudo era susto, tudo erão receios.

« Chegou o Imperador á cidade do Ouro Preto e quando devia tranquillisar os animos, bastante convulsivos com a sua visita, eis que publica a monstruosa, revolucionaria Proclamação seguinte:

PROCLAMAÇÃO

MINEIROS

« He esta a segunda vez que tenho o prazer de me achar entre vós: He esta a segunda vez que o amor que eu consagro ao Brasil aqui me conduz.

« Mineiros, não me dirigirei sómente a vós; o interesse é geral ; eu fallo pois com todos os Brasileiros. Existe um partido desorganisador, que aproveitando-se das circumstancias puramente peculiares da França, pretende illudir-vos com invectivas contra a minha inviolavel e sagrada Pessoa, e contra o Governo, afim de representar no Brasil scenas de horror, cobrindo-o de luto ; com o intento de empolgarem empregos e saciarem sua vingança, e paixões particulares, a despeito do bem da Patria,

(a que não attendem) aquelles que tem traçado o plano revolucionario.

« Escrevem sem rebuço, e concitão os Povos á federação; e cuidão salvar-se d'este crime com o art. 174 da Lei Fundamental, que nos rege. Este artigo não permitte alteração alguma ao essencial da mesma Lei.

« Haverá um attentado maior contra a Constituição, que jurámos defender e sustentar, do que pretender alteral-a na sua essencia? Não será isto um ataque manifesto ao Sagrado Juramento, que perante Deus todos nós mui voluntariamente prestámos? Oh! Charos Brasileiros, eu não vos fallo agora como vosso Imperador e sim como vosso cordial amigo. *Não vos deixeis illudir por doutrinas, que tanto teem de seductoras, quanto de perniciosas, ellas só podem concorrer para a vossa perdição e do Brasil, e nunca para a vossa felicidade e da Patria. Ajudai-me a sustentar a Constituição, tal qual existe, e nós jurámos. Conto comvosco, contai commigo.* Imperial Cidade do Ouro Preto, 22 de Fevereiro de 1831.

« Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil.»

*
* *

Não reproduzimos as muitas e longas poesias offerecidas ao Imperador em varias localidades mineiras, vamos porém trazer aqui dois Sonetos dedicados a Sua Magestade pela sua chegada na cidade do Rio de Janeiro:

Soneto

« Eis entre nós o Anjo Tutelar,
O Grande, o Immortal Pedro Primeiro,
A Gloria do Povo Brasileiro,
Q'a Nação, q'o Brasil vem resalvar.

Sim, Augusto Monarcha Singular,
Mais esta vez, ó Principe verdadeiro,
Da anarchia salvai um Povo inteiro,
A' quem huma Facção quer enganar.

Triumphe a Constituição por vós jurada,
E mantida por vós, Senhor teremos
A fortuna da paz tão desejada.

Brasileiros, a *Pedro* nos cheguemos ;
Cumpre fugir a raça federada ;
Sem *Pedro* e sem Lei, o que seremos ?

Por hum Brasileiro. »

Soneto

« Pela causa a mais justa, e a mais sagrada ;
A prol do nobre Povo Brasileiro,
Foste Legislador, foste Guerreiro
Dando-lhe a Independencia desejada.

Se hoje o vil Demagogo insano brada
Da impunidade á sombra, astuto e arteiro,
Qual te cumpre, ergue as mãos, e justiceiro
N'huma a Constituição e n'outra a espada.

Energico vigor vai merecer — Te,
Monarcha do Brasil, por toda a parte
Immortal Nome, que alta gloria verte ;

Hão de os Povos do Globo respeitar-Te,
Os planistas Democratas temer-Te,
E os Brasileiros bons idolatrar-Te.

Por Pedro Alexandre Carvoè. »

***

Apoz a chegada do Sr. D. Pedro I, a Camara dos Deputados votou a lei, em seguida decretada, ordenando a dissolução de todos os corpos de soldados estrangeiros.

***

Vejamos alguns trechos do já citado Relatorio de Manoel José de Souza França com data de 7 de maio de 1831, e offerecido aos Representantes da Nação:

« A Regencia Provisoria, que em nome do Imperador menor tomou as redeas do Governo do Imperio no memoravel dia 7 de abril do corrente anno, me honrou no mesmo dia com a sua confiança, nomeando-me para o importante cargo de Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça, de que eu fôra demittido no dia antecedente pelo ex-Imperador D. Pedro I, em cujo conceito desgraçadamente desmerecêra a mesma confiança no curto espaço de 18 dias da minha passada administração.

. . . .

« Longo tempo havia, Senhores, que o Governo do Ex-Imperador se tinha manifestado hostil ás Liberdades Patrias: he esta uma verdade de facto tal, que elle mesmo reputava mui difficil, si não já impossivel, desvanecer o preconceito que d'ella geralmente dominava no espirito de todos os Brasileiros.

« A Revolução era pois inevitavel no Brasil; elle a apressou, e um imprevisto concurso de circumstancias poz a victoria da boa causa em nossas mãos; abdicando o mesmo ex-Imperador a Coroa, que outr'óra tão generosamente lhe tinhamos confiado.

. . . .

« A mysteriosa viagem do ex-Imperador á Provincia de Minas Geraes e a insidiosa Proclamação, com que lhe annunciárá o seu regresso à Côrte, nos dêra a todos o primeiro rebate que Annibal estava ás portas de Roma. Tal foi o estremecimento que essa declaração de guerra civil, que outro nome não merece, causava nos animos de todos os bons Brasileiros: dos amigos da Patria digo, que maior não sentira o povo de Lacio quando viu approximar-se o inimigo carthaginez ás muralhas da antiga capital de Velho Mundo. E na verdade os successos mostravão que as hostes inimigas estavão entre nós mesmos, e que só faltava ao rompimento das hostilidades a presença d'aquelle que as havia de commandar. A chegada nocturna e extemporanea do ex-Imperador á Côrte tão mysteriosa como a sua mesma viagem a Minas, poz os animos do Povo Fluminense em agitação: festejos extraordinarios se preparavão por homens que não per-

tencião ao Brasil, nem por nascimento, nem por amor, para solemnisar o regresso daquelle, que por sua indiscreta conducta perdêra as affeições dos naturaes do Paiz ; e que em sua errada politica calculava poder dominar pela força no meio de um Povo cioso dos seus direitos e no seculo mimoso da Liberdade. A maior parte, ou quasi todos os Brasileiros sisudos amantes de sua Patria não tomarão parte n'esses festejos que a sua Politica tinha aconselhado e se havião como signal de revolta ; e este contraste odioso dentro da mesma cidade, dividindo a massa do povo em dois partidos, fez começar as animosidades, que bem depressa degenerarão em insultos e acabarão por criminosas atrocidades.

. . . .

« Então alguns Representantes da Nação aqui residentes traçarão o quadro do perigo da Patria, reclamando do Governo as energicas providencias que as circumstancias exigião. O ex-Imperador timido e sem conselho recorre ao muitas vezes experimentado meio de recobrar a confiança publica mudando o sempre imbecil ostensivo Ministerio, em cujo bojo como que em insensivel escudo se despontavão continuadamente as flexas do odio Publico disparadas contra os actos da sua sempre caprichosa e pessoal administração. He a esse Ministerio que elle substituiu depois das orgias das calamitosas noites dos festejos dedicados ao seu regresso e reapparição entre nós, que eu tive a honra de pertencer, talvez por huma escolha de que em breve se devia elle arrepender, antes mesmo que isso me acontecesse a mim.

. . . .

« Aproximava-se o dia 25 de março, anniversario do Juramento da nossa Constituição: Hum prudente conselho fazia consagrar á solemnização d'este dia huma elegante armação de fogo de artificio, que no Campo da Acclamação, hoje intitulado da Honra, fora destinada a fazer parte dos insidiosos festejos dedicados á vinda do ex-Imperador. Toda a cidade começou a temer o concurso e ajuntamento do Povo ali por essa occasião que a menor scentelha de desordem se haveria lá como signal de hum formal rompimento de guerra civil: pois de uma parte os naturaes não

respiravão senão o sentimento da vingança de seus fôros tão aleivosamente ultrajados por hospedes que huma má, por não dizer huma atraiçoada Politica havia favoneado em seus excessos e por outra parte os mesmos hospedes, conscios de seus crimes mallogrados no intento de acabar com as Liberdades do Brasil da Patria que alguns d'elles havião adoptado, se preparavão a reagir contra a aggressão que justamente temião.

. . . .

« Lancei pois mão do que me pareceu proprio em tão arriscada conjunctura. Convoquei d'antemão os Juizes de Paz das freguezias da Cidade; confiei-lhes as rondas dos seus Bairros n'essa noite, pondo força armada de Infanteria e Cavallaria em determinados pontos á disposição de cada hum d'elles.

. . . .

« O Povo pareceu satisfeito vendo que o governo tomava huma parte activa na Tranquillidade Publica; os nossos sacrificarão a gloria do dia á pronunciação dos justos sentimentos de sua vingança: os adversarios contiverão-se de praticar algum insulto; tudo respirou alegria, e paz, e até o ex-Imperador recebeu n'essa noite do mesmo Povo demonstrações publicas de adhesão e respeito, que ha muito se lhe negavão, quando appareceu no Templo de S. Francisco de Paula á assistir à acção de graças com que ahi se solemnisava o fausto dia, em que fôra prestado o Juramento da Lei fundamental do Imperio. Mas este infeliz Principe não dava aberta em seu coração á scentelha da verdade senão por momentos. Elle entrevio n'esta occasião a necessidade de reinar sobre os corações dos seus subditos; mas bem depressa ensurdeceu a esse grito de sua consciencia; e avêsso se mostrou a todo o aviso e bom conselho, que d'ahi em diante tendia a desvial-o de empregar a força para se fazer obedecer em seus caprichos anti-nacionaes. O Ministerio perdia por momento a sua sempre suspeitosa confiança, ao passo igualmente que o Povo já nenhuma punha no Governo, e preparado para a resistencia tumultuava por noites successivas na Praça conhecida com o nome de Largo do Moura, seguindo em seus males o terrivel conselho da Desesperação.

. . . .

« O ex-Imperador, que cada vez mais conhecia a sua posição desgraçada, incapaz de manter a ordem alterada, e de proteger-se a si mesmo, teve Conselho de Estado na presença de todos os seus Ministros, mais para ouvir talvez, do que para consultar, que decidido estava elle a empregar as medidas de rigor contra o Povo. Ahi se deliberou por voto unanime a Convocação de uma Assemblea Geral, e se propuzerão outras medidas de moderação, que não forao bem acceitas, porque as de rigor, sòmente aconselhadas por huma indignação impotente, erão as que bem lhe parecião. Desde então provi que a sua queda era infallivel e que o momento da Revolução era chegado.

. . . .

« Na noite do dia 5 de abril teve o ex-Imperador huma breve entrevista no Paço de S. Christovão com alguns dos meus ex-collegas e communicou-lhes que hia demittir o Ministerio todo, a mim não me contemplou nem com a honra da noticia. Na manhã do dia seis hum amigo me annunciou a demissão do mesmo Ministerio, que eu não quiz accreditar por inverosimil e nem pude certificar-me a tal respeito senão ás onze horas da manhã, mandando-o saber de quem podia informar. Não appareci ao ex-Imperador, havendo-o por mal contente do meu serviço e já sobre a noite recebi o Decreto da minha demissão.

. . . .

« Já sobre a tarde principiou o Povo a reunir-se no Campo da Honra, como se pretendesse em seus males deliberar alli sobre a sua terrivel situação e sobrevindo a noite engrossou extraordinariamente o seu ajuntamento. Ahi comparecerão alguns dos vigilantes Juizes de Paz e estes forão mandados ao ex-Imperador como orgãos de seus justos sentimentos a supplicar-lhe a reintegração do Ministerio demittido. Nada poderão obter, que determinado estava elle a fazer-se obedecer pela força que já não tinha e que illudido em seu conceito ainda suppunha ter á sua disposição ; porém no mesmo momento em que despedia do Paço de S. Christovão os fieis mensageiros de hum Povo descontente, que ainda supplicava quando em Campo junto o havia pelo maior inimigo de seus Direitos, tambem os Corpos Militares, que ali aquartelados erão a sua maior confiança, desampararão o

execravel Posto, que os arriscava a serem instrumentos da tyrannia contra as Liberdades da sua Patria, e vindo reunir-se aos seus concidadãos ameaçados da força no Campo da Honra, ahi se derão as mãos com outros Corpos, que occorrerão a fazer causa commum, pronunciando-se em poucos momentos toda a Tropa como por hum movimento electrico em favor da causa da Liberdade.

« Desamparado o Ex-Imperador da força armada, conheceu que tinha perdido para sempre o Throno e fugitivo com parte da sua familia foi procurar entre os Estrangeiros, á bordo de uma Náo ingleza, aquella salvação que a sua consciencia lhe negava a esperança de encontrar entre os naturaes de hum Povo que outr'ora o idolatrára e do qual todavia nunca podêra ser amigo verdadeiro . . . .»

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro possue um trabalho inedito escripto em 1890 pelo chefe de secção aposentado do Thesouro Nacional Sr. Carlos Augusto de Sá, intitulado — Um episodio da Revolução de 7 de abril de 1831. ao qual tomamos emprestado os trechos que seguem:

« A situação era melindrosa e tudo presagiava um desfecho proximo, tal era a agitação popular, quando se soube da demisão do ministerio então em exercicio e da nomeação de outro, a que o povo denominou logo de ministerio de fidalgos. Mas, como e quando se daria o defecho da crise, tornada ainda mais grave por este ultimo acto, é o que ninguem poderia prever.

« Nas épocas de agitação popular, diz Cezar Cantu na sua Historia Universal, os incidentes insignificantes em si adquirem uma importancia capital si contendem com as paixões accesas, ou podem ser exploradas por ellas.

« Nunca talvez este asserto encontrou maior confirmação do que na alludida crise, que deu em resultado a abdicação de D. Pedro I.

« Com effeito, um facto insignificante na apparencia, hoje já de raros conhecido, constituio então o rastilho, como se vai ver, a que um homem resoluto faz fogo.

« Durante a noite de 5 de abril, os policias, que tinhão uma estação no Largo do S. Francisco, onde estiverão depois o es-

criptorio e as cocheiras de alugar carros do major Suckow, prenderão entre outros um terrivel ladrão de nome Vivas, que dizião pertencer á quadrilha de Pedro Hespanhol.

« Como era natural logo pela manhã á noticia do acontecimento, muito povo para ali se dirigio curioso de ver o fallado ladrão.

« O Intendente de Policia, Gavião Peixoto, homem soberbo e irascivel, determinou que alguns policias dispersassem o ajuntamento ; e como o povo, entre o qual se achavão pessoas decentes, não obdecesse immediatamente á intimação, ordenou ás praças em altas vozes e com arrogancia que tocassem d'alli toda aquella canalha a couce d'arma, o que elles forão executando.

« Francisco Carlos Corrêa Lemos, que pertencia ao partido liberal, que havia sido empregado do Banco do Brazil (o antigo) que morava á rua do Parto, no prolongamento da de S. José, e que administrava uma fazenda de parentes seus, em Valença, de onde tinha chegado havia poucos dias, fazia parte dos curiosos. Moço ainda, um tanto exaltado, encolerisou-se com tal procedimento e exclamou para os que o rodeavão, isto não se atura ! é um desaforo ! e voltando-se em seguida para a porta da estação gritou: Deixa-te estar, insolente, que talvez hoje mesmo saibas quem são os canalhas !

« D'alli partindo contou o caso a varios amigos e officiaes, seus conhecidos, que foi encontrando, e entre elles ao seu intimo — major Reis Alpoim que o aconselhou a levar o facto ao conhecimento do general Francisco de Lima e Silva, que morava então na Gambôa.

« Tomando o conselho, Francisco Carlos procurou o general, em cuja casa encontrou José Joaquim de Lima e Silva (depois Visconde de Magé) e Manoel Antonio da Fonseca Costa (depois Marquez da Gavea), com os quaes se dava, e a quem, como ao general Lima, narrou o acontecimento, dizendo-lhes que parecia chegado o momento de fazer-se alguma cousa a bem da patria e que ninguem mais do que elles estava no caso de libertal-a do despotismo que a opprimia.

« Apoz curta conversação, em que se tratou de uma grande reunião popular para se pedir a destituição do novo ministerio,

o general Lima deu a Francisco Carlos um bilhete para Manoel da Fonseca (depois Barão do Suruhy), que estava em S. Christovão com o batalhão do seu commando, o qual não me recordo bem se era o chamado batalhão do Imperador. (O narrador equivocou-se porque o Barão de Suruhy era Manoel de Lima e Silva, irmão do Barão de Magé José Joaquim de Lima e Silva e de Francisco de Lima e Silva, emquanto que Manoel da Fonseca foi o Marquez da Gavea.)

« Este bilhete, dividido em tres partes, uma das quaes foi mettida no forro do chapeu e as duas outras occultas na roupa, não chegou a ser entregue a Manoel da Fonseca porque Francisco Carlos (que o restituio no dia seguinte), julgou preferivel entender-se antes com alguns deputados que procurou e encontrou no edificio da Camara e aos quaes communicou a reunião que ia haver n'aquelle dia, pedindo-lhes que se conservassem na Camara para servirem ao povo de centro director no caso de necessidade. Erão elles Evaristo da Veiga, Odorico Mendes, Souto, Henrique de Rezende e poucos outros.

« Da Camara seguio para o Convento de S. Bento para fallar ao Tenente-Coronel Seára, que havia chegado de Sergipe com o batalhão de seu commando e que alli estava aquartelado. Não o encontrando, pedio para fallar ao major, a quem disse ao que ia (pedir apoio para a reunião), mas depois de certificar-se bem que elle era Brasileiro nato. — « Queremos finalmente, disse Francisco Carlos, concluindo as informações que lhe dera, mostrar a este Sr. D. Pedro a nossa altivez de povo livre e o nosso brio.» Ao que retorquio o major apertando-lhe a mão com força: « E tambem o nosso valor.» Poucos momentos depois o batalhão recebia ordem para não communicar-se com pessoas a elle estranhas.

« Descendo do morro de S. Bento, lembrou-se Francisco Carlos da commissão que recebêra para Manoel da Fonseca (?), mas reflectindo que elle, attento a importancia do caso, já deveria estar prevenido do que ia fazer-se, e tambem que dado qualquer movimento, era certo o apoio da tropa, resolveu não ir a S. Christovão até porque achava-se fatigado, não obstante ter feito as visitas ao general e à Camara em animal de sua montaria, que fôra buscar a uma cocheira da rua do Piolho, hoje da Carioca.

« Lembrou-se igualmente de procurar o sachristão da igreja de Santa Rita, que lhe era muito affeiçoado, para fazel-o tocar a rebate : desistiu porém do intento, porque, além de ser cedo para a reunião (2 horas e pouco mais da tarde), poderia isso dar mau resultado.

« Decidio então voltar á Camara dos Deputados no intuito de entender-se novamente com aquelles com quem fallára antes sobre a projectada reunião ; mas achou-a vazia e de portas fechadas. A' vista do que dirigiu-se para a sua casa.

« Quer no trajecto para o morro de S. Bento, quer dahi para a Camara e para casa, foi Francisco Carlos convidando a todos os amigos e conhecidos que encontrava para a dita reunião, que seria em frente ao Paço municipal, rogando-lhes que não faltassem e que igual convite fizessem ás pessoas de suas relações.

« Tendo descançado em casa e tomado algum alimento, Francisco Carlos mudou de roupa vestindo-se com certo esmero, o que tambem recommendára aos seus amigos e conhecidos e em seguida partiu para o campo de Sant'Anna, onde teve a satisfação de já encontrar grande massa de povo, que augmentava a cada momento, achando-se na Camara municipal além de alguns deputados e juizes de paz, não pequeno numero de cidadãos conspicuos.

« Não me recordo de ter ouvido dizer se foi a essa hora ou ao cahir da noite que o commandante Seára chegou ao campo com o seu batalhão. O que sei ao certo é que foi esse batalhão o primeiro que alli se apresentou, formando em uma só linha simples e de modo que de soldado a soldado havia um paisano.

« E que foi ainda em dia claro que um dos juizes de paz dirigindo-se á multidão perguntou em alta voz o que queria o povo reunido, ao que respondeu Francisco Carlos, collocado na frente — que o povo ali se reunira para pedir respeitosamente a S. M. o Imperador, por intermedio de seus immediatos representantes, que demittisse o ministerio e nomeasse outro da sua confiança e da do mesmo povo.

« Levantando-se estrondosos vivas e gritos, o dito juiz de paz (supponho ter ouvido dizer que foi Manoel Theodoro Xavier, nota do narrador) repetiu a pergunta.

« Adiantou-se então o pharmaceutico Juvencio de tal, do partido exaltado, que, ou por não ter ouvido bem a primeira resposta, ou por outro qualquer motivo disse: o povo está aqui reunido para pedir respeitosamente a S. M. o Imperador que demitta o actual ministerio e reintegre o que demittio. » . .

. . . .

Sem pôr em duvida o que o Sr. Carlos Augusto de Sá por muitas vezes ouviu narrar ao proprio Francisco Carlos, seu tio por affinidade, sempre do mesmo modo na presença de pessoas do tempo e de perentes, julgamos dever trazer aqui mais alguns topicos relativos ao Tenente-Coronel Antonio Correia Seára, os quaes se achão no *Diccionario Biographico dos Pernambucanos Celebres*, de Francisco Augusto Pereira da Costa.

Seára passou depois a commandar o batalhão 14 de caçadores, cuja missão constitue uma das paginas mais brilhantes da vida d'este illustre militar.

« Em 1831 achava-se com o seu batalhão na Côrte do Rio de Janeiro, n'essa época de maiores convulsões politicas por que tem passado o Brazil, Rebentando a revolução de 7 de abril que motivou o acto da abdicação, Seára conservou-se firme em seu posto de honra, não sahiu de seu quartel e o seu batalhão foi o unico que não adheriu, ou antes não contribuiu para a explosão revolucionaria. Rasgos dessa fidelidade, exclama o seu biographo, dessa fidelidade céga, porém sublime, do soldado ao seu Imperador; se D. Pedro I tivesse querido reagir contra a revolução, teria achado o Tenente-Coronel Seára e o seu batalhão...

« Mas o Imperador cedeu, abdicou em seu filho, a ordem de cousas mudou, e o Tenente-Coronel Seára recebendo ordem de ir reunir-se aos seus companheiros, e obedecendo, como obedeceu, obedeceu ainda á vontade do Imperador: passava ao filho a fidelidade que votára ao pai, porque o pai assim o quizèra........

« Quando todos em acinte ao Imperador haviam renegado as condecorações que delle haviam recebido, o Tenente-Coronel Seára apresentou-se com as suas, o que deu azo a que contra elle se levantassem em altas vozes de ameaça mesclada de escarneo. Mas, aquellas condecorações haviam sido ganhas com o seu sangue, haviam sido dadas pelo Imperador, a quem ainda

naquella occasião obedecia, curvando-se ao decreto da abdicação; e pois o Tenente-Coronel Seára, firme com o seu batalhão, impoz silencio, honrou a si, honrou D. Pedro I, honrou a seu filho, conservando isoladamente n'aquelle dia o lustre das insignias que haviam partido das imperiaes mãos! que magia tem a força de caracter! »

* * *

Ouçamos J. D. da Cruz Lima: « Desde que a liberdade da imprensa tornou-se licenciosa no Brazil, principalmente no Rio de Janeiro, a abdicação do Imperador era uma consequencia necessaria.

« Não havia tolerancia bastante, que supportasse os grosseiros insultos atirados á sagrada e inviolavel pessoa do Imperador pela imprensa liberal exaltada!

« Se o seu fim era desgostar o Imperador, elles o conseguirão.

« Elle, que tudo havia feito pelo Brazil, que libertára e constituira, e que seu unico defeito era o peccado de origem!

« Pois bem, desde logo concebeu o plano do abdicar, e, se não foi executado, o deteve a idéa da esposa com quem acabava de ligar-se em segundas nupcias, que parecia ter assim sido convidada apenas para a presenciar!

« Todavia, no correr do anno de 1830, revelou o seu pensamento a um dos Ministros de Estado de então, depois Conselheiro de Estado e Senador, dizendo-lhe até que lhe désse uma minuta do preciso Decreto, esperando talvez alguma reflexão dissuasiva.

« Porém á ingenuidade de seu Ministro deveu elle ter no dia seguinte a minuta desejada!

« Tanta promptidão *incommodou* ao Imperador, a ponto de perguntar-lhe se erão aquelles os seus desejos e *rasgou-a*!

« Podemos garantir o facto.

« Além da idéa da esposa que o detinha naquelle passo, outra não menos importante o assaltava: a escolha do tutor para seus filhos!

« Porém a grita dos jornaes exaltados passou para as praças e ruas, para mais desgostar o Monarcha.

« Um tal Girão formou uma *centuria*, com a qual percorria as praças e ruas, atordoando a pacifica povoação com vivas e morras!

« Outro, de nome Lafuente, teve igual *merito* e igual fim; assim como o Republica.

« O que fazia a policia? O que faziam as autoridades?

« Ou erão tolerantes, ou não tinhão força moral para reprimir estes desmandos, visto que o Chefe do Estado não queria o emprego da força!

« Estes soffrimentos moraes havião de necessidade affectado o physico do Imperador, fazendo apparecer incommodos nephriticos; e nestas circumstancias foi aconselhado pelos medicos uma viagem á Provincia de Minas, onde o Imperador foi recebido com todas as demonstrações de estima, apezar dos esforços em contrario, empregados pela propaganda exaltada.

« E' na volta para o Rio Janeiro e na sua chegada á Côrte que o partido exaltado oppoz-se ás manifestações festivas por aquelle motivo; o que fez reagir os festeiros, que não podião tolerar tantas affrontas, pois que ainda hoje são tratados por *canalhas*! aquelles que se dispunhão a festejar a volta do Imperador.

« Todos esses excessos do partido exaltado, que o proprio Ministerio liberal declarou ao Imperador na noite de 4 de abril no Palacio da Rainha a Sra. D. Maria da Gloria, quando festejava-se o seu anniversario natalicio, *que os não podia reprimir;* o que lhe valeu a sua demissão no dia seguinte (5) provocarão a abdicação de 7 de abril.

« Aquella declaração do Ministerio obrigou ao Imperador a suspender o sarão, dando a causal ao Corpo Diplomatico, que se retirou.

« Assim, pois, sendo inevitavel a abdicação, e occorrendo ao Imperador a idéa de nomear o Conselheiro José Bonifacio tutor de seus filhos, era preciso consultar; mas como fazel-o com a precisa reserva?

« Foi lembrado a S. M. o Imperador, para aquella commissão, o nosso amigo Mr. Henri de Gazotte, Vice-Consul da França, fóra de toda a suspeita, o qual foi portador de uma carta do Imperador áquelle Conselheiro, partindo para a ilha de Pa-

quetá, onde elle residia, ás 9 horas da manhã do dia 6 de abril de 1831.

« ... ás 5 horas da tarde (d'este dia 6) apresentarão-se no Paço de S. Christovão, para onde tinhão ido a cavallo, para maior apparato, os seis Juizes de Paz das freguezias da Cidade, exigindo da Corôa a reintegração do Ministerio patriota de 18 de março de 1831.

« Ao que a Corôa respondeu: « que não podia annuir, porque era uma das suas prorogativas, dada pela Constituição, de livremente nomear os seus Ministros!

« A inferioridade do bote que levou o nosso amigo a Paquetá, para dissimular a visita, pois que podia ter ido em um escaler da náo franceza, e máo vento que encontrou, só permittiu voltar tarde á cidade e ás 10 horas da noite a S. Christovão, com a resposta favoravel do Conselheiro....

« Prompto, pois, estava o Imperador para escrever a sua abdicação, como realizou pouco depois da meia noite, segundo já escrevemos.

« Depois de factos tão authenticados, póde ainda o autor do novo livro e os seus *oraculos* pôr em duvida a voluntariedade da abdicação do Imperador?

« Para os cegos voluntarios não ha cura.

« E ainda diremos mais, que não só a abdicação não foi impellida pelas *centurias* de Lafuente, Republica e outros, unico *povo* que estava no Campo de Santa-Anna, o que já provámos, como tambem que a opposição sensata ao Ministerio, e não á Pessoa do Monarcha, *nunca quiz, nem se persuadiu* que o Sr. D. Pedro abdicasse.

« Essa opinião ouvimos nós ao illustrado fluminense redactor do *Independente*, assim como ao digno e illustrado redactor do *Pharol*, poucos dias depois do 7 de abril de 1831, quando chegou de S. Paulo para tomar assento na Camara dos Deputados.

« De passagem seja dito que o povo Lafuente, Gião e C. constou que fora devidamente retribuido pelos serviços prestados; que, sendo *recrutados* grumetes para a marinha de guerra, na primeira occasião que tiverão de ferrar joanetes, pouco se-

guros, cahirão no convez, fracturarão braço ou perna, e...... *Requiescat in pace* !

« Porventura esse povo, que estava no Campo de Sant'Anna, impoz alguma cousa, ou resistiu a alguma que se lhe impozesse? — Não constou.

« Nem era capaz de *resistencia*, no caso que o Governo em nome da corôa o quizesse desbaratar; e o provamos com o facto que vamos referir, presenceado por todos os imparciaes, e por parte da nossa familia, que residia em uma casa nesse Campo, que faz quina com uma das ruas perpendiculares ao Campo.

« Perto de meia-noite do dia 6, sentio-se approximar do Campo, pela rua de S. Pedro da Cidade Nova, o rodar forte de carros ou carretas, e os *bravos* que ali estavão, suppondo ser o parque de artilharia montada, commandada pelo digno Coronel Pardal, que estava em S. Christovão de guarda ao Imperador, e que vinha sobre elles, começarão a...*retirar-se precipitadamente* pelas ruas da Alfandega, do Senhor dos Passos, Hospicio, etc ! ! !

« Era, porém, uma grande carroça puchada por oito bois, que habitualmente vinha do Andarahy Grande para a cidade áquella hora conduzindo capim ! !

« Os *bravos*, porém, não voltarão para o seu posto de *honra* duas vezes, ou *duas honras*, como se intitularão, sem soffrer grande assoada dos moleques !

Vamos transcrever aqui a opinião do illustrado Dr. Macedo escrevendo no seu *Anno Biographico Brasileiro*, opinião que Cruz Lima declara judiciosa e confirma:

« Nao ha quem ponha duvida que, se o *Imperador quizesse a 6 de abril de 1831 resistir á revolução* e combatel-a, teria de seu lado, pelo menos, uma parte dos corpos militares, e ninguem havia então, nem houve depois, que não désse testemunho da coragem e da bravura de D. Pedro I. Elle, porém, não quiz appellar; nem consentio que se appellasse para o emprego da força armada; e não honra pouco sua memoria o ter poupado o sangue que se derramaria na capital do Imperio e nas Provincias ».

« Se o digno major (do batalhão chamado do Imperador) tivesse qualquer iniciativa sobre os *bravos* que estavão no Campo

de Sant'Anna até o momento da abdicação, estamos inteiramente convencidos que uma patrulha que elle mandasse seria bastante para os enxotar para suas casas.

« O digno major não teria necessidade, sem duvida, de desembainhar sua nobre e valorosa espada contra *Lafuentes, Girões, Republicas* e outros chefes dos *centurias*, que depois de percorrerem as ruas da cidade, dando vivas e morras, ali fazião seu ponto final. Tal era o estado da anarchia a que tinha chegado a cidade, pela tolerancia do Ministerio patriota!

« Não é exacto que ás 11 horas da noite de 6 de abril a tropa marchasse para o Campo a fraternisar com Lafuente, Girão Republica e outros chefes *centurias*, porque pouco antes dessa hora esteve em S. Christovão o General Commandante das Armas, dando parte ao Imperador do estado da cidade, que era despertada pela vozeria dos *centurias*, já mencionados de Lafuente, Girão, etc., que a serpenteavão e estacionavão-se no Campo.

« Que, porém, é exacto que a essa hora resolveu o batalhão, chamado do Imperador, retirar-se para o Campo de Sant'Anna, do Pateo de S. Christovão onde estava reforçando a Guarda, e não do Quartel como elle diz, retirando-se *assapado* e não em ordem de marcha.

« Que coincidiu a chegada desse batalhão ao Campo de Santa Anna, com a dos 1º e 2º batalhões de Artilharia e de Infantaria, tambem sem ordem do General das Armas, como declarou o major Frias em S. Christovão, quando ali foi depois de meia noite por ordem do mesmo General para novamente informar ao Imperador do estado da cidade; dando-lhe S. M. o Imperador nessa occasião o Decreto da Abdicação, que acabava de escrever e assignar, em uma sala do torreão do Sul, na mesa que ainda hoje (1871) ali existe e « para que o entregasse ao General ».

« Não é exacto que a Guarda de Honra desertasse do Paço de S. Christovão; se o seu major, que interinamente commandava o seu esquadrão, e *poucos guardas* acompanharão o batalhão do Imperador, seu commandante, o Conde de S. José da Villa Nova e a maior parte da sua guarda conservarão-se no seu posto até a abdicação.

«Tambem não é exacto que a artilharia montada, que igualmente estava de guarda no Paço, pedisse para retirar-se.

«Depois que constou haver sido remettido ao General das Armas o Decreto de Abdicação, procurou o digno Commandante da Artilharia, Coronel Pardal, receber as ordens do Imperador, que lhe mandou dizer que podia retirar-se, o qual ao chegar ao Campo com o seu Corpo, teve ordem de prisão?

«Que sim é verdade que, depois de entregue o Decreto da Abdicação, aquelle major, ás instancias dos Ministros do Estado presentes, e dos da Inglaterra e França, para que adiasse aquelle acto, ao menos para o dia seguinte, e de dia, onde melhor conheceria a opposição que tinha, quer moral, quer material, fomos autorisados a ir ao alcance do Major Frias e tomar-lhe o Decreto.

« Com grande esforço o conseguimos, e ambos voltámos para S. Christovão, onde, ao entrar no pateo, nos disse o Imperador, de uma das janellas do torreão, « Deixe-o ir! »

« As considerações feitas pelo Imperador tinhão inutilisado aquellas instancias dos Ministros : o Major Frias seguiu na sua missão ; e nós, na de irmos pedir ao Almirante Inglez Backer, que residia na Praia do Flamengo, as precisas conducções para a retirada do Imperador para bordo da Náo Ingleza *Waspite*, de onde passou depois para a Corveta *Volage*, da mesma nação, que o levou para a Inglaterra.

« E' verdade que ás 9 horas da manhã do dia 7 de abril estava toda a tropa e *povo* reunido no Campo de Sant'Anna, para onde affluio *logo que soube da abdicacão do Sr. D. Pedro I* e para acclamar o Sr. D. Pedro II.

« A abdicação teve logar pouco antes de 1 hora depois da meia noite, e tanto assim, que a 1 $^1/_2$ estavamos nós de volta a S. Christovão, de termos ido á casa do Almirante Inglez Backer, para o fim já mencionado.

« .... o 1° corpo de artilharia montada esteve sempre no paço em S. Christovão e seu digno commandante só partio para o Campo depois da abdicação, embora tivesse visto desertar do mesmo paço o batalhão chamado do Imperador, que tambem ali estava.

« Abdicou quando viu que lhe era impossivel ter a corôa na cabeça por mais duas horas. »

« E' assim que escrevia Evaristo na sua *Aurora* quatorze dias depois da exigencia dos Juizes de Paz, a 6 de abril de 1831 ! !

« E' o melhor corpo de delicto da lealdade com que o partido exaltado procedia naquella época, do qual era chefe Evaristo Ferreira da Veiga, redactor da *Aurora Fluminense*, Deputado á Assembléa !

« Se o que se queria, diz Evaristo, era que Dom Pedro deixasse de ser Imperador dos Brazileiros, e que elle não foi tão lerdo que muito bem o não entendesse, para que Evaristo, como chefe do partido exaltado, determinou, ou pelo menos consentiu que os Juizes de Paz fossem ao Imperador fazer a exigencia da reintegração do Ministerio patriota. ? !

« Não era mais leal, elles que tinhão mais coragem do que o Imperador, que lhe fossem dizer que o povo queria que elle deixasse de ser Imperador ?

« Não foi pois uma deslealdade, além de inconstitucional, irem impor ao Imperador o Ministerio demittido, quando isso só não satisfazia a exigencia do partido, do qual era elle chefe, que queria que D. Pedro deixasse de ser Imperador dos Brazileiros ? »

Na sua circular aos eleitores mineiros com data de janeiro do 1860 disse o Senador Ottoni : « O 7 de abril foi uma verdadeira *journée des dupes*.

« Projectado por homens de idéas liberaes *muito adiantadas*, jurado sobre o sangue dos Canecas e dos Ratcliffes, o movimento *tinha por fim o estabelecimento do governo do povo!* por si mesmo, na *significação mais lata da palavra!*

« Vi *com pezar* apoderarem-se os moderados do leme da revolução, *elles* que *só na ultima hora* tinhão appellado comnosco para o juizo de Deus. »

Demos a palavra a Monsenhor Pinto de Campos:

« Raiou o 6 de abril, com todo o seu cortejo de tumultos, com todo o seu desprender de vinculos politicos e sociaes. Corramos um véo sobre o que esses dias ostentam de melancolico e observemos sómente o vulto heroico. Se D. Pedro desembainhasse então sua invencivel espada, a uma só palavra, a um só acceno,

ondas de sangue tingiriam nossas praças e as furias de uma indomita guerra civil invadiriam o Imperio inteiro, talvez para annos largos! Não era o Defensor Perpetuo do Brazil homem de vingança, nem de egoismo; bem poude dizer que *mui voluntariamente abdicara.*»

« Achamo-nos em 6 de abril, escreveu A. D. de Pascual — este dia e esta noite vão revelar á posteridade o heróe por inteiro, o cavalheiro por antonomasia, o neto dos reis de Portugal.

« O povo, essa victima da ambição dos demagogos, esse degráo do orgulho dos tribunos, esse pedestal das glorias dos filhos do nada, estava penalisado pelos rapidos, desgraçados e tristes acontecimentos que a pericia dos malevolos sabia colorir a seu geito; vio na demissão do ministerio um novo élo accrescentado á cadea de imaginario despotismo e reuniu-se no Campo da Acclamação, vociferando que queria a reintegração do ministerio — cuja impopularidade aliás os mesmos coryphêos da revolta proclamavão, havião muitos mezes.

« O povo é audaz, porque não é intelligente; é audaz porque é sincero; é audaz porque deixa-se seduzir pelos que não apresentão o seu corpo ás balas; o povo, pois, n'um arrebatamento de patriotismo mal entendido, exigiu do Imperador, por intermedio de tres juizes de paz, que reintegrasse os membros do demittido gabinete. D. Pedro respondeu: *Tudo farei para o povo, mas nada pelo povo.*

« O povo não comprehendia que o caracter de um rei não é o de um particular. Esta resposta de cavalheiro, este dito de um Bragança, digno descendente de João IV, foi o signal da mais ingrata das sedições, em que o Libertador do Brazil foi trahido por todos, começando pelo exercito, que elle creára e colmára de provas da sua real e inesgotavel munificencia.

« Se a tradição não contasse com um numero tão avultado de testemunhas, seria difficil acreditar em tão negro procedimento da parte dos homens daquelles tempos.

« O philosopho, conscio da fraqueza do coração humano, se não admira de ver factos semelhantes na historia dos povos; o que pasma-o, porém, é contemplar a dignidade, sangue frio, nobreza de caracter e elevação de alma do objecto dessas trahições.»

Recorramos ao « Pantheon Fluminense » de Presalindo de Lery Santos (Rio — 1880):

« Grande era o prestigio de que gozava na capital do Imperio, em 1831, o general Francisco de Lima e Silva.

« Toda a sua familia, composta de militares distinctos, achava-se na posse das mais importantes posições do exercito. Não obstante os Limas estavam todos mais ou menos descontentes com a marcha politica do governo do Sr. D. Pedro I.

« Apreciemos a este respeito a autorisada opinião do illustre historiador Armitage:

« Além dos officiaes de artilharia os conspiradores contavam tambem com a conspiração da familia dos Limas, constando de tres irmãos, que nesta occasião occupavam os mais importantes postos no exercito. O mais velho, Francisco de Lima, commandante das Armas, o mesmo que havia sido mandado contra Manoel de Carvalho em 1824, havia-se votado aos interesses de D. Pedro; mas de caracter irresoluto e estando descontente por ter sido — por algum tempo — privado do seu commando, foi facilmente seduzido pela influencia de seus irmãos. O segundo, José Joaquim de Lima, havia, como já referi-me, commandado a força enviada para a Bahia em 1822; foi depois feito ajudante de campo do Imperador; mas, sendo de uma indole ciosa, ficou irritado e descontente pela preferencia com que julgava que o Imperador tratava aos Portuguezes. O mais moço, Manoel de Lima, commandante do batalhão do Imperador, joven de pouco talento, porém de caracter firme, já de longo tempo havia feito causa commum com os liberaes.

« Parece impossivel que o Imperador ignorasse a disposição da familia dos Limas; todavia por uma extraordinaria falta de prudencia, nunca cuidou em obviar as causas do seu descontentamento, nem os demittio... Tiverão, por esta fórma, os conspiradores toda a facilidade em realizar o seu plano.

« Não cremos que o general Francisco de Lima fosse desleal ao Sr. D. Pedro I; ao contrario, tudo nos induz a crer que foi o proprio Imperador que não quiz oppor-se á revolução, que poderia ter sido vencida,

« A historia registrou as muitas conferencias que Francisco de Lima teve com o Sr. D. Pedro I no intuito de abafar a revolução. O Sr. J. M. de Macedo no seu « Anno Biographico » (2º Vol. Pag.376) refere o seguinte facto, digno de ser perpetuado para honra do digno fluminense: accusaram alguns a Francisco de Lima de cumplice e de auxiliador dissimulado dos liberaes em conspiração. Não ha facto algum que o prove. Francisco de Lima era brazileiro patriota e liberal: ferveu-lhe o sangue sabendo das provocações e insultos dos portuguezes; desejava ao governo do Imperador politicos de concepções prudentes, mas francas e decididas ao partido liberal moderado; foi porém soldado leal até o fim, ao menos conforme o testemunho dos factos.

« Poderiam censural-o por certa inacção e falta de providencias energicas militares nesse periodo de vinte cinco dias de commoções e de anciedades; mas a falta de energia, a inacção, o *laisser aller* vianhm de cima, provinham como que de plano do proprio Imperador.

. . . .

« Que poderia pois fazer o governador das armas?

« O general Francisco de Lima durante a tarde e noite de 6 de abril deu parte por vezes ao Imperador de quanto se passava: á noite foi pessoalmente inteirar a D. Pedro do estado das cousas e pedir-lhe que cedesse ás exigencias do povo e tropa, chamando de novo ao governo o ministerio que demittira na vespera.

« O Imperador confiou ao general que estava resolvido a abdicar a corôa e então este lhe disse: « Pois bem, senhor, volto para o campo a unir-me com o povo e a tropa, e a collocar-me á frente da revolução; juro a vossa magestade que ella será no sentido monarchico. » D. Pedro I abraçou o general e respondeu-lhe: « Sr. Lima, sempre o considerei meu amigo sincero. Vá! eu lhe entrego o destino de meus filhos.»

« Esta rapida e importante conferencia foi secreta e confidencial: não tem portanto positivo e incontestavel fundamento para a historia; deve mesmo ser dissimulada nos primeiros annos de inflammadas paixões politicas; é porém muito mais

que verosimile, se firma em informações da familia e de amigos intimos do general Francisco de Lima. »

Voltemos ao trabalho do Sr. Joaquim Pinto de Campos.

« No dia 6 de abril, haviam succcessivamente chegado a S. Christovão noticias da effervescencia que os clubs tinham feito promover nas praças publicas. Nessa tarde, o Sr. D. Pedro I, passeando no torreão com seu filhinho pela dextra, conversou com quantos se lhe dirigiam, com uma tranquillidade de animo, e sobre uma variedade de assumptos que assombrou todos em taes circumstancias.

« O batalhão do Imperador (corpo cujos membros collectiva e individualmente deviam todos ao soberano os maiores beneficios... e que enfim era a *guarda do Imperador* !) achava-se postado no pateo do Palacio. Multiplicando-se os avisos S. M. mandou, ás 9 para as 10 horas da noite, o marquez de Cantagallo perguntar ao major Luis Alvez de Lima (hoje marquez de Caxias *) qual supponha ser o espirito das tropas em geral? Respondeu o Sr. Lima que:— « os soldados, da maior parte dos corpos, que se achavam no campo de Santa Anna estavam contaminados do esqirito anarchico, á excepção do batalhão do Imperador e do corpo de artilharia montada.»

« Voltou segunda vez o mesmo fidalgo da parte de S. M. e perguntando-lhe se no caso de passar elle major a commandar o batalhão, naquella mesma noite, poderia assegurar a fidelidade d'elle, teve como resposta: « que o espirito da revolta lavrava na maioria dos officiaes do corpo; e que tanto assim era, que os anarchistas, contando com a boa disposição de espirito da maioria dos officiaes, não se tinham dado ao trabalho de perverter os soldados.»

«O que ahi se seguio então, não sabemos a quem, mais honra, se ao soberano, se ao leal major — accrescentou este:« Se S. M. quizer debellar o movimento, nada será mais facil. Bastará para isso seguir nesta mesma noite para a Fazenda de Santa Cruz e alli reunir as miliciaes, á frente das quaes estou prompto

* Escreve I. P. de C. em 1862.

eu mesmo para me collocar, devendo postar-se no Forte do Campinho os postos avançados. Se, porém, se adoptar este alvitre, deverá ser acompanhado de um decreto concedendo baixa a todos os soldados de 1ª linha que a quizerem; pois feito isso, dentro de 24 horas os officiaes se acharão sós.»

« Regressou o marquez ainda pela terceira vez, para transmittir ao illustre major as palavras do soberano: « O expediente proposto é digno da lealdade do major Lima; porém não o acceito, pois não quero que por minha causa se derrame uma só gotta do sangue brasileiro. Portanio vá o major para o campo reunir-se aos seus companheiros! »

« Que ridiculo, e ingrato não é, em presença desta ordem magnanissima, o boato de que o Imperador, chegando á janella afim de chamar a sua guarda, ficára aterrado, vendo que ella havia desapparecido!

« Já não vive o marquez de Cantagallo (que duas vezes voltou depois ao Imperio), mas vivem testemunhas superiores a toda a excepção, que todos estes factos muitas vezes lhe ouviram narrar. Vive o Sr. marquez de Caixas, que estamos igualmente persuadido nos não contrariará em ponto algum desta narração, que nos fôra feita por pessoa em quem depositamos a mais inteira confiança.

« E pois que isto vem a pêlo, e já é tempo de ir rectificando muitas noções adrede falsificadas, diremos que o Sr. major Lima entendia então (e asseveramol-o, pois poderiamos citar personagem a quem o confessou) que a monarchia, retirando-se o Sr. D. Pedro, em tão tempestuosos dias, não poderia subsistir no Brazil. Não concebia a possibilidade de deixar S. M. seus filhos em meio de tantos abalos e perigos.

« Quem assim se exprimia e o pensava, por intima convicção, não podia por qualquer modo fomentar o espirito da revolta.»

« Vendo o Imperador o aspecto serio que tomavão as cousas, como observarão Abreu e Lima, Armitage e outros, atormentado, irritado e fatigado em extremo, julgou que era necessario ceder ás circumstancias e pelas duas horas da manhã sentou-se e sem pedir conselho a ninguem, sem mesmo informar o minis-

terio do que havia resolvido, escreveu a sua abdicação nos termos seguintes:

« *Usando do direito que a Constituição me concede, declaro que hei mui voluntariamente abdicado na pessoa de meu muito amado e prezado filho o Sr. D. Pedro de Alcantara. Boa-Vista, em 7 de abril de 1831, decimo da Independencia e do Imperio.*

« Levantou-se então e dirigindo-se para o major Frias, apresentou-lhe o decreto, dizendo-lhe com as lagrimas nos olhos: « *Aqui está a minha abdicação ; desejo que sejam felizes ! Retiro-me para a Europa e deixo um paiz que tanto amei e ainda amo.*

« Feito isto, D. Pedro recobrou toda sua serenidade ; voltou para a sala onde estava a Imperatriz, acompanhado dos embaixadores francez e inglez: despediu os seus ministros e por um decreto, que datou do dia antecedente, nomeou tutor e curador dos seus quatro filhos, que ficavão no Brazil, a José Bonifacio de Andrada e Silva.

Decreto

« Tendo maduramente Reflectido sobre a posição politica deste Imperio, conhecendo quanto se faz necessaria a Minha Abdicação, e não Desejando mais nada neste mundo senão *Gloria* para Mim e Felicidade para a Minha Patria: Hei por bem usando do direito que a Constituição me concede no Capitulo 5º artigo 130: Nomear, como por este Meu Imperial Decreto nomeio, Tutor de Meus *Amados e Prezados* Filhos, ao muito *Probo, Honrado e Patriotico* Cidadão José Bonifacio de Andrada e Silva, meu verdadeiro amigo. Boa-Vista, aos seis de abril de mil oitocentos trinta e hum, decimo da Independencia e do Imperio. — IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO DO BRAZIL. »

A José Bonifacio de Andrada e Silva escreveu o Imperador a carta seguinte:

« *Amicus certus in re incerta cernitur.*

« E chegada a occasião de me dar mais uma prova de amizade, tomando conta da educação do meu muito amado e prezado filho, seu Imperador.

« Eu delego em tão patriotico cidadão a tutoria do meu querido filho e espero que educando-o naquelles sentimentos de honra

e de patriotismo com que devem ser educados todos os Soberanos para serem dignos de reinar, elle venha um dia a fazer a fortuna do Brazil, de quem me retiro saudoso.

« Eu espero que me faça este obsequio, acreditando que a não m'o fazer eu viverei sempre atormentado.

« Seu amigo constante, Pedro.»

« Na hora fatal dos desenganos, escreveu A. M. V. de Drummond, reconheceu o Imperador que José Bonifacio era o seu verdadeiro amigo.»

« Ficou sempre enigmatico, disse Carlos Seidler, o motivo por que o Imperador confiou a educação de seu filho justamente a este homem, pois José Bonifacio ainda pouco antes tinha cahido em desgraça, D. Pedro sem embargo quiz provavelmente reconhecer que para tão importante encargo nenhum individuo mais idoneo se podia encontrar em todo o Imperio.»

Vamos trazer para aqui uma circumstancia que talvez influiu para a escolha do Sr. José Bonifacio de Andrada Machado e Silva como tutor de S. M. o Sr. D. Pedro II.

A. J. de Mello Moraes a descreve quasi como nos foi narrada por quem ouvio Ruy Germak Possolo contar o que se segue:

« Conheço perfeitamente a historia do apostolado. E' sabido que D. Pedro I acabou com a maçonaria do Rio deixando subsistir o grupo dos 12 apostolos, de que era Presidente o Imperador.

« Ora, em 1823, recebendo um dia uma carta escripta em allemão, passou-a á Imperatriz, que lhe disse conter ella o aviso de que no referido grupo fôra resolvida a sua morte.

« Sua Magestade sem maior demora ordenou que se preparasse um cavallo e, apezar das supplicas de sua Augusta esposa recordando-lhe que ainda não estava são da fractura de duas costellas, seguio para o local da reunião dos ditos apostolos, onde cahiu como uma bomba, arrecadou todos os papeis espalhados sobre a mesa e se retirou, sendo posteriormente deportados alguns dos conspiradores.

« Annos depois soube D. Pedro I que o aviso lhe tinha sido enviado pelo Sr. José Bonifacio, mas foi escripto por pessoa vinda da Austria ao serviço da Imperatriz D. Leopoldina.»

Carlos Seidler, que esteve no Rio de Janeiro de 1825 a 1835, salvo nas curtas ausencias de seu batalhão, ao tratar dos movimentos que presenciou antes e depois da abdicação do Senhor D. Pedro I, fez algumas ponderações que nos parecem dever ser divulgadas.

Referindo-se á partida dos soberanos para Minas Geraes, diz elle: « Com ironico sorriso de tartufo, Lima (o general Francisco de Lima e Silva), que em presença era sempre o amigo e por detraz das costas mantinha-se o inimigo occulto do Imperador, seguia com os olhos seu docil protector e pensava comsigo: — Vá sómente para lá, raposa, tu cahirás na armadilha de cuja montagem eu fui o primeiro carpinteiro.

« Este parasita, que por favor de D. Pedro foi com toda a sua familia elevado da poeira mais baixa a uma das mais elevadas posições do Imperio, atrevia-se então, no dizer de muitos Brazileiros de consideração, em alimentar o temerario pensamento de querer usurpar por si ou pela sua extirpe masculina, quando não todo o Imperio, ao menos uma boa parte delle. Gratidão e sentimento do dever não se podia naturalmente esperar de um homem cujo egoismo fatal o fazia julgar-se livre de qualquer obrigação, pois que era filho do paiz, emquanto que D. Pedro era estrangeiro.

« Deve-se contar como Lima — o Judas — cumpriu e quebrou o juramento de fidelidade que prestára ao seu Imperador; como uma revolução desde o seu inicio mais razoavel que forte, mais risivel nos seus intentos de que seria nos seus procedimentos, seguidamente como uma serpente surgiu fóra de um ovo de pomba.

« Não só na Capital como tambem na provincia de Minas Geraes, o horizonte politico se havia coberto de um véo espesso. Indios, Brazileiros, Mulatos, Negros, Portuguezes, todos vião o perigo que se approximava. Só tu, Pedro, não pensavas nisto!

« Afim de aproveitar a ausencia do Imperador, com presteza e de modo decisivo, procurou-se ganhar o povo, subornando com dinheiro, o mais commum dos meios universaes, bom numero de mulatos amotinadores, que á noite gritavão pelas ruas da capital — viva a liberdade americana: — viva a republica: — Armados de cacetes e facas, muitas vezes em grupos de 30 a

50 individuos, zombando das ameaças da policia amedrontada, que ao demais recebêra ordem de não proceder com precipitação. Ninguem mais tinha a sua honra e a sua vida garantidas á noite nas ruas...

«Uma parte dos conspiradores, sem duvida a mais numerosa, era excitada pela cobiça ou pela ambição a tomar parte na conjuração, uma outra por sentimento de vingança não satisfeita e uma terceira emfim e a menor, por verdadeiro amor da patria: Na primeira destacava-se Lima, na segunda Barbacena e na ultima, seguramente a mais selecta, via-se o tão emprehendedor quão sagaz deputado Montezuma. Este homem, em tempos idos já tinha posto em jogo no interesse do Brazil seus haveres e até a sua liberdade, sem que tivesse tido com semelhante sacrificio a perspectiva de lograr outro agradecimento que o amor de seus compatriotas.

« Lima, pois, o trahidor, o dissimulado, o ardiloso hypocrita, Lima o verme que o favor de D. Pedro transformou em um monstro com dentes..... Lima o pontifice do idolo por elle mesmo creado, o bezerro com cinco pernas da antiga religião Apis, muito cedo vindo ao mundo, atraiçoou seu mestre e senhor antes do gallo ter cantado.

« Aproveitava-se a palavra patriotismo para qualquer vil interesse ou vergonhoso intento.... o mesmo homem que só agia por interesse de sua individualidade poucos mezes mais tarde ousou dizer aos seus compatriotas — o que tenho feito foi por amor de vós e da nossa patria.

« Ao envez de tanto quanto possivel concentrar no Rio os teus batalhões, mórmente os de estrangeiros, tu te deixastes induzir por Ministros e Officiaes traidores, a distribuil-os por diversas provincias do Imperio e mettestes deste modo a espada na mão de teus inimigos.

« Lima, o mesmo homem que n'outro tempo era teu favorito, é agora o verdadeiro regente do Brazil,— Lima e tua vista curta te derrubarão.»

* * *

A proposito da solução imprevista que tiverão os acontecimentos politicos do Brasil na madrugada de 7 de abril de 1831, vamos transcrever aqui algumas linhas do livro de M. A. Dumas (Histoire de la vie politique et privée de Louis Philippe — Paris — 1852).

« Les grands mouvements populaires se font par un besoin de « changement que dans leur malaise éprouvent les nations.

« Ces premiers mouvements, sont instructifs, irrésistibles, « providentiels. Mais ces mouvements, les intérêts indviduels « s'en emparent et conduisent toujours les nations au delà du « but qu'elles voulaient atteindre.

« Ainsi les Parisiens en prenent la Bastille, en 1789, ne « voulaient certes, ni l'emprisonnement, ni le procès, ni la mort « du Roi Louis XVI.

« Ainsi les Parisiens en criant Vive la Charte, en 1830, ne « voulaient ni la chute de Charles X, ni l'appel au thrône du « Duc d'Orléans.

« Ainsi, les Parisiens en criant Vive la Réforme, en « 1848, ne voulaient ni la chute du Rci Louis Philippe, ni la « République.

« Ce qu'ils voulaient en 1789, c'était une Constitution.

« Ce qu'ils voulaient en 1830, c'était le retrait des ordon- « nances.

« Ce qu'ils voulaient en 1848, c'était un changement de « ministère, c'était la réforme électorale.»

No Rio de Janeiro pequena foi a fracção das classes mais elevadas que secundou em 1831 os batalhões ahi aquartelados, os quaes se amotinarão insistindo para a reintegração de ministros demittidos, batalhões que certamente não cogitavão da possivel partida, nem da abdicação do Imperador D. Pedro I.

* * *

Eis agora um fragmento das memorias de Antonio Menezes Vasconcellos de Drummond sobre a abdicação do Imperador D. Pedro I:

« Se o Imperador Pedro I foi constrangido a abdicar, ou se foi elle mesmo quem voluntariamente e muito de proposito pro-

vocou essa abdicação, é isto o que não está bem esclarecido. Não duvido porém que possa contribuir para esse eslarecimento a revelação do seguinte facto:

« Pelo Natal de 1830, achando-me eu em Londres, fui convidado por José da Silva Carvalho para uma reunião em sua casa. Silva Carvalho achava-se então emigrado naquella capital. Alli compareci ás 8 horas da noite. A sociedade se compunha de portuguezes e hespanhóes, todos emigrados. Entre os portuguezes recordo-me de ver o padre Marcos; mas dos hespanhóes não posso lembrar-me hoje os nomes daquelles que me foram apresentados, dous dos quaes eram tratados com o titulo de generaes.

« Supponho que um delles era o general Mina.

« Ao chá; José da Silva Carvalho prevalecendo-se da amizade que nos ligava desde 1824, quando ambos nos achavamos emigrados em Londres e Pariz, disse-me que elle e seus amigos passavam a fazer-me uma revelação importante, que interessava tanto a Portugal como ao Brazil, para o triumpho da qual precisavam do meu apoio e de todos os brazileiros liberaes.

« Entrando em materia, discorreu mostrando que a causa da liberdade em Portugal estava perdida, e que sómente o Imperador do Brazil a podia salvar: que para isso era necessario que elle deixasse o Brazil para se ir pôr á testa dos negocios de Portugal. Que o Brazil ganhava em se ver livre delle, e que a causa da liberdade em Portugal ganhava tambem tendo um Principe á sua frente, optimo para uma revolução e pessimo para governar um Estado; e, finalmente, que os liberaes de Portugal depois do triumpho tambem o mandariam embora.

« Disse que elles estavam em correspondencia com o Imperador D. Pedro por intermedio de Francisco Gomes da Silva e João da Rocha Pinto, e nessa occasião apresentou uma carta do mesmo Augusto Senhor ao primeiro dirigida. Que tinha mostrado ao Imperador a facilidade com a qual S. M. podia, servido pelos liberaes, se abandonasse o Brazil, unir Portugal á Hespanha, e ser acclamado Imperador da Peninsula. Que Francisco Gomes da Silva e João da Rocha Pinto apoiavam muito este projecto, que lhes parecia muito bom; mas que o Imperador mostrava de sua

parte uma grande indecisão; ora queria, ora duvidava, e ora fazia observações, e que, para sahir quanto antes desse estado de perplexidade, convinha que os brazileiros fizessem alguma demonstração que o determinasse a tomar uma resolução repentina.

« A carta do Imperador acima referida, que eu li e reconheci a lettra e a assignatura, mostrava com effeito que o Imperador estava preoccupado e indeciso sobre o que devia fazer. Não era explicito, mas uma idéa o dominava, e era a de ser taxado de ingrato ao Brazil.

« Semelhante inesperada revelação desconcertou-me completamente. Apenas pude dizer a José da Silva Carvalho que elle escolhia muito mal os seus amigos, se me julgava capaz de trahir ao meu paiz e ao meu soberano.

« Silva Carvalho, como todos sabem, era um homem de um aspecto muito agradavel e de uma facilidade tal que tudo para elle era possivel; adquiriu por isso entre os seus o titulo de Mr. Facilité. Nada o zangava, nada o affligia. Replicou como se eu nada lhe houvesse dito seriamente. A conversação sobre este assumpto tornou-se geral e eu procurei retirar-me.

« No dia seguinte, veiu Silva Carvalho á minha casa. Nós nos tratavamos de tu e de vós. Veiu com a maior sem ceremonia possivel, que é preciso ter conhecido aquelle caracter singular para o saber avaliar, a dizer-me que participasse colhendo a corda (estas são as proprias palavras) que elle estendeu, que em pouco tempo se viriam livres delle.

« Poucos dias depois parti para Pariz sem saber o que era melhor fazer em semelhante conjunctura. Todos os calculos me sahiam errados. Se pensava em dar parte do occorrido ao ministro dos negocios estrangeiros Francisco Carneiro de Campos, vinha-me logo a idéa que este homem, sendo naturalmente fraco e pusillanime, occultaria a minha carta e ficaria contra mim por lhe haver feito semelhante revelação; se me lembrava de me dirigir directamente ao Imperador, via logo que o faria sem resultado; porque estando elle no conluio não prestaria ouvidos ás minhas razões e ficaria contra mim por eu me achar de posse do seu segredo.

« De hesitação em hesitação me demorei até os primeiros dias de fevereiro, em que parti para Hamburgo, onde assentei de escrever a José Bonifacio de Andrada, a quem a mais estreita amizade me ligava, referindo todo o occorrido.

« A minha carta chegou ás mãos daquelle illustre ancião, de saudosa memoria, depois do funesto dia 7 de abril de 18[illegible]. José Bonifacio, sendo eleito deputado por S. Paulo, nas eleições que se seguiram ao acto da abdicação, referiu na Camara, occultando o nome do autor, todo o conteúdo da minha citada carta, levando em vista mostrar que o Imperador, enganado e illudido por falsos amigos, precipitára elle mesmo um acontecimento que não podia deixar de ser deploravel para elle e para o Brazil.

« Os que assistiram á abdicação de 7 de abril e conhecem toda o enredo daquella fatal peripecia ajuntem ao que já sabem estes pormenores, que acabo de contar, e ficarão então nas circumstancias de poder julgar com acerto se o Imperador Pedro I foi constrangido a abdicar ou se foi elle mesmo que voluntariamente e muito de proposito provocou essa abdicação. »

* * *

O Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre, orador do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, fazendo o elogio do Conselheiro Manoel Antonio Galvão, assim se exprime:

« Em 22 de setembro de 1828, foi nomeado presidente das Alagôas, e dahi removido para o Espirito Santo, e depois nomeado para a provincia de Minas Geraes, onde tomou posse a 3 de fevereiro de 1831. No meio desta viagem foi alcançado pelo Sr. D. Pedro I; que ahi na estrada lhe fez confidencia da resolução de abdicar a corôa logo que voltasse á Capital, e do que lhe ficou muito agradecido, porque prevenido dest'arte já podia guiar os seus e os negocios da provincia. A 2 de abril do mesmo anno foi nomeado presidente da Provincia de S. Pedro, e tomou a posse a 11 de julho, e em 1833 foi chamado á côrte. » (P. 540. Rev. do Inst. Hist. Geog. Braz. T. XV.)

* * *

Ponderou D. Marcos, Arcebispo eleito de Lacedemonia:

« Parece que o Sr. D. Pedro não queria o poder senão para ter o raro, mas para S. M. I. muito doce prazer de o abdicar em seus filhos.

« A mesma generosidade com que abdicára a Coroa de Portugal sem prover a sua sustentação e dos Principes seus filhos, sem prevenção para acontecimentos que não erão senão muito possiveis, com a mesma generosidade, desinteresse, abdica a Coroa do Brazil. Nunca existiu um Principe que tivesse tão illimitada confiança na generosidade e bom senso dos povos. S. M. I. sahe do Brazil com a Rainha, com sua Augusta e Virtuosa Esposa e com poucos criados fieis, que se offerecem a acompanhal-o.

« O mesmo homem, o mesmo philosopho no Throno e na vida privada, S. M. I. faz as delicias de todos que têm a fortuna de vel-o e tratal-o. A restituição do Throno á Rainha, a Liberdade dos Portuguezes, a salvação da Patria em que nascêra, são estas as ideias que occupavam a imaginação do Heróe, sem todavia tomar uma resolução definitiva ácerca da maneira de intentar e poder levar ao fim esta nobre e gigantesca empreza. »

A respeito da abdicação, Joaquim Pinto de Campos fez ainda as seguintes ponderações:

« Esperava (D. Pedro) que o paiz, tanto seu devedor, respeitaria o deposito precioso que lhe deixava, e partiu para em longes terras ir ainda pugnar e morrer pela lei e pela liberdade. Partia, em dias máos: houve quem entendesse então que os symbolos da realeza deviam espedaçar-se para lhes aproveitar o ouro e os brilhantes (pois foi em alto logar objecto de discussão, se essas joias não deviam antes ser applicadas para as urgencias do Estado!)

« Essa abdicação espontanea teve ainda a vantagem de arrancar o Brazil ao stygma de revolucionario. Foi a corôa devolvida na ordem da succeseão, segundo o direito fundamental, e por acto legal e voluntario do Imperante; não houve combate, sangue, nem resistencia (o Imperador não abafou o movimento de 7 de abril por não querer derramar sangue brazileiro e muitas provas poderiamos adduzir — dizia em 1862 Joaquim Pinto de Campos) nas instituições não se deu modificação e des-

apparece a idéa de coacção, desde que se vê esse Imperante declarar (e com todo o fundamento) ter assim obrado *porque lhe aprouve*. Por tal fórma terminou a sua historia no Brazil aquelle que, como homem commetteu erros, mas como Bemfeitor desta Nação, lhe merece perennaes testemunhos de reconhecimento.»

« Era noite, relata Joaquim Pinto de Campos, quando D. Pedro o Grande resolveu transportar-se para bordo da náo ingleza que o devia levar á Europa. Dirigiu-se primeiro ao aposento do filho, da innocente criança a quem o rigor da sorte punia com tão prematura elevação. A criança dormia. Não quiz seu pai que a acordassem.

« Ficou alguns minutos contemplando-o mudo. O que em taes circumstancias tumultaria no espirito, o embate dos sentimentos de affecto, de piedade, de terror, de esperança, de saudade, não é dado á penna descrevel-o. Era a immensa alma de D. Pedro absorpta ; quem poderia pintar, imaginar mesmo o que lhe iria lá dentro?

« Afinal arrancou-se e partiu. Com o ultimo osculo paterno, tinha o heróe depositado sobre aquelle travesseiro infantil, corôa.... que mais promettia espinhos do que rosas.

« Desde esse dia, inscreveu o Brazil no catalogo dos seus monarchas o nome do Sr. D. Pedro II como segundo Imperador.»

«Este Imperador de cinco annos, dizia o *Jornal do Brazil* em 6 de dezembro de 1891, herdava um imperio immenso e responsabilidades quasi tão grandes.

« A nação estava constituida, mas ainda não pacificada.

« As rivalidades entre brazileiros natos e brazileiros adoptivos, as lutas apaixonadas dos partidos, exaltados até certo ponto por D. Pedro I, que tinha em coragem impetuosa o que lhe faltava em vontade tenaz; o descontentamento que lavrava nas provincias, fóra do alcance de providencias immediatas, a carencia de verdadeiro espirito publico, de tradições administrativas, de educação politica, creavam uma situação difficilima para o governo que se iniciava sob o nome dessa criança, ao peso de uma corôa que a sedição arrancára da cabeça de seu pai ».

* *

Referindo-se á abdicação, disse J. M. Pereira da Silva (Segundo Periodo do Reinado de Dom Pedro no Brazil — Rio de Janeiro — B. L. Garnier — 69 rua do Ouvidor — 1871):

« Espalhada nos paços a noticia do acto do Imperador, ouviram-se gritos e prantos dos criados. »

O Sr. D. Pedro I havia grangeado immensas e profundas amizades; os descendentes da Sra. D. Marianna, da ama Catharina e de outros guardão piedosamente a lembrança da benevolencia de Sua Magestade para com a gente de sua casa.

Conta pessoa fidedignissima, que quando S. M. sahiu da Quinta de São Christovão, na madrugada do dia 7 de abril de 1831, uma das Damas do Paço, cujo nome esqueceu-se, atirou-se aos pés do ex-Imperador, dizendo-lhe: « Meu Senhor, como havemos de viver sem Vossa Magestade? Sou velha e não poderei supportar tamanha desgraça. » Effectivamente assim succedeu, pois no outro dia adoeceu e pouco depois expirou.

S. M. o Sr. D. Pedro I retirava-se do Brazil certo de que a Exma Sra. D. Marianna seria uma verdadeira mãi para a criança Imperador — S. M. o S. D. Pedro II.

As jovens Princezas, irmãs do Imperador, nada sabendo sobre a partida do Augusto Pai, pela manhã de 7 de abril de 1831 forão ouvir missa com seu Augusto Irmão na Capella do Paço da Boa Vista em S. Christovão; mas, estranhando a commoção do capellão, que desandou n'um grande pranto no meio do acto que celebrava, e se achando ellas já impressionadas com as physionomias tristes de todos os assistentes, perguntarão á Dona Maria Antonia de Verna Magalhães qual era o motivo do pranto do capellão.

Foi-lhes respondido — como evasiva para não se entrar em maiores explicações n'aquelle momento — que era por causa do fallecimento da mãi de uma senhora com serviço no Paço e que na verdade dias antes entregára sua alma ao Creador, então Suas Altezas exclamarão:

« Como elle estimava a mãi das Pintos? »

Ignora-se como foi explicada ás Princezas o que havia occorrido. Quanto ao Imperador, que nem tinha seis annos de idade, é provavel que pouco estranhasse, continuando elle a re-

ceber os carinhos e cuidados de quem se habituára a recebel-os desde que entrára no mundo. — a Sra. D. Marianna.

Francisco Augusto Pereira da Costa, no seu Diccionario Biographico dos Pernambucanos Celebres, escreveu, porém, a missão que coube a Bernardo José da Gama, Visconde de Goyanna, nestes termos:

« Nomeado Presidente da Provincia do Pará em 1830, teve de retardar a sua partida; mas depois dos acontecimentos de 13 e 14 de março de 1831, conhecidos na historia por *Noites das Garrafadas*, em que na cidade do Rio de Janeiro muitos portuguezes revoltantemente insultaram a nacionalidade brazileira, D. Pedro I chamou ao ministerio homens que não eram chefes do partido liberal, que não sahiam da Camara para o Governo, mas que ao menos podiam merecer confiança dos liberaes e dos brasileiros em geral e Bernardo José da Gama foi incumbido da pasta dos negocios do Imperio.

« Organisado o ministerio em 20 de março, a 5 de abril já era substituido por outro de manifesto caracter da reacção anti-liberal. Rompeu então, no dia seguinte tremenda revolução, Bernardo José da Gama recebe um decreto que o nomeava para o mesmo ministerio a requerimento do povo; na madrugada de 7 D. Pedro I abdica a corôa, nesse mesmo dia foi nomeada a regencia provisoria e os membros do ministerio decahido voltaram de novo ao Governo. Bernardo José da Gama protestou então que se achava coacto pela ameaça de ser havido por traidor se não condescendesse com o enthusiasmo e vontade popular, e que supportaria o sacrificio sómente para soccorrer a infancia de D. Pedro II, qne se achava desamparado de seu pai e forçosamente entregue á generosidade dos brasileiros; mas, que apenas as tropas depuzessem as armas, no mesmo instante deixaria o cargo.

« Bernardo José da Gama, dirigindo-se para S. Christovão a dar as necessarias ordens para ser respeitado e acatado o paço Imperial, teve então occasião de exercer as funcções de tutor interino do joven monarcha e de suas irmãs, e foi o primeiro brasileiro que prestou-lhes as primeiras consolações pela ausencia de seu pai, e no acto da acclamação e reconhecimento do Sr. D. Pedro II, tenra criança de pouco mais de cinco annos, foi

elle quem o suspendeu em seus braços durante esse tocante e solemne acto. Serenados os animos, dispersas as tropas, e conseguindo o fim que o tinha levado ao ministerio, Bernardo José da Gama deu a sua demissão, e eleita em 17 de junho pela Assembléa Geral a regencia permanente, organisou-se então o novo ministerio.»

* * *

SENADO

SESSÃO DO DIA 7 DE ABRIL DE 1831

Abdicação

« Aos sete dias do mez de abril de 1831, pelas dez horas e meia, reunidos 26 Srs. senadores, e 36 Srs. deputados no paço do Senado, foram eleitos por acclamação para presidente da sessão o Sr. Marquez de Caravellas, e para secretario Luiz Cavalcanti.

« Depois de fallarem alguns Srs., foi introduzido na sala o Sr. brigadeiro commandante das armas Francisco de Lima e Silva, que entregou ao Sr. presidente o seguinte acto de abdicação:— « Usando do direito que a constituição me concede, declaro, que hei muito voluntariamente abdicado na pessoa de meu muito amado e prezado filho o Sr. D. Pedro de Alcantara. Boa-Vista, sete de abril de mil oitocentos e trinta um, decimo da independencia e do Imperio:— (Assignado) Pedro.»

« Retirou-se o Sr. general acompanhado da mesma deputação de tres membros, que o tinha introduzido.

« Tendo fallado alguns Srs., apoiou-se a seguinte indicação do Sr. Borges: 1.º Se devemos nomear já uma regencia provisoria para se lhe confiar o governo do Imperio; 2.º De quantos membros deve ser composta esta regencia; 3.º Se devemos confiar a escolha a uma commissão para apresentar candidatos ao senso da camara, ou se nomeada directamente pela Assembléa, deve ser por escrutinio secreto.— José Ignacio Borges.

« Foram approvados os arts. 1º e 2º, e a 2ª parte do 3º artigo.

« A requerimento do Sr. Vergueiro poz o Sr. presidente a votos: 1° Se deveria exigir-se maioria absoluta? Venceu-se que sim; 2.° Se deveria eleger-se um por cada escrutinio? venceu-se que sim.

« Procedendo-se á eleição, obtiveram o Sr. Marquez de Caravellas 22 votos e o Sr. Vergueiro 14; e entrando-se em segundo escrutinio sahiu eleito o Sr. Marquez de Caravellas com 40 votos.

« Procedendo-se á eleição do outro membro, tiveram maioria relativa os Srs. Vergueiro com 19 votos e o Sr. Almeida e Albuquerque com 7 votos; os quaes entrando em segundo escrutinio, sahiu eleito o Sr. Vergueiro com a maioria absoluta de trinta votos contra vinte e nove.

« Procedendo-se á eleição do outro membro, obtiveram maioria relativa os Srs. Almeida e Albuquerque com 17 votos, e o Sr. Francisco de Lima e Silva com 16 votos; os quaes entraram em 2° escrutinio, e ficou eleito o Sr. Francisco de Lima e Silva com a maioria absoluta de 35 votos.

« O Sr. Marquez de Caravellas, por estar eleito membro da regencia provisoria, foi convidado a deixar a presidencia desta sessão, que ficou occupada pelo Sr. Bispo Capellão-Mór, para isso nomeado por acclamação.

« Foi introduzido na sala por uma deputação de tres membros o Sr. Francisco de Lima e Silva, eleito membro da regencia provisoria, e tomou assento á direita do Sr. Presidente; e igualmente o tomaram no mesmo lugar os Srs. Marquez de Caravellas e Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro.

« Então os sobreditos tres Srs. membros da regencia provisoria, prestaram nas mãos do Sr. presidente o seguinte juramento, que assignaram:

« Juro manter a religião catholica apostolica romana, a integridade, e indivisibilidade do Imperio, observar, e fazer observar a constituição politica da nação brazieira, e mais leis do Imperio, e prover ao bem geral do Brazil, quanto em mim couber. Juro fidelidade ao Imperador o Sr. D. Pedro II, e entregar o governo á regencia permanente, logo que for nomeada pela Assémbléa geral ».

« O Sr. Presidente proclamou os membros da regencia dentro e fóra da sessão.

« A requerimento do Sr. Carneiro da Cunha, propôz o Sr. presidente, se a Assembléa devia nomear uma commissão para redigir uma proclamação? Venceu-se que sim e que fosse de tres membros nomeados pelo Sr. presidente.

« Foram nomeados para essa Commisão os Srs. Carneiro de Campos, Araujo Lima, e Luiz Calvacanti.

« A requerimento do Sr. Carneiro de Campos, decidiu a Camara que se ajuntassem á commissão os Srs. Ferreira da Veiga, Castro Alvares e Carneiro da Cunha.

« O Sr. presidente com accordo da Assembléa declarou que no dia 8 do corrente mez haverá sessão, pelas dez horas da manhã, para se discutir o projecto da proclamação que a commissão âpresentar.

« Levantou-se a sessão ás duas e meia horas da tarde ».

« O governo regencial provisorio installou-se immediatamente e no intuito de socegar o espirito publico confiou as diversas pastas ministeriaes ás mesmas personagens antes demittidas pelo Imperador.»

* * *

Tomamos emprestado ao *Jornal do Commercio* de 8 de abril de 1898 o que segue:

« *O Jornal do Commercio* do dia 8 de Abril de 1831 limita-se a publicar o decreto de abdicação e, em 14 linhas, dá a noticia da eleição da Regencia provisoria, para que obtiverão votos:

Marquez de Caravellas. 40
Francisco de Lima e Silva. 35
N. P. C. Vergueiro 30

« — No dia 10 o *Jornal* publicou a Ordem Addicional á do dia 8, do « Commandante interino das Armas da Côrte e Provincia do Rio de Janeiro.»

« Aqui transcrevemos este documento:

« Ordem Addicional ao dia 8 de Abril de 1831.

« — Tendo eu sido nomeado commandante interino das Armas desta Côrte e provincia, pela regencia provisoria, em nome do Imperador, cumpre-me primeiro que tudo agradecer desde já á briosa tropa, e mais honrados cidadãos desta capital o patriotismo e bravura com que, correndo ao campo da honra, e empunhárão as armas para defender a patria ultrajada e o decoro nacional offendido.

« Sim, amados concidadãos, a patria está livre e vós cobertos de louros, vossos nomes vão apparecer com admiração na historia imparcial das nações e ficarão registrados até a mais remota posteridade no archivo da patria. Vossos filhos, vossos netos vos abençoarão, dizendo aos seus contemporaneos cheios de ufania, — nossos pais estiverão no campo da honra no dia 7 de Abril, e se nós gozamos hoje liberdade real, verdadeira independencia e Constituição, de facto a elles o devemos, é herança sua; vosso nobre comportamento, vossa prudencia e coragem, em tão heroica resolução, farão a admiração de vossos concidadãos e o pasmo dos estranhos; e talvez que a França, a nossa mestra da liberdade, tenha que invejar em seus discipulos uma gloria que ainda não teve nas épocas memoraveis da sua regeneração.

« Desappareceu finalmente para sempre o monstruoso despotismo e raiou tambem para nós a aurora da liberdade. Abracemo-nos, portanto, com a Constituição, identifiquemo-nos com ella, seja inseparavel dos nossos corações e emquanto tivermos vida, ninguem mais se atreva a tocar-lhe nem levemente. Complete-se, emfim, a nossa grande obra, sem que se offusque a gloria adquirida. Sejamos cidadãos amigos da ordem, obedientes às leis, respeitadores das autoridades constituidas, e desprezando motivos particulares, seja o nosso Norte — o bem da Patria a conservação da liberdade. (Assignado) — *José Joaquim de Lima e Silva*. Está conforme, — *Francisco de Paula Souza Motta*, secretario do commando das armas.»

« — No dia 11 o *Jornal* annuncia a publicação de um folheto, — já em 2ª edição, — de uma *Breve Noticia sobre a Revolução do Memoravel dia 7 de Abril de* 1831, por J. C. M., impresso na propria typographia do *Jornal*; e tambem publica a *proclamação* que os representantes da nação dirigirão « ao povo do Brazil, mo-

tivando a causa da gloriosa Revolução operada no Governo do Brazil no dia 7 de Abril de 1831 ».

« Eis este documento curioso:

« Proclamação dos Representantes da Nação Brazileira dirigida ao Povo do Brazil, motivando a causa da Gloriosa Revolução operada no Governo do Brazil no dia 7 de abril de 1831.

« Brazileiros!

« Um acontecimento extraordinario veio sorprender todos os calculos da humana prudencia; uma revolução gloriosa foi operada pelos esforços e patriotica união do povo e tropa do Rio de Janeiro, sem que fosse derramada uma só gotta de sangue: successo ainda não visto até hoje, e que deve honrar a vossa moderação, energia e o estado de civilisação a que haveis chegado.

« Brazileiros! Um principe mal aconselhado, trazido do principio das paixões violentas, e desgraçados prejuizos anti-nacionaes, cedeu á força da opinião publica, tão briosamente declarada; e reconheceu que não podia ser mais o Imperador dos Brazileiros. A audacia de um partido que todo se apoiava no seu nome, os ultrages que soffremos de uma facção sempre adversa ao Brazil; a traição com que forão repentinamente elevados ao Ministerio homens impopulares, e tidos como hostis á liberdade, nos poz as armas na mão. O genio tutelar do Brazil, a espontaneidade com que a força armada e o povo correu á voz a patria opprimida, tirárão aos nossos inimigos o conselho, e a coragem; elles desmaiárão, e a luta foi decidida, sem que se nos tornasse mister tingir as armas no sangue dos homens.

« D. Pedro I abdicou em seu filho, hoje o Senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional do Brazil.

« Privados por algumas horas de governo, que fizesse mover regularmente as molas da Administração Publica, o primeiro cuidado de vossos representantes, membros de uma e outra Camara, reunidos, foi o de nomear uma regencia provisional com as attribuições que pela Constituição lhe são marcadas.

« Esta regencia, cuja autoridade durará só pelo tempo que decorrer até á reunião da Assembléa Geral, para a installação da qual não ha ainda o numero sufficiente, era quanto antes recla-

mada pelo imperio das circumstancias, e não podia estar sujeita ás condições do artigo 124 da lei fundamental do Estado, porque deixara de haver ministerio e impossivel era satisfazer portanto ás clausulas requeridas neste artigo.

« As pessoas nomeadas para tão importante cargo têm a vossa confiança ; patriotas sem nodoa, elles são amigos ardentes da nossa liberdade, não consentirão que esta padeça a menor quebra, nem hão de transigir com as facções que offenderão a patria.

« Concidadãos ! Descansai em seus cuidados, e zelo ; mas por isso não afrouxeis em vossa vigilancia, e nobres esforços. O patriotismo, a energia sabem alliar-se facilmente com a moderação, quando um povo chega a ter tantas virtudes como as haveis mostrado nesta formidavel empreza. Corajosos em repellir a tyrannia, em sacudir o jugo que a traição mais negra vos pretendia lançar, mostraste-vos generosos depois da victoria e os vossos adversarios tiverão de empallidecer a um tempo de temor e de vergonha.

« Brazileiros ! A vossa conducta tem sido superior a todo o elogio ; essa facção detestavel que ousou insultar-nos em nossos lares veja na moderação, que guardamos depois da victoria mais uma prova da nossa força. Os Brazileiros adoptivos que se tem querido desvairar com suggestões perfidas reconheção que não ha sêde de vingança, sim o amor á liberdade quem nos armou ; convenção-se de que o seu repouso pessoal, propriedades, tudo será respeitado, uma vez que obedeção ás leis da nação magnanima a que pertencemos. Os Brazileiros abominão a tyrannia, tem horror ao jugo estrangeiro ; mas não é de sua instrucção fazer pesar mão de ferro sobre os vencidos, valer-se do triumpho para satisfazer paixões rancorosas. Têm muita nobreza d'alma para que isso possa receiar-se delles.

« Quanto aos traidores que possão apparecer no meio de nós a justiça, a lei, e sómente ellas, devem punil-os segundo os seus crimes.

« Pouco falta para que se preencha o numero dos representantes da nação requerido, afim de que se forme a assembléa geral. E' della que deveis esperar as medidas mais energicas

que a patria tão instantemente reclama. Os vossos delegados não deixarão em esquecimento os vossos interesses, bem como a vós esta terra lhes é cara. Este Brazil, até hoje tão opprimido, tão humilhado por ingratos, é objecto do vosso e do seu enthusiasmo. Não soffrerão aquelles que o Brazil elegeu por livre escolha que a sua gloria, o seu melindre, passe pelo minimo pezar. Do dia 7 de Abril de 1831 começou a nossa existencia nacional: o Brazil será dos brazileiros e livre.

« Concidadãos : Já temos patria, temos um monarcha symbolo da vossa união e da integridade do imperio, que educado entre nós receba quasi no berço as primeiras lições da liberdade americana e aprenda a amar o Brazil que o vio nascer ; o funebre prospecto da anarchia e da dissolução das provincias, que se apresentava aos nossos olhos, desappareceu de um golpe e foi substituido por scena mais risonha. Tudo, tudo se deve á vossa resolução e patriotismo, e á coragem invencivel do exercito brazileiro, que desmentio os sonhos insensatos da tyrannia. Cumpre que uma victoria tão bella não seja maculada ; que prosigais em mostrar-vos dignos de vós mesmos, dignos da liberdade, que rejeita todos os excessos e a quem só aprazem as paixões elevadas e nobres.

« Brazileiros ! Já não devemos corar deste nome: a independencia de nossa patria, e as suas leis vão ser desde este dia uma realidade. O maior obstaculo que a isso se oppunha, retira-se do meio de nós ; sahirá de um paiz onde deixava o flagello da guerra civil, em troca de um throno que lhe demos. Tudo agora depende de nós mesmos, da nossa prudencia, moderação e energia ; continuemos como principiámos e seremos apontados com admiração entre as nações mais cultas — Viva a Nação Brazileira. Viva a Constituição ! Viva o Imperador Constitucional o Senhor D. Pedro II. — *Bispo Capellão Mór*, presidente.— *L. Freire de Paula Cavalcanti de Albuquerque*, secretario.»

*
* *

« — O *Jornal* do dia 12, além de um decreto, concedeu perdão a todos os accusados de crimes politicos e aos réos militares do

crime de deserção, publica uma nota collectiva dos Ministros do Papa, Russia, Portugal, França, Inglaterra, Paizes-Baixos, Austria, Dinamarca, Suecia e Prussia, que tinhão acompanhado o ex-Imperador a bordo da náo ingleza *Warspite*, pedindo garantias para seus respectivos compatriotas, segundo lhes é outorgado pelo direito das gentes.

« A Regencia, pela Repartição dos Negocios Estrangeiros, respondeu patrioticamente ás intimações desses medrosos diplomatas.

« Repartição dos Negocios Estrangeiros.— O abaixo assignado, Ministro e Secretario dos Negocios Estrangeiros, e por nomeação da Regencia Provisoria, em nome do Imperador, recebeu as duas notas, que dirigirão na data de hontem pelas quatro horas e meia da tarde, de bordo da náo *Warspite* S. Ex. o Sr. Nuncio Apostolico e mais Srs. do Corpo Diplomatico nellas assignados, chamando em uma a mais seria attenção do governo imperial sobre a situação dos seus compatriotas, a favor dos quaes reclamavão o gozo mais explicito dos direitos das gentes, que lhes concedem os tratados e os usos recebidos entre todas as nações cultas, e desejando saber da outra nota, se os commandantes dos navios de guerra estrangeiros surtos neste porto podem autorizar os capitães das embarcações mercantes a receber a seu bordo aquellas pessoas das suas nações, que alli queirão buscar um asylo.

« O abaixo assignado, antes de responder ao conteúdo daquellas duas notas, julga de seu dever desde já communicar ao Sr. Nuncio Apostolico, e aos mais Srs. do Corpo Diplomatico que logo que se publicou o decreto da Abdicação, que sua Magestade o Sr. D. Pedro I fez em seu augusto filho o Principe Imperial, os Representantes da Nação Brazileira, que se achavão nesta côrte, cuidadosos em manter a tranquillidade publica, e em prover de prompto e efficaz remedio ao governo deste imperio, como imperiosamente reclamava a crise do momento, se reunirão extraordinariamente no Paço do Senado, e alli tratarão logo de nomear uma regencia provisoria em nome do imperador, sendo eleitos para ella os Srs. Senadores Marquez de Caravellas, Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, e o General Francisco de Lima e

Silva. Esta eleição foi recebida, tanto pelo povo, como pela tropa, com o maior enthusiasmo, conservando-se na cidade todo o socego, sem que tenha havido até agora uma unica desordem.

« Passando agora o abaixo assignado ao assumpto das notas de S. Ex. o Sr. Nuncio e mais senhores do Corpo Diplomatico, tem o prazer de poder assegurar-lhes, que o Governo Imperial, nada desejando tanto, como conservar intactas as relações da boa intelligencia e harmonia em todas as nações amigas, empregará todos os seus esforços e desvelos para que sejão respeitados, como cumpre, não só os agentes diplomaticos e consulares, mas tambem os respectivos subditos de suas nações.

« A' vista da declaração official, espera o abaixo assignado que o Sr. Nuncio e mais senhores do Corpo Diplomatico ficarão tão completamente satisfeitos, que até não julgarão mais precisa a medida, que apontão na sua outra nota, a qual comtudo o Governo Imperial não impedirá, esperando que ella não tenha logar, e que as pessoas, que porventura se tenhão recolhido ás mencionadas embarcações, venhão sem receio para terra.

« Este seria um meio de se evitarem suspeitas e de se não augmentarem as desconfianças, que facilmente apparecem em semelhantes occasiões. Tanto mais que a Nação Brazileira tendo sempre ostentado um caracter docil e pacifico acaba agora mesmo de provar, nos memoraveis successos dos dias 6 e 7 do corrente, que ella não sabe commutar actos, que sejão em desabono dos seus nobres e briosos sentimentos, os quaes, a par das medidas energicas do Governo, devem inspirar toda a confiança.

« O abaixo assignado offerece a S. Ex. o Sr. Nuncio e aos mais senhores do Corpo Diplomatico as expressões de sua perfeita estima e distincta consideração.

« Palacio do Rio de Janeiro, em 8 de abril de 1831.— *Francisco Carneiro de Campos*.»

* * *

O governo regencial, a 9 de abril de 1831, fez com que o Imperador fosse trazido ao Paço da Cidade para ser mostrado ao Povo, afim de lhe satisfazer a anciedade.

O joven monarcha e suas augustas Irmãs vierão da Quinta da Boa Vista, sendo sua Magestade acompanhado pela sua distincta mai de criação a Exma. Sra. D. Marianna Carlota de Verna Magalhães Coutinho, e não a Viscondensa do Rio Secco, como disse J. B. Debret (Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou séjour d'un artiste français au Brésil 1816 — 1831 — 3 vol.— Paris — 1834 — 1839), talvez porque fazia parte da Imperial comitiva.

Ao passar pelo Campo de Santa Anna ou Campo da Aclamação, foi reconhecido o Imperador, e o Povo, no meio das acclamações e geral enthusiasmo, procurou soltar os animaes para em logar d'elles puxar a carruagem ; mas D. Marianna conseguio demolvel-o d'este intento e, pondo a augusta criança no collo, lhe dizia constantemente: « Imperador, comprimente ; comprimente, Imperador » para que S. M. correspondesse ás manifestações de alto apreço que provocava a sua presença.

Relatou Silverio Candido de Faria que « Tendo toda a Tropa e Corpo de Paisanos formado alas desde o Campo da Honra até á Capella Imperial, ao passar S. M. pelas alas, estas reunirão-se e marcharão após o coche, o qual da rua dos Ciganos até a Capella Imperial foi puxado pelo povo. Chegando S. M. á Capella foi recebido debaixo do Pallio, carregado pelos grandes do Imperio e ahi assistio ao solemne *Te-Deum*, que a Regencia ordenára por tão feliz successo. Findo o *Te-Deum*, o Imperador retirou-se ao Palacio da cidade, onde deve residir e suas augustas Irmãs, e a Tropa e Corpos de Paisanos tornarão a tomar sua Posição no Campo da Honra. »

Antes do regresso da Tropa e dos Corpos de Paisanos para o Campo S. M. I. recebeu no Paço da cidade os cumprimentos do Corpo Diplomatico.

Constando á Sra. D. Marianna que havia quem pretendesse roubar a pessoa do Imperador, chegada a noite de 9 para 10 de abril de 1831, no Paço da cidade, ella fez recolher seu augusto pupillo com a maior apprehensão e resolvida a não se deitar, assim como as Damas D. Maria Antonia, as açafatas D. Marianna Augusta Pinto Ribeiro, D. Joaquina Severiana Pinto Ribeiro e a retreta D. Maria Angelina Beltrão.

Effectivamente, fez-se ouvir certo ruido por volta de uma hora e adiantando-se D. Marianna para descobrir a verdade, com grande espanto seu, ella vio, Pedro Patarra, reposteiro de numero desde 1830, dirigir-se a uma das portas do palacio para sem duvida dar ingresso aos malevolos, quando pelo contrario, zeloso, como era, estava rondando no intuito de verificar se tudo estava bem fechado. Pedro Patarra recebia mensalmente 10$000 em 1833 e 13$000 em 1837.

***

A 11 de abril foi feita a Proclamação dos Representantes da Nação motivando a causa da Revolução de 7 de abril e no dia 13 foi feita a Proclamação da Regencia Provisoria, que havia constituido seu ministerio com cinco membros já no dia 8.

A Regencia interina (composta dos Srs Marquez de Caravellas, Vergueiro e Lima e Silva, deu publicidade ás derradeiras disposições do Sr. D. Pedro I, entre ás quaes a nomeação ja transcripta do Conselheiro José Bonifacio para tutor do joven Monarcha e suas Augusta Irmãs: vamos aqui tambem registrar a Mensagem dirigida á Assembléa Geral e a Carta de despedida aos amigos; documentos que, no dizer de Joaquim Pinto de Campos, merecem ser gravados em lettras de ouro, pela magnanimidade com que em occasião semelhante foram escriptos.

Mensagem

« Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação.— Participo-vos, Senhores, que no dia seis do corrente abril, usando do direito que a Constituição me concede, no capitulo V art. 130, nomeei tutor de meus amados filhos ao muito *probo, honrado, e pratriotico* cidadão, o meu verdadeiro amigo José Bonifacio de Andrada e Silva.

« Não vos hei, Senhores, feito esta participação, logo que a Augusta Assembléa Geral principiou seus importantissimos trabalhos, porque era mister que o meu amigo fosse primeiramente

consultado, e que me respondesse favoravelmente, como acaba de fazer, dando-me deste modo mais uma prova de sua amizade: resta me agorá como pai, como amigo da minha Patria adoptiva e de todos os Brazileiros, por cujo amor abdiquei duas corôas *para sempre*, uma offerecida e outra herdada, pedir á Augusta Assembléa Geral que se digne confirmar esta minha nomeação.

« Eu assim o espero, confiado nos serviços, que de todo o meu coração fiz ao Brazil, e em que a Augusta Assembléa Geral não deixará de querer alliviar-me desta maneira um pouco as saudades, que me atormentam, motivadas pela separação de meus *caros filhos* e da *Patria, que adoro.*

« Bordo da Náu ingleza *Warspite*, surta neste porto, aos oito de abril de 1831, decimo da Independencia e do Imperio. — Pedro.— »

Carta aos amigos

« Não sendo possivel dirigir-me a cada um dos meus verdadeiros amigos em particular, para me despedir, e lhes agradecer ao mesmo tempo os obsequios que me fizeram; e outrosim para lhes pedir perdão de alguma offensa, que de mim possam ter ficando, certos de que, se em alguma cousa os aggravei, foi sem a menor intenção de offendel-os, faço esta carta para que, impressa, eu possa deste modo alcançar o fim a que me proponho.

« Eu me retiro para a Europa, saudoso da Patria, dos filhos e de todos os meus verdadeiros amigos. Deixar objectos tão caros é summamente sensivel, ainda ao coração o mais duro; mas deixal-os para sustentar a honra, não póde haver maior gloria. Adeus Patria, adeus amigos e adeus para sempre!

« Bordo da náo ingleza *Warspite* 12 de abril de 1831.— D. PEDRO DE ALCANTARA DE BRAGANÇA E BOURBON. »

« Nos dias immediatos ao em que o Sr. D. Pedro se recolheu a bordo da náo ingleza, recebeu valiosissimos offerecimentos de algumas das mais leaes espadas. S. M., agradecendo, pediu a todos que as reservassem para a defesa do throno de seu filho accrescentando esta phrase: « *Desde que livremente abdiquei,*

o desembainhar a minha espada já não seria acto de rei, mas sim de rebelde. »

« Foram no dia 9 contar a D. Pedro o que nessa manhã se havia passado, quando o mesmo Imperador fôra assistir ao *Te-Deum* na Imperial Capella que ondas de povo se haviam reunido para o verem passar; que apenas despontou elle em um coche puchado por innumeraveis braços, rebentou immensidade de vivas; que todos se abraçavam e congratulavam; que após os juizes de paz, que iam a cavallo, com as bandeiras verdes desenroladas, seguiam mais de 500 cidadãos com os braços entrelaçados e vozeando, etc. Então o Sr. D. Pedro, recostando a cabeça á destra, fitos os olhos na outr'ora tão fiel cidade, deixou deslisar uma lagrima e disse pausadamente: « *Pedaços d'alma! Patria! Filhos! Pouco ha que iguaes vivas retumbaram em honra minha; oh! eu fui objecto de iguaes manifestações... E hoje!.., Possa a fortuna ser mais fiel a meu filho! Possa o seu coração nunca ser dilacerado como este que tanto amou os proprios que o desconhecem* ».

« E entrando em suas meditações, ninguem então ousou responder-lhe, nem consolal-o».

*
* *

O Sr. D. Pedro II, que parece ter começado a ler e escrever em idade muito tenra, uns dias após a sahida do Paço que fôra de D. Pedro I, contando então cinco annos, quatro e meio mezes, traçou com auxilio de sua mãi de criação, D. Marianna, algumas linhas para o seu Augusto Pai, que lhe respondeu á 12 de abril de 1831 de bordo da náu ingleza onde tinha-se recolhido:

«Meu querido filho e meu Imperador — Muito lhe agradeço a carta que me escreveu, mal a pude ler, porque as lagrimas eram tantas, que me impediram o ver; agora, que me acho, apezar de tudo, um pouco mais descançado, faço esta para lhe agradecer a sua e certificar-lhe que, emquanto vida tiver, as saudades jámais se extinguirão em meu dilacerado coração.

«Deixar filho, patria e amigos, não póde haver maior sacrificio, mas levar a honra illibada não pode haver maior gloria.— Lembre-se sempre de seu pai, ame a sua e minha patria, siga os conselhos que lhe derem aquelles que cuidarem da sua educação e conte que o mundo o ha de admirar, e que eu me hei do encher de ufania por ter um filho digno da patria. Eu me retiro para a Europa ; assim é necessario, para que o Brazil socegue, o que Deus permitta, e possa para o futuro chegar áquelle gráo de prosperidade de que é capaz. Adeus, meu amado filho, receba a benção de seu pai, que se retira saudoso e sem mais esperança de o ver. — D. Pedro de Alcantara, Bordo da Náu *Warspite*, 12 de abril de 1831.»

A Imperatriz D. Amelia escreveu tambem ao seu Augusto enteado. A longa carta de Sua Magestade é um primor no fundo como na fórma, cheia de tocante sentimentalismo e comprovando um amor que não seria maior n'uma verdadeira mãi. Eil-a:

« *Adeus menino querido, delicias de minha alma, alegria dos meus olhos, filho que meu coração tinha adoptado ! adeus para sempre ! adeus !*

« *O quanto és formoso n'este teu repouso. Meus olhos chorosos não se podem fartar de te comtemplar ! a magestade de uma corôa, a debilidade da infancia, a innocencia dos anjos, cinjem tua engraçadissima fronte de hum resplandor mysterioso que fascina a mente.*

« *Eis o espectaculo mais tocante que a terra póde offerecer. Quanta grandeza, quanta fraqueza a humanidade encerra representadas por uma criança ! Huma corôa e hum brinco, hum throno e hum berço !*

« *A purpura ainda não serve senão para estôfo, e aquelle que commanda exercitos e rege um Imperio, carece de todos os desvelos de uma mãi.*

« *Ah ! querido menino, se eu fosse tua verdadeira mãi, se minhas entranhas te tivessem concebido, nenhum poder valeria para me separar de ti ! nenhuma força te arrancaria dos meus braços. Prostrada aos pés d'aquelles mesmos que abandonarão meu esposo, eu lhes diria entre lagrimas ! ! não vêde mais em mim a Imperatriz — mas uma mãi desesperada. Permitti que eu vi-*

gie nosso thesouro. Vós o quereis seguro e bem tratado; e quem o haveria de guardar e cuidar com maior devoção? Se não posso ficar a titulo de mãi, eu serei sua criada ou sua escrava!!!

« Mas tu, anjo de innocencia e de formosura, não me pertences senão pelo amor que dediquei a teu augusto pai, um dever sagrado me obriga a acompanhal-o no seu exilio, atravez os mares, ás terras estranhas! adeos, pois, para sempre! adeos!

« Mãis brazileiras, vós que sois meigas e affagadoras dos vossos filhinhos, a par das rolas dos vossos bosques e dos beijaflores das campinas floridas, suppri minhas vezes; adoptai o orphão-coroado, dai-lhe todas um lugar na vossa familia e no vosso coração.

« Ornai o seu leito com as folhas do arbusto constitucional! embalsamai-o com as mais ricas flores da vossa eterna primavera! entrançai o jasmim, a baunilha, a rosa, a angelica, o cinamono, para coroar a mimosa testa quando o pesado diadema d'ouro o tiver machucado.

« Alimentai-o com a ambrosia das mais saborosas fructas; a atta, o ananás, a canna melliflua; acalentai-o á suave entoada das vossas maviosas modinhas.

« Afugentai longe de seu berço as aves de rapina, a subtil vibora, as crueis jararacas, e tambem os vis aduladores, que envenenão o ar que se respira nas Côrtes.

« Se a maldade e a traição lhe prepararem ciladas, vós mesmas armai em sua defesa vsssos esposos com a espada, o mosquete e a bayoneta.

« Ensinae á sua voz terna as palavras de misericordia que consolão o infortunio, as palavras de patriotismo que exaltão as almas generosas, e de vez em quando susurrae ao seu ouvido o nome de sua mãi d'adopção.

« Mãis brazileiras, eu vos confio este preciosissimo penhor da felicidade de vosso paiz e de vosso povo; eil-o tão bello e puro como o primogenito d'Eva no paraiso. Eu vol-o entrego; agora sinto minhas lagrimas correr com menor amargura.

« Eil-o adormecido. Brazileiras! Eu vos conjuro que o não acordeis antes que me retire. A boquinha molhada de meu pranto, ri-se á semelhança do botão de rosa ensopado com o orvalho matutino. Elle se ri, e o pai e a mãi o abandonão para sempre.

« *Adeos, orphão imperador, victima da tua grandeza antes que o saibas conhecer.*

« *Adeos, anjo de innocencia e de formosura ! ! adeos ! toma este beijo ! e este... e este ultimo ! adeos ! para sempre ! adeos !* »

* * *

O ministro e secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros Francisco Carneiro de Campos respondeu, em 8 de abril, às duas notas que na vespera lhe tinhão dirigido o Nuncio e mais Srs. do Corpo Diplomatico de bordo da náo *Warspite*, dizendo que logo apoz a abdicação feita pelo Sr. D. Pedro I os representantes da nação que se achavão na Côrte reunirão-se e nomearão os membros da Regencia Provisoria, que o Governo empregaria todos os seus esforços e desvelos para que fossem respeitados não só os Agentes Diplomaticos e Consulares ; mas tambem aos subditos das respectivas nações e que as pessoas que se tivessem recolhido em alguma das embarcações estrangeiras viessem sem receio para a terra afim de evitar suspeitas, embora não tivessem de receiar que se lhes creasse embaraços para a sua permanencia em navios de suas nações.

* * *

A 11 de abril, o Escrivão interino da Mesa do Thesouro Nacional Manoel Joaquim de Oliveira Leão recebeu ordens para fazer carga ao Conselheiro Thesoureiro Mór do Thesouro nacional Antonio Homem do Amaral das Imperiaes Insignias, Corôa, Sceptro e Estoque cuja entrega fôra ordenada ao respectivo depositario Conselheiro João Valentim de Faria Souza Lobato, Porteiro da Imperial Camara.

N'este mesmo dia 11, o Visconde de Goyanna, ministro do Imperio, officiou ao dito Sr. João Valentim de Faria Souza Lobato, que a Regencia Provisoria em nome do Imperador lhe ordenava fazer entrega a bordo da Fragata *Volage* de toda

a prata a seu cargo pertencente ao Senhor D. Pedro I e ao Sr. Joaquim José de Siqueira e fazer entrega a bordo do referido navio da prata de Mantearia a cargo d'elle e pertencente ao Sr. Imperador D. Pedro I, mas deixando ficar a parte necessaria para o serviço de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II.

Á Regencia Provisoria em nome do Imperador, a 8 de abril, tinha mandado que o Desembargador Antonio Luiz Figueira Pereira da Cunha com um Escrivão e mais officiaes que entendessem necessarios passassem ao Palacete da Rua Nova do Imperador, em São Christovão, a entregar por um inventario circumstanciado ao Conselheiro João Valentim de Faria Souza Lobato a baixella que ahi se achava em guardada pertencente ao Sr. D. Pedro, ex-Imperador do Brazil.

*
* *

CARTA DE D. PEDRO I AO MARQUEZ DE CARAVELLAS [1]

« *Sr. Marquez de Caravellas* — Muito estimaria que, da minha parte, depois de fazer os meus comprimentos ao Governo, lhe expuzesse o seguinte: eu desejo que o Thesouro me pague o que me deve e que espere o pagamento do que eu lhe devo para quando se venderem as minhas propriedades particuralares e a mobilia de que estão cheios os Palacios, quer naciones, quer meus deixando eu para meus filhos o que fôr preciso para o seu serviço

---

[1] Esta carta foi logo em 1831 publicada — Typ. Imp. de E. Seignot-Plancher, rua do Ouvidor n. 95 com este titulo e Aviso:

Ultimo balanço ou *budjet* do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-imperador do Brazil, dirigida á Illma. Regencia (10 de abril de 1831).

Aviso do Editor — « Logo que os soberanos morrem ou abdicão do poder de que se achavam revestidos, sua vida politica pertence á historia, que os julga não sómente com severidade, porém ainda com justiça.— Nós nos apressamos de dar ao prélo o balanço ou *budjet* de D. Pedro ex imperador do Brazil persuadido que o Illustre Publico acolherá com avidez esta interessante peça.

D. Pedro de Alcantara dirigindo este documento a um dos primeiros cidadãos do Brazil deu uma segunda vida a este escripto, que talvez sem esta circumstancia, ficaria occulto nas pastas da Diplomacia.

Graças á Liberdade da Imprensa que tudo manifesta aos olhos do publico, ao qual tudo pertence em um paiz, que felizmente é regido por uma constituição Liberal!

particular, sendo esta declaração feita por pessoas que erão, ou ainda são chefes das differentes repartições e pela pessoa a quem eu e minha mulher autorisamos, para eu dispor de tudo o mais, não tendo duvida de o vender ao Governo, para o que deixo os preços declarados.

« Igualmente desejo, que em consequencia do direito que me assiste (como verá da cópia n. 1), de que mostrei o original ao Ministro da Marinha, se me mandasse uma ordem para que em Londres, aonde estão, ou pelo menos devem estar depositadas £ 250.000, que foram mandadas pôr á disposição do Sr. D. João VI, meu augusto Pai, por aviso do Thesouro de 3 de setembro de 1825, de que remetto cópia n. 2, e das quaes elle nunca dispoz, se me entreguem (como mais commodo fôr ao Thesouro) as cincoenta mil a que tenho todo o direito, ou então que se me mande estabelecer um premio (como já se devêra ter estabelecido) negocio em que nunca fallei, porque não podia ser juiz e parte; de 5 por cento com dous e meio de amortização, por ser deste modo o pagamento mais suave: ou de 3 por cento com 5 de amortização, isso á sua escolha.

« Ainda que o formal diz — *do que se liquidar no Thesouro Publico desta cidade* (Lisboa) — não póde objectar ao pagamento, porque o Sr. D. João VI, de gloriosa memoria, nunca dispoz do deposito, e tudo ficou em Londres, e portanto, sendo isso propriedade particular, não podia ser liquidada no Thesouro daquella cidade, senão para se saber se o Sr. D. João VI, havia recebido as £. 250.000 do Governo Brazileiro, o que se poderá provar, examinando-se se no Thesouro existe ordem contraria ao aviso de 3 de setembro de 1825, que mandasse levantar o deposito; ficando de necessidade o Thesouro, que mandou depositar o que não era seu sem que houvesse litigio para se saber quem era o dono, que estava declarado em Convenção de 29 de agosto de 1825, mandada cumprir nesta parte por decreto de dias de abril de 1826, responsavel aos herdeiros do Sr. D. João VI. Ora, sendo um delles e não tendo meu pai recebido as £ 250.000 — segue-se que tenho o direito á quinta parte, pois cinco são herdeiros, como passou em julgado em Lisboa por sentença do Tribunal competente.

« Eu julgo ou para melhor dizer sei, que nem um *farthing* existe no Deposito, porque o Sr. Marquez de Barbacena tudo gastou fundado no seu direito, todo particular e no qual achou que o que era do Avô passava por herauça á Neto (como se poderá provar por officio existente na Secretaria dos Negocios Estrangeiros e se vê pelo de Thesouro Publico que junto envio por cópia n. 3). Quando Esta, nem pela abdicação de uma corôa, que pertencia a um dos herdeiros podia herdar semelhante somma, o que hiria de encontro aos interesses dos demais herdeiros que não abdicarão, nem se póde admittir, que bens particulares, como erão os de um herdeiro do Sr. D. João VI passassem á pessoa, em quem se abdicasse como se fossem bens da Corôa, que nãõ erão, como foi julgado. Portanto não tendo eu nada com as transacções, que neste negocio tivera lugar, só reclamo o meu direito, do qual não posso ser despojado, sinão por um acto despotico, e attentatorio contra a constituição jurada, e que Deus permitta continue a reger o Imperio. Espero que estes meus negocios serão tomados em consideração, e se me responda de algum modo, que me habilite para poder fazer os meus arranjos, para partir quarta-feira para a Europa. »

« Eu nunca fallaria em cousa alguma de dinheiro principalmente agora, se eu tivesse com que com decencia pudesse apparecer na Europa; porque o que tenho he o seguinte: Possuo eu e minha Esposa a somma de 1.308 apolices de conto de réis, que vendidas a 72 e meio produzem em papel 941:760$000 Rs. O, quaes passados nesta occasião, que o Cambio está a 20 (£. 12$000), vimo-nos a receber 78:48 — 0 — 0 £. as quaes a 3 e meio por cento produsirão £. 2:354 — 8 — 0 annualmente, o que corresponde a Rs., 8:474$400. Temos tambem algum Papel, e Cobres que pouco produzirão. Tenho eu 15:000$000 Rs. em ouro da herança de meu Pai, com alguns Diamantes no valor de 80:000$000 Rs., 200$000 Rs. em Prata, e mais a Baixella, Louça e tudo o que decóra todos os Palacios, porque tudo foi comprado por mim, e muita cousa dada por meu Pai.

« Pelo titulo 8° art. 179, § 22, a propriedade me he garantida em toda a sua plenitude, bem como pelo § 6° do mesmo Titulo e Artigo, todo o cidadão (como eu sou, simples particular), póde

residir, ou retirar-se do Imperio quando lhe aprouver, levando tudo quanto he seu, não sendo em prejuizo de terceiro: este não se dá no caso presente, porque eu não dispunha, nem disporia do que he de meus filhos (amo-os muito e mais do que tudo a honra): he do que he meu, do que sou Senhor, porque o que era delles por herança de sua Mãi já está em suas mãos, quer em joias, quer em Apolices, que lhes comprei.

«Eu desejava huma prompta e difinitiva resposta para me saber governar, declarando ao Governo que passo a dispor, e a mandar embarcar o que he meu, deixando o que me aprouver á meus filhos; contando que o governo he Constitucional, e não se quererá metter no que não tem direito de intervir.

« Bordo da náo *Warspite*, 10 de abril de 1831.

« (Assignado,) *D. Pedro de Alcantara.*»

Resposta do *Marquez de Caravellas* á carta precedente:

« *Senhor* — Logo que tive a honra de receber a carta ([1]) que V. M. I. se dignou dirigir-me por José Maria Velho, na noite de 10 do corrente, a transmitti immediatamente ao ministro dos negocios da fazenda para ser presente na seguinte sessão da Regencia com os esclarecimentos necessarios que se pudessem haver do Thesouro Publico. O que, tendo se effectuado, no dia de hontem, cumpre-me levar ao alto conhecimento de V. M. I. o seguinte: quanto á divida proveniente da Dotação, superando o grande desejo que animava a Regencia de annuir promptamente á requisição de V. M. I. as ponderações de impossibilidade do pagamento dessa somma aqui nas actuaes circumstancias do Thesouro, resolveu a mesma Regencia que se pagasse infallivelmente por via de lettras sob a caixa de Londres. Pelo que respeita a divida das 50 mil libras esterlinas, entendendo a Regencia estar fóra da orbita do seu poder o mandar pagar dividas do Thesouro desta natureza sem a competente liquidação feita com

---

[1] O rascunho desta Carta, bem como um outro da mesma mais cheio de entrelinhas e emendas achão-se entre os autographos inventariados em julho de 1890.

audiencia do Procurador da Fazenda deferiu a resolução deste negocio para depois de liquidada essa divida, para o que eu entendo ser mister que V. M. I. deixe um Procurador habilitado com poderes não só para receber o que se liquidar e dar a competente quitação ao Thesouro, como para promover os termos legaes da dita liquidação. Deram-se immediatamente baixas aos soldados mencionados nos dous requerimentos que me entregou o Brandão e estão soltos o sargento e cunhado do Pardal.

«A Regencia dirige a V. M. I. os seus respeitosos comprimentos e eu não posso terminar essa minha carta sem protestar a V. M. I. do modo mais positivo os sentimentos daquelle profundo respeito e verdadeira gratidão que sempre me animarão e ainda hoje me animão para com a Augusta Pessoa de V. M. I. de Quem conservarei sempre a mais viva saudade.

« Rio de Janeiro, 12 de Abril de 1831.— *Marquez de Caravellas*.»

Carta de D. Pedro ao M. de Caravellas datada da corveta Volage, 12 de abril de 1831

« *Senhor M. de Caravellas*. — Participo-lhe que vindo para bordo da Corveta *Volage*, onde me acho e em que devo sahir amanhã, o numero de 720 peças de 6$400 em mão de um official inglez pertencente a guarnição da nau *Warspite* e acompanhadas pelo irmão do meu Procurador Diogo Samuel, dinheiro este que é propriedade minha pelo ter comprado as ditas peças de 6$400 pelo exorbitante preço de 25$600, foram tomadas. Eu espero e mesmo nem ponho em duvida que ellas me serão eutregues para que o meu Procurador o Sr. Samuel Philipes m'as venha immediatamente trazer. Esse negocio não admitte demora, devendo eu, como já disse, partir sem falta amanhã. Lembro pela mesma occasião a resposta a minha antecedente. Bordo da Corveta *Volage*, 12 de abril de 1831.»

CARTA DE D. PEDRO AO MARQUEZ DE CARAVELLAS [1]

« *Senhor Caravellas.*—Tendo sido postas á disposição do Sr. D. João 6º, de gloriosa memoria, e meu Augusto Pai, a quantia de 250 mil Libras esterlinas por aviso de 2 de setembro de 1825 e como o mesmo Augusto Senhor dellas não tivesse disposto antes de sua morte, ficando por consequencia esta avultada quantia, que deve existir na caixa da legação, sendo eu um dos filhos do mesmo Sr. ; e como estas 250 mil libras fossem ao Sr. D. João, em consequencia da convenção como em compra dos bens que possuia como particular no Brasil, ficando por consequencia pertencendo por sua morte aos herdeiros do mesmo Sr ; e tendo eu direito a receber uma quinta parte, como se prova do formal das partilhas de que remetto cópia, si preciso for, e não podendo nenhum dos herdeiros ser atacado nos seus direitos sem manifesta infracção do direito que lhes assiste, e precisando Eu agora na Europa dinheiro para poder comer pois apenas levo commigo 15 contos em ouro, duzentos mil réis em prata e conto possui, [2] uns 200, a 300 contos em propriedades particulares que tenho e que passo a vender, bem como algumas carruagens, cavallos, bestas e escravos meus que andarão por 150 e que estão no Macaco e alguma prata de baixella, etc,, tudo propriedade minha comprada com o meu dinheiro e que me é garantido pela Constituição em toda a sua plenitude, e attendendo ao cambio de 20 que dá a libra a 12. Eu não posso passar sem grande prejuizo para a Europa o producto das mesmas propriedades e mui principalmente o das apolices e o da venda das mesmas que tenho na caixa da amortização da divida publica em numero de 1040 de conto o que faz a 72. Eu desejava (que a poder ser) o Governo me mandasse

---

[1] Copia fiel do rascunho como nelle se contém e que acha-se entre os autographos inventariados em 1890.—Não traz data nem assignatura, sendo todo do proprio punho de D. Pedro e — escripto a bordo da corveta *Volage* em 12 de Abril de 1831.

[2] Estes documentos foram reproduzidos no *Diario Official* de 24 de Dezembro de 1892.

pagar em Inglaterra as 50 mil libras que são minhas e das quaes não poderei ser privado sem que esta privação se possa considerar como acto mui despotico e que menos credito possa dar ao Governo, dandose-me por prestações como mais commodo for ao Thesouro, comtanto que se me mande a ordem para Eu levar. E Desejo porque sou Senhor do que é meu, tudo quanto com o meu dinheiro tenho comprado e tudo que herdei de meu Pae ; a Constituição garante o direito de propriedade em toda a sua plenitude (no Tit. 8°, art. 179, § 22), della não posso ser privado sem ataque manifesto do direito que me assiste e sem que dos olhos do mundo esse acto de se impedir que eu me retire com o que tenho, como me garante a Constituição no mesmo Tit., paragr. 6°—como acto despotico nunca praticado entre nações civilisadas, livres e constituidas.»

* * *

Disse o tenente Carlos Seidler no seu livro, por vezes citado: « n'aquelle tempo(7 a 13 de abril de 1831) contavão-se no Rio de Janeiro diversas anecdotas, por cúja veracidade certamente não posso responder, pois que não fui testemunha dos factos, mas ás quaes, entretanto, se póde dar credito porque correspondem perfeitamente ao caracter do ex-Imperador «asseveram que o Imperador mal tinha chegado a bordo de fragata ingleza quando, informado de se acharem seus cabedaes em lugar seguro, pegou n'uma rabeca e com ella tocou a mais trivial das arias populares do Brazil. »

Accrescentou o escriptor não haver faltado entre os cortezãos presentes, quem observasse « que só Frederico o segundo podia possuir semelhante sangue frio e igual firmeza, ao que o Augusto senhor teria respondido perguntando-o que grande cousa tenho eu perdido ? Lá eu tinha de amofinar-me com os cuidados do Governo e na Europa vou viver futuramente n'um bemaventurado *far niente* »

Não é impossivel que o Sr. D. Pedro tocasse rabeca a bordo da *Warspite* como acima ficou dito, mas não se póde acreditar no pensamento alli attribuido a S. M, pois é sabido que partia

com a firme intenção de rehaver o throno de Portugal para collocar n'elle sua filha D. Maria da Gloria. Contestamos tambem a authenticidade de outra narração do mesmo escriptor, pois sendo notorio que o Sr. D. Pedro adorava a sua Augusta esposa a Imperatriz D. Amelia, claro é que não a podia ameaçar de lhe dar bofetadas (Ohrfeigen), se deixasse de vir para a mesa nas horas das refeições. A senhora D. Amelia póde ter cedido a insistentes convites do seu Augusto Esposo, que talvez julgou não dever deixal-a entregue a corrente de idéas que a fazia afastar-se da sociedade, afim de chorar em paz pensando nas vicissitudes da vida humana.

Carlos Seidler, despeitado, apaixonado, aliás sem grande razão, visto o meio em que se achava, tem mostrado gostar de relatar casos, podendo produzir effeito.

* * *

No dia 14 de abril seguiram viagem para a Europa na corveta ingleza *Volage* Suas Magestades o Sr. D. Pedro e a Sra. D. Amelia com as pessoas do seu sequito e na charrua franceza *La Seine* S. M. F. D. Maria II, o Marquez de Loulé e sua esposa, o Conde de Sabugal (o ministro representante do Reino de Portugal na corte do Sr. D. Pedro I), etc.

Retirando-se para a Europa o Ex-Imperador D. Pedro I uma embarcação de guerra nacional, a corveta *Amelia*, acompanhou S. M. até largar as aguas do Brasil, como foi declarado na proclamação feita no dia 13 de abril pela regencia provisoria em nome do Imperador D. Pedro II aos brasileiros.

Devemos trazer para aqui uma cópia das duas cartas seguintes:

« A Son Excellence, le Ministre Secrétaire d'Etat des Affaires Etrangères.

« Monsieur

« Les Commandants des forces navales, soussignés, après avoir accompli le grand acte d'hospitalité, auquel les circonstances les appelaient, croient de leur devoir de vous exprimer

leur reconnaissance pour les facilités qu'ils ont trouvées près du nouveau gouvernement brésilien, et pour la modération pleine de noblesse, que ce gouvernement n'a cessé de montrer, durant l'opération et l'embarquement de Leurs Majestés.

«Ils vous prient en outre, Monsieur, de vouloir bien agréer l'assurance de leur haute considération. — J. Grivel. — W. Baker. — Rade de Rio de Janeiro le 14 avril 1831.»

« A Messieurs les Amiraux Baker et Grivel, etc., etc., etc.

« Messieurs

« Je me suis empressé de porter á la connaissance de la Régence Provisoire, au Nom de l'Empereur, la lettre que Messieurs les Amiraux Baker et Grivel, commandant les forces navales anglaises et françaises au Brésil, ont eu la bonté de m'adresser le 14 courant ; et je suis chargé par la Régence Provisoire de vous exprimer en son nom ses sincères remerciements, pour la manière délicate et pleine d'égards employée dans l'accomplissement de ce grand acte d'hospitalité, que vous avez été à même de remplir ; procédé tout à fait digne des deux grandes Nations auxquelles vous appartenez.

« En m'acquittant avec plaisir de ce devoir, j'ai l'honneur de vous assurer, Messieurs, que je suis avec la plus parfaite considération, Messieurs,

« Votre très humble et très obéissant serviteur

« *Francisco Carneiro de Campos.*

« Au Palais de Rio de Janeiro le 16 avril 1831. »

* * *

No dia 13 de abril mandára a regencia provisoria em nome do Imperador que o Sr. Desembargador Ajudante do Intendente Geral da Policia expedisse as ordens necessarias para que com o

melhor asseio possivel ficasse prompto até ás 10 horas do dia seguinte, o Palacete do campo de Sant'Anna; afim de que S. M. pudesse, ali, receber as contiuencias das tropas e as demonstrações de regozijo dos seus fieis subditos.

« Nada havia já a temer, escreveu Silverio Candido de Faria, a revolução estava feita: a paz e a tranquillidade se tinham restabelecido. Então o Ministro da Guerra officiou ao general, para que fazendo recolher a tropa e povo a seus quarteis, agradecesse a esta não menos que áquelle, o patriotismo, intrepidez, e coragem com que se haviam prestado na regeneração da Patria; o que foi feito pelo general com a seguinte proclamação:

« Bravos Defensores da Patria!

« Estão completos os nossos votos, os votos de todo o Brazil, que a natureza formou para ser grande, livre, e independente. Os vis escravos do Despotismo, cegos pela brilhante luz da liberdade, desapparecerão para sempre deste solo venturoso, carregados de opprobrio, e de remorsos, unica herança que lhes coube da sua traição e de seus enganos. Mil graças sejam dadas ao Genio Brazileiro, que armando nossos braços, supplantou para sempre o Despotismo, agrilhou o crime, e nos restituio a doce Liberdade. Sim amados concidadãos, é tempo de descançar as armas, que nos cobrirão de gloria, sem que fossem maculadas com o sangue dos nossos inimigos; transportados de alegria, corramos aos nossos lares, e braços das ternas esposas, dos caros filhos, por entre o rizo da innocencia, e da candura sejam as nossas unicas expressões: A Patria está salva, triumphou a Liberdade, e a nossa Gloria é tão grande, que ainda não coube em partilha a Nação alguma. « Quaes novos Cincinatos, voltemos para nossos campos e cada um se restitua aos seus antigos trabalhos: cuidemos agora em promover a Lavoura, o Commercio, a Industria e as Artes, porque se a Patria precisar de nós, correremos em seu soccorro, e eu sempre serei comvosco, até derramar a ultima gotta de meu sangue.

« Despedindo-me de vós, cheio de saudades, eu vos renovo os meus sinceros agradecimentos pela prudencia, valor e enthusiasmo com que soubestes defender a causa mais justa e mais

santa, e no fundo de minha alma sinto, que não possa individualmente apertar-vos em meus braços, unir-vos ao meu peito, onde sentirieis palpitar o meu coração, explicando em mudas frases o meu reconhecimento e a minha gratidão. Hide pois descançar tranquillos, e contai certos com a vigilancia do governo, que é da vossa confiança, e Brazileiro: conservai sempre em vossos corações a Constituição jurada; respeitai as autoridades constituidas, e obedecei ás Leis, para que a nossa obra seja completa, e a nossa felicidade permanente.

« Sêde incansaveis em conciliar os animos, chamando-os á Ordem, e fazendo que uma só seja a vontade de todos, porque da união depende a força, e sem esta não poderemos dar ao mundo exemplo de grandeza, assim como lhe temos dado de Patriotismo e amor pela Liberdade.

« Viva a Constituição.— Viva a Assembléa Geral Legislativa,— Viva o Imperador Brazileiro o Sr. D. Pedro 2º,— Viva a Regencia Provisoria.— Vivão os Bravos do Campo da Honra!! — *José Joaquim de Lima e Silva.*

« No dia 15, precedendo convite geral do Commandante das Armas, celebrou-se na Igreja de S. Francisco de Paula um solemne *Te-Deum*. S. M. o Imperador, e a regencia, depois de assistirem no Palacete do Campo da Honra á parada de despedida do Exercito, vierão ao *Te-Deum*. Todos os officiaes, precedidos do *Bravo General*, desarmados, e de braços traçados com os Paizanos, em signal de unanimidade de sentimentos, marcharão do Campo da Honra para a Igreja. Na occasião da Parada, foi o joven Imperador mimoseado com uma Palma de flores pelo General, a qual S. M. conservou tanto no Campo como na Igreja. O General Lima, membro da regencia, o Brigadeiro Francisco de Paula Vasconcellos e alguns outros officiaes forão igualmente brindados com uma espada em nome da Nação agradecida. Os incansaveis patriotas, sempre benemeritos juizes de Paz, que effectivamente persistirão no Campo da Honra, junto á Tropa, e ao Povo, assistirão á Parada postados a cavallo na frente do Palacete, tendo cada um uma Corôa civica no hombro esquerdo, que lhes foi tambem offerecida em nome da Naçãoa agradecida.

« A retirada do 1º e 2º Corpo d'Artilharia de Posição e do 1º Batalhão de Granadeiros para seus quarteis, foi a mais enthusiasta possivel. O General com o seu Estado Maior, e todo o Povo, que havia tomado armas, acompanhou estes Corpos de verdadeiros Brazileiros; as carretas, que sempre se tinham conservado armadas de flores e folhas verdes e amarellas, bem como a Tropa e o Povo, forão puchadas pelos Paizanos. Os vivas das janellas, as Poesias, que se recitavão pelo caminho, e o canto de novos Hymnos Nacionaes, tudo dava a mais indelevel prova de generosidade e grandeza da Nação Brazileira, que aprecia o triumfo, quando este é o da Liberdade.»

Narrador imparcial, julgamos conveniente trazer aqui alguns trechos da « Breve Historia dos Felizes Acontecimentos Politicos no Rio de Janeiro em os sempre memoraveis dias 6 e 7 de abril de 1831 dedicada aos Excellentissimos Srs. Francisco de Lima e Silva e José Joaquim de Lima e Silva pelo autor já citado Silverio Candido de Faria, cujo folheto, impresso em 1831 na Typographia de Thomas B. Hunt e C., 126 rua da Alfandega, no Rio de Janeiro, não nos parece ter sido escripto com a imparcialidade propria do historiador criterioso. Eis como elle termina:

« . . . França! admirai os progressos de vossa lição ao povo Brasileiro! invejai, ó França, a sorte de vossos discipulos; vinde ao Campo da Honra, e vereis como sem huma gotta de sangue, o Brasil é Brasileiro! admirai a unanimidade de nossas vontades; admirai como em huma tarde o Brasil é livre da oppressão que ameaça aos filhos seus! . . . Tyrannos do universo! Vós, que desgraçadamente vos nutris com os males da humanidade, sirva-vos de lição (se de lições sois susceptiveis) a Historia Brasileira nos dias 6 e 7 de abril. Mirai-vos no espelho, que ella vos offerece: e aprendei, que os povos, sobre que peza o ferro de vossa Vara hum dia conhecerão, como a França e como o Brasil, que a natureza os criou livres, e que livres devem viver, sim vossa corviz cahirá por terra; e vós sereis esmagádos sob as ruinas que ameaçais aos povos. »

Depois de haver relatado que a elevação ao throno do Sr. D. Pedro II foi motivo de gritos de alegria, fogos de artificio,

illuminações, etc. Carlos Seidler allude aos incidentes resultantes dos diversos excessos sustando as demonstrações de contentamento depois recomeçadas.

« Semelhantes interrupções muitas vezes perturbão o regosijo geral e a boa harmonia do povo entre os entr'actos do drama. Lima, porém, Lima o astucioso, sabia apagar promptamente a má impressão que devião produzir. Forão ordenadas paradas nas quaes compareceu a Guarda Nacional, tão recentemente organisada, procissões, bailes, calvagadas e mais festividades, occasiões nas quaes o pequeno Imperador era exposto á vista de todos como bonito bonequinho. O Snr. tutor o acompanhava do lado esquerdo, o Regente do lado da mão direita e estes inimigos figadaes trazião entre elles o pequeno menino sobrecarregado de estrellas e brilhantes. José Bonifacio de Andrada, com a cara alegre e affavel, constantemente se virava para o Imperador e lhe fallava. Lima, com olhar orgulhoso e arrogante, bem como exagerada confiança em si, contemplava a multidão popular de longe. »

Na sua memoria já citada escreveu Antonio Pereira Pinto (*Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo XXIX) :

« Não é mister portanto grande esforço de imaginação, nem grande cópia de argumentos para demonstrar que os fautores da revolução de abril (de 1831) jámais sonharão o governo republicano como substituto do regimen monarchico.

« Vergueiro, instantemente interpellado em sua casa nas vesperas da revolução de abril por um ardente patriota sobre qual a forma de governo a adoptar-se, uma vez dada a abdicação, depois de recolher-se por momentos exclamou energicamente: « Se o Senhor D. Pedro I abandonar a corôa, viva o Senhor D. Pedro II. Tivemos esta confidencia de pessoa intima da familia daquelle distincto brasileiro, cujas tendencias democraticas eram aliás conhecidas. »

* * *

O brilhante escriptor, orador do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Dr. Joaquim Nabuco, acaba de prestar im-

portante serviço á historia do nosso paiz publicando um artigo especial sobre o 7 de abril no monumental trabalho dedicado á biographia de seu pai — o senador Nabuco de Araujo.

D'esse livro, que tem por titulo « Um Estadista do Imperio», pedimos venia para transcrever o que se segue:

O 7 DE ABRIL

« No fundo a revolução de 7 de Abril foi um desquite amigavel entre o imperador e a nação, entendendo-se por nação a minoria politica que a representava. Havia de parte a parte uma perfeita incapacidade de se comprehenderem, um desaccordo que só se poderia resolver pelo despotismo ou pela abdicação. O despotismo era repugnante ao temperamento liberal do imperador e ao seu papel historico de heróe dos dous mundos.

« O interesse absorvente de Pedro I, quando se deu a revolução, era assegurar o throno de Portugal a D. Maria II. O seu pensamento em abril de 1831 estava principalmente na Europa nos meios de aproveitar em beneficio da causa da sua filha, de que chegara a desesperar sob o legitimismo de Wellington e Polignac, o grande influxo da Revolução de julho.

« Essa deslocação do interesse do imperador para a questão da corôa portugueza, a sua continua correspondencia com os emigrados, as relações com Palmella, Saldanha, Villaflor, a presença no Rio de Janeiro de D. Maria II attrahindo parte da emigração para o Brazil, tudo dava ao imperador grande popularidade entre os residentes portuguezes e a estes uma importancia toda occasional e transitoria no mundo official brazileiro de que a susceptibilidade nacional injustamente se resentia.

« Nada mais natural, com effeito, do que o esforço que Pedro I fazia em favor da filha. Dahi não podia vir detrimento algum ao Brazil. Receiou-se que elle quizesse a reunião das duas corôas; mas mesmo quando se tivesse dado essa anomalia do ser o imperador do Brazil regente em Portugal, por meio de uma delegação, na maioridade da rainha, que mal poderia isso causar á autonomia politica do paiz, para se duvidar da sinceridade de

sua intenção ? O interesse do Pedro I nessa questão era, entretanto, primordial ; reconhecida, como ficou a incompatibilidade inconstitucional de accumular elle a Regencia portugueza e sobrevindo a revolução de 1830 que deu à causa liberal em toda a Europa o mais extraordinario impulso, o que lhe restava era depois que tivesse architectado uma Regencia capaz de responder durante a longa menoridade, pela corôa de seu filho, levar comsigo a joven rainha de Portugal e ir empenhar na Europa todos os seus esforços e todo o seu valimento e prestigio até assental-a no throno que havia abdicado nella. A revolução de 7 de abril, póde-se dizer, conseguiu apenas impor subitamente a Pedro I uma solução que já estava acceita por elle e para a qual lhe faltava sómente combinar as ultimas providencias e escolher o momento.

« A nomeação de José Bonifacio para tutor de seus filhos faz crer que seria delle que o Imperador se lembraria em primeiro lugar para a Regencia que o devesse substituir; em todo o caso, sem o 7 de abril, póde-se conjecturar que o Brazil teria em 1831 o ministerio Andrada, que Pedro I desejou formar em 1830.

« O regimen politico do paiz tinha-se desenvolvido consideravelmente em poucos annos ; o progresso das idéas liberaes, sensivel na admiravel Constituição de 1824, tinha chegado á maior expansão no Codigo Penal de 1830. A não ser a impaciencia, o pessimismo, de politicos exaltados que viam o embryão do despotismo em qualquer resistencia do imperador a idéas que não partilhava desde logo, e descobriam em D. Pedro I um segundo D. Miguel, a revolução de 7 de Abril teria sido evitada com vantagem para a propria causa democratica.

« A intervenção militar na revolução era summamente injusta, porquanto o melhor amigo do exercito era o imperador D. Pedro I ; quaesquer que fossem suas faltas, tinha em relação ao exercito uma comprehensão muito mais clara da sua necessidade e do seu papel do que a legislatura, cuja a hostilidade o derribou.

« Ao liberalismo brazileiro a efficiencia militar do exercito pareceu sempre secundaria ; a sua funcção primordial, consagrada em 7 de abril e em 15 de novembro, é a grande funcção

civica libertadora. No primeiro reinado ningnem levou a mal sinceramente o mallogro das armas brazileiras no Prata, a serie de insuccessos ligados aos nomes de cada um dos generaes para lá mandados. O historiador do reinado attribue mesmo aos nossos desastres militares os mais salutares effeitos na ordem civil. Segundo elle a constante má fortuna das armas brazileiras produziu o resultado de desanimar as creações militares e de inclinar as energias da geração nova para as carreiras civis, o que preservou o Brazil de uma completa anarchia.

« Pelo contrario, accrescenta, referindo-se ás Republicas do Sul, onde a luta fora sempre acompanhada de vantagens e onde uma serie de victorias havia accendido o enthusiasmo dos habitantes, outros effeitos bem diversos se preparavam. Apenas proclamada a paz, e como uma consequencia da aureola com que se achavam adornados, os militares adquiriram toda preponderancia sobre autoridades civis; succederam-se dissenções e cada pequeno chefe recorreu á sua espada, de maneira que as ferteis campinas das margens do Rio da Prata, desde essa época nada mais foram do que o theatro da anarchia, da guerra civil, do derramamento de sangue fraternal e da devastação.

« D. Pedro não podia ver o nosso descredito militar com essa philosophia de economista. Elle sentia a necessidade de tornar o exercito apto para a guerra e para a victoria, de creal-o de novo.

« A opposição que lhe lançava em rosto os nossos revezes era a mesma que negava ao imperador os meios de obrigar melhor a nação. Ella receiava-se do armamento da força publica como sendo um golpe de estado em perspectiva. Quando a Camara reduziu as forças de mar de 7000 a 1500 homens, o bom senso estava com o governo que resistia. « Uma grande corporação de homens, dizia aos deputados o ministro marquez de Paranaguá, é mais util e menos perigosa do que uma pequena força; póde esta ser mais facilmente corrompida e seduzida para derribar a Constituição. « E' esta a verdade que o serviço militar obrigatorio levará mais tarde á ultima evidencia. Não havia sinceridade na alliança da opposição com o exercito. A propria defecção deste será severamente julgada mais tarde pelos que se

serviram delle para os seus fins. « Esse mesmo exercito, dirá Armitage, que D. Pedro havia organisado com tanto sacrificio, que havia mantido com tamanho prejuizo de sua popularidade e sobre o qual havia depositado mais confiança do que sobre o povo, estava destinado a trahil-o e aquelles que elle havia enchido de distincções e beneficios não foram mais escrupulosos em abandonal-o do que os outros.

« Pouco depois da revolução o partido que havia aproveitado a acção do exercito em 7 de abril só tinha um desejo: dispersal-o, dissolvel-o, deportal-o para os confins. A grande reputação da Regencia será a de um estadista, o padre Feijó, que revelou a maior firmeza de caracter na repressão da anarchia militar, a qual sobreveio, como se devêra esperar, do pronunciamento do Campo. Basêa-se sempre em alguma equivocação, e por isso é effemero, o pacto politico do exercito com partidos extremos e elementos revolucionarios. Foi essa a primeira grande decepção do 7 de abril: a do exercito condemnado, licenciado pelo partido que elle tinha posto no poder.

« A segunda foi a dos Exaltados, isto é, dos homens que haviam concebido, organisado, feito o movimento, e que no dia seguinte tambem foram lançados fóra como inimigos da sociedade pelos Moderados que só se manifestaram depois da victoria. Para aquelles a revolução foi uma verdadeira *journée des dupes*.

« A fatalidade das revoluções é que sem os exaltados não é possivel fazel-as e com elles é impossivel governar.

« Cada revolução subentende uma luta posterior e alliança de um dos alliados, quasi sempre os exaltados com os vencidos. A irritação dos Exaltados trará á agitação federalista extrema, o perigo separatista, que durante a Regencia ameaça o paiz do norte a sul, a anarchização das provincias.

« Outro desapontamento foi o dos patriotas. A força motora do 7 de abril, a que deu impulso ao elemento militar foi o resentimento nacional. Em certo sentido o 7 de abril é uma repetição, uma consolidação do 7 de setembro.

« O imperador era um adoptivo suspeito de querer reunir as duas corôas, accusado de custear com dinheiro do Brazil a emigração da Terceira.

« O enthusiasmo da colonia portugueza era assim grande pelo principe de quem esperava a victoria da causa liberal em seu paiz; desse enthusiasmo resultaram conflictos com os inimigos do imperador, que o ficavam sendo dos portuguezes. O fermento politico da revolução foi secundario, a excitação real, calorosa foi o antagonismo de raça, então facilmente exploravel. O tópe nacional concorreu mais para a revolta da tropa do que as excessivas declamações da opposição. O Exercito não era mais aquelle, cuja exacerbação sete annos antes levára D. Pedro, apezar da sua timidez, a expressão é do Padre Feijó, a dissolver a Constituinte e desterrar os Andradas, acto que aquelle uma vez qualificou de violento, mas necessario e como tendo dado paz e tranquillidade ao paiz por dez a doze annos.

« A guerra do Sul o havia nacionalisado, os seus novos chefes eram patriotas, e elle trazia uma ferida que a exaltação estrangeira pelo imperador devia naturalmente irritar. Feita entretanto a revolução por uma explosão do espirito nacional, não tardou muito que os vencidos levantassem contra o novo governo a mesma grita e as mesmas suspeitas de subserviencia á influencia portugueza.

« A maior decepção de todos foi, porém, a da nação. A abdicação tinha-a profundamente surprehendido, quando ella esperava do imperador sómente uma mudança de ministerio, ou antes o abandono de uma camarilha que lhe era suspeita.

« Os espiritos não se tinham preparado para uma solução que não anteviam, e, como sempre acontece com os movimentos que tomam o paiz de surpreza e vão além do que se desejava, as esperanças tornaram-se excessivas, os espiritos abalados pelo choque exaltaram-se e deu-se então este facto, que não é nada singular nas revoluções: os mais ardentes revolucionarios tiveram que voltar a toda pressa e sob a inspiração do momento, a machina para trás, para impedil-a de precipitar-se com a velocidade adquirida. Foi esse o papel de Evaristo sustentando a todo o transo a monarchia constitucional contra os seus alliados da vespera. Os revolucionarios passavam assim de um momento para outro a conservadores, quasi a reaccionarios, mas em condições muito mais ingratas do que a do verdadeiro partido con-

servador quando defende a ordem publica, porque tinham contra si pelas suas origens e pela sua obra revolucionaria o resentimento da sociedade que elles abalaram profundamente. Foi essa a posição do partido moderado que governou de 1831 a 1837 e que salvou a sociedade, da ruina, é certo, mas da ruina que elle mesmo lhe preparou.

« A nação não podia esquecer num momento o que devia a Pedro I « Apezar de todos os erros do imperador, o Brazil durante os dez annos de sua administração fez certamente mais progressos em intelligencia do que nos tres seculos decorridos do seu descobrimento à proclamação da Constituição portugueza de 1820 » (Armitage). Do imperador ella tinha queixas, mas sem elle via-se nesse estado de abatimento em que as nações perdem a força e o desejo de se queixar, tantos são os seus males. O sentimento geral era o que o joven redactor do *Velho de 1817* expressára deste modo: *para os pequenos males que soffriamos não devera buscar-se um remedio tão violento, cujos effeitos peam mais sem proporção que esses mesmos males.*

« As difficuldades do paiz triplicaram num momento.

« Os homens de estado desanimam, sentem todos a sua impotencia. Feijó, delles o mais energico, tem o pessimismo incuravel do revolucionario de boa fé condemnado a governar. « Fiz opposição não ao Sr. Feijó, dizia em 1843 no Senado (19 de agosto) Hollanda Cavalcanti, fiz opposição aos seus actos. Especialmente oppuz-me aos sentimentos do Sr. Feijó de querer constantemente achar o paiz submergido, de não ter esperanças em coisa alguma, e tudo pintar com côres negras » ; por outro lado o espirito conservador da sociedade tinha pouca sympathia á nova classe que assumira o governo e fizera dos jovens principes seus refens ; os homens que a revolução produziu erão na sua maior parte homens novos sem tirocinio, cuja inexperiencia devia inspirar quasi compaixão ao grupo de estadistas provectos do primeiro reinado, aos homens que tinham redigido a Constituição. Os velhos Andradas, si não podiam com prazer ver o paiz entregue a Feijó, que lhes guardava rancor da perseguição soffrida em 1823, não podiam tão pouco tolerar a dictatura da opinião exercida por Evaristo, o qual não passava para elles de

um mancebo inesperto e de um theorista crú. A situação politica do partido moderado era tal que se não fosse o terror da restauração elle se teria esphacelado logo em começo e que se não fosse o mesmo terror nenhuma reforma teria elle feito. A nação, sem desejar a volta de Pedro I, era todavia caramurú, isto é, voltava a sua sympathia e confiança para os homens que a revolução tinha posto de parte.

« O que caracteriza a época é o abalo a um tempo de todo o edificio nacional. E' quasi um decennio de terremotos politicos. A reacção está no espirito e no sentimento de todos os homens de governo:

« Si não fosse o receio da volta de Pedro I, ella teria desde logo levado tudo de vencida. Ainda assim, o que faz a grande reputação dos homens dessa quadra, Feijó, Evaristo, Vasconcellos, não é o que elles fizeram pelo liberalismo, e a resistencia que oppuzeram á anarchia. A gloria de Feijó é ter firmado a supremacia do governo civil; a de Evaristo é ter salvado o principio monarchico; a de Vasconcellos é ter reconstruido a autoridade.

« Visto de hoje o 7 de abril figura-se uma dessas revoluções que podiam ser economisadas com immensa vantagem, si em certos temperamentos as loucuras da mocidade não fossem necessarias para a mais elevada direção da vida; a agitação desses dez annos produz a paz dos cincoenta que se lhe vão seguir. O reinado em perspectiva de uma criança de seis annos provou ser uma salvaguarda admiravel para a democracia. Foi graças a essa possibilidade longinqua que o governo de uma camara só, verdadeira convenção, da qual tudo se emanava e a qual tudo revestia, não se fraccionou em fracções ingovernaveis. A' proporção que a distancia da maioridade se encurta, os sustos vão cedendo á confiança, renasce a vida suspensa, recomeça, o coração dilata-se, como em um navio desarvorado á medida que se approxima do porto.

« Os homens tinham nesse tempo outro caracter, outra solidez, outra tempera; os principios conservavam-se em toda a sua fé e pureza; os ligamentos moraes que seguram e apertam a communhão estavam ainda fortes e intactos e por isso, apezar

do desgoverno, mesmo por causa do desgoverno, a Regencia apparece como uma grande época nacional animada, inspirada por um patriotismo que tem alguma coisa do sopro puritano. Novos e grandes moldes se fundiram então. A nação agita-se, abala-se, mas não treme nem definha. Um padre tem a coragem de licenciar o exercito que fizera a revolução, depois de o bater nos seus reductos e de o sitiar nos seus quarteis, isto sem appellar para o estrangeiro, sem bastilhas, sem espionagem, sem alçapões por onde desapparecessem os corpos executados clandestinamente sem pôr a sociedade inteira incommunicavel appellando para o civismo e não para uma ordem de paixões que tornam todo o Governo impossivel. Os homens dessa quadra revelam um grau de virilidade e energia superior, sentindo-se incapazes de organisar o chaos ; ao mesmo tempo todos possuem uma integridade, um desprendimento absoluto. As lutas, os conflictos, a agitação dos clubs, todas as feições da época são as de uma democracia antiga antes da corrupção invadil-a.

« No todo a Regencia parece não ter tido outro funcção historica sinão a de desprender o sentimento liberal da inspiração republicana, que em theoria é a gradação mais forte daquelle sentimento, mas que na pratica sul-americana o exclue. Sem esse intervallo democratico os primeiros estadistas do segundo reinado não teriam a forte convicção que mostraram, da necessidade da monarchia, convicção, que para o fim, a ordem inalteravel, a paz prolongada, o funccionamento automatico das constituições livres foi apagando em cada um delles, a começar pelo imperador, e que a perfeita estabilidade do reinado não deixou amadurecer nos mais novos, os quaes só tinham a tradição daquelles annos difficeis. »

***

« Pondo de parte as exagerações de Carlos Seidler transcrevemos sobre os acontecimentos de 5 a 7 de abril factos que não forão ainda relatados.

« Em 5 de abril pela manhã cedo, vião-se já reunidos em todas as esquinas das ruas grupos de gente ; cochichava-se, fallava-se, disputava-se e gritava-se ; sómente em voz baixa atre-

vião-se uns a externar sua opinião sobre o (então) presente estado de cousas, emquanto outros com atrevida insolencia clamavão — Fora estes filhos do reino — fora a cachorrada! — No que comprehendião o proprio Imperador. Anciosos andavão os soldados da policia pelas ruas, lá onde retumbava só um d'estes clamores; ninguem se animava a amarrar a boca da gentalha livre de grilhões. Com porretes facas e pistolas se havião armado estas quadrilhas; a inata covardia parecia inteiramente esquecida por um momento; na verdade não existião então mais tropas estrangeiras que se tivesse de receiar. Este tumulto continuou o dia todo e quando finalmente a noite estendeu suas azas negras sobre a capital, voarão pedras atiradas contra as janellas dos Portuguezes ricos, tinião os vidros que cahião sobre a calçada e as balas das pistolas zunião nas cumieiras dos telhados.

« Tarde pela noite sustou-se algum tanto o horroroso escandalo para tornar a principiar no dia 6 de manhã. Apenas avermelhavão-se no horizonte os primeiros raios do Sol, os rebeldes reunirão-se de novo em grupos e achando-se ainda mais atrevidos após as scenas do dia anterior berrava-se: *Em baixo o Ministerio* — e algumas vozes mais acauteladas accrescentavão: *Em baixo o Imperador!*

« Publicamente um Portugez com uma pistola carregada, no punho a espada presa na articulação da mão por meio de uma correia, saltou sózinho n'um grupo do povo e fulminou os mulatos reunidos com um: *Viva Pedro primeiro!* o seu olhar bravo e seus trajes com manchas de sangue mostrando que vinha de fazer trabalho terrivel separou a massa de gente amotinada, que se retirou amedrontada, como quando o vento das tempestades sacode a folhagem secca. »

Pondera Carlos Seidler que na Quinta Imperial, em São Christovão, conservarão-se no primeiro dia em descuidosa inacção, depois as tropas receberão ordem de aguardar cada uma signal, sendo-lhes distribuidos cartuchos; que finalmente D. Pedro resolveu-se a dirigir-se para a cidade afim de averiguar pessoalmente o que havia de real e providenciar a respeito.

Apresentou-se ao povo com ar marcial á testa de um bando de hussares, ouviu clamar pela deposição do ministerio e voltou

para o palacio de S. Christovão, onde reunio o Conselho de Estado ; mas ahi todos moverão os hombros com circumspecção e o nobre conselho não soube dar nenhum *conselho*, assim ficou o Imperador sósinho. » Eis como falla do dia 7 de abril:

« Antes de ter a luz radiante do sol dissipado completamente o crepusculo matutino, já se achava a gentalha reunida em todas as praças publicas, especialmente no Campo de Santa Anna ; injurias, inprecações, maldições forão proferidas contra o Imperador, o ministerio e o governo — Vão estes diabos para o inferno — gritavão alguns e — qual não seria o gosto de poder dar uma facada n'esta canalha portugueza — additou um mulato de alta estatura, via-se um bastão levantado e reluzir a lamina da faca mal escondida por baixo da manga da jaqueta de algodão do descontente. »

« Diz ainda, que não levou muito tempo em juntarem-se uns 20,000 individuos, na maior parte negros e mulatos, na principal praça da capital e dispostos a marcharem para S. Christovão. »

Relatou que apresentando-se no palacio Francisco de Lima e Silva, lhe perguntou o Imperador: « Então, Lima, como vão as cousas ?

« Mal, Magestade, o povo pede melhores garantias para a Constituição e um ministerio que não opprima os pensamentos liberaes.

« E o que pensais d'isto, General ?

« Eu sou da opinião do povo e em caso de necessidade eu mesmo desembainharei minha espada em favor da causa justa. »

« Encolerisado, Dom Pedro mostrou-lhe a porta. Lima partiu — mas tambem, só para montar immediatamente a cavallo e promptamente alcançar o campo da Honra, onde rebelde elle mesmo se collocara á testa da multidão amotinada. »

Observou que alguns officiaes galopavão para a Imperial Quinta e solicitarão do Imperador ordenar ás tropas de se-

---

[1] Carlos Seidler não deixou de fazer observações acerca do general Lima, cujo egoismo fizera esquecer o muito que devia ao Imperador.

guirem contra os revoltosos, mas o negligente monarcha determinou ir em pessoa ao Campo de Santa Anna com a força militar então no Rio de Janeiro e pediu que cada um voltasse para a sua casa. Alli se achava tambem o Marquez de Barbacena seguido de não pequeno numero de mulatos.

« Deixe Vossa Magestade fazer fogo sobre estes picaros », gritou certo tenente *Maia, na verdade de* origem allemã e de nome Meyer.

« Dom Pedro não podia seguir o conselho, pois acreditava poder com palavras socegar o povo revoltado. Apezar do cavallo veio a pé ao encontro do povo e perguntou o que verdadeiramente se queria delle. Então levantou-se um grito geral, um queria a expulsão do Ministerio, outro a do Imperador, o terceiro exigia uma cousa, o quarto mais outra, a ponto de não ser possivel saber qual o objecto verdadeiro da reunião. Ao mesmo tempo a maior parte das tropas tomou o partido do povo, parecendo querer cumprir com o seu dever a artilharia montada, a guarda de honra e o batalhão do Imperador, pela voz do Leão-Lima berrou seu *Viva a Constituição* repetido pelo echo dos grupos de mulatos e de negros. Foi bastante para D. Pedro, que saltou sobre o cavallo e galopou para o palacio de S. Christovão, onde o esperava D. Amelia, banhada em lagrimas, que debalde procurou demover seu Imperial esposo da resolução de deixar o Brazil. »

« Alberto Pimentel no seu « Estudo Historico », ao qual temos por vezes recorrido, resume o reinado do Sr. D. Pedro I como segue :

« Comtudo, no breve lapso de nove annos o Brazil deveu importantes serviços a D. Pedro. Os proprios historiadores brazileiros o confessam desasombradamente. Cimentou as bases da sua organisação politica como Estado independente. Poz a funccionar as engrenagens administrativas do novo Imperio; com demasiada velocidade certamente, e nisso foi politicamente inhabil.

« Um Rei que tudo concede nas primeiras horas, fica desde logo desarmado : é como um soldado que, ao principio da refrega queima todos os cartuchos. Reformou antigos abusos de admi-

nistração. Mandou escripturar regularmente o orçamento geral do Estado. Introduzio economias consideraveis em todos os serviços publicos, a começar pelas despezas da corôa. Aboliu a censura prévia para a imprensa, limitou a faculdade de expedir ordens de prisão, regulou o andamento dos processos, acabou com os instrumentos de tortura.

« Reformou as pastas, favoreceu a navegação costeira e o commercio de cabotagem, mandou tomar contas rigorosas aos executores do fisco, cortou gratificações, suspendeu o provimento de empregos vagos nas secretarias e repartições publicas. Obedecendo á sua inclinação para ás lettras, em que aliás por falta de educação ordenou ás alfandegas para que despachassem gratuitamente os livros importados. Como se vê, a cultura e a liberdade de pensamento mereceram-lhe protecção, com que todavia, as lettras ganharam pouco, porque a liberdade de imprensa servio para dar curso a satyra á diatribe, ao sarcasmo, e as condições da cultura litteraria do paiz não melhoraram; as lettras brazileiras não floreceram, como nos tempos coloniaes.

« No manifesto aos Brasileiros datado de 1 de agosto de 1822, havia dito D. Pedro: « Cultores das lettras e sciencias, quasi sempre aborrecidos ou desprezados pelo absolutismo agora tereis a estrada aberta e desimpeçada para adquirirdes gloria e honra. » Não esqueceu a sua promessa. Mas neste periodo, aliás escripto com a violencia particular a D. Pedro, porque chamava *despota* a seu pai, a quem o despotismo sempre repugnou, revela-se o principe inclinado ás lettras que havia sido annunciado á Marqueza de Alorna.

« Todos estes serviços não o puderam salvar, porque D. Pedro se lançou nos braços de uma politica ardente e aguerrida, que desencadeava as paixões locaes, dilatando o horizonte das ambições patrioticas dos brazileiros.

« D. Pedro brincava, infantilmente, com o fogo.

« Elle pagou bem caro o erro politico de não ter sabido organisar com elementos moderados um forte partido, que fosse um obstaculo suavemente delatorio ás impaciencias da democracia. Quando cahiu em si, D. Pedro não fez senão desdobrar uma serie de actos violentos, que se algum effeito podiam pro-

duzir, era contra-producente. A dissolução da Assembléa Constituinte, o desterro de alguns homens politicos, entre os quaes José Bonifacio, apenas contribuiram para augmentar a profundidade do fôsso, que elle proprio tinha ajudado a cavar.

« A hostilidade entre brazileiros e portuguezes, que o Imperador tanto acalentára, explorando-a, rebentou logicamente em 1831, ameaçadora, impetuosa.

« O partido republicano abrangia na sua irritação não só os portuguezes naturalizados, mas tambem o Imperador, que personificava para elle o « despotismo estrangeiro ». No parlamento, na imprensa, a liberdade de opinião que D. Pedro havia outorgado, voltava-se contra o seu regulador. A idea *republica* e a idéa *federação* andavam no ar como uma ameaça ao Imperio.

« O pretexto para a explosão appareceu: foi a viagem do Imperador á provincia de Minas Geraes, com o fim talvez de captar sympathias e adhesões, de que tanto carecia.

« Recebido festivamente, D. Pedro creou alento. E, obedecendo de novo ao seu genio precipitado e á sua mania de escrever, proclamou da cidade de Ouro Preto, increpando o partido radical, accusando-o de aproveitar o incitamento de revolução de julho em França para enganar o povo e desacatar a pessoa do Imperador, inviolavel e sagrada pela Constituição.

« Esse partido, contrariado pelo effeito politico da viagem imperial e pela linguagem de D. Pedro na proclamação, tratou de aproveitar a sua ausencia para precipitar o movimento revolucionario.

« Avisado destes planos D. Pedro, deu-se pressa em recolher-se ao Rio de Janeiro.

Os imperialistas preparam-lhe uma recepção festiva, que consistiu principalmente em illuminações e fogos de artificio.

« No principio da noite os festejos correram tranquillamente ao som de vivas ao Imperador, á Imperatriz, á Constituição. Mas, quando principiava a queimar-se o fogo de vistas, surgiram de repente magotes de federalistas, que iam abrindo caminho e gritando: « Viva a Federação! Viva a Republica! »

« Sahiu-lhes ao contrario a reacção dos imperialistas, da tropa e da policia da côrte. A desordem tomou grandes pro-

porções, a confusão, o tumulto foi enorme, mas a policia primeiro, e uma forte batega de chuva depois, calmaram por então os animos.

« Todavia a carta estava lançada.

« As accusações contra o Imperador continuavam, no intuito de impopularisa-lo cada vez mais. Houve até quem o accusasse de ter entrado no conflicto, disfarçado, de jaqueta e chapéo de palha, e de haver dado o signal da reacção contra os patriotas, disparando um tiro de pistola, — pouco mais ou menos como Carlos IX havia feito na noite vermelha da Saint-Barthélemy. [1]

« D. Pedro começou certamente, nesse momento, a reconhecer a imprudencia com que outr'ora havia lisonjeado a revolução patriotica.

« Para mostrar-se coherente, teve de transigir. Nomeou um novo ministerio, que era do agrado dos radicaes, embora fosse do seu desagrado pessoal, porque delle fazia parte o Visconde de Goyanna, inimigo do Imperador, apezar de monarchico.

« A 25 de março, anniversario do juramento da Constituição Brazileira, todos os partidos quizeram solemnisal-o: um, o *Caramurú*, que assim denominavam o partido do Imperador, por glorificar o Imperio, os federalistas, por mostrarem coherencia no seu amor aos principios avançados.

« O Imperador passou revista ás tropas e, apezar de não ter sido convidado, foi assistir ao *Te-Deum* que se celebrou na Igreja de S. Francisco de Paula.

« D. Pedro, quaesquer que hajam sido os seus defeitos, era um homem de coragem, não tinha medo na occasião dos perigos.

« Foi pois voluntariamemente metter-se no meio de numerosos adversarios politicos. — Sim, disse elle ao entrar na igreja, apezar de não ter recebido convite, para me congratular comvosco diante de Deus por um motivo tão solemne. Eu sou sempre constitucional, mais do que eu, só a propria Constituição.

---

[1] Esta comparação é até certo ponto feliz, divergindo radicalmente os historiadores acerca da parte immediata de Carlos IX nos feitos da noite da Saint Barthelemy.

« A revolução não esmorecia porém. Preparava novo golpe. Dispunha-se a sahir para a rua no dia 4 de abril, anniversario natalicio da Rainha de Portugal. Mas a manifestação dos imperialistas, que em grande numero concorreram ao beija-mão, susteve-a.

« O Imperador soube pela policia que os fautores da revolução, não tendo podido dar o golpe durante o dia, haviam promovido tumultos e conflictos durante a noite.

« Os ministros, a quem D. Pedro sondou a este respeito, procuraram attennuar-lhe a gravidade dos acontecimentos.

« O Imperador, confrotando as informações da policia com as do Governo, suspeitou que os Ministros queriam alliviar as responsabilidades dos promotores desses acontecimentos. E de repente, mudou de rumo politico, como um doente em perigo muda de almofada, por já não poder encontrar posição que não seja incommoda: demittiu o ministerio. Até ahi havia D. Pedro alimentado as exigencias radicaes, accelerado, imprudentemente, a marchar da revolução. De subito, reconhecendo que o vulcão refervia, quiz abafar a erupção, nomeando um ministerio que se impuzesse pela autoridade e pela força. Era tarde.

« Do novo gabinete fazia parte o Marquez de Paranaguá, homem energico e resoluto, prompto na acção e na réplica, detestado pela revolução.

« Chamava-se Francisco Villela Barbosa.

« Bastará uma anecdota para definir o caracter vigoroso e recalcitrante d'este estadista.

« Estava discutindo com uma senhora e a discussão azedou-se.

« V. Ex., disse-lhe a dama, sempre é um homem cujo appellido começa *por vil*.

« Vil, não, minha senhora, respondeu elle, *vil ella*. »

« Logo que foi conhecida a organização do novo ministerio, grupos amotinados sahirão para a rua entregando-se a excesso. A desordem alastrou rapidamente, enfurecida contra os portuguezes.

« Fecharão-se as lojas de commercio, trancarão-se as portas, acautelarão-se os valores mais importantes. Foi um dia de Terror aquelle.

« Póde imaginar-se a triste vida que nesses dias de revolução se tinha vivido no Paço de S. Christovão.

« A Imperatriz Amelia, segunda mulher de D. Pedro, era uma criança de dezenove annos, que nessa occasião entrava no periodo melindroso da gravidez. O Imperador, que então tinha apenas 33 annos, queria inspirar-lhe coragem, mas as ameaças que vinhão de fóra da rua preoccuparam-lhe o animo forte. O resto da familia imperial erão crianças a mais velha das quaes D. Maria da Gloria, contava doze annos, e a mais nova, o futuro D. Pedro II, seis annos sómente.

« Vendo crescer, subir a onda da revolução D. Pedro tomára as suas precauções. As pratas e outras preciosidades do palacio imperial havião sido encaixotadas e mandadas furtivamente para bordo da não ingleza *Warspite*. A Imperatriz, nervosa, temendo ao menor ruido, assistia ao desfazer da sua casa, ao desguarnecer das salas da Boa-Vista.

« Os juizes de paz, tentando acalmar a irritação das massas, apparecerão no Campo de Santa Anna, onde ellas havião assentado arraes.

« Parlamentarão com o povo, que exigia pertinazmente a reconducção do antigo ministerio.

« Reconhecendo a impossibilidade de procurar outra solução tranquillisadora, os juizes de paz partirão para o Paço de S. Christovão a dar conhecimento ao Imperador das exigencias da revolução.

« Anoitecêra, entretanto. As sombras da noite vinhão carregar agora a negrura sinistra do quadro.

« O Imperador, rodeado dos ministros e do intendente geral de policia, ouviu, muito agitado, a exposição dos juizes de paz.

« —Digão ao povo, respondeu elle, que procedi constitucionalmente porque a Constituição, me dá o direito de nomear e demittir livremente os ministros. Hei de defender os meus direitos, garantidos pela Constituição á custa de todos os meus bens e sacrificio da minha pessoa.

« E abrindo o volume da Constituição, leu em voz alta o artigo que conferia ao monarcha a livre escolha de seus ministros.

« O juizes fazião venia para retirar-se, quando D. Pedro lhes perguntou com vivacidade:

« Quantas pessoas estarão no Campo de Santa Anna ?

« Tres a quatro mil pessoas.

« D. Pedro replicou:

« Nem duas mil ! Emfim já respondi. Procurem socegar o povo. Tudo para o povo ; nada pelo povo. Podem retirar-se.

« Quando a resposta do Imperador foi conhecida no improvisado arraial do Campo de Santa Anna a indignação popular cresceu, os rugidos da multidão atroarão os ares. Houve ainda quem propuzesse a mediação do general commandante das armas, o brigadeiro Lima.

« Effectivamente Lima dirigia-se a S. Christovão.

« O Imperador deu-lhe a mesma resposta, que já havia dado aos juizes de paz, e ordenou-lhe que enviasse dous batalhões de primeira linha pára reforçar a guarda do Paço.

« Os ministros de França e de Inglaterra e os dignatarios da côrte rodeavão o Imperador, que estava profundamante agitado. Passeava a passos rapidos, de um para outro lado da sala, com os braços cruzados sobre o peito. O rosto livido, sem sangue.

« A Imperatriz tremia, rezava no meio do grupo dos seus enteados e das suas damas.

« E' de suppôr que lhe passasse pelo espirito a visão de Maria Antonietta no cadafalso.

« Tanto mais que o Paço de S. Christovão ia ficando indefeso. O batalhão do Imperador, a sua guarda de honra desertára para o Campo de Santa Anna.

« O brigadeiro Lima julgou ainda dever avisar o Imperador da attitude cada vez mais ámeaçadora que a revolução ia tomando pois que o exercito fraternisava com o povo.

« Mandou a S. Christovão como emissario o major Frias, o qual, no caminho, encontrou a artilharia ligeira, que tinha sido chamada para reforçar a guarda do Paço, que desertára tambem.

« Os artilheiros havião procedido singularmonte, pedindo licença ao Imperador para irem reunir-se aos seus companheiros de armas.

« — Não ? respondeu-lhe D. Pedro. Não quero sacrificio de pessoa alguma.

« O Paço ficára quasi abandonado.

« Duas vezes o major Frias contou em voz alta, na presença do Imperador, o que se passava. D. Pedro parecia aleijado ; não o ouvia. Continuava a passear com os braços cruzados. Mas o major Frias pedia uma resposta decisiva para levar ao brigadeiro Lima.

« O Imperador, como se acordasse de um pesadelo, respondeu sobresaltado:

« — Não ! nunca ! O mesmo ministerio de fórma alguma. E' contra minha honra e contra a Constituição. Antes abdicar. Antes a morte.

« O major ia sahir, quando D. Pedro lhe disse que se demorasse mais algum tempo.

« E deu ordem ao intendente geral da policia para que fosse procurar o senador Vergueiro e o encarregasse de organisar o ministerio.

« Passeiando, dizendo phrases curtas e desligadas aos representantes de França e Inglaterra, D. Pedro chegava muitas vezes á varanda, esperando talvez de um momento para outro ouvir a vozeria da populaça, como acontecêra em Versailles...

« Já não ha um soldado no Paço ? perguntou o Imperador a um criado.

« Poucos, mas fieis e leaes.

« — Não são como muitos que enchi de beneficios, replicou D. Pedro e que estão no Campo a apregoar-se de patriotas.

« A's duas horas e meia da madrugada chegou o desembargador Lopes Gama, em um estado de fadiga e de afflicção extrema.

« Noticiou que não tinha sido possivel encontrar-se o senador Vergueiro em parte alguma.

« O Imperador, parecendo mais calmo, ouviu esta resposta, e convidou os ministros da França e Inglaterra a acompanharem-no ao seu gabinete de trabalho.

« Frias esperava ainda a ultima, a definitiva resposta do Imperador.

« Ao cabo de dez muitos, D. Pedro appareceu: os olhos injectados, as faces incendidas, os cabellos revoltcs.

« Dirigindo-se a Frias disse-lhe, com voz tremula, entrecortada de soluços, entregando-lhe um papel.

« — Aqui tem a minha abdicação ; estimo que sejão felizes. Eu me retiro para a Europa e deixo o paiz que muito amei e amo ainda.

« E, pela primeira vez, D. Pedro não pudêra conter as lagrimas.

« Despedindo-se rapidamente dos dous diplomatas, dirigio-se precipitadamente para a sala da Imperatriz.

« O papel que o Imperador entregára ao major Frias dizia isto:

« Usando do direito que a Constituição me concede, declaro que muito voluntariamente tenho abdicado na pessoa de meu muito amado e prezado filho, o Senhor D. Pedro de Alcantara. — Boa Vista, 7 de Abril de 1831.»

« O major partio, velocissimo, com a declaração do Imperador, para o Campo de Sant'Anna. Momentos depois D. Pedro reapparecia trazendo a Imperatriz encostada amorosamente contra o peito. O Imperador parecia já tranquillo ; a Imperatriz chorava, soluçava.

« Os ministros, os criados do Paço beijavão-lhes a mão, em um silencio funebre, lugubremente solemne.

« O resto dessa noite memoranda devia ser de torturante sobresalto para a familia imperial, receiosa dos desvairos da multidão exaltada.

« As horas arrastavão-se lentamente, cheias de visões terriveis, de sombras temerosas.

« O Imperador ora se inclinava sobre o berço dos filhos pequeninos D. Januaria Maria, D. Paula Marianna, D. Francisca Carolina e D. Pedro que dormião tranquillos, vencidos pela fadiga de uma longa noite de vigilia, ora afagava ternamente a Imperatriz, que chorava, ora finalmente corria á varanda a escutar apprehensivo, sobresaltado o menor rumor que a imaginação lhe avultava, e que não era senão o som que o vento produzia nas arvores collossaes da quinta.

« De todos os pequeninos principes o que mais placidamente dormia era justamente aquelle sobre cuja cabeça pesava nessa hora o encargo de futuras responsabilidades politicas.

« Era D. Pedro II.

« Naquelles dias de Abril principiára para Dona Amelia de Leuchtenberg, a triste odyssea de sua vida conjugal, tão agitada, tão tempestuosa embora nunca lhe faltasse, o que não tinha acontecido á sua antecessora, o amor de Dom Pedro.

« Os primeiros clarões da manhã forão para o Imperador e para a Imperatriz como um favor do céo.

« Logo que constou no Paço que os escaleres da náo *Warspite* protegidos pela bandeira ingleza, esperavão no cács, os Imperadores beijarão com lagrimas os filhos adormecidos, abandonarão o Paço acompanhados pela Rainha D. Maria II, pelo duque de Leuchtenberg, irmão da Imperatriz, pelos Marquezes de Loulé e outros dignitarios, e entrarão na carruagem que os devia conduzir ao cáes.

« Tres dias esteve o Imperador a bordo da fragata *Warspite* esperando que se apromptassem os navios em que, com a Imperatriz e a Rainha, seguiria viagem para a Europa.

« De bordo, escreveu aos senadores e deputados uma carta declarando-lhes que havia nomeado para tutor de seus filhos a José Bonifacio de Andrada e Silva. Escreveu outra carta ao Marquez de Quixeramoby dando ardente expansão á saudades pelos filhos que deixava, e dizendo que como Imperador lhes nomeára um tutor official, mas que como pai o designava como tutor particular, pedindo-lhe, com palavras de grande ternura, que velasse por elles e os protegesse com dedicação.

« Mandou imprimir um adeus aos seus verdadeiros amigos, a quem pedia perdão de alguma offensa que delle pudessem ter recebido. Aos filhos escrevia todos os dias bilhetinhos cheios de ternura paternal e de carinhosa saudade. Esses bilhetinhos, os intimos, não forão publicados.

« Como no dia 12 recebesse uma carta garatujada pela mão do pequeno D. Pedro, aproveitou a occasião para ferir de novo nota politica, com visivel intenção de destinar á publicidade o seu escripto : « Meu querido filho e meu Imperador, muito lhe

agradeço a carta que me escreveu. Eu mal a pude lêr, porque as lagrimas erão tantas que impedião o ver.

« Agora que me acho, apezar de tudo, mais descançado, faço esta para lhe agradecer a sua e para certificar-lhe que emquanto viver as saudades jàmais se extinguirão no meu dilacerado peito.

« Deixar filhos, patria e amigos, não póde haver maior sacrificio. Mas levar a honra illibada não póde haver maior gloria. Lembre-se sempre de seu pai, ame a sua e minha patria, siga os conselhos que lhe derem aquelles que cuidarem na sua educação, conte que o mundo o ha de admirar e que eu me hei de encher de ufania por ter um filho digno da patria.

« Eu me retiro para a Europa : Assim é necessario para que o Brazil socegue, o que Deus permitta e possa para o futuro chegar áquelle gráo de prosperidade de que é capaz. »

« Adeus, meu amado filho, receba a benção de seu pai, que se retira saudoso e não sem esperanças de o vêr.— Pedro de Alcantara — Bordo do navio *Warspite*, 12 de Abril de 1831.

« D. Pedro foi dos monarchas modernos um dos que mais escreverão para os seus subditos, e dessa facilidade de escrever resultavão muitas vezes grandes inconveniencias de expressão.

« Custa em verdade a crêr que ao partir do Brazil com destino á Europa, pensando mais ou menos em vir disputar a seu irmão a corôa de Portugal, insistisse tão levianamente em chamar *patria* a um paiz que o não era, renegando em um documento, que poderia tornar-se conhecido, a sua verdadeira patria !

« Que excellente argumento fornecia D Pedro, por sua propria mão, áquelles dos Portuguezes, os miguelistas, que se não cansavão de chamar-lhe um *principe estrangeiro* !...

« No dia 13 de Abril o Imperador, à Imperatriz e o Duque de Leuchtenberg passavão para bordo da fragata ingleza *Volages* a Rainha Dona Maria II e os Marquezes de Loulé para a fragata franceza *Seine*.

« Quando os dous navios levantarão ferro, D. Pedro, encostado á pòpa da fragata *Volage*, abismava o olhar na amplidão da bahia, recortada de morros gigantescos.

« A essa hora, nas ruas do Rio de Janeiro, cantava o povo vencedor um hymno de triumpho que logo foi denominado *nacional brazileiro* :

« Amanheceu finalmente
A liberdade do Brazil
Não, não vai, à sepultura
No dia sete de Abril

Uma regencia prudente,
Um monarcha brazileiro,
Nos promettem venturoso
O porvir mais lisongeiro. »

« E nessa hora principiava a « vida dolorosa » de um principe desthronado e errante, que, tendo tido duas « patrias », não podia contar com nenhuma; que tendo possuido duas corôas, ambas havia abdicado ; que tendo sido o chefe de um vasto Imperio amplamente talhado em metade da America do Sul, igual dezeseis vezes á superficie da França, se via agora confinado no convez de uma fragata franceza, onde não era mais do que um hospede transitorio, um passageiro temporario. »

PARTE IV

Tendo o tutor de demorar-se em tomar posse do cargo, a Regencia por decreto de 14 de abril nomeou o Marquez de Itanhaen mordomo-mór interino, fazendo-lhe especiaes recommendações para a guarda e vigilancia a exercer sobre as Augustas Pessoas do Imperador e suas Irmãs, servindo-lhes tambem de tutor.

No n. 496 da *Aurora Fluminense*, publicado a 17 de junho de 1831, encontram-se estas linhas:

« Na sessão de 15 do corrente foi approvado por grande maioria o Projecto de Lei para a creação das Guardas Nacionaes, composto de 143 artigos; seguindo se o methodo de votar-se simplesmente por adopção ou rejeição. Nesse mesmo dia tomou-se decisão sobre o decreto em que o ex-Imperador nomeara tutor de seus filhos o Sr. José Bonifacio de Andrada e Silva. A commissão de Constituição foi de parecer que este decreto era nullo, na parte que respeita ao Imperador menor, visto oppôr-se á disposição do art. 130 e ao § 4º do art. 15 da Constituição do Imperio; mas julgava-o valido no que pertence ás augustas Princezas. Durou o debate longo tempo, e afinal deliberou-se que o decreto era nullo em ambas as suas partes; na primeira por ir de encontro á lei fundamental, esbulhando a Assembléa Geral de uma de suas attribuições expressamente declarada; na segunda parte, por não ser de accordo com o direito commum que um pai nomêe tutor a seus filhos, senão por testa-

mento, e não reputar-se valioso um testamento, emquanto vive a pessoa do testador.»

Dias depois foi publicado o *Protesto á Nação Brazileira, e ao mundo inteiro, pelo cidadão José Bonifacio de Andrada e Silva, Deputado pela Bahia* — n'estes termos:

«José Bonifacio de Andrada e Silva crê do seu dever e honra declarar á face do Brazil e do Mundo inteiro que, inhibido pela força de uma decisão da maioria da Camara dos Srs. Deputados, que denega ao Sr. D. Pedro de Alcantara o direito de nomear tutor a seus Filhos (decisão esta que o abaixo assignado julga injusta e illegal, apezar da fonte d'onde emanou, pois que o justo não provém de homens, mas sim da Lei Moral gravada por Deus no coração e entendimento humano) não póde, sem faltar, como disse, ao seu dever, e á sua honra, cumprir com a palavra dada ao ex-Imperador de cuidar na tutoria dos Desgraçados Orphãos, que lhe tinha commettido.

« O abaixo assignado, pelos motivos acima expendidos, julga não estar mais obrigado a satisfazer a promessa feita, logo que não valha a Nomeação Paterna, que tinha aceitado por sensibilidade e em agradecimento á honrosa confiança que n'elle puzèra o ex-Imperador.

« Paquetá, 17 de junho de 1831.— José Bonifacio d'Andrada e Silva.»

N'este dia 17 de junho reunirão-se as duas Camaras legislativas para a eleição da Regencia Permanente, achando-se presentes no Paço do Senado 35 Srs. Senadores e 80 Srs. Deputados. Apuradas as listas, verificou-se que obtiverão votos:

Francisco de Lima e Silva.	81
José da Costa Carvalho	75
João Braulio Muniz.	49
Pedro de Araujo Lima	38
Francisco Carneiro de Campos.	30
Antonio Carlos Ribeiro de Andrada . . .	27
Marquez de Caravellas	17
Manoel Caetano de Almeida Albuquerque .	7
Martim Francisco Ribeiro de Andrada. . .	6
Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. . .	6

Antonio Ferreira França.	5
Gervasio Pires Ferreira.	4
José Ribeiro Soares da Rocha.	3
Bento Barroso Pereira	3
Manoel Antonio Galvão.	3
Diogo Antonio Feijó.	3

e os Srs. Antonio José do Amaral, Manoel de Carvalho Paes d'Andrade, Paulo José de Mello, Lins José de Oliveira, Francisco de Paula Souza, João Pedro Mariano, Bento de Oliveira Braga, Sebastião Barreto, José Lins Coutinho, Francisco José de Lima, Dr. Nunes Eugenio, Francisco Gé Acaiaba Montezuma, José Martiniano de Alencar, José Cezario de Miranda e Antonio Pedro da Costa Ferreira — um voto cada um.

Ficarão, portanto, formando a Regencia Permanente os Srs. Francisco de Lima e Silva; brigadeiro José da Costa Carvalho, deputado pela Bahia; João Braulio Muniz, deputado pelo Maranhão.

A 23 do dito mez de junho foi premulgado um decreto sobre o tutor de S. M. o Imperador e suas attribuições, o qual só foi sanccionado no dia 12 de agosto seguinte.

Reunidas as Camaras para a nomeação do tutor de S. M. o Sr. D. Pedro II a 30 de junho de 1831, sahio eleito o Sr. José Bonifacio de Andrada e Silva, que assumiu as funcções effectivas a 24 de agosto e foi chamado para aio do Imperador o gentil homem Francisco Mario Telles, fidalgo de antiga linhagem.

* * *

Não sabemos quando chegou ás augustas mãos do Sr. D. Pedro II a carta que de Cherbourg á 5 de julho de 1831 lhe escreveu S. M. a Sra. D. Amelia.

Data de 20 de agosto de 1831 a creação da Guarda Nacional no Rio de Janeiro. Vimos registrado no mez de outubro: dia 4, a Lei extinguindo o Conselho de Fazenda e creando o Thesouro Publico; dia 7, nomeação de Luiz Aleixo Boulanger para mestre de escripta, primeiras lettras e geographia da Familia Imperial; dia 19 sarão no Paço da Boa Vista. No mez de novembro: dia 3,

primeira lição de geographia dada a S. M. o Imperador. No Imez de dezembro: dia 2, grande gala e cortejo — á noite S. M. o Imperador e suas Augustas Irmãs assistirão ao theatro acompanhados pelos membros da Regencia ; dia 3, a organização definitiva da Academia de Bellas-Artes ; dia 10, S. M. e SS. AA. escrevem a S. M. o Imperador da Austria. Anno 1832. No mez de fevereiro : dia 12, S. M. o Imperador montado a cavallo, com o uniforme de Guarda Nacional, passa a revista da tropa de linha no Campo de Santa Anna — a força é de quasi 3.000 homens ; dia 15, o Imperador e Suas Augustas Irmãs escrevem ao seu Augusto Pai e a S. M. a Imperatriz D. Amelia dando parabens de lhes terem dado uma Irmã ; dia 17, decreto abolindo os Hospitaes Militares e mandando estabelecer Hospitaes Regimentares ; dia 21, Regulamento para a Administração do Arsenal de Guerra e Fabrica da polvora. No mez de março : dia 9, decreto reformando a Academia militar e da marinha : dia 11, jantar e sarau no Paço da Boa Vista pelo anniversario de S. A. a Princeza D. Januaria ; dia 14, Rebate falso em São Christovão á noite ; dia 25, o anniversario do Juramento da Constituição é festejado com toda a pompa, *Te-Deum* em S. Francisco de Paula, homenagem do Corpo Diplomatico, nobreza, magistratura, etc. : á noite S. M. foi ao theatro.

Ignoramos quando chegou a carta de S. M. a Sra D. Amelia enviada de Paris a 10 de fevereiro a S. M. o Imperador D. Pedro II.

***

Ao Marquez de Cantagallo escreveu D. Pedro as seguintes cartas:

« Paris, 10 de Janeiro de 1832.

« Meu Cantagallo e Amigo.

« A 26 de Outubro tive o gosto de lhe escrever, agora o torno a ter ; ainda não tive a satisfação de receber huma só letra sua ; mas, havendo escripto ao Rocha e pedindo-lhe que me appresentasse os seus respeitos, era de minha rigorosa obrigação escrever-lhe afim de lhe agradecer a attenção e de lhe pedir que me dê

o gosto de receber ainda que seja uma só carta todos os annos. Estimarei que esta o ache de saude, bem como a toda a sua familia, recommende-me á sua senhora e á sua cunhada e aos mais que de mim se lembrarem e abrace seus filhos e filhas da minha parte.

« Por estes 20 dias embarco para me ir pôr à testa da expedição contra o Despota usurpador do throno de minha filha e assasino de meu Pai e da carta Constituicional.

« Acceite os protestos da mais sincera amizade com que sou e serei

« seu verdadeiro amigo,

D. PEDRO, DUQUE DE BRAGANÇA.

« P. S. — Recados a todos aquelles que de mim se lembrarem e foram meus verdadeiros amigos.»

Parece ter sido recebida no dia 11 de março a carta escripta de Angra, na Ilha da Madeira, pelo Senhor D. Pedro I para seu Augusto Filho, n'estes termos:

« Muito estimarei que esta te ache de saude e adiantado nos teus estudos ; sim, meu Amado Filho, he mui necessario para que possas fazer a felicidade do Brazil, tua Patria de nascimento, a minha de adopção, que tu te faças digno da Nação, sobre que imperas, pelos teus conhecimentos, maneiras, etc., etc., pois, meu adorado Filho, o tempo em que se respeitavão os Principes, por serem *Principes* unicamente, acabou-se; no seculo em que estamos, em que os Povos se achão assaz instruidos de seus direitos, he mister que os Principes igualmente estejão e conheção que são homens e não divindades, e que lhes he indispensavel terem muitos conhecimentos e boa opinião, para que possão ser mais depressa amados do que mesmo respeitados — o respeito de um povo livre para seu chefe deve nascer da convicção, que aquelle tem, de que seu Chefe he capaz de o fazer chegar áquelle grão de felicidade a que elle aspira, e assim não sendo, desgraçado Chefe, desgraçado Povo.»

De Angra o Senhor D. Pedro escreveu tambem ao Marquez de Cantagallo. « Tinha tempo para tudo (observa Alberto Pimentel).

Não esquecia, no meio de tantos trabalhos, os amigos que deixára no Brazil. Com alguns d'elles sustentava correspondencia!

« Meu Cantagallo — Grande prazer me deu a sua de 22 de dezembro do anno proximo passado, pelo que respeita a noticias suas e dos nossos amigos e dos meus queridos filhinhos, bem como grande pena me causou pela noticia da morte de sua cunhada; eu o sinto não só por ser cousa que lhe diz respeito, mas athé porque sempre a tive no conceito de senhora mui digna e muito minha amiga: contra a vontade de Deus não ha remedio.

« Eu estou bem e toda a minha familia, da qual acabo de ter noticias, e aqui estou no meio do inverno por amor da humanidade, de minha filha e da liberdade: he deste modo que os homens de bem provão que são verdadeiramente liberaes e não com palavras e palavriados como por ahi os ha infelizmente, e que a nada mais aspirão, que a esmagar aquelles cujos principios não são os seus. Espero por este mez, meado de outro, poder partir em frente da expedição a derrubar a tyrannia e a dar huma prova não equivoca ao mundo do meu desinteresse e do meu amor pela causa da Liberdade bem entendida. Adeus, meu querido amigo, faça, eu lhe peço, os meus cumprimentos a sua senhora e a todos aquelles que se lembrarem de mim, ficando na certeza de que jámais deixará de me considerar como sempre me considerei.

« Seu amigo e muito agradecido, *D. Pedro Duque de Bragança.*»

***

Alludindo á expedição do Sr. D. Pedro, pondera Alberto Pimentel:

« Feliz, feliz o Principe a quem tantos homens, tão esmagados por longos soffrimentos e privações, dedicavão a sua vida, sacrificavão os seus haveres, a paz das suas familias, o remanso dos seus lares. . . . . .

« Essa felicidade, a maior da sua vida, teve-a D. Pedro, como raros outros principes.»

***

Em carta escripta do Porto, a 4 de setembro de 1832, ao Marquez de Cantagallo, então em Paris com a sua familia, o Sr. D. Pedro relatou o que lhe occorrêra nos ultimos tempos, isto é, desde que se achava na cidade do Porto.

* * *

Interessante é o que conta Joaquim Pinto de Campos nas linhas seguintes:

« E não será descabido aqui apontar, entre tantos outros, um facto comprobatorio dos profundos sentimentos monarchicos daquelle cavalheiro. Achando-se o Major M. de F. V. preso na Fortaleza de Villegagnon, sublevou a guarnição, e com os soldados revoltados transportou-se á Fortaleza de Santa Cruz, donde tirou uma peça de campanha, e removendo-a uma força se apresentou no Campo de Sant'Anna e ahi, aos 3 de abril de 1832 (não era volvido um anno depois da abdicação), proclamou a *republica*. Era então o Major Luiz Alves de Lima commandante do Corpo de permanentes, que sem detença correu sobre os revoltosos e os bateu. (Conserva elle, segundo nos foi tambem dito, um rico annel de brilhantes, com a inscripção — 3 de abril de 1832 — offerecido em memoria desse facto por alguns monarchistas de então.)»

* * *

No mez de abril: dia 3, o major Miguel de Frias Vasconcellos desembarca em Botafogo com alguns homens e peças de artilharia, marcha para o Campo de Sant'Anna contra os guardas municipaes, fallecendo dous d'estes na descarga que houve; no dia 7, Monsieur E. de Pontois, encarregado dos negocios da França, em nome do Corpo Diplomatico dirigio ao Imperador algumas palavras de homenagem e felicitações; dia 10, decreto extinguindo a Thesouraria Geral das Tropas, substituindo em seu lugar a Pagadoria das Tropas annexa á Administração Geral do Arsenal de Guerra; dia 14, a Familia Imperial vem ao Paço da cidade para fixar sua residencia.

No mez de maio, dia 12, S. M. desenha do natural o Convento de S. Bento e ao dia 13 escreve para seu Augusto Pai remettendo-lhe o referido desenho. O Sr. D. Pedro II tinha grande vocação para o desenho, existe em poder da Exma. Sra. D. Francisca Carolina de Verna Fonseca Monteiro de Barros um desenho feito por S. M. com a idade de 7 annos representando a Ilha das Cobras, vista do Paço da cidade.

* * *

Martim Francisco Ribeiro d'Andrada escreveu do Rio a 8 de junho de 1832:

« Nós já não somos o que eramos ; taboa por taboa tem sido arrancada do antigo edificio imperial e é de temer que esta familia de innocentes orphãos não venha a ser victima, com o tempo, do furor de uns poucos de malvados empoleirados, apezar dos nossos esforços em querer salval-a. Monstros se apoderaram dos empregos, monstros que descaradamente têm exercido toda a especie de crimes. A capital não é mais a antiga cidade do Rio; a emigração a tem despovoado ; o terror tem acabado com as reuniões e partidas que concorriam a augmentar seus começos de sociabilidade ; as lagrimas das familias, o sangue tantas vezes derramado, um enxame de espiões, as cadeias amontoadas de suspeitos e uma immoralidade sem freio, eis aqui os bens que descarregou sobre o Brazil uma administração de facinorosos, de ladrões e de estupidos. Tal é o quadro doloroso que eu posso offerecer á sua consideração.»

* * *

Continuando a transcrever notas de L. A. Boulanger, anno 1832.— « Mez de agosto : dia 2, jantar e saráu no Paço da Boa Vista pelo anniversario de S. A. a Princeza D. Francisca ; dia 31, a Familia Imperial com o Tutor e os Semanarios passão o dia na Ilha do Governador.

« Mez de setembro : dia 7, celebra-se este anniversario com toda a solemnidade ; cortejo, *Te-Deum* em S. Francisco de Paula, illuminações e theatro.

« Mez de outubro : dia 3, decreto dando uma nova organisação ás Academias Medico Cirurgicas do Rio de Janeiro e da Bahia; dia 9, o Imperador escreve a sua Augusta Irmã D. Januaria, atacada de varicella; dia 18, S. M. é por sua vez atacado de varicella ; dia 23, decreto sobre concessão de cartas de naturalisação ; dia 24, decreto estabelecendo que o juro e premio do dinheiro seria aquelles que as partes convencionarem ; dia 25, Resolução sobre o serviço dos Guardas Nacionaes e outra extinguindo a Junta de Administração da Tijuca.

« Mez de novembro : dia 29, decreto sobre o Codigo do Processo Criminal de Primeira Instancia.

« Mez de dezembro : dia 2 — O anniversario natalicio de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II é solemnisado com a maior pompa. S. M. sahindo do Paço a cavallo em uniforme da Guarda Nacional, se dirige ao Campo de Sant'Anna, onde percorre as fileiras de quatro legiões. »

* * *

As senhoras D. Marianna e D. Maria Antonia assistirão aos ultimos momentos da Princeza D. Paula, que falleceu a 16 de janeiro de 1833 no perfeito conhecimento do seu estado e completamente resignada. S. A., então com dez annos de idade, era considerada como uma santinha. Ambas aquellas senhoras e as demais damas do Paço se tinhão revesado para fazerem quarto á Imperial doente.

A 5 de janeiro a Princeza D. Paula deixára de escrever para seu Augusto Pai juntamente com as irmãs, por se achar já affectada com febre.

A 23 de janeiro o Imperador D. Pedro II e as Princezas as augustas Irmãs de S. M., escreverão dando parte ao seu augusto Pai do infausto fallecimento, e o tutor Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva additou em *post scriptum*:

« *Durum ! sed levius fit patientia—quidquid corrigere est nefas !* »

* * *

Disse Alberto Pimentel:

« A 4 de fevereiro (1833) tinha D. Pedro escripto para o Brazil, á Condessa de Itapagipe, seguindo de longe, com vivo interesse, a educação dos filhos.

« Rogo-lhe sobretudo que cuide em que meus filhos mostrem bom modo a todos :— que suas maneiras sejam delicadas ; que quando conversarem, suas palavras sejam bem pronunciadas e escolhidas.

« Igualmente lhe peço que não consinta que diante delles fallem cousas que lhes possam ser nocivas ; o que jámais deve ter lugar entre pessôas bem éducadas. »

* * *

Aproveitemos de novo as notas de Boulanger — Anno 1833 — Mez de março: dia 7, Carta do Secretario do Estado da Curia romana ao abbado Fabrini a respeito das escriptas de S. M. I. e Altezas e dia 26 o Imperador escreveu para seu Angusto Pai remettendo a medida de sua altura.

Mez de abril: dia 2, S. M. e AA. II. escrevem a seu avô o Imperador da Austria ; dia 4, quinta feira de Endoenças, S. A. a Princeza D. Francisca faz a sua primeira communhão ; dia 30, o Imperador escreveu para seu Angusto Pai uma carta acabando com estas palavras : « Novamente tenho a honra de rogar a V. M. me deite a sua benção e a continuação das suas estimadas cartas para juntar ás outras, que tenho guardadas com particular cuidado, como verdadeiros guias para a minha presente e futura vida. »

Mez de junho, dia 10, o Imperador escreveu a seu Angusto Pai principiando com estas palavras : « Muito sensivel nos tem sido chegarem dous paquetes sem termos o prazer de receber carta de V. M. I., etc. » dia 13 Sua Magestade e Suas Angustas Irmãs fizeram entrega ao Sr. José Bonifacio de Andrada e Silva da carta por elles subscripta e n'estes termos:

« Pénétrés de reconnaisance pour les soins affectueux et vraiment paternels que notre bon Tuteur n'a cessé d'avoir pour nous, nous venons lui présenter, à l'occasion de l'anniversaire de

sa naissance, les vœux que nous formons pour la conservation de ses précieux jours et l'assurance de notre sincère et tendre attachement. »

Deprehende-se do conteúdo da carta que o Imperador escreveu a 10 de julho a seu Augusto Pai, que o primeiro Imperador do Brazil tinha muita religião e tambem o segundo pela educação que recebia.

No dia 2 de agosto houve saráu no Paço da Boa Vista pelo anniversario de S. A. a Princeza D. Francisca.

Foi a 11 de agosto que se installou a Sociedade Militar.

A 25 de agosto o Imperador respondeu em Inglez á falla que lhe dirigio o Sr. H. F. Fox, quando se apresentou pela primeira vez a Sua Magestade como Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de S. M. Britannica.

A 7 de setembro 1833, dia de grande gala, o Imperador assistio ao *Te-Deum* depois recebeu as pessoas que o forão comprimentar e em seguida foi a cavallo ao Campo de Sant'Anna, onde formou em revista a tropa alli reunida.

No dito anno 1833, no dia 3 do mez de junho, foi apresentado na Camara um Projecto de Banimento do ex-Imperador D. Pedro I, o qual cahio dias depoiss

* * *

O Sr. tutor effectivo mal se havia accommodado no Paço da Quinta da Boa Vista, quando pelo seu modo de proceder deixou a todos e mórmente ás Damas bastantes sorprehendidas.

Sabemos do seguinte caso, cuja veracidade asseveramos, por mais extraordinario e menos comprehensivel que possa parecer.

A Imperatriz D. Amelia conservava em um quarto armarios cheios de brinquedos e diariamente tirava alguns que dava a cada um dos enteados quando a vinhão comprimentar; mas com a partida de Sua Magestade ficou o quarto quasi que esquecido, até que o descobriu o Sr. José Bonifacio de Andrada e Silva.

Mandando então chamar seus augustos pupilos, depois de havel-os reunido, Sua Excellencia franqueou-lhes todos os

brinquedos, dizendo : « acabou-se o monopolio, podeis brincar com tudo, pois tudo vos pertence ».

O Conselheiro José Bonifacio tratava bem a todas as pessoas do Paço, mas com certo autoritarismo, que desgostava principalmente a quem alli governava desde o fallecimento da Imperatriz a Sra. D. Leopoldina e talvez antes.

Custa a crer que José Bonifacio deixasse de considerar devidamente a viuva de Joaquim José de Magalhães Coutinho, o companheiro no tempo do « Apostolado » e sem duvida seu amigo.

Não faltarão intrigantes, e convencerão elles José Bonifacio de estar D. Marianna trabalhando para afastal-o, sendo muito intimo da senhora de Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, que muitas vezes encontrava na casa do amigo commum Paula Barbosa da Silva.

Dividirão-se as Damas do Paço em dous grupos, sendo favoravel ao tutor o da Condessa de Itapagipe (D. Romana de Aragão Calmon, que falleceu a 10 de novembro de 1862) e D. Joaquina Adelaide de Verna e Bilstein — que se mostrou sempre mal agradecida á protecção de sua tia — e contraria ao tutor, a de D. Marianna com a sua filha D. Maria Antonia, sua sobrinha D. Maria José de Verna e Bilstein, D. Marianna Pinto e D. Joanna Pinto.

Desgostosas as Sras D. Marianna e D. Maria Antonia, se fizerão exonerar e se retirarão do Paço no fim de 1833, isto é, deixarão de ter residencia, continuando, porém, D. Marianna Carlota de Verna Magalhães a conservar os seus aposentos e a respectiva sege de que se utilisava de quando em vez, passando dias no Paço em visita ou sempre que o Imperador adoecia.

Deprehende-se de cartas escriptas pelo Sr. D. Pedro II e pela Sra Princeza D. Francisca, que S. M. e S. A. muito sentirão a retirada das duas senhoras — as queridas *Dadama* e *Totonia* — como as chamavão e quando tivessem sido de mais idade bem certamente terião sabido manifestar o seu descontentamento.

* * *

No livro que servia para apontamento dos criados de S. M. I. e das Augustas Princezas, a partir de 9 de novembro de 1831, achão-se matriculadas :

A Sra. Condessa de Itapagipe, Dama de sua Magestade com 80$ de vencimentos mensaes, que por portaria de 1° de março de 1832 passou a ser Camareira-mór, vencendo mensalmente 110$000.

As Damas de S. M. I. com o vencimento mensal de 80$ — D. Marianna Carlota Verna — D. Maria Francisca de Faria Souza Lobato, que passou para o quarto da Priniceza D. Januaria em 1° de fevereiro de 1832, para substituir D. Francisca Mathilde Pinto Ribeiro, dispensada a 22 de novembro de 1831, por se ter casado com o marquez de Itanhaen — a D. Catharina Ramos de Souza Eça Montaury desde 1° de fevereiro de 1833, tendo anteriormente servido á Princeza D. Paula.

Açafatas de Sua Magestade com 60$ de vencimento mensal — D. Maria Violante da Cunha e Vasconcellos — D. Maria José de Verna e Bilstein — D. Marianna Augusta Pinto Ribeiro — D. Rita Joaquina de Santa'Anna Pereira — D. Rita Francisca Rego por passar para o quarto da Princeza D. Januaria em 1° de fevereiro de 1832 — D. Maria Izabel de Azevedo Coitinho Ramos Montaury a partir de 1° de fevereiro de 1833, tendo antes servido a finada Princeza D. Paula.

Retretas de Sua Magestade — com o vencimento mensal de 29$666 D. Andresa Maria Rosa — D. Eulalia Maria Rita Monteiro — D. Gertrudes Sebastião Couto — D. Maria Angelica Beltrão — com o vencimento mensal de 8$333 D. Catharina Victorina da Piedade — D. Maria Carlota Fortuna, dispensada em 3 de dezembro de 1832, por se ter casado. D. Margarida Luiza da Silva a partir de 1° de fevereiro de 1833, tendo servido anteriormente á Princeza D. Paula.

Moças do quarto de Sua Magestade, com vencimento mensal de 27$166 — Elma Thereza — Joanna Francisca — Luiza Maria — Maria José a partir de 1° de fevereiro de 1833, tendo servido á Princeza D. Paula e vencendo 5$833 Laurianna Joaquina.

Moças de lavar com vencimento mensal de 6$666 — Anna Michaela de Mattos e Silva — Anna Maria da Conceição — Maria Joaquina de Mattos e Silva — Marianna Joaquina de

Sant'Anna — Margarida Angelica do Espirito Santo — Marianna Theodora da Silva que pediu escusa em fevereiro de 1832.

Porteiras vencendo mensalmente 26$749 Maria do Carmo Monteiro e Victorina Rita do Carmo.

Engommadeira de Sua Magestade mediante 10$ mensaes Marianna Joaquina da Silva com obrigação de engommar as roupas de gomma das SS. Senhoras Princezas.

S. A. Senhora D. Januaria teve como Dama a D. Francisca Mathilde Pinto Ribeiro, substituida por D. Maria Francisca de Faria Souza Lobato — como Açafata a D. Joanna Severianna Pinto Ribeiro — como retreta a D. Justina Candida de Araujo — como moça de quarto Joaquina Rosa — como engommadeira Anna do Sacramento.

S. A. a Senhora D. Francisca teve como Dama D. Maria Antonia de Verna Magalhães Coitinho — como Açafata D. Joaquina Adelaide de Verna e Bilstein — como Retreta D. Maria Leonor Pontes — como moça de quarto D. Rosa Maria Gil — como engommadeira Anna do Sacramento.

* * *

« A revolução patriotica de 7 de abril de 1831, cujo fructo foi a abdicação de D. Pedro I e a sua partida para a Europa, disse F. A. Pereira da Costa, extremara dous partidos : um envidava todos os meios, empregava todas as suas forças pela restauração do governo do primeiro Imperador ; o outro, porém, sustentava a abdicação, e além de luctar com seus adversarios, luctava tambem com a influencia portugueza, que então ainda tinha algum valor »

No mesmo Dic. Biog. de F. A. Pereira da Costa lê-se tambem :

« Fallecendo o general Bolivar em 1830, Abreu Lima deixou a Colombia e seguio para os Estados Unidos, onde recebeu a noticia da abdicação de D. Pedro I e d'alli partiu para a Europa.— Na Europa, disse elle proprio, contrahi com o Imperador muito boas relações, e suppuz que talvez conviesse ao Brazil a sua volta. »

« Em 1832 Abreu e Lima toma o caminho da patria; e fixa a sua residencia no Rio de Janeiro — « horrorisado pelo cynismo, diz elle proprio, pela impudencia com que se calumniava torpemente o Sr. D. Pedro I de gloriosa memoria, alcei a voz e oppuz uma barreira de bronze contra semelhante torrente de indignidade. Sim, eu fui o primeiro que, depois de 7 de abril gritei a uma facção immoral e corrompida *pára* e ella parou; eu fui o primeiro que gritei *ingratidão, infamia* e o povo me ouviu, porque o povo era sincero e agradecido, e os Januarios recuaram.»

« Em 1833 Abreu e Lima ligou-se no Rio de Janeiro ao partido Caramurú, cuja bandeira era a restauração do governo de D. Pedro I, e foi então um dos mais denodados batalhadores em prol dessa ideia, sustentando uma viva e ardente lucta com Evaristo Ferreira da Veiga.

« Em 1833 o Conego Januario da Cunha Barbosa, que pertencia ao partido opposto á restauração, recitou na loja *Commercio e Artes*, da qual era veneravel, um fogoso discurso em que tratava a D. Pedro I por *vil traidor* e por *fratricida abominavel, perjuro e monstro*; e no anno seguinte ventilou-se na Camara dos Deputados a questão do projecto de banimento do Imperador. Então Abreu e Lima oppõe pela imprensa a tudo isso uma brilhante *Representação*, a qual, diz elle proprio, foi tida e havida por tudo quanto ha de illustrado no paiz como uma brilhante dissertação de direito publico constitucional e como um desaggravo do povo brazileiro contra a injuria de ingratidão, que lhe irrogavam os Januarios daquelle tempo. »

Lê-se n'um livro contendo 103 biographias de Brasileiros celebres compilados por..... com relação a José Bonifacio:

« A 22 de Abril de 1831 toma assento na Camara como deputado pela Bahia, e sua posição diante do genio da revolução que erguia o collo, fez o governo suppô-lo coniento com *a restauração* que o arrancou violentamente do paço Imperial, e mandou conduzir preso á Ilha de Paquetá depois de o suspender das funcções de tutor da familia Imperial, que lhe fôra confiada pelo honroso decreto de 6 de Abril de 1831.»

Na defesa do José Hygino Sodré Pereira da Nobrega por elle mesmo desenvolvida no Tribunal do Jury da Côrte a 6 de março 1834 encontram-se os topicos seguintes: « Com a abdicação de D. Pedro I, milhares e milhares de desacatos se praticaram por ordem da regencia, porém nenhum delles merece maior gráo de attenção do que os que forão praticados no dia 13 de Dezembro de 1833, em que a policia, de ordem dessa regencia de execranda memoria, transgredindo todos os direitos da realeza, invadiu os paços imperiaes para dentro delles se prenderem brasileiros pelo imperdoavel crime de terem sido fieis ao Sr. D. Pedro I.

« Os reconditos mais sagrados, como fossem os dormitorios das Augustas Princezas não forão respeitados, o tutor do Sr. D. Pedro II e das suas augustas irmãs não escapou das iras desses abutres e como escapar, senhores?! quando o Proprio Monarcha Brasileiro e suas Augustas Irmãs forão arrancados dos seus aposentos e os vimos pelas ruas desta Côrte escoltados por sessenta permanentes municiados de polvora e bala com as clavinas em punho, sendo tratados como uns facinorosos ou réos de alta traição!!! »

« Com os desacatos já referidos, milhares e milhares de processos se elaborarão, o illustre tutor, o primeiro homem do Brasil, o ancião respeitavel, o patriarcha da independencia, finalmente o benemerito José Bonifacio de Andrada e Silva foi processado e no dia 6 de março de 1834 compareceu á barra deste mesmo Tribunal e é accusado por ter sido amigo fiel do Sr. D. Pedro I.

« Nesse decantado processo contra o illustre tutor, ás cinco testemunhas que, de ordem da policia, vieram a juizo jurar contra o benemerito José Bonifacio forão convencidos pelos advogados Montezuma, Japyassú e Pantoja, por falsos.»

Na verdade, no dia 15 de dezembro, o Paço Imperial da Boa Vista foi cercado por ordem do Governo — o Imperador e as Princezas forão conduzidos para o Paço da cidade, de onde tinhão vindo a 8 de novembro; quanto ao tutor, foi destituido e levado preso para a Ilha de Paquetá, processado em meiado de 1834 e absolvido. Sobreviveu 4 annos á tão rude provação, fallecendo em 1838 com 85 annos de idade.

Transportamos do « Guanabara » as linhas seguintes

« Eis chegados os ominosos dias de abril de longa mão preparados; uma eleição imprudente de ministros é o pretexto de que se servem os corifêos da revolução para sublevarem as massas do Povo e o Imperador, ou seduzido por phantasticas promessas, ou fatigado da perfidia luta, abdica o throno no augusto menino em cujo nome serão ora regidos, e deixa o Brasil, encommendando seus tenros filhos ao ancião que deportára, e então reconhece por seu verdadeiro amigo.

« A nomeação é annullada por uma assembléa só guiada pela senha e sem respeito ás leis e á natureza, nega-se a um Pai, cousa estupenda, o direito de dar tutor a seus filhos; todavia o mesmo tutor que o Imperador nomeara é o escolhido pela Assembléa, e o nobre velho imprudentemente aceita o perigoso cargo, que, como a boceta de Pandora, vinha para elle prenhe de todos os desgostos. Desde então uma enfiada de surdas perseguições o não deixou socegar; não houve movimento popular em que não implicassem o nome do conselheiro Andrada e de sua familia; a nobreza de sua alma a pureza de sua conducta o não salvou das mais improvaveis arguições. Paciente e corajoso, como era o seu espirito, a carne fraca resentiu-se de tanto abalo; e dous repetidos ataques de paralysia annunciaram a deterioração de seu cerebro, que progredio sempre, até que os aziagos dias de dezembro de 33 o reduziram quasi á vida vegetiva. Nesses dias fataes, canalha amotinada, capitaneada pelo chefe de Policia, quebrou-lhe as vidraças, cobre de baldões e injurias seu nome respeitavel, e o governo, se é que de governo merece o nome, a cafila então apodera-se do poder, sem o menor direito suspende o eleito da Assembléa e o tutor de D. Pedro II é conduzido á prisão por um capitão!!! Velho venerando! ainda hoje talvez te não chorariam tua familia e amigos, se o amor de tua Patria, se a amizade que sempre mostraste ao Principe decahido te não persuadissem a cuidares nos tenros Pimpolhos, confiados ao teu cuidado; privado das vistas dos queridos orfãos, filhos da Nação, que amavas como teus, definhaste como tenra flôr a que falta a agua, e que o sol cresta. Cruel lembrança! E houve uma Assembléa que ratificasse a violencia!

Houve!... e no Brasil sempre haverá, emquanto os partidos dictarem a lei!! as paixões fogosas que nos lavram o peito impellem-nos sempre a soltar as barreiras da justiça; a inveja, ingrediente principal, de que são amassadas nossas almas, faz-nos achar uma graça divinal em abater quanto ha de sublime!»

. . . .

Parece-nos que cabem aqui os trechos do trabalho de Carlos Seidler que se seguem em lingua vernacula:

« Estes louros estando portanto obtidos, jubilosa voltou a guarda nacional da sua triumphal empreitada, o sapateiro tornou a pegar nas suas formas e o alfaiate pendurou a espada na parede para pegar na agulha. Mas não durou muito a tranquillidade, já estava em caminho uma nova tempestade todavia de ordem muito peior. José Bonifacio de Andrada, o tutor do pequeno Pedro II, sentindo-se desde longo tempo mortificado pela arrogancia do regente Lima, por fim tinha tomado a resolução de, com toda a força que se conservava á sua disposição, pôr um paradeiro á presumpção de seu adversario. Elle projectara o plano temerario de derrubar a regencia toda pela força das armas e substituil-a por outra nova. Todos os lacaios da côrte, bem como os moradores de São Christovão eram-lhe fieis, elle contava seguramente com o auxilio d'elles e só faltava uma cabeça prudente para dirigir a secreta combinação na cidade e se achasse ao caso de chamar a si o commando geral do movimento. Isto acreditava José Bonifacio tel-o encontrado na pessoa de um homem que no Rio de Janeiro se deixava injuriar com o titulo de Barão von Bulow, mas como se soube mais tarde, nem Barão, nem sequer fidalgo era, sendo oriundo de uma familia insignificante do Hanover (o escriptor disse familia ordinaria), que na verdade se chamava Hoiser. Fóra d'isto era talentoso, mas por isto mesmo arrebatado, sabia fazer-se entender em quasi todas a linguas européas, embora não tivesse chegado a aperfeiçoar-se em nenhuma d'ellas apezar de seu cabello ruivo e um exterior em ponto algum agradavel tinha o dom de se fazer geralmente estimar; espadachim parlador e ainda melhor mentiroso, escrevia com habilidade, pouco importava-lhe a que senhor servia, podia ser adulador tão facilmente como ser gros-

seiro — em resumo, foi esse o homem que correspondeu ás intenções do tutor.»

Carlos Seidler ponderou ainda que o tal Bulow servira anteriormente o Rei Fernando VII da Hespanha, cujo paiz teve de deixar estando compromettido n'uma sentença de morte, ao depois passara para Buenos Ayres, onde foi preso e solto sob condição de partir para o estrangeiro. « Este Dom Quixote allemão, disse Carlos Seidler, precisava de dinheiro e promptamente acceitou a proposta do tutor, que alias tudo fazia em segredo para não se compromettter, de modo que em pouco tempo Bulow se achou feito chefe de um trama que contava de 5 para 6 centos adeptos.

« Toda a cidade sabia mais ou menos o que se passava e a cada momento esperava-se ver as ruas cheias de sangue e de cadaveres, mas cada manhã olhavão os cidadãos para o céo e dizião uns para os outros: graças a Deus ! vem chuva, hoje não haverá nada ! No emtanto não chovia sempre, até o bello dia em que os conspiradores por dous caminhos differentes vierão encontrar-se no Campo de Santa Anna, então o dito Campo de Honra, onde debaixo das ordens do pseudo-Bulow accordarão Lima e seus consortes com alguns tiros de canhão e os gritos de Em baixo o governo. Em seguida a guarda permanente se apresentou com alguns mil homens e foi reforçada com um contingente de guarda nacional, trocarão-se alguns tiros, mas promptamente se retirarão os rebeldes, indo o generalissimo Bulow no seu uniforme de grande gala occultar-se n'uma cocheira na chacara de um seu conhecido americano, onde foi preso e depois solto, graças á intervenção dos amigos do José Bonifacio.»

*

Referindo se ao Sr. D. Pedro de Bragança, diz Alberto Pimentel:

« A preoccupação pelo destino do filho era e foi constante na sua existencia.

« A este respeito ouçamos ainda Abreu Lima (escrevendo a Mousinho de Albuquerque em 1 de Julho ?) Um dos cuidados

que mais preoccupão o Imperador é a sorte futura de seu filho, que elle receia, com razão, não seja, como seu pai, expulso do Brazil.

Nesse caso peza-lhe a abdicação do throno de Portugal, e a idéa dessa complicação e embaraço o atormenta.

* * *

Do fim de 1833 a 1834 o palacio Imperial foi durante algum tempo habitado por Sua Magestade o Imperador, ainda menor, e por suas augustas irmãs: a mudança de sua residencia da Quinta da Boa Vista para o palacio da cidade traz-nos á memoria (escreveu Joaquim Manoel de Macedo no seu livro « um Passeio pela cidade do Rio de Janeiro — Rio de Janeiro, — 1862) dias tormentosos e uma pagina triste de nossa historia.

* * *

A proposito do Paço da cidade, além do que disserão o Dr. Moreira de Azevedo no seu livro, Rio de Janeiro, e o Dr. Joaquim Manoel de Macedo nas suas « Memorias da Rua do Ouvidor », damos em seguida um extracto do discurso que o mesmo Dr. Macedo pronunciou como orador do Instituto Historico na sessão magna de 15 de dezembro de 1876 :

« Este palacio tem voz, voz que falla precisamente ao Instituto Historico, a voz da historia de mais de cem annos, que em sua passagem foram deixando lembranças memoraveis que os echos vindos do passado repetem, e furtando á indiscrição d'esses echos segredos politicos que a posteridade em suas conquistas de luz arrazará ou não.

« N'este palacio, o Conde de Bobadella apadrinhou a installação da academia dos *Selectos*, a primeira sociedade litteraria que teve o Rio de Janeiro, e de uma das janellas d'elle o mesmo Gomes Freire de Andrade assistio ao embarque dos jesuitas fulminados pelo banimento que o Marquez de Pombal conseguira de D. José I.

« N'este palacio o Conde da Cunha deixou lição dolorosa d'aquella cegueira que foi a illimitada confiança em subalterno

tornado arbitro do governo; o Conde de Azambuja resvalou esteril por ephemero vice-reinado; o Marquez do Lavradio, o vice-rei estadista, decretou futuros, mandando plantar o cafeeiro, e creando ou protegendo industrias novas; Luiz de Vasconcellos, o obreiro, ordenou que se abrisse uma rua onde havia um espigão de uma serra, e que se improvisasse bello jardim onde havia lagôa pestifera, e deu á cidade agua, flôres e noite de festa; o Conde de Rezende dissolveu a Academia Scientifica, fez prender alguns de seus membros, e perseguiu aos outros a sonhar conjurações e deixou o Rio de Janeiro e o Brazil como em noite de tempestade; D. Fernando José de Portugal foi aurora facilmente risonha depois do vice-reinado das trévas, e o Conde dos Arcos apenas teve tempo de improvisar hospedagem para receber em 1808 a Familia Real portugueza, a fugir das aguias de Napoleão em frenesi de irressistivel vencedor.

« Afóra o Conde de Bobadella, sete vice-reis, e quarenta e cinco annos de vice-reinado com um *bastão* por symbolo do poder. Sete despotas oppressores; mais dous ao menos fazendo perdoar o despotismo e a oppressão por grandes beneficios publicos, que realizaram.

« D'este palacio partiu o manifesto em que o Principe Regente, depois Rei D. João VI, elevou a sua voz do seio do novo Imperio que viera erguer; d'aqui lavrou o Conde de Linhares a serie de decretos creadores de instituições condignas da nova capital da Monarchia e da civilisação do paiz que já deixara de ser colonia.

« De uma d'estas, janellas, que olham para aquella praça, foi repetido ao povo em multidão fervente o faustoso — *Fico no Brazil* — a 9 de janeiro de 1822, primeiro élo da corrente gloriosa que teve por ultimo annel o 7 de setembro. »

Accrescentaremos em aditamento que foi tambem de uma das janellas da face principal d'este mesmo Paço que foi apresentado ao povo e por elle acclamado em 7 de abril de 1831 o Imperador D. Pedro II, como se vê de uma estampa da notavel obra de J. B. Debret.

* * *

« Os excessos do partido restaurador, que perturbava a ordem e conspirava contra o governo provocárão excessos ainda mais lamentaveis do partido dominante e do proprio governo. A's machinações e violencias dos restauradores respondeu o governo deixando em Dezembro de 1830 as turbas mais ardentes e menos escrupulosas do seu partido atacarem impunemente a sociedade militar, que era a representante dos restauradores, quebrarem e destruirem toda a mobilia, e em seguida levarem igual destruição ás typographias, de cujos prélos sahião jornaes infensos á politica que então dirigia os negocios publicos.

« Dias depois espalhou-se que o partido restaurador premeditava romper em uma nova revolta apoderando-se primeiramente dos augustos pupillos da nação. Fosse apenas um pretexto, ou tivesse realmente algum fundamento, certo é que essa noticia deu motivo a que o Governo dispensasse o venerando José Bonifacio de Andrada do exercicio da tutoria do Imperador e das Princezas; e a que todos os juizes de Paz da Capital escoltados de uma força de cem homens da policia e de duas peças de artilharia partissem para São Christovão, varejassem o Paço da Quinta, prendessem o tutor, e emfim acompanhassem a familia imperial, que foi trazida em triste triumpho para o palacio da cidade.

« Passado algum tempo, arrefecido o fogo dos partidos, tornou o Imperador a ir habitar na Quinta da Boa Vista, e o palacio, em que mezes residiu, voltou áquella grande e methodica solidão em cujo seio passou durante quasi toda a época da menoridade. »

Joaquim Pinto de Campos escreveu a nota seguinte:

« Não é este lugar apropriado para tratar desenvolvidamente de successos que a historia apreciará, nem mesmo quando elles influiram na vida do illustre biographado (Sr. D. Pedro II), todavia não é possivel tocar neste acontecimento, sem apontar as causas que se lhe attribuiram. E porque se não stymatise de exageração uma memoria que os tempos vão obliterando, é necessario reproduzir aqui a proclamação da Regencia, que precedeu o Decreto firmado pelo Sr. Conselheiro A. P. Chichorro da Gama, demittindo o Conselheiro José Bonifacio. Todos os commentarios

seriam pallidos ; o perseguido Conselheiro terá então avaliado a inutilidade das suas *singulares* palavras, na sessão de 10 de setembro de 1831, logo após o Diploma do Sr. D. Pedro I, e a de tantos outros actos seus..... assim qualificados por um rasgo de penna:

« Brasileiros ! A tranquillidade, a ordem publica, são ainda uma vez ameaçados por individuos, que devorados de ambição e de orgulho nada poupam para levar a effeito seus intentos detestaveis, embora com isso sacrifiquem os destinos e prosperidade nacional. Uma conspiração acaba de ser pelo Governo descoberta, a qual tem por fim deitar abaixo a Regencia, que em nome do Imperador governa, e quiçá destruir a monarchia representativa na terra de Santa Cruz. No proprio palacio de S. Christovão, nas immediações deste e em outros pontos, armamento e cartuchame foram já distribuidos, e os scelerados só aguardam o momento destinado para lhes dar execução.

« Brasileiros ! A Regencia está vigilante, e tem tomado todas as medidas ao seu alcance para frustrar as insidias dos conspiradores ; havendo entre ellas lançado mão de uma que julgou indispensavel para desalentar as criminosas esperanças dos perturbadores da ordem. Ella acaba de suspender o tutor de S. M. I. e suas augustas irmãs, o Sr. José Bonifacio de Andrada e Silva, *o homem que servia de centro e de instrumento aos facciosos* ; havendo nomedo para substituil-o, emquanto pela Assembléa Geral Legislativa se não determinar o contrario, o Marquez de Itanhaen, Brasileiro distincto e que tão dignamente já exerceu a mesma tutoria, quando della encarregado.

« Brasileiros ! Confiai no governo ; a paz publica será mantida, e conservado inabalavel o throno nacional do joven Monarcha, ingente penhor da prosperidade e gloria do Imperio, idolo dos Brasileiros, que se honram de pertencer á briosa Nação de que somos membros.

« Viva a nossa Santa Religião ! Viva a Constituição ! Viva o nosso joven Imperador o Senhor D. Pedro II. »

« Oito dias antes tinha o governo liberal, e que se dizia fructo da revolução militar de 7 de abril, ordenado que nenhum official de 1ª e 2ª linha, ou ordenanças fizesse parte da *Sociedade*

Militar, sob pena de serem castigados exemplarmente como desobedientes e infractores da disciplina militar, visto apresentarem sem rebuço opiniões reprovadas pela revolução de 7 de abril! Nesse dia tinha-se lido e *citava-se* o art. 147 da Constituição.

«Era regular que oito dias depois se proscrevesse José Bonifacio.

«E aproveitamos o ensejo para declarar, ainda que rapidamente, que assaz altos titulos tem á veneração dos Brasileiros a memoria de José Bonifacio, para que seja preciso calumnial-o, attribuindo-lhe mais outro, que, se elle vivo fosse, incontestavelmente rejeitaria.

«A separação de Portugal, depois das ultimas deliberações das Côrtes de Lisboa, era um pensamento generalisado, e não desmentiremos a nação, insinuando que tal successo fosse obra de um ou outro. Porém se forçosamente se quer estabelecer um patriarchado historico, o unico patriarcha, por sua decisão, por seus sacrificios, por seu valor, por sua iniciativa, e porque era o unico homem que, em taes circumstancias, tinha tudo a perder e nada a ganhar, foi o Sr. D. Pedro I, de immortal memoria.

«Quem ha ahi que ignore que no dia em que o heróe proferio a magica palavra *Fico*, a separação de Portugal era um facto consummado, a que só faltava a sancção de simples formalidades? Ora, quando o grande José Bonifacio chegou a esta côrte foi no dia 16 de janeiro de 1822 e o Fico fôra proferido anteriormente, no dia 9 do mesmo mez.

«A uma das testemunhas oculares, e tambem conspicuo actor no agitado drama desses annos, devemos uma mui miuda e curiosa memoria (não a conhecemos) relativa a taes successos, a qual publicaremos, se estas linhas fôrem destinadas a ulterior edição; porém não nos podemos eximir a transcrever aqui um trecho em que isto se corrobora:

«Comquanto não seja a nossa intenção diminuir a parte que esse prestimoso cidadão teve na Independencia, negamos-lhe o exclusivismo, e até a prioridade; porque sem relações com o Conselheiro José Bonifacio, e sem sciencia dos seus trabalhos, outros patriotas, particularmente nesta provincia e nas da Bahia Pernambuco, Minas e outras, se haviam reunido, como na de

S. Paulo. Os primeiros patriarchas da Independencia foram o Sr. D. João VI e o Sr. D. Pedro I; o principal movimento, e o plano foi concebido no Rio de Janeiro por *sociedades secretas*.... Foi portanto o Sr. D. Pedro I um elemento de ordem para effectuar-se uma separação quasi amigavel, poupando-se innumeros sacrificios, etc, etc.»

No «Diccionario Biographico dos Pernambucanos Celebres», por Ferreira da Costa, encontramos o seguinte:

«Em 1834, quando se disse que José Bonifacio fora quem dera o primeiro grito da nossa emancipação politica, Pedroso fez publicar na *Bussola da Liberdade* de 20 de setembro, estas palavras em contestação: «Não pude ouvir a sangue frio que o Sr. Dr. José Bonifacio fosse o primeiro que désse o grito de independencia do Brasil — esta gloria só a mim pertence, porque eu é que fui o primeiro que na cidade do Recife de Pernambuco, a 6 de março de 1817, pelas 2 horas da tarde, fiz soar esta palavra magica, que ao depois foi ecoada a 7 de setembro de 1822 pelo Sr. Dr. José Bonifacio de Andrada nos campos do Ypyranga. — Perdoe-me: o seu a seu dono.

«O Coronel Pedro da Silva Pedroso falleceu no Rio de Janeiro adiantado em annos e em epocha que não podemos verificar.»

Tivemos em mãos um exemplar *d'A Gazetinha* de Cambucy publicada a 7 de setembro de 1895 (num. 43, anno II) trazendo na primeira pagina a Estatua de Pedro I no Largo do Rocio, no Rio de Janeiro, na quarta as palavras do Hymno da Independencia, composição de Sua Magestade cujo original pertence ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro; quanto ás segunda e terceira paginas da dita *Gazetinha* ellas contêm o texto seguinte:

«Apezar das controversias em que se dividem publicistas e historiadores acerca do papel politico de D. Pedro I, o que é facto, fóra de toda a duvida, é que elle foi o fundador da nossa nacionalidade.

«O grito do Ypyranga, a 7 de setembro de 1822, echoou por todo o mundo civilisado, affirmando a existencia de mais um paiz autonomo. . . . .

. . . .

« São os Heróes como figuras de uma téla antiga, tão intimamente ligados entre si, que se não podem destacar d'ella sem que se tornem insignificativas. E a téla mesma, se lhe não acertarmos com a idade, mais parecerá obra de louca phantasia.

« Si collocarmos Luiz XI no seculo XIX, os méritos do administrador se depreciarão ao mesmo passo que se avolumarão as suas cruezas » ; mas conservai-o na propria época : o rei de França será fundador da unidade de sua patria, tão grande como Victor Manoel, tão glorioso como Guilherme I.

« Observado d'este ponto de vista claro e seguro, D. Pedro I é um dos immortaes benemeritos do Brazil, e um dos vultos mais sympathicos da Historia.

« Portuguez de lei, elle tinha a magnanimidade de D. João de Castro, o arrebatamento de Nuno Alvares e a energia máscula do Alcaide de Santarém.

« Foi o derradeiro d'aquelles reis impetuosos e civilisadore que a fé de Christo andaram propagando por todos os recantos do mundo, e a soberania de sua pequena patria dilataram por longes tão vastos que orgulhoso o poeta póde dizer, alludindo á sombra que na terra e no mar projectava o estandarte das quinas : « ... cujo alto imperio — o sol, logo em nascendo vê primeiro.— Vê-o tambem o meio do hemispherio.— E quando desce o deixa derradeiro. »

. . . .

« D. Pedro I e IV, imperador e rei, teve essa fortuna invejavel de ser um libertador de povos.

« Elle foi um inspirado de Deus : aquelle brado do Ypyranga, cuja repercussão produziu a nação nova, tem alguma parte do (Faça-se a Luz) que o cahos transformou na magnificencia da Via Lactea.

« *Independencia ou Morte !* tem applicação mais que nacional, e origem mais que humana.

« E' o ulular dos paizes fracos opprimidos pelas nações fortes!

« E' o protesto dos povos altivos contra o despotismo das dictaduras selvagens !

« E' a formula da liberdade, creada pelo genio do primeiro imperador !

« Esta latitude de significação é que dá ao grito do Ypyranga a belleza singular que o immortalizou.

« Elle representa a suprema tensão da dignidade humana, e constitue a synthese de uma epopéa da Liberdade, encerrando a expressão maxima do sublime no patriotismo. »

* * *

A nomeação de Sr. Marquez de Itanhaen, para exercer interinamente as funcções de Tutor do Imperador e das suas Augustas irmãs, fora feita a 14 de dezembro de 1833 e tendo sido depois submettido á approvação da Assembléa Geral Legislativa foi por maioria absoluta de votos confirmada em 11 de agosto de 1834.

Existem em poder dos descendentes da Exma Sra. D. Marianna os dous escriptos sem data a ella dirigidos, e que aqui reproduzimos:

« Exma Sra.

« Está o tutor preso e está em seu lugar o Marquez de Itahahem. Os Srs. do Governo esperão S. M. I. e A. A. agora mesmo e pretendem que o tutor chame a V. Ex. para o Paço; entretanto queira V. Ex, de ordem dos Srs. do Governo, vir para o Paço da cidade hoje mesmo o mais breve possivel, onde receberá a ordem do tutor.

« Digne-se receber meus parabens.

« Seu obrigadissimo e affectuosissimo criado. »

« Paulo Barbosa da Silva.

« Parabens, minha Sra. custou, mas demos com o colosso em terra: a conspiração estava disposta para arrebentar qualquer destes dias, e chegarão a distribuir antes de hontem *18 mil* cartuchos, e algum armamento, tudo foi descoberto e providenciado a tempo; o ex-tutor resistiu ás ordens, e Decreto da Regencia, e foi preciso empregar a força, e prendel-o. Seria

bom que V. Ex. viesse hoje para minha casa, pois que vamos fallar ao novo tutor para chamar a V. Ex. para o Paço, porque convem muito que ao pé do Monarcha esteja pessoa sua amiga, e de muita confiança — Não tenho tempo para mais — Sou

« De V. Ex.

« Affectuoso respeitador e criado.

« Aureliano. »

« P. S. — A familia Imperial vem ficar hoje no Paço da cidade, e nós que aqui estamos nelle a esta hora que escrevo (que são duas da tarde) vamos esperal-a em caminho, e fazel-a entrar em triumpho, etc. Agora conhecerão o amor que lhe tem o bom Povo Brazileiro — a alegria he geral. »

As intrigas palacianas não erão desconhecidas do Marquez de Itanhaen ; mas uma vez na posse do cargo fez logo chamar as Sras. D. Marianna e D. Maria Antonia, que tornarão a servir esta como Dama de S. A. D. Francisca e aquella, que havia sido Dama da Imperatriz D. Amelia por decreto de 1 de novembro de 1829 vencendo 80$ mensalmente e a partir de 9 de novembro de 1831 Primeira Dama de seu augusto pupillo S. M. o Sr. D. Pedro II, como se verifica no livro reservado para os assentamentos dos empregados de S. M. e de SS. AA. Imperiaes, assumiu interinamente as funcções de Camareira-Mór, recebeu de mais a gratificação mensal de 20$000 segundo o decreto de 1 de setembro de 1834, tornando-se titular do lugar em 1 de agosto de 1840, tendo 20$000 de ordenado 60$000 para comedorias e 50$000 como gratificação. Anteriormente foi Camareira-Mór a Sra. Marqueza de Aguiar, que succedêra a D. Maria Flora Ribeiro de Andrada, irmã do Dr. José Bonifacio nomeada em 1822.

« O Sr. Marquez, disse Joaquim Pinto de Campos, convocou as pessoas mais habilitadas para instruirem a puericia do Principe e de suas Augustas Irmãs, nas varias disciplinas. Para os folguedos proprios de tão tenras idades, chamava o zeloso tutor os filhos e filhas das pessoas principaes e que tinham ingresso na Côrte. Nesses brinquedos, como nos estudos compativeis com

o seu sexo, as formosas Princezinhas acompanhavam seu irmão mais novo. Assim se deslisou aquella quadra, que geralmente a natureza humana condemna ao desaproveitamento ainda nas mentes mais precoces. »

E' bem possivel que o Marquez de Itanhaen fosse quem convidou as pessoas que julgou mais habilitadas para serem incumbidas da instrucção do Imperador e de Seus Augustos Irmãos. Certo é, porém, que as respectivas nomeações só forão feitas a 7 de outubro de 1831, achando-se empossado da tutoria de S. M. e Altezas o Conselheiro José Bonifacio, sendo a de Luiz Aleixo Boulanger para mestre de escripta, primeiras lettras e geographia — Conego Renato Pedro Boiret para o francez — Simplicio Rodrigues de Sá para desenho — Lourenço Lacombe para a dança — Fortunato Mazziotti para musica.

A primeira lição de geographia foi dada pelo Sr. Boulanger aos seus Augustos discipulos no dia 3 de novembro de 1831; quanto ao professor de inglez Nathaniel Lucas, não temos podido verificar a data da sua nomeação.

« Em 1831, ponderou a *Gazeta de Noticias* a 6 de Dezembro de 1891, o Sr. D. Pedro II dedicava-se com gosto ao latim e ja traduzia prosa; encaminhava-o na litteratura o Dr. Roque Schuch (pai do Sr. Barão de Capanema) Sua Magestade mostrava então decidido amor pela historia e pelos assumptos heroicos.»

O professor Boulanger, que dava sempre magnificos pensamentos para materia de escripta aos seus Imperiaes discipulos, os fazia escrever de 15 em 15 dias para o Sr. D. Pedro de Bragança, além de escreverem ás vezes para a Senhora D. Amelia e para a Rainha D. Maria II.

* * *

No dia 22 de dezembro de 1833 houve pescaria na Ponta do Cajú, com assistencia de pessoas distinctas como o Ministro austriaco Barão Dasser, convidados por S. M. o Imperador.

* * *

Possuimos a carta infra do Superintendente das Quintas e Cavallariças Imperiaes:

Illmo. Exmo. Sr.

« Tendo examinado nas Repartições que me estão á cargo se existia algum *Papeleta*, para com toda a certeza poder informar a V. E. encontro tão sómente o Abegão José Vieira Bulhões, emigrado, achando-se empregado na Imperial Quinta da Boa Vista ha perto de cinco annos, o qual se faz necessario a mesma administração pelo zelo que tem do gado, que está a seu cuidado e diligenciadon dos interesses da mesma administração.

« Todos os mais empregados tanto da Imperial Quinta, como das Imperiaes Cocheiras e Cavallariças, são Brasileiros ou adoptivos.

« He o que tenho a honra de informar a V. E. que mandará o que for servido. D. G. a pessoa de V. E. como he mister. Rio de Janeiro 18 de janeiro de 1834.

« Illmo. Exmo. Sr. Marquez d'Itanhaen. Tutor de S. M. I. e Suas Augustas Irmãs.

« Faustino Maria de Lima Fonseca Gutierres.»

Deu-se o nome de *Papeleta* aos estrangeiros, que erão quas todos portuguezes, porque andavão munidos de uma papeleta ou certidão de nacionalidade passada peio respectivo consul.

A este respeito encontrão-se dados no precioso livro de Joaquim Nabuco, já citado— Um estadista do Imperio Nabuco de Araujo—são extrahidos de uma carta escripta a 3 de março de 1854 por Borges da Fonseca, sem duvida a principal encarnação do velho Jacobinismo no Brasil que exercia minuciosa inquisição sobre a vida dos portuguezes.

« Não carecemos de tanta constitucionalidade ; nós precisamos de mais brasileirismo, de mais espirito nacional. Para mim o rei deve ser rei, isto é, não comprehendo rei constitucional ; o rei deve ser absoluto ; ou então o povo deve governar-se.

« Disse-lhe eu hontem que S. M. era muito portuguez, que os seus criados são abjectos, e V. E. repelliu esta minha asseveração: attenda. *Antonio Joaquim da Silveira* é particular, valido do Imperador, principiou cosinheiro em 1831, passou a areador do cobre, por ser pessimo cosinheiro; hoje está senhor da bolsa do Imperador, e da sua bibliotheca sem saber ler, e é temido no Paço. Seu irmão, cosinheiro da Costa d'Africa, foi engajado como cosinheiro da *Constituição* quando foi buscar a Imperatriz a Napoles; hoje é particular do Imperador, casado com a Retreta da Imperatriz e gosa de immensos favores. E estes dous irmãos se apropriam da mesa do Imperador que os mantem, ostentando grande luxo.

« *Manoel Joaquim de Paiva* em 1831 era carregador de caixas; hoje é particular com bom ordenado, emprega seus filhos no serviço do quarto do Imperador, com grande casa para morar, com escravos de Santa Cruz para servil-o, casado com uma portugueza que vence grande ordenado a titulo de engommadeira do Paço.

« *José Maria dos Anjos Esposel*, particular de S. M. a Impe, ratriz, antigo tambor do batalhão de artilharia do Coronel Boistambor da guarda de archeiros, vence grandes ordenados, boa casa para morar na cidade, ajudante do porteiro do gabinete do Imperador, hoje casado com a Retreta do quarto da Princeza.

« *Alexandre Fortuna*, em 1828 alfaiate do Paço, hoje almoxarife, com porção de casas de grande valor; tem grande casa para morar ao lado do Paço.

« *José Joaquim da Cunha*, almoxarife do Paço da cidade, com grande poderio sobre os criados, grande ordenado e valimento, boa casa para morar, escravos de Santa Cruz para servil-o; veio de administrador de Itanhaen para particular do Imperador, e d'esse emprego passou para o que está.

« *Pamplona Corte Real*, official da mordomia, com grande ordenado, muito poderio com a Imperatriz e damas, com boa chacara pertencente ao Paço para sua moradia, com escravos de Santa Cruz para seus serviços, carros, etc. Em 1828 era servente da cosinha.

« *Joaquim Sachrista*, moço da prata, tendo-se mandado fazer excellente casa para elle morar, bons ordenados, tendo sido antes moço de estribeira.

« *Manoel Vicente*, moço de estribeira, em 1830, carpinteiro das cavallariças, hoje particular, porteiro do gabinete Imperial, com boas esmolas ou pensões.

« E todos estes portuguezes. A maior parte dos outros creados são portuguezes ; e apenas a alguns brasileiros no emprego de vassouras e de moços para carregar caixas. Ora, sabendo V. Ex. a influencia que naturalmente os criados alcançam e o adeantamento que ousam, o que se póde esperar de um monarcha assim cercado de gente tão baixa, e que assim abandona os brazileiros ?

« E' preciso bem meditar tudo ; os factos ahi estão todos os dias e V. E. sabe que a Inglaterra, sendo o modelo das monarchias, como dizem os realistas,— não soffre semelhante proceder de seus reis, e ultimamente Melbourne, se bem me recordo, impoz á Rainha purificar a sua casa e ella se sujeitou.»

Parece estranho que se achassem desde 1831 empregados nos Paços Imperiaes esses oito subditos de S. M. F. quando em 18 de janeiro de 1834 o Superintendente das quintas e cavallariças asseverou que ali só existia um — o abegão José Vieira Bulhões. E' de crer, portanto, que aquelles se havião feito naturalisar espontaneamente ou não — pouco importa.

Eis o theor de um documento da collecção Boulanger, cuja acquisição fez o Instituto Historico e Geographico Brasileiro com a generosa intervenção do socio Visconde Rodrigues de Oliveira:

« Mordomia da Casa Imperial, 6 de junho de 1862.

« Paulo Barbosa da Silva faz sciente ao Sr. Luis Aleixo Boulanger que S. M. o Imperador não assigna o Decreto de sua nomeação para Escrivão da Nobreza e Fidalguia sem que prove ser Cidadão Brasileiro apresentando a sua Carta de Naturalização. O mais que lhe póde fazer é guardar o lugar até que se habilite.»

Nos tomos do Almanach Laemmert para os doze annos que decorrerão de 1863 a 1874 figura Luis Aleixo Boulanger como Escrivão dos Brazões d'armas e Filadalguia cargo que deixou

por ter fallecido e que foi confiado ao filho d'elle Ernesto Aleixo Boulanger que o desempenhou cerca de 25 annos, isto é, até quasi o fim de 1889.

Não insistiremos sobre a exigencia do Monarcha, por mais que lhe merecesse seu ex-professor, por motivos intuitivos não podia proceder differentemente.

Quanto á camada social de onde sahirão os empregados da Casa Imperial citados em 1854 por Borges da Fonseca, os quaes forão admittidos durante a menoridade do Sr. D. Pedro II, muito embora a completa differença entre os casos vamos aqui transcrever do Almanach Laemmert anno 1856 umas palavras que nos seus ultimos dias proferiu o Visconde de Caravellas Manoel Alves Branco nascido na Bahia de São Salvador de Todos os Santos em 7 de junho de 1797 e fallecido no Rio de Janeiro em 13 de julho de 1855:

« Nasci pobre e morrerei pobre; mas nasci na mediania social e fui elevado ao fastigio das posições pela magnanimidade de um Principe que não pergunta pelos avós dos servidores do Estado. »

* * *

Apezar da luta que tinha de sustentar contra seu irmão D. Miguel, não se esquecia D. Pedro I de seus filhos, do Brasil e de todas as pessoas que lhe erão caras. A seguinte carta original e inedita é uma prova das boas qualidades que ornavão o caracter do ex-Imperador, como estão de accordo todos os seus biographos.

Foi dirigida á Exma. Sra. D. Marianna de Verna Magalhães:

« Paris, 10 de janeiro de 1834

« Minha muito respeitavel Senhora.— A sua carta, que acabo de receber, escripta aos 23 de outubro do anno pp. cauzou-me hum grande prazer e foi hum poderozo lenitivo ás saudades que tenho de meus charos filhos, e ás fortes lembranças que conservo e conservarei de todas as senhoras que nesse paço deixei, e que tão dignas são do respeito de todos os homens de bem, sendo sem

duvida huma das primeiras a Senhora D. Marianna que sempre se tem mostrado digna de educar um Imperador. Muito sinto que cessasse de escrever-me pensando que eu o levaria a mal, seria impossivel que assim acontecesse por dois motivos: o primeiro porque com suas cartas eu receberia noticias de meus caros filhos, e de seu adiantameuto nos seus estudos (o que agora sei e muito prazer me dá); segundo porque receberia ao mesmo tempo noticias suas, as quaes muito apeteço, pois sempre conheci em D. Marianna muito merecimento, saber e probidade a toda a prova.

« A narração que tem a bondade de fazer-me relativa aos estudos de meus amados filhos, e do seu adiantamento, e do bem que são tratados actualmente e o forão pelo Marquez de Itanhaen (ao qual terá a bondade de dar recados meus e muitos agradecimentos) me encanta; e sobretudo o dar-me parte que no dia de meus annos elles se lembrarão de seu *desgraçado, mas sempre honrado pai*, e que para mostrarem o seu jubilo e Amor derão hum grande chá: esta noticia he para mim de grande satisfação no meio da minha dor, pois vejo que ao menos meus innocentes filhinhos podem mostrar claramente que são bons filhos, sem que esta prova seja considerada hum crime.

« No dia dos annos do Imperador meu filho eu tambem cá fiz o que o meu amor me pedia, e o que as minhas circumstancias, bastantemente apertadas, me permittirão: dei um jantar, ao qual forão convidados o Ministro do Brazil e toda a Legação, e bastantes Brazileiros distinctos, e os Embaixadores da familia. O Embaixador d'Austria fez a saude do Imperador e das Princezas e eu respondi fazendo a saude de todos os Soberanos Alliados e parentes do Imperador, e de suas augustas familias. No dia antecedente, dia anniversario da minha coroação, a Sra. Duqueza de Bragança minha Amada espoza deu felizmente á luz huma linda menina, da qual forão Padrinhos O Rei e Rainha dos Francezes: recebeu o nome de Maria Amelia por este ser o nome da virtuosa Rainha, já saberá pelas folhas publicas que o Ministro do Brazil servio de testemunha, porque esta minha filha, posto que nascida em França, he Brazileira, porque foi concebida antes da minha abdicação, quando eu exercia na forma da Con-

stituição do Imperio o Poder Supremo, que a mesma Constituição me concedia. Escuzado he contar isto mais detalhadamente, porque como já disse as folhas publicas o contão com toda a exactidão e a Regencia o sabe, pois lhe dei parte, como devia.

« Muito prazer me tem cauzado os pequenos desenhos do menino e meninas, e posto que eu esteja quasi certo que Simplicio teve nelles grande parte, comtudo um só risco que cada hum tenha feito por meus filhos he mui bastante para que eu os estime como se todos fossem feitos por elles. Veja se alguns outros que fizerem para me mandar poderá vir entre elles algum *d'après nature* de alguma vista que eu conheça, pois meu prazer deste modo será dobrado. Repetidas vezes desenrolo o panorama de S. Christovão e passo bastante tempo a vel-o, e a verter lagrimas nascidas de hum coração todo Brazileiro.

« Mister he que lhe diga, pois sei que o ha de estimar saber, que eu tenho sido tratado por todos, desde os Reis athé aos maiores dos republicanos, com toda a attenção, respeito e amor, isto me dá bastante satisfação e me prova que sou hum homem de bem e honrado, cujo procedimento mereceu e merece a approvação do mundo civilizado. A minha saúde é a melhor, o frio me tem feito muito bem, e da minha molestia das arêas vou perfeitamente pois não tenho tido attaque nem sombras d'elle; a Duqueza de Bragança tambem está boa e a pequena Duqueza de Goyaz está linda e adiantadissima, toca mui bem piano, etc, etc, a Duqueza minha espoza estima-a como a sua filhinha, em summa, D. Marianna, pelo que toca ao domestico tudo vae bem, assim o politico me deixasse gozar deste bello paiz; mas os negocios de Portugal, em que está compromettida a minha honra, gloria e futuro da minha filha a Rainha, me impedem o gozo, como já disse, das delicias deste bello paiz.

« No dia 20, ou muito athe ao fim deste mez, me embarco para as Ilhas, na esquadra que á força de fadigas pude arranjar afim de partir das Ilhas em frente da expedição contra o uzurpador do throno de minha amada filha e assassino de meu Pae e da Carta Constitucional; parece-me que este meu modo de proceder merecerá a approvação de todos os homens de bem, e será

por elles considerado digno de um Pai extremozo e de hum homem que ama de coração a liberdade bem entendida.

« Louvo muito o procedimento de seu filho, D. Marianna, *não diz que é d'outro*, não conhecia, peço perdão, eu sempre o conheci homem de honra e digno filho do meu amigo Joaquim José de Magalhães Coitinho.

« Espero que esta a encontre de perfeita saude, que faça os meus comprimentos a todas as suas companheiras, e companheiros, que se lembrarem de mim, bem como a todas aquellas pessoas que se tiverem mostrado com a cazaca ás direitas e bem assim espero igualmente, que me continue a dar gosto com as suas lettras, e que creia que sou e serei *pour la vie*.

« Seu affeiçoado e agradecido

« D. Pedro Duque de Bragança »

Sua Magestade pedia perdão da preterição que soffreu Ernesto Frederico de Verna Magalhães Coitinho na sua carreira diplomatica.

Daremos agora sem commentario outra carta, mostrando o desgosto que terá produzido ao Sr. D. Pedro de Bragança a noticia de se haverem retirado do Paço as senhoras D. Marianna e D. Maria Antonia.

« D. Marianna. Pela sua carta de 17 de janeiro vejo que está novamente no Paço, e encarregada da educação moral de meu filho, e filhas, espero, e desejo, que seja igual, á que eu lhes dava, e que D. Marianna não ignora, não gostando eu das mudanças, que houve principalmente d'algumas pessoas, que se fazião recommendaveis por suas virtudes, e maneiras. Peço-lhe com toda a efficacia, faça guardar o decoro devido a meos filhos, e não permitta de maneira alguma que pessoas desconhecidas, mal educadas, ou de conducta equivoca tenhão trato ou conversação com elles ; muito me tem affligido o que por aqui se diz das companhias e reuniões, que ahi se fazem no Paço, de pessoas que nem por nome conheço, mas de quem não ouço dizer bem nem politica nem moralmente ; emfim, eu confio, que terá todo o cuidado, e que dirigirá meos filhos pelo caminho da virtude

com a lição, e bons exemplos, e lembre-se que se fizer ou promover o contrario, quando não seja castigada neste mundo, infallivelmente o será no outro.

« Muito agradeço suas expressões a meo respeito ; ainda não vi suas cunhadas, nem ainda me procurarão ; quando o fizerem, praticarei o que puder em seu favor. Tenha saude, que lhe deseja seu

« affeiçoado

« Lisbôa, 20 de junho de 1834 D. Pedro »

* * *

O partido Caramurú, que se mostrára tão afoutado enviando Antonio Carlos Ribeiro de Andrada buscar na Europa o Principe Dom Pedro Duque de Bragança afim de fazel-o reassumir o governo do Brazil, não se deu por vencido com a prisão de José Bonifacio em meiado de dezembro de 1833 e o incendio de então mal apagado ameaçando lavrar novamente, os contrarios pretenderão evitar o perigo votando a Lei das Reformas Constitucionaes que denominavão Acto Addicional de Constituição, o qual promulgado em 12 de agosto de 1834 concedia ás provincias mais amplas liberdades e concentrava o poder regencial nas mãos de um unico cidadão, sendo o Padre Feijó quem teve a honra de iniciar a applicação desta disposição na administração superiora do paiz.»

* * *

Vamos reproduzir de um relatorio official com data de 15 de maio de 1834 apresentado á Assembléa Geral Legislativa pelo Marquez de Itanhaen os trechos seguintes:

« O Imperador, Senhores, he de uma constituição debil, seu temperamento he nervoso.

« Em Outubro do anno proximo passado soffreu um attaque de febre cerebral, que fez receiar por sua existencia ; seu restabelecimento completo tem sido lento, e interrompido por ligeiros

soffrimentos de estomago; mas presentemente, submettido a uma regularidade de vida inalteravel, posso assegurar-vos, Senhores, que passa bem e ganha forças visivelmente.

« Sua educação continúa com pasmoso progresso, devendo muito ao seu talento e espirito indagador e reflecttido.

« Sua Magestade Imperial lê e escreve bem; traduz as linguas ingleza e franceza; applica-se além d'isto á geographia, musica, dança e desenho; n'isto principalmente faz progressos admiraveis, por ser o estudo que mais o deleita.

« Apezar de applicar-se a muitos ramos, não he fatigado pelos mestres, que exigem as lições com a parcimonia, que as forças e idade do Augusto discipulo permittem.»

* * *

O cortejo no Paço Imperial a 7 de setembro de 1833 ou 1834 acha-se descripto n'um livro publicado nos Estados Unidos da America do Norte.

(*Three years in The Pácific including Notices of Brazil, Chile, Bolivia and Peru* by an Officer of the United States Navy Philadelphia — Carey, Lea & Blanchard — 1834).

Eis a referida descripção:

« A VISIT TO THE COURT

« We returned to the city at eleven o' clok, in time to dress to visit the Court, which held a levee in honor of the anniversary of the independence of Brazil from the throne of Portugal.

« At half past twelve the American Legation reached the side entrance of the Palace, and alighting from the *cdleças* made way through the gate to the stair. As we ascended, I learned from one of our party, that wearing gloves or hats in the imperial presence was equally contrary to etiquette. I had been instructed in the part which I was to enact in the pageant.

« At the head of the stairs, and entrance of the saloon, stood an halberdier, dressed in a harlequin suit of green checkered with yellow stripes half an inch wide. In the first room, which was handsomely furnished, were several gentlemen of the foreign *Corps diplomatique*, and among them a Nuncio from the Pope. Of curse all were in their Court dresses. From this, we passed into a larger room, fitted up in a much more elegant manner. Both were hung with portraits, and paintings illustrative Brazilian history, which seemed to be the topic of conversation wit several foreign ministers, who were waiting for the opening of the Court. The subject of one of these pictures, is a story which I presume every good Portuguese and Brazilian ought to believe. It runs, that some time in the begining of the twelth century, the Moors and Portugueze were at war; . . . .

. . . .

. . . .

. . . .

« The story of the painting was just concluded, when the right hand gentlemen of the Brazilian Household entered. Dom Pedro II was accompanied by his sisters and the regency. The dresses of the members of the Court were splendid ; that of the young emperor was neat and simple. As they passed through the rooms, every head was bowed in salutation.

« Presently a flourish of trumpets fallowed by a grand march by a full hand, proclaimed the opening of the Court. We had all followed into the anteroom. In a few moments the chamberlain informed the *Corps diplomatique* that his Imperial Highness was ready to receive them.

« Thoso who had resided longest near this Court, took precedence and followed the chamberlain through the lef hand door.

« The American Legation was last. Our Chargé preceded and the officers followed according to rank, at about three, yards froom each other.

« On entering the presence, we all bowed; and again, when half way up to the dais, and repeated the reverence immedia-

tely before his Highness. Then retreating, with our faces towards the throne, and making three bows, we made our exit through the right hand door. This movement in a large room is far from being graceful; and from the impediment experienced by the clergy, in consequence of wearing long robes, they have been excused from this retrograde step. We halted the room where the chamberlain had met us, to observe those who were still entering to pay their court to the infant emperor.

« The throne room was richly hung with green velvet, sprinkled with gold and silver stars, and the floor covered with a bright colored carpet, with a centre medaillon figure.

« Dom Pedro II, who bears a striking resamblance to his father, stood upon the dais— an elevation of one step, on which the throne is usually placed— with the regency on his right, and his two younger sisters ou his left hand. His large, liquid eyes, wandered from one person to another with an expression of half indifference. His salutations were stiff, and the princesses who are his seniors (he his not six year old) seemed to suffer a Kind oi *mavauise honte*.

« Ladies and lords, officers bearing their respective insignia, stood along the walls on either hand. Many of the Courtiers were arrayed in rich suits of velvet of antiquated fashion, and wore those decorations of honor which it may have pleased royalty to bestow upon them.

« The crowed soon began to move out of the palace towards their carriages. The music continued; conversation was gay; every body wore a holy-day face, and self approbation might be read in every countenance ! »

*
* *

Ouçamos Alberto Pimentel:

« Tantos trabalhos e canseiras, tantas duvidas e incertezas, as amarguras curtidas no Brazil, especialmente durante os tormentosos dias de abril de 1831, os sobresaltos da sua peregrinação pelas côrtes da Europa, a penosa organisação da expedição liber-

tadora e, mais que tudo, o longo e rude cerco do Porto gastarão a vida, facilmente impressionavel de D. Pedro IV.

« Desde os quinze annos que o Imperador soffria do figado; tambem desde a infancia soffria dos rins. Naturalmente, estes padecimentos forão-se desenvolvendo com o tempo. Em 1828 principiou a ter violentas colicas nephriticas.

« Durante o cerco do Porto todos os antigos soffrimentos se aggravarão. Repetirão-se com maior frequencia as recrudescencias hepaticas. D. Pedro tivera algumas vezes febres, prostração, dôr no hypocondrio direito.

« Tambem durante o cerco começou a sentir cansaço, irregularidade na respiração, sobresaltos ao acordar. O œdema nos pés era um máo symptoma, em que os medicos repararão.

« Nos ultimos dias do Porto, D. Pedro, como vimos, sentia-se mais adoentado, mas a alegria de vir para Lisboa fel-o reanimar, esquecer-se de si mesmo.

« Em novembro de 1833, o Imperador, resfriando ao passar de Lisboa para Almada, foi accommettido de uma bronchite com febre. Mal convalescido, teve de ir ao Cartaxo, constipou-se novamente; na expectoração apparecerão alguns laivos de sangue.

« Um boletim de julho pe 1834 dizia:« Sua Magestade Imperial o Duque de Bragança, depois de nove mezes de porfiada e grave molestia, felizmente se acha quasi restabelecido.»

« Não se achava. Na noite de 27 de maio de 1834 tivera no theatro de S. Carlos uma forte hemoptyse. Os *liberaes*, indignados com o decreto de amnistia geral aos vencidos, os liberaes vencedores, sedentos de vingança, mandarão atirar pedras e lama sobre a carruagem do Imperador.

« Esta injustiça, esta ingratidão dos seus proprios amigos, impressionara profundamente o organismo já combalido de D. Pedro. O principe não recuou, porém. Entrou no theatro e, quando appareceu á frente do camarote, foi recebido com uma pateada estrondosa. Perante esta nova manifestação de hostilidade, D. Pedro teve um impeto de indignação. Diz-se que proferio a palavra *canalhas*.

« O tumulto augmentou na platéa, onde erão distribuidos impressos contra o Imperador. Foi chamada tropa que desobedeceu aos ajudantes de ordens de D. Pedro, recusando-se a carregar sobre os espectadores. Alguns patacos forão arremessados ao camarote real por escarneo, por affronta. D. Pedro, succumbido após a exaltação, teve um ataque de tosse violento, uma onda de sangue, vermelho e escumoso, ennodoou o seu lenço. Viu-se isto da platea, de toda a parte. A pateada, o tumulto cessou. O regente da orchestra e todos os outros musicos não sabião que fazer. Mas D. Pedro, curvando-se para o *maestro*, disse com energia que contrastava com a pallidez de seu rosto: — Continue.»

Alberto Pimentel ministra ainda a seguinte informação:

« No dia 15 de setembro (1834) em Queluz, D. Pedro, conhecendo que a morte se avisinhava, quiz dictar o seu testamento, que o ministro do reino Bento Pereira do Carmo escreveu. Era o segundo testamento que fazia ; o primeiro, feito em Pariz, tinha a data de 21 de janeiro de 1832 e ficou valendo como codicillo.

« O estado de abatimento de D. Pedro impediu que as suas ultimas disposições se ultimassem no mesmo dia. Quarenta e oito horas depois é que o testamento foi assignado, sendo chamado para os effeitos legaes o tabellião Pedro Alexandrino Gaspar.

« Os dous testamentos de D. Pedro forão integralmente publicados nas Estatisticas e biographias parlamentares portuguezas do Barão de S. Clemente 2º livro, I parte—Porto— 1890.»

* * *

A 2 de setembro de 1834 o Sr. D. Pedro II escreveu a seu Augusto Pai sendo esta vez a primeira carta notada por Sua Magestade mesmo e n'estes termos:

« Meu querido Papá do coração. Sinto que estivesse doente e agora já sei que está melhor, o que estimo muito. Eu passo bem a tambem as Manas, que mandão saudades a meu querido Papá, e Maman, a mana e á mana pequena tambem eu igualmente. Papá perdôe as minhas faltas, eu mesmo noto as minhas cartas. Dou parte a V. M. I. que eu e as Manas estamos muito contentes

com o nosso amigo o marquez de Itanhaen que gosta muito de nós e nós gostamos muito d'elle. Deite-me V. M. I. a sua benção. Seu affectuoso e obediente filho.— Pedro.»

* * *

No dia 12 de outubro de 1834 o Imperador escreveu pela ultima vez a seu Augusto Pai. Principiára a sua carta dizendo: « Meu querido Pai. Dou parabens a V. M. I. das suas victorias e de estar já descançado »... que coincidencia... Deus jà o tinha chamado á si ! ! !

Effectivamente S. M. o Sr. D. Pedro I exhalára o ultimo suspiro a 24 de setembro de 1834 em Lisboa, no Real Palacio de Queluz.

« No dia 25 (escreve Alberto Pimentel) o cadaver do Imperador, em cujo rosto se divisava ainda um sorriso de bondade, foi autopsiado em Queluz.

« Reconheceu-se então quanto D. Pedro havia soffrido, raro era o orgão indispensavel à vida, que não estivesse affectado. O coração e o figado hypertrophiados. O pulmão esquerdo, de côr denegrida, friavel, sem apparencia vesicular quasi todo, apenas em uma pequena porção da parte superior era permiavel ao ar. Os rins, onde fòra encontrado um calculo, alterados, esbranquecidos. O baço amollecido, quasi a desfazer-se.»

« A molestia do Imperador, ponderou Napier (Guerra da successão em Portugal), que na sua origem fòra uma inflammação no bofe, declarou-se em uma hectica formal, acompanhada de todos os symptomas de hydropesia.»

« A noticia da morte de D. Pedro causára profunda sensação não só em Lisboa, mas em todo o paiz.— E accrescenta o illustrado Alberto Pimentel:— Os erros que este principe commetters havião sido largamente redimidos pelos seus enormes soffrimentos tanto moraes como physicos. O que d'elle restava era a memoria de um homem para quem não houvera nunca felicidade completa. E esta consideração impunha-se à sympathia e ao respeito da opinião publica, incluidos os proprios adversarios politicos do dmperador, que se inclinavão, graves e sentidos, perante o seu athaude.»

Logo que a infausta noticia chegou ao Rio de Janeiro, S. M. o Sr. D. Pedro II recebeu de seu ex-tutor a seguinte carta:

« Senhor. — Depois do fatal dia 13 de Dezembro do anno passado deixei por novidade de escrever pessoalmente a Vossa Magestade e ás suas Augustas Irmãs, a quem um só momento não tenho cessado de fazer ardentes votos pela sua prosperidade: hoje porém não ha razão, por mais poderosa que seja, que possa vedar o meu coração por a presença de V. M. e Altezas.

« Carregado de pezares e de profunda amargura eu vou dar os pezames pela irreparavel perda de seu Augusto Pae, *o meu Amigo*. — Não dice bem, D. Pedro não morreu — Só morrem os homens vulgares e não os Heróes — Elles sempre vivem eternamente na memoria ao menos dos homens de bem, presentes e vindouros, a sua alma immortal vive no céo para fazer a felicidade do Brazil e servir de hum modelo de magnanimidade e virtudes á V. M. Imperial, que o ha de imitar e as suas Augustas Irmans, que nunca o perderão da saudade.

« Deus guarde a preciosa vida de V. M. Imperial, como de coração lhe deseja este, que sempre foi e será.

« Senhor

« De V. Magestade

« Subdito Amante e fiel.

« *José Bonifacio de Andrada e Silva*.

« Paquetá, 4 de dezembro de 1834. »

Nos dias 2 e 3 de janeiro de 1835 S. M. o Imperador D. Pedro II assistio na Capella Imperial do Rio de Janeiro ás exequias solemnes de seu Augusto Pai.

Extrahimos da *Aurora Fluminense* de 19 de novembro de 1834 os dizeres seguintes:

« Segundo as ultimas noticias vindas de Lisboa, a saude do Duque de Bragança hia cada vez peior e a sua existencia estava muito ameaçada. Diz-se mesmo que os medicos o havião desenganado e que D. Pedro tinha já a convicção do seu proximo termo.

. . . .

« A morte do Duque de Bragança, caso agora occorra, como parece inevitavel, deve ser sinceramente chorada pelos Portuguezes, amigos das instituições livres. As circumstancias e um genio emprehendor, posto que desigual e incoherente, collocarão aquelle Principe na posição de ser, em epochas differentes, instrumento de libertação para os dous Estados em que se dividio a antiga Nação Portugueza. Quaesquer que tenhão sido seus erros (e elles forão gravissimos, principalmente no Brazil, aonde lhe alienarão para sempre o coração dos Brazileiros), não se lhe póde arrancar esse titulo de honra, esse loiro que orna seu tumulo. Ainda na flôr da idade, huma constituição vigorosa lhe assegurava prolongada existencia se o abuso dessa mesma força não contribuisse para abreviar seus dias e para reduzir ao estado deploravel em que cahira. hum homem de 36 annos, dotado antes de robustez e de agilidade não commum.»

Vejamos mais o que escreveu ainda Evaristo Ferreira da Veiga na sua *Aurora Fluminense* nos numeros 987 e 988 de 3 e 5 de dezembro de 1834:

« A morte do ex-Imperador do Brazil não he hum facto indifferente para as fracções da antiga Monarchia Portugueza. Longe nisso de tantos Reis que vivem e expirão sobre o throno, sem que a sua vida seja sentida, sem que a sua morte valha ou huma occurencia notavel, ou uma consideração de momento, D. Pedro de Alcantara, quer durante o curso agitado da sua existencia, quer por seu fallecimento, abrio o campo a successos importantes, e influio mais ou menos nos destinos do Imperio do Brazil e do Reino de Portugal. Posto que ainda não seja chegado o tempo em que a voz imparcial da historia se faça escutar a seu respeito, nos paizes ao leme de cujos negocios existia ; o tempo em que os diversos movimentos de affeição ou de odio deixem de influir no juizo que se fórma desse Principe ; todavia a religião da campa que cobre seus restos, reclama hoje que não se lhe insulte a memoria, e que se recordem mesmo algumas boas qualidades suas, os serviços que prestou á causa da humanidade, da civilisação e da liberdade em ambos os Mundos. Resistindo com energia a hum partido que proclamava o abatmento da retrogradação e da tutela do Estrangeiro, já por longo tempo nós

expendemos largamente em nossas paginas as faltas inexcusaveis, pelas quaes D. Pedro perdera o amor dos Brazileiros, e os titulos justificativos de nossa conducta, quando a explosão da colera Nacional o levou ao ponto de abdicar o sceptro, recebido do voto da mesma Nação.

« Agora que o nome de D. Pedro deixou de ser o estandarte de huma facção que ameaçava os futuros e a gloria do nosso paiz, podemos dizer afoitamente que o ex-Imperador do Brazil não foi hum Principe de ordinaria medida; que existia nelle o germen de grandes qualidades que defeitos lamentaveis e huma viciosa educação soffocarão em parte; e que a Providencia o tornou hum instrumento poderoso de libertação, quer no Brazil, quer em Portugal. Se existimos como corpo de Nação livre, se a nossa terra não foi retalhada em pequenas republicas inimigas, aonde só dominasse a anarchia, e o espirito militar, devemol-o muito á resolução que elle tomou de ficar entre nós, de soltar o primeiro grito de nossa Independencia. Portugal, se foi livre da mais negra o aviltante tirannia, se teve estabelecidos seus foros, se goza dos beneficios que aos povos cultos assegura a fruição do regimen representativo, deve-o a D. Pedro de Alcantara, cujas fadigas, soffrimentos, e sacrificios pela causa Portugueza lhe mereceram em gráo subido o tributo da gratidão Nacional. No Brazil, seus erros ulteriores, os desvarios de 7 annos tinhão como apagado a recordação de seus grandes serviços; em Portugal, D. Pedro falleceu no momento mesmo em que punha o remate gloriozo á empreza que começára, quando apenas, por seu convite se havia reunido a Representação Nacional, dando aos Portuguezes hum espectaculo que Lisboa não esperava tão cedo vêr substituindo o das execuções atrozes, das procissões sacrilegas em honra do mais abjecto dos tirannos. O ex-Imperador expirou na épocha mais favoravel para a sua gloria: no ponto que medeia entre a vida a lembrança do que fez em prol da Liberdade Portugueza, e o receio dos futuros que talvez nascerão de seu transpassamento. A sua falta he encarada debaixo destes dois aspectos, ambos vantajozos á sua recordação; e os liberaes em todos os paizes achão-se no dever de lançar algumas flôres no tumulo do homem que expirou lutando pela Liberdade,

e cuja perda póde ser fatal aos amigos da Liberdade. Por certo a Causa Constitucional Portugueza, como em outro artigo fizemos vêr, ficou gravemente compromettida com a morte do Duque de Bragança. . . .

« Mas, nós dissemos que a morte do ex-Imperador não he hum successo indifferente tambem para o nosso paiz. De facto, huma agglomeração avultada de interesses offendidos, de prejuizos calcados, de medo, de descontentamentos e de orgulho, formára-se no Brazil em redor da bandeira da restauração.

« Os ameaços que o partido restaurador fazia escutar, o receio de que estes ameaços viessem a verificar-se hum dia, a reacção que o amor proprio Nacional oppunha ás idéas do aviltamento que se nos pretendia imprimir, tudo dava ao paiz o aspecto de dois campos, hum armado para defender a revolução de Abril, o outro para aggredi-la, e para destruir a sua obra. Em presença de tão grave consideração, mil considerações subalternas se calavão, e as allianças se faziam, neste e naquelle sentido, ou segundo os principios que cada hum adoptára, ou segundo os interesses e relações em que era collocado, mas tendo sempre ante os olhos o prospecto de uma tentativa de restauração. Hoje esse ponto de vista desappareceu, o quadro politico soffreu notavel mudança. Não ha restauradores da authoridade de hum defuncto; e a liga das diversas entidades que se coordenára sob um titulo commum, desfez-se por si mesma faltando o nexo que as prendia. Os individuos que a compunhão tornaram ás suas antigas posições e ficaram livres para disporem de si, de seus recursos e meios segundo sua tendencia, convicção ou novas relações que adoptaram. Si he licito discorrer sobre futuros incertos e que podem ser modificados por muitas imprevistas circumstancias, a massa inteira do partido restaurador vai agora separar-se em duas grandes secções. A primeira, constando dos ambiciozos, dos espiritos inquietos, dos homens que se bandearam com a retrogradação por orgulho, ou pelo desejo de dominar, vai abrasar-se com os restos do partido exaltado, fazer cauza commum com elles, talvez mesmo arvorar á sua frente o pendão da Republica. Quando aquelles que o medo da marcha accelerada das coisas, que os prejuizos politicos, ou o sentimento

de huma falsa gratidão collocaram nas fileiras restauradoras, procuraram sem duvida refugio na crença social que offerece maiores garantias de ordem, que obrigada a manter as doutrinas da tolerancia e do respeito devido aos foros individuaes, não póde, sem contradicção manifesta, inquirir passados erros, excitar o povo ás perseguições e á vingança. Assim, as Opiniões no Brazil vão achar-se divididas, como em 1831, entre Moderados e Exaltados, entre os homens que desejam a sustentação da Monarchia Constitucional, como elemento necessario à liberdade do paiz, e aquelles que a todo o custo quereriam a proclamação da Republica. Entendem os primeiros que nós temos as vantagens essenciaes de hum Governo republicano ; que os interesses de cada hum e seus direitos podem ser tão attendidos sob a direcção de hum Presidente heriditario como sob a de hum Presidente temporario e electivo, e entendem ainda que esta concessão feita aos nossos habitos, e costumes he de inapriciavel beneficio, e nos salva dos males com que lutam nossos visinhos. Accreditão os outros o contrario, e tem para si que tudo deve ser offerecido em holocausto no altar da Republica ; que não podemos pagar jamais muito cara a pocessão de tão bello nome ; por elle pelejam, por elle se afadigam, como se a virtude, segundo os dogmas da seita Pithagorica, podesse estar nos nomes, como se huma Republica retalhada de facções e de guerras civis, fosse mais venturoza, mais apta ao desenvolvimento da liberdade do que huma Monarchia Constitucional, aonde o principio popular prepondera sem resistencias, aonde a civilisação progride á sombra da paz e das leis.

« Ao terminarmos o artigo do Interior, no numero antecedente, nós fallamos em Monarchia Constitucional aonde o principio popular prepondera sem resistencias, aonde a civilisação progride á sombra da paz e das leis.

« Com effeito, he necessario que ninguem se engane com a nossa fórma de Governo, que illudido pelos sons, ninguem accredite que a nossa Monarchia Constitucional he por exemplo a Monarchia Constitucional da Inglaterra ou da França.

« Ou mais ou menos, o principio especial alli domina, ou mais ou menos, o elemento de huma aristocracia, appoiada em ruinosos previlegios, entra alli na organisação do Corpo Social. Nada disto

temos entre nós; o Imperador he o chefe da Nação por unanime acclamação dos Povos; todos os Poderes politicos se derivão da Vontade Nacional, e nenhuma Nobreza hereditaria nenhuma prerogativa odiosa vem coactar aos Brazileiros o desenvolvimento dos seus talentos, pôr embaraços á racionavel supremacia das capacidades e do merito.

« A eleição popular confere no Brazil os cargos mais importantes: os espiritos generosos, as altas ambições, em vez de se arrastarem na Corte apoz do favor Aulico, tem de lisongear o Povo, tem de cortejar a Opinião, de recorrer para sua elevação aos meios patentes que o Sistema Reprezentativo abraça, e ennobrece. Temos sim hum chefe hereditario, hum. Familia ornada de brilhantes prestigios; mas eis quasi tudo quanto existe entre nós dessas antigas Monarchias Européas, aonde a lutta com as velhas instituições, com os velhos prejuizos absorve huma boa parte de sua força progressiva. Quando pois os Moderados proclamão a necessidade da Monarchia Constitucional no Brazil, não se pense que elles canonizão ou a instituição nobiliaria, ou a creação de titulos inuteis, ou o apparato da força: he a Monarchia rodeada de instituições populares, he a Monarchia de Lafayette, ou para o dizermos melhor, a da Constituição Brazileira modificada pela lei das reformas, que elles desejam sustentar e manter. Por esta, os amigos mais ardentes da liberdade, os mais sinceros Republicanos, podem pelejar sem labêo; nem nós vemos que outra qualquer possa ser enxertada e vingar no nosso paiz. Aonde os elementos para huma Aristocracia nobiliaria, aonde o meio de conservar huma força militar imponente, estranha ao espirito de localidade?

« Deixando de parte os damnos inseparaveis de semelhantes instituições, a impossibilidade de sustentar-se huma ordem de coisas toda forçada, e para a qual não temos os materiaes precisos, salta aos olhos ainda das pessoas de mediocre senso. Não se tentou já estabelecer no Brazil huma Nobreza? Quem deixou de rir dos vãos esforços empregados nesse intuito, que não servirão senão de lançar certo ridiculo sobre alguns homens, adornados talvez de qualidades estimaveis? O Povo miudo, como por instincto, nunca pôde accommodar-se a esse improviso do capricho, e

não vio jamais, Condes e Marquezas nos Cidadãos que pouco antes conhecera, confundidos com a massa da população. Que sacrificios feitos para conservar em pé respeitavel hum Exercito? A prosperidade do Brazil, seus brilhantes progressos materiaes foram subordinados a esta ideia que lisongeava as disposições do ex-Monarcha e em cuja execução depositára elle a sua maior confiança. Foi comtudo Exercito tão dispendiozo hum meio de força nas suas mãos? Não partiu logo em cada hum dos pontos do Imperio os interesses, as prevenções das localidades? Não se tornou hum instrumento poderoso à mercê dos descontentes? A experiencia, tanto como a razão, deve dar-nos a esse respeito uteis lições, e convencer-nos de que a Monarchia popular he a unica que póde convir, que póde ter existencia em huma porção do Continente Americano. Dizer-nos-ha: em que differe da Republica essa vossa Monarchia Constitucional?

« Responderemos: Nesta o Chefe do Estado he vitalicio e hereditario: assim fecha-se o caminho ás ambições mais perigozas e que mais podião contribuir para a desordem e perturbação do paiz.

« Não vimos nós quantas intrigas, quantas dissenções, quantos odios profundos nascerão da eleição da actual Regencia? Homens que partilhavam antes as mesmas doutrinas, homens feitos para estimar-se, começarão a aborrecer-se, reciprocamente se offenderão, e toda idéa de conciliação entre elles se tornou impossivel. Huma nova eleição de Regente nos batte á porta; que divisões, que fraccionamentos não se mostrão já, mesmo no seio do partido que parecera mais intimamente reunido para hum fim commum, e que desde a revolução se tem achado quasi constantemente ao leme dos negocios?

« Lancemos os olhos ao redor de nós; vejamos por que premio se peleja, ante que idolo se derrama em ondas o sangue humano, no Mexico, no Perú, na America central, no Chili, e na Cisplatina! Ambiciona-se ahi o poder Supremo, o cargo de Chefe do Estado: e ás ambições que contendem são sacrificadas a humanidade, a civilisação, os direitos, o povo e a sua prosperidade. Ao demais, a Monarchia Constitucional he de nome grato á maxima parte de nossa população. Os Philosophos de certo não se decidem por nomes; mas os Povos nunca foram philo-

sophos, e os seus mesmos prejuizos, quando innocentes, devem ser respeitados pelo Politico.

« Mostramos n'um ligeiro esboço, em que differe da Republica a nossa Monarchia Constitucional, e tambem em que esta se differencia das Monarchias Européas. Estamos convencido de que emittimos as genuinas opiniões dos liberaes que pela opposição feita ás violencias e exagerações de 1831 merecerão o honrozo appelido de *Moderados*. Se individuos podem achar-se no gremio do partido moderado que não professem taes doutrinas, provêm isto da lei imperiosa da necessidade que obriga todos os partidos a recrutar os que se lhe apresentão, huma vez que não sejão inimigos declarados, quando tem a combater outros partidos igualmente formados de confusas allianças. O que menos se mescla he sempre o mais puro: qual é porém aquelle que ao seu oiro não misturou alguma liga? — Toda essa multidão de homens, intimidados pelos feros da anarchia, toda assa multidão que deseja viver sob a protecção da paz e das leis, fossem aliás quaes fossem seus prejuizos, seu modo de encarar as coisas politicas, encontra nos principios da Moderação huma garantia que nenhuma outra opinião lhes offerece. As suas propriedades, as suas pessoas, os seus direitos devem ser protegidos e respeitados, porque a moderação não conhece na Communidade Expartanos, e ilotes, individuos com o privilegio de tudo governarem, de tudo praticarem impunemente, e outros, votados ao abatimento da servidão. Mas que não accudão a voz de — Monarchia, esses espiritos emperrados e orgulhosos que devaneão, julgando ser-lhes ainda possivel levantar no Brazil a arvore do Mando absoluto; nem mesmo os que entendem ser congenito com a Monarchia Reprezentativa todo o apparato da pompa oriental, toda a phantasmagoria dos grandes exercitos, e da nobreza hereditaria, se elles julgão que poderão fazer triumphar suas prevenções, trazendo-as para o seio da opinião moderada. He a Monarchia da Constituição reformada (ainda huma vez o repetimos), que nos propomos a defender: o throno do Sr. D. Pedro II não será menos brilhante, por isso que se basêa sobre o voto Nacional, por isso que em redor delle vigião a toda a hora Cidadãos livres, interessados em que esse throno não vacille,

porque n'elle encarão hum dos mais firmes penhores da sua querida Liberdade. Este throno, que os Brazileiros erguerão e sobre o qual se assenta hum filho do Brazil, nós o esperamos, não ha-de ser derribado. »

* * *

Um dos biographos do Sr. D. Pedro I do Brasil e IV de Portugal escreveu os seguintes topicos:

. . . . . « o mais irreconciliavel e fanatico dos seus adversarios ver-se-ha forçado a confessar que tão nobre, tão cavalheiro, tão brazileiro póde-se ser ; mais, porém, de que elle ninguem o foi, nem será.

. . . .

« Herdeiro presumptivo da corôa de Portugal, do Brazil e dos Algarves nasceu para os tempos gloriosos das luctas cavalheirosas: a energia e a audacia casada com um coração magnanimo e um espirito nobre, intelligente, forão o fundo da sua atilada pessoa ; mas seu pai D. João VI não cultivou como devêra estas relevantes dadivas com que o céo adornou este predilecto principe. . . . . . educado por um Marquez de Pombal teria admirado o globo inteiro. »

Ouçamos agora o escriptor hespanhól A. D. de Pascual.

« O primordial alvo d'este escripto é traçar o principe : descrever o cavalheiro, pintar o politico, esboçar o amigo dedicado e desenhar a grandes rasgos o varão illustre sem recordar certas circumstancias que, embora inherentes ao caracter dos tempos em que viveu, podem desencaminhar a narração da róta da sua preclara carreira.

« Acreditar que ignoro que Pedro I do Brazil era homem fragil como o resto da humanidade, é erro que a ninguem, seja quem for, perdoarei ; porque tambem sei que Pedro IV de Portugal — Duque de Bragança — é digno da mais profunda veneração.

« Como imperante, foi mais cavalheiro do que rei: como soldado de sua filha D. Maria da Gloria, segunda de Portugal, é mais grandioso do que narravel. Denodado cavalheiro, esse principe foi liberal, generoso, desprendido, amigo dos povos, valente e cheio de nobres ambições.

« Esse principe abdicou duas corôas aos 33 annos de idade.

« Esse principe deu a independencia ao Brazil e a liberdade e a gloria a Portugal.

« Esse principe, que mais ambicioso, segundo o valor dado pelos homens a este epitheto, poderia ter atado tres corôas á prezilha do seu chapéo militar, morreu simples general, menos, coronel do 5º de caçadores, servindo sob as bandeiras de sua filha excelsa.

« Esse principe fez mais proezas, mais beneficios, mais acções generosas; libertou mais povos; deu leis mais sabias; elevou mais os seus Brazileiros e Portuguezes do que todos os Braganças que vêdes deitados ahi no pó da eternidade.

« Os seus inimigos puderão e ainda poderão escurecer o resplendor de sua gloria com manchas passageiras da mocidade fogosa, mal dirigida, peior aconselhada; mas este sol não leve nos ultimos fulgores do seu ocaso nodoas algumas.

« Na occasião em que falleceu o Sr. Duque de Bragança, dous de seus filhos,— Pedro II do Brazil e Maria II de Portugal— occuparão na tenra meninice e bella puberdade dous thronos.

« A alma magnanima do Duque de Bragança não foi comprehendida pela mór parte dos seus contemporaneos.

« Quando deu o brado da independencia nas margens do Ypiranga, a antiga nobreza lusitana o acoimou de ter segundado o movimento brazileiro com um unico alvo, o de apoderar-se do sceptro do novo mundo; chegando a um extremo tão deploravel a allucinação dos fidalgos, que o accusarão de ser homem de principios democraticos subversivos, declarando-o traidor ás leis e á patria.

« Quando sahio do Brazil, para ser o adail de sua filha, foi chamado despota!

« Os pessimistas dizem com tom magistral: o homem é naturalmente injusto, ingrato, invejoso da gloria alheia; mas não accrescentão a segunda e mais importante parte desta assaz conhecida fragilidade, addição que reconcilia os pensadores, até um certo ponto, com essa humanidade mal aconselhada.

« E' desgraçadamente que nós, os homens, somos dominados em geral, pelo pezar da gloria alheia, sentimento mesquinho que torna-nos injustos e até ingratos ; mas nota-se que no momento em que desapparecer da terra o objecto das nossas sem razões, opera-se em nós um phenomeno que prova até á evidencia que o fundo do coração humano não é tão corrompido como parece.

« A consciencia dos povos levanta monumentos e estatuas aos homens legitimamente grandes, quando ainda os seus manes podem ouvir o brado da justiça reconhecida. Alguns podem continuar a ser empedernidos, impertinentes ; a massa, porém, das nações abafa com as suas demonstrações de admiração e sincero enthusiasmo o rangido dos dentes da torva inveja.

« Essa monumental estatua, segunda no seu genero, levantada a Pedro I do Brazil, fundador deste Imperio, pai da patria e inclyto libertador, a expensa do povo e dos mesmos que desconhcerão em 1831 o seu legitimo merecimento, é a prova mais saliente da verdade. O socco desse pedestal, sobre que ergue-se triumphante o primeiro Imperador do Brazil, na praça da Constituição, é composto das virtude do seu povo — do arrependimento de uns, da veneração de outros, da justiça de todos e da gratidão de corações livres, que a elle devem a existencia politica e social de que gozão. »

*
* *

A Typographia Fluminense de Brito & C.ª, no anno de 1835, publicou em avulso a « Carta Posthuma de D. Pedro Duque de Bragança aos Brasileiros », a qual foi remettida pelo Doctor T...., e ponderou que a authenticidade da Carta que vulgarisava não podia então ser afiançada senão por considerações moraes oriundas do mesmo contheúdo, accrescentando que tempo virá em que a cortina, que forçasamente deve perma-

necer sobre o mysterio, se descortinarà aos olhos da Nação Brazileira.

Eis a

CARTA POSTHUMA DE D. PEDRO, DUQUE DE BRAGANÇA AOS BRASILEIROS.

REMETTIDA
PELO DOCTOR T******

Est dulces moriens reminiscitur Argos.
(Virg.)
E no lance da morte inda conserva
A lembrança da patria que amou tanto.

« Brasileiros:

« Chegado á epoca solemne, em que o homem entrega a sua alma nas mãos do seu Creador, quando toda illusão se dissipa, toda paixão se cala, quando a consciencia acorda la pronuncia sem appello, quando a porção immortal do ser humano, proxima a deixar o fragil despojo à que se vio unida na sua carreira terrestre, deita o ultimo olhar sobre os actos desta carreira que ambos percorrerão entre as trevas e tralalhos, e já illuminada pela luz da eterna verdade antecipando a sentença do Supremo Juiz, mas pelo derradeiro esforço do nó que se rompe, saudosa da miseravel condição do ente mortal que animou, vive novamente, em poucos instantes, todo o decurso da existencia transacta, e repisa em globo todas as emoções outr'ora sentidas, huma irresistivel sympathia, huma saudade sem par, me chama para vós ! Brasileiros ! eu sou vosso patricio, vosso patricio por escolha, por adopção, por voluntaria dedicação de alma ! embora nascesse eu em Portugal ! he no Brazil que eu nasci ao sentimento de mim mesmo, he no Brazil, sob o seu benigno Ceo, seu sol resplandecente, no seio da sua virginal e incomparavel natureza, que minha juventude floreceo, e que a vida com os seus mysterios, a mocidade com os seus encantos, se manifestárão à minha alma ; he no Brazil que eu fui filho, esposo, pai, cidadão, Soberano, Legislador, Fundador de hum Imperio !.... O' recor-

dações ineffaveis, cujo peso me opprime o coração! mas eu vos devo apartar de mim; a tempestade que levantarieis, perturbaria o socego de espirito de que eu preciso nesta occasião, que ha de ser unica. São altas horas da noute, Minha cara Amelia, exemplar de fidelidade e de dedicação, recostada ao pé do meu leito, succumbio por instantes ao cansaço dos seus incessantes desvelos. Ao redor de mim tudo dorme, excepto o amigo que escreve esta carta ensopada das suas silenciosas lagrimas. Meu estado não me consente escrever; porém jamais minha intelligencia esteve tão clara e tão viva; jamais abrangi tão de alto, e tão despido da nuvem das preoccupações, as cousas humanas. Até os crueis padecimentos que me assaltão, fizerão alguma tregoa, como para que nada offuscasse a aguda serenidade da minha mente; á modo que antevejo o porvir: este he o privilegio dos moribundos.

« Brasileiros! eu vos dedico os ultimos vislumbres desta luz proxima a se apagar; eu vo-los devo. Já estou quite com Portugal. Paguei plenamente a divida que contractei com o meu nascimento; regenerei suas instituições; dei-lhe huma Constituição, e duas vezes a liberdade, e por elle morro na flor dos meus annos. Mas comvosco, Brasileiros, a minha consciencia não me outorga tão satisfactorio testemunho. Terei cumprido com todos os deveres de Fundador do Imperio? Mas, o fôro interior me accusa de ter parado na metade da tarefa. Sem duvida eu vos suavisei o caminho da Independencia; eu vos salvei da horrenda anarquia que devora vossos visinhos; eu vos dei hum pacto social concorde com a vossa civilisação, e que reformado á proporção que esta civilisação progredir, corresponderá a todas as exigencias de vosso futuro; porem não era bastante redigir e promulgar esta Constituição; preciso fôra dar-lhe o indispensavel andamento promulgando previa, ou simultaneamente todas as leis organicas e Codigos de que ainda em parte careceis depois de doze annos; preciso fôra extirpar todos os abusos, renovar as notabilidades, levar o progresso em todos os ramos da existencia social, tomar a iniciativa de todo melhoramento; pegar eu mesmo na espada quando se combatia, no machado para romper matos, na enchada e pá para abrir estradas e canaes, agarrar no leme das embarcações de vapor para subir rios, sentar-me na cadeira de lente

para instruir a mocidade, e finalmente correr incessantemente de uma extremidade á outra de vosso immenso territorio para enxertar em toda parte a vida e a civilisação: isto não fiz; com a constituição que eu dera, cuidei que tudo estava feito, e que podia descansar sob a sua egide á moda dos Reis que nascêrão em tão feliz posição: era pedir sombra á arvore apenas plantada e que ainda não criára raizes e folhagem.

« As preoccupações do nascimento, a falta de educação e de experiencia, as allucinações da juventude sequiosa de delicias, e prazeres, a fallaciosa lingoagem dos Cortezãos da Diplomacia, a falta de moral e pouca esphera dos meus primeiros Conselheiros, tudo me desviou da estrada de gloria, e do liberalismo em que de entrada me lançára com enthusiasmo e candura. Sirva-me esta confissão de desculpa, e ao mesmo tempo afiance o solemne protesto que eu faço perante o Todo Poderoso, a quem vou render contas, de que jamais o amor da liberdade, e a dedicação ao Brasil deixárão de existir no meu coração. Embora a irritação dos partidos, e a politica me tenhão indigitado como inimigo do Brasil embora me tenhão accusado de aspirar á tyrannia! Eu tyranno? Brasileiros! nenhum de vós, no fundo de sua alma, o tem acreditado. Quem vos deu a Independencia e a Constituição, quem não sacrificou vida, usurpou propriedade, ou violou lei alguma no decurso de mais de cinco annos em que a Dictadura de facto esteve nas suas mãos, acaso, mereceo o opprobrioso titulo de tyranno? Eu inimigo do Brasil? Quem vendo a sua administração desmoronada, e perdendo as esperanças de fazer a vossa felicidade preferio abdicar, á fazer correr sangue para sustentar a sua autoridade, nunca foi vosso inimigo, e quem offerecendo-se em holocausto, no momento de se exilar para outro hemispherio, confiou de vós aquillo que tinha de mais caro como ente sensivel, como carinhoso pai, todos os filhos que gerára, quatro anjos encantadores, que seus olhos mortaes jamais havião de tornar a ver, seus braços jamais havião de estreitar, este de certo não vos havia perdido nem a affeição, nem a confiança nas vossas virtudes, e no amor excessivo que outr'ora lhe havieis consagrado. Brasileiros! Eu o proclamo com orgulho e satisfação; vós vos tendes mostrado dignos desta minha confiança. Vós tendes cumulado de

ternura e de desvelos a minha innocente familia; vós tendes collocado meu filho no meu throno. Tambem com quanta anciedade e interesse tenho observado vosso procedimento durante a revolução que me separou de vós. Empenhado na mais desesperada e trabalhosa empreza, que me custa a vida, nunca perdi de vista a extremosa luta que rendestes contra a loucura dos exaltados, e a cega indiscripção dos restauradores. Eu sei mui bem que a calumnia me tem accusado de authorisar estes com o meu nome, e de nutrir projectos de reinthronisação. As proposições que trouxe Buschenthal, e que não vos admirarão menos, quando as souberdes, que a qualidade das pessoas que m'as dirigirão (proposições que rejeitei com magnanimidade), testemunhão do terror que esta opinião incutira. Brasileiros! Eu juro á face do mundo, á hora em que triumpha a verdade, que tão vulgar ambição não achou entrada na minha alma. Emquanto meu filho tivesse conservado o seu throno, emquanto o Brasil todo, reconhecendo sua autoridade, se houvesse ligado ao pacto social que abraçára, por motivo, á que titulo haveria eu de apresentar guerra a meu filho e levar a vossas praias ferro e fogo? Sem duvida eu não podia deixar de manifestar alguma benevolencia áquelles que se compromettião por amor de mim, e quanto mais que eu julgava a existencia deste partido hum beneficio para o Brasil, e o unico meio de dar maior unidade, e vigor á liga dos bons, dos espiritos moderados que procuravão tutelar o justo meio entre a anarquia, e a escravidão. Graças á sua sabedoria, que a Providencia se dignou abençoar, estes generosos cidadãos completárão a grandiosa obra, fechárão a revolução incruenta; e pelo triumpho das Reformas inaugurarão o padrão, em vão procurado na Europa, de huma ordem social, em que todos os interesses são competentemente partilhados, em huma palavra o programma do meu bom amigo *Lafayette: um throno monarchico circumdado de instituições Republicanas.* »

« Este remate das fadigas e desvelo do partido moderado deu talvez nimio golpe no partido restaurador, na crise da passagem de um Regimen para outro. A noticia da minha morte, que breve vos chegará, acabará de o anniquilar, ao mesmo tempo que romperá, por contrapancada, os ultimos fios que

prendem o partido nacional. A luta dos principios acabará: os Brasileiros ficarão desunidos, e apenas se colligirão em grupos ao redor das notabilidades que postularem a Regencia. A conservação da doutrina, e a mantença do socego, até se dar posse ao novo Depositario do Poder Supremo, cabe ao Governo: mas este Governo, já de per si fraco, o será muito mais como aquelle que não tem futuro, por a hora da sua morte estar marcada, e assim mesmo todos os aduladores da opinião publica, todas as ambições assanhadas lhe farão crua guerra. Este he o meio mais trivial, mas sempre certo de colher popularidade em paizes pouco satisfeitos da sua posição, e inexperimentados no systema constitucional.

« Entretanto o penhor da vindoura prosperidade e persistencia em unidade politica do Imperio, pende da conservação deste governo tão impossibiltado de commetter excessos e tão obrigado a ser o mero executor das disposições do Poder Legislativo, que acusal-o da inefficacia ou damno dessas disposições seria a maior injustiça do mundo. Este Governo, já transitorio, mal póde peccar mesmo em bagatella, coacto como está pelas pesadas formas herdadas do regimen absoluto, e cercado pelo novo das attribuições, que podem influir efficazmente sobre a marcha dos negocios. No curto periodo que lhe resta a preencher nenhum interesse capital póde ser levado, nenhum direito essencial assaltado. Assim mesmo huma densa poeira de insultos e recriminações lhe será assacada, e um grito accusador se levantará do Amazonas ao Prata. Os periodicos, na occasião decisiva da eleição do novo Regente, não hão de achar outro meio de conservar ou de ganhar influencia, e insuflarão hum fantastico mira-olho de opinião publica, que poderá, enganar os incautos, mas nunca supportar consciencioso exame, porque as Provincias, ufanas da importancia que adquirirão com as reformas, e no tirocinio da sua nova organisação, pouca attenção darão ao manejo dos interesses geraes. A Capital, interessada sómente no seu socego, esplendor, e desenvolvimento, intimamente ligados com a preservação da unidade Nacional no Governo Central, condição sómente penhorada pela permanencia de hum throno hereditario, a Capital, de certo, não se commoverá

para derrubar ou aviltar este mesmo Governo ; portanto nenhum perigo real o sobrepujará ; mas eu receio que o vão espantalho de opposição que se lhe apresentará, o perturbe e desalente, e que o unico Ministerio que possa com honra, e credito conservar as redeas do Estado, no prazo que decorrer até as remetter ao legal successor, se retire precipitadamente. Brasileiros de boa fé, Patriotas sinceros que nem a ambição, nem a vingança, nem a sêde de popularidade allucinão, sustentai este Governo. Se elle succumbir ao fingido clamor que o vai perseguir, quem ousará entre os homens de bem assumir a responsabilidade do futuro ? E então os perversos e anarchistas não se saberião valer da unica força, para dar golpe de morte na legalidade comprada com tantos suores e sacrificios ? Ah ! praza ao Ceo que se não tente tão funesta experiencia ; mas eu confio no genio protector que até agora resgatou o Brasil de tantos lances de perdição, e na lealdade, patriotismo, e serviços anteriores deste benemerito Governo para resistir á vãa borrasca suscitada pelos especuladores em desordens, conduzindo-vos a salvamento á nova éra que as reformas entabolarão.

« Salvos desta crise, sahireis do provisorio em que, até então houverdes estado, á respeito da arte administrativa, e dos melhoramentos materiaes de que ainda não tem havido ideia no Brasil, e que talvez, em lugar de viverem apóz a Constituição, lhe deverião ter preparado as vias: nisto tambem errei ; mas só depois de ter visitado os Povos mais civilisados da Europa, só depois de ter visto frente a frente com o insano labor do resgate de Portugal, aonde com fracos elementos da civilisação moderna, colhidos á pressa, venci um ingrato irmão apoiado por todos os esteios de hum poderio antigo, a quem sobravão meios e partidistas, dei fé do grande principio que em materia de administração, quem sabe, deve fazer, sem attenção ao lugar do nascimento. porque a sciencia he cosmopolita, e que os estados como os mais potentes dos consumidores devem occupar os mais habeis productores, seja o trabalho mecanico ou intellectual. Igualmente conheci o abuso em que eu cahira de querer edificar de novo em politica com operarios da antiga escola. Chamei ao redor de mim as notabilidades velhas, e antes de dez

annos o meu imperio caducou. Ah! Se eu tivesse convocado esta mocidade Brasileira, tão apta para tudo conceber, e tão preste a se exaltar pelo amor da Patria e os sentimentos generosos hoje! . . . . . Inuteis saudades! Ao menos sirva minha experiencia de ensino ao meu adorado filho, e a meus caros patricios do Brasil! . . . . . evitem os erros que perderão minha administração. Sem crear novos mananciaes de rendimento, ella anticipou por exagerados emprestimos de toda a sorte sobre o futuro, e quando chegou á epoca em que não houve meio para fazer frente ao deficit annual, quando a banca-rota bateo á porta, ella cahio. Meu governo pereceu pelas finanças como outros muitos Estados. Vós, Brasileiros, surgistes do naufragio pela economia, e não tivestes outro expediente de restabelecer vossas finanças, pois que o partido que vos regeu, aliás bem e gloriosamente, não produziu hum unico financeiro de alta esphera. Por este lado a sua nullidade foi tal, que sempre se encostou ao partido contrario, o qual, de proposito ou por incapacidade, abrio abismos de que, felizmente, a impossibilidade de resolver a massa heterogenea de valores fiduciarios que acabrunha a circulação, os tem salvado. Com tanta penuria de sujeitos habeis em materia de dinheiro, os remedios decisivos havião de ser funestos. Quatro annos de experiencia vos terão desenganado e convencido, que só a economia está ao uso dos vossos Governantes. Entregai ao commercio e á producção o cuidado de regularisar o cahos.

« O verdadeiro chefe de obra de vossa Revolução foi o aniquillamento da influencia militar. Tambem por este lado minha, administração errou completamente. Depositei a minha confiança na tropa. Para sustentar numeroso exercito, eu decimei a população, e esgotei as riquezas do Brasil, e por fim de contas a tropa deu no meu throno a ultima pancada. O Brasil carece sómente de um exercito mui diminuto; toda a sua força jaz na sua Guarda Nacional, porque, invencivel no seu territorio e nas suas matas, toda a guerra de aggressão lhe traria ruina, e deshonra. Eu fiz desta verdade amargoso experimento.

« Não posso deixar de vos dirigir huma advertencia acerca de escravidão dos negros. A escravidão he hum mal, e hum atten-

tado contra os direitos e a dignidade da especie humana, mas as suas consequencias são menos damnosas aos que padecem o captiveiro do que á nação, cuja legislação admitte a escravatura, He hum cancro que devora sua moralidada. Porem esta praga, quando herdada das gerações anteriores, quando afiançada pelas leis, quando complicada com os misteres da producção, não pode ser sanada violentamente, sem que a existencia social perigue. Só quando o trabalho livre for mais barato que o captivo a escravidão findará de per si. Esforçai-vos pois para avançar este desejavel resultado, promovendo pelos meios apropriados, e sobre tudo pelos melhoramentos materiaes das vias de commucação, a população dos homens livres.

« Da escolha dos futuros Depositarios da Authoridade de meu filho, emquanto elle for menor depende a realisação destes melhoramentos: Sinto-me, portanto, obrigado á vos expender, minha, actualmente desinteressada, opinião a respeito das notabilidades que sobrevivêrão á prova decisiva do manejo dos negocios e das collisões da revolução.

« Os Regentes (eu fallo dos dois que tiverão a longanimidade de sustentar até agora o pesado onus de que forão revestidos, o terceiro pronunciou a sua propria sentença), tem dado o exemplo rarissimo de hum corpo collectivo operando por huma só vontade, conservando-se nos limites das suas attribuições: e estudando a opinião publica para regular a sua conducla politica; sete louvor por ambos merecidos, realça ainda mais naquelle que tendo huma espada sempre a curvou perante a legalidade. He bom que quem governa saiba manejar huma espada.

« *Feijó* deu o golpe decisivo na lucta da influencia militar e do regimen legal, e firmou em bases inabalaveis o systema do progresso na ordem; mas ao depois Feijó pareceo desconfiar da solidez da sua propria obra e cuidar que a salvação da Patria, que salvára, ainda carecia de extralegalidades e dictadura.

« *Aureliano* conduzio com constancia, habilidade, e energia legal, o movimento revolucionario á travez as resistencias do partido retrogrado, ou estacionario, e terminou o edificio que Feijó fundára. Este foi o Ministro das crises, aquelle da acção normal do Governo. Porem para completar a gloria de Aure-

liano preciso he que não largue o leme antes que o novo piloto venha receber. Se elle se deixar allucinar pela phantasmagorica opposição, que os pretendidos orgãos da opinião publica lhe apresentarem, perderá o alto conceito, o lugar distincto que merece entre as summidades do partido nacional, embora estas repugnem de o admittir anciosas de recalcar na camada das mediocridades em que tantos phosphoros que brilharão por momentos no horisonte politico, jazem abafados.

« *Evaristo* tem sido a voz conscienciosa do partido da moderação, o conselheiro nos instantes do perigo, o consolodor nas desgraças, o apregoador dos triumphos : o seu balcão foi hum throno de sapiencia, intrepidez civica, e Brasileirismo. Na sua livraria appareceo hum novo Franklin.....Oxalá o publicista não ceda o passo ao jornalista, e o puro amor da Patria não seja nunca mais fraco do que a sêde de huma fugitiva popularidade !

« *Manoel de Carvalho* he homem de acção, e, na esphera segundaria em que tem governado, fixou sobre si a attenção do Brasil pela sua vigorosa attitude na aturada deploravel guerra civil de Panellas. As lembranças da Republica do Equador ainda o desabonão ; porem a idade, a reflexão, as viagens, e a propria experiencia dos principios da Democracia terão de certo dado á sua cabeça aquelle grão de madurez requisitado nos varões chamados a reger os destinos dos seus concidadãos.

« *Vasconcellos*, famoso Chefe da opposição, cheio de recursos e artimanhas para desmoronar, grande architecto de ruinas, e flagello dos Ministerios, parece-me impotente para edificar e conservar. Esta vocação sublime exige genio e moralidade. Como homem de Estado e membro da administração, Vasconcellos em nada se distinguio, e como Ministro das Finanças cunhou cobre como os seus antecessores, pedio emprestimos como os seus successores e votou pela alteração do typo monetario, ou em outros termos a banca-rota.

« Eis Brasileiros o meu parecer, despido de odio e de affeição, sobre os homens mais notaveis da vossa Revolução ; outros sem duvida influirão sobre a vossa sorte..... mas alem de serem menos conspicuos, já não me resta força para proseguir..... Sinto-me desfalecer ; as dores já acordão ; já a claridade da

minha mente afrouxa.....todavia eu tinha ainda muito que commemorar...eu queria vos aconselhar huma amnistia agora tão opportuna e decorosa....eu queria vos recommendar os amigos que me não abandonarão no infortunio, assim como a sorte da minha incomparavel esposa...mas he melhor entregar isto á vossa generosidade, inexhaurivel thesouro que já se diffundiu sobre a minha familia orphãa, que eu não duvidei confiar de vós.....Brasileiros! Eu deixo meu coração á heroica Cidade do Porto, theatro da minha verdadeira gloria, e o resto do meu despojo mortal á Cidade de Lisboa, lugar da minha nascença: porem vós possuis a reliquia mais preciosa, a emanação vivente do meu ser, meu filho! meu filho unico!...., Brazileiros, não podeis estimar em demasia este caro penhor, porque elle e sua progenie, serão sempre o nó da vossa existencia como Nação grande, o Palladium da vossa Constituição e da vossa Liberdade. Com esta dadiva eu resgatei tudo quando deixei de cumprir comvosco do excelso dever, a que o Ser Supremo me tinha chamado. Este pensamento suaviza a minha agonia: minha alma o despositará, perante o Solio da Omnisciencia e da Omnibondade..... Meu Deos! a tua benção permaneça e ternamente sobre os Brasileiros e meu Filho!

« PEDRO.

« Paço de Queluz, ás 4 horas da madrugada de 23 de Septembro de 1834. »

***

O Imperador e suas Augustas Irmãs fizerão, no dia 2 de maio de 1835, escriptos para serem apresentados á Assembléa Geral Legislativa, afim de mostrar os progressos que tinhão feito na calligraphia.

A 6 de dezembro de 1891 o *Diario do Commercio* salientava que

« Desde os primeiros estudos revelou D. Pedro de Alcantara uma notavel applicação e intelligencia. »

« O Sr. D. Pedro II foi um menino, cuja docilidade e submissão faziam entrever o homem inclinado á verdade e ao bem,

diz um escriptor nacional e que seria o exemplo do respeito que mais tarde infundiria a seus subditos por todas as instituições da lei, e a sua intelligencia e applicação não vulgares, e a estima e veneração que votava a seus preceptores o recommendavam ao paiz como um luzeiro que offuscaria a todos os luzeiros do mundo e ás lettras como seu protector nato e filho predilecto.»

No seu relatorio de 15 de maio de 1835 o Marquez de Itanhaen declara aos Representantes da Nação ser-lhe grato assegurar que S. M. I. têm gozado perfeita saude e ganho, em consequencia, robustez, tendo desapparecido os incommodos que no anno proximo passado relatára...

Disse tambem S. Ex. o Sr. tutor do Imperador:

« O professor de desenho Simplicio Rodrigues de Sá adoeceu dos olhos, e como sua enfermidade se prolongasse acceitei o offerecimento de Felix Emilio Taunay, Director da Academia das Bellas Artes, que se offereceu a substituir o seu collega, recebendo este o seu ordenado e elle a gratificação, ao que annui.

« Tendo no anno proximo passado convocado huma commissão composta de pessoas conhecidamente interessadas no progresso da educação de S. M. I. e A. A. para concertarem hum methodo que estes Augustos Senhores deveriam seguir, concordaram todos na necessidade de pôr-se ao lado do Imperador hum Pedagogo, que não só assistisse ás suas lições, e ás das Princezas, como o preservasse de adquirir ideias falsas das cousas, augmentando-lhe pela lição os conhencimentos indispensaveis a hum Monarcha constitucional, dando para assim dizer unidade e systema á educação. Convencido tambem desta necessidade, convidei Frei Pedro de Santa Marianna, Lento Jubilado em Mathematicas, para desempenhar estas funcções, ao que elle do melhor grado se prestou. Devo accresentar que tem desempenhado o seu lugar com todo o desvelo e probidade, que suas virtudes davam lugar a esperar.

« Tendo pois deixado por isto o engajamento da Academia Militar, onde ganhava 30$ por mez, mandei abonar-lhe igual quantia pelo cofre da Casa Imperial, até vossa deliberação: esta quantia não he sufficiente. Frei Pedro além das obrigações que lhe impuz, vai esclarecendo as ideias de meus augustos Pupilos com

prolegomenos de Mathematicas e de Logica, e infundindo-lhes o gosto pela leitura da historia.»

Vejamos agora o que diziam os professores de S. M. o Sr. D. Pedro II:

« Em 1835, informa o professor de inglez, que elle estuda este idioma, o de francez que já traduz e vai fallando, conhece o globo terrestre, as capitaes, os accidentes physicos mais importantes ; vai bem na dança, assegura o mestre ; lê musica com perfeição, combina muito bem as mãos no piano, em que promette ser habil ; mostra notavel aptidão para o desenho. Em junho deste anno, começa a tomar lições de equitação, tendo muita disposição para esta arte.

« Em 1836, informa Boiret, que elle comprehende tudo quanto se diz em francez, falla-o, decora trechos escolhidos, conhece a carta da Europa e da America, e vai passar á da Asia ; assegura Lucas que os progressos não são tantos como foram para desejar, mas o adiantamento é real em inglez: Taunay declara regulares os estudos e proveitosos ; Sua Magestade percebe com summa facilidade e muitas vezes resolve difficuldades acima do que se deveria esperar ; segundo Mazzioti, vai ganhando força e desenvolvimento no piano, tira as lições por si. Em dança aproveitava as lições quanto se podia esperar da sua idade e do tempo que lhe sobra de outras lições. »

« Encontramos entre papeis de I. A. Boulanger o rascunho da carta que escreveu a 25 de abril de 1836 aos seus *chers et bons Parents* e da qual extractamos o topico seguinte:

. . . .

« Ma position sociale depuis 4 ans a peu varié. Je suis constamment et au mieux avec l'Empereur et ses augustes sœurs qui font toujours des progrès en grandissant. D. Pedro n'a que 10 ans et demi, mais il est très avancé en tout pour son âge: Il a beaucoup d'esprit naturel, une mémoire heureuse et un jugement peu commun. La Princesse D. Januaria a eu 14 ans le 11 mars dernier: Elle est petite de taille, mais elle a des qualités précieuses, une candeur, une amabilité qui la font chérir par toutes les personnes qui la connaissent. La Princesse D. Francisca aura 12 ans le 2 août prochain: Um esprit fin et pénétrant

et en même temps une grande bonté d'âme sont les dons que cette charmante personne a reçus de la nature.

« D'après ces esquisses vous jugerez aisément, mes chers amis, combien est facile la tâche que j'ai de rendre compte annuellement à l'assemblée législative des progrès des mes augustes Disciples. Aussi n'ai-je rien à désirer sous le rapport de ma fortune au Brésil ; si je pouvais jouir de votre présence, il n'y aurait pas au monde un mortel plus heureux que moi. »

. . . .

« Em 1837, informa o Marquez de Itanhaem que começou latim, em que vai bem ; faz com promptidão as operações arithmeticas de inteiros, fracções e complexos, não conhecendo ainda a parte philosophica ; lê, falla e escreve francez, deixando pouco a desejar ; lê e traduz com pouca difficuldade, mas não escreve ainda o inglez ; applica-se com vantagem á historia. Itanhaem descreve-o como « dotado de vivacidade, penetração e reminiscencia em gráo eminente ».

O deputado Raphael de Carvalho escrevia em agosto de 1837:

« Os divertimentos que fazem parte de uma boa educação, são tão escassos para as pessoas imperiaes, que se não póde passar em silencio uma tão grande falta. O tanque de que fallei, onde navegava um bote, e o jogo dos cavallinhos, eis a que se reduzem os divertimentos do exercicio ; o jogo das cartas e o theatrinho são os de entendimento.

« Sobre este ultimo tenho de fazer algumas observações. Este tem a capacidade necessaria e está arranjado com gosto e simplicidade ; o panno de boca merece particular attenção. Este panno representa o Brasil nos seus tres estados de cathegoria. Em um porto acha-se ancorado um navio de tres mastros, muito grandes, e, se bem me lembro, sem bandeira ; na praia estão em um canto alguns homens trajados affonsinamente, levantando uma grande e pesada cruz, com a qual mal podem as suas forças ; ao longo da mesma praia acham-se alguns indigenas trajados marcialmente, assentados sobre montes de bananas, cajús, e ananazes, de costas viradas para tão grandes novidades. A sua pos-

tura indolente, o seu ar de estupida indifferença e o seu arreganho marcial fazem uma tal desharmonia, que se diz, ou que elles não partilham a natureza humana, ou que o pintor fez um painel de fantasia.

« Um anjo suspenso no ar tem na mão esquerda, abaixada, a bandeira do Reino Unido, com a qual está fazendo foscas áquella Santa Cruz ; e na direita, a bandeira imperial, conservando o braço tão levantado, que a insignia serve de ventilador á divindade.

« N'este theatrinho representam as pessoas imperiaes, e ahi se exercitam na declamação comica. Mas quanto é para lastimar que essa declamação seja na lingua franceza ! Isto parece incrivel, mas é um facto. Quem despreza a lingua nacional, é porque não conhece o valor que ella tem, é porque não tem idéas sãs de cousa alguma.

« O Imperador tem seu jardimzinho, onde se distrahe algumas vezes plantando flores ; se pelo que vi tenho de julgar da assiduidade, ella é muito escassa. A Princeza Imperial não tem um jardim seu, e nem a Princeza D. Francisca, existindo naquelle paço um só jardim muito pequeno, mal collocado e muito pobre. A administração não deveria ter sido tão negligente a este respeito ; não ha um palacio, dos imperiaes, que tenha um jardim » !

« Em 1838 dedica-se com gosto ao latim e já traduz prosa ; encaminha-o na litteratura o Dr. Roque Schuch (pai do futuro barão de Capanema) ; mostra decidido amor pela historia e pelos assumptos heroicos. »

Luiz Aleixo Boulanger escreveu em 1 de junho de 1838 que S. M. o Imperador, tendo adquirido muito boa lettra cursiva, cessára de dar lições de calligraphia nos ultimos dias do anno anterior e que S. A. a Princeza D. Francisca continuava com as lições sómente para assegurar a firmeza da mão.

A collecção Boulanger, pertencente ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro e á qual já nos referimos, comprehende grande numero de exercicios calligraphicos do Imperador Sr. D. Pedro II e de suas Augustas Irmãs D. Januaria, D. Paula e principalmente D. Francisca.

O respectivo numero de exemplares foi augmentado em outubro de 1897 com outros 150, offertados ao Instituto pelo Exmo Sr. C. Vieira Ferreira, do Corpo Diplomatico Brasileiro, os quaes certamente fizerão parte da dita collecção antes de sua remoção para o Instituto.

* * *

A proposito de L. A. Boulanger vamos reproduzir algumas cartas:

« Corrego Secco, 9 Mars 1835

« Monsieur et ami

« Voici un tableau que j'ai fait ici pour l'anniversaire de S. A. la Princesse D. Januaria. Je viens vous prier d'avoir la bonté de le présenter à Son Altesse avec mes félicitations respectueuses et de vouloir bien, en même temps, mettre aux pieds de S. M. I. et de S. A. la Princesse D. Francisca l'hommage de mon profond respect.

« Je profite de cette occasion, Monsieur, pour vous remercier des témoignages d'amitié que vous n'avez cessé de me donner depuis près de 9 ans que j'ai le plaisir de vous connaître. Je ne négligerai rien pour cultiver cette amitié qui, je l'espère, ne fera que se fortifier avec le temps.

« L'air pur que l'on respire dans ces montagnes et dont la fraîcheur rappelle le Printemps d'Europe, a déjà bien amélioré ma santé, vers la fin du mois j'espère avoir le plaisir de vous voir.

« Recevez, je vous prie Monsieur et ami, l'assurance de mon sincère attachement.— « *L. A. Boulanger*.»

« Rio, le 11 Mars (a 2 heures de l'après midi) 1835

« Monsieur

« Je viens de recevoir votre lettre et le tableau que vous envoyez à Son A. I. Je me ferai un devoir de le lui remettre aujourd'hui même, car j'y vais dîner. Les nouvelles de votre

santé m'intéressent beaucoup et je vous félicite de commencer à gagner des forces ; je regrette seulement que vous ne soyez chez mon frère, car il serait bien content de vous revoir et ses enfants auraient bien gagné de vous fréquenter.

« En attendant, Mon cher ami, disposez de la bonne volonté de votre ancien ami et obligé.— *P. Barbosa.*»

« Rio, le 25 avril

« Monsieur

« Mr. Bareilles m'est recommendé par des personnes très respectables. Il désire s'emploier a Rio dans l'aprentissage de sa langue ou dans toute autre chose ; vous êtes à même de pouvoir mieux l'acheminer que moi, il est dans l'état où vous vous trouvâtes au moment de votre arrivée, faites lui de même que vous auriez voulu qu'on vous fît et vous l'aurez fait á moi qui suis votre ami et serviteur dévoué.— *P. Barbosa.*»

Paulo Barbosa da Silva, como tivemos ensejo de verificar, poucas vezes datava o que escrevia.

* * *

O marquez de Itanhaen tinha relações de amizade com D. Marianna e D. Maria Antonia, que procurava muito, assim como estas senhoras erão muito procuradas pelas demais pessoas da Casa Imperial.

Tres vezes enviuvára o marquez. Foi sua primeira mulher a D. Theodora Arnault de Rios, a segunda a Dama D. Francisca Mathilde Pinto Ribeiro, que desposára no fim de 1831, a terceira uma cunhada, a açafata D. Joanna Severiana Pinto Ribeiro (outra irmã, a açafata D. Marianna Augusta Pinto Ribeiro, casou-se com João Baptista Pereira de Sampaio); quanto á quarta, temos a respeito d'ella as informações seguintes:

Um certo dia a retreta D. Maria Angelina Beltrão foi ao quarto de D. Maria Antonia e lhe disse: Venho dar-lhe uma grande novidade. Fui pedida em casamento agora mesmo, com grande

pasmo meu, mas não sei se posso unir-me ao Sr. Marquez de Itanhaen? Consultada D. Marianna apoiou favoravelmente e mais tarde realizou-se o consorcio secretamente, continuando os conjuges a viverem como d'antes, parecendo que o Marquez sentia-se com certa falta de coragem para divulgar o seu novo enlace aos 60 annos e com uma retreta, embora fosse bonita senhora.

Tornou-se, porém, critica a situação de D. Maria Angelina, quando ella se conheceu em estado interessante e tendo recorrido a D. Marianna, esta senhora foi ter com o Marquez, que acceitou com prazer o auxilio d'ella para fazer opportunamente a conveniente participação.

Effectivamente, aproveitando o primeiro dia de cortejo, D. Marianna collocou perto de si a D. Maria Angelina e sempre que tinha occasião apresentava a Sra. Marqueza de Itanhaen.

N'um album da collecção Luiz Aleixo Boulanger, pertencente ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, acham-se retratos não acabados da Marqueza (D. Maria Angelina sem duvida) e do Marquez de Itanhaen em 1850.

Era homem idoso, alto, muito magro, usando chinó. Morava no primeiro andar do palacio de S. Christovão do lado do Pedregulho.

Este lado começava na frente com o torreão velho, seguia-se uma grande sala de recepção ao mesmo tempo galeria de quadros, na parte central saliente estavão os aposentos do Marquez e da familia, vinha em seguida a outra grande sala de jantar que terminava a parte saliente. A reintrante que formava continuação d'esse flanco, tinha dous espaçosos salões ; o primeiro occupado pelo museu principalmente mineralogico, numisatico com poucos exemplares zoologicos, cuja parte mais importante era a collecção conchealogica ; no salão do fundo estava a bibliotheca trazida pela Imperatriz Leopoldina, em 1817, quando veio para o Brasil.

A bibliotheca de S. M. o Sr. D. Pedro I achava-se no torreão velho e foi posteriormente enriquecida com varias collecções artisticas, autographos, etc., etc.

O Marquez e a Marqueza erão pessoas despretenciosas e sem ostentação, muito amaveis.

Todas as tardes o Marquez mandava abrir as portas e janellas das diversas salas desde a frente até o fundo do palacio e passeava a passo lento torcendo ligeiramente o corpo para o lado em que firmava o pé, levando na mão o rozario e em voz baixa repetia as orações da igreja.

Apparecendo n'essa occasião alguma pessoa para lhe fallar, S. E. parava e quando dava explicação tinha um notavel cacôete — firmava-se sobre o pé esquerdo, traçava por cima o direito, apoiando a ponta no soalho e levantando a mão direita com o punho fechado na altura da cabeça um pouco inclinada e o dedo indicador estendido para cima perguntava repetidas vezes com um ligeiro sorriso — Percebeu?

Em todo o palacio Imperial não se encontrava o fausto da realeza: ostentação e luxo erão alli desconhecidos.

A unica cousa que destoava dos habitos de uma familia burgueza era um corpo de guarda que dava sentinellas para tres entradas e uma pequena guarda de archeiros.

Reproduzimos aqui os topicos seguintes de J. D. da Cruz Lima:

« O palacio de S. Christovão, residencia do Sr. D. Pedro I, foi sempre modestamente mobiliado.

« Os melhores moveis que teve, e por occasião do segundo consorcio, forão comprados a um particular, D. Carlos Arcos, proprietario chileno, que aqui residio algum tempo, e na sua retirada para a Europa. »

As Sras. D. Marianna e D. Maria Antonia tinhão uma vida extremamente patriarchal, erão os seus aposentos muito independentes no pavimento inferior do palacio, por baixo dos commodos occupados pelo Marquez.

A proposito de S. E. o Sr. Tutor lê-se na respectiva biographia publicada por Lery Santos no seu « Pantheon Fluminense ». Rio de Janeiro — Typ. G. Leusinger e filhos — 1880:

« Quando em 1840 debatia-se com ardor a maioridade nas Camaras e que o espirito publico estava immensamente agitado, o Marquez de Itanhaen manteve a este respeito a mais completa neutralidade, nem o seu nome foi trazido á discussão, sendo de todos respeitado e merecendo a confiança de todos os partidos.

« Declarada a maioridade, o Marquez recolheu-se á sua casa, entregando-se sómente aos seus negocios particulares. Excepto nas ceremonias da Côrte, onde a sua ausencia seria sensivel, raras vezes ia ao Paço Imperial.»

Manoel Ignacio de Andrade Souto Maior Pinto Coelho, natural de Marapicú (Prov. do Rio) era filho do Brigadeiro Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon) ia matricular-se em Coimbra, quando teve de assentar praça como cadete, mas fez carreira, chegando a ser coronel.

Agraciado em 1819 com o titulo de Barão de Itanhaen, foi elevado a Marquez em 1826, nomeado Senador por Minas em 1844, viveu até 1867, fallecendo no dia 17 de agosto com 85 annos de idade, objecto de saudosas sympathias porque á sua proverbial honradez juntava admiravel bom senso, que nunca o abandonou.

***

No livro de Carlos Seidler encontramos a informação seguinte:

« Além d'este corpo (a guarda Permanente com 600 homens sendo 150 de cavallaria commandados pelo general Lima e creada depois do licenciamento do Corpo de Policia apoz 7 de abril de 1831) no Rio de Janeiro como em todo o Imperio não existio mais tropa regular, excepção feita de alguns poucos Dragões da Provincia de Minas Geraes, cujo serviço se limitava a acompanhar na cidade o Imperador, de 10 annos, S. M. D. Pedro II, nas occasiões especiaes de actos festivos e paradas a que tambem se achavão presentes os tres regentes governando o paiz durante a minoridade do Soberano e até jámais deixou de igualmente comparecer o estimavel José Bonifacio de Andrada, tutor do pequeno Imperador, por escolha do proprio pai. A Guarda Nacional do Rio de Janeiro, creada a 20 de agosto de 1831, devendo representar uma força de 20.000 homens, geralmente isenta de todo serviço activo, nas alludidas occasiões sahia tambem para o Campo de Honra (nome que se deu ao campo de Sant'Anna a 7 de abril de 1831), mas raras vezes conseguia alli reunir 5 e mesmo 4 mil homens. »

Nos seus « Apontamentos biographicos do Sr. D. Pedro II » inseridos no peridioco litterario *O Futuro* Joaquim Pinto de Campos conta o que lhe dissera a Sra. D. Maria Antonia, filha da Sra. Marianna, como segue:

« Da boca de uma nobre dama, talentosa e erudita, que zelosamente serviu as Augustas Princezas, irmãs do Imperador, ouvimos narrar successos da extrema infancia de S. M. que muito o honram. Tão educados forão no espirito religioso que até os brinquedos infantis eram muitas vezes imitações do culto. A encantadora Princeza D. Francisca revestia-se de padre, sua irmã e seu irmão eram acolytos ; e não deixava de ser curiosa a seriedade de que se embebiam n'estas occupações innocentes, mas que desde o berço revelavam a tendencia do espirito religioso.

« A mesma dama, de quem acima fallamos, nos contou um caso bem digno de sympathia. Ainda o Imperador não tinha completado a idade de nove annos, suas irmãs apenas contavam dez e doze, quando um dia funesto lhes trouxe a tremenda nova da morte de seu pai, ao mesmo tempo dada aos tres principes por tres diversas pessoas. Era golpe tão profundo em todos esses peitos juvenis, era tão commum a orphandade em que todos ficavam, tanto se haviam acostumado a sentir juntos as mesmas dôres, que por um singular movimento instinctivo, o Principe e as Princezas sahiram dos aposentos, em que se achavam, com o unico fito de se procurarem reciprocamente ; encontrando-se logo, todos tres se enlaçaram no mais amplexo mudo, até que torrentes de lagrimas e ais prorompeos dos amargurados peitos, com uma intensidade e affecto filial capaz de commover o mais empedrado coração que semelhante espectaculo presenciasse.

« Ainda pelo mesmo canal soubemos que, na mais extrema infancia, desde que o Imperial menino começou a fazer suas excursões pelos arredores do palacio, entrou a pedir que, sempre que elle sahisse, lhe dessem bastante dinheiro em prata. Voltava sempre para casa sem um ceitil ; aquellas quantias eram todas destinadas aos soldados e aos pobres que encontrava. »

A proposito do bolsinho de Sua Magestade vimos uma relação das despezas pessoaes do Sr. D. Pedro II no mez de fevereiro de 1833, onde se acha lançada a sua mezada de doze mil reis, quantia de dinheiro que igualmente recebião as suas Augustas irmãs, ainda em 1836.

Possuimos os dous seguintes documentos:

Recebi de Ill^{mo} Sr. Albino dos Santos Pereira, Thesoureiro da Casa Imperial, doze mil reis, mezada de Sua Alteza Imperial Serenissima Sra. Princeza D. Januaria, do mez de fevereiro proximo passado.

L^{do}. á fl 17 em 8 de março de 1836 (an^{o}) Brito.

Rio de Janeiro, 2 de março de 1836. —(assignado) *D. Joaquina Adelaide de Verna e Bilstein.*

Recebi do Ill^{mo} Sr. Albino dos Santos Pereira, Thesoureiro da Casa Imperial, doze mil reis, mezada da Serenissima Princeza D. Francisca, do mez de fevereiro proximo passado.

L^{do}. á fl. 16 em 8 de março de 1836 (an^{o}) Brito.

Rio de Janeiro, 2 de março de 1836, —(assignado) *Verna Magalhães.*

O tutor Dr. Andrada, por portaria mandada passar em novembro de 1831 havia feito declarar ás Damas dos quartos de S. M. o Imperador e de suas Augustas irmãs que não teria validade pedido algum para o guarda-roupa, sem que se achasse assignado pelas respectivas Damas e Retretas e por elle rubricado.

Possuimos outros documentos que vamos reproduzir, porque instruem sobre as cousas da época, mostrando ao mesmo tempo a singeleza dos costumes a que forão sujeitas as augustas crianças, sendo os habitos incutidos, por elles observados depois de adultos.

Obra que fez para S. M. I. no mez de junho de 1833.

3 pares de sapatos a 2$000	6$000
1 dito de vira.	3$000
	9$000

Rio de Janeiro, 1 de julho de 1837.

Telles.— Domimgos Innocencio Ribeiro.

P. Portaria para que o thesoureiro pague a quantia de nove mil réis. Rio de Janeiro, 4 de julho de 1833.— Dr. *Andrada.*

P. P. em 4 de julho de 1833.

Importe da costura que tenho feito para a Serenissima Princeza Senhora D. Januaria, a saber:

1 Vestido de filó preto para concertar . .	1$280
1 Dito de tonquim para concertar . . .	1$000
2 Ditos de cassa bordada para o mesmo. .	3$200
2 Camizetas de cassa.	800
5 Vestidos brancos para concertar. . . .	6$400
Somma	12$680

Rio de Janeiro, 30 de julho de 1833.

Condessa de Itapagipe.

Anna do Sacramento.

Haja vista ao Illmo. Sr. Secretario Revisor. Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1833.— *Lobato.*

Está conforme, importando a somma total na quantia de doze mil seis centos e oitenta réis. Secretaria, 4 de agosto de 1833.— *Antonio Gonçalves Moledo*, Revisor.

P. Portaria para que o Thezoureiro pague a quantia de doze mil seis centos oitenta réis. Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1833. — Dr. *Andrada*.

P. P. 19 de agosto de 1833.

Fez no mez de agosto para a Serenissima Princeza Senhora D. Januaria, a saber: hum vestido de seda para baixo 2$000. Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1833.— *Maria Joaquina*.

Haja vista ao Illmo. Sr. Secretario Revisor. Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1833.— *Lobato*.

Está conforme, importando na quantia de dous mil réis. Secretaria, 12 de setembro de 1833.— *Antonio Gonçalves Moledo*, Revisor.

P. Portaria para que o Thezoureiro pague a quantia de dous mil réis. Rio de Janeiro, 13 de setembro de1833. — Dr. *Andrada*.

P. P. em 16 de setembro de 1833.

* * *

Uma Senhora, cuja mãi foi Dama do Paço até 1843, nos informou que as Princezas D. Januaria e D. Francisca gostavão muito de cozinhar contando com o pedaço de lombo especial que diariamente lhes trazia certo Sr. Cesario ; mas um bello dia o Sr. D. Pedro II, estranhando a falta de appettite das augustas irmãs, poz-se a espreital-as até chegar a descobrir que se alimentavão com os quitutes preparados por suas proprias mãos e que depois S. M. exigio se lhe désse sempre parte.

Outra pessoa idonea conta que S. A. a Sra. D. Francisca, indignada de haver cortejo no anniversario da abdicação de seu

Augusto Pai, tentou convencer seu Irmão, o Imperador, com poucos annos de idade, da conveniencia de o fazer cessar e S. M., ponderando não se animar a ir contra a pragmatica para tal fim, no primeiro dia 7 de abril seguinte, que parece ter sido em 1833, a Sra. Dona Francisca, dando-se por doente com forte enxaqueca, não houve cortejo e nos annos posteriores tão pouco, mas ignora-se quaes as providencias tomadas pelo menino Imperador para conseguir a abolição da referida ceremonia, de modo a não descontentar os patriotas mais realistas que o rei.

* * *

O Padre Diogo Antonio Feijó prestou juramento a 12 de outubro de 1835 como 1º Regente do Imperio, unico do Acto Addicional. A Carta de Lei, reconhecendo S. A. a Princeza D. Januaria como Princeza Imperial e successora do Throno do Brasil teve a data de 30 de outubro 1835 e o respectivo juramento foi prestado no Senado a 31 de maio de 1836.

Em 1835, José Ignacio de Abreu e Lima foi o unico que alçou a voz e se lançou na arena da imprensa para defender o Sr. D. Pedro II, ameaçado de uma nova proscripção ; ahi estão os *Mensageiros de Nicteroy* e o *Bosquejo historico, politico e litterario do Brazil.*

« Em 1836, disse Pereira da Costa, manifestou-se no Rio Janeiro uma vivissima opposição ao regente do Imperio Padre Diogo Antonio Feijó, e rompendo a luta, manifestou-se logo entre os dous poderes um antagonismo flagrante, aggravada de mais e mais pela dura tenacidade com que o Regente tratava o corpo legislativo » — Abreu e Lima procura então os arraiaes do partido contrario e em opposição ao Governo do Regente, publica *O Raio de Jupiter* pregando a ideia de passar a regencia do Imperio á Princeza D. Januaria ; e tal foi a opposição, e tão renhida a peleja, que o regente deu-se por vencido e retirou-se do poder dirigindo em 19 de setembro de 1837 um *Manifesto aos Brasileiros.*

O Sr. Pedro de Araujo Lima, aos 19 de setembro de 1837, é nomeado Regente do Imperio.

No dia 2 de dezembro de 1837, além das solemnidades habituaes para o anniversario natalicio do Imperador, teve lugar a creação do collegio D. Pedro II.

* * *

Em 1837 permaneceu algum tempo no Rio o navio de guerra francez *Venus*, sob o commando do Capitão de Mar e Guerra Abel du Petit-Thouars, em cujo relatorio (Voyage autour du monde etc. — Bruxelles, chez H. Ode — Boulevard de Waterloo 44 — 1844)' encontramos o que segue:

« O clima é geralmente agradavel e saudavel e por pouco que a gente ahi se comporta com moderação, nada ha que temer de uma estada, mesmo demorada.

« As trovoadas são mui frequentes no Rio de Janeiro ; formam-se de ordinario entre 3 e 4 horas na direcção N. O. acima dos Orgãos e rebentam ao pôr do sol, quando cahe a viração do alto mar ; outras vezes desfazem-se ; são quasi sempre annunciadas pela apparencia do tempo naquella direcção ; estas trovoadas são magnificas, o trovão faz-se ouvir com estrondo e as detonações, repetidas pelos echos das differentes cadêas de montanhas que cercam a bahia, produzem admiraveis rufares de tambores *(roulements)* ; a chuva cahe durante estas trovoadas com uma abundancia desconhecida na Europa.

« Duas barcas a vapor forão construidas para as communicações entre o Rio de Janeiro e a costa oriental da bahia ; cruzão-se regularmente e partem a todas as horas ; são verdadeiros omnibus nauticos de um uso muito agradavel aos habitantes da Praia Grande, que podem vir ao Rio a toda hora do dia para seus negocios, ou sómente para tomar sorvete, sensualidade toda nova no paiz. E' um delicioso passeio á noite, quando ao clarão do luar, neste bello céo dos tropicos, o vento terrestre, que traz comsigo os suaves perfumes da larangeira e do floripondio vêm moderar o calor e inspirar as doces visões das Mil e Uma Noites ; como todos os gozos é este igualmente de pouca duração, pois em breve approximando-se das praias do Rio de Janeiro as visões dissipão-se ; o sentido do olfacto, excessivamente offendido pelas

exhalações pestilentes que espalhem os depositos de immundicias que guarnecem os caes, faz lembrar toda sorte de progressos uteis que não têm sido sequer tentados.»

* * *

Recorramos novamente ao registro de Boulanger: Anno de 1838 — Mez de janeiro — dia 3 — Recepção do Principe de Joinville em São Christovão ; dia 5 — jantar de familia dado a Sua Alteza Real ; dia 7 — o Imperador visita o Principe de Joinville no Paço da cidade e recebe os presentes da Rainha de França ; dia 9 — jantar dado ao Principe de Joinville na sala do Conselho (servindo pela primeira vez para o dito fim) seguido de um baile e de uma ceia ; dia 11 — Sua Alteza Real parte para Minas Geraes.

Mez de fevereiro — dia 3 — Divertimento naval dado ao Imperador na Ponta do Cajú pela officialidade da náo franceza *Hercules ;* dia 11 — o Principe de Joinville volta de sua viagem a Minas ; dia 19 — Sua Magestade o Imperador assiste na Ponta do Caju a um divertimento naval dado pelo Principe de Joinville ; dia 20 — Baile a bordo da náo *Hercules* dado pelo Principe de Joinville ; dia 23 — o Principe de Joinville deixa o Rio de Janeiro ; dia 25 — o Imperador assiste ao exercicio de fogo e manobras do Corpo de Municipaes Permanentes no palacete do Campo da Honra.

Mez de abril — dia 3 — S. M. o Imperador faz o donativo de 2:000$000 ao collegio Pedro Segundo ; dia 4 — jantar no Paço pelo anniversario natalicio da Rainha de Portugal D. Maria II ; dia 5 — o Imperador assiste a um *Te Deum* na Capella Imperial em acção de graças pela restauração da Bahia ; dia 7 — Sua Magestade foi á representação de grande gala no Theatro Constitucional Fluminense, por ser dia anniverssario da sua subida ao Throno, foi á scena o drama-sacro : Santa Isabel Rainha de Portugal.

Mez de maio — dia 1 — Inauguração do collegio Pedro Segundo ; dia 3 — S. M. abriu os trabalhos da Assembléa Geral Legislativa.

Lembramo-nos ter lido que a 23 de julho de 1838 o Conego Pedro Renato Boiret foi sepultado no convento de Santo Antonio.

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro foi fundado no Rio de Janeiro a 21 de outubro de 1838 e teve boa inspiração na 1ª sessão ordinaria realizada no dia 1 de dezembro de 1838, e de que dá noticia o importante relatorio apresentado pelo Dr. João Severiano da Fonseca a 21 de outubro de 1888, na sessão solemne do Jubileu, como se vê nas linhas que transcrevo:

« Desde a sua primeira sessão ordinaria uma idéa de maximo alcance appareceu no Instituto. Visava-se ao seu futuro; temia-se a adversidade nos elementos dissolventes do passado; pretendia-se um arrimo, um amparo, uma garantia para o porvir.

« Essa garantia era o Monarcha; e aquella aspiração vós o sabeis, senhores, como foi correspondida.

« Era elle, então, um menino... mas que revelava dotes extraordinarios de intelligencia e applicação. Seu mestre Araujo Vianna dava d'isso testemunho; sabia-o a maior parte dos socios.

« Por proposta de Januario, o Instituto solicitou e obteve a augusta protecção e mais uma data memoravel ficou indelevel nos fastos da sua historia: — 19 de março de 1839.

« O que foi a protecção do menino Imperador todos o sabem; a immediata mudança de livros preciosos e preciosissimos manuscriptos da sua bibliotheca para a do Instituto; o prenuncio — nas suas forças — do que viria a ser, em futuro breve, o interesse, o amor, a dedicação pelas lettras e pelo Instituto, do homem esclarecido, hoje cidadão do mundo; Elle, cujo cabedal de sabedoria o mundo inteiro admira; Elle, cujos dotes d'alma o mundo inteiro respeita; Elle, a unica Magestade verdadeira que Victor Hugo encontrou.

« O Imperador tornou-se a encarnação do Instituto e a vida d'este prende-se toda á do seu Protector.

« Felizmente, senhores, todos confirmam essa verdade — sem peccado de lisonja.»

No livro do Instituto publicado em Homenagem á Memoria de S. M. o Sr. D. Pedro II dissemos o seguinte:

« A 19 de março de 1839, pelas 10 horas da manhã, no Paço da Boa Vista, em audiencia propositalmente marcada, o Imperador se dignou receber a commissão incumbida de fazer a entrega do diploma de Protector do Instituto Historico e Geographico Brasileiro « O representante das idéas de illustração que em differentes épocas se manifestaram n'este continente », na opinião do presidente Visconde de S. Leopoldo, expendida na sessão de 4 de fevereiro de 1839.

O joven Monarcha franqueou o seu Paço da cidade para a celebração da primeira sessão anniversaria da creação do Instituto, communicando n'esta occassião que, comquanto desejasse muito assistir a tão interessante acto, não o poderia fazer, devendo elle realizar-se a 3 de novembro de 1839 (não o tendo sido possivel a 21 de outubro) por ser este o tempo em que costumava passar alguns dias na sua fazenda de Santa Cruz e tudo estar já disposto para a partida. A solemnidade foi comtudo abrilhantada com a presença do Regente e dos Ministros do Imperio.

A 4 de agosto de 1840, ás 5 horas da tarde, nova deputação, tendo ido ao Paço da Boa Vista para felicitar Sua Magestade o Sr. D. Pedro II, por se achar no exercicio pleno dos direitos politicos que lhe competiam nos termos da Constituição do Imperio, o presidente da commissão, Candido José de Araujo Vianna (posteriormente Marquez de Sapucahy), vice-presidente do Instituto e Ministro do Imperio, concluio seu discurso, dizendo: « Nasceu o Instituto Historico e Geographico Brazileiro sob os auspicios immediatos de Vossa Magestade Imperial, tem crescido com os dias do seu augusto Protector e dará de certo fructos de gloria nacional, continuando a merecer tão valioso e elevado patrocinio. Digne se Vossa Magestade Imperial acolher as sinceras felicitações de uma associação litteraria que tem por fim immortalisar os nomes e os feitos de illustres Brazileiros; e que contemplando em V. M. I. um Principe ainda em tenra idade já tão amante das sciencias e das lettras, se ufana de ter a honra de merecer a augusta protecção de Vossa Magestade Imperial. Mediante ella, Senhor, o Instituto desempenhará o seu

nobre e glorioso fim, e tão benevelo patrocinio será mais um feito illustre que a historia consignará em suas paginas para eternisar o nome do primeiro Monarcha que vio a luz no novo mundo. »

* * *

Voltemos aos assentamentos de Luiz Aleixo Boulanger: Anno 1839 — Mez de março — dia 11 — Cortejo no Paço da cidade pelo anniversario natalicio de S. A. a Sra. Princeza Imperial com baile á noite, no mesmo paço, e a 23 — o Sr. Visconde de São Leopoldo participa ao Instituto Historico e Geographico do Brazil que tendo pedido a S. M. I. a sua cooperação em prol do estabelecimento, o Imperador não só a promettêra, senão tambem acceitára o titulo de membro do Instituto.

Mez de abril — dia 30 — o Imperador mandou seu camarista de semana cumprimentar a bordo da fragata sarda *Regina* o Principe Eugenio de Saboya Carignan.

Mez do maio — dia 1 — S. A. o Principe Eugenio de Saboya Carignan desembarca a 1 hora da tarde e vai com seu estado maior apresentar os seus cumprimentos á Familia Imperial ; dia 16 — o Imperador dá um jantar ao Principe de Saboya Carignan.

Mez de junho — dia 3 — o Imperador e Suas Augustas Irmãs foram ao theatro S. Januario assistir á representação, em francez, de *Le Comèdien Ventriloque* ; dia 9 — baile no Paço da Boa Vista em honra ao Principe de Saboya Carignan.

* * *

Ouçamos ainda Joaquim Pinto de Campos:

« Com affinco mui superior á sua idade se applicou o Sr. D. Pedro, desde a infancia, ao apaixonado estudo dos idiomas, da historia, da geographia, das mathematicas, da religião, das sciencias positivas e naturaes, da litteratura, bem como das bellas-artes, desenho, pintura, etc.

« Desde que foi confiado aos cuidados dos mestres, teve a criança comportamento viril. Nunca foi necessario chamal-o

para o estudo ; talvez antes se julgasse algumas vezes prudente recommendar-lhe abstenção de applicação tão prolongada.

«Muitas vezes o Frei Pedro de Santa Marianna, sendo já adiantada a noite, se transportava ao aposento do menino, e achando-o sobre os livros, lhe representava que sua idade tenra não comportava semelhante assiduidade, com que a saude, e até a natureza, se lhe podia prejudicar. Convidava-o a recostar-se e apagava-lhe a luz. Algumas vezes, voltando, passada meia hora ou uma hora, tornava a achar o estudantinho sobre seus livros, tendo por si mesmo reaccendido as luzes!

« Tal disposição de espirito, favorecida por uma memoria estupenda, devia produzir seus naturaes effeitos.

«Do mesmo modo que a memoria é um dote assombroso do Sr. D. Pedro, assim se distinguiu a sua vontade por uma poderosa força de paciencia e attenção. Observa ao mesmo tempo, e com igual penetração, os factos geraes que dão a physionomia normal do seu Estado e indicam o atraso ou progresso delle. Estuda o regulamento de um collegio com a mesma disposição de espirito com que um projecto de alta combinação administrativa ou politica. Este privilegio de sua natureza intellectual talvez não tanto o deve ao clima americano, como ao sangue da familia de Hapsburgo, que lhe circula nas veias.

«E é este o logar de reflectir que a attenção do Imperador para os pequenos factos da vida social e da administração do Brasil, tem sido notada por alguns, que superficialmente a consideram indicio de um espirito, cujas vistas não alcançam remotos e dilatados horizontes. Mas quem o via, após um trabalho paciente e comesinho, elevar-se instantaneamente ás mais importantes questões da philosophia e das sciencias sociaes, reforma o seu juizo e admira a raridade dessa dupla natureza.

« São igualmente dotes da alma do Sr. D. Pedro uma alta capacidade de concepção — singular sagacidade — a rarissima qualidade denominada *senso commum* e cautelosa prudencia. Não cremos que a sua resolucção seja rapida, porque tem de uso amadurecel-a. Tem a virtude de saber fallar quando, e como importa, e a, muito menos frequente, de saber escutar. Nunca teve ministro seu, a quem fosse tão facil dirigir a palavra como

o é ao proprio monarcha, pois recebe com a maior accessibilidade quem quer que se lhe dirija.

« Ha no tracto do principe certa particularidade, que tem dado origem a uma calumnia: accusam-no alguns, digamol-o affoutamente, de *dissimulação*: conta-se de Luiz XI, que nunca permittiu que seu filho aprendesse do latim mais que as palavras que elle lhe ensinára: — *qui nescit dissimulare, nescit regnare* imaginam o Sr. D. Pedro filho do prisioneiro de Peronne. Injustiça ou erro! Assim trocam em defeito o que talvez seja uma qualidade, e em todo o caso é o resultado pratico dos successos estranhos de sua curta, mas agitada vida.

« A que chamam dissimulação? A' cautela com que evita conhecerem-se-lhe amigos pessoaes? Se os não tivesse, censural-o-hiam de *validagem*.

« Ao estudo com que obsta a conhecerem-se-lhe as opiniões, ou predilecções politicas, a ponto de não haver partido no paiz que possa dizer que é por elle exclusivamente esperado? Talvez que se assim não fosse clamassem contra o rei faccioso.

« Ao melindre com que muitas vezes se retira para o segundo plano, em pretenções individuaes, deixando a solução aos ministros responsaveis? Se mais activamente governasse, resolver-se-hiam contra o governo pessoal.

« Antes se devêra, pois, admirar o imperio sobre si mesmo, por uma intelligencia tão elevada, uma tão consummada experiencia, um tão acrysolado amor da patria; é como elle entende o cumprimento fiel dos altos deveres do rei constitucional— grande indecencia (diz um nosso elegante classico) não exceder aos outros em prudencia, e saber o que os excede no officio e potencia.— Fôra mister confundir a circumspecção e a prudencia com a astucia, a insidia e a concentração para dizer-se que o Sr. D. Pedro II merece o titulo de dissimulado.

« Todavia se em seu caracter ha, não dissimulação, mas certa *reserva* em gráo desconhecido a seu augusto pai, quão natural não é a explicação desta tendencia! Abriu os olhos á luz, por occasião de uma grande transformação social — a da separação de Portugal. Não conheceu sua mãi, e quando a criança começava a amar a segunda mãi na pessoa de S. M. a Sra.

D. Amelia (a virtuosa filha de outro herôe), um acontecimento idolatrado veio, antes dos 6 annos de idade, arrancar de seus braços infantis pai e mãi.

« Nas vastas salas do seu Paço viu-se de repente o imperial menino só com duas crianças como elle de familia, e rodeado de extranhos. Embora em muitos houvesse affecto sincero para com elle, chegavam-lhe aos ouvidos com frequencia rumores temerosos, em que muitas imaginações viam perigos para a dymnastia, para o throno, até para a vida; que desvelo suppriu jamais ao orphão o carinho, o conselho, o amor dos pais, que haja perdido?

« Foi crescendo, e ouvindo cada anno os esforços de revoltosos, em diversas provincias, pondo tudo a saque e sangue, e augmentados os seus perigos pessoaes. O proprio successo da maioridade foi uma pressão, uma coacção externa, a que teve de ceder em extrema adolescencia, pela apprehensão de graves resultos de uma negativa, etc., etc., Foi, portanto, embalado o seu berço por convulsões politicas; desenvolveu-se a sua adolescencia em uma sociedade quasi anarchica, tempestuosa, ameaçadora, viu thronos desmoronarem-se; soberanos exilados. Teve de deplorar a sorte feita pelas revoluções á sua mesma famila; seu pai, sua madrasta, suas irmãs, todos victimas de ingratidões populares.

« De taes succesos a maior parte se passou n'aquella idade em que a cera branda do espirito se affeiçoa ás impressões externas, em que o joven caracter se forma, não raro modificando a indole natural. Não seria portanto espantoso que no espirito do Imperador se fosse creando, e desenvolvendo uma..., não timidez, mas a reserva que os Romanos exprimiam pelo termo *Circumspecção*, disposição para *olhar em torno de si* e dos *objectos*, antes de resolver; entretanto é de crer que os annos, a plena certeza de quanto é amado, e a segurança da tranquillidade publica acabem por tornar aquella nobre alma ainda mais expansiva, e resoluta.

« E não obstante quantas vezes não é o Sr. D. Pedro quasi até familiar com os seus subditos, que todos penetram livremente nos paços imperiaes? O elogio, o conselho, a advertencia inoffensiva e suave, como a de um pai, quantas vezes não mana

de seus labios, já nas palestras com os grandes, já nos passageiros dialogos com os pequenos. »

A proposito da instrucção ministrada ao mesmo Imperador disse ainda a *Gazeta de Noticias* à 6 de dezembro de 1891 :

« Em 1839 começa o estudo do allemão com Roque Schuch. Araujo Vianna, nomeado mestre de litteratura e sciencias praticas, dá as informações mais lisongeiras a seu respeito ; em latim verte prosa com facilidade, compõe sem erros, traduz versos com desembaraço, mostrando predilecção por Virgilio ; estuda grammatica comparada entre o latim e o portuguez ; prepara-se para o estudo philosophico da historia e da sciencia do governo ; traduz bem e lê francez e inglez, escrevendo-os facilmente, adianta-se no allemão ; progride na musica e no desenho ; mostra firmeza e agilidade na arte da esgrima, em que é dirigido por Luiz Alves de Lima, (o futuro duque de Caxias). Revela desejo de saber, docilidade e talento.

« Em 1840, diz Araujo Vianna que Sua Magestade, sem deixar a lição dos classicos latinos e portuguezes, com applicação opportuna dos perceitos de Quintiliano, começa o estudo da philosophia e continúa o da historia pelo Atlas de Le Sage. As observações de que são acompanhados estes estudos, mostram a rectidão do juizo de Sua Magestade, e dão as mais lisongeiras esperanças.

« Em julho de 1840, D. Pedro II foi declarado maior, e não existem mais informações sobre seus estudos. Sabe-se, porém, que os continuou com o maior cuidado : cultivou o grego e as linguas orientaes, iniciou-se na astronomia e adiantou-se na mathematica. »

Disse Monsenhor Joaquim Pinto de Campos:

« Suppomos não commetter censuravel imprudencia, reproduzindo alguns juizos por Sua Magestade enunciados, n'um daquelles grandes familiares colloquios litterarios, que tanto e tão nobremente o deliciam. Haverá n'esta revelação abuso de alta confiança? Deveria ser-nos defesa a repetição de palavras, apresentadas particularmente como opinião modesta e sem se imaginar que a imprensa houvesse de fixa-las? Talvez ; e sendo assim, *me me adsum, in me converte ferrum.*

« Após longa e brilhante resenha das mais fidalgas producções do engenho humano, pouco mais ou menos n'estes termos se exprimia o imperial orador :

« Encanta-me a leitura da Biblia. Nella não vemos sómente o facto fundamental da nossa religião, senão tambem (mórmente em alguns dos livros santos) os mais admiraveis modelos de estylo, na elegancia, na grandeza, nas imagens, na altiloquia, na inspiração verdadeiramente divina. Os prophetas são os primeiros poetas do mundo; as *Lamentações* de Jeremias, deplorando a sorte de sua patria; a sublimidade de idéas, a energia dos quadros, a vehemencia do estylo de Isaias no *cantico* sobre a *Ruina de Babylonia* ; Daniel, annunciando a vinda do Messias, e as revoluções dos quatro grandes imperios ; Ezequiel em seu estylo allegorico, posto que um tanto obscuro, mas sempre colorido e vigoroso ; tudo isso são paginas de que o espirito humano se ensoberbeceria, ainda quando não fossem revelações divinas. Não ha quem leia sem sentir profunda commoção. E tambem Tertuliano, e principalmente a sua *ferrea Apologetica*, uma das obras religiosas que mais me exaltam.

« Entre os historiadores da antiguidade muito me apraz Thucydides. O autor da *Historia da guerra do Peloponeso*, o modelo de Demosthenes, deveria se-lo de todos os historiadores : imparcialidade, methodo, instrucção, bom juizo, tudo o habilita a explanar habilmente (e como sempre, para ser util, conviria á historia) as causas, molas e consequencias dos sucessos ; assim o seu vigor fosse um tanto mais temperado por poesia de estylo. Ainda mais me agrada Tacito, o conciso, o imparcial, o philosopho o verdadeiro, o eloquente profligador do crime e da tyrania.

« Feliz Augusto que tratou, premiou e inspirou taes vultos, como Virgilio e Horacio. Aquelle rival de Homero, será sempre o typo da perfeição ; este, sublime como Pindaro, gracioso como Anacreonte, numeroso como Archiloco, e Sapho, este poeta intraductivel, como todos os grandes poetas, satisfaz tanto mais na leitura, quanto exige frequentemente attenção, e estudo, para conceder essa gratificação.

« O, em todos os sentidos, primeiro poema da lingua italiana, a *Divina Comedia*, é das mais extraordinarias concepções. Affas-

tados por mais de seis seculos daquelle idioma, daquellas allusões daquellas obscuridades, que já no seu tempo o eram, não saboreamos hoje a *Trilogia* como fôra para desejar; mas por tal arte me enleva a sua leitura, que conservo de memoria os mais notaveis de seus cantos.

« Compulso com respeito as obras de Bossuet, parecendo-me a sua *Historia das Narrações*, modelo de analyse e argumentação; o *Tratado do conhecimento de Deus e de si mesmo*, obra de profundo philosopho e grande escriptor; as suas orações funebres, essas irresistiveis demonstrações do nada das grandezas humanas, zenith da eloquencia.

« Dos classicos portuguezes deu o sabio interlocutor largas noticias, e depois de haver fallado especialmente de João de Barros, padre Vieira, dos dous Bernardes, Camões, Lucena, e outros, continuou assim:

« Mas entre esses todos, o escriptor das minhas sympathias é o admiravel autor da *Historia de S. Domingos* e da *Vida de Bartholomêo dos Martyres*. Essa elegancia de prosa, essa amenidade de estylo, essa sublimidade de conceito casam-se tanto com as condições naturaes da minha admiração, que talvez seja o meu affecto a este grande mestre, que me leva a considerar o drama *Frei Luiz de Souza* como a primeira entre tantas distinctas obras de Garrett.

« Cultivam em Portugal com grande distincção as lettras neste seculo, e mórmente desde o fim do seu primeiro quarto. Muitos desses escriptores são dignos de honrosa menção; nessa pleiade brilhante avultam em primeiro plano Alexandre Herculano, cuja gravidade de dizer, e valentia de estylo me parecem inexcediveis; e Antonio Feliciano de Castilho, cuja musa, que não envelheceu, tem produzido os maiores milagres poeticos da nossa lingua.

« Basta. Ahi fica lançado (pondera Joaquim Pinto de Campos) quanto revele quaes os estudos de S. M. I. a indole de sua intelligencia, seus gostos litterarios, suas relações com os sabios, os dotes de seu espirito? Numa das practicas, em que se compraz em desenvolver suas ideas sempre rectas e sans, S. M. se exprimia approximadamente assim: « Li attentamente o livro de

Espirito do Helvecio e convenci-me de que nenhum outro producto da intelligencia jámais provou tanto a existencia das faculdades immateriaes do que esse, que, sem convicção, e em phrase affectada, caminha pela estrada arida do egoismo, reduzindo tudo a sensibilidade physica, e interesse pessoa, e desmoronando as ideas de moral, que Deos gravou no coração de todo o homem.

« Rousseau nada escreveu em materia religiosa, com sinceridade, e nem podia tão elevado engenho, se fosse sincero e recto, cahir em tão flagrantes contradicções. Voltaire só usou as armas do ridiculo, que não podem ser admittidas nas questões da religião e philosophia ; o seu intuito ao traçar os espiritos religiosos, era provocar a hilaridade das turbas ; e o seu animo não se revestia então da seriedade, que tão bem lhe assentava, ao escrever o *Seculo de Luiz XIV* e as *Tragedias*.

« Impressionou-me desagradavelmente, á primeira leitura, o revolucionario theologo protestante Strauss, a sua *Vida de Jesus*, que ousa quasi negar a existencia do Redemptor, substituindo-a por um systema de symbolos, e allegorias historicas ; a sua audaciosa *Dogmatica Christan*, na lucta com a sociedade moderna são livros perigosos ao primeiro aspecto ; mas segunda leitura me persuadiu de quanto havia inane e futil em taes sophysmas. »

Assim continuou a conversação, sempre reveladora de um engenho de primeira plana allumiado pelos raios da fé. Em seguida, emittiu a sua convicção arraigada de que a regeneração só podia esperar-se do maximo desvelo na educação e instrucção da puericia (homens do futuro) encaminhada pela religião, divino codigo da moral. Com tal persuasão disse ser sua mente applicar o maior escrupulo para a escolha dos bispos, supremos pastores das almas e para o desenvolvimento do culto e da moral, que é dever dos poderes civis auxiliar e robustecer.

« O Imperador D. Pedro II (observou o Dr. Eunapio Deiró, no *Jornal do Brasil* de 8 de novembro de 1896,) ainda muito joven, passava por um discreto cultor das Musas, e assim estimava como Augusto os Horacios e os Virgilios. »

« Quando outros estudantes ainda são crianças — D. Pedro II era um homem « ponderou L. D. de Savignac, segundo lemos no

O Brasil de 23 e 24 de fevereiro de 1891, que publicou a traducção do respectivo artigo do jornal parisiense *La France Moderne*».

* * *

Não consegui chegar ao perfeito conhecimento dos haveres particulares, bem como das receitas e despezas de S. M. o Sr. D. Pedro II e suas augustas Irmãs D. Januaria e D. Francisca, mesmo no periodo decorrido desde 1834 até 1840, durante o qual o respectivo tutor, marquez de Itahaen, prestava annualmente contas á Assembléa Geral Legislativa.

Declara S. Ex. no relatorio que apresentou em 15 de maio de 1834:

« Possue S. M. I. em apolices da Divida Publica de conto de réis, que se diz herdadas de sua Augusta Mãi, 72:000$ — S. A. a Princeza Sra. D. Januaria possue em apolices da Divida Publica, que se disem havidas de herança materna, 36:000$ — S. A. a Princeza D. Francisca nas mesmas condições 36:000$000.

Em documento firmado, em 16 de dezembro de 1833, pelo Thesoureiro da Casa Imperial Manoel Ignacio Soares Lisboa, lê-se que, effectivamente, pertenciam a S. M. I. 72 Apolices de conto de réis, ás Sras. Princeza D. Januaria e D. Francisca 36 à cada uma, e mais à Sra. Princeza D. Paula 39.

O Escrivão da Casa Imperial, Augusto Candido Xavier de Brito, dando, em 31 de março de 1837, o estado comparativo dos fundos pertencentes a S. M. I. e Altezas, provenientes da herança materna, apresenta este quadro:

	POSSUIA	POSSUE	DIFFERENÇA
S. M. I. o Sr. D. Pedro II.	72:000$000	92:400$000	20:400$000
S. A. I. a Sra. D. Januaria	36:000$000	73:600$008	37:600$000
S. A. a Princeza D. Francisca . . .	36:000$000	72:000$000	36:000$000
	144:000$000	238:000$000	94:000$000

No Livro da Escripturação, em época posterior á 23 de outubro de 1841, o dito Escrivão da Casa Imperial lançou o seguinte com relação ao Sr. D. Pedro II:

Herança de D. Paula		19:379$371
Herança materna:		
em brilhantes	20:742$880	
» apolices.	18:980$000	
» dinheiro.	277$120	
		40:000$000
Herança paterna:		
Europa	28:185$120	
Brazil	25:229$325	
		53:414$445
		112:793$000

Além de contradizer-se, o Sr. Augusto Candido Xavier de Brito, com relação ás apolices herdadas por S. M. o Imperador, de sua Augusta Mãi, pois que elle mesmo as indica importando em 72:000$ em 1837 e apenas 18:980$ em 1841; diverge o Escrivão da Casa Imperial do Sr. marquez de Itanhaen quanto á parte dos bens existentes no Brasil que couberam ao Sr. D. Pedro II na herança de Seu Augusto Pai, a qual é de 21:449$393 na opinião do tutor em vez de 25:229$325 — diverge ainda no tocante á herança da Sra. D. Paula prefazendo a somma de 19:379$371 quando consta apenas de 9:784$400 na conta de Receita e Despeza de S. M. o Imperador de 1 de abril de 1839 á 31 de maio de 1840; documento firmado pelo Tutor marquez de Itanhaen pelo Thesoureiro da Casa Imperial Albino dos Santos Pereira, pelo Mordomo interino Paulo Barbosa da Silva e pelo proprio Escrivão Augusto Candido Xavier de Brito.

Examinando esta conta de Receita e Despeza, fechada em 31 de março de 1840, vê-se que da herança de S. A. a Sra. D. Paula tocaram 9:784$ ao Sr. D. Pedro II — 1:806$ á Princeza D. Januaria e 1:829$ á Princeza D. Francisca e da herança paterna ao Imperador 35:419$417 — D. Januaria 35:421$586 — D. Fran-

cisca 35:592$196 — Havendo tocado ao Sr. D. Pedro II e suas Augustas Irmãs quotas iguaes na partilha dos bens deixados pelo Sr. D. Pedro I extranhavel é a grande differença dos seus quinhões, provenientes da successão da Sra. D. Paula que,aos dez annos de idade, certamente não deixou testamento com disposições especiaes, como póde ter acontecido com S. M. a Imperatriz D. Leopoldina de que o Imperador herdou 72 apolices, quando as Irmãs receberam cada uma 36.

O Sr. D. Pedro II obteve mais da successão de sua Augusta Mãi 20:742$880 em brilhantes, segundo informa Augusto Candido Xavier de Brito e sem duvida suas augustas irmãs receberam tambem joias que tinham pertencido à augusta finada, as quaes se acham provavelmente comprehendidas nos 22:990$000 de joias pertencentes á Princeza D. Januaria e 24:702$000 de propriedade da Princeza D. Francisca e de que tratam os documentos n. 9 e n. 10 do relatorio apresentado pelo Marquez de Itanhaen em 15 de maio de 1834.

Dizia S. Ex. no relatorio que apresentou para o anno de 1834 a 1835:

« Logo que falleceu o Sr. Duque de Bragança diligenciei haver cópia do testamento, mas ainda não me veio à mão. Parece-me que o Ducado de Bragança, segundo sua instituição, deve caber ao primeiro Filho Varão do ultimo representante da casa, que indisputavelmente he o Sr. D. Pedro II, se assim o julgardes tambem, espero que de vossa parte empregareis os meios que vos parecerem conducentes para que elle seja reclamado. »

E no relatorio apresentado para o anno 1835 à 1836 declarou S. Ex.

« Em consequencia dos Testamentos do Ex-Imperador, remetti ao Encarregado de Negocios do Brasil, em Lisbòa, Procurações bastantes de S. A. I. e minha, na qualidade de Tutor de S. M. I. e Altezas, para assistir aos actos de Inventario, a que procede naquella Cidade S. M. I. a Senhora Duqueza de Bragança, Viuva, Testamenteira e Inventariante. Jà recebi carta do dito Encarregado accusando a recepção das sobreditas Procurações. Os bens que existem no Imperio estão se inventariando judicialmente. »

Lê-se no relatorio para o anno 1836-1837:

« Concluio-se o Inventario dos bens do Senhor Duque de Bragança n'este Imperio, cujas avaliações montarão em 483:882$960. Foi certidão para Lisbôa onde se acha S. M. I. a Senhora Duqueza de Bragança, testamenteira, inventariante e meeira. Da correspondencia do meu procurador n'aquella Corte (na minha qualidade de Tutor) não consta ainda a chegada desta Certidão, nem a somma dos valores dos bens livres do casal do Senhor Duque de Bragança: confio porem em sua capacidade e intelligencia, que fará quanto estiver da sua parte pelos interesses de meus Augustos Pupillos, até porque para isto lhe expedio o Governo de S. M. I. as mais positivas e terminantes ordens. »

Extractamos agora do relatorio de 1838-1839:

« O Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Brasil em Lisboa, representando-me alli, em minha qualidade, nos actos de inventario e partilhas do espolio que ficou do fallecido Imperador, me informa estarem concluidas as partilhas e que a cada hum dos Augustos Herdeiros, cabe, nos bens existentes na Europa, a quantia de 28:185$121 e nos existentes no Imperio 21:449$393 e que alem disso cabem mais 533$530 provenientes da herança da fallecida Senhora Infanta D. Maria de Assumpção. Os objectos que representão taes valores tem sido reclamados por aquelle Ministro e espero, em breve, recebel-os, alguns dos quaes, estando em Londres, são alli reclamados pelo Encarregado de Negocios do Brasil que tambem he meu Procurador subrogado.

« Tendo-me constado que em Vienna d'Austria existião alguns fundos, pertencentes á S. M. a fallecida Imperatriz, de saudosa memoria, deprequei ao Ministro residente n'aquella Côrte, que fizesse a arrecadação e remessa e com effeito remetteo por via de Londres Lst. 1795 — 8 — 11 quantia que produzio em nossa moeda 14:988$069 a qual se acha repartidamente carregada em Receita nas contas de S. M. I. e A. A. I. I. Estes diplomatas, hé preciso dizel-o, tem desempenhado taes commissões da melhor vontade e muito a minha satisfacção. »

Finalmente no relatorio pára o anno 1839-1840 acham-se estas linhas:

« Quanto aos bens existentes no Brazil, e que forão tambem partilhados em Lisboa, não pude annuir a que tivesse execução tal partilha: 1º, porque existindo os bens no Imperio, ás autoridades deste competia fazerem a dita partilha, e seria de algum modo contrario á Independencia Nacional, ficarem, n'este caso, reduzidas a executar a partilha feita em juizo estrangeiro; 2º, porque me parecerão lesivas a meus Augustos Tutelados que tinhão muito a repor em dinheiro e pouco a receber pelas differenças de valores que tem experimentado alguns predios de que consta o espolio ; nestes termos requeri ao Juiz de Orphãos para fazer a partilha dos bens aqui existentes, fazendo citar o Procurador de Sua Magestade a Imperatriz Viuva, para os descrever e partilhar com a comminação competente, o que sendo ordenado pelo Juiz, recorreu dessa sentença o referido Procurador para o Tribunal da Relação, onde pende o processo. »

Vamos trazer para aqui uns dados complementares de cuja procedencia não nos recordamos:

Samuel Philipp & Comp.— os procuradores do Imperial Senhor, arrendaram a fazenda do Corrego Secco a Thomaz Gonçalves Dias Goulão por 1:800$ annuaes pelo tempo de nove annos a começar de 22 de junho de 1832.

Tendo fallecido a 24 de setembro de 1834, em Lisboa, o Sr. D. Pedro I do Brasil e IV de Portugal, tempo depois o Corrego Secco foi arrendado á outros por 1:700$ annuaes pelos procuradores da Augusta Viuva a Senhora Duqueza de Bragança, visto não ter sido ultimado o prazo do anterior contracto.

Em partilha, e por deliberação dos conselhos de familia (sessões de 23 de dezembro de 1840 e 16 de outubro de 1841) no Reino de Portugal, obtida pelo juiz de paz e de orphãos em Lisboa, subscripta pelo escrivão Thomé Miguel dos Santos, assignada pelo respectivo juiz Thomaz de Aquino e Souza e reconhecida pelo Vice-Consul, encarregado do Consulado Geral do Brazil em Portugal, a fazenda do Corrego Secco, no valor de 13:974$800, tocou ao Sr. D. Pedro II.

Voltando aos relatorios do Sr. marquez de Itanhaen (dos quaes nos falta o que corresponde ao anno 1837-1838) podemos resumir como segue a Receita e Despeza das Princezas D. Januaria e D. Francisca, assim como do Imperador D. Pedro II, até 1840.

O Thesouro Nacional fornecia, mensalmente, ás Princezas de Alimentos 400$000 que junto aos juros das apolices, que lhes pertencião e mais algum dinheiro da reserva em caixa, constituiam a Receita de Suas Altezas; Receita que foi augmentando com a herança da irmã S. A. D. Paula e do Augusto Pai e alguma economia apesar do augmento constante da Despeza que foi

Exercicios	D. Januaria	D. Francisca
1834 — 1835	8:119$170	8:047$620
1835 — 1836	9:260$185	9:312$639
1836 — 1837	10:999$092	8:440$977
1838 — 1839	12:911$190	7:277$530
1839 — 1840	16:300$600	6:354$455

A Receita do Sr. D. Pedro II constituia-se com a Dotação annual de 200:000$, as rendas das fazendas de Santa Cruz e outras, os juros das apolices havidas principalmente de herança de S. M. a Imperatriz Leopoldina, e depois de S. A. a Sra. D. Paula e de seu Augusto Pai.

A Despeza do Imperador de 1 de abril de 1834 á fins de março de 1835 se subdivide como segue:

Ordenados ás Damas, açafatas, retretas, etc. etc.	79:833$960
Almoxarifado	6:570$189
Mantearia.	2:097$720
Cozinha	20:725$767
Cavalhariças	17:490$680
Obras	22:187$005
Despezas geraes	76:481$123
	225:386$444

Da verba Despezas Geraes salientaremos — Moedas de prata do novo cunho que S. M. I. dividio entre si e suas Augustas Irmãs 30$ e — Custo de um bote para S. M., comprado ao Arsenal de Marinha 288$444.

A despeza do Imperador:

Em 1835 — 1836 foi de	235:164$743
» 1836 — 1837 » »	237:755$646
» 1838 — 1839 » »	278:995$545
» 1839 — 1840 » »	332:939$692

O augmento d'estas despezas provém, em parte-menor, de maiores gastos na cozinha pois que de 21 contos despendidos em 1834-1835, passou á 23 contos em 1836-1837, 31 contos em 1838-1839 e chegou-se a somma de 35 contos em 1839-1840 e principalmente nos gastos das cavalhariças que de 17 contos em 1835-1836 passaram a ser de 54 contos em 1838-1839 e attingiram á somma de 100 contos em 1839-1840.

Embora tivesse noticia do testamento do Sr. D. Pedro, Duque de Bragança, e respectivo inventario, não pude encontrar estes documentos, afim de formar idéa assaz exacta dos haveres do Sr. D. Pedro II que na data de 31 de março de 1840 (como se vê do relatorio do Sr. Marquez de Itanhaen anno 1839-1840) consistiam de 193 apolices de 1:000$ e 2 de 400$, além das joias herdadas de sua Augusta Mãi e joias, baixella, moveis, alfaias, roupas, coches, arreios, fardamentos, objectos diversos. ferramentas, utensilios, animaes, gado, immoveis, etc. etc. deixados para o uso do Sr. D. Pedro II por seu augusto Pai ao sahir do Brasil a 7 de abril de 1831 e que se acha avaliado em cerca de mil e trezentos contos no primeiro relatorio do Marquez de Itanhaen, apresentado em 1834, com a observação de não entrar na relação dos ditos bens os valores das terras de Santa Cruz, nem das quintas, nem dos Palacetes da Joanna e de S. Domingos, nem a dos Paços e Casas adjacentes ao da cidade ; nem das medalhas e moedas antigas de valor inestimavel fazendo-se sómente menção do numero e peso.

10 medalhas de ouro pesando quarenta oitavas.

1108 ditas de prata pesando onze libras e doze oitavas.

455 ditas de cobre pesando oito libras e doze onças.

Advertindo-se, porém, que vão de mistura os bens livres do Imperador com os de seu usofructo, por ter duvidas sobre alguns, o que impedia a classificação.

PARTE V

Quando entendeu que seu Imperial Filho de criação precisava de companheiros nas horas de recreação, D. Marianna fez apresentar no Paço : Luiz e João, filhos de seu visinho no Engenho Novo, o desembagador aggaavista da Casa da Supplicação Luiz Pedreira do Couto Ferraz, que fallecera em 29 de junho de 1831 ; Dr. Francisco Octaviano de Almeida Rosa, filho de um medico de fama geralmente bemquisto e que era muito esmoler, e D. José de Assis Mascarenhas, filho do Marquez de S. João da Palma. legitimado *per scriptum principis.*

D'estes quatro camaradas do Sr. D. Pedro II sobreviveu a S. M. sómente o Conselheiro João Pedreira do Couto Ferraz, actual Secretario do Supremo Tribunal de Justiça ; seu irmão o Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz que foi Barão (19 de outubro de 1867) e Visconde do Bom Retiro (17 de julho de 1872) é o unico que até seu fallecimento (12 de agosto de 1884) soube conservar em grande intimidade o soberano.

Quanto a D. José de Assis Mascarenhas, não foi elle por muito tempo companheiro da Imperial criança, que logo desgostara com sua demasiada confiança e inconveniencia.

Sua Magestade gostava tambem de brincar de soldado e para organisar os respectivos pelotões erão chamados, entre outros meninos, os filhos do então Ministro Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, depois visconde de Sepetiba, e do professor do joven monarcha Candido José de Araujo Vianna, mais tarde visconde e marquez de Sapucahy.

O professor de esgrima era o Coronel Luiz Alves de Lima e Silva (depois duque de Caxias). Conta-se que para os respectivos exercicios era convidado principalmente o joven G.. S.. de C., hoje Barão de...., o qual em uma occasião muito se enthusiasmou, esquecido de que se tratava de um mero simulacro de duello, e ia offendendo o seu imperial contendor ; pelo que foi chamado á ordem.

O Sr. D. Pedro II exercitou-se bastante na equitação.

Lembra-nos ainda Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, no seu trabalho já citado, que « todos os annos, desde a infancia o Imperador visitava a fazenda de Santa Cruz, dando-se á caça, em cujo exercicio se tornou muito destro ».

D. Marianna acompanhava de perto os estudos como os divertimentos do augusto menino a quem soube incutir os sentimentso de bondade e justiça de que deu provas desde pequeno.

* * *

O Sr. D. Pedro II mostrou-se principalmente grato aos seus mestres.

Foi um d'elles Frei Pedro de Santa Marianna que, nas « Memorias do Meu Tempo », o Conselheiro João Manoel Pereira da Silva deu como Bispo de Anemuria, motivando as rectificações apresentadas pelo Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia em uma Memoria que leu, a 1 de outubro de 1897, no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, dizendo :

« Foi bispo de Anemuria o illustre Frade Franciscano D. Frei Antonio de Arrabida.

« Foi bispo de Chrysopolis o veneravel Frade Carmelita D. Frei Pedro de Santa Marianna.

« O primeiro era brazileiro adptivo ; o segundo brazileiro de nascença.

« O primeiro foi preceptor de D. Pedro I e o segundo de D. Pedro II.

« O bispo de Anemuria foi tambem bispo coadjutor da diocese, hoje archi-diocese, do Rio de Janeiro ; e, vagando a Sé, esquivou-se á successão, por motivo de consciencia.

« O bispo de Chrysopolis era esmoler-mór do Paço ; e tambem não acceitou a mitra do Rio de Janeiro para a qual fôra nomeado após o fallecimento de D. José Caetano da Silva Coutinho.

« O bispo de Anemuria foi vice-capellão-mór ; o bispo de Chrysopolis não.

« Pela bulla de Leão XII, de 18 de julho de 1826, era capellão-mór o bispo do Rio de Janeiro, a quem substituia nas funcções que lhe competião junto á Familia Imperial o vice-capellão-mór, um presbytero da escolha do Imperador, elevado por esse facto á dignidade episcopal. »

Na sua Memoria o conselheiro Manoel Francisco Correia com o auxilio do commendador José Luiz Alves, tambem socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, juntou os seguintes Traços biographicos :

« *Bispo de Anemuria*. D. Frei Antonio de Arrabida, bispo titular de Anemuria, nasceu no anno de 1771 em Lisboa, onde foi professor. Salientando-se por seu saber e virtudes, foi-lhe confiada a educação do principe D. Pedro de Alcantara, depois 1º Imperador do Brazil.

« Em 1807 veio para o Rio de Janeiro com a Familia Real.

« D. Pedro I nomeou-o vice-capellão-mór e bibliothecario da Bibliotheca Publica. No exercicio d'este ultimo cargo descobrio a *Flora* de Frei Velloso, precioso manuscripto que, se julgava perdido.

« Foi conselheiro de Estado extraordinario. Reitor do Collegio de Pedro II, Grã Cruz honorario da ordem da Rosa, commendador da ordem de Christo, e bispo coadjutor do bispo do Rio de Janeiro D. José Caetano da Silva Coutinho. Por morte d'esse illustre prelado, em 1833, declinou da successão.

« Falleceu em 11 de abril de 1850 com 79 annos de idade. Foi sepultado na casa do capitulo do Convento de Santo Antonio.

« *Bispo de Chrysopolis*. D. Frei Pedro de Santa Marianna, bispo titular de Chrysopolis, nasceu na cidade do Recife da então capitania de Olinda em 30 de dezembro de 1772. Era filho legitimo de Carlos José de Souza e D. Marianna Machado Freire. Aos 14 annos entrou para o convento do Carmo do Recife, re-

cebeu o habito a 17 de fevereiro de 1797 e professou a 7 de fevereiro de 1799.

« Estudou philosophia e rhetorica no seu convento e no Seminario Episcopal de Olinda, sempre considerado estudante distincto, sendo approvado com louvor em mathematicas que aprendeu com o Dr. Antonio Francisco Bastos, e foram o estudo de sua predilecção.

« Avido de saber seguio para Lisboa, onde recebeu as ordens sacras, que lhe conferio o bispo de S. Paulo D. Frei Miguel da Madre de Deus na Capella da Bemposta em 1805.

« Em 1806 matriculou-se no collegio dos nobres e Academia Real de Marinha, onde conquistou fama de estudante applicado e talentoso. No convento de sua ordem em Pernambuco foi nomeado leitor de geometria.

« Regressando, aportou ao Rio de Janeiro, onde acabava de crear-se a Academia Militar.

« Em 1816 foi nomeado lente substituto de mathematicas dessa academia ; passou a cathedratico em 1818, jubilando-se em 1833.

« Não acceitou a successão do bispo Capellão-Mór D. José Caetano.

« O Papa Gregorio XVI, por instancia de S. M. o Sr. D. Pedro II, nomeou-o bispo titular de Chrysopolis por bulla de 6 de março de 1841. Foi sagrado na Capella da Imperial Quinta da Boa Vista, a 13 de junho de 1841, pelo bispo Capellão-Mór D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, tendo como assistente ao solio o bispo de Anemuria e o de Pernambuco D. João da Purificação Marques Perdigão.

« Na coroação do Sr. D. Pedro II foi condecorado com a commenda da ordem de Christo.

« O Papa Pio IX o fez Conde Palatino, sendo elle o primeiro que recebeu esta distincção, no Brazil.

« Foi director da Academia Militar e falleceu a 6 de maio de 1864, na idade de 82 annos, na Quinta da Boa Vista, onde residiu 31 annos, sendo esmoler-mór do Paço.

« Foi sepultado com as maiores honras na Capella-mór do Convento do Carmo (Lapa), assistindo ao funeral o Imperador e a Imperatriz. »

Vamos accrescentar mais alguns dados acerca d'este Mestre prelado.

O *Jornal do Commercio* a 6 de junho de 1841 occupou-se de S. Ex. nos termos seguintes:

« S. M. o Imperador acaba de dar mais huma prova de sua magnanimidade, patenteando o alto apreço em que tem o saber, virtudes e dedicação de seu mestre o reverendissimo Frei Pedro.

« S. M. I. apenas foi declarado maior, ordenou ao seu ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros que deprecasse da Santa Sé as bullas de hum bispado *in partibus* para seu illustrado mestre, e tendo ellas chegado pelo ultimo paquete, S. M. I. se dignou communicar-lhe que tinha sido nomeado bispo de Chrysopolis *in partibus infidelium*, com expressões taes, que tocaram sobremaneira o coração de seu mestre.

« O Sr. Frei Pedro, cuja modestia o tinha induzido a recusar na epoca da menoridade o bispado do Rio de Janeiro, que lhe fôra offerecido, hesitava em despir o habito que honrava ha tantos annos, mas cedendo ás considerações apresentadas pelo seu augusto pupillo e ás instancias das serenissimas Princezas, beijou, banhado em lagrimas, a mão de S. M. I. pela honra que se dignava fazer-lhe.

« O novo bispo de Chrysopolis era hum ornamento de igreja, e um testemunho irrefragavel do alto apreço em que tem S. M. o Imperador as virtudes, serviços e saber dos seus fieis subditos.»

A 13 de junho de 1841 o Imperador assistiu na Capella do Paço da Boa Vista á Sagração do Exm. Sr. Frei Pedro de Santa Marianna, bispo de Chrysopolis e deu um explendido jantar, occupando o Principe da Igreja o lugar de honra.

A respeito de S. Ex. Reverendissima lê-se no Dicc. Biog. dos Pernambucanos Celebres: « Habitando no Paço de S. Christovão, a familia Imperial acercou-se do seu leito e prodigalisou-lhe os maiores cuidados, attenções e desvelos ; S. M. o Imperador acompanhou os seus restos mortaes ao seu ultimo jazigo, pegou em uma das argolas do feretro, assistiu a todos os officios e exe-

quias. A realeza tomou luto pelo passamento do venerando carmelitano.»

No Dicc. Biog. de Brazileiros Celebres encontram-se estas linhas :

« Sua Magestade sentiu profundamente o seu passamento, e depois de mandar embalsamar seu cadaver, assistiu com sua augusta familia ás exequias, que celebraram-se na igreja da Lapa, onde se acha depositado o illustre finado» e onde todos os annos ouvia missa no dia do anniversario, como o ponderou a *Gazeta de Noticias* a 6 de dezembro de 1891.

Estas exequias foram celebradas com grande solemnidade, dando-lhes o Imperador tal importancia que, segundo assevera pessoa fidedigna, S. M. sempre calmo — a todos surprehendeu n'este dia censurando, mas vehementemente, o Ministro da Guerra General José Marianno de Mattos por ter chegado com algum atrazo o contingente, que devia prestar as honras militares.

O mesmo José Marianno de Mattos foi ministro da guerra no governo dos Farrapos.

Acha-se o *croquis* do retrato do bispo de Chrysopolis no album Boulanger, que possue o Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Nos limites do presente trabalho não cabe tratar de todos os professores do Sr. D. Pedro II e só nos occuparemos, aliás summariamente, de Taunay, Sapucahy e Caxias.

Felix Emilio Taunay, é descendente de fidalgos francezes, cujos feitos remontão ao seculo XII, como seus parentes os artistas que vieram em 1816 para estabelecer um Instituto de Artes e Sciencias.

A proposito de Felix Emilio Taunay, agraciado pelo Imperador D. Pedro II com o titulo de barão de Taunay e fallecido em abril de 1881, escreveu Sua Magestade n'um opusculo da lavra do filho visconde de Taunay «Curiosidades do Paraná», como se póde lêr no *Jronal do Commercio* de 26 de novembro de 1892:

« Devo-lhe muitissimo, principalmente quanto ao amor do bello e seu cultivo ».

Eis o epithaphio gravado sobre o tumulo do Sr. barão de Taunay, que o escrevêra n'este intuito e a traducção feita pelo Augusto discipulo :

« Philologue, à demí poète,
Spectateur éternel du beau,
Je perdis mon temps à sa quête...
Un doux regard sur mon tombeau. »

« Philologo, meio poeta,
E do bello sempre cultor,
Tempo perdi com essa meta...
Olhai-me a tumba com amor. »

O marquez de Sapucahy, anteriormente visconde de Sapucahy, Candido Cardoso Canuto da Cunha, nasceu a 15 de setembro de 1793 e aos 3 annos de idade, com o consentimento dos pais, passou a chamar-se Candido José de Araujo Vianna. Ministro em 1833, tomou parte na suspensão do Sr. José Bonifacio tutor do Sr. D. Pedro II. Sendo Presidente do Instituto Historico e Geographico ahi foi approvada em 1861, na presença do Imperador, a realização de um monumento em homenagem a José Bonifacio, o qual foi inaugurado em 1872. Falleceu em 23 de janeiro de 1875 e a 8 de setembro de 1876 sua viuva D. Anna Vieira de Castro Araujo Vianna, marqueza de Sapucahy.

O duque de Caxias, Luiz Alves de Lima e Silva, nascido em 23 de agosto de 1803 e fallecido a 7 de maio de 1880, na Fazenda de Santa Monica, foi sepultado ás 9 $^1/_2$ horas da manhã do dia 9 no cemiterio de S. Francisco de Paula, onde repousa ao lado de sua esposa D. Anna de Loreto Carneiro Vianna de Lima, que desde 23 de março de 1874 o precedêra no tumulo.

O marechal senador Francisco de Lima e Silva, pai do duque deixou de existir a 2 de dezembro de 1853 e sua esposa D. Marianna Candida de Lima e Silva a 11 de novembro de 1841.

Em abono dos sentimentos do Sr. D. Pedro II, podemos lembrar outras circumstancias que de prompto nos vêm á memoria.

A 17 de julho tendo fallecido o Conselheiro José Joaquim da Rocha S. M. ordenou que o funeral fosse feito á expensas do seu bolsinho.

O Sr. D. Pedro II deu a Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, que fez visconde de Sepetiba em 1848, innumeras provas da alta estima em que tinha seus serviços e tendo elle adoecido a 8 de setembro de 1855, quando soube que se aggravára o estado do illustre enfermo, mandou constantemente visital-o até o dia da morte d'elle — 25 de setembro de 1855. O visconde de Sepetiba nascera a 21 de julho de 1800.

D. Adelaide Guilhermina, esposa de Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, falleceu a 20 de setembro de 1843.

Diz João Manoel Pereira da Silva « Memorias do meu tempo »:

« Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, ministro da justiça em 1834, dissolveu clubs e sociedades restauradoras e contivera turbulencias e alvorotos. Figurara como principal personagem na expulsão dos paços Imperiaes do tutor José Bonifacio e de seus adherentes e partidarios, e ordenara fossem processados como criminosos de traição. Conseguira então collocar em seus lugares e junto aos principes menores, como tutor, o marquez de Itanhaen, como director de seus estudos frei D. Pedro de Santa Marianna (Bispo de Anemuria) e como mordomo Paulo Barbosa da Silva, seus amigos dilectos e prestimosos. »

O insigne orador frei Francisco de Mont'Alverne foi visitado a 4 de outubro de 1858, na sua cella monastica pelo Imperador e a Imperatriz e seu corpo embalsamado foi transportado de Nictheroy para o Rio de Janeiro, na galeota Imperial, a 4 de dezembro do mesmo anno.

Da Estação de Mauá, na bahia do Rio de Janeiro, á capital foi tambem transportado em janeiro de 1867 o corpo do barão de Uruguayana (Angelo Muniz da Silva Ferraz), senador fluminense e ex-ministro.

Na noite de 25 de agosto de 1872 recebendo no theatro a noticia do fallecimento do então ministro visconde de Itaúna (Dr. Candido Borges Monteiro), medico da Imperial Camara, o Imperador e a Imperatriz immediatamente se retirarão.

«A 26 de agosto de 1881, Manoel Buarque de Macedo seguio com a comitiva Imperial para assistir á inauguração da via ferrea do Oeste de Minas Geraes e accommetido no comboio falleceu na manhã do dia seguinte em S. João d'El-Rei. O Sr. D. Pedro II, que não cessou de prodigalisar o maior interesse na dolorosa situação de seu ministro, logo depois de assistir aos seus ultimos momentos retirou-se ao palacio onde se achava hospedado e participou que dispensava os festejos que lhe estavam preparados, conservando-se encerrado todo o dia. (Dic. Biog. de F. A. Pereira da Costa.)

«O visconde de Bom Retiro (Luiz Pedreira do Couto Ferraz) nascido em 7 de maio de 1818 e fallecido a 12 de agosto de 1886, tem sido varias vezes visitado pelo Imperador, que ao vel-o na vespera do dia fatal disse para seu camarista com lagrimas nos olhos — « Lá se vai o nosso Pedreira ».

Deixou o Rio de Janeiro em 1830 e recebeu o grau de bacharel em S. Paulo a 6 de novembro de 1838 e de doutor no anno de 1839. Luiz Pedreira do Couto Ferraz foi nomeado lente da Faculdade de S. Paulo aos 21 annos. Sucessivamente deputado provincial e geral, presidente de provincia, senador, ministro, barão e visconde do Bom Retiro, viajou com os Imperantes na Europa e no Egypto como Veador de S. M. a Imperatriz no anno de 1872 e no de 1878 nos Estados Unidos e novamente na Europa na qualidade de Camarista de S. M. o Imperador, sempre muito apreciado por sua illustração, amenidade de caracter e excellencia de maneiras, como ponderou Lery-Santos no seu *Pantheon Fluminense*, onde diz ainda que foi distincto e notavel estadista, administrador provecto e de raro e admiravel tino, homem de largas vistas, em extremo dedicado aos melhoramentos do paiz.

Tinha o officialato da Rosa e officialato do Cruzeiro, as Grãns Cruzes de Christo e de 13 ordens estrangeiras.

Vamos salientar os relevantissimos serviços que prestou ao paiz na primeira invasão do cholera-morbus.

Manoel de Araujo Porto-Alegre, barão de Santo Angelo, disse « N'esta desgraçada occurrencia o conselheiro Pedreira não soube o que era somno e repouso ; trabalhou como as almas caridosas

e olhou para a vida do cidadão com aquellas vistas bemfazejas e magnanimas do homem de Estado.

« Hospitaes, enfermarias, ambulancias, commissões medicas, providencias a favor da pobreza, tudo levou á effeito com uma coragem e abnegação dignas de exemplo.

« Acompanhou o Imperador na visita que este fizêra a todos os hospitaes e enfermarias, visita esta que fez mais no espirito da população de que todas as palavras imaginaveis.»

Foi Luiz Pedreira um dos poucos Brasileiros, se não o unico, a cuja casa o Sr. D. Pedro II ia assaz frequentemente.

Manteve com o soberano bem intimas relações, sem porém deixar de respeitar sempre a distancia que medeia entre o subdito e seu monarcha.

Cortesão á seu modo, era muito palaciano quando se achava na Capital, fazendo regularmente suas semanas de serviço como Camarista, mas constantemente se ausentava e talvez para se tornar desejado pelo Imperador que o conhecia e sabia apreciar desde 1833.

O motivo da sympathia do Sr. D. Pedro II para o Bom-Retiro era a similitude dos gostos que ambos tinhão, isto é, a mesma vocação para o estudo dos diversos ramos de conhecimentos humanos em dous entes aproximados pelas suas respectivas posições. Luiz Pedreira do Couto Ferraz chegou onde podia chegar, não podia subir mais e no emtanto conservava-se humilde na presença do Soberano, que sem inconveniente algum lhe daria toda a sua confiança.

Possuia innumeras cartas do Sr. D. Pedro II, mas infelizmente a familia entendeu que devia queimar todos os papeis deixados pelo visconde de Bom Retiro.

Nunca se casou, amava, porém, os seus e foi muito dedicado ás irmãs, ao irmão, sobrinho e sobrinhas, que tratava com summa benevolencia. O busto do visconde de Bom Retiro acha-se na sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro desde o dia 15 de dezembro de 1898.

* * *

De 1837 a 1840 governaram as regencias em nome do Imperador menor. Ao principio a regencia interina do general Francisco de Lima, marquez de Caravellas e do senador Vergueiro eleita no momento da crise resultante da abdicação pelos deputados e senadores, residentes no Rio de Janeiro; em seguida a regencia trina e permanente do general Francisco de Lima e dos deputados José da Costa Carvalho e João Braulio Muniz nomeada pela assembéa geral a 17 de junho; posteriormente á do Padre Diogo Antonio Feijó de 12 de outubro de 1835 a 19 de setembro de 1387, em que sem completar o prazo constucional deixou a administração que passou interinamente, na forma estatuida, ao senador Pedro de Araujo Lima, ministro do Imperio e finalmente d'este senador effectivamente nomeado por eleição de 11 de abril de 1838 e que terminou com a declaração da maioridade em 1840.

A 6 de dezembro de 1891, escreveu a *Gazeta de Noticias*:

« Quando D. Pedro II herdou o throno, o paiz inteiro era um vulcão. Seu pai abandonara-o, ou porque desejasse em theatro mais vasto realizar planos grandiosos, reunindo a Hespanha e Portugal sob a corôa de um imperio sonhado, ou porque, depois de alienar as sympathias indigenas, não soubesse congregar as tropas estrangeiras, com as quaes poderia resistir, pois a dedicação a sua pessoa internara entre ellas fundas raizes ao principio.

« A sua partida desencadeou as revoltas e motins. Houve-os no Amazonas, que queria separar-se do Pará; no Pará, no Maranhão, no Piauhy, onde as differentes raças componentes da população tendiam a affirmar-se; no Ceará: onde Pinto Madeira levantava a bandeira de uma restauração impossivel; em Pernambuco, na Bahia, no Rio Grande do Sul. Na capital do Imperio não fallemos: os assassinatos eram diarios, a tropa insubordinava-se por qualquer cousa, os odios de nacionalidade estuavam com violencia, e dentro da propria nacionalidade os partidos conspiravam, atacavam-se como féras.

« O progresso ia sem duvida seu caminho; porém se era real, não era visivel. A agricultura continuava na rotina; as communicações com o velho mundo eram difficeis; parte do in-

terior segregava-se do littoral. A idéa de um Brazil forte, poderoso, unido do cerro de Roruima ao Quarahim e da ponta do Timbahú ao Javary, não encontrava adeptos. Acostumadas á vida isolada das colonias, as velhas capitanias aspiravam separar-se do grande todo e distribuir-se em pequenos grupos como a America Hespanhola.

« A situação affigurava-se tão grave, que mesmo depois de tudo quanto se fizera para serenal-a os homens mais reflectidos só encontravam um remedio: violar a Constituição; dar ao menino de 15 annos o que ella só concedia ao maior de 18.

« Foi tudo inutil para estorval-o; o Senado repellio a idéa; repellio-a a Camara; um ministro *à poigne*, Bernardo de Vasconcellos, promptificou-se a reagir, movendo as tropas, adiando as Camaras.

« E quando tudo parecia prompto, declarou-se a favor da maioridade a classe militar, e Camara e Senado, onde a idéa maioristica fôra derrotada, improvisaram-lhe a victoria, a 23 de julho de 1840. »

O *Diario do Commercio* de 6 de dezembro de 1891, alludindo ao facto da maioridade que teve logar no dia 23 de julho de 1840, sendo o respectivo juramento prestado no Paço do Senado ás 3 horas da tarde d'esse dia, accrescentou:

« E' notavel a energia que revelou o joven monarcha nessa occasião, accedendo com enthusiasmo, mas digno, ás instancias que lhe faziam para acceitar desde logo as redeas do governo. Seu caracter altivo e recto, sua intelligencia se mostraram bem claramente em momento tão decisivo, patenteando que seus actos correspondiam completamente ao pensamento que mais tarde annunciou nas seguintes palavras: « Quando tenho de resolver-me consulto só a razão e não me abala nem a lisonja, por mais insinuante, nem o vituperio por mais ferino. »

« E' bem que a historia registre tambem uma phrase sua, poucos dias antes desse acontecimento pronunciada, e que deixe bem claro o seu bom senso, a sua sisudez desde tão poucos annos como os que contava nessa época. Brazileiro notavel se dirigia a elle; mostrando-lhe que nas condições tumultuosas do paiz, havia mister um braço forte e um espirito superior, de

sabio; só elle reunia as qualidades precisas, pelas seguintes palavras: « Senhor! Acha-se, pois, em tanto risco a paz do Imperio com a causa da monarchia. Só um braço ha, que a ambas possa salvar, é o de Vossa Magestade. Antevemos desde já um porvir de venturas, confiadas a tão alta sabedoria. » O Imperador promptamente perguntou-lhe: « Será certo que com pouco mais de 14 annos de idade possa haver sabedoria? »

Eis o que escreveu o Dr. Mello Moraes no seu *Brazil Historico* (Rio de Janeiro — 1866 —):

« O Brazil, durante a menoridade do illustrado Sr. D. Pedro II, viveu em continuas commoções, que abalaram a integridade do Imperio, pelos pretendidos liberaes, desde a abdicação do Sr. D. Pedro até á maioridade de seu excellente e illustrado filho; e durante esses tempos calamitosos até o presente tem o benemerito ex-regente Dr. Pedro de Araujo Lima, marquez de Olinda, sabido sustentar com dignidade a ordem publica nas diversas emergencias em que se tem visto o paiz, salvando-o, talvez, de bem difficeis crises...

« Sendo deputado, foi nomeado em 3 de agosto de 1832 ministro dos negocios estrangeiros (em cuja pasta conseguio restabelecer novas relações com a França e com os Estados-Unidos) e no mesmo dia entrou interinamente para a pasta da justiça, servindo em ambas sessenta e seis dias; voltou para a camara temporaria, onde permaneceu até que entrou para o senado.

« Nos ultimos dias da regencia, o senador Diogo Antonio Feijó, que se via a braços com a revolução do Pará, a qual se extinguira, e com a do Rio-Grande do Sul, que se achava então em todo o vigor de sua força, e com uma grande opposição na camara dos deputados, não podendo com tantas contrariedades, fez soar a sua voz no centro do parlamento, dando parte da sua proxima resignação do poder da regencia, e no dia 18 de setembro de 1837, estando o conselheiro Dr. Pedro de Araujo Lima no ministerio do Imperio coube-lhe, em virtude da constituição jurada, a regencia interina do Brazil; e como era estimado em ambas as camaras, foi no dia 22 de abril prestar juramento como regente.

« A revolução de 7 de novembro de 1837, da Bahia, conhecida por *Sabinada*, que tinha por fim a independencia da provincia,

durante a menoridade de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II; a do Maranhão, por effeitos da creação dos prefeitos, conhecida sob a denominação de Balaiada e a do Rio-Grande do Sul, conhecida pela denominação dos *Farrapos*, se apresentaram quasi ao mesmo tempo com enthusiasmo e fervor; e era mister muita actividade, muito tino administrativo e recursos promptos, para debellar o mal que estava corroendo as entranhas da patria e embaraçando a marcha dos negocios publicos! De tudo triumphou o novo regente.

« Não nos é dado aqui historiar as causas e a marcha das revoluções, que memoramos, porque pertencem á historia geral do Brazil, que estamos escrevendo e publicando; porém convém dizer que a cidade da Bahia, em março de 1838, rendeu-se ás forças legaes que combatiam em Pirajá, Barreiros e outros pontos dos suburbios e da cidade, porquanto os rebeldes entrincheirados na capital, defendiam-se tambem nas immediações.

« A Balaiada, no Maranhão, tambem foi destruida, porque o presidente, Manoel Felizardo de Souza e Mello, tomando todas as providencias e fazendo os maiores esforços, não podendo suffocar a revolução, reclamou soccorros do regente Dr. Pedro de Araujo Lima, que, confiando no tenente-coronel Luiz Alves de Lima, hoje marquez de Caxias, conseguio pacificar o Maranhão.

« A revolução dos *Farrapos*, que havia resistido ás forças legaes e tomado superioridade na provincia do Rio-Grande do Sul, chegando a invadir a provincia de Santa-Catharina e a apoderar-se da cidade da Laguna, sendo d'ahi expulsos pela força de linha que o presidente Andréas, depois barão de Caçapava, mandou contra elles, porém não póde ser de todo abafada durante a regencia do senador Dr. Pedro de Araujo Lima, mas já cançado da luta promettia entrar para a communhão social, o que depois se conseguio, como tombem contaremos quando chegarmos á exposição dos factos dessas épocas.

« Por mais illustrado que seja um governo interino, é sempre duvidoso, porque as ambições apparecem e com ellas as conspirações ao poder; e foi por isso que certos acontecimentos, que não podiam achar explicações razoaveis, fizeram conceber apprehensões a respeito dos movimentos do Rio-Grande e mesmo dos da

provincia do Maranhão, chegando a mudar a physionomia das camaras, permanecendo tudo no estado de duvidas em relação aos partidos e do rompimento delles. (Um passo imprudente e mal calculado provocou a crise politica, e ella se manifestou com toda a sua vehemencia no dia 12 de março na camara temporaria.

« No estado em que se achavam os espiritos pareceu ao regente que era prudente adiar a assembléa geral para com maior circumspecção se tratar da acclamação da maioridade do Imperador. « Esta medida, que devia satisfazer as exigencias, encerrou em si o objecto das questões, por mal interpretada. « Então dirigiram-se alguns deputados para o senado, onde se reuniram a alguns senadores e se dirigiram todos para S. Christovão a representar ao Imperador a necessidade delle tomar as redeas da administração; e já a este tempo se achava lá o regente Dr. Pedro de Araujo Lima. « Então depois do mesmo regente ser ouvido pelo Imperador, mandou este Augusto senhor entrar a deputação, á qual declarou que estava resolvido a entrar no exercicio de suas altas funcções. « E deste modo terminou a sua administração o regente Dr. Pedro de Araujo Lima, cabendo-lhe a gloria de ter pacificado o Brazil, abalado em seus fundamentos pela revolução de 7 de abril, que deixou em todo o Imperio as sementes da anarchia.

« O serviço, feito pois pelo illustrado regente, de tomar as redeas da administração do estado, em tão criticas circumstancias já era muito para a gratidão do paiz...

« Durante a regencia fez restabelecer todas as ceremonias que dão prestigio á realeza e que o furor revolucionario havia proscripto; bem como terminou uma questão que tinha o Imperio com a Santa Sé.

« Seus importantissimos serviços ao paiz, a sua proverbial illustração, sua honradez, sua dedicação á monarchia, seu patriotismo, teem feito com que nas maiores crises em que se tem visto o Brazil a sua prestigiosa presença no poder tenha tranquillisado os animos, fazendo com que o paiz prosiga em sua marcha regular. »

Em 1834, fallecendo em Lisboa o Sr. D. Pedro — o Principe Cavalheiro, que libertou dous povos e abdicou duas corôas, tendo

recusado uma terceira — ficou sem objectivo o partido dos Restauradores, cujos membros se uniram depois aos opposicionistas parlamentares formando o partido dos Conservadores, que nas eleições de 1836 venceram os liberaes, tendo em mão as redeas do governo desde 1831 e por sua vez assumiram o poder em 1838 para deixal-o em julho de 1840.

O Sr. D. Pedro II ainda com poucos annos de idade parecia ter uma clara comprehensão da sua elevadissima posição, pensando, fallando e se portando sempre com ares de Magestade, que aliás já era.

Os contemporaneos o tem observado e contado por muitas vezes.

Ao tratar de 1839 escreveu o conselheiro J. M. Pereira da Silva (Memorias do meu tempo, etc.):

« Despertou-se outra idéa mais fascinadora, a declaração immediata da maioridade de D. Pedro II, que geralmente se dizia educado com esmero e revestido de prendas superiores de intelligencia.»

Pereira da Costa exprimiu-se da forma seguinte:

« Por esse tempo, a marcha que tomavam os negocios politicos do Brazil, fizera transparecer a idéa da proclamação da maioridade do Sr. D. Pedro II.

« Em sessão do Senado de 13 de maio de 1840, Hollanda Cavalcanti pronuncia um discurso em que, desenvolvendo as vantagens da proclamação da maioridade, concluiu apresentando o respectivo projecto. Foi immensa a sensação causada por esse discurso e dahi por diante feriu-se a mais renhida luta parlamentar, até que afinal passou o projecto, e S. M. o Imperador foi declarado maior aos quinze annos de idade, por decreto de 23 de julho de 1840.»

* * *

A *Gazeta de Noticias* a 6 de dezembro de 1891 ponderou o seguinte:

« Ao ser declarada a maioridade de D. Pedro II, o governo regencial já subjugara a maior parte dos movimentos revolucio-

narios que convulsionavam o Brazil. As revoltas de S. Paulo e Minas que a seguiram pouca resistencia offereceram ; mas a do Rio Grande do Sul, que começou em 1835, proseguia ainda com vehemencia. As amnistias por mais de uma vez decretadas não trouxeram resultado.

« Foi preciso que Caxias se puzesse á frente do exercito legalista, que ao mesmo tempo revelasse força para vencer os rebeldes e benevolencia de acolher suas propostas e acceder aos seus desejos para que cedesse a republica de Piratiny em março de 1845. Depois de cessar a tormenta, foi Sua Magestade visitar a provincia heroica, e conseguiu concilial-a e conserval-a unida lealmente.

« Com a pacificação do Rio Grande do Sul poder-se-hia affirmar que encerrou-se o cyclo revolucionario no Brazil, se não fôra a revolução praieira em Pernambuco. Pouco durou, porém ; desfeitas as forças adversas, condemnados os chefes do movimento, Sua Magestade não se demorou em commutar-lhes a pena e por fim perdoar-lhes. Desde então reinou a paz do Imperio de um a outro extremo.»

Q. Bocayuva resumiu as occurrencias do periodo regencial escrevendo no jornal *O Paiz* de 6 de dezembro de 1891:

« Desde 1831 até 1840, a vida social e politica da Nação foi agitada por varias convulsões revolucionarias, protestos isolados, mas não menos eloquentes por isso, dos patriotas illudidos na sua aspiração e desencantados do regimen monarchico pela triste e dura experiencia do primeiro reinado.

« Prevaleceu, porém, no espirito dos propios brazileiros adiantados, a preoccupação funesta de ver despedaçado, pela revolução e pela Republica, o elo da unidade nacional, já virtualmente quebrado pela separação da provincia do Rio Grande do Sul, alçada em armas e constituida em Estado Republicano, sustentando heroicamente a sua independencia contra as forças reunidas de todo o Imperio.

« Assim chegou-se, no meio de uma verdadeira anarchia governamental, e atravez das contendas dos partidos politicos, sem orientação, sem cohesão, sem disciplina, ao anno de 1840, quando, por uma conspiração aulica, favorecida pelo despeito de

um dos partidos, se tramou a illegal proclamação da maioridade do Sr. D. Pedro de Alcantara.»

Acerca do mesmo assumpto estendeu-se mais o redactor do *Jornal do Brazil* tambem a 6 de dezembro de 1891, ponderando:

« O infortunio é fecundo em ensinamentos; a chamma de uma lucta civil illumina mais do que a claridade tranquilla de muitos annos de paz: então os acontecimentos assumem feição nova; forças ainda intactas, caracteres ignorados, energias anonymas até á vespera, paixões invisiveis, sentimentos que actuavam surdamente, perdidos na multidão de outros mais apreciaveis, embora muito menos poderosos, revelam-se subitamente aos olhos do espectador; e quando se tem a calma e a força necessarias para desprender da emoção que estes acontecimento despertam a lição e o exemplo que offerecem, não ha experiencias por mais longa, que valha esta lição de cousas politicas, aprendidas no curto espaço de uma convulsão social.

« Foi esta a escola primaria de D. Pedro II.

« Não tirou logo, é certo, daquelles acontecimentos a sua philosophia.

« Ainda era cedo para isto.

« Mas as impressões que então se gravaram na sua memoria fecundadas mais tarde por este exame retrospectivo da intelligencia, voltando ao passado em busca de reflexões e de lembranças, foram para elle incontestavelmente mais uteis que as suggestões dos seus conselheiros ou as reflexões de suas leituras.

« Começando sob tão grandes auspicios do seu reinado, D. Pedro II tinha, entretanto, um ponto de apoio que faltou a seu pai, o sentimento genuinamente nacional.

« O Paiz, retalhado por sérias rivalidades entre os brazileiros e portuguezes que adheriram á causa da independencia, via então com grande jubilo á frente dos negocios publicos um principe nascido no Brazil.

« Uma das causas que mais decisivamente influiram sobre os insuccessos do primeiro imperio, foi incontestavelmente a dubiedade de D. Pedro I, entre os seus conteraneos e os seus subditos, tentando conciliar interesses oppostos, procurando, para assegurar as sympathias populares, contentar o sentimento

brazileiro, sem desapegar-se comtudo das sympathias que se originavam do berço.

« Os seus adversarios exploravam esta tendencia com todos os exageros da furia partidaria, e não havia circumstancia que deixassem de aproveitar para fazerem sentir ao povo a preferencia da monarchia pelos portuguezes.

« Basta recordar a agitação com que foi recebida nesta capital a noticia da aggressão que soffreu no largo da Carioca David Pamplona, vergastado por um soldado portuguez, que lhe attribuira um artigo publicado na *Sentinella* sob o pseudonymo de *brazileiro resoluto*.

« O facto foi acaloradamente discutido na Constituinte, e a opposição responsabilisou o monarcha por esta aggressão feita aos brazileiros na pessoa... de um portuguez. David Pamplona era natural dos Açores, mas nem por isto, naquella agitação, o facto perdeu, assim rectificado, a significação que a principio lhe deram.

« D. Pedro II subiu ao throno sem o peso desta suspeita; era um rei brazileiro. Não lhe faltaram, apezar disto, grandes difficuldades no começo do seu reinado.

« Installado o governo provisorio regencial, composto do marquez de Caravellas, Francisco de Lima e Silva e Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, foram chamados para occuparem de novo as suas pastas os ministros que D. Pedro I demittira.

« Esta resolução prudente tranquillisou o espirito publico.

« O ministerio cuidou desveladamente da ordem.

« Dispensando do exercito os estrangeiros, entregando as presidencias de provincia e os commandos das armas a homens que inspiravam confiança e, sobretudo, amnistiando os presos politicos, o governo deu as providencias mais acertadas e urgentes que as circumstancias aconselhavam.

« Mas não podia levar a pacificação aos espiritos, nem acalmar os odios entre brazileiros e portuguezes, suspeitos de partidarios de D. Pedro I.

« Durou pouco tempo a serenidade com que foi acolhido o novo governo.

« As rivalidades entre brazileiros natos e brazileiros adoptivos ensanguentaram dentro em pouco a capital e as provincias, principalmente a da Bahia e a do Pará.

« A este infortunio junte-se a calamidade da guerra civil e teremos em resumo a historia deste periodo, o mais sanguinolento de toda a nossa vida politica.

« O movimento de 7 de abril ainda se continuava sob o novo governo.

« Aquella convulsão abalára todos os fundamentos da nação nova, ainda palpitante das luctas da independencia.

« A revolução se effectuara pela pressão da opinião publica sobre a força armada.

« O primeiro imperio cahiu pela acção combinada da tropa e do povo; mas o triumpho desmoralisou a tropa pela indisciplina e desorientou o povo pela anarchia.

« A revolução substituiu-se á ordem, tanto nos quarteis quanto na praça publica. Desde então, por qualquer motivo, mesmo o mais injustificavel e o mais insignificante, um batalhão se revoltava, ou a multidão se insurgia.

« As deposições e as insurreições se succediam. Os officiaes viam quebrados os laços que os prendiam aos seus subordinados, e factos dos mais significativos, como por exemplo o assassinato do general Felisberto Caldeira, na Bahia, demonstram quanto foi nefasta a influencia das idéas revolucionarias sobre o exercito.

« A regencia foi a anarchia em todo o Imperio.

« Entretanto não faltou aos homens que dirigiam o paiz n'aquella época a coragem e a decisão, a energia e a firmeza.

« Do fundo d'este quadro sombrio avultam notavelmente a figura de Evaristo da Veiga — que encarnava a um tempo as mais puras aspirações liberaes e o mais notavel espirito de moderação, e o perfil heroico do padre Feijó, que representava o sentimento conservador, a tenacidade patriotica e a mais forte organisação de homem de governo que o paiz talvez tenha tido até hoje.

« Evaristo foi, no jornalismo, o mais intransigente adversario do primeiro imperio. Não era, entretanto, um revolucio-

nario, agitado pelo furor da demolição e pela intransigencia do odio.

« Consummada a obra de 7 de abril, a sua palavra foi — *moderação*, e neste sentido collaborou nobremente com o governos, resistindo á maré da reacção insensata.

« Diogo Antonio Feijó foi um homem talhado para as circumstancias. O momento exigia mais vigor de vontade do que alto descortino intellectual.

« A desgraça do paiz vinha da desordem. Carecia-se antes de um braço robusto, do que de um cerebro poderoso. Feijó foi este braço.

« Ao assumir a pasta da justiça, a mais espinhosa n'aquella época, exigio dos seus collegas de governo a mais ampla liberdade e a mais absoluta confiança nos seus meios de acção.

« Este homem forte e inquebrantavel valeu por exercitos. Quanto mais assustadores eram os perigos, mais viril se mostrava a sua energia. Conteve o povo com a tropa, e quando a tropa sublevou-se nos dias 13 e 14 de Julho de 31, encontrou o ministro no povo o apoio e a força precisos para combatel-a.

« São incalculaveis os serviços que deve a patria a este jornalista e a este ministro, os mais nobres e corajosos defensores da ordem, n'aquelle periodo agitado.

« O contagio da revolução ganhou no entanto as provincias do Ceará, da Bahia, de Pernambuco, Pará, Maranhão, Minas Geraes, Matto Grosso e Rio Grande do Sul.

« A desgraça mais temerosa de todas, n'aquelle tempo, foi a desmembração do Imperio, e esta possibilidade mais de uma vez afigurou-se inevitavel.

« A bandeira da federação protegia esses intuitos de desordem, egoismo, vinganças partidarias, rivalidades pessoaes; o partido liberal moderado, que então governava o paiz, fez as possiveis concessões a esta agitação, sem diminuir-lhe, no entanto, as exigencias.

« O insuccesso da primeira regencia fez com que fosse esta substituida por um regente, que podia trazer assim ao governo unidade de vistas politicas.

« O padre Feijó, que já se immortalisára como ministro da Justiça, occupou este cargo em 12 de Outubro de 1835.

« A morte de D. Pedro I, em 1834, aniquillou o partido da restauração, mas não supprimio as forças de que dispunha e que foram mais proficuamente utilisadas nas fileiras dos liberaes moderados.

« Feijó, como regente, prestou ainda grandes serviços ao paiz, como por exemplo a pacificação do Pará, pelo general Andréa, militar digno d'este nome, porque significava a coragem subordinada ao dever, o valor pessoal ao serviço da disciplina.

« Da opposição parlamentar surgio o partido conservador, sob a direcção de Bernardo de Vasconcellos e Araujo Lima.

« A victoria d'este partido, em 36, pelas urnas, a opposição bem dirigida que fazia ao governo, deram-lhe o poder.

« Araujo Lima succedendo em 37 ao padre Feijó, no posto de regente mostrou-se tambem energico, e conseguio suffocar a revolução que arrebentou na Bahia, em 37.

« Esta revolução já estava desde muito planejada pelos liberaes exaltados e pelos moderados unidos contra o padre Feijó.

« A mudança de regente desfalcou as forças revolucionarias. Os liberaes moderados que se organisaram em partido distincto, abandonaram os seus companheiros logo que Araujo subio ao poder.

« A revolução da Bahia — A Sabinada — a do Rio Grande do Sul que continuava, e a guerra civil do Maranhão, puzeram em prova a energia do novo regente.

« A convicção de que o paiz tinha, na phrase de um politico de nota « feito a experiencia dos governos electivos », a esperança de que só um poder superior ás contingencias dos partidos poderia pacificar os espiritos, fizeram com que no parlamento liberaes e conservadores, homens prudentes e patrioticos, tomasem a iniciativa de confiar ao Imperador o exercicio do poder que, pela Constituição, só lhe devia ser entregue d'ahi a tres annos.

« D. Pedro accedeu ao pedido que lhe foi feito ; e a 23 de Julho de 1840, a Camara e Senado, reunidos em assembléa geral, declararam-n'o maior.

« A 18 de Julho de 1841 celebrou-se a ceremonia da sagração e coroação, no meio das maiores demonstrações de regosijo nacional.

« A obra que mais urgentemente se impunha ao segundo imperio era a da pacificação do paiz agitado até o fundo por dez annos de regencia, depois de um movimento como o de 7 de Abril.

« De um momento para outro não podia o governo do imperador conseguir este resultado; conseguio-o entretanto em um prazo relativamente curto.

« Em 1841 pacificou-se a provincia do Maranhão.

« A revolução de S. Paulo e a de Minas-Geraes em 1842 foram tambem suffocadas.

« O Duque de Caxias avulta n'este periodo de nossa historia: foi o vencedor dos insurgidos do Maranhão, Minas-Geraes e Rio-Grande do Sul.

« A revolução de 1848, em Pernambuco, terminada em 2 de Fevereiro do anno seguinte, fechou o periodo das revoluções.

« O Imperio foi a paz.

« O seu primeiro ministerio compunha-se de liberaes: Hollanda Cavalcanti, Aureliano de Souza depois Visconde de Sepetiba, Antonio Carlos e Martim Francisco.

« Aos liberaes succederam em 1841 os conservadores, com o gabinete de Villela Barbosa, Marquez de Paranaguá. »

A partir de 1831 varias desordens serias e guerras intestinas perturbarão o Brasil, no norte e no sul e mais especialmente no Pará (1835-1836), no Rio Grande do Sul (1835-1845), na Bahia (1837-1838), no Maranhão (1838-1841).

Vejamos a este respeito o que disse Benjamin Mossé no seu livro *D. Pedro II etc.* (Paris — Lib. Firmin Didot &C. 1889).

« Dom Pedro II, quoique jeune, assistait à toutes ces convulsions politiques, profondément ému et attristé, songeant aux moyens d'y mettre un terme.

« D'ailleurs les dures et cruelles épreuves qui, dès le berçeau, s'étaient appesanties sur son existence et qui l'avaient mis de bonne heure à l'école de l'infortune, avaient donné à son esprit un caractère sérieux et méditatif, à son intelligence une maturité précoce, à sa pensée une rare élévation.

« Grave et réfléchi, il était toujours au travail, à l'étude ; ardent à tout apprendre, à tout savoir, consacrant le jour et la nuit à s'instruire, au point de se lever de son lit pour rallumer sa lampe que l'évêque, son précepteur, avait précédemment éteinte (V. Pinto de Campos).

« De tels éfforts intellectuels développèrent de bonne heure ses facultés exceptionnelles et firent de lui un homme, avant l'âge.

« Aussi inspira-t-il une entière confiance au parlement.

« Celui-ci effrayé par les dispositions d'une partie du pays à l'agitation jugea necessaire d'abréger de trois ans l'époque légale de la majorité du jeune empereur.

« Dom Pedro n'avait que quinze ans. C'était en 1840.

« La Guerre désolait une des provinces les plus importantes de l'Empire. L'effervescence gagnait les autres. Un malaise général pesait sur tout le pays. Tout progrès était paralysé: Le pays, a dit un Sénateur brésilien, avait fait l'éxpérience des gouvernements electifs ».

« Ce fut alors que les libéraux Hollanda Cavalcanti (vicomte de Albuquerque), Vergueiro, les Andradas et Alvares Machado à leur tête, ainsi que plusieurs conservateurs, parmi lesquels le marquis de Paranagua (Villela Barboza), le général Francisco de Lima e Silva, le comte de Lages s'entendirent pour supplier l'empereur de sauver à la fois le pays et le trône, en prenant, malgré son jeune âge, l'exercice du pouvoir que la Constituition ne devait lui confier qu'au bout de trois ans.

« Dom Pedro, ému de patriotisme, et se sentant, d'ailleurs à la hauteur de la mission, qu'on le priait d'accomplir prématurément, accepte bravement cette mission glorieuse, à l'heure du péril. Il fut declaré majeur par les deux Chambres réunies en Assemblée Générale (23 juillet 1840) et il organisa son premier ministère. »

Vejamos ainda o que escrevia em 1862 Joaquim Pinto de Campos:

« A ordem dos successos nos traz agora o assumpto gravissimo por si mesmo, seu alcance, suas circumstancias, seus riscos, seu aresto e suas consequencias.

« Protestamos a nós mesmos, superpormos-no a todas as considerações, para só tomarmos por pharol a verdade. Cumpre neste objecto melindroso, encarar e questão á luz dos principios, por não pertencermos á escola dos que, endeosando os *factos consumados*, estão prestes sempre á eleval-os á altura de justiça e nem cremos na incompatibilidade das palavras *politica e direito*. E como não aspiremos a fóros de infallibilidade, seja-nos tolerada a expressão de opiniões, ainda quando contrariam os successos triumphantes, e qualquer que seja a parte que todos (e cada um) hajam nelles tomado.

« Nove annos haviam decorrido, desde que o imperial mancebo fôra acclamado Imperador. E' certo que esse periodo fôra cheio de muitas perturbações, explicaveis pela dupla circumstancia — do trabalho da transformação e agitação das idéas começado desde 1820 — e da situação provisoria e incommoda de todo o paiz monarchico, sob transitoria duração de Regencia.

« Quatro foram estas: — a terceira já descripta ; — a do Sr. Lima e Silva, Braulio e Costa Carvalho ;— a do Sr. Diogo Antonio Feijó ; — a do Sr. Pedro de Araujo Lima (hoje marquez de Olinda e Presidente do Conselho). — Nenhuma dellas repousou em colchão de rosas ; todas nasceram em dias tempestuosos, viveram em lutas renhidas, succumbiram por meios desagradaveis.

« As facções nas provincias haviam alçado o collo, ameaçando de muitos excessos. Aos germens de dissolução, que iam lavrando, suppoz-se pôr termo com a discussão e promulgação (aos 12 de agosto de 1824) da *lei das reformas constitucionaes*.

« Essa lei conferia ás provincias uma especie de autonomia, por meio de suas Assembléas legislativas, convertendo, porque assim digamos, as instituições geraes n'uma quasi *monarchia federativa* ? restringia o poder e acção do governo central ; supprimia o Conselho d'Estado e estabelecia as condições da Regencia durante a menoridade.

« Não é este o lugar de aquilatar opportunidade, conveniencia e alcance de semelhantes disposições ; além disso, incorporadas hoje na Constituição, formam parte do nosso direito publico ; cumpre acatal-as.

« Mas essas e outras concessões não satisfaziam as exigencias sem cessar renascentes. Revoltas ensanguentadas, perigosas, multiplicadas, diuturnas, com aspirações, bandeiras e p incipios (?) diversos, iam invadindo formosas provincias do Imperio: Pernambuco, a Bahia, o Maranhão, o Pará, o Rio Gran le foram theatro de mui deploraveis acontecimentos, em que não deve insistir quem escreve simplices apontamentos biographicos e não chronicas.

« Assim eramos chegados ao anno de 1840. Manda a imparcialidade reconhecer as circumstancias que se tinham ido successivamente aggravando, e o extremo elasterio consentindo, já as mais exaltadas ou desvairadas opiniões, já as ambições sempre habeis na *pesca* em aguas turvas, tudo soprou violentamente sobre o céo do Brazil negras e condensadas nuvens, prenhes de electricidade politica. Não o neguemos: o governo tinha-se tornado *fraco*; *fraco* porque as noções da licença tinham invadido até mesmo o sanctuario da auctoridade; *fraco* porque a desordem campeava impune e talvez mais audaciosa ainda nas idéas que nos factos; *fraco* porque as provincias pediam a Menemi o Agrippa que lhes repetisse o seu apologo; *fraco* porque de dia em dia se ia cavando o abysmo do *deficit*; *fraco* porque as Regencias não dispunham do prestigio, e de alguns dos recursos magestaticos; *fraco* emfim, por outros motivos que supprime quem deseja acatar a todos os nossos homens illustres, motivos que aliás se acham presentes e vivos na memoria e consciencia de todos.

« Esta situação foi habilmente aproveitada. Para logo se creou e tomou corpo uma opinião que, sob apparencia infinitamente monarchica (extremos tocam-se), todos os meios são bons; e tem-se visto realistas, que o sejam mais do que o rei, proclamar como o melhor e unico remedio para a situação uma acclamação de maioridade, immensamente precoce, do Imperante (*Timeo Danaos!*) Não perscrutemos intenções; admittamos que em torno á idéa se arregimentassem bons e máos impulsos: — os que lealmente esperassem do grão successo melhoramento para as cousas publicas — os opposicionistas que nelle encarassem triumphos sobre Regencias e Regentes? — os que nutrissem o pensamento satanico de fazer sossobrar a monarchia, confiada a mãos inexpertas do piloto infantil?

« E então se proclamava haver uma classe de idéas, das quaes então se póde dizer que nascem armadas como Minerva, que, uma vez postas em actividade, não voltam mais em sua marcha, e que da resistencia tiram novo alimento, novas forças. Que nessa classe tinha uma ordem distincta a idéa da necessidade do immediato e permanente governo do monarcha, depois das commoções intestinas, da fraqueza e inconstancia do poder, e do provisorio de uma longa menoridade. Que cansados os animos deste estado anormal, destas miserias, olhavam com impaciencia para a entrega do poder ao seu agente legitimo; e que se o prazo legal desse termo era muito remoto, si o vaso da paciencia publica se esgotava, a anciedade insoffrida antecipava a marcha lenta da natureza, e a previdencia do legislador, que deviam ceder ao imperio indeclinavel de uma indispensavel necessidade.

« Estas idéas, que talvez dos clubs sahissem para as praças da côrte do Rio de Janeiro (que ainda então, como em 7 de abril, dictou lei ao Imperio) subiram das praças ao recinto de ambas as camaras do poder legislativo. Borrascosas, mormente na Camara dos Deputados, foram as sessões do mez de julho de 1840; pois que a tudo se pretendeu imprimir forma, não de uma placida discussão de principios e conveniencias, mas de uma agitação tumultuaria e antes propria de revoluções.

«Deu-se num desses dias um successo que não devemos roubar á historia: Um dos oradores mais importantes da situação, e que na Camara dos Deputados assumira papel conspicuo, dirigiu-se ao Paço, e depois de ter exposto ao Principe o estado das cousas e dos animos, disse-lhe estas palavras, insuspeitas na boca de um cidadão propugnador estrenuo das idéas mais liberaes: [1] *Senhor! Acha-se, pois, em tanto risco a paz do Imperio como a causa da mo-*

---

[1] Ha porém nos procedimentos desse notavel cidadão alguns que muito o honraram como homem politico. Diz-se que, estando em Santos, quando rebentou o 7 de abril, e mandando-lhe ahi a Regencia a nomeação de Enviado em Londres, recusou acceitar, porque desapprovando aquelle movimento se não quizera incumbir da defeza das suas consequencias »

Com effeito, em 1840, já não eram as mesmas suas idéas sobre mudanças revolucionarias e por esse degrau subio ao poder, que porém logo em 22 de março de 1841 teve de desamparar.

narchia. Só um braço ha, que a ambas possa salvar: — é o de Vossa Magestade. Antevemos desde já um porvir de venturas, confiadas a tão alta sabedoria.» Nisto o prudente mancebo atalhou, perguntando: «Pois será certo que, em pouco mais de quatorze annos de idade, possa haver sabedoria?»

Tambem por esses dias, outro antigo e leal servidor, e desvelado amigo, varão a quem é devido em parte o amor do Principe ás letras e no qual a circumspecção pede meças ao saber, ousou exprimir-se, pouco mais ou menos, desta forma:

«Acreditae, Imperial Senhor, nas palavras de um subdito a quem não move outro sentimento, que não seja o de amor ao seu paiz e ao seu soberano. Esta voz não illudirá a V. M. seduzindo-o com um prospecto de venturas, no exercicio do poder. Governar homens é tarefa ardua em todos os tempos; perigosa nos que atravessamos. Ninguem melhor do que eu conhece a pureza de vossas intenções, a superioridade de vossa aptidão, a excellencia de vossa indole. A natureza deu muito a V. M.; mas ella não contraria suas leis, não lhe deu ainda tudo. A edade é immatura; tendes lido já muito, e muito aprendido, mas falta-vos folhear o mysterioso livro dos corações humanos. Esse conhecimento dos homens, essa experiencia, não são dotes innatos, infusos. V. M. observou o vigor insensato com que os Governos são facilmente atacados; até hoje era impossivel transpassar o escudo para ferir a monarchia; mas qual será amanhã o alvo? Se o governo de V. M. encalhar nos mesmos escolhos, as circumstancias mudarão. O homem, sempre longe da infallibilidade, está della longissmo aos 14 annos, por mais que uma intelligencia privilegiada madrugue. V. M. tem forçosamente de servir-se dos nossos homens publicos e poderá ser victima, como o hão sido os successivos governos, de actos em que seja innocente, de indisposições a que deverá ser estranho. E estará o paiz sufficientemente organisado, moralisado, e tranquillo, para que o tomar as redeas do Estado em taes circumstancias, seja cousa facil? Ha seis annos, como hoje, se dizia que uma só providencia satisfaça completamente a nação; o *acto addicional* foi promulgado e as circumstancias peioraram. Medite V. M. no passo que lhe aconselham, é de indefinido alcance para V. M.

para sua dynastia, para a sorte do Imperio. Curvar-me-hei aos acontecimentos, mas tenho cumprido um dever de subdito fiel ?»

« Assim era, em sentidos oppostos tracteada a mente do joven Imperador; e no emtanto ia a crise tomando maiores proporções. As discussões de ambas as Camaras tornavam-se fogosas; as turbas precipitavam-se nas galerias, nos corredores, nas proximidades das casas dos Deputados; uma certa coacção imperava nos animos. Os discursos mais violentos eram proferidos, enthusiasticamente applaudidos, sobretudo quando stymatisavam o ministro, o regente, uma denominada camarilha. Debalde Bernardo Pereira de Vasconcellos pedia adiamento da materia; era desattendido; e na segunda camara já até se propunha a declaração da maioridade por acclamação.

« Foi finalmente o dia 22 de julho que poz termo ás hesitações. E' summamente duvidoso que a maioria do parlamento e muito menos a da nação, estivesse convencida da urgencia ou convenicia da resolução; mas nos momentos criticos são muitas vezes omnipotentes as minorias resolutas. Muitos decidiram que se proclamasse a maioridade. Ficou essa Camara em sessão permanente; foi enviada della uma numerosa deputação ao Senado, que se partiu a pé, pelas ruas da cidade, ingrossando-se enormemente com ondas do povo, em vozerias, ao qual se veio depois juntar alguma força armada. Fundindo-se no Senado membros de ambas as Camaras (isto é, fracções de uma de outra,[1] resolveram mandar uma deputação de cinco senadores e tres deputados á presença de S. M. com uma representação, onde se lia que o addiamento das Camaras em taes circunstancias, era um insulto á pessoa do Imperador, e uma traição ao paiz; e que para salvar

---

[1] Os signatarios da famosa acta no dia 22 de julho foram apenas *cincoenta* no total — a maxima parte deputados e raros senadores. Ora, só os deputados na legislatura de 1840 eram *cento e um* (e isso porque a provincia de S. Pedro não estava então representada). Os senadores são ainda hoje cincoenta e seis; e portanto, passavam de *cento e cincoenta* os membros de ambas as camaras sendo cincoenta os signatarios, estes apenas representavam um terço do total. E' esta proporção de que o art. 174 da Constituição exige para simples proposição de reforma de artigo constitucional; proposição que ainda tem de ser submettida a largos tramites, e a subsequente legislatura!

a nação e o throno supplicavam a S. M. I. que tomasse desde logo o exercicio de suas altas attribuições.

« Apresentando-se no Paço, leu a representação, retirando-se depois, emquanto S. M. deliberava ; e chegando no entretanto o regente e um dos ministros, o regente, em presença da deputação, perguntou a S. M. se em vista das circumstancias, queria tomar conta do governo. O Imperador, mui commovido, limitou-se ao monosyllabo: SIM ?

« Como o regente respondesse que ia immediatamente dar ordem para que a solemnidade se verificasse logo no seguinte domingo (era uma quarta-feira) e alguem da deputação ponderasse a conveniencia de ser logo effectuada, perguntou de novo o regente ao Imperador, se queria já ; em igual estado de commoção foi lançado outro monosyllabo: JÁ !

« Esta é a exacta verdade da scena que por varios modos ha sido narrada, pondera em nota o escriptor Joaquim Pinto de Campos, a cujo trabalho tomamos emprestado a narração acima e havemos de recorrer ainda. »

*
* *

O Sr. Christiano Benedicto Ottoni, na sua Biographia do Sr. D. Pedro de Alcantara apresentada em 1892 ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, disse o seguinte:

« A fallada circular-pamphleto de Theophilo Ottoni, deputado por Minas, que em contradicção com o seu passado, entrou na conspiração para a maioridade, expoz por miudo as communicações mysteriosas entre os maioristas e o Imperador menor ; a habilidade com que este illudia o regente e seus ministros, deixando-os tranquillos na posse do poder ; e finalmente, o — *quero já* — que decidio os conjurados a dar o golpe.

« Posteriormente, no Instituto Historico, S. M. Imperial houve por bem declarar que aquillo não era exacto ; não foi consultado, nem animára a conspiração. Mas, esquecido desta declaração, annos depois commentando á margem a *Biographia do Conselheiro Furtado por Tito Franco de Almeida*, e sem

negar o — *quero já* — escreveu : « *Eu não tinha ambição de governar; sem a influencia da gente que me cercava, teria recusado* ».

« Ora, quem o cercava, regentes e ministros, não queria a maioridade, os maioristas só o cercavão nas conferencias occultas, em que obtiverão o — *quero já*. »

Eis agora a refutação de Sylvio Tullio (o Sr. Visconde de Saboia) no seu livro « o Sr. D. Pedro II » que reuniu em 1896 os diversos artigos publicados em agosto de 1893 no *Jornal do Commercio* :

« Diz o Sr. Ottoni que nessa nota o Imperador não negou o — quero já — mas tambem não affirmou que se tivesse expressado desse modo. Se accedeu, fôra antes por incitamento das pessoas que o rodeavão, do que pelo desejo de ir tomar as redeas do governo.

« Com effeito, esse dito já foi por modo bem plausivel explicado pelo Dr. Luiz Francisco da Veiga em um folheto que deu a lume sobre D. Pedro II. Nelle diz o historiador que os promotores da maioridade, tendo mandado saber do Imperador se queria que esta fosse declarada sem demora ou adiada para o dia 2 de dezembro, elle então respondêra: — *quero já*.

« Em todo o caso contra o que o monarcha com a vehemencia que o caso exigia protestou no Instituto Historico, averbando de fundamentalmente falso, foi que tivesse illudido o regente e seus ministros, e entrado em conjuração, conforme affirmou o Sr. Theophilo Ottoni em sua circular-pamphleto e ainda tem o apoio do Sr. Christiano Ottoni.

« Quem cercava o Imperador menino, dizem os dous irmãos, eram o regente e os ministros, que não queriam a maioridade, portanto os maioristas que obtiveram o — *quero já* — deviam vel-o em conferencias occultas. Não passa isto de uma asserção falsa e gratuita.

« Ninguem ignora que o regente e seus ministros não eram, nem podiam ser as unicas pessoas que se acercavam do joven principe. Com este viviam medicos, camaristas e muitas outras pessoas importantes da Côrte, que, relacionadas, como é sabido por todos, menos pelo Sr. Ottoni, com os mais influentes e de-

cididos partidarios da maioridade, fizeram com que o Sr. D. Pedro II n'aquella grande crise se exprimisse por aquella fórma bem discutivel, ou por qualquer outra approximada. »

*
* *

Ouvimos contar que Bento Antonio Vahia, muito se esforçára em prol da maioridade do Sr. D. Pedro II. Foi agraciado com o titulo de Conde de Sarapuhy no dia 2 de dezembro de 1840 e falleceu no dia 1 de dezembro de 1843.

Foi moço da Imperial Camara e Guarda-Roupa de S. M. o Sr. D. Pedro I, com ordenado, por portaria de 13 de outubro de 1823.

*
* *

« Diz Americo Braziliense, em um livro onde foi buscar elementos para este artigo (Agenor de Roure — no jornal *A Noticia* de 22 de novembro de 1897, que, renunciando Pedro I a corôa em favor do seu filho D. Pedro de Alcantara, surgiram na arena do combate tres partidos — o restaurador, que queria a volta de Pedro I; o republicano, que pretendia a abolição da monarchia; e o liberal, que se formou para oppôr-se aos outros dous, pugnando pela reforma da constituição dentro do regimen monarchico. O restaurador e o republicano não puderam *crescer e apparecer* n'aquelle tempo. Quanto ao liberal, foi mais tarde victima de uma scisão que collocou de um lado os *exaltados* e de outro lado os *moderados*, querendo aquelles reformas amplas na constituição, ao passo que estes as queriam mais restrictas. Os exaltados começaram por querer a federação; mas nas lutas travadas, os moderados tornaram-se senhores da situação.

« Mais tarde, exaltados e moderados reuniram-se sob uma mesma bandeira, tendo como bases do programma a monarchia federativa, e extincção do poder moderador, senado electivo e temporario, suppressão do conselho de estado, etc. Tudo isto se passava durante a menoridade de Pedro II, até a regencia de Diogo Feijó, que abriu lucta com o poder legislativo ou vice-versa, resultando d'ahi a renuncia do regente e a sua sub-

stituição por Pedro de Araujo Lima (Marquez de Olinda), já representando um novo partido — o conservador.

«Esse partido abriu lucta com o liberal no terreno da interpretação do acto addicional, votado pelo ultimo como conquista do progresso. Sustenta Americo Braziliense que os conservadores entendiam dever ser cerceadas as attribuições das assembléas provinciaes, porque estas ameaçavam a integridade do imperio. Entendiam ainda que outras leis votadas no periodo regencial nullificavam a centralisação politica, enfraqueciam a autoridade e atacavam o prestigio da autoridade.

«Resumia-se o programma conservador n'isto: interpretação do acto addicional, restringindo as attribuições das assembléas provinciaes; rigorosa observancia da lei; resistencia a innovações politicas que não fossem maduramente estudadas; restabelecimento do conselho de estado, que os liberaes tinham conseguido supprimir (foi restabelecido em 1841).»

Recorrendo ás publicações nas folhas da capital brasileira, a 6 de dezembro de 1891 encontramos os trechos que se seguem:

No *O Brasil:*

«Soberano aos 15 annos, na idade em que para outros espiritos o exercicio do poder seria o pretexto para a satisfação de gozos e vaidades, o moço Imperador ardentemente se applicou ao estudo dos negocios publicos e, nas multiplas amnistias com que logrou pacificar as inquietas populações de algumas provincias, não tardou a exhibir provas daquella inexhaurivel magnanimidade e espirito de conciliação que constituiam uma das mais bellas feições de seu caracter.

«No Brazil, escrevia um republicano, Carlos de Ribeyrolles em 1850, no Brazil desde muitos annos que não ha processos politicos, nem prisioneiros de estado, nem condemnações de jornalistas, nem conspirações, nem deportações. O pensamento ahi não tem que dar contas á policia, não o perseguem na alfandega, não é suspeito, nem passivel de ferrete. A alma é livre em todas as suas confissões, e o cidadão em todos os seus movimentos. A razão de estado não tem que fazer...

«E por que? porque D. Pedro II poz a magestade não na prerogativa, não na pessoa, mas no caracter e nas obras...»

No *Diario do Commercio:*

« De um caracter reservado e austero, mostrando grande tino para a administração, preparou-se o Imperador no meio das agitações do paiz em sua menoridade, das luctas internas e das difficuldades com que tiveram de luctar as regencias, para o seu longo reinado, que começou propriamente com a sua maioridade; facto que teve logar no dia 23 de julho de 1840, prestando elle juramento no Paço do Senado ás 3 horas da tarde d'esse dia..

« E' notavel a energia que revelou o joven monarcha n'essa occasião, accedendo com enthusiasmo, mas digno, ás instancias que lhe faziam para acceitar desde logo as rédeas do governo. Seu caracter altivo e recto, sua intelligencia se mostraram bem claramente em momento tão decisivo, patenteando que seus actos correspodiam completamente ao pensamento que mais tarde annunciou nas seguintes palavras: « Quando tenho de resolver-me, consulto só á razão e não me abala nem a lisonja, por mais insinuante, nem o vituperio, por mais ferino.»

Voltemos ao precioso escripto do Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, que deixemos apoz a scena do dia 22 de julho:

« Desde este momento ficou o acto consummado. Os decretos de então, os vivas, as luminarias, as felecitações, os juramentos, tudo isso é subentendido.

« Acabava incontestavelmente de se dar um profundo golpe na Constituição do Estado! O seu art. 121 (não derogado pela lei das reformas) diz: « *O Imperador é menor até a idade de 18 annos completos.* » O art. 174 marca os tranmites de qualquer reforma do artigo constitucional, só possivel por subsequente legislatura. O art. 178 diz que estes artigos constitucionaes, em que as legislaturas ordinarias não podem tocar, são os que dizem respeito aos limites e attribuições dos poderes politicos, e aos direitos politicos e individuaes dos cidadãos. Reinar, governar, e' um direito politico e individual, é entrar em exercicio de attribuições do poder politico. Logo, era aos 18 annos, que o Imperador tinha de governar, antes era mister que, por tranmites constitucionaes, em legislatura subsequente, a assembléa geral assim o resolvesse.

« Não ha sophismas com que se offusque a evidencia.

« O espirito, sempre, e instinctivamente recto do Imperador assim lh'o persuadia. Nunca jámais até aquelles dias lhe tinha pela mente passado que houvesse de tomar o timão do Estado antes do prazo legal. Nunca, em seus mais intimos anhelos, desejou antecipar o dia de seu governo, porque a consciencia juvenil, mas profunda, lhe segredava a inconveniencia de tal acto, e por forma tal. Porém ao joven monarcha desde logo coube a sorte de conhecer practicamente que o regimen representativo é o systema das transacções ; julgou ver nos successos uma opinião arraigada no espirito publico e que não convinha contrarial-a ; accedeu.

« Se collocando-nos acima de todas as considerações, emittimos francamente nossa opinião, diremos comtudo, que as momentosas apprehensões dos amigos da monarchia, tacitos deplorando o que haviam considerado audacioso erro politico, não foram pelos succesos justificadas. A tenra idade de Cesar não prejudicou a prudencia de seu governo.

« *Cæsaribus virtus contigit ante. diem.*

« Eis ahi, pois, o Sr. D. Pedro II verdadeiramente sentado no seu throno, amado dos seus, respeitado dos estranhos, no pleno gozo de suas attribuições... e mui prevavelmente do sceptro e estoque, poucos annos antes mandados entregar ao conselheiro thesoureiro-mór do Thesouro Nacional.

« Chegado é o dia em que verdadeiramente começa a reinar o Defensor Perpetuo e Imperador Constitucional do Brazil, Sr. D. Pedro II, que todavia sò um anno depois (aos 18 de julho de 1841) foi sagrado e coroado. Consagremos agora estas linhas, antes de especificar mais successos, a estudar neste reinado os dotes do imperante, como soberano constitucional.

« A monarchia, instituição amada de nossos avôs, coeva da nossa soberania e symbolo da nossa existencia politica, foi, todavia, pelos tempos que se seguiram á Independencia, sujeita a dolorosas provações, como o significou o 7 de abril (se alguma cousa significou), mas qual tambem fosse o seu prestigio e poder, por consenso commum dos animos, o 22 de julho o patenteou.

« Não ha duvida; o throno se achava, desde 1840, profundamente radicado.

« A missão preventiva fôra bem e nobremente desempenhada pelo primeiro Imperador, a da fundação do Estado, a da promulgação de sua instituição. Ao segundo Imperador cabia missão diversa, a da ordem, a do leal funccionar da complicada machina do systema representativo.

« Que chefe de Estado houve jámais que em semelhante grau tomasse ao serio os deveres de seu cargo? que assim embebido nas theorias do systema da constituição, tão exemplarmente praticasse todos os seus preceitos, e seguisse todas as suas indicações? Não ha um subdito no Imperio mais amante das liberdades publicas que o seu Imperador. E' delle esta honrosa phrase: « *Procuro comprehender e realizar a verdade do systema constitucional, a mais feliz concepção da razão moderna.* »

Tomamos emprestado do jornal *O Tempo* de 6 de dezembro de 1891 estas linhas:

« D. Pedro II foi um porphyrogeneto, pois o pai, fundador do Imperio, governava quando elle nasceu nesta cidade. Ainda na infancia perdeu a Imperatriz sua mãi e a protecção paterna, que a revolução lhe tirou.

« A fraqueza da sua situação, a orphandade em que o pai o deixava, despertou no povo carioca aquella generosidade poetica que existe sempre nas multidões fortes e conscias do seu poder. Tornou-se o pupilo da Nação Brazileira, que o adoptou quando o podia enjeitar com o seu augusto progenitor. O verdadeiro e legitimo titulo de D. Pedro II, á corôa e ao throno não lhe veio do nascimento tanto como da acclamação de 7 de abril de 1831.

« Os politicos brazileiros de então eram grandes homens que faziam grandes obras.

« Só caracteres da ordem do Evaristo Ferreira da Veiga, Lima e Silva e tantos outros podiam ter a resistencia gigante para afastar a republica ante um povo victorioso de principio despota e devasso.

« Não o conseguiriam, entretanto, sem as reacções populares que preencheram a menoridade do Imperador. »

Quintino Bocayuva, a 6 de dezembro de 1891, escreveu no *O Paiz* o seguinte :

« Abrio-se então o periodo regencial, periodo tormentoso, quanto aos eventos politicos que abalaram a Nação, ainda mal affirmada na sua integridade e autonomia, mas periodo admiravel pelo patriotismo de que deu prova a geração politica desse tempo, e pela generosidade, sem exemplo, com que o povo brazileiro deixou consolidar o throno do joven herdeiro da monarchia. »

*
* *

Manoel de Araujo Porto-Alegre, no discurso que proferio no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, na sessão magna de 15 de dezembro de 1855, fez a ponderação seguinte:

« Uma cousa notavel e bem caracteristica da época da menoridade, mórmente daquella em que estamos, foi a aridez do espirito, a summa esterilidade do pensamento. O que estava em andamento parou e nada se produziu. As obras que estampam em si proprias o cunho vital e progressivo de uma nacionalidade, a expressão da mente contemporanea, os seus vôos, para o futuro, ou as que seguem as peripecias da historia, deixaram de existir. E por que, meus Senhores ? Porque aquella época nada significava: era uma republica monarchica ou uma monarchia republicana. »

Seja nos permittido observar quanto á esterilidade do pensamento na época da menoridade que o emerito orador foi severo de mais, qualificando com tanta dureza o periodo historico a que se referio.

Numerosos documentos d'esse tempo attestão em vez d'esta esterilidade mental a existencia de trabalhos que representão alguma cousa notavel na historia de nossos progressos e no desenvolvimento de nossas lettras.

Logo nos primeiros annos d'esse periodo publicarão-se os eloquentes sermões de Frei Francisco de Mont'Alverne, de Frei Sampaio e do Conego Januario, os *Suspiros Poeticos* de Domingos José Gonçalves de Magalhães, que despontarão como éra nova

em nossos annaes litterarios. O General Burlamaqui, Odorico Mendes, o Padre Luiz Gonçalves dos Santos, José da Silva Lisboa e ainda outros produzirão trabalhos ou litterarios ou de polemica politica e religiosa que representão um movimento fecundo na direcção dos espiritos na referida época.

Temos lembrança de quo são d'essa mesma época muitas das composições politicas do eximio cultor das musas Manoel de Araujo Porto-Alegre, cuja ponderação feita em 1855 no Instituto provocou estes nossos reparos, composições que tanto recommendarão seu nome a estima dos contemporaneos, accentuando-se de dia a dia a gloria que afinal veio coroar os seus esforços.

Quanto á opinião emittida pelo orador do Instituto em 1855 — Manoel de Araujo Porto-Alegre, Barão de Santo Angelo — a saber, que a época da menoridade nada significava, porque era uma republica monarchica ou uma monarchia republicana, ella nos suggere a transcripção da seguinte publicação do *Jornal do Commercio* de 23 de outubro de 1893 :

« Emilio Castellar, o grande tribuno hespanhol, enviou, com data de 18 de agosto do corrente anno, a seguinte carta á *Nouvelle Revue Internationale*:

« S. Sebastião, 18 de agosto de 1893 — Cara senhora e amiga — Nada é mais natural do que occorre e nada de estupefaciente se não fossem tantos os estupefactos.

« Já em fevereiro de 1893 tinha annunciado a minha retirada da vida politica em um discurso, que nas côrtes foi applaudido como nenhum fôra.

« Eis litteralmente o que eu dizia aos deputados do primeiro Congresso da Regencia:

« O mundo moderno oscilla hoje entre a Monarchia democratica e a Republica conservadora ; será essa a fórmula de nossa geração.

« Este Congresso não quer dar-me ouvidos e vê a Republica Federal, cuja lembrança passará na historia através os anathemas da consiencia e a maldição dos contemporaneos.

« Agora digo-vos outra cousa:

« Fazei a monarchia democratica e será essa a formula da nossa geração. Quando tiverdes transformado em democratica a monarchia, quando tiverdes proclamado o suffragio universal, então a monarchia democratica será, podeis estar certo, não sómente a formula das gerações presentes, mas tambem a das futuras.

« E então renascerão á liberdade e a paz.

« — Mas, me perguntareis, estou certo, quando a monarchia democratica, triumphadora, estiver estabelecida o que fareis? — Vos respondo: fui e serei sempre republicano.

« Todo aquelle que pensar que eu possa ser outra cousa, me calumnía e me offende.

« Não posso servir esta formula de monarchia democratica pelo que ella tem de monarchia: e não posso combatel-a pelo que ella tem de republicano. Por isso, não podendo servil-a, nem combatel-a, nada me resta mais a fazer do que dizer adeus á vida publica, recolher-me à vida privada e ahi acabar como comecei: comecei ensinando na Universidade de Madrid a historia de Hespanha; concluirei, escrevendo no meu canto a historia de Hespanha.

« Mantive a minha palavra.

« Tenho um jornal e o abandono; o que elle disser de hoje em diante aos seus amigos e leitores, correrá por sua conta e responsabilidade; tenho uma cadeira no Congresso e lá não irei mais, tomei parte na conservadora, e agora não irei á liberal:

« Não penso em tomar parte no governo, sob o regimen da monarchia: a minha honra o prohibe. Mas tambem não posso operar em favor da Republica: m'o prohibe o amor da patria.

« O que eu quero é uma republica tão conservadora, com tantos pontos de contacto com as instituições monarchicas, que os monarchistas não a querem, porque é republica e os republicanos não lhe têm sympathia, por se parecer muito com a monarchia.

« Sendo as cousas assim, o meu posto não póde ser na tribuna da Camara, nem na imprensa, que são os dous degráos que indicão o caminho do poder, isto é, o governo.

« Escreverei sempre para os jornaes e revistas européas que pedem a minha collaboração e deixarei sempre as opiniões e os juizos que me suggerirão a lealdade e a experiencia.

« Não serei mais inspirador de jornaes politicos militantes, presidente da Camara ou do Senado: não serei mais militante na politica como fui até hoje.

« Fallarei, escreverei, quando julgar opportuno, livre dos laços politicos, livre de aspirações pessoaes.

« Vos sou muito grato, etc. — *Emilio Castellar.* »

Ouçamos o *Jornal do Commercio* de 5 de dezembro de 1891:

« Os primeiros tempos da menoridade forão calamitosos. O paiz inteiro parecia caminhar para inevitavel dissolução. Na capital do Imperio, as revoltas militares succedião-se umas ás outras; a guerra civil assolava conjuntamente ou successivamente as provincias do Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul, emquanto os tres partidos então existentes guerreavão-se uns aos outros á porfia, divididos em liberal moderado, liberal exaltado e restaurador ou Caramurú. Representava este ultimo os *sebastianistas* d'aquella época, que almejavão pelo regresso de D. Pedro I; tão afouto se mostrou que mandou a Antonio Carlos de Andrada a Lisboa, no anno de 1833, para ver se obtinha que D. Pedro I voltasse, facto que causou a substituição de José Bonifacio pelo Marquez de Itanhaem no cargo de tutor do joven Imperador.

« A regencia, no intuito de acalmar a agitação federalista e separatista, fez votar em 1834 o Acto Addicional e D. Pedro II, entretanto, proseguia nos estudos com rara applicação.

« Estava elle entregue a esses estudos, quando achou-se completamente orphão com menos de nove annos de idade, havendo fallecido seu pai, D. Pedro I, a 24 de Setembro de 1834, em Lisboa.

« Com o soberano que, na phrase de um prégador celebre, foi rei que cingio duas corôas e general cuja espada libertou dous povos, e que fallecia aos trinta e seis annos de idade, baixava ao tumulo o partido restaurador, e simplificava-se a situação interior do paiz. A 12 de Outubro de 1835 Diogo Feijó era empos-

sado como unico regente e já havia pacificado o Pará e domado a cabanagem, quando, em 20 de Setembro de 1836, succedia-lhe na regencia Pedro de Araujo Lima, depois Marquez de Olinda. Mas não só a Bahia, Pernambuco e o Maranhão ainda estavão convulsionados, como tambem o Rio Grande do Sul em armas já se apoderára de parte da provincia de Santa Catharina e de Curityba, pertencente então á provincia de S. Paulo.

« N'essas condições foi que os liberaes de então unidos a alguns conservadores, pensárão em anticipar a data da maioridade do Imperador, contra a lettra expressa da Constituição vigente. Hollanda Cavalcanti, Visconde de Albuquerque, os Andradas, Vergueiro, Alvares Machado, por parte d'aquelles, e Villela Barbosa, Marquez de Paranaguá, o Conde de Lages e o general F. de Lima e Silva (Caxias), por parte d'estes, fizerão com que tres annos antes do periodo marcado pela Constituição, fosse o joven imperador proclamado maior pela assembléa legislativa, a 23 de Julho de 1840. »

Em seu numero de 6 de dezembro de 1891 eis como falla o *Jornal do Commercio*:

« O periodo regencial, o mais agitado da nossa historia de nação independente, trabalhado pela lucta vivissima dos partidos, despertou a aspiração de antecipar a maioridade do joven Principe em cuja educação se havião esmerado os eminentes Brazileiros successivamente chamados á suprema gerencia dos negocios do Estado. Em 1840, após tentativas empenhadas e mallogradas nas duas casas do parlamento para a decretação legal da maioridade do Imperador, a providencia extraordinaria do adiamento da assembléa geral precipitou o acontecimento ardentemente desejado por numerosos homens illustres.

« Cedendo o Principe ao appello dirigido ao seu patriotismo para que, assumindo desde logo o exercicio das attribuições magestaticas, salvasse o throno e a Nação, foi a 23 de Julho proclamado Maior. A pacifica revolução tinha-se completado e o joven Imperador, constituindo immediatamente o seu primeiro ministerio e concedendo geral amnistia aos crimes politicos, poz mão assidua e desvelada na collossal tarefa que devia preencher até quasi o termo da vida. »

No dia 6 de dezembro de 1891 o jornal da capital, *O Tempo*, ponderou o seguinte:

« Eis o moço D. Pedro II maior por acto da sua vontade e da dos seus admiradores e principia a reinar e a governar. Os conspiradores que queriam ter um *roi fainéant*, illudiram-se como se tem illudido muitos conspiradores que acharam um senhor quando julgavam manejar um instrumento. Não tiveram um madeiro, tiveram um grou que os devorou.

« O ministerio liberal de Antonio Carlos, fautor da illegal maioridade, tropeçou no primeiro tapete da quinta e cahio para fazer logar ao partido conservador, menos suspeito e n'essa época resquicio do devotamento dos antigos subditos ao rei nosso senhor.

« Tal o joven Campeador, podia repetir o novel Soberano, que «*pour ses coups d'essai, il faisait des coups de maître* ».

« Entretanto o partido liberal ainda estuado na febre revolucionaria, procurou reagir pela força contra o poder pessoal que percebeu logo na sua incipiencia. Foi vencido em S. Paulo, em Minas, em Pernambuco. O Rio Grande cedeu á mesma pericia e ás armas do Barão de Caxias.

« Fechado o templo de Jano abrio-se o templo da politica dos partidos plasticos de Sua Magestade. Foi a época mais feliz do reinado, essa da mocidade e da virilidade do Imperador.

« Em quietação tamanha a historia sómente póde colleccionar discursos, poesias, memorias e livros cantados e escriptos em honra do Soberano. O Imperador era um polyglotta e um sabio e convivia com litteratos e sabios. O parque de S. Christovão foi durante quarenta annos o jardim de Academus. »

*
* *

Formarão o gabinete 24 de julho de 1840: Antonio Carlos de Andrada Machado e Silva na pasta do Imperio — Antonio Paulino Limpo de Abreu na pasta da Justiça — Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho na pasta dos Estrangeiros — Antonio Francisco de Paula de Hollanda Cavalcanti de Albuquerque na pasta

da Marinha — Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque na pasta da Guerra — Martim Francisco Ribeiro de Andrada na pasta da Fazenda.

N'este Ministerio, composto todo elle das mais altas capacidades do paiz, avultavão como influencias politicas de primeira ordem: Antonio Carlos, chefe do partido maiorista — que dirigira o movimento parlamentar da maioridade — e Aureliano eminente estadista da época da Regencia, o qual se abstivêra de tomar parte n'esse movimento.

A qual dos dous devia caber a preponderancia ? Não havia n'esse tempo a instituição da presidencia do Conselho, que só se estabeleceu em 1847 sendo o primeiro presidente do Conselho o Senador Manoel Alves Branco.

O Imperador, joven então de 15 annos, accentuou desde logo a sua preferencia em favor de Aureliano nas collisões de preponderancia politica que se estabelecerão entre os dous prestigiosos membros do Ministerio dito da maioridade. Estas collisões terminarão pela crise de 9 de março de 1841, que o Imperador decidio resolutamente despedindo o Ministerio todo, com excepção unica de Aureliano, a quem incumbio de organisar o novo gabinete. Antonio Carlos sentio-se mais que todos ferido em seu orgulho politico; e, dotado como era de caracter franco e expansivo, manifestou-se sem reserva no circulo de seus amigos censurando com azedume a solução tão brusca resolutamente dada pelo Imperador á crise politica: « Não ha duvida, repetia elle, é Bragança, o menino tem ronha » Estas palavras forão referidas por testemunha do tempo.

Por motivo de movimento politico de Minas e S. Paulo em 1842, a Assembléa Provincial de S. Paulo dirigio ao Imperador uma Representação energica, redigida por Antonio Carlos com o ardor e vehemencia que o caracterisavão, mas foi devolvida pelo ministro do Imperio com a declaração de não estar no caso de ser evada á presença de sua Magestade.

Este documento ficou denominado *Representação dos Mandins e Rufiões* — Termos n'elle empregados.

Então forão cassadas a Antonio Carlos, Limpo de Abreu e Martim Francisco as honras que lhes havião sido conferidas, como

aos demais membros do ministerio da maioridade para fazerem parte da Côrte na qualidade de Camaristas ou Veadores.

Em 1844, apoz a subida do partido liberal ao poder, novo decreto restituio os sobreditos cidadãos aos lugares que occupavão na Côrte.

A proposito:

Lê-se nas « Memorias do meu tempo » etc., de J. M. Pereira da Silva: « Lembro-me que Sua Magestade disse-me na occasião em que apreciava a historia do periodo de 1831 a 1840, cuja segunda edição eu havia publicado, que se não deixára influir em sua resolução por funccionarios do paço, e nem por personagens politicos, que ouvira acerca do assumpto; mas que sómente se convencêra de que assim devia proceder na manhã de 23 de julho: seu preceptor litterario Candido José de Araujo Vianna recordára-lhe que no senado tinha votado contra a declaração immediata da maioridade, por lhe parecer contraria á Constituição, mas que em vista da marcha dos acontecimentos e nas criticas e perigosas circumstancias do paiz, tornava-se medida de salvação publica, bem que revolucionariamente realisada. »

* * *

O primeiro acto do reinado de S. M. o Sr. D. Pedro II foi a amnistia geral concedida a todos os implicados nas revoluções em o Imperio.

* * *

Uma das primeiras medidas adoptadas pelo Imperador, apenas declarado maior, foi deixar sobre a mesa de uma sala do paço de São Christovão um papel, onde elle mesmo — escrevêra « Fica expressamente prohibido ás pessoas da minha casa fazerem-me qualquer pedido.»

A ordem não visava, porém, a Sra. D. Marianna, pois intervinha sempre em beneficio de uns e de outros com tamanho exito que, vendo crescer extraordinariamente o numero dos que

a ella recorrião, espontaneamente resolveu nada mais solicitar do seu Augusto filho de adopção. Em abono da influencia real da Sra. D. Marianna no paço apresentamos os seguintes documentos:

«Hei por bem nomear D. Marianna Carlota de Verna Magalhães Camareira-Mór. O Marquez de S. João de Palma Meu Mordomo-Mór, Senador do Imperio, Conselheiro de Estado o tenha assim entendido e faça executar. Paço da Boa Vista, trinta de julho de mil oitocentos e quarenta, decimo nono da Independencia e do Imperio.

D. Pedro.»

«Tendo em consideração as qualidades que concorrem na pessoa de Dona Leopoldina Isabel de Verna Magalhães Figueiredo: Hei por bem e Me Praz Nomeal-a Dama de Palacio, em remuneração dos serviços de sua mãi a actual Camareira-Mór. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, do Meu Conselho, Ministro e Secretario do Estado dos Negocios do Imperio, o tenha assim entendido, e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em dous de dezembro de mil oitocentos e quarenta, Decino nono da Independencia e do Imperio.

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.»

A Exma. Sra. D. Marianna já se achava então livre dos compromissos que tomára para com os credores do seu finado marido e é de crer que foi coadjuvada por seu filho, pois foi quem pagou as seguintes bemfeitorias feitas na chacara: um portão com grade de ferro e quatro assentos, uma cavallariça de pedra com arranjo para bezerros e dous quartos, duas pontes no rio, e na casa de moradia, tudo o que vai da casa de jantar inclusive até a cozinha, assim como as duas varandas, uma na frente e outra no fundo da casa.

Depois de 1840, o Sr. D. Pedro II com suas Augustas irmãs, acompanhadas de suas Damas e Camaristas de semana forão por diversas vezes em seges para a chacara de D. Marianna. Gos-

tavão de merendar perto do Rio do Principe, como fazia o seu Augusto Pai.

N'aquelle tempo o Engenho Novo era ainda quasi deserto e os proprietarios se soccorrião uns aos outros.

A chacara da Sra. D. Marianna se achava entre as propriedades do General Bellegarde e da Condessa de Beaurepaire, sogra do Conde d'Escragnolle, o avô materno do Visconde de Taunay, e por outro lado se achavão as terras da familia Pedreira, lá onde está hoje a casa n. 57 da rua Barão do Bom Retiro e não na propriedade situada em pouco mais além e na qual falleceu o seu proprietario Visconde do Bom Retiro.

A um toque de sino de qualquer d'estes proprietarios vizinhos, fazendo ouvir identico signal, accudião contingentes armados das respectivas escravaturas.

Mantinhão relações muito intimas com D. Marianna a viuva Condessa de Beaurepaire, D. Josepha e D. Guilhermina Amalia Correia Pedreira, senhora que falleceu a 6 de junho de 1835, esta era mãi e aquella avó de Luiz Pedreira do Couto Ferraz, mais tarde Barão e Visconde do Bom Retiro, a Viscondessa de Sepetiba e o Visconde de Sepetiba (Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho), o commendador Paulo Barboza da Silva, a Marqueza e o Marquez de Itanhaen, e Marqueza e Marquez de Sapucahy, General Bellegarde, etc. etc.

Naturalmente innumeras erão as relações sociaes da Sra. D. Marianna.

* * *

A Capella da chacara da Sra. D. Marianna, no Engenho Novo, tem sua historia. Encontrando S. Ex. n'uma casa para a qual passára a residir com os seus, em Lisboa, uma imagem de Santo Antonio desde então a teve em grande apreço e quando emigrou fez promessa de a collocar uma capella especial na primeira casa de que se tornasse senhora no Brasil. Effectivamente assim o fez, e tempo depois conseguio do Exm. Sr. Conde de Irajá Bispo do Rio de Janeiro permissão para que n'esta capella se dissesse missa e praticasse quaesquer actos religiosos com regalias grandes

Este prelado, entrou no governo da diocese a 27 de abril de 1840 e portanto posteriormente, deu a dita permissão.

***

Damos agora uns topicos da *Gazeta de Noticias* de 6 de dezembro de 1891:

« A 18 de julho de 1841 effectuava-se na cathedral desta cidade a ceremonia da sagração e coroação de D. Pedro II, que, ao tomar as redeas do Governo no anno precedente, chamára para seus ministros os liberaes: Hollanda Cavalcante, Visconde de Albuquerque, Antonio Carlos, Martim Francisco, Aureliano de Souza, Visconde de Sepetiba, substituidos, desde 23 de março de 1841, pelos conservadores, tendo á sua frente Villela Barbosa, Marquez de Paranaguá.

« O Imperio, porém, ainda não estava pacificado. O Maranhão só o foi em 1841, pelo general que mais tarde foi conhecido debaixo do nome glorioso de Duque de Caxias.

« Minas Geraes e S. Paulo, que se tinham sublevado, foram igualmente pacificados por elle em agosto de 1842, depois da conhecida Batalha de Santa Luzia.

« O Principe Adalberto da Prussia, que o conheceu em setembro de 1842, descreve-o assim:

« D. Pedro II está notavelmente adiantado em vigor mental e conhecimentos para sua idade: é de estatura pequena, um tanto corpulento, cabeça regular, cabellos louros e feições bem feitas; seus olhos azues, expressivos, indicam seriedade e benevolencia. Embora não conte mais de dezesete annos, tem a gravidade de porte de homem maduro. Manifesta grande prazer no avanço e na acquisição de conhecimentos, e cultivou cada ramo completamente. A historia é o seu estudo predilecto, embora se interresse por varios outros assumptos, entre os quaes a botanica. O joven Soberano manifesta tambem grande talento na arte, na pintura; aqui evidencia-se o seu interesse por tudo quanto é grande e nobre, pois geralmente escolhe para assumptos de seu lapis o retrato dos grandes reis, celebrados na historia, cujo exemplo deseja emular.

«O Imperador levanta-se ás seis horas da manhã e consagra-se aos negocios do Estado: grande parte do tempo que lhe sobra, passa-o a lêr, no que auxilia-o grandemente uma memoria excellente. Ha um nobre espirito de ambição no joven Imperador, de educar-se cada vez mais para sua posição excelsa, porém ardua, ambição que não podemos senão respeitar e admirar. Que felicidade para este bello paiz ser governado por quem conhece tão perfeitamente os deveres de sua posição, e tão seriamente deseja fazer a felicidade do seu povo! Abençoem-lhe os céos os esforços!»

« A 23 de julho desse mesmo anno de 1842 assignou-se, na capital da Austria, o contrato de casamento de D. Pedro II com a Princeza Thereza Christina Maria de Bourbon, filha do Rei Francisco I das suas Sicilias (1777 — 1830), irmã da Grã-Duqueza da Toscana, do Conde d'Aquila e do Conde de Trapani, mais velha do que D. Pedro II, pois nascêra a 14 de março de 1822. Em março de 1843, a fragata *Constituição*, commandada pelo capitão J. J. Maia, arvorando o pavilhão do contra-almirante Theodoro de Beaurepaire, a Corveta *Dous de Julho*, commandada pelo capitão Pedro Ferreira de Oliveira, a corveta *Euterpe*, commandada pelo capitão João Maria Wandenkolk, sahiam deste porto (5 de março) e chegavam a Napoles no dia 21 de abril, com José Alexandre Carneiro Leão Visconde de S. Salvador de Campos, embaixador do Augusto esposo, que, a 30 de maio, casava na sumptuosa capella palatina, por procuração, sendo representado pelo Principe de Syracusa. Só a 2 de julho de 1843 regressava a divisão naval brazileira, escoltada por uma divisão napolitana composta do navio *Vesuvio* e das fragatas *Amelia*, *Elisabeth* e *Partenope*, tendo a seu bordo a virtuosa Imperatriz, que desembarcou nesta cidade a 4 de setembro. »

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro possue uma interessante narração da viagem de S. M. a Sra D. Thereza Christina Maria para o Brasil, intitula-se o livro:

Descrizione del Viaggio a Rio de Janeiro della Flotta di Napoli di Eugenio Rodriguez — Ufficiale di Marina — Napoli — presso Caro Botelli e Comp. — 1844.

A proposito d'estes augustos esponsaes ouvimos contar que Bento da Silva Lisboa, percebendo ser ridicularisado pelos fidalgos viennenses, deixou de frequentar a côrte austriaca e só depois, abrindo-se com o representante do Rei de Napoles, com quem se havia relacionado, lhe confiou ter por missão procurar uma noiva para S. M. o Sr. D. Pedro II; o habil diplomata promptamente incumbio-se de auxiliar o seu collega, como fez, obtendo para o joven Imperador do Brasil a augusta mão de uma filha do seu soberano, a Princeza D. Thereza Christina Maria. Esta escolha sorprehendeu Metternich que projectára unir o Sr. D. Pedro II com a archi-duqueze Olga, Princeza altamente prendada, que desposou S. M. o Rei do Wurtemberg.

*
* *

No livro publicado e distribuido pelo Instituto em Homenagem á Memoria de S. M. o Sr. D. Pedro, II escrevemos nas paginas de introducção:

...... veio a noticia do passamento de S. M. a Imperatriz D. Thereza Christina Maria, succedido na cidade do Porto a 28 de dezembro de 1889, e o Instituto, associando-se á justa dôr do seu Venerando Protector, commetteu a seus socios residentes em Portugal a missão de irem, presididos pelo illustre litterato Pinheiro Chagas, apresentar á S. M. o Sr. D. Pedro II os mais sentidos pezames do Instituto.»

Em acatamento á memoria de tão Virtuosa quão Augusta Senhora trago para aqui alguns extractos de periodicos estrangeiros :

« L' Europe saluera respectueusement cette impératrice morte sans trône, et on dira en parlant d'elle: sa mort est le seul chagrin qu'elle ait causé a son mari pendant 46 ans de mariage. » (*Le Figaro* du 29 décembre 1889.)

« La vie de l' impératrice du Brésil a été toute de dévouement et d' effacement volontaire.

« C'était la femme vertueuse et bonne dont l'histoire parle peu, parce qu'il n'y a pas de mal á en dire.» (*Le Gaulois* du 29 décembre 1889.)

« Très modeste, très charitable, très pieuse, elle mena une vie toute de dévouement á l'empereur et de bonnes œuvres; aussi depuis la chute de la monarchie au Brésil, on ne citerait pas un journal qui n'ait consacré quelques lignes émues á l'exilée, pas un qui ait eu pour elle une parole dure ou malveillante.» (*Le Moniteur Universel* du 30 décembre 1889.)

« Elle ne comptait pas un ennemi ; et au milieu des luttes qui ont précédé et suivi son départ de Rio, pas une injure n'a été proférée contre elle, pas un reproche ne lui été adressé.

« Cette constatation est le plus bel éloge que l'on puisse faire de celle qui vient de mourir. » (*La Gazette de Lausanne* du 30 décembre 1889.)

« Les dernières paroles de l'impératrice furent les suivantes : «Hélas!... Brésil!... Brésil!... si joli pays... puis pas retourner.» (*Le Nouvelliste de Rouen* du 1 janvier 1890.)

A 5 de dezembro de 1891 lia-se no *Jornal do Commercio* :

«...... a Sra. D. Therzea Christina Maria, filha de Francisco I, Rei das Duas Sicilias, a Princeza bondosa, que nunca tendo feito fallar de si, senão pelas suas eminentissimas virtudes e tanto havendo contribuido para que o lar Imperial pudesse ser apontado por irreprehensivel modelo de singeleza, de amenidade e de honestidade, rasgou pela sua morte vacuo profundo no coração de seu esposo.»

A 6 de dezembro de 1891 lia-se na *Gazeta de Noticias* :

« O que foi esta santa Senhora, não precisamos repetil-o. Sabe-o todo o Brazil, que no golpe que ferio profundo o Imperador, lembrou-se que era justa e universalmente proclamada a Mãi dos Brazileiros.»

E no *Diario do Commercio* tambem de 6 de dezembro de 1891:

«...... idolatrada mãi dos brazileiros por sua muita caridade e virtudes veneraveis.»

Vamos agora reproduzir parte do artigo que, no jornal *O Paiz* de 6 de dezembro de 1891, escreveu Quintino Bocayuva:

« Para julgar-se a um homem é necessario estudar o desdobramento das suas faculdades no meio em que elle existio e de accôrdo com as origens da formação do seu caracter.

« O Sr. D. Pedro de Alcantara sob este ponto de vista offerece o raro exemplo de um homem subtrahido ás condições do *meio* em que se achou pela força intrinseca das suas boas inclinações naturaes.

« Filho de um pai como o Sr. D. Pedro I., a quem faltaram os bons exemplos e a boa educação domestica, fogoso e indomavel na sua indole naturalmente rebelde, dando livre expansão aos seus instinctos desordenados, irascivel e apaixonado, capaz de bravura e capaz de baixezas, ao mesmo tempo fidalgo pelo orgulho da raça e burguez, grosseiro pela educação que lhe deram e pela laia dos familiares que mais privavam na sua intimidade, mixto de contradicções, emfim, porque ao lado de sentimentos generosos era susceptivel do mais bastardo egoismo, impetuoso, arrogante, violento e extremamente autoritario, dissoluto nos seus costumes e levando a falta de escrupulos até a obcecação da consciencia, não era de certo o primeiro Imperador o que poderia pela lei do atavismo transmittir ao filho as qualidades solidas que tanto elevaram o caracter privado do Sr. D. Pedro de Alcantara.

« Orphão de mãi, ao fallecido ex-Imperador faltou na mais tenra infancia o principal elemento para a formação da indole e do caracter de um homem, faltou-lhe o agasalho moral do amor materno e as caricias que affagam e affeiçoam, no molde da brandura, as ingenitas asperezas de indole infantil.

« Quasi simultaneamente ficou igualmente privado das affeições e dos cuidados paternos, recebendo a impressão, que ficou sem duvida indelevel no seu espirito, da desgraça de seu pai, forçado a abdicar a corôa e a abandonar, no meio de uma revolução popular, o Imperio que elle fundara.

« Desde então, privado de todas as affeições naturaes, o joven principe ficou rodeado de physionomias estranhas e de autoridades impostas, que se encarregaram da sua educação, sob o regimen de uma existencia toda convencional, como parecia necessaria a um infante destinado a occupar o throno e cuja natureza e caracter deviam ser inaccessiveis a todas essas sublimes expansões e nobres fraquezas de coração, que são o apanágio dos simples mortaes.

« Moralmente, a sua natureza foi affeiçoada de fórma que os impulsos do seu coração jámais pudessem romper a camada do convencionalismo que devia abafar nelle os germens de todos os sentimentos pessoaes.

« Pelo receio de que no futuro se inclinasse a ter validos, como monarcha, ensinaram-lhe cedo a não ter amigos, nem a manifestar preferencia por quem quer que fosse.

« Litterariamente, prepararam-lhe o espirito para os estudos classicos e para as sciencias abstractas, como sendo essa a ornamentação condigna de um homem destinado a ser o superior entre todos os outros.

« Sociologica ou politicamente, as unicas lições que lhe deram foram destinadas a gravar bem no seu espirito a consciencia da sua autoridade, como um ente quasi de origem divina, fadado pela vontade de Deus e pela acclamação dos homems a ser o arbitro supremo dos destinos de uma grande nação.

« Assim chegado á puberdade, foi ainda sob o regimen do convencionalismo official que o induziram a escolher uma esposa, destinada, como quasi todas as princezas, menos a fazer a sua felicidade individual do que a ser a progenitora da successão que devia garantir a perpetuidade da sua dynastia.

« A sorte o favoreceu neste ponto, dando-lhe como companheira do seu destino a virtuosa Senhora que foi venerada pelas suas virtudes; mas, no ponto de vista da formação do caracter humano e da formação da familia, ninguem poderá sustentar que seja preferivel e acertado o systema destes enlaces matrimoniaes, que só têm por base — a razão de estado.

« Taes antecedentes puderam muito logicamente ter influido para tornar sombrio e suspicaz o caracter do joven Monarcha e, se assim não aconteceu, só á sua boa indole individual deve o facto ser attribuido. »

« Em 1859, disse Charles Ribeyrolles no seu *Brésil Pittoresque* (Rio de Janeiro — Typ. Nacional).

« D. Pedro II avait à peine cinq ans, lorsque son père quittait le Brésil et s'en allait en guerre pour un autre royaume. L'enfant était né Brésilien; la patrie l'adopta, il fut proclamé. Les crises cessèrent.

« Comment ce pays si profondément agité depuis dix années se calma-t-il, ainsi, tout à coup? y a-t-il prestige aux têtes blondes? Le pays se calma tout à coup, et les eaux rentrèrent, parce qu'il y avait un conseil de Régence Brésilien, une administration Brésilienne, et qu'un prince Brésilien au pavois, c'était un dernier affranchissement. On pouvait se quereller aux chambres, dans les ministéres, au conseil de Régence; dans les provinces et dans l'armée. on pouvait tenter l'émeute et faire vacarme de discours ou d'épées, toutes ces violences n'étaient que souffle, petit vent et n'agitaient pas le fond. Les masses étaient tranquilles: sous la couronne de l'enfant, elles voyaient l'étoile: « Indépendence! »

« La pensée des peuples est tenace et longue.

« Après dix ans de tutelle et minorité D. Pedro II entra dans l'entier et plein exercice de sa prérogative: il devint responsable devant l'histoire. Le jeune homme avait grandi dans le travail et l'ombre, assez détaché des plaisirs violents, euvieux des idées, sans faste, et plus ouvert à l'étude qu'aux fêtes.

« Que trouva-t-il devant lui, sur les marches du trône? une constitution: et que disait cette constitution? elle déclarait les droits et stipulait les devoirs de chacun, prince et peuple. Elle proclamait l'Indépendance du Brésil, la souveraineté nationale, la liberté des citoyens, elle réglait tout, l'administratif, le commercial, le judiciaire, l'éxécutif et le législatif. C'était un contrat public entre le prince et le peuple, entre l'Etat et le Souverain.

« D. Pedro II prêta serment à cette constitution du Brésil, il y a de cela quinze ans. Quinze ans: c'est une vie bien longue pour une charte; en Europe, ces choses là durent moins, et il y aurait eu, bien certainement avant l'étape une échéance de révolution.

« Ici, le contrat n'a pas souffert. La loi générale y est toujours vivante, obéie, respectée. Point d'interprétations folles, partant point de crises. C'est que l'homme qui avait prêté serment, a gardé jusqu'au dernier scrupule la chaste probité de sa parole; c'est qu'il a la religion du devoir, et que sans détour ni réserve, il a pratiqué, maintenu la foi jurée.

« Il était jeune et seul: il pouvait,comme tous les petits Xerxès, se laisser emporter aux ardeurs du sang, aux fièvres de l'orgueil, aux ennivrants parfums de la coupe et de la couronne. Où sont ses témérités, ses folles initiatives, ses violences, ses empiétements ?

« Jamais vieille tête de roi fut-elle plus tranquille, et garda-t-elle mieux les saints respects ? »

***

Transcrevemos do *Jornal do Commercio* o seguinte :

— 28 de março de 1843 —

« Hontem á uma hora da tarde entrou neste porto S. A. R. o principe de Joinville, a bordo de sua fragata *Belle Poule*. Logo que passou pela fortaleza de Santa Cruz, salvou esta fortaleza com 21 tiros e todos os navios de guerra francezes com fogo rolante, embandeirando-se ao mesmo tempo com innumeros galhardetes e pavilhões. Ao passar a fragata em frente de Villegaignon recebeu a salva desta fortaleza, e logo depois subirão ás vergas as tripolações de todos os vasos de guerra nacionaes e inglezes fundeados no porto e deram estes as salvas do estylo. A fragata *Belle Poule* passou antes de fundear por entre os vasos de guerra francezes no meio de mil acclamações de — Vive le Roi.

« O Sr. Carneiro Leão, ministro dos negocios estrangeiros, foi immediatamente comprimentar S. A. R. por parte de S. M. o Imperador ; e o Sr. Paulo Barbosa da Silva foi offerecer-lhe, por ordem do mesmo Augusto Senhor, o palacio da cidade, as carruagens da casa imperial, etc., etc. S. A. R. deve ir hoje, pelas dez horas da manhã, visitar S. M. o Imperador. »

— 29 de março de 1843 —

« S. A. R. o principe de Joinville foi hontem de manhã á Quinta da Boa Vista visitar S. M. o Imperador. S. A. R., depois de conversar particularmente com S. M. I., por alguns minutos, foi apresentado á Sra. princeza D. Francisca, não o sendo tambem á Sra. princeza D. Januaria por ainda se achar S. A. I.

em convalescença. S. M. I. dignou-se condecorar o principe de Joinville com a G ã-Cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro. O Imperador honra hoje o principe visitando-o a bordo da fragata *Belle Poule*. Consta-nos que S. A. R. receberá hoje no Paço da cidade o corpo diplomatico. »

— 30 de março de 1843 —

« S. M. o Imperador dignou-se hontem visitar S. A. R. o principe de Joinville a bordo da fragata franceza *Belle Poule*, onde foi recebido com todas as formalidades do estylo.

« S. A. R. o principe de Joinville dignou-se receber hontem no Paço da cidade o corpo diplomatico. »

— 1 de abril de 1843 —

« S. A. R. o principe de Joinville teve a honra de jantar hontem com S. M. o Imperador na Quinta da Boa Vista.

« S. M. o Imperador dá a S. A. R. o principe de Joinville um baile na Quinta da Boa Vista, no dia 6 do corrente. »

— 2 de abril de 1843 —

« S. M. o Imperador dá no dia 4 do corrente, no paço da Quinta da Boa Vista, um saráo para festejar o anniversario natalicio de S. M. Fidelissima a Sra. D. Maria II.

« Consta-nos que o Sr. Barão de Langsdorff, ministro plenipotenciario de França, dará, no dia 17 do corrente, um baile em obsequio a S. A. R. o principe de Joinville. »

— 5 de abril de 1843 —

« S. A. R. o principe de Joinville dignou-se receber hontem na legação de França os Francezes que quizerão ter a honra de lhe ser apresentados. S. A. R. mostrou-se muito affavel, e dirigio aos seus compatriotas uma pequena allocução, na qual patenteou, em termos apropriados, os sentimentos de vivo interesse que o animão a bem da população franceza residente nesta Côrte. »

— 9 de abril de 1843 —

« Corria hoje igualmente na cidade que S. A. R. o principe de Joinville tinha pedido a mão de S. A. a Sra. princeza D. Francisca. »

— 11 de abril de 1843 —

« Ante-hontem á noite, durante o temporal que cahiu sobre a nossa bahia, abalroarão duas faluas em pequena distancia da fragata franceza *Belle Poule*.

« O encontro foi tão violento, que ambas virarão e cahiu a gente ao mar. Acudio immediatamente parte da tripolação da *Belle Poule*; e unindo os seus esforços aos de um escaler da náo *Ville de Marseille*, que appareceu de prompto, conseguirão salvar toda a gente.

« Durante o temporal garrou do ancoradouro uma das barcas da companhia de paquetes e foi de encontro ao cáes do trapiche da Saude ; a avaria foi pequena. »

— 12 de abril de 1843 —

« O casamento de S. A. I. a Sra. D. Francisca tem sido nestes dias o thema das conversações geraes. Sem querermos fazer-nos echo de todos os boatos que se espalhão a este respeito, limitar-nos-hemos a referir o que corre mais geralmente.

« Diz-se que o casamento será celebrado nesta Côrte, no principio do mez p. f. e que S. A. I. partirá para França com o seu esposo o principe de Joinville a bordo da fragata *Belle Poule*.

« Ignoramoso grão de veracidade que possa ter esta noticia ; o que porém podemos afiançar, é que S. A. R. o principe de Joinville pediu a mão de S. A. I. a Sra. D. Francisca, e que lhe foi concedida. »

— 12 de abril de 1843 —

« *Les Français de Rio de Janeiro à S. A. R. Monseigneur le Prince de Joinville* ».

« Prince ! lorsque jadis tu visitas ces plages,
« Où Cabral a planté l'étendard de la foi,
« Français, nous offrions nos vœux et nos hommages
Au fils de notre Roi.

« Tu reviens parmi nous après cinq ans d'absence ;
« Et cinq ans ont mûri ce qu'a promis la fleur ;
« Et l'empreinte frappée au coin de ta naissance
« Est ta moindre valeur.

« Sur ce blason royal, héroiques emblèmes,
« Sont gravés à présent à l'entour de ton nom
« Ulloa foudroyée et les honneurs suprêmes,
« Du grand Napoléon.

« Vers le triple cercueil le premier il s'élance ;
« Il contemple ce front sacré pour les Français :
« Une émanation d'honneur et de vaillance
« En jaillit sur ses traits !

« Cette auréole au front, apparais, fils de France,
« Grand des faits acomplis, altéré d'avenir !
« A tes pensées de gloire une douce espérance
« Peut-être vient s'unir...

« Quel que soit le dessein qui te rend à ces plages,
« Ce n'est plus seulement au fils de notre Roi
« Qu' aujourd'hui nous offrons nos vœux et nos hommages;
« Prince, c'est bien à toi !

« Rio, 4 avril 1843.

C. A. Taunay.

— 17 de abril de 1843 —

« O Sr. senador e conselheiro de estado Bernardo Pereira de Vasconcellos foi nomeado plenipotenciario para celebrar o contracto de casamento entre S. A., a Sra. Princeza D. Francisca e S. A. R. o Sr. Principe de Joinville.

« Consta-nos que os augustos noivos receberão a benção nupcial no dia 1 de maio, dia do santo de S. M. o rei dos Francezes. »

— 20 de abril de 1843 —

« Hontem teve o Sr. Barão de Langsdorff a honra de ser recebido por S. M. o Imperador perante toda a côrte, e nesta occasião fez o pedido official, em nome de S. M. o Rei dos Francezes, da mão da Serenissima Princeza Imperial D. Francisca Carolina, para S. A. R. o Principe de Joinville.

« O Sr. barão de Langsdorff exprimiu-se nos seguintes termos:

« Sire — Je viens au nom du Roi, mon auguste souverain, demander á V. M. la main de S. A. I. la Princesse D. Francisca, sa sœur, pour Mr. le Prince de Joinville.

« Rien ne sera plus doux pour le coeur du Roi qu'une union qui resserrera tout ensemble, et les liens de famille qui unissent déjà les deux dynasties, et les liens d'amitié qui unissent les deux pays: j'ose espérer que V. M. en jugera de même ; admis quelquefois à l'honneur de pénétrer jusque dans le sanctuaire de la famille, où les souverains dépouillent cette pompe qui vous environne aujourd'hui, Sire, j'ai retrouvé ces vertus privées, ces affections si vives et si douces, que la France admire aussi dans l'auguste maison qui nous gouverne.

« En se séparant d'un frère, dont la tendresse a veillé avec tant de sollicitude sur ses jeunes années ; d'une sœur chérie, que tant de vertus recommandent à l'amour et au respect universels, Madame la Princesse Francisca viendra habiter au milieu de cette royale famille, si intime et si dévouée dans ses sentiments ; son bonheur ne fera que changer de place, et recevra, en s'appuyant sur un époux dont le monde connaît déjà le nom, les garanties de durée que les éminentes qualités et les vertus si charmantes de S. A. I. méritaient de lui assurer.»

« S. M. o Imperador dignou-se responder:

« Je consens de tout mon cœur à cette alliance qui m'est si chère, et dont tous les Brésiliens se réjouiront.

« Ma sœur, á qui vous vous adresserez, confirmera certainement ma réponse, car nous sommes tous persuadés qu'elle trouvera dans les affections de la famille royale de France un doux soulagement aux regrets de quitter le pays qui l'a vu naitre.»

« O Sr. barão de Laugsdorff dirigio depois a S. A. á Sra. D. Francisca a seguinte allocução:

« Madame — Le bonheur de Mr. le Prince de Joinville ne serait point complet, si vous ne daigniez confirmer la réponse que l'Empereur votre auguste frère vient de me donner. C'est aussi de vous que S. A. R. veut obtenir votre main. Plus heureux que la plupart des Princes, il a pu voir et apprécier lui-même

toutes les qualités qui distinguent V. A. I. Votre cœur Madame, lui saura gré d'avoir voulu que cela fût ainsi.

« Vous ne serez point étrangère, Madame, au milieu de la nouvelle famille qui vous attend avec impatience.

« Vous y trouverez aussi la tendresse d'une mère qui vous chérit déjà comme sa fille, et qui montrera à V. A. I. par les plus touchants exemples ce que les vertus privées ajoutent de lustre et de sainteté aux plus augustes situations. »

« S. A. a Sra. D. Francisca dignou-se de responder:

« Monsieur le ministre — Il m'est bien doux de confirmer la réponse de mon auguste frère.

« Je suis persuadéé que les affections de la famille royale de France adouciront les regrets que j'éprouverai en quittant ma patrie, un frére et une sœur chéris.»

« Terminada esta ceremonia, embarcou o Sr. barão de Langsdorff para bordo da fragata *Belle Poule*.

« Depois de haver dado conta ao Principe de Joinville do resultado da sua missão, todos os vasos de guerra francezes surtos neste porto içárão a bandeira brasileira no mastro grande, e salvárão com 21 tiros. Estas salvas forão respondidas pelas fortalezas e pelo brigue de guerra nacional *Trez de Maio*, tendo este a bandeira franceza no mastro grande.»

— 21 de abril de 1843 —

« O Sr. ministro da fazenda apresentou hontem á camara dos deputados a seguinte proposta do governo, que foi remettida á primeira commissão do orçamento:

« Augustos e dignissimos senhores representantes da nação:

« Tendo sido pedida por S. M. o Rei dos Francezes a mão de S. A. a Senhora Princeza D. Francisca Carolina para S. A. R. o Senhor Principe de Joinville, sendo provavel que esta união se verifique ; e devendo o governo estar preparado para poder realisar as sommas marcadas na lei de 29 de setembro de 1840 para seu dote e enxoval, visto ter a mesma augusta senhora de ir residir fóra do Imperio, recebi ordem de S. M. o Imperador para apresentar-vos a seguinte proposta:

« *Artigo unico* — O governo é autorisado para realisar, por quaesquer operações de credito que mais vantajosas fôrem, a

somma de 750:000$000, segundo o padrão monetario, marcado no art. 11 da lei de 29 de setembro de 1840, para o dote de S. A. a Senhora Princeza D. Francisca Carolina ; e bem assim a de 100:000$000, na moéda actual do Brazil, consignada no art. 4º da dita lei, para o enxoval da mesma augusta Senhora e outros objectos de serviço de S. A. e de seu augusto esposo.

« Rio de Janeiro, em 20 de abril de 1843.— *Joaquim Francisco Vianna.*»

— 1 de maio de 1843 —

« Hoje ao meio dia no paço da Boa Vista, será celebrado o casamento de S. A. R. o Principe de Joinville com S. A. a Sra. Princeza D. Francisca. O Exm. bispo diocesano terá a honra de dar a benção nupcial aos augustos noivos. São testemunhas os Srs. Visconde de Olinda e Barão de Mont'alegre.»

— 2 de maio de 1843 —

POUR UN AUGUSTE MARIAGE

BALLADE DIALOGUÉE

(Chœur de jeunes Brésiliennes ; le capitaine de la *Belle Poule*)

UNE JEUNE BRÉSILIENNE

C'est l'hirondelle qui vole.

Cette yole
De la frégate au flanc noir ;
Le pavillon tricolore
La décore
Et flotte aux brises du soir ;

Et le brillant capitaine
Sur l'arène
A bondi d'un pied léger ;
Vers nous avec assurance
Il s'avance ;
Sœurs je vais l'interroger.

Helà! mon beau capitaine
Qui t'amène
De si loin sur ton vaisseau?
Crains-tu pour ton équipage
Le naufrage?
A-t-il faim? Faut'il de l'eau?

Non. Dis-nous ce qui t'attire
Dans l'Empire;
De ses produits précieux,
Sucre, café, cochenille,
Ou vanille,
N'es-tu pas ambiteux?

Viens-tu chercher les prémices
Des épices?
Nos toucans, nos colibris?
Le diamant qui scintille?
L'or qui brille?
Le topaze ou le rubis?

LE CAPITAINE

Je ne veux charmante fille
Ni vanille,
Ni vos produits précieux;
Je ne veux point d'oiseaux rares,
D'or en barres,
Ni vos cailloux radieux.

Au pays des Amazones,
Mes mignones,
Je viens chercher mieux encor;
Car je viens chercher la dame
Qui m'enflamme;
Parmi vous est mon trésor,

La très-haute demoiselle
Noble et belle,
Ornement de vos palais,
Est du pur sang de Bragance ;
Sa naissance
Est moindre que ses attraits.

LA BRÉSILIENNE

Quels aveux viens-tu nous faire,
Téméraire !
Oser prétendre à sa foi !
Nos deux fleurs impériales,
Sans égales,
Sont pour des enfants de roi.

LE CAPITAINE

Mon père a sceptre et couronne,
Son nom sonne
Bien haut parmi ceux des rois !

LA BRÉSILIENNE

Si grand que soit ce langage,
Ton ouvrage
En rehausse-t-il les droits ?

LE CAPITAINE

Mes faits en Grèce, en Afrique,
Au Mexique,
Ont eu, dit-on, quelqu'éclat:
Ma *Belle-Poule* fend l'onde,
Furibonde,
Pour voler où l'on se bat !

La France enfin m'a cru digne,
Gloire insigne,
D'une auguste mission ;
Et dans ta roche inhumaine,
Saint Hélène,
J'ai repris Napoléon.

LA BRÉSILIENNE

Mes sœurs il est fils de France !
Sa vaillance
A couvert son nom d'honneur !
Mes sœurs il est digne d'elle !
Qu'on appelle
Les ministres du Seigneur.

Que par un saint hyménée
Entraînée
Elle prenne son essor !
Et qu'à travers l'onde amère
A sa mère
Il conduise son trésor

LE CŒUR DE BRÉSILIENNES

Nos vœux te suivront princesse !
Et sans cesse
Nous prierons pour ton bonheur ;
Car ton bonheur chère idole
Nous console
Et console aussi ta sœur.

La tige où l'on prend la rose
Fraîche éclose
A bientôt une autre fleur;
L'Europe envoie un autre ange,
Doux échange,
Pour consoler l'Empereur.

C. A. TAUNAY.

Rio, 1 Mai 1843.

—4 de maio de 1843—

VERSÃO HOMEOMETRICA

DA

BALLATA EM DIALOGO

do Sr. Carlos Augusto Taunay.

Pelas faustissimas nupcias de suas augustas pessoas.

UMA JOVEN BRAZILEIRA

Voa como uma andorinha
A lanchinha
Da fragata de atra côr.
Lá da tarde ondêa o vento
O ornamento
Da bandeira tricolor.

Seu brioso commandante
N'um instante
Sobre a praia já saltou;
Para nós com segurança
Elle avança;
Perguntá-lo, irmãs, eu vou.

Oh ! meo bello commandante,
Tão distante
Porque vens de mar além ?
Temes ver teus embarcados
Naufragados ?
Pão lhes falta ? Agua não tem ?

Não. O que te ha pois chamado
Neste Estado ?
Suas ricas producções,
Café, assucar, cochonilha
Ou baunilha
Não te infundem ambições ?

Vens buscar drogas cheirosas
Primorosas ?
O tucano, o beija-flôr,
Os topazios, o diamante
Scintillante,
Rubins, ouro em seu fulgor ?

O CAPITÃO DA FRAGATA « BELLE POULE »

Eu não busco, ó linda filha,
Nem baunilha,
Nem productos de primor,
Nem mui raras avesinhas
Nem barrinhas
D'ouro, ou pedras com fulgor.

No paiz das Amazonas
Minhas donas,
Melhor cousa busco eu cá:
Procurar eu venho a dama
Que me inflamma
Entre vós meu bem está

Tem a augusta Alta Donzella
Nobre e bella,
Dos palacios vossos flôr,
Puro sangue Bragantino:
Mais divino
E' seu modo encantador.

A JOVEN BRAZILEIRA

O que tu nos pões patente
Insolente!
Pretender ousas tal mão ?!
Nossas flores Imperiaes
Sem iguaes,
Só de reis p'ra filhos são.

O CAPITÃO

Tem meu pae sceptro e corôa ;
Alto sôa
O seu nome entre o dos reis.

A JOVEN BRAZILEIRA

Se és de tão alta linhagem
Tens coragem,
Que alce o que te dão as leis ?

O CAPITÃO

Entre Gregos, Mexicanos,
e Africanos,
Cousas fiz de alguma luz,
Dizem ; fende o mar bravio
Meu navio
Que onde ha guerra o vôo conduz.

Digno me julgou a França
(Gram lembrança)
De uma augusta commissão ;
Santa Helena, ao teo rochedo
De degredo
Retomei Napoleão.

A JOVEN BRAZILEIRA

Manas é de França filho ;
D'Alto brilho
Se cobrio com seo valor ;
Elle, manas, a merece
Já se apresse
O ministro do Senhor.

Ella em união sagrada
Enlevada,
Suas azas vae soltar ;
E elle á mãe, por campo undoso,
O precioso
Seu thesouro vae levar.

CÔRO DE JOVENS BRAZILEIRAS

O' Princeza os nossos votos
Vão devotos
Te seguir, mil bens rogar ;
Pois á nós, á irmã afflicta
Tua dita
Vem saudades consolar

Onde a rosa desabrochada
Foi tirada ;
Vê-se logo uma outra flôr ;
Outro anjo, à troca bella !
Vem por ella
Consolar o Imperador.

L. V. DE-SIMONI.

— 4 de maio de 1843 —

Sessão Imperial do Encerramento da primeira e abertura da segunda sessão da actual Legislatura em 3 de maio de 1843.

Presidencia do Sr. Barão de Monte Alegre

« Reunidos os Srs. Deputados e Senadores, pelo meio dia, na sala das sessões do senado, são nomeados para a deputação que deve receber a S. M. o Imperador os Srs.

. . . .

« A' uma hora da tarde, annunciando-se a chegada de S. M. o Imperador e da Senhora Princeza Imperial, sahem as deputações a esperal-os á porta do edificio.

« Entrando S. M. o Imperador na sala, é alli pelo recebido Sr. presidente e secretarios, os quaes, unindo-se á deputação, acompanhão o mesmo augusto senhor até o throno, no qual toma assento ; e depois de mandar assentarem-se os Srs. senadores e deputados pronuncia a seguinte falla:

« Augustos e dignissimos senhores representantes da nação.

« Tenho a satisfacção de communicar-vos que no dia 1 do corrente mez foi celebrado nesta capital o casamento da minha prezada irmã, a Princeza D. Francisca, com S. A. R. o Principe de Joinville. De tanto melhor vontade dei o meu consentimento a esta alliança, porque estou certo de que concorrerá ella para estreitar ainda mais os laços de mutua benevolencia e amizade que já existem entre o Brazil e a França. »

. . . .

. . . .

— 13 de maio de 1843 —

No dia 10 do corrente, SS. AA. RR. o Principe e a Princeza de Joinville dignárão-se receber, no paço da cidade, os Francezes que quizerão ter a honra de lhes ser apresentados. N'esta occasião o Sr. Taunay (Theodore), consul e chanceller da legação franceza, dirigio ao Principe a seguinte allocução:

« Monseigneur, les Français qui habitent Rio de Janeiro remercient V. A. R. de l'attention aimable qu'elle a daigné avoir pour eux en les admettant une seconde fois á l'honneur de sa présence; et celle de S. A. R. Madame la Princesse de Joinville les rend doublement heureux. Un intérêt aussi respectueux que puissant nous a toujours attachés à S. A. R. Madame la Princesse de Joinville; et nos sympathies se sont toujours mêlées autour d'elle à l'amour de la nation brésilienne. Les deux parties sont maintenant unies par des liens qui les rapprocheront sans cesse davantage; grâce a vous, Monseigneur, qui, après de glorieux services rendus á la France, nous êtes apparu ici comme son digne représentant.»

« S. A. R. se dignou responder:

« Je suis bien sensible aux sentiments que vous m'exprimez au nom des Français de Rio de Janeiro. La Princesse de Joinville et moi les agréons avec plaisir, et nous en porterons l'expression aux pieds du Roi.

« Nous n'avons pas voulu quitter cette ville sans nous entourer de tous les compatriotes que nous y laissons, pour leur faire nos adieux: nous sommes heureux d'avoir à les remercier de l'empressement qu'ils ont mis à répondre á notre appel; c'est donc un nouveau et précieux témoignage de leur sympathie. Les Français de Rio de Janeiro peuvent être assurés que nous en garderons le souvenir.»

— 14 de maio de 1843 —

« S. A. R. a Princeza de Joinville partio hontem para França na fragataa «Belle Poule» commandada por seu augusto esposo.

« A Princeza, tão querida da sua familia e de todos os Brazileiros, por suas virtudes, sua amabilidade e talento, deixou o seu paiz natal, com a maior saudade.

«Esse sentimento é vivamente correspondido com todos os que tiverão a fortuna de ver, de conhecer S. A. R., e se alguma

cousa póde mitigar a dôr da separação é a certeza de que na augusta familia de França encontrará S. A. R. o mesmo acolhimento, o mesmo amor que no Brazil lhe era tributado.

« Fazendo os mais sinceros votos pela ventura da Princeza brazileira, não somos senão echo de todos os seus patricios.»

A fragata *Belle Poule* fundeou no porto de Brest em 23 de julho de 1843 e no dia 25 o Principe e a Princeza de Joinville seguirão para o Château de Bizy (département de l'Eure), onde se achavão o Rei, a Rainha, Madame Adelaide, a Duqueza de Orléans, o Duque e a Duqueza de Nemours.

Recorramos ao jornal parisiense *Le Figaro* de 28 de março de18 98:

« A França inteira fez aos recem-casados um acolhimento solicito e sympathico. O Principe de Joinville era então o mais popular e mais celebre dos filhos do Rei. Admirava-se o seu caracter leal e cavalheiroso, seu espirito vivo e decidido, sua alegria toda franceza, seu liberalismo sincero, sua profunda dedicação á sua patria, suas proezas em S. Juan d'Ulloa e Vera-Cruz. Agradecia-se-lhe de haver ganho sua cruz da Legião de Honra e suas patentes com actos brilhantes e de preferir a todos os prazeres de Pariz e da Côrte sua rude profissão de marino. A joven Prin, ceza conquistou todos os suffragios com suas virtudes, sua graça-sua belleza e sua intelligencia. Sua estatura elegante, sua testa alta, seus olhos expressivos, sua physionomia alternadamente de uma nobre gravidade e de uma radiante vivacidade, a fazião parecer-se com esta ideal Princeza Maria d'Orléans que cinzelou a estatua de Jeanne d'Arc.»

PARTE VI

D. Marianna e D. Maria Antonia assistirão ao casamento das Princezas D. Francisca com o Principe de Joinville, em 1 de maio de 1843, e D. Januaria com o Sr. Conde de Aquila, em 28 de abril de 1844.

Consta que o Conde de Oriola (Dr. Joaquim Lobo da Silveira agraciado com este titulo desde maio 1820) dizia que o Principe Adalberto da Prussia (o organisador da marinha prussiana, hoje marinha do Imperio allemão), quando em 1842 esteve no Rio de Janeiro, projectára receber em casamento S. A. a Sra Princeza D. Januaria.

D. Marianna e D. Maria Antonia assistirão tambem ás ceremonias do casamento em pessoa no Rio de Janeiro, a 4 de setembro de 1843, da augusta Senhora D. Thereza Christina Maria, Princeza das Duas Sicilias e Bourbon com S. M. o Imperador D. Pedro II.

* * *

A Excellentissima Sra. D. Marianna Carlota de Verna Magalhães Coutinho (que não usava o nome de Coutinho e ás vezes dispensava o de Magalhães por abreviação,) por Imperial Despacho de 5 de maio de 1844 foi agraciada com o titulo de Condessa de Belmonte.

Tendo lido algures 1ª Condessa de Belmonte — observamos que foi effectivamente a primeira pessoa agraciada pelo governo do Brasil com este titulo, aliás existente em Portugal, pois em 1808 vierão para o Brasil com a Rainha, o Principe Regente e

respectivo sequito, regressando para o velho continente antes da Independencia do Brasil, a Condessa de Belmonte e seu esposo o Conde de Belmonte D. Vasco Manoel da Camara, gentilhomen da real camara, agraciado com diversas condecorações e tendo descendentes (Memorias para servir á historia do Reino do Brazil pelo Padre Luiz Gonçalves dos Santos — Lisboa na Impressão Regia — anno 1825).

Esse titular portuguez, de que nos falla o Padre Luiz Gonçalves, esteve, com effeito, no Rio de Janeiro. Chamava-se D. Vasco Manoel de Figueiredo Cabral da Camara. Foi 10º senhor do morgado de Ota, 20º senhor dos Maninhos da Villa de Covilhã, 10º senhor do morgado de Belmonte e do de Santo André, no termo de Azurara. Nasceu em 29 de março de 1767, foi feito 1º Conde de Belmonte em 18 de maio de 1805, acompanhou a Familia Real ao Brasil e com Ella regressou á Portugal. Foi par do Reino em 1820 e falleceu em 10 de novembro de 1830. Casára em 17 de novembro de 1795 com D. Jeronyma Margarida de Noronha, filha de D. José de Noronha, nascida em 27 de novembro de 1762. Essa senhora sobreviveu a seu marido e foi 1ª Condessa de Belmonte da fidalguia portugueza. D. Vasco era descendente em linha recta de João Fernandes Cabral, o irmão mais velho de Pedro Alvares Cabral. Seus descendentes os Condes de Belmonte ainda existem em Portugal; assim pois, parece-nos que o descobridor do Brasil nunca foi senhor de Belmonte, como erradamente se diz.

Entre os ascendentes dos actuaes Condes de Belmonte nota-se Fernandes Cabral, senhor de Belmonte governador e Capitão General de Pernambuco que falleceu da celebre epidimia conhecida pelo nome de *Malês* como se vê do livro inedito de Frey Domingos de Loreto Couto a Desaggravo do Brazil e Gloria de Pernambuco citado pelo Dr. Guilherme Studart no seu opusculo «Documentos para a Historia da Pestilencia da *Bicha de Malês*» — Fortaleza, 1895.

Baldados foram os nossos esforços para saber a procedencia d'este titulo de Condessa de Belmonte, dado á Sra. D. Marianna Carlota de Verna Magalhães Coutinho, visto como Sua Excellencia, na sua ascendencia, nada tinha de commum com a povoa-

ção bahianna d'esse nome e com o rio Belmonte da provincia da Beira em Portugal e muito menos com a cidade de Belmonte, provincia de Cuença, na Hespanha.

A razão do nosso insuccesso encontramos na introducção ao appendice do « Archivo Heraldico Genealogico contendo os extractos das Cartas de Brazões d'Armas passadas no Brazil, antes e depois da Independencia do Imperio » trabalho do Sr. Visconde de Sanches de Baena, o qual nos informa que os livros e registros das Cartas passadas por D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II até 1848, desappareceerão do cartorio do Escrivão da nobreza e fidalguia do Imperio — Possidonio Carneiro da Fonseca Costa.

Sabemos que em Hespanha houve titulares com o nome de Belmonte e conforme nos diz D. Antonio Caetano de Souza na *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* (tomo IX pag. 31), D. Josepha Antonia de Portugal e Toledo casou no anno de 1697 com D. Manuel Gaspar Sandoval Giron, Marquez de Belmonte, Gentilhomen da Camara d'El-Rey Carlos II, com exercicio, e depois Duque de Uzeda.

N'um livro de Charles Paya intitulado « Naples 1830 — 1857 » publicado em Paris pela casa Jules Laisné, no anno de 1858, diz-se que no meiado de 1814 o Principe Fernando reassumira o poder e substituira os ministros constitucionaes por ministros retrogrados ; então o Principe de Belmonte, querendo tentar um ultimo esforço em favor dos liberaes, seguio para Londres com o Duque de Orléans (posteriormente o Rei dos Francezes Luiz Felippe I°, sempre do partido liberal), mas Belmonte falleceu em Paris e o Duque de Orleans achava-se n'uma posição delicada para agir por si só.

Em maio de 1897, o conselheiro auditor da Nunciatura em Pariz era Monsenhor Granito dé Belmonte.

No Archivo Publico do Rio de Janeiro encontramos o theor da mercê feita a D. Marianna.

DECRETO

« Attendendo aos bons serviços que tem prestado a Camareira-Mór Dona Marianna Carlota Verna de Magalhães, e querendo dar-lhe um publico testemunho da consideração em que os tenho:

Hei por bem fazer-lhe mercê do titulo de Condessa de Belmonte, em sua vida. José Carlos Pereira de Almeida Torres, do meu Conselho do Estado, Ministro e Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, assim o tenha entendido e faça executar com os despachos necessarios.— Palacio do Rio de Janeiro em 5 de maio de 1844, vigesimo terceiro da Independencia e do Imperio. »

IMPERADOR

José Carlos Pereira de Almeida Torres

P. C. em 9 de maio de 1844. Reg. a fl. 173 v., Liv. 16.

Os descendentes da Sra. D. Marianna conservárão o documento seguinte:

« Dom Pedro, por Graça de Deos, e Unanime Acclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil Faço saber aos que esta Minha Carta virem que attendendo aos bons serviços que tem prestado a Camareira-Mór dona Marianna Carlota de Verna Magalhães e querendo dar-lhe um testemunho publico da consideração em que os tenho: Hei por bem fazer-lhe Mercê do titulo de Condessa de Belmonte, em sua vida. E quero e mando que a referida Dona Marianna Carlota de Verna Magalhães se chame Condessa de Belmonte d'aqui em diante, e que com o dito titulo goze de todas as honras, privilegios, isenções, liberdades, e franquezas que hão e tem, e de que usão, e sempre usarão os Condes, e que de direito, lhe pertencerem. E por firmeza de tudo o que dito he lhe mandei dar esta carta por mim assignada e sellada com o sello pendente das Armas Imperiaes. Pagou de Novos e Velhos Direitos quatrocentos e doze mil reis que forão lançados no Livro de Receita dos Direitos de Chancellaria, como consta do respectivo Conhecimento em forma passado na data de hojo. Dado no Palacio do Rio de Janeiro aos nove de maio anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oitocentos e quarenta e quatro, vigesimo terceiro da Independencia e do Imperio.

IMPERADOR

José Carlos Pereira de Almeida Torres.

Carta pela qual Vossa Magestade Imperial ha por bem fazer Mercê á Camareira-Mór Dona Marianna Carlota de Verna Magalhães do Titulo de Condessa de Belmonte, em sua vida, como acima se declara.

Para Vossa Magestade ver.

No verso da dita carta se achão os dizeres nos termos que se seguem :

Por decreto de 5 de maio da 1844 — *Manoel Al. Branco.*

Sellado na Chancellaria do Imperio em 10 de maio de 1844.

João Carneiro de Campos.

Rgd[l].

Nº 191

48$040

Regda. a fl. 153 vº Lº 8 de Leis, Alvarás e Cartas. Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio em 10 de maio de 1844.

Joaquim Xavier Garcia de Almeida

Pg. quarenta e oito mil e quarenta reis de sello.

Rio 10 de maio de 1844.

A. Vianna Jr.

Albino dos Santos Pereira a fez.

*
* *

A 13 de julho de 1847 ás 6 1/2 da manhã nasceu no Rio de Janeiro S. A. a Sra. D. Leopoldina e no dia 1 de setembro seguinte a Sra. Condessa de Belmonte recebia uma carta n'estes termos :

« Havendo sua Magestade Imperial por bem, que V. E. sirva de representante de sua Alteza Real a Senhora Princeza de Joinville para levar em nome d'esta, como madrinha, á Fonte Baptismal, a Serenissima Princeza Recemnascida, assim o communico a V. E. para seu conhecimento e satisfação remettendo a V. E. a respectiva procuração e hum exemplar do Programma que se ha de observar, afim de que V. E. possa por elle dirigir-se. Deos Guarde a V. E. Paço em 1 de setembro de 1847 (assignado) *Manoel Al. Branco.*»

A 7 de setembro, effectuou-se o acto do Baptismo, sendo o Principe de Joinville representado pelo Sr. de Butenval e a Princeza pela Condessa de Belmonte.

Tivemos em mão o referido instrumento de procuração feito em 21 de abril de 1847 no palacio dos Tuileries pelo tabellião Mr. Philippe Deutend de Paris.

No acto do baptismo de S. A. o Principe D. Pedro Affonso, o padrinho foi representado pelo Visconde depois Marquez de Olinda e a madrinha pela Sra. Condessa de Belmonte.

* * *

Na memoria do Dr. Moreira de Azevedo « Os Tumulos de um Claustro » (tomo XXIX da Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro) lê-se o seguinte :

« A' uma hora e trinta e cinco minutos da tarde do dia 23 de fevereiro de 1845 a população do Rio de Janeiro encheu-se de jubilo, e saudou com regozijo o nascimento de um principe herdeiro do throno do Brazil; cantou-se na Capella Imperial um *Te-Deum* em acção de graças, e tres noites consecutivas illuminou-se todo a cidade.

« O dia 25 de março desse anno tornou-se duplicadamente memoravel, festejando-se nelle o anniversario da nossa organisação politica e o baptizado do principe, que recebeu na pia o nome de Affonso, em memoria de D. Affonso, filho do mestre de Aviz, o qual lançou o fundamento à casa de Bragança. Foram padrinhos do principe recem nascido o rei dos francezes D. Luiz Felippe e S. M. a Duqueza de Bragança; festejando o povo o baptizado do principe com brilhantes luminarias, que se repetiram cinco noites consecutivas.

« Mas é destino da casa de Bragança não occupar o primogenito o throno dos seus avós ; o primeiro Principe que nasce vai apressado voando para o céo a annunciar as virtudes dos seus progenitores. O principe, cujo nascimento fôra festejado com tanta alegria e regosijo, por ser um novo penhor de ventura, de ordem e prosperidade para a terra de Santa Cruz, pouco

viveu; deixou de existir ás 5 1/2 horas da tarde de 11 de junho de 1847. O povo triste e silencioso viu passar o prestito funebre que acompanhou o corpo do principe no dia 14 ao convento de Santo Antonio, manifestando a consternação geral o amor e adhesão que os brasileiros tributam á familia imperial.

« Em 19 de julho de 1848, pelas 8 horas da manhã, quiz Deus dar ao Brazil um novo principe, que recebeu o baptismo em 4 de outubro, tendo por padrinhos o Imperador da Austria e a Imperatriz viuva Duqueza de Bragança. Mas o recem-nascido principe D. Pedro não estava destinado pela Providencia para empunhar o sceptro sustentado gloriosamente por seu augusto pai; Deus chamou-o cedo para o céo, destinando-o talvez para ser nas alturas celestes o anjo abençoador da terra de Santa Cruz. Falleceu o principe prematuramente na fazenda de Santa Cruz, ás 4 horas e 20 minutos da manhã do dia 10 de janeiro de 1850, e, depois das ceremonias usadas em taes actos, ficou depositado o seu corpo na capella da Sacra Familia no claustro do convento de Santo Antonio, onde dormia o somno dos anjinhos o principe seu irmão. »

Além d'estes dous filhos varões S. S. M. M. o Sr. D. Pedro II e sua augusta consorte — tiverão mais duas filhas:

1.º S. A. a Princeza Imperial Srª. D. Izabel Christina Leopoldina Augusta Michaela Gabriela Raphaela Gonzaga, *a Redemptora*, nascida em 29 de julho de 1846 no palacio da Quinta da Boa Vista em são Christovão na capital do Imperio e casada em 15 de outubro de 1864 com S. A. R. o Sr. Principe D. Luiz Felippe Maria Fernando Gastão d'Orleans, Conde d'Eu, nascido em 28 de abril de 1842 no castello de Neuilly em França. Tiverão a seguinte descendencia:

a) S. A. I. o Principe do Grão-Pará, Sr. D. Pedro de Alcantara Luiz Felippe Maria Gastão Miguel Gabriel Raphael Gonzaga; nascido em 15 de outubro de 1875, em Petropolis, provincia do Rio de Janeiro.

b) S. A. o Principe Sr. D. Luiz Felippe Pedro de Alcantara Gastão Miguel Raphael Gonzaga; nascido em 26 de janeiro de 1878, em Petropolis, provincia do Rio de Janeiro.

c) S. A. o Principe Sr. D. Antonio Gastão Felippe Francisco de Assis Maria Miguel Gabriel Raphael Gonzaga; nascido em 9 de agosto de 1881, em Pariz.

2.º S. A. a Princeza Srª. D. Leopoldina Theresa Francisca Carolina Michaela Gabriela Raphaela Gonzaga, nascida em 13 de julho de 1847 no palacio da Quinta da Boa Vista em S. Christovão (Rio de Janeiro) e casada em 15 de dezembro de 1864 com S. A. o Principe D. Luiz Augusto Maria Eudes de Coburgo e Gotha, Duque de Saxe, nascido em 9 de agosto de 1843, em Vienna d'Austria.

A Princeza falleceu em 7 de fevereiro de 1871, em Vienna d'Austria, sendo o seu cadaver trasladado para a cidade de Coburgo, na Allemanha, onde repousa. Deixou os seguintes filhos:

a) S. A. o Principe Sr. D. Pedro Augusto Luiz Maria Miguel Gabriel Raphael Gonzaga; formado em Engenharia Civil pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro. Nasceu em 19 de março de 1866 no Rio de Janeiro.

b) S. A. o Principe Sr. D. Augusto Leopoldo Felippe Maria Miguel Gábriel Raphael Gonzaga; 2º tenente da Marinha Imperial. Nasceu em 6 de dezembro de 1867, na cidade de Petropolis, provincia do Rio de Janeiro, e casou-se com S. A. a Princeza Maria Annunciata da Toscana.

c) S. A. o Principe Sr. D. José Fernando Francisco Maria Miguel Raphael Gonzaga, na Europa, em companhia do seu avô paterno. Nasceu em 21 de maio de 1869, no Rio de Janeiro. Falleceu na Europa em 13 de agosto de 1888.

d) S. A. o Principe Sr. D. Luiz Gastão Clemente Maria Miguel Gabriel Raphael Gonzaga, tambem em companhia de seu avô, na Europa. Nasceu em 16 de setembro de 1870, no Castello de Ebenthal, na Austria, Europa.

* * *

O Principe Alberto, Augusto Consorte de S. M. a Rainha Victoria do Reino Unido da Grã Bretanha, tido como *Incomparavel modelo de honra e virtude* entregou sua alma ao Creador no Domingo 18 de dezembro de 1861. Nascêra em 26 de agosto de 1819

e tinha apenas 5 annos quando em 1824 uma separação seguida em 1826 do divorcio effectivo do Duque e da Duqueza, seus pais, fez com que Sua Alteza nunca mais tornasse a ver sua mãi.

O Sr. D. Pedro II tinha um anno quando perdeu a sua augusta progenitriz e em tão tenra idade quem melhor conhecia, aliás materialmente, foi a Catharina sua ama de leite e depois sem duvida a Sra. D. Marianna, que d'elle cuidára constantemente desde o nascimento, assim como tambem o fez certamente a Sra D. Maria Antonia. A Imperial criança bem pouco conheceu a sua propria mãi e na idade de um anno não ha de ter sentido a falta d'ella.

* * *

Parece-nos dever aqui transcrever alguns trechos da biographia apresentada em concurso pelo Sr. Conselheiro Christiano Benedicto Ottoni ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro em setembro de 1892 ,— trabalho que não foi approvado.

Disse S. Ex. acerca do Sr. D. Pedro II:

« Nascido a 2 de dezembro de 1825, acclamado Imperador a 7 de abril de 1831, n'este primeiro periodo de cinco annos foi a sua vida simplesmente a vida triste de uma criança sem mãi, tão triste, talvez mais, que a do filho do povo que em tenra idade perde a sua ; tinha apenas alguns mezes, quando morreu a Imperatriz Leopoldina.

« Esta condição de filho sem mãi teve grande influencia sobre as suas qualidades e temperamento.

« Sustenta o philosopho *Helvetius* que o futuro da criança não depende da organisação, da hereditariedade, da indole innata, sómente da educação; considerando como tal, não simplesmente o ensino, mas o complexo das impressões que recebe o Infante desde o berço: exemplos, carinhos, reprehensões, palestras, as relações entre os pais e irmãos, a attitude das visitas, dos famulos, tudo o que vê e ouve, tudo concorre, pensa o citado escriptor, para a formação do caracter.

« Eu não acceito sem reservas a doutrina do philosopho suisso; concedo alguma cousa ao atavismo ; mas, concorrendo com elle

todas as impressões do ambiente, parece-me que o desenvolvimento das qualidades do coração depende principalmente, quasi exclusivamente, da mãi. O regaço, o sorriso, os carinhos, as reprehensões, as cantigas com que o embala, a escolha das historias da carochinha que lhe conta, o tom em que se dirige a outros em sua presença, tudo influe para formar e dirigir o coração do infante.

« D. Pedro II não teve mãi ; o pai, naquelle tempo, embaraçado com as rebelliões das provincias, com a opposição do Parlamento, com o enforcamento de Ratcliff, com a Marqueza de Santos, com os mil cuidados do governo e das suas paixões, não pensou no meio de substituil-a, quanto possivel.

Entre as Damas e Camareiras do Paço havia sem duvida senhoras de fina educação e boa sociedade. Essas Damas com certeza não maltratavão o imperial menino ; mas faltava-lhes o interesse e a autoridade materna, que nada substitue. Revesavão o serviço, e cada uma naturalmente o fazia seu *enfant gâté*. A criadagem inferior, submettendo-se a todos os caprichos do *Senhor moço* acabava de estragal-o.

« A Imperatriz Amelia, sua madrasta, de nada lhe serviu. Senhora formosissima, instruida, mui dedicada ao marido, nos quatro mezes que unicamente aqui se demorou (ha equivoco, forão quatorze mezes) entregue á sua lua de mel e ás preoccupações que já fazião prever a quéda do querido esposo, mal podia ella pensar que tinha um enteado ; e este tendo-a visto apenas uma ou duas vezes por dia, se tanto, não tinha motivo para crear-lhe affecto :

« Encontrando-a em Lisboa, muitos annos depois, ajoelhou-se e dizem que chorou ; se foi isso verdade, serião as lagrimas, como a genuflexão, uma das scenas da comedia da vida, que elle, como Augusto em Roma, podia terminar exclamando — « E então ! não desempenhei bem o meu papel ? »

« Em conclusão, o theor da vida que viveu D. Pedro II nos seus primeiros annos, (de 2 de dezembro de 1825 a 7 de abril de 1831) atrophiou-lhe o coração ; ver-se-hão as consequencias na continuação deste trabalho.

. . . .

« Tambem não consta tivesse o imperial menino manifestado a pessoa alguma verdadeira affeição. A gente do Paço fallava de um criado velho, inglez, que lhe fôra verdadeira ama secca e o extremecia como se fôra seu filho. Mais tarde, no tempo da menoridade, pediu este ancião uma licença de alguns mezes para ir á Europa; e regressando, de joelhos, abraçava chorando as pernas do amosinho que apenas lhe disse com indifferença: « Ah! ja vieste?». Em todo o tempo da ausencia não perguntára uma só vez: « ha noticia de fulano? » Accrescentou esta nota « conheci este velho, morto a muitos annos; mais esqueci o nome ».

Somos levados a crer que no ultimo trecho transcripto se trata de Richard Schelley, que fôra mandado vir para fallar inglez com o Imperador D. Pedro II, quando menino. N'uma relação dos criados particulares em 1833 figura elle com o ordenado mensal de 27$500, em outra de 1836 se vê que de 40$ passou a ter 80$ mensaes. Era de uma dedicação extraordinaria a seu amo, chegando — quando elle se achava doente e recusava algum remedio a proval-o primeiro, conseguindo assim resolver Sua Magestade a tomar o que lhe tinha sido receitado. Foi feito official da Casa Imperial por alvará datado de S. Paulo em 11 de março de 1846, sendo casado com D. Maria José de Verna e Bilsten açafata com 60$ de emolumentos mensaes n'uma lista de 1831 e depois Dama com maiores emolumentos, a qual sobreviveu muitos annos a seu marido e sem posteridade, tendo seu filho unico fallecido aos 14 annos de idade. Richard Schelley e D. Maria José conservarão-se sempre amigos sinceramente gratos da Sra. D. Marianna protectora d'elles como fôra tambem dos sobrinhos os Verna Bilsten que fez nomear Veador e Guarda, roupa e dos sobrinhos-netos para os quaes obteve a mercê de serem feitos Moços da Imperial Camara, etc.

« No opusculo encerrando a serie de artigos publicados no *Jornal do Commercio* de 19, 21, e 23 de agosto de 1893 analysando o trabalho escripto pelo Sr. Conselheiro C. B. Ottoni a titulo de Biographia do Sr. D. Pedro II, o autor Sylvio Tullio (Visconde de Saboia) á proposito dos trechos por nós reproduzidos diz:

« Tudo isto é simplesmente funambulesco e não passa mesmo de uma historia chula e grotesca da carochinha. Assim pois um

filho que, com mezes, teve a desgraça de perder a mãi está, segundo o Sr. Ottoni, comdemnado a ficar com o coração atrophiado, isto sem replica, nem aggravo, ainda mesmo que seja entregue á vigilancia e solicitude de uma senhora meiga, honesta, intelligente, e digna como foi a Condessa de Belmonte, que nunca se descuidou de dispensar ao futuro Imperador todos os cuidados possiveis e soube incutir-lhe as distinctas e nobilissimas maneiras que jámais lhe faltaram até aos ultimos dias da vida !

....

«J. J. Rousseau, abstrahindo mesmo dos paradoxos do seu *Emilio*, havia de ficar maravilhado se taes proposições chegassem no fim de quasi duzentos annos de progresso da humanidade, aos seus ouvidos; e é julgar muito baixo o sentimento de responsabilidade moral para que não se tenha em conta o interesse immenso que a todos se impunha a bem da mais apurada educação do infante a quem estava destinada a mais elevada posição do paiz.

« São necessarias, no meu entender, outras razões para se adimittir que o imperial menino aos 5 annos de idade estivesse com o coração atrophiado e com o caracter estragado. »

....

Não faremos commentarios inuteis, a verdade sempre apparece.

* * *

« No importante trabalho biographico *Um Estadista do Imperio* Nabuco de Araujo por seu filho Joaquim Nabuco lemos:

« Nabuco tinha só dez annos quando perdeu a mãi.

....

« A ella deveu elle seguramente a parte imaginativa da sua natureza; seu pai tinha a disposição, ainda que muito affectuosa e sensivel, reservada, methodica, regrada de um empregado antigo, a obediencia, a subordinação, o gesto da mediania, o respeito hierarchico, a regularidade de habito; é da mãi que elle tirou a iniciativa, a independencia de espirito, a ambição de

gloria, o amor da boa companhia, o desejo de agradar, a seducção pessoal: a perda da mãi na infancia é um acontecimento fundamental da vida dos que transformão o homem, mesmo quando elle não tem consciencia do abalo. Desde esse dia ficava decidido que Nabuco pertenceria à forte familia dos que se fazem asperamente por si mesmos, dos que anceam por deixar o estreito conchego da casa e procurar abrigo no vasto deserto do mundo, em opposição aos que contrahem na intimidade maternal o instincto domestico predominante.

« Hercules não se preoccupava de deixar os filhos na orphandade, diz-nos Epiteto, porque sabia que não ha orphãos no mundo. Em nossa politica e em nossa sociedade pelo menos tem sido essa a regra : são os orphãos, os abandonados, que vencem a luta, sobem e governam.

« Com a morte da mãi, Nabuco fica desde menino entregue a si mesmo; as influencias que lhe têm de modelar o caracter, não são mais as influencias do lar, são todas externas. Do pai viuvo para o filho não havia insinuação de sentimentos, havia o exemplo nada mais. »

....

* * *

Vem comtudo a pello transcrever aqui novos trechos do curioso escripto de Joaquim Pinto de Campos publicado em 1862:

« Nunca o Sr. D. Pedro II (desde a mais tenra edade' pelo menos desde que teve uso de razão) se mostrou agastado' nem patenteou colera contra os seus proprios criados, ainda os da infima classe. Com este Soberano, nunca foi mister appellar de Philipe para Phillipe, onde outros achariam motivo para punição ou asperas reprehensões, fecha os olhos, ou, quando muito, submette, em forma dubitativa, umas advertencias com tal brandura e tão paternal benevolencia, que dá jús ao culpado de hesitar se commettera culpa.

« Um alto servidor de S. M. I., cavalheiro de fina educação e habitos delicadissimos, narrando factos comprobativos desta

brandura de tracto, nos dizia: « E' cousa admiravel! Eu ás vezes não posso conter-me diante de faltas commettidas no Paço: e o Imperador nunca se zanga! A que ponto isto chega fôra mister ver para crêr.

« Diz Melle Celliez, do Imperador: « Nunca de sua bocca se ouvio sahir uma phrase offensiva, uma palavra aspera, nada que possa ferir um coração, ou um amor proprio; sempre a mesma cordialidade, sempre a mesma polidez, sempre a mesma indulgencia, e por sobretudo sempre a mesma vigilancia, e a actividade do chefe de familia applicada á direcção do Imperio Constitucional. »

« Pertence áquella ordem de nobres sentimentos outro que dá origem a um facto assaz digno de notar-se e que todos os ministros da Justiça têm tido occasião de por si verificar. Ouçamos o que sobre elle nos dizia um dos ultimos, intelligencia elevada, caracter energico, recta consciencia: — « O que acontecêra com os meus antecessores, comigo succedeu. Apresentaram-se-me casos, daquelles em que eu entendia a necessidade de que *gemesse* a humanidade, para que a justiça *folgasse*. Offereci a penna ao Imperador, supplicando-lhe que subscrevesse, em casos mais graves, sentenças de morte proferidas pelos tribunaes. A resposta era constantemente um adiamento. Se eu insistia, passava S. M. a um minucioso exame do assumpto; depois vinham observações, duvidas e pretextos moraes; finalmente ponderava que não via mais formosa prerogtiva no poder moderador, e até no magestatico, do que a do perdão; quando não havia mais discussão possivel recusava a assignatura, em taes casos, quem geralmente em todos os outros tão ampla liberdade de pensamento, e acção deixava aos ministros responsaveis.

« Póde dizer-se que, embora figure em nossos codigos a pena de morte, ella, com este soberano, está quasi de facto abolida. »

« Por isto emanou sempre daquelle coração magnanimo a iniciativa do pensamento de amnistia, quando espiritos desvairados viram sobre elles descarregado o gladio da lei.

« E' porque no espirito do Imperador não ha mais proeminente feição, que a da caridade. A sua beneficencia é sem

limites, quantas familias ahi vivem á custa de seus cofres! que innumeraveis pensões não pesam sobre sua parca dotação! Quando todos os cidadãos se queixam de que o geral progressivo encarecimento os fórça a diligenciar que os seus rendimentos se elevem, só uma verba ha que, atravez de todos os tempos, permanece invariavel, sem que appareça quem demova o augusto animo de retirar o seu veto a qualquer idéa de augmento: é a dotação da casa imperial.

« O seu bolsinho é o *monte-pio* de numerosa pobreza, a quem acolhe com piedade inimitavel; sendo certo que a sua liberalidade para com os pobres, os estabelecimentos pios, e as emprezas de grande interesse nacional lhe absorve, uns após outros, todos seus haveres.

« Sobredoiram-se estes actos beneficos com o preceito evangelico: — não sabe a mão esquerda o que a direita praticou.

« O Imperador anima e ampara os talentos privados; dá meios de instruir-se. Ahi estão figurando, e prestando serviço ao Estado, muitos que á sua custa estudaram no Imperio e fóra delle.»

Continuamos a recorrer ao trabalho do Sr. Joaquim Pinto de Campos, onde lemos:

« Ainda outro facto não menos sympathico e honroso que participa de lettras, e de moral, narrado frequentemente com enthusiasmo e admiração pelo proprio com quem se passou. A uma das mais elevadas capacidades scientificas do Rio da Prata, em amigavel conversação, perguntava o Sr. D. Pedro II em que se tinha ultimamente occupado?

« Respondendo-lhe o estrangeiro que n'uma obra sobre determinado assumpto, a qual já levava adiantada, perguntou-lhe ainda S. M. se a não poderia ler? Não, imperial senhor (tornou o interlocutor), pois tem capitulos que eu não desejaria que fossem vistos antes de minha morte.» Podem-se conciliar os desejos de ambos (redargiu-lhe o Sr. D. Pedro), confie-me o autographo, indicando quaes os capitulos indefesos, e eu verei o resto.» Não havia possibilidade de protrahir a duvida; entregou o manuscripto, com a indicação requerida, o qual foi logo lacrado; no dia seguinte ordenou a um de seus camaristas que lh'o lesse em alta voz, sem passar olhos pelos capitulos vedados e finda

a leitura, tornou-se a guardar o inedito. Logo no immediato dia restituiu o livro a seu autor, dizendo-lhe singelamente ; — « Eis aqui seu manuscripto, não li os capitulos que me indicou. » Este acto, apparentemente insignificante, era pelo estrangeiro citado como um famoso rasgo de alta integridade de caracter, e modelo de rectos sentimentos. E realmente (*si parva licet componere magnis*), faz este facto recordar aquelle que de Julio Cezar citam como exemplo de magnanimidade, quando queimou, de boa fé, e sem ler, as cartas de Pharsalia tomadas na carteira de Pompêo Magno. » (Plinio o velho 11, 26) »

Joaquim Pinto de Campos fez tambem as ponderações seguintes :

« A alimentação é para o Imperador uma aborrecida obrigação da natureza animal; contenta-se com qualquer nutrição, indifferentemente tomada, em poucos minutos de mesa; não são por certo as necessidades do Imperador, que sobrecarregarão vastas ucharias. Todos os outros habitos são não menos, talvez, demasiadamente modestos. Os paços da cidade e de S. Christovão eram em tempos afastados residencias particulares, e nem hoje (1862) merecem outro nome; carecem de todas as commodidades, faltando-lhes até a decoração externa ! frequentes vezes se lhe tem representado que a dignidade da nação demanda que o seu chefe esteja alojado, e viva como soberano de um grande Imperio. Responde constantemente não ter meios pessoaes para maiores grandezas e não querer que o Estado contribua com gastos da residencia imperial.

« Muitos estadistas tem nobre, opportuna e importunamente instado com S. M. para que consinta se fixe uma quota no orçamento para construcção de um paço condigno. Entre esses se distingue o finado Marquez de Paraná, declarando ser opinião unanime de seus amigos, que tal obra se não podia por mais tempo adiar ; achou, porém, tão energica negativa (ao ponto de ouvir poder insistencia tal gerar uma crise) que o Marquez, não obstante a tenacidade em suas idéas, teve de respeitar o nobre impulso que motivava á recusa. »

« Em 1846, diz Joaquim Manoel de Macedo, celebrou-se o casamento da princeza a Sra. D. Januaria com o Sr. Conde de

Aquila, Principe das Duas Secilias, que ficarão residindo em todo o tempo que estiverão no Rio de Janeiro naquella parte do palacio imperial que fora outr'ora convento dos Carmelitas. »

« No reinado do Sr. D. Pedro II o Brazil tem visto com ufania o palacio imperial hospedando dignamente as sciencias, as lettras e as artes.

« Em uma das salas principaes do palacio celebrava a imperial sociedade de Medicina, e celebra o Instituto historico e geographico Brazileiro as suas sessões anniversarias.

« Desde o dia 15 de dezembro de 1849 o mesmo Instituto recebeu no segundo andar do antigo Convento do Carmo as accommodações necessarias para a celebração de suas sessões ordinarias e para a sua bibliotheca e archivo e além desta graça muito especial, que tanto o distinguiu, o Imperador, seu primeiro socio, começou desta data em diante a presidir constantemente os seus trabalhos e a tomar nelles parte com um interesse tão glorioso como patriotico.

« No pavimento inferior do palacio imperial tem sido em algumas salas hospedados artistas de merecimento; em uma dellas via-se ainda não ha muitos annos, o habilissimo Petrich, manejando o cinzel e o martello, dar vida ao marmore e transformar a pedra informe em bellas estatuas. »

« Em 1840, diz Joaquim Manoel de Macedo, o Imperador foi proclamado *maior* e o palacio imperial abriu suas salas á côrte, que se apressou, mais do que nos nove annos que havião corrido desde 1831, a vir cercar o throno da magestade. »

* * *

Em Leipsig foi impresso em 1857 por B. G. Teubner um interessante trabalho intitulado: *Notice Biographique sur Son Altesse Impériale Dona Marie Amélie de Bragance Princesse du Brésil.*

A filha do Sr. D. Pedro Duque de Bragança, que fôra D. Pedro I do Brazil e IV de Portugal, e da Sra. Duqueza de Bragança que fôra 2ª Imperatriz do Brazil, nascera em Paris a

1 de dezembro de 1831 e falleceu a 4 de fevereiro de 1853 em Funchal, na ilha da Madeira.

Na pia baptismal recebera os nomes de Maria Amelia Augusta Eugenia Josephina Luiza Deolinda Heloisa Francisca Xavier de Paula Gabriela Raphaela Gonzaga.

« Favorisée de tous les dons de la fortune, de la jeunesse et de la beauté, la Princesse Marie Amélie quitta la vie avec la calme et précise résignation d'une Sainte.

« Cette mort fut le couronnement douloureux et sublime d'une éducation accomplie, d'une éducation chrétienne dans sa plus haute perfection.

« Rappeler le souvenir des qualités éminentes de cette Princesse pour la consolation de qui l'a aimée et la pleure; révéler des vertus ignorées pour l'exemple et l'édification de tous, tel est le but de cette notice. »

Poderiamos lançar mão de outros topicos do alludido escripto para mostrar quanto era extremoso Pai o Sr. D. Pedro Duque de Bragança e quanto foi sublime a Augusta Senhora D. Amelia como mãi e amiga de todos, mórmente dos seus enteados, tendo sabido incutir a sua filha os sentimentos que adornavam-na. Limitar-nos-hemos aos trechos seguintes:

« Vers la fin du mois de décembre (1852) Dona Marie Amélie écrivit à son frère l'Empereur du Brésil (D. Pedro II o Augusto Principe de quem nos occupamos e que jamais viu) à la Reine de Portugal et à ses autres soeurs.....................

« Le 20 janvier 1853 ayant reçu une lettre très affectueuse de la Reine D. Marie II la Princesse en fut profondément émue et dit: « ma soeur Marie m'aime beaucoup et moi aussi je l'aime tendrement ».

« Peu de temps avant de mourir, montrant la bague qu'elle portait encore à son doigt amaigri: n'oublies-pas, dit-elle, de me la faire ôter avant de me mettre au cercueil. Cette bague était destinée à sa soeur la Princesse de Joinville. »

D. Maria II acompanhou de perto a sua irmã D. Maria Amelia, pois falleceu em Lisboa em 15 de novembro de 1853, deixando El-Rei Consorte D. Fernando com quem se casára em 1836 e seus filhos os Principes D. Pedro, que lhe succedeu, e D. Luiz

que tambem reinou e deixou a corôa a seu filho D. Carlos, actualmente, no throno de Portugal. Do seu primeiro e curto matrimonio, em 1835, com o Principe Augusto de Leuchtenberg não teve descendencia.

A Duqueza de Bragança, que fôra 2ª Imperatriz do Brazil, enviuvou em 23 de setembro, de 1834 em Lisboa, onde ficou vivendo com a pensão annual de 50:000$ que por decreto de 19 de junho de 1839 se havia estabelecido no Brasil e que recebeu até fallecer, a 26 de janeiro de 1873, no Palacio das Janellas Verdes; tendo tido, porém, a satisfação de ver apóz 21 annos de separação o querido enteado que lhe inspirára a carta tocante e primorosa dias depois de 7 de abril de 1831. O Sr. D. Pedro II que tinha muito affecto por D. Amelia, sua Augusta madrasta, ao encontral-a quando a foi visitar, cahiu de joelhos e chorou, segundo se disse.

No livro « Viagem dos Imperadores do Brazil em Portugal » (por José Alberto Côrte Real, Manoel Antonio da Silva Rocha e Augusto Mendes Simões de Castro — Coimbra — Imprensa da Universidade — 1872) encontramos o seguinte:

« El-Rei D. Luiz offereceu-lhes a corveta *Estephania* mandada apparelhar pelo governo para a quarentena dos monarchas brazileiros ; mas o Imperador respondeu como já havia feito a El-Rei D. Fernando — « agradeço muito tamanho obsequio, mas não posso acceitar. Hei de sujeitar-me á lei commum, cumprindo a quarentena com os meus companheiros de viagem. Aqui não sou mais que Pedro de Bragança » — Depois accrescentou: — « Finda a quarentena só me demoro um dia em Lisboa para os visitar, e a Sua Magestade a Imperatriz viuva, e vou aproveitar a estação na visita ao norte da Europa e nas principaes cidades. A' volta hei de então demorar-me mais aqui em sua companhia. »

O que acabamos de narrar passou-se no dia 12 de maio de 1871 e o desembarque de Suas Magestades realizou-se no dia 20 — Não cabe aqui reproduzir a descripção feita do sequito de cento e tantas carruagens além das da casa real acompanhadas das musicas regimentaes e tão sómente a parte interessando o presente trabalho:

« O cortejo chegou ao Rocio, onde formava a guarnição, compondo magestoso quadro com o brilho de suas armas e far-

damentos. O Imperador tinha na frente a estatua do Imperador Pedro IV, seu augusto pai. Poz-se em pé, descobriu-se e cortejou reverentemente o monumento, dedicando-lhe alguns momento de contemplação. Esta scena tocante fez palpitar mais de um coração.

« Em seguida o cortejo deu volta ao Rocio. A tropa apresentava armas, e as musicas tocavam. O Imperador viu e admirou a bella fachada do theatro de D. Maria II, e seguiu pelo lado oriental e sul para a rua nova do Carmo, e Chiado, em direcção ao palacio de Sua Magestade a Imperatriz viuva, sua augusta madrasta.

« Chegados alli, realisou-se a desejada entrevista, que durou cerca de uma hora, deixando em extremo sensibilisada a nobre e veneranda senhora, como não podia deixar de ser, vendo, depois de tantos annos de separação, o filho de seu chorado esposo.

« Eram os primeiros passos do Imperador, em Lisboa, evidentemente guiados pelo entranhado sentimento de amor filial. Dos braços da Imperatriz, sua madrasta, passou a visitar o tumulo de seu pai. Foram pois a S. Vicente de Fóra, onde se acha o jazigo dos reis e principes da casa de Bragança.

« Entrando em S. Vicente, o Imperador dirigiu-se logo ao jazigo real, pedindo que lhe indicassem o caixão, em que repousavam os restos mortaes do Imperador seu pai; Quando lho mostraram, ajoelhou reverente, e, manifestando profunda commoção, assim esteve orando por algum tempo.

« O povo que affluiu a S. Vicente, quando soube que por alli se dirigia o Imperador, e que entrara no jazigo, junctamente com elle ajoelhou tambem.

« Era um espectaculo commovente o que apresentava toda aquella multidão ajoelhada e orando juncto do caixão do rei soldado.

« O Imperador pedio depois que lhe indicassem os caixões da senhora D. Maria II e dos senhores D. Pedro V e infante D. João.

« A 7 de março de 1872 os soberanos brazileiros havendo chegado a Lisboa na vespera ás 9 horas e 38 minutos da tarde

teve lugar a segunda visita. Ás 11 horas o Imperador e a Imperatriz, trajando esta um vestido de seda cinzento e chapeu de tule preto, acompanhados pela sua comitiva dirigiram-se para o palacio das Janellas Verdes afim de visitarem a Imperatriz viuva do Sr. D. Pedro IV que estava enfermo.

« Imagine-se quão enternecedora seria a recepção e com que alegria se abraçariam parentes tão proximos; a Sra D. Amelia vendo no filho as feições do esposo que lhe fôra tão caro; o Imperador e a Imperatriz do Brazil vendo na real doente a esposa de seu pai, que lhe fôra tão querido, á qual ainda hoje as saudades da filha extremecida não poderam apagar as saudades do esposo adorado.

« Aos 30 minutos depois do meio dia terminou a visita. »

No mesmo dia 7 os augustos viajantes foram tambem ao palacio de Bemfica « áquella tão poetica vivenda, visitar a Infanta D. Isabel Maria, tia de Suas Magestades, senhora tão virtuosa como illustrada. Depois dos comprimentos affectuosos e de conversarem durante algum tempo....retirando-se depois d'uma despedida tão commovedora como saudosa. »

« No dia 8 de novo visitarão a Imperatriz viuva em seu palacio das Janellas Verdes.

« — Dia 10 de março — Emquanto o Imperador foi a Santarem e Val de Lobos a Sra. D. Theresa Christina não esteve ociosa em Lisboa. Sua Magestade foi as 11 horas da manhã visitar outra vez a Imperatriz viuva, e alli se demorou durante longo espaço de tempo, conversando ambas as senhoras nos termos mais affectuosos. »

E no dia 13 foi o Imperador visitar mais uma vez a Imperatriz viuva. « Eram as ultimas despedidas feitas á esposa do pai. Imagine-se como seriam commovedores e expressivos aquelles momentos tristes, em que o corpo parte, mas a alma fica presa pelos laços da mais terna amizade. Em seguida dirigiram-se para o mosteiro de S. Vicente de Fóra. Não quiz Sua Magestade deixar Portugal sem que outra vez fosse orar junto as cinzas de seu pai. » Suas Magestades recebidos pelo Sr. Patriarcha foram por elle conduzidos á casa dos jazigos da familia de Bragança onde fizeram oração.

Cabe aqui lembrar que na sua visita á cidade do Porto os Soberanos brasileiros foram á igreja da Lapa. « Preciosa reliquia convidava o Sr. D. Pedro II a começar pela homenagem do seu amor de filho. » SS. MM. ajoelhados oraram por algum tempo junto da urna de granito que está na capella-mór e a qual encerra o coração do Sr. D. Pedro IV e depois ouviram missa conservando-se sempre de pé, etc.

Não é a unica reliquia que a cidade do Porto conserva do Sr. D. Pedro IV. A Rainha D. Maria II offereceu á municipalidade a espada e talim de seu augusto pai e a Imperatriz deu para o Muséo de S. Lazaro o chapéo e o oculo que o Imperador trouxera durante a campanha da liberdade.

Queremos aqui trazer outros interessantes incidentes occorridos durante a referida víagem de SS. MM. II. do Brasil em Portugal no anno de 1872:

No dia 5 de março de 1872 visitou as varias aulas da Universidade de Coimbra e como se lê no livro de viagem do Imperador do Brasil em Portugal:

« A differentes pessoas perguntou Sua Magestade se haviam conhecido Candido José de Araujo Vianna e Candido Baptista de Oliveira seus antigos preceptores, bachareis formados na Universidade de Coimbra, pois desejava conhecer as casas onde residiram. Ninguem lhe soube dar noticia delles em razão do muito tempo decorrido desde que cursaram a Universidade.

« Sua Magestade perguntou se poderia ver os livros das matriculas, onde desejava procurar os seus nomes.

« O digno Secretario da Universidade mandou buscar os livros das épocas que o Imperador referiu e Sua Magestade tirou delles, a nota da matricula dos seus velhos amigos, que tamanha lembrança lhe mereciam.

« Diremos portanto os annos em que elles se matricularam na Universidade.

« Candido José de Araujo Vianna, filho do licenciado Manuel de Araujo da Cunha, foi baptisado a 21 de outubro de 1793 na freguezia de Congonhas do Sabará capitania de Minas Geraes. Matriculou-se no primeiro anno juridico no anno lectivo de

1816-1817 e residiu nesse mesmo anno na rua do Forno n. 93.

« Candido Baptista de Oliveira, filho de Francisco Baptista Anjo, nasceu a 8 de fevereiro de 1807 e foi baptisado a 15 do mesmo mez e anno na freguezia de Porto-Alegre, capitania do Rio Grande do Sul. Matriculou-se no primeiro anno lectivo de 1820-1821, e morou na rua da Trindade n. 48.

« No laboratorio, entre outros mancebos, alumnos de pharmacia, achava-se o Sr. Nuno Freire Dias Salgado. O Imperador, conhecendo-o, e informando-se de que este mancebo não se via em circumstancias lisongeiras de fortuna, e era moço applicado, acariciou-o, e concedeu-lhe uma pensão de 20$ mensaes, em quanto cursar a Universidade, assim como o pagamento das respectivas matriculas e livros.

« Este acto de significativa bondade revela um testemunho de consideração ao Visconde de Sapucahy, casado com uma irmã da avó do agraciado, mestre que foi das filhas do Imperador e Senádor do Imperio. »

* * *

No correr d'esto nosso trabalho temos nos referido a membros de illustres familias que representaram notavel papel no periodo por nós estudado. Havendo obtido graciosamente notas a tal respeito corre-nos o dever de inseril-as aqui mesmo porque fazendo-o prestamos homenagens: a dous membros do Instituto Historico, um já fallecido o Viscondo de Beurepaire Rohan e ao Visconde de Taunay.

A familia de Beaurepaire, originaria da Bretanha, tinha primitivamente o nome de Gaultier, que era o do bispo de Nantes no tempo em que Rollon, duque de Bretanha, tomára aquella cidade.

Um fidalgo de Rennes, que tambem tinha o mesmo nome, foi bispo de Nantes depois do fallecimento de sua esposa.

Emquanto um dos ramos da nobre casa de Gaultier permanecia na Bretanha, um outro, que transplantou-se para a Normandia no começo do 15º seculo, subdividiu-se em varios ramos, um

dos quaes, em consequencia de uma alliança com a herdeira da casa de Beaurepaire, restabeleceu o nome e as armas d'esta casa, sendo conhecido pelo nome de Beaurepaire desde o reinado de Carlos IX, como se verá adiante.

Os Gaultier, que mais tarde vieram a ser Beaurepaire, imitando os gloriosos exemplos de seus nobres ascendentes, dedicaram-se em extremo á sua Patria e serviram com distincção e lealdade em todos os reinados legitimos da França e especialmente nos reinados de Philippe V, Philippe VI, João o Bom, Carlos V, Carlos VI, Carlos VII, Luiz XI, Carlos VIII, Francisco I, Henrique II, Carlos IX, Henrique IV, Luiz XIII, Luiz XIV, Luiz XV, Luiz XVI e Carlos X. Occuparam elevadissimos cargos na Côrte Real e contam um numero infinito de officiaes de terra e mar, de todas as graduações ; governadores de praças ; Cavalheiros de S. Luiz ; diplomatas ; escudeiros dos Reis e serviram em missões secretas e especiaes dos monarchas, sendo que eram condecorados com innumeras ordens e as mais honrosas.

Tomaram parte em varios combates e entre elles distinguiram-se extraordinariamente nas campanhas de Lorena e Alsacia ; serviram ao lado dos Reis, contra os inglezes e o duque de Borgonha, nas celeberrimas guerras que por tanto tempo enluctaram a França ; fizeram as campanhas da Italia contra a Austria ; da Allemanha em 1733 ; tomaram parte no ataque e tomada do forte de Bomarsund (Ilhas d'Aland), na campanha da Criméa ; no cerco, assalto e tomada de Sebastopol ; no combate em defesa do Santo Padre em 1861 ; na guerra da America e em muitas outras que não cabe aqui descrever.

Foram honrados com muitas cartas lisongeiras por parte dos Soberanos e mantidos em sua nobreza de antiga extracção, por varias vezes.

Senhores feudaes de muitissimas terras, que ainda hoje trazem recordações historicas, um desses Beaurepaire foi creado marquez por Decreto de Luiz XV, sendo que um outro já havia sido creado conde no reinado de Luiz XIV.

Muitos membros d'esta familia, não só cavalheiros como damas, fizeram-se religiosos, e nas diversas ordens a que se

dedicaram, prestaram innumeros serviços á religião christã, á Patria e ao Rei.

Divididos em varios ramos desde que adoptaram o nome e as armas de Beaurepaire, os Gaultier fazem remontar sua filiação, seguida sem interrupção, até o fim do duodecimo seculo, épocha em que era chefe da casa João Miguel de Gaultier, senhor des Courteilles des Bois, Longchamps, Sortis, etc.

Em 6 de setembro de 1497, um membro d'esta familia, de nome João de Gaultier, escudeiro, senhor de Rou, de Jort, de Pierrefitte, etc., etc., que servira ao Rei Luiz XI contra o duque de Borgonha e acompanhara Carlos VIII á Italia, desposou Jacquelina de Beaurepaire, filha de Ambrosio de Beaurepaire, senhor das terras de Beaurepaire, que estão situadas perto d'Argentau e Governador do Mont-Saint-Michel. Jacquelina tinha um irmão, julgado, naquella occasião, incapaz de ter filhos porque (diz a chronica conservada no Castello de Louvagny, propriedade dos Beaurepaire) Coignon de Beaurepairo estava em imminente perigo de vida.

Este casamento foi consentido com a condição de que o primeiro filho que nascesse e seus descendentes usariam o nome e as armas de Beaurepaire.

O primeiro filho d'este consorcio chama-se Graciano; era escudeiro e senhor de Jort, de Pierrefitte, de la Malardière, etc. Commandou uma companhia de cavallaria nas guerras contra o Imperador Carlos Quinto, estando sempre ao lado dos Reis Francisco I e Henrique II. A 25 de janeiro de 1561 obteve do Rei Carlos IX cartas patentes autorisando-o e a seus descendentes, de legitimo matrimonio, a usarem o nome ea armas de Beaurepaire em consideração aos seus bons e leaes serviços.

Estas cartas foram registradas a 9 de fevereiro do referido anno de 1561.

A 31 de dezembro de 1530 Graciano de Beaurepaire consorciára-se com Anna de Tirmois, filha de João de Tirmois, advogado geral no parlamento de Rouen e d'esse consorcio nasceram 8 filhos, sendo 5 do sexo masculino, dos quaes os dous mais moços fizeram-se ecclesiasticos, e 3 do sexo feminino.

A' excepção dos dous sacerdotes, e de um que falleceu no estado de solteiro, os demais filhos de Graciano, isto é, dous cavalheiros e tres senhoras, consorciaram-se e seus descendentes foram successivamente formando novos ramos de familia, um dos quaes se fixou no Brasil, em consequencia dos acontecimentos que vamos narrar.

Esse ramo, a que nos referimos, é o 4º ramo da familia de Beaurepaire e que desde que veio para o Brasil, tem prestado innumeros serviços, honrando d'este modo a gloriosa tradicção dos seus nobres ascendentes. Comecemos, pois, a nossa historia pelo chefe ou fundador do 4º ramo dos Beaurepaire, que foi o conde Amadeu Bernardo Amable Marcos Antonio de Beaurepaire, 3º filho de Antonio Marcos de Beaurepaire, escudeiro e senhor de Damblainville, Perières, etc. Capitão de Mar e Guerra quando rebentou a revolução em sua Patria, o conde Amadeu de Beaurepaire fôra nomeado membro do governo estabelecido em Toulon pelo Rei Luiz XVI, ao qual serviu com lealdade.

Depois da tomada da praça de Toulon pelos revolucionarios emigrou com sua familia para a Ilha d'Elba e falleceu em Porto Ferraio a 17 de novembro de 1794 ou 1795.

A familia de Beaurepaire foi uma das que mais soffreu durante a sanguinolenta revolução franceza. Despojados de todos os seus bens de fortuna que haviam sido confiscados pelos revolucionarios, os Beaurepaire, bem como outros fidalgos da Côrte de França, afim de não perecerem na guilhotina, como succedêra á Familia Real e a uma grande parte da nobreza, inclusive senhoras e creanças, viram-se forçados a refugiar-se no estrangeiro, afim de fugir ás garras do sanguinario e barbaro Robespierre, que n'essa épocha implantára na França o regimen do terror. Alguns membros d'esta familia, foram tambem presos e guilhotinados pelo facto de pertencerem á nobreza, e, no numero dos guilhotinados, figura a marqueza de Faudoàs de Beaurepaire.

A 23 de janeiro de 1770 havia o conde Amadeu de Beaurepaire contrahido matrimonio com Mademoiselle Clara Fery, que, depois do fallecimento de seu esposo acompanhou seus filhos ao Brasil e falleceu no Rio de Janeiro a 25 de junho de 1826.

Seus restos mortaes acham-se, hoje, no cemiterio de S. João Bapsttia da Lagôa, no mausoléo da familia.

Em consideração aos serviços prestados pelo conde Amadeu de Beaurepaire na Campanha da America, dirigindo alguns combates navaes, fôra condecorado com a ordem de Cincinatus e além d'essa, possuia outras condecorações com as quaes fôra agraciado pelo soberano francez. Os seus filhos nasceram em Toulon e são os seguintes:

— 1 — Jacques Antonio Marcos, conde de Beaurepaire por direito de herança paterna. Chefe, por morte de seu pae, do 4° ramo de familia. Nascido a 17 de novembro de 1770, aos 16 annos de idade dedicou-se á carreira naval em sua patria. Ao rebentar a revolução franceza, viu-se forçado a refugiar-se, o que fez com sua familia acompanhando-a á Ilha d'Elba, de onde passou para a Corsega e em 1797 se dirigiu para Portugal, onde no anno seguinte o Principe Regente nomeou-o 1° tenente da Real Brigada da Marinha de Guerra Portugueza e n'essa qualidade fez parte da guarnição de diversos navios de guerra. Mais tarde acompanhou El-Rei D. João VI ao Brasil, onde prestou importantissimos serviços, especialmente durante as luctas da Independencia, desde 1822 até 1826, na qualidade de commandante Militar das Comarcas de Ilhéos e Porto Seguro, pelo que foi promovido a Brigadeiro e condecorado com a commenda de S. Bento de Aviz, de cuja ordem já era cavalleiro professo, habito de Christo, Medalha da Bahia e muitas outras.

Exerceu varios cargos da confiança do governo e, desde 1826 até 1831, foi commandante das armas da Provincia do Piauhy.

Por seu merecimento reconhecido foi elevado ao posto de Marechal de Campo. A 28 de julho de 1811, unira-se pelos laços matrimoniaes com D. Maria Margarida Skeys de Rohan, filha de um escudeiro Irlandez e descendente da nobre casa dos Rohans, que se havia refugiado na Irlanda. A distincta senhora nasceu em Portugal a 24 de dezembro de 1783 e falleceu na Bahia a 30 de dezembro de 1825, sendo sepultada na Capella da Egreja de Cayrú, na Bahia, onde seu esposo exercia o cargo de Commandante das Armas. A 26 de julho de 1838, o Marechal conde de Beaurepaire, falleceu no Rio de Janeiro, sendo os seus despojos

depositados no mausoléo de familia, no cemiterio de S. João Baptista da Lagôa. Geographo illustre, deixou um tratado de geographia de summa importancia, trabalho esse a que se dedicou nos ultimos quarteis de sua vida gloriosa e honrada.

— 2 — Henriqueta Miguela de Beaurepaire. Nasceu em 1774, foi uma das maiores victimas do regimen do terror implantado pelo famigerado Robespierre. Presa, como outras senhoras de alta stirpe de França, fôra condemnada a perecer na guilhotina, o que, felizmente, não aconteceu, porque o sanguinario Robespierre pereceu na vespera do dia em que devia ser ella executada.

Depois de passar por muitos martyrios, que não cabem descrever-se em uma pequena resenha como esta, pois a vida d'esta nobre dama e de sua illustre familia é digna de um romance, conseguiu a sua liberdade e emigrou para a Inglaterra onde a 10 de agosto de 1802 desposou o Sr. Pownell Phipps, fidalgo inglez, official superior do exercito e quartel-mestre general nas Indias. Finalmente, a digna senhora falleceu, sem deixar descendentes, na noite de 3 para 4 de abril de 1812 no Rio Ganges, sendo sepultada a 6 do mesmo mez e anno no sitio militar de Berampore, umas cem milhas acima de Calcuttá. Seu esposo fálleceu alguns annos depois.

— 3 — Eugenia Rosa de Beaurepaire. Falleceu no estado de solteira, no Rio de Janeiro, e foi sepultada na Capella de Sant'Anna da Freguezia da Cidade Nova, sendo seu corpo amortalhado no habito de Santa Thereza. O seu fallecimento se deu em 17 de julho de 1817.

— 4 — Adelaide Francisca Magdalena de Beaurepaire. Nascida em 1785, casou-se em 1810, no Rio de Janeiro, com o conde Alexandre Luiz Maria de Robert d' Escragnolle, fidalgo francez e coronel do exercito brasileiro ao qual prestou inolvidaveis serviços. Tendo D. Adelaide fallecido no Rio de Janeiro a 22 de setembro de 1840, foi sepultada no cemiterio de S. João Baptista, no mausoléo de familia. O conde d'Escragnolle, que havia nascido em 1785, falleceu na Provincia do Maranhão, onde era Commandante das Armas, a 16 de dezembro de 1828 ou 1829.

Mais adiante nos occuparemos d'esta familia do conde d'Escragnolle.

— 5 —Theodoro Alexandre de Beaurepaire.— Nascido a 3 de janeiro de 1787, era o filho mais moço do conde Amadeu de Beaurepaire. Emigrou com sua familia por occasião da revolução franceza que trouxera a dor e a desolação ao seio de tantas familias illustres. Vindo para o Brasil, prestou assignalados serviços á marinha brasileira e distinguio-se extraordinariamente, não só em tempo de guerra como em tempo de paz. Em 1843 foi a Napoles, na qualidade de Commandante da Esquadra Brasileira, que fora buscar S. M. a Imperatriz do Brasil, D. Thereza Christina Maria. Entre outras condecorações fora agraciado com a Ordem de S. Francisco de Napoles. Maritimo illustre, deixou na historia do Brasil um nome tão limpo e glorioso como o de seu irmão mais velho, o conde Jacques de Beaurepaire e, como em França já o haviam deixado seus nobres ascendentes.

Finalmente falleceu no estado de solteiro. no elevado posto de Vice-Almirante, a 2 de novembro de 1849, sendo seus restos mortaes trasladados para o cemiterio de S. João Baptista da Lagôa e collocados em um mausoléo feito especialmente para esse fim. Esse mausoléo está junto aos de seus parentes, não só os Beaurepaire, como tambem os Escragnolle e os Taunay.

Como vimos, todos os filhos do conde Amadeu de Beaurepaire falleceram. Os unicos que deixaram descendentes foram o conde Jacques Antonio Marcos de Beaurepaire e sua irmã D. Adelaide Francisca Magdalena de Beaurepaire, que accrescentam ao seu o nome d'Escragnolle por se haver consorciado com o conde d'Escragnolle, como já vimos.

Comecemos agora, ou antes, continuemos a historia da celebre familia de Beaurepaire, pelos descendentes do conde Jacques de Beaurepaire. O filho mais velho do conde Amadeu de Beaurepaire, como já dissemos, se havia consorciado com D. Maria Margarida Skeys de Rohan. Depois de estar definitivamente fixado no Brasil, o conde Jacques de Beaurepaire comprára um sitio em Nictheroy, no logar denominado Sete Pontes, freguezia de S. Gonçalo. N'este sitio, que ainda hoje pertence á

familia, havia uma casa cujo madeiramento era todo de páo Brasil. Foi n'essa vivenda, fructo de algumas economias do conde Jacques de Beaurepaire (que deixou todos os seus bens de fortuna em França, por haverem sido confiscados pelos revolucionarios, que nasceram todos os seus filhos e que, em memoria e para perpetuar o nome de sua santa e piedosa mãe, accrescentaram ao de Beaurepaire o nome de Rohan e desde o anno de 1818, mais ou menos, foram conhecidos, bem como os seus descendentes, pelo nome de Beaurepaire Rohan.

São, pois, os seguintes, os filhos do Marechal de Campo Jacques Antonio Marcos, conde de Beaurepaire e D. Maria Margarida Skeys de Rohan, condessa de Beaurepaire:

1.º Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire Rohan (mais conhecido pelo nome de Henrique de Beaurepaire Rohan). Nasceu a 12 de maio de 1812 e falleceu no Rio de Janeiro a 10 de julho de 1894, sendo sepultado no cemiterio de S. João Baptista da Lagôa e depositados os seus ossos no mausoléo de familia. Dedicando-se á carreira militar, prestou innumeros serviços ao Brasil. Foi ministro de Estado, presidente de Provincia, commandante das Armas, conselheiro de guerra, e de Estado de S. M. o Imperrador do Brasil, Moço fidalgo com exercicio na Casa Imperial, camarista de S. M. o Imperador, ministro do Supremo Tribunal Militar, etc., etc. Era membro de quasi todas as associações beneficentes, scientificas e litterarias e membro correspondente de muitas outras congeneres no estrangeiro. Em consideração aos serviços que prestou havia sido condecorado com a Grã-Cauz da Ordem de Aviz, Medalha da Campanha da Rendição da Uruguayana, Dignitaria da Ordem da Rosa e muitas outras, que n'este momento não nos occorre. Usava o titulo de Visconde de Beaurepaire Rohan (com grandeza), com o qual fôra agraciado por occasião da abolição, de cuja causa era um dos maiores apostolos, sendo que em França lhe pertencia, por direito de herança, o titulo de conde de Beaurepaire, na qualidade de chefe do 4º ramo d'esta familia.

Em 10 de agosto de 1848 consorciou-se com D. Guilhermina Müller de Campos, filha do finado General Daniel Pedro Müller de Campos e fallecida a 14 de Agosto de 1873. O visconde de

Beaurepaire Rohan falleceu no elevado posto de Marechal do Exercito.

2.º Amadeu Bernardo Amable de Beaurepaire Rohan. — Nascido a 12 de janeiro de 1814, falleceu a 3 de janeiro de 1820 e foi, sepultado na Capella de Sant'Anna da Freguezia da Cidade Nova, no Rio de Janeiro.

3.º Luiz João Maximo de Beaurepaire Rohan (mais conhecido pelo nome de Luiz de Beaurepaire Rohan). Nasceu a 1 de outubro de 1816. Dedicando-se á carreira militar, representou um papel proeminente em diversas circumstancias importantissimas. Na Campanha do Paraguay distinguiu-se extraordinariamente em varios combates, pelo que obteve promoções por actos de bravura, tendo servido sob as ordens de S. A. R. o Sr. Conde d'Eu, de quem recebeu muitos elogios. A sua fé de officio é o attestado mais vivo de todos os seus bons e leaes serviços. Entre o grande numero de medalhas com que fôra condecorado, occorrem-nos, neste momento, as seguintes: Ordens de Christo, S. Bento de Aviz, Rosa e D. Pedro I, de cujas ordens era cavalleiro. sendo tambem condecorado com a medalha da Campanha do Paraguay, passador n. 3, etc., etc.

Foi tambem um grande cultor das lettras e dedicou-se especialmente ao estudo do latim aprofundando-se de tal modo. que póde ser considerado um dos primeiros latinistas, como o attestam seus consienciosos e primorosos trabalhos. Em 1843 seguiu para Napoles na Fragata *Constituição*, fazendo parte da guarda de honra que acompanhára ao Brazil S. M. a Imperatriz D. Thereza Christina Maria de Bourbon, e cuja fragata fazia parte da esquadra commandada por seu tio o Vice-Almirante Theodoro de Beaurepaire. A 6 de fevereiro de 1889 falleceu em Nictheroy e, transportado para o Rio de Janeiro, foram depositados os seus restos mortaes no mausoléo de familia no cemiterio de S. João Baptista da Lagôa.

A 30 de março de 1871 contrahira matrimonio com D. Abigail Maria Leonor do Carmo, filha de José Joaquim do Carmo e D. Maria Felicia da Conceição Lobo, descendentes ambos de duas familias distinctas do Reino de Portugal, e tendo fallecido no Rio de Janeiro o Sr. José Joaquim do Carmo e sua esposa, foram

sepultados n'um jazigo de familia no cemiterio de S. Francisco de Paula.

4.º Amadeu Henrique Frederico de Beaurepaire Rohan. — Nasceu a 3 de agosto de 1821. Muito joven ainda, abraçára a carreira militar, na qual seus parentes tanto se haviam distinguido. A 24 de setembro de 1840 falleceu o distincto militar, no posto de 2º tenente de artilharia, no Rio Grande do Sul e mais tarde foram seus ossos trasladados para o cemiterio de S. João Baptista de Lagôa no Rio de Janeiro e depositados no mausoléo de familia.

5.º Elisa Francisca de Beaurepaire Rohan. Nascida a 5 de setembro de 1823. Era dama de Palacio de S. M. a Imperatriz D. Thereza Christina de Bourbon. A 24 de outubro de 1873 entregou sua alma de santa, ao Creador, sendo sepultada no jazigo perpetuo de familia no cemiterio de S. Fancisco de Paula. A 1 de junho de 1853 consorciára-se com o commendador José Maria Pinto Coelho Peixoto de Carvalho, moço fidalgo com exercicio na Casa Imperial, Diplomata brasileiro e descendente de uma familia de fidalgos portuguezes. A 13 de janeiro de 1879 falleceu e foi sepultado no mesmo jazigo de sua esposa, no cemiterio de S. Francisco de Paula. Nesse jazigo se vê as armas da familia de Beaurepaire, entrelaçadas com as de Pinto Peixoto. O commendador Pinto Coelho Peixoto de Carvalho, que era filho do finado general Pinto Peixoto, era mais conhecido pelo nome de José Maria Pinto Peixoto.

Do consorcio de D. Adelaide de Beaurepaire com o conde d'Escragnolle nasceram os seguintes filhos:

1.º Amelia Clara d'Escragnolle. Nascida a 21 de junho de 1811, falleceu em outubro de 1838.

2.º Carolina d'Escragnolle. Nascida a 29 de dezembro de 1813, falleceu a 6 de janeiro de 1836.

3.º Gabriella Herminia d'Escragnolle. Nascida a 21 de dezembro de 1815. Consorciou-se mais tarde com o Barão de Taunay, que tendo fallecido foi sepultado no cemiterio de S. João Batispta de Lagôa, no Rio de Janeiro, estando o seu tumulo proximo ao do Vice-Almirante Theodoro de Beaurepaire.

4.º Gastão d'Escragnolle. Nasceu a 16 de abril de 1821. Era coronel do exercito brasileiro e nessa qualidade prestou muios serviços ao Brasil. Possuia varias condecorações e fôra agraciado pelo Governo Imperial com o titulo de barão, comquanto em França lhe pertencesse por direito de herança (por morte de seu pae) o titulo de conde d'Escragnolle. Havia-se consorciado com uma distincta senhora, que ainda hoje existe e que é a baroneza d'Escragnolle (D. Anna d'Escragnolle). O barão d'Escragnolle está sepultado no jazigo da familia, no cemiterio de S. João Baptista.

5.º Luiz Affonso d'Escragnolle. Nasceu a 18 de julho de 1823. Capitão do exercito brasileiro e lente da Escola Militar, foi sempre um official correcto, illustre e distincto. Falleceu, solteiro, aos 29 de abril de 1853.

— A Ordem chronologica que estamos seguindo obriga-nos a pararmos aqui, para mais adiante fallarmos n'esta illustre famillia d'Escragnolle. Devido, porém, a não termos recebido a tempo os apontamentos que esperavamos receber, nada mais podemos adiantar sobre esta familia. Cumpre-nos, porém, dizer que do consorcio de D. Gabriella d'Escragnolle (hoje baroneza de Taunay), nasceram os seguintes filhos: 1º, o Dr. Alfredo, o glorioso e illustre visconde de Taunay, que tem prestado innumeros serviços ao Brasil, não só na guerra do Paraguay, onde foi um bravo, como tambem nas lettras, na sciencia, no Parlamento, etc., etc., 2º, o distincto engenheiro Dr. Luiz Goffredo d'Escragnolle Taunay e 3ª, é a Exma. Sra. D. Adelaide d'Escragnolle Taunay Doria, viuva do distincto general Luiz Manoel das Chagas Doria.

Quanto aos demais descendentes dos Escragnolle-Taunay, nada podemos dizer, porque os apontamentos que n'esse sentido esperavamos não chegaram, como já dissemos, isso porém, não impede que na primeira opportunidade tratemos de tão nobre familia.

Em tempo seja-nos licito dizer que o visconde de Taunay é casado— sua esposa, uma das filhas do finado barão de Vassouras chama-se D. Christina Teixeira Leite (viscondessa de Taunay). O barão d'Escragnolle, o visconde de Taunay e sua irmã D. Ade-

laide Taunay Doria, teem descendentes no Brasil. E' só o que podemos dizer sobre esta familia, bem que a nosso pezar.

Continuemos a nossa genealogia sobre a familia de *Beaurepaire Rohan :*

O visconde de Beaurepaire Rohan, de seu consorcio com D. Guilhermina Müller de Campos, teve apenas uma filha, que recebeu o nome de Elisa e que, consorciando-se a 21 de fevereiro de 1878 com o Dr. Francisco Pires de Carvalho Aragão, pertencente a uma distincta familia da Bahia, teve apenasd ous filhos, que são:

1.º Henrique de Beaurepaire Rohan Aragão.

2.º Leonor de Beaurepaire Rohan Aragão.

O coronel Luiz de Beaurepaire Rohan de seu consorcio com D. Abigail Maria Leonor do Carmo teve os seguintes filhos:

—1 — Amadeu Jacques Frederico de Beaurepaire Rohan. Tendo-se extinguido os membros mais velhos do 4º ramo d'esta familia, conforme está acima analysado, é a elle que, na qualidade de mais velho, e por conseguinte de chefe do 4º ramo dos Beaurepaire, pertence o titulo de conde de Beaurepaire, em França, onde como se sabe, a nobreza é um direito hereditario. Nascido a 25 de setembro de 1873, dedicou-se á carreira militar, na qual os seus ascendentes tanto se salientaram e prestaram relevantissimos serviços.

Os acontecimentos politicos que successivamente se desenrolaram no Brasil, de 1889 para cá, obrigaram-no, por um escrupulo de consciencia, a abandonar essa carreira, porque preferiu deixar a vida militar a servir um governo cuja causa não era o seu ideal. Foi um escrupulo natural, porque n'essa familia não ha um só exemplo de falta de caracter desde os tempos os mais remotos.

Deixando á carreira militar, dedicou-se á imprensa, onde, até a presente data continua a trabalhar.

A 12 de janeiro de 1899 deve contrahir matrimonio com D. Rita Andrew, pertencente a uma distincta familia residente no Rio de Janeiro. A illustre senhora, que é filha do commendador Diogo Andrew e de D. Rita Leopoldina Andrew, nasceu a 26 de janeiro de 1874.

— 2 — Abigail Maria Margarida de Beaurepaire Rohan. Nasceu a 18 de março de 1875. A 27 de fevereiro de 1892 consorciou-se com seu primo o Capitão Luiz Maria de Beaurepaire Pinto, Peixoto filho de D. Elisa de Beaurepaire Rohan e do commendador Pinto Peixoto, de cuja familia nos occuparemos mais adiante.

— 3 — Maria Elisa Leonor de Beaurepaire Rohan.— Nasceu a 1 de maio de 1876.

— 4 — Raul Gastão Henrique de Beaurepaire Rohan. — Nasceu em janeiro de 1878 e falleceu a 3 de outubro de 1879 sendo sepultado no cemiterio de S. Francisco de Paula, no Rio de Janeiro, n'um jazigo da familia.

— 5 — Sylvia Alexina Mercedes de Beaurepaire Rohan. — Nasceu a 20 de outubro de 1880.

— 6 — Raul Theodoro Alexandre de Beaurepaire Rohan. — Nasceu a 2 de outubro de 1884. Actualmente é estudante.

— 7 — Gastão Affonso Henrique de Beaurepaire Rohan. — Nasceu a 31 de maio de 1886. E 'estudante actualmente.

Quanto á familia de Beaurepaire, nada mais temos a accrescentar ao que acima fica dito, pois que já vimos os nomes de todos os seus membros, desde que se fixaram no Brasil, até a presente data. Vejamos agora quaes os filhos que deixou D. Elisa de Beaurepaire Rohan, de seu consorcio com o commendador Pinto Peixoto.

Antes, porém, temos a dizer que todos os filhos do commendador Pinto Peixoto adoptaram o nome de Beaurepaire Pinto Peixoto e são os seguintes:

— 1 — Maria Thereza Christina de Beaurepaire Pinto Peixoto, viuva de Augusto Alberto Leal da Cunha, filho do finado General Capitulino da Cunha. Tendo fallecido a 17 de outubro de 1895, Maria Thereza Christina foi sepultada n'um jazigo no cemiterio de S. Francisco Xavier, onde uns dous annos antes já havia sido sepultado seu esposo.

Do seu consorcio nasceram os seguintes filhos: (a) Clementina; (b) Pedro; (c) Julio; (d) Luiz; (e) José — que passaram a denominar-se Pinto Peixoto da Cunha.

— 2 — Henriqueta de Beaurepaire Pinto Peixoto.— Em 1881 consorciou-se com o Dr. Alfredo Alberto Leal da Cunha,

tambem filho do general Capitulino da Cunha e de seu consorcio teve os seguintes filhos que tambem adoptaram o nome de Pinto Peixoto da Cunha: (a) Alice; (b) Henriqueta; (c) Izabel; (d) Mario; (e) Diamantina.

— 3 — Manoel Maria de Beaurepaire Pinto Peixoto. — Tendo-se dedicado á carreira do jornalismo, prestou muitos serviços á causa da abolição da escravidão.

— 4— Elisa de Beaurepaire Pinto Peixoto.

— 5 — José Maria de Beaurepaire Pinto Peixoto. Nascido a 28 de dezembro de 1861, mais ou menos. Dedicou-se á vida militar e formou-se em Engenharia. Era major do Corpo de Estado Maior de 1ª classe e lente da Escola Militar, quando deu-se o movimento naval de 6 de setembro de 1893, no Rio de Janeiro. Sendo considerado como conspirador foi preso pelos agentes do governo de então e remettido para a Fortaleza da Conceição, onde ficou até a terminação d'essas luctas. Mais tarde, solto, desgostou-se da vida militar e pedindo a sua demissão do exercito, dedicou-se á carreira de engenharia.

— 6 — Pedro Maria de Beaurepaire Pinto Peixoto. Falleceu muito joven no estado de solteiro.

— 7 — Francisca Henriqueta de Beaurepaire Pinto Peixoto. — Nasceu a 30 de maio de 1863 e falleceu a 8 de outubro de 1897, sendo sepultada no cemiterio de S. João Baptista da Lagôa, no Rio de Janeiro.

— 8 — Luiz Maria de Beaurepaire Pinto Peixoto.— Nasceu a 23 de junho de 1864. A 27 de fevereiro de 1892 consorciou-se com sua prima D. Abigail Maria Margarida de Beaurepaire Rohan, filha do Coronel Luiz de Beaurepaire Rohan, conforme já vimos.

Engenheiro Militar e Capitão do Exercito, actualmente é commandante de uma das baterias do 6º Batalhão de Artilharia, estacionado na Fortaleza de S. João, no Rio de Janeiro.

Por occasião do movimento naval de 1893, de que foi chefe o almirante Custodio José de Mello, fôra preso e recolhido ao estado-maior de um dos corpos da guarnição depois de ter estado preso na Fortaleza da Conceição, porque, como official, que era, da Fortaleza de Santa Cruz, respondêra ao Commandante, quando

por este interpellado qual a sua opinião sobre a revolução, que apenas limitava-se a dizer que não fazia fogo sobre seus irmãos, porque, brasileiro, como era, doia-lhe o ter que derramar um sangue tão precioso como é o de um brazileiro. Mais tarde posto em liberdade, tem continuado a servir ao Brasil na qualidade de militar. Do seu consorcio nasceram no Rio de Janeiro todos os seus filhos, que até a presente data são os seguintes:

a) Maria Abigail de Beaurepaire Rohan Pinto Peixoto, nascido a 30 de junho de 1895.

b) Luiz Maria de Beaurepaire Rohan Pinto Peixoto. Nascido a 11 de fevereiro de 1897.

VARIAS NOTAS

— *Provas e documentos.*— Os documentos relativos aos membros da familia de Beaurepaire, existentes em França, estão conservados no archivo do Castello de Louvagny, cuja capella traz no forro do seu tecto e em suas paredes as armas dos enlaces da familia até Luiz XV. A respeito dos membros que fixaram residencia no Brasil e dos quaes nos occupamos acima, foram consultados os diplomas, patentes, ordens do dia, certidões de baptismo e outros documentos comprobatorios.

Demos aqui a origem d'esta mui illustre familia de Beaurepaire e seus descendentes até a presente data. Como já dissemos, não cabe em pequena resenha, como esta, estendermo-nos mais acerca d'esta familia cujos feitos e tradicções gloriosas poderão occupar volumes e volumes de uma grande obra. Para testemunhar o que dizemos, appellamos para as historias de França e do Brasil, onde, a cada momento, se encontram os nomes de Beaurepaire e de Rohan que não só na historia dos tempos mais remotos, como na moderna, occupam logar honrosissimo nas paginas as mais brilhantes.

Dignos de nota são tambem os nomes das familias Escragnolle, Escragnolle Taunay e Pinto Peixoto, parentes d'essa mesma familia de Beaurepaire.

Agora, alguns apontamentos sobre esta familia de Beaurepaire :

— *Armas* — As armas da casa de Beaurepaire, são: Tres feixes de aveia de prata, em fundo de areia.

— *Um heroismo* — Na batalha de Cassell — o rei Philippe *le Beau* estava em perigo imminente de cahir prisioneiro nas mãos do inimigo. A sorte, porém, foi-lhe propicia, graças a um Cavalheiro de Beaurepaire que não trepidou um só momento, vendo o perigo que ameaçava o monarcha, em avançar contra o enimigo e, com perigo da propria vida combateu valentemente, pois entendia que, a vida de um Rei é por demais preciosa para perder-se assim. Heroicamente combatendo, ao lado do Rei, como dissemos, o Cavalheiro de Beaurepaire, deu tempo aos seus de chegarem para ajudarem-no a rechassar o inimigo. Philippe' que no momento não reconhecêra o nobre cavalheiro que tão valentemente o salvára, afim de demonstrar a sua gratidão, quiz dar-lhe o titulo de nobreza no mesmo campo de batalha, testemunha do seu alto valor.

O fidalgo, porém, agradecendo a honrosa distincção, fez ver ao monarcha que não precisava d'esta graça, pois que já havia recebido a nobreza das mãos de seus ascendentes. O Rei, então, ainda como prova de gratidão, tirou um annel que trazia no dedo e collocou-o no do fidalgo, permittindo-o, afim de perpetuar perante seus descendentes a lembrança d'este glorioso combate, que accrescentasse nas armas de familia um annel de ouro.

Este feito foi consignado nos archivos da Cidade de Autun, antes da revolução franceza.

— *Nota importante* — Em notas particulares encontradas nos papeis do finado Coronel Luiz de Beaurepaire Rohan, vimos a seguinte que, por acharmos digna de attenção, transcrevemol-o« : *de Beaurepaire*, é preciso não confundir com esta familia um individuo que entendeu, sem ter direito algum, dever usar esse nome. Esse individuo que era commandante de Verdun e que abraçára a causa da revolução, déra um tiro nos miolos em plena assembléa. Era um soldado feliz e não pertencia absolutamente á familia dos Beaurepaire. Seu corpo foi transportado para o Pantheon no mesmo anno de 1792.

Aqui termina a noticia obtida sobre a illustre familia de que nos occupamos.

Nota final. Todos estes apontamentos que aqui damos, são tirados de documentos fidedignos e muitos d'esses documentos são officiaes.

Por conseguinte, nada ha que duvidar sobre o que acerca d'esta familia está escripto. Si erro, ou descuido ha, poderá ser de alguma data que tivesse escapado ou por engano sido trocada ou algum outro engano de pequena importancia, que comtudo não cremos.

Isso, porém, em nada influe com relação aos serviços prestados e dos quaes nos occupamos n'esta noticia. E' mister essa *nota final* afim de evitar qualquer duvida que possa surgir sobre a origem da familia de Beaurepaire fixada no Brasil e que é indiscutivelmente, como está provado, descendente de nobre familia de França.

Sabemos que ha quem esteja colleccionando apontamentos relativos a varias familias illustres e por isso é que julgamos de nosso dever dar esta explicação.

* * *

Em 1855, durante a epidemia de cholera morbus no Rio de Janeiro, a condessa de Belmonte, á sua custa, soccorreu a pobreza atacada do mal na vizinhança da sua chacara do Engenho Novo, para onde se havia retirado e hospedára o medico Dr. Figueiredo e o padre Antonio (natural de Portugal), mais tarde Capellão da Beneficencia Portugueza, os quaes conseguira fazer estipendiar pelo Barão do Bom Retiro então ministro do Imperio, para attenderem á pobreza fornecendo ella os remedios, a roupa e o mais preciso, sem regatear seus serviços pessoaes. Era a terrivel molestia ahi alimentada pela gente empregada na construcção da Estrada de Ferro D. Pedro II.

Todas as tardes faziam-se preces na Capella da Sra. condessa com a assistencia da gente da localidade.

Debalde instaram os filhos de S. Ex. para que deixasse o Engenho Novo, ella porém dizia não ter coragem de abandonar quantos a olhavão como um consolo animador nas suas desgraças

Finalmente a condessa sentiu-se tambem atacada do terrivel mal e declarou querer morrer perto de seus filhos. N'esta occasião seu genro o Dr. Luiz Carlos da Fonseca tinha ido, a conselho de medicos, para uma casa de um seu parente o Dr. Antonio José Monteiro de Barros, rua hoje Itapagipe, canto da rua do Bispo, para onde foi transportada a condessa, ficando na chacara do Engenho Novo o padre e o medico afim de acudirem aos necessitados.

Vendo chegar sua derradeira hora, pedio que não a deixassem morrer sem confissão e mandassem chamar o padre e o medico, seus collaboradores, para o bom desempenho da nobre missão que se havia imposto em beneficio do povo do Engenho Novo.

Apoz quatro dias de doença falleceu á 1 hora da madrugada de 17 de outubro de 1855 a muito distincta e bondosa Sra. condessa de Belmonte (D. Marianna Carlota de Verna Magalhães) contando 76 annos de idade.

O Sr. D. Pedro II foi cruelmente sorprehendido com tão rapido e fatal desfecho e recebendo do seu mordomo-mór o seguinte pedido de instrucções:

« Falleceu a Camareira-mór, como V. M. I. sabe. Necessito saber as ordens de V. M. I. sobre o enterro, se é a expensas de sua I. Casa ou da fallecida. Parece-me que deve ser a 1ª. Seu humilissimo criado.— Paulo Barboza — B. V. 18 »

O Imperador escreveu na margem: « Não se pergunta » e fez-se representar no enterro realizado com toda a pompa — o corpo foi levado no coche funebre dos Principes e sepultado no cemiterio de S. Francisco Xavier no dia do passamento, achandose presente ao acto um representante do soberano.

O Correio Mercantil, no seu numero de 18 de outubro de 1855, ponderou a respeito da condessa de Belmonte:

« Ninguem ignora o profundo respeito e extraordinaria consideração com que no Paço Imperial era tratada aquella digna e virtuosa Senhora..

« S. M. o Imperador retribuia-lhe assim, com uma affeição extremosa, os desvelos com que a Sra. condessa de Belmonte cuidára da sua infancia.

« Esta morte não arrancará lagrimas sómente no Brazil. As Senhoras Princeza de Joinville e Condessa d'Aquila hão de pranteal-a com verdadeira saudade, porque a illustre finada lhes servira de mãi. »

Na Capella da Imperial Quinta da Boa Vista assistio Sua Magestade á missa de 7º dia que mandára dizer e á familia enviou pezames por seu camarista de semana.

Referindo-se á condessa de Belmonte, escreveu Joaquim Pinto de Campos em outubro de 1862:

« A honrosa gratidão do Imperial pupilo faz que nunca elle falle dos cuidados dessa senhora sem encarecer os impagaveis serviços e sobretudo a quasi idolatra affeição que lhe deveu. Este reconhecimento energico honra a ambos em grau igual. »

Ainda ultimamente, o Sr. D. Pedro II exprimia, com referencia á veneranda memoria da Sra. condessa de Belmonte, por maneira de filho agradecido — segundo ouvimos por diversas vezes de pessoas hoje altamente collocadas e que tiveram ensejo de conversar com o Imperador sobre objecto tão intimo.

Sabemos que a condessa de Belmonte havia escripto as suas Memorias e as destruio ; não podemos lastimar bastante a perda de tão precioso auxiliar para o exacto conhecimento de muitos factos historicos mais ou menos mal explicados e outros pouco conhecidos ou ignorados.

Não ha noticia de retrato especial da Sra. condessa de Belmonte e tão sómente se póde ter idéa do semblante d'esta veneranda matrona, aos 61 annos, descobrindo a Camareira-Mór Sra. D. Marianna e sua filha a Dama D. Maria Antonia entre as muitas pessoas representadas no quadro da coroação de S. M. o Sr. D. Pedro II, realizada em 1841. O quadro actualmente se acha na Pinacotheca.

***

Ernesto Frederico de Verna Magalhães Coutinho, natural de Portugal, veio com seus pais para o Brasil, como já dissemos, em 1807.

Tornou-se brasileiro abraçando com seu pae a causa do fundador do Imperio em 1822. No acto da coroação e sagração do Sr. D. Pedro I, teve incumbencia da entrega do estandarte Imperial.

Estudou em Pariz, onde habitou Quai de Voltaire 19, formou-se em engenharia, mas iniciou carreira na diplomacia, que abandonou regressando ao Rio de Janeiro. Já tivemos ensejo de fallar d'elle varias vezes.

Foi o Camarista que S. M. o Imperador mandou, no dia 30 de abril de 1839, a bordo da fragata sarda *Regina* comprimentar S. A. o Principe Eugenio de Saboya Carignan e fazer os offerecimentos de hospitalidade.

Tambem foi o Camarista pelo Sr. D. Pedro II nomeado a 7 de fevereiro 1843 junto com o Veador Braz Carneiro Bellens para terem a honra de acompnahar S. M. a Senhora D. Thereza Christina Maria na sua viagem da Côrte de Napoles para a Côrte do Rio de Janeiro. Já tinha então a Carta de Conselheiro.

Em 1855 herdou da condessa de Belmonte, sua mãi, a chacara do Engenho Novo, onde, no estado de solteiro, viveu tranquillamente até as veperas do seu fallecimento, que se deu a 20 de março de 1863 no actual n. 160 da rua do Lavradio, residencia do seu cunhado o Senador Dr. Luiz Carlos da Fonseca, esposo de sua irmã D. Maria Antonia de Verna Magalhães Fonseca, a quem deixou a chacara cheia de tradições— entre outros testemunhos existem ainda a mangueira do Primeiro Imperador e as duas nogueiras plantadas em 1835 ou 1836 pelas Princezas D. Januaria e D. Francisca, dando fructos cada anno.

O Conselheiro Ernesto Frederico de Verna Magalhães foi condecorado com o officialato e commenda da Ordem da Rosa, com a Grã Cruz do Cruzeiro e insignias de ordens estrangeiras.

Conservou-se um bom retrato a oleo do Conselheiro Verna Magalhães aos 25 annos de idade, approximadamente, pintado

em Pariz no anno 1826 e no Instituto Historico e Geographico Brazileiro se acha um croquis feito por L. A. Boulanger a 3 de dezembro de 1846, que representa S. Ex. com cerca de 45 annos de idade.

***

D. Leopoldina Izabel de Verna Magalhães, que nasceu no Rio de Janeiro em 1817, apezar de se haver consorciado tres vezes, não deixou próle.

Foi casada em primeiras nupcias com João Manoel de Figueiredo, sobrinho do Bispo de Chrysopolis frei Pedro de Santa Marianna e irmão de Carlos Honorio e do Camarista Manoel Hygino de Figueiredo, intimo do Sr. Dr. Pedro II, que ficou arredado do Paço por ter entrado n'uma empreza do Theatro Lyrico, que o individou além de ter desgostado muito a Sua Magestade; pois o monarcha não approvára semelhante negocio e ficou extremecido com Manoel Hygino.

O segundo marido foi o Brigadeiro José Manoel Carlos de Gusmão, tambem Camarista e amigo muito dedicado do Sr. D. Pedro II, que nos dias de grande gala ia a cavallo guardando o coche do Imperador, na qualidade de Estribeiro-Mór. Effectuou-se o consorcio do Brigadeiro com D. Leopoldina pouco depois de Suas Magestades se acharem de volta de uma viagem ao Rio Grande do Sul, isto é em meiado de 1846.

O terceiro marido foi Antonio Luiz Barboza da Silva, sobrinho de Paulo Barboza da Silva, mordomo do Imperador. Vivia Antonio Luiz Barboza da Silva dos alugueis de alguns escravos que possuia; más depois de casado (logo após 27 de junho de 1860), obteve o lugar de avaliador do Banco do Brasil, onde permaneceu alguns annos e falleceu a 10 de maio de 1887 na casa da sua residencia, rua Frei Caneca n. 259, antigo 215.

Dama honoraria, desde 1840, entrou em serviço effectivo em 1844 a Sra. D. Leopoldina Izabel.

Morreu em consequencia de antigos padecimentos, no dia 23 de dezembro de 1893, na chacara do Engenho Novo, que sua irmã D. Maria Antonia, pouco antes fallecida, deixára á sua filha

D. Francisca Carolina de Verna Fonseca Monteiro de Barros. A Sra. D. Leopoldina Izabel, a 13 de setembro de 1893 sahira da casa de sua propriedade, rua do Conde d'Eu, que deixou á sobrinha D. Francisca Carolina.

* * *

D. Maria Antonia de Verna Magalhães, natural de Lisboa, veio para o Brazil em 1807, como já ficou dito, com seus pais, e tendo então cerca de um anno de idade. Foi Dama da Princeza D. Francisca desde 1824 até a partida para Europa, em 1843, de S. A. que se havia casado, em 1º de maio d'esse anno, como S. A. o Sr. François d'Orléans Principe deJoinville, cavalheiro em toda a extensão da palavra, valente e leal espada, intelligencia altissima e educação... como a recebiam os filhos de Luiz Felippe d'Orléans, que foi Rei dos Francezes.

D. Maria Antonia assistiu a todas as festas e não forão poucas as que precederão o casamento das Princezas no Rio de Janeiro. Foi recorrendo a ella que o Principe de Joinville teve conhecimento das côres dos vestuarios com os quaes as Princezas D. Januaria e D. Francisca se apresentarão na grande festa que S. A. deu a bordo do seu navio todo enfeitado com as alludidas côres.

* * *

O mordomo da Casa Imperial Exm. Sr. Paulo Barboza da Silva passou ás mãos da Exma. Sra. D. Maria Antonia de Verna Magalhães copia do seguinte:

DECRETO

« Attendendo aos bons serviços que prestou á minha muito amada e prezada Irmã a Princeza de Joinville, desde o dia de seu nascimento, até ao em que se casou, a Dama D. Maria Antonia de Verna Magalhães, Hei por bem Conceder-lhe, pelo cofre de minha Imperial Casa, uma pensão de cem mil réis mensaes

em completa remuneração dos sobreditos serviços. Paulo Barboza da Silva, do meu Conselho, official-mór e mordomo de minha Imperial Casa, o tenha assim entendido, e faça cumprir com os despachos necessarios. Paço da Boa Vista, 8 de junho de 1843, vigessimo segundo da Independencia e do Imperio — Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador — Paulo Barboza da Silva.

Está conforme

Augusto Candido Xavier de Brito,

Escrivão da Casa Imperial.

* * *

D. Maria Antonia costumava dizer á Sra. D. Francisca que gostava muito de ver S. A. nos trajes que usava a semana santa, a Princeza não o esqueceu e logo que chegou a Europa mandou fazer á oleo o seu retrato com os referidos trajes e o enviou á sua querida dama, que o deixou á sua filha unica D. Francisca Carolina de Verna Fonseca Monteiro de Barros. Este retrato se acha em lugar de honra na sala principal da chacara do Engenho Novo.

Do apreço e da amizade que a Sra D. Maria Antonia soube incutir á sua Imperial discipula dá prova a não interrompida correspondencia que se manteve de lado a lado, sempre affectuosa e da maior intimidade até finar-se em 1893, depois continuada entre a Princeza e sua afilhada de baptismo D. Francisca Carolina de Verna Fonseca Monteiro de Barros, filha de D. Maria Antonia, assim estreitamente relacionadas sem se terem visto.

Dos primeiros tempos da maioridade do Sr. D. Pedro II conservou-se memoria de um caso cabivel perfeitamente aqui. O Imperador, estando a brincar com as princezas o jogo de entrudo, D. Maria Antonia pediu a S. Magestade de não molhar mais as suas Irmãs, porque lhes podia fazer mal; então chegou o conde de Iguassú (Pedro Caldeira Brant, agraciado com o

referido titulo a 2 de dezembro de 1840), que, tendo certas liberdades no Paço, começou a jogar canecas d'agua sobre as Princezas; mas D. Maria Antonia zangou-se e disse: « que o Imperador o faça, ainda vá; mas tu, ó Conde das Canecas, não o consinto de modo algum!

D. Maria Antonia assistiu ao juramento que a 29 de julho de 1860, perante as duas Camaras reunidas no Senado, prestou S. A. a Princeza Imperial D. Izabel herdeira do throno.

Assistiu tambem, em 15 de outubro de 1864, ao casamento da Princeza Imperial com S. A. R. o Principe Gastão d'Orleans Conde d'Eu e em 15 de dezembro de 1864 ao casamento da Princeza D. Leopoldina com S. A. o Sr. Duque de Saxe Coburgo e Gotha e quando nasceu o Principe D. Augusto (6 de dezembro de 1867) o Sr. Duque de Saxe Coburgo e Gotha pedio á Sra. D. Maria Antonia de carregar o filho d'elle no acto do baptismo, sendo então D. Maria Antonia nomeada para servir a Princeza D. Leopoldina, que desde o seu casamento já tinha a seu serviço D. Rita de Lamare e a Sra. Machado Pinto.

O Sr. D. Pedro II fez sempre muita festa a D. Maria Antonia e quando resolveu sua primeira viagem á Europa, em 1871, quiz levar esta senhora com o marido na Imperial comitiva. Regosijava-lhe a idéa da agradavel sorpresa que causaria a sua irmã D. Francisca a visita da sua Dama, mas D. Maria Antonia não poude satisfazer o soberano, achando-se bem doente a sua filha D. Francisca Carolina, a unica descendente da sua união em 4 de junho de 1843 com o S. Luiz Carlos da Fonseca apoz obtenção da Imperial venia n'estes termos:

« Eu o Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, Faço saber aos que este Alvará virem que, em attenção ao que Me representou a Dama de Palacio Dona Maria Antonia de Werna Magalhães, allegando achar-se justa para casar com o Medico da Minha Imperial Camara o Doutor Luiz Carlos da Fonseca, e que para se verificar este casamento necessita Licença, e Approvação Minha, Hei por bem Conceder-lhe a referida Licença. E para constar lhe Mandei expedir este Alvará, que valerá como Carta passada pela Chancellaria, posto que por ella não ha de passar, e se cumprirá como n'ella se contém.

Dada no Palacio do Rio de Janeiro em quinze de Maio de mil oito centos e quarenta e tres, vigesimo segundo da Independencia e do Imperio.

IMPERADOR

José Antonio da Silva Maya.

Alvará por que Vossa Magestade Imperial ha por bem conceder Licença á Dama do Palacio Dona Maria Antonia de Verna Magalhães para effetuar o seu casamento com o Medico da sua Imperial Camara o Dr. Luiz Carlos da Fonseca, como acima se declara.

Para Vossa Magestade Imperial ver.

No verso encontrão-se estas declarações:

Reg.[do] a fl. 97 do L°. 8° de Leis, Alvarás e Cartas. Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio em 18 de maio de 1843.

João Glz. de Araujo.

Joaquim Xavier Garcia de Almeida o fez.

Acompanha o documento um *papagaio* com os dizeres seguintes:

Emolumentos Rs. 13$600.

Paiva

Gratis *M. Pr[a].*

* * *

Luiz Carlos da Fonseca veio ao mundo no dia 9 de fevereiro de 1808, era seu pai empregado da Contadoria de Ouro Preto.

A mando do Director da Escola de Medicina Dr. Peixoto, satisfazendo á um pedido do Dr, Luiz Carlos da Fonseca, o Secretario ajudante Domingos de Azeredo Coutinho Duque Estrada, em 5 de agosto de 1835, certificou que « revendo os Livros dos Exames

das materias que fazião objecto dos Estudos de Academia Medica Cirurgica, d'elles consta achar-se o supplicante em todos approvado *nemine discrepante*; certificou mais que dos Livros de Registros dos Exames das materias da nova Escola, consta tãobem, que o supplicante fez exame de Physica Medica, Botanica Medica e Principios Elementares de Zoologia, Chimica Medica e Medicina Legal, ficando tãobem em todas estas materias approvado *nemine discrepante* assim como nos Preparatorios e These.»

Consta do livro da correspondencia official da antiga Academia (á fl. 17 v.) que, em observancia da Portaria de 18 de janeiro de 1832, foi apresentado à congregação dos Lentes da Academia Medico-Cirurgica o requerimento do Porteiro das aulas Luiz Carlos da Fonseca e a 23 do dito mez a congregação julgou que tendo por vezes e agora este individuo ajudado e supprido as faltas do Sr. Secretario demittido e conhecendo a sua boa morigeração e conducta civil he digno do emprego de Secretario por accesso, até mesmo porque, sendo cirurgião approvado, está nas circumstancias identicas em que fôra admittido d'este lugar de Porteiro ao de Secretario Antonio Americo de Urzedo, depois Lente da Academia.

Luiz Carlos da Fonseca foi nomeado em 26 de janeiro de 1832 Secretario da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que lhe conferiu o gráo de doutor em dezembro de 1834; cirurgião ajudante do 2º Batalhão da Guarda Nacional da Côrte a 5 de julho de 1838; lente substituto de anatomia e physiologia das Paixões na Academia das Bellas Artes a 5 de julho de 1839; generosamente desistiu do respectivo ordenado em beneficio das urgencias do Estado e por semelhante prova de seu patriotismo foi mandado louvar no dia 15 de julho seguinte pelo Regente em nome do Imperador; medico de S. M. o Imperador por Portaria do tutor Marquez de Itanhaen com data de 2 de dezembro de 1839; passou a medico da Imperial Camara com 800$ annuaes de ordenado por Portaria de 23 de julho de 1840.

Tivemos em nosso poder o documento que passamos a transcrever:

« Certifico que revendo o livro primeiro dos assentos das pessoas casadas n'esta Santa Igreja Cathedral e Imperial Ca-

pella do Rio de Janeiro, n'elle á fl. 87 achei o assento do theor seguinte: Aos quatro dias do mez de junho, de mil oito centos e quarenta e trez annos, no oratorio privado da Excellentissima Dona Marianna Carlota de Verna Magalhães, o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Chrysopolis, precedendo o depoimento verbal, sem haver impedimento algum, dispensados os proclamas do estylo pelo Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo Diocesano, em sua presença e das testemunhas abaixo nomeadas, na fórma do Sagrado Concilio Tridentino e Constituição do Bispado, se receberão em matrimonio o Illustrissimo Doutor Luiz Carlos da Fonseca, filho legitimo de José Pedro Carlos da Fonseca; e de Dona Anna Rodezenda Vandelina da Silva, baptisada na freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Antonio Dias, Bispado de Marianna, com a Excellentissima Dona Maria Antonia de Verna Magalhães, filha legitima doIllustrissimo Joaquim José de Magalhães Coutinho e da Excellentissima Dona Marianna Carlota de Verna Magalhães, natural e baptisada na freguezia de Nossa Senhora da Lapa, Patriarchado de Lisboa, e lhes deu as Bençãos Nupciaes, na fórma do Ritual Romano; sendo testemunhas presentes, além de outros, o Excellentissimo Paulo Barboza da Silva e o Illustrissimo Doutor José Pedro Carlos da Fonseca, do que para constar fiz este assento. O coadjuctor Lourenço Mendes de Vasconcellos; e nada mais se continha no dito assento, a que me reporto: *ita in fide Parochi*. Sta. Igra. Cathedral e Capella Imperial 30 de julho de 1845: O coadjuctor Manoel Xavier Ribeiro do Amaral.»

Em meiado de julho de 1844 o Dr. Luiz Carlos da Fonseca foi nomeado Professor da Enfermaria do Aljube, sendo os vencimentos elevados a seiscentos mil reis.

Foi nomeado Cavalleiro da ordem de Christo por Carta Imperial de 5 de março de 1846 e Official da ordem da Rosa por Carta Imperial de 18 de janeiro de 1847.

Reformado no posto de Cirurgião Ajudante da Guarda Nacional por Carta Patente de 23 de dezembro de 1851, n'esta data obteve dous mezes de licença com o vencimento de seus ordenados para tratar de sua saude.

Em officio de 3 de agosto de 1852 o Inspector da Casa da Correcção da Côrte Sr. Antonio Paulino Limpo de Abreu agradeceu o 1.º medico do dito estabelecimento Dr. Luiz Carlos da Fonseca pela apresentação de um trabalho de muita importancia e utilidade.

A 13 de janeiro de 1853 deixou a Secretaria da Faculdade de Medicina, sendo aposentado com 800$ de ordenado, visto contar mais de 24 annos de serviço effectivo.

Data de 7 de abril de 1856 a nomeação do Dr. Luiz Carlos da Fonseca para Lente Cathedratico de anatomia e physiologia das Paixões na Academia das Bellas Artes com o ordenado de 1:200$.

A Provincia de Minas Geraes, onde nascêra, elegeu-o deputado á assembléa geral em seis legislaturas (5ª, 9ª, 10ª, 11ª, 14ª e 15ª) e quatro vezes contemplou-o nas listas submettidas ao poder moderador para escolher os succesores dos Senadores Luiz Antonio Barboza, Ottoni e Fernandes Torres (lista sextupla) Gabriel Mendes dos Santos e Marquez de Sapucahy e sendo nomeado por Carta Imperial de 18 de junho de 1875, tomou assento na Camara vitalicia a 2 de julho do mesmo anno.

O Senador Dr. Luiz Carlos da Foaseca deixou de existir a 21 de abril de 1887, e na sua noticia na folha do dia 22 disse o *Jornal do Commercio:*

« Falleceu hontem este antigo servidor do Estado, geralmente respeitado e estimado de quantos o conhecião de perto e apreciavão a nunca desmentida bondade do seu coração.

« A mesa do Senado, logo que teve noticia do fallecimento, reunio-se em conferencia sob a presidencia do Sr. Senador Cruz Machado, 2º vice-presidente e resolveu:

« 1.º Que se lançasse na acta a declaração de que a noticia do fallecimento do Sr. Senador Luiz Carlos da Fonseca foi recebida com o mais profundo pezar ;

« 2.º Que se nomeasse uma deputação de seis Senadores para acompanhar o feretro, ás 5 horas da tarde de hontem, da Rua do Bom Retiro n. 10 (hoje n. 32), no Engenho Novo, ao cemiterio de S. Francisco Xavier ;

« 3.º Que os membros da mesa tomassem luto por tres dias, convidando os empregados do Senado para os acompanhar nesta

demonstração de sentimento e que a secretaria se conservasse fechada durante esses dias ;

« 4.º Que se faça a communicação do fallecimento na forma da lei eleitoral, afim de se satisfazer o preceito constitucional do preenchimento da vaga.

« Para a referida deputação foram nomeados os seguintes senadores: Lafayette Rodrigues Pereira, Fausto Augusto de Aguiar, Antonio Marcellino Nunes Gonzaga, Henrique Francisco d'Avila, Visconde de Paranaguá e Domingos José Nogueira Jaguaribe.

« Na Academia das Bellas Artes, logo que se recebeu a noticia do fallecimento do decano dos seus professores, suspenderão-se as aulas, assim como no Conservatorio de Musica ; resolvendo o diretor, os professores e os empregados dos dous estabelecimentos tomar luto por oito dias. »

A Excellentissima Sra. D. Francisca Carolina de Verna Fonseca Monteiro de Barros possue os retratos á crayon de seus pais, sendo o Senador Luiz Carlos da Fonseca representado aos 76 annos de idade e a Sra. D. Maria Antonia aos 85 ; mas na collecção Boulanger do Instituto existe um *croquis* do retrato do Sr. Dr. Luiz Carlos da Fonseca, feito em 1853.

* * *

Tendo apparecido no Rio de Janeiro em 1855 uma forte epidemia de febre amarella, logo apóz o cholera, o Dr. Luiz Carlos da Fonseca, seu cunhado Conselheiro Ernesto Verna de Magalhães e concunhado Brigadeiro I. M. C. de Gusmão comprarão em Petropolis, na rua de Joinville, tres terrenos, em seguida um do outro. O Dr. Luiz Carlos da Fonseca immediatamente fez construir casa no seu lote e, como dissemos no *Jubileu de Petropolis*, que foi publicado em 1896, foi edificada com esplanada alta sobre a rua Joinville e ahi passou o verão com a familia até 1861 ou 1862, depois alugou a casa durante algum tempo e finalmente a vendeu a um vizinho, que muito a desejava, o Sr. Joaquim Carlos de Azevedo Silva.

A chacara do Engenho Novo, tendo passado a pertencer á Sra. D. Maria Antonia, para lá foram diversas vezes as Princezas D. Izabel e D. Leopoldina, solteiras; mas depois de casadas só a Princeza Imperial por varias occasiões com seu Augusto esposo.

A Princeza D. Izabel e o Sr. Conde d'Eu forão almoçar na chacara trazendo o Principe do Grão-Pará, com poucos mezes de idade, para que a Sra. D. Maria Antonia visse S. A. e o conhecesse, estando impossibilitada de sahir por motivo de molestia.

Achando-se gravemente doente na chacara a Sra. D. Francisca Carolina, alli forão pessoalmente se despedir, porque partião no dia seguinte para a Europa, a Sra. Princeza D. Izabel e o Sr. Principe Conde d'Eu. Suas Altezas apparecião frequentemente na casa da rua do Lavradio, hoje com o n. 164 ou na casa que durante algum tempo occupou na rua do Pinheiro a familia do Senador Luiz Carlos da Fonseca, quando a Sra. D. Francisca Carolina tomava banhos de mar.

*
* *

O Duque de Penthièvre, filho dos Principes de Joinville, fazendo parte da officialidade de um navio de guerra francez, esteve no Rio de Janeiro nos mezes de setembro e agosto de 1874, e se conformando ás recommendações da sua Augusta mai procurou a Sra. D. Maria Antonia, indo á chacara do Engenho Novo com seus primos a Sra. D. Izabel e o Sr. Conde d'Eu. Na casa da rua do Lavradio tomava chá ás vezes só e outras vezes com officiaes do seu navio e a 2 de agosto, anniversario natalicio da S. A. D. Francisca, Princeza de Joinville, assistiu o Duque com a officialidade quasi toda á reunião familiar que se realizou n'esta casa em homenagem á Sra. sua mai.

Pierre Philippe Jean Marie d'Orléans, Duque de Penthièvre, fez a sua educação naval nos Estados Unidos, onde serviu chegando a ser Capitão-Tenente. Teve de pedir a sua demissão para não ficar em situação esquerda, Napoleão III havendo desgostado os nortistas da Republica de Washington; mas admittido na

Armada de Portugal embarcou na *Bartholomeu Dias*. S. A. fez dous annos de campanha nos mares do Sul, estacionando em Buenos Ayres, Montevidéo e Rio de Janeiro, onde visitou seu augusto tio o Imperador D. Pedro II, em 1864 e 1865.

* * *

Depois da morte da Condessa de Belmonte o Imperador esteve só uma vez na chacara do Engenho Novo. Fôra em companhia da Imperatriz visitar a Baroneza de Santa Anna (D. Rosa de Santa Anna Lopes) em convalescença de grave molestia e, alli deixando a Imperatriz, seguiu S. M. até a propriedade do Visconde do Bom Retiro, de onde regressou para levar S. M. a Imperatriz.

Aquella chacara no tempo da Sra. D. Maria Antonia, como em vida da Sra. D. Marianna, deu asylo a mais de uma victima da fortuna. Ainda não fez um anno n'ella falleceu a irmã da quarta Marqueza de Itanhaen D. Maria José Beltrão, alli benevolemente acolhida e onde foi bondosamente tratada pela distincta filha da sua bemfeitora, a quem sobreviveu.

Uma senhora illustre é a epigraphe do artigo mui interessante que se acha estampado na *Gazeta de Petropolis* de 12 de agosto de 1893 :

« Na avançada idade de 88 annos cerrou os olhos á luz da vida, no dia 8 do corrente, uma das senhora mais distinctas da nossa sociedade, desde que ella existe constituida : D. Maria Antonia Verna Magalhães da Fonseca.

« Viveu no meio das grandezas, sem que jámais o seu elevadissimo espirito se deixasse por ellás fascinar.

. . . .

« De todas as mutações que se operarão no Brazil desde os principios do seculo, colonia, reino, imperio e republica, foi essa senhora testemunha intelligente e em algumas crises espectadora muito de perto. Tambem a sua conversação era sobremaneira instructiva, animada e sem nenhum dos desfallecimentos proprios da idade, espirituosa e alegre sempre.

« Pena é que não tivesse sido devidamente aproveitada aquella riquissima e inexgotavel fonte de tradições para se escrever, sem solução de continuidade, toda uma historia do Brazil, na sua parte mais importante, de cunho grandemente pittoresco mas com todo o rigor da verdade.

« Casou com o Dr. Luiz Carlos da Fonseca, medico de nota e influencia legitima na então provincia de Minas Geraes,q ue dignamente representou por vezes na Camara e por fim no Senado.

« Esposa modelo, mãi exemplar, D. Maria Antonia occupou com muita elevação lugar saliente na sociedade, espelho fiel das qualidades eminentes e superioridade de maneiras e amabilidade que caracterisavam as senhoras das éras passadas, as grandes damas das côrtes antigas.

« A sua notavel intelligencia, a grandeza de seu entendimento, a vivacidade do seu espirito prompto, jàmais soffreram a mais leve depressão e nos ultimos dias de existencia ainda manifestavam o brilho e a lucidez das épocas da mocidade. Pertencia, de certo, a essas organisações privilegiadas que se conservam acima da contingencia dos annos e sobranceiras podem resistir aos effeitos do tempo.

. . . .

« Quantos a conheceram, avaliam devidamente a dôr e a tristeza, que imperam hoje na desolada familia por tão fundo golpe. D. Maria Antonia pertencia ao numero daquelles entes, que parece nunca deverião morrer, pelo enorme vacuo que abrem ao seu desapparecimento, pela insanavel falta que fazem as fundas e pungentes saudades que deixam. »

Evidentemente as precedentes linhas sahirão da penna habil e justiceira do Sr. visconde de Taunay, que teve numerosos ensejos de apreciar as qualidades moraes e intellectuaes da sua distincta madrinha de baptismo.

Falleceu a Sra. D. Maria Antonia na sua chacara do Engenho Novo, zelosamente conservada como precioso legado que deixou á sua filha e unica descendente immediata, D. Francisca Carolina de Verna Fonseca Monteiro de Barros.

* * *

Referindo-se a S. A. a Princeza Sra. D. Francisca, em 1862 no periodico *O Futuro* Monsenhor Joaquim Pinto de Campos escreveu:

« Em uma Côrte como a de Paris, typo no explendor da civilisação e do espirito, a nossa princeza tomou com honra o seu logar e quantos a rodeavam, começando pelo rei e a rainha, adoravam, aquella melhor Estrella do Sul — porquanto estes seus novos pais não sabiam que mais admirar nella : se os encantos de sua formosura e graça, se o fulgor de seu espirito, se a grandeza de suas virtudes ».

« Desde os primeiros annos de seu enlace ganhou o affecto de todos quantos viviam então na Côrte de França », disse Charles Yriarte no livro que publicou em 1885 « Les Princes d'Orléans, etc. ».

Le Figaro de 28 de março de 1898 contém mais os dados seguintes:

« A Princeza de Joinville não estava em Paris quando arrebentou a revolução de 1848, O estado de sua saude, exigindo um clima meridional, tinha desembarcado em Argel com o seu esposo em 9 de fevereiro. O Duque e a Duqueza d'Aumale foram ao encontro delles. As duas Princezas, em carro descoberto, e acompanhadas por um immenso sequito (cortège) á frente do qual adiantavam-se a cavallo os dous Principes, dirigirão-se para o palacio do Governo, no meio das ovações as mais calorosas.

« Quem teria podido desconfiar que a monarchia de julho não tinha mais que alguns dias de vida ?

« A 3 de março, os dous Principes e as duas Princizas deixaram a Algeria para o exil e foram a pé até o porto de Argel: o Duque d'Aumale caminhava na frente, o Princepe de Joinville vinha em seguida dando o braço á Duqueza d'Aumale ; depois o general Changarnier dando o braço á Princeza de Joinville. Os Francezes e os indigenas tinhão vindo em grande numero (en foule) para render uma ultima homenagem aos exilados. Não foi sem altivez, mas com um profundo aperto de coração, disse o Principe de Joinville, que descemos a rue de la Marine, salvados pelo canhão dos fortes e até o fim acompanhados por todos

os corpos dos officiaes de terra e mar, entre os quaes contavamos tantos amigos velhos, bons camaradas. A despeito (En dépit) do verme roedor da revolução, minha familia deixava a França prospera, intacta, respeitada, com magnificos exercitos e uma colonia não menos magnifica.

« Exiladas, como os seus maridos e filhos, pela lei de 26 de maio de 1848, as esposas dos Principes d'Orléans só poderão voltar para á França no dominio da terceira Republica. Tres falleceram em terra estrangeira a Duqueza de Nemours, a Duqueza d' Orléans e a Duqueza d'Aumale. A Princeza de Joinville poude tornar a ver o paiz onde os primeiros annos do seu casamento se havião passado de um modo tão feliz e tão brilhante.

«Esta Princeza (D. Francisca de Bragança, esposa de Francisco d'Orléans, Principe de Joinville) tem sido tão admiravel nos dias de provas e angustias quanto no tempo da prosperidade. Sua vida toda inteira consagrada aos seus deveres de familia, as boas obras, a caridade, tem dado o nobre exemplo de todas as virtudes christãs. No seu *domaine* d'Arc-en-Barrois, na sua Villa de Chantilly, no seu modesto Hotel da Avenida d'Autin, ella se fazia amar e estimar por todos. Deixa uma filha, a Sra. Duqueza de Chartres (Françoise Marie Amélie nascida em 14 de agosto de 1844 e casada em 11 de junho de 1863 com seu primo o Duque de Chartres) e um filho o Duque de Penthièvre (Pierre Philippe Jean Marie d'Orléans, nascido a 4 de novembro de 1845), que tinhão para ella um profundo amor—. O passamento desta piedosa Princeza, que foi *une femme d'élite* pelo espirito e o coração, é um luto para a familia real e a França. »

A Princeza de Joinville falleceu no domingo 27 de março de 1898, ás 8 horas da manhã.

No dia immediato lia-se no jornal francez *Le Figaro* o seguinte:

« Vindo de Chantilly, na ultima terça-feira, chegára com muito boa saude em Paris onde a esperava o Principe no seu Hotel da Avenida d'Autin. Quarta-feira foi alvo de uma pneumonia, que a principio não pareceu grave. Sabbado o mal, porém, fez progressos fulminantes. A Duqueza de Chartres passou toda

a noite de sabbado para domingo á cabeceira de sua mãi, e domingo de manhã, apoz ter recebido os ultimos Sacramentos a Princezá extinguio-se sem soffrimentos, no meio de sua familia em lagrimas, tendo fallecido como vivêra — na paz do Senhor. »

Vamos transcrever alguns trechos do periodo pariziense *Le Figaro* de 29 de março de 1898 :

« Hier soir, à cinq heures, a eu lieu la mise en bière de S. A. R. la princesse de Joinville, en présence de Mgr. le prince de Joinville, de Mgr. et de Mme la duchesse de Chartres, de Mgr le duc de Penthièvre, et des religieuses qui ont veillé la défunte.

Le corps a été placé dans un premier cercueil capitoné de satin blanc, qui a été mis dans un cercueil de plomb ; les deux ont été placés dans une enveloppe de chêne, toute garnie de velour noir avec galons, clous argentés et poignées ciselées. Au milieu du couvercle, une plaque d'argent sur laquelle est gravée l'inscription de l'acte de décès rédigé à la mairie du huitième arrondissement. Plus bas, une croix en argent.

Après le scellement, le cercueil a été porté de la chambre mortuaire dans le salon du premier étage, transformé en chapelle ardente. L'estrade qui supporte le cercueil est entourée de cierges. A droite et à gauche, des prie-Dieu.

M. L'abbé Fleuret, curé de Saint-Philippe du Roule, assisté du clergé de la paroisse, fera demain matin la levée du corps. Le cercueil sera ensuite transporté, dans un fourgon spécialement décoré, à la gare Saint-Lazare.

Les membres de la famille royale suivront dans des voitures de deuil.

A la gare, le corps sera déposé dans le wagon funéraire où sera dressé un catafalque. Dans les wagons contigus prendront place les prêtres et les religieuses.

Le train spécial se composera de wagons-couloirs pour les princes, les princesses, les représentants des maisons souveraines et les membres du corps diplomatique.

Les autres wagons seront réservés aux membres du service d'honneur et aux amis de la famille. Ne seront admises dans ce train que les personnes munies de cartes.

A l'arrivée à Dreux, le clergé de la paroisse de la ville recevra le corps á la gare, qui sera tendue de draperies noires. De là, le cercueil sera transporté à la chapelle royale de Saint-Louis.

Ordre du cortège: Deux huissiers, les voitures du clergé, six hommes en livrée et culotte courte, le corbillard traîné par six chevaux caparaçonnés et tenus à la main par des valets de pied, les religieuses, les prêtres et les religieux, la livrée des membres de la famille, M. Bengold directeur de la maison Henri de Borniol; les princes, un second maître des cérémonies, les représentants des maisons souveraines, les princes étrangers, les ambassadeurs et les membres du corps diplomatique, les membres des services d'honneur des princes, les amis:

Les princesses et leurs dames d'honneur seront conduites directement à la chapelle Saint-Louis dans des berlines dont les portières porteront les armes de la Maison royale de France.

Au parc de la chapelle le clergé de la ville se joindra aux chapelains et précédera le corbillard jusqu'à la chapelle royale. Après la cérémonie religieuse, le corps sera inhumé dans l'un des tombeaux de la crypte.

Voici le libellé de la carte d'invitation:

OBSÈQUES

DE SON ALTESSE ROYALE

MADAME LA PRINCESSE DE JOINVILLE

Train spécial pour Dreux, le mercredi 30 mars (gare Saint-Lazare, grand hall du 1er étage)

Départ de Paris à 7 heures 45 du matin.

Départ de Dreux, à 2 heures 45 du soir.

Carte pour une personne, à présenter à l'aller et au retour.»

E do *Figaro* de 31 de março de 1898 os topicos seguintes:

« Le train spécial qui amenait le corps de S. A. R. la princesse de Joinville est arrivé à Dreux à neuf heures trois quarts. M. l'abbé Leroy, archipètre de Saint-Pierre de Dreux, suivi de son clergé, a reçu le corps, et le cortège s'est mis en marche

dans l'ordre et le cérémonial que nous avions dejà donnés. Le service a été parfaitement réglé par M. Bengold, directeur de la maison Henri de Borniol.

Mgr. le prince de Joinville, en descendent du train, s'est rendu directement à la chapelle royale.

Derrière le cercueil, marchaient les princes, les princesses et les représentants des nations souveraines. Une foule nombreuse et recueillie se tenait sur tout le parcours, de la gare la chapelle royale. Celle-ci était tendue de draperies noires lammées d'argent. Le catafalque était surmonté de la couronne royale voilée d'un crêpe.

A droite du catafalque ont pris place: Mgr. le prince de Joinville, Mgr. le duc de Penthièvre. Mgr. le duc de Chartres. Mgr. le prince Henri d'Orléans, Mgr. le prince Jean d'Orléans, le duc de Magenta, Mgr. le comte d'Eu représentant Monseigneur le duc d'Orléans, Mgr. le duc d'Alençon, Mgr. le duc de Vendôme, Mgr. le prince Antoine d'Orléans-Bragance.

A gauche se tenaient LL. AA. RR. la duchesse de Chartres, la princesse Valdemar du Danemarck, la princesse Marguerite. duchesse de Magenta ; Mme. la comtesse d'Eu et la princesse Blanche d'Orléans.

Puis venaient: sir Edmund Monson, ambassadeur d'Angleterre représentant la reine Victoire ; M. Martin Gosselin, ministre plénipotentiaire représentant Mgr. le prince de Galles ; le baron d'Anethan, ministre de Belgique, représentant le roi et la reine des Belges ; M. de Souza Rosa, ministre de Portugal, représentant le roi Charles et la reine Amélie ; M. Ivan S. Guéchoff, représentant le prince et la princesse de Bulgarie ; le comte de La Tour-en-Voivre, représentant Mgr le comte de Caserta, chef de la maison royale de Bourbon-Scicile, et Mme. la comtesse de Caserta.

La messe, dite par M. l'abbé Gromard, premier chapelain de la chapelle royale, a commencé á dix heures et demie. Pendant le service, M. Delpouget a chanté *Miseremini*, de Steemann ; M. Muratet, le *Pie Jesu*, de Samuel Rousseau, et tous les deux un *Motet*, de Th. Dubois.

Me. Samuel Rousseau tenait l'orgue.

Après la messe, l'archiprêtre Leroy a donné l'absoute. Puis le corps, descendu dans la crypte a été placé dans le dernier sarcophage de droite, à côté de celui de S. A. R. la duchesse d'Alençon.

L'inhumation terminée, les princes et les princesses, se tenant à l'entrée de la chapelle, ont remercié les assistants qui défilaient devant eux. Reconnus dans la foule:

Le vice-amiral et Mme. Bonie, le général Humann, le général et Mme. Béziat, le commandant et Mme. de Lapierre, le lieutenant de vaisseau William Forger: les ducs de la Trémouille, de Luynes, de Noailles, de Fezensac; la marquise de Beauvoir; les marquis de Lasteyrie, d'Audiffret-Pasquier, de Saporta, de Lubersac, Du Luart, d'Harcourt, Vaillant d'Arbois, de Barral, de Gouy d'Arsy; les comtes et les comtesses Vigier, Henry d'Yanville, de Clinchant, de Montangon, de Viel-Castel, Vigier douairière; les comtes d'Haussonville, de Salvandy, Amelot de Chaillou, Ch. de Monchy, R. de Fitz-James, le Marois, J. de Vasselot, de Bastard, de Blagny, Jacques de Poret; la vicomtesse de Lambel, le vicomte P. de Chazelle, le baron de Muritiba, de Bonnefoux; le baron de Barante, de Chabaud-La Tour; MM. les abbés David, Damas, Langlois, curé de Saint-Firmin; MM. et Mmes. Aubry-Vitet, Launois, Laugel, de Bellerue, Anatole Leroy-Beaulieu, Pallu de Lessert, Chardon, Berthaut, Armand Bapst, F. Doyen, de Linguat de Saint-Blanquet; Mmes. Ancel, Récamier, du Breuil de Saint-Germain, Henri Renard, Emmanuel Bocher; MM. Paul Bapst, Taunay, Th. Mallet, L. Tardieu, Dalloyau, Robert Lebaudy, Blanc de Kirwan. Thuillier, G. Hugues, S.-Gr. Tchaprachikov, attaché à la légation de Bulgarie, E. Duvergie, de Hauranne, Ernest de Normandie, Armand Bapst, E. Lalo, Deplechin E. Bertin, G. Odiot, Calla, Eugène Dufeuille, Pierre Izarn.

Le défilé terminé, Leurs Altesses Royales se sont rendues à l'évêché ou un déjeuner leur a été servi. Leur départ a eu lieu à deux heures et quarante-cinq, par le même train spécial qui a ramené à Paris tous les autres invités. »

O *Jornal do Brasil* no seu numero de 1 de maio de 1898 traz uma correspondencia de Pariz com data de 1 de abril, onde se lê:

« O telegrapho já lhes communicou, de certo, a noticia da morte da princeza de Joinville, irmã do fallecido Imperador do

Brazil, morte que foi aqui muito sentida entre as aristocraticas familias do nobre «Fauboug Saint-Germain», com a maioria das quaes a defunta estava aparentada.

« A illustre princeza falleceu no seu palacio da avenida d'Antin aos Campos Elyseos, succumbindo a uma congestão pulmonar, em 48 horas, devido a um resfriamento que os seus 73 annos tornaram mortal.

« Na sua agonia, que foi suave e curta, esteve rodeada de seu marido, o principe de Joinville, de seus dous filhos, a duqueza de Chartres e o duque de Penthièvre, e de seus netos. A sua morte foi immediatamente notificada ás cortes estrangeiras e a todos os membros da familia Orléans.

« Filha do Rio de Janeiro, a princeza Francisca Carolina de Bragança era uma brazileira distinctissima e um coração diamantino. Seu marido, François de Orléans, cavalleiro do Tosão de Ouro, antigo almirante de França, é o unico sobrevivente dos filhos do rei Luiz Felippe. Do seu casamento teve só dous filhos, a princeza Françoise de Orléans, duqueza de Chartres, e o principe Pierre de Orléans, duque de Penthièvre. Seus netos são: a princeza Valdemar, da Dinamarca, o principe Henri de Orléans, a princeza Marguerite duqueza de Magenta, e o principe Pierre de Orléans. O duque de Orléans, chefe actual da casa de França, é seu segundo sobrinho.

« Os funeraes da princeza de Joinville realisaram-se hontem de manhã em Dreux, na capella de Saint-Louis, reservada para a sepultura dos membros da familia de Orléans. Um comboio especial, que partiu daqui ás sete horas da manhã, pela *gare* Saint-Lazare, conduziu a Dreux o corpo da princeza, os membros da familia e cerca de 250 convidados. O feretro ia em um wagon mortuario, á frente do comboio. Nos outros wagons tomaram logar os principes e as princezas da familia, os membros do corpo diplomatico, os convidados e os membros da imprensa.

« Na *gare* de Dreux, onde a sala das bagagens fôra tranformada em capella ardente, a retirada do corpo foi feita na presença dos principes pelo abbade Leroy arcediago de Dreux, formando-se immediatamente o cortejo. Atraz do feretro se-

guiam duas religiosas, precedendo os membros da familia pela ordem seguinte:

« O duque de Penthiévre, filho da princeza ; o duque de Chartres ; o conde d'Eu, representando o duque de Orléans ; os principes Henri e Jean d'Orléans ; o duque de Magenta, o duque de Alençon ; o duque de Vendôme e o principe Antonio de Orléans Bragança. Seguiam-se depois os representantes das casas soberanas, os principes estrangeiros, os embaixadores e os membros do corpo diplomatico ; Srs. Edmond Musson, embaixador da Inglaterra ; Gosselin, representando os principe de Galles ; barão d'Annethan, ministro da Belgica ; Souza Rosa, ministro de Portugal ; Guéchoff, ministro da Bulgaria ; conde la Tour en-Voivre, representando o conde de Caserta e outros, de que não pude tomar nota.

« O cortejo dirigiu-se para a capella de Saint-Louis que estava severamente ornada de velludo preto lhamado de prata, com os escudos das armas de França. A grande eça, levantada no meio da capella, estava encimada por um senotaphio coberto de velludo preto com franjas de prata, sobre o qual se via a corôa real velada de crepe.

« Sessenta cirios e seis lampadarios cercavam á rotunda da capella.

« A missa de *requiem* foi dita pelo abbade Gremard, capellão da igreja, e a absolvição foi dada pelo abbade Poncló, vigario geral honorario e deão do capitulo metropolitano de Chartres.

« Além das notabilidades parisienses e estrangeiras, dos membros da familia de Orléans, etc., a que acima me refiro, assistiram tambem a este acto os Ss. conde de Bari, duque de Lerger, duque e duqueza d'Audiffret Pasquier, duque de Sabran-Pontevé, marquez de Lasteyrie, Limboury conde d'Hassonville, marquez de Gony d'Arsy, marquez de l'Aigle, viscondessa de Gronchy, conde e condessa de Thanneberg, Gueveau de Muny, Linguat de Saint-Blanquat, barão A. de Rothschild, conde de Nion, duque de Luynes, duque de la Trémouille, conde de Grammont, conde de Rochefort, conde e condessa Riancey, barão e baroneza de Neufize, conde de Charelle, conde de Malange, barão de Morelle, conde de Maily-Chalen, conde Gonzague, Conde de Beauregard,

conde de Tainne, André Buffet, principe e princeza de Tarento, visconde de La Rechefoucault, general Bériat, barão de Chabant La Tour, visconde e viscondessa de Harcourt, duque de Terenzac, e outros, a cuja frente, e em logar reservado, se collocaram a duqueza de Chartres, a princeza Valdemar, a duqueza de Magenta e a condessa d'Eu.

O feretro da princeza foi levado processionalmente para a crypta, onde em presença dos principes e das princezas foi collocado no ultimo tumulo da direita, junto do sarcophago em que repousa o duque de Nemours. Ao palacio do principe de Joinville tem ido inscrever-se toda a aristocracia parisiense e estrangeira. Quasi todas as côrtes da Europa enviaram telegrammas de condolencia.»

A augusta finada recebêra na pia baptismal, no Rio de Janeiro, os nomes de Francisca Carolina Joanna Carlota Leopoldina Romana Xavier Paula Miguela Gabriela Gonzaga. Importarão em 8:628$966 as despezas feitas com o enxoval e as ceremonias do baptisado de S. A. Em suffragio da alma de tão preclara Princeza diversas missas forão rezadas no Rio de Janeiro, sendo uma na capella privativa da sua afilhada a Exma. Sra. D. Francisca Carolina de Verna Fonseca Monteiro de Barros na chacara do Engenho Novo, 32 Rua Barão do Bom Retiro. O augusto viuvo S. A. o Sr. Principe de Joinville é o unico sobrevivente dos filhos do Rei Luiz Felippe, sendo unica filha sobrevivente S. A. a Sra. Princeza Clementina d'Orléans Duqueza de Saxe Coburgo e Gotha, augusta mãi de SS. AA. o Principe D. Luiz Augusto de Saxe Coburgo e Gotha viuvo de S. A, a Princeza D. Leopoldina de Bragança e Bourbon e o Principe D. Fernando Soberano de Bulgaria.

S. A. a Sra. Princeza D. Januaria Maria Joanna Carlota Leopoldina Candida Francisca Xavier de Paula Michaela Gabriela Raphaela Gonzaga, viuva de S. A. o Sr. Conde d'Aquila, é a unica irmã sobrevivente da Sra. Princeza de Joinville, que perdeu seus augustos irmãos.

Winterhalter fez a oleo o retrato da Sra. Princeza de Joinville aos 19 annos; acha-se elle n'uma das salas do Palacio de Versailles perto de Pariz. Servio, talvez, de modelo para o retrato que traz o Almanack de Gotha no seu numero de 1845.

Charles Yriarte nos deu outro retrato no livro que publicou em 1885 intitulado « Les Princes d'Orléans, etc, » e no *Correio de Europa*, datado de Lisboa 30 de março de 1898, encontramos mais um que é sem duvida dos mais modernos tirados pela Sra. Princeza de Joinville.

***

D. Francisca Carolina de Verna da Fonseca Monteiro de Barros, filha unica do Senador Dr. Luiz Carlos da Fonseca e sua esposa a Sra. D. Maria Antonia de Verna Magalhães da Fonseca, neta da Sra. Condessa de Belmonte — D. Marianna Carlota de Verna Magalhães Coutinho, nasceu no Rio de Janeiro n'uma casa da rua do Lavradio, hoje com o n. 164; baptisada na Capella da chacara da Sra. sua avó no Engenho Novo, teve por padrinhos SS. AA. o Principe e a Princeza de Joinville, devidamente representados pela Sra. Condessa de Belmonte e seu filho o Conselheiro Ernesto Frederico de Verna Magalhães, avó e tio da afilhada.

A Sra. D. Francisca Carolina foi chrismada na Capella da Imperial Quinta da Boa Vista em São Christovão, sendo madrinha S. M. a Imperatriz.

Casou-se na Capella da chacara do Engenho Novo, a 30 de novembro de 1865, com o Dr. Eugenio Augusto de Miranda Monteiro de Barros; forão padrinhos os Principes Conde d'Eu e D. Izabel, o Duque de Saxe e D. Leopoldina.

D'este consorcio existem seis filhos ou bisnetos da Condessa, que são:

1.º D. Marianna Izabel Monteiro de Barros Leão, que foi baptisada na Capella da Imperial Quinta de São Cristovão, tendo por padrinhos os Principes Condes d'Eu e se casou na Capella da chacara do Engenho Novo, a 29 de novembro de 1890, com o Dr. Vito Pacheco Leão.

2.º D. Eugenia Leopoldina Monteiro de Barros Cavalcanti de Albuquerque, que foi baptisada na Capella da Imperial Quinta em São Christovão, tendo por padrinhos os Principes Duques de Saxe e se casou na Capella da chacara do Engenho Novo, a 27 de

novembro de 1886, com o official de marinha Pedro Cavalcanti de Albuquerque, filho do Marechal Frederico Cavalcanti de Albuquerque e de sua senhora D. Maria Amalia de Lima Cavalcanti, neto pelo lado paterno do Senador barão de Pirapama (Manoel Ignacio Cavalcanti de Lacerda Albuquerque) e baroneza de Pirapama (D. Marianna Victoria Cavalcanti), pelo lado materno do visconde de Magé (Sr. General José Joaquim de Lima e Silva) e viscondessa de Magé (D. Maria Eulalia de Lima e Silva).

3.º O bacharel Francisco de Paula Monteiro de Barros, que foi baptisado na Igreja de Santo Antonio dos Pobres, tendo por padrinho o Senador Luiz Carlos da Fonseca e madrinha D. Maria Antonia e se casou na Igreja matriz de São Francisco Xavier, a 17 de setembro de 1892, com a Sra. D. Leonor Caminhá Monteiro de Barros, sendo padrinhos o Dr. Fortunato da Fonseca Duarte, Ricardo Gusmão e Julieta Gusmão.

4.º Ernesto Frederico de Verna Magalhães, baptisado na Igreja de Santo Antonio dos Pobres, tendo por padrinho o Dr. Antonio Luiz Barboza da Silva e madrinha D. Leopoldina Izabel de Verna Magalhães Barboza.

5.º Luiz Carlos da Fonseca, que foi baptisado na Igreja de Santo Antonio dos Pobres, tendo por padrinho Manoel Jesuino Ferreira e madrinha D. Josephina Pedreira Pires de Figueiredo.

6.º D. Francisca Carolina Monteiro de Barros, que foi baptisada na Igreja de Santo Antonio dos Pobres, tendo por padrinho o Dr. Fortunato da Fonseca Duarte e madrinha D. Thereza Christina Monte da Fonseca Duarte.

Os netos da D. Francisca Carolina, bisnetos de D. Maria Antonia e trinetos da Condessa de Belmonte são:

a) Vera, Eugenio, Dulce, Frederico, Olga (fallecido) Zelia e Pedro, filhos e filhas de D. Eugenia Leopoldina Monteiro de Barros Cavalcanti de Albuquerque e do Primeiro Tenente Pedro Cavalcanti de Albuquerque. As cinco ultimas d'estas crianças forão baptisadas na Capella da Chacara do Engenho-Novo.

b) Vito (fallecido), Esther, Vito, filho e filha da D. Marianna Isabel Monteiro de Barros Leão e do Dr. Vito Leão. Sómente Esther foi baptisada na Capella da chacara.

c) Eugenio Augusto, Octavio e Carlinho, baptisados na Capella da Chacara, são filhos do advogado Francisco de Paula Monteiro de Barros e de D. Leonor Caminha Monteiro de Barros.

* * *

A proposito do consorcio do Sr. 1º Tenente Pedro Cavalcanti de Albuquerque com a Exma. Sra. D. Eugenia Leopoldina Monteiro de Barros Cavalcanti de Albuquerque, occorre-nos reproduzir aqui alguns topicos da *Cartilha Imperial* composta no Rio de Janeiro em 1838 pelo paraense Felippe Alberto Patroni Martins Maciel Parente, quando solicitava o emprego de mestre de litteratura e sciencias positivas do Imperador, trabalho impresso em 1840 no Pará:

« Ha pois sempre em todo o mundo oito nações realmente magestosas ou potencias de primeira ordem que exercem o dominio eminente sobre todas as outras nações que habitão o globo terraquo.— Ha sempre em cada huma nação oito provincias ou cidades que dominão sobre todas as outras cidades ou provincias do mesmo Imperio.— Ha sempre em cada huma cidade ou provincia oito familias cheias de prestigio e que, attrahindo sobre si todas as deferencias, sympathias, considerações e respeitos, exercem a influencia suprema sobre todas as outras familias da mesma cidade ou provincia...............................

« São de facto em numero de oito as familias que mais têm preponderado na politica do Brasil desde o tempo da Independencia e muito antes que ella apparecesse.

« 1ª— *Casa de São Christovão* ou Familia Imperial, do Rio de Janeiro, 1ª do tom na gamma brasileira, legislação, moral e sciencia, ou politica e religião, poder fisico e moral.

« 2ª— *Andrada* de São Paulo, 2ª do tom, especie a mais moral das notas da gamma por ser incognita da 8ª na paridade, da qual tem a essencia e natureza.

« 3ª — *Monteiro de Barros*, de Minas Geraes. 3ª do tom, especie necessaria na firmesa tonica.

« 4ª — *Carneiro de Campos*, da Bahia, 4ª do tom, especie falsa por natureza e incapaz de firmar tom.

« 5ª — *Cavalcanti de Albuquerque*, de Pernambuco. 5ª do tom na gamma ou especie central, que, tendo a natureza de *justo meio* serve a desculpar todas as dissonancias, dirigindo a harmonia toda para firmar o tom na 1ª da gamma em todos os transportes. Centro ou justo meio da fisica e moral do Brazil pela posição geographica de Pernambuco no mundo brazileiro. Eixo da balança politica, ou regente, ou primeiro ministro. Personalisação realisada da lei do movimento.

« 6ª — *Castro*, do Ceará. 6ª do tom, especie de transição e desculpa.

« 7ª — *Gonçalves Silva*, do Rio Grande do Sul. 7ª do tom, fim das notas naturaes da gamma, fim da fisica e moral do Brazil; morte ou resurreição, ou decomposição e recomposição na 8ª da gamma que fórma o unisono.

« 8ª — *Maciel Parente*, do Pará. 8ª do tom, principio de fisica e moral do Brazil pela posição natural de Provincia no territorio brazileiro. Reproducção da Unidade. »

***

O Dr. Eugenio Augusto de Miranda Monteiro de Barros, esposo, como já dissemos, da unica filha da Sra. D. Maria Antonia de Verna Magalhães Fonseca e unica neta da Sra. Condessa de Belmonte, nasceu na provincia de Minas Geraes no dia 20 de agosto de 1834, na fazenda da Boa Esperança, sita em Congonhas de Campos, então propriedade do seu avô o Barão de Paraopeba; foram seus pais o Desembargador Francisco de Paula Monteiro de Barros e D. Anna Carlota de Miranda Monteiro de Barros.

Formado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro desde 1860, não exerceu a profissão, tendo entrado para o funccionalismo publico na Secretaria dos Negocios do Imperio, onde foi Sub-Director da 1ª Directoria.

Teve sua aposentadoria em 1889.

Foi acertado o enlace que unio em 1865 o Dr. Eugenio Augusto de Miranda Monteiro de Barros com a Exma. Sra. D. Francisca Carolina de Verna Fonseca Monteiro de Barros, pois que reunio dous entes igualmente cheios de bondade. Em homenagem á memoria dos ascendentes reviverão os nomes d'elles nos seus tres descendentes varões: Dr. Francisco de Paula Monteiro de Barros, Ernesto Frederico de Verna Magalhães e Luiz Carlos da Fonseca. E ás ruas que fizeram abrir, em 1897, na chacara n. 32 da rua Barão do Bom Retiro derão os nomes dos anteriores proprietarios: Condessa de Belmonte, Conselheiro Verna de Magalhães e D. Maria Antonia.

A dita chacara apoz a venda em lotes dos terrenos aos lados das referidas ruas novas vai ficando reduzida a menos de metade de sua primitiva área. Quanto aos edificios da chacara e casa de vivenda dos proprietarios, resolvido o casamento da Exma Sra. D. Eugenia Leopoldina Monteiro de Barros com o Primeiro Tenente Pedro Cavalcanti de Albuquerque, tem sido reformados e augmentados em 1886.

N'esta chacara, onde nascerão, foram baptisados e se casaram diversos membros da familia, descendentes da Sra. Condessa de Belmonte, de alguns annos para cá, deram-se quatro casos de morte, sendo tres em pessoas da casa: a 8 de agosto de 1898 a proprietaria D. Maria Antonia de Verna Magalhães Fonseca, e a 23 de dezembro do mesmo anno a irmã d'ella D. Leopoldina Izabel, finalmente em 19 de fevereiro de 1893, depois de longa enfermidade, o Dr. Eugenio Augusto de Miranda Monteiro de Barros, que no dia immediato foi sepultado no cemiterio de São Francisco Xavier, no Cajú.

A 23 do mesmo mez e anno, o *Jornal do Commercio*, em uma noticia por demais restricta com relação a cavalheiro tão distincto, quão modesto, disse que «elle foi sempre um empregado zeloso, activo e de grande competencia, tendo prestado bons serviços e sendo respeitado e estimado por todos que o conheceram».

Temos grata lembrança das nossas cordiaes relações com o finado Dr. Eugenio Augusto de Miranda Monteiro de Barros e folgamos de poder aqui patenteal-o, mórmente á desolada viuva, a

Exma. Sra. D. Francisca Carolina de Verna Magalhães Fonseca Monteiro de Barros, fiel conservadora das nobres tradições de seus distinctos maiores, que as transmittirá á sua numerosa prole, afim de serem sempre respeitosamente guardadas para a gloria d'essa familia illustre do Brasil.

Os presentes «Apontamentos», sem pretenção escriptos, ficam archivados nas paginas da *Revista Trimensal* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro á espera de quem possa no futuro tirar d'elles os elementos para um estudo assaz aprofundado da Historia do Brasil nos periodos de 1808—1821, de 1822 — 1831 e 1831 — 1840.

Henri Raffard.

ACTAS DAS SESSÕES DE 1898

1ª SESSÃO ORDINARIA EM 6 DE MARÇO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A' hora e no logar de costume, reunidos os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, Correia e Alencar Araripe, H. Raffard, Drs. Marques Pinheiro e Joaquim Nabuco, Padre Bellarmino de Souza, Barões de Alencar e de Loreto, Visconde Rodrigues de Oliveira, Drs. Velho da Silva, Sacramento Blake e Nunes Pires, servindo de 2º Secretario, é aberta a sessão.

Falta, com causa participada, o Sr. Barão Homem de Mello.

Não tendo sido apresentada a acta da ultima sessão, passa-se á tomar conhecimento do

EXPEDIENTE

Pelo Sr. 1º Secretario são lidos os seguintes officios:

Do Sr. Conselheiro Alencar Araripe pedindo, em 27 de janeiro ultimo, dispensa do logar de thesoureiro do Instituto. E' resolvido consignar-se na acta que o Instituto concede-a bem a seu pezar; significando, porém, seu profundo agradecimento ao mesmo consocio, pelos relevantes serviços prestados, durante longos annos, no exercicio de tal cargo.

O Sr. Presidente nomeia para interinamente substituir o Sr. ex-thesoureiro o Sr. Dr. Castro Carreira; ficando encarre-

gado o Sr. Conselheiro Correia de, na ausencia que ora se dá, do recem-nomeado thesoureiro, receber do Sr. Conselheiro Araripe, conforme pede, o saldo do balanço do anno findo e as acções possuidas pelo Instituto.

Do Presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, pedindo para a Bibliotheca da mesma Sociedade uma collecção das Revistas do Instituto. Mandou-se satisfazer.

Do Sr. Ministro do Brazil em La Paz (Bolivia) Dr. Eduardo Lisboa, propondo que sejam admittidos como socios correspondentes do Instituto, alguns cidadãos bolivianos, cujos nomes cita, por serem distinctos como homens de illustração e serviços. E' resolvido enviar-se ao dito Sr. Ministro um exemplar dos Estatutos da nossa Associação, para scientificar-se das disposições relativas ao assumpto proposto.

Do Sr. Presidente da Commissão de organisação do *Congresso Scientifico Latino-Americano* de Buenos-Ayres, pedindo a adhesão do Instituto e remettendo o prospecto dos trabalhos de que deve occupar-se o mesmo Congresso. Agradeceu-se.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

Em seguida são apresentadas as seguintes propostas e indicações que são devidamente attendidas:

Do Sr. Dr. Joaquim Nabuco, para que o Instituto empregue os meios necessarios para a obtenção de obras que teem sido e continuam a ser publicadas na Republica Argentina, as quaes proxima ou remotamente, dizem respeito ao Brazil.

Do Sr. Conselheiro Alencar Araripe, para que conste da acta da presente sessão a seguinte indicação:

« 1.º Peço que a carta e nota juntas constem da acta da sessão de oje (6 de março de 1898), indo em apenso.

2.º Lembro que tenha andamento a proposta apresentada em sessão de 6 de Dezembro de 1897 para ser admitido como socio efectivo o Sr. Miguel Archanjo Galvão.

3.º Comunico ao Instituto que o Repertorio da Revista Trimensal deve dentro de poucos dias estar concluido, visto achar-se pronta toda a composição tipografica. A demora na conclusão desse trabalho deve-se á morozidade da Imprensa Nacional, que alega a necessidade de acudir a trabalhos do Congresso e do Governo Nacional.

Faço esta comunicação para que o Instituto, conhecedor da causa do retardamento, não se persuada que fui remisso na realização do compromisso que tomei em junho de 1895. O volume do Repertorio consta de mais de 400 paginas.

4.º Como relator de comissão de redação do anno proximo findo, cabe-me dizer que a 2ª parte do tomo 60 da Revista Trimensal está pronta, o que os papeis existentes na pasta da redação já foram passados á nova comissão.

Illm. Exm. Sr. Conselheiro Olegario Herculano de Aquino Castro, Prezidente do Instituto Istorico e Geographico Brazileiro.

Não posso continuar no exercicio do cargo de tezoureiro deste Instituto, que sirvo desde 21 de janeiro de 1881; por isso peço a nomeação de pessoa que me substitua, e a quem deva entregar o saldo do balanço do anno proximo preterito, bem como as ações do emprestimo municipal possuidas pelo Instituto; pois quanto ás apolices da divida publica geral, axam-se ellas recolhidas ao cofre da nossa associação. Rio, 27 de janeiro de 1898.— *T. de Alencar Araripe.*»

« Nota. Entrego ao Sr. Tezoureiro interino do Instituto Istorico o seguinte:

1.º Saldo demonstrado no balanço de 1897 na importancia de 1:486$500.

2.º Importancia da joia de entrada e prestações semestraes pagas pelos socios Amaro Cavalcante 32$ e Vicente Chermont de Miranda 62$000 no total de 94$.

3.º 68 apolices da divida publica geral, sendo 66 do valor de 1.000$000, e 2 do valor de 600$, as quaes axam-se recolhidas ao cofre do Instituto e estão especificadas na nota n. 4 do balanço de 1897.

4.º 25 ações do emprestimo municipal de juros de 6 %, cujos numeros constam da nota n. 5 do sobredito balanço.

5.º Uma xave do sobredito cofre confiada ao tezoureiro.

6.º Um caderno de talões de recibos de joia de entrada de socios com recibos extrahidos até o n. 143.

7.º Um dito de talões de recibos de remissão de socios, com recibos extrahidos até o n. 41.

8.º Onze ditos de talões de recibos de prestações semestraes dos socios (intactos).

9.º Uma coleção de balanços impressos da tezouraria do Instituto desde o anno de 1881 até o de 1897, dos quaes se poderão obter quaesquer informações sobre a arrecadação e despeza da mesma tezouraria.

Observação

Os socios José Pedro Xavier da Veiga e Tancredo do Amaral entregaram ao Escripturario Francisco Martins Guimarães a importancia das respectivas joias de entrada e prestações semestraes.

Rio, 6 de março de 1897.—*T. Alencar Araripe.*»

Do Sr. Conselheiro Correia, para que annualmente a Commissão de Redacção publique um *additamento* à *Historia* do Instituto, organisada pelo Sr. Presidente, relativa à existencia da mesma Associação nos sessenta annos já decorridos.

Do mesmo Sr. consocio, para que a Commissão de Orçamento, revendo a lista dos socios atrazados em seus pagamentos de joias e mensalidades, indique as providencias a adoptar-se relativamente ao assumpto.

E' remettida á Secretaria, para informar, a proposta do Sr. Conselheiro A. Araripe, ácerca do pedido do Presidente da Sociedade Geographica de Lemberg, na Austria, para que com ella permute o Instituto suas publicações.

A' Commissão de historia, relator o Sr. Dr. Evaristo Nunes Pires, é enviada a seguinte proposta:

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. D. Mariano A. Pelliza, sub-secretario do Ministerio das Relações Exteriores da Republica Argentina e um dos escriptores argentinos mais fecundos e illustrados.

O Sr. Pelliza é autor de diversas obras, entre as quaes citaremos as seguintes: *Historia de la Organisacion Nacional; El pais de los pampas; Cronica de la Ciudad de Buenos Aires; Cordoba Historica; La Dictadura de Rozas; Dorrego en los partidos unitario y nacional; El Estrecho de Magallanes; Glorias Argentinas; Elementos de Geografia general; Monteagudo, su vida y sus escritos; Federacion Norte-Americana; Biografias del Dr. Vicente Lopez; del poeta Marmol y del General Puyrredon; Cuestiones financieras y economicas.*

O juizo critico que essas obras mereceram de competentes e notaveis escriptores europeus e americanos é o mais lisonjeiro possivel para o autor. Basta-nos, portanto, apresentar como titulo para a sua admissão a primeira das obras mencionadas: *Historia de la Organisacion Nacional Argentina*, em cinco volumes, que o Sr. D. Mariano Pelliza offerece por nosso intermedio ao Instituto e que o colloca incontestavelmente entre os principaes historiadores contemporaneos da America do Sul.

Sala das sessões, 6 de março de 1898.— *Barão de Alencar.— Henri Raffard.— Dr. Evaristo Nunes Pires.— Joaquim Nabuco.— T. Alencar Araripe.— Barão de Loreto.— Marques Pinheiro.— Visconde de Rodrigues de Oliveira.— Padre Bellarmino J. de Souza.*»

E' proposto pelo Sr. Presidente e acceito o Sr. Dr. José Vieira Fazenda para exercer o logar, ora vago, de bibliothecario-Archivista do Instituto.

Pelo Sr. Presidente é designado o Sr. Conselheiro Souza Ferreira para substituir o finado consocio General João Severiano na Commissão especial de *bibliographia nacional das sciencias geographicas.*

A's 2 $^1/_2$ horas da tarde levantou-se a sessão.

E. Nunes Pires,

Servindo de 2º Secretario.

2ª SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE MARÇO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

Reunidos á hora e no lugar do costume, os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, Correia, Marquez de Paranaguá, Barão Homem de Mello, Alencar Araripe, H. Raffard, Drs. Marques Pinheiro e Castro Carreira, Visconde Rodrigues de Oliveira, Barão de Loreto, Padre Bellarmino de Souza, e Dr. Nunes Pires servindo de 2º Secretario, é aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

EXPEDIENTE

São lidos os seguintes officios:

«Palacio da Conceição, 18 de março de 1898.

Exm. Sr. Henri Raffard — Penhorado sobremodo, accuso recebido o officio de V. Ex. datado em 14 deste corrente mez, no qual se dignou de communicar-me que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro me conferira, em sessão de 31 de outubro de 1897, o titulo de seu Socio Honorario.

Agradeço a V. Ex. as nobres e generosas palavras com que me fez essa communicação e a fineza de me ter enviado o respectivo diploma; e rogo a V. Ex. o obsequio de communicar a essa veneranda corporação que eu recebi profundamente commovido este titulo de que nunca me julguei nem me julgo digno. Tel-o-hei gravado na memoria como um titulo sim de minha profunda gratidão aos distinctos cavalheiros que o assignaram e que se lembraram de meu obscuro nome para honral-o e aureolal-o com tão assignalada distincção.

A V. Ex. apresento os meus protestos de subida estima e da mais distincta consideração.

Ao Illm. e Exm. Sr. Henri Raffard, Digno 1º Secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

† *Joaquim*, Arcebispo do Rio de Janeiro».

Do socio Sr. Major Silva Netto, participando retirar-se, por motivo de molestia, para fóra desta Capital.

Da Directoria do Gymnasio de Campinas, pedindo uma collecção da *Revista* do Instituto ; e, no mesmo sentido, da Directoria de Estatistica e Archivo Publico e Bibliotheca de Manáos.

A' secretaria para satisfazer, sendo possivel.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

ORDEM DO DIA

Communicação do Sr, Presidente, em uma allocução que lê, do fallecimento do distincto membro do Instituto, Capitão de Fragata José Egydio Garcez Palha.

A proposito de publicações que teem de ser feitas na *Revista* do Instituto, falla o Sr. Barão de Loreto, membro da Commissão de redacção ; e ás suas observações responde o Sr. 1º Secretario.

Pede o Sr. Conselheiro A. Araripe, e se resolve que sejam insertas na acta as *declarações* seguintes:

« Peço que na acta de oje se declare que ao Sr. Dr. Castro Carreira fiz entrega do saldo de 1897, das apolices e ações constantes da nota, que apresentei na sessão passada, bem como os demais objectos nella mencionados.

Que se declare mais, que muito agradeço a benevolencia com que o Instituto me concedeu a dispensa do cargo de Tezoureiro, dispensa que pedi por motivo forçozo, que me obriga a ausentar-me desta Capital por algum tempo, certo o Instituto de que continuarei, como devo, a prestar os serviços que estiverem ao meu alcance. 20 de março de 1898.— *T. Alencar Araripe* ».

A proposito do *seguro* do que possue o Instituto, assumpto já tratado e sobre que ha parecer da Commissão respectiva, fallam os Srs. Dr. Marques Pinheiro, dando noticia das diligencias já empregadas, e Visconde Rodrigues de Oliveira e Raffard,

no intuito de realizar-se o dito *seguro*; o que é de esperar, com o melhor resultado para a associação, graças aos esforços já empregados e que ainda o serão por tão dignos consocios.

O Sr. Conselheiro A. Araripe apresenta o *balanço* relativo ao anno social findo. A' Commissão de fundos e orçamento, sendo relator o Sr. Conselheiro Souza Ferreira.

O Sr. Dr. Castro Carreira pede, e assim é resolvido, que ás Repartições fiscaes se dê conhecimento, para os fins convenientes, de que é elle actualmente o thesoureiro do Instituto.

Pelo Sr. Raffard e mais socios presentes é apresentada a seguinte proposta conferindo o titulo de socios benemeritos a tres já honorarios do Instituto:

« Propomos para socios benemeritos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro os Exms. Srs. Conselheiros Olegario Herculano d'Aquino e Castro, Tristão de Alencar Araripe e Manoel Francisco Correia.— S. R. Rio de Janeiro, 20 de março de 1898. —*Marquez de Paranaguá.— B. Homem de Mello.— Henri Raffard.— E. Nunes Pires.*— Dr. *Castro Carreira.— F. B. Marques Pinheiro.— Barão de Loreto.— Visconde de Rodrigues de Oliveira.*— Padre *Bellarmino José de Souza* ». A' Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Barão de Alencar.

E' lido e remettido, depois de approvado, á mesma Commissão, sendo relator o Sr. Conselheiro Correia, o seguinte parecer da Commissão de historia:

PARECER

« A' Commissão de historia foi presente a proposta, assignada por diversos consocios, apresentando para membro correspondente do Instituto o Sr. D. Marianno A. Pelliza, cidadão argentino, vulto proeminente em sua patria.

A proposta allude a muitos titulos de recommendação que distinguem o Sr. Pelliza, salientando-o como auctor de trabalhos que comprovam sua alta capacidade intellectual.

Sabe a Commissão que, além das obras citadas na proposta, é auctor de muitas outras o abalisado escriptor; e todas ellas

teem concorrido para firmar-lhe a reputação de que já gosa no mundo culto.

Por tão plausiveis motivos e, nomeadamente, porque, de modo mui agradavel, impressionou-a a *Historia Argentina* — obra do Sr. Pelliza (offerecida ao Instituto e que acompanhou a proposta) — e unica que foi-lhe dado apreciar, a Commissão significa que a nossa associação honrar-se-ha, distinguindo o Sr. Pelliza com o titulo de seu membro correspondente.

Litterato, geographo, historiador, economista, o illustre cidadão argentino é digno de respeitosa consideração nossa ; pois suas obras já accentuadamente teem conseguido — como está supra-indicado e a proposta o assignala — juizo critico dos mais lisonjeiros, da parte de notaveis escriptores europeus e americanos.

Emfim, considerando que em diversos topicos da nossa historia occupam importante logar as *questões hespanholas*, notoriamente o longo e interessante periodo de 1678 a 1828, isto é, desde o desabrochar da idéa da fundação da Colonia do Sacramento até a independencia da Banda Oriental (hoje Republica do Uruguay) ; — considerando ainda que alguns dos trabalhos do Sr. Pelliza — como o já mencionado, podem ser considerados excellentes subsidios, tratando-se de taes assumptos, é de parecer a commissão de historia que a *proposta* deve ser, sem demora, approvada.

Sala das sessões do Instituto, 20 de março de 1898.— *E. Nunes Pires*.— Padre *Bellarmino José de Souza*.— *B. Homem de Mello*.»

E' nomeado o Sr. Raffard para substituir o fallecido consocio Garcez Palha na Commissão de Estatutos e redacção e o Sr. Conselheiro Souza Ferreira para servir na Commissão de admissão de socios, no impedimento temporario de um de seus membros.

As 2 1/2 horas da tarde levanta-se a sessão.

E. Nunes Pires,

Servindo de 2º Secretario

3ª SESSÃO ORDINARIA EM 17 DE ABRIL DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro M. F. Correia,
1º Vice-Presidente

A' 1 hora da tarde presentes aos Srs. Conselheiro M. F. Correia, H. Raffard, Dr. Castro Carreira, Marquez de Paranaguá, Drs. Sacramento Blake, Nunes Pires, Machado Portella Padre Bellarmino de Souza, Barões Homem de Mello, de Loreto e de Alencar, Commendador José Luiz Alves e Marques Pinheiro, o Sr. Vice-Presidente abriu a sessão; faltando com causa participada os Srs. Conselheiro Aquino e Castro, Presidente, Conselheiro T. de A. Araripe e Capitão de Mar e Guerra Calheiros da Graça.

Pelo Sr. 1º Secretario foi lida a acta da ultima sessão e sem debate approvada.

EXPEDIENTE

Officios: Do Sr. tenente-coronel Antonio Borges Sampaio, offerecendo o numero do *Triangulo Mineiro* de 6 de março, que lhe foi dedicado. Agradeceu-se.

Do Sr. Visconde Rodrigues de Oliveira, informando sobre a taxa do seguro pelas Companhias estrangeiras dos valores pertencentes ao Instituto.— A' Commissão de fundos.

As informações são as seguintes :

« Exm. Sr. Presidente. Na ultima sessão deste venerando Instituto dignou-se V. Ex. de encarregar-me de indagar das companhias estrangeiras de seguro contra fogo a que taxa acceitariam o risco do seguro da bibliotheca do Instituto.

Em cumprimento dessa missão, dirigi a consulta inclusa aos agentes da *Imperial Insurance Company limited* e accrescentei verbalmente o pedido de consultarem com uma ou mais das companhias concurrentes que quizessem tomar parte do referido risco, como é praxe.

Acha-se escripta na dita consulta a resposta dos agentes da *Imperial Insurance Company limited*, de Londres, os quaes

acceitam o risco de 100:000$ para a companhia que representam e declaram que a *Alliança Insurance Company limited*, de Londres, acceita o risco dos outros 100:000$000.

A taxa do premio a pagar é de 3/8 %.

Assim, para o seguro de 200:000$ o premio annual a pagar será de 750$000.

Como despeza addicional ao premio ha a pagar o imposto de 5 °/o sobre o premio, ou 37$500.— Nada se paga pela apolice de seguro.

Nas companhias nacionaes os impostos são differentes: paga-se 2$ pela apolice, e 1$ de sello sobre cada 50$ de premio, importando estes impostos, para um seguro de 200:000$ em 18$500.

Com a mais subida estima prezo-me de ser, Exm. Sr. Presidente, de V. Ex. affectuoso amigo e criado muito venerador. — *Visconde de Rodrigues de Oliveira*.— Instituto Historico e Geographico Brazileiro aos 31 de março de 1898.»

« *The Imperial Insurance Company limited*, de Londres, seguro contra fogo agencia no Rio de Janeiro.

CONSULTA

O abaixo assignado declara que o venerando Instituto Historico e Geographico Brazileiro deseja segurar contra o risco de incendio a sua bibliotheca, composta de manuscriptos, livros, mappas e impressos diversos, no valor de 200:000$ e pede aos dignos Srs. agentes da *Imperial Insurance Company Limited*, se sirvam de declarar-lhe a que taxa tomam este risco e qual a parte do mesmo que acceita segurar. O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, como é notorio, está estabelecido em um annexo do antigo Palacio Imperial. Os seguradores podem examinar o local.— *Visconde de Rodrigues de Oliveira*, em commissão do referido Instituto.

Rio de Janeiro, 21 de março de 1898.

A *Imperial Insurance Company, limited*, de Londres, póde tomar o risco de 100:000$ mediante o premio de seguro de 3/8 % ao anno, e os restantes 100:000$ tambem são acceitos pela

sua admissão seu estudo sobre o descobrimento do Brazil em 1500, já offerecido á bibliotheca do Instituto.

Rio de Janeiro, 17 de abril de 1898.— *Henri Raffard.* — *T. Alencar Araripe.*— *Marquez de Paranaguá.*— *Francisco Calheiros da Graça.*— Padre *Bellarmino de Souza.*»

A' Commissão de geographia, sendo relator o Sr. Barão de Capanemá.

« Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Dr. Antonio de Paula Freitas, natural do Rio de Janeiro, com 55 annos de idade, engenheiro, lente da Escola Polytechnica, Presidente do Instituto Polytechnico, Redactor da Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, redactor de varias publicações periodicas, autor de um tratado sobre estradas de ferro e mais trabalhos já offerecidos, que servirão de titulo para a sua admissão.

Rio de Janeiro, 17 de abril de 1898.— *Henri Raffard.*— *T. Alencar Araripe.*— *Barão de Alencar.*— *Marquez de Paranaguá.*— *Francisco Calheiros da Graça.*— Padre *Bellarmino de Souza.*»

A' Commissão de historia, sendo relator o Sr. Barão Homem de Mello.

Foi lido o seguinte parecer da Commissão de Historia sobre a proposta para socio effectivo do Sr. Commendador Miguel Archanjo Galvão:

PARECER

« A Commissão de trabalhos historicos examinou as duas obras, ainda ineditas, offerecidas pelo seu autor o Sr. Commendador Miguel Archanjo Galvão, a este Instituto, a saber — Reflexões sobre a historia e legislação da dizima da chancelaria e — Relação dos cidadãos que tomaram parte no governo do Brazil no periodo de 11 de março de 1808 a 15 de novembro de 1889.

Ambos estes trabalhos revelam da parte do seu illustrado autor o mais paciente espirito de investigação, dando-nos um estudo fiel e circumstanciado dos periodos historicos que procurou elucidar no vasto quadro da Historia Geral do Brazil.

Ambos entrão perfeitamente no programma dos trabalhos que fazem o objecto dos estudos a que se dedica o Insti-

tuto Historico e dão a seu illustrado autor um logar proeminente entre os mais conscienciosos cultores da Historia Patria. Nestes termos a Commissão de trabalhos historicos, tendo verificado o seu incontestavel merecimento litterario, os julga dignos da mais honrosa acceitação deste Instituto, e é de parecer que sejam os mesmos remettidos á Commissão de admissão de socios, na fórma dos Estatutos.

Sala das sessões do Instituto, 17 de abril de 1898. — *Homem de Mello.*— *E. Nunes Pires.*— Padre *Bellarmino José de Souza.*»

Posto a votos, foi approvado e enviado á Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Barão de Alencar.

O Sr. Presidente fundamentou a apresentação da seguinte proposta, assignada por toda a mesa e portanto approvada, determinando que se celebre uma sessão especial no proximo centenario da India:

« Propomos que se celebre uma sessão especial no proximo centenario da descoberta do caminho da India.

Sala das sessões do Instituto Historico, 17 de abril de 1898.— *Manoel Francisco Correia.*— *F. B. Marques Pinheiro.* Dr. *Sacramento Blake.*— Padre *Bellarmino de Souza.*— *Marquez de Paranaguá.*— *Barão de Loreto.*— Dr. *Castro Carreira.*— *E. Nunes Pires.*— *José Luiz Alves.*— *Henri Raffard.*— *Homem de Mello.*— *Barão de Alencar.*— *J. P. Machado Portella.*»

O Sr. 1º Secretario pediu a palavra e disse que suggeria a ampliação da ideia, para ser o nosso Instituto representado, em Lisboa, nas festas da commemoração da descoberta do caminho da India, nomeando-se uma commissão para esse fim.

O Sr. Presidente nomeou os Srs. Conselheiros Thomaz Ribeiro, A. Ennes e Brito Aranha, nossos socios honorarios, para essa incumbencia, fazendo a Secretaria as precisas communicações, como exige a brevidade do tempo.

O Sr. Commendador José Luiz Alves fundamentou a proposta para ser collocado no local em que estava o retrato do Padre Caldas, no salão das sessões, demonstrando quanto era digno desta homenagem como orador, poeta e caracter nobre e desinteressado; bem assim que, tendo o Instituto resolvido que

se collocasse o busto do Visconde de Cayrú, ainda não foi cumprida esta deliberação. Respondeu o Sr. 1º Secretario que no salão das sessões só devem estar os retratos dos socios e que o do padre Caldas está collocado na Secretaria ; quanto ao que referiu o digno socio a respeito do Visconde de Cayrú o seu busto ainda não foi collocado por não haver recursos para o mandar fazer.

Declarou o Sr. Commendador José Luiz Alves que ainda no tempo do Sr. Norberto estava o retrato do Padre Caldas no salão das sessões.

O Sr. Dr. Machado Portella deu as seguintes informações sobre o assumpto:

O retrato do Padre Caldas pertenceu ao Dr. João de Deus Pires Ferreira, amicissimo do Padre Caldas, ficando por seu fallecimento em casa de Domingos Malaquias Pires Ferreira, Barão de Cimbres, fallecido em 1859 ; e sua viuva dizia que seu consorte desejava que esse retrato fosse offerecido ao Instituto. Com effeito, o Padre Pinto de Campos trouxe-o para esta Capital com uma carta da Baroneza de Cimbres. Da *Revista* consta a offerta, mas não falla na carta.

Vindo o informante para esta cidade, procurou indagar onde se achava o retrato, e desejava que tivesse um distico, ou distinctivo. E' para o informante indifferente o local da collocação ; deseja que se conserve esse retrato no Instituto, por ter pertencido a pessoas de sua familia.

Sobre os distinctivos dos retratos deu explicações o Sr. 1º Secretario, demonstrando não se ter descurado deste assumpto.

O Sr. Presidente declarou que esta discussão foi util no ponto de demonstrar que o Instituto deve prestar homenagem aos grandes vultos que honrão a patria, e que o Instituto sempre distinguirá, lembrando a conveniencia de haver uma sala especial, onde se colloquem os seus retratos. Assim se resolveu.

Sendo 3 horas da tarde, e nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levantou a sessão.

F. B. Marques Pinheiro,
2º Secretario.

4ª SESSÃO ORDINARIA EM 1 DE MAIO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A' uma hora da tarde, estando presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro e M. F. Correia, H. Raffard, Visconde de Rodrigues de Oliveira, Barão de Loreto, Commendador José Luiz Alves, Dr. Nunes Pires e Marques Pinheiro, o Sr. Presidente abriu a sessão.

Faltaram com causa justificada os Srs. Barões Homem de Mello e de Alencar, Marquez de Paranaguá, Drs. Castro Carreira, Sacramento Blake e Velho da Silva.

Pelo Sr. 1º Secretario foi lida a acta da sessão anterior e approvou-se.

EXPEDIENTE

Officios: do Sr. Barão de Sant'Anna Nery, dando os motivos que o impediram de comparecer ás sessões e pedindo para ser inscripto na proxima sessão, afim de fazer a leitura do seu trabalho : *Memoria acerca do incremento economico do Estado do Amazonas*. Inteirado.

Da commissão encarregada das exequias do Rvm. Arcebispo de Darnis, na Cathedral, convidando o Instituto para o acto. O Instituto far-se-ha representar por uma commissão.

O Sr. J. L. Alves prestou informações sobre o retrato do eximio orador padre A. Pereira de Souza Caldas, que por espaço de 39 annos ornou a sala das nossas sessões, comquanto não fosse socio; e o mesmo succede ao Visconde de Cayrú, havendo o Instituto em tempo resolvido collocar o seu busto nesta mesma sala.

Ponderado o assumpto, resolveu a Mesa designar uma sala especial para nella serem collocados os retratos dos homens illustres que não tenham sido socios do Instituto, como já fora lembrado na ultima sessão.

O Sr. Presidente ponderou que, attenta a urgencia do tempo, convém tratar desde já da sessão solemne que, em commemoração do descobrimento do caminho da India pelo almirante portuguez Vasco da Gama, tem de ser celebrada no dia 20 do corrente.

Discutida a materia, resolveu-se que o programma fosse o mesmo da sessão commemorativa do descobrimento da America por Christovão Colombo, ficando a Mesa encarregada de todos os trabalhos necessarios para esta solemnidade.

O Sr. 1º Secretario, H. Raffard, communicou que a Commissão central de bibliographia geographica brazileira reuniu-se a 19 do mez passado, e, tendo noticia de haver sido approvada pelo Instituto, na sua sessão de 17 de abril, a proposta pelo mesmo senhor apresentada em nome da Commissão, de incumbir-se ao Sr. Henrique Romaguera de auxilial-a na execução dos seus trabalhos, immediatamente empossou o referido Sr. Romaguera que trabalha sob a inspecção do Secretario da Commissão (que é elle informante), de accordo com as instrucções verbalmente ministradas pelo Sr. Barão de Capanema, presidente da alludida Commissão.

Communicou mais o Sr. 1º Secretario que o Sr. Dr. Vieira Fazenda encontrou na collecção de livros que couberam ao Instituto em virtude da generosa doação do Sr. D. Pedro II, o exemplar das *Memorias do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, tomo I, publicado em 1839, e que tornou-se raro. Este trabalho vae ser reimpresso na *Revista*.

ORDEM DO DIA

O Sr. 1º Secretario leu o seguinte parecer da Commissão de admissão de socios, opinando que sejam conferidos os diplomas de socios benemeritos aos Srs. Conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro, Tristão de Alencar Araripe e Manoel Francisco Correia:

PARECER

« A Commissão de admissão de socios associa-se aos membros da Mesa e aos outros distinctos signatarios da proposta, em que são apresentados para socios benemeritos do Instituto os Exms. Srs. Conselheiros Olegario Herculano d'Aquino e Castro, Tristão de Alencar Araripe e Manoel Francisco Correia.

A distincção que se propõe, está em inteira conformidade com a disposição do § 1º do art. 2º dos Estatutos e recáe sobre nomes illustres, cuja benemerencia é indiscutivel.

Além do exemplar desempenho dos cargos que teem occupado os dignos propostos, os serviços extraordinarios por qualquer delles prestados são de tal relevancia e por tal forma attestam o seu alto apreço e solicito desvelo pelo Instituto, que é de irrecusavel justiça o testemunho de gratidão, de que se trata, pelo honroso concurso de suas luzes de mestres e abnegada laboriosidade.

Entre os mais recentes desses importantes serviços serão mencionados como titulos bastantes — a memoria intitulada *Instituto Historico e Geographico Brazileiro, desde a sua fundação até hoje*, do Sr. Conselheiro Olegario ; — *O repertorio da Revista Trimensal do Instituto*, do Sr. Conselheiro Araripe ; e a notavel leitura *Negociação confidencial*, do Sr. Conselheiro Correia, recolhida na 1ª parte do tomo LX da *Revista* e que constitue uma pagina authentica da historia diplomatica do Brazil ; bem como os serviços prestados em beneficio das finanças do Instituto.

E', pois, o parecer da Commissão de admissão de socios que nos termos da proposta respectiva, sejam conferidos aos Exms. Srs. Conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro, Tristão Alencar Araripe e Manoel Francisco Correia os diplomas de socios benemeritos do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Sala das sessões, 1 de maio de 1898.— *Barão de Alencar*.— *Affonso Celso*.»

Ficou sobre a mesa para ser votado na proxima sessão.

Lido o parecer, que na ultima sessão foi apresentado pela Commissão de admissão de socios, conformando-se com a proposta para socio correspondente do Sr. D. Mariano Pelliza, Sub-Secretario de Estado do Ministerio das Relações Exteriores da Republica Argentina, o Sr. Presidente submetteu-o á votação e foi unanimemente approvado, sendo em seguida proclamado o mesmo Sr. Pelliza socio correspondente.

Foram lidos os seguintes pareceres relativos á admissão dos Srs. General Francisco Raphael de Mello Rego e José Antunes Rodrigues de Oliveira Catramby:

« 1.º — A' Commissão subsidiaria de Geographia do Instituto Historico e Geographico Brazileiro foi presente o trabalho —

Limites de Goyaz com Matto Grosso — como titulo para admissão no socio deste Instituto do seu autor o Sr. General F. Raphael de Mello Rego, conforme declara a proposta junta assignada pelos Srs. socios Henri Raffard, F. B. Marques Pinheiro e Homem de Mello.

O Sr. General Mello Rego estuda em seu livro a questão de fronteiras entre os Estados de Matto Grosso e Goyaz, desde as cartas regias de 8 de novembro de 1747 e de 9 de maio de 1748, que crearam as Capitanias de Goyaz e Matto Grosso em territorios desmembrados da de S. Paulo, mostrando nesse estudo grandes conhecimentos historicos e geographicos referentes ao Estado de Matto Grosso e discutindo com proficiencia a questão relativa aos direitos do Estado de Matto Grosso á fronteira que advoga.

Não é a primeira vez que o Sr. General Mello Rego mostra-se conhecedor da historia e geographia do Estado de Matto-Grosso. Já em escriptos anteriores ostentou taes conhecimentos, que o tornam digno de ser recebido no numero dos socios effectivos do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Rio de Janeiro, 17 de abril de 1898.— *José Candido Guillobel.* — *Antonio Joaquim de Macedo Soares.*» A' Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Conselheiro Correia.

« 2.° — Parecer da Commissão de Geographia sobre o Sr. Conmendador José Antunes Rodrigues de O. Catramby. Os trabalhos do Sr. candidato acima referido, já do dominio publico e existentes no Instituto, são titulos que de sobra satisfazem as exigencias dos Estatutos do Instituto.

Rio, 28 de abril de 1898.— *Barão de Capanema.*— *Marquez de Paranaguá.*» A' mesma Commissão, sendo relator o Sr. Dr. Affonso Celso.

Foi apresentada a seguinte proposta para socio effectivo:

« Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Dr. Antonio da Cunha Barbosa, natural do Rio de Janeiro, com 45 annos de idade, bacharel em lettras, medico, solteiro, Commendador das ordens de Isabel a Catholica, de Hespanha e Conceição da Villa Viçosa de Portugal, membro de varias associações beneficentes e scientificas, autor de varios

trabalhos, servindo de titulo para a sua admissão neste gremio seu escripto inedito offerecido ao Instituto sob a denominação de *Aspecto da arte brazileira colonial.*

Sala das sessões, 1 de maio de 1898.— *Henri Raffard.— Barão Homem de Mello.— F. B. Marques Pinheiro.— José Luiz Alves.*»

A' Commissão de historia, sendo relator o Sr. Barão Homem de Mello.

O Sr. Dr. Castro Carreira, thesoureiro interino, apresentou o balancete do 1º trimestre, demonstrando a receita

de.	3:260$500
e a despeza de	1:467$240
havendo o saldo de.	1:793$260

A' Commissão de fundos, sendo relator o Sr. Conselheiro Souza Ferreira.

O Sr. 1º Secretario, tendo em vista o officio do Sr. Visconde Rodrigues de Oliveira, lido na ultima sessão, dando esclarecimentos sobre a taxa de seguros das companhias estrangeiras, declarou que, em sua opinião, ha conveniencia em fazer-se o seguro dos haveres do Instituto em diversas companhias, incluidas as nacionaes, e por esta occasião presta tambem informações sobre as taxas exigidas.

O mesmo Sr. Visconde dá de novo explicação e esclarecimentos sobre a incumbencia que recebeu do Sr. Presidente, e que em resumo se conteem na exposição feita no citado officio.

Tomou parte na discussão deste assumpto o Sr. Commendador J. L. Alves.

O Sr. Presidente encerrou a discussão, enviando o officio á Commissão de fundos para interpor parecer, sendo relator o Sr. Commendador J. L. Alves, que procurará colher todas as necessarias informações afim de conseguir-se o seguro pelo menor taxa e maior garantia possivel.

O Sr. Commendador J. L. Alves disse que em uma das sessões do anno passado propuzera a celebração dos centenarios dos padres Anchieta e Antonio Vieira, de D. Pedro I, e da descoberta do Brazil, e não sendo a sua proposta devidamente atten-

dida, vê agora ser votada uma sessão solemne pelo descobrimento do caminho da India pelo navegante portuguez Vasco da Gama.

Informou o Sr. Presidente que a proposta do Sr. Commendador J. L. Alves foi tomada na devida consideração na sessão de 16 de maio do anno passado, como consta da *Revista* à pag. 327, que ha dias foi distribuida ; e accrescentou que em tempo opportuno se resolverá sobre a dita proposta.

O mesmo Sr. Commendador J. L. Alves disse que entre os manuscriptos offerecidos ao Instituto ha dous que devem ser publicados na *Revista*: um sobre o General Arouche, pelo Conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel ; e outro, uma biographia do bispo de Anemuria, pelo Veador José Dias da Cruz Lima, mas que se attribue ao proprio bispo.

Declarou o Sr. 1º Secretario que seria tomada em consideração o que acaba de ser exposto pelo Sr. Commendador J. L. Alves.

O mesmo Sr. Commendador inscreveu-se para fazer a leitura de um trabalho seu, relativo ao do Revm. padre Bellarmino José de Souza, publicado no *Jornal do Commercio* sobre Nuncios da Santa Sé, no Rio de Janeiro.

Estando a hora adiantada e nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente encerrou a sessão às 3 horas e um quarto.

F. B. Marques Pinheiro,

2º Secretario.

5ª SESSÃO ORDINARIA EM 15 DE MAIO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro M. F. Correia,
1º Vice-Presidente

A' 1 hora da tarde, achando-se presentes os Srs. Conselheiro M. F. Correia, H. Raffard, Dr. Castro Carreira, Marquez de Paranaguá e Barões Homem do Mello e de Loreto, André

Werneck, Dr. Machado Portella, Commendador J. Luiz Alves, Drs. A. Milton, Nunes Pires e Marques Pinheiro, o Sr. Vice-Presidente abriu a sessão.

Faltou com causa o Sr. Conselheiro Aquino e Castro.

Foi lida e em seguida approvada a acta da ultima sessão.

Não houve expediente.

OFFERTAS

As que constam do Appendice e mais as seguintes:

Uma collecção de sellos e cartas-bilhetes do Centenario do descobrimento da India, pelo Sr. Antonio da Silva Ferreira, por intermedio do Sr. Commendador José Luiz Alves.

Pelo Sr. André Werneck, um volume contendo:

Indice das leis do Brazil de 1821 a 1824; Collecção dos officios que as Camaras Municipaes e mais autoridades da provincia de Minas Geraes teem dirigido a S. A. Real e as providencias que tomou em viagem. 1822.

Uniforme dos generaes do Imperio do Brazil.

Manifesto aos Brazileiros, do Imperador D. Pedro I, 1823, e o

Manifesto ou Exposição fundada e justificada do procedimento da Côrte do Brazil a respeito do Governo das provincias unidas do Rio da Prata e as manobras que obrigaram a declarar a guerra ao referido governo, 1825. Agradeceu-se.

O Sr. 1º secretario communicou á Mesa que, estando ausente por enfermo, no Estado do Rio de Janeiro, o Sr. Dr. Joaquim Nabuco, orador do Instituto, conviria que o Sr. Presidente providenciasse no sentido de ser supprida essa falta na proxima sessão.

O Sr. Presidente, lamentando o motivo da ausencia do orador do Instituto, convidou o Sr. Dr. A. Milton para substituil-o.

O Sr. Dr. A. Milton pediu escusa, attendendo á brevidade do tempo e á importancia do assumpto. O Sr. Presidente insistiu no pedido, attenta a competencia de S Ex., esperando que se dignará prestar mais este serviço ao Instituto.

S. Ex. acceitou a incumbencia.

Communicou mais o Sr. 1º Secretario que o Sr. Conde W. van den Steen de Jehay, Ministro da Belgica, veiu apresentar ao Instituto, antes da partida, as suas despedidas; e que o Sr. Conselheiro M. da Silva Mafra tem consultado o nosso archivo sobre a questão de limites entre os Estado de Santa Catharina e Paraná. Ficou a Mesa inteirada.

O Sr. Barão de Loreto declarou que, em relação aos trabalhos apontados na ultima sessão pelo Sr. Commendador José Luiz Alves, encarregou ao Sr. Dr. Vieira Fazenda de os procurar e consta da carta que recebeu do nosso bibliothecario que a biographia do general José Arouche de Toledo Rendon, pelo Conselheiro M. J. do Amaral Gurgel já foi publicada na *Revista*, tomo V, pag. 522; não encontrando a do Bispo de Anemuria, pelo Veador J. D. da Cruz Lima, referindo-se ás notas do Sr. Conselheiro Correia, e tambem ao que diz o Dr. Macedo no «Anno Bio-graphico». Entendeu fallar em nome da Commissão de Redacção, para a todo o tempo constar.

O Sr. Commendador J. Luiz Alves lembrou e propoz que se collocasse na sala das sessões o retrato de Cesar Cantu.— Foi approvado.

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente submetteu á votação o parecer da Commissão de admissão de socios, que está transcripto na sessão de 1 de maio, approvando a proposta para a classe de beneméritos dos Srs. Conselheiros Olegario Herculano d'Aquino e Castro, Manoel Francisco Correia e Tristão de Alencar Araripe.

Successivamente sujeitas á votação as diversas partes da proposta, foram unanimemente approvadas.

Quando se ia proceder á votação do nome do Sr. Conselheiro M. F. Correia, S. Ex. convidou o Sr. Marquez de Paranaguá para assumir a presidencia, retirando-se do salão.

Concluido o acto, depois de proclamado, pelo Sr. 2º Vice-Presidente, socio benemerito, o Sr. Conselheiro Correia regressou

ao salão, e reassumindo a presidencia agradeceu ao Instituto esta prova de consideração.

Em seguida foram pelo Sr. Presidente proclamados socios benemeritos os Srs. Conselheiros O. H. d'Aquino e Castro e T. de Alencar Araripe.

O Sr. 1º Secretario apresentou os seguintes pareceres da Commissão de admissão de socios sobre as candidaturas dos Srs. Commendador Miguel Archanjo Galvão, General Francisco Raphael de Mello Rego e Commendador José Antunes Rodrigues de Oliveira Catramby:

« 1.º A' vista do parecer da Commissão de Historia sobre os trabalhos ineditos do Sr. Commendador Miguel Archanjo Galvão e por elle offerecidos ao Instituto Historico, a Commissão de admissão de socios é de opinião que seja approvada a proposta em que o dito Commendador é apresentado para socio effectivo da nossa Associação.

Sala das sessões, 15 de maio de 1898.— *Barão de Alencar.— Manoel Francisco Correia.— Affonso Celso.*»

« 2.º A Commissão de admissão de socios considera feliz a acquisição do Sr. General Francisco Raphael de Mello Rego para o Instituto Historico.

O seu parecer é, portanto, identico ao da illustrada Commissão de Geographia, a saber:

Que merece ser approvada a proposta daquelle General para socio effectivo do Instituto.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 15 de maio de 1898.— *Manoel Francisco Correia.— Affonso Celso.*»

« 3.º Parecer da Commissão de admisssão de socios sobre o candidato Sr. Commendador José Antunes Rodrigues de Oliveira Catramby.

A Commissão de admissão de socios está de pleno accordo com o parecer da Commissão de Geographia, entendendo que deve ser approvado.

Rio, 12 de maio de 1898.— *Affonso Celso.— M. F. Correia. — Barão de Alencar.*»

Ficaram sobre a mesa para serem votadas na proxima sessão.

Foram mais lidos e approvados os seguintes pareceres da Commissão de Historia relativos ás propostas para socios effectivos dos Srs. Drs. Paulino J. Soares de Souza Filho e Antonio de Paula Freitas, sendo enviados á Commissão de admissão de socios e nomeados relatores do primeiro, o Sr. Barão de Alencar e do segundo o Sr. Dr. Affonso Celso:

PARECERES

« 1.º A proposta em que é apresentado o Exm. Sr. Dr. Paulino José Soares de Souza Junior para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro é mais uma porta que se abre ao verdadeiro merecimento, quer tradicional, quer individualmente representado. Não só as distinctas qualidades que o caracterisam como sua notavel intelligencia o tornam dignos das mais elevadas prerogativas.

O seu discurso pronunciado na Camara dos Deputados, em 5 de junho de 1895, ácerca da questão de limites entre o Brazil e a Guyana Franceza, não só é fidelissimamente historico, como precisa e scientificamente geographico, patenteando a mais criteriosa proficiencia. Julga-o, portanto, a commissão muito digno de occupar muito distincto lugar no Instituto Historico. Capital Federal, 29 de abril de 1898.— Dr. *José Maria Velho da Silva*, relator da Commissão de Historia.— *José Hygino Duarte Pereira*.»

« 2.º A' Commissão de trabalhos historicos foram remettidos para sobre elles dar parecer os trabalhos do Dr. Antonio de Paula Freitas, illustrado lente cathedratico da Escola Polytechnica, publicados em revistas litterarias desta Capital, relativos uns a geographia geral e outros á geographia especial do Brazil. Entre estes ultimos sobresahem os seguintes:

O Meridiano inicial.

As variações da agulha magnetica no Rio de Janeiro.

Os cabos telegraphicos submarinhos.

Noticia sobre a Exposição de Geographia Sul-Americana em 1889.

Explorações em Matto-Grosso.

Estes trabalhos distinguem-se todos por um cunho rigorosamente scientifico, e abonam altamente a competencia de seu autor nas sciencias geographicas.

Nelles encontramos sobre o nosso paiz ou sobre as obras que lhe são relativas, indicações as mais uteis e interessantes, que revelam da parte do seu autor estudo consciencioso e paciente investigação.

Pelos preciosos dados que encerram, constituem elles valioso subsidio para a geographia e a cartographia patria.

Estando todos elles no quadro dos trabalhos que constituem o programma do Instituto, a Commissão de trabalhos historicos, depois de os haver attentamente examinado, os julga dignos do apreço e acceitação deste Instituto, sendo os mesmos remettidos á Commissão de admissão de socios para os devidos effeitos.

Sala das sessões do Instituto Historico, 15 de maio de 1898. — *Homem de Mello*.— *E. Nunes Pires*.»

O Sr. Commendador J. Luiz Alves fundamentou a seguinte proposta:

« Proponho que se solicite da Sacra Congregação dos Bispos o que ahi constar sobre o processo de confirmação do Bispo de Ceuta, Frei Henrique de Coimbra, religioso franciscano da Provincia de Portugal, que foi elevado a essa alta dignidade no reinado de D. Manoel, o venturoso, Rei de Portugal.

Que se solicite do Geral dos Jesuitas em Roma copia do auto da pedra fundamental do templo Collegio de Santo Ignacio no Castello desta Capital, que deve ser de 1556 a 1567.

Rio de Janeiro, 15 de maio de 1898.— *José Luiz Alves*. »

Obtendo a palavra, o Sr. H. Raffard communica que, tendo noticia de ser marcado para o dia 20 do corrente, ás 8 horas da noite, a sessão da grande Commissão Patriotica Portugueza do 4º Centenario da descoberta do caminho maritimo da India por Vasco da Gama, dia e hora em que o Instituto pretendia realisar a sua sessão em honra ao mesmo feito, procurou o Sr. Conselheiro Ernesto Cybrão, Presidente da dita Commissão, e com elle combinou que a festividade annunciada para ás 8 horas só poderia principiar pelas 8 $^1/_2$ afim de dar tempo ao Instituto de realisar a sua sessão, a qual assistirão S. Ex. bem

como as autoridades portuguezas; e consultado o Presidente do Instituto, approvou elle o accordo deliberando que a nossa sessão ficasse marcada para o mesmo dia, ás 6 horas da tarde, feitos os necessarios avisos.

Em seguida salientou os merecimentos de varios filhos de Portugal, residindo ha tempos no Brazil, e quanto ao Encarregado, de Negocios de S. M. Fidelissima lembrou seus felizes esforços para a solução da questão da Ilha da Trindade e ser occasião para distinguil-o com o diploma de socio honorario.

Foi apresentada a seguinte proposta assignada por todos os socios presentes:

« Propomos para socio honorario do Instituto o Sr. Conselheiro João de Oliveira de Sá Camello Lampreia, actualmente encarregado da Legação de Portugal na Republica, já por seus meritos, já em homenagem á Nação Portugueza, por occasião do 4º Centenario da descoberta da India.

Sala das sessões, 15 de maio de 1893.— *Manoel Francisco Correia.— Barão de Loreto.— J. P. Machado Portella.— André Werneck.— José Luiz Alves.— E. Nunes Pires.— Marquez de Paranaguá.— Homem de Mello.— Henri Raffard.— F. B. Marques Pinheiro.*— Dr. *Castro Carreira.— A. Milton.*»

Não se achando presente a maioria da Commissão de admissão de socios, o Sr. Presidente convida o Sr. Marquez de Paranaguá a lavrar o respectivo parecer, afim de não ser demorado o processo da candidatura do Sr. Conselheiro João de Oliveira de Sá Camello Lampreia, convindo ser-lhe feita entrega do diploma de socio honorario deste Instituto no dia commemorativo do grande feito, em cuja homenagem o Instituto distingue o representante de Portugal, aliás por muitos titulos pessoaes merecedor da mesma manifestação de apreço.

PARECER

« A Commissão de admissão de socios concorda em que se confira o diploma de socio honorario ao Sr. Conselheiro João de Oliveira de Sá Camello Lampreia.

Sala das sessões, 15 de maio de 1898.— *Marquez de Paranaguá.— Manoel Francisco Correia.*»

Lido e approvado este parecer o Sr. Presidente pondera que para se fazer entrega do diploma de socio honorario ao Sr. Conselheiro Lampreia na sessão que o Instituto pretende celebrar no dia 20 do corrente, vae encerrar a presente sessão, abrindo em seguida uma sessão extraordinaria exclusivamente para fazer correr o escrutinio sobre a respectiva proposta.

O Sr. Presidente convocou mais uma sessão extraordinaria para o dia 20 do corrente.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente encerrou a sessão ás 3 horas da tarde.

F. B. Marques Pinheiro,

2º Secretario.

1ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 15 DE MAIO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro M. F. Correia,
1º Vice-Presidente

Achando-se presentes os socios Srs. Conselheiros M. F. Correia, Marquez de Paranaguá, Barão Homem de Mello, H. Raffard, Dr. Castro Carreira, Barão de Loreto, André Werneck, Drs. Machado Portella, Aristides Milton e Nunes Pires, Commendador J. Luiz Alves e Dr. Marques Pinheiro, servindo de 2º secretario, o Sr. Presidente abriu a sessão.

Faltou com causa o Sr. Conselheiro Aquino e Castro.

O Sr. Presidente declara que a presente sessão tem por objecto exclusivo submetter á votação o parecer da Commissão de admissão de socios, sobre a candidatura do Exm. Sr. Conselheiro João de Oliveira de Sá Camello Lampreia para socio honorario da nossa Associação e manda correr o escrutinio. Recolhidas as cedulas verifica-se que são todas favoraveis, pelo que sendo unanimemente approvada a admissão do Sr. Conselheiro Lam-

preia, é S. Ex. proclamado socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Nada mais havendo a tratar-se encerrou-se a sessão.

F. B. Marques Pinheiro,

2º Secretario.

2ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 20 DE MAIO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

Aos vinte dias do mez de maio de 1898, pelas 6 ½ horas da tarde, na sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, onde se achavão reunidas pessoas gradas em grande numero, tendo assignado seus nomes no livro dos convidados os Srs.: Conselheiro Sebastião Rodrigues Barbosa Centeno, consul geral de Portugal, Conselheiro Barbosa Rodrigues, agente Financial de Portugal, Commendador Oliveira Jorge, Chanceller do consulado geral, Conselheiro Ernesto Cybrão, Presidente do Gabinete Portuguez de Leitura e Presidente da Commissão executiva da grande Commissão Patriotica para commemoração do 4º Centenario da Descoberta do caminho maritimo da India, Barão de Monte Castello, Presidente do Lyceu Litterario Portuguez, Visconde de Veiga Cabral, Monsenhor Mourão, D. Abbade de S. Bento, Conego Dr. Luiz Pelinca, o representante do Lyceu Litterario Portuguez, Antonio Zeferino Candido, Manoel dos Passos Malheiros, representando a Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, Candido Manoel Botelho, Drs. Carvalho Mourão, Haddock Lobo e Arthur F. de Mello, representando o Instituto dos Advogados, João José de Abreu, Manoel José Teixeira, José Carvalho Ribeiro, José Gonçalves da Motta, Drs. Werneck Machado e Dias de Barros, pela Sociedade de Medicina e Cirurgia, Alexandre Albuquerque, Terra da Costa, Muller de Campos,

Moitinho da Cunha, José Pederneiras, Democrito Barboza, alumnos da Escola Militar, Pereira da Silva, representando a *Gazeta de Noticias*, Carvalho de Moraes, representando o *Jornal do Brazil*, Theodoro Magalhães e Alfredo Russell, pelo Instituto dos Bachareis em Lettras, Rodrigues Doria, Alves Valle, Pires Teixeira, Cypriano Costa, secretario da Caixa de Socorros de D. Pedro V, Valentim Peres, P. Rosa, A. Luiz Gouvêa, Luiz Augusto Jacsen, Velho da Silva Junior, Xavier Bastos, Rabello de Novaes, representante d'*O Paiz*; acharam-se presentes os socios Srs.: Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro, Presidente, Conselheiros M. F. Correia, Marquez de Paranaguá, e Barão Homem de Mello, Vice-Presidentes, 1º secretario Henrique Raffard, 1º supplente de secretario Dr. Evaristo Nunes Pires, orador official Dr. Aristides Augusto Milton, Dr. Amaro Cavalcante, Ministro da Justiça e dos Negocios Interiores, Dr. A. V. Alves Sacramento Blake, Conselheiro J. M. Fernandes Pereira de Barros, Luiz de França Almeida e Sá, Padre Bellarmino de Souza, Barão de Alencar, Dr. Isidoro Martins Junior, Barão de Santa Anna Nery, Dr. Alfredo Nascimento, Capitão de Mar e Guerra F. Calheiros da Graça, Barão de Loreto, Dr. J. M. Velho da Silva, Commendador J. A. R. de Oliveira Catramby o Dr. F. B. Marques Pinheiro, 2º secretario.

O consocio Sr. Dr. J. Pires Machado Portella justificou o seu não comparecimento.

O Sr. Ministro da Guerra General J. Thomaz Cantuaria, agradecendo o convite que recebeu communicou não poder comparecer por motivo de serviço publico.

O Sr. Presidente, antes de abrir a sessão solemne em homenagem á memoria de Vasco da Gama e seu notabillisimo feito, com lisonjeiras expressões, fez entrega ao Sr. Conselheiro João de Oliveira de Sá Camello Lampreia, Encarregado de Negocios de S. M. F., do diploma que o nomeiou socio honorario desta corporação e convidou S. Ex. a occupar a sua cadeira na mesa, onde tomou assento, entre os demais consocios e obtendo a palavra, agradeceu commovido tão honrosa distincção, dizendo que ella é mais um élo da profunda amizade que liga a generosa Nação Brazileira.

Em seguida aberta a sessão, foram proferidos os seguintes discursos:

Discurso do Sr. Presidente

« Srs. — O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, celebrando uma sessão solemne e extraordinaria em dia de tão gratas recordações para a nação amiga, a que nos prendem estreitos laços da mais intima e cordial affeição, presta, de accordo com os elevados sentimentos de patriotismo e amor ás lettras que assignalam o seu caracter, justa e respeitosa homenagem á memoria do insigne varão que por si só representa uma época na historia da humanidade ; e com prazer relembra um facto que abrilhanta as tradições gloriosas do altivo e imperioso Portugal no seculo XV.

E' na verdade admiravel o quadro que nos offerece a historia de Portugal no proclamado seculo das descobertas ; época notavel pela evolução das idéas, regularisação dos elementos sociaes, estabilidade da governação politica e administrativa adiantamento das sciencias e das artes e desenvolvimento do commercio e da industria em toda a sua extensão.

Vemos ahi o velho reino da Europa occidental, pequeno pelo territorio que occupa, pela população que conta e pelas forças de que póde dispor, ostentando decisiva preeminencia e indisputavel hegemonia sobre os grandes povos do mundo e contribuindo mais que todos para o progresso da civilisação.

E' que alentava um espirito grandioso a esse corpo exiguo, e eram suppridas as deficiencias materiaes pela grandeza moral, revelada pela superioridade da intelligencia, actividade e energia de homens educados na escola do dever, exercitados no trabalho, esclarecidos pelo estudo e pela experiencia, fortalecidos pela fé e animados pelo amor da patria, só aspirando as verdadeiras glorias que exalçam e nobilitam as nações.

No espaço de dez seculos não se achará talvez, diz um escriptor contemporaneo, povo que tenha colhido resultados mais proveitosos e cooperado de um modo mais efficaz para o melhoramento e bem estar da humanidade,

Tal é o juizo da historia, que é a voz irrecusavel da verdade; repetindo-a, não haverá por certo quem estranhe o pressuroso empenho e natural animação com que nós os Brazileiros, aqui e em Portugal, nos associamos hoje ás jubilosas manifestações da antiga metropole, solemnisando um acontecimento que por sua data, mas não por seu alcance, poderá parecer de algum modo alheio á nossa vida nacional.

Commemora-se um dos factos historicos de maior importancia para os destinos do antigo e novo mundo e de directa influencia no immediato descobrimento do Brazil; acha-se elle honrosamente inscripto nos annaes do povo Luzitano, e a historia de Portugal é tambem nossa; de suas glorias compartilhamos nós, na effusão do mais subido apreço; o renome da patria ennobrecida, já o dizia o suave cantor do poema *Camões*, é para nós patrimonio inestimavel:

> ... recebe-o, guarda-o,
> Generoso Amazonas, o legado
> De honra, de fama e brio; não se acabe
> A lingua, o nome Portuguez na terra.

Os vinculos de origem e educação; a affinidade da religião e da linguagem; as relações de familia e de sociedade, costumes e interesses teem como que identificado o pensamento de dous povos irmãos, que hoje saudão, no Brazil, como em toda parte em que é prezado o nome portuguez, o 4º centenario do descobrimento do caminho maritimo das Indias orientaes.

As descobertas e conquistas ultramarinas dominaram por muito tempo o espirito activo e emprehendedor da Nação Portugueza e vieram, como pensa o illustrado Oliveira Martins, lançar elementos novos no seio da historia da sociedade peninsular.

Nas chronicas do tempo, nos apreciveis estudos desse e outros escriptores póde-se hoje acompanhar seguro, desde a sua origem, o desenvolvimento das idéas em voga, a influencia das instituições e dos costumes sobre o animo do povo, o pensamento que concebeu arrojados planos e conseguiu triumphos que engrandeceram a patria, immortalisando o nome daquelles que os disputaram,

Nossos antepassados, como judiciosamente reflectia Rebello da Silva, em um dos seus bellos trabalhos litterarios, foram os heróes da Europa e do mundo, ao tempo das conquistas; ainda hoje os avistamos sobranceiros ás idades decorridas como gigantes. O berço é o mesmo; só a fortuna tem mudado. A cada época a sua missão; a cada povo a sua divisa.

As navegações e emprezas da Africa datam de 1415, quando foi tomada Ceuta, chave maritima do Imperio de Marrocos, na primeira viagem de descoberta dirigida pelo celebre infante D. Henrique, o navegador, em cujo cerebro, como alguem já o disse, ferviam os futuros destinos de Portugal.

O infante, pertinaz e duro, a cuja energia deve Portugal a precedencia que tomou ás nações da Europa na obra do reconhecimento e vassalagem de todo o globo, exercia decidida influencia sobre o espirito do Rei, seu pai, D. João I, e dos dous immediatos successores do throno, seu irmão e sobrinho. Seus vastos planos jámais foram contrariados.

Depois de se haver distinguido nas primeiras expedições tentadas, adquirio maior celebridade promovendo descobertas maritimas e fundando uma especie de escola nautica no retiro de Sagres, poeticamente descripto pelo nosso saudoso Porto Alegre.

Sob sua inspiração partiram os exploradores que descobriram Porto Santo, Madeira, Açores, Bojador, avançando até Guiné.

Nicoláo V concedia a Portugal o direito sobre todas as descobertas ao longo das costas africanas.

Em 1486, já morto o infante, seguia Bartholomeu Dias a dobrar o Cabo que denominou das Tormentas, e effectuava-se a occupação de Azamor.

Por terra, para o Oriente, eram mandados Antonio de Lisboa e Pero Montarroyo.

No anno seguinte iam Affonso de Paiva e Pero de Covilhan á procura do legendario Preste-João das Indias e do seu fabuloso Imperio do Oriente, já de longos annos objecto de continuas, inuteis e fadigosas indagações.

O exito colhido nessas viagens não correspondia a expectativa que a fé acreditava haver sido dada por Deus á D. Affonso Henriques.

Em 1492 o descobrimento da America veio despertar o fervor das descobertas, algum tanto adormecido desde que faltara a iniciativa poderosa daquelle que tanto havia fomentado as viagens de exploração.

Reinava D. João II, o chamado *Principe perfeito*, que na Historia occupa logar proeminente, quando novo impulso foi dado ao movimento das navegações.

Vasco da Gama, já conhecido pela firmeza do seu caracter e notaveis conhecimentos de navegação, tinha sido designado para commandar uma expedição que devia tentar ir á India, dobrando a extremidade ainda incerta do continente africano, aproveitadas as recentes descobertas de Bartholomeu Dias e Covilhan ; ficou, porém, frustrada esta empreza em seu inicio pela morte do Rei em 1495.

A D. João II succedeu D. Manoel, cognominado o *Venturoso*, e dous annos depois, na idade de ouro de Portugal, foi de novo chamado Vasco Gama para tomar o commando de uma frota destinada a realizar a magna e arriscada empreza de exploração do mar das Indias, com determinada direcção a Calecut, onde já tinha estado Covilhan.

O grande capitão, que tantos louros soube colher em sua brilhante carreira, era um homem ousado, mas prudente, e reunia, o que então, diz a Historia, e ainda depois era commum, ás qualidades de distincto militar, as de provecto marinheiro.

Aprestou-se, sob as immediatas vistas do Monarcha, a expedição, composta de quatro pequenas náos, tendo tres dellas os nomes auspiciosos dos Archanjos, e a 8 de julho de 1497 fez-se á vela, tendo sido até a praia acompanhados os capitães pelo proprio Rei e pelo povo que o rodeava.

A expedição toma o rumo das Ilhas do Cabo Verde, avança para o sul, arriba na bahia de Santa Helena, dobra o Cabo Tormentoso, por D. João II intitulado da Boa Esperança, dous nomes desta vez justificados, fundeia na bahia de S. Braz, chega ao Cabo das Correntes e depois a Quilimane e Moçambique, passa perto de Quiloa, toca em Mombaça, demora-se em Melinde, e, reconhecida toda a costa oriental da Africa e a occidental da India, entra, finalmente, a 20 de maio de 1498 em Calecut, em-

porto commercial da Costa de Malabar e estação terminal desta famosa e laboriosissima peregrinação.

As peripecias da viagem, o que de imprevisto, novo e sorprehendente occorreu até chegar a ser uma realidade o audacioso commettimento, em que as tempestades e os naufragios, os perigos e as contrariedades, as privações e os soffrimentos de toda a ordem puzerão á dura prova a coragem, a prudencia, a resignação e o valor do chefe e de muitos desses impavidos e afoutos argonautas, não o direi eu, que o não comporta a estreiteza do tempo e o forçado limite desta ligeira allocução.

Não ha, demais, quem não conheça a historia do grandioso feito primorosamente relatada na monumental epopéa das glorias luzitanas pelo Principe dos Poetas Portuguezes, o immortal Camões, o infortunado vate

> ... cuja lyra sonorosa
> Será mais afamada que ditosa.

Assoma ahi em proporções soberbas o heroico vulto do grande conquistador, cuja missão providencial pelos proprios deuses fôra annunciada:

> Comsigo a fama leva, porque seja
> Do Luzitano o preço grande e raro;
> Que o nome illustre a um certo amor obriga
> E faz a quem o tem amado e caro.

Multiplicão-se nas agitadas scenas do poema os mais estranhos successos, accidentes e aventuras, sendo sempre a narração dos factos, a belleza das descripções e a curiosidade das noticias realçadas pela opulencia e pureza da linguagem, elevação do espirito e graciosidade da imaginação vivida e fecunda.

A vistosa pintura do antigo continente, a historia da sublimada Lusitania,— num só quadro, magestoso e grande, reunindo os memorandos feitos e os varões dignos de eternidade e fama— os casos extraordinarios e impressivos que se deram nesta longa e incerta jornada; o exito feliz da temeraria empreza; os episodios varios, da historia e da viagem, ora ternos e commoventes, como o da misera e mesquinha Ignez de Castro; ora horriveis e teme-

rosos, como o da visão de Adamastor; ou risonhos e aprazíveis como o da Ilha dos Amores; o conjuncto, em summa, desse grande monumento do engenho humano, levantado por quem, ao vigor do *braço as armas feito*, alliava a sublimidade da *mente as musas dada*, enche as esplendidas paginas do livro, cujo valor moral, no dizer de Oliveira Martins, é incomparavel, e cujo elogio póde ser resumido nas palavras eloquentes de Ramalho Ortigão:

« O livro com que se encerra na litteratura universal o periodo épico da poesia é o dos *Luziadas*— o mais vasto poema concebido pelo genio de um homem.

A epopéa do mundo moderno sahia naturalmente, como as epopéas antigas, do paiz que determinára pela sua acção a victoria do poder dominante na sociedade humana. O regimen industrial, base de toda a organisação na politica moderna, funda-o Portugal com as navegações dos seculos XV e XVI. Camões. immortalisando sob a fórma epica esse facto culminante na civilisação contemporanea, deu á humanidade um livro que é para a Renascença o que foi o *Velho Testamento* para o mundo Hebreu, a *Iliada* para o mundo Hellenico, a *Eneida* para o mundo Romano, a *poesia trovadoresca* para o mundo Feudal e a *Divina Comedia* para a unificação do espirito catholico.

Os *Luziadas* celebram a patria com todas as energias que a constituem, com todos os caracteristicos que a individualisam e assignalam: — as origens, a lingua, a religião, a poesia, a historia, a politica, a geographia, o sólo, a paizagem, os temperamentos, as paixões, as tradições, os mythos e as lendas.

Não é sómente um herói e um momento historico que se celebra nos *Luziadas*, é uma nação inteira, é a grande alma popular, é o «*peito illustre Luzitano*».

Está feito o elogio do livro de Camões, que será em todo o tempo um padrão de honra para as lettras patrias, confirmando as sentenciosas phrases de Garrett:

> Renome e gloria, bem o ganha a espada;
> Mas conserval-o só o póde a penna.
> ... a fama das lettras não perece,
> Nem a domina o fado.

Estava, emfim, realizada a prodigiosa empreza, e aberto á civilisação o caminho desse maravilhoso e desejado imperio, cuja conquista consagrou a fé com que Vasco da Gama, na travessia do Oceano indico, ao conjurar a revolta de seus marinheiros e pilotos e arrojando ao mar instrumentos e mappas que o cercavam apontara a India encoberta, exclamando: — *o rumo é este e o piloto é Deus !*

A 29 de agosto de 1499 voltava ao Tejo

> ..... o forte Capitão
> que a tamanhas emprezas se offerece,
> de soberbo e de altivo coração,
> a quem fortuna sempre favorece.

Vinha acompanhado apenas de 55 homens, dos 160 com que havia encetado a memoranda jornada de 2 annos e 21 dias.

O Rei e o povo acolheram-no com as mais enthusiasticas demonstrações de apreço ; foram-lhe confer dos privilegios, honras e distincções que, nem por bem merecidas e bem ganhas, evitaram a ingratidão e o desdem com que mais tarde foi ferido.

El-Rei, diz a chronica, logo que o Gama entrou em Lisboa, accrescentou o seu dictado denominando-se: — *Rei de Portugal e dos Algarves d'áquem e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné e da conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India* — ; titulo tão honroso, pondera Damião de Góes, quanto o é a mesma conquista. Com elle se achão lavrados documentos posteriores a agosto de 1499.

Já não havia a invejar glorias estranhas: tinha D. Manoel as suas Indias e Portugal, na expressão do historiador, o seu Colombo.

Como Almirante dos mares da India e Conde de Vidigueira, voltou Vasco da Gama ao dilatado campo de suas proezas em 1502, á frente, nesta 2ª expedição, de 19 navios e forte tripolação, no intento de vindicar brios offendidos pelo çamorim de Calecut e organisar o regimen das possessões portuguezas.

De curta duração foi esta viagem, mas de alta importancia pelos seus effeitos.

A relação das viagens de descobertas é uma das paginas mais instructivas da historia do mundo. Ella nos revela desconhecidos mysterios que a terra e o mar encerram e que as sciencias physicas e moraes vão de continu o aprofundando.

O que a observação, o estudo e o esforço da vontade teem adiantado na investigação do desconhecido determina uma justa medida do progresso em bem da humanidade.

A descoberta da India, abrindo novos horizontes á actividade humana, veio alargar a esphera dos conhecimentos scientificos e ao mesmo tempo promover e animar, pela fraternisação dos povos, as relações de vida social, o aperfeiçoamento moral e o desenvolvimento do commercio e da industria, firmados assim os mais seguros elementos de civilisação.

E cumpre tornar bem saliente: não foi, não podia ser, no longo periodo das descobertas e conquistas ultramarinas, o movel unico de tão difficeis e arriscados emprehendimentos, o desejo de alargar dominios e avassalar territorios para alem dos mares e menos a ambição de fabulosas riquezas que mal compensão desmedidos esforços quando não proporcionam beneficios de ordem mais elevada, igualmente almejados.

Um fim mais nobre, uma idéa mais generosa devia ter preoccupado o espirito dos que tentaram e puderam levar a effeito descommunaes projectos, impellidos pela fé que excita o animo e centuplica as forças para as maiores emprezas.

A perfeição na observancia das leis moraes é o principal objectivo da civilisação; debalde se procurará attingir esse *desideratum* sem o benefico e poderoso influxo da religião. Em Portugal o espirito nacional, como attesta um dos seus mais esclarecidos historiadores, havia sido formado pela religião e pela cavallaria, instituição por ella consagrada.

Ao tempo das descobertas, em toda a sua intensidade, dominava o sentimento religioso, que entrevia na conquista de paizes barbaros e incultos, occupados por uma população rude e ignara não tanto o proveito material que facil e largamente podia ser satisfeito pela occupação, como o interesse moral, o triumpho grandioso da religião, pela conquista das almas e propagação da fé, a que alludem numerosos documentos de caracter official re-

gistrados nos annaes da época, e dos quaes será apenas destacado um que vem transcripto por Jacintho Freire na sua classica obra de todos conhecida: é o topico de uma carta régia recommendando, como muitas outras, o serviço da religião e o progresso da christandade no Oriente:

« E porque os gentios se sujeitam ao jugo evangelico, não só convencidos com a pureza da fé e alentados com a esperança da vida eterna, senão tambem ajudados com favores temporaes que amansam muito os corações dos sub litos, procurareis com muitas véras que os novos christãos consigão e gosem todas as exempções, etc.»

São ainda do citado autor as seguintes palavras:

« E porque El-Rei conhecia seu valor com sua piedade, lhe encommendava a dilatação da fé e culto divino; e daremos cópia da carta enviada ao Vice-Rei da India para que o mundo veja que nossas armas no Oriente trouxeram mais filhos á Igreja que vasallos ao Estado.»

Sobreleva o mesmo pensamento em muitos dos inspirados versos do applaudido poema historico, em que são decantadas:

> .... as memorias gloriosas
> Daquelles Reis que forão dilatando
> A fé, o imperio e as terras viciosas.
>
> . . . .
>
> Vós, Portuguezes, poucos, quanto fortes
> Que o fraco poder vosso não pesaes,
> Vós, que á custa de vossas varias mortes
> A lei da vida eterna dilataes;
> Assi do céo deitadas são as sortes
> Que vós, por muito poucos que sejaes,
> Muito façaes na santa christandade:
> Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!
>
> . . . .
>
> Não faltarão christãos atrevimentos
> Nesta pequena casa Luzitana;
> De África tem maritimos assentos;
> E' na Asia mais que todas soberana;
> Na quarta parte nova os campos ara;
> E se mais mundo houvera, lá chegára.

E não é só Camões, é ainda o erudito Garrett, o homem superior, cujo nome, na phrase de C. Castello Branco, fulgura em pleno esplendor das alturas onde lhe ficou o espirito, quem louva o extremoso sentimento de religião que inspirava o ardor das conquistas:

> Os que n'Asia opulenta, Africa adusta
> Leváram de poz si nações inteiras
> Ao culto de um só Deus, da lei mais santa
> Que — tirae-lhe o que os homens lhe hão mesclado —
> Jamais na terra apregoarão homens.
> . . . . Alli a fertil
> Vastissima região que lava o Zaire
> Ganha por nós á fé, e conquistada
> Por armas só de paz. . . . .

Se neste e em outros pontos de interesse para a causa da civilisação, corresponderam os factos aos desejos e a realidade á intenção; se o presente dos antigos povos conquistadores guarda inteira a grandeza do passado e assegura as legitimas aspirações do futuro — di-lo-ha a historia, suprema manifestação de irrefragavel justiça.

Quanto a Portugal, nas memorias veridicas de sua longa existencia, achará sempre, como adverte o autorisado conceito de Alexandre Herculano, recordações formosas e puras para reprehender com a energia e gloria de outros tempos a decadencia a que possa ser arrastado no futuro.

No passado, ingente e custosa foi a obra que o genio e o esforço de seus preclaros filhos conseguiram realizar. Pelo acontecimento hoje celebrado justo e merecido é o preito de admiração e louvor que as gerações novas tributam ao denodado vencedor dos mares; nas paginas da historia revive o brilho de remotas eras e esplendida refulge a memoria que de tão altos feitos nos deixou o inclyto varão assignalado, cujo melhor elogio é o proprio nome.

Era-lhe dado, sem duvida, proferir as vibrantes palavras do Lusitano Homero, quando affirmava

> Que essas navegações que o mundo canta,
> Não merecem tamanha gloria e fama
> Como a sua, que o céo e a terra espanta.

Vasco da Gama, o intrepido navegador que a fama exalta, o bravo Capitão que por seus feitos encheu de gloria o mundo e de riquezas o seu bem fadado Portugal, ao declinar da vida, mais feliz que Colombo, não arrastou pesados grilhões em lugubre masmorra; nem, como o eximio cantor de suas façanhas, findou seus dias no frio e duro grabáto da miseria; mas... quem o diria? foi lançado por mais de vinte annos a profundo e revoltante esquecimento... da gratidão da patria? não, da gratidão dos reis.

Pretendeu-se, talvez, reparar tão clamorosa injustiça dando-se-lhe por ultimo o elevado posto que de ha muito por mais de um titulo lhe era devido, de Vice-Rei das Indias.

Era tarde; tres mezes decorridos, e fallecia o valoroso heróe em Cochim, contando 55 annos de honrada e proveitosa existencia.

Dolorosos contrastes da vida, sempre lastimaveis aos olhos da posteridade!

Na França antiga, em ominosos tempos, á execução da sentença mais iniqua acompanhava o sinistro prégão — *Laissez passer la justice du roi* —; hoje, á luz da sciencia que enuncia a expressão severa da verdade, ante um facto que a razão condemna, poder-se-ha dizer: — *Deixai passar a justiça da historia!*»

Discurso do orador, Sr. Dr. A. A. Milton

« A solemnidade em que nos reunimos agora, a commemoração que neste momento celebramos, não significa, senhores, um preito de reconhecimento que rendemos a um povo sómente, mas a homenagem de admiração que tributamos a uma raça inteira.

Bem longe de ser a recordação de um facto, que se desenhou fulgurante na téla da vida para sumir-se logo após no turbilhão de acontecimentos novos e mais fecundos, ella traduz a merecida apotheose do maravilhoso evento que, tendo enchido toda a historia de um seculo, jorra ainda reverberos de luz até mesmo para illuminar as idades por vir, servindo de apanagio á fama immorredoura de uma nação por muitos titulos illustre.

Acontecimento estupendo, senhores, que, pondo á prova a capacidade e o tino de um navegador audaz, ao mesmo tempo desvendou na ordem politica a existencia de uma região privilegiada, cujas riquezas o mundo entrou soffregamente a disputar, e na ordem litteraria fez revelar-se um poeta de escol, sagrado pelas musas com o genio da epopéa.

Com certeza, a India não era uma terra mergulhada nas sombras profundas do ignoto, como succedia aliás a esta America, entrevista apenas nos sonhos venturosos de Colombo.

Mas a ninguem se conhecia— que pudesse ministrar a respeito della informações exactas e detalhadas.

Viajante, geographo, historiador, nenhum tinha até então— sob a responsabilidade de seu nome—arrancado aquella terra prodigiosa ao segredo dos mares orientaes para mostra-la á Europa em todo esplendor e realidade de sua deslumbrante opulencia.

«A lenda, a portentosa lenda, segundo um escriptor contemporaneo diz, offuscava a noção verdadeira, como a neblina offusca o sol, ou a exagerava em um effeito prodigioso de luz, como a miragem exagera a perspectiva das longinquas paragens.

E a lenda erudita, accrescenta elle, a dos historiadores e viajantes, a dos geographos e dos peregrinos, era mais phantasiosa ainda que a dos mercadores e dos monopolistas do commercio.»

A' parte, porém, o encarecimento a que a imaginação popular dava maior corpo ainda, como sóe sempre acontecer, um facto, meus senhores, estava plenamente constatado.

E era— que haviam já chegado a mercados da Europa, em uma abundancia promissora, productos cultivados naquella zona feracissima, cujo sólo estava cortado por veios de ouro e de prata, e no seio guardava as gemmas porventura mais cobiçadas; cujos mares abriam caminho por entre pyramides de perolas, e por sobre esteiras de coral.

O mais esforçado campeão das grandes descobertas, que circundaram de reputação inabalavel o nome portuguez, foi sem duvida o Rei D. João II.

Animava-o, nos seus arriscados commettimentos, o exemplo herdado de fidalgos antecessores, entre os quaes salientava-se D. Affonso V, a quem a esperança de abrir o caminho das Indias por longo tempo embalara.

Pero de Covilhan, Bartholomeu Dias, Affonso de Paiva, Pero de Alemquer, e mais alguns benemeritos da gente luzitana, forão outros tantos emissarios, que aquelle soberano erigira em confidentes de seus designios, aos quaes fizera depositarios de sua confiança e fé.

Tomara elle por pretexto encontrar o paradeiro do Prestes João das Indias, afim de aferir o quilate de uma tradição, que vinha já da idade média.

Entretanto, a incumbencia real, que aquelles navegadores levaram fora a de informar sobre o caminho dessas terras miraculosas, onde thesouros de inestimavel valor— a que alludira um livro de Marco Polo, em Veneza, aguardavam sómente que uma nova civilisação os fosse recolher e fruir.

Não quiz, porém, a sorte implacavel— que o monarcha predestinado, a quem apaixonara uma idéa tão alevantada, qual a da viagem das Indias, e de cujo inicio fora elle o promotor, lograsse ver o seu projecto vingar.

E — por escarneo talvez da fatalidade — na hora mesma em que nos estaleiros da Ribeira se rebatia a cavilha das náos, que deviam partir para a seductora aventura, D. João, em uma camara do palacio do Alcaide-Mór de Alvor, estortegava-se nas convulsões da derradeira agonia.

A idéa, porém, que esse egregio Rei tanto afagára não morreu com elle, e, pelo contrario, de dia em dia se foi corporificando e alastrando, como se a fecundasse o orvalho de uma benção do céo.

Ainda bem!

D. Manoel, *o afortunado*, teve a fortuna de acreditar no sonho, que aquelle seu digno antecessor acalentara com tamanho ardor e carinho. E, em uma hora feliz, do numero dessas que valem por uma existencia inteira, perfilhou elle o plano, que dentro em breve sacudiria o globo todo em uma convulsão de pasmo e de alegria.

Assim foi que, a 20 de maio de 1497, fez-se de vela do porto de Restello a frota que conduzia a seu bordo a expedição encarregada daquella tentativa singular. Compunha-se ella de quatro caravellas com 160 heróes e era commandada por Vasco da Gama,

> .... o forte Capitão,
> Que a tamanhas emprezas se offerece,
> De soberbo e altivo coração,
> A quem fortuna sempre favorece.

Tinham contrahido esses afoutos portuguezes o empenho de dobrar a extremidade, ainda incerta, do continente africano para que pudessem abicar a essas regiões fabulosas, que o Cabo das Tormentas até alli privára de banhar-se na luz de uma civilisação nova, cuidando aliás defendê-la da cobiça inenarravel dos europeus.

E os navegadores intemeratos corresponderam, felizmente, as esperanças dos seus contemporaneos, abrindo afinal o caminho das Indias pelo oceano.

Tambem Magalhães, em tempo, abalançou-se a proeza quasi igual...

O monarcha alvoroçou-se em jubilo indizivel, e o povo, por sua parte, comprehendeu toda a importancia do acontecimento, que vinha engrandecer-lhe a historia, favorecendo-lhe simultaneamente a expansão colonial.

E Vasco de Gama conseguira — de um só lance — mover a fibra nacional nos estos de um enthusiasmo febril, e gravar seu nome perpetuamente na memoria de todas as gerações.

Diante da magnificencia deslumbrante, e do merecimento indiscutivel de sua obra, faz-se mister mesmo absolvel-o dos excessos, que dizem ter commettido em Calecut e em outras cidades quando, voltando ao theatro de suas façanhas, procurou castigar os principes, que na sua primeira viagem lhe tinham sido hostis.

Quando, no emtanto, Vasco da Gama carecesse de punição para esse desvio de seu criterio, para essa falha que tanto macularia seu coração magnanimo, encontral-a-hia seguramente no

desdém, com que os estadistas da época o trataram, conservando-o por espaço maior de 20 annos em um esquecimento ingratissimo e em uma inactividade impopular.

Mas, não vem de molde evocar neste momento lembranças tão pungitivas.

Ao muito serviriam ellas de lição para demonstrar mais uma vez como é rara a justiça dos governos, explorados em regra pelas individualidades mais immodestas, victimas quasi sempre de conselheiros infieis.

E', pois, bem preferivel tocar nos episodios daquella primeira viagem, que celebrisou Vasco da Gama.

Nos remontemos, por alguns instantes ao menos, a esse tempo dos *portuguezes de lei*, que passaram pela vida, deixando após si um rastro luminoso; que tanto se notabilisaram pela energia da vontade, pureza de caracter, indomabilidade de coragem, vigor emfim, das resoluções viris.

E um movimento espontaneo de encomios e admiração ha de assaltar nossa alma, senhores, e fazel-a ajoelhar-se para offerecer a esses *barões assignalados* as homenagens a que elles teem direito, pela somma de seus serviços indisputaveis e pelo brilho de suas acções valorosas.

Entregar-se um pugilo de homens aos azares de duvidosa conquista; scindindo mares desconhecidos, e não dispondo aliás dos instrumentos aperfeiçoados de que hoje a navegação se serve; affrontando perigos, que ora surgem do mar, ora rebentam de terra, por effeito da traição e da astucia do gentio; eis ahi, senhores, essa via dolorosa, perlustrada por nossos antepassados, com a firme intenção de legar aos seus descendentes um nome respeitado, e ajuntar ao escrinio da civilisação christã mais uma joia de subido valor.

Que nossa imaginação nol-os pinte, envolvidos na profunda solidão do oceano; indecisos ácerca do resultado de sua temeridade; ouvindo a tempestade estrugir nas enxarcias, e as ondas a quebrar-se alterosas no costado das nàos; curtindo todos em gráo intenso a nostalgia da patria distante, e fadados talvez, a deparar com o tormento e a morte, quando no emtanto. sorria-lhes a visão da celebridade e da gloria...

Como tudo isto denota um sacrificio sublime que nos enthusiasma e transporta; como tudo isto exprime uma abnegação adoravel, que temos o dever inilludivel de relembrar e applaudir!

A historia registrou, senhores, esse esforço herculeo, esse trabalho ingente de uma geração benemerita, que a golpes de audacia conseguiu ennobrecer mais ainda o foral da familia latina, ganhando-lhe para o escudo novos e preclarissimos brazões.

Vasco da Gama se compenetrára da missão social, que estava encarregado de exercer. E dahi veio que, acommettido por uma tormenta inopinada, nesses mares mesmos da India, que já uma vez tinha sulcado, elle — diante das tripolações atordoadas pelo terror — proferiu estas palavras memorandas: *nada receieis, é o mar que treme diante de nós.*

Hyperbole, evidentemente perdoavel a quem adivinhára o seu destino historico, e sabia com tanta altivez e bravura affrontar os perigos mais temerosos!

E a Poesia, que costuma acompanhar a Historia, para amenizar o rigor dos juizos que esta fulmina, e pôr em relevo as bellezas que ella contém, transmittiu-nos — pelo estro divino de Camões — os episodios mais emocionantes daquella jornada feliz.

Desde as estrophes imponentes dos *Luziadas*, em que magistralmente é desenhada a figura emblematica do Adamastor, *de disforme e grandissima estatura*, o qual — entre admirado e queixoso — narra aos argonautas portuguezes a propria desdita, e juntamente lhes vaticina desgrças estupendas, até á suavidade deliciosa com que o poeta nos descreve a *Ilha dos Amores*, tudo falla do egregio tentamen, revela tudo a consciencia do alto premio que elle dignamente grangeou.

Nem me seria permittido neste momento, senhores, passar em silencio os resultados de toda a ordem, que decorreram do acontecimento de que o infante D. Henrique foi o precursor eximio, e Vasco da Gama o protogonista imperterrito.

Politicamente fallando, Portugal que, em todo o desdobramento do querido projecto de seus monarchas, procurava muito

de industria adormecer os receios de Veneza, conseguiu distender os seus dominios territoriaes, mercê da victoriosa tentativa de Vasco da Gama.

Ceuta representa — o primeiro marco do caminho da India, e dentro em pouco a cidade de Gôa, conquistada aos Arabes pelo *Albuquerque terribil*, transfigurava-se em capital das possessões portuguezas.

O commercio do mundo inteiro aproveitou-se dos novos emporios que foram-lhe abertos.

E se o Reino não quiz, ou não soube, conservar e desenvolver as colonias, que os primitivos exploradores haviam fundado na India ; se não foram, por acaso, postos em pratica os melhores processos para refundir em um só aquelles povos submettidos, e vinculal-os á metropole por interesses bem definidos ; taes factos, verificados muitos annos depois da descoberta do Gama, não podem seguramente diminuir-lhe o prestigio, nem tão pouco desmerecer-lhe a fama.

Quem sabe se já não prevalecia então a singular politica, preconizada pelo Sr. Eça de Queiroz, quando ao envez de Pinheiro Chagas e Oliveira Martins, pensa que melhor fôra aos portuguezes nunca terem ido á India ?

A verdade é — que os novos mercados, abertos afinal á concurrencia de todos os povos, e ao trafico de todas as nações, realizaram no mundo inteiro uma revolução economica e social de effeitos inenarraveis.

Já não era possivel subsistir o monopolio para o commercio da India, forçada a exportar seus productos pelas feitorias italianas, existentes em Caffa, Trebizonda e na Criméa.

Para aproveitar-se as riquezas da India, já tambem não se dependia do Golpho Persico, nem do Mar Vermelho, com as custosas baldeações até ao Egypto e outros logares, e dahi para caravanas que as transportavam a Roseta, Aleps, Beirut, Damietta e Alexandria.

Que era destes portos que as frotas mercantis as levavam para a Italia, de onde sahiam com endereço ao Adriatico e ao Mediterraneo.

E era ahi que os mercadores recebiam porcellanas e especiarias, que escambavam pelo cobre e azougue, pelos brocados e chamalotes de Veneza.

Nem a Turquia, reconhecida então como potencia européa, poderia trancar a seu talante, essa estrada, que servia para duas raças distinctas permutarem productos, fazerem conhecimento, estreitarem relações.

Pelo novo caminho, que Vasco da Gama patenteára ao mundo absorto, viriam dahi por diante, com facilidade e abundancia, todas essas mercadorias preciosas, que transformavam a Asia em uma região adoravel e fantastica.

Os estofos da Persia, as sedas de Cathis, o benjoim do Malabar, as perolas de Ceylão, e uma infinidade de riquezas, que pullulavam nessas terras, por tantos seculos esquivas a investigações de europeus, tornaram-se objecto de um trato amiudado e crescente.

Calculando, entretanto, as vantagens, que adviriam do aproveitamento dessas plagas opulentas, que tinham surgido qual apparição miraculosa, a Hollanda, na segunda metade do seculo XVII, apoderou-se de estabelecimentos importantes, que demoravam nas costas do Coromandel e em outras.

Por sua parte, a Dinamarca, a Inglaterra e a França procuravão aproveitar-se opportunamente da descoberta de Vasco da Gama, a que todos os paizes cultos ligaram desde logo o maximo apreço e a maior attenção.

E a India foi a pouco e pouco se revelando sob todos os aspectos, e pôde então ser observada por todas as faces.

Em consequencia dos estudos a que se entregaram seus novos habitantes, apurou-se — que não era só nas relações commerciaes que a India poderia primar.

Colheram-se provas exuberantes de que ella tinha uma historia, nebulosa embora, e uma civilisação bastante accentuada.

Em litteratura, o livro mystico dos *Vedas*, a epopéa do *Mahabharata*, o poema *Râmâyana*, que Michelet considera *vasto como o proprio mar das Indias, o livro da harmonia divina, em que nenhuma dissonancia se nota.*

Além destas obras recommendaveis, outras ha que firmáram os creditos da India, na esphera da grammatica, do drama, da philosophia e da medicina, das sciencias antigas, emfim.

De mais. A architectura já se achava alli representada por monumentos grandiosos, taes como os templos subterraneos, e esses outros talhados em rocha viva.

A esculptura ostentava alguns modelos, bem acabados e celebres, quaes — por exemplo — os *Sete Pagodes*, e o portico do templo de Carli.

Na pintura mural dos sanctuarios, tornava-se difficil escolher entre a belleza idéal dos desenhos, e a perfeita correcção do colorido.

A arte deve, pois, o conhecimento de tantos e tão custosos primores á descoberta levada ao cabo pelo marinheiro venturoso, em cuja honra nos congregamos aqui ; deve-o, senhores, á iniciativa patriotica do velho Portugal.

E não foi só isto, senhores !

O sentimento religioso e mystico, tão disseminado e tão profundo na India, teve o mais favoravel ensejo de se dilatar e progredir.

Porque, no meio de sua civilisação relativa não alcançou ella a extirpação dos erros de que partilhava desde a origem, muitos dos quaes ainda hoje campêam, como dão testemunho irrefragavel a immobilidade absoluta do stylita e a nudez insolente do fakir.

E' certo — que o christianismo havia já penetrado na India, pelo vehiculo das missões nestorianas ; mas, não ha duvida tambem, que só depois da chegada dos portuguezes assumio elle a posição, que evidentemente lhe cabia.

Assim agora contam-se alli por milhares os crentes da religião purissima, distillada pelo verbo do doce Jesus, e que se resolve nesta trindade sublime, consubstanciada — como sabeis — na prece, no amor, e no perdão.

Confessemos — que não foi este um dos effeitos menos apreciaveis e fecundos por que se fez recommendar a data hoje tão ruidosamente festejada.

E se eu não me proponho, senhores, a narrar e descrever a viagem que Vasco da Gama realizou; si não tento o elogio dos *Almeidas temidos*, *dos Castros fortes*, dos *Pachecos* fortissimos, collaboradores todos do grande navegador; se não recordo os incidentes dessa excursão memoravel, que, celebrisando um homem, glorificou todo um povo, e foi ponteada de tantos desalentos e tantas esperanças, de alegrias tamanhas e tão grandes Padecimentos, é porque seria profanação fazêl-o.

Sim. Que só me restaria repetir, em phrase singela e descorada, aquillo mesmo que o genial Camões referio com as pompas de sua inspiração verdadeiramente assombrosa.

Apenas eu aventarei que a data desse afamado emprehendimento devera ficar insculpida de modo perenne. E que jámais alguem, cedendo ás suggestões da justiça, pudesse inquirir por que não fundio-se ainda a estatua de Vasco da Gama, tal qual se perguntára, na Roma antiga, por que não tinha sido erigida a estatua de Catão.

Vasco da Gama e seus companheiros bem mereceram de Portugal, para onde voltaram depois de uma ausencia de vinte e seis mezes, em setembro de 1499. E, o que mais é, só cincoenta e cinco, d'entre tantos que tinham partido, puderam rever terras da patria. Quanto aos outros, encontrarão bem longe della a sepultura, em que repousaram vencidos, mas cobertos de bençãos e saudades.

Todos, entretanto, se tinhão portado nobremente, elevando para sua patria um padrão de gloria imperecivel.

Mais dous minutos, e eu terei concluido, meus senhores.

Não nos póde, com certeza, passar despercebido — como á viagem de Vasco da Gama á India filia-se um notavel evento, que sobretudo para nós — os filhos desta futurosa terra americana — se revestio de importancia capital.

Foi exactamente com destino a India — que, em 9 de março de 1500, zarpou do porto de Belém a celebre esquadra, commandada por Pedro Alvares Cabral.

O resto, bem que estais adivinhando...

A 14 do dito mez, a esquadra passava entre as Canarias; a 22, havia vista das ilhas do Cabo Verde; a 23, perdia ella um navio, que se desgarrára para sempre.

Amarando-se, afim de evitar tanto as correntes contrarias, quanto a calmaria da costa africana, succedeu que a 21 de abril os gageiros notaram signaes de terra. A 22, descortinava-se o monte, a que denominarão *Paschoal*. Deparou-se, logo depois, com um excellente ancoradouro, em que todos os navios deram fundo.

O cabeço daquelle monte symbolisava a futura altitude da legendaria Bahia.

Estava descoberto o Brazil!

De modo que a viagem de Vasco da Gama contribuio — comquanto indirectamente — para esse extraordinario e alviçareiro acontecimento, que tão de perto nos interessa.

Por mais um motivo, conseguintemente, se justifica o jubilo sincero, com que saudamos nós a Portugal, no 4º centenario da India.

Senhores! No lamentavel impedimento do facundo orador da casa, eu fui — ha bem poucos dias — escolhido para substituil-o nesta solemnidade, que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro muito acertadamente promoveu.

Mas, a estreiteza do tempo e a magnitude do assumpto, juntas á minha reconhecida incompetencia, impediram — que aqui mais alto elogio se tecesse ao eminente navegador portuguez.

Deste facto, entretanto, foi só o Instituto o culpado; que por obediencia apenas, aceitei o encargo, provadamente superior ás minhas forças.

Abrigo-me, assim, ás azas de vossa illustrada indulgencia.

Ha, senhores, uma phrase indiana, francamente encantadora.

Conta-se que, quando uma criança nasce, approxima-se della um brahmane, e lhe diz: *criança, nasceste a chorar, e vês todos a sorrir em volta de ti; emprega toda a tua vida, os esforços necessarios para que, quando morreres, estejas tu a sorrir, e vejas em torno de ti todos a chorar.*

Tal qual aconteceu com o nosso herôe.

Ha, porém, uma circumstancia notavel. As lagrimas vertidas no tumulo de Vasco da Gama, converteram-se nesta consa-

gração excepcional, que do seu nome se está fazendo a esta hora, de uma e de outra banda do Atlantico; geraram esta rememoração estrondosa, com que se applaude um feito immortal.

E' que a Historia, senhores, cumprio seu dever. »

Discurso do Sr. Dr. Moreira de Azevedo

— O Sr. Dr. Marques Pinheiro lê o seguinte discurso, escripto pelo Sr. Dr. Moreira de Azevedo:

O CENTENARIO DA INDIA

« Ei-los que passam atravessando a estrada vasta e brilhante da immortalidade, e á proporção que vão deixando atraz de si os seculos, cercam-se seus nomes de mais brilho e gloria. Obstinados, perseverantes, tenazes e invenciveis affrontam os perigos como delicias e o impossivel como realisavel.

Fanatisados por uma idéa — o caminho de novas regiões, arriscando-se a longas e temerarias aventuras, elles os iniciadores, os precursores encarregam-se da missão heroica de dilatar os horisontes do mundo.

Nesses tempos remotos e obscuros em que erguiam-se tribunaes de sangue, armavam-se fogueiras do santo officio e multiplicava a tyrannia os carceres, elles os scismadores lutam pelas conquistas da civilisação e acquisições de novos horisontes e novos povos.

Encerrando em seus cerebros idéas elevadas, aspirações arrojadas e concepções uteis á humanidade, caminhão afastando as trevas, que os cercam, e com heroica tenacidade procuram alargar o mundo, e as suas idéas são projectos, e os seus projectos são conquistas.

Cabe a Portugal o papel de nação iniciadora de estender os limites do mundo, e é alli que vamos encontrar os heroes do glorioso descobrimento do caminho da India.

Alli estão todos, e á frente de todos o infante D. Henrique, que si o nascimento o afastou do throno, deu-lhe a sciencia cos-

mographica o dominio do mar, e soube ensinar aos navegadores portuguezes o rumo dos seus galeões.

Bartholomeu Dias, o ousado nauta, a quem estava destinado avistar pela primeira vez o cabo

> A quem chamaes vós outros Tormentorio,
> Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
> Plinio, e quantos passaram, foi notorio;

e ao qual D. João II,

> Que ensinou a ser rei aos reis do mundo,

presagiando o futuro denominou da Boa Esperança, nome que os seculos respeitaram.

Eis Vasco da Gama, o grande marinheiro, que inaugurou o caminho da India, descortinou novos mares e novos paizes, entregou oceanos á navegação e ao commercio, conquistou povos, plantou em terras barbaras os elementos da civilisação occidental, e fez tremular em longinquas regiões o estandarte portuguez.

E mais Paulo da Gama, seu irmão, Nicoláo Coelho, Pero de Alemquer, e não esqueçamos o tenaz explorador Pero de Covilhã.

Devassados novos mares e paizes do Oriente, despertaram-se os ciumes e as resistencias de outros povos, e para firmar o seu dominio teve Portugal de esquipar novas expedições, do que resultou o descobrimento do Brazil.

Apparece Pedro Alvares Cabral, o amigo de Vasco da Gama, o feliz descobridor da terra de Vera Cruz, onde levantou o symbolo da nossa religião, e escreveu a primeira pagina da nossa historia.

Assim as viagens daquelles navegadores que tanto batalharam pela civilisação e pela humanidade, occasionaram o descobrimento do Brazil, cuja historia está ligada á de Portugal pela origem, religião, lingua, costumes e antepassados.

Realisam Portugal e suas colonias grandes festas para solemnisar o facto glorioso do descobrimento do caminho maritimo da India, e aproveitando tão almejado ensejo resolveu o Insti-

tuto Historico e Geographico Brazileiro associar-se a essa justa e patriotica homenagem.

E si para cantar essa arrojada façanha appareceu a musa inspirada do grande poeta, que tendo o braço ás armas feito, e a penna ás musas dada, tornou immortal o seu nome, assim como o de sua patria, seja esse nome o epilogo deste pequeno trabalho, e a sua ultima e mais sublime expressão — Luiz de Camões —.

20 de maio de 1898. — *Moreira de Azevedo.* »

Discurso do Sr. Marquez de Paranaguá

« A Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, nutrindo, assim como o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, os mais puros sentimentos de fraternisação para com a nobilissima Nação Portugueza, julgou do seu dever fazer-se representar nesta solemnidade, com que o Instituto Historico quiz, tambem, commemorar o 4º centenario do descobrimento do caminho maritimo das Indias, levado a effeito por Vasco da Gama, o mais celebre dos navegadores portuguezes.

A Commissão da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, da qual faço parte minima, compõe-se dos Srs. Conselheiros Barão de Loreto, Barão de Alencar, Barão Homem de Mello, José Mauricio F. Pereira de Barros, Souza Ferreira, Capitão de mar e guerra Calheiros da Graça, Dr. Castro Carreira, membros daquella Sociedade e do Instituto Historico e dos consocios Dr. Paula Freitas, Commendador Oliveira Catramby, Dr. Elpidio de Mesquita e Monsenhor Vicente Lustosa.

Aqui reunidos, muito folgamos de poder affirmar, perante o honrado Ministro de Portugal, perante esta illustrada Associação e o selecto auditorio, a nossa adhesão ás eloquentes manifestações que V. Ex., Sr. Presidente, e o digno orador official acabam de fazer, por parte do Instituto Historico, a respeito do grande feito naval dos heroicos Portuguezes, nossos antepassados.

O famoso acontecimento historico, que Portugal hoje celebra com festas esplendidas, encontra echos sympathicos em todos os

paizes, pela influencia extraordinaria que teve na civilisação, na sciencia, nas relações commerciaes e na politica do mundo.

Mas a parte que nós, os Brazileiros, tomamos nestas manifestações jubilosas, é tanto mais legitima, quanto do facto da navegação nascente de Portugal para o Oriente originou-se o descobrimento do nosso Brazil por Pedro Alvares Cabral, amigo intimo do inclyto Gama.

E, pois, seja-nos permittido, neste momento, dirigindo a S. Ex. o Sr. Ministro de Portugal os nossos respeitosos comprimentos, solicitar de S. Ex. a graça de transmittir a Sua Magestade Fidelissima, o Rei Sr. D. Carlos e a seus compatriotas, as mais cordiaes congratulações da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, pela admiravel empreza, em cuja recordação se associa ao nome de Vasco da Gama o do insigne cantor Luiz de Camões, immortalisando a gloria do Povo Portuguez. »

Discurso do Sr. Dr. J. M. Velho da Silva

« Ainda hoje, meus senhores, assombram e maravilham as creações phantasticas dos nossos mais remotos ascendentes. Os contos engenhosos e tradicionaes não só comprazem, como teem sido uma ou outra vez incentivos de diligencias e tentativas para acertos de utilidade real e de praticas proveitosas. Na idade média era a alchimia sciencia transcendente ; este empirismo mysterioso procurava transformar em ouro os metaes somenos em valor, procurava descobrir a pedra philosophal, a pancaéa e o elixir de longa vida: mas destas aberrações em que se fizeram celebres os gregos bysantinos Rhazés, Avicena, Averroes e outros, vieram as pesquizas serias, decorosas e autorisadas e nasceram sciencias da maior vantagem e do maior prestimo para a humanidade inteira, que despertava dos sonhos para o descobrimento real de sciencias que levantam a humanidade á mais subida altura.

Jason para obter o throno que lhe tinha sido usurpado emprehende uma viagem distanciada e para apoderar-se do velo de ouro guardado em Colchida por um dragão e por toiros que

vomitavam chammas e auspiciado pelos encantos de Medéa, apodera-se do thesouro vencendo todos os obstaculos e chega ancho pela victoria alcançada através de tamanhos e invenciveis impedimentos.

Si estes sonhos de imaginações ferteis nos arrebatam pelo arrojo de maravilhas phantasiadas; o que não se passa em nossa alma quando consideramos emprezas temerarias e audaciosas commettidas por homens qne se tornam admiraveis e dignos de respeito porque parecem erguidos acima do commum da humanidade! Portugal, cuja historia está semeada de feitos sublimes e de homens extraordinarios, celebra hoje uma das maiores glorias, que se lêem nas paginas mais nobres do livro da humanidade inteira; não lhe bastavam a lealdade e fidelidade de um Egas Muniz nas lutas de D. Affonso Henriques em S. Mamede contra as forças de Hespanha, as glorias do Campo de Ourique em 1129, nem homens como Martim de Freitas, nem as glorias de Aljubarrota em 1385, onde até uma mulher, Brites de Almeida, fez prodigios de valor contra os inimigos *do ninho seu paterno*, e ainda pouco depois a victoria de Montes Claros em 1665, e ainda tantos feitos nobres e valorosos e tantos homens, que bastariam para sublimar, não um paiz, mas o universo.

Pois bem, corria o anno de 1485, reinava em Portugal D. João II; tendo este monarcha noticia de um celebre *Preste João das Indias* e desejando ter com elle relações de alliança e amisade, determinara enviar um agente em procura deste hypothetico rei da India, e para o projectado intento mandou aprestar dous navios de 50 toneladas e ainda outro com as necessarias munições, sendo nomeado o fidalgo Bartholomeu Dias para o commando, partindo de Lisboa em 2 de agosto do mencionado anno, seguindo viagem passou o Rio de Congo e foi seguindo a Costa, collocando padrões com as armas portuguezas nos sitios que se lhe deparavam sem senhorio. Em vista da má viagem que iam fazendo com temporaes bravios e temendo a equipagem a falta de viveres, ia reclamando e exigindo a volta, descontinuando-se a tentativa; máo grado, porém a opposição da gente da marinhagem, parece que um instincto secreto de bom acerto dominava a vontade do distincto fidalgo, que pedindo poucos dias ainda

de navegação, descobriu afinal o medonho cabo a que denominou *Tormentoso*, chegando até S. Jorge da Mina, de onde regressou, trazendo em compensação grande cópia de oiro em pó, chegando á patria em dezembro de 1487. O rei ouvindo a miuda e interessante narrativa da temeraria, mas esperançosa navegação, mudou o nome com que Bartholomeu baptisara o cabo, denominando-o *Cabo da Boa Esperança*.

Succedera no throno El-Rei D. Manoel, correndo o anno de 1495, tendo 26 de idade. Este principe, homem excepcional e privilegiado, parece que tinha em sua alma a previsão das glorias, dos heroismos e da grandeza de sua patria.

O infante D. Henrique, que nascera no Porto em 1394, tinha como qualidades ingenitas o valor, a heroicidade e a audacia para as emprezas grandes e arriscadas; não só era distincto na intrepidez e denodo, como acendrado e portentoso nas lettras e sciencias, sobretudo nas sciencias mathematicas; com o grande heróe D. Nuno Alvares Pereira concorreu para a ardua e arriscada tomada de Ceuta, sendo elle o primeiro que saltou em terra e acommettido por grande numero de inimigos lutou com elles victoriosamente, pelejou com a maior varonia na costa de Africa, em companhia de seu irmão D. Fernando; e como si tudo isto não bastasse, procurou o Algarve, estabelecendo em Sagres estaleiros, arsenaes e uma academia de mathematica, de onde partiram em diversas direcções os intrepidos navegadores Zarco, Bartholomeu, Perestrello, Tristão Vaz e outros, que fizeram importantes descobertas desde o Cabo Bojador até a Serra Leôa.

Este vulto luminoso não póde ser esquecido e será sempre na Historia uma das grandes glorias, e seus feitos serão uma lenda admiravel para todas as gerações.

Todas estas condições eram como propositalmente dispostas pela providencia Divina para um Rei previdente e capaz de transmittir o denodo, a audacia, o valor e a magnanimidade a todos que o cercavam e que por sua vez iam tambem transmittindo todas as qualidades nobres para a grandeza de seu paiz e para que se lavrasse a legenda eterna de sua existencia gloriosa, de suas proezas e de seus triumphos, no portico de cada seculo. D. Manoel, apenas empunhou o sceptro, tratou de pro-

mover o bem de seu povo, convocando para tal fim Côrtes em Monte Mór, tornando-se notavel por suas conquistas no Oriente. Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral sobrelevam-se de modo assombroso pela destimidez no meio dos perigos, pela tenacidade em seus emprehendimentos e por suas esplendidas descobertas.

Seguiram-se heróes do mais alto valor, cujos nomes será de suprema vantagem rememorar como incitamento para feitos heroicos nas almas generosas, que desejam imitar feitos sobrehumanos e eternos na historia. Affonso de Albuquerque, Duarte Pacheco, D. Francisco de Almeida, D. Duarte de Menezes e outros, que occupariam delongado espaço, e diante dos quaes a nossa imaginação faz reviver o respeito que se lhes deve.

Vasco da Gama foi o heróe providencialmente escolhido por D. Manoel para a grande empreza do descobrimento da India; sahindo para tão temeraria e arrojada proeza: *por mares nunca dantes navegados*, do porto de Belém no dia 3 de julho de 1495. Esta façanha audaciosa é sem duvida a mais assombrosa da Historia Universal.

Distanciar-se por mares desconhecidos, affrontar medonhas tempestades, cabos e baixios traiçoeiros, luctar com selvagens ferozes e malfasejos:

> Em perigos e guerras esforçados
> Mais do que promettia a força humana,
> E entre gente remota edificàram
> Novo reino, que tanto sublimáram.

Tudo isto é assombroso, nobilita o homem e eleva-o à suprema altura. Através de todos estes quasi invenciveis obstaculos inteiramente ignorados, chegou, finalmente, o immortal Vasco da Gama aportando a Calecut, á côrte do mais poderoso Rei do Malabar, voltando a Portugal. Foi recebido como talvez não haja outro exemplo; o rei e o povo confundiam-se e disputavam entre si quem lhe daria mais sinceras e legitimas provas de admiração, de enthusiasmo e de gratidão, pela temeridade e pelos serviços, que faziam de uma nação pequena em extensão, a maior, á mais nobre e mais respeitada pelo arrojo e valentia de seus navegadores, que não tinham iguaes no Universo inteiro. Se

Achilles, Ulysses e Enéas tiveram Homero e o principe dos poetas latinos para eternisar-lhes a memoria e engràndecel-os por feitos na mór parte filhos das pompas e lusimento de ficções engenhosas, Vasco da Gama tambem teve um principe dos poetas, o immortal Camões, que lhe ergueu o mais nobre e magestoso monumento dos *Lusiadas*, em que atirou evos a dentro, o maior prodigio poetico que podem produzir todas as forças do espirito e da imaginação do homem privilegiado.

Camões ergueu-se até os astros, levando nas mãos ainda a maior altura o nome e gloria de sua patria e de seus heróes e cumprio com esplendida soberania o que disse :

Cessem do sabio grego e do troyano
As navegações grandes que fizeram ;
Cale-se de Alexandre, e de Trajano
A fama das victorias que tiveram ;

Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a musa antiga canta;
Que outro valor mais alto se alevanta. »

Discurso do Sr. Barão de Sant'Anna Nery

« Este illustre Gremio, que é contado entre as mais antigas das instituições scientificas da America latina, — cuja Revista, publicada sem interrupção desde 1839, ha quasi sessenta annos, encerra em suas paginas o mais precioso repositorio de historia patria, — este illustre Gremio obedeceu a feliz inspiração quando deliberou effectuar uma sessão selemne em honra do quarto centenario da descoberta do caminho das Indias Orientaes.

Ao prestar publica homenagem a Vasco da Gama, o Instituto Historico e Geographico Brazileiro não só rende preito á velha e briosa Lusitania, nossa veneranda mãe-patria até principios deste seculo, como tambem paga uma divida de reconhecimento ao immortal marinheiro, cujo nome corre parelhas com o de Christovão Colombo.

E' bom, é justo associarmo-nos, como ora fazemos, aos nossos amigos de Portugal na commemoração de um feito que

constitue um dos mais arriscados e venturosos lances da humanidade pensante. Voltaire já disse com razão:

— « Nós nos extasiamos perante as proezas dos Argonautas. Entretanto, Vasco da Gama e seus intrepidos companheiros realizaram façanhas mil vezes mais dignas de admiração. »

Nessa nossa união cordial com os irmãos de além-mar, ha, porém, mais do que um mero acto de cortezia entre parentes que constituiram familias distinctas, mas, não separadas. Ha o cumprimento de um dever sagrado, e só hoje — é bom que se saiba — começamos, nós, os Brazileiros, a solver o debito que, ha quatro seculos, contrahimos para com o grande Almirante portuguez.

Com effeito, meus senhores, a não serem as minuciosas instrucções dadas por Vasco da Gama a Pedro Alvares Cabral, este, muito provavelmente, nunca teria vindo aportar ás nossas plagas.

Ninguem ignora hoje em dia que a esquadra de Cabral, a cujo bordo se achavam experimentados maritimos, taes como Bartholomeu Dias e Nicoláo Coelho, trazia, ao sahir do Tejo em 9 de março de 1500, indicações circumstanciadas, traçadas pelo proprio Vasco da Gama.

Mandava elle que a esquadra de Cabral, depois de passar a ilha de Santiago, no archipelago de Cabo Verde, fosse sempre seguindo para o sul, emquanto tivesse vento em pôpa. — Ordenava que, nas declinações de rumo, tomasse a direcção de sul-sudoeste, correndo a bombordo para o largo, quando soprassem ventos contrarios até a latitude do Cabo da Boa Esperança. — Então, seria mister governar direito para léste.

Affirmam os geographos que desse assumpto não fizeram aturado estudo, serem motivados esses conselhos pelo desejo que tinha Vasco da Gama de poupar a Pedro Alvares Cabral as calmarias da costa da Guiné, fazendo com que dessa sorte o seu patricio se aproveitasse dos ventos de monção e da corrente equatorial.

Parece, porém, fóra de duvida que as instrucções do glorioso Almirante só tinham por fim franquear aberta aos portuguezes para descobrirem as « terras occultas » adivinhadas pelo seu genio e presentidas pela sua experiencia. Vasco da Gama *tinha*

certeza de que na direcção deste nossso Brazil existiam terras. O exame acurado do seu Roteiro o demonstra.

Nesse documento que ninguem póde folhear sem emoção, conta elle que a 22 de agosto de 1497, achando-se muito perto do Penedo de S. Pedro, avistou bandos de aves que ao anoitecer, dirigiam-se apressadamente para o sul-sudoeste, como passaros que iam para alguma terra pouco distante.

Dahi, dessa sua convicção, as detalhadas instrucções dadas por elle á Pedro Alvares Cabral.

E assim é, meus senhores, que na Historia da Humanidade tudo se concatena. Os povos não são collectividades isoladas. Constituem organismos que, as mais das vezes, sem que de taes phenomenos tenham consciencia, possuem movimentos isochronos. O nosso Brazil, por exemplo, embora novel entre as nações cultas — pois que ainda jazia nas trevas da barbaria quando já as náos portuguezas estavam a dilatar a fé e o imperio pelo mundo, — o nosso Brazil, embora novel entre as nações cultas, tem laços authenticos que o prendem a mais de uma nação do velho mundo.

Antes de apparelhar-se Pedro Alvares Cabral para a expedição ás Indias, durante a qual avistou, em 22 de abril de 1500, o Monte Paschoal e descobrio a Terra de Vera-Cruz, ja tinha sahido de Bristol, na Inglaterra, em 15 de julho de 1480, um navio de oitenta toneladas, sob o commando do capitão Thylde, o mais instruido dos homens do mar, inglezes, naquelles tempos. Ia elle descobrir uma terra situada a oeste da Irlanda, e chamada *Brasille*. O destemido capitão andou sacudido pelo « mar tenebroso » durante dous mezes, regressando ao porto de partida em 18 de setembro, sem ter encontrado a terra da promissão.

Mais feliz foi um hespanhol, antigo companheiro de Christovão Colombo : Vicente Yanez Pinzon. Tres mezes antes de Cabral, a 26 de janeiro de 1500, havia elle descoberto toda a costa septentrional do nosso paiz, desde o cabo de Santo Agostinho — a que dera o nome de Santa Maria de Consolacion — até ao Cabo de Orange — então chamado Cabo de São Vicente. Tinha feito mais ainda: tinha avistado a foz do Amazonas, cuja grandeza o impressionou tão profundamente que lhe deu o nome de *Mar Dolce*.

Nesse mesmo anno de 1500, outro hespanhol, Diego de Lope, chegava igualmente ao Cabo de Santo Agostinho, reconhecia todo o littoral até o Rio das Contas (San Julian) e refazia o caminho já percorrido por Pinzon na costa norte.

Pelo mesmo motivo por que compartimos nestes dias festivos as alegrias dos portuguezes, devemos compartilhar das tristezas da Hespanha, que deixou inscriptos em nossos annaes geographicos os nomes daquelles seus heroicos filhos.

O mesmo se dá com a Italia.

Neste momento, Florença está a celebrar festas em honra de Amerigo Vespucci. Não nos podemos esquecer de que Amerigo Vespucci fez parte, de 1501 a 1504, das duas expedições enviadas ao Brazil, sob o commando de André Gonçalves e de Gonçalo Coelho,

Durante a primeira, foi elle quem, com André Gonçalves, a 1 de de janeiro de 1502, descobrio esta sumptuosa bahia, que daqui avistamos. Na segunda, os azares da navegação o separaram de Gonçalo Coelho, na altura da Ilha de Fernando de Noronha, onde, em um recente passeio que fiz a contra-gosto, pude verificar mais uma vez, que todas as nossas fortalezas são devidas á operosidade dos portuguezes. Amerigo Vespucci foi tambem quem, desde 1504, entrou a cantar o esplendor do nosso paiz, escrevendo aquella famosa carta em que dizia: — « E, se, nel mondo, é alcun paradiso terrestre, senza dubio la esser non molto lontano da questi luoghi. »

As instrucções que deu Vasco da Gama a Pedro Alvares Cabral ligam-se a todas essas commoventes tradições. E ahi está porque esta festa portugueza é tambem uma festa brazileira, e ahi está porque esse pequeno Portugal, nas amarguras da hora presente, póde com orgulho relembrar o seu passado, continuando a

Verser des torrents de lumière
Sur ses obscurs blasphemateurs!

Findos os discursos, geralmente applaudidos, ás 8 1/2 levantou-se a sessão.

F. B. Marques Pinheiro,
2º Secretario.

6ª SESSÃO ORDINARIA EM 29 DE MAIO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro M. F. Correia,
1º Vice-Presidente

A' 1 hora da tarde, reunidos os Srs. Conselheiro M. F. Correia, H. Raffard, Dr. Castro Carreira, Barão Homem de Mello, Commendador J. Luiz Alves, Conselheiro Souza Ferreira, Dr. Luiz Cruls, Barão de Sant'Anna Nery, Dr. Machado Portella e Dr. A. Milton, servindo de 2º Secretario, é aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão ordinaria antecedente.

EXPEDIENTE

O Sr. 1º Secretario H. Raffard communica que deixam de comparecer com causa participada o Srs. Drs. E. Nunes Pires e Presidente Conselheiro Aquino e Castro, e passa a ler a carta seguinte:

« Rio, 29 de maio de 1898 — Illm. Sr. Henri Raffard, 1º Secretario do Instituto — Peço que communique á Mesa do Instituto que deixo de comparecer á sessão de hoje por incommodado.

Para augmento do peculio social do mesmo Instituto offereço as cinco apolices juntas, do valor nominal de 200$ cada uma, do emprestimo municipal de 1896, e de ns. 97.846 a 97.850.

Sinto não poder na occasião de melhor modo manifestar o interesse que ligo á prosperidade da nossa utilissima Associação. — *Olegario Herculano d'Aquino e Castro.*»

Em agradecimento ao donativo feito, o Instituto, sobre proposta do Sr. Raffard, resolveu que uma commissão fosse pessoalmente agradecer a S. Ex. o novo serviço prestado a esta Associação, o que foi approvado sem discussão, sendo nomeados para a mesma commissão os Srs. Raffard, Homem de Mello e A. Milton.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

ORDEM DO DIA

Foi lido o parecer seguinte:

« A Commissão de admissão de Socios, de perfeito accordo com as considerações expendidas pela Commissão de Historia sobre a proposta relativa á admissão do Sr. Dr. Paulino José Soares de Souza Junior para socio effectivo do Instituto, é de parecer que seja approvada a dita proposta.

Sala das sessões, 29 de maio de 1898.— *Barão de Alencar.* — *Manoel Francisco Correia.*—*Affonso Celso.*»

Ficou sobre a mesa para ser votado na sessão immediata.

A Commissão de Estatutos apresentou o seguinte parecer:

« O nosso prestimoso e distincto consocio o Sr. L. Cruls propõe que as sessões do Instituto tenham logar de ora em deante nas sextas-feiras, ás 7 horas da noite.

Assim era antes ; mas cumpre observar que foi em virtude de reclamações de varios socios que adoptou-se a pratica actual.

E' verdade que esse alvitre não teve acceitação unanime; mas delle resultou, ao menos, que as sessões fossem em geral mais concorridas.

Os Estatutos nada dispoem a tal respeito, limitando-se a determinar que as sessões ordinarias se effectuem de 15 em 15 dias.

No intuito, pois, de conciliar o maior numero de opiniões, a Commissão de Estatutos e Redacção é de parecer que as sessões voltem a ser ás sextas-feiras, mas ás 3 horas da tarde.

Sala das sessões, 16 de maio de 1898.— *Barão de Alencar.* — *Henri Raffard.*»

Posto em discussão, é approvado, marcando-se, em vista da resolução tomada, as sessões ordinarias para as sextas-feiras, ás 3 horas da tarde, de 15 em 15 dias.

O Sr. Raffard participa que o Sr. Visconde de Taunay pedira, afim de ser copiado, o autographo da missa de Santa Cecilia, composição do finado maestro brazileiro, padre José Mauricio Nunes Garcia. Após ligeira discussão, ficou o Sr. 1º Secretario autorisado a satisfazer o pedido do modo que for mais conveniente.

O mesmo Sr. informa ter-lhe sido pedida pelo Sr. Secretario Archivista do Archivo Publico Mineiro a obra *Memoria* sobre

as minas de cobalto da Capitania de Minas Geraes, que o Instituto possue, segundo se colhe do catalogo da Exposição de Historia do Brazil em 1881 ; mas observa que, não se achando no catalogo da bibliotheca que esta Associação mandou fazer em 1885, e não sendo a Memoria encontrada, deve-se presumir que foi extraviada, se é que voltou depois da Exposição ; e accrescenta que não sendo este caso unico, entendeu dever chamar a attenção do Instituto a tal respeito.

O Sr. Commendador José Luiz Alves mandou á mesa a seguinte proposta:

« Proponho que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, mande averiguar si ainda existe em Porto Seguro a Cruz que Pedro Alvares Cabral erigiu em 3 de maio de 1500, junto da qual foi celebrada a primeira Missa do Brazil, por frei Henrique de Coimbra, religioso da Ordem de S. Francisco do Varatojo em Portugal, na qualidade de capellão da Armada, que em 9 de março de 1500 partiu do Tejo em demanda da derrota de Vasco da Gama, que dous annos antes, a 20 de maio de 1498, teve a ventura de descobrir o caminho da India.

Tambem proponho que o Instituto procure saber si existe ainda junto ao Convento dos Capuchinhos no Castello o padrão de pedra de lioz, tendo em alto relevo as armas de Portugal e a Cruz da Ordem de Christo, que foi alli plantado em 1567, quando Mem de Sá fundou esta cidade, padrão que deve existir á entrada da gruta de Lourdes a poucos annos edificada junto ao Convento.

Sala das sessões do Instituto Hitorico e Geograhico Brazileiro, 29 de maio de 1898.—*José Luiz Alves*.»

Quanto á primeira parte da proposta, foi approvada, devendo-se pedir ao Instituto Geographico e Historico da Bahia as informações necessarias, e quanto á segunda, resolveu-se que fosse lithographado o padrão de pedra que existe, para ser inserido na *Revista*.

Lidos os pareceres da Commissão de admissão de socios, opinando pela admissão do Sr . Commendador José Antunes Rodrigues de Oliveira Catramby, General Francisco Raphael de Mello Rego e Commendador Miguel Archanjo Galvão, dei-

xados sobre a mesa para serem votados nesta sessão, o Sr. Presidente fez correr o escrutinio separadamente e, sendo os pareceres unanimemente approvados, proclamou os tres candidatos socios effectivos do Instituto.

Tomando a palavra, o Sr. Raffard lembrou que na sessão anterior o Sr. Commendador Luiz Alves apresentou o parecer que lhe foi pedido relativamente ao seguro da Bibliotheca da nossa Associação, o qual não póde ser submettido a discussão por não ter sido assignado pelos demais membros da respectiva Commissão; ora, tendo conseguido das Companhias Nacionaes de Seguro, isto é, de duas que consultou, entre as quatro recommendadas pelo Sr. Commendador J. Luiz Alves, à reducção da taxa de 5/8 para 1/2 por cento, acompanhando ellas a taxa que o Sr. Conselheiro Cybrão, director da Companhia Fidelidade, fixou, para ser agradavel ao Instituto, por isto agora o Sr. Raffard convida o Sr. Commendador José Luiz Alves a subscrever com elle a proposta que submette á consideração do Instituto, ao que annuiu o mesmo Sr., sendo lidos em seguida o parecer e proposta juntos:

« Fui nomeado para entender-me com as companhias de seguros desta Capital relativamente ao seguro da Bibliotheca do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, visto já ter o nosso prezado consocio o Sr. Visconde Rodrigues de Oliveira consultado a esse respeito as companhias estrangeiras, como se vê da consulta escripta pelo mesmo Senhor.

O seguro de 200:000$, valor pelo qual é segura à Bibliotheca do Instituto nas Companhias de Seguros Nacionaes, trará para o Instituto a despeza annual de 1:125$000.

As companhias são: Argos Fluminense, Garantia, Previdente e Confiança, que tomão o seguro a 5/8, na razão de 50:000$ cada uma. Estas companhias são da maior respeitabilidade, visto que existem ha longos annos nesta Capital, e teem sempre pago com a maxima pontualidade os sinistros que as teem affectado.

As companhias estrangeiras são tambem respeitadas e offerecem garantia perfeita, mas não sei si com as oscillações do cambio, os seguros augmentam ou diminuem na taxa, ao passo que nas nacionaes ha taxa fixa.

O Instituto resolverá como for de mais acerto. Rio de Janeiro, 14 de maio de 1898.— *José Luiz Alves.*»

«Considerando que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, na questão ora em estudo sobre o seguro da Bibliotheca, não póde desconhecer a vantagem de subdividir o seu seguro por varias companhias; considerando ainda que o mesmo Instituto por espirito de nacionalidade não póde pôr de parte as offertas feitas pelas companhias nacionaes; considerando tambem que não é para desprezar a taxa mais favoravel de algumas companhias estrangeiras, aliás de credito firmado: propomos que a Mesa fique autorisada a contratar o seguro em oito companhias, sendo cinco nacionaes: Fidelidade, Argos Fluminense, Garantia, Previdente e Confiança; duas inglezas: Imperial Insurance Company e Companhia Alliança, uma franceza, L'Union de Paris, pela taxa maxima de $^1/_2$ % na importancia de 200:000$000. Rio de Janeiro, 27 de maio de 1898.— *Henri Raffard.*»

Fallaram diversos socios e, posta a votos, a proposta foi unanimemente approvada.

O Sr. Sant'Anna Nery leu dous trabalhos, que mandará á Commissão de Redacção: 1º, *A Evolução economica da Amazonia;* 2º, *Povoamento da America.*

O Sr. Presidente levantou a sessão.

Aristides A. Milton,
Servindo de 2º Secretario.

7ª SESSÃO ORDINARIA EM 10 DE JUNHO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro M. F. Correia,
1º Vice-Presidente

A's 2 horas e meia da tarde, presentes os Srs. Conselheiros M. F. Correia, Marquez de Paranaguá, Barão Homem de Mello, H. Raffard, Drs. Nunes Pires, Castro Carreira, Alfredo Nascimento, Barões de Capanema e de Alencar, Desembargador Paranhos Montenegro, Visconde de Rodrigues de Oliveira, Capitão do Mar e Guerra Calheiros da Graça e Conselheiro Souza Ferreira, é aberta a sessão.

E' lida e approvada sem debate a acta da sessão antecedente. E' scientificado o Instituto, pelo Sr. 1º Secretario, de que, por motivo justificado, deixam de comparecer á sessão actual os Srs. Conselheiro Aquino e Castro, Dr. Machado Portella e Conselheiro Camello Lampreia.

São recebidos no seio do Instituto os socios recentemente acclamados — classe dos effectivos — Srs.: José Antunes Rodrigues de Oliveira Catramby e General Francisco Raphael de Mello Rego.

Saudados pelo Sr. Presidente, respondem á sua allocução; sendo tambem comprimentados pelos Srs. Drs. Paranhos Montenegro e Nunes Pires, nomeados para isso, na falta do Orador do Instituto.

Informa o Sr. Desembargador P. Montenegro (e o Instituto fica inteirado e agradece) que foi esta associação representada, na Bahia, nas solemnidades effectuadas em honra á memoria do celebre Padre Antonio Vieira.

O Sr. 1º Secretario faz distribuir pelos socios presentes o *Repertorio da Revista trimensal do Instituto*, que acaba de ser publicado.

EXPEDIENTE

E' lido um officio do Sr. Presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia, participando a eleição dos membros que constituem a sua mesa administrativa de 1898-99 — Inteirado.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

ORDEM DO DIA

E' lido o seguinte parecer da Commissão de historia acerca da proposta, para socio do Instituto, relativa ao Sr. Dr. Antonio da Cunha Barbosa:

« A' Commissão de trabalhos historicos foi presente para sobre elle interpôr parecer, o trabalho ainda inedito do Sr. Dr. Antonio da Cunha Barbosa, intitulado — *Aspecto da Arte Brazileira Colonial.*

Para avaliarmos com segurança do merito desta obra, precisamos antes de tudo apurar os elementos existentes para a composição de uma obra deste genero no Brazil, methodo este que seguio o grande critico H. Taine em sua notavel obra sobre a Historia Romana de Tito Livio.

Um estudo attento dos monumentos de nosso passado demonstra que existem valiosos subsidios e material sufficiente para reconstruirmos em toda a sua inteireza a phase inicial, mas já amplamente productiva, da arte brazileira no periodo colonial.

E' honroso para o Instituto Historico que a mais larga cópia desses subsidios se ache accumulada em sua *Revista*.

Abrio a serie o nosso illustrado consocio, já fallecido, Desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes, em sua erudita Memoria inserta na *Revista*, tomo 4° pag. 65: *Onde aprenderam, e quem foram os artistas que fizeram levantar os templos dos Jesuitas em Missões, e fabricaram as estatuas que alli se acharam collocadas?*

O eminente poeta e artista brazileiro Barão de Santo Angelo, nosso 1° Secretario, de saudosa memoria, honrou as paginas de nossa *Revista* com o resultado de suas preciosas investigações sobre os trabalhos e merito dos nosssos principaes artistas. Outros escriptos seus do mesmo genero estão insértos no *Ostensor Brazileiro* e no *Guanabara*.

O eminente orador deste Instituto, Dr. Joaquim Manoel de Macedo, exarou em sua preciosa obra — *Um Passeio no Rio de Janeiro*, uma valiosissima cópia de dados e informações preciosas sobre a arte brazileira.

Ainda o nosso distincto consocio Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, quer na nossa *Revista*, quer na sua notavel obra — *O Rio de Janeiro*, accrescentou largamente o material que possuiamos sobre este ramo com o resultado de suas pesquizas tão pacientes e laboriosas, quanto escrupulosas.

O nosso digno 2° Secretario, Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro, deu-nos sobre a monumental Egreja da Candelaria, um estudo completo, em que encontramos as mais preciosas notas sobre as obras artisticas que fazem desse grande templo um precioso archivo da arte nacional.

Os nossos illustrados compatriotas Dr. L. Gonzaga Duque-Estrada, Felix Ferreira, Rangel Sampaio e Dr. Eduardo Prado, teem um lugar de honra entre os escriptores que se occuparam da arte nacional. Seus estudos são lidos e consultados com proveito por quantos se occupão destes assumptos.

Não está esgotada a lista dos Brazileiros distinctos que teem honrado a arte brazileira em seus escriptos. E' um dever nosso citar aqui os nomes respeitaveis do Exm. Sr. Bispo de Marianna D. Silverio Gomes Pimenta, que em sua notavel obra — *Vida do Bispo D. Antonio Ferreira Viçoso*, — nos deu as notas mais completas sobre o legendario esculptor Mineiro — *o Aleijadinho*, e do nosso digno Consocio Rev. Sr. Padre Joaquim Silverio de Souza em sua obra *Sitios e Personagens*, em que se encontrão preciosas informações sobre a arte religiosa em Minas.

Ha ainda um grande nome que não podemos proferir sem um sentimento de profundo respeito, e que representa como uma culminancia nesta ordem de estudos. E' o do nosso consocio, o sabio Auguste de Saint Hilaire, tão amigo dos Brazileiros, e que julgou de nossas cousas com tanta indulgencia e sympathia, e de cujas obras exhala-se um como eterno perfume de virtude.

Do Rio de Janeiro á fronteira de Goyaz e d'ahi até á fronteira do Rio Grande, em um percurso total de dezesete mil kilometros pelo territorio brazileiro, o eminente botanico, ao par da larga contribuição para a sciencia de mais de sete mil especies novas por elle descriptas da flora brazileira, e de cento e vinte e nove da fauna, não se esqueceu de observar e descrever tudo quanto encontrou relativo á arte colonial nos edificios publicos, nos templos e nas habitações particulares. Nos nove volumes que encerrão a descripção de suas viagens pelo Brazil, encontrão-se preciosos promenores sobre as pinturas, imagens e decorações que formão o fundo quasi exclusivo da arte colonial brazileira.

Todo este immenso material, que de longa data se tem accumulado, mas que tem estado disseminado em obras diversas, umas raras e outras pouco conhecidas, o Dr. Antonio da Cunha Barbosa tomou-o em mão, confrontou e coordenou, apresentando, um quadro systematico em que a arte colonial apparece claramente exposta em suas differentes phases.

O seu trabalho, haurido todo em fontes authenticas e nas proprias tradições dos preclaros ascendentes de sua familia, representa um serviço real prestado á causa da historia patria.

O autor não se limita ao simples papel de historiographo, considerando tambem o assumpto como critico de arte; e bem o indica o titulo de sua obra — *Aspecto da arte brazileira colonial*. Neste ponto a Commissão não póde deixar de fazer reservas quanto á apreciação sempre admirativa do illustrado escriptor pelos trabalhos artisticos da época a que se referio.

Sem duvida, o genio brazileiro revelou desde então as suas aptidões para os variados ramos da arte. Faltava-lhe porém o meio e o preparo artistico indispensavel para produzir obras perfeitas e irreprehensiveis sob o ponto de vista esthetico.

A Commissão nota no trabalho do autor alguns enganos que podem ser facilmente rectificados antes da impressão. Assim, por exemplo, menciona-se á pag. 65 que a Egreja de Caethé, um dos mais magestosos templos do Brazil, foi começado em 1818, quando este monumento da arte foi terminado e solemnemente inaugurado em 1757, como se lê na respectiva inscripção lapidaria, que o relator da Commissão alli copiou em 19 de março de 1896.

A Commissão é de parecer que o trabalho do Dr. Antonio da Cunha Barbosa é merecedor do maior apreço por parte deste Instituto, constituindo o mais valioso titulo para a sua admissão no gremio desta Associação.

Sala das Sessões do Instituto Historico, 10 de junho de 1898, — *Homem de Mello*.— *Nunes Pires*.»

E' remettido depois de approvado á Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Dr. Affonso Celso.

A' Commissão subsidiaria de historia, sendo relator o Sr. Dr. Velho da Silva, é remettida a seguinte proposta:

«Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Francisco Ferreira da Rosa, servindo de titulo de admissão o seu trabalho intitulado *Vultos da Historia Patria* offerecido em manuscripto ao mesmo Instituto.

O Sr. F. F. da Rosa nasceu a 20 de maio de 1864 em Angra do Heroismo, capital da ilha Terceira no archipelago dos Açôres, e vindo como estudante para esta capital em 1878, desde então

aqui reside e foi naturalisado brazileiro por occasião da proclamação da Republica em 1889.

Iniciando, após seus exames de preparatorios, os estudos superiores, frequentou o 1º anno do curso da Faculdade de Medicina e depois o da Escola Polytechnica, deixando, por força maior de concluir este, como tivera de abandonar o outro. Já por esta occasião entregava-se ao magisterio primario e secundario em varios institutos particulares, tendo sido muito tempo professor no Lyceu Litterario Portuguez e no Collegio Militar. Concomitantemente entregava-se tambem ao jornalismo, e alem da collaboração em varios jornaes, foi muitos annos redactor d'*O Paiz*, e ultimamente achava-se á frente da direcção d'*O Republica*, como seu secretario. Hoje o Sr. Rosa collabora na direcção de emprezas industriaes.

Alem do trabalho agora apresentado ao Instituto, o autor tem dado á publicidade varios outros litterarios e didacticos, sendo entre estes um compendio elementar de arithmetica, um compendio de orthographia e uma serie de quatro livros de leitura, cujas edições se tem repetido, sendo adoptados nas escolas municipaes e outras.

O manuscripto dos *Vultos da Historia Patria* consta de 306 paginas em que são traçadas as biographias de 66 dos nossos mais eminentes compatriotas em todos os ramos da actividade humana sendo chronologicamente dispostas de modo a não constituirem fragmentos isolados, mas sim partes entre si ligadas, decorrendo d'ahi a realisação do objectivo moderno dos programmas de ensino elementar, isto é, o estudo da historia do Brazil, atravéz das biographias des seus homens illustres.

Sala das sessões, 5 de junho de 1898.— Dr. *Alfredo Nascimento*.— *João Carlos de Souza Ferreira* — *T. G. Paranhos Montenegro*.»

Corrido o escrutinio sobre o parecer da Commissão de admissão de socios, referente ao Sr. Dr. Paulino José Soares de Souza Junior, é approvado: em consequencia é o mesmo Senhor declarado socio effectivo do Instituto.

Passando-se aleitura de trabalhos dos socios, o Dr. Nunes Pires lê uma sua *saudação* (em verso) á memoria de Vasco da

Gama; a qual era para ser lida no dia em que o Instituto celebrou a sessão solemne commemorativa do 4º Centenario do descobrimento do caminho maritimo da India.

A's 3 1/2 horas é levantada a sessão.

E. Nunes Pires,
Servindo de 2º Secretario.

3ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 19 DE JUNHO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A' 1 hora da tarde, achando-se presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro e M. F. Correia, H. Raffard, 1º Secretario, Marquez de Paranaguá, Visconde de Rodrigues de Oliveira, Drs. Castro Carreira e Machado Portella, Barões Homem de Mello e de Loreto, Commendador J. Luiz Alves e Marques Pinheiro, o Sr. Presidente abriu a sessão.

Faltou com causa participada o Sr. Dr. Aristides Milton, e o Sr. Commendador J. Luiz Alves justificou, por doente, o seu não comparecimento á ultima sessão.

Não houve leitura de acta.

Não houve expediente.

OFFERTAS

O Sr. Antonio Augusto de Almeida Carvalhaes offereceu, por intermedio do 2º Secretario, duas medalhas commemorativas do Centenario da India, sendo uma de prata e outra de aluminio. Agradeceu-se.

O Sr. Presidente, communicando o fallecimento do socio Conselheiro João Manoel Pereira da Silva, proferio a seguinte allocução:

« Srs. — Sinto ter de communicar-vos que falleceu em Paris, segundo as noticias ha pouco publicadas na imprensa, o notavel brazileiro, nosso distincto consocio, Dr. João Manoel Pereira da Silva.

Por espaço de 60 annos fez parte do Instituto, sendo por ultimo o mais antigo dos nossos associados e o unico sobrevivente dos que se alistaram no anno da fundação, em 1838.

Suas reconhecidas habilitações, grande talento e infatigavel amor ao trabalho manifestaram-se com brilho na abundante e luminosa copia de estudos historicos, politicos e litterarios já publicados e pelos entendidos devidamente apreciados.

Occupou posição culminante na politica, a que dedicou-se desde o começo de sua vida publica, e ainda nos ultimos tempos de sua longa e laboriosa existencia, sem que a idade, maior de 80 annos, lhe abatesse as forças, cultivava com ardor as letras, dando incessantes provas de robusta intelligencia e elevada instrucção.

O Instituto perde assim um dos seus mais illustrados consocios; e cumpre doloroso dever fazendo inserir na acta da sessão de hoje, um voto de profundo pezar por tão lamentavel acontecimento.»

Em seguida foi lida a carta da Exma. Sra. D. Luiza de Queiroz Coitinho Mattoso Perdigão acompanhando o retrato á oleo do Dr. Perdigão Malheiro offerecido ao Instituto:

« Exm. Sr. Conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro — Meu fallecido marido, o Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro, deixou em seu testamento o seu retrato para o Instituto Historico Brazileiro, depois do meu fallecimento; mas tendo eu um outro retrato, resolvi desde já fazer entrega: e como V. Ex. faz parte tão distinctamente do mesmo Instituto, lhe mando por meu sobrinho o retrato que terá o recommendado destino, do que eu ficarei eternamente agradecida.

Com toda estima e consideração sou etc.— *Luiza de Queiroz Coitinho Mattoso Perdigão.*»

A esta carta respondeu o Sr. Presidente:

« Rio de Janeiro, 19 de junho de 1898.

Illma. Exma. Sra. D. Luiza de Queiroz Coitinho Mattoso Perdigão. — O Instituto Historico e Geographico Brazileiro recebeu e muito agradece a valiosa offerta que V. Exa. acaba de fazer-lhe por intermedio do Presidente desta associação, do apreciavel retrato do saudoso consocio Dr. Agostinho Marques Perdi-

gão Malheiro, digno esposo de V. Ex.; e assegura que com a devida estimação conservará o retrato, como indelevel guardará a memoria desse distincto Brazileiro, tão recommendavel pela sua illustração quanto pelo seu nobre e elevado caracter.

Sou etc.— *Olegario Herculano d'Aquino e Castro*.»

O Sr. 1º Secretario communicou que a Commissão organisadora da Exposição de arte retrospectiva no Brazil pediu que o Instituto concorresse para a Exposição com obejectos que indicou taes como: bustos, medalhas e outros objectos do Museu e desenhos dos carros que figuraram nos festejos dos desposorios dos principes D. João e D. Carlota Joaquina, feitos nesta cidade em 2 de fevereiro de 1786.

Ficou a Mesa autorisada a proceder como convier.

Foi lida a seguinte carta do Sr. Visconde de Taunay:

« Rio de Janeiro, 16 de junho de 1898.

Amigo e Sr. H. Raffard.— Com muita satisfação acabo de receber o exemplar da *Missa de Santa Cecilia*, original do Padre José Mauricio, pertencente ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro e destinado a ser copiado no Instituto Nacional de Musica. Seu amigo obrigado.— *Visconde de Taunay*.»

Sobre o motivo especial de que tem noticia o Instituto e que determinou a convocação desta sessão extraordinaria, depois de bem ponderado o assumpto, foi resolvido que a Mesa ficasse autorisada a proceder como entendesse, em relação ao desapparecimento de objectos do Museu e a tomar as cautelas que fossem necessarias para guarda e conservação do mesmo Museu.

ORDEM DO DIA

O Sr. Commendador J. Luiz Alves leu um trabalho sobre Innocencio da Rocha Galvão.

Nada mais havendo a tratar, e estando a hora adiantada, o Sr. Presidente encerrou a sessão.

F. B. Marques Pinheiro,

2º Secretario.

8ª SESSÃO ORDINARIA EM 1 DE JULHO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, M. F. Correia, Marquez de Paranaguá, H. Raffard, Conselheiros Souza Ferreira e Camello Lampreia, Barão de Alencar, Commendador J. Luiz Alves, Dezembargador Paranhos Montenegro, Commendador Oliveira Catramby, L. F. Almeida e Sá, Capistrano de Abreu, Visconde Rodrigues de Oliveira, Drs. Castro Carreira e A. Milton, servindo de 2º Secretario, foi aberta a sessão.

Faltam com causa participada o Srs. Barão Homem de Mello e Dr. E. Nunes Pires.

Foram lidas e approvadas sem debate as actas das duas Sessões anteriores, sendo uma ordinaria e outra extraordinaria.

Achando-se na sala immediata para tomar assento o novo consocio Sr. Miguel Archanjo Galvão, o Sr. Presidente nomeou os Srs. 1º e 2º Secretarios para introduzil-o no recinto, onde tomou assento e foi saudado pelo Sr. Presidente. Em seguida, obtendo a palavra, o novo consocio agradeceu a distincção de que tinha sido objecto e na falta do orador effectivo, a convite do Sr. Presidente, respondeu o Sr. Conselheiro Correia, de conformidade com os Estatutos.

O Sr. H. Raffard, 1º Secretario, deu conta do expediente.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

O Sr. Conselhero Souza Ferreira, obtendo a palavra, offereceu ao Instituto um exemplar da *Biographia* do Visconde de Mauá por elle publicada no *Jornal do Commercio*. Agradeceu-se e mandou-se o trabalho á Commissão de Redacção.

Foram lidos os seguintes parecêres da Commissão de admissão de socios, opinando para que sejam acceitos como socios do Instituto os candidatos Dr. Antonio de Paula Freitas e Dr. Antonio da Cunha Barbosa:

« 1.º A Commissão de admissãode socios subscreve com prazer o parecer da Commissão de Historia relativo á admissão do Dr. An-

tonio de Paula Freitas, digno brazileiro, que por seus trabalhos scientificos e pela sua vida illibada, está perfeitamente nos casos de fazer parte da nossa associação.

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1898.— *Affonso Celso.— Barão de Alencar.— Manoel Francisco Correia.*»

«2.º A Commissão de admissão de socios é de parecer que seja approvada a proposta relativa á admissão do Sr. Dr. Antonio da Cunha Barbosa para socio effectivo do Instituto Historico, tendo tido presente o parecer da Commissão de Historia sobre a memoria do dito candidato intitulada *Aspecto da arte colonial.*

Sala das sessões, 1 de julho de 1898.— *Barão de Alencar.— Affonso Celso.— Manoel Francisco Correia.*»

Ficam sobre a mesa para serem votados na proxima sessão.

O Sr. Presidente considerando que o socio correspondente Sr. Luiz de França Almeida e Sá tem hoje residencia nesta capital lembra a conveniencia de passal-o para a classe dos socios effectivos, na fórma dos estatutos. Foi approvado.

Em seguida o Sr. Presidente informa que se tinha entendido com o Sr. Dr. Chefe de Policia acerca do acontecimento de que se tratou na sessão extraordinaria ultima, e que essa authoridade deu com toda actividade e acerto as providencias necessarias, que foram em parte coroadas de bom resultado, como consta do seguinte officio, cujo conteúdo muito agradou a todos os presentes:

«Secretaria de Policia do Districto Federal.— Rio de Janeiro, 22 de junho de 1898.

Exm. Sr. Dr. Olegario Herculano d'Aquino e Castro, Presidente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Chegando ao meu conhecimento que do Muzeu do Instituto Historico e Geographico Brazileiro foi tirada uma moeda de ouro de seis florins com a seguinte inscripção — Anno — Brazil 1645, ordenei, sem perda de tempo as diligencias necessarias para a apprehensão de tão valiosa reliquia.

Foi a referida moeda encontrada e é com satisfação que a entrego a esse benemerito Instituto, que tão valiosos serviços tem prestado ao Brazil, não ficando, como era de lamentar, o Muzêu privado de uma joia historica do mais alto valor.

As diligencias para a descoberta do autor do furto continuão a ser feitas. — Saude e Fraternidade. — O Chefe de Policia, *Manoel Edwiges de Queiroz Vieira.*»

Em nome do Instituto o Sr. Presidente agradeceu ao Sr. Dr. Chefe de Policia o serviço que acaba de ser prestado.

O Sr. Conselheiro Correia, obtendo a palavra propoz, depois de algumas considerações, que se nomeasse a commissão que, segundo o que foi deliberado em maio e julho do anno proximo passado, deve organisar o programma referente a commemoração do 4º centenario da descoberta do Brazil; e faz votos para que possa tomar parte nessa festa o consocio Sr. Conselheiro João de O. e Sá Camello Lampreia, como representante de Portugal, o que não só seria agradavel ao Instituto como importaria valioso concurso para o fim que se tem em vista.

O Sr. Conselheiro Lampreia, pedindo a palavra, declarou que o Instituto podia contar com toda a cooperação do Governo de S. Magestade F. como de todos os seus compatriotas, que assim retribuião as manifestações verdadeiramente affectuosas dispensadas pelo Brazil por occasião do 4º centenario do descobrimento do caminho das Indias por Vasco da Gama.

O Sr. Presidente agradeceu por parte do Instituto, e nomeou para a referida commissão os socios que compoem a Commissão de Estatutos e Redacção: os Srs. Barão de Loreto, Barão de Alencar e H. Raffard e mais os Srs. socios Marquez de Paranaguá e Conselheiro Correia.

ORDEM DO DIA

O Sr. Commendador J. Luiz Alves leu a noticia biographica de D. Vicente da Gama Leal, Bispo titular de Hetalonia, 1º coadjutor e successor do Bispo do Rio de Janeiro, D. Frei Antonio do Desterro.

Nada mais havendo a tratar-se o Sr. Presidente levantou a sessão ás 4 horas da tarde.

Aristides A. Milton,

2º Secretario interino.

9ª SESSÃO ORDINARIA EM 15 DE JULHO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 2 ½ horas da tarde, achando-se presentes os Srs.: Conselheiros Aquino e Castro, M. F. Correia, Marquez de Paranaguá, Barão Homem de Mello, H. Raffard, Dr. Castro Carreira, Dr. Nunes Pires, Barão de Loreto, Barão de Alencar, Desembargador Paranhos Montenegro, Dr. Martins Junior, Conselheiro J. M. F. Pereira de Barros, Capitão de Mar e Guerra Calheiros da Graça, Visconde Rodrigues de Oliveira, Conselheiro Souza Ferreira, Dr. Moreira de Azevedo, Commendadores J. Luiz Alves, A. J. Dias de Castro, J. A. Oliveira Catramby e Miguel Archanjo Galvão, General Couto de Magalhães, L. F. Almeida e Sá e Dr. A. Milton, servindo de 2º secretario, o Sr. Presidente abrio a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. 1º Secretario deu conta do expediente constando de officios e offertas.

Em seguida, estando na sala immediata S. Ex. Revdma. o Sr. Arcebispo D. Joaquim Arcoverde, o Sr. Presidente nomeou os Srs. Conselheiros Correia, Barão Homem de Mello e Secretarios Henri Raffard e Dr. A. Milton, para introduzirem o novo consocio no recinto.

Recebido com as formalidades do estylo, S. Ex. Revdma. toma assento e o Sr. Presidente lhe dirige a saudação seguinte:

« O Instituto Historico e Geographico Brazileiro com a mais viva satisfação recebe hoje em seu gremio o muito distincto consocio, Exm. Sr. D. Joaquim Arcoverde, digno Arcebispo Metropolitano da Archidiocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Do valioso concurso de tão illustre collaborador muito proveito terão a colher as lettras patrias, de longos annos pelo Instituto cultivadas.

E' grato relembrar que desta patriotica e litteraria associação teem feito parte os mais notaveis vultos da respeitavel classe a que pertence o preclaro consocio, que vem agora honrar com a sua presença os trabalhos a cargo do Instituto; e a saudosa memoria que de seus nomes aqui deixaram os egregios Arce-

bispos D. Romualdo, Marquez de Santa Cruz, D. Manoel da Silveira, Conde de S. Salvador e Bispos D. Antonio Ferreira Viçoso, Conde da Conceição, D. Manoel do Monte, Conde de Irajá, e muitos outros consocios, verdadeiras glorias do Episcopado Brazileiro, sem duvida será com brilho continuada por quem dignamente occupa hoje a cadeira ainda ha pouco tempo ennobrecida pelos sabios Arcebispos D. Antonio de Macedo Costa e D. João Esberard.

O Instituto Historico engrandece-se com a superioridade moral dos seus associados ; e hoje, pela acertada nomeação que acaba de fazer, intimamente congratula-se ; prestando homenagem ás eminentes qualidades que exornam o venerando recipiendario, cumpre agradavel dever, acolhendo-o com as mais sinceras manifestações de apreço devidas as suas virtudes e subido merito ainda uma vez ha pouco revelado na doutissima Carta Pastoral de 26 de outubro de 1897, inspirada por generosos e elevados sentimentos e dictada pela mais robusta fé e razão esclarecida pelos eternos principios da sabedoria divina, que emanam dessas claras fontes de luz e de verdade — a religião e a sciencia.»

Obtendo a palavra, o Sr. Arcebispo proferio o discurso seguinte:

« Exm. Sr. Presidente. Illustres e Dignos Consocios — Honrado sobremodo por vossa benevolencia, sinto-me seriamente embaraçado para dirigir-vos a palavra, porque, sendo insigne a distincção com que me honrastes e immenso o meu reconhecimento, faltam-me, no emtanto, as palavras e as phrases para external-o como fora mister e eu desejára.

Cumpre-me, não obstante, obedecer ás tradições desta veneranda corporação e corresponder á fidalguia de vossos nobres e generosos sentimentos, para commigo tão indulgentes, tão ricos de benevolencia !

E eis-me hoje aqui, senhores, para tomar assento pela vez primeira, no meio de vós, neste templo augusto, em cujas naves repercutem de continuo os échos das heroicas lutas, que sustentaram nossos maiores, para constituir, neste solo bemdicto, uma patria digna do convivio das nações cultas, e as acclamações gloriosas dos triumphos que teem coroado seus esforços e sacrificios.

A cadeira, senhores, que me offerecestes, neste sacro recinto onde adeja a imagem da patria, é-me summamente acceita, porque desde o alvorecer da razão, já eu era estimulado a sacudir o pó que encobre os tumulos dos nossos velhos heróes, a evocar sua memoria, a interrogal-os acerca de seus feitos e de suas glorias, de seus sacrificios e de suas dedicações pela patria e a veneral-os no pedestal de honra em que os collocou a justiça da historia para nos servirem como de lição objectiva do patriotismo veraz.

E', senhores, como sabeis, soberanamente util, nobre e proveitoso o estudo da historia, quando illuminado pelos clarões do Evangelho. A relevancia deste estudo procede principalmente de ser elle o estudo do regimen da Providencia Divina, a qual maravilhosamente dirige os passos de todas às gerações humanas sem lhes tolher o preciosissimo dom da liberdade.

Com effeito, em todo o decurso dos seculos, em todas as transformaçõès do scenario do mundo, depara-se-nos a Providencia fazendo triumphar seus altos designios; em uma palavra, o governo de Deus se manifesta na historia de todos os povos, os quaes ou se elevam ao fastigio da gloria ou se somem no pó á proporção que conservam mais ou menos intacto seu deposito de verdade e de virtude.

Dos designios inescrutaveis da Providencia Divina depende essa serie de causas particulares, conhecidas e não conhecidas, que, muitas vezes, levantam ou abatem um povo, uma nação, uma dynastia, um individuo ; nada lhe escapa *a cedro usque ad hyssopum* ! Deus do alto dos céos dirige os destinos de todas as nações, todos os corações elle os tem em suas mãos e assim governa todos os povos !...

Eis porque eu me congratulo commigo mesmo ao pertencer, por vossa nimia condescendencia, a esta illutre corporação de patriotas e de sabios, porquanto o seu objectivo é despertar do somno dos tumulos os nossos antepassados e fazel-os redizer-nos de que modo, de um vasto continente, sepultado nas trevas da barbaria, se foi constituindo esta grande nacionalidade, hoje exhuberante de vida e sedenta de progresso; é investigar a origem das raças, dos idiomas, dos ritos e costumes dos nossos selvicolas, cujo cruzamento com os Europeus produzio uma raça

caracteristica, dotada de valor até ao heroismo, e capaz de resistir com gloria ao inimigo que lhe ousar conculcar os brios ; é seguir *pari-passu* esses afoutos viajantes que, sem medir sacrificios penetraram em nossas selvas assombrosas, sulcaram nossos rios e treparam nos alcantis de nossas altaneiras serras para dalli descortinarem as riquezas inauditas com que o Creador ha mimoseado os tres reinos da natureza brasilica, illuminada, pela constellada lampada do Cruzeiro ; é, emfim, acompanhar, embora *haud passibus æquis* esses gigantes do Apostolado catholico que allumiaram as nossas florestas com o facho do Evangelho e, á custa de um heroismo sobrehumano, convidaram e trouxeram para o banquete da civilisação esssas tribus errantes que haviam de dar á nossa querida patria cidadãos e filhos denodados.

Se tudo o que honra o sacerdocio deve de ser-me particularmente caro, eu me congratulo ainda commigo mesmo por pertencer a esta corporação, que recebeu sua existencia da efficaz collaboração de um illustre sacerdote, membro do clero brazileiro, que tem continuado a dar a este instituto illustres e prestimosos socios ; deste clero, que a historia imparcial ha de um dia celebrar com justos encomios, contando os serviços immensos que elle prestou ás sciencias, ás artes, á historia e ás lettras patrias, á educação publica, civil e religiosa e á civilisação.

Houve tempo, senhores, em que se comprehendeu melhor do que hoje que os sentimentos religiosos, inoculados na familia e na patria pelo Ministro da Igreja, dão grande força e grande vitalidade ao sentimento patriotico, e infunde-lhe uma certa elevação e nobreza que o tornam vigoroso, energico e inflexivel.

Nunca duas cousas acharam-se tão estreitamente unidas, na historia dos povos, como o patriotismo e a religião. Essa união chegou mesmo, alguma vez, até á confusão sacrilega: em Sparta e Roma, a patria era quasi uma divindade, um idolo ! E' isto o que nos diz a historia.

O patriotismo atheu é uma creação nova, absurda e monstruosa. O altar e o lar são os dous pólos historicos da patria ; *pro aris et focis*, é o grito secular do patriotismo !

Como Ministro e como Prelado, ainda que muito immerecidamente, dessa mesma religião catholica que embalou-nos o

berço, que nos trouxe a liberdade, o progresso e a civilisação, eu vos digo que o catholicismo é por excellencia a escola do patriotismo, porque é por excellencia a escola da abnegação e do sacrificio: *o patriotismo sem abnegação e sem sacrificio é um sentimento fatuo e ridiculo.*

Foi nessa escola que se formou terso, inquebrantavel, rijo, o caracter e o valor dos nossos velhos patriotas, modelos de abnegação e de sacrificio, até ao heroismo, pela patria querida.

Consorciemos, senhores, a religião com a patria, o lar com o altar, como sempre estiveram em nosso paiz, desde o seu alvorecer, se quizermos ter uma patria forte e feliz, onde reine a paz, a justiça e a liberdade.

O Brazil, nascido da religião e do altar, não se acostumará nunca a conceber um povoado sem igreja, a patria sem religião, a familia sem o seu oratorio.

A' luz, pois, desse pharol divino, que o Evangelho accendeu em nossa patria e com essa orientação segura e tranquilla, é que eu desejára ver espraiarem-se no vasto e glorioso campo de sua historia o talento e o patriotismo de muitos dos nossos patricios, tão bons brazileiros quão competentes historiographos e lettrados.

Sejamos brazileiros, senhores, e inspirados na historia e nos exemplos dos nossos antepassados, saibamos honrar esta patria, que nascida sob a fulgurante constellação do Cruzeiro e crescida á sombra da Cruz do Redemptor, nunca renegará a religião da Cruz, que a fez grande, livre e poderosa. E cada um de nós, que somos os depositarios dessas gloriosas tradições, tenha burilado em seu coração e insculpido sobre esse sagrado deposito o MOTE protector dos nossos guerreiros, que lhes inflammava as almas generosas, que lhes ateava nos peitos patrioticos o fogo dos heróes e dava-lhes a palma das victorias — *Deus*, *Patria* e *Liberdade !...*

Sr. Presidente, dignos consocios, abusei de vossa paciencia com o desalinhado de minhas palavras ; perdoai-me e dignai-vos de, assim mesmo, aceita-las como a expressão sincera do meu reconhecimento pela distincta honra que me destes de ser vosso socio e de pertencer ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro.— *Joaquim*, Arcebispo do Rio de Janeiro.»

A convite do Sr. Presidente, o Sr. Commendador José Luiz Alves, em substituição do orador official, respondeu nestes termos:

« Exm. e Rvm. Sr. — As palavras ricas de fulgores e de esmaltada eloquencia que V. Ex. com a maior gentileza acabou de proferir, externando o seu profundo reconhecimento por ter sido o seu nome illustre inscripto entre os dos socios deste Instituto, foram ouvidas com a mais delicada e profunda attenção.

Rejubila-se este tribunal da historia nas effusões do mais intenso jubilo todas as vezes que vê descerrar seus porticos para dar ingresso a novos recipiendarios que veem com os fulgores de seu saber e primorosa illustração preencher os claros que o anjo da morte, de vez em quando, vae abrindo nas fileiras de seus associados ; e esse jubilo, e esse contentamento recresce todas as vezes que esse novo recipiendario une aos titulos de sua vasta illustração e saber a elevada posição na jerarchia social de Principe da Igreja, e realçada por dous dos mais sublimes privilegios que o Creador outorga á Creatura, e da mais alta nobreza e elevados sentimentos d'alma, duas flammas celestes — o da intelligencia no espirito e o da pureza e bondade no coração.

Cabe á terra donataria de D. Duarte Coelho Pereira a gloria de contar a V. Ex. no numero dos seus illustres e dilectos filhos, e ao clero de Pernambuco a de cita-lo como um de seus dignos ornamentos. Na freguezia de Cimbres despontou a aurora brilhante de seu natalicio no dia 17 de janeiro de 1850. O pendor que manifestou no verdor dos annos pelo cultivo das lettras foi plenamente justificado pela fórma brilhante com que fez o curso de humanidades, já no collegio de Cajazeiras, no Estado da Parahyba do Norte, e no Pio Latino Americano e no curso superior que fez na famosa Universidade Gregoriana na Cidade Eterna, onde levou a termo seus estudos e recebeu em premio das lutas academicas com louvor e applauso de todo o corpo docente daquelle Santuario das Sciencias e das Lettras, o grão de doutor em philosophia e na sciencia em que fôra luminoso o insigne Astro d'Aquino.

Rico de saber, abraçou por vocação sincera e pura o estado ecclesiastico; recebeu na formosa Basilica de S. João de Latrão, na cidade Rainha do Evangelho, a ordem do presbyterato, que lhe

foi conferida pelo Eminentissimo Cardeal Patruci, Vigario do SS. Padre o immortal Pio IX.

Disse adeus á Roma dos Cesares e dos Papas para recolher-se ao seio da patria e, apenas chegou ás plagas pernambucanas, foi logo encarregado pelo então Bispo de Olinda, D. Manoel do Rego Medeiros, para regularisar o estabelecimento do Seminario Episcopal, missão que plenamente desempenhou com louvor e applauso.

O egregio Capuchinho Frei Vital, de Pernambuco, que no Solio Episcopal de Olinda chamou-se D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, encantado de sua illustração e moralidade, nomeou-o Reitor daquelle Seminario, onde deixou de sua administração prudente e sabia saudosa lembrança e de seus serviços á religião e á patria a mais preclara memoria.

De 1878 a 1879 vamos encontra-lo exercendo o munus parochial nas freguezias do Santissimo Sacramento da cidade da Boa Vista, S. Pedro Gonçalves da cidade do Recife, e na de Cimbres onde recebeu as aguas lustraes do baptismo.

Na cadeira do magisterio transmittio á vasta pleiade de jovens applicados e talentosos os seus profundos conhecimentos de physica e de historia natural e com o maior zelo e criterio desempenhou o cargo de Reitor do Gymnasio Pernambucano.

Despido da vaidade das honras e das grandezas, como as violetas da claridade do dia, ellas o buscavam fascinadas por seus reaes merecimentos e por sua excessiva modestia. Em 1884, o Santissimo Padre Leão XIII, no Paço do Vaticano, firmou o Breve Apostolico pelo qual lhe conferio o titulo de seu Prelado Domestico com a graça especial do uso da insignia na propria Curia Romana. Em 1885 foi nomeado Conego effectivo e de meia prebenda na Cathedral de Olinda, e tres annos depois passou a Conego prebendado.

Sua Magestade o Imperador Sr. D. Pedro II, de saudosa memoria, que sabia prezar aos Sacerdotes sabios e moralisados, sabendo que o Conego Arcoverde possuia esses raros predicados, firmou aos 9 de março o Imperial Decreto apresentando-o á Santa Sé Apostolica para Bispo Coadjutor de D. Luiz Antonio dos Santos, Marquez de Monte Paschoal, Arcebispo Metropolitano da Bahia, distincção esta que o illustre nomeado não quiz acceitar.

Em 1889 cahiram as instituições juradas e com o advento da Republica Federal dos Estados Unidos do Brazil surge o Decreto separando a Igreja do Estado. O Santissimo Padre Leão XIII em 1890 preconisou-o Bispo de Goyaz, e como tal recebeu na Cidade Rainha do Evangelho a sagração, que lhe foi imposta pelo eminentissimo Cardeal Secretario de Estado Sr. Mariano Rampolla de Tendaro. Antes, porém, de entrar na posse do Governo do Bispado resignou-o por justos e imperiosos motivos.

Recolheu-se ao Collegio de Itú e ahi consagrou seus dias ao ensino da mocidade, que ainda hoje chora saudosa por tão illustrado Mestre.

Sem que cogitasse em novas honrarias e nem tão pouco as solicitasse, eis que o Augusto Successor de S. Pedro nomeia-o Bispo titular de Azoto, na diocesse de Coryntho, e Coadjutor e futuro successor do mesmo illustre D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, Bispo de S. Paulo, de saudosa memoria.

Em nome de obediencia ao Chefe Supremo da Igreja Santa de Jesus Christo acceitou o Bispo resignatario de Goyaz essa honrosissima nomeação. Partio para Roma para, em nome do Bispo de S. Paulo, fazer a visita *ad limina Apostolorum*.

Tendo cumprido essa missão, voltou á patria quando estremeciam os fios da Agencia Havas levando a triste nova do passamento do Bispo D. Lino á cidade de Pariz, onde estava de passagem.

Esse triste acontecimento tornou-o logo Bispo Diocesano.

Partio para o Brazil e apenas chegou ao Rio de Janeiro seguio para S. Paulo, fez entrada publica em sua Cathedral a 30 de setembro e entrou no governo de sua vasta diocese.

Nos poucos annos que com prudencia, tino e sabedoria regeu os destinos de tão importante diocese, deixou traços immorredouros de solicitude e estremecido zelo, e como padrão de sua gloria a reforma que fez no Seminario Episcopal, no Estabelecimento dos Padres Redemptoristas, no Santuario de Nossa Senhora da Conceição da Apparecida e dos Missionarios Filhos do Sagrado Coração, Irmandade de Maria na capital paulistana e na fundação, na cidade de Sorocaba, do Collegio Diocesano.

Trasladado daquel'a Diocese passou a occupar a cadeira Archiepiscopal do Rio de Janeiro, vaga pelo obito do inolvidavel Arcebispo D. João d'Esberard.

A 16 de dezembro de 1897 fez sua entrada solemne na Cathedral, e no dia seguinte recebeu das mãos do Arcebispo da Bahia, D. Jeronymo Thomé da Silva, o Palium, symbolo da autoridade que lhe conferio o Augusto Successor de São Pedro.

Nesta antiga atalaia do christianismo, que ha 222 annos creou o Santo Padre Innocencio XI, o illustre recipiendario, com os fulgores de seu peregrino talento e os elevados dotes do coração e da alma, conquistára no correr dos annos as mesmas honras e trophéos que conquistaram seus preclaros e illustres antecessores, dentre os quaes destacam-se como astros de primeira grandeza:

D. José de Barros de Alarcão, D. Frei Francisco de S. Jeronymo, D. Frei Antonio de Guadalupe, D. Frei Antonio do Desterro, D. José Joaquim Gustavo Mascarenhas Castello Branco e os capellães Monsenhores D. José Caetano S. Coutinho, D. Manoel do Monte Rodrigues, Conde de Irajá, D. Pedro Maria de Lacerda, Conde de Santa Fé, na serie dos Bispos, e o primeiro Arcebispo D. João d'Esberard.

Por esses traços que em rapido vôo faço da gloriosa existencia do illustre recipiendario tenho por bem provar o acerto de sua nomeação para socio honorario deste Instituto Historico e Geographico Brazileiro, certo de que conquistará os mesmos louvores e palmas que conquistaram as Aguias do Episcopado Brazileiro, que nos tempos idos e nos modernos tempos honram estas cadeiras, como o fizeram D. Romualdo Antonio de Seixas, Arcebispo Metropolitano da Bahia; D. Antonio de Macedo Costa, seu digno successor; D. Manoel do Monte, Conde de Irajá, Bispo desta Diocese; D. Frei Pedro de Santa Marianna, Bispo titular a Crysopolis e Prelado Domestico de S. S. e Assistente do Solio Pontificio; D. José Joaquim, Bispo de Pernambuco e de Elvas, D. José Affonso de Moraes Torres, Bispo resignatario do Pará; D. Marcos Antonio de Souza, Bispo do Maranhão; o Conego J. da Cunha Barbosa e Frei Francisco do Mont'Alverne, Principes da Oratoria Sagrada, e muitos outros.

Espera o Instituto Historico que o illustre recipiendario honrará com os seus escriptos as paginas da *Revista* e com sua presença as sessões do Instituto. »

O Sr. Conselheiro Correia pede a palavra e secundando os votos do Instituto, em applauso á admissão do benemerito consocio, salientou a verdade e excellencia das considerações feitas em demonstração da benefica influencia dos sentimentos religiosos sobre a educação moral, desenvolvimento e progresso da civilisação.

O Sr. Barão H. de Mello, communica que a commissão de que fez parte com os Srs. Drs. E. Nunes Pires e Nascimento, representou o Instituto na sessão anniversaria do Instituto dos Bachareis em letras.

O Sr. 1º Secretario H. Raffard procedeu á leitura do seguinte parecer da Commissão de Fundos e Orçamento:

PARECER

« Dando cumprimento ao que determinão nossos Estatutos, vem a Commissão de fundos e orçamento apresentar á Mesa as contas da Thesouraria do Instituto referentes ao anno de 1897.

A receita na importancia de 18:044$900 procedeu dos seguintes titulos :

Juros de apolices da divida publica nacional . .	1:680$000
Ditos do emprestimo municipal	60$000
Prestações semestraes dos socios	624$000
Joias de entrada de socios	60$000
Remissão de socios	100$000
Venda de exemplares da *Revista Trimensal* e de outras publicações do Instituto.	28$000
	2:552$000
Subsidio do Thesouro Nacional	14:000$000
	16:552$000
Saldo de 1896	1:492$900
	18:044$900

A despeza elevou-se a 16:558$400 e foi effectuada pelas seguintes verbas:

Publicações do Instituto:		
Impressão, brochuras etc., da *Revista Trimensal*, tomo 59 e 1ª parte do tomo 60. . . .	9:458$000	
Idem da *Integração da nacionalidade brazileira*	300$000	
Idem de balanços avulsos . . .	15$000	9:773$000
Empregados:		
Bibliothecario	2:750$000	
Escripturario	1:800$000	
Porteiro.	1:200$000	
Cobrador (porcentagem)	95$400	5:845$400
		15:618$400
Expediente:		
Papel, tinta, lapis, etc	247$000	
Impressão de diplomas	18$000	
Despezas miudas feitas pela Secretaria	374$000	639$000
Eventuaes:		
Despezas por occasião da sessão anniversaria de 1896		301$000
		16:558$400

Da comparação da receita com a despeza resulta o saldo de 1:486$500 que existia em 31 de dezembro do anno findo mas que estava sujeito ao pagamento da impressão da 2ª parte do tomo 60 da nossa Revista.

Existião tambem em cofre na data mencionada as apolices da divida publica nacional e do emprestimo municipal constantes das notas ns. 4 e 5 annexas ao balanço impresso do anno de 1897.

Tendo examinado attentamente as contas a Commissão achou-as exactas, estando a despeza devidamente documentada.

Reconhecendo mais uma vez a intelligencia e zelo com que foi dirigida a Thesouraria pelo nosso illustrado consocio Sr. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, a Commissão é de parecer que sejão approvadas as contas do anno de 1897.

Rio de Janeiro, 15 de julho de 1898. — *João Carlos de Souza Ferreira.* — *José Luiz Alves.*»

Posto em discussão foi approvado.

Foram lidas as seguintes propostas:

« Propomos para socio correspondente o Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire, natural de Pernambuco, com 70 annos de idade, magistrado aposentado, autor de varios trabalhos sobre a historia de Pernambuco, entre os quaes alguns que acompanham esta proposta e se destinam á nossa Bibliotheca, servindo de titulo para a admissão do proposto.

Sala das sessões do Instituto, 15 de julho de 1898. — *Martins Junior.* — *Paranhos Montenegro.* — *A. Milton.* — *Henri Raffard.*»

«Propomos para socio correspendente do Instituto o Dr. Alfredo de Carvalho, natural de Pernambuco, de 30 annos de idade, advogado, autor de varios trabalhos historicos sobre o dominio hollandez em Pernambuco, alguns dos quaes, como o *Diario de um soldado* e *Olinda conquistada* já foram offerecidos á nossa Bibliotheca; servindo taes trabalhos de titulo de admissão ao proposto.

Sala das sessões do Instituto, 15 de julho de 1898. — *Martins Junior.* — *Paranhos Montenegro.* — *A. Milton.* — *Henri Raffard.*»

A 1ª foi enviada á Commissão de Historia, sendo Relator o Sr. Barão Homem de Mello e a 2ª á Commissão subsidiaria de Historia, sendo Relator o Sr. Dr. José Hygino.

O Sr. Presidente mandou correr o escrutinio sobre a admissão dos candidatos Srs. Drs. Antonio de Paula Freitas e Antonio da Cunha Barbosa, que, sendo approvados unanimemente, foram proclamados socios effectivos do Instituto.

Na ordem do dia foram lidos os trabalhos seguintes:

Pelo Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia: a noticia publicada pelo *Jornal do Commercio* de 15 de julho de 1898, intitulada o *Centenario do descobrimento do Brazil.*

Pelo Sr. Dr. Moreira de Azevedo: *a morte do Commandante francez João Duclerc* e referindo-se á responsabilidade do governador Francisco de Castro Mascarenhas, foi, quanto a esta parte, lembrada a carta existente no Instituto e encontrada pelo Bibliothecario, Dr. Vieira Fazenda, em que o dito governador, por intermedio do Conselho Ultramarino, faz sciente ao governo da rigorosa syndicancia a que procedeu. Os membros do referido conselho foram de opinião que se tratava de um facto gravissimo, pois como prisioneiro de guerra a vida de Duclerc estava garantida pela corôa.

Pelo Sr. Commendador J. Luiz Alves: a *Vida de D. Frei Manoel Pereira, 1º Bispo eleito do Rio de Janeiro.*

Pelo Sr. General Couto de Magalhães: as *pretenções actuaes dos francezes no Brazil.*

O autor apresentou a indicação de remetterem-se ao Sr. Barão do Rio Branco, socio deste Instituto e chefe da commissão que tem de defender os direitos do Brazil perante o arbitro da questão de limites na Guyana Franceza as memorias, mappas e mais documentos que possue o Instituto Historico e Geographico Brazileiro uteis para a respectiva solução.

A proposito desta indicação ponderou o Sr. Presidente que o Instituto já havia fornecido os mappas e documentos que possue para o conveniente exame da questão por parte dos representantes do Brazil.

O Sr. H. Raffard, que protestara em aparte contra um topico do trabalho lido pelo Sr. General Couto de Magalhães, obtendo a palavra, declarou não ter podido conter-se, ouvindo a injustiça feita ao caracter dos altos magistrados da Nação Helvetica e que ia justificar o seu protesto, mas sentia-se acanhado, não querendo por forma alguma, discordando neste ponto de S. Ex., offender o melindre de tão digno consocio, seu conhecido de muitos annos, por mais de um titulo merecedor da estima e consideração que lhe tributava.

A questão pendente não lhe é de todo estranha; leu o importante estudo do finado membro deste Instituto Sr. Caetano da Silva, conhece mappas francezes de accordo com os direitos do Brazil, não ignora que o nosso sabio consocio Barão da Ca-

panema recommenda a consulta da carta de Ormedilla, que muito esclarece a *Questão das Missões* e sem menosprezar as considerações ora apresentadas pelo General Couto de Magalhães pensa que o nosso confrade Barão Homem de Mello, colhendo seus dados em fontes authenticas, perfeitamente resumio o occorrido, escrevendo o trabalho publicado na nossa *Revista* tomo LVIII, parte II, pag. 215, onde salientou que o Congresso de Vienna em 1815, sob a feliz inspiração do Conde de Palmella, tornou mais claro que o Tratado de Utrecht, feito em 1813, qual a divisa entre os francezes e os portuguezes na America, isto é, o rio que desagua no oceano entre os gráos 4° e 5°, quaesquer que sejam os nomes que uns e outros lhe possam dar.

Não falta quem diga que não ha duvida possivel, e sendo questão liquida não era caso de arbitragem, mas não ousará affirmal-o e tanto que foi voluntariamente acceito o principio de arbitragem pelas partes litigantes, que a seu mutuo aprazimento escolheram para arbitro o Presidente da Suissa.

Pondo de parte estas considerações e não querendo entrar nas apreciações feitas pelo distincto leitor, o Sr. H. Raffard accrescenta que, ligado por laços de sangue á Nação Suissa, da qual é seu pai, desde 1858, o representante no Brazil e tendo elle mesmo por differentes vezes servido como Chanceller e até como gerente do respectivo Consulado Geral, está habilitado a dizer que a Republica Helvetica, comquanto pequena, não se acha sob a dependencia de potencia alguma.

O governo desse pequeno paiz encravado no meio do velho continente tem sido respeitado em todos os tempos pela independencia, seriedade e severidade com que teem sempre procedido os homens patriotas que teem sido collocados á frente dessa nobre e generosa nação.

Finalisando, disse pensar que o Brazil e a França devem estar seguros da imparcialidade do juizo da Suissa, segundo as provas que lhe forem apresentadas em consequencia do protocollo firmado.

O Sr. Conselheiro Correia observou que muito respeita as opiniões do digno consocio, autor do trabalho que acaba de ser lido ; mas acredita que é singular a opinião que manifesta,

quanto a ter sido erro a escolha do arbitro para a questão do terreno litigioso com a França. Julga que é esta a opinião do Instituto e está persuadido de que póde assim fallar em nome collectivo (no que foi apoiado), e que tal escolha está longe de ser um erro e que o illustre arbitro reune todas as condições para fazer inteira justiça; devendo, portanto, o Brazil aguardar confiadamente o seu laudo.

O Sr. Dr. Castro Carreira, thesoureiro, apresentou o balancete da receita e despeza do Instituto até 30 de junho proximo passado. A' Commissão de fundos, sendo relator o Sr. Conselheiro Souza Ferreira.

Nada mais havendo a tratar-se, o Sr. Presidente levantou a sessão.

Aristides A. Milton,

Servindo de 2º Secretario.

10ª SESSÃO ORDINARIA EM 29 DE JULHO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 2 e 1/2 da tarde, achando-se presentes os Srs. socios: Conselheiros Aquino e Castro, M. F. Correia, Marquez de Paranaguá, Barão Homem de Mello, H. Raffard, Dr. Castro Carreira, Barão de Loreto, Conselheiro Camello Lampreia, General Couto de Magalhães, Commendador Oliveira Catramby, Conselheiro Souza Ferreira, Dr. Sacramento Blake, Commendadores M. A. Galvão e J. Luiz Alves, J. Arthur Montenegro, L. de França Almeida e Sá e Dr. Aristides Milton, servindo de 2º Secretario, o Sr. Presidente abre a sessão, faltando com causa justificada os socios Srs. Barão de Alencar e Dr. E. Nunes Pires.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Estando na sala immediata os Srs. Drs. Paula Freitas e Cunha Barbosa, socios effectivos recentemente eleitos, o Sr. Presidente nomeou para introduzil-os no salão os Srs. 1º e 2º Secretarios, H. Raffard e Dr. Aristides Milton. Recebidos com

as formalidades do estylo, tomaram assento os novos socios, que foram comprimentados pelo Sr. Presidente e pronunciaram os discursos seguintes :

« O Dr. Paula Freitas diz que, honrado pela sua admissão no gremio do Instituto como membro effectivo, e tambem pelas benevolas expressões com que o Sr. Presidente acaba de referir-se á sua pessoa, cumpre o dever de agradecer a S. Ex. e ao Instituto a votação unanime com que o distinguiram acceitando a proposta apresentada para a sua admissão, e vem pôr os seus serviços á disposição do Instituto em tudo que estiver ao seu alcance, e em que lhe possa ser util.

Diz ainda que na presente phase que a nossa patria atravessa, e em que a indifferença para tudo quanto affecta ás lettras e sciencias parece solapar o grande templo que começavamos a erigir-lhes, as instituições scientificas como este Instituto, em cujo recinto se respira um ambiente benefico, são verdadeiros lenitivos para aquelles que alimentam ainda uma esperança de bem estar, de ordem, justiça e tranquillidade, sob cuja égide as lettras e sciencias poderão reanimar-se, e a nossa patria caminhar na senda do desenvolvimento e progresso.

Nestas condições, agradecendo ainda uma vez a distincção que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro acaba de conferir-lhe, será solicito em corresponder a esta distincção, empregando os seus esforços e o seu trabalho em prol do desenvolvimento e prosperidade do Instituto.»

« O Dr. Cunha Barbosa:— Sr. Presidente, Srs. Membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Acabamos de ouvir as eloquentes palavras, as encomiasticas phrases proferidas pelos fluentes labios dos illustrados e eruditos oradores, que a nós se dirigiram. Não sabemos como devemos responder-lhes.

Ao lado dos nossos mestres, dos nossos respeitaveis collegas do Instituto, simples operario, procuraremos os materiaes necessarios; poremos em contribuição toda a nossa boa vontade e paciencia, para com elles trabalhar; vimos com elles cooperar, com o nosso fraco contingente, para o engrandecimento desta sabia e util Associação.

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, fundado por nosso saudoso e sabio tio, o Sr. Conego Januario da Cunha Barbosa, tem prosperado bastante, graças á protecção dada pelo nosso amado e sempre lembrado bemfeitor, S. M. o Sr. D. Pedro II, e á dedicação dos seus prestimosos e operosos membros. Se resuscitasse nosso tio, e se ao nosso lado estivesse, como não transbordaria de contentamento seu bondoso coração, ao ver o estado adiantado da sua amada creação? E, não estão ahi os seus sessenta volumes da sua apreciada Revista, uma das mais importantes nesse genero, para testemunhar o que acabamos de expender?

Louvores, mil vezes louvores ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro!

Pedimos a Deus que nos illumine, que nos ensine a seguir as pégadas de nosso sabio tio, afim de que, como elle, possamos desse modo corresponder á honrosa confiança com que nos acabaes de distinguir, abrindo-nos immerecidamente as portas desse sagrado templo, convidando-nos emfim para virmos trabalhar com os preclaros mestres da Historia e Geographia Brazileira.

Compromettemo-nos não profanar o vosso templo. Hypothecaremos desde já todos os nossos esforços para virmos comvosco collaborar. Si nos fallecer a competencia, não nos faltará o paciente estudo.

Rio de Janeiro, 29 de julho de 1898.— Dr. *Antonio da Cunha Barbosa*.»

A's palavras de agradecimento dos novos consocios respondeu em nome do Instituto o Sr. Conselheiro M. F. Correia.

EXPEDIENTE

Officios : do Sr. Padre Nicoláo Badariotti, pedindo para lhe serem enviadas as photographias de paizagens de Matto Grosso e especialmente de Indios, que o Instituto possuir.— A' Secretaria para providenciar.

Do Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Presidente do Instituto Historico do Ceará, declarando que por curial lembrança do seu operoso coestadano e digno homem de lettras, José Arthur Montenegro, resolveu unanimemente aquella Asso-

ciação offerecer ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro o retrato a oleo, de tamanho natural, do Sr. D. Pedro II, que da sala de honra do Paço da Assembléa Legislativa Provincial foi removido no fim de 1889 para o Instituto do Ceará.

O Sr. 1º Secretario informou que effectivamente foi recebida e collocada em logar conveniente a magnifica téla trazida ás expensas do dedicado consocio Sr. José Arthur Montenegro, a quem se agradeceu, como tambem ao Instituto Historico do Ceará.

Obtendo a palavra o Sr. J. Arthur Montenegro offereceu o Decreto Legislativo que extinguio a escravidão em 1830 na Republica Oriental do Uruguay, documento que passa por ser original, mas que não o parece.— Foi enviado á Commissão de Redacção para ser publicado na *Revista*.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

Em nome da Commissão Central de Bibliographia Geographica o Sr. 1º Secretario apresenta parte do trabalho feito pelo respectivo auxiliar.

O Sr. Conselheiro Correia, referindo-se á commemoração do 4º Centenario da descoberta do Brazil, pede ao Instituto que desenvolva a maior actividade para que essa solemnidade esteja na altura do acontecimento que se tem de celebrar.

Informa o Sr. 1º Secretario que a Commissão será convocada para uma reunião na proxima quinta-feira, 4 do corrente.

O Sr. J. Arthur Montenegro pede que lhe sejam confiados tres mappas que o Instituto possue e de que necessita tirar copia para a Historia do Paraguay, que está escrevendo. Foi resolvido que a Mesa providenciasse como entendesse mais conveniente.

O Sr. Commendador J. Luiz Alves apresentou a seguinte proposta, que foi approvada:

« Approximando-se o dia em que tem de celebrar-se a sessão solemne em commemoração do 4º Centenario da Descoberta do Brazil:

Proponho que o Instituto Historico, por intermedio do Exm. Sr. Conselheiro Encarregado dos Negocios de Portugal, nosso

prezadissimo consocio honorario, procure obter, si possivel for, copia da carta que o Almirante Pedro Alvares Cabral dirigio em 1500 a El-Rei D. Manoel, communicando-lhe a grata nova de ter descoberto o Brazil. Este valioso documento deve existir na real Bibliotheca do Palacio de Mafra ou no d'Ajuda e por elle se poderá saber com certeza o dia da descoberta, visto que os historiadores e chronistas divergem nas datas.,

Sala das sessões, 29 de julho de 1898.— *José Luiz Alves.*»

Em seguida o mesmo Sr. Commendador inscreveu-se para ler na proxima sessão o seu trabalho sobre os Nuncios, Internuncios e Delegados Apostolicos que desde 1808 tem representado a Santa Sé no Brazil.

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente levantou a sessão.

Aristides A. Milton,

Servindo de 2º Secretario.

11ª SESSÃO ORDINARIA EM 12 DE AGOSTO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, M. F. Correia, Marquez de Paranaguá, Barão Homem de Mello, H. Raffard, Dr. Castro Carreira, D. Joaquim, Arcebispo do Rio de Janeiro, Barão de Alencar, General Couto de Magalhães, General Mello Rego, Commendadores Oliveira Catramby e J. Luiz Alves, Barão de Capanema, L. de F. Almeida e Sá, Visconde Rodrigues de Oliveira, Padre J. J. Correia de Almeida, Dr. Sacramento Blake, Desembargador Paranhos Montenegro e Dr. Aristides Milton, servindo de 2º Secretario, o Sr. Presidente abre a sessão, faltando com causa participada os Srs. Barão de Loreto, Dr. Paula Freitas e Dr. E. Nunes Pires.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

EXPEDIENTE

O Sr. H. Raffard, 1º Secretario, lê um officio do Club de Engenharia, offerecendo a collecção da sua Revista e pedindo uma collecção da do Instituto Historico. Foi concedida.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

Dentre as offertas recebidas merecem especial attenção a importante Carta Pastoral de S. Ex. o Sr. D. Joaquim Arco Verde, Arcebispo do Rio de Janeiro, a proposito de uma circular de Sua Eminencia o Cardeal D. M. Jacobini, que tem por fim a manifestação solemne de amor e pratica dos fieis a Jesus Christo, por occasião de terminar o seculo 19º e entrada do 20º; e mais a copia da versão portugueza, mandada tirar pelo socio offertante Dr. Amaro Cavalcanti, do interessante escripto sobre a antiguidade da navegação do oceano pelo Sr. Henri Ouffroy de Thoron, opinando o autor com valiosos argumentos tirados do antigo testamento, Doutores da Igreja e outros, pela vinda dos navios do Rei de Tyro, que chamou a si o fornecimento de madeiras e metaes preciosos para a construcção do Templo de Salomão. Foi publicada em Manáos, no anno de 1876, a referida versão portugueza, de que possue um exemplar o Sr. Dr. Amaro Cavalcanti. O Instituto possue o original francez acompanhado de um mappa.

A Commissão nomeada para a organisação do programma da commemoração do descobrimento do Brazil deu parte do andamento de seus trabalhos, sendo lidas as actas das duas sessões que celebrou.

O Sr. Presidente communicou haver recebido convite para fazer parte da Commissão organisada no Club Naval, para o mesmo fim, mas que não tem comparecido, desejando conhecer primeiro o pensamento do Instituto sobre a coparticipação proposta; foi deliberado que não tomasse o Instituto parte no acto, salvo deliberação ulterior, visto caber-lhe a iniciativa da idéa que procura realizar.

O Sr. 1º Secretario procede á leitura da seguinte proposta enviada á Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Dr. Affonso Celso:

« Propomos para socio honorario deste Instituto Historico e Geographico Brazileiro o eminentissimo Sr. Cardeal Gotti, nascido a 29 de março de 1834, Professo na Religião dos Carmelitas descalços, Doutor em Sacra Theologia, actualmente Prefeito da Sagrada Congregação das Indulgencias e sagradas reliquias e distincto diplomata.

Sala das sessões, 12 de agosto de 1898.— *O. H. d' Aquino e Castro.— Manoel Francisco Correia.— Marquez de Paranaguá.— Homem de Mello.— † Joaquim, Arcebispo do Rio de Janeiro. — Henri Raffard.— A. Milton.—* Dr. *Castro Carreira.— Barão de Alencar. — Oliveira Catramby.— General Couto de Magalhães.— General Mello Rego.— Barão de Capanema.— L. de França Almeida e Sá.— Visconde deRodrigues de Oliveira.—* Padre *José Joaquim Corrêa de Almeida.— José Luiz Alves.—* Dr. *Sacramento Blake.— T. G. Paranhos Montenegro.»*

ORDEM DO DIA

O Sr. Commendador José Luiz Alves fez a leitura do seu trabalho ácerca dos Nuncios e Internuncios e Delegados Apostolicos que de 1808 até hoje teve a Santa Sé no Brazil.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levantou a sessão.

Aristides A. Milton,

Servindo de 2º Secretario.

12ª SESSÃO ORDINARIA EM 26 DE AGOSTO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, M. F. Correia, Marquez de Paranaguá, H. Raffard, Barão de Alencar, General Couto de Magalhães, Dr. Cunha Bar-

bosa, Conselheiro J. M. F. Pereira de Barros, Commendador J. Luiz Alves, Dr. Paula Freitas, Commendador Oliveira Catramby, Capitão de mar e guerra F. Calheiros da Graça, Barão de Loreto e Dr. Aristides Milton, servindo de 2º Secretario, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

O Sr. H. Raffard, 1º Secretario, dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio da Directoria da Caixa Beneficente Theatral, convidando o Instituto para se fazer representar a 24 do corrente na commemoração do 35º anniversario do passamento do grande actor João Caetano dos Santos. Foi recebido o officio depois da data indicada.

Communica o Sr. 1º Secretario que o Exm. Revm. consocio D. Joaquim, Arcebispo do Rio de Janeiro, seguiu para Pernambuco, deixando-o incumbido de apresentar suas despedidas aos membros do Instituto. Agradeceu-se.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

Os trabalhos offerecidos pelo Sr. S. Ambruzzi vão à Commissão de Geographia, sendo relator o Sr. Capitão de mar e guerra Calheiros da Graça.

ORDEM DO DIA

O Sr. 1º Secretario procede à leitura das actas das ultimas sessões da Commissão organisadora do programma para a festividade do 4º centenario.

O Sr. Barão Homem de Mello apresenta a seguinte proposta:

« Proponho que, em commemoração do 4º centenario do descobrimento do Brazil, o Instituto Historico publique uma *edição fac-simile* dos documentes relativos a este acontecimento.

Esta edição comprehenderá :

1.º Instrucções dadas em 1500 a Pedro Alvares Cabral, das quaes ha um fragmento publicado na Historia Geral do Brazil pelo Visconde de Porto Seguro.

2.° Carta de Mestre João, Physico d'El-Rei, escripta de Vera Cruz no 1° de maio de 1500, transcripta com incorrecções na *Revista do Instituto*, Tomo 5°, pag. 342; e bem assim as outras cartas mencionadas neste documento pelo mesmo Mestre João.

3.° Carta de Pero Vaz de Caminha, escripta na mesma data a El-Rei, transcripta na *Revista do Instituto*, Tomo 40 part. 2ª, pag. 13.

4.° Roteiro escripto pelo Piloto da Armada de Cabral, publicado na Collecção Remuzio, em Veneza.

5.° Os mais documentos relativos a este acontecimento, existentes nos Archivos Publicos de Portugal.

6.° A Memoría Historica escripta pelo finado Vice-Presidente deste Instituto, Visconde de Beaurepaire Rohan, sob o titulo: O Primitivo e o Actual Porto Seguro.

Da execução deste trabalho será encarregado um dos socios do Instituto por este designado, o qual para esse fim irá a Lisboa proceder em pessoa ás pesquizas necessarias.

Sala das sessões do Instituto Historico, 26 de agosto de 1898. — *Homem de Mello.*»

A' Commisão especial encarregada da organisação do programma.

O Sr. General Couto de Magalhães leu um trabalho a respeito do 4° centenario do Brazil, e justificando a proposta que fazia, disse, em resumo, o seguinte:

«Já que o Instituto teve a prioridade da idéa desta commemoração, é justo que formule o respectivo programma.

O descobrimento do Brazil tem de ser encarado debaixo de dous pontos de vista: um europeu e portuguez, outro americano e brazileiro.

Estes dous pontos de vista apresentam cousas diversas para quem os olha com reflexão e conhecimento da historia primitiva do paiz.

Debaixo do ponto de vista europeu o Brazil era terra vastissima e fertil povoada de nações selvagens, que foi conquistada a ferro e com o derramamento do sangue de seus primitivos habitantes, ou com sua escravisação, dando a ella grandes riquezas.

Debaixo do ponto de vista americano, duas raças aqui puzeram-se em contacto : a europea e a americana, cruzando-se, e trabalhando ambas para grandeza e unidade do immenso paiz que hoje possuimos.

Os programmas até agora apresentados, fóra do Instituto, commemoram as cousas sob o ponto de vista europeu ; são, porém, deficientes debaixo do ponto de vista americano, que deve comprehender tambem o que devemos ás raças americanas que aqui existiam, tornando claro o quanto concorreram para a formação da actual população do Brazil, unidade e grandeza de seu sólo, que foi muito, e que, como não tinham escriptores nem imprensa, é imperfeitamente conhecido pelos brazileiros.

E' assim que os europeus tomaram a principio conta pacifica do Brazil, graças a chefes americanos, cujas filhas se haviam casado com portuguezes na Bahia, graças ao chefe aborigene, pae de Catharina *Paraguassú*, casada com o portuguez que tomou o nome americano de *Caramurú* e em S. Vicente (hoje S. Paulo, Minas, etc.), graças ao chefe americano *Tebiriçá*, cuja filha era casada com o portuguez João Ramalho.

Si o solo do Brazil é hoje tão grande e unido, é isso tambem devido ao heroismo de diversos chefes aborigenes, sendo os factos principaes os seguintes, passados todos em 1500 e tantos:

1.º S. Paulo foi defendido da conquista dos francezes, que, senhores do Rio de Janeiro, pretenderam estender o dominio de sua França Antarctica até o Rio da Prata, pelos chefes aborigenes paulistas *Tebiriçá e Caaubi*.

2.º Os francezes foram expulsos do Rio de Janeiro, sendo commandante das forças aborigenes e portuguezas o chefe indigena *Arariboya*, pelo que foi elevado a cavalleiro de Christo, com tença annual e uma legua em quadro de terras na cidade de *Niteroy*, e isso porque o Capitão-mór portuguez Estacio de Sá foi morto em combate.

3.º Os hollandezes foram expulsos de Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte, em guerra de nove annos, sustentada pelo povo, e não pelo governo, graças a dous chefes, um

portuguez, João Fernandes Vieira e outro americano, Poty, conhecido na historia sob o nome de Felippe Camarão.

4.º Os francezes foram expulsos do Maranhão, graças tambem ao auxilio das forças do chefe selvagem *Amanijú*, que figura nos annaes de Berredo sob o nome portuguez de Algodão.

5.º O interior do Brazil foi unido a elle e conquistado, graças ao heroismo dos antigos sertanistas, commandando os indios alliados dos portuguezes, ou os mestiços descendentes delles, conhecidos na historia sob o nome de mamelucos (corruptella do vocabulo *tupy*, como bem diz Reclus, *mèmbiruca*, que significa os netos); o prototypo destes é o mameluco paulista Capitão-Mór Bartolomeu Bueno *Anhanguèra.*

Dos portuguezes os que mais concorreram a principio para a constituição do solo e da Nação Brazileira, e cujos retratos devemos possuir com as respectivas biographias foram, segundo penso:

1.º Pedro Alvares Cabral, que descobriu o Brazil.

2.º O jesuita padre José de Anchieta, que civilisou e educou milhares de aborigenes, em sua propria lingua, de que foi professor em S. Paulo, e no Espirito Santo, unindo-os pelo casamento aos portuguezes e creando a raça, de que é composta talvez mais de um terço da população do Brazil dos *membirucos*, *mamelucos*, *caribocas*, ou *caboclos*.

3.º João Fernandes Vieira, que libertou o Brazil do dominio hollandez.

4.º Mem de Sá, que fundou a actual Capital do Brazil, o Rio de Janeiro.

5.º Thomé de Souza, autor da unidade territorial.

Dos chefes indigenas, retratos, e biographias, tanto quanto for possivel tambem, 5 a saber :

1.º O chefe paulista *Tebiriçá* ;

2.º O chefe, no Rio, *Arariboya* ; deste existe um retrato á pag. 173 do « Brazil Historico », de Mello Moraes, e um outro na Bibliotheca publica ;

3.º O chefe, em Pernambuco, *Poty*, ou Felippe Camarão ;

4.º O chefe indigena para expulsão dos francezes do Maranhão, *Amaniju*.

5.º O *membiruca* ou mameluco Capitão-mór Bartolomeu Bueno, *Anhanguèra*.

A' vista disto eu faço a seguinte

PROPOSTA

Que o Instituto nomeie uma commissão, como abaixo indico, que se encarregue de publicar um livro com o titulo

QUARTO CENTENARIO DO BRAZIL

Para ser exposto à venda em 1900, contendo o seguinte:

1.º As melhores memorias primitivas, impressas ou manuscriptas, respeito aos habitantes do Brazil, começando pelas de Pedro Vaz de Caminha, Lery, Hans Stade e outros, extrahindo-se o que for relativo à isto.

2.º Retratos dos 5 chefes portuguezes e dos 5 indigenas acima nomeados, e suas biographias.

Proponho para colligir estas memorias o nosso illustre consocio Dr. Capistrano de Abreu.

Proponho igualmente que o Instituto officie ao distincto paulista Dr. Eduardo Prado, que está na Europa, para, segundo as requisições do Dr. Capistrano de Abreu, obter copias das memorias que lá existam, e dos retratos acima citados.

Que seja nomeado o nosso consocio Dr. José Hygino para escrever um resumo substancial da expulsão dos hollandezes e dos francezes, que será incluso no livro.

Que seja nomeada uma commissão da qual eu estou prompto a fazer parte, que publique tambem no livro os nomes antigos americanos, com a traducção em portuguez, dos logares mais notaveis do Brazil.

Creio que o Instituto póde fazer isto com a despeza de dez contos de réis.»

A' Commissão especial já indicada.

Observando o Sr. Presidente que, para a realisação das diversas idéas apresentadas, seria necessaria avultada quantia, de que não dispõe o Instituto nesta occasião, ponderou o Sr. General Couto de Magalhães que para a realisação do que propunha

encarregava-se de obter os recursos precisos. O Sr. Presidente agradece a valiosa promessa.

Depois de alguma discussão resolveu o Instituto que as duas novas propostas fossem á Commissão especial afim de serem tomadas em consideração antes de submettido á approvação o programma da projectada festividade.

O Sr. Conselheiro M. F. Correia entende dever informar ao Instituto que o illustre membro da Commissão encarregada da organisação do programma que acaba de ser discutido, o Sr. H. Raffard, lembrou-lhe particularmente que, além da data da independencia, 7 de setembro, de que fizera exclusiva menção na ultima reunião da Commissão, havia outra, interessante para brazileiros e portuguezes, que convinha fosse igualmente commemorada, 23 de janeiro, pois que nesse dia, em 1808, a familia real portugueza chegou ao Brazil, desembarcando na Bahia.

Com effeito, esse facto assignala um grande passo para a completa independencia do Brazil, que fora, de mais, elevado á categoria de reino por decreto de 16 de dezembro de 1815, do Principe regente D. João.

Desistiu, porém, o Sr. Raffard da inclusão da idéa no programma referido attendendo á observação que lhe fez, de que a data a que alludia é sem duvida alguma de alto valor historico, e merece ser celebrada ; mas que, ao tratar-se do descobrimento, só outra data pertinentemente a essa corresponde, a da Independencia.

O Sr. Commendador J. Luiz Alves apresentou a seguinte proposta:

« Pela conferencia que o illustrado Jesuita Padre Americo de Novaes fez em S. Paulo na commemoração do 3º centenario da morte do egregio Jesuita e immortal Padre José de Anchieta, vi em uma das muitas notas, que a Bibliotheca Nacional possue o manuscripto sobre a fundação do collegio dos Jesuitas do Rio de Janeiro.

Proponho, que o Instituto Historico procure obter uma copia d'esse valioso documento, pelo qual se poderá tirar a limpo a duvida que existe sobre a fundação desta cidade do Rio de Janeiro,

que os chronistas e historiadores dão como fundada a 20 de Janeiro de 1567.

Existe na fachada do templo de Santo Ignacio no Castello em algarismos de bronze a éra de 1567, sendo praxe que a éra do frontispicio é a da terminação porque a do começo dorme na pedra fundamental.

Se pela copia que existe na Bibliotheca Nacional pode-se chegar ao conhecimento da data do lançamento da pedra fundamental d'aquelle templo a duvida desapparecerá porque si for ella anterior, como presumo, á da que está no frontispicio, a gloria da fundação da cidade do Rio de Janeiro caberá aos filhos de Santo Ignacio de Loyola e não ao muito illustre Mem de Sá, como queriam os historiadores e chronistas, cabendo comtudo ao illustre Governador e Capitão General a gloria immorredoura de marcar-lhe os limites.

Sala das sessões, 26 de agosto de 1898.— *José Luiz Alves.*» — Foi approvada.

O Sr. Dr. Cunha Barbosa inscreveu-se para ler na proxima sessão um seu trabalho sobre a litteratura brazileira colonial.

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente levantou a sessão.

Aristides A. Milton,

Servindo de 2º Secretario.

4ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 2 DE SETEMBRO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. socios Conselheiros Aquino e Castro, M. F. Correia, Marquez de Paranaguá e Barão Homem de Mello, H. Raffard, Dr. Aristides Milton, Dr. Castro Carreira, Barão de Alencar, Visconde Rodrigues de Oliveira, L. F. Almeida e Sá, Commendador Oliveira Catramby, Desembargador Paranhos Montenegro, Barão de Capanema, Commendador J. Luiz Alves, Conselheiros João Alfredo e Souza Ferreira

e André Werneck, servindo de 2º Secretario, foi aberta a sessão, faltando com causa justificada o Dr. E. Nunes Pires.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. 1º Secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio da Sociedade Geographica de Lima, communicando o fallecimento do Dr. Luiz Carranza. Fica-se inteirado.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

O Sr. 1º Secretario procede á leitura da acta da 5ª reunião da Commissão especial incumbida de organisar o programma pos festejos do 4º Centenario do descobrimento do Brazil.

Posto em discussão o programma apresentado pela dita Commissão e para cujo fim foi convocada a presente sessão extraordinaria, foram enviadas á mesa as seguintes indicações:

a) do Sr. Commendador J. Luiz Alves, para que no livro de que trata o art. 5º, letra *b*, se inclua tambem o retrato de Frei Henrique, Bispo de Ceuta;

b) do Sr. Dr. Castro Carreira, para que sejam sómente reproduzidos retratos authenticos;

c) do Sr. Presidente, para que, juntamente com a Mesa, sejam encarregados da execução do programma os membros da Commissão especial que não fizerem parte della.

Obtendo a palavra, o Sr. Conselheiro Correia fez diversas ponderações e lembra que muitas outras idéas foram suggeridas, mas não foram adoptadas por impossibilidade de realisação.

O Sr. Presidente submette á consideração do Instituto o programma definitivo que foi votado e approvado artigo por artigo, nos seguintes termos:

PROGRAMMA DA FESTIVIDADE ESPECIAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

« 1.º Durante os dias festivos do Centenario o Instituto será franqueado ao publico, mediante cartões de entrada, ficando em

exposição as suas collecções de obras, plantas e documentos, dos quaes serão fornecidos aos visitantes, por modico preço, os respectivos catalogos, assim como os referentes á Historia do Brazil, que tiver apresentado a Commissão Central de Bibliographia Brazileira.

2.º Publicar-se-ha um numero especial da *Revista do Instituto*, dedicado á commemoração do Centenario.

3.º Serão convidados desde já os escriptores a apresentarem memorias e chronicas ou qualquer outra producção litteraria, relativa ao descobrimento e historia do Brazil, dando-se publicidade do que for possivel no numero especial da *Revista* de que trata o artigo anterior.

4.º Tirar-se-ha uma edição aprimorada do poema *Caramurú*, de Santa Rita Durão.

5.º Publicar-se-hão dous livros; o primeiro conterá:

a) as melhores memorias, impressas ou manuscriptas, a respeito das épocas primitivas da historia do Brazil, e entre ellas as de Pedro Vaz de Caminha, Lery, Hans Stado e outras;

b) retratos dos cinco chefes indigenas Tebiriçá, Arariboya, Poty, Amaniyú e Amador Bueno, Anhanguera, e dos portuguezes Pedro Alvares Cabral, Frei Henrique, Bispo de Ceuta, Padre Joseph de Anchieta, João Fernandes Vieira, Thomé de Souza e Estacio de Sá;

c) os nomes americanos com a traducção em portuguez dos logares mais notaveis do Brazil;

O segundo conterá:

Fac-simile de documentos relativos ao descobrimento do Brazil:

a) Instrucções dadas em 1500 a Pedro Alvares Cabral;
b) carta do Mestre João;

c) carta de Pedro Vaz Caminha;

d) roteiro escripto pelo Piloto da armada de Cabral;

e) mais documentos referentes á descoberta do Brazil e que se acham nos archivos publicos de Portugal;

f) memoria historica escripta pelo Visconde de Beaurepaire Rohan, sob o titulo: « O Primitivo e Actual Porto Seguro».

6.º Cunhar-se-hão medalhas de prata e de bronze, commemorativas do Centenario, as quaes serão distribuidas mediante uma retribuição pecuniaria.

7.º Se fôr votado a tempo pelo Congresso o premio a que se refere o projecto actualmente em discussão no Senado, o Instituto, aceitando a incumbencia de conferil-o, acclamará o candidato premiado na sessão solemne de commemoração.

8.º A sessão solemne da commemoração se realizará a 22 de abril ou 3 de maio de 1900 e se lhe dará todo o realce que estiver nas forças do Instituto.

Algumas indicações:

A) Convite aos Poderes Politicos, corporações civis e militares, associações litterarias, scientificas e artisticas.

B) Encommenda, com a devida antecipação de um busto de Pedro Alvares Cabral, o qual será collocado em lugar saliente no salão em que effectuar-se a sessão solemne;

C) Illuminação esmerada da fachada do edificio onde funcciona o Instituto;

D) Bandas de musica.

9.º Attentas as condições do edificio do Instituto, que não se presta a uma grande reunião, se empregarão esforços para obter o grande salão do Gymnasio Nacional, afim de nelle celebrar-se a sessão solemne.

10.º Procurar-se-ha levantar a quantia necessaria para as despezas da festividade, recorrendo-se aos socios do Instituto e a todas as classes sociaes, bem como á colonia portugueza, por ser commum das duas nacionalidades o regozijo que desperta o grande acontecimento que se trata de commemorar.

11.º A Mesa Administrativa do Instituto e os membros da Commissão especial, não fazendo parte da mesa, se encarregarão da execução deste programma, podendo alteral-o, se assim o exigirem as circumstancias.»

Obtendo a palavra o Sr. commendador Oliveira Catramby, offereceu o seguinte officio original, dirigido em setembro de 1825 ao Exmo. Sr. Estevão Ribeiro de Rezende, Ministro dos Negocios do Imperio, acompanhando a cópia da

memoria apresentada ao Senado da Camara pela Commissão encarregada de organizar o plano da estatua equestre de S. M. D. Pedro I.

Officio

« Illmo. e Exmo. Sr.— Tendo hoje sido apresentado ao Senado da Camara pela commissão encarregada do desenvolvimento do programma para a inauguração da estatua equestre de Sua Magestade Imperial, o seu parecer a este respeito: o mesmo Senado tem a honra de levar por copia á Augusta Presença do mesmo Senhor a Memoria em que a mesma o expoz, e supplica a Sua Magestade Imperial queira dar, á vista da mesma, as Suas Augustas determinações sobre tal objecto.— Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Rio, em Camara de de setembro de 1825.— Illmo. e Exmo. Sr. Estevão Ribeiro de Rezende, Conselheiro Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio.— *Henrique Velloso de Oliveira*, *Antonio Gomes de Brito*, *Lourenço Antonio do Rego*, *João José de Mello*.»

Memoria

« A Commissão nomeada pelo Illmo. Senado para o fim de organizar o Plano da estatua equestre que se deve inaugurar a Sua Magestade Imperial o Sr. D. Pedro I, por voto do Povo, considerando o sublime e delicado desta empreza, que sem duvida involve a gloria do Imperador, e a honra do Brazil, sentio todo o peso de sua tarefa ; mas, desejando ao mesmo tempo corresponder a confiança que o Illmo. Senado teve em vista ao nomeal-a, procurou com esmero contemplar esse objecto em todos os respeitos, e guiando-se pelas idéas do programma dado, e já exposto ao geral concurso, entendeu coherente ser do seu dever restringir-se ao desenvolvimento do mesmo programma offerecendo bases que julgou fundamentaes á execução de um tal monumento. Nesta persuasão, pois, a Commissão entende que tendo o voto publico por objecto eternisar os altos feitos de Sua Magestade o Imperador em prol da Liberdade e Independencia brazilica e os extraordinarios successos politicos deste Imperio,

a sua effigie deverá apparecer aos vindouros, ornada com todos os attributos imperiaes, Corôa, Sceptro e Manto sobre o seu uniforme militar, expressão natural de sua Acclamação e Sagração, preferindo-se com acerto a corôa imperial á de louro, como estatua inaugurada a novo Marco Aurelio ; finalmente pensa poderá ser não equivoco demonstrativo da estabilidade do Imperio, e do augusto caracter de Sua Magestade, a attitude de, com dignidade e firmeza empunhar o sceptro e olhar em frente ; verdade que o artista saberá com energiá e elegancia exprimir fazendo fallar a arte.

Entende tambem a Commissão que devendo este monumento ser todo historico, a effigie de Sua Magestade Imperial se apresente montada em cavallo que atteste a melhor raça existente no Brazil ajaezado conforme o uso actual: para o que julga se deverá supplicar a Sua Magestade Imperial se digne mandar escolher, e facilitar aos artistas exemplares vivos, competentemente preparados para servirem ao estudo da composição de modelos. Entende mais que o andamento, ou a acção do cavallo seja a de ser sustentado a passo, andar expresivo de grandeza de alma, prudencia, segurança, sangue frio e triumpho e que mostrando o plintho o aspecto physico do paiz do modo mais approximado á verdade, fique livre ao artista dispo-lo de modo que, não offendendo a belleza da figura, e o poder-se gozar perfeitamente toda, offereça vantagem á firmeza da estatua, sem conter algum outro objecto sobre si. Igualmente entende a Commissão, ao considerar no pedestal, que devendo entrar na sua composição como lugar proprio os assumptos historicos e allusivos, e sendo impraticavel exprimir todos, convém para satisfazer ao voto publico disignar necessariamente as quatro notabilissimas épocas da nova éra do grande Imperio do Brazil, vindo a ser: 1ª o dia 9 de Janeiro de 1822, quando a rogos do povo Sua Magestade Imperial decidio ficar ; 2ª o dia 7 de Setembro de 1822 em que o mesmo Augusto Senhor proclamou de proprio motu a Independencia do Brazil ; 3ª o dia 1º de dezembro do mesmo anno em que elle Houve por bem crear a primeira ordem militar brazileira para assignalar por um modo solemne e memoravel a época da sua acclamação, sagração e coroação ; 4ª o dia 25 de

Março de 1824, em que se Dignou jurar a Constituição que havia offerecido generoso, e que o Brazil grato rogou se jurasse. Complexo certamente este dos mais extraordinarios e memorandos factos, que nós coevos repetimos com effusão de espirito, e que nossos vindouros verão e celebrarão com extasis: ficando na execução de tudo isto livre (como ser deve) ao artista exprimilo da fórma a mais veridica, energica e bella; reservando só a face principal para nella se insculpir a inscripção inaugural do publico voto. Por fim, restando contemplar o campo assignalado por Sua Magestade Imperial para a collocação do monumento, a Commissão reconhecendo, que em seu actual estado não é digno de receber a estatua, tanto pelas suas irregularidades e defeitos, como até pela sua desmedida grandeza, que tornaria impraticavel a fundição e tudo quanto a arte intentasse fazer, levando o monumento além do colossal; mas ao mesmo tempo buscando todos os meios de executar, como devia, a designação feita pelo mesmo Augusto Senhor, entende, que, entre outros, o melhor seria inscrever dentro do seu ambito uma praça regular digna de tal objecto. Praça esta que julga poder-se levar á grandeza de outras na Europa, já por semelhantes monumentos conhecidos, cujo espaço unido talvez podesse servir de base a esta; e que deixando se aos architectos o livre desenvolvimento de sua fecunda e engenhosa arte, na formação e ornato desta praça, se lhes declare que todo e qualquer dos seus projectos devem ser baseados nestes tres pontos, que a Commissão considera cardeaes: 1º Que a praça inscripta tenha capacidade de nella se poderem executar as grandes e pomposas paradas; 2º Que o seu ingresso seja o mais amplo, e facil ao uso e recreio do povo; 3º Que nelle se construa um edificio decente para a recepção, e descanço de Suas Magestades Imperiaes.

Desenvolvido até este ponto e da exposta maneira o programma dado, a Commissão entende ser util, que novamente se exponha ao geral concurso, convidando-se a todos os sabios e artistas a manifestarem em memorias, desenhos e modelos os seus pensamentos, guardando lacrados seus nomes e que julgado sufficiente o tempo e numero, o Illm. Senado proceda da maneira que convier á escolha e approvação delles.

A Commissão terminando assim os seus trabalhos não se desvanece de haver indicado tudo quanto um tal objecto encerra, mas ao menos pensa ter feito esforços para o apresentar de maneira que facilite o desempenho da sua execução; por isso sensivel e agradecida á honra de sua nomeação, se julgará feliz de a não ter desmerecido.— *José da Silva Lisboa*.— Fr. *Antonio d'Arrabida*.— *Francisco Carneiro de Campos*.— *Francisco Cordeiro da Silva Torres*.— *José de Christo Moreira*.— *Augusto Henrique Victor Grandjean de Montigny*.— *Aureliano de Souza e Oliveira*.— *Domingos Monteiro*. — *João Joaquim Alão*.— *Henrique José da Silva*.— *Pedro Alexandre Cavroé*.— *I. B. Di Breto*.»

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente levantou a sessão.

André Werneck,
Servindo de 2º Secretario.

13ª SESSÃO ORDINARIA EM 16 DE SETEMBRO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, M. F. Correia, Marquez de Paranaguá e Barão Homem de Mello, H. Raffard, Conselheiro Alencar Araripe, Barão de Loreto, Commendador J. Luiz Alves, Dr. Nunes Pires, Desembargador Paranhos Montenegro, Barão de Alencar, Commendador Oliveira Catramby, Dr. Paula Freitas, Conselheiro Souza Ferreira e Dr. Aristides Milton, servindo de 2º Secretario, foi aberta a sessão, faltando com causa participada o Dr. Velho da Silva.

Lida e approvada a acta da sessão extraordinaria realisada a 2 do corrente, o Sr. 1º Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Carta da Exma. Sra. D. Maria Benedicta Gomes Leite:

« Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1898 — Exmo. Sr. Presidente do Instituto Historico — Cumprindo, respeitosamente,

como devo, uma recommendação de meu marido, o finado Dr. Tobias Rabello Leite, que foi reorganisador e director do Instituto dos Surdos-Mudos, faço entrega a V. Ex. de diversos papeis relativos á fundação do mesmo instituto.

Com a maior consideração. De V. Ex. attª venerª.— *Maria Benèdicta Gomes Leite.*» — Agradeceu-se.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

O Sr. 1º Secretario communica ter recebido do Sr. Dr. Eduardo Correia o retrato a oleo de seu pai, o Exm. Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, aos 40 annos de idade, o qual se acha devidamente collocado na Secretaria desta associação, que o guardará como recordação do seu muito digno 1º Vice-Presidente.

O Sr. Presidente diz que o Instituto sem duvida tem em alto apreço esta offerta.

Em seguida o mesmo Sr. Presidente communica o fallecimento do General Couto de Magalhães nestes termos:

«Senhores — Já deveis saber pelas noticias da Imprensa que o Instituto Historico acaba de perder infelizmente um dos seus mais distinctos e prestimosos consocios.

No dia 14 do corrente, victima de cruel e violenta enfermidade, falleceu nesta Capital o Dr. José Vieira Couto de Magalhães, cuja presença para nós sempre agradavel, ainda nas ultimas sessões assignalava-se por inequivocas provas do vivo e constante interesse que ligava o operoso consocio á instituição, de que fazia parte proeminente desde 1862; foi por elle então lido um estudo historico de subida importancia na actualidade, e foram mais propostas medidas adequadas á realização do patriotico e louvavel empenho em que se acha o Instituto de solemnizar condignamente o Centenario do descobrimento do Brazil.

Bem sabeis quão valioso e apreciavel era o concurso que prestava-nos o illustrado consocio, e quanto é de lastimar-se que não possamos tel-o junto a nós, em occasião difficil, quando mais precisos se tornavam os seus inestimaveis serviços. Do que foi o Dr. Couto de Magalhães para a patria, que tanto soube honrar

e tanto amou, não poupando sacrificios e arriscando a propria vida para exaltal-a e defendel-a, do que fez pela civilização, progresso e desenvolvimento moral e intellectual deste grande paiz, dão irrecusaveis testemunhos os actos que abrilhantam a sua vida publica, os numerosos trabalhos que comprovam a sua infatigavel actividade e esclarecida intelligencia e as justas manifestações de apreço que por vezes lhe foram tributadas.

Bem moço ainda, cursando as aulas de Direito já na imprensa salientava-se o esperançoso academico, offerecendo-lhe as primicias de seu bello talento e já variada instrucção; mais tarde, recebendo com applauso da sabia Faculdade de S. Paulo a mais elevada graduação juridica que lhe podia ser conferida, consagrou-se de todo ao serviço do seu paiz com a clara intuição e robusta fé que só inspira a consciencia do proprio valor.

De então em diante podem contar-se os seus triumphos pelos dias da sua laboriosa e util existencia.

Aproveitada a sua notavel aptidão em cargos publicos de alta importancia e immediata responsabilidade, correspondeu sempre a confiança com que era distinguido, exercendo as funcções officiaes a que havia sido chamado, com exemplar correcção, inexcedivel zelo e nunca desmentida competencia.

Foi no desempenho de uma dessas honrosas commissões que na longinqua região de Matto Grosso, durante a guerra do Paraguay, teve occasião de prestar relevantissimos serviços em defesa dos brios e da dignidade nacional, recommendando seu nome á estima publica e á gratidão e reconhecimento dos seus concidadãos.

Cultor extremoso e adiantado da sciencia, quanto o permittiam as condições de sua trabalhosa vida publica, deixou em seus numerosos e interessantes escriptos historicos e litterarios evidentes e abundantes provas de sua aprimorada erudição.

Occupando-se especialmente com o estudo das linguas, usos e costumes dos povos indigenas do Brazil, escreveu com proficiencia trabalhos que mereceram a particular attenção do mundo civilisado e de quantos entre nós se interessam por tão curiosos assumptos.

Genio emprehendedor e animoso, por mais de uma vez applicou a sua incansavel actividade e largos recursos de que dispunha, na realização de obras importantes, melhoramentos notaveis, serviços de utilidade publica, que em todo o tempo attestarão a superioridade do seu espirito e a vastidão dos seus conhecimentos.

Franco e generoso, facil abria os thesouros de sua inexgotavel liberalidade em beneficio do publico, do torrão natal, que bem póde orgulhar-se de ter sido o berço de tão nobre filho, do Estado em que fixou sua residencia, das instituições de caridade e de instrucção, da pobreza, emfim, honrada e desvalida, que jámais deixou de achar abrigo e conforto junto daquelle grandioso coração.

Foi um benemerito da patria, já o dizia uma das honrosas insignias que lhe ornavão o peito e o confirma a opinião, que hoje engrandece a sua memoria.

Não lhe forão, como de razão, regateadas as honras e distincções, que bem assentão nos que bem as merecem.

Os poderes publicos, o voto popular assás o reconheceram, elevando o seu nome á eminencia do seu real merecimento.

Deputado á Assembléa Geral em mais de uma legislatura, por duas Provincias; Presidente de quatro; General honorario do Exercito Nacional, distinguido com um titulo nobiliarchico, que com delicadeza deixou de acceitar; condecorado com gráos superiores das ordens honorificas do Imperio, com diversas medalhas de merito e por ultimo nomeado Conselheiro de Estado, em todas as posições officiaes que occupou soube com brilho conservar bem alto o conceito que conquistou, pela nobreza do seu caracter e energia da sua vontade, na pratica incessante do dever, no culto fervoroso da justiça e no intenso e puro amor da patria e da humanidade.

Em tempo será feito no Instituto o elogio deste nosso saudoso consocio em termos completos e apropriados; no momento e em satisfação de um dever sempre penoso, pelo sentimento que desperta, limitemo-nos a fazer inserir na acta dos nossos trabalhos a sincera manifestação do profundo pezar que nos causa tão lamentavel acontecimento.»

O Sr. Barão Homem de Mello declara ter a Commissão, nomeada pelo Sr. Presidente para representar o Instituto nos funeraes do General Couto de Magalhães, cumprido o seu dever doloroso, e que a familia do finado o encarregara de agradecer ao mesmo Instituto a homenagem, que assim rendera a memoria do illustre cidadão.— O Instituto ficou inteirado.

O Sr. 1º Secretario procede a leitura da proposta seguinte:

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Dr. José Romaguera Corrêa, natural de Santa Anna do Livramento, no Estado do Rio Grande do Sul, com 35 annos de idade, medico residente em Uruguayana servindo de titulo para a admissão neste gremio o seu trabalho intitulado « Vocabulario Sul Rio Grandense », já offerecido, (S. R.) Rio de Janeiro, 16 de setembro 1898.— *T. G. Paranhos Montenegro.—T. de Alencar Araripe.— A. Milton.*»

A' Commissão de Historia sendo relator o Sr. Dr. E. Nunes Pires.

O Sr. Commendador Luiz Alves propoz que, de accordo com os estylos usados em outras associações, de ora em diante sempre que fallecer um socio do Instituto se ponha a bandeira do mesmo Instituto a meio páu, como signal de profundo pezar.

O Sr. 1º Secretario ponderou que o Instituto nunca teve nem actualmente tem bandeira, como já foi dito quando tal assumpto foi levado á discussão na Camara dos Deputados, como poderá attestar o nosso consocio presente Sr. Desembargador Paranhos Montenegro que nesse sentido ali pronunciou-se. Pelo exposto ficou prejudicada a proposta.

O Sr. Commendador Luiz Alves inscreveu-se para ler na sessão seguinte a biographia do Marquez de Paraná.

Nada mais havendo a tratar-se o Sr. Presidente levantou a sessão.

Aristides A. Milton,

Servindo de 2º Secretario.

14ª SESSÃO EM 30 DE SETEMBRO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro M. F. Correia,
1º Vice-Presidente

A' hora do costume, reunidos os Srs. Conselheiros M. F. Correia, Marquez de Paranaguá e Barão Homem de Mello, H. Raffard, Conselheiros João Alfredo, Pereira de Barros, Barões de Alencar e de Capanema, Visconde Rodrigues de Oliveira, Desembargador Paranhos Montenegro, Commendadores Oliveira Catramby, Miguel Galvão e J. L. Alves, General Mello Rego, Drs. Castro Carreira, Aristides Milton, Cunha Barbosa, Paula Freitas e Nunes Pires, servindo este de 2º Secretario, é aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da precedente sessão.

EXPEDIENTE

Officios: Do Rev. Sr. Bispo do Amazonas, acompanhando a offerta de tres flexas de indios selvagens do Norte. Agradeceu-se.

Do Sr. Governador de Goyaz, acompanhando um exemplar da *mensagem* dirigida á Camara dos Deputados, em 31 de maio ultimo. Agradeceu-se.

Do Dr. Gordon, da Faculdade Medica da Universidade de Havana, offerecendo ao Instituto um exemplar do seu ultimo trabalho impresso e pondo á disposição do mesmo Instituto exemplares de outros trabalhos seus. Solicita o offertante o titulo de socio correspondente desta Associação. Ao Sr. 1º Secretario para informar, de conformidade com os Estatutos.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

A' Commissão de historia, sendo relator o Sr. B. Homem de Mello, é enviada a seguinte proposta para socio correspondente do Instituto:

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Dr. Eduardo da Silva Prado, Ba-

charel em Direito, natural de S. Paulo, com 42 annos de idade, autor de diversos trabalhos offerecidos ao Instituto, servindo de titulo para sua admissão o seu artigo no *Le Brésil* em 1889.

Sala das sessões, 30 de setembro de 1898.— *H. Raffard.— Marquez de Paranaguá.— João Alfredo.— Barão de Alencar. — Visconde de Rodrigues de Oliveira.— Oliveira Catramby.— M. A. Galvão.*»

A' uma Commissão especial, composta dos Srs. Drs. Castro Carreira, como relator, Commendador J. L. Alves e Dr. Nunes Pires, é remettida a seguinte proposta do Sr. Commendador J. L. Alves:

«Estando prestes a terminar o prazo concedido pela Lei que rege os Cemiterios publicos e particulares para a exhumação dos despojos mortaes dos finados alli sepultados e estando nesse numero os de nosso finado consocio e Presidente deste Instituto, o Commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva, existentes no Cemiterio de S. Pedro de Maruhy, em Nitheroy, onde foi sepultado, proponho que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, em honra á memoria de quem nos dias de sua vida tanto fez por amor a esta Instituição, já honrando com seus primorosos escriptos e mimosas poesias as paginas da *Revista Trimensal*, já promovendo tudo quanto era possivel em prol de grandeza deste Instituto, procure em tempo salvar do esquecimento e da ingratidão seus despojos mortaes, caso seus parentes e descendentes se descuidem desse sagrado dever, collocando-os em um pequeno e modesto jazigo perpetuo no Cemiterio em que jaz sepultado, para que mais tarde não tenham de lamentar seu desapparecimento, como lamentamos o de tantos brazileiros illustres.

Sala das sessões, 30 de setembro de 1893.—*José Luiz Alves.*»

O Sr. Conselheiro Correia apresenta e fundamenta a seguinte indicação:

« Tendo o Senado rejeitado hontem em 2ª discussão o projecto consignando a verba de 10:000$ para o melhor trabalho, a juizo do Instituto, que fosse apresentado relativo á descoberta do Brazil, ou a pontos da historia patria, tem de ser excluida do programma adoptado pelo Instituto para a celebração do 4º centenario da mesma descoberta a parte referente á execução

que se teria de dar si o projecto fosse approvado. Mas de outros pontos do programma dependentes sómente do Instituto cumpre, pela urgencia do tempo, tratar desde já. Refere-se especialmente ás medalhas que tem de ser distribuidas e á publicação do poema de Santa Rita Durão.»

A proposito faz ponderações o Sr. H. Raffard, accentuando que á Commissão do Instituto, que a seu cargo tem o importante assumpto da commemoração do descobrimento do Brazil, e da qual fazem parte o mesmo Sr. Conselheiro Correia e mais dous membros da Mesa e assim tambem outros dignos dous consocios, compete tomar na devida consideração, como sem duvida o fará, o objecto constante da alludida indicação. Assim, sem mais observações, é resolvido.

ORDEM DO DIA

E' lido e fica sobre a mesa, para ser votado na proxima sessão, o seguinte parecer da Commissão de admissão de socios:

« O Instituto Historico e Geographico Brazileiro não deve hesitar um instante em admittir no seu gremio, como socio honorario, ao eminentissimo Sr. Cardeal Gotti, cujo nome dispensa qualquer encarecimento, de tão illustre, conhecido e respeitado que é.

Opina a Commissão de admissão de socios que seja approvada sem detença a proposta nesse sentido apresentada.

Sala das sessões, 30 de setembro de 1898. —*Affonso Celso.— Barão de Alencar.— Manoel Francisco Correia.*»

E' lido e remettido á mesma Commissão, sendo relator o Sr. B. de Alencar, o seguinte parecer da Commissão de Historia:

« A' Commissão de trabalhos historicos foram presentes as Memorias e escriptos diversos do Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire, todos relativos á historia de Pernambuco.

Entre elles sobresahem os que se referem á luta com os Hollandezes, á Confederação do Equador em 1824 e á Guerra dos Mascates em 1710. O illustrado historiographo, elucidando este periodo historico, demonstra concludentemente que a prioridade da idéa republicana no Brazil cabe ao Sargento-Mór Ber-

nardo Vieira de Mello, o qual, na sessão do Senado da Camara de Olinda de 10 de novembro de 1710, propoz que Pernambuco independente se governasse *ad instar* da Republica de Veneza.

Poucos Estados podem offerecer em seus annaes uma historia tão opulenta como o Estado de Pernambuco, e poucos tambem contão um tão grande numero de historiographos notaveis: o Padre Joaquim Dias Martins, o chronista da Guerra dos Mascates e da Revolução de 1817; Monsenhor Francisco Moniz Tavares, o consciencioso historiador desta ultima revolução, o historiador nacional e eminente litterato General José Ignacio de Abreu e Lima; o Major José Bernardo Fernandes Gama, autor das Memorias Historicas da Provincia de Pernambuco; o Padre Lino do Monte Carmello Luna, autor da Historia do Clero Pernambucano; o Commendador Antonio Joaquim de Mello e o Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, conscienciosos biographos dos Pernambucanos illustres, e ainda outros, são nomes que figuram entre os primeiros na historia da litteratura Brazileira.

E' honroso para o Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire, Presidente do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, que os seus trabalhos historicos tenham vindo collocar o seu nome muito meritoriamente ao lado daquelles seus tão eminentes predecessores.

No escrupuloso exame que fez dos trabalhos historicos ora submettidos ao seu parecer, a Commissão verificou que constituem elles valiosissimos subsidios para e elucidação e exacta apreciação de muitos dos mais notaveis pontos de nossa Historia.

Nestes termos é de parecer que sejam elles recebidos com todo o apreço por este Instituto, sendo dignos de serem transcriptos em nossa *Revista* alguns dos mesmos, que esclarecem pontos ainda controvertidos de nossa Historia.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 30 de setembro de 1898.— *Barão Homem de Mello.— E. Nunes Pires.*»

A proposito occupam a attenção do Instituto os Srs. Conselheiros João Alfredo (duas vezes) e B. Homem de Mello (relator do parecer).

O Sr. Commendador J. L. Alves, inscripto para ler um trabalho seu na presente sessão, excusa-se de fazel-o, justificando-se; mas significa que fal-o-ha na seguinte reunião.

Inscreve-se para ler um trabalho, em uma das proximas sessões, o Sr. Dr. Cunha Barbosa.

Em seguida, o Sr. Presidente dá por findos os trabalhos do dia.

E. Nunes Pires,
Servindo de 2º Secretario.

15ª SESSÃO ORDINARIA EM 14 DE OUTUBRO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, achando-se presentes os socios Srs. Conselheiros Aquino e Castro, M. F. Correia e Barão Homem de Mello, H. Raffard, Barão de Alencar, Desembargador Paranhos Montenegro, Conselheiro Pereira de Barros, Commendador J. Luiz Alves, Dr. Paula Freitas, Dr. Aristides Milton, Dr. Martins Junior e Francisco Baptista Marques Pinheiro, 2º secretario, o Sr. Presidente abre a sessão.

O Sr. 1º Secretario dá conta do expediente.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

O Sr. Conselheiro M. F. Correia entrega ao Sr. Thesoureiro cinco apolices municipaes, para serem os juros annualmente convertidos em outras apolices de que o Instituto Historico disporá em 1922, para applicar o producto á sessão solemne que celebrará em 7 de setembro desse anno, primeiro centenario da Independencia do Brazil. São os seos votos mais ardentes que esse dia corra festivamente no meio da paz, da prosperidade e da união, sobre a base fecunda da liberdade de todos os brazileiros na vasta extensão do territorio que elles actualmente dominão,

— penhor seguro para a realisação da prophecia de Humboldt: « é aqui que a civilisação do globo ha de concentrar-se um dia.»

O Sr. Presidente, em nome do Instituto, agradeceu esta nova prova da interesse dada pelo digno consocio pelo progresso e desenvolvimento do Instituto.

O mesmo Sr. Conselheiro apresenta a seguinte proposta:

« Considerando que os Estatutos dão no art. 12 §§ 1º e 2º, denominação identica a socios que se recommendão por serviços de natureza diversa;

Considerando que se pode estabelecer quanto ás denominações a distincção que se nota nos serviços;

Considerando que resolvida a conveniencia de estabelecer-se a distincção, caberá a denominação de *benemeritos* aos socios que se recommendão nos termos do art. 12 § 1º;

Considerando que ha conveniencia em que continuem a ser incluidas entre os membros do Instituto as pessoas distinctas que se assignalem por serviços pecuniarios, egualmente necessarios para a manutenção da instituição, caso previsto no § 2º do citado art. 12.

Proponho que, reformada competentemente esta parte do § 2º, sejão os socios, admittidos de accordo com elle, denominados *bemfeitores*.

Sala das sessões, 14 de outubro de 1898.— *M. F. Correia*.»

A' Commissão de Redacção, sendo Relator o Sr. Barão de Alencar.

O Sr. 1º Secretario procedeu e leitura da seguinte proposta:

« Propomos para socio honorario do Instituto Historico e Geographico do Brasil ao Exm. Rev. Sr. Dr. José Lourenço da Costa Aguiar, nascido no Estado do Ceará no anno de 1847, presbitero secular do habito de S. Pedro, Dr. em Direito Civil e Canonico pela Academia Romana. Representou a Provincia do Amazonas na Assembléa Geral Legislativa no regimen extincto.

Separada a Igreja do Estado no advento da Republica em 1889, S. S. Leão XIII creou o Bispado do Amazonas, e para occupar o Solio da nova Diocese nomeou ao Padre D. José Lourenço da Costa Aguiar, em premio de suas virtudes e saber, Bispo de Manáos, Capital daquelle vasto Estado.

Em prol da Religião e da Patria o novo Bispo muito tem feito promovendo na mais vasta escala a catechese e civilização dos Indigenas, e para melhor fazer comprehender aos catechumenos as bellezas da Religião sancta e sublime do Crucificado, deo á luz da publicidade um Cathecismo escripto na lingua brazilica, que o illustre Prelado conhece a fundo. Por esse serviço prestado á patria e pela elevada posição do novo proposto na jerarchia da Igreja, o Exmo. Sr. Bispo de Manáos é mais que digno de pertencer a este Instituto.

Sala de Sessões, 14 de outubro de 1898.— *O. H. d'Aquino e Castro.— Manoel Francisco Correia.— Homem de Mello.— Henri Raffard.— F. B. Marques Pinheiro.— José Luiz Alves.— José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.*»

A' Commissão de admissão de socios sendo relator o Sr. Dr. Affonso Celso.

Foi lido e approvado o seguinte parecer da Commissão de Historia relativo ao Dr. Romaguera Corrêa:

« Presente á Commissão de historia o *Vocabulario rio-grandense* do Sr. Dr. J. Romaguera Corrêa, como titulo para sua admissão no Instituto, na qualidade de membro correspondente, significa ella do seguinte modo o resultado de sua apreciação do alludido trabalho:

Não é elle propriamente daquelles que, em rigor, constituem os assumptos de que, com especialidade, se occupa o Instituto; entretanto, considerando— 1º — que, como algures foi accentuado, para escrever-se a historia do Brazil, *um dos elementos mediatos são os documentos historicos sobre os indigenas; sendo que como documento mais geral e mais significativo deve ser considerada a sua lingua*; a cujo respeito (afóra o muito que sobre tão importante assumpto já tem sido feito por Baptista Caetano, Rubim, Gonçalves Dias, Beaurepaire Rohan, Couto de Magalhães, Bispo D. José Lourenço, Macedo Soares, etc.) não pouco ainda ha para investigar-se e esclarecer-se a tal respeito— para, afinal, confeccionar-se um diccionario verdadeiramente brazileiro: o que, tudo, o auctor do *Vocabulario rio-grandense*, reconhecendo, poz por obra, incluindo nelle grande numero de vocabulos de linguas incultas, *maxime do guarany*, que muito concorreu para o « ex-

pressivo dialecto sul rio-grandense», ainda mais, porque no Rio Grande do Sul o *guarany*— em idos tempos — era fallado, como ainda o é no Paraguay e no territorio de Missões;

— considerando, em segundo logar, que, como evidencia o auctor do *Vocabulario rio-grandense*, *as investigações sobre as linguas dos nossos aborigenes* tem sido e são *de interesse geral* e conduzem *a investigações ethnographicas* e que a ellas se tem dedicado, sobretudo em referencia— como fica indicado— ás que immediatamente dizem respeito ao seu torrão natal; a cujas « bellas tradicções » vóta (como accentúa) cultual respeito;

— considerando, emfim, que, a proposito de alguns *termos*, como — *enterro*, *gaúcho*, *laço*, *farrapo*, *taláveira*, *tobiano*, *patria*, *patriota*, *nó republicano*, *farroupilha*, *guasca*, *continente*, *maragato*, *california do Chico Pedro*, etc., o auctor exhibe explicações que podem ser consideradas excerptos historicos— alem de que, como tal, póde ser estimado o que constitue o *appendice do Vocabulario*; é positivo que a leitura do trabalho do Sr. Dr. J. Romaguera Corrêa impõe-se como obra interessante em diversos sentidos; é opima em vocabulos— em maxima parte, em geral, desconhecidos e affirmam o talento investigador de seu auctor.

Acha-se, pois, no caso de merecer o apreço do Instituto; e, assim, deve ser tomada na devida consideração a proposta em que é elle apresentado para ter ingresso neste nucleo.

Sala das sessões, em 14 de outubro de 1898.— *E. Nunes Pires*, relator.— *Homem de Mello*.»

A' Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Conselheiro Correia.

Correndo o escrutinio sobre o parecer da Commissão de admissão de socios, acerca da admissão no Instituto de Sua Eminencia o Cardeal Gotti foi unanimemente approvado, sendo o Sr. Cardeal Gotti proclamado Socio Honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

O Sr. 1º Secretario communicou ter sido devolvido pelo Sr. Visconde de Taunay o original da missa composta pelo Padre José Mauricio e que fora confiado a S. Exª.

Obtendo a palavra, o Sr. Barão Homem de Mello diz que achando-se reunido o Instituto no trigesimo dia do passamento

do distincto consocio Couto de Magalhães, pede ao Sr. Presidente que sejão lidas as notas que reunio acerca deste seu companheiro de mais de 50 annos, e o Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia procede a respectiva leitura nestes termos:

« *O General José Vieira Couto de Magalhães* — Na primeira década da segunda metade deste seculo refulgia em S. Paulo uma pleiade de moços de talento, que nos apparece já circumdada desse mysterioso encantamento, que faz a magestade das perspectivas longinquas.

José de Alencar, Alvares de Azevedo, João Cardoso, Silveira de Souza, Bernardo Guimarães, Leandro de Castilho, André Fleury, Paulino de Souza, Felix da Cunha, Ferreira Vianna, Antonio Carlos, Lafayette, Baptista Pereira, Tavares Bastos, Affonso Celso, Flavio Farnese, José Terra, Duarte de Azevedo, Silva e Almeida, Couto de Magalhães, Andrade Figueira, Silveira Martins, Costa Pereira, Duque Estrada Teixeira, Olegario, José Wenceslão, Corrêa, Simplicio de Salles, Mello Mattos, Guanabara, Almeida Pereira, Americo Brasiliense, Pedro Luiz, José Bonifacio e ainda outros.

Que nomes e que recordações !

Poetas, jurisconsultos, litteratos, estadistas, oradores, magistrados, publicistas, vierão elles revelar no futuro todas as energias de sua poderosa mentalidade.

Uns, os mais arrojados, descreveram no espaço essa trajectoria brilhante que ficou como um traço luminoso no horizonte de nossa Patria. Alguns, como Terra, afastaram-se da solidariedade de nossos destinos. Outros, como Silva e Almeida, Simplicio de Salles e Wenceslão, levou-os a morte antes que pudessem revelar toda a pujança de seu talento. Outros, como Leandro de Castilho, attenuaram-se pouco a pouco até desapparecerem na penumbra provincial.

A' essa pleiade brilhante devemos filiar o nome de Landulpho Medrado, que não se distinguira em S. Paulo, passando até por estudante mediocre, mas que seguindo para a Bahia depois de formado, impoz-se logo á estima e á admiração de seus compatriotas como um de nossos primeiros publicistas. Em nossa litteratura politica o seu libello *Os Cortezãos e a viagem do Impe-*

rador só encontra rivaes no *Bom Senso* de Firmino Rodrigues Silva e no *Timandro* de Salles Torres Homem.

Dos velhos representantes daquella forte geração, poucos, bem poucos, contão-se ainda entre os viventes.

Dentre estes acaba de desapparecer subitamente um dos mas valentes, que no meio daquelle brilhante agrupamento avultava na linha dos primeiros: o General José Vieira Couto de Magalhães.

Venho eu, seu companheiro da outra metade do seculo, dizer delle o que neste momento minha memoria me revoca, reunindo as reminiscencias de mais de meio seculo.

Em 1847, trazidos por seu pai, o activo e intelligente negociante de brilhantes Antonio Carlos de Magalhães, entraram para o Seminario de Marianna os tres irmãos, Antonio Carlos, José Vieira e Antonino. Aquelle revelou logo a mais decidida vocação para a carreira militar, e, tendo alli completado os seus estudos, foi depois o brilhante official de artilharia que o nosso Exercito reivindica como uma de suas glorias. Cabe aqui assignalar a probidade e austeridade de ensino daquella casa de educação. Longe de contrariar ou violentar as vocações, aquelles sabios preceptores comprazião-se em estudar e assignalar a indole e as aptidões dos alumnos confiados á sua educação ; e com seus conselhos influião para que conforme ellas fosse encaminhada a carreira de cada um.

Completados seus estudos naquelle Seminario, Couto de Magalhães seguio para S. Paulo, onde, após brilhante defesa de theses, tomou o grão de Doutor em direito em 1860.

Publicou então naquella Capital um valioso estudo historico, em que a opulencia do material reunido e o criterio na escolha dos assumptos justificam bem as palavras, com que o autor abre o livro : « Ao longo de nosso passado muito trabalho ha que jaz esquecido ».

Esta obra foi a *Revista da Academia*, seguida logo da publicação de um novo estudo *Os Guayanazes*, primoroso romance historico sobre o qual escrevi um juizo critico que F. Octaviano, o fervoroso patrono da mocidade estudiosa daquelle tempo, publicou no *Correio Mercantil*.

Nomeado Presidente da provincia de Minas Geraes, o Conselheiro Vicente Pires da Motta levou como seu Secretario o Dr. Couto de Magalhães, que exerceu aquelle cargo de 1860 a 1861.

Deixando neste anno o exercicio desse emprego por exigencia da politica conservadora, escreveu em presença dos documentos officiaes, o trabalho historico sobre a *Revolta de Felippe dos Santos em* 1720, trabalho que lhe abriu as portas do Instituto Historico.

Vindo nesse mesmo anno para o Rio, aqui collaborou na *Actualidade*, de Flavio Farnese, em cujas columnas publicou o seu estudo sobre a lei de 3 de dezembro.

Dessa ordem de trabalhos veio arredal-o a sua nomeação em 1862 para o cargo de Presidente da Provincia de Goyaz.

Exerceu este lugar até 1864 e nelle se assignalou logo como um administrador de primeira ordem, fazendo recordar os nomes de Olympio Machado, de Andréas, de Jeronymo Coelho e outros, que tão respeitado fizeram o seu nome nas provincias que presidiram.

O Governador do Pará, D. Francisco de Souza Coutinho, fizera em fins do seculo passado explorar o rio Araguaya, e em 1800 o Governador nomeado para a Capitania de Goyaz, D. João Manoel de Menezes, legou-nos o mais honroso testemunho de seu zêlo patriotico, subindo pelo Araguaya até a Capital, e sendo o primeiro a promover em seu illustrado governo a facilidade de communicações entre Pará e Goyaz, aproveitando aquella poderosa arteria.

O Dr. Couto Magalhães reviveu aquella gloriosa tradição e empenhou todos os seus esforços para realizar o plano projectado pelo Governador D. João Manoel de Menezes. Procedendo em pessoa a explorações nesse grande rio, estudou os recursos que podiam ser aproveitados nessa região, e bem assim as hordas de indigenas que habitavam suas margens. Em resultado desses trabalhos escreveu e publicou na imprensa official da provincia o seu livro *O Araguaya*, que subsistirá sempre como o mais honroso documento de sua capacidade administrativa e de seu ardor patriotico.

O gabinete Zacarias, de 15 de janeiro de 1864, nomeou o Dr. Couto de Magalhães Presidente da Provincia de Minas-

Goraes. Honrado com esta alta prova de confiança, o ex-Presidente de Goyaz desceu o Araguaya e o Tocantins, e recolhendo-se por Belém ao Rio, aqui insistiu com o Governo sobre a necessidade de proseguir-se com o mesmo vigor e continuidade de vistas na realização do plano que absorvêra todos os esforços de sua administração em Goyaz.

Nomeado então Presidente da Provincia do Pará, o habil administrador pôde consagrar-se de novo á realização da empreza patriotica que tanto lhe seduzira o animo. A Provincia de Goyaz votou a quota de doze contos annuaes para navegação do Araguaya. A Provincia do Pará destinou a essa navegação e á do Tocantins a dotação annual de trinta contos; e o Governo geral destinou para a mesma obra a subvenção annual de quarenta contos. E assim aquella navegação veio a realizar-se como um poderoso elemento de prosperidade para as duas provincias tão intimamente ligadas em seus interesses reciprocos.

Em 1866 o Dr. Couto de Magalhães foi retirado da Presidencia da provincia do Pará por força do conflicto que surgira entre elle e o illustrado Bispo da Diocese, D. Antonio de Macedo Costa.

Chegado ao Rio, o gabinete Zacarias quiz aproveitar os seus serviços no Governo da provincia do Rio de Janeiro. Mas, Couto de Magalhães era de indole feita a trabalhos mais arduos e emprezas mais arriscadas. Preferiu a Presidencia da provincia de Matto-Grosso, na qual pela constancia da guerra com o Paraguay ainda parte do seu sólo estava em poder do inimigo.

Em rapida viagem o notavel administrador chegou a Cuyabá, onde tomando posse da administração tratou desde logo de pôr em acção os elementos necessarios para libertação dessa parte do nosso territorio. De animo desasombrado, com esse vigor que só dá o sentimento da verdadeira heroicidade, organizou a divisão militar destinada a reconquista de Corumbá. O commando foi dado ao bravo coronel Antonio Maria Coelho, e o Presidente da provincia seguiu a expedição militar acompanhando-a em pessoa. Pela bravura de nossos soldados foi gloriosamente resgatada essa parte do territorio nacional, libertando-se mais de 500 brazileiros que desde dezembro de 1864 estavam em poder do inimigo.

Escripta essa pagina gloriosa de nossa historia, recolheram-se á Capital os expedicionarios da heroica cruzada.

Mas, nas crueis calamidades da guerra, nem nos foi dado então entoar os canticos festivaes da victoria obtida.

Dir-se-ia que a população matto-grossense estava destinada a vêr renovada em seus dias as scenas do Apocalypse. A epidemia de variola cahira como uma condemnação do céo sobre a cidade de Cuyabá, e mais de cinco mil vidas foram por ella ceifadas no espaço de dous mezes. Só um animo inquebrantavel poderia resistir a provação tão temerosa como essa, e são dos mais solemnes na historia os documentos, em que o Presidente referio ao Governo aquelles acontecimentos. Ahi cerrou-se tambem a primeira parte de sua brilhante carreira politica.

Voltando ao Rio, e retirado á vida privada, parece que Couto de Magalhães se penetrára da instabilidade da carreira politica, e com a firmeza que punha em todas as suas deliberações resolveo seguir a carreira de industrial. Foi nessa nova manifestação de sua poderosa actividade, que elle conseguio firmar uma posição material independente, que o punha inteiramente a salvo das vicissitudes da vida politica.

Por esta occasião escreveu o seu livro *O Selvagem*, em que reunio o resultado de suas viagens pelo interior do Brazil, e os estudos que nessas excursões adiantou sobre os nossos indigenas, sua vida, suas lendas, sua lingua.

Em junho de 1889 seu amigo o Visconde de Ouro Preto, então Presidente do Conselho, chamou-o de novo á vida publica, dandolhe a Presidencia da provincia de S. Paulo. No exercicio desse alto posto veio alcançal-o a revolução de 15 de novembro. Couto de Magalhães, guardando a mais perfeita serenidade de animo, entregou o Governo á Junta acclamada pela revolução triumphante, e tratado por esta com todas as deferencias, deixou de uma vez o exercicio das funcções publicas, que elle desempenhára sempre com a maior dignidade e patriotismo.

Depois de varias vicissitudes, volveram-lhe, como amigos fieis, as suas aspirações litterarias, tanto tempo esquecidas. Escreveo a excellente Memoria que se conhece sobre o quarto centenario de Anchieta, e decidio-se a consagrar todo o seu tempo á redacção

definitiva da obra, que desde muito planejára, como um resumo de todos os seus estudos: *Grammatica da Lingua Geral e respectivo Vocabulario.*

Neste trabalho veio colhêl-o a morte quasi como uma fulminação.

Quem conheceu a energia de faculdades intellectuaes e a penetrante intuição de que era dotado o Dr. Couto de Magalhães, não pòde deixar de lamentar essa especie de perturbação orbitaria que se deu em sua existencia.

Lendo em 1855 as obras de Platão apaixonou-se pelo estudo da philosophia, e passou logo a estudar os philosophos francezes, inglezes e allemães, accentuando-se a sua predilecção por estes ultimos. Com este solido preparo, abriu um curso de lições desta materia, tendo sido um de seus aproveitados discipulos o Dr. Prudente de Moraes, actual Presidente da Republica.

Em 1862, quando voltou de Minas, sem esquecer os assumptos de politica e direito, consagrou-se com affinco ao estudo da physica e da mecanica, procedendo a experiencias nos mais aperfeiçoados instrumentos, que para esse fim adquirio. Morava elle então no 2º andar da casa sita á rua do Rosario, becco das Cancellas, fundòs hoje do Café Cascata.

Em Londres, deu-se em 1880, a estudos adiantados sobre astronomia, adquirindo depois para observações proprias os instrumentos opticos, de que fez ultimamente doação ao Instituto Polytechnico de S. Paulo.

De repente uma corrente estranha veio arrancar o seu espirito da orbita de suas investigações scientificas.

Foi uma perda para as lettras e para a sciencia. Se não fôra esse desvio, podemos com segurança dizel-o, teriamos tido em Couto de Magalhães um Spencer, um Tyndall, ou um Huxley.

Rio Janeiro 14 de outubro de 1898.— *Homem de Mello.*»

O Sr. Commendador J. Luiz Alves fez a leitura do seu trabalho:— *Biographia do Marquez de Paraná.*

Nada mais havendo a tratar-se o Sr. Presidente levantou a sessão.

F. B. Marques Pinheiro,
2º Secretario.

16ª SESSÃO ORDINARIA EM 28 DE OUTUBRO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro M. F. Correia,
1º Vice-Presidente

A's 3 horas da tarde, achando-se presentes os socios Srs. Conselheiros M. F. Correia, Marquez de Paranaguá e Barão Homem de Mello, Dr. Castro Carreira, Barão de Alencar, Barão de Loreto, Commendador J. Luiz Alves, Capitão de Mar e Guerra Calheiros da Graça, Visconde Rodrigues de Oliveira, Commendador M. Archanjo Galvão, Dr. Aristides Milton, servindo de 1º Secretario, e André P. de L. Werneck, de 2º, foi aberta a sessão pelo Sr. Vice-Presidente, que communicou terem os Srs. Conselheiro Aquino e Castro, Presidente, e H. Raffard, 1º Secretario, participado o justo motivo por que deixavam de comparecer.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. 1º Secretario interino procedeu á leitura do

EXPEDIENTE

Officio do Director do Gymnasio Amazonense solicitando a concessão de uma collecção da *Revista* do Instituto. Foi concedida.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

O Sr. Presidente, depois de render á memoria do illustre consocio Dr. João Mendes de Almeida, recentemente fallecido, as homenagens merecidas ; de dar noticias de seus fecundos trabalhos conhecidos do Instituto e especialmente dos que a *Revista Trimensal* publicou com tanto applauso ; de rememorar os seus serviços publicos e os que prestou na imprensa por occasião do magno assumpto da redempção dos captivos, referiu-se ás demonstrações solemnes de pezar por seu fallecimento, tanto no

Estado em que residia como no do seu nascimento, e póde dizer no Brazil inteiro. Nesta Capital houve exequias solemnes a que assistiu, tendo ouvido o panegyrico do illustre finado, que com tanta eloquencia então fez na imponente matriz da Candelaria o notavel orador Sagrado Monsenhor Guedelha Mourão. Se estas demonstrações de sentimento podem servir de consolo à sua nobre familia e a quantos sabem prezar os leaes servidores da Nação, são motivos para mais funda magoa para o Instituto, que viu-se privado de um de seus mais distinctos membros. Propoz que em demonstração do sentimento que punge o Instituto seja lançado na acta da sessão de hoje um voto do mais profundo pezar.

A proposta foi unanimemente approvada bem como a que se segue:

« Proponho que na acta da sessão de hoje, anniversario daquella em que foi recebida no seio deste Instituto a Commissão Belga que, de passagem por esta Capital, se destinava ás investigações scientificas do polo sul, seja lembrado o nome do illustre chefe dessa Commissão Sr. Gerlache, que a esta hora terá, como promettera, a nossa bandeira nacional hasteada a bordo do *Belgique*.

Sala das sessões, 28 de outubro de 1898.— *Francisco Calheiros da Graça.* »

O Sr. Presidente diz que é realmente uma feliz coincidencia, como lembrou o proponente, que a marcha regular dos trabalhos do Instituto permittisse a celebração de uma sessão ordinaria neste dia, que no anno passado deixou em todos os socios tão grata e intensa impressão. A esta hora, si a Providencia consentiu que o *Belgique* esteja no desempenho de sua grandiosa missão, o pavilhão brazileiro fluctuará ao lado do da Belgica, nos gelos da região antarctica ! Não podemos deixar de fazer ardentes votos para que logrem seu fim os intrepidos tripolantes do *Belgique*.

O Sr. Thesoureiro, Dr. Castro Carreira, apresentou o seguinte balancete do 3° trimestre de 1898, que foi lido e vae à Commissão de fundos, sendo relator o Sr. Conselheiro Souza Ferreira.

Balancete do 3º trimestre de 1898 do Instituto Historico e Geographico Brazileiro

Receita

Saldo em 30 de junho	3:063$260
Juros das apolices do 1º semestre de 1898. . .	1:680$000
Quota das loterias de abril a junho.	3:500$000
Mensalidade do Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires.	24$000
Dita do Sr. Barão de Loreto	12$000
Dita do Conselheiro João Carlos de Souza Ferreira	12$000
Dita do Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro	12$000
Dita do Sr. João Capistrano de Abreu. . . .	12$000
Dita do Dr. Alfredo do Nascimento Silva. . .	12$000
	8:327$260

Despeza

1. Folha dos empregados, de julho	500$000
2. Recibo do Sr. H. Romagueira	693$000
3. Conta da Companhia Typographica do Brazil .	3:980$000
4. Conta da Companhia Typographica do Brazil .	149$000
5. Conta de Antonio Ferreira Lopes Sobrinho .	14$000
6. Recibo do Sr. Victor de Oliveira Costa . . .	400$000
7. Conta do *Jornal do Commercio*.	791$600
8. Folha dos empregados, de agosto.	500$000
9. Recibo do Sr. H. Romagueira.	200$000
10. Folha dos empregados, de setembro	500$000
11. Recibo do Sr. Romagueira.	200$000
	7:927$600
Saldo em 30 de setembro	399$660

Rio de Janeiro, 30 de setembro 1898.— Dr. *Castro Carreira.*

Tendo a palavra o Sr. Dr. Castro Carreira, membro da Commissão incumbida de saber qual o destino que vão ter os despojos mortaes do socio Joaquim Noberto de Souza e Silva, informou ter averiguado que foram depositados no mausoléo da familia.

O Sr. Barão Homem de Mello offereceu, em nome do socio Padre Joaquim Silverio de Souza, a copia de um impresso tratando da localidade mineira *Lagoa Grande* e das virtudes das respectivas aguas.

O Sr. 1º Secretario procede á leitura dos pareceres abaixo, que ficam sobre a mesa para serem votados na seguinte sessão:

« O Sr. Bispo do Amazonas, D. José Lourenço da Costa Aguiar, está perfeitamente no caso de ser admittido como socio honorario do nosso Instituto. E' um digno prelado, um orador parenetico e parlamentar de primeira ordem, um escriptor distincto, um espirito, em summa, cheio de intelligencia, illustração e virtudes.

A Commissão de admissão de socios é de parecer que seja acceita sem hesitação a proposta apresentada no sentido da referida admissão.

Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1898.— *Affonso Celso.— Manoel Francisco Correia.— Barão de Alencar.*»

« Para a admissão de socios correspondentes, basta, na fórma dos Estatutos, o offerecimento ao Instituto de uma obra de valor sobre o Brazil, comprovada a sufficiencia litteraria do candidato por qualquer trabalho que a abone.

Reune estas duas condições o interesante trabalho de sua lavra apresentado como titulo para admissão do Sr. Dr. J. Romaguera Corrêa. Versa sobre o Brazil, e revela a sufficiencia litteraria do candidato, como demonstra a illustrada Commissão de Historia.

A importancia que se deve ligar a vocabularios das linguas de nossos aborigenes, parte do trabalho do candidato, foi reconhecida pelo nosso illustre consocio General José Vieira Couto de Magalhães, cuja recente perda tanto deploramos, em sua conferencia de 1897, a 7ª para o tricentenario de Anchieta.

Juntando estas observações ás que se encontram no parecer da Commissão de Historia a que se referiu, a Commissão de admissão de socios conclue que a proposta para que seja recebido o Sr. Dr. J. Romaguera Correa como socio correspondente do Instituto está no caso de ser approvada.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 28 de outubro de 1898.— *Manoel Francisco Correia.— Barão de Alencar.— Affonso Celso.*»

Obtendo a palavra, o Sr. Commendador J. Luiz Alves apresenta a seguinte proposta:

«Proponho que o Instituto Historico e Geographico do Brazil não deixe de commemorar a data memoravel do Decreto do Principe Regente D. João, que depois foi o 6º desse nome no catalogo dos Reis de Portugal, abrindo os portos do Brazil a todas as nações do Universo, graças aos sabios e salutares conselhos do venerando Dr. José da Silva Lisboa, que posteriormente foi Visconde de Cayrú, Decreto que foi o primeiro passo para o grande acontecimento que se realisou 14 annos depois no dia 7 de setembro de 1822, em que soou no Ypiranga o brado de Independencia ou Morte, que transformou a Colonia Portugueza no vasto Imperio do Brazil, facto este que immortalisou o nome do seu excelso fundador o Imperador D. Pedro I.

O Decreto tem a data de 28 de janeiro de 1808 e foi firmado pelo Principe Regente D. João na cidade da Bahia.

Sala das sessões, 28 outubro de 1898.— *José Luiz Alves.*»

E' remettida á Commissão de Redacção.

Continuando com a palavra, o mesmo Sr. Commendador inscreveu-se para ler na proxima sessão a biographia do distincto brazileiro Paulino José Soares de Souza, Visconde do Uruguay.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levantou a sessão.

André Werneck,

Servindo de 2º Secretario.

17ª SESSÃO ORDINARIA EM 11 DE NOVEMBRO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A' hora do costume, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, M. F. Correia, Marquez de Paranaguá e Barão Homem de Mello, H. Raffard, Drs. Castro Carreira e A. Milton, Desembargador Paranhos Montenegro, Barão de Loreto, Visconde Rodrigues de Oliveira, Conselheiro Souza Ferreira, Commendadores

J. L. Alves e Oliveira Catramby, Drs. Marques Pinheiro e Nunes Pires, servindo este de 2º Secretario, é aberta a sessão.

E' lida e approvada, sem observações, a acta da sessão anterior.

EXPEDIENTE

Officios: do Sr. Barão de Alencar, communicando não poder comparecer á presente sessão e que na seguinte apresentará os pareceres, que tem em mãos, das Commissões de admissão de socios e de Estatutos e Redacção.— Inteirado.

Do Sr. 1º Secretario do Senado, convidando o Instituto para assistir á sessão solemne de posse do novo Presidente da Republica.— Agradeceu-se.

Do Sr. Secretario da Sociedade de Geographia de Lisboa, communicando que no Cruzador portuguez *Adamastor* virá ao Rio de Janeiro o Sr. Conselheiro Capitão de Mar e Guerra Ferreira do Amaral, seu commandante, a desempenhar em aguas brazileiras uma commissão de representação e homenagem cordial de Portugal ao Brazil.— Inteirado.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

Entre as offertas distingue-se a de um *impresso* sobre a Lagoa Grande em Minas Geraes, bem como a de dous antigos *patacões* portuguezes, e um curioso pedaço de madeira petrificada; dadivas, estas, do Sr. 1º Tenente Jonathas da Costa Rego Monteiro; aquella, do Sr. Padre Joaquim Silverio de Souza, membro correspondente do Instituto.

O Sr. Presidente offereceu para a Bibliotheca do Instituto tres volumes da *Jurisprudencia* do Supremo Tribunal Federal, comprehendendo os julgamentos proferidos durante os annos de 1895 a 1897, e compilados pelo offertante, Presidente do mesmo Tribunal.

E' ouvida, com manifesto sentimento de pezar, a seguinte allocução do Sr. Presidente, communicando o fallecimento do consocio Padre Bellarmino José de Souza:

« Senhores — O Instituto Historico acaba infelizmente de perder mais um dos seus dignos e illustrados consocios.

No dia 6 do corrente falleceu nesta capital, depois de prolongada enfermidade, o Revd. Padre Bellarmino José de Souza, nosso prestante e assiduo companheiro de trabalhos desde 1896.

Pela sua esmerada educação, honrado caracter e solida instrucção, fez-se prezado o estimavel consocio por todos quantos de perto tiveram occasião de apreciar as suas eminentes qualidades pessoaes.

Deixa de seu talento e infatigavel amor ao estudo, producções de reconhecido merecimento, de que em parte tem dado noticia a nossa *Revista*. Consta que outros trabalhos litterarios tinha em mãos, e será de sentir-se que não estejam terminados.

O Institutos Historico, em cumprimento de um dever que lhe é sempre penoso, e pela fatalidade repetidas vezes imposto, nestes ultimos tempos, faz inserir na acta da presente sessão um voto de profundo pezar por tão lamentavel acontecimento.»

Informa o Sr. 1º Secretario que, tem sido muito demorada a publicação da 1ª parte da *Revista* deste anno, por affluencia de serviço urgente e official, segundo declara a Imprensa Nacional, mas que brevemente estará terminada a impressão.

E mais que recebeu a quantia de 300$ para a promptificação do busto do finado socio do Instituto, senador Dr. Candido Mendes de Almeida — dinheiro esse já entregue ao Sr. Thesoureiro.

A proposito desta communicação é lida a seguinte carta do socio Dr. Nunes Pires ao Sr. 1º Secretario, em applauso á idéa a realisar-se, em honra e como signal de gratidão ao illustre brasileiro que tanto fez em prol da geographia, chorographia e historia patria:

« Amigo Sr. H. Raffard.— Muito á pressa escrevo-lhe estas linhas :

Sinto sobremaneira que incommodo de saude me inhiba de levar meus fervorosos e sinceros applausos a idéa de realizar-se dentro em pouco tempo, a rememoração — em um busto — do finado socio do Instituto o senador Dr. Candino Mendes de Almeida.

Bem que algum tanto tardia essa homenagem, é em extremo louvavel o que o Instituto vae effectuar.

Assim significará a nossa acreditada associação, ao presente e, ainda mais, ao porvir, que sabe honrar a memoria do preclaro brasileiro, que, além de outros meritos e altos serviços prestados á Patria em varias espheras de actividade, tornou-se vulto inolvidavel pelo muito que fez, auxiliando e esclarecendo o que concerne á geographia, chorographia e historia do Brazil.

São de tudo isso prova, — que summamente abona o cabedal de saber que possuia sobre taes assumptos o nosso distinctissimo compatriota — os numerosos trabalhos que publicou em avulso e os que estampados estão na nossa apreciada *Revista*.

Provam ainda a estima e elevado conceito que acerca de alguns de seus trabalhos externaram (como foi publicado) o muito competente Sr. Dr. Barão Homem de Mello na sua *Noticia litteraria do atlas do Imperio do Brazil* pelo Dr. Candido Mendes de Almeida, e em suas excellentes *Noções de Chorographia do Brazil*, obra a proposito feita para a exposição em Philadelphia — 1876 — o eximio professor — illustre membro deste Instituto — Dr. Joaquim Manoel de Macedo, meu saudoso mestre.

Como professor official, que sou, de chorographia e historia patria, cumpro um dever de consciencia, externando homenagem de admiração ao illustrado brazileiro que no alludido *Atlas d° Imperio do Brazil* deu exuberantes provas de seu saber no que concerne, sobretudo — como já ficou dito — á geographia e chorographia patria; prestando relevantissimo serviço a seu paiz e muito ensinando a seus compatriotas, como se evidencia, compulsando-se o seu opulento trabalho.

Egual preito tributo ao mesmo inolvidavel compatriota pelos esclarecimentos e lições dadas em seus eruditos escriptos e obras sobre assumptos da nossa historia, nomeadamente as suas memorias relativas aos obscuros topicos della, quanto aos primeiros tempos: muita luz projectou sobre os factos então occorridos a cujo respeito pullulavam (e, em parte, ainda existem) duvidas ou incertezas, desacertos e falseamentos.

Consequentemente, razão de sobra justifica o sincero parabem que ao Instituto apresento pela inauguração, que é para desejar não tarde, do busto do egregio relembrado, na sala de nossas sessões — como, ha muito de facto e de direito — devia estar, impondo-se á nossa admiração, respeito, reconhecimento e saudosa recordação.

Aqui estacionado sou seu affectuoso respeitador e criado. — *Evaristo N. Pires.*»

Foi apresentada a seguinte proposta:

«Considerando que pelo art. 10º dos Estatutos o titulo de socio honorario « será conferido a pessoas que por sua idade provecta, consummado saber e distincta representação estejam em circumstancias de justificar a escolha »;

Considerando que reune estas qualidades o Conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, capitão de mar e guerra, e Ministro de Estado honorario de Portugal, maior de 50 annos;

Considerando que, como presidente que é da illustre Sociedade de Geographia de Lisboa, a sua admissão no Instituto mais estreitará as boas relações existentes entre as duas corporações:

Propomos que seja admittido como socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, o Conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral.

Sala das sessões, 11 de novembro de 1898.— *O. H. d' Aquino e Castro.— Manoel Francisco Correia.— Marquez de Paranaguá. — B. Homem de Mello.— Henri Raffard.— Barão de Loreto.— Visconde de Rodrigues de Oliveira.— T. G. Paranhos Montenegro. — Oliveira Catramby.— A. Milton.— Dr. Castro Carreira.— José Luiz Alves.— Souza Ferreira.— F. B. Marques Pinheiro.— E. Nunes Pires.*»

A' Commissão de admissão de socios sendo relator o Sr. Dr. Affonso Celso.

ORDEM DO DIA

Corrido o escrutinio são acceitos e proclamados socios do Instituto: honorario, o Revmo Sr. Bispo de Manáos e correspondente o Sr. Dr. J. Romaguera Corrêa.

O Sr. Dr. Marques Pinheiro fez a leitura do seu trabalho — Traços Biographicos do Commendador Guilherme Pinto de Magalhães.—

Nada mais havendo a tratar-se o Sr. Presidente levantou a sessão.

E. Nunes Pires,
Servindo de 2º Secretario.

5ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 18 DE NOVEMBRO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro M. F. Correia,
1º Vice-Presidente

A' hora e no lugar do costume, presentes os Srs. Conselheiros M. F. Correia, Marquez de Paranaguá e Barão Homem de Mello, H. Raffard, Desembargador P. Montenegro, Commendadores J. L. Alves, Miguel Galvão e Oliveira Catramby, General Mello Rego, Drs. Aristides Milton, Marques Pinheiro e Nunes Pires, servindo este de 2º secretario, é aberta a sessão.

Deixa de comparecer, por motivo justificado, o Sr. Presidente, conforme declara o Sr. 1º Secretario.

Lida a acta da precedente sessão é approvada, sem observações.

EXPEDIENTE

O Sr. 1º Secretario communica o pedido do Sr. Senador Barata, de uma collecção da *Revista* do Instituto para a bibliotheca do Gabinete de leitura de Cametá.— Depois de considerações de alguns Srs. socios, é resolvido que a Secretaria do Instituto informe a respeito.

OFFERTAS

São recebidos, com o costumado agrado, jornaes, livros e revistas e um trabalho manuscripto do finado Conselheiro Leopoldino Joaquim de Freitas, intitulado *Notas sobre o Rio Grande*

do Sul, offerecido pelo Sr. Alcides Cruz: é remettido a Commissão de redacção.

E' designado pelo Sr. Presidente o Sr. Miguel Galvão para membro da Commissão de Historia, na vaga aberta pelo fallecimento do Padre Bellarmino.

ORDEM DO DIA

E' lido e fica sobre a mesa, para ser votado na sessão immediata, o seguinte parecer da commissão de admissão de socios:

« O nome do Exm. Sr. Conselheiro Capitão de Mar e Guerra Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, presidente da sociedade de Geographia de Lisbôa, commandante do cruzador *Adamastor*, vindo ao Brazil em commissão de cordial representação e homenagem de Portugal, — dispensa encarecimentos e elogios.

A Commissão de admissão de socios faz suas as palavras da proposta concernentes a esse eminente cidadão portuguez.

E', pois, de parecer que S. Ex. deve ser acolhido em nosso gremio, como socio honorario, com todas as deferencias a que ha incontestavel jus.

Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1898.— *Affonso Celso.— Barão de Alencar.— Manoel Francisco Correia.*»

O Sr. Conselheiro Correia apresenta a seguinte *Nota* complementar do seu trabalho, já lido em sessão, sobre a *Ilha da Trindade*:

A ILHA DA TRINDADE

«Como complemento dos documentos que a *Revista Trimensal* tem publicado acerca da ultima occupação desta ilha brasileira por ordem do governo britannico, passo a transcrever o que a tal respeito se encontra na mensagem com que em 15 do corrente mez passou o Sr. Dr. Prudente José de Moraes Barros o exercicio do alto cargo de Presidente da Republica ao seu successor Sr. Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles:

« Em 18 de julho do mesmo anno (1895) tive conhecimento de que, em fins do mez de janeiro anterior, havia a Grã-Bretanha occupado a ilha da Trindade. Foi profunda no paiz a impressão causada por esse acontecimento. Reclamada a restituição da ilha por notas de 22 e 23 de julho enviadas ao representante di-

plomatico da Grã-Bretanha acreditado na Republica, a legação brasileira em Londres teve instrucções para protestar contra o acto da occupação e o fez de modo completo. Em 16 de dezembro, o Enviado Extraordinario daquella nação, o Sr. Phipps, de ordem do seu Governo, propoz que a questão fosse resolvida por arbitramento. Resolvi não acceitar esse alvitre, sendo expostas longamente, em nota de 16 de janeiro de 1896, as razões do meu procedimento.

« Acceitos os bons officios de S. M. Fidelissima, que podia, com muita autoridade, intervir na contenda, pois sabia o que ao Brasil ficára pertencendo por occasião de sua independencia, reconheceu a Inglaterra, mediante essa intervenção officiosa e segundo communicação do Encarregado dos Negocios de Portugal em 6 de agosto, a plena soberania do Brasil sobre a ilha da Trindade, ficando assim solvida essa questão de modo digno e honroso para ambas as nações.

« A communicação do reconhecimento do nosso direito foi, poucos dias depois, confirmada pela legação de S. M. Britannica, que communicou-me a partida do navio de guerra *Barracouta* para a ilha da Trindade, com o fim de remover os signaes de occupação ahi deixados por esse mesmo navio em janeiro de 1895. Retirados esses signaes, resolvi collocar n'aquella ilha um padrão com a inscripção — *Brazil* — para assignalar a nossa soberania. Foi incumbido d'esse serviço o cruzador *Benjamin Constant*, que o desempenhou em 24 de janeiro de 1897, conforme consta do termo assignado pelo commandante e officiaes d'aquelle cruzador.»

Sessão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro em 18 de novembro de 1898. — *Manoel Francisco Correia*.»

O Dr. Nunes Pires procede á leitura (acompanhada de commentarios seus) de um trabalho biographico — inédito — relativo ao finado sabio professor Barão de Tautphœus.

Dada a hora, inscreve-se para occupar a attenção do Instituto, na proxima reunião, o Sr. Commendador J. L. Alves.

E' levantada a sessão.

E. Nunes Pires,

Servindo de 2º Secretario.

18ª SESSÃO ORDINARIA EM 25 DE NOVEMBRO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, M. F. Correia, Marquez de Paranaguá e Barão Homem de Mello, H. Raffard, Dr. Castro Carreira, Conselheiro João Alfredo, Barão de Alencar, Dr. E. Nunes Pires, Dezembargador Paranhos Mantenegro, Dr. Aristides Milton, Barão de Capanema, Commendador Oliveira Catramby, General Mello Rego, Conselheiro Souza Ferreira, Commendadores J. Luiz Alves, Miguel A. Galvão e Dr. Cunha Barboza, servindo de 2º Secretario, o Sr. Presidente abrio a sessão.

Foi lida e approvada sem debate a acta da sessão anterior.

O Sr. 1º Secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. Dr. Epitacio Pessôa communicando a sua nomeação e posse do cargo de Ministro da Justiça e Negocios Interiores. Respondeu-se.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

O Sr. Conselheiro M. F. Correia disse que na memoria que leu na Sessão do Instituto de 19 de maio de 1895 está incluida a ultima carta que recebeu do seu pranteado irmão Ildefonso Ferreira Correia, Barão de Serro Azul, trucidado na noite de 20 de maio de 1894 no kilometro sinistramente historico da Estrada de Ferro de Paranaguá a Curityba. Nessa carta diz o Barão: *Nem criminoso nem revolucionario sou.* Vae agora offerecer outro documento, á bem da historia no ultimo movimento revolucionario, corroborativo daquelle pelo mesmo Barão escripto quinze dias antes do monstruoso attentado que echoou lugubremente em todo o Brazil. E' a publica forma de uma carta extrahida do copiador do mesmo Barão:

PUBLICA FORMA

«Curityba cinco de maio de mil oitocentos e noventa e quatro.— Illustrissimo Senhor Coronel Firmino Pires Ferreira.

Saudo a Vossa Senhoria, e o comprimento pela sua feliz chegada a esta Capital. Sei que desaffectos meos tem procurado tornar criminosos os actos que tenho praticado nesta Capital desde janeiro do corrente anno na defesa das pessoas e interesses de meu Estado. Ha dois annos declarei pela nossa imprensa que me afastava dos grupos politicos para poder, sem quebra da disciplina partidaria, procurar corregir os excessos dos partidos. Até então era eu considerado uma das influencias politicas do Paraná, do partido em opposição á politica do Marechal Deodoro.

A posição que então assumi contrariou aos ambiciosos e aos exagerados. Desde essa épocha tenho sido victimado pela má vontade delles, que talvez consigam actualmente aureolar a minha fronte com os resplendores dos martyres. Amigos e parentes meos, influentes no partido da legalidade tem me procurado para aconselhar que fuja para o Rio da Prata afim de evitar vexames de que estou ameaçado. Pela minha honra e pela dignidade do Governo legal tenho recusado taes conselhos.

A minha fuga seria a confissão de qualquer crime ou falta de confiança nas leis patrias e nos juizes que me hão de julgar. Não sou criminoso nem revolucionario. Necessito justificar os meus actos para o que desde hoje me considero prisioneiro á disposição de Vossa Senhoria, de quem me subscrevo com apreço etc. *Barão do Serro Azul.*—E nada mais se continha em o documento que me foi apresentado para ser reproduzido por copia legal e authentica e ao qual me reporto e tendo do mesmo bem e fielmente extraido digo fielmente feito extrair a presente publica forma, a conferi com o original e por achal-a em tudo conforme a subscrevo e assigno em publico e raso, entregando-a ao portador juntamente com aquelle dito original, do que dou fé nesta Cidade de Curityba, capital do Estado do Paraná, aos vinte de Agosto de mil oito centos e noventa e cinco. E eu, Gabriel Ribeiro, Tabellião interino a subscrevi, conferi e assigno. Em testemunho de Verdade.— *Gabriel Ribeiro*. Conferido por mim. — *Gabriel Ribeiro*.»

Foi lido o seguinte parecer da Commissão de admissão de socios opinando para que seja acceito como socio do Instituto o Sr. Dr. Adelino Antonio de Luna Freire :

PARECER

« Na sessão em que foi lido o parecer da Commissão de Historia sobre os escriptos do Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire, proposto para socio correspondente do Instituto, o Sr. Conselheiro João Alfredo impugnou com judiciosas observações a opinião no mesmo parecer emittida de haver o mencionado Desembargador, em sua memoria relativa á Guerra dos Mascates, demonstrado concludentemente que a prioridade da idéa republicana no Brazil cabia ao Sargento-Mór Bernardo Vieira de Mello, porquanto não estava provado, e antes era contestado pela tradição, que tivesse havido então o proposito positivo e indeclinavel de fundar a Republica em Pernambuco.

A Commissão de admissão de socios não é chamada a dizer sobre o ponto de divergencia e simplesmente quanto á idoneidade e conveniencia da admissão do candidato. Já em outra occasião opinou (parecer de 6 de novembro de 1896) que o Instituto ao apreciar o merecimento litterario do escriptor, não exerce autoridade derimente ou decisiva sobre as suas opiniões individuaes, limitando-se a recolhel-as e archival-as como subsidios para a formação da Historia Patria.

Todavia, a Commissão de admissão de socios não se eximirá de manifestar de passagem e succintamente a sua opinião sobre a materia controvertida.

Em seu conceito a verdade historica é, que o movel predominante e real de todos os movimentos revolucionarios havidos no Brazil antes da Independencia, incluidas a Guerra dos Mascates e a Inconfidencia Mineira, foi o pensamento da emancipação politica. Era essa a aspiração brazileira: fazer do Brazil uma nação independente e soberana.

Não se póde negar que aquelles movimentos arvoraram mais ou menos accentuadamente a bandeira opposta á da Metropole; mas é dever do historiador não desconhcer que assim foi, não porque já existisse o espirito republicano no Brazil, mas como acto hostil que assignalasse a intensidade do sentimento separatista.

Accresce que nenhuma das revoluções alludidas podia dispor de um principe ou dynastia e era, portanto, natural que

ellas recorresem aos processos democraticos como o meio ao seu alcance de tentar a separação.

A prova desse asserto está no facto de ter a independencia do Brazil revestido a fórma monarchica, com a acceitação geral da Nação quando o Principe D. Pedro de Bragança tornou-se o representante do sentimento separatista. E' ainda maior prova disso o não ter revolução alguma ameaçado a instituição monarchica desde a promulgação da Constituição, que organisou a Monarchia Constitucional Representativa, até o dia 15 de novembro de 1889, em que foi proclamada a Republica. Fallam os factos.

A revolução de 1824, aliás anterior á promulgação da Constituição que regeu o Imperio, foi unicamente um protesto contra a dissolução da Constituinte, pelo receio infundado da fundação de uma monarchia absoluta como a da Metropole.

O movimento de 7 de Abril poz em evidencia que a aspiração nacional de liberdade politica não ia além da Monarchia Constitucional Representativa, o que revelou-se ainda mais em 1840, pela victoria da idéa da Maioridade sobre a regencia electiva.

A guerra civil de 1835 do Rio Grande do Sul foi uma revolução local, sem intuitos de mudança geral da fórma de governo do Imperio e apenas impellida, como os movimentos anteriores á Independencia, pela velleidade de separação. Por ter-se denominado Republica de Piratinim, não deixou, entretanto, de ser uma *dictadura militar*, do mesmo modo que em 1710 na guerra dos Mascates surgiu entre os nobres e fidalgos a idéa a que se referio o parecer da Commissão de Historia, de uma *dictadura aristocratica* em Pernambuco *ad instar* da Republica de Veneza. Uma e outra eram a negação da fórma democratica.

Quanto, finalmente, ás revoluções de 1842 e 1848, os processos politicos dos seus chefes demonstraram plenamente que não visavam a mudança da forma de governo do Imperio. E' esta pelo menos a impressão que ficou na consciencia publica.

Feitas estas resalvas sobre a controversia historica, a Commissão de admissão de socios é de parecer que seja approvada a proposta concernente á admissão do illustrado Sr. Desembar-

gador Adelino Antonio de Luna Freire como socio correspondente do Instituto Historico.

Sala das sessões, 24 de novembro de 1898. — *Barão de Alencar*. — *Manoel Francisco Correia* (de inteiro accordo com a conclusão).»

Não se achando presente o relator da Commissão de Historia, que se pronunciou sobre os trabalhos do mencionado candidato, a pedido de varios socios, ficou adiada a discussão do parecer, sem prejuizo da votação na proxima vindoura sessão, ultima do anno.

O Sr. Conselheiro Souza Ferreira apresentou o seguinte parecer da Commissão de Fundos e Orçamento, que ficou sobre a mesa para ser discutido e votado na proxima sessão:

PARECER

«O art. 36, § 2º dos nossos Estatutos diz que pertence á Commissão de Fundos: «Organisar o orçamento annual da receita e despeza para ser discutido em sessão ordinaria até o fim de novembro».

Dando cumprimento a esta disposição, vimos hoje submetter á deliberação dos nossos consocios o seguinte

Projecto do orçamento para o anno de 1899

Art. 1.º A receita do anno de 1899 é orçada na somma de 18:848$, que será arrecadada pelos titulos seguintes:

1.º Subvenção do Thesouro Nacional.	14:000$000
2.º Juros de apolices da divida publica nacional.	3:360$000
3.º Juros de apolices do Emprestimo Municipal .	360$000
4.º Prestações semestraes dos socios.	1:128$000
5.º Joias de admissão de socios	$
6.º Remissão de socios.	$
7.º Venda de exemplares da *Revista Trimensal* .	$
8.º Vendas de outras publicações do Instituto. .	$
9.º Donativos.	$
	18:848$000

Art. 2.º A despeza do anno de 1899 é fixada na somma de 18:400$, que será effectuada pelas verbas seguintes:

1.ª Publicações do Instituto (Impressão da *Revista Trimensal*, e de outros trabalhos) . .		8:500$000
2.ª Empregados do Instituto, a saber:		
Bibliothecario	3:000$000	
Escripturario	1:800$000	
Porteiro.	1:200$000	6:000$000
3.ª Expediente.		900$000
4.ª Commissão de Bibliographia Brazileira . .		2:000$000
5.ª Eventuaes.		1:000$000
		18:400$000

Art. 3.º O saldo que, porventura, se verificar no fim do anno será applicado á aquisição de apolices da divida publica.

Sala das sesões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 25 de novembro de 1898.— *João Carlos de Souza Ferreira.* — *José Luiz Alves.*»

Ficou igualmente sobre a mesa para ser discutido e votado na proxima sessão de Assembléa Geral o seguinte parecer da Commissão de Estatutos e Redacção, relativo á proposta para alteração do art. 12 dos Estatutos:

PARECER

« A Commissão examinou a proposta em que o Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia indica que seja sujeita á proxima Assembléa Geral do Instituto a alteração do art. 12 dos Estatutos, por darem os §§ 1º e 2º desse artigo a mesma denominação a socios de natureza differente, passando os do § 2º a ser denominados « Socios bemfeitores ».

A Commissão faz sua essa proposta, de accordo com o § 2º do art. 37, que a incumbe de propôr as emendas, reformas ou additamentos necessarios ; sendo tambem de parecer que na Assembléa Geral, em que for discutida a reforma do art. 12, dê-se igualmente nova redacção ao art. 4º do capitulo 2º, que trata da organisação do Instituto, para estabelecer com maior clareza

a differença das diversas classes de socios. Entende que convem discriminar as categorias, mas sem marcar graduações entre ellas, pois a indole do Instituto, associação litteraria, a isso se oppõe.

Sala das sessões, 24 de novembro de 1898.—*Barão de Alencar.* —*Henri Raffard.*—*Barão de Loreto.*»

O Sr. Presidente mandou correr o escrutinio sobre o parecer da Commissão de admissão de socios relativo ao Sr. Conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral; apuradas as cedulas, verificou-se ser unanimemente approvado o candidato, que em seguida é proclamado socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

O Sr. Commendador J. Luiz Alves leu o seu trabalho:— biographia do Dr. Paulino José Soares de Souza, Visconde de Uruguay.

Não havendo mais nada a tratar, o Sr. Presidente levantou a sessão.

Dr. *Cunha Barbosa*,
Servindo de 2º Secretario.

19ª SESSÃO ORDINARIA EM 9 DE DEZEMBRO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, achando-se reunidos os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, M. F. Correia e Marquez de Paranaguá, H. Raffard, Dr. Castro Carreira, Barão de Alencar, Dr. Aristides Milton, Commendador Luiz Alves, Dr. Cunha Barbosa e Commendador Oliveira Catramby, servindo de 2º Secretario, abre-se a sessão.

Falta com causa participada o Sr. Barão de Loreto.

E' lida e approvada sem debate a acta da sessão anterior.

O Sr. 1º Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. Ministro da Justiça e Negocios Interiores, datado de 30 do mez passado, lembrando a conveniencia de serem

prestadas até 15 de fevereiro do anno proximo futuro as informações relativas ao Instituto, que tem de servir para o Relatorio de S. Ex. — Em tempo será satisfeita a requisição.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

Em seguida o Sr. 1º Secretario informa que, aproveitando o sarão litterario, realisado no Gabinete Portuguez de Leitura, em homenagem ao Sr. Conselheiro Ferreira do Amaral, Commandante do cruzador portuguez *Adamastor* e Presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa, alguns socios do Instituto, presentes constituiram-se em commissão e fizerão entrega a S. Ex. do diploma de socio honorario do mesmo Instituto, distincção que o illustrado cavalheiro muito agradeceu.

O diploma foi acompanhado do seguinte officio, assignado pelo Sr. Presidente:

«Sr. Conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral.— O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, tendo em attenção as eminentes qualidades, reconhecido saber e elevada representação que distinguem a pessoa de V. Ex., digno Presidente da esclarecida sociedade portugueza, que se dedica ao culto das sciencias que fazem parte do programma litterario do mesmo Instituto, resolveu conferir-vos, de conformidade com os seus estatutos, o titulo de socio honorario, tendo como certo que com as vossas luzes, elevado prestigio e valiosa coadjuvação muito concorrereis para o desenvolvimento e lustre desta antiga e patriotica associação que desvanece-se de contar em seu seio numerosos consocios, nacionaes e estrangeiros, notaveis pelo seu caracter, pela sua illustração e serviços prestados á causa da civilisação,

E' particularmente agradavel ao Instituto vêr mais um conspicuo membro da muito nobre sociedade luzitana alistado no numero dos seus estimaveis consocios.

Pertenceis a uma nação amiga, a que se acha ligado o Brazil pelos mais estreitos laços de fraternal affeição, e é com vivo prazer que ao gremio do Instituto, é hoje acolhido quem por tantos titulos se recommenda á sua profunda consideração.

Com o diploma que a este acompanha, dignae-vos receber os protestos da mais perfeita estima e as contragulações, que cordialmente vos são dirigidas em nome do Instituto.

Sala das sessões, 25 de novembro de 1898.—*Olegario Herculano d'Aquino e Castro*, Presidente.»

Entrou em discussão o parecer da Commissão de Fundos e Orçamento, e, posto a votos, forão unanimemente approvadas as respectivas conclusões com o orçamento para 1899.

Encerrada a discussão adiada na sessão anterior, correu o escrutinio sobre a admissão do Sr. Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire, e, sendo approvado, é o mesmo Sr. proclamado socio correspondente do Instituto Historico.

Lembrou o Sr. Presidente que, na fórma dos Estatutos, deve ter logar a 15 de dezembro corrente a sessão anniversaria, pelo que conviria resolver desde já sobre as providencias que houvessem de ser tomadas a respeito.

Ficou deliberado que se procedesse como nos annos anteriores.

Inscreveu-se o Sr. Commendador Luiz Alves para ler no proximo anno vindouro os seguintes trabalhos: biographias de diversos Senadores do Imperio ; de D. Sebastião Pinto do Rego, Bispo de S. Paulo e de Frei Fabiano de Christo.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão.

Oliveira Catramby,

Servindo de 2º Secretario.

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

Instituto Historico e Geographico Brazileiro

EM

15 DE DEZEMBRO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro

A 15 de dezembro de 1898, 60º anno do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, na sala das sessões da mesma associação e de conformidade com os Estatutos, foi celebrada a sessão magna anniversaria do dia em que, pela primeira vez, uma sessão ordinaria do Instituto foi honrada com a presença de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, seu protector immediato.

O salão, profusamente illuminado e bellamente ornamentado, apresentava um aspecto solemne. Destacavam-se os bustos do augusto protector immediato e de varios membros notaveis do Instituto, incluindo os que são hoje inaugurados, do Visconde de Bom Retiro e Commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva, ultimos Presidentes fallecidos.

Pouco depois das 7 horas da noite o Exmo. Sr. Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, Presidente da Republica, tomou assento em uma cadeira collocada ao lado esquerdo da que se conserva á cabeceira da mesa e que era occupada pelo Sr. D. Pedro II quando presidia as sessões ordinarias do Instituto.

Além do mèsmo Sr. Presidente e seu Secretario o Sr. Dr. Cochrane, do Sr. Dr. Epitacio Pessoa, Ministro da Justiça e Negocios Interiores, Dr. André Cavalcante, Ministro do Supremo Tribunal Federal, Dr. João Pedreira do Couto Ferraz, Conselheiro Barbosa Centeno, Consul Geral de Portugal, Conselheiro Barbosa dos Santos, Agente Financial de Portugal, Conselheiro Ernesto Cybrão, Presidente do Gabinete Portuguez de Leitura, Visconde de Veiga Cabral, Presidente da Caixa de Soccorros D. Pedro V, José Antonio da Silva, Presidente do Retiro Litterario Portuguez, Dr. Antonio Zeferino Candido, Dr. Thomaz de Aquino e Castro, Dr. Soares Brandão, Dr. Olegario Pinto, Aurelio de Figueiredo, Commendador José Gonçalves da Motta e uma commissão do Collegio Militar, assistiram á sessão representantes da imprensa e de varias classes sociaes.

Achavam-se presentes os socios Srs: Conselheiro Aquino e Castro, Conselheiro Manoel Francisco Correia, Marquez de Paranaguá, Barão Homem de Mello, Henrique Raffard, Dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, Dr. Evaristo Nunes Pires, D. Joaquim Arcoverde Cavalcanti de Albuquerque, Arcebispo do Rio de Janeiro, Barão de Loreto, Barão de Alencar, Visconde Rodrigues de Oliveira, Capitão de Mar e Guerra Francisco Calheiros da Graça, Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, Commendador Miguel Archanjo Galvão, Commendador José Luiz Alves, Pedro Paulino da Fonseca, Commendador Jósé Antunes Rodrigues de Oliveira Catramby, Barão de Capanema, Dr. Antonio da Cunha Barbosa, Dr. Antonio de Paula Freitas e Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro, 2º Secretario.

Justificou a sua ausencia o socio Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella ; o socio Sr. Conselheiro Dr. João de Oliveira Sá Camello Lampreia enviou de Petropolis o seguinte telegramma: «Exm. Sr. Henri Raffard, 1º Secretario do Instituto Historico e Geographico. Rio. Com grande sentimento communico a V. Ex. não me permittir o estado de minha saude ir hoje assistir a festa do Instituto.

A S. Ex. o Sr. Presidente, a V. Ex. e a todos os dignissimos consocios apresento minhas respeitosas homenagens.»

O Sr. Presidente proferio o discurso da abertura da sessão, dando em seguida a palavra ao Sr. 1º Secretario H. Raffard, que leu um minucioso relatorio dos trabalhos do anno social.

Por ultimo o Sr. Dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, Orador do Instituto, fez o elogio historico dos socios fallecidos no correr do anno de 1898.

As' 9 horas foi encerrada a sessão.

Francisco Baptista Marques Pinheiro,

2º Secretario.

DISCURSO

DO PRESIDENTE DO INSTITUTO

Conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro

Senhores— Ao abrir uma sessão solemne da Academia Franceza, dizia o sabio Fontenelle, venerando Chefe dessa illustrada associação :— permitti, caros confrades, que manifeste por vós nesta occasião o cordial affecto que sente um pai feliz por ver-se rodeado de seus filhos, superiormente collocados pelos seus merecimentos, não tendo outra gloria que mais preze do que a que delles reflecte sobre quem com timidez aponta-lhes a honrosa trilha a seguir.

Hoje, ante vós reunidos em festiva sessão anniversaria, saudando o dia que relembra um facto auspicioso na historia da nossa vida litteraria, faço minhas as palavras do espirituoso escriptor, congratulando-me comvosco por ver brilhantemente representadas perante a sociedade que nos rodeia, a supremacia da intelligencia, a energia da vontade, e o zelo infatigavel que caracterisam os dignos cultores das lettras, na especialidade scientifica de que se occupa o Instituto.

Em verdade não deslustra o presente as gloriosas tradições do passado; o legado de honra que recebemos desses saudosos companheiros que ora em effigie nos contemplam, e cuja memoria ser-nos-ha sempre grata e animadora, com desvelo por nós é conservado e accrescido passará sem duvida aos que nos succederem.

Não poucas, porém, teem sido as difficuldades com que em épocas diversas ha lutado o Instituto, no empenho de bem cumprir a ardua missão que lhe foi dada; para emprehendimentos desta ordem não bastam os recursos de intelligencia e aptidão de que possamos dispôr; são mais precisos recursos materiaes que ainda nos faltam e que só com o tempo e muita diligencia poderão ser obtidos.

Ainda assim, animosos continuamos a envidar esforços pelo desenvolvimento e progresso desta instituição que tanto amamos e cujo brilhante destino será em todo tempo um titulo de gloria para os que por ella com dedicação se interessam.

A animação que nestes ultimos tempos se tem observado nas successivas e sempre agradaveis reuniões do Instituto, frequentadas com assiduidade por crescido numero de socios, a abundancia de trabalhos proprios ou alheios, com satisfação acolhidos e devidamente apreciados, a crescente concurrencia de leitores na bibliotheca e no archiov, e, mais do que tudo, o louvavel e bem firmado proposito, da parte dos consocios, de elevar por todos os modos o credito de que com razão goza no paiz e no estrangeiro a mais antiga e qualificada corporação litteraria da nossa terra, bem demonstram que não têm sido, nem serão jàmais frustradas as lisongeiras esperanças postas no grandioso futuro desta provecta associação.

Um facto recente, se outros não houvesse de expressiva significação, bastaria para dar prova evidente da nitida comprehensão que tem o Instituto da summa importancia e responsabilidade do encargo que lhe foi confiado.

Quando despertado o sentimento patriotico do povo, pela recordação de passadas éras e pela voz da imprensa annunciada a approximação de uma data notavel da nossa historia, manifestou-se vivido o desejo de solemnisar com magnificencia e esplendor o feliz centenario do descobrimento do Brazil, foi o Instituto Historico, como sempre, dos primeiros que se pronunciaram applaudindo a idéa que ha annos suggerira e manifestando o intento de celebrar, pela sua parte, de modo condigno e apropriado a festa secular que commemora o inicio de nossa vida social, como antes o havia feito, solemnisando com jubilo e enthusiasmo os

centenarios não menos memoraveis do descobrimento da America e do caminho maritimo das Indias.

São conhecidos os projectos do Instituto, com relação ao famoso acontecimento: está publicado o programma dos festejos que terão de ser em tempo realizados, sobrelevando a idéa de perpetuar-se a lembrança do extraordinario successo por meios adequados á indole e peculiares condições desta associação, mais do que qualquer outra interessada em colligir e preparar de conformidade com seus estatutos, os elementos seguros e indispensaveis para o exacto conhecimento de tudo quanto diz respeito á historia do Brazil.

Infelizmente a fatal e inesperada perda de um dos nossos mais prestimosos consocios, aquelle mesmo com quem mais contavamos, pelos opulentos recursos intellectuaes e materiaes de que dispunha e que já nos haviam sido promettidos, para melhor desempenho dos traçados planos, veio trazer-nos serios embaraços que serão, como é de esperar-se, removidos pelo zelo, persistencia e liberalidade dos prestantes consocios do Instituto, sempre animados dos mais puros sentimentos de patriotismo e amor ás lettras.

E' muito o que ha a fazer; haja porém, perseverança e fé na applicação dos meios precisos para que seja uma realidade o que possa ainda parecer uma simples aspiração, e neste, como em qualquer outro empenho em que a intelligencia e a vontade predominem, todas as difficuldades afinal serão vencidas.

Dizia o poeta Lucrecio, em conceituosos versos comparando a força da vontade á acção lenta e poderosa da branda gota de agua incessante cavando a dura rocha:

Vincit omnia constantia...
Nonne vides etiam guttas in saxa cadentes
Humoris, longo in spatio pertundere saxa.

Os estudos historicos que constituem, como sabeis, o ponto essencial do elencho do Instituto, teem sido em toda a parte e em todos os tempos objecto da particular attenção dos homens illustrados, verdadeiros phanaes da opinião, preceptores da sociedade, a quem toca a elevada incumbencia de educar os povos nas lições

proveitosas do passado e guia-los com a segurança que só dão o estudo, a observação e a pratica da vida, na longa e escabrosa senda do porvir.

Conheceis de certo as eruditas phrases de Plutarcho, quando, reproduzindo o pensamento do grande orador Romano sobre a sublimidade da historia, viva testemunha dos tempos, luz da verdade e escola da experiencia, ponderava que a razão humana, tardia em seus progressos, necessitava de um guia seguro e esclarecido que dirigisse e activasse sua marcha incerta e demorada em busca da verdade.

Esse guia é a historia, que vem preencher junto do homem uma funcção providencial; ella o toma, por assim dizer, pela mão, desde a sua primeira infancia; encaminha seus passos e previne pelos seus conselhos os desvios da fraqueza ou da inexperiencia, recolhendo e transmittindo de geração á geração o testemunho daquelles cujo accordo induz irrefragavel convicção. Cede facil o espirito á auctoridade que impõe-se pela força sómente da evidencia.

Os successos alcançados pela sabedoria e pela prudencia, os revezes que acompanham a irreflexão e o erro traduzem dupla e persuasiva lição que o homem é forçado a ouvir e attender. A realidade dos factos, diz o philosopho, é a luz que espanca as illusões e as chimeras em que teem sido embalados em todas as idades os espiritos mal orientados ou irrequietos, a quem o desgosto do estado presente, a idéa de uma perfeição imaginaria, o insoffrido desejo de celebridade tem inspirado o funesto amor das novidades.

Assim é que pela tradição dos tempos, pela successão dos factos, analyse dos acontecimentos, apreciação do caracter dos homens que nelles figuraram e pelo ponderado estudo dos phenomenos da vida social, vem a sciencia da historia a exercer directa e incontrastavel influencia sobre o desenvolvimento, progresso e civilisação de um povo.

E o que é a civilisação, que tanto tem preoccupado a attenção dos homens da sciencia? Já o ensinava o doutrinario Guizot, tão celebre nos annaes das lettras, quanto nas lides politicas do seu tempo: — é o aperfeiçoamento social; é a evolução historica; o

progresso da propria humanidade, mediante o melhoramento das condições da existencia ; melhoramento e bem ser, não só de origem material, mas de natureza moral, que se revela no incremento das forças intellectuaes pela instrucção, pelo trabalho, pela industria, pela riqueza, pela effectividade do direito e segurança das liberdades publicas, base de toda a prosperidade da Nação.

O principio fundamental, o traço caracteristico da civilisação è, pois, a união intima e duravel, o desenvolvimento harmonico e continuo das idéas e dos factos, da ordem intellectual e da ordem real.

O progresso ou bem ser material que não participasse do salutar influxo da razão esclarecida ou por qualquer modo contrariasse os dictames da eterna justiça e da equidade, pouco ou nenhum valor poderia ter, e, como diz um escriptor dos nossos dias, seria um melhoramento precario, inexplicavel, quasi illegitimo.

O verdadeiro progresso, distinctivo da civilisação, é o aperfeiçoamento moral que, pela cultura do espirito, nobilita o caracter, exalta o sentimento, incutindo no homem a consciencia do dever, da dignidade e da honra. Esse só se communica e se expande por meio das idéas, pela acção creadora e benefica das boas doutrinas, porque só as idéas zombam dos tempos e das distancias, atravessam o espaço e por toda parte manifestam-se, fazem-se ouvir e comprehender.

A civilisação de um povo, na phrase de um publicista, é uma especie de Oceano, cujas margens demarcam toda a sua grandeza e no seio do quál todos os elementos da vida, todas as forças da existencia se acham intimamente concentradas.

E' da liberdade que nasce, como diz Latino Coelho, é pela energia moral que desenvolve-se a felicidade social, a riqueza publica, a commum civilisação a que aspiramos.

E onde ir buscar as normas, como discernir os principios que na pratica tão importantes e apreciaveis resultados devem produzir em bem da humanidade ? Onde melhores e mais proficuas, lições ir procurar, senão nos fastos dessa mesma humanidade, gravados em caracteres indeleveis nas fulgentes paginas da historia ?

E' ahi que vemos assignalado o progresso da vida social pelo desenvolvimento das faculdades moraes, dos sentimentos, das idéas que se concretizam na vida individual ; é ahi que se revela o genio imperando sobre o coração e a alma da humanidade pela força da intelligencia e soberania da razão.

Em toda a parte onde as lettras, as sciencias e as artes com brilho ostentam todo o seu vigor ; onde resplendecem essas bellas imagens que glorificam a natureza humana ; onde são accumulados esses thesouros de sabedoria que formam a grandeza moral do homem, achar-se-ha forte e radioso o dominio da civilisação proclamado pela voz da historia, que é a voz irrecusavel da verdade.

Tal é, senhores, a sciencia a que tem consagrado o Instituto os seus mais solicitos cuidados, contando sempre com a operosa coadjuvação dos seus associados, que bem podem ajuizar da relevancia do encargo que a si tomaram pelos proveitosos resultados, que de seus esforços tem colhido e continuará a colher a litteratura historica da nossa patria.

Dos trabalhos que correram pelo Instituto no anno que ora termina, dará fiel e minuciosa noticia o relatorio que vae ser lido pelo digno 1º Secretario. Se mais não foi feito, porque o não permittiram as circumstancias do tempo, o que ahi está dá testemunho de que não tem sido ingloria e vã a existencia desta culta associação.

Das grandes perdas que soffremos durante este anno, vendo com profunda magoa, eliminados pela cruel sorte da lista dos nossos consocios alguns dos seus mais firmes sustentaculos, tereis de novo e mais completo conhecimento pelo merecido elogio que na fórma dos Estatutos será feito pelo nosso illustrado orador.

Em complemento das justas homenagens devidas a memoria de presados companheiros, cedo roubados á patria que tanto honraram pelos seus serviços, dedicação e lealdade, e ás lettras que tanto abrilhantaram com as suas luzes e valiosissimos trabalhos, são neste acto solemne inaugurados os bustos dos dous ultimos e respeitaveis Presidentes do Instituto, os sempre lembrados Srs. Visconde de Bom Retiro e Commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva.

A's venerandas imagens do inclyto Protector do Instituto, dos preclaros consocios fundadores, e outros que pelo sentimento ainda vivos entre nós se acham, virão juntar-se mais duas graves e mudas testemunhas do desvelado interesse que ligamos à sorte do Instituto e do apreço em que são tidas as luminosas tradições que deixaram-nos e serão por nós com zelo conservadas.

E' um empenho de honra, uma divida de gratidão a que jámais, por certo, nos recusaremos, perpetuar a fama de varões insignes que pelas suas virtudes civicas, pelos seus serviços e illustração engrandeceram a patria ennobrecendo os proprios nomes.

Bem sabeis quão dignos de louvor eram os estimaveis consocios cujos vultos levantamos hoje sobre o pedestal de nosso respeitoso affecto e profunda consideração.

Um desses benemeritos Presidentes do Instituto, nas altas regiões da vida civil, no magisterio, na politica, na administração, no parlamento; outro na modesta carreira do funccionalismo official, na sciencia, na litteratura, na historia, na poesia; ambos no encendrado amor da patria e dedicação á causa publica, deixaram apóz si larga esteira de luz que percorremos admirando os ricos dotes da alma de que eram ornados e procurando imital-os na pratica dos bons exemplos que legaram-nos.

Os exemplos dados pelos grandes homens não morrem; sobrevivem — personificados na historia — fallando e instruindo as gerações futuras.

Como Socrates foi chamado o pae da philosophia, tambem os homens notaveis por seus feitos, os espiritos esclarecidos pela verdade são, no dizer de um escriptor, os verdadeiros paes da historia, que outra cousa não é senão a continuação da vida, a successão dos tempos e dos acontecimentos, sob a influencia dos homens de caracter, dos grandes chefes, reis, sacerdotes, sabios, estadistas e patriotas que formam a sagrada legião do talento, a legitima aristocracia do genero humano.

Foi por occasião da morte de um desses eleitos do destino, que Disraeli disse na Camara dos Communs: — quando nos lembrarmos das perdas que temos soffrido, consolemo-nos com a idéa de que esses grandes homens não estão inteiramente perdidos para

nós; revivem em suas palavras e exemplos que nos servem de guia e serão sempre presentes aos nossos trabalhos porque sobre elles não tem acção o tempo.

Já nas soberbas paginas de Tacito estava registrado: que desde as mais remotas épocas era uso transmittir á posteridade os feitos gloriosos e exemplares costumes dos illustres mortos: *ad prodendam virtutis memoriam sine gratia aut ambitione, bonæ tantum conscientiæ pretio ducèbatur.*

E de alto e manifesto alcance eram os effeitos de tão sensato uso: — cumpria-se um dever social, rendendo preito e homenagem ao verdadeiro merito e creava-se um poderoso incentivo á imitação das grandes virtudes.

Dahi a propriedade e elegancia dos sabidos versos do immortal cantor da patria Lusitana:

> Quão doce é o louvor e a justa gloria
> Dos proprios feitos quando são soados!
> Qualquer nobre trabalha, que em memoria
> Vença ou iguale os grandes já passados.
> As invejas da illustre e alheia historia
> Fazem mil vezes feitos sublimados;
> Quem valorosas obras exercita
> Louvor alheio muito esperta e incita.

Quanto a nós, creio bem que não será em vão feita a evocação de tão nobres estimulos.

Os exemplos hão de ser seguidos e aproveitadas serão as lições do passado na meritoria obra do engrandecimento moral em que nos achamos empenhados.

O presente a nós pertence; são palavras de Dellile:

> *Le présent appartient à tous tant que nous sommes.*
> *Aux savans le passé; l'avenir aux grands hommes.*

Nem prevalecerão contra os interesses que aqui sustentamos em prol da causa da instrucção, que é a causa do patriotismo, as contrariedades do momento ou outras que, por mal nosso, ainda possam sobrevir. Os obstaculos multiplicam as forças. A lucta é a condição da vida e o prenuncio da victoria. A adversidade

nem sempre é um mal; pela reacção que provoca, muitas vezes desperta o animo, que conduz ao combate, e o valor que ahi depara o almejado triumpho.

Trabalhemos, pois, e os nossos esforços serão coroados de prosperos successos.

O grande empenho do homem na sociedade, dizia o epico Latino, deve ser — deixar com a vida honrosa memoria de seus nobres feitos:

...Famam extendere factis,
Hoc virtutis opus.

Terminando, com muita satisfação cumpro o dever de, em nome do Instituto, agradecer o comparecimento das pessoas que nos obsequiaram tomando parte nesta simples e placida festa litteraria; e, especialmente, muito penhorados confessamo-nos pela gentileza e assignalado favor dispensados pelo preeminente e illustrado Chefe do Estado, pelo distincto Ministro da Justiça e Negocios Interiores, e mais representantes do Poder Publico, que, concorrendo com a sua honrosa assistencia para o brilhantismo do acto, e assim animando os aturados esforços do Instituto, pelo bom desempenho de sua importante e laboriosa missão, mostram bem quanto prezam a instrucção e reconhecem a influencia que o progresso das lettras e das sciencias exerce sobre o aperfeiçoamento moral de uma sociedade civilisada.

Ainda uma vez seja dito:

A instrucção que se derrama copiosa sobre a fronte do povo, é o baptismo de luz que, redimindo os erros do passado, dá vida e força ás gerações novas para as gloriosas conquistas do futuro.»

Está aberta a sessão.

RELATORIO

DO

Primeiro Secretario do Instituto Henri Raffard

« Sr. Presidente, meus senhores. — Ha mais de meio seculo, um grupo de cidadãos patriotas, cujos nomes serão sempre lembrados com veneração e louvor, lançou os alicerces de uma modesta associação, a qual, no meio de galas e alegrias, celebra hoje o sexagesimo anniversario de uma existencia devotadamente dedicada ao cultivo da historia, da geographia e da ethnographia do Brasil.

E' justo, pois, que os operarios, depostos os instrumentos de trabalho, commemorem n'este dia, em um festim familiar, a recordação d'esse passado tão cheio de obras meritorias, para crear novos alentos na conservação do legado precioso que outros deixaram.

Quando o vendaval da desgraça possa derrocar as paredes d'este recinto, por onde tem transitado tudo quanto de grande tem tido o Brasil nas lettras e sciencias divinas e humanas; quando por uma catastrophe se pudesse operar a dispersão total dos membros d'esta Instituição — não morrerá na memoria da posteridade o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, pelo muito que tem feito em favor da expansão intellectual do nosso povo, contribuindo pela acção e pelo exemplo para o desenvolvimento da nossa evolução social.

Monumento imperecivel de seus esforços, ahi tem o Instituto para desafiar a injustiça de uns e os menoscabos de muitos, além de publicações avulsas, os 61 volumes da Revista, que tantos applausos tem merecido de todos os centros civilisados.

Na senda percorrida, mais um anno está prestes a findar e o Instituto, sem cansaço e desfallecimento, vae proseguindo avante no rumo traçado pelos 27 patriarchas de 1838, os quaes, da vida de além tumulo, saudam o dia de hoje, promettedor de novos triumphos nos incruentos combates do saber e da intelligencia.

Para provar tal asserto, na qualidade de 1º Secretario, cabe-me fazer o inventario dos nossos trabalhos e provar pela simples enunciação d'elles que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro ainda — viveu.

Confrades e senhores, dai-me, pois, alguns momentos da vossa benevola attenção, prometto que d'ella não abusarei.

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, no anno cadente, além da sessão de posse da mesa administrativa no dia 7 de janeiro, reunio-se 24 vezes: sendo cinco em sessões extraordinarias e 19 em ordinarias.

A primeira ordinaria teve lugar a 6 de março e a ultima a 9 do mez corrente, periodo durante o qual realizarão-se tambem as extraordinarias.

Effectuáram-se as sessões, em geral, com grande concurrencia de socios, como anteriormente, nas sextas-feiras, dirigindo os trabalhos de algumas o Sr. 1º Vice-Presidente, Conselheiro Manoel Francisco Correia, quando impedido o Sr. Presidente, Conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro.

Infelizmente a morte privou-nos do concurso de cinco consocios prestimosos:

Capitão de Fragata, José Egydio Garcez Palha.

Conselheiro, João Manoel Pereira da Silva.

General, Josè Vieira Couto de Magalhães.

Dr. João Mendes de Almeida.

Padre Bellarmino José de Souza.

Em compensação obtivemos o valioso concurso de 12 auxiliares novos.

Forão acclamados socios:

Correspondentes — a 1 de maio — D. Marianno Pelliza, notavel escriptor que occupa eminente lugar official no seu paiz — a Republica Argentina;

a 11 de novembro — o Dr. José Romaguera Corrêa, medico em Uruguayana, autor do interessante vocabulario Sul Rio Grandense ;

a 9 de dezembro — o Dezembargador Adelino Antonio de Luna Freire, Presidente do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, que deixou de si honrosa tradição na alta administração publica.

Effectivos — a 29 de maio — o Commendador José Antunes Rodrigues de Oliveira Catramby, antigo e dedicado Thezoureiro da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, o qual escreveu bons trabalhos, tendo immediata relação com os assumptos de que se occupa o Instituto ; o General Francisco Raphael de Mello Rego, autor de diversas producções que muito o recommendam, como a intitulada « Limites de Goyaz com Matto Grosso » ; o Commendador Miguel Archanjo Galvão, dado a estudos historicos e mais especialmente á *Numismatica Brasileira* ;

a 10 de junho — o Dr. Paulino José Soares de Souza, o qual, além das suas habilitações pessoaes, tem um nome que significa muito patriotismo e muitos serviços prestados ao progresso do Brasil ;

a 15 de julho — o Dr. Antonio de Paula Freitas — laborioso redactor da Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e distincto Presidente do Instituto Polytechnico Brazileiro ;

— o Dr. Antonio da Cunha Barbosa — dedicado congraçador das nossas associações, que visita frequentemente do Norte ao Sul do Brasil.

Honorarios — a 15 de maio — O Commendador João de Oliveira de Sá Camello Lampreia, o verdadeiro Diplomata que, pelo seu trato ameno, tem angariado a sympathia de todos os Brasileiros, sendo notavel a posição que tomou na questão da Ilha da Trindade. Estando aqui á frente dos negocios de sua Nação é S. Ex. um laço vivo entre o Brasil e Portugal, e o Instituto agradece-lhe, além de tudo, a solemne promessa de cooperar comnosco na celebração do 4º Centenario da Descoberta do Brasil ;

a 14 de outubro — O Cardeal Frei Jeronymo Maria Gotti, Arcebispo de Petra — O illustre Carmelita não passou desapercebido entre os Membros do Instituto que quizeram honrar n'este Enviado da Santa Sé as suas virtudes e os seus conhecimentos das lettras, os quaes o tornaram digno do chapéo cardinalicio;

a 11 de novembro — O Bispo de Amazonas, José Lourenço da Costa Aguiar — Distincto prelado e educador christão, que, entre os muitos serviços de catechese, vae como os antigos missionarios chamando ao gremio da civilisação e da Religião os *apedeutas d'ella transviados* na phrase do nosso consocio Dr. José Maria Velho da Silva.— E' autor de pequeno, porém, importante trabalho em lingua Nhehengatí;

a 25 de novembro — O Conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral — Distincto Estadista e Illustre Presidente da Benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa, que veio ás nossas plagas em missão de cordeal homenagem de Portugal ao Brasil, onde devidamente tem sido alvo das maiores expansões de apreço e applauso.

Retirando-se das nossas aguas e não podendo o nosso illustre consocio tomar posse como desejavamos, o Instituto aproveitou a ultima festa que se celebrou aqui em honra do distincto Official Portuguez, para entregar-lhe em mão o respectivo diploma, o qual foi acompanhado de um officio escripto pelo proprio punho do nosso venerando Presidente.

A Directoria do Sarão Litterario, realizado a 30 de novembro passado, no Gabinete Portuguez de Leitura, teve a gentileza de collocar em lugares de distincção os Membros do Instituto, que por meu intermedio lhe manifesta hoje a sua gratidão.

Constituiram a nossa Commissão os Srs. Marquez de Paranaguá, Barão Homem de Mello, Commendador Oliveira Catramby, Dr. Evaristo Nunes Pires, e o 1º Secretario.

Dada a palavra ao Instituto, o Dr. Evaristo Nunes Pires precedeu de algumas phrases felizes a entrega do diploma e do officio o acompanhando, após o que, deixando de lado trabalho proprio e adequado a occasião leu, em lugar do autor— Sr. Barão Homem de Mello—que soffre dos olhos—o discurso d'este com a correcta dicção que todos lhe conhecemos.

Respondeu o Sr. Conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, de uma maneira que nos deve calar no coração.

Seja-me licito transcrever aqui esse discurso e o resumo das palavras com que o Sr. Conselheiro Ferreira do Amaral se referio a nossa associação, e que reproduzimos com devida venia do *Jornal do Commercio*:

« Sr. Conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, Commandante do cruzador *Adamastor*.— Ha mais de um quarto de seculo, em sessão do Instituto Historico, de 16 de junho de 1871, eram proferidas estas palavras:

« Podemos, senhores, nos ufanar de nossos maiores, desses indomitos *argonautas* que arrancáram dos mares este immenso continente ; e, emulos dos Hellenos o dos Phenicios, renováram em nossos tempos os prodigios da idade antiga.

« O orador qne assim se exprimia está presente. E' o mesmo que tem a honra de representar perante vós aquella illustrada associação. Permittio-lhe sua fortuna que viesse elle encontrar e saudar nesta sessão solemne os illustres descendentes daquelles cujos feitos grandiosos elle commemorava em um estudo historico.

« Exalta-se e se deslumbra a nossa mente, contemplando além no perpassar das idades, as glorias de vosso passado.

« A este continente, até então velado pela mão do destino nas sombras de um porvir ignoto, trouxeste vós a luz da civilisação. Vossos apostolos, penetrando pela vasta extensão de nosso sólo, escreveram nas arêas do mar como no dorso ennegrecido de nossas montanhas esse poema de luz que o inditoso cantor nacional Fagundes Varella immortalisou no *Evangelho das Selvas*.

« E esse passado de grandeza resurge agora diante de nós na imagem mesma dessa nacionalidade que se ostenta ao mundo como a affirmação mais eloquente do vosso papel historico na genesis da civilisação universal.

« Senhores, assistimos nesta derradeira parte do seculo a acontecimentos extraordinarios, que são como esses clarões subitos que illuminam a marcha dos progressos do espirito humano através das idades.

« Os tempos antigos estão excedidos !

« Là no extremo Oriente uma transformação mysteriosa faz de repente apparecer ante o olhar sereno da Musa da Historia uma nacionalidade, que quebra resolutamente com o seu passado, apropria-se de todas as energias da civilisação universal e vem pesar com uma força nova na balança, em que se decidem os destinos dos povos.

« Sentimos no momento presente essa corrente mysteriosa dos grandes acontecimentos, que muda a face dos seculos.

« Um povo destinado a renovar em nosso tempo as energias da idade antiga, as transforma em outros tantos instrumentos de civilisação ; e, semeador de povos, leva a todos os pontos do globo o germen fecundo que se desdobra em novas civilisações.

« Um dia esta nacionalidade poderosa sente-se tomada de jubilo ao contemplar os maravilhosos resultados de sua acção civilisadora. Um sentimento de orgulho e de admiração faz-lhe, como a um irmão mais velho, estender a mão a um irmão mais moço, accrescentado em força e em gloria. E em uma espectação cheia de grandeza o mundo observa esse tumultuar magestoso dos aspectos novos da Historia que a elevação moral e o sentimento de honra das duas grandes nações nos dizem se ha de resolver em outros tantos beneficios para a humanidade.

« Sentimo-nos tambem dentro da grande onda que confunde em uma mesma corrente os nossos e os vossos sentimentos. Duas nacionalidades, que teem na Historia um passado commum, alumiado pela sublime doutrina do Christo, penetrando-se do mais entranhado sentimento de solidariedade e de estima reciproca, abraçam-se neste momento.

« Os nossos destinos se accrescentarão, consorciados sempre dia por dia, e a Patria Brazileira subsistirá no perpassar das idades, como o maior monumento da civilisação universal trazida ás nossas plagas por vossas quinas gloriosas, cuja flammula hasteada no tope do *Adamastor* saudamos cheios de jubilo.»

A este discurso respondeu o Sr. Conselheiro Ferreira do Amaral, exprimindo antes de tudo a sua satisfação ouvindo a sua formosa lingua fallada e escripta com tanta pureza e elegancia n'esta nobre terra, que tão galhardamente o tem acolhido e aos seus companheiros. Póde com intima convicção e perfeita

segurança dar testemunho de que em nenhum instituto superior de lettras ou de sciencia de seu paiz se falla com mais correcção e de fórma mais castigada a lingua dos dous povos irmãos.

As santas doutrinas e elevados principios que os nossos maiores trouxeram a esta terra, exclama o eloquente orador, mais ainda do que nas arêas do mar ou no dorso ennegrecido das montanhas, estão escriptos nos corações das mães brasileiras, de onde, como de fonte purissima, manam para formar a tempera e o caracter moral d'este grande povo.

A flammula do *Adamastor*, tão fervorosamente saudada n'esta terra de irmãos, mais ainda do que uma flammula de paz, é o signo sacrosanto da fraternidade que estremece e confunde em uma mesma pulsação os corações dos dous povos.

Ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro significa a viva effusão do seu reconhecimento pelas saudações que este lhe dirige e que lhe ecoarão sempre nas gratas e saudosas recordações que leva d'esta festa litteraria.

Contra a saudade da partida do nosso confrade Conselheiro Ferreira do Amaral, fica entre nós, para diminuil-a o illustre Diplomata, nosso consocio, o Sr. Commendador Camello Lampreia, Representante do Chefe da Nação Portugueza e do nosso Augusto Presidente Honorario S. M. El-Rei D. Carlos I.

N'este anno de 1898 tomaram posse de suas cadeiras:

André Paulino de Lacerda Werneck, a 15 de maio;

Conselheiro João de Oliveira Sá Camello Lampreia, á 20 de maio;

Commendador José Antunes Rodrigues de Oliveira Catramby, á 10 de junho;

General Francisco Raphael de Mello Rego, a 10 de junho;

Commendador Miguel Archanjo Galvão, a 1 de julho;

D. Joaquim Arcoverde, Arcebispo do Rio de Janeiro, a 15 de julho;

Dr. Antonio de Paula Freitas, a 29 de julho;

Dr. Antonio da Cunha Barbosa, a 29 de julho.

Passaram a ser socios effectivos, na fórma dos Estatutos, os correspondentes Luiz de França Almeida e Sá e José

Verissimo de Mattos, que residem actualmente na séde da nossa Associação.

Foram acclamados socios benemeritos pelo muito que fizeram em prol do Instituto os Srs. Conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro, Presidente, Conselheiro Manoel Francisco Correia, 1º Vice-Presidente, e Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, a quem o Instituto concedeu, bem a seu pezar, dispensa do cargo de Thesoureiro, no qual por longos annos prestára relevantes serviços.

O Dr. Liberato de Castro Carreira, nomeado Thesoureiro interino, tornou-se digno de nossos encomios no exercicio das respectivas funcções.

As vagas abertas pela morte nas Commissões foram preenchidas pelo Sr. Commendador Miguel Archanjo Galvão e nosso 1º Secretario, sendo este para a de Estatutos e Redacção e aquelle para a Commissão de Historia.

O Sr. Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro, por justo motivo de affazeres particulares, não poude ser muito assiduo, pelo que prestaram-se varios socios e principalmente o Dr. Aristides A. Milton a servir de 2º Secretario.

O Conselheiro João Carlos de Souza Ferreira, como nos annos anteriores, tem-se esmerado nos relatorios da Commissão de fundos e orçamento.

Sem obliterar os serviços das demais Commissões a que tivemos de recorrer para lavrarem pareceres, vou salientar a Commissão de admissão de socios, constituida pelos Srs. Conselheiro Manoel Francisco Correia, Barão de Alencar e Dr. Affonso Celso.

Não se póde contestar que animada foi a vida do Instituto durante o anno prestes a findar.

E' isso um solemne desmentido aos que julgam que a nossa Associação atravessa um periodo de entorpecimento, e para provar a nossa asserção basta citar as leituras feitas pelos Srs. socios:

Commendador José Luiz Alves, em 1º de julho, « Noticia biographica de D. Vicente da Gama Leal, Bispo titular de Hetalonia »; a 12 de agosto, « Nuncios, Internuncios e Delegados

que de 1808 até hoje teve a Santa Sé no Brazil »; a 14 de outubro, « Biographia do Marquez de Paraná » ; a 25 de novembro « Traços Biographicos do Visconde de Uruguay » ;

Dr. Evaristo Nunes Pires, em 10 de junho — « Saudação em verso á memoria de Vasco da Gama » a 18 de novembro; *Notas biographicas* a respeito do Barão de Tautphœus, fornecidas por um amigo d'esse sabio finado, ás quas additou *apontamentos e commentarios* seus, que pretende completar ;

Barão de Sant'Anna Nery, a 29 de maio — « A evolução economica da Amazonia, povoamento da America quente » ;

Barão Homem de Mello, a 14 de outubro — « Notas acerca do General Couto de Magalhães, lidas no trigesimo dia do fallecimento d'este preclaro cidadão » ;

Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro, em 15 de novembro — « Traços biographicos do Commendador Guilherme Pinto de Magalhães »;

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, em 15 de julho — « A morte do commandante francez João Duclerc ».

Além d'estes trabalhos, cuja leitura dependeu de prévia inscripção, houve de occasião a apresentação de outros não menos importantes.

Assim, na sessão de 15 de julho, ao tomar posse de seu lugar n'esta casa o Revdm. Sr. Arcebispo do Rio de Janeiro D. Joaquim Arcoverde produzio uma verdadeira peça litteraria que conquistou os applausos de todos os ouvintes, merecendo transcripção muito justa na imprensa d'esta Capital.

Na sessão de 15 de julho, a proposito do territorio contestado ao norte do Brasil, dissertou longamente o General Couto de Magalhães, o qual tambem ácerca do Centenario da Descoberta do Brasil, expoz na sessão de 26 de agosto, com a proficiencia que lhe era propria, as suas idéas de como o Instituto deveria tomar parte nos projectados festejos.

Ambos estes trabalhos foram reproduzidos no *Jornal do Commercio*.

Vem de molde commemorar a sessão de 30 de setembro, em que se fizeram ouvir os Srs. Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, Barão Homem de Mello e Barão de Alencar, sobre

a guerra dos Mascates com relação ás opiniões emittidas no parecer da Commissão de Historia ácerca do trabalho do illustre Sr. Dr. Adelino Antonio de Luna Freire. Estas discussões feitas de improviso e que denotam conhecimentos adquiridos, estudos feitos pelos contendores, são a meu ver de muito proveito e communicam ás nossas sessões certa vida e animação. Oxalá ellas se reproduzam como brilhantes foram nos primeiros tempos d'este Instituto.

Não seria occasião de reviver a antiga pratica de se distribuir e pôr a premios diversas questões sobre pontos diversos da nossa historia, praxe que tão bons resultados produzio?

D'ella resultaram as importantes monographias que ornam as paginas da nossa *Revista*.

Ha periodos da nossa historia que ainda estão para serem elucidados, não faltando, todavia, grande cópia de documentos para fazel-o com vantagem.

Na sessão de 29 de maio, presidida pelo Exm. Sr. 1° Vice-Presidente Conselheiro Manoel Francisco Correia, o 1° Secretario communicou ter recebido do Sr. Presidente Conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro, cinco apolices do emprestimo municipal, que, segundo o officio do venerando doador, S. Ex. offertava para o augmento do nosso patrimonio.

O Instituto agradeceu, como devia, a generosa offerta.

Ao nosso Instituto foi muito agradavel receber do Instituto Historico do Ceará, por curial lembrança do operoso homem de lettras, nosso incansavel consocio José Arthur Montenegro, o retrato a oleo de Sua Magestade o Senhor Dom Pedro II, que por bastante tempo esteve na sala de honra do Paço da Assembléa Legislativa d'aquella antiga provincia.

Recolhemos ainda o retrato a oleo do nosso finado consocio Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro, offertado pela sua Exma. viuva, D. Luiza Queiroz Coutinho Mattoso Perdigão, illustre irmã de Euzebio de Queroz. O Instituto agradeceu.

Por feliz inspiração do Sr. Dr. Eduardo Correia, a quem o Instituto agradeceu devidamente, orna as paredes d'esta casa o retrato a oleo, tirado em 1872, de seu pai, nosso benemerito 1° Vice-Presidente Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia.

N'este anno de 1898 o Sr. Conselheiro Correia tornou-se credor de nossa mais especial gratidão pela importante dadiva de cinco apolices do emprestimo municipal, feita com um fim especial, de que me occuparei mais adiante.

Folgo poder mencionar a remessa de uma pasta contendo papeis relativos á fundação do Instituto dos Surdos Mudos, pertencentes ao finado Dr. Tobias Rabello Leite, seu reorganirador e direictor. Como se sabe, antes de fallecer o Dr. Tobias recommendou á sua esposa que enviasse para o archivo do Instituto os referidos papeis. A Exma. Sra. D. Maria Benedicta Gomes Leite cumprio religiosamente esta ultima vontade e o Instituto guardará esse legado com veneração.

Este exemplo deveria ser seguido por todos os nossos homens notaveis como em dia do anno passado, na occasião de sua posse, lembrou o nosso eximio orador Sr. Dr. Joaquim Nabuco.

De facto, quantas preciosidades não se tem perdido ou andam em mãos de especuladores, as quaes, guardadas no uosso archivo, poderiam servir ao estudo da vida de nossos homens, da origem e desenvolvimento das nossas varias instituições.

Opinião esta que tambem emittio pessoa das mais autorisadas, o nosso consocio Sr. Barão de Capanema.

Attendendo á requisição da Secretaria, nosso respeitavel consocio o Revdm. Sr. Arcebispo do Rio Janeiro, D. Joaquim Arcoverde, enviou o seu retrato para nossa collecção, que feita com regularidade, terá no futuro um valor inestimavel. (*)

(*) Temos recolhido até hoje

RETRATOS

1 Visconde de Beaurepaire Rohan.
2 Henrique Raffard.
3 Dr. Maximiano Marques de Carvalho.
4 Dr. Cesar Augusto Marques.
5 Monsenhor Manoel da Costa Honorato.
6 Dr. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo.
7 Major Joaquim José Gomes da Silva Netto.
8 Contra-Almirante José Candido Guillobel.
9 Barão de Alencar.

O nosso Muséo pouco adquirio no anno de que nos occupamos.

Cabe ao Sr. Bispo do Amazonas, D. José Lourenço da Costa Aguiar, hoje nosso mui digno consocio, a primazia na offerta de objectos para o Muséo, constando de um arco e tres flechas de indigenas, acompanhados de uma carta, na qual S. Ex. revelou os profundos conhecimentos da historia, vida e costumes dos primitivos habitantes do Brasil.

---

10 Commendador Antonio José Gomes Brandão.
11 Commendador Luiz Rodrigues de Oliveira.
12 Tenente Coronel Antonio Borges Sampaio.
13 Dr. Virgilio Martins de Mello Franco.
14 José Verissimo Dias de Mattos.
15 Luiz de França Almeida e Sá.
16 Capitão de navio Constantino Bannen.
17 Frank Vincent.
18 Conselheiro João Manoel Pereira da Silva.
19 Dr. João Mendes de Almeida.
20 Dr. Brazilio Augusto Machado de Oliveira.
21 General Dr. João Severiano da Fonseca.
22 Barão de Guajará.
23 Marquez de Mulhacen.
24 D. Carlos Luiz d'Amour (Bispo de Cuyabá).
25 Dr. Victorino A. do Sacramento Blake.
26 Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.
27 Dr. Guilherme Studart.
28 Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.
29 João Damasceno Fernandes Vieira.
30 Commendador João José Pinto Junior.
31 José de Vasconcellos.
32 D. Estanisláo Zeballos.
33 Christiano Frederico Seybold.
34 Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.
35 Julius Meili.
36 Barão de Capanema.
37 Rodolpho Theophilo.
38 Dr. Ladisláo Netto.
39 Arthur J. Montenegro.
40 Conego João Prdro Gay.
41 Dr. Joaquim Pires Machado Portella.

O Sr. 1º Tenente de Artilharia Jonathas do Rego Monteiro offertou duas moedas portuguezas e um pedaço de madeira petrificada.

Falleceu em 1890, Francisco Antonio Martins que foi nosso bibliothecario cerca de 25 annos, mas, não deixou trabalho publicado.

---

42 Dr. Amaro Cavalcanti.
43 Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo.
44 Dr. Luiz Cruls.
45 Dr. João Barbosa Rodrigues.
46 Barão de Loreto.
47 D. Francisco (Bispo de Petropolis).
48 Marquez de Paranaguá.
49 D. João Esberard (o Arcebispo do Rio de Janeiro).
50 Dr. Francisco Baptista M. Pinheiro.
51 D. Joaquim Arcoverde (2º Arcebispo do Rio de Janeiro).

BIOGRAPHIAS

1 Commendador Antonio José Gomes Brandão.
2 Dr. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo.
3 Dr. Domingos Jaguaribe.
4 Major Joaquim J. Gomes da Silva Netto.
5 Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.
6 Dr. Maximiano Marques de Carvalho.
7 Dr. Liberato de Castro Carreira.
8 Dr. João Mendes de Almeida.
9 Luiz de França Almeida e Sá.
10 Lafayette Toledo.
11 Dr. Brazilio A. Machado de Oliveira.
12 General Dr. João Severiano da Fonseca.
13 Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.
14 Dr. José Guilherme Studart.
15 Barão de Oliveira Castro.
16 José de Vasconcellos.
17 Dr. Cesar Augusto Marques.
18 Christiano Frederico Seybold.
19 Commendador Dr. João José Pinto Junior.
20 Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

O Instituto n'essa data possuia:

1.º O catalogo das Cartas Geographicas e Ethnographicas, Atlas, Planos e Vistas, organizado pelo nosso consocio Barão Homem de Mello e distribuido em 1885.

2.º O Catalago dos Manuscriptos, Documentos, Memorias e Poesias, feito pelo nosso consocio Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, cuja 1ª serie sahio do prélo em 1884 e a 2ª serie em 1889.

3.º O antigo catalogo de origem ignorada, com data de 1860.

Reconheceu-se então a urgencia de nova catalogação das obras pertencentes á nossa associação e o Dr. Antonio de Castro Lopes, expressamente contractado em 1892, fez o catalago da sala D. Pedro II (em que ora nos achamos) o qual foi impresso em 1893.

Quanto aos livros removidos do Paço de S. Christovão em consequencia da generosa doação do nosso inolvidavel Protector Immediato, foram elles relacionados no anno de 1893 pelos Srs. Belli di Leonardi, pai e filho.

Tornou-se, porém, patente a necessidade de um bibliothecario effectivo e foi nomeado para esse cargo o Sr. General Joaquim Costa Mattos, autor do Catalogo da Bibliotheca do Exercito.

Afastando-se do plano posto em pratica pelo Dr. Castro Lopes, fez o General Costa Mattos nos annos de 1896 e 1897,

---

21 Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão.
22 Rodolpho Theophilo.
23 Dr. Eduardo José de Moraes.
24 Dr. Ladisláo José de S. Mello Netto.
25 Tenente-Coronel Antonio Borges Sampaio.
26 Dr. Americo Braziliense de A. Mello.
27 Dr. Francisco Baptista M. Pinheiro.
28 Dr. Amaro Cavalcanti.
29 Barão de Alencar.
30 Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo.
31 Dr. Luiz Cruls.
32 Dr. João Barbosa Rodrigues.
33 Padre Raphael Maria Galante.
34 Barão de Loreto.
35 Marquez de Paranaguá.
36 Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.

com a mencionada relação dos livros recolhidos á sala D. Theresa Christina Maria, um trabalho admiravelmente scientifico, que deixou por metade, havendo sido obrigado a solicitar escusa de suas funcções por motivo de interesses particulares.

Na primeira sessão ordinaria de 1898, a 6 de março, foi então proposto e unanimente aceito para o cargo de bibliothecario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Dr. José Vieira Fazenda, que tomou posse no dia seguinte.

Doutor em medicina, ex-Conselheiro Municipal, o Dr. Fazenda é, antes de tudo, um pesquizador infatigavel das cousas patrias, que conserva presentes na memoria á disposição dos estudiosos que sabem não consultal-o em vão.

O novo funccionario, cuja assiduidade é provada e manifesta entendeu que lhe eram precisos alguns mezes para conhecer as immensas riquezas bibliographicas do Instituto, afim de promptamente poder satisfazer ás consultas que Socios e estranhos lhe faziam desde a sua posse.

Aqui com desvanecimento commemoro que a nossa Bibliotheca nunca foi tão concorrida como este anno, de que são testemunhas muitos que me ouvem.

Conseguio o Dr. Fazenda, apezar de constantes e grandes interrupções, organizar o catalogo de todos os mappas, cartas geographicas, albuns, photographias pertencentes á parte que n'esta materia nos tocou da Bibliotheca Particular do Sr. D. Pedro II. Este trabalho está em ponto de ser mandado para a imprensa.

Conta o actual Bibliothecario ultimar em pouco tempo o catalogo das obras impressas, iniciado pelo General Costa Mattos de sorte que no anno proximo futuro os socios possam com facilidade apreciar o valor da imperial doação.

Como se verá das relações respectivas publicadas na nossa *Revista*, continúa o Instituto a ser honrado com a remessa de livros não só de particulares, nossos consocios ou não, como de varias associações nacionaes e estrangeiras.

Continuamos a permutar a nossa *Revista* com as sociedades cujos titulos constão de listas já divulgadas e mais algumas que ultimamente iniciarão a troca.

A parte I do tomo LXI foi distribuida mais tarde que de costume devido a diversas circumstancias, bastando citar a mudança de typographia, pois que a Imprensa Nacional, além de não ser habituada com o nosso serviço, prefere sempre os trabalhos officiaes, ou officialmente recommendados, que ultimamente avultaram muito, por motivo da terminação do quatriennio presidencial.

A Commissão de Redacção, prevenida como está, fará com que a parte II do dito tomo LXI seja distribuida mais a tempo e mais volumoso formato, independentemente da materia fornecida pelas actas de nossas sessões.

Na sessão de 6 de março foi nomeado o Sr. Conselheiro João Carlos de Souza Ferreira membro da Commissão Central de Bibliographia Nacional, para preenchimento da vaga deixada pelo fallecimento do General João Severiano da Fonseca.

A Commissão sendo de parecer que não podia dispensar um auxiliar, submetteu em sessão de 17 de abril o seu alvitre, que foi approvado, bem como a indicação do nome do Sr. Henrique Romaguera, empossado no dia 19.

Este funccionario, plenamente habilitado, tem correspondido á espectativa e havendo percorrido a Bibliotheca Nacional tirou perto de 5.000 bilhetes segundo o modelo adoptado pelo Congresso de Geographia reunido em Berna no anno de 1891.

Sendo todo o principio difficil, é de crer que no anno proximo vindouro o Sr. Romaguera, com a pratica adquirida, trabalhará ainda com maior proficuidade.

O Instituto foi bastante procurado por pessoas que aqui vêm consultar obras manuscriptas, mappas e os volumes de nossa *Revista*:

Senadores, Deputados, Eclesiasticos, Officiaes de mar e terra, Engenheiros, Advogados, Medicos e Diplomatas, taes como o Secretario da Legação Argentina e Addido Militar da Legação Americana, os quaes muito interesse vão tomando pelas cousas do Brasil, sobretudo as questões referentes as minas.

Do nosso Archivo tem sido copiados diversos documentos ácerca de limites de varios Estados e uma galeria de antigos

Ministros de Negocios Estrangeiros tem sido feita com o contingente dado a um jornal d'esta Capital.

Apezar da benevola subvenção dos Poderes Publicos não póde ainda o Instituto alargar, como desejára, a esphera de sua acção.

As receitas apenas cobrem as despezas.

Continuamos, porém, a possuir 67:200$ em apolices da Divida Publica e 30 apolices do Emprestimo Municipal, não se fallando nas cinco apolices, especialmente destinadas as despezas da commemoração do 1º Centenario da Independencia do Brasil.

O Instituto, por casual coincidencia notada pelo Sr. Capitão de Mar e Guerra Francisco Calheiros da Graça, celebrou a sua sessão ordinaria a 28 de outubro ; ora, nesse dia completava-se um anno em que esta Associação prestou homenagem ao Chefe da expedição belga ao Polo do Sul e o nosso referido consocio apresentou uma proposta, unanimemente approvada, para que na acta d'aquella sessão fosse lembrado o nome do Sr. Adrien de Gerlache, que na dita hora, como o promettêra, teria hasteado a bordo do *Belgica* a bandeira do Brasil.

Associando-se aos applausos geraes de todo o mundo civilisado, endereçados á Nação Portugueza, que no anno que vae expirar resolveu festejar, como esplendidamente fez, o 4º Centenario da descoberta do caminho da India, o Instituto nomeou uma commissão composta de seus socios Conselheiros Thomaz Ribeiro, Antonio Ennes e Brito Aranha para representa-lo em Lisboa, nas festas dedicadas á memoria de Vasco da Gama.

Além d'isso, em 20 de maio, realizou o nosso Instituto uma sessão solemne em honra ao assignalado Argonauta Luzitano.

Não obstante o máo tempo e de haver uma outra festa congenere quasi á mesma hora, a sessão do Instituto foi brilhantissima pelo concurso de pessoas gradas que aqui vierão, sendo para salientar a presença do Sr. Conselheiro Camello Lampreia que n'esta noite recebeu o diploma de nosso socio honorario.

Abrio a festa o nosso Presidente, que em uma bella allocução explicou o motivo por que o Instituto se associava do coração ás festas d'esse centenario, que tanto se liga aos primeiros factos da historia do Brasil.

Seguio-se com a palavra o nosso illustrado consocio Dr. Aristides A. Milton, que, avisado á ultima hora para substituir o nosso orador, leu um elóquente discurso, bello pela fórma e substancioso no fundo.

Succederam-se na tribuna os Srs. Marquez de Paranaguá, em nome da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, Dr. José Maria Velho da Silva, Dr. Duarte Moreira de Azevedo e Santa Anna Nery.

D'esta esplendida festa, deu noticia circumstanciada o *Jornal do Commercio*, no dia immediato, e o Instituto em memoria d'ella transcreverá nos seus annaes a respectiva acta.

Approxima-se tambem o 4º Centenario da descoberta do Brasil; a primazia de festejar esse feito pertence sem contestação ao nosso Instituto, o qual já em sessão de 27 de setembro de 1896 lembrára a conveniencia de ir-se pouco a pouco reunindo os elementos para levar a termo essa patriotica commemoração.

A 1º de julho ultimo foi nomeada uma commissão formada com os Srs. Conselheiro Manoel Francisco Correia, Marquez de Paranaguá, Barão de Loreto, Barão de Alencar e o 1º Secretario para organizar o programma.

Sendo, porém, formada por iniciativa do Club Naval uma grande commissão patriotica tal qual a ideara a commissão do Instituto, resolveu ella restringir o seu programma de accordo com os seus recursos proprios.

Este foi apresentado ao Instituto e approvado como consta da acta.

Não ignoraes como a fatalidade nos arrebatou preclaro historiador, que com tanto enthusiamo abraçára a idéa de festejar-se este 4º Centenario, promettendo todo o seu apoio de conformidade com os conceitos lançados em um bello trabalho, que foi por elle lido em sessão e dado á imprensa.

Com a linguagem da franqueza, propria do seu caracter, o General Couto de Magalhães, cuja perda lamentamos, havia promettido chamar a si as despezas, avaliadas em 10 contos de réis, para a realização da parte do programma por elle indicada.

As associações como as nossas não celebram essas grandes festas historicas da humanidade com o ruido da musica, nem com o

espocar dos foguetes, cuja lembrança se perde nos dias seguintes; a exemplo do que se fez com Christovão Colombo, o Instituto Historico e Geographico Brazileiro tem no seu archivo material bastante para, posto nas mãos dos seus socios, ser confeccionado um modesto, util e apreciavel monumento que possa ser guardado até á ultima posteridade, como eloquentemente diz a citação outr'ora impressa no rosto de sua *Revista*.

Por uma associação de idéas patrioticas, em 1922 celebrar-se-ha o 1º Centenario da Independencia do Brasil, e o Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, com a generosidade muito conhecida de todos, nos offereceu cinco apolices municipaes do valor de 200$ cada uma, para serem capitalisados seus juros e convertidos em titulos identicos, afim de constituir um fundo destinado ás despezas da sessão solemne, que em 7 de setembro de 1922 pretende realizar o nosso Instituto.

Oxalá se cumpram as solemnes palavras que, apoiado em Humboldt, proferio o Sr. Conselheiro Correia na occasião de dar ao Instituto mais essa prova do quanto lhe merece a nossa Associação.

O dia de hoje é destinado a pagar dividas de gratidão e a maneira por que o Instituto sabe cumprir esse dever agora mesmo o presenciastes, na sagração solemne com que o nosso illustre Presidente acabou de inaugurar os bustos de dous benemeritos d'esta instituição, o eximio litterato Joaquim Norberto de Souza e Silva, que desde moço dedicou as energias do seu coração, em prol do nosso Instituto, e aquelle que, conhecido por Luiz Pedreira do Couto Ferraz, Visconde do Bom Retiro, foi um dos primeiros estadistas d'esta terra. D'esse modo fica completa a galeria dos nossos finados Presidentes.

Em breve será inaugurado o busto de outro nosso distincto consocio, o Senador Dr. Candido Mendes de Almeida.

A outrem cabe a missão de fazer o elogio historico dos valentes batalhadores que a morte fez desertar das nossas fileiras no anno cadente.

Por esse modo ireis ter a conpensação do tempo que perdestes ouvindo a pallida relação das occurrencias sociaes do anno de 1898.

Antes de terminar, permitti que vos communique ter o Instituto conservado as portas cerradas no dia 5 do corrente, anniversario da morte de seu protector immediato o Sr. D. Pedro II, que desde a sua mocidade até os ultimos momentos da vida se lembrou da Instituição á qual dera tão decidido apoio.

Sete annos são passados e a saudade do Instituto cada vez augmenta, quando se percebe que arrefecidas as paixões, inteira justiça ha de ser feita ao patriota brazileiro, que, longe da Patria, dorme o somno derradeiro nos sarcophagos de S. Vicente de Fóra.

DISCURSO

DO

ORADOR DO INSTITUTO

DR. JOAQUIM AURELIO NABUCO DE ARAUJO

ELOGIO DOS SOCIOS FALLECIDOS NO ANNO DE 1898

Este anno, senhores, o Instituto Historico pagou um bem pesado tributo á morte: primeiro, Garcez Palha e Pereira da Silva; em seguida, Couto de Magalhães e João Mendes de Almeida; por ultimo, o Padre Bellarmino. Estes nomes mostram em que extensa área o Instituto vae buscar os seus associados e tambem o igual apreço que, uma após outra, as gerações que se succedem têm pela sua escolha. Em nossa barca funeraria estão desta vez representadas entre as cinco sombras que a guarnecem não menos de cinco regiões distinctas do paiz, e ainda maior numero de vocações, porque todos elles representaram mais de um papel na vida. Entretanto, senhores, se esses nossos saudosos consocios eram por profissão, gostos, espirito, matizes provincianos ou proprios quanto possivel dissemelhantes, todos têm o mesmo ar de familia, que é o vosso, o do Instituto...porque a verdade é que todos aqui se parecem. Desprezadas as circumstancias fortuitas, a influencia da carreira de cada um, do meio a que se teve de adaptar, e que, portanto, reflectem, todos elles sentirão a mesma inclinação para o passado, o mesmo desejo de viver a vida extincta da sua terra ou da sua classe, em épocas que para todos elles já pertencem puramente á imaginação. Tomae os quadros navaes.

Garcez Palha, os perfis historicos, de Pereira da Silva, as chronicas de João Mendes de Almeida, as excavações indigenas de Couto de Magalhães, e a ancia de illustrar-se no meio de vós e de vos ser util do Padre Bellarmino; não vos parece tudo isso a divisão do mesmo trabalho em serviços e especialidades diversos, a mesma actividade da colmêa? Observando bem, não acreditaes que o conviver com outra geração, entre outros costumes, outras idéas, outro modo de ser, foi a aspiração occulta de cada um delles? que nesse sentido elles pertencem, como vós á ordem dos espiritos semelhantes á hera que se prende de preferencia ás ruinas?— Elles agitaram-se longe deste recinto; mas, era no Instituto que estava para elles a paz e a serenidade; era a esta sombra que se acolhiam quando pensavam em deixar um nome ou crear uma obra que lhes sobrevivesse algum tempo... E' isso que lhes dá a todos a physionomia que chamei vossa, a dos devotos do velho Brazil, para os quaes o Instituto será sempre o primeiro santuario, quando mesmo deserto e silencioso.

GARCEZ PALHA

O primeiro, Garcez Palha, é Official de Marinha; tem o fogo sagrado da sua vocação, fogo que o consôme e calcina. E' um inspirado do mar, da eterna sereia, que só ama os heróes; um apaixonado de sua classe, apaixonado vibrante, que soffre e se contrae dolorosamente diante do indifferentismo exterior, da distancia a que a vida actual se colloca, quasi que systematicamente, de tudo que pareça epico, do que possa dar ao organismo a emoção impessoal, a sensação do inconsciente, da combustão em qualquer das chammas divinas — para elle, a Patria. E' por essa paixão, seu sentimento dominante, que escreve as *Ephemerides Navaes*, *A Marinha de Guerra na luta da Independencia*, os *Combates de Terra e Mar*; que reanima a Bibliotheca e funda o Muséo da Marinha; que rege na Escola Naval a cadeira de historia e tactica do mar; que redige a *Revista Maritima*; que traduz os *Aphorismos Militares* de Fincatti, e tantas outras licções de mestres, para uso da nossa Armada... E' um discipulo aproveitado dos seus chefes, os que se illustraram na guerra do

Paraguay, aproveitado, porque tem em grão superior a faculdade eminente que fórma as grandes escolas: a veneração; não é um presumpçoso que se acredite ponto de partida de uma serie; sua ambição é que não venha a morrer nelle mas, que passe além, por seu intermédio, a tradição, que foi posta a prova e produzio grandes feitos, deixou grandes nomes. Sabe aferir o valor dos Commandantes, medir a envergadura de cada um; distingue tão bem, como se se tratasse apenas de differençar a escuna do brigue ou uma bandeira de outra, quem é proprio para obedecer de quem é proprio para mandar, o que saberia preparar, coordenar a victoria do que poderia em um impeto arranca-la ao inimigo, o homem da disciplina do homem do momento...e como não é um ambicioso precoce, nem um intrigante ousado, mas, um enthusiasta, dedica-se ás figuras que o fascinam, e que são aquelles a quem no seu entender se poderia com mais segurança entregar a honra da classe, ou no momento do perigo o pavilhão que responde por este immenso territorio. Como official de Marinha, Garcez Palha póde ser julgado pelas suas admirações.

Infelizmente são profundas as influencias que impedem em nosso paiz, desde longo tempo já, a crystalisação perfeita da vocação desinteressada, qualquer que seja, militar ou religiosa, litteraria ou scientifica. As vocações chamadas desinteressadas não o são tanto que se contentem sómente com a realisação do seu ideal; em regra ellas precisam encontrar sympathia, conforto, estimulos; precisam da presença, do interesse dos espectadores, de sentir que os applausos, a approvação, são espontaneos, sinceros e competentes... A Marinha, como o Exercito, soffre ha muito entre nós, de doenças, algumas dellas até parasitarias, que fizeram desanimar ou aberrar muitos dos que entraram nella com verdadeiro enthusiasmo e abnegação; mas, o naufragio das carreiras que mais promettiam, o eclipsar-se de mais de uma estrella em que Garcez Palha adivinhava o centro de um futuro systema, não quer dizer que elle se enganasse sobre o valor das vocações... Quer dizer, apenas, que elle conhecia melhor a theoria do genio e da coragem do que a physiologia das paixões e que no calculo da orbita de cada um prescindia das intervenções

externas, fosse o patronato, fosse a revolução. Seu instincto, porém, era seguro. O Commandante que o attrahisse, o inspirasse, podeis estar certos, tinha em si o magnetismo da gloria, quando mesmo ainda não revelada. Em quasi todos, entretanto, a revelação se tinha feito; traziam um nome ou um titulo que lhes tinha sido dado pelas balas inimigas.

Para um homem assim, deve ter sido uma cruel provação o ter atravessado a mais critica de todas as phases para a nossa Marinha... Esperemos, senhores, que a lembrança desses antagonismos e dessas dilacerações se apague de todo... Esse, estou certo, era o supremo desejo de Palha. Uma Armada dividida entre si, um Exercito incompativel com ella, querem dizer, qualquer que seja a responsabilidade, sempre litigiosa dos factos, annullação do paiz perante o estrangeiro, o seu indifferentismo pelas defesas nacionaes, isto é, por sua propria soberania. E' preciso, disse o grande pensador americano Emerson, tanta vida para conservar como para crear. Está-se sempre em perigo, em situação delicada, á borda da destruição, e não se póde escapar senão pela invenção e pela coragem. E' este o sentimento que eu tenho hoje da nossa independencia; para conserva-la é preciso a mesma providencia, a mesma energia, a mesma resolução heroica, que foi preciso para crea-la: para dizer toda a verdade, é preciso ainda mais, muito mais. Antigamente havia o equilibrio europeu; hoje trata-se do equilibrio do globo. O Velho Mundo se está tornando extraordinariamente compacto e nós estamos terrivelmente dispersos. A soberania das nações, como a do povo, o direito e as outras chimeras desse genero que o *seculo da liberdade*, que está acabando, ideou na sua adolescencia ao sahir da luta napoleonica e amou na sua madureza, agora na sua velhice parecem esvaecer-se entre os sarcasmos e a irrisão dos fortes, como a ultima ingenuidade dos fracos. E' desse ponto de vista que devemos conjurar as nossas divisões mais profundas... Archivemos esse doloroso episodio em que está, talvez, o germen fatal que roubou á Marinha Garcez Palha, como lhe roubou tantos outros. Napoleão dizia em Santa Helena: « O successo da minha carreira consistio em ter eu sido sempre uma amnistia viva. » A amnistia politica, porém, mesmo a mais sincera e leal, ainda não

é a perfeita; a perfeita amnistia é a da historia... Aqui, senhores, não entram as paixões, que azedam as fontes de todas as causas e os motivos ou pretextos de todas as lutas... Nós esterilizamos os acontecimentos antes de os usarmos.

Talvez, por esse mesmo sentimento de que para defender a nossa posição, a nossa Marinha de Guerra precisará igualar e mesmo exceder o esforço da Independencia, foi que Palha pensou em escrever a biographia do Marquez de Tamandaré, cujo valioso archivo lhe foi confiado. Tamandaré, Joaquim Marques Lisboa, é o elo que prende a Marinha daquella época á da guerra do Paraguay, como Caxias o que prende os Exercitos dos dous periodos... No meio da angustia mortal pelos soffrimentos de sua classe era uma consolação para Palha, reviver os dias brilhantes de outr'ora, sobretudo os da Independencia, posta fóra de questão pelos navios de Lord Cochrane, o Lafayette sul-americano, o heróe da emancipação brazileira como da chilena, o qual transmitte no seu influxo a essa possante cadêa dos Grenfell, Taylor, Jewett, Sheperd, Crosbie, Clewleg, Norton, Hayden, Manson, Eyre, Inglis, Parker, Carter, Steel, Browning, Thompson, Mac-Erwing, Cowen e outros, deixando em nossa Marinha a indestructivel tradição ingleza que a manteve e á qual directamente se filiará o golpe de Francisco Manoel Barroso no Riachuelo... Em Marques Lisboa, Palha encontrava a tradição de disciplina, de vigilancia, de intelligencia, de altivez, de audacia, de valor, dos que se formaram naquella grande escola... Era um prazer, que todos já anticipavamos, esse de ler a vida de Tamandaré, contada pelo biographo escolhido por sua digna filha... A morte, porém, o sorprendeu quando começava a recolher as reliquias para as quaes tinha de cinzelar a urna, e elle passou por sua vez, deixando em todos a impressão de que a Marinha perdera nelle um dos seus filhos queridos, talvez da nossa geração o que maior zelo tinha por suas tradições e seu explendor... Aquelles que o conheceram de perto apreciaram-no pela constancia e inteireza de sua lealdade para com ella, o que quer dizer que sua vida merece não ser esquecida na Escola em que se formam os nossos Aspirantes... Ella é a melhor lição que elles possam receber...

PEREIRA DA SILVA

Essa nova phase da Independencia, senhores, foi tambem a que mais fascinou a Pereira da Silva, que se fez seu historiador e que por isso recebeu do seu tempo o titulo de historiador nacional. Com effeito, depois da morte de Varnhagen, é elle quem arrecada essa grande herança jacente. A obra historica de Pereira da Silva começa do nosso passado colonial com o *Plutarcho Brazileiro*, encerra quadros do seculo XVI, como *Jeronymo Côrte Real*, e do seculo XVII, como *Manoel de Moraes*; é insistente na figura de Thomaz Antonio Gonzaga e na Inconfidencia; mas, toda essa primeira parte é fragmentaria; onde elle constróe o bloco é da Independencia até os nossos dias, pela *Historia da Fundação do Imperio*, a do *Segundo Periodo do Reinado de Pedro I do Brazil*, a da *Menoridade de D. Pedro II*, e por ultimo as recentes *Memorias de meu tempo*, que vem de 1840 até quasi a sua morte. E' uma obra extensa, como se vê, pois vem seguidamente de 1800 a 1886. Dessa obra póde-se dizer que não ha outra igual; quem não quizer recorrer a ella tem que possuir uma verdadeira bibliotheca, porque ninguem mais escreveu a narração seguida dos acontecimentos desde antes da Independencia até o fim quasi da Monarchia.

Para o primeiro reinado póde-se trocar Pereira da Silva por Armitage, e para os annos que precederam a Independencia por Varnhagen; mas para o periodo da regencia e depois? Qual será, porém, o lugar dessa historia na posteridade?

E' um lugar provisorio, permitti-me dizel-o, porque nesse trabalho todo ha antes juxtaposição que elaboração e não ha critica, nem criterio certo; mas, nem porque terá de ser substituida, deixa a obra de ter valor relativamente á sua época, á nossa época, em que nenhum outro se abalançou a fazer o que elle fez e que era preciso fazer. De certo, com o seu modo de compor, e alem disso de corrigir as provas, numerosos enganos de datas e de factos inçam os seus volumes; elle escrevia historia em viagem, em hoteis, nas escrivaninhas dos Bancos, e, naturalmente, com esses habitos nomadas, não podia recorrer a bibliothecas e archivos, nem sequer a livros de consulta; feitas, porém, essas e outras concessões á

critica, os seus volumes são ainda o melhor apperitivo que existe entre nós para os que teem que estudar a historia. Reconhece-se, lendo-o, que elle ignorava muita cousa ; mas reconhece-se tambem a massa ainda maior do que todos ignoram e que elle sabia... Ao menos elle tinha noção de todo esse passado, de todas essas figuras. Se forão diversas do que elle as desenhou para o povo, pelo menos não ficarão esquecidas. Que mais poderia elle aspirar? Escrever uma obra definitiva, de informações precisas, de vistas originaes, antes que ser um simples batedor da historia? Elle diria que cada um tem a sua missão ; a delle, por gosto e temperamento, era outra. Póde-se fallar delle com a liberdade com que elle fallou de Rocha Pitta, cujo papel tanto eleva. No seu ensaio sobre o illustre bahiano, Pereira da Silva exigira para o verdadeiro historiador tantos predicados, que se comprehende que elle desistisse de o ser e tenha preferido a narração rapida dos acontecimentos á authenticação de cada um, á reconstrucção organica, cellular, da raça, da sociedade, dos personagens, das instituições, que é o que faz um Mommsen, um Curtius, um Fustel de Coulanges. Elle era sómente um vulgarisador, mas, um vulgarisador convicto ; o que queria era ser lido pelo maior numero ; que a massa tivesse a mesma impressão que elle, as mesmas imagens que recebia ao manusear rapidamente o passado. Tinha a alma de um impressor, de um Guttenberg, antes que a de um Niebuhr.

O nosso illustre consocio soffreu como escriptor as consequencias da sua avaliação por demais modesta de si mesmo. Não teve toda a ambição que podia ter mostrado e que nelle seria justificada. O que falta em sua obra é o estylo, que elle mesmo tão bem definio — « o mysterio do escriptor ». Não fez escolha nem de idéas nem de expressões ; no entanto, em muitas paginas vê-se que só lhe faltou para ser um escriptor o tempo de sel-o, a pausa no escrever ; que só não foi um estylista porque quiz ser um desenrolador de factos; que só o indifferentismo pela fórma o impedio de tel-a. Póde-se acaso censurar essa indifferença ? E' muito difficil dizel-o. Nós podemos enganar-nos, e isso acontece a todos, sobre o valor das nossas proprias qualidades ; imaginar que o que tem o nosso cunho viverá por elle, quando este cunho

nenhuma originalidade tem, e por outro lado podemos pensar erradamente que não temos fórma, que não podemos aspirar a ter a nossa propria marca, que o melhor que podemos fazer, é dar as nossas impressões das cousas, dos factos, dos personagens, para que outros as aproveitem e modelem. Pereira da Silva enganou-se deste ultimo modo... Eu estou convencido de que se elle se apreciasse melhor, teria deixado trechos que seriam lidos por tanto tempo quanto muitos dos que elle tomou de outros e imbutio em suas obras, e teria deixado retratos que viveriam pelo traço do pintor. Ninguem fallou melhor do que elle de D. Francisco Manoel de Mello, essa grande figura do seculo XVII, nem do Padre Vieira... Ha movimento nos seus quadros, como, por exemplo, o da côrte de D. Maria I; ha nelle um homem de gosto, um homem de espirito, e tanta imaginação quanta é precisa; tem, porém, só o prurido, não a ambição litteraria. Dae sua obra a um artista para refundil-a e ficareis surprehendidos... O panno é bom, é superior; o feitio é que é sempre o mesmo; seus personagens vestem-se todos de roupas feitas; elle não toma a medida a nenhum. E' um armador que não muda nunca o estylo das suas sanefas... Não ha negar, elle teve certa prevenção contra esses a quem chamou de *escriptores excellentes e máos historiadores*, comprehendendo nelles a Tito Livio e João de Barros. O que elle faz nos differentes livros, de que seu nome parece hoje viver, é macerar, castigar o poeta, o *dilettante* que se encontra nas obras de sua mocidade, quando elle voltava de Weimar, traduzindo Schiller. Nestas reconhecereis, por vezes o tom de *Adolphe*, de *Werther*, de *René*, e sentireis que só dependeu delle aprofundar o seu proprio «mysterio» para ser um escriptor, confiar nas faculdades desconhecidas que tinha em si...

Sua escolha, entretanto, foi talvez a melhor... Se elle não é procurado pelo homem de lettras que se deleita em uma forte pagina, em um traço profundo e illuminado, como o de um Burckhardt, é um companheiro util para quem quer travar conhecimento com o nosso passado, um *cicerone* habil... Sua vida foi assim utilissima; elle distribuio o pão da historia aos milhares; são poucos os que sabem mais do que elle nos en-

sinou ; elle é o mestre de primeiras lettras da nossa historia constitucional, unica aula que ellas tiveram até hoje... E quando teremos outra ? Quando apparecerá o espirito capaz de rever e de refazer a obra de Pereira da Silva ? Não será de certo tão cedo, e até lá elle ficará sem competidor... Não temos mais o espirito que suscita o historiador nacional ; nem o interesse, a curiosidade publica que este satisfaz. Não é pela agitação em que tenhamos acaso entrado, porque a agitação é ás vezes vivificante ; é pelo esgotamento da imaginação e pela tal qual fluctuação do sentimento de patria... Nesse sentido, com a morte de Pereira da Silva ficará por muito tempo vago o primeiro *munus reipublicæ* de nossas lettras, a sua mais bella dignidade.

COUTO DE MAGALHÃES

Couto de Magalhães é antes o homem da nossa pre-historia, como se diz hoje. De certo ha nelle outro traço profundo e o enthusiasmo por tudo que é militar, que diz respeito ao Exercito ; mas, o que lhe escravisa a imaginação, constitue aos seus olhos o seu eu, sua causal, e se torna o *cartouche* de seu hieroglypho intimo, é a fascinação pelo mundo aborigene, o amor por todas as gradações do sentimento, da alma primitiva, em suas misturas com outras raças.

O que faz a toada do seu ouvido, o que elle retém como a expressão do seu proprio sentimento são algumas «quadrinhas» todas ellas (a phrase é delle) « ouvidas entre milhares de outras, quando nas longas viagens, nos ranchos de S. Paulo, nas solitarias e desertas praias do Tocantins e do Araguaya ou nos pantanos do Paraguay, meus camaradas ou os tripolantes de minhas canôas mitigavam com ellas as saudades das familias ausentes, ou as tristezas daquellas vastas e remotas solidões. » Outros, a brilhante geração sua contemporanea na Academia, tem espirito cheio dos versos de Lamartine, de Victor Hugo, de Musset, de Vigny ; para elle o seu poeta favorito, o seu Gonzaga inedito e intraduzivel, é o sertanejo cantando ao silencio da natureza a ingratidão do amor.

Quanta laranja miuda;
Quanta florinha no chão;
Quanto sangue derramado
Por causa dessa paixão...

E' essa a poesia que elle leva na alma por toda parte... Visita os castellos da Escossia, e vendo dansar nos solares da velha nobreza dos Stuarts o *scottish gig*, sente que não tenhamos o mesmo patriotismo do escossez, que não se danse mais o *cateretê, essencialmente paulista, mineiro* e *fluminense*, tão *profundamente honesto e religioso*, que elle o filia a Anchieta... E como a dansa, a agilidade na lucta, o arremesso e a fuga do corpo, que elle vê representada pelo capoeira, cuja arte elle quizera ver ensinada em nossas escolas militares como a arte nacional. Preferiria dizer Iguassú a dizer Rio da Prata, Paraná-pitinga a dizer Amazonas, Pindorama a dizer Brazil. Sacrifica a Anhangá, o genio da caça, como Socrates a Esculapio.

Que será, senhores, uma aposta comsigo mesmo, ou a inspiração da terra, da vida, do ambiente, da alma das florestas, dos rios, da solidão; a conquista do interrogador pela esphinge que elle foi descobrir, do curioso pelo segredo que se lhe revelou? Todos nós trazemos, como o gaulez, um collar; — o do maior captiveiro da imaginação. Onde a imaginação ficou presa, ahi ficou o homem... Em um certo sentido, todo o aborigenismo de Couto de Magalhães é uma fantasia... A alma que elle empresta ao selvagem não é a alma rudimentar; é a interpretação do fundo primitivo por um civilisado, que entra nas aldêas do Araguaya cheio de idéas de anthropologia, sociologia, mythologia zoologica, *folk-lore*... Não se póde impunemente recuar na evolução humana, fazer-se adoptar por uma tribu selvagem, como Clodio se fez adoptar pela plébe... Essas fórmas intensas de vida primitiva de nossa propria determinação são sempre aberrações perigosas... Ainda nos desertos do Oriente ha o grande scenario da Biblia, ha a grande poesia de uma civilisação completa, que a certos respeitos não foi excedida; ha uma das grandes soluções do problema divino, o unico. Comprehende-se um Wilfrid Brunt, um Buston, um Palgrave. Entre os indios, porém, na nossa selva, quando não ha a grande vocação do catechista, que trabalha para

Deus, do naturalista, que trabalha para a sciencia, que estimulo, que alimento ha para a nobre vida moral do homem ?

Couto de Magalhães não se tornou, de certo, um Robinson Crusoé ; esteve sempre ao alcance do vapor, da estrada de ferro, do telegrapho, com o seu livro de cheques no bolso. Era um falso desterro. Elle dominou o seu interesse pela vida selvagem com a sua curiosidade pelas cousas da intelligencia... Voltou da floresta com o espirito industrial, que lhe trouxe a riqueza, a qual de certo foi para elle uma poderosa diversão. Nos ultimos annos praticava o indianismo não mais nas cabeceiras do Tocantins, ou nos proprios dominios do Caapora e do Curupira ; mas, em S. Paulo, á margem do Tieté ou no Club da Caça e da Pesca, cujas collecções historica, militar, anthropologica, reflectem a extensa variedade dos seus gostos e conhecimentos... Pela imaginação, elle amou sempre mais que tudo o indio ; o indio foi o seu *cherimbabo* (o animal que o indio cria), amou-o tal qual é. « Cada tribu, disse elle uma vez, que nós aldeamos é uma tribu que degradamos, e que por fim destruimos, com as melhores intenções, e gastando o nosso dinheiro. » Somente o seu espirito era variado de mais para ceder todo a essa paixão, que aliás, como eu disse, dá o cunho á sua vida.... Foi um homem de cultura, a quem todas as revelações interessavam... Ainda ha pouco o seu programma para a celebração do nosso 4º centenario mostrou a originalidade e inventiva que desde o seu livro — *O selvagem*, o destacavam de todos...

Nenhum outro livro dá como esse a impressão magestosa e solemne do Brazil desconhecido e impenetravel, cujas fumaças elle divisou do alto da esplanada do Paredão... Elle foi mais do que pensava ser, mais que o Ollendorf do nehengatú: foi a *ædes* das lendas tupys... Nem mesmo Gonçalves Dias respira como elle, o ardor, o enthusiasmo dos guerreiros da taba... E' uma figura, senhores, que pertence ao romance americano e que só Capistrano de Abreu e Fenimore Cooper poderiam juntos reconstruir...

Elle pertence ao Instituto como actor e como autor ; como actor porque fez historia, como autor porque a escreveu... Seu passo está ainda intacto em porções desertas do nosso interior ; circum-

navegou o Brazil a léste do Araguaya e do Tocantins: percorreu as duas grandes bacias, a do Amazonas e a do Prata, e como que as ligou ; o seu nome está associado á campanha que retomou Matto-Grosso aos paraguayos, e da qual elle teve a responsabilidade. Foi um semeador de vida, um motor ambulante ; por onde passava fazia apparecer a actividade, o movimento, a idéa... O seu contagio era o da perenne elaboração do espirito. André Rebouças pôde comparal-o a Livingstone e dizer que homens como elle appareciam de seculo em seculo. Se a morte não o houvesse levado tão cedo em toda a força e robustez do rejuvenescimento a que assistiamos, não se póde dizer o que a anthropologia brazileira não teria devido ao seu emprehendimento, á sua invenção, á sua munificencia... Era uma intelligencia dotada de fortes e delicadas antennas, recolhia innumeros factos, penetrava-se de sciencia e de erudição á vontade, quando queria, sem que isso lhe custasse. Dependeu de muito pouco o não ter elle sido um *leader*: pelo temperamento e pelo caracter era um iniciador, um progressivo, um inimigo do atrazo, um emancipador, um liberal, e teria sido com esses predicados um segundo Tavares Bastos, com a imaginação a mais, se o tivesse querido. Outras cousas, porém, encantaram-no mais do que a politica, e elle verdadeiramente nunca entrou nella: preferiu ser o que foi, um dos brazileiros mais interessantes do seu tempo, mais originaes, mais notaveis, do ponto de vista universal.

DR. JOÃO MENDES DE ALMEIDA

Bem diversa dessa combinação singular era a do Dr. João Mendes de Almeida. Neste o que predominava era a identificação da figura com o quadro; era a exuberancia da vida objectiva, sem nada que o atrahisse para fóra do seu elemento, que diminuisse o seu orgulho, a sua felicidade, de perfeito exemplar de sua raça. E' que elle, desde que começa, vive da vida dos camaradas, dos desconhecidos, com quem se allia para fazer carreira e servir o partido. Attrae dedicações, inspira sacrificios, pede ao amigo, ao correligionario, ao transeunte, tudo que elles lhe podem dar — o voto ; mas em compensação escravisa-se a elles, e o seu

sacrificio por elles é absoluto. Elle é quasi sempre um rebelde; faz vida politica á parte, tem a sua esphera de influencia exclusiva, trancada, hostil a qualquer intervenção, e um voto dado a elle póde custar ao eleitor a perda ou renuncia do emprego, o que quer dizer a miseria; mas elle recolhe toda essa pobreza ao seu patronato, são seus clientes, a sua *gens* cresce enormemente á medida que o ostracismo dura, e mesmo para elle nunca a prescripção se interrompe... O povo assiste annos seguidos a essa sua existencia de cousa publica; elle não tem vida propria, não póde fechar a porta, não tem horas de comida, não tem direito ao somno; só ha de descansar, morrendo; e é esse indiviso do chefe com a grey, com os que valem só por elle, durante as duas gerações em que S. Paulo de pequena *ædes* academica, attinge a actual culminancia; é essa communhão perfeita que erige por sua morte no frontispicio da cidade o seu brazão popular. Elle é um desses chefes por nascimento, que tem consciencia do seu poder de attracção, um desses que devem ter em redor de si um fluido especial, que os Roentgen do futuro hão de poder photographar, que os torna centros, magnetes de grande força, que lhes dá uma extensa cauda, mesmo quando atravessam, como os cometas os espaços glaciaes e vasios, épocas de indifferentismo e abatimento. No fundo elle seria sempre um nucleo de resistencia a todos os partidos, porque pela sua impregnação catholica, de partidario do *Syllabus*, que confessa e predica, teria sempre pela frente partidos, progressistas, para elle mais ou menos revolucionarios, mais ou menos scismaticos. Só com a queda da Monarchia veria todos os da sua opinião curvar-se ao seu prestigio; só tem jurisdicção, quando fica chefe *in-partibus*, porque então ninguem mais lhe disputa o dominio... A um partido que não pleiteia o poder, que se limita a não se immiscuir na politica, a abdicar, elle póde dar leis sem receio de contestação. Dahi, porém, nelle que era por essencia um lutador, um combatente, a transformação que causa esta ultima phase!... A irrealidade da nova luta, insensivelmente o penetra; acreditando-se ainda um politico, elle se vae tornando pouco a pouco um vidente, um propheta. Com effeito, senhores, a politica é a transformação continua e quem não quer mudar, acompanhar o tempo, logo se petrifica...

Quem faz da politica uma religião, sae della ; é um anachoreta ; póde ser um stylita, viver sobre uma columna ; não está mais no fluxo e refluxo da opinião, no vortice da corrente... E' uma bella divisa o *manet immota fides* de João Mendes, mas não é um lemma de bandeira... *C'est beau, mais ce n'est pas de la guerre!* E' bello, mas não é mais politica.

O homem publico que prefere resolutamente, como preferia, acima de tudo o interesse da Igreja, tem que se inspirar só na politica do Evangelho. Sabeis qual ella é. E' muito simples. E' dar a Cezar o que é de Cezar, para que elle dê a Deus o que é de Deus. O catholico militante em politica, como João Mendes, não póde ser inimigo por systema de instituição alguma ; só o póde ser accidentalmente. Se abre mão *in-perpetuum* da alliança com os poderes de facto, não está impedindo Deus de ter alliados, de servir-se dos instrumentos que elle mesmo suscitou ?... Não se póde ter dous senhores quando se serve a Igreja. Por mais que lhe custasse, elle tinha que preferir um Garcia Moreno a um D. Pedro II... Elle só podia querer a Monarchia como restauradora da fé; *senão, não*. A Monarchia para elle não era assim uma fórma de governo sómente ; era um estado social completo, regido pela *Somma* de S. Thomaz. Entre a Monarchia sem ideal catholico, sem a preoccupação da Igreja e a Republica não faria differença. Em substancia, o que elle era, era sómente um catholico ; tudo mais era accessorio ; corollarios politicos que tirava da sua premissa religiosa, meios de alcançar o seu unico *desideratum*. E' desse ponto que se póde medir a verdadeira distancia a que elle se acha, das idéas que hoje se respiram. Elle foi um desses politicos que trabalharam, não por uma época ou por um paiz, mas pela eternidade e pelo homem... Por circumstancias diversas, pelo antagonismo talvez, que encontrou, nunca tendo tido uma parcella de governo, elle refugiou-se no absoluto ; suas soluções tomaram o cunho da intransigencia... A restauração da Monarchia era apenas o prologo que elle imaginava da acclamação que unica tinha o dom de interessar-lhe, a acclamação do Christo triumphante... Os politicos propriamente ditos fluctuam de uma situação para outra, obedecendo á lei da conveniencia e da necessidade ; mas, os que representam a perpetuidade

dos systemas, esses não se podem mover dos seus lugares... A mão de Deus como que pesa docemente sobre elles, para os conservar até a morte na posição que devem occupar perante as futuras gerações...

O Instituto soffre, senhores, uma perda sensivel com o Dr. João Mendes, que enriqueceu a sua *Revista* com importantes memorias... Elle só foi *A Guarda Constitucional* de 1871. Seu nome está inscripto no pedestal da lei de 28 de setembro, da qual foi elle dia por dia o analysta. Só quem leu aquelles artigos durante a campanha póde avaliar a utilidade que tiveram; eram como o oleo deitado sobre as ondas em torno do navio, permittindo-lhe romper a salvo a tempestade.

O PADRE BELLARMINO JOSÉ DE SOUZA

Com o Padre Bellarmino estamos, senhores, como que em frente de uma gaiola em que se ouve cantar um passaro do sertão; a gaiola é o sacerdocio; o passaro é a alma nostalgica, leve, melodiosa, que havia nella. Sua bagagem litteraria é muito pequena... é a descripção de uma visita do Bispo do Ceará em 1884, ao sul da Provincia; é a *Breve noticia sobre a fundação da Capella de Nossa Senhora do Rosario na cidade de Souza* e alguns artigos publicados no *Apostolo* e reunidos em folheto... O que elle nos deixou é, porém, profundament e interessante como expressão de uma alma que parece uma pura exhalação da nossa Natureza. Não são mais do que notações muito simples, infantis mesmo, da sua adolescencia e mocidade; mas, são tão distinctas, que reproduzem a emoção do facto, do lugar, da vida intima do povoado... Não é um psychologo que escreve, um observador de si mesmo; são reminiscencias ingenuas como as proprias impressões, mas por isso mesmo suggestivas e preciosas... Sua natureza póde ser comparada a esses campos onde elle cresceu, inteiramente aridos e crestados durante a secca, mas que de repente, ao primeiro orvalho que cae, ao primeiro sorriso do inverno, se cobrem por encantamento de flores. Quando atravessava máos tempos e encontrava o afastamento, a altivez, o escarneo em redor de si ella como que se esterilisava e se empedernia na superficie; desde

porém, que lhe cahia sobre a alma uma palavra de sympathia, que sentia o interesse, o apreço, a bondade procurando-o, toda ella era renascimento, miragens, sensibilidade... Ao Instituto elle não podia trazer contribuições de erudito, de investigador, de sabio, que não era ; dava-lhe, porém, toda a sua dedicação, todo o seu enthusiasmo. Ao ver o seu ardor, dir-se-hia um pequeno David prompto a deitar por terra qualquer grande Golias ; uma palavra, porém, o desarmava. A doçura está em seus sermões, em sua declamação suavemente emphatica, em suas pequenas illuminuras mysticas, no proprio latim, a que elle se affeiçoou. A vida não lhe foi toda ella carinhosa ; mas, elle teve momentos de alegria angelica, e em um desses, por uma graça de Deus, morreu... Morreu sorrindo á Irmã que o tratava na Santa Casa... Estaes vendo o quadro ? Não vos parece, senhores, desses que só Deus mesmo desenha ?

« Não sei por que, escreveu elle, tenho o espirito naturalmente inclinado ás impressões religiosas...» E' que elle nunca sahio da infancia, desse tambem regaço materno, que é a terra do berço.

Elle mesmo refere, como que a tirando do seu sacrario intimo, uma crença da sua cidade de Souza— a lenda das ovelhas guardando a hostia consagrada no lugar onde um sacrilego a abandonou. Sua ambição toda foi ser como uma dessas ovelhas. As grandes instituições, como a vossa, senhores, precisam mais da ternura e do encanto dos simples do que do apuro dos exclusivos e dos refinados. Na sciencia, como na arte ou na religião, em tudo que se alimenta de admiração e enthusiasmo, antes a candura do *badaud*, que o enfado, o enojo do *blasé*... Não devemos aqui estimular o orgulho intellectual, nem ao proprio Instituto serviria a soberba do talento...

Esperemos, senhores, que o anno que entra nos seja mais benevolo e na sua ceifa esqueça este Instituto... Nenhum de nós tem pressa de morrer. Todos queremos assistir á aurora do outro seculo ; ver em que dá toda esta crise que o mundo moderno atravessa. Ganhar tempo hoje em dia é uma grande cousa,

mesmo em relação á morte, porque ella está encontrando por toda parte adversarios, que, se não teem o poder de vencê-la, têm o de faze-la grandemente recuar... Que milagres não têm feito os grandes santos da sciencia, os Pasteur, os Lister, os Roentgen! Com pouco mais sabe-se o que é a vida, e só se morre porque a propria corda divina acabou e não por se ter ella puido. Vivamos muito ou vivamos pouco; porém, trabalhemos até o ultimo momento. Neste sentido os companheiros de quem hoje nos despedimos podem nos servir de exemplo... A realidade da vida é cada um dar até o fim o que foi creado para dar, o bombyx dando a seda, a ovelha dando a lã... Trabalham em vão os que trabalham pensando na gloria. Imaginae um buzio dotado de consciencia, ouvindo o seu eterno ruido, não podendo descançar delle; eis ahi o homem glorioso... Não vos parece isso uma especie de supplicio? O mais prudente é passar pela gloria como a raposa pelas uvas, que estavam altas de mais, e contentar-nos com o dever e o trabalho, que esses nunca estão verdes para quem os quer alcançar... Para o que trabalha a vida em si mesma já é um bello periodo de nomeada; depois vem o da geração que nos sobrevive, depois o dos curiosos, que encontram o nosso nome esquecido em uma revista, em uma capa de livro, em um jornal, e nos descobrem, nos desenterram, até que afinal entramos para sempre no silencio, que é o reino dos humildes... Não vos parece isto bastante? O trabalho não expõe á decepção nem a desastre, e não depende de decreto, de favor, de *coterie*... O nosso, senhores, como corporação, é conservar de pé as paredes deste templo, guardar e augmentar as riquezas do seu thesouro, encarnar, quando o tempo as haja desfigurado, as velhas imagens dos seus nichos...

Ainda ha pouco o Dr. Eduardo Prado observava no Instituto Historico de S. Paulo a estreita relação da nossa historia com os grandes movimentos dos ultimos quatro seculos no mundo, e accrescentava: «Para o cumprimento, porém, do nosso dever de amar e de estudar a historia do Brazil não é preciso que ella seja, como é, bella e grande. Basta ser nossa.» O mundo todo caminha para uma situação de que só hão de escapar as nações patrioticas... Não salvará a nenhuma o ardor de suas paixões

politicas, se a temperatura patriotica, nacional, não fôr thermica, não fôr vital...

Ainda não pesou sobre uma geração brazileira responsabilidade como a que pesa sobre a actual. Nenhuma precisou de tanta prudencia, de tanta abnegação, de tanto discernimento, de tanta coragem, para conservar o seu posto entre as nações. Nenhuma viveu em um tempo como o que está começando, em que toda raça doente do patriotismo é logo uma raça interdicta... O barometro politico está cahindo em toda parte... Pois bem: no meio de tantos naufragios provaveis só o que não sossobrará será o patriotismo. A nação patriotica, sã, profunda, virilmente patriotica, essa, por menor que seja, não desapparecerá... Nesta casa aprende-se a collocar a patria acima de tudo... Aqui está o velho *palladium!* Ah! E' hoje que é preciso recordar o que vos disse em 1854 o vosso magno orador—Manoel de Araujo Porto Alegre: «Um povo só é grande quando tem grandes exemplos e grandes reminiscencias; a palavra reflectora do passado é uma harmonia fugitiva quando não edifica uma virtude no futuro.»

SESSAO DA ASSEMBLEA GERAL PARA ELEIÇOES

Presidencia do Sr. Conselheiro M. F. Correia

Aos vinte e um dias de dezembro de 1898, ás 3 horas da tarde, reunidos os socios Conselheiros M. F. Correia, Marquez de Paranaguá e Barão Homem de Mello, Visconde Rodrigues de Oliveira, Barão de Capanema, e Conselheiro Souza Ferreira, servindo de 2º Secretario, o Sr. Conselheiro M. F. Correia assume a presidencia e declara que, não se achando presentes socios em numero fixado no art. 54 § 2º dos Estatutos, fica marcada nova reunião para o dia 23, ás 3 horas da tarde.

Nada mais havendo a tratar eu 2º Secretario lavrei o presente termo que assigno.

João Carlos de Souza Ferreira,

Servindo de 2º Secretario.

SESSÃO DE ELEIÇÃO DA MESA E COMMISSÕES EM 23 DE DEZEMBRO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro M. F. Correia

A's 3 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Conselheiros M. F. Correia, Marquez de Paranaguá e Barão Homem de Mello, Dr. E. Nunes Pires, Dr. Castro Carreira, Barão de Alencar, Conselheiro Souza Ferreira, Barão de Capanema, Commendador Oliveira Catramby, Conselheiro J. M. F. Pereira de Barros, Dr. Aristides Milton e Commendador M. Archanjo Galvão, assumio a presidencia o Sr. Conselheiro Correia con-

vidando para servirem de Secretarios, na ausencia do 1º, o Sr. Dr. Aristides Milton e na do 2º, o Sr. Commendador M. A. Galvão.

Foi lida e approvada a acta da 1ª convocação da Assembléa Geral, a 21 de dezembro corrente.

Antes de dar-se principio á eleição o Sr. Presidente submetteu a consideração da Assembléa Geral o parecer da Commissão de Estatutos e de Redacção opinando para que se crêe a cathegoria de socios bemfeitores, afim de galardoar os serviços a que se refere o § 2º do art. 12 dos Estatutos, differençando essa especie dos serviços litterarios de que trata o § 1º do citado art.12, a que corresponde propriamente o titulo de socios benemeritos, parecer apresentado na sessão de 25 de novembro proximo passado.

O Sr. Barão Homem de Mello vota contra a creação da nova cathegoria de socios bemfeitores. Não admitte que a contribuição pecuniaria em uma sociedade litteraria deva ser considerada como de maior valor do que os trabalhos litterarios apresentados como titulos de admissão dos socios, na forma dos Estatutos, e insiste neste ponto, A palavra — bemfeitores — tem sentido moral em sua accepção genuina, applica-se propriamente a actos de caridade ou philantropia e como tal só póde ser com justiça empregada em relação aos membros de sociedades pias ou de beneficencia, o que não é o Instituto.

Procedendo-se á votação foi a proposta approvada contra os votos dos Srs. Barão Homem de Mello e Dr. Aristides Milton.

Passando-se á eleição da Mesa e Commissões para o anno de 1899 foram eleitos:

Presidente

Conselheiro Olegário Herculano d'Aquino e Castro.

1º Vice-Presidente

Conselheiro Manoel Francisco Correia.

2º Vice-Presidente

Marquez de Paranaguá.

3º Vice-Presidente

Barão Homem de Mello.

1º Secretario

Henrique Raffard.

2º Secretario

Dr. Evaristo Nunes Pires.

1º Secretario supplente

Dr. Antonio de Paula Freitas.

2º Secretario supplente

Commendador José Antunes de Oliveira Catramby.

Thesoureiro

Dr. Liberato de Castro Carreira

Orador

Dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo.

Commissão de Fundos e Orçamento

Conselheiro João Carlos de Souza Ferreira.
Visconde de Rodrigues de Oliveira.
Commendador José Luiz Alves.

Commissão de Estatutos e Redacção

Barão de Alencar.
Barão de Loreto.
Henrique Raffard.

Commissão de Revisão de Manuscriptos

Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.
Capitão-Tenente Arthur Indio do Brazil.
José Verissimo de Mattos.

Commissão de Historia

Barão Homem de Mello.
Commendador Miguel Archanjo Galvão.
Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro.

Commissão Subsidiaria de Historia

Dr. Jóaquim Aurelio Nabuco de Araujo.
Dr. José Maria Velho da Silva.
Dr. José Hygino Duarte Pereira.

Commissão de Geographia

Marquez de Paranaguá.
Barão de Cápanema.
Capitão de Mar e Guerra Francisco Calheiros da Graça.

Commissão Subsidiaria de Geographia

Dr. Amaro Cavalcanti
Contra-Almirante José Candido Guillobel.
Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares.

Commissão de Archeologia e Ethnographia

D. Joaquim Arco Verde Cavalcanti de Albuquerque.
Dr. Luiz Cruls.
Dr. João Barbosa Rodrigues.

Commissão de Pesquiza de Manuscriptos

Dr. Joaquim Pires Machado Portella
Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

Commissão de Biographia

Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake.
Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira.
Dr. Alfredo do Nascimento Silva.

Commissão de Admissão de Socios

Conselheiro Manoel Francisco Correia.
Barão de Alencar.
Dr. Affonso Celso d'Assis Figueiredo.

Miguel Archanjo Galvão,

Servindo de 2º secretario.

RELAÇÃO DAS OFFERTAS

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 6 DE MARÇO DE 1898

Pela Real Academia de Ciencias *exactas, fisicos, naturales de Madrid*, memorias, discursos ; pelo Sr. Mariano A. Pelliza *Historia Argentina*, 5º volume ; pela Imprensa Nacional, *Boletim da Intendencia Municipal*, *Necessidades da Lovoura*, Estrada de Ferro Central do Brazil, *Relatorio* do anno de 1894, *Orçamento* do Ministerio da Marinha para o exercicio de 1898, Supremo Tribunal Federal, *Jurisprudencia*, accordãos annexos ao relatorio apresentado pelo Presidente do Tribunal e proferidos em 1896, *Relatorio* do Tribunal de contas 1897, *Relatorio* da Commissão de exames da escripturação da Estrada de Ferro Central do Brasil, *Relatorio* sobre a Faculdade Livre de Direito da Capital Federal, Relatorio do Hospital de S. Sebastião, *Almanak* do Ministerio da Guerra de 1897, *Organisação judiciaria* do Districto Federal, *Questões relativas* á Assistencia medico-legal a alienados, *Manejo da clavina* de repetição Mauser, *codigo penal* da armada, Estudos de Hygiene, A cidade do Rio de Janeiro ; pelo Dr. Pelino Guedes, *Biographia* do Dr. Amaro Cavalcanti : pelo Dr. Thomaz Antonio de Mello Filho, *These Inaugural* ; pelo Montepio geral de economia dos servidores do Estado, *Relatorio* ; pelo Sr. José Bernardino Borman, *Historia da Guerra do Paraguay* ; pelo Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro, *Summario para 1898* ; pelo Sr. Dr. Amaro Cavalcanti, *The Brasilian Language and its agglutinations* ; pelo Ministerio da Justiça e Negocios interiores, *Relatorio* de março, abril e maio de 1897 ; pelo Sr. F. L. L. P. as seguintes obras, *Voyage aux Indes* 10 vols, *Annales*

de L'Extrême Orient 3 vols. *La Californie, l'Amérique Equatoriale, Englandland, Portugal in Africa, Estados Unidos de Colombia, Notice de Venezuéla, Voyage au Golfe de Californie, Le Pérou, Quelques mots sur la Guyane Française, Revue Française, Revue de L'Australie, Algérie, Documentos relativos á las obras del puerto de Buenos Ayres, La Républiqae Argentine, Traços biographicos* do Exm. Sr. Barão de Irapuá, *La Republica Oriental del Uruguay, Biographie* d'Aimé Bompland, *Lettres édifiantes et curieuses concernant l'Asie, l'Afrique et l'Amérique*; pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, Annaes; pelo Socio Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, *Almanak Paranaense para 1898 — Relatorio* apresentado ao Dr. José Pereira Santos Andrade, Governador do Estado do Paraná; pelo Engenheiro Candido F. de Abreu, *Excursão ao Salto da Guayra ou Sete Quedas* pelo capitão Nestor Borba; pelo Sr. Felix F. Outes *Los Querandies*; pelo Sr. Dr. Domingos Jaguaribe, *O Aerostato dirigivel*; pelo Sr. Contra-Almirante E. A. B. Mouchez, *Hydrographia Pratica*; pelo Sr. Constante Affonso Coelho, *Esboço Historico*; pela Societé de Géographie de Paris, Bulletin; pela Sociedade de Geographie de Lisbôa *Boletim*; pela Real Academia de la historia de Madrid, *Boletin*; pelo Grande Oriente do Brasil, *Boletim*; pela Société Geographica Italiana, *Boletim*; pela Sociedade Geographica de Madrid, *Boletin*; pela Société Khédiviale de Géographie *Bulletin*; pela Sociétá de Géographie de Marseille, *Bulletin*; pela Socété de Géographie Commerciale du Havre, *Bulletin*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pelo Observatorio Astronomico Nacional de Tacubaya, *Boletin*; pelo Sr. Louis Rousselet, *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle*; pela Academia Nacional *de la Historia de Caracas, Documentos para los Anales de Venezuéla*; pelo Sr. Lucio Floro *Silhuetas parlamentares*; pelo Sr. Dr. Antonio de Gordon *y* de Acosta, *El Tabaco em Cuba*; pelo Observatorio Astronomico Nacional de Tacubaya *Annuario*; pelo Archivo do Estado de S. Paulo, *Documentos interessantes*, tomo XIV; pelo Sr. Zeferino Candido *A Honra de Vasco da Gama*; pela Société de Géographie de Paris, *Comptes Rendus*; pela Universidade Central de la Republica del Equador, *Anales*; pela Imprensa Nacional, *O*

exame pratico pelo Tenente Oliverio em 4 vols; pela Alfandega da Capital Federal, *Boletim*; pelas Redacções as seguintes Revistas: *Associacion Rural del Uruguay*, Revista *Industrial de Minas Geraes* (ns. 30 a 35); *Revista Maritima*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 20 DE MARÇO DE 1898

Pelo Sr. Luiz Januario Lamartine Nogueira, *Aldeyas do Camarão* para a *Historia do Ceará*; pelo Sr. D. Antonio de Gordon y de Acosta, *La Viabilidad legal*; pela Directoria geral de saude publica *Boletim*; pela Società Geografica Italiana, *Bolletino*; pela Société Royale de Géographie *Bulletin*; pela Real Academia de Ciencias *y* Artes de Barcelona *Boletin*; pela Accademia delle Scienze Fisiche e Matematiche *Rendiconto*; pela Numismatic and Antiquarian Society of Montreal, *The Canadian Antiquarian*; pela National Geographic Society, *The National Geographic Magazine*; pela Accademia Pontificia de Nuovi Lincei, *Atti*; pela American Geographical Society, *Bulletin*; pelas Redacções o seguinte: *Revista Maritima*, *Asociacion Rural del Uruguay*, *Revista Portugueza*, *A Revista*, *Revista* da Escola Polytechnica, *Revista Pharmaceutica*; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Le Nouveau Monde*, *Jornal do Recife*. *Diario Popular de S. Paulo*; pela Société Impériale Russe de Géographie, *Bulletin*; pela Société Khédiviale de Géographie *Census of Egypt*; pelas Redacções: *Revista Mensal*, *O Estado de Minas Villa Rica* poema de Claudio Manoel da Costa.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 17 DE ABRIL DE 1898

Pela Imprensa Nacional *o novo torpedo de Whitehead*, *Lei Orçamentaria da Intendencia Municipal*. *Ordenança dos toques de clarins e cornetas* por Antonio Moreira Cesar 4° relatorio, Melhoramentos da Barra do Rio Grande do Sul, *Boletim da Intendencia Munciipal* da Capital Federal (janeiro a junho 1897) *Psychoses*, *These inaugural*, *Revista Brazileira*, *Consultor Militar*, Estrada de Ferro Central do Brazil, *Relatorio do anno de 1895*; pela Escola Militar da Capital Federal, *Catalogo da bibliotheca da*

mesma Escola, *Manual das Munições* e artificios de guerra, *Elementos de Educação Civica*, *Arma Comblain Artilharia de Bange*, *Ondenança* para o exercicio dos corpos de infanteria de linha e de caçadores; pela Sociedad Cientifica Antonio Alzate, *Memorias y Revistas*; Pela National Geogr. Society of Washington, The *National Geographic Magazine*; pelo Sr. José J. Pessanha Povoa, *O Major Fernando José Martins*, *Necrologia*; pela Accademia delle Sciencie Fisiche e Matematiche de Napoli, *Rendiconto*; pela American Geographical Society, *Bulletin*; pela Société de Géographie de Paris, *Comptes Rendus des Séances*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pela Società Geografica Italiana, *Bolletino*; pela Directoria Geral dos Correios *Boletim Postal*; pela Société de Géographie de Genéve *Le Globe*; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletin*; pela Sociedad Geografica de Lima, *Boletin*; pela Directoria Geral de Saude Publica, *Boletim*; pela Faculdade de Direito do Recife *Revista Academica*; pela Sociedade de Geographia de Lisboa *Boletim*; pela Commission de Statistique de Prague et des Communes-faubourgs, *Administraciono y prava*; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim*; pela Officina Nacional de Inmigracion, estatistica y propaganda geografica de La Paz *Revista*; pela Academia Nacional de Ciencias en Cordoba *Boletin*; pelo Museu Nacional, *Revista*; pela Société de Géographie Commerciale du Hâvre, *Bulletin*; pelo Socio Sr. Dr. J. Barbosa Rodrigues, *Palmae Mattogrossense*; pelas Redacções o seguinte: *Revista Maritima*, *Revista* da Sociedade de Medicina e Cirurgia: *Revista Nacional*, *Revista Technica Militar Consultiva*, *Revista Trimensal do Instituto do Ceará*, *The Journal of School Geography*; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Le Nouveau Monde*, *Diario Official do Amazonas*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Jornal do Recife*, *Diario Popular de S. Paulo*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 1 DE MAIO DE 1898

Pelo socio Sr. Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, 4º volume; pelo Sr. R. de Farias Bastos, *Homens do Ceará*; pela Société Impériale

des Naturalistes de Moscou, *Boletim* n. 2; pela Academia Brasileira de Lettras, *Boletim*; pela Real Academia de La Historia de Madrid, *Boletin*; pela Directoria de Saude Publica, *Boletim*; pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, *O Padre Antonio Vieira* e *Revista Trimensal*; pela Faculdade Livre de Direito da Cidade do Rio de Janeiro, *Estatutos*; pela Société de Géographie de Paris, *Comptes Rendus des Séances*; pelas respectivas redacções as seguintes revistas: *Revue Medico-Chirurgicale*, *Associacion Rural del Uruguay*, *Revista Trimensal* do Instituto do Ceará, *Revista Technica Militar Consultiva*, *Revista da Escola Polytechnica*, e *Archivo do Districto Federal*; pelo Sr. Bernardo Pinto de Oliveira, *Excursão ao Salto da Guayra ou Sete Quedas*, pelo Capitão Nestor Borba; pelas Redacções os seguintes jornaes: *O Triangulo Mineiro Jornal do Recife*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Le Nouveau Monde*, e *Diario Official do Amazonas*; pelo Sr. Dr. Antonio da Cunha Barbosa, *Aspecto da Arte Brasileira Colonial.*

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 15 DE MAIO DE 1898

Pelo socio Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, *Relatorio* da Companhia Lloyd Brasileiro apresentado em 30 de abril de 1898 e o *Almanak Rio-Grandense para 1898*; pelo Archivo do Estado de S. Paulo, *Documentos Interessantes* para a historia e costumes de S. Paulo, vol 24—25; pela Imprensa Nacional, *Collecção* das leis de 1896; pelo Sr. Dr. Frederico Katzer, *Relatorio* resumido sobre os resultados geologicos praticos da viagem de exploração ao rio Tapajoz e á região de Monte Alegre; pelo Sr. Augusto Lima, *A Comarca da Capital de Minas*; pela Sociedad Geografica de Madrid, *Boletin*; pela Real Academia de Ciencias y artes de Barcelona, *Boletin*; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletin*; pela Societá Geografica Italiana. *Boletim*; pelo Museu Nacional de Montevidéo, *Anales*; pelas respectivas redacções as seguintes revistas: *Revue Medico-Chirurgicale*, *Revista Maritima*, *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia*, *Associacion Rural del Uruguay*, *Almanak Municipal de Barbácena para 1898*; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim*; pelas Re-

dacções os seguintes jornaes: *Le Nouveau Monde*, *Jornal do Recife*, *O Triangulo Mineiro*, *Diario Official do Amazonas*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Revista Juridica*, *Club Coritybano*; pelo socio Sr. Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo Junior, as seguintes obras: *O Assassinato do Coronel Gentil José de Castro*, *Vultos e factos*, *Aos Monarchistas*, *O Imperador no exilio*, *Giovanina*, e *Discurso* pronunciado a 6 de janeiro de 1897 na collação de gráo aos bachareis da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 29 DE MAIO DE 1898

Pela Société de Géographie de Marseille, *Bulletin*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pela Société Impériale des Naturalistes de Moscou, *Bulletin*; pela Repartição Geral dos Correios, *Boletim*; pelo socio Sr. Dr. Domingos Jaguaribe, *Terras* de propriedade do Dr. Domingos Jaguaribe; pela Société Khédiviale de Géographie, *Bulletin*; pela Société de Géographie de Paris, *Comptes Rendus des Séances*; pela Directoria Geral de Saude publica, *Boletim trimestral* e *Boletim quinzenal*; pela Accademia delle Scienze Fisiche e Matematiche, *Rendiconto*; pelas respectivas redacções as seguintes revistas: *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia*, *Revista Pharmaceutica*, *Revista Nacional* entrega IV e V, e *Revista Associacion Rural del Uruguay*; pelas redacções os seguintes jornaes: *Diario Official do Amazonas*, *Jornal do Recife*, *O Triangulo Mineiro*, *Le Nouveau Monde*, *Gazeta Commercial e Financeira*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 10 DE JUNHO DE 1898

Pelo socio Sr. José Pedro Xavier da Veiga, *Ephemerides Mineiras* 1664-1897, *A Imprensa em Minas Geraes*, *A Revolta de 1720 em Villa Rica*; pelo socio Sr. Dr. Antonio de Toledo Piza, *O discurso* lido no Instituto Historico de S. Paulo pelo Dr. Theodoro Sampaio por occasião do Centenario do Caminho das Indias; pela Commissão Geographica do Estado de Minas Geraes dous mappas; pela Directoria Geral de Saude Publica, *Boletim Quinzenal*

ns. 7 e 8; pela Société de Géographie Commerciale du Hâvre, *Bulletin*; pela Société de Géographie de Paris, *Bulletin*; pela Société Royale de Géographie d'Anvers, *Bulletin*; pela Società Geografica Italiana, *Bolletino*; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletin*; pelo Sr. Ernesto Mattoso, *Limites da Republica com a Guyana Ingleza*; pela Universidad Central de la Republica del Ecuador, *Anales*; pelas Redacções as seguintes revistas: *Archivos de Jurisprudencia Medica e Anthropologica*, *Revista Mensual de la Republica del Paraguay*, *Associacion Rural del Uruguay*, *Revista Juridica*; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Diario Official do Amazonas*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *A Aspiração*, *Jornal do Recife*, *Le Nouveau Monde*; pela Société Impériale Russe de Géographie, *Bulletin*; pelo editor H. Garnier, *Um Estadista do Imperio, Nabuco de Araujo — sua vida, suas opiniões, sua época, por seu filho Joaquim Nabuco* — tomo 1º, 1813 — 1857, com a dedicatoria manuscripta Ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 1 DE JULHO DE 1898

Pelo socio Sr. Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, *Memoria Historica e Economica*; por J. A. Ismael Gracias *Aproveitamentos para a historica da representação provincial no Estado da India; The Sahyndrin Khanda by J. Gerson da Cunha; Notes on the History and antiquities of chaul and Bassein*; pelo socio Sr. Dr. Domingos Jaguaribe, *O Municipio e a Republica*; tres volumes; pelo Instituto agronomico do Estado de S. Paulo, *Boletim*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pela Universidad Central del Ecuador, *Anales*; pela Société de Géographie de Paris, *Comptes rendus des Séances*; pela Sociedad Geografica de La Paz, *Expedicion del Coronel Don José Manoel Pando al Inambari*; pela Società Geografica Italiana, *Bolletino* e *Elenco Generale dei soci*; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim*; pelo Sr. Angelo Dourado, *Dramas Sertanejos*, e *As Minas de Ouro*; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim*; pela Sociedade Cientifica Argentina, *Anales*; pelo Movimento Scientifico Medico Brazileiro, *Annuario Medico*; pelas

Redacções as seguintes revistas: *Revista Maritima*, *Revista da Escola Polytechnica*, *Asociacion Rural del Uruguay*, *Revista Pharmaceutica*, *Monde Medical*, *Revue Medico-Chirurgicale* e *Revista Brazileira*; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Gazeta Commercial e Financeira*, *Diario Official do Amazonas*, *Jornal do Recife*, *Nouveau Monde* e *Triangulo Mineiro*; pelo Socio Sr. Dr. Amaro Cavalcanti, *Relatorio* apresentado ao Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil em abril de 1893.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 15 DE JULHO DE 1898

La Société Impériale des Naturalistes de Moscou, *Bulletin* n. 4; pelo Observatorio Meteorologico de La Paz, *Boletin*; pela Sociedad Cientifica Antonio Alzate, *Memorias y revistas*; pelo Observatorio Astronomico de Tacubaya, *Boletin*; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim Postal*; pela Società Geografica Italiana de Roma, *Mémoires*; pela Accademia Pontificia De Nuovi Lincei, *Atti*; pela Estatistica Demographo-Sanitaria, *Boletim Quinzenal*; pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro, *Annaes*; pelo Sr. Dr. Gustavo Estienne, *O Transcontinental*; pela respectiva redacção a seguinte revista: *Asociacion Rural del Uruguay*; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Le Nouveau Monde*, *Jornal do Recife*, *Triangulo Mineiro*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Republica*, *O Estado de S. Paulo* e o *Diario Official do Amazonas*; pelo Socio Sr. Dr. Isidoro Martins Junior, *Um Capitulo de Historia Politica*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 29 DE JULHO DE 1898

Pelo Centro Artistico, *Catalogo*; pelo Canadian Institute *Proceedings*, *Transactions*; pela Società Geografica Italiana, *Bolletino*; pela Accademia delle Scienze Fisiche e Matematiche de Napoli, *Rendiconto*; pela Société des Études Indo-chinoises de Saigon, *Bulletin*; pela Sociedade Portugueza de Beneficencia em Santos, *Relatorio*; pelo Museu Paraense, *Boletim*; pela Société de Géographie de Paris, *Comptes Rendus des Séances*; pela Socie-

dad Cientifica Argentina, *Anales* ; pelos Srs. M. V. Balliviau e Pedro Kramer, *Tadeo Ehenke* ; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletin* ; pela Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona, *Boletin* ; pela National Geographic Society of Washington, *The National Geographic Magazine* ; pela American Geographical Society of New-York, *Bulletin* ; pelas respectivas redacções as seguintes revistas: *Revista Maritima*, *Asociacion Rural del Uruguay*, *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia* e *Revue Franco-Brèsilienne* ; pela Sociedade Nacional de Agricultura, *Boletim* ; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Gazeta Commercial* e *Financeira*, *Le Nouveau Monde*, *Jornal do Recife*, *Club Corytibano*, *Triangulo Mineiro* e *Diario Official do Amazonas* ; pelo Socio Sr. Dr. Moreira de Azevedo os seguintes jornaes: *A Peleja*, *A Ronda* e o *Cricri*; pelo socio Sr. Dr. Augusto A. do S. Blake: as seguintes obras: *O desfecho de um desafio*, *Ferro-Via Pinhalense*, e outros folhetos ; pelo socio sr. Commendador José Antunes Oliveira Catramby, o seu *Mappa* Hydrographico do Amazonas com o Roteiro figurado da navegação desde a cidade de Belém até Manáos.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 12 DE AGOSTO DE 1898

Pelo socio Revmo. Sr. Arcebispo D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, sua *Carta Pastoral* ; pelo socio Sr. Dr. Victorino Alves Sacramento Blake, *Organisação das Ordens Honorificas do Imperio do Brazil*, por Artidoro Augusto Xavier Pinheiro e *Das Verfassungs Wesen in Brasilien* ; pelo socio Sr. Dr. Martins Junior as seguintes obras: Olinda conquistada, Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano e Discurso pronunciado no Senado do Estado de Pernambuco pelo Sr. Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire ; pelo Club de Engenharia, Revista de Engenharia e Industria, annos de 1887, 1888, 1889, 1895, 1897 ; pelas Redacções as seguintes Revistas: Revista Brasileira, Asociacion Rural del Uruguay ; pelo Sr. Coelho Lisbôa, *Discurso* sobre o estado de sitio ; pelo Sr. Francisco Gurgel de Oliveira, *Discurso* pronunciado na Camara dos Deputados ; pelo socio Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia,

Mensagem do Dr. José Paes de Carvalho ao Congresso do Estado do Pará; pelo socio Dr. Amaro Cavalcanti, copia e versão portugueza do escripto do Sr. Henrique Onffroy de Thoron relativa á antiguidade da navegação do Oceano; pelo Sr. Antonio Maria de Oliveira Bulhões, *Revista do Club de Engenharia*; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Jornal do Recife*, *Gazeta Commercial e Financeira*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 26 DE AGOSTO DE 1898

Pelo Sr. Dr. J. Romaguera Corrêa, *Vocabulario Sul Rio Grandense*; pelo Sr. Dr. J. B. de Sá Oliveira *Evolução psychica dos Bahianos*; pelo Museu Paraense, *Boletim*; pela Société Impériale Russe de Géographie, *Bulletin*; pelo Instituto Agronomico de S. Paulo, *Boletim*; pela Société de Géographie de Genève, *Le Globe*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pelo Gymnasio Nacional *Programmas* Provisorios; pela Asociacion Rural del Uruguay, *Revista*; pelo Instituto Paraguayo, *Revista*; pelo Sr. L. Ambruzzi, *Mappa* Historico de la Republica Oriental del Uruguay, acompanhado de 2 folhetos Efemérides relativas ao mesmo mappa; pelo Sr. Dr. Braz do Amaral, *Discurso* sobre o Centenario da India; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Diario Official do Amazonas*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Jornal do Recife*, *Le Nouveau Monde*, *Triangulo Mineiro*, *Club Coritibano*, *O Reformador*, *Gazeta de Alemquer*, *La Paix*; pelo socio Sr. Alfredo F. Rodrigues, *A Pacificação do Rio Grande do Sul*; pelo socio Rvmo. D. Joaquim Arcoverde, Arcebispo do Rio de Janeiro, seu retrato e apontamentos biographicos.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 2 DE SETEMBRO DE 1898

Pelo Ministerio das Relações Exteriores, *Relatorios* apresentados em 12 de julho de 1898; pela Imprensa Nacional, *Relatorio e synopse* dos trabalhos da Camara dos Deputados do anno de 1897; pela Società Geographica Italiana, *Bolletino*; pela Directoria de Saude Publica, *Boletim*; pela National Geographic Society, *The National Geographic Magazine*; pela Société de

Géographie de Paris, *Bulletin* ; pela Sociedad Geografica de Madrid, *Boletin* ; pela Sociedad Cientifica Argentina, *Anales* ; pela Irmandade do Santissimo Sacramento da Freguezia de N. S. da Candelaria, *Relatorio* apresentado pelo seu Provedor Julio Cesar de Oliveira ; pelo Canadian Institute, *Transaction* ; pelo Museu Nacional de Montevidéo, *Anales* ; pelo Sr. Louis Rousselet, *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle* ; pelas Redacções as seguintes Revistas: *Revista Juridica*, *Revue Medico-Chirurgicale*, *Revista da Escola Polytechnica*, *Asociacion Rural del Uruguay* ; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Gazeta Commercial e Financeira*, *Jornal do Recife*, *Le Nouveau Monde*, *Trianyulo Mineiro* ; pelo socio Sr. André Werneck, *A Lavoura*, boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 16 DE SETEMBRO DE 1898

Pelo socio Sr. Dr. A. de Paula Freitas, *Memoria Historica* sobre a fundação e construcção da Igreja da Candelaria ; pelo Sr. Dr. José Eduardo Torres Camara, em nome da Redacção, *Revista de Jurisprudencia* ns. 1 a 10 ; pelo Instituto Polytechnico Brazileiro, *Revista* ; pela U. National Museum of Washington, *Smithsoniam Report*, 1893 a 1894 e 1895 ; pelo United States Geological Survey, *Atlas of Michigan*, pela American Jewish Historical Society, *Publications* ; pela Academy of Natural Sciences of Philadelphia, *Proceedings* ; pela Société Normande de Géographie, *Bulletins* de l' année 1897 ; pela Société Linnéenne d'Amiens, *Bulletin* ; pela Academia d'Amiens *mémoires* ; pela Sociétè nationale des sciences naturelles et mathématiques de Cherbourg, *mémoires* ; pelo Musée Teyler, *Archives* ; pela Société d'Anthropologie de Lyon, *Bulletin*, 1896 — 97 ; pela Société Neuchateloise de Géographie, *Bulletin* ; pela Academie de Stanislas, *mémoires* 1896 ; pela Société des Sciences historiques et naturelles de l'Ionne (Auxerre) *Bulletin* ; pela Historical Society of Pensylvania, *The Magazine* ; pela Literary, Philosophical Society of Manchester *Memoirs and proccedings* ; pela Académie Royale des sciences, des lettres et des beaux arts de Belgique, *Annuaire*, *Notices biographiques*, *mémoires couronnés et autres mémoires*, *Bulletins* des

années 1895 — 1896 — 1897, *Règlements et documents* concernant les trois classes, et mémoires des Savants Etrangers ; pela Academia de ciencias y artes de Barcelona, *Boletin* ; pela Accademia delle Scienze Fisiche e Matematiche de Napoli, *Rendiconto*, pela Société de Géographie Commerciale du Havre, *Bulletin* ; pela Universidad Central del Ecuador, *Anales* ; pelo Sr. Enrique Barrenechea, *Ultimos dias coloniales en el alto Peru*, 3 volumes ; pela Geological Institution of the University of Upsala, *Bulletin* ; pela Société de Géographie de Marseille, *Bulletin* ; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim* ; pela Société de Géographie de Paris, *Comptes Rendus des Séances* ; pela Naturforschenden Gesellschaft in Enden, *Jahresbericht* ; pela Accademia Pontificia de Nuovi Lincei *Atti* ; pela Directoria Geral dos Correios *Boletim* ; pelo Muséo Nacional de Buenos Ayres, *Comunicaciones* ; pela Secretaria da Agricultura, Industria, Viação e Obras Publicas do Estado da Bahia, *Relatorio* ; pela Officina meteorologica Argentina, *Anales* ; pela National Geological Society of Washington, *The National Geographic Magazine* ; pela American Association of Boston, *Preliminares Announcement* ; pela Sociedade Nacional de Agricultura, *Boletim* ; pelo Sr. Dr. José Alfredo de C. França, *Discurso* ; pelo Sr. Luiz Januario Lamartine Nogueira, *Aldeyas do Camarão* para a Historia do Ceará e um Ponto Importante da Historia do Ceará ; pelas respectvias Redacções as seguintes Revistas: *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia*, *Associação Rural del Uruguay*, *Revista da Escola Polytechnica*, *Revista Pharmaceutica*, *Revista Maritima* ; pelas Redacções os seguintes jornaes : *Commercio do Espirito Santo*, *Club Curitibano Diario Official do Amazonas*, *Gazeta de Alemquer*, *Reformador*, *Gazeta do Povo Gazeta Commercial e Financeira*, *Le Nouveau Monde Jornal do Recife* ; pela Direccion generai de estadistica de Buenos Ayres, *Memoria Demografica* ; pelo socio Sr. Coronel Antonio Borges Sampaio, collecção de sellos usados e estampilhas postaes ; pela Exma. Sra. D. Maria Benedicta Gomes Leite, viuva do finado Dr. Tobias Rabello Leite, enviando, em virtude de recommendação d'este, uma pasta contendo diversos papeis relativos á fundação do Instituto dos Surdos-Mudos, do qual foi reorganisador e director o mesmo doutor.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 30 DE SETEMBRO DE 1898

Pelo Rev. Sr. Bispo do Amazonas, uma collecção de flechas que pertenceram aos Indios do Amazonas; pelo Sr. Mauricio Lamberg, a sua obra illustrada *O Brazil*; pelo Sr. Almirante Euzebio de Paiva Legey, *Album* Descrittivo Anuario delle Stato del Pará, 1898; pela Directoria do Interior, Justiça e Segurança Publica do Estado de Goyaz, *Mensagem*; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletin*; pela Directoria Geral de Saude Publica, *Boletim*; pela Sociedad Cientifica Antonio Alzate, *Memorias y Revista*; pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, *Revista* Trimensal; pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, *Revista*; pela Real Academia de Ciencias Medicas Fisicas de la Habana, *Inspeccion Medico-official* e *Discurso* leido en el dia 19 de mayo de 1897; pela Société Royale de Géographie d'Anvers, *Bulletin*; pela Officina Central de Estatistica, *Sinopsis Estatistica e Geografica do Chile*; pela Officina Demografica de la Republica Oriental del Uruguay, *Boletin Mensual Demografico*; pelas respectivas redacções as seguintes revistas: *Revista de Jurisprudencia*, *Revista Maritima*, *Associacion Rural del Uruguay*; pela Officina Nacional de La Paz, *El Cobre en Bolivia*; pelas redacções os seguintes jornaes: *Le Nouveau Monde*, *Diario Official do Amazonas*, *Jornal do Recife*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Gazeta de Alemquer*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 14 DE OUTUBRO DE 1898

Pelo Rev. Sr. Bispo do Amazonas, Sua obra intitulada *Christu Muhênçana çurimaan-uara*; pela Imprensa Nacional, *Discurso* pronunciado na Camara dos Deputados; pelo Coronel Francisco Gurgel de Oliveira, *Aptinha Tpeha*, collecção de boletins da Directoria Geral de Saude Publica, *Memorandum* sobre a situação estatistica do café no mundo por João Franco de Lacerda, *Catalogo alphabetico* da Bibliotheca do Senado Federal, Industria Pastoril, Boletim semestral da carta Maritima do Brazil, *Attentado de cinco de novembro*; pela Sociedad Geogra-

phica de La Paz, *Boletin ;* pelo Sr. Francisco Corrêa de Moraes, um folheto intitulado *Santos* ; pela Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira, *Boletim* ; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin* ; pelo Instituto agronomico do Estado de S. Paulo, *Boletim* ; pela National Geographic Society, *The National Geographic Magazine* ; pelas respectivas redacções as seguintes revistas: *Revista Pharmaceutica, Revue Medico-Chirurgicale, Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia* ; pela Sociedad Geografica de Lima, *Boletin* ; pelo Sr. Consul Geral do Chile *The Boundary question between Chile and the Argentine Republic* ; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Aspiração, Reformador, Gazeta Commercial e Financeira, Le Nouveau Monde, Jornal do Recife, A Republica, Diario Official do Amazonas* ; pelo Sr. Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro, um folheto intitulado *Razões Finaes*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 28 DE OUTUBRO DE 1898

Pelo socio Sr. Barão de Alencar, Brochura *Direito Internacional*; pelo socio Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, *Biographia do Barão do Rio Doce do Sr. Moreira de Azevedo*; pelo socio Sr. Mariano Pelliza, *Noticias Historicas de la Republica Argentina* de D. Ignacio Nunez ; pelo Sr. D. Luiz Varella, *En la Cordillera Andina*; pelo Sr. Manoel Tapajós *Questão de limites da Fronteira Sul do Amazonas*; pelo Sr. M. A. Rojado Ribeiro Lisboa, *O Manganez no Brazil*; pela Societá Geografica Italiana de Roma, *Bolletino* ; pelo Tree Museum of science and art, *Bulletin*; pela Sociedad Cientifica Argentina, *Anales*; pelas redacções as seguintes revistas: *Revista Polytechnica, Revista de Jurisprudencia, Revista do Instituto Paraguayo, Revista do Archivo Publico Mineiro, Revista da Asociacion Rural del Uruguay*; pelas redacções os seguintes jornaes: *Club Curitibano, Jornal do Recife, Reformador, Triangulo Mineiro, Gazeta Commercial* e *Financeira, Diario Official do Amazonas, Le Nouveau Monde, Gazeta de Alemquer*; pelo Sr. Antonio Monteiro de Souza, um retrato do maestro Adelino do Nascimento e uma Polyanthéa, publicada no Amazonas em honra á memoria do mesmo maestro.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 11 DE NOVEMBRO DE 1898

Pelo Sr. Presidente Conselheiro Aquino e Castro, 3 volumes da obra *Jurisprudencia* do Supremo Tribunal Federal comprehendendo os julgamentos proferidos durante os annos de 1895, 1896 e 1897, compillados pelo offertante, Presidente do mesmo Tribunal; pelo socio Dr. Evaristo Nunes Pires, um folheto, *Exposição dos serviços* do Dr. Evaristo Nunes Pires prestados ao paiz no magisterio publico, Um manuscripto sobre limites diplomaticos do Brazil, trabalho original do Dr. Ernesto Ferreira França, e um officio que foi dirigido ao mesmo Sr. Dr. Ernesto Ferreira França por occasião de lhe ser entregue o diploma de socio correspondente d'este Instituto; pelo Sr. Julio Alberto Peixoto, *Roteiro do Estudante Fluminense*; pelo Sr. 1º Tenente Jonathas da Costa Rego Monteiro, duas moedas portuguezas de prata, antigas, e um pedaço de madeira petrificada; pelo Sr. Dr. Carlos Costa, *Annuario medico*; pelo Instituto do Ceará, *Revista Tremensal*; pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro, *Annaes*; pelo Instituto Agronomico do Estado de S. Paulo, *Boletim*; pela Société de Géographie Commerciale du Hâvre, *Bulletin*; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim*; pelo Sr. Felix F. Outes, *Etnografia Argentina*; pela Directoria Geral de Saude Publica, *Boletim quinzenal* e *Boletim especial*; pelo Observatorio Astronomico Nacional de Tacubaya (Mexico) *Boletin*; pela respectiva redacção a *Revista Maritima*; pelas redacções os seguintes jornaes: *Diario Official do Amazonas*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Jornal do Recife*, *Le Nouveau Monde*, *Triangulo Mineiro*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 18 DE NOVEMBRO DE 1898

Do Sr. Alcides Cruz por intermedio do socio Sr. Conselheiro Tristão de A. Araripe, *Notas sobre o Rio Grande do Sul* escriptas pelo Sr. Conselheiro Leopoldino Joaquim de Freitas em 1850; pela United States Geological Survey, *Monographs, vols. XXV, XXVI, XXVII* e *XXVIII*, *Seventeenth Annual Report part I and II*; pela Akademie der Wissenschaften as seguintes obras: *Deu-*

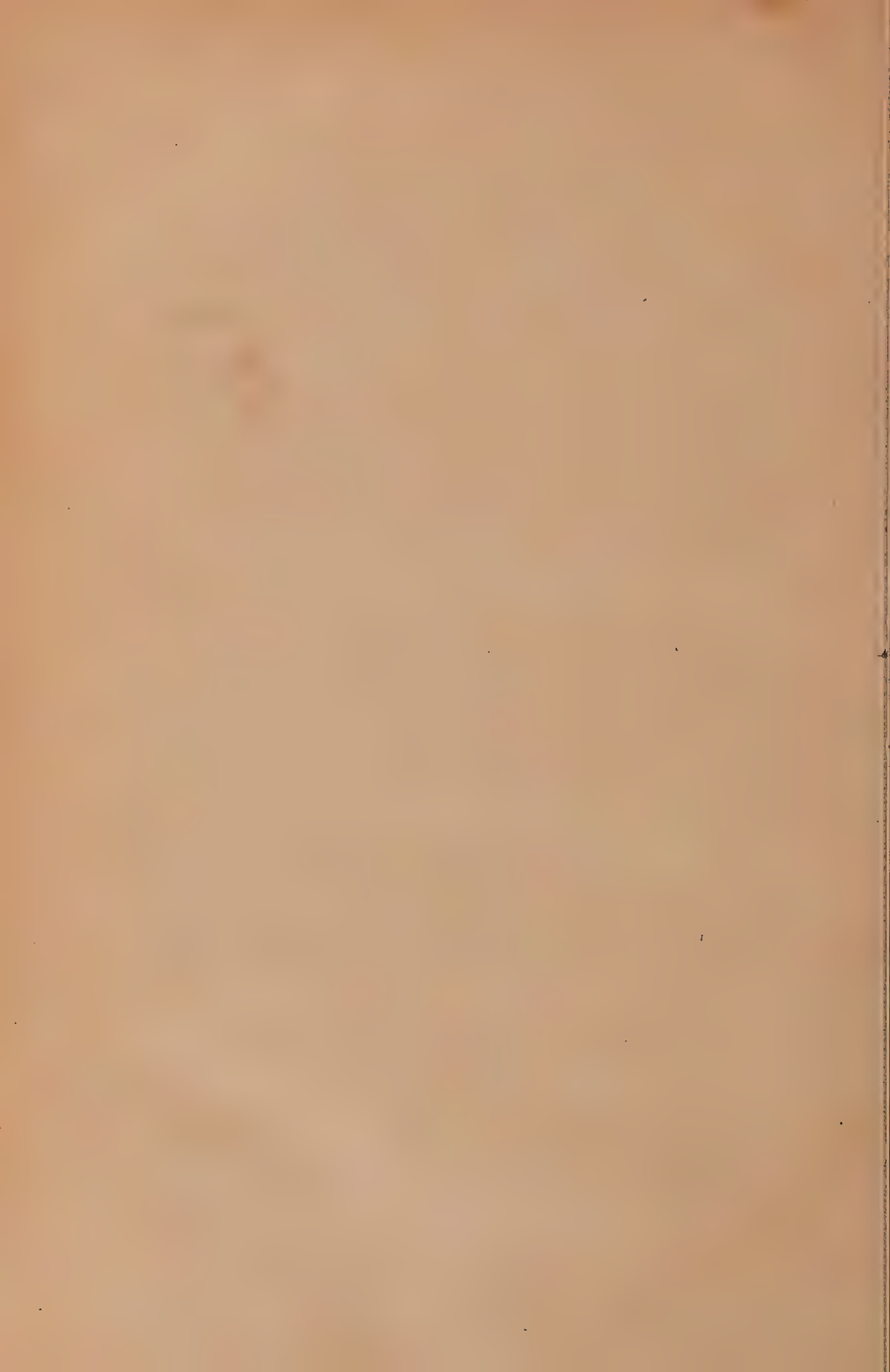
tsch-schriften, Dreiundsechzigster band, Vierundsechzigster band, Sitzungsberichte, 1897-1898, Register zu den banden 101 bis 105 der Sitzungsberichte, Archiv für österreichische Geschichte; pelo Rev. Monsenhor Guedelha Mourão, *O divorcio* e Discurso proferido pelo mesmo no dia 10 de julho de 1898 por occasião da inauguração da Igreja de Nossa Senhora da Candelaria ; pela Real Academia de la Historia de Madrid *Boletin* ; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin* ; pela National Geographic Society of Washington, The Matinal Gographic Magazine ; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim Postal* ; pelo Sr. Francisco José Gomes Calaça, *Calabar, Disertação* feita no Instituto Archeologico Alagoano ; pelas respectivas redacções as seguintes revistas: *Revista de Jurisprudencia, Revista Medica Chirurgical, Revista Pharmaceutica* ; pelas redacções os seguintes jornaes: *Jornal do Recife, Club Litterario de Palmares, Le Nouveau Monde, Diario de S. Paulo, Diario Official do Amazonas, Club Coritibano, Gazeta Commercial e Financeira.*

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 25 DE NOVEMBRO DE 1898

Pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, *Revista Trimensal, Vol. V, N. 17* ; pela Société Khédiviale de Géographie, *Bulletin* ; pela American Association of Boston, *Fiftieith Anniversary* ; pela Imprensa Nacional, *Collecção das leis da Republica dos Estados Unidos do Brazil de 1897* ; pelas Respectivas Redacções: *Revista Juridica e Asociacion Rural del Uruguay* ; pelas redacções os seguintes jornaes: *Club Coritibano, O Reformador, Le Nouveau Monde, A Estrella, Gazeta Commercial e Financeire, Diario Official do Amazonas.*

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 9 DE DEZEMBRO DE 1898

Pelo Sr. Presidente Conselheiro Aquino e Castro, varios numeros da *Revista da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Brasil*, correspondentes aos annos de 1884, 1885 e 1886 ; pelo Instituto Geografico Argentino, *Boletin* ; pelo Sr. Gaspar Toro, *Notas sobre Arbitraje internacional en las Republicas Latino-*

Americanas; pela Sociedad Geographica de Lima, *Geographia commercial de la America del Sur, tres fasciculos* ; pela American Geographical Society, *Bulletin* ; pela Numismatic and Antiquarian Society of Montreal, *The Canadian Antiquarian* ; pela Sociedad Geographica de Lima, *Boletin* ; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim* ; pela Società Geografica Italiana, *Bolletino de Novembro de 1898* ; pelo socio Dr. Antonio da Cunha Barbosa as seguintes obras : *Diccionario biographico de Pernambucanos celebres, Esboço historico sobre a provincia do Ceará, Compendio da lingua brazileira, Catalogo dos jornaes de grande e pequeno formato publicados no Ceará, Compendio de historia do Brazil* por P. Raphael M. Galanti, S. J., *Paraenses illustres, Notas sobre a Parahyba* por I. Joffily, *Voyage au Tocantins — Araguaya* por Henry Coudreau ; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletin* ; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin* ; pela Real Academia de Sciencias e Artes de Barcelona, *Boletin* ; pelas redacções as revistas: *Asociacion Rural del Uruguay, Revue Medico — Chirurgicale du Brésil* ; pelas redacções os seguintes jornaes: *A Provincia do Pará, Jornal do Recife, Cidade de Barbacena, A Estrella, Le Nouveau Monde, Gazeta Commercial e Financeira, Jornal Mineiro, Triangulo Mineiro, Diario Official do Amazonas* ; pelo Dr. Elysio de Araujo, *Estudo Historico sobre a Policia da Capital Federal* ; pelo Sr. Dr. Vieira Fazenda, *Oração funebre* do Sr. D. Pedro, *Imperador Rei e Duque*, por D. Marcos, Arcebispo eleito *de Lacedemonia* ; pelos Dr. Mello Reis, *Assistencia a Alienados e Manicomios Judiciarios* — Relatorio apresentado ao Exm. Sr. Dr. Amaro Cavalcanti Ministro da Justiça e Negocios Interiores ; pelo socio Dr. Aristides Milton, um exemplar da 2ª edição da *Noticia Historica* sobre a Constituição do Brazil.

Socios admittidos em 1898

	NACIONAES	ADMISSÃO
1	Commendador José Antunes Rodrigues de Oliveira Catramby, effectivo	29 Maio.
2	General Francisco Raphael Mello Rego, effectivo	29 Maio.
3	Commendador Miguel Archanjo Galvão, effectivo	29 Maio.
4	Dr. Paulino José Soares de Souza Junior, effectivo	10 Junho.
5	Dr. Antonio da Cunha Barbosa, effectivo. . .	15 Julho.
6	Dr. Antonio de Paula Fréitas, effectivo . . .	15 Julho.
7	D. José Lourenço da Costa Aguiar, Bispo de Manáos, honorario	11 Novembro.
8	Dr. Adelino A. de Luna Freire, correspondente.	9 Dezembro.
	—	—
	EXTRANGEIROS	
1	Commendador João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, honorario.	15 Maio.
2	Cardeal Frei Jeronymo Maria Gotti, honorario.	14 Outubro.
3	Conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, honorario	25 Novembro.
4	D. Mariano Pelliza, correspondente	1 Maio.
5	Dr. José Romaguera Corrêa, correspondente. .	11 Novembro.

Socios fallecidos em 1898

1 Capitão de Fragata José Egydio Garcez Palha.
2 Conselheiro João Manoel Pereira da Silva.
3 General José Vieira Couto de Magalhães.
4 Dr. João Mendes de Almeida.
5 Padre Bellarmino José de Souza.

BALANÇO

da receita e despeza do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 1898.

RECEITA

Saldo em 31 de dezembro de 1897	1:486$500
Subsidio do Governo Nacional quota das loterias de janeiro a setembro de 1898	10:500$000
Juros das apolices do patrimonio, do 2º semestre de 1897 e 1º de 1898	3:360$000
Juros das apolices municipaes do 2º semestre (abril) de 1897 e 1º de 1898 (outubro)	330$000
Donativo de alguns amigos para o busto do senador Candido Mendes de Almeida	300$000
Joias de entradas de socios, nota 1ª	140$000
Prestações semestraes dos socios, nota n. 2ª	672$000
Venda da *Revista Trimensal*	38$000
	16:826$500

DESPEZA

Impressão da *Revista Trimensal*, tomo 60, parte 2ª, 3º e 4º trimestres, n. 1	3:980$000
Impressão de diplomas de socios, catalogo, e outros trabalhos n. 2	149$000
Bustos do Sr. visconde de Bom Retiro e Joaquim Norberto, n. 3	600$000

Uma estante e outras obras, n.s 4 a 10.	257$000
Despeza com a Imprensa, ns. 11 a 13.	808$500
Sessão magna de 1897, ns. 14 a 17.	470$000
Sessão de 20 de maio commemoração do caminho das Indias, ns. 18 a 23	831$000
Gratificação ao collaborador H. Ro maguera, ns. 24a 30.	2:093$000
Folha dos empregados, ns. 31 a 42.	5:458$340
Despezas miudas da Secretaria, ns. 43.	185$000
Commissão de 15 °/₀ ao cobrador.	92$400
	14:924$240

RESUMO

Receita.	16:826$500
Despeza.	14:924$240
Saldo	1:902$260

REFLEXÕES

O saldo supra está sujeito ao pagamento da impressão da 1ª e 2ª partes da *Revista Trimensal* de 1898, cuja conta ainda não foi apresentada, e outras despezas.

Os juros das apolices forão pagos até o 1º semestre de 1898, assim como os das apolices municipaes, até outubro de 1898.

O Instituto continúa a possuir as 68 apolices da divida publica, constantes da nota 3.

O numero das apolices municipaes está elevado a 35, sendo ultimamente doadas cinco pelo Sr. conselhero Olegario e cinco pelo Sr. conselheiro Correia, com a condição de seus juros serem empregados em novos titulos, até 1922, época que devem ser vendidas e seu producto applicado á festa do centenario da Independencia do Brazil.

A importancia da divida a arrecadar no anno de 1899, é de 4:440$, prestações vencidas e por vencer nesse anno.

A nota n. 6 indica o nome daquelles socios que até a presente data não solicitaram os titulos de suas admissões.

A cifra de debito dos socios que falleceram sem a ter saldada, importa em 7:634$000.

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1898.— Dr. *Liberato de Castro Carreira.*

NOTAS

N. 1

Joias de entrada de socios pagas em 1898

Dr. Amaro Cavalcanti	20$000
José Antunes R. de Oliveira Catramby	20$000
Commendador Miguel Archanjo Galvão	20$000
Dr. Vicente Chermont de Miranda	20$000
Dr. Antonio de Paula Freitas.	20$000
Dr. Antonio da Cunha Barboza	20$000
General Francisco Raphael de Mello Rego	20$000
	140$000

N. 2

Prestações semestraes pagas em 1898

Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo	24$000
Dr. Alfredo Ferreira Rodrigues.	18$000
Dr. Alfredo do Nascimento Silva	12$000
Dr. Amaro Cavalcanti	12$000
Dr. André Peixoto de Lacerda Werneck	12$000
Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares	12$000
Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires.	24$000
Dr. Aristides Augusto Milton.	12$000
Dr. Arthur Saüer.	12$000
Barão de Loreto	12$000
Barão de Miranda Reis.	12$000
Monsenhor Bento Severiano da Luz	42$000
Barão de Teffé	12$000
Dr. Carlos d'Amour, Bispo de Cuyabá.	48$000
Dr. Carlos Arthur de Moncorvo Figueiredo. . . .	12$000
Dr. Evaristo Nunes Pires.	12$000
Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro	12$000
Capitão de mar e guerra Francisco Calheiros da Graça.	12$000
Dr. João Barbosa Rodrigues	12$000
João Capistrano d'Abrêo	12$000

Conselheiro João Carlos de Souza Ferreira	12$000
Dr. João Damasceno Vieira Fernandes	12$000
Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.	12$000
Commendador José Antunes R. de Oliveira Catramby. .	12$000
Contra-almirante José Candido Guillobel	24$000
Commendador José Luiz Alves	12$000
Dr. José Maria Velho da Silva	120$00
Conselheiro José M. Fernandes Pereira de Barros . .	12$000
José Verissimo de Mattos	12$000
Dr. Liberato de Castro Carreira.	12$000
Dr. Luiz Crüls	12$000
Dr. Luiz Rodolpho Cavalcante de Albuquerque . . .	12$000
Marquez de Paranaguá.	12$000
Dr. Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro.	12$000
Coronel Pedro Paulino da Fonseca.	12$000
Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro	12$000
Dr. Tristão de Alencar Araripe Junior.	12$000
Dr. Vicente Chermont de Miranda.	42$000
Virgilio Martins de Mello Franco	24$000
Visconde de Sinimbú	12$000
Commendador Miguel Archanjo Galvão	6$000
Luiz de França Almeida e Sá.	24$000
Dr. Antonio da Cunha Barbosa	6$000
Dr. Antonio de Paula Freitas	6$000
General Francisco Raphael de Mello Rego.	6$000
	672$000

N. 4 [1]

Acções do emprestimo municipal, doadas ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro no anno de 1898

5 acções do valor nominal de 200$ e juros de 6 % ao anno, de ns. 97.846 a 97.850, donativo feito pelo socio Sr. Presidente Conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro, feito em 29 de maio de 1898.

---

(1) Cumpre notar que o Instituto possue 35 acções de Emprestimo Municipal, sendo 25 possuidas anteriormente como consta da relação publicada no Tomo LX parte II onde se acha igualmente a relação das 68 apolices geraes pertencentes ao Instituto e que constitue a nota n. 3, a qual escusa de ser aqui mencionada.

5 acções do valor nominal de 200$ e juros de 6 % ao anno, de ns. 99.860 a 99.864, donativo feito pelo socio Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, com a condição de seus rendimentos serem empregados na compra de outros titulos até setembro de 1922, em que devem ser vendidas e seu producto applicado na festa commemorativa do centenario da Independencia do Brazil.

Este donativo foi feito em 14 de outubro de 1898.

Os juros destas acções são pagos em abril e outubro de cada anno.

N. 5

Prestações semestraes que se devem arrecadar em 1899

Affonso Celso de Assis Figueiredo, 1899.	12$000
Alfredo E. Jacques Ourique, 1892 a 1899	96$000
Alfredo Ferreira Rodrigues, 1899	12$000
Alfredo Nascimento Silva, 1899.	12$000
Adelino Antonio de Luna Freire, 2º semestre 1898, 1899 e joia	38$000
Amaro Cavalcanti, 1899	12$000
André P. de Lacerda Werneck, 1899	12$000
Antonio Macedo Soares, 1899.	12$000
Antonio Manoel Gonçalves Tocantins, 1898 e 1899 . .	24$000
Antonio Martins de Azevedo Pimentel, 1896 a 1899 .	42$000
Antonio Olyntho dos Santos Pires, 1899	12$000
Antonio da Cunha Barboza, 1899.	12$000
Antonio de Paula Freitas, 1899	12$000
Antonio Ribeiro de Macedo, 1897 a 1899	36$000
Argemiro Antonio da Silveira, 1895 a 1899	60$000
Aristides Augusto Milton, 1899	12$000
Arthur Indio do Brazil, 1890 a 1899	120$000
Arthur Saüer, 1899.	12$000
Arthur Vianna de Lima, 1892 a 1899 e joia	116$000
Augusto Victorino A. do Sacramento Blake, 1897 a 1899.	36$000
Barão de Loreto	12$000
Barão de Miranda Reis, 1899.	12$000
Barão de Penedo, 1891 a [illegible]	108$000
Barão de Ramiz Galvão, 1892 a 1899	96$000

Barão Ribeiro da Almeida, 1891 a 1899	108$000
Barão do Rio Branco, 1891 a 1894.	48$000
Barão de Teffé, 1899.	12$000
Bento Severiano da Luz, 1899	12$000
Bernardo Saturnino da Veiga, 1894 a 1899	72$000
Brazilio A. Machado de Oliveira, 1897 a 1899 . . .	36$000
D. Carlos d'Amour, Bispo de Cuyabá, 1899	12$000
Carlos Arthur Moncorvo de Figueredo, 1899. . . .	12$000
Cincinato Cesar da Silva Braga, 1897 a 1899. . . .	36$000
Evaristo Affonso de Castro, 1892 a 1899 joia	116$000
Evaristo Nunes Pires, 1899.	12$000
Feliciano Pinheiro Bittencourt, 1895 a 1899	60$000
Felisbello Firmo de Oliveira Freire, 1897 a 1899. . .	36$000
Francisco A. Pereira de Castro, 1887 a 1899. . . .	156$000
Francisco Baptista Marques Pinheiro, 1899	12$000
Francisco Calheiros da Graça, 1899.	12$000
Frederico J. de Sant'Anna Nery, 1891 a 1899 e joia .	128$000
Guilherme Studart, 1898 e 1899	24$000
Henrique Marques de Santa Rosa, 1898 e 1899 . . .	24$000
Irineo Ceciliano Pereira Ioffeli, 1892 a 1899	96$000
João Baptista Marques Perdigão de Oliveira, 1893 a 1899.	78$000
João Capistrano d'Abrêo, 1899	12$000
João Barboza Rodrigues, 1899.	12$000
João Carlos de Souza Ferreira, 1899	12$000
João Damasceno Vieira Fernandes, 1899	12$000
João José Pinto Junior, 1896 a 1899	48$000
João Lucio de Azevedo, 1897 a 1899.	36$000
João Vicente Leite de Castro, 1890 a 1899.	120$000
Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, 1896 a 1899. . .	62$000
Joaquim Floriano de Godoy, 1889 a 1899	132$000
Joaquim José Gomes da Silva Netto, 1897 a 1899. . .	36$000
Joaquim Pires Machado Portella, 1896 a 1899. . . .	48$000
Joaquim Silverio de Souza, 2º semestre 1897 a 1899 joia.	50$000
José Alexandre Teixeira de Mello, 1899.	12$000
José Antonio de Azevedo Castro, 1891 a 1899 e joia. .	128$000
José Antunes R. de Oliveira Catramby, 1899.	12$000
José Arthur Montenegro, 1896 a 1899	42$000
José Candido Guillobel, 1899.	12$000
José Domingues Codeceira, 1894 a 1899.	72$000
José Francisco da Silveira Lima, 1897 a 1899 . . .	36$000
José Higino Duarte Pereira, 1896 a 1899	42$000

José Izidoro Martins Junior, 1898 a 1899	24$000
José Joaquim de Almeida, 1896 a 1899	48$000
José Luiz Alves, 1899	12$000
José Maria Velho da Silva, 1899.	12$000
José Mauricio Fernandes P. de Barros, 1899. . . .	12$000
José Ricardo Pires de Almeida, 1890 a 1899 e joia. .	140$000
José Saldanha da Gama, 1883 a 1899	204$000
José Romaguera, 1898 a 1899 e joia.	38$000
José Verissimo de Mattos, 1899	12$000
Lafayette de Toledo, 2º semestre de 1893 a 1899 . . .	78$000
Liberato de Castro Correira, 1899	12$000
Luiz Cruls, 1899.	12$000
Luiz de França Almeida e Sá, 1898 a 1899.	24$000
Luiz Francisco da Veiga, 1869 a 1899	372$000
Luiz Rodolpho C. de Albuquerque	12$000
Manoel Baena, 1897 a 1899	36$000
Mariano Peliza, 2º semestre 1898 e 1899 e joia . . .	38$000
Manoel de Oliveira Lima, 1896 a 1899.	48$000
Marquez de Paranaguá, 1899.	12$000
Miguel Archanjo Galvão, 1899	12$000
Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro, 1898	12$000
Paulino J. Soares de Souza Junior e joia, 1898 e 1899. .	38$000
Pedro Paulino da Fonseca, 1899	12$000
Raphael Maria Galanti, 1898 e 1899.	24$000
Francisco Raphael de Mello Rego	12$000
Raymundo Ciriaco Alves da Silva	51$000
Rodolpo Marcos Theophilo, 1897 a 1899.	36$000
Tancredo do Amaral, 1897 a 1899	50$000
Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, 1899	12$000
Tristão de Alencar Araripe Junior, 1899	12$000
Vicente Chermont de Miranda, 1899.	12$000
Virgilio Martins de Mello Franco, 1899	12$000
Visconde de Sinimbú	12$000

A contribuição do socio é uma fonte de receita da qual o Instituto não póde prescidir para a sua manutenção, pelo que estabeleceu no art. 43, § 2 dos Estatutos a regra de proceder da administração, no entanto na lista publicada se notão nomes, que muito além do prazo estabelecido deixaram de cumprir o estatuido. Si por conveniencia da instituição não devem ser eliminados aquelles que não teem comprido a nossa lei, lembrava o expediente de tornar obrigatorio o art. 18 e seus paragraphos, dando a remissão a todos aquelles socios que tivessem mais

de 10 annos, por joia de 50$ paga por uma só vez, e os outros na porporção estabelecida de 150$ e 100$ para a remissão, levando-se em conta o que já tem pago e os novos socios com a joia de 100$, ficando assim remido, classe esta em que todos devem ficar.

Socios que ainda não solicitaram os seus diplomas:

Arthur Vianna de Lima	12 de	agosto	de 1891
Adelino Antonio de Luna Freire . . .	1 »	dezembro	» 1898
Barão de Penedo	12 »	agosto	» 1891
Evaristo Affonso de Castro	14 »	»	» 1891
Frederico J. de Sant'Anna Nery . . .	13 »	novembro	» 1875
Joaquim Aurelio N. de Araujo	27 »	setembro	» 1896
Joaquim Silverio de Souza	19 »	»	» 1897
José Antonio de Azevedo Castro . . .	24 »	julho	» 1880
José Ricardo Pires de Almeida.	25 »	outubro	» 1890
José Romaguera Corrêa	21 »	novembro	» 1898
Marianno Peliza.	1 »	maio	» »
Paulino J. Soares de Souza Junior. . .	10 »	junho	» »
Tancredo do Amaral	30 »	»	» »

N. 7

Emolumentos e diplomas por arrecadar em 1899

Luiz Alves da Silva Porto, socio benemerito	50$000
Luiz Martins do Amaral, idem	50$000
Visconde de Assis Martins, idem.	50$000
Luiz R. de Oliveira, honorario	20$000
Luiz de F. Almeida e Sá, pelo diploma de socio effectivo para que passou.	10$000
José Verissimo de Mattos, pelo diploma de socio effectivo para que passou	10$000

N. 8

Socios fallecidos com debito, por atrazo no pagamento de suas contribuições, desde 1881 a 1899

Esta lista está annexa em manuscripto no balanço de 1897. Não tenho conhecimento della e nem creio que haja vantagem em sua pu-

blicação, sendo pelo contrario minha opinião que se elimine do balanço do Instituto esta verba, que não sendo liquidada em vida, muito menos o será depois da morte.

Não me consta que nenhum herdeiro ainda viesse ao Instituto satisfazer o debito de seu contribuinte para assim honrar o seu nome.

A somma deste debito, que era de 7:319$000 o anno passado, está hoje elevada 7:634$000 sem outra esperança senão de figurar no balanço.

.97. Não

m em sua pr

INDICE

DAS

Materias contidas no Tomo LXI da « Revista Trimensal »

PARTE SEGUNDA